

NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA

Dicionário de
Questões Vernáculas

NAPOLEÃO MENDES
DE ALMEIDA

Dicionário de Questões Vernáculas



DICIONÁRIO DE QUESTÕES VERNÁCULAS



Editora "Caminho Suave" Limitada

01508 - Rua Fagundes, 157 - Liberdade

Tels.: 278-5840 — 278-3537

SÃO PAULO — S P

DICIONÁRIO
DE
QUESTÕES VERNÁCULAS

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP

A449d Almeida, Napoleão Mendes de, 1911-
Dicionário de questões vernáculas / Napoleão Men-
des de Almeida. — São Paulo : Caminho Suave, 1981.

1. Português — Palavras e locuções — Dicionários
I. Título.

81-0439

CDD-469.31

Índices para catálogo sistemático:

1. Locuções : Dicionários : Português 469.31
2. Questões vernáculas : Dicionários : Português
469.31

O porquê do **Se o estilo reflete o homem,** JULIAS **o idioma reflete o povo.**

Foi nos dias do velho Leo Var a designação que encimava esta colaboração. "O senhor é capaz de escrever toda a semana um artigo igual a estes dois que o senhor escreve?" perguntou-nos o audaz e inteligente redator-chefe d'O ESTADO numa noite de inverno de 1934, numa acanhada sala da rua das Vistas. "Sou sim, senhor", foi a pronta resposta do jovem que aguardava o resultado da leitura silenciosa, ininterrupta, vagarosa, duas vezes acompanhada de um olhar desconfiado e penetrante, por cima dos óculos, para o autor das quatro laudas oferecidas como amostras de uma possível colaboração que viesse substituir a do falecido João Ribeiro. "Mas o título que vai dar à seção?" continuou.

Retompos na cadeira, que quase aliudamos ao ouvir seu ocupante a segunda pergunta, reclinando o papaz, recostado do Instituto Salustiano de Lavrinhas, SP, onde se graduara em filosofia e em letras clássicas. "Não pense nisso, e gostaria que o senhor mesmo lhe desse o nome".

A uma itagada já de novo cigarro, que também pela segunda vez migamos oportuno não fumar, seguiu-se esta consideração: "Existe num jornal de Paris, Le Voix de Paris, uma seção jornalística intitulada *Questions Vernaculaires*. Que diz do título *Questões Vernaculas* para a sua seção?". Umaz tantas outras considerações sobre esta escolha, e a seção aqui perdura com a designação arcaica e colaboração dos leitores, já anuviando o fim de uma jornada toda caminhada com muita persistência num terreno de questões tanto mais numerosas e mesquinhas quanto mais ao sabor da ignorância e do desleixo, quanto mais à deriva dos invenções dos acadêmicos e dos deturpados do belo literário, dos acomodaticios da inclinação oficial e do desvario didático, dos propagandistas de desordem linguística e dos que não enfrentam a incansabilidade de educação.

Tem o adjetivo *vernaculo* origem no latim *vernaculus*, vocábulo proveniente de *verna*, e era a qualificação dada em latim ao escravo nascido na casa do senhor, ou, como com o vos se diz, ao menino. De "nascido em casa do senhor" passou a palavra a significar "nascido no país", "próprio do país". Assim é que já os latinos dizem "*vernaculae volucres*" para designar as aves próprias do seu país. Ai a justificação da estreita expressão "produtos vernaculos", isto é, produtos do próprio país.

Está claro que se é um inglês quem fala, "produtos vernaculos" são os da pátria dele, se um francês os da França.

Dessa aplicação passou o adjetivo a especificar também o idioma do país. Se, falando em latim, digemos "*vocabula vernacula*", falando em português "*vocabulos vernaculos*" especificamos os vocabulos de nosso idioma.

Em nossas aulas — a principio dadas em escolas — sempre demonstramos respeito aos alunos, como nestas *Questões Vernaculas* sempre revelamos consideração aos leitores d'O ESTADO, com tranqüilo-lhes o falar de nossos clássicos, com provar-lhes que ao vernáculo vocamos o rio que caracteriza narções fechadas, que não permitimos o endeusamento de poetas de renome com desprezo de nossos vates, que não toleramos composições lúbricas de pseudência transformata, nullosa, que desprezamos páginas incultas de seções ou de suplementos de arte de jornais que nos forçam a engolir o desprezo à tradição, a alimentar a contaminação, a inculcar a negação dos legítimos e tradicionais representantes nas nossas letras. Oferecemos-lhes a todos prova de zelo ao vernáculo com dizer-lhes que escritores de outros países, ainda quando redigem com os para críamais, não torrem em desleixes de gramática, cientes de que todos devem concubar o seu falar, e não propagar infirmitades de expressão.

O porquê do título QUESTÕES VERNÁCULAS

É do nosso saudoso Leo Vaz a designação que encima esta colaboração. "O senhor é capaz de escrever toda a semana um artigo igual a estes dois que o senhor trouxe?" perguntou-nos o erudito e inteligente redator-chefe d'O ESTADO numa noite de inverno de 1936, numa aca-nhada sala da rua Boa Vista. "Sou sim, senhor", foi a pronta resposta do jovem que aguardava o resultado da leitura silenciosa, ininterrupta, vagarosa, duas vezes acompanhada de um olhar desconfiado e penetrante, por cima dos óculos, para o autor das quatro laudas oferecidas como amostras de uma possível colaboração que viesse substituir a do falecido João Ribeiro. "Qual o título que vamos dar à seção?" continuou.

Recomposto na cadeira, que quase afundou ao ouvir seu ocupante a segunda pergunta, re-trucou o rapaz, recém-saído do Instituto Salesiano de Lavrinhas, SP, onde se graduara em filosofia e em letras clássicas: "Não pensei nisso, e gostaria que o senhor mesmo lhe desse o nome".

A uma tragada já de novo cigarro, que também pela segunda vez julgamos oportuno não aceitar, seguiu-se esta consideração: "Existe num jornal de Paris, La Voix de Paris, uma seção lingüística intitulada *Questions Vernaculaires*. Que diz do título *Questões Vernáculos* para a sua coluna?". Um tanto de outras considerações sobre essa escolha, e a seção aqui perdura com a benigna aceitação e colaboração dos leitores, já antevendo o fim de uma jornada toda caminhada com muita persistência num terreno de questões tanto mais numerosas e inesgotáveis quanto mais ao sabor da ignorância e do desleixo, quanto mais à deriva dos invencioneiros de modismos e dos derrotistas do belo literário, dos acomodaticios da incuria oficial e do desmazelo didático, dos propagandistas de desordem lingüística e dos que não enfrentam a incapacidade de educação.

Tem o adjetivo *vernáculo* origem no latim *vernaculum*, vocábulo proveniente de *verna*; e era qualificação dada em latim ao escravo nascido na casa do senhor, ou, como entre nós se diz, ao crioulo. De "nascido em casa do senhor" passou a palavra a significar "nascido no país", "próprio do país". Assim é que já os latinos diziam "*vernaculae volucres*" para designar as aves próprias do seu país. Aí a justificação da corrente expressão "produtos vernáculos", isto é, produtos do próprio país.

Está claro que se é um inglês quem fala, "produtos vernáculos" são os da pátria dele, se um francês os da França.

Dessa aplicação passou o adjetivo a especificar também o idioma do país. Se, falando em latim, dizemos "*vocabula vernacula*", falando em português "vocábulos vernáculos" especificam os vocábulos de nosso idioma.

Em nossas aulas — a princípio dadas em escolas — sempre demonstramos respeito aos alunos, como nestas *Questões Vernáculos* sempre revelamos consideração aos leitores d'O ESTADO, com transmitir-lhes o falar de nossos clássicos, com provar-lhes que ao vernáculo votamos o zelo que caracteriza nações civilizadas, que não permitimos o endeusamento de poetas de tesoura com desprezo de nossos vates, que não toleramos composições fúteis, de tendência transformista, niilista, que desprezamos páginas inteiras de seções ou de suplementos de arte de jornais que nos forçam a engolir o desprezo à tradição, a alimentar a contestação, a insuflar a negação dos legítimos e tradicionais representantes das nossas letras. Oferecemos-lhes a todos prova de zelo ao vernáculo com dizer-lhes que escritores de outros países, ainda quando redigem contos para crianças, não incorrem em deslizes de gramática, cientes de que todos devem emendar o seu falar, e não propagar infantilidades de expressão.

A

A (emprego galicista) - Acentua-se cada vez mais em nossa língua a tendência para colocar a preposição *a* em grande número de expressões: "Está *a* (consoante) meu gosto" — "*A* (segundo) meu modo de ver" — "Ele segue *a* (por) mandado do chefe".

Quem a torto e a direito emprega a preposição *a* incorre em perigo de praticar galicismo; constituem francesismos os seguintes empregos de *a*: "Sopa *a* tomate", em vez de "sopa de tomate"; "falar *ao* telefone", em vez de "falar no telefone"; "tocar *ao* piano", em vez de "tocar no piano"; "chocolate *ao* leite", em vez de "chocolate de leite".

São igualmente gaulesas expressões como: "Nada tenho *a* fazer" — "Há muitos pontos *a* esclarecer" — em vez de: "Nada tenho *que* fazer" — "Nada tenho *por* fazer", "Nada tenho *para* fazer" — "Há muitos pontos *que* esclarecer", "Há muitos pontos *por* esclarecer", "Há muitos pontos *para* esclarecer". Por que deixar três variantes nossas, legítimas, para empregar a estrangeira?

Costuma-se dizer "equação *a* duas incógnitas", mas não podemos admitir que seja nossa essa construção. O *a* da expressão "equação *a* duas incógnitas" constitui verdadeiro galicismo, que em português de lei deve ser traduzido pela preposição *de*: "equação *de* duas incógnitas".

De igual forma, barbarismo constitui a construção "televisão *a* cores", pois em português, enquanto o nosso idioma não se esbarrota de vez, é a preposição *em* que denota a cor "em" que se apresenta um tecido, um desenho, uma fotografia, um filme.

Oxalá fossem esses os únicos casos de intromissão do *a* francês em nosso idioma; é extensa sua infiltração em nossa sintaxe. Haja vista a expressão temporal "a 14 de julho", "a 18 e 25 de junho", tão do agrado de quem se põe a rabiscar colunas para revistas, ou avisos para o público. A preposição que aí deve aparecer é *em*: "Em 14 de julho" — "Em 18 e 25 de junho". Acaso não dizemos todos "em junho", "em 1940"? Por que os claudicantes não generalizam o erro dizendo "a setembro", "a 1940"?

Acaso no formular a pergunta, não dizemos "Em que dia..."? — A resposta só poderá conter a preposição *em*: "Em 14 de julho".

Seguindo o mesmo raciocínio, porventura alguém assim formula a pergunta: "A quantas incógnitas é essa equação"? É evidente que a pergunta sempre se constrói: "De quantas incógnitas é essa equação?" — A resposta só poderá ser: "Esta equação é *de* duas incógnitas".

Igualmente, para as perguntas "Em (*de*) que cores quer você os vestidos?", "Você quer os aventais *em* (*de*) cores diferentes ou *numa* (*de* uma) só?", "Você vai filmar *em* preto e branco ou *em* cores?" — só podem corresponder respostas com a mesma construção: "Quero os vestidos *em* (*de*) cores diversas", "Quero os aventais todos *em* (*de*) cores diferentes", "Quero os aventais todos *em* (*de*) cores diferentes", "Vou filmar desta vez *em* branco e preto porque *em* cores não conseguiria a nitidez desejada".
V. *em* cores; V. *com*; V. *bonde de burro*.

A (em advérbios, preposições, locuções) - V. *a desoras*.

A = Não - V. *anônimo*.

A = para - V. *ir a*.

A (prefixo expletivo) - V. *fixar*.

A assinatura *paga-se adiantada* - Não é de admirar a substituição do advérbio pelo adjetivo. *Adiantadamente* é advérbio, formado mediante acréscimo de *mente* — único sufixo adverbial que em português possuímos — ao adjetivo, na forma feminina, *adiantada*.

Veze há, e não raras, em que, sem prejuízo para a clareza da oração, é esse sufixo dispensado. Quando tal acontece, o adjetivo, em nosso caso *adiantado*, fará as vezes do advérbio; terá função idêntica à de *adiantadamente*, sem contudo perder a geral propriedade do adjetivo, a flexão.

Essa a razão por que, em vez de: "Ele molhou-se *totalmente*", podemos e dizemos, com igual acerto: "Ele molhou-se *todo*", como, ainda, tratando-se de mulher: "Ela molhou-se *toda*".

Totalmente, como verdadeiro advérbio que é, não poderá variar. *Todo*, ao invés, ao mesmo tempo que exerce função de advérbio, conserva a propriedade de todo o adjetivo de flexionar-se, fenômeno a que se dá o nome *flexão eufônica* ou *flexão por atração*.

Assim, tão certo é: "As mensalidades pagam-se *adiantadamente*", quanto: "As mensalidades pagam-se *adiantadas*" (§ 537, n. 2).

À *baíla* - V. *baíla*.

A *bandeiras despregadas* - Locução que significa "com toda a expansão": Rir *a bandeiras despregadas*.

A *beça* - Locução que significa "muito", "em grande quantidade", "em grande cópia", "à bruta". *Beça* é substantivo de gíria e só se emprega nessa locução, que se encontra no vocabulário oficial de Portugal e no do Brasil.

A *capucha* - Locução que significa "escondidamente", "sem alarde": Casamento *a capucha*.

A *carga cerrada* - Locução que significa "de um jato", "sem exame nem distinção", "por atacado": A câmara votou ontem *a carga cerrada* todos os projetos que o governo quis fazer passar.

A *cavaleiro* (*às cavaleiras*, *a cavalinhas*) — Locuções que significam "em lugar superior": "Ele fala *a cavaleiro*" — "Os conjurados reuniam-se em uma casa humilde, assentada entre colinas, *a cavaleiro de uma várzea*".

A *cerca de* - V. *acerca*.

A *chucha caladinha* (*a chucha calada*) - Locuções que significam "dissimuladamente": Os mais que folguem a seu sabor; nós outros desfrutamos *a chucha caladinha* a nossa conta.

A *cidade do Salvador* - *Santo*, que vem do latim *sanctum*, do verbo *sancire* (da mesma raiz de *sacer*, donde *sagrado*), significa, etimologicamente, *eleito*, *nomeado*, *estabelecido*. Adota a igreja católica tal denominação para designar os escolhidos de Deus, que, depois de conveniente processo canônico, são tidos como tais.

Da etimologia, do sentido e do emprego, santos só po-

derão ser chamados os homens, as coisas, as criaturas em-fim. É o que patente nos mostra o velho adágio "Quando Deus não quer, *santos* não rogam".

Outro adágio existe em que a Deus se atribui santidade, mas o termo *santo* é aí empregado comparativamente: "Deixai fazer a Deus, que é *santo* velho".

Expressões semelhantes, como *Santo Deus*, *Santo Cristo*, *São Bom Jesus*, existem, mas igualmente populares. Não se diz, referindo-se a Cristo, *São Redentor*, mas apenas *Redentor*.

O *São* de *Salvador* é popular, e a esta origem se deve sua forte vida; melhor agiremos dizendo, referindo-nos à cidade de Rui: *o Salvador*, *a cidade do Salvador*, ou, sem o artigo, *Salvador*, *a cidade de Salvador*, sempre sem o popular e inútil *São*, que até oficialmente já foi abolido.

A própria designação oficial de um país da América Central — *El Salvador* — não tem esse popular "são", não obstante o tenha o nome de sua capital, *San Salvador*. V. *são*, *santo*.

A colação - Locução que significa *a propósito*: Isso vem *a colação*.

A compita - Locução que significa *a portia*: Ambos os periódicos *a compita* lhe deram estes regalados e maviosos nomes.

"A cores" - É erro grosseiro dizer "televisão *a cores*", mas anunciante começa a colaborar com locutores, dando à preposição *em* a justa acolhida na expressão "*em cores*". Cartazes já se vêem nas estradas que, se não impõem de pronto a mercadoria, tornam mais fácil sua aproximação ao freguês: "É só soltar a tecla de recepção *EM cores*" — diz um desses grandes anúncios que distraem a atenção dos automobilistas.

"Os anúncios apresentam-se ora *EM branco* e preto, ora *EM cores*" — "Não consigo uma recepção *EM cores* mais nitidas" — "Os ônibus apresentam-se agora *EM novas cores*" — "A fotografia foi tirada *EM cores*" — "Os aparelhos são apresentados *EM quatro cores* opcionais" — "O televisoramento foi *EM cores* deslumbrantes" — "...com os dizeres *EM amarelo*" — "...franja acrílica *EM diversas cores*" — "Para declarar rendimentos você dispõe de modelo *EM cor amarela*, de modelo *EM cor verde* e de modelo *EM cor azul*" — são exemplos de maior cuidado com as nossas preposições.

"Acredito que posso transmitir imagens *coloridas*" foi traduzida ao pé da letra — a confidência que o escocês John Logie Bird, inventor da televisão, fez há mais de cinquenta anos. Sem dúvida, "imagens *coloridas*", *TV colorida*", como sempre se disse "filme *colorido*", "cinema *colorido*", é variante correta, e mais tradicional que o próprio "em cores". V. *em cores*.

"A demais" - V. *ademais*.

A deriva - Não se encontra nos dicionários e há quem a acome de "exótica", mas é expressão muito usada para indicar o fato de uma embarcação estar ao sabor das águas. Se temos *derivar*, por que não aceitamos "a deriva"? Não é caso isolado este de formar locução adverbial com a terceira pessoa do singular do indicativo presente; compare-se com *a escuta*, *a finca*, *a chucha caladinha*, *a lufa-lufa*, *a mala cavalo*.

A desoras - Não se pode redigir "bater um papo até *desoras*", "fiquei na rua até *desoras*". *Desoras* (o medial sem valor prosódico já não se escreve em português), formado do substantivo *horas* e do prefixo *des*, indicativo aqui de privação, só se emprega na locução *a desoras*, com o significado restrito de "fora de horas", "fora de tempo": "Onde assim vás de teus fiéis cercado, e *a tais desoras*?" — "E *a tais desoras* fostes para casa?" — "Deitar-se *a desoras*".

Aulete dá ainda a locução "por *desoras*", mas não oferece exemplo.

De *desoras* vem a palavra *desorado*, que significa "que vem ou se faz fora de hora", "infausto", "que vem a más horas", "intempestivo", "que não sabe as horas que são".

O significativo de *a desoras*, decorrente da formação, não permite o emprego da preposição *até*. A palavra *desoras* não nasceu sozinha, senão com a preposição *a*, que sempre a

antecede, preposição indispensável e insubstituível em muitas das nossas locuções adverbiais; *toa*, por exemplo, só existe na locução "a *toa*".

Desoras, como *toa*, encontra-se em qualquer dicionário mais ou menos bom, mas não poderemos formar com essas palavras a locução que bem entendermos. Os próprios dicionários que as consignam advertem logo a seguir: "...emprega-se na locução..."

Locuções dessa natureza não permitem mudança nem, menos, raciocínios que pretendam justificá-las com desprezo das únicas formas existentes. Ensinar tais fatos lingüísticos não é ser "reacionário", como fugir deles não é trazer expansão ao idioma. O que ao idioma traz expansão são escolas.

A Deus e a ventura - Locução que significa "ao léu", "ao Deus dará": Despediu-se e saiu *a Deus e a ventura*.

A duras penas - Locução que significa "com grande dificuldade": Consegui formar-se *a duras penas*.

A oito - Locução que significa "a fio", "sem interrupção": O cavalo saltou quatro valados *a oito* — Grã jibóia que engole *a oito* uma família inteira.

A cle - V. *lie*.

A escala vista - Locução que se aplica à escalada a uma praça e entrada nela apesar da defesa: Levar a fortaleza *a escala vista* (tomá-la de sobressalto, por meio de escadas lançadas ou arrimadas aos muros, vencendo a resistência dos defensores).

A escuta - Locução que significa "atentamente": Estacaram os ouvidos *a escuta*.

A esmo - Locução que significa "ao acaso", "irrefletidamente": Atirava muros *a esmo* — Processos despachados *a esmo*.

A espora fita - Locução que significa "a desfilada", "a toda a pressa": Pouco depois galopavam *a espora fita* para Braga.

A falsa fé - Locução que significa "deslealmente", "a traição": Atacou-o *a falsa fé*.

A farta - Locução que significa "com abundância": Tudo ali lhe era servido de pronto e *a farta*.

A fim de - A locução *a fim de* escreve-se com os elementos separados. Não se confunda com *afim*, adjetivo que significa *próximo*, *aderente*, *conexo*.

O que nos faz estender sobre a locução prepositiva é o seu disparatado emprego sem nenhuma indicação de finalidade em orações como esta de um rapazinho universitário, preferida talvez por influência de alguma novela de televisão: "Eu estou *a fim de* ir a uma festa".

É verdade que "a fim de" equivale a "para", mas a que "para" equivale? Equivale a "para" com o significado de "com o fim de": Saiu *a fim de* tomar ar". É evidente o engano do estudante; não pode usar da sinonímia na oração referida. Porque "a fim de" significa "para" vamos dizer "Dê isto *a fim de* meu colega" em vez de "Dê isto *para* meu colega"? Um brasileiro não pode cometer tais erros; só um estrangeiro pode confundir-se com tais equivalências e dizer "uma palestra *em cima do café*" por "uma palestra *sobre o café*". V. *afinidade*.

A fito - Locução que significa "atentamente": A morgada olhava para ele *a fito*.

A flux - Locução que significa "em abundância": Estar *a flux* (ter todos os votos por si) — Levar tudo *a flux* (não deixar escapar nada) — Costumamos abrir o coração e despejar *a flux* quanto há lá.

A folhas vinte e duas - Significa "a vinte e duas folhas do início do trabalho", como quem diz "a vinte e duas braças". O mesmo se diga de "a páginas vinte e duas".

A locução adverbial "a folhas tantas" significa "a certa altura", "ao chegar a certo ponto", "em dado momento": *A folhas tantas* ele se retirou sem nada dizer.

"A fora" - V. *mar em fora*; V. *fora*; V. *pelo Brasil afora*.

A frente - "A frente" é como Laudelino Freire nos apresenta a locução: "Levar *a frente* a luta".

É tão frequente o emprego de "a" para a formação de locuções adverbiais, que chega às vezes a juntar-se numa só palavra: *adiante*, *abaixo*, *acima*, *além*, *avante*, *até*, junção expli-

cada desde o latim.

A furtapasso - Locução que significa "cautelosamente": andar *a furtapasso*; sair *a furtapasso*.

A furto - Locução que significa "às ocultas", "sem ninguém saber": Posso ainda *a furto* vir aqui sozinho.

A granel - Locução que significa "em monte", "às soltas", "sem ser ensacado nem encaixotado", "em desordem", "abundantemente", "sem conta nem peso": O navio traz *lava a granel*.

A, há - V. *há, a*.

A la arma, a la fê, a la mira, a la moda, a l'obra - São expressões em que entra a forma arcaica do nosso artigo.

A lanço - Locução que significa "de propósito": Caiu-lhe ao colo *a lanço*.

A latere - Locução latina que significa "a seu lado": "Legado *a latere*", cardeal escolhido pelo papa, entre os que o rodeiam, para desempenhar função diplomática junto a soberanos estrangeiros ou concílios.

A l'oeuvre ou connaît l'artisan - Locução francesa que significa "pela obra se conhece o artífice"; equivale a "pelo fruto se conhece a árvore", "o amor e a fê nas obras se vê".

A longo prazo - V. *modismos*.

A lufa-lufa - Locução que significa "a pressa", "rapidamente": Como a metamorfose se operara *a lufa-lufa*, de quando em quando escorregava-lhe o pé para as malhas constitucionais.

a.m. - Abreviação de "ante meridiem", antes do meio-dia: Os astronautas pousaram às 4.32 *a.m.*

A mancheias - Locução que significa "liberalmente": Fazer *a mancheias* caridade.

A mão tenente - Locução que significa "de muito perto", "com mão firme", "a queima roupa": Feriu-o *a mão tenente*.

A mata cavalos - Locução que significa "a toda a brida", figuradamente "a toda a pressa": E pôs-se *a mata cavalos* a investigar o caso.

A medida que - V. *em 13*.

A meias - Aulete e outros bons dicionaristas nos dão isoladamente o vocábulo *meias* como substantivo plural, de significação e emprego especiais. Ao contrário do que vemos ordinariamente, não devemos dizer *plantação a meia, trabalho a meia*, mas *plantação a meias* ou *de meias*.

Sempre que desejarmos indicar despesas, perdas ou ganhos iguais num negócio, num contrato ou, figuradamente, num empreendimento qualquer, digamos: Planto algodão *a meias* — Tenho uma junta de gado *a meias* — Entreiros *de meias* (ou *a meias*) neste prazer. V. *paredes meias*.

A melhor, o melhor - "Você não sabe *da melhor*" é tão correto quanto "Você não sabe *do melhor*". Na primeira construção há elipse da palavra *coisa*, elipse esta que se encontra em outras expressões (Essa é boa — Uma assim é que eu não esperava — Deu na mesma — Fiquei na mesma). Na segunda temos o adjetivo substantivado na forma neutra. V. *essa é boa!*

A Melhoramentos, as Centrais Elétricas - Há diferença de procedimento sintático entre "A Melhoramentos publicou um bom dicionário" e "As Centrais Elétricas inauguraram nova usina". Em "Centrais Elétricas" já existe uma designação que obriga o emprego do artigo correspondente, e esse não é o caso de "Melhoramentos", que não encerra especificação de atividade. Se nos referimos a "Melhoramentos" como "companhia" (a razão social é "*Companhia Melhoramentos de São Paulo Indústrias de Papel*"), a expressão será: "Estive na Melhoramentos", "A Melhoramentos editou o livro". Se nos referimos a Melhoramentos como dicionário ("Dicionário Brasileiro Melhoramentos"), a indicação deve ser: "Consultei o Melhoramentos", "O Melhoramentos traz a palavra".

Há diferença, cremos, entre os dois casos, pois no segundo já existe, repetimos, uma especificação determinante de atividade da pessoa jurídica, especificação que nos obriga a concordância em gênero e em número: "As Centrais Elétricas de São Paulo inauguraram mais uma usina".

A menos de - V. *acerca*.

A menos que - A propósito da divisão da Palestina, publicou um jornal este despautério: "A menos que não cessem os conflitos, serão tomadas energias medidas".

A locução conjuntiva *a menos que* já encerra de per si uma ressalva; significa *a não ser que, salvo se*. O acrescentamento de um *não* virá dar à subordinada condicional sentido negativo, de não realização da condição, de não realização de hipótese, o que é contraditório. Comparando a locução *a menos que* com a sinônima *a não ser que*, ninguém errará: Irei *a menos que* chova (Irei a não ser que chova — Irei caso não chova). Construir "Irei *a menos que* não chova" é dizer o contrário do pretendido. O noticiário deveria ter redigido: "Energias medidas serão tomadas, *a menos que* cessem os conflitos" (a não ser que cessem), sem o contraditório *não*.

A mim me parece - V. *pleonismo*.

A monte - Locução que significa "a granel", "a molhos" (pronuncie molhos): Solecismos e barbarismos *a monte*.

A nível de - V. *modismos*.

A novo - Locução latina que significa "de novo": Processo *a novo* (que começa de novo perante outro tribunal).

A olhos vistos - Se argumento existe forte, que nos convence da legitimidade de uma expressão nossa, é encontrar expressões sintaticamente análogas. Assim é que para justificação da locução *a olhos vistos* vamos buscar exemplos análogos ou, na falta destes, inquirir em línguas que da nossa se aproximem expressão sintaticamente semelhante. Esse escrípulo nos explicar a locução *a olhos vistos* encontramos em Gonçalves Viana: "O caso, porém, não fica resolvido por esta consideração (fazendo-se a concordância do participio *visto* com algum antecedente): *olhos vistos* pode significar *olhos que são ou foram vistos*, e mais sutilmente, *vistos com os olhos*; porque é com os *olhos que se vê*, e portanto este substantivo é redundante, em nada aclara o sentido, é uma sutileza, um pleonismo".

Examinemos outro dicionário, o Contemporâneo, copiosíssimo em fraseologia, e não escasso em abonações. Diz-nos ele: "*A olhos vistos* (loc. adv.), à evidência, patentemente; de modo que todos vêem: Ficava-lhe molesto o peito, e *a olhos vistos* ia demudando (Fil. Elisio) — Este é o modo mais usual de escrever esta locução; mas alguns julgam melhor concordar o participio *visto* com o nome a que ele se refere, o que todavia parece menos conforme com a índole da língua: Ao mesmo tempo que as minhas forças medravam *a olhos vistas*... (Castilho). Prosperou *a olhos visto* o comércio de João Evangelista (Castilho)".

Conquanto aquela "índole da língua" seja uma afirmação equívoca, pois fora necessário apresentar outras locuções de construção análoga, em que se desse a mesma falta de concordância lógica, que constituiria a sintaxe própria da língua, creio que o autor quis dizer que a locução, na fala do povo, é tal qual a empregou Francisco Manuel do Nascimento, escritor de grandíssima vernaculidade, convém saber, como ela está na primeira citação, *a olhos vistos*.

O Novo Dicionário inscreveu a locução do mesmo modo, definindo-a também "claramente", "evidentemente". Não dá abonação.

Até aqui, como vemos, o caso continua obscuro. Temos uma frase feita, *a olhos vistos*, cuja significação conhecemos, mas cuja análise é difícil, se não impossível, e uma correção individual, tendente a dar-lhe interpretação lógica, nexo gramatical, mas que a altera na forma. Este processo, porém, é defeituoso, pois equivale a torcer a linguagem para a ajustar a preceitos formulados a priori, em vez de deduzir dos fatos da língua os preceitos. Faz-se a linguagem para a gramática, ou melhor dito, desfigurou-se a linguagem, em lugar de fazer-se a gramática conforme com os fatos da língua, observados com rigor.

Vejamos de relance agora, em outro idioma de perto aparentado com o nosso, se a enigmática locução existe nele e como é. Segundo o Dicionário de La Lengua Castellana, por

la Real Academia Española, a locução é "a ojos vistas", sendo este particípio, plural feminino, invariável, e não concordante com o substantivo *ojos*. A definição é: — "m(odismo) adv(erbial) visible, clara, patente, palpablemente".

O significado é pois absolutamente idêntico ao que damos à locução *a olhos vistos*, e a forma, igualmente rebelde à análise, diverge apenas em ser feminino o particípio, sem concordância aparente com *ojos*. É análoga a estoura locução — *a ojos cegarritas*, que o mesmo dicionário define: "cerrando casi, para dirigir la vista".

Concluo do exposto o seguinte: 1º — A forma vernácula é *a olhos vistos*, inalisável nos seus elementos. 2º — A correção *a olhos visto, vista, vistas*, concordando o particípio com um substantivo antes mencionado, é emenda artificial, subjetiva, e portanto carece de autoridade, seja quem for que a adote ou perfilhe. 3º — A frase *a olhos vistos* constitui uma fórmula assente, fixa, hoje inexplicável, mas de sentido claro e emprego conhecido, e que ninguém se dá ao trabalho de analisar sintaticamente nos seus elementos — o que se denomina *idiotismo*, uma expressão idiomática, particularidade vernácula da língua, e destas não é parca a portuguesa...

A senhora Carolina Michaelis de Vasconcelos atribui ao particípio passivo daquela frase o valor de particípio ativo, equivalendo portanto a *videntes*, "que vêem", e lembra outros muitos particípios passivos com valor igualmente de ativos, tais como *esquecido, lembrado, desconfiado*.

O afamado hispanista Rufino José Cuervo explica da seguinte maneira a locução castelhana (Apuntes críticos sobre el lenguaje bogotano, 2ª ed., 1907, pág. 125, nota): "Olvidada con el transcurso de tiempo la razón de algunas locuciones, y al mismo tiempo su verdadero sentido, parecen extrañas e irregulares, y mal ó bien pretende enderezarlas el instinto popular. *A ojos vistas* es hoy concordancia vizcaína, v así muchos dicen *a ojos vistos*, igualmente inexplicable por lo que respeta a la gramática". "Pidió don Quijote al diestro Licenciado le diese una guía, que le encaminase á ala cueva de Montesinos, porque tenía deseo de entrar en ella, y ver *a ojos vistas* si eran verdaderas las maravillas que de ella decían por todos los contornos" (Cervantes, Don Quijote, Parte II, cap. 22)".

O texto do Don Quijote de la Mancha vai aqui citado pela edição de Barcelona, fac-símile da de 1615. É sabido que os espanhóis denominam *concordância biscaina* a falta de concordância entre o substantivo e o adjetivo que o determina ou qualifica, porque, na realidade, como no vasconço não há distinção de gêneros gramaticais, os vascongados, a quem falta a disciplina gramatical do castelhano, a miúdo cometem esse erro, guiados pelo seu idioma vernáculo, ao qual estão muito mais habituados.

Prossegue o douto filólogo: "Originariamente hubo de decirse *un disparate a ojos visto, una cosa a ojos vista*, pero desde época remota se usó el plural de substantivos femeninos en frases adverbiales, como *de oídas, á escondidas, á horcajadas* (Cp. *á saltos, á sorbos, á carretadas*); emplearonse después adjetivos femeninos: *á ciegas, á ciertas, á oscuras*; con esto el *as vino* á ser como suíjo adverbial, que se aplicó no solo á gerundios, *á sabiendas, en volandas*, sino á complementos, *á ojos cegarritas... á ojos vistas*".

É longa, sem dúvida, a citação, mas não cremos que o leitor a julgue supérflua, e por isso entendemos conveniente trasladá-la; com tanto maior razão, quando é certo que existem modismos adverbiais castelhanos que explicam os portugueses correspondentes. *A olhos vistos* é um deles.

A ouro e fio - Locução que significa "em perfeito equilíbrio": As palavras foram pesadas *a ouro e fio*.

A páginas vinte e duas - V. *a folhas vinte e duas*.

A par de - É preciso distinguir; há em português duas locuções: "a par de" e "ao par".

1. *A par de* é locução prepositiva e significa: a) ao lado de: "A criada ia *a par da* dama" — "As paredes abertas em partes conservavam ainda *a par de* largos pedaços das colgaduras de couro altos e grandes armários"; b) igual em qualida-

de ou em merecimento de, em adiantamento de: "Esta arte, meu amigo, é velha e nova; há nela, *a par do* imenso antigo, algo também moderno"; c) em vista de, em comparação de, atendendo a: "Que valem a saúde, a opulência e todo este cortejo de ilustrações mundanas e transitórias *a par desses* foros imortais desta bem-aventurança interminável?"; d) inteirado de: "Estar *a par da* ciência" (conhecer e acompanhar os progressos da ciência) — "Estar *a par de* um assunto."

2. *Ao par* é locução adjetiva e se diz: a) de ações, de obrigações ou de outros papéis de crédito quando o preço venal é igual ao capital que eles representam: "Título *ao par*"; b) do câmbio, quando igual entre diferentes países: "Câmbio *ao par*".

A pé quedo - Locução que significa "firme", "sem se mover": Respondeu *a pé quedo*.

A pelo - Locução que significa "a propósito": *A pelo* me acode um exemplo.

A pleno - Locução que significa "completamente": Tu que *a pleno* gozaste.

A posteriori - Locução latina que significa "pelos efeitos"; pela existência ou pela natureza dos efeitos (que são *posteriores*) infere-se a existência ou a natureza da causa: A existência de Deus é comprovada *a posteriori* (pela existência do mundo) — As leis do estado são feitas *a posteriori* (são resultantes das necessidades da sociedade).

É ridículo o emprego da locução com a simples significação de "feito depois", "posterior", "posteriormente", como nestes exemplos: "A apresentação dos documentos foi feita *a posteriori*" — "Sempre que houver retificação *a posteriori*". V. *a priori*.

A pressa - Locução que significa "depressa", "apressadamente": O hábito *a pressa* enfiou tomando-lhe a dianteira.

A priori - Locução latina que significa "pela causa"; pela existência ou pela natureza da causa (que é *prioritária*) infere-se a existência ou a natureza dos efeitos: Conclusão *a priori* (tirada sem apoio nos fatos).

É de fazer rir o emprego desta locução latina com a simples significação do nosso advérbio "antes", de "feito antes", "anteriormente". V. *a posteriori*.

A própria - Locução que significa "propriamente", "com propriedade": Compre um bruxo, ou, mais *a própria*, um bode velho.

A qual - Antecedido da preposição *a*, *qual* adquire o mesmo sentido da locução pronominal *cada qual*: "Os ouvintes sófregos regressam, *a qual* mais prestes se apresentem em Roma, *a qual* nos maternais saudosos lábios, colhendo um beijo, colherá o império" — "As horas desse dia foram contadas minuto a minuto, *a qual* mais pesado e lento de volver, quanto mais se aproximava o derradeiro" — "Um sistema de regras, *a qual* mais oposta".

"A que serve" - Galicismo fraseológico; a preposição nossa é *ái de*: *De que serve tanto luxo? Servir de esteio, de escudo, de exemplo, de lição, de pai*.

A quelque chose malheur est bon - Locução francesa que quer dizer "para alguma coisa serve a desgraça"; equivale ao nosso ríto "Há males que vêm para bem".

A recado - A palavra "recado" está na locução pela divergente "recato", que significa segurança, cautela, guarda; "andar a recado" significa "andar vigiado"; "a bom recado" quer dizer "em segurança", "bem guardado"; "Entreí a desconfiar que tinha o dinheiro *a bom recado*".

A regalada - Locução que significa "regaladamente": "Eram comes e bebes *a regalada*".

A reio - Locução que significa "ininterruptamente": "Dois dias *a reio* se bateram".

A revelia - Locução que significa "sem conhecimento", "sem audiência da parte revel" (pronuncie *revéll*): Sentenciar *a revelia* — Deixar correr um negócio *a revelia* (descurá-lo, não se importar com ele).

A revezes - Locução que significa "cada um por sua vez": "Vinham *a revezes* cantando".

A rodo - Locução que significa "a granel": Escrever artigos

a rodo.

"À rua" - V. *traquinice de regência*.

A sabendas - Locução que significa "de propósito", "com conhecimento e notícia": "O que a *sabendas* joga com quem sabe não tem com que pagar, perde e não pode ganhar".

A sabor - Locução que significa "a bel-prazer", "a vontade": "Tomo com ela intimidade e a *meu sabor* a domo".

A seu talante, a meu talante - Locuções que significam "a sua vontade", "a minha vontade": "Construiu um barco a *seu talante*".

A socapa - Locução que significa "disfarçadamente": "Riu-se a *socapa*".

A solapa - Locução que significa o mesmo que "a socapa".

A soldada - Locução que significa "recebendo dinheiro pelos seus serviços": Jamais respondia a consultas que não fossem a *soldada*.

A sorrelfa - Locução que significa "dissimuladamente", "com ânimo de enganar": Proceder a *sorrelfa*.

A súbitas - Locução que significa "subitamente": Estes apertos deram a *súbitas* em larguezas liberalíssimas.

A surdina - Locução que significa "sem barulho": A *surdina* dali escapuliu.

"A tempo" - V. *há tempo*.

A toa - Na palavra *toa* os dicionários advertem: "Emprega-se na locução a *toa*". É palavra árabe — *tuha* — que significa *perturbação*; deriva do verbo *taha*, andar errante, vagando: "ir a *toa*", isto é, sem rumo, sem saber por onde se vai, talvez conduzido por outro; "andar a *toa*", isto é, sem saber por onde anda, sem saber o que faz: levar o navio a *toa*, isto é, puxá-lo com uma corda que não governa.

É a informação que nos dá frei João de Sousa, nos "Vestígios da Língua Árabe em Portugal".

A todo o pano - Locução que significa "com toda a força", "a todo o transe": Atirou-se a *todo o pano* à luta política.

A todo o pulso - Locução que significa "com toda a força": Mandou forçar a *voga a todo o pulso*.

A trecheio - Locução que significa "em grande cópia": Bebi a *trecheio*.

A trecho - Locução que significa "a passos", "a lanços", "de quando em quando": Murmurava a *trecho* certas palavras.

A tripa forra (fôrta) - Locução que significa "sem despender nada", "a larga", "muito": Comer a *tripa forra*.

A trouxe-mouxe - Locução que significa "sem ordem", "de qualquer maneira": Executar um trabalho a *trouxe-mouxe* (pronuncie *trouche-mouche*).

À uma hora - Não tenhamos dúvida em crasear o a que antecede o *uma* da frase "à uma hora"; não se trata do indefinido, mas do numeral *uma*, que admite determinação: "Por volta da uma da tarde" — "Ele estuda da uma às cinco" — "Sairtei pela uma da madrugada".

As horas são passíveis de determinação, e a primeira hora, ou seja, a uma hora, está no mesmo caso: "Isso aconteceu às duas horas da tarde" — "Morreu à uma da madrugada".

A unhas (unha) de cavalo - Locução que significa "com a maior rapidez": Foi necessário escapar a *unha* (unhas) de cavalo.

A vaincre sans péril, on triomphe sans gloire - Locução que significa "vencendo sem perigo, triunfa-se sem glória".

A vau - Locução que significa "sem precisar nadar": Passa-se esse rio a *vau*.

A venda - V. *a vista*.

A ventura - Locução que significa "a toa", "ao acaso", "sem escolha": Os grandes foram ocupando seus lugares a *ventura*.

A vista - Sem crase na expressão "pagamento a vista", porque não se diz "pagamento ao prazo"; não há nenhuma determinação. Grafase porém "o resultado está à vista de todos" porque se diz "O resultado está ao alcance de todos".

Se no primeiro caso nenhum sentido teria "pagar na vista", "pagamento diante da vista", no segundo terá seu sentido: "O resultado está na vista de todos", "O resultado está diante da vista de todos", porque há agora determinação.

Diz-se "pagamento no ato", mas não há quem não veja

ai implícito "da compra" (*no ato da compra*), o que não se dá com "a vista", onde não se consegue ver nenhuma determinação.

Note-se, a título de comparação, a expressão "a venda". Se "a craseado" é sinônimo de "dois aa", como pôr o sinal indicativo de crase na frase "títulos a venda"? Diz-se "títulos no mercado", "títulos na praça", mas o fato é que em "títulos a venda" não há nenhuma determinação; os títulos estão em venda, e não na venda. Se os títulos não estão nesta ou naquela venda, o pagamento tampouco é feito nesta ou naquela vista, na vista disto ou daquilo. Confronte-se o espanhol "en venta", sem artigo.

A única tolerância para a crase existe em certos casos em que pode ocorrer confusão de função sintática; ainda assim... (§ 118,2).

A voga arrancada - Locução que significa "rapidamente", "a toda a força de remos": De princípio a fim competiram a *voga arrancada* (*voga*, ação de remar, movimento de remos).

A vozes - Locução que significa "em altos gritos": Bradando a *vozes* que não deixaria em desamparo o seu coronel.

Ab - Prefixo que exige hífen antes de r: *ab-rogar*, *ab-repício*.

Ab absurdo - Locução latina que significa "por absurdo"; processo baseado em princípio falso, usado em demonstrações de geometria.

Ab aeterno - Locução latina que significa "desde toda a eternidade": O mundo existe *ab aeterno*?

Ab hoc et ab hac - Locução latina que significa "por este e por esta"; emprega-se para indicar sem ordem, ao acaso, a torto e a direito, confusamente: É fácil todavia disrecrear à *toa*, *ab hoc et ab hac*, sobre os desvios e fraquezas inerentes à pobre natureza humana.

Ab imo corde - Locução latina que significa "do fundo do coração": Agradeço-lhe *ab imo corde*.

Ab imo pectore - Locução latina que significa "do fundo do peito"; tem a mesma aplicação de "ab imo corde".

Ab initio - Locução latina que significa "desde o início": Relato tudo *ab initio*.

Ab intestato - Locução latina que significa "sem testamento": Herança *ab intestato*.

Ab irato - Locução latina que significa "por impulso de ira": Agir *ab irato* é navegar na tempestade.

Ab origine - Locução latina que significa "desde a origem"; a mesma aplicação de "ab initio".

Ab ovo - Locução latina que significa "desde o ovo"; o mesmo emprego de "ab initio" e de "ab origine".

Ab uno disce omnes - Locução latina que significa "por um conhece todos".

Ab urbe cōndita - Locução latina que significa "desde a fundação da cidade" (de Roma), que se deu em 753 a. C. Os romanos datavam os anos *ab urbe condita* ou *urbis conditae*.

Abade - É francesismo empregar na simples acepção de *padre*. Em português, abade é o superior de uma ordem monástica, o superior de uma abadia. Tem, então, por feminino, *abadesa*. V. *etiopisa*.

Abajur - É inútil pretender arrancar do uso esta palavra quando empregada para indicar a peça que envolve uma lâmpada para não ferir a vista.

Abalo sísmico - Não há dúvida que *seismós* significa em grego abalo, terremoto, mas *sísmico* não é usado em português como substantivo. Em "abalo sísmico" ninguém pensa em "abalo do abalo", como ninguém pensa em "cadeira da cadeira" quando diz "catedral da sé". Se quiser alguém fugir de um possível pleonasma, diga simplesmente *sismo*: Onze pessoas ficaram feridas no *sismo* de ontem.

"**Abandonar o leito**" - É expressão francesa, como francesismo é ainda dizer "abandonar-se ao prazer". *Deixar*. no primeiro caso, *entregar-se* empregue-se no segundo.

Abastecimento - *Abastecimento* é que se diz, ou melhor, é que na maioria das vezes se deve dizer, e não *suprimento*; não haja confusão: *suprimento* é o que supre, isto é, o que completa, inteira, preenche, auxilia, remedia.

Abaular - V. *arraigar*.

Abdabaalsar - V. *sar*.

Abdicar - "O xá pode abdicar o trono" — é a regência, e não "ao trono". "Abdicar a liberdade", "abdicar a soberba do triunfo", "abdicar o fúsiúgio das montanhas" é que se diz, com objeto direto. O verbo pode ser transitivo indireto, mas com a preposição *de* — abdicar *de* alguma coisa — ou, ainda transitivo direto-indireto — abdicar *de si* alguma coisa — ou pronominal: "Suposto que nunca os príncipes se abdicassem do seu exercício".

Abdome - Não é da índole do português o *n* final; do mesmo modo: *cacófato*, *hipêrbato*, *regime*, *germe*, *certame*, *espécime*.

Abeirar-se - Cuidado em não errar; diga "eu me abêiro", "que ele se abêire". V. *alejar*.

Abelha - O normal abelha proveio de um diminutivo latino (*apículam*, dim. de *apis*). *Coletivo*: *enxame*, *cortico*, *colmeia*. *Voz*: *azoinar*, *sussurrar*, *zinar*, *zizar*, *zoar*, *zonzonear*, *zuir*, *zunzum*, *zumar*, *zumbir*, *zumbrar*, *zunir*, *zunzar*, *zunzilar*, *zunzunar*.

Abelhudo — V. *avelheiro*.

Abespinhar-se - V. o *carro patinha*.

Ablativo - V. *casos latinos*.

Ablocar - V. *locar*.

Abolir - Certos verbos da 3ª conjugação, como *polir*, *colorir* e outros, só se conjugam nas formas em cuja desinência existe *i*. Nas formas em que o paradigma *partir* não tiver *i* (o que se dá nas três pessoas do singular e na 3ª do plural do presente do indicativo, no singular do imperativo e no presente do subjuntivo), tais verbos não poderão ser conjugados:

part - o
part - es
part e
part - imos	polimos
part - is	polis
part - em

Lista desses verbos defectivos:

abolir	combalir	esbaforir	latir
adir (acrescentar)	comedir-se	espavorir	munir
adir (receber, tomar posse)	condir	exaurir	polir
aguerrir	delinquir	exinanir	puir
banir	delir	explodir	remir
bramir	demolir	extorquir	renhir
brandir	descomedir-se	falir	ressequir
brunhir	desmedir-se	florir	revelir
brunir	discernir	fornir	ruir
buir	embair	fremir	submergir
carpir	emergir	ganir	urgir
cernir	emolir	haurir	vagir
colorir	empedernir	imergir	

Desses verbos, alguns há que toleram as flexões *e* e *em*: *bane*, *brande*, *carpe*, *compele*, *discerne*, *explode*, *freme*, *gane*, *haure*, *late*, *mune*.

Quando necessário, recorre-se, para preencher as falhas da conjugação, ou a um verbo sinónimo ou ao auxílio de outro verbo que, sem prejuízo para a significação, proporcione a flexão em *i*: *estou polindo*, *sei colorir*, *não vou extorquir*, *não podes abolir*, *ele se põe a vagir*.

"Abordar" - Muito poucos e fracos os autores que empregaram este verbo na acepção francesa de aproximar-se de uma pessoa e a ela dirigir-se de surpresa, e na de discorrer sobre um tema.

Aborigine, indígena - A terminação destas palavras não deve ser confundida, como o foi pelo vocabulário oficial de Portugal. Ambas as palavras provêm do latim, mas cada qual de raiz diferente. Em *aborigine* temos *ab* mais a raiz *or* (nascer), seguida da terminação em que entra *i*, vogal que vemos em cognatos: *oriente*, *origem*, *oriundo*. Em *indígena* o prefixo é *indu* e a raiz é *gen*, que vemos em *genético*, *genesíaco*, *homogêneo*.

Abrego - V. *áfrica*.

Abrenúncio - Expressão latina que significa "renúncio", "longe de mim", "nunca mais", "jamais"; encontra-se aportuguesada em *abrenúncio*, usada interjectivamente.

Abreviaturas - No abreviar palavras em que após o ponto abreviativo não venham outras letras, devemos ter o tradicional cuidado de fazer, sempre que possível, terminar a abreviatura numa consoante e não numa vogal. *Filosofia*, por exemplo, tem por abreviatura *fil.* ou *filos.*, mas não *filo.*, com o *no* fim. Se a palavra for cortada num grupo de consoantes, deverão as consoantes aparecer na abreviatura: *geogr.*, e não *geog.*

E de lei ortográfica: Se na abreviatura aparece a sílaba acentuada da palavra, o acento permanece: *pág.* (página).

É tradicional na língua o emprego de diversas abreviaturas, que ora consistem na inicial seguida de ponto (*D.* - dom), ora nas primeiras letras e o ponto (*Rev.* - reverendo), ora em algumas letras e o ponto (*Revmo.* - reverendíssimo), ora numa letra seguida de barra: *m/* - meu(s), minha(s).

O "Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa" traz no REGISTRO DE ABREVIATURAS uns OUS que precisamos considerar. Por que — entre outros casos semelhantes — para abreviar "Departamento Administrativo do Serviço Público" estabelece "D.A.S.P. ou Dasp"? Sugere, com esse "ou", ser indiferente a abreviatura; mas — perguntamos — não temos por isso a liberdade de adotar uma terceira abreviatura — DASP — em harmonia com a tendência internacional de grafar com maiúsculas as letras iniciais de nomes de departamentos de governo? E assim, por que "D.I.P. ou Dip", e não também "ou DIP", "C.I.F. ou cif", e não também "ou CIF"? O PVOLP traz — e nisto não há inconveniência nenhuma — siglas e contrações no rol das abreviaturas, mas não será prejudicial à didática distinguir *inf.* (por *infinitivo*), onde temos *abreviatura*, de *lmo.* (por *ilustríssimo*), onde temos *contração*, de *INRI* (por *Iesus Nazareus Rex Iudaeorum*), onde temos *sigla*.

O uso, sem dúvida, deve ser levado em conta; o uso, e também o decreto-lei 592, de 4 de agosto de 1938, cinco anos mais velho que o Formulário Ortográfico; este o segue, mas não lhe faz a menor referência; esse decreto é que determinou umas tantas abreviaturas de unidades de medidas com inicial minúscula, sem ponto final, e também sem o *s* indicativo de plural porque esta letra pode indicar *segundo* em vez de pluralização.

Afora casos especiais de distinção obrigatória, ninguém poderá ver erro numa segunda forma, como *INRI*, por trazer o FO somente *I.N.R.I.*, com pontos, como erro não vemos em URSS, USA, como erro já não é em inglês — e o Webster também a consigna — a abreviatura *Mr.* sem ponto, por *master*. A tendência atual é, em certos casos que não apresentem ambiguidade, omitir o ponto. Seu não emprego eliminaria em certos casos o problema de sua localização, problema de que foge o Pequeno Vocabulário Ortográfico da L. Portuguesa com apresentá-las com as letras finais em tipos menores acima do ponto (*B.^o* — *Obr.^{mo}*), o que é ou impraticável ou intolerável nas máquinas de escrever e nas linotipos comuns.

E o plural? Quando — fora os casos incluídos no citado decreto-lei — a abreviatura é constituída de letra ou letras minúsculas, vemo-la em alguns casos oficialmente empregada sem modificação também pelo plural: *ex.* (por *exemplar* ou *exemplares*), *esc.* (por *escudo* ou *escudos*), e em outros com uma forma para cada número: *p.* ou *pág.* para o singular e *págs.* para o plural.

O uso não pode ser desprezado; o bom senso e o consenso tampouco, em língua alguma, mormente em casos em que as distinções se impõem, como este bem elucidativo do inglês: *MS.* (mail steamer), *ms.* (manuscript), *M.S.* (Master of Science), *M/S* (motor ship; months after sight), *m.s.* (mano sinistra). O que a abreviatura, contração ou sigla deve objetivar é a clareza; alcançada esta, não cabem objecções.

2:20:30 h - Como em outros pontos, o Formulário Ortográfi-

co é deficiente também em abreviaturas; a anteceder um acanhado rol delas declara: "As abreviaturas constituídas por substantivo, ou por substantivo e adjetivo, são dadas apenas no singular; e apenas no masculino, quando constituídas por adjetivo bifórme. Do emprego de cada abreviatura se dependerá se ela vale o singular ou o plural, o masculino ou o feminino."

Ora: Vocabulário Ortográfico é para mostrar de pronto o que se faz ou não graficamente, e não para expor problemas ou apresentar testes de conhecimento de teorias ou de definições técnicas.

Nem no erro é coerente o FO, pois em muitas abreviaturas traz um *s* entre parênteses para indicar que elas se prestam para o singular e para o plural; não o faz, porém, com a abreviatura de *hora* (*h*), *grama* (*g*), *quilograma* (*kg*), metro (*m*) e de outras unidades ou quantidades. Esse é um problema, mas para chegar ao assunto vamos aceitar que *h* (sem ponto nem *s*) se preste para abreviar *hora* e *horas*.

A segunda dificuldade, que ainda não constitui nossa principal dúvida, é saber onde colocar o *h* quando além das horas há minutos e segundos que indicar.

A terceira dificuldade — para nós a fundamental — é esta: Venha onde vier a abreviatura, *vírgula*, *ponto* ou *dois pontos* onde iremos pôr a separar os minutos das horas, os segundos dos minutos?

Quem dispõe de tempo para charadismo pode verificar que existem, conforme essas interrogações, sete possibilidades de abreviar "onze horas e vinte minutos": 11.20h — 11h.20 — 11:20h — 11h:20 — 11h,20 — 11h20'.

Qual delas usar? Disputant theologí, e dada a discussão todos têm direito de opinar.

Ao dar o preço de algo, não escreve o inglês como nós (11,20), mas 11.20; o ponto é que em inglês separa os décimos. Esse procedimento o inglês tem também para milhas, quilogramas...

Vamos ao Webster. É sua primeira preocupação dizer que é tendência moderna suprimir o ponto final após letras de abreviatura, especialmente quando a abreviatura se constitui de uma só letra, tendência essa que o nosso Formulário Ortográfico segue — embora silêncio quanto à sua existência — ao dar *g* para *grama*, *m* para metro, *h* para hora. Também o ser maiúscula ou minúscula a letra que abrevia é esclarecido pelo "unabridged" Webster, e oculto pelo "pequeno" Vocabulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras.

Isso quanto a palavra abreviada. Quanto à separação das partes da fórmula numérica de uma expressão de tempo em horas, minutos e segundos, o processo mais usado — continua Webster — é o de empregar *dois pontos* para indicá-la: 2:31:20. Quanto ao lugar do *h* neste processo abreviativo, sua posição parece-nos mais coerente quando vemos esse procedimento adotado na indicação numérica de outras medidas; nenhum leitor estranhará o noticiar um jornal que determinado satélite dá uma volta em torno da terra em 1:30:05h. Essa abreviatura dispensa que se abreviem as divisões e subdivisões do tempo, ou melhor, não nos obriga a discriminar por letras as frações: 1h 10min 05seg — nem a empregar, de mistura com o processo especial de geometria ou de fusos: 1h 10'05" (1º 1' 05").

E por aqui fiquemos; no atrevimento, perdoem-nos os astrônomos e os cronometristas; no erro, corrijam-nos por favor.

— E a correção veio. Em carta dirigida à seção Dos Leitores, do ESTADO, alentada de delicadezas e de saber, um ilustre leitor declarou ter realmente constituído falha do Pequeno Vocabulário da Língua Portuguesa não ter apresentado uma nota esclarecedora das letras *h*, *g*, *l*, *m*, *j* e de outras sem ponto final de abreviatura e sem o *s* indicativo do plural. Trata-se de um decreto-lei, de nº 5257, de 16 de junho de 1939, que regulamentou o uso do Sistema de Unidade de Medidas, decreto que muitos anos após o da ortografia de 43 foi revogado pelo de nº 63.233, de 12-9-68, que por sua

vez foi revogado pelo de nº 81.621, de 3-5-78.

— Devem, porém, ser muito poucos os que adotam a abreviação *11 h 20 min*, que não vemos empregada nem pelo próprio oficialismo. O erudito missivista deve concordar com a afirmativa de que a forma inglesa é a mais adotada no mundo, principalmente agora que está cheio de relógios eletrônicos. É de compreensão mundial a redação de um jornal de língua inglesa: The watch said 14:58:08. Nem o *h* vem expresso; bom senso supre decretos e portarias: the watch is not going to say kilometres.

Abrolhos - O "o" do substantivo é aberto no plural.

Abrupto - Lexicógrafos existem completamente afastados da realidade; vão eles copiando uns dos outros certas barbaridades e morrem antes que tenham tempo de corrigi-las. Veja-se o que dizem da pronúncia de *abrupto*; é inacreditável que todos tragam a pronúncia *ab-trupto*. (Dois *r* para tornar mais clara a aberração prosódica.)

Em palavras como *subreptício*, *abreptício*, *abreção*, *sublocar*, *sublunar*, as letras que concorrem para a formação dos grupos consonantais *br* e *bl* são pronunciadas separadamente porque se formaram dentro do português (de *ab* ou *sub* mais a palavra começada por *r*, que por ser inicial tem pronúncia forte) sem que até hoje nenhuma assimilação se tivesse efetuado.

Outras, porém, como *abrenunciar*, *ablegar*, *sublevação*, pronunciam-se *a-BRE-nunciar*, *a-BLE-gar*, *su-BLE-vação*, por terem vindo já formadas do latim (popularmente não há consciência de composição vocabular).

Ora, neste segundo grupo está *abrupto*. Escrever *ab-rupto*, *ab-ruptão* é "contraditório e escandaloso". Todos quantos conhecem a locução adverbial latina *ex abrupto* jamais a pronunciam da forma arripiente indicada até no vocabulário oficial brasileiro de 1943; *a-BRE-núncio* não é como sempre ouvimos na cerimônia do batismo quando em latim era a liturgia romana praticada?

Considerações sobre a existência ou não de hífen em tais compostos não percamos tempo em repetir, mas não é demais dizer que a pronúncia é *a-BRU-pto*.

Abside (nicho, oratório, relicário) - Forma e tonicidade inteiramente consagradas em português e em espanhol, conquanto ambas diferentes em latim.

Abismo - Forma usada em lugar da etimológica *absíntio*; dela os derivados *absintoso*, *absintemia*.

Absolutamente - Emprego errôneo vem-se notando, desde certo tempo, do advérbio *absolutamente*. Indicativo ora de quantidade, ora de modo, tem ainda força confirmativa; como tal, significa *completamente*, *inteiramente*, mas — e aqui está o importante — pode confirmar tanto uma expressão negativa, quanto uma positiva. O erro consiste, precisamente, no atribuir a esse advérbio valor exclusivamente negativo.

A pergunta como esta: "É ele seu amigo?" comumente se dá a resposta "Absolutamente", para indicar "de forma nenhuma". Assim não deve ser; sozinho, esse advérbio virá confirmar uma negação ou confirmar a afirmação positiva, nunca porém indicar, por si só, uma negação. Jamais esse advérbio devemos empregar, isoladamente, para indicar, de forma categórica, *não*. Quando seu emprego isolado não trazer claro o sentido confirmativo, deveremos acrescentar qualquer palavra que, de acordo com a pergunta ou com o assunto, esclareça tratar-se de confirmação de coisa positiva ou de coisa negativa: *absolutamente não*, *absolutamente não o sou*, *absolutamente não quero*, *tal coisa absolutamente não disse*.

Ainda mais falha de fundamento é a locução "em absoluto".

Absorver - Não se vá confundir este verbo, em que entra *r* (embeber em si, consumir), com *absolver* (relevar de culpa).

"**Abstração feita de**" - Assim se diz em francês, não em português, onde a expressão é *pondo-se de lado*, *abstraindo-se de*, *não se fazendo caso de*.

Abstrusivo - Não confundir com *obstrutivo*. V. *obstrutivo*.

Abusus non tollit usum - Locução latina que significa "o abuso não impede o uso"; nem por não se dever abusar de uma

Acento circunflexo

A — USA-SE:

1. nos oxítonos terminados em *e* ou *o* seguidos ou não de *s* (regra 43, 1.a do Formulário Ortográfico de 1943): *lê, lês, avô, pôs, você, marquês, português;*

2. em formas verbais que perdem as letras finais *r, s, z* e se seguem do pronome *lo* (43, 1.a obs.): *fê-lo, pô-la, movê-los, revê-los;*

3. em formas verbais com pronomes enclíticos ou mesocliticos (43, 1.a, obs.): *dê-se-lhe, repô-lo-eis.*

4. nos proparoxítonos em cuja sílaba tônica figura vogal fechada ou seguida de *m* ou *n* (43, 2.a): *lâmina, fôlego, quilômetro, mônadas, pêssigo, devêssimos, espontâneo, têmeu, manicômio;*

5. nos paroxítonos terminados em *i* ou *u*, seguidos ou não de *s*, em que figura vogal tônica fechada ou seguida de *m* ou *n* (43, 3.a): *bônus, Vênus, dândi, tênis;*

6. nos paroxítonos terminados em *l, n, r* ou *x* em que figura vogal tônica fechada ou seguida de *m* ou *n* (43, 8.a): *aljôfar, âmbar, fênix, vômer, êxul, cânion;*

7. nos paroxítonos acabados em ditongo oral, em que figura vogal tônica fechada (43, 9.a): *fôsseis, escrevêsseis;*

8. no *e* da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter, vir* e seus compostos (43, 7.a, obs. 2): *eles têm, eles contêm, eles vêm, eles convêm;*

9. no singular *vê, lê, creê, dê* (43, 7.a, obs. 3), que é conservado no plural: *vêem, lêem, creêm, dêem;*

10. no penúltimo *o* fechado do hiato *oo*, seguido ou não de *s*, de paroxítonos (43, 10.a): *vão, vóas, enjôo, enjôos, perdão, abençoô;*

11. nos paroxítonos que tenham *til* na última sílaba e a vogal tônica fechada ou seguida de *m* ou *n* (43, 11.a obs.): *bênção, zângão;*

12. em algumas palavras tônicas, de uma ou mais sílabas, para distinguir de palavras átonas de igual grafia (43, 14ª, obs. 1): *quê* (substantivo, interjeição, ou pronome no fim de frase), para distinguir de *que* (pronome quando não vem no fim da frase, advérbio, conjunção ou partícula expletiva), *porquê* (substantivo ou no fim de frase), para distinguir de *porque* (conjunção), *pêlo* (subst.) para distinguir de *pelo* (per-lo), *pêra* (subst.) para distinguir de *pera* (preposição antiquada), *pôlo, pôlos* (subst.) para distinguir de *polo, polos* (por-lo, por-los), *pôr* (verbo) para distinguir de *por* (preposição);

13. em *pôde*, 3ª pess. do sing. do pret. perfeito de *poder* (decreto 5765, de 18-12-1971);

14. se na abreviatura aparece a sílaba acentuada da palavra, o acento permanece: *côn. (cônego).*

B — NÃO SE USA:

1. na letra *e* e na letra *o* da sílaba tônica de homógrafos fechados: *ele, aquele, toda, almoço, Rebelo, colher, colheres, lobo* (decreto 5765, de 18-12-1971);

2. quando à palavra em que ele ocorra é acrescentado o sufixo adverbial *mente* ou um sufixo que seja precedido da consoante *z*: *comodamente, cortesmente, ovozinho, vovozinho, pessegozinho* (decreto 5765, de 18-12-1971);

3. nos prefixos paroxítonos acabados em *i*: *semi-histórico, arqui-secular* (43, 3.a, obs. 2);

4. nos oxítonos terminados em consoante que não seja *s*: *desfez, jaez, algaz, soez;*

5. no *o* tônico fechado dos paroxítonos, que antecede vogal que não seja *o*: *voa, roam, coe;*

6. no primeiro *o* fechado e tônico do grupo *oio*: *arroio, apoio* (substantivo), *tamoio;*

7. nos paroxítonos que sejam plurais de oxítonos em *ês*: *meses* (pl. de *mês*), *reses* (pl. de *rês*), *marqueses* (pl. de *marquês*), *portugueses* (pl. de *português*).

Acento grave

A — USA-SE:

para assinalar a contração da preposição *a* com o artigo ou pronome *a* e com os pronomes *aquele, aqueloutro, aquilo*, os quais se escreverão assim: *à, às, àquele, àquela, àqueles, àque-*

las, àquilo, àqueloutro, àqueloutra, àqueloutros, àqueloutras (43, 16.a).

B - NÃO SE USA:

para marcar a sílaba pretônica dos advérbios em *mente* e dos derivados em que figuram sufixos precedidos do infixos *z*: *avozinha, cafezeiro, faiscazinha, indelevelmente, opusculozinho, somente, sozinho, terrivelmente, voluntariozinho, voluvelmente* (decreto 5765, de 18-12-1971).

Acentos - INFANDUM, REGINA. JUBES RENOVARE DO-

LOREM* — Transformada há varias décadas em artigo de comércio, a ortografia da língua portuguesa no Brasil passou por nova alteração; este é o caput do decreto 5.765, de 18 de dezembro de 1971 (os três restantes artigos são meramente administrativos):

Art. 1º — De conformidade com o parecer conjunto da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa, exarado a 22 de abril de 1971 segundo o disposto no artigo 111 da convenção ortográfica celebrada a 29 de dezembro de 1943 entre o Brasil e Portugal, fica abolido:

o trema nos hiatos átonos,

o acento circunflexo diferencial na letra *e* e na letra *o* da sílaba tônica das palavras homógrafas de outras em que são abertas a letra *e* a letra *o*, exceção feita da forma *pôde*, que se acentuará por oposição a *pode*.

o acento circunflexo e o grave com que se assinala a sílaba subtônica dos vocábulos derivados em que figura o sufixo *mente* ou sufixos iniciados por *z*.

— O decreto encerra simples alteração, alteração leviana, leviana pela essência, leviana pelas consequências:

a) Limitou-se a abolir apenas três das inutilidades diacríticas a que ficamos sujeitos nós, brasileiros, durante 28 anos; a primeira não constituía regra imperativa entre nós, uma vez que a observação 2 da 12ª regra do capítulo XII do formulário ortográfico de 1943 dizia: "É *licito* o emprego do trema quando se quer indicar que um encontro de vogais não forma ditongo, mas hiato: *saúdeade, vaídade* (com quatro sílabas) etc."

b) Das três inutilidades diacríticas somente a última era obrigatória lá e aqui, pois em Portugal desde 1945 já se encontrava oficialmente eliminado o circunflexo dos homógrafos fechados, o que significa ter havido real participação de Portugal no presente ajuste somente na terceira regra.

c) Os mentores da alteração revelam nem ao menos ter lido com atenção as regras do formulário ortográfico na parte referente ao acento agudo; tivessem-no feito, teriam encontrado a gritante contradição entre a observação 1 da citada regra 12 do cap. XII e a regra 5 do mesmo capítulo:

Observação 1ª — *Não se põe acento agudo na sílaba tônica das formas verbais terminadas em quê, quem.*

5ª regra — *Assinala-se com acento agudo o u tônico precedido de g ou q e seguido de e ou i.*

Na observação da regra 12 prescreve-se a grafia, *oblique*, sem acento; na regra 5 prescreve-se a grafia *oblique*, com acento. Confronte-se o vocabulário oficial de Portugal com o do Brasil e vejam-se os descalabros a que chegamos no

Brasil na conjugação de verbos em *guar* e *quar*; procure-se o verbo *apropinquare* no oficial brasileiro e ver-se-á: "Pres. conj. *apropinque* etc."

É mais fácil resolver um problema de palavras cruzadas do que descobrir como realmente se deve ler esta forma verbal. Redigidos inter pocula, os dois citados passos do formulário deveriam ter animado os corretores da atual transação ortográfica a eliminar de vez — e isto mais de uma vez já foi oficialmente feito — o trema, sinal mais estranho ao nosso sistema ortográfico do que as letras *k, w* e *y*. Além do mais, que tem de ver ortografia com bairrismos e pessoalismos de gramática?

d) Ao determinar que se escreva *pôde* para distinguir de *pode* cria uma exceção sem critério; ou se eliminasse de vez o circunflexo dos homógrafos fechados ou se incluíssem entre as exceções outras palavras em condições idênticas: "Essa forma não me agrada" — como leu o leitor? Tanto de for-

ma quanto de *pode* e de outras palavras o contexto pode indicar a pronúncia, tal qual acontece em inglês com *read* (rid, leio) e *read* (red, li), *row* (rôu, fileira) e *row* (ráu, barulho), *lead* (léd, chumbo) e *lead* (lid, guia), *bow* (bou, arco) e *bow* (bau, reverência), *lives* (lives, mora) e *lives* (laivz, vidas). Alguma necessidade de acento nessas e em mais umas oitenta palavras? Não, porque o inglês se lê por meio de assentos nas escolas e não por meio de acentos nas palavras; porque as crianças de língua inglesa estudam o "spelling" cerca de sete horas por dia durante oito anos de "elementary school" e não nas ruas; porque as crianças de língua inglesa aprendem o idioma com professores e não, como nossos filhos, com as nossas cozinheiras; porque as crianças de língua inglesa aprendem a língua pátria em gramática e não em "livros funcionais".

Quando o contexto não puder indicar o nome ou a forma verbal, o autor saberá eliminar a dificuldade de leitura.

O erro só existe quando proveniente de causa privada; fala-se em poluição de ar, mas rolos negros de fumaca saídos de hospitais ou empresas estatais consideram-se inofensivos; fala-se em perturbação de sossego, códigos e leis a proibem, mas os apitos dos guardas, por mais contínuos, tolos e inúteis que sejam, não perturbam o trabalho nos escritórios, nas escolas, nos hospitais, nem os dos próprios guardas-noturnos que, para provar que velam pelo sono, empenham-se em acordar os assistidos. Fala-se em estacionamento proibido, mas carro oficial não ocupa espaço. De igual maneira, fala-se em analfabetismo e, por isso, vamos castigar os que pretendem alfabetizar-se com reduzir as horas de aula e com alterar a ortografia. Fala-se em barateamento de ensino, na não permissão de troca de textos de aula; vamos, pois, obrigar os alunos a trocar, de um momento para o outro, todos os livros, de todas as disciplinas, a comprar novos dicionários, de todas as línguas, que não tragam acento circunflexo nos homógrafos.

Mas se países superdesenvolvidos vivem de esperança, que dizer do nosso? Enquanto não corrigirem as excrescências ortográficas relativas ao *h*, ao hífen, às maiúsculas, ao trema e a outras questões, não haverá falar em "reforma" senão em arranjos, em levandades.

Deixemos de lado outras considerações desse teor e procuremos indicar alguns sinais diacríticos que podem ser confundidos com os eliminados pela transação ortográfica de dezembro de 1971.

1. O trema continua (regra 12 do nº 43 do formulário ortográfico de 1943) no *u* que se pronuncia depois de *g* ou *q* e seguido de *e* ou *i*: *agüentar*, *argüição*, *eloqüente*, *tranqüilo*.

2. O acento circunflexo continua (obs. 1 da regra 14) para distinguir de certos homógrafos inacentuados palavras que têm *e* ou *o* fechados:

pôr — verbo, para não confundir com *por*, preposição;

pelo — substantivo, para distinguir de *pelo* (combinação de *per-o*);

pêra — substantivo, para distinguir de *pera* (preposição arriçada);

pôlo — substantivo, para distinguir de *polo* (combinação de *por-lo*).

3. Incluem-se entre os homógrafo-homófonos tônicos os que têm *a* ou *e* abertos; continua, portanto, existindo o acento agudo (regra 15) em:

pára — verbo, para distinguir da preposição *para* (Continua, pois, enfeitados de hífen e de acento compostos como *pára-brisa*, *pára-lama*, *pára-quadras*);

pêla — substantivo e verbo, para distinguir da combinação *per-a*;

pêlo — verbo, para distinguir da combinação *per-o*;

pôlo — substantivo, para distinguir da combinação *por-o*.

4. O acento circunflexo continua (regra 1) em vocábulos oxítonos e em monossílabos tônicos que terminam em *e*, *o* fechados, seguidos ou não de *s*: *vê*, *vês*, *lê*, *lês*, *pás*, *rês*, *mês*.

5. O acento circunflexo continua (regra 2) em proparoxítonos que têm na penúltima sílaba as vogais *e*, *o* fechadas

ou *a*, *e*, *o* seguidas de *m* ou *n*: *devêssemos*, *fôlego*, *lâmina*, *pên-dula*, *quilômetro*, *Antônio*, *tênue*.

6. O acento circunflexo continua (regra 3) em paroxítonos finalizados em *i* ou *u*, seguidos ou não de *s*, quando na sílaba tônica figuram *e*, *o*, fechados ou *a*, *e*, *o* seguidos de *m* ou *n*: *tênis*, *bônus*.

7. O acento circunflexo continua (obs. 2 da regra 7) no *e* da sílaba tônica da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter*, *vir* e seus compostos: eles *têm*, eles *vêm*, eles *retêm*, eles *convêm* (Na 3ª do singular os compostos têm acento agudo: ele *retém*, o assunto *se mantém* inalterado).

8. Continua o acento circunflexo (obs. 3 da regra 7) das formas *crê*, *dê*, *lê*, *vê*, *crêem*, *dêem*, *vêem* e de iguais formas dos compostos desses verbos: *descreêm*, *desdêem*, *relêem*, *prevêem*.

9. Continua o acento circunflexo (regra 8) no *e*, *o* fechados no *a*, *e*, *o*, seguidos de *m* ou *n*. da penúltima sílaba de paroxítonos terminados em *l*, *n*, *r* e *x*: *aljôfar*, *cânon*, *êxul*, *fênix*.

10. Continua o acento circunflexo (regra 9) na vogal da sílaba tônica dos paroxítonos terminados em ditongo oral: *devêreis*, *fôsses*.

11. Continua o acento circunflexo (regra 10) no penúltimo *o* fechado do hiato *oo*, seguido ou não de *s*, de palavras paroxítonas: *vôo*, *vôos*, *enjoô*, *enjoôs*, *abênção*, *perdôo*.

12. O acento circunflexo continua (obs. da regra 11) em sílabas tônicas fechadas de palavras terminadas em *ão* átomo: *bênção*, *gôlfão*.

13. O acento circunflexo continua (obs. 1 da regra 14) em *porquê* quando substantivo ou em fim de frase, para distinguir de *porque*, conjunção, e em *quê* quando substantivo, interjeição ou pronome em fim de frase, para distinguir de *que*, advérbio, conjunção, pronome ou partícula expletiva.

14. Advérbios com *mente* ou derivados em que figure o infixo *z* continuarão com acento (regra 13) se este for til: *irmãmente*, *irmãzinha*.

RESUMINDO: O decreto 5.765 de dezembro passado outra coisa não fez, com relação à ortografia de 1943, senão abolir:

1. a observação 2 da regra 12 (Devemos escrever *saudade*, *vaidade*);

2. a regra 14 (Devemos escrever *ele*, *aquele*, *toda*, *este*, *esse*, *fora*, *fosse*, *sobre*);

3. a regra 13, no tocante ao acento circunflexo e ao grave (Devemos escrever *somentê*, *portuguesmente*, *cortesmente*, *avozinha*, *avozinha*, *enxozinho*, *babazinha*).

* *Infandum*, *regina*, *jubes renovare dolorem* (Virgílio, Eneida, livro II, v. 3): O rainha, tu mandas que eu renove indizível dor. Palavras da narração que Eneias começa a fazer a Dido, rainha de Cartago, das suas desgraças e da destruição de Tróia. Conta Larousse que o padre jesuíta Arnoud, estando a pregar a Paixão na Notre Dame, viu entrar a rainha Maria de Medici, e obrigado, pelo uso, a recomencar o sermão, dirigiu à rainha o célebre verso de Virgílio: Segundo diz Fumagalli o mesmo fez o padre Faure, capuchinho (que depois foi bispo de Amiens), o qual, pregando a Paixão em St. Germain-l'Auxerrois, inclinou-se ao entrar a rainha, recitou o verso de Virgílio e recomencou o sermão.

Desgraçadamente sabemos que para outros retardatários deverá ser lembrado no Brasil esse verso de Virgílio: V. *juiz*; V. *jundiãense*; V. *acento agudo*; V. *acento circunflexo*; V. *acento grave*; V. *til*.

Acentuação — As palavras devem conservar em português o acento da língua de que mais proximamente derivam. Pois bem; sabemos, tratando-se de termos oriundos do grego, serem eles recebidos pelo português mediante o latim. Ora, dada a divergência entre as regras de prosódia da língua grega e as da latina, estas modificam o acento de muitos termos gregos, consoante poderemos ver destes poucos exemplos.

Proparoxítonos no grego e paroxítonos no latim:

GREGO	LATIM	PORTUGUÊS
Admetos	Admētus	Admêto
Adonis	Adōnis	Adônis
Aígyptos	Aegyptus	Egito
atrúgma	enigma	enigma
Aisópos	Aesópus	Esópo
Diónyosos	Diomy'sus	Dionísio (Baco)

Paroxítono no grego e proparoxítono no latim:

GREGO	LATIM	PORTUGUÊS
Aíschylos	Aéshylos	Êsquilo (nome próprio)

Oxítonos no grego e paroxítonos no latim:

GREGO	LATIM	PORTUGUÊS
Adelphós	Adélphus	Adélfo
aér	aér	ar
athletés	athléta	atléta
aithér	aeéter	éter

Vemos em todas essas palavras (tiradas apenas das primeiras páginas de um vocabulário grego) que o acento português obedece sempre ao latino. Tomando as palavras do grego, o latim as enquadra nas suas regras e elas passam a ser consideradas latinas para efeito de pronúncia e acentuação. Por nossa vez, recebendo-as do latim, não lhes podemos alterar o acento; continuam para tal fim a ser consideradas latinas e se o não forem será apenas para fins históricos de grafia e significado. Não é aqui lugar para aulas de latim, mas cremos poder dizer que o desrespeito às suas normas de acentuação acarreta, sempre, prejuízos.

O identificar-se, às vezes, o acento popular com o grego constitui mera coincidência; ponha-se a público o substantivo *agora* que o veremos logo deturpado, fazendo-se ouvir, como o advérbio, paroxítonamente; coincidissem por acaso tal erro com o acento grego e não faltaria quem dissesse estar baseada a prosódia popular no acento grego... quando em grego é *agorá* e em português *ágora* (praça pública, mercado); por quê? Pelas mesmas razões que nos fazem dizer *Admeto*, *Egito*, *enigma* etc. V. *hólide*; *Édipo*; *genótipo*.

Acerca - Como devemos escrever: "A cerca de cinco anos" ou "Há cerca de cinco anos" — "A menos" ou "Há menos de cinco anos"?

Estendamos o assunto, para elucidação mais completa.

1. *Acerca de*, com o *a* inicial ligado, iremos escrever quando significar *sobre*, *a respeito de*: Falar *acerca de* algo — Dados *acerca de* esse autor.

Aulete chega a distinguir: "*Acerca de* um assunto", quando dele se trata a fundo; "*sobre* um assunto", quando perfuntoriamente, em roda, sem entrar em desenvolvimentos. Pode, realmente, apresentar-se essa diferença, como neste caso: Falaram *sobre* você (citaram-lhe o nome, você foi lembrado); Falaram *acerca de* você (trataram de você).

2. *A cerca de*, com os elementos separados: Neste caso, *cerca de* é que é a locução (que significa *perto de*, *próximo de*, *junto de*, *aproximadamente*: *Cerca de* 40 canoas foram vistas), e o *a* é preposição, que aparecerá quando exigida:

a) por alguma palavra: Distribuiu motores *a cerca de* 40 canoas (distribuir *a* alguém) — Dizia isso *a cerca de* duzentas pessoas (dizer *a* alguém) — O exercício ficou reduzido *a cerca de* 600 homens (reduzir-se *a* tantos homens);

b) pela natureza do complemento: *A cerca de* dois quilômetros de casa encontrei uma perdiz (encontrar algo *a* tal distância) — Tendias armadas *a cerca de* aquele mosteiro (nas proximidades de) — Foi posto o seu corpo na capela dos reis *a cerca de* Rei Dom Afonso (junto de).

Haveria ainda para a considerar o emprego arcaico de *acerca* com o significado de *quase*, caso em que o *a* é mero acrescentamento metaplástico, verificado em várias preposições e advérbios ("São três quilômetros *acerca*" — Em que vão já mortos ou *acerca*) e o emprego, também arcaico,

de *a cerca de* com o significado de *entre* ("... o qual nome de café é já *a cerca de* nós mui recebido").

3. *Há cerca de* — com *h*: Também aqui a locução prepositiva é *cerca de*, a mesma do caso anterior, com o significado de *aproximadamente*, *perto de*, *mais ou menos* — e o *há* é o verbo *haver*, impessoalmente empregado com o sentido de *fazer*: *Há cerca de* vinte anos venho lecionando (Faz mais ou menos, desde mais ou menos) — *Falei há cerca de* um ano sobre o assunto.

4. Pouco para dizer resta sobre a distinção entre *a menos de* e *há menos de*. Aqui, o verbo *haver*, impessoal, com o significado de *fazer*, em orações de tempo: *Há menos de* cinco anos foi isso feito. Lá, a preposição *a*, exigida como no caso do número 2: A fazenda fica *a menos de* uma légua — Falou *a menos de* cem pessoas.

Acetilene - V. *haptena*.

Acidente, incidente - Distinguem-se as palavras *acidente* e *incidente* em significar a segunda "o que sobrevém": fato *incidente*, ou seja, fato acessório, fato superveniente, fato que sobrevém ou se apresenta no decurso de um fato principal: "Os incidentes da leitura".

Um fato *incidente* é acidental, sem dúvida, mas no sentido de ser acessório, de menor importância que o fato principal: "Cortar a história a miúdo com incidentes".

Em *acidente* não há a ideia de superveniência, senão de fato independente, geralmente infeliz. Como o *incidente*, pode o *acidente* advir fortuitamente, mas sem relação com um fato principal. Uma trombada, longe de ser *incidente*, é *acidente*; não constitui tal ação fato nenhum acessório, de menor importância, senão fato independente e, no caso, infeliz.

"**Acidentes envolvendo ônibus**" - Por que essa galeicista redundância? Já não se diz "desastres de trem"? Somos obrigados a redigir "desastres envolvendo trens"? Já não se diz "caixa de fósforos"? Somos obrigados a redigir "caixa contendo fósforos"? V. *Gr. Met.* § 944, b.

Acinópole - V. *ápode*.

Acinte - Significa *de propósito, deliberadamente*: "Atirou ele *acinte* com uma pedra *a* um galo". *Acinte* é também substantivo e indica propósito de fazer alguma coisa, procedimento consciente para oprimir uma pessoa: "O chefe assim procedeu somente por *acinte*".

Adimar, aclimatar - A primeira forma, *aclimar*, é francamente popular, derivada, no próprio português, do substantivo *clima*; a segunda, *aclimatar*, de cunho mais erudito, tem por étimo remoto o radical *klimat*, tirado do genitivo grego de *klima*: *klimatos*.

Ambos os verbos são, pois, postnominais, isto é, criados depois de formado, no vernáculo, o substantivo, o nome, e não trazidos diretamente de verbos de outras línguas. Dessas formas infiniúvas, os derivados *acclimação* e *aclimação*.

Há ainda, igualmente portuguesas, as formas *climatizar* e *aclimatizar*, mas aqui uma oportuna observação: Nota-se atualmente, entre pessoas de certa cultura, a tendência à criação de formas verbais infundadas e inúteis. Assim, existem legitimamente no vernáculo o verbo *acumular* e o seu respectivo substantivo *acumulação*. Cãndido de Figueiredo, sedento de colocar no seu dicionário o maior número possível de palavras não existentes em outros trabalhos similares, lá escreve, acompanhadas de um indispensável asterisco, as palavras *acúmulo* e *acumulamento*, limitando-se a dizer "o mesmo que *acumulação*" ou "v. *acumulação*".

Demo-nos por contentes com as duas formas *acumular* e *acumulação*; não devemos seguir nem apoiar seqüências como esta: de *acumular*, *acumulamento*; de *acumulamento*, *acumulamentar*; de *acumulamentar*, *acumulamentação* "et ita prorsus usque ad..."

Active - V. *declive*.

Aconselhar - Significações e regências:

— (dar conselho): a) *Aconselhar* alguém *a* alguma coisa: "Aconselhou-o *a* que fosse para casa". b) *Aconselhar* *a* alguém alguma coisa: "Lourenço lhe aconselhou o claustro".

c) Aconselhar alguém sobre alguma coisa: "Aconselharam-me sobre o modo de viver".

— (entrar em acordo): a) "Depois nos aconselharemos no que mais nos convier". b) "... aconselharam-se para me tirarem a vida".

— (tomar conselho): "Aconselhei-me com ele".

Acontecer - É a pobreza de vocabulário causa do invariável, monótono, enfadonho emprego de certas palavras. Para vários informadores tudo agora cansativamente se **IMPLANTA**, tudo enjoativamente **ACONTECE**.

Com **implantar** — como será longamente observado — o caso se agrava, pois usam o verbo com sentidos que nunca teve nem pode ter; um mínimo de três dúzias de verbos deixaram de existir para uns tantos implantadores de necedades em nosso vocabulário.

Quase o mesmo descaso se vem dando com **acontecer**. Enquanto com saudades nos lembramos da marchinha de carnaval em que se cantava: "Que **aconteceu**? Foi a camélia que caiu do galho, e depois morreu" — choramos agora: Que **aconteceu**? É a nossa língua que passou de flor a escória, a borra do Lácio.

Pelo menos no Brasil, fatos já não *ocorrem* ("Desastre **acontecido** ontem"), nem se *verificam* ("O cerco **aconteceu** de surpresa"), nem se *efetuam* ("Operações **acontecidas** na bolsa"), nem se *realizam* ("Casamento que irá **acontecer**"), nem se *cumprem* ("... para que **aconteça** o que foi prometido"), nem *sucedem* ("Outras surpresas **aconteceram**"), nem se *dão* ("Os motivos que **aconteceram**"), nem *resultam* ("Nenhum efeito **aconteceu**"), nem *redundam* ("Tudo isso **aconteceu** em seu favor"), nem *revertem* ("A discussão **aconteceu** em nada"), nem se *operam* ("A detenção **aconteceu** ontem"), nem se *praticam* ("Faltas que **aconteceram** por descuido").

Percebe-se que as gramáticas e as antologias cederam lugar ao derrotismo.

Acórdão - Tem o acento tônico na sílaba *cor*. É a forma gráfica da substantivação de "acordam", terceira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo *acordar* (=resolver, determinar).

Acordar - Devemos ter cuidado no emprego deste verbo; no sentido de despertar ele não é pronominal: "Ele acordou sobressaltado" (e não "acordou-se") — "Eu acordo sempre cedo" (e não "eu me acordo").

Pode ser pronominal com o sentido de pôr-se de acordo, harmonizar-se, reconciliar-se: "Quando a rotura deles chegar a tanto que se não possam acordar, de tal maneira pode V. Alteza socorrer os vencidos que fique senhor dos vencedores". Pode ser ai pronominal, porque com esse sentido tem também a regência transitiva: "Acordar em mandar fazer explorações" — "Acordou em evacuar dentro de cinco meses toda a colônia com seus fortes".

Acostadouro, acostamento - Assim como *encastamento* é o ato ou efeito de *encostar*, também *acostamento* é o ato ou efeito de *acostar* (em todos os sentidos do verbo), e não o lugar, a faixa, a margem de acostar. "Acostamento de um requerimento a um processo", "acostamento de uma lancha a um navio", "acostamento a um parecer" — são expressões lidimas, mas "acostamento em obras", "não pare no acostamento" só em linguagem de quem pensa que dirigir trânsito é fazer barulho com apito.

Acostadouro é que deveria ter nascido a palavra, com o sufixo que realmente indica "lugar". Como ninguém vai usar *servimento* por *ferveadouro*, de igual maneira ninguém irá confundir estas palavras:

ATO	LUGAR
achamento	achadouro
aguamento	aguadouro
ajuntamento	ajuntadouro
curtimento	curtidouro
nascimento	nascedouro
lavamento	lavadouro
logramento	logradouro

sangramento
surgimento

sangradouro
surgidouro

Não se apresentem *alojamento, acampamento, estacionamento* como justificação de *acostamento* para indicar lugar; tal emprego é antes justificação de fato histórico: Se as legiões romanas desvirtuaram mais e mais o latim, é a mescla de elementos heterogêneos da militarização do trânsito fonte abundante de poluição do vernáculo.

Parlamento poderia constituir outro engano; é palavra provinda do inglês, dada, por imitação, às nossas duas câmaras legislativas.

Este seria o correto emprego das duas palavras: "O caminhão não fez um *acostamento* seguro porque não há *acostadouro* na Estrada do Mar".

Acre (estado brasileiro) Sigla oficial: AC.

— O superlativo sintético do adjetivo é *acérrimo*.

Acreditado - Diz-se do negociante, da pessoa que tem crédito.

Embora já não usado, o verbo *acreditar* tem também a acepção de lançar no crédito, na conta do haver, ou seja, é sinônimo do hoje usado e certo *creditar* ("Cá te *acredito* 300"), como tem a construção pronominal: "Acreditou-se muito". Esse o motivo por que, enquanto se diz "quantia *creditada*", diz-se "pessoa *acreditada*". V. *credenciais*.

Acróbata - Quanto ao acento tônico de *acróbata*, vejamos o que diz o vocabulário oficial de Portugal: "Quando... uma prosódia não rigorosa só esteja absolutamente radicada num único composto, mantém-se neste, mas corrige-se nos demais. Por exemplo: subsiste *acrobata*, mas adota-se *aeróbata, nefelibata, nictóbata* etc.; subsiste *míope*, mas adota-se *hiperope, hipermetrope* etc.

A comparação entre *míope* e *acrobata* é violenta, não condizente com as categóricas palavras da regra: "absolutamente radicada". Se a acentuação de "míope" está "absolutamente radicada", confesso só mui raramente ter ouvido "acrobáta". Não vale a comparação; *acróbata* é, pelo que até hoje me foi dado observar, acentuação, além de certa, muito mais usada que a paroxitona, e impossível não é que o próprio leitor venha pronunciando, com acerto, *acróbata*; é falso afirmar que "acrobáta", paroxitono, é "prosódia absolutamente radicada"; longe e ao contrário disso, *acróbata* se ouve e está em vários dicionários.

Acronimo - Já é hora de introduzir na língua este composto, formado do elemento grego *ácron* (ponta) e do que entra nas palavras *parônimo, sinônimo, homônimo (ónyma, nome)*, para designar a palavra formada das primeiras letras ou sílabas de outras palavras: UNESCO (United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization).

Acta est fábula - Locução latina que significa "está representada a peça"; comunicava-se com tais palavras aos espectadores o fim da representação teatral. Foram também as últimas palavras de Augusto antes de expirar.

Açúcar - É argumento bastante, em defesa da grafia *açúcar*, com *ç* cedilhado, saber que Gonçalves Viana assim se expressou: "Açúcar, e não *assucar*, escreveram sempre os nossos; está esta ortografia em harmonia com o castelhano antigo *azúcar*, modernamente escrito *azucar*. O vocábulo é de origem imediata arábica, e não da remota latina *saccharon*, ou grega *sancharon*, como o prova o *u*, e para português e castelhano a adjunção do artigo árabe. Já se advertiu que os *ss* das palavras arábicas estão representados em português por *ç* em quase todos os vocábulos, mesmo modernamente, e é inútil abrirem-se exceções, que põem a ortografia usual em desacordo injustificável com a antiga, e são francesismos de escrita que convém expungir".

Acudir - Quanto à conjugação, veja *bulir*.

Acumulação, acúmulo - V. *aclimação*.

Acusar o recebimento - Laudelino Freire registra *acusar* também com o significado, usado e consagrado no estilo epistolar — e já usado por Camilo (O Bem e o Mal, pág. 199) — de declarar, comunicar: "Os sobrinhos não acusaram logo

o recebimento da carta".

Acusativo - V. *casos latinos*.

Ad... - Prefixo que exige hífen antes de r: *ad-rogar*.

Ad augusta per angustia - Locução latina que significa "a coisas altas por caminhos estreitos".

Ad gloriam - Locução latina que significa "para a glória": Trabalhar *ad gloriam* (pela glória, sem proveito material).

Ad hoc - Locução latina que quer dizer "para isso", "para esse fim": Secretário *ad hoc* (escolhido especialmente para o ato).

Ad hóminem - Locução latina que significa "ao homem", "dirigido ao homem": Argumento *ad hóminem* (que atinge diretamente o adversário, mostrando a incoerência entre seus atos e suas palavras).

Ad libitum - Locução latina que significa "livremente", "a gosto"; interpretar um assunto, um trecho musical *ad libitum* — Escolham os lugares *ad libitum*.

Ad litteram - Locução latina que significa "à letra": Transcrever um trecho *ad litteram* (sem nada omitir).

Ad majorem Dei glóriam - Locução latina que quer dizer "para a maior glória de Deus". Lema dos jesuítas, abreviado com as iniciais A.M.D.G.

Ad nutum - Locução latina que significa "à vontade": Pode admitir e demitir *ad nutum* os funcionários não vitalícios.

Ad patres - (Loc. lat. = *aos antepassados*): Mandar alguém *ad patres* — mandá-lo para o outro mundo. Ir *ad patres* = morrer.

Ad perpétuam rei memóriam - (Loc. lat. = *para a perpétua lembrança do fato*). Inscrição usada em monumentos comemorativos, medalhas etc.

Ad referendum - (Loc. lat. = *para referendar*, ou seja, para ser submetido à apreciação dos interessados). O decreto será enviado *ad referendum* do congresso.

Ad rem - (Loc. lat. = *à coisa*, ou seja, sem rodeios, claramente): Responder *ad rem* = com precisão.

Ad unguem - (Loc. lat. = *à unha*, com a unha). Expressão de Horácio alusiva ao polimento obtido sobre uma superfície com o passar da unha. Versos *ad unguem* são versos esmeradamente polidos. Saber *ad unguem* = tim-tim por tim-tim, na ponta da língua.

Ad usum Delphini - (Loc. lat. = *para uso do Delfim*). Edições *ad usum Delphini* são as que Luís XIV mandou fazer para seu filho, delfim de França, nas quais foram omitidas certas passagens equívocas. Livro *ad usum Delphini* é o livro expurgado de escabrosidades ou censurado.

Ad valorem - (Loc. latina = segundo o valor). Diz-se dos direitos de importação pagos na alfândega na proporção do preço da mercadoria no mercado exportador. Significa, ainda, "de acordo com o mérito".

Ad vitam aeternam - (Loc. lat. = *para a vida eterna*): Todos queremos viver em paz agora e *ad vitam aeternam* = para todo o sempre.

Adágio - Proveniente do latim, significa dito popular, sentença moral. Proveniente do italiano, usa-se como termo técnico de música, com o significado de lentamente. Pode neste sentido ser usada a palavra como substantivo, para indicar o próprio trecho de música que tem andamento varioso.

"**Addressograph**" - V. *endereçógrafo*.

Ademais - Numa só palavra; é advérbio que significa "de mais", "além disso"; pode vir ou não no rosto da oração: "Ademais não quero melindrá-lo" ou "Não quero *ademais* melindrá-lo".

Aden - Forma tradicional de grafar também em Português o nome do porto do mar Vermelho. Pertencente à Inglaterra, a pronúncia paroxítona generalizou-se; que se escreva em português *Adem*, com m final, vai muito bem e assim há quem faça, mas é estranhável escrever e acentuar *Adém*, como faz o vocabulário português de 40.

Adentrar - Não há do que admirar-se; este verbo está em dicionários e em vocabulários oficiais; é transitivo direto e também indireto (prep. em) na acepção de "penetrar em":

A bola *adentrou* o gol — Vamos agora dar-lhe um empurrão e *adentrá-la* no tempo da eternidade — A felicidade *adentra* em casa de Antônio Alves.

Adedir - É paradigma de um grupo de verbos da 3ª conjugação em que o e se transforma em i na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todas as do subjuntivo:

Adiro (adere, adere, aderimos, aderis, aderem) — *adira*, *adiras*, *adira*, *adiras*, *adira*, *adira*.

Como *adeder* conjugam-se os seguintes verbos: *advertir* (advirto, advertes), *aspergir* (aspirjo, asperges), *cerzir* (cirzo, cerzes), *compelir* (compilo, compeles), *concernir* (só é usado nas 3ªs. pessoas), *convergir* (convirjo, converges), *compelir* (compito, competes), *despir*, *digerir* (digi-ro, digeres), *divergir* (divirjo, diverges), *divertir*, *expelir*, *ferir* (e compostos: *deferir*, *diferir*, *desferir*, *aferrir*, *conferir*, *auferir*, *inferir* etc.), *gerir* (giro, geres), *impelir*, *inerir*, *ingerir* (ingiro, ingeres), *inserir*, *mentir*, *preterir* (pretiro, preteres), *propelir* (propilo, propeles), *refletir*, *repetir*, *repetir*, *seguir* (e compostos), *sentir* (e compostos: *assentir*, *consentir*, *dissentir* etc.), *servir*, *sugerir* (sugiro, sugeres), *vestir* (e compostos: *desvestir*, *investir*, *revestir* e *transvestir*).

Adhuc sub júdice lis est - (Loc. lat. = *a causa ainda está sujeita ao juiz*). Expressão de Horácio; a sentença completa é: *Grammática certant et adhuc sub júdice lis est* = os gramáticos discutem, e a decisão ainda depende do juiz.

Adicto - Do participio latino *addictus*, significa, como adjetivo, *consagrado*, *votado*: adicto ao trato incessante do microscópio. Como substantivo, designa o escravo que continuava com o senhor por não conseguir este a importância pretendida para a sua venda.

É palavra que não se confunde com *ádito* (lat. *additus*), que significa *ligado*, *preso*, nem com *ádito* (Lat. *adytum*), lugar mais secreto do templo, santuário, câmara secreta.

Com a significação de *ligado*, *preso*, o acento errôneo no i deve-se ao vernáculo *adido*, participio de *adir*, e se emprega também como substantivo, com a significação de *adjunto*, *sócio*.

Adir - V. *abolir*.

Adisoniano - V. *basedoviano*.

Adjetivo adverbial - V. *passeei demasiado*.

Adjetivo (colocação) - V. *homem antigo*.

Adjetivo composto designativo de cor -a) Só varia o segundo elemento quando realmente constituídos de adjetivos: blusa amarelo-clara, fita verde-amarela, roupa amarelo-escura, tonalidade amarelo-clara, vestidos verde-amarelos, chapéus azul-claros, gravatas vermelho-roxas, blusa azul-marinha, vestidos azul-marinhos, gravatas azul-marinhas;

b) Nenhum elemento varia quando um deles for substantivo: blusa rosa-claro, fitas violeta-escuro, papéis verde-montanha, blusas verde-pavão, coxins azul-ferrete, pedras azul-turquesa, fazendas branco-marfim, cor rosa-escuro, tonalidade rosa-claro, olhos verde-garrafa; ainda que venha só o nome de coisa ou de animal, este permanece invariável: chapéus *rosa*, papéis *marfim*;

c) Não há variação nenhuma quando ocorre a preposição *de* ou as locuções *cor de*, *da cor de*, *de cor*: olhos de verde-mar, olhos cor de safira, olhos da cor do prado, fitas de cor azul, ramagens de cor verde de esperança.

d) Deve-se dizer *raios ultravioleta* e não *raios ultravioletas*. Diz-se *raios infravermelhos*, mas *vermelho* é legítimo adjetivo, ao passo que no outro caso a cor é designada por nome de planta e não por adjetivo.

Adjetivo fracionário - O fracionário de *um* não existe por impossível. Se *um* é unidade, como expressar o *um* por meio de fracionário? Ou é unidade ou não é.

Meio é fracionário de *dois*; só existem *meios* onde há *metades*; só há *metades* onde existem *duas partes* (Gr. Met. § 281).

Adjetivo pátrio composto - Em adjetivo pátrio composto o primeiro ou primeiros elementos obedecem à forma de origem erudita, geralmente mais curta, e não a usual, popular; de acordo com a regra de flexão, só o último varia: *fronteira* argentino-brasileira, *sociedade* batavo-brasileira, *empresa*

belgo-mineira, canções brasilo-uruguaias, cidade celto-romana, confrontação fino-russa, relações franco-belgas, civilização hispano-portuguesa, negociações indo-americanas, triângulo ítalo-teuto-nipônico, inspiração luso-espanhola, choque nipo-chinês, descendência sino-japonesa, acordos teuto-russos.

Adjetivo substantivado na forma feminina - V. *errônea*.

Adjetivos indefectíveis - Substantivos existem que não sabem andar sozinhos e a um tempo exigem sempre a mesma companhia. É de Camilo Castelo Branco uma crônica escrita em 1858 em que ele nos dá boa lista de nomes que podemos chamar siameses. Estrangeiros que têm no português sua segunda língua e os que o falamos como língua nativa não perderemos tempo em observar essa concorrência de qualificação. Estas são as quase-locações nominais apontadas por Camilo:

"Prelado será sempre virtuoso; cantora será sempre mimosa; jornalista será sempre consciencioso; jovem escritor será sempre esperançoso; patriota será sempre exímio; negociante será sempre honrado; caluniador será sempre infame. As maneiras de quem dá um baile serão sempre amáveis; os convidados serão sempre penhorados. O folhetinista será sempre espirituoso; o poeta será sempre inspirado. Os irmãos terceiros serão sempre veneráveis. Os sócios de qualquer coisa mercantil serão sempre acreditados. Os meninos recém-nascidos serão sempre robustos. As viúvas serão sempre inconsoláveis.

Se o rico der doze vinténs aos inválidos, este feito será sempre um rasgo filantrópico, e a fortuna dele será sempre abençoada. Não haverá baile que não seja animado, nem jantar que não seja lauto, nem serviço que não seja abundante, ou profuso, para variar. Nenhum homem rico terá amigos que não sejam numerosos. Todas as firmas da praça comercial serão sempre respeitáveis. O voto de qualquer parvoinho será sempre ilustrado; e mais depressa morrerá o cronista do que deixará de ser eloquente o discurso de qualquer Cícero fanhoso. Todo o casamento será próspero. Ninguém poderá morrer que não fique sendo bom cidadão, bom pai, bom marido, e terá tudo bom".

De ilustre cultor do vernáculo e conhecedor de vários idiomas, Prof. Ernst Muhr, recebemos cópia desta carta, com data de 5 de janeiro de 1970, escrita por provocação do que leu de Camilo:

Quero prestar esta singela homenagem e manter-me a seu inteiro dispor, solicitando, contudo, crítica construtiva para esta coleção, reunida através dos anos e com ajuda de muitos dos alunos do curso de pós-graduação da EAESP. Tenho certeza de que a exímia datilógrafa, que por nimia gentileza concordou em bater esta carta, teve oportunidade, nos últimos dias, de participar de algum lauto banquete, ou, pelo menos, de uma suculenta feijoadada, sem que algum ilustre facultativo ou, talvez melhor dizendo, abalizado clínico, precisasse assisti-la, em virtude de eventuais resultados.

A chuva torrencial, pouco rara este ano, não impedirá que alguma douta comissão, de que faça parte um egrégio julgador e um eminente causídico, submeta esta carta a um rigoroso inquérito, declarando não ter razão a clamorosa vaia com que ela foi recebida. As autoridades afirmarão ser a situação da mais absoluta calma, justificando-se pois o profundo silêncio, subsequente à leitura desta. Segundo fontes seguras, nas quais se pode depositar inteira confiança, nem mesmo um violento incêndio, consequência do pavoroso desastre que resultou da desabalada carreira, por parte de quem ler estes lugares comuns, impedirá que a precípua finalidade desta carta seja cumprida.

— Camilo e Ernst aqui aparecem juntos por mera coincidência.

Admiração por - V. *amor a*.

Admirar - V. *esquecer-se*.

Admitido à ONU - É uma tentação, mormente a escritores novos, empregar a por outra preposição de uso tradicional.

Capítulo menosprezado no estudo da gramática portuguesa, o da preposição deve ser pelo menos lido por quem por vocação ou por obrigação escreve e pretende fazê-lo

bem. Se é cansativo o estudo contínuo e ex-professo do assunto, é mais ameno consultar o dicionário como por acaso.

"Admito-o em sua casa" — é o que vemos em Aulete: "Admitir fortunas no mundo dos fatos" — "No vestido, como na cama, não admitia nenhum gênero de linho" — "Não admitais em vosso lar pessoas de reputação duvidosa" — são outros exemplos oferecidos pelo Laudelino Freire.

Mas — este *mas* causará surpresa a muita gente — na acepção de "fazer participar de" é o verbo *admitir* transitivo direto-indireto e se constrói com *a*: "...e crendo que os passatempos do mundo não bastavam únicos a me ocuparem, me admitiu à administração de seus bens" (Filinto Elisio) — "Swift acabou por captar a predileção de Temple, que, reconhecendo-lhe a superioridade, o admitiu à sua privança" (Rui) — "Intervio com um advogado célebre para que me admitisse à sua banca" (Machado de Assis) — "... propondo admitir ao curso legal, com as nacionais, as moedas estrangeiras" (Rui).

Assim não será pesado a redações de jornal adquirir como não será molesto a redatores consultar nas dúvidas de régência, que a todos nós sempre acodem, o "Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa" de Laudelino Freire, obra de real valor para os que diariamente escrevemos.

Deixemos de lado essas inutilidades de acentos, de hífen, de tremas e de outros penduricalhos, e ocupemo-nos mais do período, da construção, da régência, que o idioma terá mais proveito, o escritor e o leitor maior gozo.

Admitir - "Admit" é uma das diversas palavras inglesas que andam travestidas em português: "... acordos secretos cuja existência jamais foi admitida". Não; a notícia é outra: "... acordos secretos cuja existência jamais foi tornada pública". *Admit* é aí sinônimo de "acknowledge", e este verbo, "as here compared, implies the making public of one's knowledge of something which has been, or might have been, kept back or concealed". Se a fazê-lo por locução ("tornar público") o tradutor preferir verbo, traduza o inglês por "confessar": "... acordos secretos cuja existência jamais foi confessada".

Adrede - Origina-se do latim *directe* e significa de caso pensado, de propósito, para esse fim: "Em caminho, rezou o padre sua missa numas pedras adrede preparadas".

Note-se que o advérbio *adrede* (pronúncia "adrêde") costuma anteceder o verbo, que geralmente está no particípio: "Enviou tropas adrede exercitadas".

"Esperando estão todos a rainha, que na câmara adrede (de caso pensado) se detinha.

Adria - V. *Árgua*.

Advertir - V. *aderir*.

Aequo ânimo - Locução latina que significa "com ânimo favorável": O sábio suporta a adversidade *aequo ânimo* (com serenidade).

Aere perennius - Locução latina que significa "mais duradouro do que o bronze". Horácio, referindo-se aos próprios versos, escreveu: Exegi monumentum aere perennius (Conclui um monumento mais duradouro que o bronze).

Aéreo, Aéro - V. *aeroclube*.

Aero... - Em compostos é seguido sem hífen: *aeromoça, aerofoto, aerossol*.

Aeróbata - V. *acrobata*.

Aeroclube - *Aer* é o primeiro elemento, o primeiro radical do composto; o *o* que vem depois do *r* é mero elemento entreposto, medial, exigido pelas regras de composição. Não confunda, portanto, essa forma com o adjetivo *aéreo*; *aéreo* é o que pertence ao ar, da natureza do ar, que se movimenta no ar — coisa impossível ao clube. Nem a forma, nem o acento: *aer* é dissílabo e a prosódia portuguesa, conquanto se trate de palavra grega, obedece à regra de acentuação latina: os dissílabos são geralmente graves (paroxítonos): *áer* (O assunto comporta outras considerações que não vêm ao caso):

Estranhável é que a terceira edição do Aulete tenha repetido o erro das anteriores, indicando a pronúncia "a-é" em compostos desse elemento; os vocabulários ortográficos, que de tanto acento enchem nossos vocábulos, nada esclarecem; Ramiz Galvão, porém, está certo quando põe nesses compostos o sinal indicativo do acento secundário: *áeroscópio*, *áerofônio*, *áerobióse*, *áeroterapia*, *áerofobia* etc.

Aeroplano é palavra de cinco sílabas, e não de quatro segundo a pronúncia comum; o *e* não forma ditongo com o *a* inicial:

Escreva *aeroclube*, numa só palavra; nem para o hífen há motivos.

Mais uma advertência: Por que "Tangará Aeroclube"? Em português deve vir o substantivo fundamental em primeiro lugar, e não o especificativo. Isto de "Glória Hotel", "Palace Hotel" só em colônias inglesas.

Aeródromo - V. *errôna*.

Aerofobia - V. *aeroclube*.

Aerólito - É breve a penúltima sílaba; essa e outras palavras terminadas em *lito* (gr. *pedra*) devem ser proparoxítonas: *meteorólito*, *uranólito*, *astrólito*, *saprólito*.

Aerovia - Palavra composta que é, além da sílaba tônica com o que em gramática se chama sílaba subtônica, isto é, o acento correspondente ao primeiro elemento do composto. Este primeiro elemento é no composto em apreço constituído da palavra *aer*, cujo acento tônico deve cair no *a* inicial; não pode, na composição, ser deslocado esse acento. Se no vocábulo simples o *a* é que é acentuado, no composto também o *a* recebe o acento secundário, jamais o *e*. Pronuncie, pois, *áerovia*, e não *aérovია*, cuidando em que o *e* se separa do *a* inicial: *á-e-ro* (e não *á-ro*).

Igual cuidado deve o leitor ter com outros compostos desse elemento grego: *áeronáutica*, *áeroscópio*, *áeródromo*, *áeroplano*, *áeroporto* (e não *aéropo* nem, o que é pior, *aéropo*).

Errar no acento secundário tem sua gravidade. Quem pronuncia *ântropologia* em vez de *antropologia* (esta é a pronúncia certa) denota não saber que se deve dizer *filantrópo*, *misantropo*.

Nota-se às vezes o erro em palavras de cunho nitidamente vernáculo; *capitalização*, por exemplo, jamais deverá ter acento secundário na sílaba *pi*, por ser esta breve.

Aes Triplex - Locução latina que significa *bronze triplíce*. Navegador "aes triplex", isto é, com o peito revestido de bronze triplo, a fim de poder afrontar os perigos do mar. Expressa, além de intrepidez, dureza de coração.

Afável - Superlativo sintético: *afabilíssimo*.

Afazer, afazer - Afazer existe como verbo (acostumar, habitar, aclimar-se). Afazer, substantivo plural, é francesismo; a palavra portuguesa é *ocupações*.

Afear, Afiar - V. *sentenciar*.

Afeganistão, Afegã, Afegane - A forma originária do topônimo encontramos no Webster e no Bouillet uniformemente grafada *Afghanistan*. Sua transliteração não oferece dúvida; é *Afeganistão*, com *e* após o *f* e com a terminação *istão*, aporuguesamento do elemento *peran sta*, que significa "terra", encontrado em *Beluchistão*, *Indostão*, *Turquestão*.

Se uma é a forma do topônimo, o etnônimo apresenta-se sob várias formas: *afegã* (masc. e fem.; plural *afegãs*) e *afegane*, tanto como adjetivos quanto como substantivos, *afegão* somente como substantivo, *afegânico* somente como adjetivo.

É a conclusão a que chegamos do confronto de bons dicionários, já estrangeiros (Webster, Bouillet), já nossos (Caldas Aulete, Laudelino, Melhoramentos).

Afeição por - V. *amor a*.

Afeminado, Eliminado, Feminista - As duas primeiras palavras podem usar-se uma pela outra, não porém pela terceira, confusão que se nota num filme em que um rico deixa em testamento uma mina de ouro para um grupo de pobres meretrizes de quem se apiedava, procedimento comprovante do que sempre foi em vida: adepto do feminismo,

ou seja, defensor da igualdade dos direitos da mulher aos dos homens. Que seja certo o procedimento do *feminista* não nos compete julgar, mas com toda a certeza podemos dizer andar em erro quem o confunde com o *afeminado* ou *efeminado*, ou seja, com o amulherengado, com o adorado, com o que tem modos de mulher.

Aferir - V. *aderir*.

"Afeicionado" - Isto é espanhol, e não português, onde, conforme o caso, a palavra é *afeitado*, *frequêntador*, *entusiasta*, *admirador*, *dedicado*.

Afigurar - É forma protética de figurar (Gr. Met. § 94).

Afim - V. *a fim de*; V. *afinidade*.

Final - Oficialmente escrito numa só palavra, o advérbio, que significa *finalmente*, entra na locução "afinal de contas", que tem a variante "afinal das contas", ambas usadas por grandes escritores como Camilo e João Ribeiro.

Afinidade - *Afim* é adjetivo que significa parecido, próximo, semelhante, relacionado, íntimo, conexo: pessoas afins, caracteres afins, coisas afins, problemas afins. Dele provém *afinidade*, que significa relação, conexão, parentesco adquirido pelo matrimônio com a família do cônjuge, força em virtude da qual moléculas de diferente natureza tendem a combinar-se.

"Afixe" - A palavra portuguesa é *edital*. É também galicismo com o sentido de *cartaz*, *anúncio*.

Afora - V. *fora*; V. *pelo Brasil afora*; V. *mar em fora*.

Aforismo - É de admirar a facilidade com que certas palavras de cunho erudito se divulgam erradamente. Televisão, rádio e jornal são veículos de fácil acesso ao povo, mas nem sempre de responsabilidade lingüística; quando se dá por si, o catadrático que introduziu um neologismo passa a lê-lo e a ouvi-lo estropiadamente. *Aforismo*, *cataclismo* só podem figurar em nossos dicionários com a terminação *o*. A influência de outras palavras de origem grega, neutras, terminadas em *ma* (*crisma*, *sofisma*, *aneurisma*...) é que é causa de igual, mas no caso errônea, terminação.

Aforismo e *cataclismo* são filhos de substantivos gregos masculinos terminados em *mos*, e ninguém deve pensar em erro de revisão quando dessa forma vir escritas essas palavras.

África - Adjetivo pátrio: *africano*. Quando primeiro elemento de adjetivo pátrio composto, assume a forma *afro*: *afro-asiático*.

Africânder - De origem holandesa, designa o branco nascido na África. É palavra já constante em dicionários e vocabulários, com essa grafia e prosódia, que nos obriga ao plural *africânderes*.

Áfrico - Como adjetivo, significa relativo à África. Como substantivo, é usado poeticamente por *ábrego*, forma esta mais comum para designar "sul" ou "vento que sopra da África", com a variante lusitana *áurego*.

Afro - Este elemento exige hífen na formação de adjetivo pátrio e antes de negro: *afro-asiático*, *afro-negro*. Em outros compostos, sem hífen: *afrolatria*.

Afrouxar - Exigem cuidado na conjugação os verbos que possuem o grupo *ou* na penúltima sílaba; verbos como *afrouxar*, *estourar*, *dourar*, *poupar*, *cavoucar*, *roubar* e outros conservam fechado o *o* do grupo *ou*: eu *afrouxo*, eu *estouro*, eu *douro*, eu *poupo*, eu *cavouco*, e *rôubo* (e não, desvirtuando-se a prosódia e a grafia: *afróxo*, *dóro*, *pópo*, *cavóco*, *róbo*, formas estas que não existem em português).

Agamemnião - V. *Decamerão*.

Age quod agis - Locução latina que significa "Faze o que estás fazendo"; emprega-se para expressar "Não te distraias" — "Presta toda a atenção ao que estás fazendo" — "Uma coisa ou se faz ou não se faz".

...agem - V. *listagem*.

Agênésia - A derivação obriga-nos a acentuar paroxítonamente o composto *ageneisia* (impossibilidade de gerar, esterilidade), do grego *a* (não) e *genésis* (geração) mais o sufixo vernáculo *ia*, longo: *agene-sí-a*.

"Agrafacolor" - Acentue-se na última sílaba. V. *bicolor*.

Ágil - Superlativo sintético: *agilmo*, *agilíssimo*.

Agilizar - Se temos *agilizar* para dizer tornar ágil, fazer expedito, apressar, desenvolver e, usado pronominalmente, para significar tornar-se ágil, aligeirar-se, ganhar facilidade de movimentos, desenvolver-se — por que atirá-lo fora para em seu lugar jogar sobre o leitor um inútil "agilizar"? Redijamos, como vemos em bons dicionários: "Começa a dar guinchos e fazer mil diabruras, *agilitando-se* em correrias pelo copiar" — "Agilitem-se os alunos, de vários modos, nas tábuas de multiplicar, até alcançar a destreza mental" — "A destreza *agiliza* o corpo".

Agostiniano - V. *basedoviano*.

Agradabilidade - V. *desutilidade*.

Agradar - Significações e regências:

— (parecer bem, ser visto ou considerado com satisfação, gosto ou complacência): "Este chapéu não *lhe* agradará — "Agrada *à* vista".

— (contentar, satisfazer): "Procurei agradá-lo".

Com objeto direto é hoje usado com o significado de *contentar, satisfazer* ou de *miar, acariciar, afagar*: *agradar uma criança, agradar o gato*.

Agradável - Superlativo sintético: *agradabilíssimo*.

Agradecer - Constrói-se "agradecer a alguém alguma coisa": "Agradece-*lhe* o presente" (objeto direto da coisa agradecida e indireto da pessoa a que se agradece). Dizer "agradecer alguém por uma coisa" é incorrer em italianismo.

Agridir - V. *prevenir*.

Agregado - Entre outros significados, tem o de lavrador que vive e planta em terra alheia em troca de parte nos lucros.

Água - Sentimo-nos contrafeito em dar opinião que possa ferir suscetibilidades e ofender costumes e tradições de pessoas aferradas a determinadas preferências. São comuns na linguagem popular as formas *água, deságua, enxágua* e outras semelhantes; há até quem considere serem essas as pronúncias verdadeiras.

É opinião nossa, firmada na doutrina da maioria dos gramáticos modernos, deverem esses verbos ser conjugados como o verbo *averiguar*, pouco importando pesquisar se o *g* da terminação *guar* corresponde a um *c* ou a um *q* latino. Será argumento bastante para justificar as pronúncias *água, deságua, enxágua* saber que verbo nenhum existe proparoxítono na primeira pessoa do singular do indicativo presente; outra coisa não faremos, seguindo estas pronúncias, senão enquadrar esses verbos nas mesmas leis a que obedecem todos os demais. Se *médico* é nome proparoxítono quando substantivo, quando verbo terá de ser proparoxítono: *médico*. E, assim: o *clínico*, eu *clínico*; o *datilógrafo*, eu *datilógrafo*; o *telégrafo*, eu *telégrafo*.

Nos próprios verbos em apreço, quase todos os que pronunciam *água, deságua* empregam, para o imperativo da terceira pessoa, o acento proparoxítono: *águe* — o que denota admitirem igual acento para o subjuntivo presente, caso não constitua esse proceder mera contradição, própria de quem age sem conhecimento pleno.

Se outros verbos há terminados em *uar* precedido de *g*, como *averiguar, minguar, apaziguar*, que se conjugam com o acento no *u* nas formas rizotônicas (formas em que o acento cai no radical do verbo e não na desinência pessoal), nada mais justo que proceder de igual maneira com o verbo do verbete: eu *água*, aquele rio *deságua*, ele *enxágua*, *águe* as plantas, não *enxágue* esta roupa.

Quanto ao ter consignado o vocabulário da Academia, de 1943, a acentuação *água* para esse verbo, nada temos que dizer, quando o sabemos feito com expansões de pessoalismos. Verifique-se tão só isto: O vocábulo *acrobata* aí se encontra com dupla acentuação, a escolha do consulente; o verbo *aguar*, entretanto, porque sobre sua conjugação o autor do vocabulário tinha idéias próprias, ou melhor, atinha-se ao que de criança ouvira em sua terra, traz, taxativamente, a conjugação proparoxítona (Gr. Met. § 440).

Água - *Barulho*: borbulhar, cachoar, chapinhar, chiar, escachoar, murmurar, murmurinhar, rufar, rumorejar, sussur-

rar, trapejar.

Aguardo - Não há argumento para condenar o emprego de *aguardo* no sentido de *espera, expectativa*. É da índole de nosso idioma utilizar-se de formas verbais para funções de substantivo, para indicar o ato ou o resultado da ação expressa pelo verbo.

Aguarrás - Sem hífen, com dois *r*, com *s* final. É feminino.

Aguatá - V. *ao atá*.

Agudez - V. *estupidezas*.

Aguerrir - V. *abohir*.

Ai - V. *vi aí*.

Aicebergue - Louvável aportuguesamento da palavra inglesa *iceberg*, inaceitável nesta forma em dicionário nosso e, ao mesmo tempo, necessária naquela para indicar, de acordo com o étimo escandinavo, "montanha de gelo". Igualmente louvável e justificável é, dando roupa nossa, escrever *aiceblinque, aicebloco, aicebote, aiceflou*.

Aida - É preciso distinguir; na ópera de Verdi, ou melhor, em italiano é "Aida", com o ictus de voz no *i*; a própria disposição musical, em várias passagens, obriga-nos a dessa forma acentuar o nome da escrava; confronte-se a partitura, no início do primeiro ato:

Celeste Aida, forma divina,
místico sero di luce e fior,
del mio pensiero tu sei regina,
tu di mia vita sei lo splendor.

Em outro ato, encontramos uma rima eloqüente, a mostrar claramente a pronúncia, pois a rima seria impossível se o nome tivesse acento no *a*:

Pur ti riveggo, mia dolce Aida...
Ti arresta, vanne... che speri ancor?
A te dappresso l'amor mi guida.
Te i riti attendono d'un altro amor.

Ainda mais (note-se a métrica, a cadência e, outra vez, a rima):

Ti assal, gentile Aida?
I tuoi segreti svelami
All'amor mio ti affida...

Isso na ópera, isso em italiano. Em português, porém, é "Aida", com acento no *A* inicial. O nome existe em Português, e os portugueses não divergem na pronúncia *áida*, conquanto se encontrem portugueses, quando se trata da ópera, que, fiéis ao original do trabalho de Verdi, pronunciem à italiana "Aida".

Fica aí a distinção: em italiano é "Aida, sem ditongo inicial. Em português poderá assim ser pronunciada a palavra quando se referir à ópera; deverá ser "Aida", com acento no *a* inicial, quando nome próprio de pessoa, como fazemos em *Záida* e, semelhantemente, em *Zoraide, Zenaide, Adelaide* e em nomes próprios locativos dessa terminação: *Betsaida, Tebaida*. Se não podemos num caso fugir do italiano, não devemos no outro afastar-nos do português.

Ainda que - V. *apesar de*.

Airi - V. *rami*.

Ajudar - Constrói-se: 1. ajudar alguém em alguma coisa: "Ajudou-o no serviço" (Se a coisa for um infinitivo a preposição será *a*: "Ajudou-o a carregar com a cruz").

2. "Ajudar *à* missa" (servir de acompanhante; neste caso não se diz *ajudei-lhe*, mas *ajudei a ela*).

3. "Ajudou-se dos pés e das mãos para subir" (valer-se, aproveitar-se).

Ajuizar - V. *economizar*.

Al - Variante neutra, arcaica, do indefinido *outro*; encontrada somente em provérbios antigos e em frases de linguagem forense, significa *outra coisa, o mais, tudo o mais*: "Como vires o faval, assim espera pelo *al*" — "As mãos no pandeiro, e em *al* o pensamento" — "... solte-se o réu, se por *al* não estiver preso".

...al - V. *familiar*; V. *regimental*; V. *substantivação de adjetivo*.

Alá - Assim devemos transcrever a forma árabe de Deus; na ortografia atual nenhum sentido tem um *h* final.

Alacre - Proparoxitono porque é breve em latim a penúltima sílaba.

Alagoas - Forma protética de *lagoa*. Da numerosidade de *alagoas* o nome de um dos nossos estados. (Gr. Met. § 112, A.)

Alagoas (estado brasileiro) - Sigla oficial: AL, sem nenhum ponto.

Alambra - "A-LAM-bra" é de fato a melhor pronúncia e assim deverão dizer todos os que se prezam de puristas. Compõe-se de dois termos árabes: "Al", artigo, mais o adjetivo "hamrà" (vermelho), isto é, o *vermelho* ou a *vermelha*, subentendendo-se a palavra *palácio* ou *casa*, como dizemos, referindo-nos ao antigo palácio presidencial, o *catete*, sem nenhum especificativo. Assim denominavam os árabes o palácio dos reis mouros de Granada.

Vemos facilmente, pela etimologia, que aquele *h* pertence à sílaba *ham*, não se podendo juntar ao *l* do artigo árabe. Silabando, deveremos fazer *aL-HAM-bra*, e não *a-LHAM-bra*.

Não se pense que tal coisa constitua esporadicidade para o português.

Examine-se a grafia *filharmônico*. *Fi-LAR-mô-ni-co* é como se pronuncia, não é verdade? Por quê? — A palavra é composta, pertencendo o *l* ao elemento *fil* e o *h* ao elemento *harmônico*, separando-se assim as sílabas: *fil-HAR-mônico*.

Estude agora o leitor a palavra *gentilhomem*, e veja por que é errada a pronúncia *genti-LHO-mem*, e como se devem separar as sílabas.

Vejamos o fenômeno que, a par do dígrafo *lh*, ocorre com *nh*.

Todos sabem como se lêem as palavras *punho*, *tenho* etc.; mas talvez nem todos saibam pronunciar *anhelo*. Quanta gente boa não escorrega nessa palavra quando assim a vê escrita. *A-ne-lo* é que se deve dizer. A palavra é composta já no latim dos elementos *an* e *halo* (gr. *áo*, respirar), elemento este que também entra em *inhalar* e que todos pronunciam bem: *i-na-lar*. A decomposição silábica dessas duas palavras deverá ser: *an-he-lar* e *in-ha-lar*, observando-se o mesmo com os seus cognatos.

Se o sistema ortográfico vigente eliminou o *h* de tais compostos, *Alambra* deveria ser a grafia coerente.

"Alambrado" - Esta e outras palavras como *terreiro*, *rústica* não pertencem ao nosso vocabulário; aparecem em regiões vizinhas de países de língua espanhola. Traduza-se "alambrado" por *aramado*, "terreiro" por *bezerra*, "rústica" por *brochura*: A fazenda é toda cercada de *aramado* — Nasceu mais um *bezerra* — O autor ganha a comissão de 10% no preço de capa, seja o livro cartonado seja em *brochura*.

Alão - (cão de fila) — Plural: *alões*, *alães*, *alões* (Gr. Met., § 216).

Alarma - Preferível a "alarme", ainda que se considere proveniente do italiano *alle arme*. As vogais finais têm em italiano procedimento diferente do que têm em português.

Alazão (cor de canela, dizendo-se de cavalo) — Plural: *alazões*, *alazães* (§ 216).

Albânia - Adjetivo pátrio: *albanês*, *albanense*. Quando primeiro elemento de adjetivo pátrio composto, assume a forma *albano*: *albano-eslavo*.

Albo lapillo notare diem - Locução latina que significa "marcar o dia com uma pedra branca", ou seja, considerar feliz certo dia; entre os romanos o branco era sinal de felicidade e o preto era o signo da desgraça.

Álbum - V. *microns*. V. *memorandum*.

Alcáçar - A melhor forma, por mais correspondente ao árabe — *al-kasr* — é *Alcáçar*, com acento paroxitono. Não há vogal, no étimo árabe, na última sílaba; essa a razão da divergência de formas; quem, porém, adotar *Alcáçar*, com *a*, seguirá com mais segurança a pronúncia árabe da palavra.

Com *e* na sílaba final, a palavra constituirá uma forma divergente, mas, além de não ser a mais usada, afasta-se tanto do árabe quanto, ainda, do espanhol, onde a preferência é dada à primeira.

Idêntica orientação devem seguir os compostos *Alcáçar-Quebir* — etimologicamente o *palácio grande* — e *Alcáçar-*

Seguir, o *palácio pequeno*.

A forma *Alcácer*, com acento na última sílaba, só pode explicar-se por descuido ou inadvertência de quem assim faz. Existe esta palavra, assim acentuada, mas provém, por dissimilação, de *alcacel* (do árabe *al-kasil*), e seu significado é outro: terreno em que se semeia aveia, cevada, centeio ou outra forragem para o gado.

Quanto à palavra *Alcáçova*, provém do espanhol, que a tomou do árabe *al-kasbe* mediante anapixe de um *o* entre as consoantes *s* e *b*, fenômeno freqüente como ainda acima vimos (kaç-a-r), nos derivados árabes. Conquanto usada com a mesma significação de *Alcáçar*, palácio real, habitação principesca, e tenha com esta semelhança de forma, seu étimo é diferente.

Alcândora, alcandora - São palavras distintas; a primeira, proparoxitona, que também existe na forma masculina *alcânder*, designa o poleiro de falcão, de papagaio (donde *alcandorar-se* = pousar em alcândora; colocar-se alto); a segunda — que se pronuncia *alcandóra* — indica uma peça do vestuário mourisco, branca, semelhante à camisa.

Alcaçarquebir, Alcaçarseguir - V. *Alcáçar*.

Alcaçava, Alcacer, Alcaçova - V. *Alcáçar*.

Alcaide - Feminino: *alcaidessa* ou *alcaidina*.

Álcali - V. *álcool*.

Álcool - Graficamente, a palavra encontra-se já arraigada na sua forma etimológica *álcool*. É preciso não esquecer que dela há diversos compostos, nos quais sempre entram os dois *oo*: *alcoômetro*, *alcoólico*. É, pois, razoável a conservação dos dois *oo*. Mantém, assim, a palavra um cunho estrangeiro, mas não constituirá isso nenhum esporadismo na nossa língua.

Quanto à pronúncia, não há dúvida de que, etimologicamente, conviria a acentuação oxitona, *alcoól*, ou ainda, como observa Cândido de Figueiredo no seu dicionário, a paroxitona, *alcoól*: "Vá hoje — continua o mesmo autor — alguém proclamar que a pronúncia exata é *alcoól* e não *álcool*. Arrisca-se a correrem-no à pedra... ou às chufas".

Embora seja irregular esta deslocação de acento na flexão numérica, generalizou-se e justifica-se o plural *alcoóis*, à semelhança de *lençóis*, *anzóis* etc.

Uma vez defendida pelos intransigentes a não usada forma singular *alcoól*, por que vedar-lhe o usado plural *alcoóis*? A palavra será, assim, no singular *álcool*, e, no plural, *alcoóis*.

Note-se que o nosso acento tônico no artigo de palavra de origem árabe encontra-se em outros exemplos: *álcali*, *álgebra*.

Alcoólatra - O que regula o acento de um vocábulo é a quantidade da penúltima sílaba; é pena ver às soltas regras de prosódia que ou pretendem libertar-se do latim ou dele demonstram ignorância. Dada a quantidade da sílaba *la*, *alcoólatra*, proparoxitono, é como se deverá dizer, bem como *idólatra*, *ególatra* e outros compostos.

Alcorão - Tem dois plurais: *alcorões*, *alcorões* (Gr. Met. § 216).

A forma *corão* deixou de ser usada; o artigo árabe faz parte dessa e de muitas outras palavras nossas de igual proveniência; considera-se como parte integrante da voz que compõe, prefixa algum nome substantivo ou adjetivo e serve para todos os gêneros, números e casos. Tão largo é o seu emprego que, esquecidos do seu significado, ajuntamos outro novo artigo: "a" almofada, "o" almoceve, "as" alvissaras, "o" alcorão, nome este que os maometanos dão ao livro da sua Lei (derivado do verbo *cará*, ler, coligir escritos), assim chamado por se terem ajuntado os diversos capítulos que nele se contém — os quais estiveram dispersos por muito tempo — e pela freqüente leitura que dele fazem.

Aldão - Plural: *aldeões*, *aldeães*, *aldeões* (Gr. Met. § 216).

Álea jacta est - Locução latina que significa "o dado está jogado", ou seja, a sorte está lançada. Palavras de César ao resolver atravessar o Rubicão contra as leis da pátria. Emprega-se a expressão no momento de tomar uma decisão importante.

Alegre - V. *cervo*.

Aleijar - Uma classe de verbos há que dificilmente aparecem conjugados corretamente; são os que possuem o ditongo *ei* na penúltima sílaba. *Aleijar, peneirar, abeirar-se, inteirar, enfeixar* são verbos que deturpadamente ouvimos pronunciados e pessimamente escritos: "alêjo", "penêro", ele se "abêra", eu "intêro", ele "enfêxa", quando a verdadeira pronúncia e grafia devem ser: *alêjo, penêro, eu me abêro, eu intêro, eu enfeixo*.

• Não nos devemos deixar contaminar pela pronúncia vulgar e viciosa.

Alcive - Usada como substantivo, tem a palavra o mesmo sentido de *alveiosia*, ou seja, significa calúnia, injúria, falso testemunho; dada a origem, pode ser usada também como adjetivo: "pessoa *alcive*", pérfida, traidora.

Além - Elemento que sempre exige hífen antes do segundo componente: *além-mar, além-túmulo*.

Alemanha - *Adjetivos pátrios*: alemão, germânico, tedesco, tudesco, alemânico. Quando primeiro elemento de adjetivo pátrio composto, assume a forma *germano*: *germano-italico*.

Alemão - *Plural*: alemães.

Alentejão - *Feminino*: alentejana.

Alerião - *V. Decamerão*.

Alerta - Como advérbio, significa *atentamente*. Emprega-se também como adjetivo (=vigilante, atento): "Eles estavam *alertas*" — "Os editores, sempre *alertas* diante de séries duvidosas..."

Alertar — É verbo que aparece construído com objeto direto de pessoa e indireto de coisa (*para, sobre, quanto a*): O general *alertou* a tropa *para* o ataque (dar alerta) — *Alertou* o filho *sobre* o comportamento sexual (chamar a atenção, avisar) — O jornal *alertou* os leitores *quanto à* venda de ingressos falsos (despertar a atenção, avisar):

• Com o sentido de alvortar, assustar, chamar a atenção para um perigo, para um escândalo etc., pode vir com objeto direto, quer constituído de pessoa quer de coisa: A notícia sobre discos voadores *alertou* a população — o discurso *alertou* a opinião do presidente.

• Pode aparecer sem complemento nenhum, intransitivamente, com o significado de "pôr-se alerta": *Alertam* ao retinir das charamelas — caso em que se pode usar também pronominalmente: *Alertam-se* ao retinir...

Alevantar - *V. enradicar*.

Alexandria - *V. Antioquia*.

Alfa privativo - *V. agnesia*.

Algarve - *Adjetivos pátrios*: *algarvio, algarviense*.

"Alger" - O certo é *Argel*.

"Argéria" - Forma errada; a palavra é *Argélia*, donde *argelino*. *V. Magalhães*.

Algo - É forma pronominal neutra de *algum*; significa *alguma coisa*: "Algo lhe aconteceu". Admite ainda estas duas construções: algo estranho aconteceu, algo de estranho aconteceu.

• Pode funcionar como advérbio em frases como estas: Ele está *algo* doente (=algum tanto doente) — Foi esse um gesto algo desairoso (=um pouco desairoso).

• A palavra *fidalgo* deriva de *filho d'algo*, isto é, "filho de alguma coisa", em oposição aos filhos de nada, aos filhos das ervas, o povo: "Todas as donzelas *filhas d'algo* se levavam à corte da rainha".

Algoz - No singular e no plural com *o* fechado.

Algun - Pode-se, com toda a segurança, empregar *algun* com o sentido de *nenhum*, quando *algun* vier posposto a substantivo em orações negativas: *Não vi coisa alguma*.

• Vasco Botelho de Amaral, em seu "Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa", é incisivo: "Posposto ao substantivo com valor negativo, encontra-se em Vieira, Bernardes, Camões etc. E — acrescenta esse autor — hoje pode admitir-se também quando precede o verbo e ocorre a supressão do advérbio negativo, ficando o sentido concentrado no indefinido: *Em caso algum consentirei* (=Em nenhum caso consentirei).

• Camilo dá-nos este exemplo: "Em tal cabeça nunca tinha

entrado coisa alguma".

Aulete não duvida em dizer: "Antepondo-se-lhe partícula negativa, significa "nenhum" e coloca-se depois do substantivo: Não lhe aconteceu mal algum".

Há de Bernardes este exemplo em que esse brilhante autor seicentista brinca com as duas palavras: "Em nenhuma flor podem os maiores sábios do mundo emendar coisa alguma" (Nenhuma flor = flor alguma; coisa alguma=nenhuma coisa). *V. qualquer*.

Alguns - É cognato de *algum*; significa "em algum lugar", "em alguma parte": "Você o encontrará *alguns*". *Alguns* contrapõe-se a *nenhures*, que significa "em nenhum lugar", havendo ainda outro advérbio de terminação semelhante, *alhures* (que se prende ao francês *ailleurs*, do latim *aliosum*), que significa "em outro lugar": "*Alhures* você terá saúde e conforto". *V. em-9*.

"Alhambra" - *V. Alambra*.

Alheíssimo - *V. feíssimo*.

Alho - Coletivo, quando presos pelas hastes entrelaçadas: *restia, enfiada, cambada*.

Alhures - *V. alguns*.

Ali - *V. vi ai*.

Aliás - Como advérbio, significa *de mais a mais, por outro lado, ou por outra*: "Pedido a que, *aliás*, não pude deixar de atender" — "Em fevereiro, *aliás*, em janeiro, fui ao Rio". — Como conjunção, significa *de outro modo*: "Estuda, *aliás* não passarás nos exames".

Alibi - É advérbio latino, que significa *em outro lugar*; emprega-se em linguagem judicial para alegar que o réu, no momento do crime, não se encontrava no local do crime; é palavra proparoxítota, isto é, tem o acento no *a* inicial: *alibi*. *Alibi* é pronúncia francesa, inadmissível em português.

• De maneira engraçada diz o vocabulário oficial ser *alibi* latim — e nenhum acento põe — e ser *grátis* adaptação do latim, e coloca acento agudo na sílaba inicial. Das duas uma: ou faz o mesmo com *alibi*, acentuando e dizendo ser adaptação, ou diz ser *gratis* latim, sem mais enfeite.

Alinea - Do latim *a linea*, significa "distanciado da linha", isto é, fora da margem em que começam as linhas do texto. A palavra *parágrafo*, empregada no sentido lato de "linha nova", serve-lhe de sinónimo.

All right (ól ráit) - Locução inglesa que significa "tudo direito", "tudo em ordem".

Allah - *V. oxalá*.

Alma mater (ou *alma parens*) - Locução latina que significa "mãe nutriente"; empregavam-na os romanos para designar alguma deusa, como Cibele, Ceres e outras, donde a sua aplicação internacional para indicar pátria, universidade, colégio, escola.

Almazém - *V. aluguel*.

Almeiria - *V. Etiópia*.

Almocadem - Esta palavra, cujo étimo árabe significa "capitão" e é empregada para designar "patrão de navio", "capitão de infantaria da milícia antiga", deve rimar com *almuadem* (que indica o mouro que chama o povo à oração do alto da almádena), pois ambas as palavras têm na origem árabe a mesma tonicidade.

Alô - Transliteração já consagrada do inglês *hallo*, empregada como interjeição de apelo. Andam agora a empregar a palavra com a significação de telefonema, ligação telefónica: "Dê-me um *alô* amanhã".

"Alocação" - O inglês tem "allocate", como tem "allocation" e "allocator", mas não vemos necessidade de pedir essas formas de empréstimo; temos de sobra outras que a elas correspondem de acordo com o caso: *aquelehar, repartir, partilhar, distribuir, localizar, fixar, demarcar, ratear*, de onde os nomes *distribuição, partilha, divisão proporcional, localização, designação, demarcação, distribuidor, rateio*.

• O emprego de *alocação por empenho* é que mais vem causando transtorno. Consulte-se o Português-Inglês do Novo Michaelis e veja-se a significação nº 10 de *empenho*: allocation of funds for budget items.

Ai está a nossa tradicional palavra, que sempre apareceu em "notas de empenho"; por ignorância mais do que por desprezo do vernáculo cremos estar o barbarismo a aparecer em lugar de *empenho*. Redijamos com um pouco mais de pejo: "As despesas correrão por conta da verba "Realização de Obras" até o valor de... cruzeiros, *empenhados* pela nota de empenho nº ... (não há graça em "locado pela nota de alocação)". V. *locar*, *ablocar*.

Alóctone - V. *autóctone*.

Aloes - Bascia-se em Laudelino Freire esta observação: Alguns filólogos principalmente lusitanos, preferem a prosódia *aloés*, que julgam ser a antiga e boa pronúncia portuguesa. A forma *aloés*, porém, apenas encontra justificativa no francês *aloès*. Provido o termo do latim *aloe*, *es*, a única pronúncia exata que se lhe pode atribuir é a proparoxítona *aloés*, como em espanhol. A desinência *s* do vocábulo não indica forma de plural empregado como singular, mas apenas a terminação do *s* do genitivo latino de palavras em *e* oriundas do grego (V. Gramática Latina, § 228). Na trasladação do latim *lignum aloes*, os antigos escritores consideraram esse genitivo como apostro e traduziram a frase em *lenho aloes*, em vez de *lenho de aloes*, mas existe a forma paralela *aloe* para indicar a muito amargosa planta indiana.

Alopatia - V. *homopatia*.

Alpargata, Alparcata, Alpercata - Gonçalves Viana consigna as três formas; o próprio derivado "alpercateiro" vem acompanhado das variantes *alparcateiro* e *alpargateiro*. Nascentes traz essas variantes; discorre sobre o assunto, sem conclusão convincente, na palavra *alpercata*. Ante a dubiedade, melhor será adotar a forma já de uso maior, ao que parece *alpargata*.

Alperce, Alperche - Formas paralelas para designar o grande e cheiroso damasco. O italiano e o espanhol possuem formas idênticas. E assim *alperceiro* e *alpercheiro*.

Alsácia - Adjetivo pátrio: *alsaciano*. Quando primeiro elemento de adjetivo pátrio composto, assume a forma *alsácio*: *alsácio-lorenense*.

Alter - Na locução latina "alter ego" a palavra é paroxítona, mas é outra palavra, oxítona (*altér*), quando designa certa raça de cavalos portugueses.

Alter ego - Locução latina que significa "outro eu"; emprega-se para indicar "pessoa que merece toda a confiança": "Receba-o sem nenhuma desconfiança: é *alter ego*" (= como se fosse eu mesmo).

Alternativa - Já que *alter* no latim significa *outro* falando-se de dois, *alternativa* em sentido restrito menciona duas coisas ou duas pessoas; em sentido lato, porém, pode haver várias *alternativas*, uma em relação a outra. O dicionário registra: *alternativa*, sucessão de duas coisas que são mutuamente exclusivas; opção entre duas idéias. Nada, porém, impede que haja várias idéias encadeadas, constituindo cada uma uma *alternativa*, e a escolha ou opção recaia sobre uma delas. Daí serem corretas expressões como "Uma das três alternativas terá de ser apresentada pelo Governo Federal ao Congresso" — "Minha preferência decidida é pela quarta e última dessas alternativas".

Assim como *alternar* significa "fazer suceder repetida e regularmente duas ou mais coisas ou pessoas" (Aulete), a *alternativa* pode ocorrer com duas ou mais coisas ou pessoas, com tal que sucedam umas após outras, alternadamente: "Alternando orações, disciplinas, gemidos, despendia muitas horas".

Juridicamente, *alternativa* significa "opção, escolha entre duas modalidades de prestação de dívida".

Incapaz de indagações, o novidadeiro passa a usar às canhas palavras que em nenhum lugar antes viu nem em tempo algum pesquisou em dicionários. *Alternativa* é uma delas: "O revigoramento do sistema financeiro e do mercado de capitais nacionais constituiu a única *alternativa* para a construção de uma sociedade realmente aberta". O elemento *alter* que inicia a palavra supõe a existência de pelo menos mais outra idéia, de mais outra coisa. *Procedimento*,

saída, *ato*, *ação*, *sortida*, *recurso* e outras são as palavras para a afirmação do jornalista. Se não há — como ele está a afirmar — outra possibilidade, como falar em alternativa?

Alti (e compostos) — V. *alto-falante*.

Alto - Superlativo sintético: *sumo*, *supérmino*, *supremo*, *altíssimo*.

Alto-falante - Se a princípio escreviam *alti-falante*, com mais acerto fazem hoje *alto-falante*. *Alti*, com *i* final, deve-se usar em compostos que guardam a fisionomia latina: *altiloqüente*, *alticórnigero*, *altiplano*, *altíssimo*.

Em *alto-falante* não se trata de elemento latino, mas de vocábulo nosso, que de outro se acresce, como em *altominhoto*, *alto-beirão*, *alto-navarro* etc.

O plural é *alto-falantes*, à semelhança de *alto-freqüentes*, pois *alto* é aí advérbio. Diz-se *altos-formos*, *altos-relevos* porque *alto* é agora adjetivo.

Alude - Emprega-se por *avalancha* (do francês *avalanche*), que significa "massa de neve, que rola do cume das altas montanhas, engrossa pelo caminho e derruba quanto encontra". *Avalancha* é condenado como galicismo, mas é difícil atinar com a razão deste procedimento: do francês não nos é dado receber a palavra, mas é-nos dado fazê-lo do castelhano (tal é a origem de *alude*). Que dizer, então, de palavras provenientes do árabe, do russo, do alemão, do inglês e de outras línguas que nenhum ponto de contato têm com a nossa?

O que deve haver é o necessário cuidado de acomodação do novo termo às devidas conformações do idioma em que passa a tomar parte. Isso fazem todas as línguas e nós igualmente devemos e precisamos fazê-lo. Assim é que do vernáculo *feítico* fizeram os franceses *feiche*, enquadrando a palavra nos moldes da prosódia e característica do francês.

Uma vez cumprida essa exigência e comprovada a necessidade da palavra na língua, nada há que se oponha à sua aceitação e manuseio corrente.

Esse amoldamento ao nosso idioma é o que é preciso fazer com relação ao étimo *avalancha*. A terminação *e* das palavras francesas de gênero feminino passa em português para *a*: *bobine*, *bobina*; *cabine*, *cabina*; *fiche*, *ficha*; *horde*, *horda*; *champagne*, *champanha*.

Semelhançamente, as terminadas em *e* em francês, mas de gênero masculino, mudam a desinência em *o*: *carbone*, *carbano*; *azole*, *azolo*. Essa a razão por que, a par de outros argumentos, é mais português dizer "o controle", pois provém de palavra francesa terminada em *e* e de gênero masculino.

Seguindo essa orientação, só nos restaria fazer *avalancha*, flexionando em *a* a palavra que em francês é feminina. Nada há, depois de cumprida esta pequena mas importante exigência, que nos impeça manusear o termo. Que se use *alude*, mas que se não despreze *avalancha*, com *a* final.

Aluguel - V. *palavras bifrontes*.

Aluguel - Tanta é a influência do lambdacismo que em certas palavras a permuta do *r* pelo *l* se arraigou: *aluguel*, cujo plural é *aluguéis*, constitui exemplo; a forma *aluguer*, etimologicamente explicável, cedeu-lhe lugar no Brasil; em Portugal usa-se a forma *aluguer*, com *r* final, e seu plural é *alugueres*.

Para justificar o lambdacismo, existe o fenômeno contrário, o rotacismo, pelo qual o *l* é viciosamente mudado para *r*, erro encontrado em várias regiões do nosso Estado: *Miguér*, *papér*, *Jamur* são pronúncias características de certas localidades, em vez de *Miguel*, *papel*, *Jamil*.

Também no rotacismo há formas em que a permuta se consolidou; haja vista a palavra *armazém*, derivado árabe, que etimologicamente se deveria grafar *almazém*. O adjetivo *brando* constitui outro exemplo de rotacismo consagrado; é seu étimo o laum *blandum*, forma esta que vemos em *blândicia*, *blândiflúo*, *blândiloquo*.

Em outros vocábulos a verdadeira forma ainda não se fixou. Assim é que ora vemos *flauta* (esta é a melhor forma), ora *frauta*; uma vez *flecha* (forma preferida), outra *frecha*.

A conclusão deve ser esta: Uma vez que o vício contrário, o rotacismo, é fato universalmente aceito para certas pala-

vas, nada há que nos obrigue a refutar o lambdacismo generalizado da palavra que estamos examinando; digamos, sem nenhum temor, *aluguel*, que estaremos com o uso da maioria e com o bom senso de todos.

Alumiar, Alumio - Defendemos a regularidade de todos os verbos em *iar* como freio de fatal descalbro de conjugação dos verbos dessa terminação. A aceitar "agenceio", "remedeio", "sentencieio", "penitencieio-me", tão só porque existe *odio*, preferimos conjugar *odio*, o que não é novidade, para não cair logo a seguir em "incendeio", "comerceio", formas que denotam ou falta de escola ou relaxamento. Creemos ser mais acertado reprimir um erro do que regredir para formas já corrigidas hoje, como *alumio*, que antigamente se conjugava *alumeio*: "O ignorante e a candeia a si *queima* e a outros *alumeia*". (O erro, hoje, de concordância está de acordo com o de conjugação).

A coerência é mais fácil a quem diz "ele odia", "ele premia", "ele ansia" do que a quem faz "odeia", "premeia", "anseia"; os que preferem a terminação *eia* não podem estranhar a conjugação "remedeia", "basofeia", "obsequeia", "alumeia", "penitencia-se".

A tendência para a regularização desses verbos — não é demais repetir — não constitui novidade. V. *sentenciar*.

Alunar, Alunagem - São as formas portuguesas, e não "alunissar", "alunissagem", nem "alunisar", "alunisagem", barbarismos e cacografias.

Habitue-mo-nos às formas corretas antes que cheguemos a Marte, a Júpiter e a outros distantes deste planeta.

Alvadio - V. *estádio*; V. *molorneio*.

Álvares - Com *s* final. Diversos sobrenomes terminados em *es* designavam, antigamente, filiação; *Rodrigues* (filho de Rodrigo), *Lopes* (filho de Lopo ou Lobo), *Nunes* (filho de Nuno), *Álvares* (filho de Álvaro), *Mendes* (filho de Mem ou Mendo), *Sanches* (filho de Sancho). Tais patronímicos se denominam *patronímicos*.

Outros idiomas há que também possuem sufixo para indicar filiação; haja vista o russo, com as terminações *vitch*, para indicar *filho*, e *vna*, para designar *filha*: *Ivanovitch* (filho de Ivã), *Ivanovna* (filha de Ivã).

Alvedrio - É forma que por derivação popular nos chegou do latim *arbitrium* (*alvidrio*, com *i* na segunda sílaba, é forma antiquada).

Se *arbitrio* tem várias acepções, *alvedrio* tem a resrita significação de "vontade sem constrangimento externo", e essa é também uma das significações de *arbitrio*: E quanto a se batizar, isso fica no *alvedrio* de cada um — O homem nasceu livre, e foi-lhe dado para arma defensiva e ofensiva o livre *alvedrio*.

Alveja - V. *moureja*.

Alvitre - Além do *l* originário, outras letras deram *l* em português, entre as quais o *r*: *aRbitrium*, *aLvitre*.

Alvo de - V. *presa*.

Amálgama - Originária do grego, é masculina a palavra *amalgama* (= liga de mercúrio com qualquer outro metal). Em sentido figurado, indica mistura ou conjunto de pessoas ou coisas de diversa natureza: "Este homem é um amálgama de virtudes e vícios".

Amamentação materna - Dentre as várias designações apontadas por um revisor, parece-nos "amamentação materna" ser a mais apropriada para evidenciar que o aleitamento é proporcionado pessoal e diretamente pela mãe, ou seja, a criança é alimentada aos peitos maternos.

As expressões "aleitamento ao seio", "amamentação ao seio" implicitamente indicam não ser o ato praticado por mamadeira, mas não especificam de quem é o leite, se da mãe, se de outra mulher. *Amamentação*, por outro lado, não traz clareza, e não se diga que "amamentar ao seio" encerra pleonasmos, pois *amamentar* já perdeu o sentido etimológico, e se emprega por *aleitar* e até por "dar calor", "agasalhar" (Domingos Vieira). A não ser que o contexto dispense especificação, a palavra *amamentação* necessita de um adjunto que traga a especificação desejada.

Se a expressão "aleitamento materno" é clara quanto ao leite, não o é quanto ao processo. Se diversos são os processos de aleitamento, diversas são as expressões que o indicam (aleitamento *natural*, aleitamento *artificial*, aleitamento ao seio, aleitamento *por mamadeira*), mas não nos parece possível exigir que, solta, a palavra "amamentação" seja bastante para indicar o aleitamento ao seio materno, ou admitir que quem aleita amamenta; *aleitamento* tem sentido genérico, e *amamentação* exige o adjunto "*materna*" quando — repetimos — não é suficiente para a discriminação.

Amamos - Não devemos seguir a infundada diferenciação prosódica lusitana entre a primeira pessoa do plural do indicativo presente e igual pessoa do pretérito perfeito. Dizer que no primeiro caso devemos pronunciar "amâmos" e no segundo "amámos", com o *a* tônico aberto, é querer inventar uma regra infundada, tola e inútil. As regras devem ser coerentes e gerais, o que de maneira nenhuma se dá nesse caso. A invenção deveria estender-se aos verbos da segunda conjugação: "vendêmos" para o indicativo presente, "vendêmos" para o pretérito perfeito. E como se arranjarão os fatores dessa esdrúxula inovação para a distinção de tais formas verbais na terceira conjugação, onde o acento cai no *i*: *partimos* (indicativo presente) e *partimos* (pretérito perfeito)? V. *Já falamos*.

Amapá (território brasileiro) - Sigla oficial: AP, sem nenhum ponto.

Amarar, amaragem - São as formas portuguesas, e não "amerissar", "amerissagem", nem "amerisar", "amerisagem". V. *aterrar, aterragem*.

Amarelo-escuro - V. *adjetivo composto designativo de cor*.

Amargo - Superlativos sintéticos: *amaríssimo, amarguíssimo* (Gr. Met. § 274).

Amarugem - V. *lambugem*.

Amável - Superlativo sintético: *amabilíssimo*.

Amazonas (estado brasileiro) - Sigla oficial: AM, sem nenhum ponto.

Ambi... - Elemento que se junta ao segundo componente sem hífen: *ambidestro, ambiente*.

Ambiente - É, antes de mais nada, adjetivo, proveniente da forma participial presente latina *ambiens, entis*, do verbo *ambio* (andar ao redor); significa, em latim e em português, "que rodeia", "que anda ao redor", "que cerca".

Substantivamente é em português usada a palavra para indicar "o ar que nos cerca", "o meio em que estamos", mas — repetimos — é em primeiro lugar, em ambas as línguas, usada como adjetivo (a substantivação é fato posterior): meio *ambiente*, ar *ambiente*.

É procedimento enganoso usar *ambiental* em vez de *ambiente*; não existe essa forma, nem dela precisamos: "as condições ambientais", "a poluição ambiente" é que devemos dizer, como dizemos "água corrente", e não "água correnteal", não obstante termos *corrente* também como substantivo.

Ambos - Em grego, em latim e em português a palavra *ambos* tem significação dual, isto é, com uma só forma significa *dois*, um e outro.

Notemos que as próprias construções "ambos os dois", "ambos de dois", "ambos e dois", conquanto tivessem sido usadas pelos antigos, não passam hoje de expressões vulgares que devem ser evitadas. A palavra, por si, etimologicamente, já significa *dois*, e deste significado não podemos apartar-nos.

Será acertado afirmar que "crianças de ambos os sexos" significa "crianças que têm os dois sexos ao mesmo tempo"? Por outras palavras: é exigida a união para o emprego de *ambos*? A união pode apresentar-se, mas não é requerida, pois *ambos* não significa intrinsecamente "dois juntos". Que se apresentem as idéias unidas na mente, muito bem; que se apresentem as coisas objetiva e necessariamente unidas num só corpo, não é verdadeiro. *Dois* tem sentido *dual*, ou seja, de dois, não de conjunção, de coordenação, de contemporaneidade. A origem da errônea, ou melhor, da lucubração, está no fato de só existirem dois sexos, mas na-

da deve isso influir no emprego de *ambos*. Dada a não existência do gênero neutro em português, quando dizemos "palavras de ambos os gêneros" não queremos dizer "palavras que têm os dois gêneros". Ademais, para o caso de coexistência de *ambos* os sexos num só corpo existe palavra apropriada: *androgínia*, cujo adjetivo é *androgíno*, e o androginismo opera-se assim em animais como em vegetais.

Outro motivo da dúvida está na diferença de sentido que traz a presença do artigo antes de *dois*, distinção impossível com *ambos*, que nunca é precedido de artigo; uma é dizer "gatos de duas cores", outra "gatos das duas cores"; na primeira expressão há ideia de junção, não na segunda. E com *ambos*? É impossível tal distinção; *ambos* significa *dois*, pura e simplesmente; a junção, o contexto é que vai indicar: "Ele foi na vida representante de ambas as câmaras" — "Ele é presidente de ambas as lojas".

"Os professores de ambas as cadeiras" não significa professores que saibam lecionar necessariamente as suas disciplinas, mas professores de qualquer das duas cadeiras; e assim: "países de ambos os regimes", "deputados de ambas as casas".

Tentemos mais um exemplo: Quando alguém diz "Sentei-me em ambas as cadeiras" quer necessariamente dizer que se sentou em duas cadeiras ao mesmo tempo?

Atente-se para este exemplo de Virgílio, onde *ambos* tem a nítida significação de *dois*: *Partes se via findit in ambas* (o caminho divide-se em dois).

Não se diga "ambos os quais". O certo é: "... João e Antônio, e ambos estão aptos para o cargo".

Ambrósia - No verbete *Etiópia* encontra-se explanado o que em português se passa com a traçoira terminação *ia*. Dá-se com *ambrósia* o mesmo que com *estratégia*, *autópsia*, *rapsódia*, *Mesopotâmia* e com outros substantivos que, paroxítonos em grego, passam a proparoxítonos em latim e, pois, também em português.

Quer empregada como nome próprio, quer como nome comum, a palavra — diz-nos o inigualável filólogo Gonçalves Viana nas "Palestras Filológicas" — é proparoxítona, *ambrósia*, acentuação corretamente seguida pelo vocabulário ortográfico oficial de Portugal (1940).

A edição brasileira do *Caldas Aulete* deturpou — nesse e em outros passos — o que se encontrava na segunda edição portuguesa e confirmado na terceira: "Os melhores lexicólogos mandam pronunciar *ambrósia*, dando como errônea a pronúncia *ambrosia*".

Essa é a prosódia da palavra desde Camões; não havia então sinais diacríticos como hoje, mas a métrica obrigava a ler *ambrósia* (Os Lusíadas, X, 4):

Os vinhos odoríferos, que acima

Estão não só do Itálico Falerno,

Mas da ambrosia que Jove tanto estima

Com todo o ajuntamento sempiterno.

Otoniel Mota, em edição comentada d'Os Lusíadas, é claro: "Camões acentua *ambrósia*, pronúncia correta, de acordo com o latim".

Amem - É a forma latina, paroxítona, usada ao lado da portuguesa e popular *amém*, oxítona. É advérbio de origem hebraica, correspondente em português a "assim seja". É empregado também substantivamente, em ambas as formas, para significar aprovação, assentimento: "Não quero saber dos seus amens" — "Ele diz *amém* a tudo".

Amercear-se - O verbo, derivado de *mercé*, é *amercear-se*, e não *amerciar-se*; consequentemente, conjuga-se como *passar*, isto é, intercala-se, entre o *e* do radical e a desinência pessoal, um *i* eufônico nas formas em que o acento cai no *e* do radical: "Senhor Cristo, *amerceia*-te de nós" — "Que Deus se *amerceie* de nós".

América - Quando primeiro elemento de adjetivo pátrio composto, assume a forma *americano* ou *américo*: *americano-inglês*, *américo-asiático*.

Lembramos os que não são afeitos a assuntos de história

de que é descabido o emprego da forma *norte-americano* para fatos, coisas, pessoas dos Estados Unidos da América. Cidadãos, coisas e fatos dos Estados Unidos da América denominam-se pura e simplesmente *americanos* por serem dos "United States of America": "American Government", "American Army", "American Treasury"...

Não vale o argumento de que gera confusão o emprego de apenas "americano"; o nome do país é o acima citado, e não "Estados Unidos da América do Norte", que muitos creem ser.

O México e o Canadá são também norte-americanos. "North American Poems" é título de obra que contém produção de autores canadenses, mexicanos e americanos. O título da obra está aí correto, corretíssimo.

Documentos oficiais nossos fogem da dificuldade com o emprego de *estadunidense*, mas a ignorância não deve constituir obstáculo para a introdução da verdade.

Ameríndio - V. *índio*.

"Amerissar" - V. *amarar*.

Amesterdão - Aportuguesamento aconselhável — já consignado no vocabulário oficial de Portugal — do nome da capital da Holanda.

Amicus Plato, sed magis amica veritas - Locução latina que significa: Platão é amigo; mais amiga, porém, é a verdade.

Amido - Constitui a palavra *amido* um dos muito raros exemplos de permuta de *l* latino em *d* (Outros exemplos temos em *escada*, *scalam*; *deixar*, de *laxare*). É seu étimo o latim *amyllum* (com *y* e acento proparoxítono), em português grafado com *i* e pronunciado paroxítonamente: *amido*.

Como em tais casos só acontecer, os derivados eruditos seguem a forma etimológica: *amílico*, *amiloforme*, *amilóide*, *amilase* (com acento no *i*: *amilase*).

Amigo - Coletivo, quando em assembléia: *tertúlia*. Aumentativo: *amigaço*, *amigalhaço*, *amigão*. Superlativo sintético: *amicíssimo*.

Amigo somos - "Os auxiliares de meu estabelecimento desejam, na correspondência, empregar a forma plural para os verbos; é admissível dizer *recebemos* em vez de *recebi*, *remetemos* em vez de *remeti*?"

Ainda que estabelecido com firma individual, poderá consentir que assim redijam seus auxiliares sua correspondência.

É comum essa construção; acaso não damos o *vós* a uma única pessoa, em lugar do *tu*? Pois o *nós* também se pode empregar em vez do *eu*; o verbo, consequentemente, terá sua flexão pluralizada.

Um cuidado deve haver no caso: Não deixe seus auxiliares, no final da carta, escrever *amigos*, *atentos* e *obrigados*, no plural; conquanto nesses casos no plural se empreguem os verbos, devem no singular ficar os predicativos; se, quando a uma única pessoa nos dirigimos, dizemos: "Vós sois *bom*", e não: "Vós sois *bons*", devemos também, quando o *nós* empregamos em vez do *eu*, dizer: "*Amigo atento e obrigado* somos", colocando no singular os predicativos de *nós*, silepticamente empregado por *eu*.

Amiúde, amiúdo - Ambas as formas estão consignadas em vocabulários e em dicionários; se antigamente se grafavam como locuções (*a miúde*, *a miúdo*), hoje aparecem numa só palavra! Onde te querem muito não vás *amiúde*.

Amizade - V. *amor a*.

Annão - V. *Decamerão*.

Amnésia - Se a palavra já nos veio formada — e assim a considera Bailly — o que importa ver é a quantidade da penúltima sílaba e não a tonicidade grega. Temos *estesia*, *paralísia* e outras, mas tais palavras foram formadas em português; nelas entrou o sufixo vernáculo *ia*, donde a acentuação paroxítona.

Amnésia, porém, está no grupo das palavras já provindas formadas do grego, onde o sufixo *ia* indicativo de ação é breve.

Rebello Gonçalves, que põe a uniformidade prosódica acima do princípio etimológico — o que acarreta verdadei-

ros desastres — dá, contraditoriamente, no vocabulário de 40, *dismnésia*, proparoxítono, e *amnésia*, paroxítono. Se o princípio etimológico não é fonte segura para os derivados gregos em *ia*, tampouco é seguro esse comportamento, diante do qual só nos resta continuar a pronunciar *amnésia*, tradicional e corretamente.

Amnésia (diminuição considerável ou perda total de memória) já nos veio formado do grego; esse o motivo por que é proparoxítono em português, embora outra seja a tonicidade grega; breve o "i" da terminação grega, breve deve ser também em português. O antônimo *anamnésia* (reminiscência, recordação; outros significados *tem* provenientes desse) conservará a tonicidade do vocábulo simples.

A terminação é que pode apresentar diferença; a exemplo de *tese*, *frase*, *dose*, *elipse* poderíamos ter tido *amnese*, *anamnese*, mas o já existir em grego o derivado *amnésia* faz-nos desistir dessa variante em "ese".

Amônia, amônio - Baste-nos advertir que são coisas distintas. Químicas e dicionários oferecem a diferença.

Amor, amores - V. *saudades*.

Amor a - Epifânio Dias na sua "Síntaxe Histórica Portuguesa" diz textualmente: "Escritores modernos menos cuidadosos da pureza da linguagem empregam *por* depois de substantivos e adjetivos que significam disposições de ânimo, em relação a um objeto (v. g. respeito *pela* vida alheia). É galicismo."

Essa é a opinião da flor dos gramáticos lusitanos e brasileiros.

Também condiz com esse juízo a sintaxe de Herculano na "História da Inquisição" (por exemplo, no vol. II, págs. 209, 239, 293, 302). Entretanto Rui, na famosa Réplica, mostra que os vocábulos preferência, predileção aparecem com a preposição *por*, e cita passos de Adolfo Coelho e outros. A esses exemplos, se desejasse incluir os termos *gratidão*, *respeito*, *tendência*, poderia o grande escritor ter acrescentado os de Herculano na obra citada (vol. I, págs. 207, 228, 251, 252; vol. II, págs. 226, 235, 352, 353; vol. III, págs. 175, 233, 262). Mas casos há, e talvez mais abundantes, em que as palavras que indicam inclinação para um objeto (*simpatia*, *anseio*, *amor*, *paixão*, *zelo*, *respeito*, *veneração*, *culto*, *amizade* etc.) figuram com a preposição *por*, e é esse o caso inquirido de francesia. Assim escreve Garret: "Compaixão *pelos* pobres homens" ("Viagens", cap. VI). Em Rebelo da Silva encontramos "Inclinação *pelos* docuras da vida, sobretudo *pelos* prazeres da mesa" (Hist. de Portugal, pág. 5, vol. I), "O seu zelo *pela* religião" (Idem, ibidem), "Zelos *pelos* progressos da agricultura" (Idem, vol. III, pág. 216), e em outros autores "Apaixonados *pela* arte do belo canto" (J. J. Nunes, Digressões, pag. 159), "Afeição *pelos* estudos lingüísticos (João Ribeiro, Prefácio aos Estudos da Língua Portuguesa), "O gosto *pelos* letras antigas" (Júlio Diniz). Nas "Cartas de Inglaterra" (edição de 1896) Rui Barbosa adota a mesma sintaxe: págs. 3, 209, 214, 223, 225, 228, 236, 237, 238) e o mesmo fazem ainda outros autores.

Poderíamos multiplicar exemplos como esses. Nosso intento é apenas mostrar que da feia pecha de galicpalras não escapam os maiores literatos antigos e modernos e isso invalida o esforço, nesse sentido, vão, dos puristas.

Amoral, amoralizante - V. *moral*.

...amos (terminação verbal) - V. *amos*. V. já *falamos*.

"Amostragem" - Temos sinal, demonstração, prova, aceno, prenúncio; por que dizer agora *amostragem*? O neologismo tem um mérito: evita o barbarismo "sampling" para indicar a *escolha da amostra*, ou seja, o processo específico de seleção de amostra — frequentemente baseado em cálculos estatísticos — mas não se presta, nem metaforicamente, para ser empregado pelas palavras que iniciaram o verbete.

Amoucado - Significa: um tanto mouco (surdo); não deve ser confundido com *amocado* (escondido).

Amouchar - Significa "retirar"; não se confunda com *amouçar*, estesourar (cortar com tesoura).

Ampelídea - V. *errônia*.

Ampet - Único aporuguesamento possível de *Ampère*, tirado do nome do físico francês, para indicar a unidade de intensidade da corrente elétrica. No singular e no plural é aberto o e tônico (*ampêr*, *ampêres*), como no substantivo *colher*.

Ampêrômetro - Forma acadêmica ao lado da corrente *ampêrmetro*, de uma palavra cujo primeiro elemento não é grego e o segundo teve sua origem grega obliterada (*Gr. Met.* § 633, nota).

"Ampersand" - Não temos em nosso idioma palavra que denomine o "e" comercial que ainda hoje se vê em nomes de firmas como "Salvador & Filhos". Chama-o o inglês *ampersand*, corruptela de *and per se and*, i. e., "e sozinho é *and*".

Aparece de três maneiras: ou a imitar o símbolo da clave de sol, ou a representá-lo obliquamente, ou a reproduzir um e caligráfico maiúsculo com um corte na extremidade inferior para corresponder ao *t* que termina a conjunção latina *et* (*ET*), donde proveio esse caráter tipográfico. Na falta de palavra para o caso, só nos cabe denominá-lo "e comercial".

Ampola - V. *empola*.

An... (A) - Partícula privativa. V. *anônimo*; V. *agenesia*.

Anacoluto - Do grego *an* (não) mais *acolouthon* (acompanhado), significa não conseqüente, não coerente; especifica a figura de regência em que um termo da oração vem solto, sozinho, sem nenhuma relação sintática com os outros termos; vem a ser, por outras palavras, a *interrupção ou mudança de construção*, já começada, por outra de nexo diferente. Em geral essa interrupção, não raras vezes elegantíssima, traduz mais fielmente o pensamento do que a coordenação lógica, por si mesma despida de sentimento:

Eu que cair não pude neste engano

(Que é grande dos amantes a cegueira)

Encheram-se com grandes abundancias

O peito de desejos e esperanças. — Camões.

Outros exemplos: "A terra em que tu morreres, nessa morrerei" — "Os três reis orientais, que vieram adorar o Filho de Deus recém-nascido em Belém, é tradição da Igreja que um era preto" — "Eu me parece que..." — "Eu por bem farão de mim tudo, e por mal, nada" — "Lá a mãezinha, essa, coitada, é que lhe custou muito eu vir-me embora" — "Eu que falo com olhos dos presentes, não me é necessário deter-me em tão sabido assunto".

São igualmente exemplos de anacoluto muitos provérbios em que as orações não mantêm entre si relação gramatical: "Quem se bem estréia, bom ano lhe venha" — "Quem te não roga, não lhe vás à voda" — "Bezerrinho que sói mamar, prui-lhe o paladar".

Anadia - V. *Etiópia*.

Anáfase - Por ser breve, o *a* do elemento *fase* não poderá ser acentuado quando constituir a penúltima sílaba de um composto; o correto é *anáfase*, *diplófase*, *haplófase*, *metáfase*, *prófase*, *telófase*.

Analisar - V. *economizar*.

Análise - A análise é fruto do estudo da gramática, e não fator de conhecimentos gramaticais. A análise é meio de averiguação da correção de um texto, e como tal é sinônimo de discernimento, de verificação, de comprovação, de aplicação do que seguramente se conhece. Corrigir um texto não quem "estudou análise" — empregando-se aqui a expressão na acepção costumeira, quase materializada — mas quem souber as regras de gramática. Quem sabe gramática sabe analisar, quem só estuda análise jamais saberá a contento gramática.

É por não saber analisar que um indivíduo coloca mal um obliquo, flexiona mal um verbo, pratica um barbarismo? Nada disso: é tão somente por desconhecer as leis do idioma pátrio.

Quando se diz que alguém não sabe analisar os termos essenciais da oração, deve-se entender que ele não sabe nada, absolutamente nada, de gramática, e não entender que não fez um estudo especial, particular, de uma parte inexistente da gramática.

Analisar é examinar, é ver para que serve uma coisa. O médico faz a análise do doente, o mecânico faz a análise do aparelho que monta ou conserta, todos fazem a análise do que constroem, do que plantam, do que estudam. Pois bem, ninguém pode estudar línguas, seja-ela qual for, sem analisar, isto é, sem conhecer a função de todas as partes que entram na oração. Quem aprende a falar uma língua como criança, que não sabe por que fala aquela língua e não outra, nunca irá saber escrever uma carta, nem mesmo um bilhete, se não aprender a função, isto é, o motivo de cada palavra, ou seja, o que cada palavra está fazendo na oração.

Se uma pessoa não consegue escrever a própria língua, nunca saberá escrever uma língua estrangeira, porque a análise, isto é, a função das palavras numa oração é a mesma em todas as línguas do mundo. O que é sujeito em português é sujeito em inglês, em árabe, em chinês, em qualquer outra língua, e a mesma coisa acontece com todas as partes da oração.

Análise sintática é a demonstração de que conhecemos o papel, a função das partes da oração, é a demonstração de que sabemos por que escrevemos de um modo e não de outro, é a demonstração de que sabemos por que escrevemos certo e por que outros escrevem errado.

Quem sabe gramática sabe analisar, e é o livro de leitura que vai prestar-se para isso comprovar, não deixando de lado o professor nenhuma passagem do autor que tenha relação com o já ensinado ou que sugira a mínima questão já aprendida num compêndio completo e uno.

Num compêndio completo e uno não... É mais fácil encontrar sólidos conhecimentos de gramática num estrangeiro de nível universitário do que num brasileiro de igual nível; aquele que sabe que a gramática é o caminho mais curto e eficiente, este foi ensinado por editoras e pelos seus agentes; aquele tem formação completa, este em prestações de livros seriados e apostilas rendilhadas que mal acompanham o estudante até o fim do ano letivo.

O que é necessário é evitar o exagero, o supérfluo, o inútil. A análise sintática de palavra por palavra das que concorrem numa oração ou num período só deve ser feita ou exigida quando realmente necessária a um objetivo didático geral; estar a ensinar em aulas ou a exigir em concursos ou em provas escolares a função sintática de todos os elementos de uma expressão serrada por todos e encontrada em qualquer bom escritor constitui exagero e inutilidade. Quando necessária ou para o ensino de casos gerais ou para confirmar uma discutida construção ou para esclarecer um erro e evitar a reincidência, é que a análise se impõe. Procedemos como o médico, que só examina o doente quando em curá-lo cuida.

Visitávamos em São Paulo um amigo, professor de direito, quando chega a sua casa uma segunda visita, moça estudante, do quarto ano da seção de letras (inglês, português e alemão) de importante faculdade da Capital. Após discorrência sobre umas tantas semelhanças morfológicas entre o inglês e o português, passamos a observar semelhanças também na parte sintática; agora ela se sentiu claudicante, mas não demonstrou nenhum acanhamento em confessar sua fraqueza no assunto tanto em inglês quanto no próprio português. Um esclarecimento todavia tentamos dela obter:

Diga-me por que o inglês constrói "He wants me to go" e o português "Ele manda-me ir". Por que não diz o inglês "He wants I to go" nem o português "Ele manda eu ir"? O silêncio foi interrompido pela chegada de mais três colegas do mesmo ano da mesma faculdade, às quais, após apresentação e cumprimentos, endereçamos a mesma pergunta. Novo silêncio, acompanhado de sorrisos e da confissão: "Isso nós não estamos estudando".

A que primeiro havia chegado foi sincera: "Professor, para dizer a verdade, quem nos está ensinando a função dos termos da oração, a subordinação das orações num período,

o que é nominativo, o que é acusativo, é o professor de alemão, língua que começamos a estudar agora.

Esse o vergonhoso ponto a que chegou o ensino no Brasil: alunos do quarto ano da seção especializada de letras de uma faculdade não sabem o que era ensinado nas primeiras séries do antigo ginásio, curso que não objetivava conhecimento especial nem de português, nem de latim, nem de inglês. Ex-alunos nossos estão prontos a testemunhar que nossas primeiras aulas de português na primeira série ginasial versavam sobre a complementação dos verbos. Como ensinar crase a um pirralho que não sabe o que é objeto indireto, o que é adjunto adverbial de lugar para onde?

O pior hoje não é a falta de programação oficial de ensino; é a relutância de muitos professores de português em ensinar gramática, a ponto de meninos ouvirem em classe esta nefanda confissão de niilismo: "O que interessa é a comunicação, o resto é gramatiquice", afirmação por nós ouvida também em programação cultural de rádio.

A gramática passou a ser objeto de escárnio, passou a ser resto. O dia em que o inglês for falado no Brasil, a gramática inglesa também passará a ser resto se de igual pensar forem os professores brasileiros que venham a ensinar inglês em faculdades como a de que tivemos conhecimento; resto será a gramática inglesa, exatamente como para eles é hoje resto a portuguesa.

Creemos ajustar-se aqui este final de carta que acompanhou a primeira lição de aluno de nosso curso de português por correspondência. "... recuperar o tempo perdido no ginásio e no curso secundário, onde nossa língua era dada por uma professora como 'matéria difícil', escusa que ela dava para justificar a própria incapacidade de ensinar".

Ananás - V. *anhembí*.

Anão - Plural: *anões, anães, anãos* (Gr. Met. § 216).

Anápolis - V. *Indianápolis*.

Anapítux - V. *Calvário*.

...ança, ...ância - V. *parecência*.

Ancara - Tem o acento tônico na sílaba *ca*.

Ancestral - Aulete, Vasco Botelho de Amaral e outros dizem ser evitável este anglicismo, embora confessem ter sido perpetrado por Camilo e outros escritores. Na verdade, sempre tivemos *avito* e *avoengo*, como, no plural, *antepassados, ascendentes, avós*.

Anchieta - A dificuldade na pronúncia desta palavra parte da diversidade de som do grupo consonantal *ch* entre o italiano e o espanhol; se naquele, esse grupo tem o som de *k*, neste tem o de *txe*; bastará, para a devida solução do caso, saber a proveniência da palavra; para tanto, sirvam-nos os utilíssimos dados do padre Luís Gonzaga Jaeger, numa carta endereçada a Mário Barreto, publicada na revista "O Eco" do colégio Anchieta, de Porto Alegre.

"... não recorro ter jamais ouvido de boca de legítimo português pronúncia diferente da que eu patrocino (*Anchieta*). Além disso achei há anos uma carta de um dos nossos cabos de guerra, publicada, fará uns oito anos, num dos primeiros volumes da "Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul", onde aparece a palavra Anchieta não com *k* mas com *x*. Ora bem, o autor que escreveu há cento e tantos anos, quer elaborasse o escrito do seu próprio punho, quer se utilizasse dum amanuense, não pode ter pronunciado *Anchieta*."

"Estes dois argumentos costumam corroborar com a etimologia e o exemplo vasconco, que pronuncia à castelhana *anxieta*, sabendo-se que essa palavra vem do singular vasco *Anchia* (*Anxia*), que dá no plural *Anchieta*, isto é, lugar de pântanos. O senhor se lembrará talvez da história pátria que o pai de José de Anchieta era natural da província vascongada de Guipúzcoa, ao norte da Espanha, onde se mostra ainda hoje em dia a casa solar dos Anchietas. Verdade é que isto pouco prova — por não podermos tirar argumentos concludentes para nós do que dizem outros povos."

"Muito papel e tinta já se tem gastado aqui no Sul acerca de uma ou outra versão. Ainda há bem pouco tempo um que

se dizia professor de português, para escudar a sua pronúncia (Ankieta) foi procurar a sua origem na Grécia!"

A esta carta Mário Barreto assim respondeu:

"...envio-lhe a minha resposta. Isto faço não porque tenha a pretensão de tirar dúvidas a um espírito culto como o do reverendo padre Jaeger, mas tão somente para lhe mostrar a minha gratidão e estima. Pelo que li em Cândido de Figueiredo sobre *Ankieta* ("O que não se deve dizer", II, 68) já eu pronunciava *An-xi-ê-lá*. Os argumentos que me oferece na sua carta e o testemunho de que, durante todo o tempo que viveu em Portugal (Durante dois anos — Nota da redação do "O Eco"), nunca ouvi a português legítimo a pronúncia *Ankieta*, confirmam-me na mesma lição."

Ancho - V. *caramanchão*.

...*ância* - V. *parecença*.

Ancião - Plural: *anciãos, anciões, anciões* (§ 216).

Ancilose, Ancilóstomo - Dessa forma se escrevem, porque é incorreta a transliteração, por vezes encontrada na linguagem científica, com capa grego por *qu* vernáculo. O fato de a letra grega ter articulação oclusiva e ser por *k* transcrita em latim não nos dispensa de escrever *cinema, ceulema, cirrose, cilindro, cistite*. No verbete *quisto* — grafia que se explica por intromissão do francês — ficou explicada a diferença, ou melhor, a confusão que se opera, na derivação, entre as letras gregas *qui (khi)* e *capa. Cisto*, que os dicionários não trazem (nem o de Ramiz Galvão; trá-lo o vocabulário oficial de Portugal, que chega a acrescentar: "melhor que *quisto*") é sem dúvida a forma correta; e com *c* deve prevalecer em *ancilose, ancilóstomo*.

Andadoria - V. *senatoria*.

Andaluzia - O acento tônico no *i*. Adjetivo pátrio; *andaluz*.

Andeja - V. *moureja*.

Andorinha - Voz; chilido, chilidar, gazejar, grinfar, trinfar, trissar, zinzilular.

Androceu - V. *jubileu*.

Andota - Coletivo; anedotário, repertório.

Anelar - (= almejar, ansiar, aspirar) - Várias regências: "algunos anelam o dinheiro" — "... não anela *eleger*" — "... aqueles que anelam pela segurança de uma relação íntima" — "Anelar ao legado".

Anelideo - V. *idio*.

Anêmona - Forma e acentuação consagradas, conquanto contrárias às normas de derivação e de prosódia.

Anexo - Ao contrário de *junto*, exerce só função de adjetivo; deve, pois, concordar com o substantivo a que se refere: "Escolas *anexas* às normais", "A carta está *anexa* aos autos", "Envio a carta *anexa*", "*Anexas* vos envio duas relações", "Diz a carta *anexa*", "Pecados que trazem *anexa* a restituição" (e não: que trazem *anexo* a restituição), "Sem estar obrigada e *anexa* a muito riso".

Fôssemos admitir a função adverbial de *anexo*, teríamos de admiti-la também com *pegado, grudado, grampeado* e... lá se iria tudo quanto Marta fiou. Nada de analogia, que aqui não tem cabida, nem de recursos extravagantes e inadmissíveis, como o de dizer "em *anexo*"; diz-se "em separado", mas, ainda aqui, nada de analogia.

Analogia tampouco existe entre *junto* a e *anexo* a; *junto* a é locução invariável, mas em *anexo* a a preposição a é mero elemento de ligação entre o adjetivo e o complemento nominal, como em *pegado a, grampeado a, grudado a*. Diz-se "duas igrejas *junto* ao rio", mas ninguém irá dizer "duas faturas *anexo* à carta".

Longe, pois, as confusões: *Anexo* é, tão só, adjetivo; deve concordar com o substantivo a que se refere: "*Anexos* encontrados dois cheques", "*Anexas* vos envio duas relações", "Duas faturas *anexas* à carta". V. *junto*.

Anfibologia (ambigüidade) - Não confundir com *anfibiologia* (parte da Zoologia que trata dos anfíbios).

Anfitrião - É seu feminino *anfitriã*.

Anglicano, anglico - *Anglicano* é adjetivo que deve de preferência empregar-se tão só para indicar o adepto do anglicanismo, religião da Inglaterra: "Os anglicanos observam

rigorosamente o preceito do domingo".

Anglico é adjetivo pátrio, sinônimo de *inglês*, que não deve ser confundido com *anglicano*.

Anglicismos - Se a lagarta rosada é causa da broca do algodão, a dublagem de filmes de língua inglesa é a fonte já não dizem dos anglicismos mas dos disparates de tradução. Que patente é essa que agora inventaram na televisão de "major sargento"? Pirulas! Não percebe nem tradutor nem revisor a falta de sentido da expressão? "Sergeant major" é em português "primeiro sargento".

A praga nesse mesmo filme vai além: "...um oficial não comissionado". Cebolório! "Non commissioned officer" é o nosso "suboficial".

Mais uma taturana escapou de um inseticida eficaz no filme: "Os oficiais que se encontram na embaixada". Bolas! "Oficial" traduz-se nesta língua infestada de curuquerês que se fala no Brasil por "autoridade"; o "oficial" não tem patente militar; um funcionário público é em inglês "official", como "oficial" é um ministro, um embaixador. "Officer" — outra palavra perigosa — de grafia e pronúncia diferentes da anterior, é que é o militar, seja general, seja guarda de trânsito (que em país nenhum de língua inglesa anda pelas ruas ou se posta junto a semáforos de chupeta sonora na boca). Quando necessário chamar um soldado (policia), chama-se um "officer", e não um "official".

Amanhã vai aparecer um escritor gaiato, a imitar quem inventou "estória", a escrever "oficiar".

Mais uma para terminar: Que congresso é esse que se realizou nos EE.UU. de "empacotadores de carne"? "Meat packers" são os "donos de frigoríficos".

Angorá - É quase inacreditável continuar a dizer que se deve acentuar *angóra* o nome da cidade turca, donde a designação de gatos, coelhos e cabras daí provenientes. É baldar energias e tempo querer restabelecer o acento tônico do étimo turco *Angur*, nome da antiga *Ancyra* dos romanos.

Ângulo - Quando primeiro elemento de um composto, junta-se ao segundo sem hífen: *ângulo facial*.

Anhemi - Assim designavam os índios o nosso Tietê na parte que banha Piratininga. Tal qual se dá com o Amazonas, que, conforme os países por que passa tem nomes diferentes, o Tietê e a maioria dos grandes rios recebiam denominações segundo os acidentes ou as tribos que os margeavam.

O *i* final corresponde a *y*, designativo de *líquido, água, rio*; com o especificativo *nhembu*, nome do conhecido pássaro *nambu* — são suas variantes *nhambu* e *inambu* — vem a significar *rio dos inambus*, para indicar, naturalmente, a existência de grande número desses pássaros no trecho da nossa capital.

E o *a* inicial? Deu-se nessa palavra o mesmo que em *ananas*, onde, no dizer de Segóvia, o artigo *a* passou a viver com o substantivo *nanás*.

Anhuma - Voz; cantar, gritar.

Animal - Aumentativo: *animação, animalão*.

Coletivo, em geral; *piara, pandilha* (brasileirismo do Sul);

— todos, de uma região; *fauna*;

— de carga, de cavalgada; *récula, récova*;

— de raça, para reprodução; *plantel*;

— ferozes ou selvagens; *alcateia* (de lobos, de panteras, de hienas...);

— criados geralmente no campo para serviços de lavoura ou para consumo doméstico ou para fins industriais ou comerciais; *gado* (gado bovino, ovino... de cria, de engorda).

V. *pessoas e animais*.

Animus meminisse horret - Locução latina que significa: "Minha alma fica espavorida ao lembrar-se", palavras com que Enéias exprime o horror que lhe invade a alma quando se lembra da destruição de Tróia.

Anônio - V. *idônio*.

Anisópode - V. *ápode*.

Anjo - Coletivo; *teoria*.

Anju (fr. Anjou) - adjetivo pátrio; *angevino*.

Ano Bissexto - V. *bissexto*.

Ánodo - É palavra proparoxítota. V. *ode*.

Anófelc - É palavra masculina. Quanto a forma veja-se *diabete*.

Anonímia - V. *imperatória*.

Anônimo - Origina-se o vernáculo anônimo do vocábulo grego "onyma", que significa nome (donde *pseudônimo*=nome falso; *homônimo*=nome igual; *sinônimo*=nome equivalente, correspondente; *antônimo*=nome oposto), antecedido da partícula negativa "a", sob a forma "an", usada antes de palavras começadas por vogal.

Nosso vocábulo *nome* não deve entrar em cogitação, pois seu étimo é latino, "nomen", aférese de "gnomen", do verbo "gnóscere", que significa *conhecer*.

Ansiar - V. *sentenciar*.

Ansioso - V. *em-11*.

Anta - Voz; *assobiar*.

Antanáclase - É palavra proparoxítota por ser breve o *a* da penúltima sílaba.

Ante...Anti... - Na composição, ambos exigem hífen antes de *h*, *r*, *s*. São prefixos que não devem ser confundidos. Enquanto *ante* indica prioridade temporal ou local (*antesala*, *antebraço*, *antedatar*, *antediluviano*, *anteloquio*, *antemanhã*), *anti* indica oposição, contrariedade (*antiácido*, *anticanônico*, *anticorpo*, *antiinflacionário*).

Não se devem confundir, portanto, *anteconjugal* e *anticonjugal*, *anteclassico* e *anticlassico*, *ante-histórico* e *anti-histórico*.

Seja qual for o número de sílabas do composto, o acento secundário cai na primeira (*an*) de ambos os prefixos; *ante*, *anti*.

Vejam os mais adiante o que acontece com *antecipar*.

Ante meridiem - Locução latina que significa "antes do meio-dia". Abrevia-se *a.m.*

Antecipar - É realmente de provocar admiração, nos escritos antigos, a grafia *anticipar*. Se todos escreviam *antedatar*, *antedizer*, *antedruir*, *antedor*, *antedover*, por que em *antecipar* faziam terminar o prefixo em *i* em vez de fazê-lo em *e*.

A admiração cresce quando vemos o próprio latim grafar *anticipare* no que foi seguido por idiomas neolatinos; *anticipar* (espanhol), *anticiper* (francês), *anticipare* (italiano).

Torrinha, no "Dicionário português-latino", dá *anticipare*, não sei por que influência, se dele próprio se do tipógrafo. Saraiva, que apresenta o verbo com *i*, dá-lhe por étimo *ante* e *capio*, o que mais uma vez provoca admiração.

Outros, teimando em escrever *anticipar*, aduziram étimo diferente: *anti-caput*, o que não se pode aceitar, porque os compostos de *caput* não apresentam o radical simplificado em *cip*, e ainda porque nenhuma explicação traria para o prefixo.

Desde que os nossos dicionários e vocabulários consignam hoje a forma com "e", fiquemos com ela sem nenhum receio de erro, nem, menos ainda, de contradição.

Carlos Góis, no "Dicionário de Raízes e Cognatos", dá-nos a forma *anticipar*, oferecendo-nos esta nota de Bréal: Não seja confundida a raiz hebraica *cap* (palma da mão) com a latina *cap* (cabeça, parte superior, ponta); os cognatos deste último têm o genitivo em *capitis*, ao passo que os daquele o têm em *capis*.

Antero - Elemento que exige hífen quando de um composto começa com vogal ou *s*: *antero-inferior*, *antero-superior*.

Antes de, Antes que - São locuções que divergem de função; se *antes* de rege palavras, *antes que* liga orações: "Um cinco *antes* de dois zeros vale quinhentos" "Antes de morrer" — "Tome as providências necessárias *antes que* tal aconteça".

Trocar a palavra *antes* por *primeiro* só é possível na locução conjuntiva: "Fiz isso *primeiro que* ele" — "Isso deve ser feito *primeiro que* tudo". Não se vêem em português frases como "primeiro de tudo ele não disse isso" ou "primeiro que tudo ele não disse isso" (Gr. Met. § 526, n. 3; = 588).

Anti... - V. *ante*.

"**Antifas**" - V. *Cléofas*.

Antigo - V. *homem antigo*.

Antílope - Gonçalves Viana e o vocabulário de Portugal trazem

a palavra com o gênero masculino. Dicionaristas há que lhe atribuem o gênero feminino, mas, se divergências existem quanto ao gênero, todos estão acordes em declarar a dificuldade de identificar o étimo dessa palavra. Se a origem é desconhecida, por que estar a variar o gênero? Se antílopes existem machos e antílopes existem fêmeos, o vocábulo deixe-se ficar com o gênero masculino; será um nome epiceno, como tantos outros que possuímos: um antílope macho, um antílope fêmeo.

Antioquia - De todas as dúvidas de acentuação, grandíssima se não a maior parte diz respeito a palavras terminadas em *ia*. É este um ponto que jamais será convenientemente compreendido pelos que não tiveram noções de grego e de latim, mormente da diferença das regras de prosódia entre essas línguas existente. Ou isto se aprende, ou a balbúrdia das palavras terminadas em *ia* continua, a menos se decore, um a um, o acento dos vocábulos assim terminados.

Em nossas mãos, o grego e o latim são amassados e ragados a ponto de se tornarem irreconhecíveis. Idêntica dificuldade têm o italiano e o espanhol para justificar o acento de derivados gregos. O francês, com eliminar da palavra o "ictus", aplainou a questão.

O que mais contrista é ver que é tão heróica quanto ridícula a vontade de da língua expurgar erros; contradições, imperfeições. No entanto, o mal de muitos consolo é. Não fora isso, triste figura fariamos ante as línguas irmãs nossas pela maneira por que tratamos o grego.

A terminação *ia* quando derivada do grego *eia* deve ser tônica em português: "Anteocheia" — *Antioquia*. Seja em grego acentuada ou não, essa terminação dá em latim *ia* com *i* longo; em tais condições, esta vogal, por constituir da palavra a penúltima sílaba, deve ser acentuada. Exemplos:

GREGO	LATIM	PORTUGUÊS
Epiphánia	Epiphania	Epifania
Ortoépeia	Orthoepia	Ortoepia
Samáreia	Samaría	Samaria
Orthopaideia	Orthopedía	Ortopedia
Alexándreia	Alexandria	Alexandria

Por essa razão, *encyclopedia* (do gr. *encyclopaideia*) deveria ser pronunciado com acento no *i*, como faz o italiano; em português, porém, o acento tônico no *e* respeita o uso geral.

Antipas, Antipatros - V. *Cléofas*.

Antípoda - V. *ápode*.

Antitanques - A frase "dois remédios contra tosse" termina pela frase "contra tosse", da qual a primeira palavra é preposição e a segunda o seu regime; em *antitanque*, porém, não vemos frase; *anti* é aí prefixo, que está a formar um nome, nome que irá submeter-se a regras de flexão.

Comparemos *antitanque* com *contrabaixo* (cantor que tem voz de baixo profundo); a flexão numérica é normal: "Não temos *contrabaixos*" — como normal é dizer "operários *contramestres*" (feminino: *operárias contramestras*).

Inexistente a forma adjetiva *antitânico*, o próprio substantivo assume função atributiva; "Dois medicamentos *antitíchoques*" não é como se diz em farmácia? *Antitíchoque* não se encontra em dicionário como adjetivo? Em qualquer hipótese, adjetivo ou substantivo, o segundo nome flexiona-se: *misséis antitanques*.

Antolhar - O sentido clássico deste verbo, que se vê empregado na forma reflexiva, é o de "figurar-se", "representar-se à imaginação", "fazer-se representar à fantasia": "Das águas se lhe *antolha* que salem dois homens que mui velhos pareciam" — "Numa arena que se me *antolhava* nobre e útil acima de todas" — "As frases dispõem-se tais quais natural e espontaneamente se apresentam e *antolham* ao espírito".

Antonímia - V. *imperatória*.

Antônimo - V. *anônimo*.

Antracena - V. *haptena*.

Antropologia - V. *aerovia*.

"Anvers" - Em português é *Antuérpia*; o que aí nasce é *antuverpiense*.

"Ao aguardo da" - V. na *aguarda de*.

Ao até - Expressão provinda do tupi; significa "sem direcção nem destino", desorientadamente". Não deve ser confundida com "a toa", que significa *irrefletidamente, impensadamente, ao acaso, sem preocupação*: Os caranguejos, por ocasião da desova, ficam *ao até*, isto é, saem das tocas, errantes.

Existe a variante gráfica, numa só palavra, *aguatá*. V. *atoo*.

Ao atar das feridas - Locução que significa "com precipitação", "na última hora", "tarde", "fora de tempo": Não deixe para fazer o testamento *ao atar das feridas*.

Ao certo - V. *certo*.

Ao demais - V. *demais*.

Ao desbarato - Locução que significa "desbaratadamente", "por vil preço", "com grande prejuízo": Valentim saiu *ao desbarato* pela soalheira — Vendeu o trem do conde *ao desbarato*.

Ao Deus dará - Locução que significa "irrefletidamente": Agir *ao Deus dará*.

Ao encontro dos desejos - O perigo está no confundir essa expressão com "de encontro aos desejos". "Ir de encontro" significa *opor-se, estar em contradição*, e ao substantivo se liga mediante a preposição *a*: Fui de encontro à sua vontade (agi de maneira contrária à vontade uele).

"Ir ao encontro" é a mesma expressão "sair ao encontro"; prende-se ao substantivo pela preposição *de*, e significa encontrar-se com, sair ao caminho, ir ter com quem vem, sair à frente de: As principais pessoas da terra foram ao encontro do novo governador. A expressão "ir ao encontro de" tem ainda o sentido figurado de "captar o agrado ou a benevolência", "corresponder ao desejo": "Solicitavam-lhe o beneplácito, indo ao encontro da sua vontade com mercês e pompas de maiores galardões".

"Fui ao encontro dos seus desejos" significa "sai à frente", "agi antes de você", "adiantei-me à sua vontade". Declarar isso mediante a construção "Fui de encontro aos seus desejos" é dizer "não" em vez de "sim". "Ir de encontro a" indica choque; "Ir ao encontro de", concordância.

Isto ocorreu numa repartição pública: "Eu pensava vir de encontro aos seus desejos quando requeri que..." — disse um subalterno, admirado com a negativa do despacho. — "O senhor veio realmente de encontro aos meus desejos, tanto assim que indeferi o seu requerimento". — foi a resposta.

Ao invés de — É necessário distinguir: *Em vez de* significa, simplesmente, *em lugar de*: "Em vez de física, estude química".

Ao invés de significa *ao contrário de*, e somente com tal acção deve ser usada essa locução prepositiva: "Ao invés de ficar quieto, começou a responder-lhe".

A primeira locução — *em vez de* — pode ser usada nos dois casos; a segunda, que se prende ao étimo *inversè* (inversamente), denota sempre contraste, opposição; não pode ser empregada como simples sinónima da primeira. Não tem sentido dizer "Paguei vinte cruzeiros *ao invés de* quinze", como sentido não tem dizer "Ao invés de sentar-se na cadeira sentou-se no banco".

Ao mesmo tempo que - V. *no tempo que*.

Ao par - V. *a par de*.

Ao revés - Locução que significa "às avessas": Fez tudo *ao revés*.

Ao viés - Locução que significa "obliquamente": A linha equinoxial corta a ilha *ao viés*.

Ao vivo — Locução que significa *real*: "Transmissão *ao vivo*", transmissão directa e contemporânea de um fato.

Aonde - V. *onde*.

Apenar - "Originariamente, consoante sentido que lhe dava a Ordenação Afonsina, *apenar* significava *impor pena, condenar*. Modernamente, tem o sentido de *embargar, notificar, intimar sob a cominação de pena*. No interdito proibitório, o juiz expediu o mandato para *apenar* o réu, no caso em que transgrida o preceito."

Diante da afirmação inicial e da final desse trecho do Vocabulário Jurídico de Plácido e Silva, só nos resta acolher *apenar* para indicar a acção de o juiz impor pena, e *apenamento* para o ato de impô-la; o condenado passa a ser *apenado*.

Apenar e derivados são hoje palavras costumeiramente usadas no sentido da Ordenação Afonsina.

Apenas - *Apenasmente* não é português; o sufixo *mente* — o único sufixo adverbial que em português existe — só se acrescenta, para formação de advérbios, aos adjetivos flexionados na forma feminina: *bondos(o)a-mente, caprichos(o)a-mente* (Gr. Met. § 527, obs.). *Apenas*, por ser advérbio, não é passível de acréscimo desse sufixo adverbial.

Dizer apenasmente é o mesmo que dizer *derrepentemente*, ou seja, é dizer tudo menos português.

Apêndice - V. *cálice*.

Apêndicectomia - Quando quisermos indicar, numa só palavra, a ablação, a extração do apêndice, devemos dizer *apêndicectomia*, escrevendo e pronunciando o *c* antes do *t*. Ao vernáculo *apêndice* acrescenta-se o elemento grego *ektomia* que, por sua vez, compõe-se de *ek* (fora) *tomé* (corte, amputação) e o sufixo *ia*.

Apenhar - O verbo *apenhar*, embora antiquado e desconhecido na fala comum e na literária, conserva na linguagem bancária e na tabelião todo o vigor de sua significação, como nos tempos da Ordenação Manuelina.

Aulete registra o termo como antiquado e dá-lhe a formação mais provável: a-pignus-ar. É verdade que os antigos diziam e escreviam "... e assim se algumas pessoas vendessem ou comprassem ou *apenassem* algumas coisas..." (Ordenação Manuelina, Livro I, tit. 44), e em certos documentos de hoje se lê "Vender os bens *apenhados*", "Substituir por outros os bens *apenhados*", mas é fato incontestável que na expressão corrente e geral o que se ouve é *dar em penhor, penhorar, empenhar, empenhado, empenhador, empenho, empenhamento*.

Apeninos - "Alpino" e "alpense" possuímos como adjetivos que indicam o que é pertencente ou relativo aos Alpes. *Apeninos* é outra palavra; é nome existente em vários idiomas (esp. *Apeninos*, fr. *Apennins*, it. *Appennini*, ingl. *Appenines*, al. *Apenninen*), proveniente de substantivação do adjetivo plural "apeninos" que entra na expressão completa "Montes Apeninos", que designa a principal cordilheira da Itália. O Saraiva consigna "Apenninus" no singular, como substantivo e com o sentido de "cordilheira de serras que divide a Itália em duas partes, de norte a sul".

A forma plural do substantivo, a seguir o que sugere Webster, provém da generalização, para os montes de toda a cadeia, do antigo nome *Apenninus Mons*, monte de cume, do celta *penn*, cume, cabeça.

Originariamente adjetivo, como adjetivo pode ser o vocábulo usado, e temos em São Paulo a "Vila Apenina".

Derivados de *Apeninos*, temos *apeninígena*, que significa "natural dos Montes Apeninos, e *apeninícola* — forma já existente no latim para indicar o que aí habita.

Apenso - V. *junto*.

Apercebido - V. *percebido*.

Aperto livro - Locução latina que significa "de livro aberto":

A tradução foi feita *aperto libro*, sem auxílio de dicionário.

Apesar de - Não parece acertada a doutrina, encontrada em certo autor, de que esta locução "deveria ser usada somente para significar sentimento de pesar, pois que esse é o seu genuíno sentido".

Em nossos mestres encontramos, é verdade, exemplos apoiadores dessa doutrina: "Apesar da hora avançada, não deixou de partir" — "Casou, apesar da opposição dos pais" — "O corpo esbelto, apesar de magro". Importa, porém, considerar: Se um mesmo vocábulo pode, conforme as diversas épocas de uma língua, oferecer sentidos diferentes e, ainda, na mesma época, variar de significação, como falar do "genuíno sentido" de palavra que passa a participar de locuções? A significação insulada dos elementos se perde, para se considerar o significado e a função do composto.

Quem dos que a palavra *ventura* sabem significar sorte, felicidade, tem dúvida quando constrói: "Se porventura eu morrer..."? — No composto *embora* vemos um elemento cujo significado genuíno não necessita de explicações: *em-bom-hora*. Onde esse significado na frase "Embora a desgraça o alcance"? Armas dos homens, as palavras com eles se transformam. Nem com saber que em *apenas* existe o substantivo *pena* (= dificuldade, sofrimento) deixará uma pessoa esclarecida de dizer: "Saio de casa, apenas nasce o sol".

Apesar de significa *a despeito de, não obstante*, e com tais significações pode ser empregado: "Apesar de eu ter aconselhado..."

O mesmo se diga da locução conjuntiva *apesar de*, que de significado idêntico ao de "ainda que": "Apesar de que eu tivesse insistido..." — A idéia impressa à subordinada é de concessão, pura e simples. Sentido bom ou mau, a oração inteira é que irá indicar, e não a conjunção em si, mera-mente concessiva.

Não nos esqueçamos deste exemplo de Camilo: "Apesar da prima, do baronato, dos meninos, do dinheiro e da saúde" — onde vemos o "apesar da saúde" a desfazer a falsa doutrina.

Apiedar-se - Deriva este verbo de *piidade*, palavra que nossos caboclos pronunciam *piadade*. Se esse "a" constitui erro no substantivo, deve aparecer no verbo *apiedar-se* todas as vezes em que o acento recaí no tema do verbo, ou seja, nas formas rizotônicas: Eu me *apiado*, tu te *apiadas*, ele se *apiada*, eles se *apiadam*; que eu me *apiade*, que tu te *apiades*, que ele se *apiade*, que eles se *apiadem*; *apiada-te* tu.

Nas demais formas o verbo deverá trazer *e*, visto cair o acento na desinência; nós nos *apiedamos*, vós vos *apiedais*; que nós nos *apiedemos*, que vós vos *apiedeis*; eu me *apiedarei* etc.; eu me *apiedarei* etc.

O verbo *apiedar-se*, que significa "ter piedade", pode construir-se de três maneiras: a) com a preposição *a*: "Apiedou-se à fraqueza do pobre"; b) com a preposição *com*: "Só a criada se apiedava com o estado do pobrezinho"; c) com a preposição *de*: "Senhor, apiedai-vos de minha cegueira".

Apito - *Barulho*: assobiar, silvo, silvar, trilo, trilar.

Aplaudidor - *Coletivo*, quando pagos: *claque*.

Apo... - Prefixo grego, correspondente ao latino *de* (distância, afastamento), que se junta sem hífen: *apostia*, *aporretina*, *aposepsia*.

Apode - Sobre este adjetivo (sem pés) encontramos em Ramiz Galvão: "Apodo, como ocorre em alguns dicionários, não deve prevalecer nem para este nem para nenhum dos outros derivados de *póus*, *podós*."

De maneira menos enfática e a um tempo mais completa e convincente, que aqui resumimos, José Inês Louro explica-nos o caso.

Que os compostos em que entra como semantema final o grego *póus*, *podós* devem passar para o português com a forma "pode" parece ser questão definitivamente assentada. Isto, é certo, sem prejuízo de algum vocábulo acrescido do sufixo *io* (*licopódio*, *polipódio*, *quenopódio*) ou de algum já muito consagrado na língua com a forma mutilada *po* (*Édipo*, *pólipo* e *polvo*), a que podemos juntar a forma *antípoda*, mais consagrada do que *antípode*.

Assim é que estas são as formas aconselháveis: *acinópode*, *arctópode*, *arrópode*, *braquiópode*, *cefalópode*, *gastrópode*, *mastigópode*, *megalópode*, *ocípode*, *odontópode*, *olistópode*, *paquíópode* (ou antes, *paquípode*), *urópode*.

E pelos mesmos motivos: *anisópode*, *astacópode*, *megápode*, *petalópode*, *pterópode*, *tisanópode*, *trípode*.

Apoiar - A pronúncia oficial e seguida no sul é *apóio*; o sinal diacrítico é obrigatório nas formas rizotônicas.

Quanto à regência, é transitivo direto: "A opinião pública *os apoia* sempre". Muito usado pronominalmente ("Reuniu duas garantias que se *apoiavam* e fortaleciam mutuamente"), faz-se freqüentemente seguir de um adjunto adverbial, que pode trazer a preposição *a* (*apoiar-se ao* muro, *apoiar-se*

à mesa), *em* (Como todas as autocracias democráticas, a de Rosas sentiu necessidade de apoiar-se no povo), *sobre* (Tem força efetiva *sobre* que apoiar o governo).

"Apor veto" - É tolice em português. V. *opor veto*.

Após, após de - Existem as duas formas: "Após isto veio a renovação" — "Receio que a minha classe vá após desses fantasmias com que a iludem" — "Após eles" — "Após de nós".

Aposição - V. *aposto*.

Apostila, apostilha - V. *postila*.

Aposto - Além do adjetivo propriamente dito, pode funcionar como adjunto atributivo uma palavra ou grupo de palavras em aposição; essa palavra ou grupo de palavras em aposição chama-se *aposto*. Exemplo: "Sócrates, filósofo grego, foi condenado à morte".

Podemos definir o *aposto*: Palavra ou frase que explica um ou vários termos expressos na oração: "Rio de Janeiro e São Paulo, cidades de características muito diversos, são grandes centros de atração".

O *aposto* coloca-se entre vírgulas: "João, meu aluno, ficou doente" — "Carlos de Almeida, professor do terceiro ano, não compareceu".

Observe-se que o *aposto* pode às vezes vir ligado ao fundamental pela preposição *de*: "Rua da Consolação", "Duque de Caxias", "Praça dos Gusmões". Note-se que tanto é certo dizer "rua da Consolação" como "rua Consolação".

O *aposto* pode ter como fundamental uma frase: "O general não tem um braço, índice de esforço bélico".

Outras vezes, o *aposto* é que é constituído de frase ou oração: "Esse aluno, inteligente como é, deve saber a lição". "A vida, sonho que precede a morte, é-nos muito preciosa".

O substantivo *aposto*, que equivale a um adjetivo, concorda com seu fundamental em gênero e número sempre que possível: "O ódio, filho do orgulho" — "A esperança, filha da fé" — "Estes instrumentos, produtos de nossa fábrica".

Se em latim o *aposto* concorda em caso com o fundamental, em português a preposição não se apresenta repetida: "Chegaram ao extremo do que mais prezavam, as próprias vidas" (e não "das próprias vidas") — "A palavra teoria é originária de um único termo, o grego teoria" (e não "do grego teoria") — "Nascido numa bela cidade, Campinas" (e não "em Campinas"). "Proveniente da mais bela das capitais, Rio de Janeiro" (e não "do Rio de Janeiro").

Aposição também encerram expressões como *supermercados Jumbo*, *armazéns São Paulo*, *calçados Scatamachia*, *escolas Ara-guaia*, *curios Utilitas*, *hotéis Hilton*, *Listas Telefônicas Nordeste S.A.*, *Listas Telefônicas Paulista S.A.* (da Paulista, região do Estado de São Paulo). Quer constituam razões comerciais, quer simplesmente citações, trazem elas um substantivo em aposição para indicar marca, classe, tipo, grupo, para explicar, enfim, o fundamental.

Não há pensar no caso em concordância; esta se imporia se, em vez de substantivo em aposição, um adjetivo é que explicasse o nome: *Listas Telefônicas Nordestinas*, *Armazéns Paulistas*.

Caso em que não existe aposição (e a concordância se impõe) é o de designar grupos silvícolas como *índios guaranis*, *tribos tupis*. É inaceitável construir "índios guarani", "índios tupinambá". Quem assim escreve, sob a alegação de que esses designativos são nomes próprios, deve também redigir "dois Brasil", "as três América".

Nomes etnológicos — em qualquer dicionário podemos verificar isto — pluralizam-se normalmente: guarani — língua dos guaranis; tupi — indígena dos tupis; tupari — pertencente ou relativo aos tuparis; tuparuru — pertencente ou relativo aos tuparurus, indígena dos tuparurus.

Apóstrofo - V. *mh'alna*.

Apotegma, apótema - Não façamos confusão; ambas nos vieram do grego, mas a primeira, paroxítona, significa dito breve e sentencioso, máxima; a segunda, proparoxítona, é palavra de geometria: perpendicular do centro dum polígono regular a qualquer dos lados.

Aprezer - Os compostos *aprezer* (agradar) e *desprezer* (ou *desa-*

prazer têm conjugação completa: *aprazo, aprazes, apraz, aprazemos, aprazeis, aprazem; aprazia, aprazias, aprazia, apraziamos, aprazeis, apraziam; aprouve, aprouveste, aprouves, aprouvestes, aprouveram; aprouvera, aprouveras...; aprazerei, aprazeras, aprazera, aprazermos, aprazereis, aprazerao; aprazeria, aprazerias...; apraza, aprazas, apraza, aprazamos, aprazais, aprazam; aprouvesse, aprouvessem...; aprouver, aprouveres, aprouver, aprouverem, aprouverdes, aprouverem; aprazer, aprazerem, aprazer...; aprazendo, aprazido.*

Apreciar - V. *estimar*.

Aprender - *Aprender de nós uma coisa é tão certo quanto aprender conosco uma coisa, como aprender em nós alguma coisa.*

Aprendiz - O feminino é *aprendiza*.

Aprendizado, aprendizagem - Conquanto igualmente usada e registrada em dicionários, a segunda forma é acoimada de francesismo.

Après moi le déluge - Locução francesa que significa "depois de mim o dilúvio". Com estas palavras Luiz XV, rei da França, previa com orgulho exagerado a derrocada da monarquia após seu reinado.

Apresentar - Há verbos que têm duas, três e até quatro regências diferentes. Uma vez a diferença de regência não implica mudança de sentido: *pegar a pena, na pena ou da pena; outas, já não se dá o mesmo, tendo cada regência sua significação especial: Quero-o (desejo, ambiciono, exijo) e quero-lhe (tenho afeto, amo).*

Uma mercadoria não se *apresenta* à vitrina, mas na vitrina, como não se *apresenta* no povo, mas ao povo. "Apresentar-se em", para designar lugar onde, é a construção que vemos em Camões: "Este depois em campo se apresenta".

Apressar (dar pressa a) — Não confundir com *apreçar* (dar preço de): *Apressamos a partida — Apreçou mal o trabalho.*

Aprovar - Quando dizemos "droga ainda não apareceu" dizemos certo; ninguém "aparece uma coisa"; o verbo é intransitivo.

Mas... "droga não aprovou" é português chulo; *aprovar* é verbo transitivo: alguém aprova a droga; a droga é aprovada, a droga logra aprovação.

Apside - V. *ábside*.

Apud - Preposição latina, usada em vários idiomas antes de nome de obra ou autor de que se apresenta uma opinião; pronuncia-se acentuando-se a primeira sílaba.

Aquaból - V. *futebol*.

Aqueles que - V. *os que*.

Aqueloutro - *Este, esse, aquele* e respectivos femininos podem vir combinados com a palavra *outro: estoutro, estoutra, essoutro, essoutra, aqueloutro, aqueloutra*.

Aquém - Prefixo que exige hífen antes de qualquer letra: *aquém-Atlântico, aquém-mar*. Pode aparecer sozinho quando, em lugar de um composto inteiro, vem seguido de um composto em que entra o prefixo *além*: Os povos de *aquém* e *além-mar*.

Áquila non capit muscas - Locução latina que significa "a águia não apanha moscas". Emprega-se para denotar que um espírito superior não se ocupa com mesquinhas.

Aqüista - *Aqüista*, substantivo comum de dois, é a palavra com que devemos designar a pessoa que frequenta estâncias de águas medicinais.

...**Ar** - V. *familiar; V. regimental*.

...**Ar, ário** - V. *biliar, bilidário*.

Aracnideo - V. *ídio*.

Aragão - Adjetivo pátrio: *aragonês*.

Aranha - Aumentativo: *aranhuço, aranhão*.

Araponga - Compõe-se dos elementos *ará* e *ponga*, do tupi-guarani; o primeiro é variante de *guirá*, designativo de *pássaro*; encontramos-lo em outras palavras como *Araguaia*, os papagaios mansos; *arapuca*, armadilha de pássaro; *arara*, papagaio grande.

Sob a forma *guirá*, entre outras entra na palavra *guiratinga*, pássaro branco, a garça.

Esse elemento corrompe-se em diversas formas: *guará*:

Guaratingueta, pássaros brancos; *uirá* e *huará*: *uirara*, manciara com que os nossos caboclos, ainda hoje, denominam a arara; *uirá, oerá, orá, birá*, podendo-se dizer indiferentemente *uiraponga, oeraponga, biraponga, oraponga*; *virá*: *virajuba*, espécie de papagaio amarelo; *urá*: *urái*, rio dos pássaros; *urubú*, pássaro negro.

O segundo elemento, *ponga*, deriva-se de *po*, que designa toda a espécie de barulho, ruído, golpe, tinido, martelada; a terminação *nga* é uma das muitas maneiras de formar o particípio presente do tupi-guarani; *ponga* quer dizer, então, golpeante, tininte, martelante, e *araponga* significará *pássaro que golpeia, tine, martela, pássaro estridente*.

Quanto ao gênero, *araponga*, na acepção que lhe é própria, é, em português, feminino, embora no tupi-guarani não possuam as palavras caso, número nem gênero; este último será dado em português sem critério nenhum, podendo os mesmos elementos dar uma palavra ora masculina, ora feminina; o uso é que o determinará.

Voz: *golpe, golpear, gritar, martelar, tinir, tinir, serrar*.

Arara - Voz: *palrar, grasnar*. V. *araponga*.

Arboricídio - V. *manticida*.

Arcabuzear - V. *sentenciar*.

Arcades ambo - Locução latina que significa "ambos são arcades". Expressão de Virgílio, referente a dois pastores naturais da Arcádia, portanto muito hábeis no canto. Usa-se com alusão a dois indivíduos que possuem as mesmas qualidades ou defeitos. Em vez de "os dois são da mesma laia" diz-se "arcades ambo".

Arctópode - V. *ápode*.

Área (superfície) - Não confundir com *ária* (cantiga).

Areão - Assim mesmo, sem *i*, vogal esta que aparece em *areia* apenas como elemento eufônico, porque o acento cai no *e* do vocábulo. Idêntico é o fenômeno operado entre *idêia* e *idealizar* e com enorme número de palavras.

Arécio (it. *Arezzo*) - Adjetivo pátrio: *aretino*.

Arca - V. *moureja*.

Argel, Argélia - Adjetivo pátrio: *argelino*. V. *Magalhães*.

Argüi - Perfeito de *arguir*, com trema no *u* e sem sinal diacrítico no *i* tônico; a terceira pessoa do sing. do ind. presente grafa-se *argüi*, com acento agudo no *u*. São piruetas ortográficas a que os poucos alfabetizados do Brasil estão obrigados. Aprecie-se mais esta: *argüido* (trema no *u*, nenhum acento no *i*), *argüível* (trema e mais o acento agudo).

Cotejem-se estas duas regras do nosso sistema ortográfico oficial: 5ª regra — "Assinala-se com o acento agudo o *u* tônico precedido de *g* ou *q* e seguido de *e* ou *i*". 12ª regra, obs. 1 — "Não se põe acento agudo na sílaba tônica das formas verbais terminadas em *que, quem*". Se pelo menos na exurgitação de uma, no redigir qual dessas duas regras estava o autor lúcido? V. *bulir*.

Argumento - Coletivo: *carrada*.

Argumentum ad crumënam - Locução latina que significa "argumento de bolsa". Quando falham as palavras, abre-se a bolsa para conseguir o que se deseja.

Argumentum baculinum - Locução latina que significa "argumento de cacete". Recorrer ao *argumentum baculinum* é dar pancadas no adversário.

Ária (cantiga) - Não confundir com *área* (superfície).

Ariar (mondar, carpir) - Não confundir com *arear* (esfregar com areia, cobrir com areia).

Ariete - É lamentável que ainda haja gente, e muito boa, que pronuncie de forma errada; quer signifique "máquina de guerra, usada antigamente, para romper muralhas", quer "bomba hidráulica", quer, poeticamente, "carneiro", a palavra tem o acento tônico no *i*: *a-ri-e-te*.

Aritmética - Deve-se escrever e pronunciar o *t* da segunda sílaba. Trazer, em defesa da grafia a pronúncia *arimética*, sem *t* na segunda sílaba, os vocábulos *asma* (gr. *ástma*), *rima* (pelo lat. *rhythmus*), declarando que o *t*, entre vogal e *m*, tende a cair, não é argumento bastante, porquanto palavras possuímos em que o *t*, em idênticas condições, é sempre pronunciado: *ritmo, atmosfera, logarítimo*.

Quando, tratando-se de pronúncia, fala-se em "tendência", é preciso distinguir a tendência dos analfabetos da tendência dos alfabetizados. A tendência do povo inculto é uma, a do instruído outra. A justificação de Botelho de Amaral ("...o *t*, entre vogal e *m*, tende a cair") é perigosa, porquanto precisamos admitir o progresso de nossa instrução e a expansão de nossa cultura.

Cumpra ademais notar que o artificialismo e o pedantismo não são aceitos em questões de prosódia. Ora, ninguém poderá negar ser artificial, pedante e forçada a pronúncia *armética*. Considerem-se, além do mais, os derivados *aritmógrafo*, *aritmologia* e outros.

Seja como for, por ser erudição coisa que devemos prezar, não podemos barbarizar nossos vocábulos, mutilando-os em sua primitiva fisionomia prosódica.

Observe-se, porém, que essas razões se transformam em palavrório inútil para os que admitem a língua brasileira, o dialeto brasileiro, ou coisa equivalente; na língua brasileira não se aceita erudição; nela só se considera e acata e elogia e propaga a barbarização.

Arma - Coletivo, quando tomada do inimigo: *troféu*.

Armazém - *Armazém*, *empório*, *mercearia*, *ucharia*, qual o termo mais apropriado para depósito de comestíveis, secos e molhados? *Depósito* seria também certo? E *despensa*?

— Começemos pelo fim: *Despensa* é um compartimento da residência, quando não um simples armário, em que se guardam gêneros alimentícios para consumo doméstico.

Depósito é palavra de sentido genérico; onde há coisa, qualquer seja ela, depositada, aí há depósito; o mesmo armazém pode ter um ou mais depósitos.

Ucharia é a mesma despensa, mas de casa real, de casa abastada; traz implícita a idéia de fartura, de abundância: "Parecia-me conveniente que os criados ou criadas de maior confiança entregassem todas as semanas a nota do que se gasta na ucharia, no aviário e na cavalariça".

Mercearia, que significa primeiramente comércio de pouco valor, indica o lugar onde se faz esse comércio, a loja onde se vendem apenas certos gêneros alimentícios.

Empório, além de significar "cidade, porto, praça comercial de elevada importância", é o estabelecimento onde se vendem objetos de muitas espécies, é o *bazar*.

Armazém é a palavra para o caso; denota o lugar, a casa em que se vendem gêneros alimentícios. Neste sentido, de nenhum especificativo necessita; se dizemos "armazém de secos e molhados", fazemo-lo para distinguir do "armazém de bebidas", onde somente alimentos líquidos se vendem.

Entra ainda esta palavra nas expressões "armazém de rétem" e "armazéns gerais"; aquela denota o depósito de gêneros para reserva, que se guardam para serem lançados no mercado quando se apresentarem probabilidades de venda com lucro; esta, que se usa no plural, para especificar os depósitos autorizados pelo governo a receber e a guardar mercadorias mediante emissão de conhecimento de depósito e pagamento das taxas fixadas nas respectivas tarifas.

Supermercado é o armazém que, além de vender outros artigos de consumo caseiro que não os simples secos e molhados, põe-nos a todos ao alcance do freguês, que livremente os examina e escolhe e pessoalmente leva à caixa.

Arqui... - Prefixo que nos substantivos dá idéia de "principal", nos adjetivos a noção de superlativo absoluto. Exige hífen antes de *h*, *r*, *s*: *arqui-hierarquia*, *arqui-rabino*, *arqui-secular*.

Árquia - De tal forma silabamos na pronúncia de vocábulos derivados do grego e do latim que as palavras provindas desses idiomas se tornam às vezes irreconhecíveis. Idêntica é a dificuldade que o espanhol e o italiano experimentam ao acentuar derivados gregos e latinos.

Há disparidades entre as regras gregas de prosódia e as regras latinas. Pouco importa ao latim o icto de um vocábulo grego; interessa-lhe, somente, a quantidade da penúltima sílaba. Que importa ao latim que a pronúncia grega seja

diploma, com acento na primeira sílaba? Nenhuma importância empresta o latim a que o grego pronuncie *teórema*, *idéa*, *Egiptos*, *Ésopos*, *filosófia*, *Mesopotamía*, *Assíria*, *Arménia*, *Adria*. O latim vai indagar, de acordo com o que se passa com os seus vocábulos, qual a quantidade da penúltima sílaba, isto é, se a penúltima sílaba é breve ou longa. Se for longa, nela cairá o acento; se breve, o acento recuará, queiram ou não queiram os gregos, cujas lamúrias nada influenciarão na orientação do latim.

De nada valerá aos gregos dizer que seus vocábulos andam estropiadamente pelo Lácio. O "graeca per Ausoniae fines sine lege vagantur" só terá validade de reclamação quando se tratar da língua grega, de período grego, de frase grega; se o vocábulo, porém, estiver na língua latina, isto é, num período latino, numa frase latina, deverá enquadrar-se, para todos os efeitos, nas exigências latinas.

Que partido tomaremos? O latim, sem nenhuma dúvida. Se em latim é *Tróia*, em português é *Tróia* também. E o grego *Tróia*, com acento no *i*? Iremos pronunciar *Tróia*, com acento no *i*, quando falarmos grego, da mesma maneira que somente quando falarmos grego é que iremos pronunciar *diploma*, *teórema*, proparoxítonamente.

Quanto à palavra em epigrafe, que se passa? O mesmo que se dá com *Tróia*. Em grego o acento cai no *i*, mas, por ser breve este *i* no latim, o acento recua para a vogal imediatamente anterior: *Tróia*, *Árquia*.

Há, infelizmente, quem em latim pronuncie *Archia*, com acento no *i*, mas não é de acreditar que os adeptos dessa pronúncia sejam coerentes na teimosia; é de crer que eles em latim pronunciem *Tróia*, *Lídia*, *Lícia*, *Síria*, *Gália*, *Bitínia*, *Calábria*, *Capadócia*, *idea*, *diplôma*, *teorêma* etc.; do contrário, negarão validez às regras latinas de acentuação.

Árquia, com acento proparoxítono, deveremos pronunciar não somente em português, mas, se não quisermos errar, no próprio latim.

Arraigar - Os verbos que possuem na última sílaba do radical os ditongos crescentes ou hiatos *au* (saudar, abaular), *ai* (arraigar, enraizar, judaizar, embainhar), *ui* (arruinar) e *iu* (enviuvar), devem ser conjugados de maneira tal que, nas formas rizotônicas, o acento caia na segunda dessas vogais, porquanto tais grupos constituem ditongos crescentes ou hiatos e não ditongos decrescentes: *aba-ú-lo*, *arra-í-go*, *arru-í-no*, *envi-ú-vo*.

Observe-se, com toda a atenção, o seguinte: Nos verbos em que há o grupo *au* ou *ai*, é necessário ver a procedência; em *paular*, *pausar*, *saraiuar* e outros, o acento cai no *a*, visto provirem esses verbos de nomes em que há ditongo decrescente (*paula*, *pausa*, *saraiua*); quando provindos de nomes em que há ditongo crescente ou hiato (*ba-ú*, *sa-ú-de*, *ra-iz*, *ju-iz*, *vi-ú-vo*) é que os verbos se conjugam como ficou indicado: O mal se *arra-í-ga* mais facilmente que o bem.

Arranha-céu - Conquanto em francês e em espanhol o segundo elemento do composto apareça pluralizado, em português, como em italiano, usa-se no singular: *grattacielo*, *arranha-céu*. Em português a palavra é enfeitada com hífen, na presunção de que não saibamos distinguir verbo de substantivo.

O plural é que é *arranha-céus*.

Arrear - Uma só forma gráfica devemos preferir para esse verbo, quer o empreguemos na acepção de "colocar arreios" (adornar, guarnecer), quer na de "descer o que estava suspenso", "deixar cair" etc.; tanto se *arream* pessoas e cavalos quanto se *arream* bandeiras, vidraças, energias.

Oicamos João Ribeiro: "Os dicionários divergem na grafia de *arriar* e *arrear*, mas a prosódia de *arriar* é a mesma de *arrear*; o que diverge é o sentido. 1ª - *Arrear* é compor, ataviar, ajacazar. Seus derivados são *arreiro*, *arreteiro*. 2ª - *Arriar* é abaixar, e, em sua origem, termo náutico: *Arriar* a vela (ad-retro, ad-retrare; cf. francês, cognato, *arrière*). No português, arredar; para a compilação de Meyer-Lübke se inclui numa forma hipotética *arredare* e nela se acham as duas formas (1ª e 2ª) como afins e aparentadas. O que se depreen-

de é que visivelmente os étimos de uma e outra não estão devidamente esclarecidos. Se entretanto tiverem a mesma origem, tornar-se-á capciosa a distinção gráfica *arrear* e *arriar*, como fazem os espanhóis”.

Acertadamente traz a nova edição de Aulete a grafia única *arrear*, confirmando o que já estava no vocabulário da Academia das Ciências de Lisboa, e, ainda há mais tempo, no “Vocabulário Ortográfico” de Gonçalves Viana, que consigna *arrear* (abaixar) e *arrear* (enfeitar), sempre com *e*; deve, pois, em ambos os casos ser o verbo conjugado como *passar*: *arree* o animal, *arree* as velas; *arree* a mulher, *arree* a bandeira.

Arrendar - V. *palavras bifrontes*.

Arrenegar - V. *enradicado*.

“Arrivismo, “arrivista” - Quem só pensa em ganhar dinheiro ou posições a qualquer custo, ou seja, quem se lança em aventuras é *aventureiro*. Deixe “arrivismo”, “arrivista” para quando estiver conversando com franceses que não saibam o que é *aventura*, *aventureiro* em português.

Arrolo - V. *controle*.

Arruinar - V. *arraigar*.

Ars longa, vita brevis - Um dos aforismos de Hipócrates, traduzido por Sêneca; significa “a arte é longa, a vida é breve”; expressa que a vida, por mais longa seja ela, não dá para que façamos o que pretendemos.

Artério - Elemento que se junta sem hífen: *arteriorrafia*, *arteriosclerose*. V. *aterosclerose*.

Artesão - Plural: *artesãos*, *artesões*, quer signifique a palavra “artífice”, quer “lavor, adorno arquitetônico”.

Artésia (fr. *Artois*) - Adjetivo pátrio: *artésiano*. V. *gentílico*.

Artigo - Não se tratando de expressões de tratamento nem de individualização especial, é indiferente o emprego do artigo antes dos possessivos: *meu caderno*, *o meu caderno*; *teu lápis*, *o teu lápis*; *a casa do meu tio* (ou *de meu tio*), *em frente da minha casa* (ou *de minha casa*), *o meu filho Saulo* (ou *meu filho Saulo*), *confirmação do nosso pedido* (ou *de nosso pedido*), *desabonar sua reputação* (ou *a sua reputação*).

Quanto ao artigo em expressões como “Palácio da Justiça”, importa dizer que nelas não há nenhuma especificação ou determinação de significado que o exija. Entre “Palácio da Justiça” e “Palácio de Justiça” não há nenhuma diferença de sentido, como diferença não existe entre “Hospital das Clínicas” e “Hospital de Clínicas”. Por que então o artigo? Por abuso, por intromissão, muito freqüente em tais casos no nosso idioma e inexistente em outros, como no inglês — onde o artigo traz uma função determinativa — que constrói “House of Charity”, “Palace of Justice” (nunca “House of the Charity”, “Palace of the Justice”), com significação inteiramente idêntica à de nossas expressões sem o artigo ou com a sua intromissão. Dizemos “Palácio da Justiça”, sem com isso particularizar a significação do substantivo *justiça*, que conserva, na frase, a significação ampla e genérica, a despeito do abusivo artigo.

Ainda que amanhã o uso implacável venha a dizer “Santa Casa da Misericórdia”, “Instituto da Educação”, não perderão tais substantivos (*misericórdia*, *educação*) a sua significação ampla e genérica; serão novos abusos do artigo, isto sim, como no caso de “Palácio da Justiça”.

“Palácio da Justiça” é mero e típico abuso do artigo em português. Com regimes concretos outro seria o procedimento (*Casa do Povo*, *Abrigo do Velho Desamparado*), mas com aqueles, abstratos, não conseguimos justificar o artigo. V. *in artículo mortis*; V. *o meu cavalo branco* (artigo antes de possessivo); V. *nome próprio toponímico*.

Artista (de teatro, de cinema) - Coletivo, quando trabalham em conjunto: *companhia*, *elenco*.

Arrópode - V. *ápode*.

Árvore - Coletivo, em geral e quando em linha: *alameda*, *carreira*, *rua*, *souto*; — quando constituem maciço: *floresta*, *mata*, *mato*, *arvoredo*, *bosque*; quando altas, de troncos retos a aparentar parque artificial: *malhada*.

Barulho: farfalhar, murmurar, ramalhar, sussurrar.

Às apalpadelas - Locução que significa “pelo tato”, “apalpando”: Percorreu o quarto escuro *às apalpadelas*.

Às caladas - Locução que significa “encobertamento”: O resto era devorado *às caladas* pela malversação.

Às cegas - Locução que significa “cegamente”, “sem conhecimento”: Meteu-se no empreendimento *às cegas*.

Às claras - Locução que significa “à vista de todos”: sentimento nutrido *às claras*.

Às escuras - Locução que significa “sem luz”, “na escuridão”: Alguns dos salões ficavam completamente *às escuras*.

Às fincas - Locução que significa “com empenho”, “com afinco”: Sempre se dedicou *às fincas* à profissão.

Às furtadas - Locução que significa “às furtadelas”, “furtivamente”, “às escondidas”: O apartamento dos seus, que raras vezes, e só *às furtadas*, o podiam ver.

As mais das vezes - V. *o mais das vezes*.

Às mãos ambas - Locução que significa “com as duas mãos”, “com impeto”: Não queiras *às mãos ambas* ferindo o peito crédulo exclamar delirante.

Às mãos lavadas - Locução que significa “gratuitamente”, “sem trabalho”: Isso eu consegui *às mãos lavadas*.

Às rebatinhas - Locução que significa “a porfia”, “em disputa”: Vinham a mim *às rebatinhas*.

Às tontas - Locução que significa “atarantadamente”, “sem atenção”: Procurava as coisas *às tontas*.

Às vezes (por *vezes*; a *vezes*) - Locuções que significam “de quando em quando”: *Às vezes* ficava a cismar.

Asa - Barulho: *ruflar*.

Ascender (subir) - Não confundir com *acender* (atear fogo).

Ascensão, assunção - Filológica e, conforme a aplicação, dogmática é a diferença entre as duas palavras. *Ascensão*, do latim *ascensionem*, é o mesmo que *subida*, *elevação*, *direção ou movimento para cima*, *ação de ascender*: *ascensão* ao Corcovado. Em linguagem eclesiástica denota a elevação de Jesus ao Céu quarenta dias depois de ressuscitado.

Assunção deriva, como a palavra anterior, de forma latina (*assumptionem*); além de “ação ou resultado de assumir”, indica “elevação a alguma dignidade”: *assunção* de Pedro II ao trono do Brasil. Teologicamente tomada, a palavra indica o ato pelo qual a divindade encarnou em si a natureza humana (Cristo se fez semelhante a nós pela *assunção* de nossa natureza) e, ainda, a elevação ou rapto da Santíssima Virgem ao Céu.

A distinção teológica prende-se ao fato de *assumptionem* provir do verbo composto *adsumo* (de *ad*, *para*, *mais sumo*, *tomar*; por assimilação, *assumo*), que significa tomar para si, receber para si (*assumere uxorem*, receber por mulher); Deus tomou para si, fez chegar, fez subir ao Céu a Mãe de Jesus.

Ascensão tem outro étimo, que significa simplesmente *subir* (e não “fazer subir a si”, “fazer chegar a si”: *ascendere in concionem*, subir à tribuna); a *Ascensão* encerra força própria, procedimento voluntário próprio, espontaneidade de ação, porque Jesus é o próprio Deus.

Cuidado exige a grafia: *s* na sílaba final de *ascensão*; *c* cedilhado na de *assunção*.

Ascético (místico) - Não confundir com *asséptico* (isento de germes) nem com *acético* (relativo ao vinagre).

Ásinus ásinum fricat - Locução latina que significa “um burro coça o outro”. Expressão alusiva a pessoas que se elogiam reciprocamente, que se trocam exagerados cumprimentos.

Asneira - Coletivo: *chorrilho*, *acervo*, *monte*.

Aspargo - É estranhável trazerem os vocabulários a forma “aspargo” somente como variante de “espargo” e de “espárgo”. A quem não desejasse empregar a forma legítima desse derivado grego, seria mais aceitável a variante *aspargo*, de largo e justificado uso no Brasil.

Aspas - Quando dentro do trecho já entre aspas houver necessidade de novas aspas, estas são simples: O mestre avisou: “O aluno que responder ‘Não estudei’ deverá justificar a resposta”. Em casos tais, as aspas encerram qualquer outro sinal de pontuação de uma passagem citada dentro delas: “Devia o meu companheiro ter respondido ‘Não estudei?’”

perguntou o aluno. No fim de uma citação o sinal de pontuação ficará dentro das aspas se pertencer à citação; se for do autor, depois: Ele perguntou: "Você vai?" — Por que você não disse "Eu vou"? — "Os alunos exclamaram: 'Muito bem!'. Em certos idiomas as aspas são ordinariamente simples; passam a ser dobradas só quando dentro há outras. Encontram-se aspas em forma de cunhas.

Aspergir - V. *aderir*.

Aspero - Superlativo sintético: *aspérrimo*.

Aspirar - Pede objeto direto quando significa sorver, absorver, chupar: "Aspirar o pó" — "Aspiramos saudável ar".

Passará a ser transitivo indireto, ou seja, passará a exigir objeto indireto (com a preposição *a*) quando significar desejar, pretender títulos, honrarias, postos etc.: *Aspiro ao triunfo* (e não "o triunfo") — *Aspiro à glória* (e não "a glória").

Assa - É adjetivo uniforme, de procedência indiana; significa o mesmo que *albino*: negro *assa*. O uso está introduzindo a forma *asso* para o masculino.

Assassinato - A palavra portuguesa é *assassinio*; nosso sufixo *ato* é a forma erudita de *ado* e se acresce a temas latinos para indicar função, dignidade: *baronato, cardinalato, triunvirato, vicariato*.

Se *morticínio* já nos veio formado do latim, do vernáculo *assassino* mais *io* obtemos *assassinio*.

O sufixo *ato* é no caso espúrio. *Latrocinio, lenocínio, galicínio, extermínio* é que são formas portuguesas; quem hoje diz *assassinato* pode amanhã dizer "morticinato".

Assassino - Coletivo: *choldra, choldraboldra*.

Assaz - É advérbio que significa *bastante, suficientemente*: "Ele é assaz instruído" — "Assaz tem quem se contente com o que tem" — "Assaz é pobre e delgado quem conta seu gado".

Pode-se empregar substancialmente, seguido de *de*, para significar "o quanto é preciso", "o suficiente": "O que ele muito de ordinário fazia, e com *assaz de* liberalidade".

Assecla - V. *quantidade*.

Assediar, assédio - V. *sedear*.

Asseitar (enganar) - Não confundir com *aceitar* (receber): "E sempre mais o *asseita* para lhe roubar todo o fruto da alma".

Assemelhar-se - Na conjugação, fechar sempre o "e" da penúltima sílaba nas formas rizotônicas: ele se *assemelha*, que ele se *assemelhe* (§ 446, b).

Assenhorear, assenhorar - De longa data existem as duas formas quando pronominal o verbo: "Quando o apetito sensível se *assenhora* da razão" (Dicionário da Academia de Lisboa) — "Quando o cataclismo desabou sobre o país? e o pessimismo se *assenhoreava* de todos" (Rui).

Quando transitivo direto, a forma que se encontra é a *em ear*: "Estes homens não fazem guerra por cobiça de riquezas, nem menos de *assenhorear* províncias" (Dic. Acad. Lisb.).

É ainda o verbo transitivo indireto (prep. *em*), e mais uma vez a preferência é pela forma *em ear*: "O bemaventurado estado em que essa gente da ilha estava, subverteram primeiro tiranos, que nela *assenhorearam*" (Dic. Acad. Lisb.).

"Assente", assentado - V. *entregue*.

Assentir - V. *aderir*.

Assento (banco) - Não confundir com *acento* (icto da voz) - V. *correto*.

Assepsia - V. *eclampsia*.

Asserto (afirmação) - Não confundir com *acerto* (ato de acertar).

Assessor - *Sessum* é supino do verbo latino *sēdeo*, que significa *sentar-se*; o prefixo *ad*, cujo *d* se assimilou, significa *junto de*. Era assessor o que se assentava junto do juiz para julgar com ele alguma coisa; hoje é sinônimo de *assistente, coadjutor, adjunto*.

Assessorio (relativo às funções de assessor) - Não confundir com *accessório* (que se acrescenta; não essencial).

Assim como assim - *Assim* é advérbio que entra em várias expressões: *Assim e assim* (nem muito nem pouco, nem bem nem mal), *como assim?* (locução adverbial interrogativa que denota espanto, admiração), *assim como assim* (de qualquer mo-

do, seja como for: "Eu, assim como assim, não nasci para sábio").

Assistente - Coletivo: *assistência*.

Assistir - Muitos verbos possuem duas ou mais regências e conservam em qualquer delas o mesmo sentido e correção: *Puxar a espada, da espada, pela espada*. Outros, conforme a regência, têm significado especial. Está neste caso o verbo *assistir*.

Quando seu significado for de *prestar assistência, socorrer, ajudar, favorecer, cuidar, tratar*, o verbo se construírá com objeto direto: "O médico assiste o enfermo" — "O advogado o assistiu com todas as cautelas".

Quando, porém, significa *presenciar, comparecer, estar presente*, constrói-se com objeto indireto, com a preposição *a*: "Assisti ao jogo" — "Assistam à inauguração do estádio" — "Assisti ao desfecho da questão" — "Assisti a uma missa".

Notemos: Este e alguns outros verbos, como *presidir e aspirar*, não admitem a forma pronominal *lhe*. Assim como, referindo-nos a glória, não dizemos "nós *lhe* aspiramos" mas "nós aspiramos a ela", da mesma forma, com referência a *missa*, diremos "nós assistimos a ela" (e não "nós *lhe* assistimos").

Assoalho - V. *enradicado*.

Assuada (desordem, vozeria, vaia) - Não confundir com *assoada* (ato de assoar).

Assuar (vaiar) - Não confundir com *assoar* (limpar do muco nasal).

"Assumir" - "Assumindo que V. Sas. entregarão a encomenda no tempo ajustado..." — Português de que colônia será esse? Talvez de alguma que tenha antes pertencido à Inglaterra, pois em inglês é que "assume" significa "supor", "tomar por certo". "Traduza-se" o verbo da oração por "admitir", "tomar por certo", "supor".

Astacópode - V. *ápode*.

Asterisco - É forma diminutiva que já nos veio formada do grego, pelo latim *asteriscum*. A estrelinha (esse o significado de *asterisco*) empregada para chamar a atenção para alguma nota ao pé da página pode ter quatro, seis ou mais pontas, mas o nome *asterisco* não pode ter mais de quatro sílabas.

Astracã - Quer nome próprio de lugar, quer comum para designar a pele de carneiro morto à nascença, preparada na cidade desse nome, escreve-se com *til* e não com *n* final.

Astro - Coletivo, quando reunidos a outros do mesmo grupo: *constelação*. Elemento que se junta a outro sem hífen: *astrofísica, astrosofia*.

Astrólito - V. *aerólito*.

Ataque - Quem ataca, ataca alguma coisa, ou seja, o verbo é transitivo direto; pois bem, antes do complemento nominal de substantivos cognatos de verbos transitivos diretos recorre-se em muitos casos à preposição *a*: *assalto ao banco, revista às tropas, ajuda aos pobres, auxílio aos inválidos*.

São legítimas as construções *ataque ao inimigo, ataque às posições estratégicas*.

Até a - Nossos clássicos não se serviam dessa redundância. Conquanto exemplos se encontrem dessa locução prepositiva antes do artigo em escritores posteriores ("Dar um passo até ao outro mundo" — Alexandre Herculano), não se pode dizer que esta maneira seja mais eufônica; ofender-se-ia o gosto dos nossos patronos quinhentistas e seiscentistas: "Vendo ora o mar até o inferno aberto" (Camões). Ainda mais leviano é afirmar que há diferença de significado entre uma construção e outra.

Morais, no "Epitome da Gramática Portuguesa", publicado com o Dicionário, considera erro juntar *a a até*. Os que redigem "até a" correm o risco de ter de aceitar "até àquele", o que produz arrepios.

Até há - V. *de há*.

Ateliê - Aportuguesamento do francês *atelier*, para indicar oficina de trabalho de pintor, de escultor, de fotógrafo, de desenhista.

Atender - Constrói-se, indiferentemente, com acusativo ou

com dativo: "Não o atenderam os criados" — "... até vos merecerem, um dia, a bênção de *lhes* atenderdes" — "Atender às súpticas" — "Não sei como atender-lhe ao pedido" — "O Senhor não lhe atendeu a oração".

"Atentivo", "Atentivamente" - Não obstante "atentivamente" ter sido empregado por Camilo, esse advérbio e o adjetivo "atentivo" são francesismos; em português diz-se *atento*, *atentamente*.

Ater-se - Este verbo, que significa *arrimar-se*, *aderir* (figuradamente, *acostar-se*, *pôr a confiança*), exige o mesmo cuidado de conjugação de outros compostos de *ter*: *Ateve-se* à parede — Se eu me *ativer* só à lembrança da sensação... — Em tais momentos *atinha-se* sempre ao seu tio. § 431, obs.

Aterosclerose - Não confundir com *arteriosclerose*, embora desta doença seja uma variedade. O primeiro elemento provém do grego *athér* (espiga, cabelo de cereal) e o composto designa o engrossamento fibroso da íntima acompanhado de degeneração ateromatosa.

Aterrar, aterragem - Aterrar é o verbo que se deverá empregar para indicar o ato de descer à terra num aeroplano: "O avião *aterrou* normalmente". O substantivo correspondente é *aterragem*; "aterrissagem" e "aterrisagem" são barbarismos. Outros barbarismos são "amerissar" em vez de *amarar*, "alunissar" em vez de *alunar*.

"Aterrissagem" - V. *aterrar*.

Atúmia - A palavra - que significa abatimento, prostração — deve ser proparoxítota por ter sido já formada no grego, onde a terminação *ia* é breve. Esse é o acento do vocabulário de 40, no que procede muito bem.

Atinente - Não encontra fundamento a redação: "Atinente à sua carta, notificamos que a ordem foi paga".

Atinente não é preposição que equivalha à locução "quanto a"; é adjetivo; deve referir-se a nome ou a pronome: "Apresentaram-lhe vários alvítes *atinentes* a rodagem de maiores resguardos a investida".

"No tocante à sua carta", "no respeitante à praxe", "no referente ao seu pedido", "no concernente à situação" — não é assim que todos dizemos?

"No atinente à sua carta", "quanto ao atinente à sua carta", com o pronome "o" como antecedente da forma participial, é que se pode dizer.

Atingir - Na passagem de Rui: "quando a tal fase atinge um projeto" — a preposição *a* está para clareza da oração (§ 683, 1). Não se tratando de casos como esse, a regência é a transitiva; é o conselho de Francisco Fernandes: "O verbo *atingir* é transitivo direto. Alguns autores modernos, entretanto, costumam dar-lhe regime indireto; em que pese, porém, à autoridade dos que preconizam tal regência, a melhor construção é aquela em que se dá ao verbo em apreço *objeto direto*".

Atirar - Muito certa está a construção "Não atires papéis à rua".

Muitos significados tem o verbo *atirar* e variada é sua regência.

Na acepção de *arrojar*, *arremessar*, *lançar*, é transitivo direto-indireto, isto é, exige dois objetos, um direto (sem preposição), outro indireto (com preposição), podendo a preposição ser *a* — como no exemplo dado — *em* — que é mais frequente — e *contra*: "Atirar pedras ao telhado do vizinho" (Cândido de Figueiredo), "Mandou ontem o condenado atirar aos juizes lama entrelinhada (Rui), "Rasgou-a em dois movimentos e atirou-a em um lamaçal" (Júlio Ribeiro), "Mas o cavalo espantou-se-lhe, atirando-o *contra* uma esquina" (Stringari).

Na acepção de "disparar arma de fogo", os bons escritores dão-lhe sempre regência transitiva indireta: "Atirei a perdizes e galinhas", "...*contra* o qual atiraram"; "Se *lhe* não atirava, mordia a serpente o menino e matava-o".

Outros casos particulares há, de significado, do verbo *atirar*, que parece não necessitarem por ora expostos.

Atoa - Este brasileirismo, que de tão usado passou a figurar em todos os dicionários da língua portuguesa, não deve ser

confundido com a locução adverbial "a toa", ainda que não haja diferença fonética entre as duas formas.

Atoa é adjetivo invariável; quer dizer *irrefletido*, *inútil*, *sem valor*, *que não tem objeto ou fim*, *fúcil*: homem *atoa*, coisa *atoa*.

A toa é locução adverbial; emprega-se também em linguagem náutica, para significar *com governo próprio*, *a sirga*, *a reboque* (*Sirga* é o nome do cabo de corda que serve para puxar uma embarcação).

O sistema ortográfico de 43 emprega em ambos os casos a enfeitada forma *á-toa*.

Átonos - *Átonos*, *átônicos* ou *fracos*, isto é, sem acento próprio, existem vários monossílabos, como os pronomes obliquos *me*, *te*, *se* etc., e outras palavras como *que*, *de*, *e*, sobre as quais a voz passa sem apoiar-se com força.

A existência de palavras átonas não constitui idiotismo nosso nem se limita a certos monossílabos; dissílabos também existem sobre os quais a voz não se apóia, proferidos sempre em companhia de outras palavras, nunca, em sua verdadeira função morfológica, isoladamente. *Pelo*, por exemplo, combinação da preposição *per* com o artigo *o*, é palavra átona, jamais proferida sozinha, sendo sempre atada a outra, em que prosodicamente se apóia: *Pelo* caminho mais curto.

É dissílabo, sem dúvida; o ictos da voz recai na sílaba inicial, no *pe*. mas a palavra — isto é que precisamos considerar — é átona, não se profere sozinha; prosodicamente ela é dependente. O mesmo se dá com *sobre*, *para* e com outras preposições e conjunções que, sem tonicidade própria, são ou enclíticas ou proclíticas. Uma reforma ortográfica houve que chegou a taxativamente incluir o *porque* entre as palavras átonas; fê-lo com o intuito de simplificar o assunto, uma vez que essa palavra ora é átona, ora o não é.

Ator - Coletivo: *elenco*.

Atrabiliário - Cuidado com a significação deste adjetivo; é termo médico que significa "relativo à atrabile" (palavra paroxítota), "que tem atrabile", nome este do humor espesso, negro e acre da bile, a qual se supunha a causa da melancolia, da neurastenia. Daí o justo significado de irascível, colérico, neurastênico.

É erro empregar com a significação de *desordenado*. Talvez certa paronímia com *atabalhado* desse margem à confusão, o que faz lembrar o emprego por vários anos, na imprensa e no rádio, de *alcateia* em vez de *atalaia*. Este erro está corrigido; corriamos também aquele.

Atrás, atrasar - O étimo latino (ad+trans) obriga-nos a escrever com *s*.

Atrasado, retrasado - É a expressão "semana retrasada" muito usada e nada há que se lhe oponha. O próprio verbo *atrasar* foi censurado no início de sua formação e emprego na língua, conforme se depreende do dicionário de Domingos Vieira, onde encontramos esta apreciação de Bluteau: "Alguns cultos, zelosos do decoro das palavras, não querem que se diga *atrasado*, nem *atrasar*, mas são palavras tão comuns que dificilmente se poderá impedir o uso delas".

É *retrasado* vocábulo tão bem formado quanto *atrasado*. Merece esclarecimento a significação da expressão *semana retrasada*; é tal semana anterior à *atrasada*, e esta anterior à *passada*.

Através de - Através — que se deve escrever com *s* — exige depois de si a preposição *de*; constitui horripilante galicismo a omissão da preposição. Deve-se dizer "através do rádio", jamais "através o rádio".

Os que não usam a preposição *de* em seguida à palavra *através* lembrem-se de que no próprio francês é erro omiti-la com "au travers".

Não menos horripilante é o emprego de *através de* no agente da passiva. Este, em português, expressa-se pela preposição *por* e às vezes *de*: O livro é estudado *por* todos — Ele é estimado *de* todos.

E assim: O gol foi marcado *por* tal jogador — A falta foi cobrada *pelo* jogador Tal — O telegrama foi enviado *pela* agência X — O cheque foi enviado *por* tal banco — O assun-

to foi resolvido *por* decreto.

Nem "através de" nem "por intermédio de" no agente da passiva (Gr. Met. § 390).

Se constitui erro empregar *através de* para indicar o agente da passiva (O gol foi feito *através do* jogador Tal), não se deve por outro lado cair no exagero oposto de julgar que a locução só é possível quando significa "de um lado para o outro", "de lado a lado" (Passou *através da* multidão — Passou a espada *através do* corpo). Não vemos erro em: "A palavra veio-nos do latim *através do francês*", como não vemos na passagem de Herculano: "Através desses lábios inocentes murmuram durante alguns instantes as orações submissas". Há aí metáfora, metáfora que não conseguimos ver em "advertência feita *através do* bispo", "desaparecimento notado *através de* sua ausência".

Veza há em que a simples preposição *por* ou a preposição *de* expressam suficiente e completamente a idéia sem o pelintra "através de": "Deduz-se *dessas* considerações..." — "Por dois processos podemos conseguir o que desejamos" — "Provou por *testemunhas*" — além de outras preposições ou locuções prepositivas: *mediante* outros recursos, *durante* dois anos de luta, *por meio de* artifícios.

Atribuir - Está num recorte de jornal, a encabeçar em duas colunas uma notícia: SÓ DELEGACIAS ATRIBUEM AULA. E a seguir, no corpo da notícia: "... nenhuma vaga será atribuída diretamente pelos diretores".

Passou pela cabeça do foca que, se "delegacias atribuem aulas", pode ele na passiva construir "aulas são atribuídas pelos diretores". Mas em que dicionário encontrou ele *atribuir* com o sentido de *autorizar*? Teria o rapazelho confundido *atribuir* com *distribuir*?

Trazem dicionários bons (Aulete, Laudelino) o verbo com a significação de *conceder, dar, conferir*, mas esses sentidos não cabem no cabeçalho da notícia. Uma constituição atribui facultades, a lei pode atribuir prerrogativas, mas um diretor de escola não pode "atribuir aulas". Porque num passo *atribuir* significa *dar, conferir, conceder*, vamos em qualquer outro trocar esses verbos por *atribuir*?

Ao sair da redação, não vá o herói "atribuir esmolas" nem "atribuir beijos" às tontas. Estamos no Brasil, e não em país de língua espanhola.

Atribuir-se - V. *ele traçou para si*.

Atroz - Superlativo sintético: *atrocíssimo*.

Atuário, atuária - *Atuário* é palavra provinda do inglês "actuary", e designa "pessoa que faz os cálculos respeitantes a seguros; calculista das companhias de seguros". Daí o nome *atuária*, para indicar a disciplina, o estudo de tais cálculos. Não há razão para acóimar o vocábulo de anglicismo, indicando para substituí-lo os vocábulos *calculista, financeiro* ou a locução *calculista-financeiro*. Precisamos convir nisto: Não é de bom senso apegar-nos a palavras nossas que não expressam com precisão o que se pretende; se idiomas mais ricos do que o nosso não procedem dessa forma, como limitar-nos ferrenhamente a um estrito vocabulário? Aceitemos *atuário*, e dele formemos sem receio o derivado *atuária*, que bem, somente, haverá nisso.

Quanto mais idéias mais nomes; por falta destes é que não devemos sacrificar aquelas.

Au ralenti - Expressão francesa muito usada em aviação, para significar "com o motor em marcha lenta": Desci com o motor *au ralenti*. Substitua-se por *ralentado*: Mantenha o avião o mais tempo que puder *ralentado*. V. *ralentiar*.

Audaces fortuna juvat - Locução latina que significa "a sorte ajuda os audazes". A audácia faculta o triunfo.

"Audacioso", "Audaciosamente" - Não são as palavras realmente nossas senão *audaz, audazmente*.

Audax Jâpeti genus - Locução latina que significa "a prole audaz de Jâpeto", ou seja, Prometeu, que roubou o fogo dos céus e o deu aos homens.

Audi alteram partem - Locução latina que significa "ouve a outra parte". As duas partes devem ser ouvidas para que haja justiça.

Audio - Elemento que se junta a outro componente sem hífen: *audiofone, audiovisual*.

Aulete - É o tocador de flauta dos gregos; o feminino é *auletrida*. Há a variante oxitona *auleter*, cujo feminino é *auletriz*.

Aumentar - Quando este verbo vem seguido de objeto direto (aumentar o capital, aumentar o valor, aumentar o patrimônio) e do quanto houve de aumento, este quanto vem expresso de várias formas: *Aumentou* a resistência *com* mais um batalhão — ...os que *augmentem de* novos cabedais o patrimônio comum — Aumentar *em* um centímetro o comprimento. As mesmas variantes de construção podem aparecer em formas passivas: A qual ficou *aumentada com* mais de dois mil índios — Teve nova edição em 1794, *aumentada de* mil frases.

Aura popularis - Locução latina que significa "a aura popular". Exprime a inconsistência da popularidade; o vento, o favor popular esvai-se como fumaça.

Áurea mediocritas - Locução latina que significa "áurea mediocridade". Expressão usualmente empregada em sentido irônico.

Aures habent et non audient - Locução latina que significa "têm ouvidos mas não ouvirão". Palavras com que o Salmista se dirige aos inveterados no erro. A paixão abafa a voz da razão.

Auri sacra fames - Locução latina que significa "a execrável fome de ouro".

Auriga - V. *piloto*.

Aurir (fugir alucinadamente, alucinar-se) — Não confundir com *haurir* (aspirar; tirar para fora de lugar profundo).

Auroque - Voz: *berrar*.

Ausente - Como *ausentado*, constrói-se com a preposição *de*: ausente de São Paulo, ausente da reunião.

Áustria - Adjetivo pátrio: *austriaco*, com acento no *i*. Quando primeiro elemento de adjetivo pátrio composto, assume a forma *austro*: *austro-húngaro*.

Aut Caesar aut nihil - Locução latina que significa "ou César ou nada". Lema de César Borgia, que pode ser atribuído a todos os ambiciosos.

Autenticar - Esse é o verbo que existe em português, e não "autenticar". Será acaso a existência de "identificar" a causa da inútil criação?

Auto - Prefixo que exige hífen antes de vogal, *h, r, s*: *auto-admiração, auto-hemoterapia, auto-retrato, auto-sugestão*. V. "autofalante".

"Autobus" - Isto em português a nada se aplica. Em nosso idioma ou se diz *auto-ônibus* ou simplesmente *ônibus*, forma simplificada do dativo plural *omnibus* (=para todos).

É muito expressiva, e freqüente em certos lugares, a designação "coletivo".

No nordeste brasileiro ninguém estranhe que se diga: "Para ir à catedral é necessário tomar uma *sopa*", como estranheza não deve causar-nos que em certas cidades do sul nos informem: "Há uma *jardineira* de manhã e outra a noite".

"Autobus" (ótopas) diz o inglês para distinguir de "troleibus". V. *trólebus*.

Autócrata, autocratrix - Tão somente por analogia com outros derivados de largo uso (*democrata, aristocrata, plutocrata*) é que a acentuação paroxitona é sugerida pelo "Vocabulário" de Lisboa e por Ramiz Galvão. A não ser por esse motivo, a pronúncia etimologicamente correta é *autócrata*. *Autocratrix* encontra-se como feminino do substantivo, ao lado da forma única *autócrata* tanto como substantivo quanto como adjetivo.

Autóctone - Com "o" na penúltima sílaba e "e" na última; é vocábulo proparoxítono, erudito, proveniente dos elementos gregos *autós*, que significa *mesmo*, e *chthôn, chthonós*, que significa terra, pátria; designa o composto o aborígine, o indígena, o nativo, o que é natural do país em que habita, e descende de pessoas que nele sempre habitaram.

É seu antônimo *alóctone*.

Autódromo - A orientação que devemos seguir no acentuar

palavras oriundas do grego é a seguinte: a quantidade latina é que prevalece, mesmo quando diferente a acentuação tônica na origem grega; muito mais, portanto, quando a prosódia é idêntica nas duas línguas, como acontece com *hipódromo*. Da existência deste composto no latim, podemos formular a prosódia de outros compostos nossos em que entre o elemento grego *dromo*. Assim é que, embora não existente no latim, nós concluímos que se deve pronunciar *velódromo*, e assim o fazemos. Pela mesma razão *autódromo* é que se deve dizer.

O mal já foi cortado; sejamos coerentes e compenetremos todos de que língua alguma existiu mais perfeita e coesa que o grego. Sólido como o mármore de Arúndel, o alfabeto grego nos patenteia a lógica de uma civilização integrada em princípios os mais robustos. Estivéssemos discorrendo sobre filosofia, arquitetura, matemática ou política, o mesmo teríamos de dizer sobre cada uma dessas atividades humanas; foi a Grécia o berço que embalou Aristóteles, Fídias, Arquímedes e Sólon. Limitemo-nos, para o nosso fim, a apreciá-la apenas nas letras e já teremos realizado bastante. Apresenta-se-nos uma dúvida quanto à grafia, prosódia ou significação de um termo? Pecamos explicação ao nosso intermediário, o latim; se esse não nos responder ou não nos satisfizer, recorramos às límpidas águas da copiosa Hipocrene, que nos sentiremos saciados.

"Autofalante" - Não existe; nossa palavra tem "l" após o "a" inicial, e pela ortografia oficial se escreve *alto-falante*.

Autógrafo - Coletivo, quando em lista especial de coleção: *álbum*.

Autópsia - V. *Eliópsia*.

Autorizar - "Autorizar uma coisa a alguém" é a construção que parece mais comum: "Este município não tem, ainda, poderes que lhe autorizem a cobrança do imposto..."

Não se poderá, no entanto, incriminar a regência "autorizar alguém a (para ou de) alguma coisa", uma vez que na passiva é corrente a construção: "Fulano está autorizado a (para ou de) alguma coisa". Dessa forma, é também correto dizer: "Este município não tem, ainda, poderes que o autorizem a cobrança do imposto".

Avalanche - V. *alude*.

"Avançar" - Constitui seu emprego galicismo quando empregado por *adiantar* em orações como esta: "O prefeito não avançou informações sobre o projeto".

É erro que havia muito não víamos; continuemos a refugá-lo e a empregar verbos nossos: "Posso *adiantar*-lhe que amanhã receberá a sua nomeação" — "Forneceu-lhe os dados necessários" — "Ele *afirmou* que iria" — "...sem *antecipar* aos jornalistas as dimensões do empreendimento".

Avantesma - V. *Érico*.

Avaria - É palavra paroxítona, do árabe *atar* e o sufixo *ia* (V. *terminação ia*).

Ave - Coletivo, em geral, quando em grande quantidade: *bando*, *nuvem*.

Ave, pássaro - O lugar não parece devido, mas deve ter já ocorrido ao leitor vontade de distinguir *ave* de *pássaro*. Fazemo-lo com a ajuda de Luís Gonzaga E. Lordello, redator do Suplemento Agrícola deste jornal, que inicia sua exposição com esta advertência: "A língua portuguesa é realmente muito complexa; adquirir conhecimentos para manejá-la sempre com acerto constitui tarefa das mais difíceis."

E continua: "A fim de designar os seres que os cientistas colocam na grande classe das aves conta a língua com dois vocábulos: *ave* e *pássaro*. Pode, freqüentemente, verificar-se que esses termos são usados como se tivessem o mesmo significado. No entanto, todos os pássaros são aves e nem todas as aves podem ser referidas como pássaros. Não se trata de questão de tamanho, pois é errado definir os pássaros como aves pequenas."

A definição da classe das aves pode ser simplesmente feita pela posse de penas; a posse dessas produções do tegumento garante ao vertebrado um lugar na classe em apreço.

Para que lhe possa ser atribuído o nome de pássaro, contudo, é preciso que apresente caracteres que permitam colocá-lo na ordem Passeriformes. Tais caracteres são, entre outros, os seguintes: posse de um bico, de forma muito variável, mas destituído de membrana na base; tarsos nus, ou seja, desprovidos de penas, presença de três dedos dirigidos para a frente e um para trás; e, unha do dedo posterior mais forte que as anteriores.

Pelos caracteres expostos, não pertencem à ordem Passeriformes e, portanto, não podem ser chamados pássaros: ema, inhambu, galiformes (jacus, urus etc.) rapineiros diurnos (gaviões) e noturnos (corujas), aves aquáticas em geral, anus, martins-pescadores, surucuás, tucanos, pica-paus, papagaios e afins, beija-flores etc.

Para testemunhar que o tamanho não tem grande importância, aí estão os minúsculos beija-flores e os pequenos tuins, filiados a ordens diferentes de Passeriformes que não devem ser referidos como pássaros, no sentido exato do vocábulo."

Diferenças mais existem, já quanto à nidificação, já quanto ao tempo de cuidado pelos pais, mas para advertência de não confusão cremos ter bastado a transcrição dessa parte.

Ave, Caesar, morituri te salutant - Locução latina que significa "Salve, César, os que vão morrer te saúdam". Palavras que, segundo Suetônio, proferiam os gladiadores ao desfilar, antes do combate, diante da tribuna de César.

...ável - V. *insolúvel*.

Avelheiro - Provavelmente, "avelheiro" seria maneira acastelhanada de grafar o nosso antiquado *avelheiro*, pois em espanhol os dois *ll* correspondem ao nosso digrafo molhado *lh*: "*castellano*", *castelhana*.

Em Viterbo o leitor encontraria "bezerro avelheiro"; tal era o que não estava sujeito ao jugo, mas já não mamava; novilho. Ainda hoje se diz *abelhudo* o que não descansa, apressado e não tem sossego. E que outra coisa é o bezerro ou novilho? Corre, brinca, salta, musca, urra, e, segundo o poeta, "pede jam spargit arenam".

Avetruar - V. *água*.

Avestruz - Com muito acerto, a tradição dá à palavra o gênero feminino, porque o início é a nossa própria palavra *ave*, feminina; modificada pelo adjunto latino *struthio* (do grego *struthion*), continua sendo do gênero feminino. Ainda quando um adjunto é constituído de substantivo de gênero diferente, prevalece por regra em português o gênero da palavra fundamental: *a laranja-cravo*, *o arroz-agulha*, *a moeda-papel*, *o papel-moeda*. Dar a *avestruz* o gênero masculino é incorrer em italianismo; em italiano a palavra não traz o elemento *ave*; constitui-se somente do elemento proveniente do grego, *struzzo*, masculino. Nada temos nós com isso.

Aviado (concluído; despachado) - Não confundir com *aveado* (adoidado).

Avir-se, haver-se - Estes dois verbos pronominais, ambos de largo uso, não podem, como induz Aulete, ser empregados indiferentemente como sinônimos; essa confusão, antes perpetrada por Moraes e por Constância, foi já explicada e profligada por Júlio Ribeiro. *Haver-se* significa portar-se, proceder, comportar-se ("Houve-se muito bem no exercício de seu cargo" — "Eles se houveram dignamente nessa empresa"), ao passo que *avir-se* quer dizer arranjar-se, entender-se, acomodar-se: "Gostava de ver como se avinha para isso com o pastorinho" (Camilo), "Com meu gado me avenho e estou contente" (Camões), "Então se falam, calo-me eu, e lá se avenhão" (Castilho).

Esta deve ser a redação dos seguintes períodos: "Aquele que sobre ti lancar vistas de amor ou de cobiça, comigo se avirá" — "...outro motivo tinham os paulistas para se avirem com os jesuítas das reduções paraguaias".

Avisar - Verbos há que podem de mais de uma forma ser constituídos, e *avisar* é um deles. Tanto é certa a construção "Avisar o chefe da chegada do gerente" quanto: "Avisar ao chefe a chegada do gerente".

Se no primeiro exemplo "o chefe" constitui objeto direto do verbo *avisar*, esta deve ser a substituição pronominal: "Avisei-o da chegada do gerente".

No segundo, "ao chefe" constitui objeto indireto do verbo *avisar*; portanto: "Avisei-lhe a chegada do gerente".

Idêntico procedimento exigem os verbos *informar* e *cientificar*; tanto é certo dizer "informar a alguém alguma coisa", quanto "informar alguém de alguma coisa": Informei-lhe o advento do novo regime — Informei-o do advento do novo regime.

E assim: "Cientificar alguém de alguma coisa" (Cientifiquei-o de uma derrota) e "cientificar a alguém alguma coisa" (Cientifiquei-lhe a nossa derrota).

Avoar - Forma protética, popular, de *voar*, donde os brasileirismos *avoado*, *avoador*, *avoadeira*, *avoante*, *avoacar* (Gr. Met. §112, A).

Avos - É substantivo fictício, tirado da terminação de *otavo*.

Ávrego - V. *áfrico*.

Axi - V. *rami*.

Azado (cômodo; oportuno) - Não confundir com *asado* (que tem asas).

Azálea - Nome de planta que se supõe dar-se melhor em terreno seco; vem do adjetivo grego *azáleos*, *a*, *on* (=seco); é proparoxítono.

Azar - É palavra nem sempre entendida; além do significado próprio e idiomático de "infelicidade" (Esqueci-me por azar de fechar a torneira — Fulano é azarado — Estava com tal azar que não ganhou uma só partida), tem também o de mero "acontecimento inesperado", de "acaso": Devemos estar atentos aos azares da vida.

Considerada a palavra neste segundo sentido é que se entende a expressão provinda do francês "jogos de azar", ou seja, jogos em que não entra o raciocínio, jogos cujo resultado favorável ou contrário é completamente fortuito, e outras como "sujeitar-se aos azares da profissão".

A tradução do francês e do inglês *hasard* exige cuidado, pois a palavra, da mesma origem árabe que a nossa, tem sempre nesses idiomas o significado de acontecimento, ocasião, oportunidade, risco, contingência. Não tem sentido, por exemplo, traduzir o francês "coup de hasard", por

"golpe de azar"; comete verdadeiro barbarismo quem assim faz em vez de "acidente imprevisto"; e assim "au hasard" (que se deve traduzir por "ao acaso"), "par hasard" (que se traduz por "por acaso").

Com a significação que sempre tem no francês e no inglês e nem sempre em português de "acontecimento" é que a palavra nos deu o verbo *azar*, que significa "vir a jeito ou a propósito", "ocasionar", "acontecer": Não se azou o ensejo de envidar o aprumo do seu caráter.

Azeite - "Qual o termo correto da língua portuguesa para designar o produto do caroco da azeitona, do algodão, do amendoim, do gergelim etc.? Suponho ser "azeite"; pelo menos os portugueses sempre disseram "azeite de oliveira". No entanto, aqui em São Paulo, só se ouve e se lê "óleo de algodão", "óleo de amendoim" etc. É essa expressão correta ou simples influência do italiano *olio*?"

A palavra *azeite*, nessas expressões, é sinônimo de *óleo* e pode ser usada, indiferentemente, em lugar desta. A única diferença está em ser *azeite* de origem árabe e *óleo* de origem latina. Tão só o português e o espanhol possuem, respectivamente, as formas árabes *azeite* e *aceite*; outros idiomas fazem uso da forma latina *oleum* ou do esperanto *oleo*: italiano, *olio*; francês, *huile*; inglês, *oil*; alemão, *öl* e catalão, *oli*.

Está claro que a palavra *azeite* deveria especificar o óleo extraído da *azeitona*, palavra esta de mesma origem que aquela, mas é hoje usada, por extensão, para designar também o óleo extraído de outras frutas ou da gordura de certos animais.

Enfim: *Óleo*, nessas expressões, é corretíssimo e *azeite* também o é. V. *oliveira*.

"Azens" - V. *Magalhães*.

Aziago - *Aziago*: que anuncia ou faz reear azar, infortúnio, calamidade; que influi para mal, de mau agouro, infausto. Diz-se de certos dias ou horas a que a superstição popular atribui essa propriedade: A sexta-feira é dia *aziago*. O acento tônico é na penúltima sílaba: *azi-á-go*.

Azimute - Como *recorde*, aportuguesou-se com o acréscimo de *e* e com a fixação da tônica na penúltima sílaba. O mesmo se diga de *vermute*.

B

Babador, babadouro - V. *coradouro*.

Bacincta - V. *cola*.

Bácoro (leitão) - Aumentativo: *bacorote*. Feminino: *bácora*.

Bacterídio - V. *ídió*.

Bacurau - Voz: *gemer, piar*.

Baño - Com acento tônico no *i*, por ser longo o sufixo vernáculu *io*. Não confundamos o sufixo *io* com a simples terminação *io*, como em *estádio*.

Bago - Aumentativo, além de *bagão*: *bagathão, baganhão*.

"Baguete" - O certo é *baqueta* (ê); do italiano *bacchetta*, donde o próprio francês *baguette*, tanto para designar a vara pequena e delgada de pau, ordinariamente mais grossa numa das extremidades, com a qual se toca tambor, quanto — forma usada em Portugal — o couro de bezerro para calçado, correspondente à palavra mais usada no Brasil *vaqueta*. Da primeira palavra os derivados *baquetar, baquetear, baquetada*.

O mesmo se diga de outras acepções: ornamento lateral das meias; sarrafinho empregado em molduras baratas; ornamento arquitetônico.

Baixaixa, Baixeiras - V. *saudade*.

"Bahia" - Grafia espúria de um estado brasileiro, ao lado do adjetivo *baiano* e do nome comum *baía*, origem do nome do estado de Rui. O *h* é bastardo à luz da ortografia de 43 e da de 45, e só um decreto de 1931 do estado baiano e a pessoal injunção do chefe da delegação brasileira do sistema de 45, natural desse estado, é que ainda nos impingem essa vileza gráfica; tivesse ele nascido no Piauí, estaríamos até agora sujeitos a "Piauhy", em Jaú a "Jahu"? E não digam que a tradição é que nos obriga a esse aviltamento; que fizeram de "Christo"? Aqui o *h* era menos tradicional que lá? — Sigla oficial: *BA*, sem nenhum ponto.

Baíla - O mesmo que *baile, bailado*, mas só usado nas frases familiares "andar sempre na baíla" (estar sempre a ser chamado ou citado), "vir à baíla" (vir a propósito; ser chamado ou citado), "trazer à baíla" (alegar ou citar a propósito).

É a forma mais usada, mas é corruptela de *balha*, designação da divisão de madeira, de uns cinco palmos de altura, que rijamente se crava no chão, no centro da lica, e que servia para impedir que os combatentes fossem de encontro um do outro e para facultar-lhes que se ferissem unicamente com as armas. O mantenedor (cavaleiro que combatia com lança) "vinha à balha" ou para quebrar novas lanças com o mesmo aventureiro ou para acudir ao desafio de outro.

Baioneta - Barulho: *tinir*.

Baixo - Superlativo sintético: *ínfimo, baixíssimo*.

Bala - Aumentativo: *balázio, balaço*. Barulho: *assobiar, esfuziar, sibilar, zumbir, zunir*.

Bálcãs - É inútil pretender impor a acentuação oxitona, como está no vocabulário de Portugal. No Brasil e também em Portugal a palavra é pronunciada paroxitonamente.

Baldaquim - V. *gentílicos*.

"Bale" - A forma correta é *Basiléia*. V. *Mogalhães*.

Balha — V. *baíla*.

Baliza — Cortesão, Lübke, Stappers, Scheler, citados por Nas-

centes e endossados por Botelho de Amaral, aceitam o étimo latino *palitium*, de que o "ti" seguido de vogal dá *z*.

Outro possível étimo seria o velho latim *palíceam*, origem, segundo Webster, do francês *palissade*. Ainda aqui o étimo — onde existe um *e* entre vogais — justifica a grafia com *z*: *baliza*.

Bambino Vezoso - V. *progenitor*.

Bambo - Forma reforçativa, aumentativa do adjetivo, quando empregado substantivamente ou como predicativo: *bambalhão* (fem.: *bambalhona*).

Banal - Na classe de palavras condenadas por uns e aceitas por outros podemos incluir, como bem prova o professor Graco Silveira, o malsinado *banal*; encontramos-lo, entre outros autores, em: Garrett (Bosquejo da Hist. da Lit. e da Língua Port.), Mário Barreto (Novíssimos Estudos, VI e 269), João Ribeiro (O Fabordão, 21; Curiosidades Verbais, 229 e 231; Colmeia, 218), Said Ali (Dificuldades, 24) e, para honrar tão ilustre pléiade, em Carolina Michaelis (A Saudade Portuguesa, 64).

Banco "para" - "Banco X da América do Sul", e não "Banco X para a América do Sul". É sem dúvida a construção com *para* tradução da forma italiana, que não acompanha a usual portuguesa. É sempre aconselhável ler o Aulete quando se pretende verificar as muitas relações que essa e outras importantes proposições podem expressar.

"Do Brasil" e não "para o Brasil" é que se acrescenta — embora haja também neste procedimento algo chocante sob outro aspecto — à razão social de uma empresa para oficialmente especificar sua origem estrangeira: General Motors do Brasil, Toddy do Brasil.

Bandeira - Barulho: *trapear*.

Bangalô - Enquanto em Portugal é pronunciado com o "o" final aberto (*bangalô*), entre nós a palavra é pronunciada e escrita *bangaló*; é de origem indiana.

Banho-maria - No plural, *banhos-marias* (Gr. Met. §227).

Banir - V. *abolir*.

Banqueta - Entre os limites confrontantes ou objetos confiantes de terrenos citados no § 2 do art. 588 do Código Civil Brasileiro de 1917 encontram-se as banquetas: "Por tapumes entendem-se as sebes vivas, as cercas de arame ou de madeira, as valas ou banquetas, ou quaisquer outros meios de separação dos terrenos...".

Tirando-a dessa passagem é que Carlos Teschauer, em seu NOVO DICIONÁRIO NACIONAL — 2ª edição, 1928 — dá-nos a palavra, definindo-a como "espécie de vala ou meio de separação de terrenos".

É sabido que esse dicionário traz palavras ou acepções não encontradas em outros dicionários. Obra de mérito, sempre exigiu do autor, edição a edição, uma descrição e caracterização mais circunstanciada "para que os vocábulos fossem bem discriminados e evitadas dúvidas e equívocos". São palavras essas do autor, na "Advertência da terceira série", de julho de 1922, reproduzidas na edição de 1928.

É perfeitamente aceitável a adoção de *banqueta* como

"meio de separação de terreno" e, mais especificadamente, como saliência que frequentemente é vista a margear rios, terra em que lateralmente se apóia o rio para fluir. Tanto assim é que a língua inglesa, que prima em conservar no seu vocabulário as raízes de origem latina, tem a palavra *bank* para denotar margem. Não só: uma das maneiras por que o inglês traduz a nossa palavra *banqueta* no MICHAELIS é "sidewalk", ou seja, passeio, passagem, calçada. A idéia de "lado", e, pois, de limitação, está impressa na palavra *banqueta*; a margem de um rio é uma *banqueta*, como *banqueta* é, segundo o Aulete, "parte lateral, mais elevada, dos arruamentos ou ruas".

"Lateral" aí está a confirmar a idéia de margem. *Banqueta* é a saliência após uma superfície plana, como *banqueta* do altar é o degrau que, logo a seguir a mesa, presta-se para apoio de velas. É forma diminutiva de *banco*, e *banco* não é o monte, a elevação, a saliência de terra que se eleva às margens de um lago, de um rio, do mar, ou se forma à beira de um corte, de uma cavidade?

Para reforçar e arrematar essa justificação, leiamos o que está no DICIONÁRIO GEOLÓGICO-GEOMORFOLÓGICO de Antônio Teixeira Guerra, 3ª edição:

Banqueta - O mesmo que *leito maior* ou *terraço inferior*.

Leito maior - *Banqueta* de forma plana, inclinada levemente na direção jussante e situada acima do nível das águas, na estação seca. O *leito maior* dos rios é ocupado, anualmente, durante a época das chuvas, ou então, por ocasiões das maiores cheias. Esta *banqueta lateral*, acima do *leito menor*, é também chamada de *terraço*.

Terraço - Superfície horizontal ou levemente inclinada, constituída por depósitos sedimentares, ou superfície topográfica modelada pela erosão fluvial, marinha ou lacustre e limitada por dois declives do mesmo sentido. É por conseguinte uma *banqueta* ou *patamar* interrompendo um declive contínuo. Os *terraços* aparecem com mais frequência ao longo dos rios, ou ainda na borda dos lagos e mesmo ao longo do litoral. Podemos classificar os *terraços* em: fluviais, marinhos, lacustres, estruturais etc.

Barba - Aumentativo: *barbaça*, *barbarrão*.

Barbárie, Barbaria - Têm acentos distintos; a forma terminada em *ie* provém do latim (*barbáries*), ao passo que a outra se formou do português *barbaro* mais o sufixo vernáculo *ia*, sempre longo; daí a diferença de acentos: *barbárie* (acento no segundo *a*) e *barbaria* (acento no *i*).

Barbaria significa ação própria de bárbaros, barbaridade, multidão de bárbaros, selvageria; *barbárie* designa o estado ou condição de bárbaro; é usado também com a significação de crueldade, selvageria.

Ambas as palavras prendem-se ao grego *bárbaros*, que significa "estrangeiro", ou seja, "não grego"; guerra bárbara, em grego, é a guerra com estrangeiros.

Barbatão - É regionalismo do norte; indica o gado bravo, nascido no mato ou fugido das estâncias: "Sucedera o mesmo nos pampas do sul: as raças se tornaram silvestres, e manadas de gado amontado (desgarrado, erradio) que ainda hoje na provincia se chama *barbatão*, vagavam pelos campos e enchiam os matos" (Alencar, O Sertanejo, I, 44).

Barbearia - V. *barbárie*.

Barbeta - V. *cartola*.

Barca - Aumentativo: *barcaça*, *barcão*.

Barco - Coletivo: V. *navio*.

Barítono - É adjetivo que em gramática designa as palavras que não têm a última sílaba acentuada.

"**Barotze**" - A forma portuguesa é *Baroche*.

Barra fora - V. *mar em fora*.

Barregão - Feminino: *barregã*.

Barriga - Aumentativo: *barriganha*, *barrigão*.

Basedoviano - É melhor que *basedóvico*. Ambos os sufixos indicam *relação*, mas *ico* de preferência se emprega em nomes

comuns (*científico, verídico, bucólico, simpático, caudético*) ou em nomes referentes a lugar: *brasílico, itálico, românico*.

Em nomes referentes a pessoa, *ano* é o de maior emprego: *luterano, agostiniano, crociano, canoviano, vichiano, mazomiano*.

Basedoviano, para especificar o que sofre da doença de *Basedow*, não ficará sem companheiros (*adisoniano, hanseniano, brightiano*) que, como aquele, especifica o paciente de doença descoberta por Addison, por Hansen, por Bright. V. "*hanseníase*".

Basilica - V. *lugares de culto*.

Basófilo - É a forma do substantivo e também do adjetivo: plantas *basófilas*. O adjetivo é que pode ainda ser *basofílico*.

Bastante - Não devemos empregar adjetivamente com a significação de "em grande quantidade"; frases como "Encontrei bastantes conhecidos na cidade" não são corretas.

Exemplos do seu legítimo emprego: "Procurações *bastantes*" (=procurações em que se conferem poderes juridicamente necessários para determinado fim) — "Argumento *bastante*" (=suficiente) — "Somos *bastantes* para levar a cabo a empresa" (=temos recursos suficientes para...).

Quando advérbio, ou seja, quando modifica adjetivo, verbo ou outro advérbio, permanece invariável: "Estamos *bastante* satisfeitos".

Bastante de noites - V. *um pouco dágua*.

Bastar - V. *faltar*.

Bastião - Plural: *bastiões, bastiães* (Gr. Met. §216).

Batávia - Adjetivo pátrio: *batavo*, designação antiga do holandês, com acento no *ta* desde o latim.

Bater (horas) - V. *dar horas*.

Batizar, Batizar-se - V. *casar*.

Batologia - V. *pleonasma*.

Baviera - Adjetivo pátrio: *bávaro*.

Baxá - É a mesma palavra nossa *faxá*, com a letra inicial de acordo com a verdadeira pronúncia do árabe, onde não há nem o som nem a letra *p*. V. *faxá*.

Beati páuperes spiritu - Locução latina que significa "bem-aventurados os pobres de espírito". Do Sermão da Montanha. "Pobres de espírito" são os desprendidos dos bens terrestres, mas há quem use essa expressão com ironia para designar os ignorantes favorecidos pela sorte.

Beati possidentes - Locução latina que significa "felizes os que estão de posse". Para reivindicar o direito de uma coisa é melhor já estar de posse dela — ou — quem já está com a coisa em seu poder, mais facilmente dela se torna dono.

Bêbedo - De preferência com *e* na sílaba medial. Temos *côvado* de "cúbitum", é verdade, mas por que não preferirmos *bebdo*, com *e*, forma legítima, quando com *e* escrevemos *beberagem, bebedeira, bebedouro, beberraõ*?

Coletivo: *corja, súcia, farândula*. Aumentativo: *beberraõ, beberraç*.

Bebedor, Bebedouro - V. *coradouro*.

"**Behaviorismo**" - V. *biéiviorismo*.

Beico - Aumentativo: *beicorra, beicarrão, beicoca, beicola*.

Beija-flor - Voz: *trissar*.

Beijo - Barulho: *estalar, estalejar*.

Beira - Adjetivo pátrio: *beirão* (fem. *beiroa, beirã*).

Bel canto - Expressão italiana que designa o canto puro, a arte de cantar.

Também em português a forma apocopada de *belo* é usada em poesia e em certas locuções, antes de palavra iniciada por consoante: "Ouvirás um *bel* cantar", "Dirigia o espírito de el-rei a seu *bel*-prazer".

Belém - Adjetivo pátrio: *belemita, belenense*.

Bélgica - Adjetivo pátrio: *belga*. Quando primeiro elemento de adjetivo pátrio composto, assume a forma *belgo*: *belgo-suíço*.

Bella mátribus detestata - Locução latina que significa "a guerra detestada pelas mães". Ninguém mais do que as mães sofre com a guerra: é pensamento de Horácio.

Belo - V. *redação*.

Belveder (ér), **Belvedere** (dêre) - *Belveder*, com a sílaba final tônica aberta, é nome próprio de lugar. *Belvedere*, com o acento tônico, fechado, na sílaba *de*, proveio do italiano e

tem uso internacional; indica proeminência que oferece vista panorâmica; é seu sinônimo o legítimo português *miradouro*: lugar elevado donde se mira. V. *coradouro*.

Bem - Elemento que exige hífen antes de palavra de vida autônoma ou quando a pronúncia o exige: *bem-casado*, *bem-aventurado*.

É o hífen um dos sinais mais antipáticos da nossa escrita; enquanto o espanhol procurou eliminá-lo (chegou a tirá-lo na êncise: *ponerse*, *originarse*, *míranos*, *sentémonos*, *pruébalo*, *díjete*, *sigúele*), nossos malfadados acordos ortográficos puseram-se a elaborar regras e mais regras rebarbativas, complicadas, enervantes; tão rebarbativas que os mesmos vocabulários oficiais ou fogem da dificuldade que os próprios autores criaram (Os autores dos vocabulários oficiais são os mesmos relatores dos acordos acadêmicos) ou se chocam (Os vocabulários são posteriores às reuniões acadêmicas, às viagens, aos ... acordos). Veja-se o que se passa com o elemento *bem*.

A tomar aqui espaço com mais linhas de crítica, é preferível pedir ao leitor que abra os vocabulários oficiais dos dois sistemas — do de 43 e do de 45, do Brasil e de Portugal — e neles veja estas incongruências e dificuldades: *bem-dizer*, *bendizer*; *bendito*, *bem-ditoso*; *bem-querer*, *benquistado* (*benquerença* nenhum deles traz).

Para evitar que alguém diga *be-ma-aventurado* e para que não apareça o condenado grupo *mn* — condenado pelos relatores, entenda-se — é que somos obrigados a enfeitar praticamente todas as palavras que começam com *bem*? *Conosco* é pronunciado *cô-nosco* e se escreve como se a pronúncia fosse *cô-nosco*; o mesmo argumento que nos obriga a grafia *bem-nado* deveria obrigar-nos a grafia *com-nasco*. A "exigência de pronúncia" é motivada pela deficiência de escolas, e a deficiência de escolas não é com enfeites nas palavras que se elimina. V. *mais bem*; V. *vão melhor*.

Bem, Bens - O fato de trazer o seu dicionário, no verbete *bem*, que a palavra no plural significa "o que é propriedade de alguém ou lhe pertence; possessão; domínio" não deve fazê-la pensar que só no plural deva ser usada com tal aceção. Se vários forem os prédios, "bens de raiz" se chamam; se somente um, o prédio será "bem de raiz". Se a penhora recair em um único bem, "bem penhorado" será a única maneira de referir-se a ele.

Bem-aventurado, Bem-aventurança - Jamais pronuncie "bem-aventurança", "be-maventurado". Muitas das letras de nosso alfabeto afastam-se, na composição de sílabas e de vocábulos, do som que possuem isoladas no alfabeto. Assim é que o *m*, quando posposto à vogal que ele modifica, transforma-se em mero sinal de nasalização; em *com*, *hom*, o *m* pode perfeitamente ser substituído por *til*, símbolo do som nasal: *cô*, *bô*; *embora* e *tempo* terão o mesmo som se grafados *êhora*, *têpo*, e assim já se escreveram em tempos idos.

Bem como - "Bem como", "assim como" são locuções conjuntivas subordinativas: "Filho és e pai serás, *assim como* fizeres, assim acharás" — "*Bem como* (benzeu) a José, benza-me a mim".

É de importância observar o seguinte: Quando dois sujeitos de um mesmo verbo vêm ligados por essas locuções conjuntivas, o verbo fica no singular: "*Pedro bem como Paulo soube a lição*" — "O sol *assim como* a caridade *procura*..." — Se, neste exemplo, a ordem fosse esta: "*Assim o sol como a caridade*" — o verbo iria para o plural: "Assim o sol como a caridade *procuram* com o ativo dos seus influxos unir e congregam todas as coisas" (Gr. Met. §571, n. 5).

Bem-fazer - V. *mal-estar*. V. *bem*.

Bem mal - V. *muito pouco*.

Bem-querença, Bem-querer - V. *bem*. V. *mal-estar*.

Benedito - V. *Bento*.

Beneficência, Beneficente - Se palavras há terminadas em *ciência*, *ciente* (*eficiência*, *eficiente*; *suficiência*, *suficiente*; *consciência*, *consciente*), outras existem que não podem trazer a vogal *i* nessas terminações. Não vale dizer que o *i* da sílaba final da palavra *benefício* justifica seu aparecimento em *beneficência*,

beneficente. Todas as palavras que em latim terminem em *dicus*, *votus* e *ficus*, assumem a forma *dicens*, *volens* e *ficens* para a derivação. Acrescidas estas terminações temáticas de sufixo, dão-nos derivados em *entia* e não em *ientia*, adjetivos em *ens* e não em *iens*, advérbios em *enter* ou em *e* e não em *ienter* nem em *ie*: *maledicentia*, *maledicens*; *benefolentia*, *benévolsens*; *magnificentia*, *magnificenter*; *munificentia*, *munificer*.

Enquanto *beneficência* e *beneficente* vêm diretamente do latim *beneficentia* e *beneficens* (por sua vez provenientes de *beneficus*), *deficiência*, *eficiência*, *suficiência* e as correspondentes formas participiais *deficiente*, *eficiente*, *suficiente* provêm de palavras latinas formadas por prefixação; não derivam, como as do verbete, de adjetivos em *ficus*, senão de participios presentes de compostos de *facio* (*deficio*, *efficio*, *sufficio*).

Digamos e escrevemos sempre "chá *beneficente*", "Beneficência Portuguesa", para que erro não cometamos. V. *parecência*.

Benéfico - Superlativo sintético: *beneficentíssimo*.

Benévolo - Superlativo sintético: *benevolentíssimo*.

Bengali, Bengalim - São variantes — oxítonas, de *bengalês*.

Benquerença, Benquerer - V. *mal-estar*. V. *bem*.

Bento - *Bendetto*, *Benito*, *Benedictus*, *Benôit* devem ser traduzidos por *Bento*: São *Bento*, *Benito XV*, *Dom Bento*. *Benedito* é nome popular, brasileiro, com o seu santo homônimo "São *Benedito*".

Beócia - Adjetivo pátrio: *beócio*. V. *gentílico*.

Berberé, Berberia - Acentua-se *berbêre* o nome designativo do natural da Berberia e da sua língua. *Berberia* tem o acento tônico no *i*. V. *Etiópia*.

Bere-bere - É a designação de certa doença encontrada em alguns pontos da Índia oriental e do Brasil, caracterizada por paralisia, hidropisia ou convulsões. Não é do português o *i* final átono, precedido de consoante. Foi-se o tempo em que se escrevia "incontinenti" e dia haverá em que todos irão escrever português *jure* (como já o faz Laudelino Freire), *taxe*, *tílbure*, *bere-bere*, a não ser que sempre tenhamos de enfeitar essas palavras com acentos: *béri-béri*, *júri*, *táxi*.

Bergantim - V. *brigue*.

Berna - Com a final, é a forma correta e já antiga de grafar o nome da capital da Suíça e de um seu cantão.

"Berne" - A forma portuguesa é *Berna*.

Besta - Aumentativo do adjetivo substantivado: *bestalhão*, *bestarrão*, *bestarras*.

Besta (arma antiga, que se pronuncia *bêsta*) - Não confundir com *besta* (quadrúpede).

Besteiro - Tem "e" aberto a palavra *besta* na aceção de "arma antiga de arremesso, consistente em um arco de aço ou de madeira, cuja corda se retesava por meio de uma mola, e que disparava pelouros ou seta", mas o derivado *besteiro* tem o "e" fechado por ser átono. Se pronunciamos *lêve*, não pronunciamos *lêviãno*, se pronunciamos *têrso*, não pronunciamos *têrsúra*.

Betânia - V. *Etiópia*.

Betsaida - V. *Aida*.

Bi - Prefixo que se junta sem hífen: *birrefração*, *bissetriz*.

Bibelô - V. *derivados franceses*.

Biberão - É a transliteração do francês *biberon*, que outra coisa não é senão a nossa mamadeira.

Bicho - Aumentativo: *bichaco*, *bichão*, *bicharoco*, *bicharrão*.

Bicicleta - *Biciclêta* muito bem ficaria entre *carreta*, *muleta*, *histórieta*, *gorjeta*, *caneta*, *maneta*, *maleta* — mas aí não a colocou o povo, e gramáticos é que não terão forças para fazê-lo. Consagrou-se a pronúncia *biciclêta*.

Bico - Aumentativo: *bicanço*, além do usual *bicão*.

Bicolor, Tricolor, Tencolôr, "Agfacolôr", "Tupicolôr" - As cores estão-se prestando para anúncios e para erros, já em locuções já em compostos. *Color*, com o acento tônico na sílaba final — *colôr* — é palavra que existe há séculos na língua portuguesa e dela são muitos os derivados; se em tempos idos era usada por "cor", continua a existir na mesma forma gráfica e com a mesma tonicidade na aceção de ornato, adorno, e na locução "sob color de" (a pretexto de,

sob a aparência de).

Usada ou não em nossos dias na forma simples, não se justifica a mudança da sílaba tônica em compostos. Em verdade, sempre dissemos, e locutor nenhum deixou de assim acentuar, "lápis *bicolôr*", "camisa *tricolôr*". O domínio da técnica estrangeira, a riqueza de criações industriais de outros países, a superioridade de recursos para a introdução de comodidades sempre vêm acompanhados de nomes em forma gráfica e prosódica da língua dos países de origem. Não passam esses nomes por nenhum cadinho, por nenhuma joeira; sem crivo nenhum, passam eles, simiesca e descaradamente, dos folhetos, dos prospectos de propaganda em língua estrangeira, para os microfones das emissoras e para as colunas dos jornais sem nenhum respeito ao nosso idioma, sem o menor cuidado de adaptação ao que é nosso, com desprezo completo ao que deveria ser base e expoente de civilização de cultura: o vernáculo.

A menor desculpa seria distração. Não nos distraíamos, pois; se o locutor pronuncia repetidas vezes *tricolôr*, por que se sai de cambulhada com "tupicolôr"? Um pouco mais de atenção, e o hábito da pronúncia certa se fixará: *bicolôr*, *tricolôr*, *incolôr*, *multicolôr*, *tecnicolôr*, *agfacolôr*, *tupicolôr*.

Bidê - Forma portuguesa do francês *bidet*. V. *derivados franceses*.

Bieivorismo - Como do inglês "lunch" tivemos *lanche*, de "leader" *líder*, de "football" *futebol*, ou seja, como devemos vestir com roupa nossa as palavras estrangeiras que entram em nosso vocabulário, *bieivorismo* é o apontuguesamento aconselhável para designar a doutrina que consiste em julgar que a psicologia deve basear-se somente nas observações e nos conceitos relativos ao comportamento e excluir todas as referências às sensações, sentimentos e imagens e ainda ao próprio pensamento quando não constitua implicitamente um comportamento.

Em vez de grafarmos letras nossas para serem pronunciadas à inglesa, de estarmos a meter entre vogais um *h* inexistente em nosso sistema ortográfico e de estarmos a criminosamente aspirar esse *h*, façamos a transliteração do inglês "behaviorism" (Os americanos escrevem "behaviorism") da mesma forma que a fizemos para as que acima ficaram dadas por exemplos.

Se a palavra estivesse sendo escrita com as mesmas letras da originária inglesa e pronunciada à portuguesa, outro procedimento deveria ser aconselhado; escrever porém "behaviorismo" — já existem dicionários que trazem a palavra — e pronunciar "biheivorismo" à inglesa, como fazem os professores de psicologia, conhecedores que são todos eles de inglês, não condiz nem com o nosso tradicional comportamento, nem com o comportamento do próprio inglês (Passaram a escrever "Sumatra", com *u*, para que se obrigassem a ler a palavra de acordo com a pronúncia portuguesa *Samatra*, com *a*, como sempre se escreveu e como se deve escrever em nosso idioma a palavra) e de outras línguas quando têm de importar palavras nossas. Complicar-se-ia o caso se a palavra se prendesse a nome próprio, mas esse não é o presente, que só nos obriga a que sejamos coerentes: *bieivorismo*, *bieivorista*.

Bife - Barulho: *rechinar*.

Bilboquê - É o nome correto do brinquedo consistente em uma bola de madeira com um furo, presa por um cordel a um cabo pontudo em que ela deve encaixar.

Bile, Bilis - Conquanto a forma usual de designar o líquido segregado pelo fígado seja *bilis*, é de elogiar quem escreve *bile* — e há até dicionários que o fazem — com a mesma terminação em português de outros dissílabos parissílabos latinos terminados em *is*: *classe*, *nave*, *sede*, *glande*, *ave*, *messe*, *febre*, *torse*, *tosse*, *vide*, *crise*.

Bilhão - Enquanto em português *bilhão* equivale a *mil milhões* (1.000.000.000), quem traduz alemão, espanhol e inglês da Inglaterra precisa estar atento, porque nos países desses idiomas o bilhão corresponde a um *milhão de milhões*, ou seja, a duas vezes um milhão, e o número se escreverá então com

doze zeros em vez de nove: 1.000.000.000.000.

Biliar, Biliário - "Se se diz "vesícula biliar", por que se diz "cálculos biliários"? "Qual o certo, qual o errado?"

— Certas ambas as expressões; a coexistência de adjetivos terminados em *ar* e *ário* não se limita a esse caso; outros há que em nosso idioma perduram com essa dupla forma: *hospitalar* e *hospitalário*; *centenar*, *centenário*; *milénar*, *milénario*; *familiar*, *familiaríu* — além de outras palavras de valor taxonomico diverso: *clavicular* (adj.), *clavicularíu* (subst.); *lunar* (adj.), *lunário* (subst.); *navicular* (adj.), *navicularíu* (subst.).

Bilis - V. *bile*.

Bilre - Feminino: *biltra*.

Bimensal, Bimestral - V. *mensal*.

Biopsia - O acento deve ser no *i* da terminação. A palavra foi criada dentro do português, dos elementos gregos "bíos" (vida) e "ópsis" (vista) e do sufixo vernáculo "ia", sufixo este longo.

O segundo elemento grego é o mesmo que entra no vocábulo *necropsia*, de igual acento, de significação contrária: *necropsia* = ablação de tecidos mortos para exame; *biopsia* = idêntica operação de tecidos vivos. V. *Etiópia*.

Biótipo - Por ser breve o *y* (i na ortografia oficial) do elemento *typo*, todos os compostos que por ele terminarem serão proparoxítonos: *biótipo*, *genótipo*, *fenótipo*, *protótipo*.

Biraponga - V. *araponga*.

Birigüü - Nome de cidade, com trema e sem acento no *i* tônico; o *u* faz parte do dígrafo *gu*.

Bis - Advérbio latino (= duas vezes; em dobro), usado em português como substantivo, com o significado de "repetição" ("A platéia pediu *bis*") ou como interjeição, com a significação de "outra vez".

Bis dat qui cito dat - Locução latina que significa "duas vezes dá quem dá depressa". É mais reconhecido o benefício recebido na hora do que o esperado.

Bisã - Voz: *berrar*.

Bisavô - V. *trisavô*.

Biscuí - Transliteração do francês *biscuit*. Corresponde ao italiano *biscotto* e ao nosso *biscoito* (lat. *bis*, duas vezes, mais *coctus*, cozido), mas a forma francesa conquistou terreno no trato da porcelana.

Bisneto - V. *trisavô*.

Bispicida - V. *maritida*.

Bispo - Coletivo, quando reunidos para decidir pontos de doutrina: *concílio*. O *concílio* diz-se ecumênico quando composto dos bispos de toda a cristandade e presidido pelo papa. V. *dam*.

Bissexto - Os latinos não contavam os dias dos meses como nós, numa série contínua, desde o primeiro dia até o fim; tinham eles três datas fixas nos meses, das quais se serviam, como pontos de referência para a conta dos demais dias. As datas fixas eram as *calendas*, as *nomas* e os *idos*.

Para o nosso caso, basta saber que as *calendas* indicam o primeiro dia de cada mês; "Kalendis Martiis" vem a ser "dia 1º de março". Partindo dessas datas fixas, os latinos contavam os dias *regressivamente*; pelo que, tratando-se do último dia de fevereiro, diziam eles "o segundo dia a contar regressivamente das *calendas* de março", ou seja, "o dia que antecede as *calendas* de março": "Prídie Kalendas Martias". O penúltimo dia de fevereiro era, para os latinos, o *terceiro* a contar das *calendas* de março ("tertius dies ante Kalendas Martias"), e assim por diante, sempre regressivamente, até chegar aos "idos", outra data fixa do mês.

Acontece, porém, que os latinos, no ano bissexto, não inseriam o dia, que se deve acrescentar, depois do dia 28 de fevereiro, como fazemos nós, mas depois do dia 24 desse mês, e como o dia 24 era o "sexto" antes das *calendas* de março, o dia acrescentado (sempre na ordem inversa) era chamado o "segundo dia sexto", ou seja, "*bis sextus dies ante Kalendas Martias*".

Dessa maneira de contar os latinos os dias do ano de 366 dias é que adveio o vernáculo "ano bissexto".

Bitúnia - V. *Árquia*.

Bivaque, Bivacar - Substantivo e verbo muito empregados na linguagem militar, aportuguesamento correto de correspondentes formas francesas; uma força em marcha *faz bivaque* (ou *bivaca*, verbo intransitivo) num lugar, isto é, pára e acampa ao ar livre para passar a noite: "Ficamos *bivacados* num campo de futebol".

Bizarro, Bizarría, Bizarrice - Age com *bizarria* quem o faz com *generosidade*, com *galhardia*. *Bizarria* é ainda sinônimo de *bravura*.

Bizarrice parece ser a palavra preferida para indicar *ostentação*, *bazófia*. *Bizarro*, adjetivo, indica *bem apessoado*, *garboso* e, ainda, *generoso*, *liberal*.

Blague - De extirpação impossível do idioma, nele entrou com significado não condizente com o de palavras nossas (chalaça, bazófia, balela...), principalmente na expressão consagrada "fazer blague".

Blasonar - Grafia correta tanto para indicar *ornar com brasão*, quanto *ostentar*, *alardear*. É seu étimo, segundo Webster, a forma teutônica *blason*, de que proveio o antigo inglês e o antigo francês *blason*, hoje em inglês escrito com *z*, que tem o correlato *blaze*.

Blefe - Forma que precisamos aceitar (o "e" tônico é aberto) como aportuguesamento do inglês *bluff*. A pronúncia do inglês é outra, mas a transliteração já se consagrou e dela temos o usado verbo *blefar* e o derivado *blefador*.

Boa vontade, bom gosto, bom humor - *Bom humor, mau humor, bom gosto, mau gosto, boa vontade, má vontade, boa fé* são em português expressões que se consideram substantivos compostos (*bom-humor, bom-gosto* ...); quer isso dizer que, em frases comparativas, o *mais* não poderá fundir-se com os adjetivos *bom, boa, mau, má*, que antecedem esses nomes; diz-se, então: *mais mau humor, mais má vontade, mais boa fé, melhor boa fé, pior má vontade, melhor bom gosto*. Erro cometeremos se dissermos: "Tenho *melhor vontade*" — "Tem ele *melhor gosto* que eu" — porque o que se pretende considerar é a *boa vontade*, o *bom gosto*, e não simplesmente, a *vontade*, o *gosto*. V. *muíto*.

Bobina - V. *cartola*; V. *atude*; V. *vitrina*.

Bobona - V. *poltrão*.

Boca - Aumentativo: *bocaça, bocarra, boqueirão, bocão*.

Bochechar - V. *vêxo*.

Bodas (ô) - Palavra que também se emprega no singular ("A *boda* e a batizada não vás sem ser convidado"), geralmente é encontrada no plural ("Bodas de Caná") para indicar festa ou celebração de aniversário de casamento, de ordenação sacerdotal, de sacração episcopal.

O "o" tem som fechado: *bôda, bôdas*.

Conforme a quantidade de cada cinco anos que se comemoram, as *bodas* têm designação especial:

- 5 — de madeira
- 10 — de estanho
- 15 — de cristal
- 20 — de porcelana
- 25 — de prata
- 30 — de pérola
- 35 — de coral
- 40 — de esmeralda
- 45 — de rubi
- 50 — de ouro
- 75 — de brilhante

Bode - Voz: *berrar, bodejar, gaguejar*.

Boêmia - Nome de uma das partes da Checoslováquia, passou, por analogia à vida errante dos ciganos (gente de vida livre, descompromissada da sociedade oficial, que vinha do centro europeu, da Boêmia, tomada como ponto de partida das migrações zingaras), a denominar a vida despreocupada dos literatos e artistas parisienses (*bohémens*).

Nenhuma razão poderá justificar a mudança de acento. Se, por exemplo, tomamos da palavra *babílônia* não para especificar a cidade da Caldéia mas para determinar a confusão reinante num recinto, nem por isso o acento irá deslocar-se para o segundo i. Não é a mudança de sentido que determina a mudança de acento, mas a etimologia; quando

esta for idêntica, idêntico deverá ser o acento, qualquer seja o sentido: A *boêmia* é uma região estratégica — Passamos as férias numa indizível *boêmia*. V. *flárido, florido*.

Boi - Coletivo: *armento, armento, manada, maromba* (quando em manadas), *ponta* (de gado), *junta* ou *angel* (quando são dois no mesmo jugo). Voz: *arruar, berrar, bramar, mugir*.

Boicotagem, boicotar - Proveniente do nome próprio irlandês "Boycott", *boicotagem* é mais usado que *boicote* (ô) para indicar tanto o emprego quanto o próprio ato de *boicotar*, forma verbal esta também mais usada que *boicotear*.

Bolbo - V. *bulbo*.

Bólide - O fato de uma palavra grega ser paroxitona não significa que igual acentuação deva ter em português; graves são as conseqüências desse modo de pensar. O acento, em português, segue as regras do latim, que se baseia na quantidade da penúltima sílaba; quando esta sílaba é breve, o acento recua, ou seja, a palavra é proparoxitona.

É o que se dá com *bólide*. Não obstante ser em grego *bolidos*, com acento no *i*, é em latim *bōlīdis*, com acento na sílaba inicial, por ser breve a penúltima. Importante é observar o gênero dessa palavra: é feminino; quando designar o "corpo celeste que cai sobre a terra com grande velocidade e com tal temperatura que o faz luminoso", diga: *a bōlīde foi vista, caiu uma bōlīde*. V. *acentuação*.

Bolívar - Quer próprio, quer comum para indicar a moeda venezuelana, o nome tem o acento tônico no *i*, onde permanece também no plural: *bolívar, bolívares*.

Bom - Superlativo sintético: *ótimo, boníssimo*. A segunda forma assume a significação de "de boa índole", "delicado", "caridoso".

Bom sucesso - V. *sucesso* ou *bom sucesso*?

Bomba - Barulho: *arrebentar, estouro, estrondo, estrondar, estrondear*.

Bômbix, Bômbice - Como aconteceu com *cálix, apêndix* e outros nomes terminados em *ix* e em *ex*, a tendência é passá-los a grafar com *ice* átono final: *cálice, apêndice, índice, sílice, bômbice*.

Bombo - Com "o" na primeira sílaba (do lat. *bombum*, ruído, barulho) é a forma que devemos usar em lugar da popular com *u*.

Bombocado - Por que hífen, se temos *bombordo* sem esse enfeite? Por que hífen em *bom-pastor* (nome de planta) se temos sem ele outra planta com o nome de *bonduque*? Só porque veio do francês? *Bom-nome* (outra planta), com hífen, para obrigar-nos a nasalar o "o" de *bom*? Mas a grafia oficial não é *conosco*, sem que ninguém pronuncie *co-nosco*? É patente a incoerência da ortografia oficial. O hífen, como o circunflexo nos homógrafos fechados, constitui manifestação oficialmente obrigatória de nossa dificuldade de ... leitura. A falta de escolas e, conseqüentemente, de livros que ensinam a ler é que é culpada desses enfeites que dificultam e ridicularizam a escrita dos poucos brasileiros que "sabemos" escrever.

Se o plural é *bombocados* (um prato de *bombocados*), como escrever a palavra com hífen no singular e esquecer a flexão do primeiro elemento no plural? Temos o plural "bons-dias" (nome de várias plantas), é verdade, mas aí o substantivo já tem essa forma única, pluralizada, e era realmente "bons dias" que em outros tempos em português de lei se dizia.

Bombom - Grafia normal; o plural é *bombons*.

Bona fide - Locução latina que significa "de boa fé": Ele agiu *bona fide*.

Bonacheirão, bonacheirona - V. *poltrão*.

Bonde de burro - Por que a extravagância de "bonde a burro"? São Paulo teve o seu tempo de "bondes de burro" (bondes puxados por burro) como teve o de "carros de boi". Não venha, senhor redator, dizer-nos amanhã que São Paulo tinha "carros a boi".

Bondoso - V. *semínima*.

Bonê - V. *derivados franceses*.

Bonomia - Não confundir com *boêmia*, que erradamente ainda

se ouve "boémia". *Bonomia*, de origem francesa, denota o modo de agir que indica bondade, extrema credulidade. *Boémia* significa estroinice.

Boodontia - É a forma aconselhável para indicar a moderna atividade veterinária. Do grego *boús, boós* (boi) é que devemos tirar o radical para não incorrer em hibridismo.

Borboleta - Coletivo: *panapaná*.

Bordalesa - V. *cartola*.

"Bordeaux" - O nome português desta cidade francesa é *Bordéus*.

"Bordereaux" - Palavra francesa que deve ser traduzida, conforme o caso, por *fasta, relatório, registro, conta, boletim, rol, mapa*.

Bordo (ó), borda (ó), bordo (ô) - Existem as três palavras. Com "o" aberto e masculina, temo-la em "*bordo dum navio*", expressão de marinha, internacional, pois *bordo* existe em espanhol e em italiano, *bord* no francês, *bort* no alemão para indicar o lado de um navio; "*o bordo do vento*" (bordo que está do lado de que o vento sopra), "*virar de bordo*" (mudar de rota), "*navio de alto bordo*" (navio de longo curso, por oposição aos pequenos navios, que se chamavam de *baixo bordo*), "*ficar a bordo*" (dentro do navio), "*fazer bordo*" (abordar), "*fazer-se em outro bordo*" (figuradamente, mudar de conselho, de parecer).

Borda, com "o" também aberto mas feminina, é palavra que significa *beira, orla, limite* duma superfície qualquer: "*a borda da mesa*", "*as bordas duma chaga*", "...um rio de tanta água, e tão clara que, quem pela *borda* caminhava podia bem contar os seixos alvos que no fundo pareciam", "*a casa fica à borda do caminho*", "*o copo está cheio até as bordas*".

Bordo, com "o" fechado, dicionários e vocabulários dizem ser "árvore da família das aceráceas, e ainda — agora em Trás-os-Montes — o mesmo que *bordado*".

Borgonha - Adjetivo pátrio: *borgonhão, borgonhês*.

Boróro - O sinal diacrítico sobre o segundo "o" não é exigido pelas nossas regras de acentuação; aí está para indicar que nessa sílaba é que cai o acento tônico do nome da sempre mansa tribo de índios trazidos à civilização pelos missionários salesianos, que com os próprios índios aprenderam a sempre pronunciar *bo-ró-ro, bo-ró-ras*.

Nada tem a palavra que vem com *Itororó* nem com o homógrafo que designa um tipo de veado também chamado *ca-mocica*.

Borro (ô) - Designação de carneiro de um a dois anos de idade; tem o feminino *bórra*.

Bossa, Boça - Com dois *ss*, a palavra tem vários significados, relacionados com *sabiência*: *inchaco, galo, corcunda, elevação, cubo de hélice, cubo de roda, protuberância de ossos do crânio*. Do último significado decorre indicar a palavra *aptidão, disposição, propensão*: Este homem não tem a *bossa* do negócio.

Com *c* cedilhado, é nome que se dá a muitos cabos, e ao pedaço de corda a que se dá um nó para conservar uma amarra na mesma posição. É muito usada então a palavra no plural, pois freqüentemente indica conjunto de cabos para determinado fim: *boças da âncora, boças do turco, boças da verga*.

Botão - Coletivo, para indicar conjunto de botões para qualquer peça do vestuário, *abotoadura*; quando em fileira: *carreira*.

Botar - No sentido de *lançar fora, atirar, expelir, pôr-se a*, é lídimio português; nessa acepção tem o italiano o verbo *buttare*: *buttare a terra*, lançar por terra.

O homônimo *botar* (tornar boto) nada que ver tem com o caso: "*Botar a espada*" (tornar a espada romba, sem gume).

Com a significação de *pôr, colocar*, "é de uso menos polido", na expressão de Aulete. Frases como estas: *Vá botar o café no fogo* — *O menino botou o dedo na boca* — *Maria botou a mesa para o jantar* — somente em família se permitem.

Botijão - "Botijão" de gás é que se deve dizer. V. "*bujão*".

Bouba (doença) - Não confundir com *boba, tola*.

"Boudoir" - É *tocador* em português.

"Bouquet" - Seu largo uso obriga-nos a apontar a palavra: *buquê*.

Box, Boxe - Laudelino dá a forma *box* para todas as acepções; limita-se ele em "boxe" a dizer: "*O mesmo que box*". Outros bons dicionários, como *Aulete* e *Melhoramentos*, consignam somente *boxe*.

Conquanto pouco adotada, essa forma com *e* final traria a vantagem de facilitar o plural: *boxes*. Para a forma *box*, o plural, a semelhança de *tórax*, é invariável.

Bracelete - Não obstante em espanhol ser escrita com *a* na segunda sílaba, a palavra nossa, talvez por influência do francês "bracelet", é escrita com *e*: *bracelete*, com o "e" tônico fechado.

Braga - Adjetivo pátrio: *bracarense*. V. *brasileira*.

Bragança - Adjetivo pátrio: *braganção, bragançano, brigantino, bragantino*.

Brandir - V. *abolir*.

Brando - V. *aluguel*.

Braquia - O vocabulário da Academia de Lisboa, cuja elaboração foi dirigida por um helenista, traz *braquia*, paroxítono, no que foi seguido por Vasco Botelho de Amaral, que modificou, no rever o *Aulete*, a antiga acentuação *bráquia*, encontrada em edições anteriores e adotada por Ramiz Galvão, Saraiva e Laudelino Freire. O acento paroxítono (*braquia*), justificável pela forma adjetiva feminina do grego, parece que irá fixar-se.

Braquiópode - V. *ápode*.

Brás - Com *s* em português, em espanhol (*Blas*), em francês (*Blaise*), porque com *s* é o étimo latino *Blásinus*.

Brasil - Por motivo de fidelidade à tradição ou, talvez melhor, de fuga a novidades, o inglês escreve o nome de nossa terra como fazia antes mesmo de nos conhecer e como durante séculos fizemos também nós, com *z*. Parece coerente no proceder, porquanto com *s* escreve *brasilete* e *brasilletto* (Any of various trees of the genus *Caesalpinia*, esp. *C. vesicaria*), uma vez que com *s* recebeu essas palavras, a primeira do espanhol, a segunda do italiano. É o que se deduz do Webster, que mostra ser a palavra já anterior ao oficial descobrimento de Pedro Álvares Cabral.

Se o Brasil fosse habitado só por baianos, talvez estivéssemos ainda hoje escrevendo o nome de nossa terra com *z* (Quem não quis tirar do nome do seu estado um esquistossomático *h* condensado por lei geral não iria concordar com troca de letra no nome de sua pátria), como fazem ingleses, celtas e irlandeses, que não estão nem para trocar nem para desprezar letra nenhuma de palavras recebidas do latim, do grego e do ... português.

Se em atenção ao étimo já corrigimos para Brasil, não cometamos o erro de com *z* escrever os cognatos *brasa, brasileiro, abrasar, brasido*.

Adjetivo pátrio: *brasileiro* (brasilense, brasilio, brasilico).

Brasileiro - Pergunta que freqüentemente se faz e dúvida que não menos raro se padece é esta: Como preencher, numa ficha ou documento em que se discriminam os dados identificadores de uma pessoa, o que pede a nacionalidade? Se homem, como escrever na frente da palavra "nacionalidade": *brasileiro* ou *brasileira*?

Constitui o caso presente legítimo exemplo de silepse, palavra que designa a concordância não com o termo expresso, mas com outro latente, isto é, oculto, mentalmente subentendido. Por outros nomes é tal concordância chamada: *semiótica, lógica, latente, anormal, mental* — nomes que denotam operar-se a concordância não com a letra, mas com o espírito, com a idéia da frase. Etimologicamente, silepse é sinônimo de *compreensão*, e essa sinonímia explica, por si, a particularidade sintática.

Se de homem se trata, *brasileiro*, no masculino, é que se deve consignar. *Brasileira*, no feminino, tão só quando de mulher forem os dados.

Não haja nisso admiração nem se veja rebeldia. À pergun-

ta "Qual o estado civil?" ninguém se aventuraria, pelo menos é o que pensamos, a declarar *casado* (com "o" final), quando de mulher se tratasse. *Estado* está na ficha, mas *casada*, no feminino, se põe, porque não o estado mas a mulher é que se qualifica.

Os que escrevem, ao preencher ficha de homem, "Nacionalidade: *brasileira*" devem também ler a ficha desta maneira: "Alcibiades de Tal, *casado, 31 anos, advogado, brasileira*".

"Nacionalidade" está numa ficha da mesma forma que em rol de roupa ou de artigos aparece o nome da peça ou da mercadoria, neutramente, sem especificar nem exigir nenhuma concordância:

Toalhas de rosto — 1

Gramática Metódica — 2

Dificuldades Linguísticas — 1

O "1" de "toalhas de rosto" cremos que todos lêem "uma", mas o "2" de "Gramática Metódica" poderão ler "duas" (gramáticas) como "dois" (exemplares); e o "1" de "Dificuldades Linguísticas"? Não se vai exigir que se diga "uma" nem que se diga "umas"; talvez "um" seja a forma que primeiro ocorra (por causa de "exemplar"?), mas, dê-se a interpretação que se queira, não se poderá afirmar que existem no caso orações completas, com termos definidos; há apenas, em fichas, em rótulos, em listas, a indicação, a enumeração da coisa, e não a afirmação de seu gênero, do seu número. O assunto, parece, não merece nem decreto, nem ato institucional nenhum. V. *estado civil: casada*.

Brasilense - Entre os diversos processos tematólogicos de que se serve o português para a formação dos seus vocábulos, um há muito interessante, o processo da *derivação própria*, que consiste em aglutinar ao tema ou ao radical da palavra uma partícula que chamamos sufixo. Constituem os sufixos verdadeiras e inúmeras famílias, agrupadas de acordo com a significação que trazem à palavra a que se agregam. Temos, assim, para designar os habitantes de um país ou cidade, entre outros, os sufixos *ês* e *ense*, formas divergentes de *ensem*, do latim, que constitui a principal fonte dos nossos sufixos. A primeira forma é popular, corruptela da segunda, erudita e preferida pelos vernaculistas. Assim, para designar os habitantes da China, usamos o adjetivo pátrio *chin(a)ês*; do Japão, *japonês* ou *japonense*, tomando-se por radical *japon* (do chinês *jipom*); da França, *franc(a)ês*; de Java, *javanês* (por influência do francês *javana*); de Braga, *bracarense* (do latim *Brácar*), de Coimbra, *coimbricense* (do latim *Conimbrica*).

E como se explica o "i" em *ateniense* e *parisiense*? Não se engane o leitor: *Parisiense* vem de *Parisi* (radical de *Parisi*, *Parisiiorum*) e mais o sufixo discutido; e em *ateniense* o sufixo foi agregado ao radical latino *Ateni* (por influência do grego *Atenai*), o qual radical, ainda no latim, possui a forma divergente *Atenae*, que dá *Atenasi, orum*.

Concluindo: Acrescentando-se ao radical *Brasil* o sufixo *ense* ou *ês*, só poderemos ter *brasileense* ou *brasileês*. É gratuito e desnecessário o "i" como liame do sufixo. Considere-se, ademais, que *Brasilense*, como pátrio de *Brasil*, ficará distinto de *Brasiliense*, pátrio de *Brasília*.

Brasilíndio - Se temos *ameríndio* para indicar "pertencente ou relativo aos indígenas da América", por que não aceitarmos *brasilíndio* para especificar o pertencente ou relativo aos de nossa terra?

Brasilo-argentino - *Brasilo-argentino, brasilo-uruguaio*, com o primeiro elemento na forma erudita, geralmente mais curta que a do adjetivo pátrio normal. Entra em outros compostos: *brasiloófilo, brasilografia*... V. *adjetivo pátrio composto*.

Bretão - Feminino: *bretã*.

Brevê - Aportuguesamento — hoje necessário — do francês *brevet* para indicar a carta de habilitação de aviador. Do original francês os derivados portugueses *brevetar, brevetado*.

Brighúsmo - V. *basedoviano*.

Brigue, bergantim - Temos a palavra *brigue*, adaptação vernácula do inglês *brig*, que por sua vez é forma abreviada e generalizada de *brigantine*, designação esta, a principio, de certa embarcação de pirataria. A palavra perdura e existe também

no francês (*brigantin*), e no italiano (*brigantino*), sempre com *br* inicial. Se na prática existe hoje certa distinção entre *brigue* e "*brigantine*", a forma gráfica é que nos interessa observar, porquanto a portuguesa discrepa daquelas, por iniciar-se com *ber: bergantim*.

Será a metátese proveniente da influência do espanhol *bergante*, tomado do francês *brigant* e do italiano *brigante*? Poderíamos assegurar que erra quem em português escreve *brigantim*? O que podemos observar é que também o espanhol tem a forma metatética igual à nossa: *bergantin*.

Monolau, no Dicionário Etimológico de La Lengua Castellana, faz-nos esta oportuna observação:

De todos modos lo que parece evidente es que en la composición de *bergante* entra el radical *bar*, radical peyorativo, el cual pasa a *ber, bre, bri* etc., mediante metátesis de letras y commutaciones tan usuales como las de la *a* en *e* y de la *e* en *i*. Y lo que también parece evidente es que en los vocablos *bergante, BERGANTIN, brega, bregar, brigada* etc., domina, como idea fundamental, la de actividad inquieta y perturbadora.

Bromo - Do grego *brómos* (mau cheiro) não seria inadmissível a variante *brómio*, mas a primeira forma já se fixou e tem também suas razões, das quais a principal é a de assim ter entrado em compostos: *bromodermia, bromopnéia*.

Bronco - Prefixo que se junta sem hífen: *broncorragia, broncóscópio*.

Brunhir - V. *abolir*.

Brunir - V. *abolir*.

Brusco - Embora de origem incerta, este adjetivo é aceito como legítimo na acepção de áspero, arrebatado, incivil (homem brusco), nublado (tempo brusco) e considerado galicismo na de rápido, ligeiro (movimento "brusco").

Derivado: *brúsquidão*.

Bucho (estômago) - Não confundir com *buxo* (planta).

Buenos Aires - Não só o da grafia senão também o problema da pronúncia de topônimos estrangeiros é de solução incongruente. Deixamos a forma original NEW YORK para escrever NOVA TORQUE, e apegamo-nos a Buenos Aires sem nem de longe pensar em BONS ARES. Escrevemos aberrantemente AKABA e não aceitamos TOKIO, quando o *k* do nome do porto do mar Vermelho é mais chocante que o da capital japonesa.

Redatores e locutores não têm tempo para vasculhar bibliotecas; nem a isso estão obrigados para descobrir o porquê do dispar procedimento, mas uma coisa é aceitar os fatos, outra vir com irritantes, rebarbativas novidades como esta que estamos suportando em nossas casas quando do canal da televisão um locutor despeja "buenocaires", desligando o "s" do "o" a que pertence e pronunciando-o à gringa, como consoante fricativa áspera. Se em *Nova Torque* fugimos da grafia e da pronúncia de origem, em *Buenos Aires* conservamos a grafia, mas da pronúncia original fugimos há séculos, dando ao "s" que termina o primeiro elemento do topônimo o som do nosso "s" intervocálico. Porque Buenos Aires está hoje mais perto de nós e podemos com mais facilidade ouvir os bonaerenses pronunciar o nome de sua cidade, não vamos sair dos trilhos que até aqui nos conduziram. Porque Paris está dentro de nossas casas vamos passar a dizer "parri"? Porque fomos conhecer a Sereia da Dinamarca iremos de agora em diante pronunciar "copenhague", aspirando o "h" do segundo elemento e separando-o do primeiro? Porque nos ensinaram a origem do nome do porto de Quebec vamos deixar a secular pronúncia "montreal" para adotar "môrreal" ou "monterreal"? Conhecidas que nos são tantas Sofias vamos agora dizer que a capital da Bulgária é "Sófia"? Como passaremos a invocar Santa Sofia? Porque passamos a compreender mais os americanos e os londrinos vamos dizer "uóxintan", "landan"? (*Washington Luiz* é ainda gráfica e sonicamente lembrado.)

Não cabem explicações etimológicas ao caso, nem quanto ao comportamento gráfico nem quanto ao prosódico. A ex-

plicação cabe à história e ao bom senso, mas vitamina de bom senso as boticas não vendem; atenhamo-nos à tradição de séculos sem que nos deixemos profissionalmente cegar pela ardentia da televisão.

Adjetivos pátrios: *portenho, bonaerense, buenairense*.

Búfalo - Voz: *bramar, berrar, mugir*. Feminino: *búfala* (leite de búfala).

Bugia - V. *gentílicos*.

Bugio - Coletivo: *capela*. Voz: *berrar*.

Buir - V. *abolir*.

"Bujão" de gás - Corrija-se para *botijão* de gás. Semelhança de forma faz com que donas de casa e empregadas usem "bujão", palavra imprópria para o caso, pois outro é o seu significado: rolha de madeira ou metálica; cunha, tampão, taco com que se fecha ou tapa qualquer abertura.

Bulbo - Em francês, em italiano e em espanhol a palavra se escreve com "u" na primeira sílaba e essa deve ser a vogal de nossa palavra e derivados, provenientes de formas correspondentes latinas todas com u: *bulbum, búlbutum, bulbosum, búlbinem, bulbáceum*.

Bulir - Muitos verbos há da 3ª conjugação com "u" na penúltima sílaba que passam a ter essa vogal alterada para "o" aberto na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª do plural do presente do indicativo e na 2ª do singular do imperativo presente:

Bulo, *holes, hole*, bulimos, bulis, *bolem; bole*, buli.

No mais, é esse verbo normal. Seguem a conjugação de *bulir* os seguintes verbos: *acudir, cuspir, escapular, fugir, sacudir, subir, sumir, consumir* (*assumar, reassumir, resumir, presumir* são regulares).

Entupir, por falsa analogia, segue o verbo *bulir*; era esse verbo inteiramente regular, como regulares eram os verbos *construir* e *destruir* (como ainda hoje são regulares *instruir* e *obstruir*), mas o uso é no caso tão forte que só nos resta segui-lo.

Construir e *destruir* têm conjugação própria no presente do indicativo e no imperativo da 2ª pess. do sing.: *construo, constróis, constrói*, construímos, construis, *constroem*, Imperativo: *constrói*, construí.

Com exceção de *construir* e *destruir*, os verbos em *uir*, como

possuir, instruir, obstruir, constituir, são regulares, merecedores de cuidados apenas na grafia: *possoo, possuis, possui, possuimos, possuís, possuemo*. Perfeito: *possuí, possuístes, possuuiu, possuimos, possuístes, possuíram*.

Saibamos portanto distinguir: *constitui* (presente, com acento tônico no u), *constitúu* (perfeito, com acento no i final).

Arguir exige atenção no tocante aos sinais diacríticos: *arguo, argúis, argüi, argúimos, argúis, argüem; argüi, argüi, argüira, argüírei, argüiria, argüa, argüisse* (Assim o composto *redargüir*).

Quando o "u" não é pronunciado: Gr. Met. § 453, n.2.
Buquê - Aportuguesamento do fr. *bouquet*.

Burlão - Para indicar a mulher burladora, trapaceira, a forma é *burlona*.

Burra - É sabido que os nomes de animais são a miúdo transferidos para objetos nos quais se supõe haver deles aparência; tais são, entre outros:

cachorro (escora grossa de madeira que sustenta o navio na calha do estaleiro; peça de madeira ou de pedra que sustenta ou finge sustentar o peso de uma arcada), *macaco* (pilar de dois tujolos por camada; talão de vara de videira; máquina de levantar peso), *bugio* (bate-estacas; máquina de levantar peso), *cegonha* (engenho de tirar água de poço ou de rio), *cão* (peça que na espingarda bate contra a cápsula), *cavalo* (tronco em que se enxerta uma planta), *burra*, de vários significados: cofre grande; cavalete para suportar madeira que vai ser serrada; cabo de mezena; bloco grande, rochoso ou de terra, nas lavras ou desmontes.

Burricida, burricídio - V. *mariticida*.

Burro - Coletivo: *tropa, manada, récua*; quando carregados: *comboio*. Voz: *azurrar, ornejar, rebusnar, zornar, zunar, zurrar*. Feminino: *burra, besta*.

"Bursátil" - Temos palavra nossa, legitimamente cotada, para a expressão "mercado bolsista". Não precisamos do francês *bourse* nem de nenhum derivado para o caso. Uma é o expansionismo bolsista, outra a atrofia do vernáculo.

Busto - Coletivo (quando em coleção): *galéria*.

Buxo (planta) - Não confundir com *bucho* (estômago).

Buzina - Barulho: *fonfom, fonfonar*.

C

C = QU - V. *quisto*.

Cabeça - Aumentativo: *cabeçorra, cabeção*. V. *caixa*.

Cabeça de gado - Entre as muitas acepções da palavra *cabeça* existe, de emprego comum e consignado em dicionários — o mesmo fenômeno se opera em outros idiomas — a de "homem, mulher ou animal considerados numericamente": "O jantar saiu a tanto por cabeça" — "Possui duzentas cabeças de gado".

Nem é necessária, por evidente clareza em certos casos, a especificação "de gado": "Comprei uma fazenda de porteira fechada com mil e cem cabeças".

Cabelo - Coletivo: *madeira, guedelha*; conforme a separação: *marraja, trança*.

Caber - "Cumpra-lhe seguir a recomendação da nossa última carta, observadas, no que couber, as normas da legislação vigente". — No singular o verbo *caber*, que aí significa "vir a propósito", conforme dá Laudelino, "vir por turno", seguindo a expressão de Domingos Vieira.

"Observei as regras no que *coube*" — não é assim que todos dizemos? "Observei-as naquilo, naquela coisa que *coube*": o sujeito é o *que*, cujo antecedente é o demonstrativo "o".

Cabina - V. *alude*; V. *vitrina*.

Caboré - Voz: *piar, rir*.

Cabotino — Do francês *cabotin*, é palavra hoje muito usada como sinônimo das legítimas portuguesas *charlatão, parlapalão, impostor*.

Cabra - Coletivo: *fato*. Voz: *badalar, balido, berrar, berregar*.

Cacarcús, Cacarecos - São criações equivalentes; a "cacaréu", proveniente de *caco* mais o sufixo indicativo de ajuntamento, de aumento, *aréu* (fogaréu, fumaréu, povaréu, lumaréu, mastaréu), acresceu-se o sufixo *eco*, sufixo diminutivo pejorativo (livreco, chaveco).

Cachopo (ô) - O "o" é aberto no plural.

Cachorro - Coletivo e voz: V. *cão*.

Cacófato - Não é da índole do português o *n* final; do mesmo modo: *hipérbato, abdome, regime, espécime, polissíndeto, assíndeto, políploto*.

Cacofomania - É inútil e infundado o escrúpulo de quem diz haver cacófono em "por cada", "ela tinha", "só minha", "alma minha" etc. Cacófono haverá somente quando a palavra produzida for torpe, obscena.

Vejamos a propósito os dizeres de Rui Barbosa (Réplica, n. 89): — "Se a idéia de porta, suscitada em *por tal*, irrita a *cacofomania* desses críticos... outras locuções vernáculas têm de ser, com essa, refugadas".

É lastimável a hodierna preocupação do cacófono, erro que antigamente, sem denominação especial, ou se revelava ao escritor, imediatamente, pela própria evidência, ou era sem mais relevado pelo bom senso do leitor. A verdade é que ao indivíduo, quanto mais versado em assuntos pornográficos, tanto mais lhe ocorrem cacófonos, e o pobre do escritor, depois de pronto o trabalho, vê-se na contingência de ler as palavras, truncando-as ao meio, para ver quais

coisas escreveu que jamais julgou ter escrito. V. *como outras são*. V. *Fedora*. V. *na nave central*.

Cada - Aos ouvidos de quem no Brasil nasceu, conquanto iletrado ou analfabeto, estranham frases, por estrangeiros proferidas, como estas: *Vou cada dia à casa dele - Estudo português cada dia*.

É construção corrente em eruditos imigrantes e de correção difícil para muitos. Todo o estrangeiro que estuda o idioma da terra acolhedora quase sempre se guia pelo dicionário, para recorrer à gramática tão só nas dúvidas de flexão; vendo no dicionário "todo" e "cada" como sinônimos e ouvindo em construções comuns a expressão *cada dia*, julga-a apropriada para toda e qualquer frase, desconhecendo da diferença fundamental entre esses dois indefinidos.

Cada é certamente sinônimo de *todo*, mas é distributivo, e nisto reside a diferença de emprego. Quando se diz "Cada dia faço uma coisa", distribuem-se as coisas pelos dias, e a construção é portuguesa. Quando, porém, diz um alienígena "Vou à casa dele cada dia" — "Faço a barba cada dia", nenhuma distribuição faz, e a construção, errada como está, corrigida deve ser para "Vou à casa dele todo o dia" — "Faço a barba todo o dia".

Todo é coletivo: universaliza, iguala, engloba. *Cada* é distributivo: particulariza, diferencia, especifica. Dissesse o estrangeiro: "Faço a barba cada dia com uma lâmina" — "Vou cada dia à casa de um parente", estaria distribuindo, diferenciando e, portanto, acertando.

Diferente é o significado entre: "Vou *todo o dia* à casa de um parente" e "Vou *cada dia* à casa de um parente". Na primeira oração, o parente visitado é um só, ao passo que na segunda, como ficou dito, há a distribuição: hoje visito um, amanhã outro parente.

Não cabendo a significação distributiva, deve-se empregar *todo*.

Não vindo ao caso outros significados e empregos da palavra *cada*, mais exemplos vejamos, para maior evidência da significação distributiva desse indefinido: "Cada macaco no seu galho" (um, num galho; outro, noutro) — "Cada coisa em seu lugar" (isto, aqui; aquilo, ali) — "O pão nosso de cada dia" (hoje, um; amanhã, outro) — construções todas certas, dada a distribuição nelas contida.

Cadáver - É palavra latina, derivada no próprio latim do verbo *cádere*, cair. Se *cádere* em latim também significa *morrer*, *cadáver* especifica a coisa morta.

"Cadê", "Quedê", "Quêde" - São barbarismos ou, especificando melhor, solecismos; deve-se dizer "que é de": "Que é dele?" — "Que é do sorriso?"

Cadeira - Coletivo (quando dispostas em linha): *carreira, fila, fileira, linha, renque*.

Caderno - V. *cartola*. V. *calorze*.

"Cádi" - É forma francesa; em português esse derivado árabe é *alcaide*, que designava os alvazis, ou seja, os juizes, os principais magistrados de um município.

Cádis - Adjetivo pátrio: *gaditano, auxilano* (ks).

Cafê (no plural) - V. *caixa de fósforos*.

Cafeteira - V. *motorneiro*.

Cafezal - V. *motorneiro*.

Cafraria - V. *Etiópia*.

Cafre - Feminino: *cafra*.

Cágliari - Esta cidade italiana tem o nome com o acento tônico na sílaba inicial e de há muito tem a forma correspondente portuguesa *Cálher*, usada por Bernardes e consignada no vocabulário de Portugal.

Cairo - Adjetivo pátrio: *cairota*.

Cáiser - Já é hora de apontar a designação alemã de imperador, derivada do latim *caesar*; são seus derivados *caiserismo*, *caiserista*. O feminino é *caiserina*.

Caixa - Vários substantivos existem que têm gênero próprio, fixo, quando designam coisas, objetos, mas são "comuns de dois", ou seja, de dois gêneros quando passam a especificar ofícios e, pois, a aplicar-se a pessoas. É o que se dá com *lente*, *língua*, *guia*, *trombeta*, *guarda*, *cabeça*, *espia*, *bandeira* e outros que passam a ter dois gêneros quando indicativos de profissão, conforme a homem ou a mulher se referiram: Ele é um guarda muito bom — Ele é o espia da turma — Cristo é o cabeça da Igreja.

É o caso de *caixa*, feminino quando designativo de recipiente, cofre, máquina registradora de dinheiro e ainda de outras coisas, mas comum de dois quando referente à pessoa que guarda ou recebe dinheiro: "Ele é o caixa da loja" — "Ela é a caixa da escola".

Caixa de fósforos - "Caixa de fósforos", "par de sapatos", "tríade de jogadores", "grupo de facinoras", "coleção de selos", "pequena quantidade de homens". Há nas palavras *par*, *caixa*, *tríade*, *grupo*, *coleção*, *quantidade* idéia coletiva de diversos elementos; nada mais claro que o substantivo que designa esses elementos venha no plural.

Se se diz "uma quarta de feijão", "grande quantidade de milho" é porque neste caso os produtos se consideram matéria contínua, um todo, e não singularmente feijão por feijão, grão por grão de milho. Tais nomes admitem plural quando designam diferentes tipos do produto ou quando empregados em sentido figurado: "Nenhum destes cafés é bom" (nenhum destes tipos de café) — "Tomei dois cafés" (*xícaras* de café) — "Há vários cafés na cidade" (*casas* de café).

Caixa pequeno - Quanto ao gênero nada há que objetar; é masculina a palavra quando designa um dos livros de escrituração ou o caixeiro encarregado do movimento da caixa.

Existem, porém, subdivisões; nos bancos, *caixa pequeno* é o controle de caixa de um pagador, e também assim se denomina o livro caixa parcial, livro de um caixa pagador. *Caixa grande* é o controle total, ou seja, o verdadeiro caixa.

Essa discriminação é particular, de uso interno numa empresa, é — digamos — familiar. Em contabilidade não existe essa subdivisão.

O plural deve ser *caixas pequenos*.

Cálamo discimus - Locução latina que significa "aprendemos com o lápis". É com o lápis, é escrevendo, é tomando notas que aprendemos.

Cálamus et scripta fecerunt me doctorem - Locução latina que significa "O lápis e os escritos tornaram-me douto". Palavras de um dos maiores lumináres do catolicismo, Santo Agostinho. É um dos muitos argumentos da eficiência do ensino por escrito. É escrevendo que se aprende.

Calar - Muitos são os significados do verbo *calar*, e não parece errado empregá-lo na expressão "calar um saco"; é a conclusão a que nos leva Domingos Vieira: A palavra "calar" — é o que está no Tesouro da Língua Portuguesa — em todas as suas acepções, tem uma e mesma origem, isto é, não há três verbos *calar*, como consideram Morais e outros lexicólogos. O grego explica-nos todas aquelas diversas acepções: 1. afrouxar, relaxar, estender; 2. entreabrir um pouco; abrir; 3. relaxar, deslizar, desprender, tornar livre; 4. deixar escoar, deixar cair, fazer descer; 5. ceder. Os dois sentidos principais do verbo (abrir, abaixar) lá os temos já no verbo grego; o sentido de conter a voz, não soltar a voz, derivou-

se do sentido de *abaixar*. O sentido de *penetrar* é secundário e desenvolveu-se do de *abrir*.

Das várias acepções, numerosos são os exemplos apresentados, e do emprego desse verbo na acepção que de perto nos interessa temos: Calar a terra com a enxada (abrir a terra). Calar o ar com flechas (rasgá-lo, cortá-lo). Calar um melão, uma melancia, um queijo (fazer neles uma abertura ou corte para examinar a sua qualidade). Calar as pipas (fazer nas pipas uma abertura para ver que quantidade de líquido elas contêm).

Calasanz - É assunto ingrato este de nomes próprios personativos, mormente quando de procedência estrangeira. *Calasanz*, por exemplo, vemos escrito ora *Calazans*, ora *Calasans*, mas a forma que se encontra no túmulo do santo desse nome é *Calasanz*.

Caladouro - V. *coradouro*.

"Calcidofônio" - V. *calidoscópio*.

"Calcidoscópio" - V. *calidoscópio*.

Calendas - V. *bissextos*.

Calepino - Fala-se em *Calepino* quando se menciona o "dicionário septem linguarum"; *calepino*, no caso, quer dizer precisamente *dicionário*; não é nome próprio; o calepino (dicionário) é de Jacó Faciolati, e data de 1778.

Em 1502 apareceu um dicionário de latim que passou a ser de tal forma usado — era considerado o resumo da ciência universal da época — que o sobrenome do seu autor, Ambrósio Calepino, monge beneditino italiano, passou a significar *dicionário*.

Calhandra - Voz: *chilido*, *chilidar*, *gazear*, *grinfar*, *trinfar*, *trissar*, *zinzilular*.

Cálce - Palavras que terminavam ou ainda terminam em *ex* ou *ix* têm hoje o plural em *es* acrescido ao radical latino: *índice* (índes), *índices*, *cálce*, *cálces*; *apêndice*, *apêndices*.

Tais nomes, mesmo no singular, já se grafam, de preferência, com *ce* final: *índice*, *cálce*, *apêndice*; *sibce*; *bômbice*.

Coletivo: *baixela*.

Calidofônio — V. *calidoscópio*.

Calidoscópio - O ditongo grego *ei*, que em francês se mantém com a forma originária, em português passa a *i*: *quirópteros*, *clidorraxia*, *calidofônio*; e, assim, *calidoscópio* (e não "caleidoscópio") deve ser grafado o nome do instrumento formado de pequenos espelhos inclinados dentro dum óculo, e que a cada movimento apresenta combinações variadas e agradáveis, como devemos grafar "mudanças *calidoscópicas*". V. *Euclides*.

Caligrafia Péssima - Não há na expressão erro; não obstante formado de elemento grego que significa "belo" - *calós* - o composto perdeu sua significação de origem; deixa, por conseguinte, praticamente, de haver repetição de idéia em "bela caligrafia" e de haver contradição em "caligrafia péssima".

Calistenia - Esta palavra, que significa "complexo de processos ginásticos para dar vigor e beleza física", é paroxítona (acento no *i* da terminação).

Quando a terminação *ia* de um derivado grego pertence ao próprio grego, isto é, quando a palavra já possui no próprio grego essa terminação, o *i* não é acentuado. Quando, porém, a um derivado grego acrescentarmos, dentro do português, essa terminação, o *i* será acentuado. É o que se dá com *calistenia*, vocábulo a cujos componentes gregos foi acrescido o sufixo vernáculo *ia*.

Existem exceções para palavras de acento errado já consagrado, mas as de uso erudito devem prender-se a essa norma.

Calisto - É com *s*; não há justificativa etimológica para *x*, pois provém do adjetivo grego *calistos* (muito belo), através do latim *Callistum*.

Calom - É palavra de gíria, indicativa de cigano, e tem a variante *caló*; o feminino, também de gíria, é *calim*.

Calomniez, il en reste toujours quelque chose - Locução francesa que significa "caluniai, da calúnia fica sempre alguma

coisa". Embora se patenteie ao depois a inocência, a dúvida, ou pelo menos a peçonha permanece.

Calvário - Provém do latim *calvārium*. Em Nascentes encontramos: "... tradução da palavra semítica "Gólgota", que significa lugar do crânio, por alusão seja à forma arredondada do rochedo, seja aos numerosos crânios das vítimas que aí ficavam expostas".

A mesma raiz pertence a palavra *caveira*, mediante intercalação, em *calvária*, da vogal *a* — *calvária* — donde *caaveira*, e, depois, *caveira*, com a significação de "crânio".

Essa derivação é perfeitamente justificável, pois em outras palavras se encontra semelhante interligação vocálica, recurso empregado, na derivação popular, para facilitar a pronúncia, ao qual se dá o nome "anaptixe" ou "suarabácti". "Dificuldade", com *i* entre o *l* e o *d*, constitui exemplo de anaptixe; "caravão", por *carvão*, citado por Botelho de Amaral, constitui outro exemplo de anaptixe, e outros existem, que partem ou de pessoas muito atrasadas ou de crianças.

Camarlengo - V. *camerlengo*.

Camaroero, Camaroar - Quando a palavra nossa tem étimo de radical terminado em *n*, a exemplo de *temão*, do latim *temonem*, pode coincidir a existência de derivados duplos, um a seguir a terminação *ão* (*temoero*), outro a terminação do radical etimológico (*temoneiro*).

Tal não se dá com *camarão*, que não tem étimo com *n* no radical. Prestando-se ao latim *cammarus* temos o derivado *camaroero*, de *camarão* mais *eiro*, sufixo indicativo, na formação de substantivos, de agente, ofício, profissão (pedreiro, barbeiro), lugar continente (tinteiro, licoreiro, terreiro), e indicativo de mero atributo na formação de adjetivos (*costeiro*, *dianteiro*, *guerreiro*).

"Camaroneiro" não encontra justificação etimológica nem dentro nem fora do idioma. A forma nominal deve ser *camaroero*; a verbal, *camaroar*.

Cambi - V. *Tietê*.

Cambiais - V. "investir".

Cambiante - Quando substantivo, é masculino: *Os cambiantes* se fazem de muitos modos.

Camelo - Coletivo (quando, em comboio, conduzem mercadoria): *cáfila*. Voz: *blaterar*. Feminino: *camela*.

Camerlengo, camarlengo - As duas formas perduram paralelamente no idioma para designar o cardeal que preside a câmara apostólica e exerce a autoridade espiritual e temporal na falta do papa. De origem germânica (*kammerling*, *camarista*), a palavra se encontra sob dupla forma também em outros idiomas; o inglês tem *camarlengo*, *camarlingo* e *camerlingo*.

Campainha - Barulho: *soar*, *tilintar*, *tocar*.

Campânia - V. *Etiópia*.

Campinas, campineiro - O adjetivo pátrio da nossa cidade vizinha é *campineiro*: justifica-o o uso e a história. Como *brasileiro* era o que comerciava com pau-brasil, *mineiro* o que trabalhava em minas, *campineiro* era o que vivia nas campinas. Com a fixação de Brasil, Minas e Campinas como nomes próprios, passaram aqueles substantivos, intocavelmente, à classe de adjetivos pátrios, e o uso lhes torna a forma incontestável.

De outra cidade é o pátrio *campinense*: *Campina Grande*, da Paraíba. Outras cidades vêm ao caso; de *Campina Verde*, nome de cidade mineira, o pátrio é *campinaverdense*; de *Campina do Sul*, *campinasulense* — sem necessidade de hífen.

Tratando-se de adjetivos pátrios, o uso, geralmente firmado em fatores históricos, indica-nos a forma preferível; ao nativo da cidade é que cabe dizer-nos qual o adjetivo pátrio, não ao gramático.

Câmpus - Por que não aceitarmos palavras que tragam para o idioma o sentido de coisas novas? Se de um lado a novidade já vem de outras plagas com o nome que a designa, se de outro o noticiário a propala rápida e insistentemente com o nome originário, que fazermos senão limitar-nos a dar à roupa que a veste o feitiço da terra? Até há pouco não tínhamos universidades; criaram-se de jure, burocraticamente,

não porém de facto; as faculdades que as constituem continuam nos mesmos lugares em que se encontravam há décadas. Uma universidade, porém, que se complete ou que realmente se construa terá entre as diversas faculdades e prédios que a constituam um "pátio", mas pátio especial, entre prédios, e não simples pátio interno de um colégio, de um quartel, de um convento. É precisamente esse em inglês o significado da palavra latina "campus"; se em latim tem ela os significados de planície, campo, território, com as mesmas letras latinas é em inglês escrita para especificar o campo especial, como acima ficou objetivado, de uma universidade; para especificar, sim, porque a palavra latina *campus* nas acepções citadas tem a correspondente ou correspondentes traduções em inglês. O inglês, que jamais refugou palavras de outros idiomas quando necessárias e quando já tradicional ou internacionalmente empregadas — até cidades conservam, na Inglaterra e principalmente nos Estados Unidos, a designação e a própria forma gráfica de outros idiomas — apanhou o latinismo com o sentido especial que já todos conhecem.

São poucas as palavras nossas terminadas em *is* e em *us* átonos; entre elas, porém, não temos a latina "ônus", que se traduz por "peso", mas é intraduzível e graficamente inalterável quando empregada para designar o "peso" decorrente de uma obrigação? Aceita a palavra — difundida já está — basta acrescentar-lhe um enfeite ortográfico obrigatório, o circunflexo sobre a primeira vogal — *câmpus* — e empregá-la com igual terminação para o plural — o comportamento do inglês é outro, não seguido em português nem nessa nem em nenhuma outra palavra semelhante — exatamente como acontece com *ônibus*, *ônus*, *cúmulus*, *nimbus*: Sem *câmpus* não pode haver educação universitária — Os *câmpus* são uma necessidade para a educação social — São Paulo, um dos maiores *campus* universitários do mundo — Um *campus*; dois *campus*.

É desconcertante ler "os campi" e, no mesmo jornal, "...deixemos de lado os vários *distingo* do Conselho Federal de Educação".

Sempre *campus*, sem necessidade nem ao menos de grifo. V. *plural estranho*.

Canã - É a grafia correta do nome da Terra Prometida.

Canapé - Proveio do grego, através do latim e do francês; é nome de um tipo de banco comprido, de encosto e braços, com o assento estofado ou de palhinha.

Por influência do inglês, denota ainda um antepasto constituído de uma fatia de pão, frita ou assada, coberta de caviar ou de qualquer outro azeite e uma guarnição.

Canárias - Adjetivo pátrio: *canário*.

Canção - Coletivo (quando reunidas em livro): *cancioneiro*. Quando populares, de uma época ou região: *folclore*.

Cândia - Adjetivo pátrio: *candiota*.

Candidato - "Candidato" porque vestido de branco se apresentava quem entre os romanos aspirava a um cargo eletivo, e no andar assim vestido havia duplo interesse ou vantagem: era um meio de propaganda direta, porque era visto, falado, comentado; demonstrava virtude, idoneidade, probidade para o cargo.

Hoje, os que pretendem cargos eletivos aparecem aos eleitores cercados de suas obras, de sua atividade intelectual, social e política.

Canhão - Coletivo: *bateria*. Barulho: *atroar*, *estrondear*, *estrugir*, *retumbar*, *ribombar*, *troar*.

Canicídio - V. *marítima*.

Canja - O "canja" da expressão popular "Isso é canja" não tem aproximação com o vocábulo *cancha*, em Aulete e em Figueiredo registrado com a significação de comodidade, situação favorável. A palavra do provérbio é mesmo *canja*, índice de coisa mole, e, figuradamente, de fácil execução; testemunha essa significação e aplicação de *canja* a expressão sinônima "Isso é sopa".

"Canja de galinha" não é expressão redundante; há esta passagem de Gonçalves Viana: "Este termo indiano (*canja*),

que em todo o Portugal se difundiu para designar o caldo de arroz, principalmente feito com galinha e presunto, mas que também se emprega quando outra carne se utiliza... procedente do tamul "kãnix"; "coisa fervida, cozida em água".

Cãnone - Tanto para indicar regra, medida, quanto para indicar artigos de lei eclesiástica, decisões da Igreja ou ainda fórmula de orações da missa e com qualquer outro significado, esta palavra de origem grega já se encontra há muito, de acordo com o gênio da língua, na forma *cãnone*, com o plural *cãnones*. V. *líquen*.

Canossa - Do latim *Canisium*, é nome de uma cidade italiana (hoje Canosa), fundada pelos gregos; designa cena ou lugar de humilhação (donde a expressão "ir a Canosa"), por a ela ter ido o imperador Henrique IV, em 1077, pedir perdão ao papa Gregório VII. Como os príncipes alemães lhe recusassem obediência ao vê-lo excomungado, o imperador foi ao castelo de Canossa, onde o papa se encontrava, para, após longa espera, de pé, descalço, na neve, ajoelhar-se diante dele e suplicar que levantasse a excomunhão.

Canoviano - V. *basedoviano*.

Cantatriz - V. *flexão genérica*.

"Canterbury" - *Cantuária* é que é em português o nome da cidade inglesa.

Cão - Coletivo: *matilha, canzoada, chusma*. Voz: *acuar, aulido, balsar, cainhar, cuincar, esganicar, ganir, ganizar, ladrar, ladrido, latir, maticar, roncar, ronronar, rosnar, uivar, ulular*. Aumentativo: *canaz, canzarrão*.

Capela - V. *luzares de culto*.

Capelão - Plural: *capelães*.

Capim - Coletivo: *feixe, braçada, braçado, paveia*.

Capitãnea - V. *nau capitãnea*.

Capitão - Enquanto em latim o plural é *capitAnOs*, em português, por influência do espanhol, é *capitães*.

Capivara - No Rio Grande do Sul chamam *capincho* o macho ou o filhote de capivara. Voz: *assobiar*.

Caracará - Voz: *grasnar, grasnir*.

Caracas - Adjetivo pátrio: *caraquenho*.

Caracteres - Tem o acento tônico na sílaba "te": *caractêres*. Aparece no plural de *caráter* um *c* que, não sendo pronunciado no singular, é-o no plural.

Para explicar certos casos de prosódia, como este do *e* antes do *t*, o do *qu* ou *gu* em palavras como *equilíbrio, equitativo, liquidação, lânguido*, e outros semelhantes, poderemos, no máximo, dizer que as pronúncias para cuja prolação persiste uma dificuldade ou exigência qualquer (no nosso caso a pronúncia do *c* antes do *t*) têm fundo erudito. A pronúncia do plural opera-se segundo a prosódia latina, sem que se apoie na pronúncia popular do singular. É necessário confessar, porém, que a explicação é difícil de aplicar em casos como o do *qu* e *gu*. O mais certo, neste ponto, é dizer que o *q*, quando seguido de *u*, deve ficar sossegado e por ninguém incomodado. Se normas se fizerem, serão elas, quando não errôneas, gratuitas e infundadas. O papel que mais convém ao gramático em tais casos é aceitar os fatos como se dão, sem tentar esclarecer-lhes a razão de ser. V. *infetar*.

Caraiiba - De *caribe*, palavra que, ainda hoje de nosso léxico, é a mesma palavra *caraiiba*, tirou Cristóvão Colombo o derivado "*carbale*". A transliteração vernácula deste derivado seria *caribal*, mas os nossos dicionários só consignam *canibal*, oxítono e com *n* em vez de *r*, dado o cruzamento com a palavra espanhola *can*, cruzamento perpetrado pelo próprio Colombo que, ao referir-se aos caribes, selvagens que habitavam e dominavam certa parte das Antilhas, chamava-os ora "caribales", ora "canibales".

Os derivados *canibalismo* e *canibalesco* estão a confirmar o vitorioso emprego da forma cruzada do primitivo, designando hoje este, em espanhol como em português, tanto o verdadeiro habitante das Antilhas, quanto, por extensão, qualquer tribo antropófaga ou, ainda, qualquer indivíduo bárbaro e cruel; o significado analógico chegou a preponderar sobre o primitivo, o que muito bem se comprova do emprego de *canibalismo*, que significa, simples e genericamente,

antropofagismo, barbaridade, ferocidade, selvajaria.

Quanto a *caraiiba* não será inoportuno advenir que a vogal acentuada é o *i*: *carai-í-ba*. "Rua dos Caraiibas" (e não "dos caráibas"), pelo mesmo motivo por que ninguém diz *paráiba*, *parnáiba*. V. *carioca*.

Caramanchão - O vocábulo é *caramanchão*, com um só *r*. A palavra é composta do substantivo *câmara* e de *ancha*, feminino do adjetivo *ancho*, que significa amplo, largo, espaçoso. No composto, houve metátese entre as sílabas mediais e mudança de gênero. Tal mudança de gênero com os aumentativos de substantivos femininos é curiosa e ao mesmo tempo comum: *um cabeção* (quando o normal é *a cabeça*), *um figurão* (*a figura*), *o casarão* (*a casa*), *o maquinão* (*a máquina*), *um mulherão* (*a mulher*).

Da locução "câmara ancha" tivemos o aumentativo "caramanchão" e, depois, "caramanchão".

Há quem diga ter vindo o vocábulo do espanhol "caramacho", mas sem justificar o *n* e o significado da palavra.

Carcunda - Não obstante ser a mais usada, *corcunda*, com "o", não é a forma certa, segundo o que nos adianta Gonçalves Viana: "O prefixo *ca* é diminutivo em quimbundo (língua banta de Angola), e a palavra, muito usual, *carimbo* é simplesmente o diminutivo de "quirimbu" (= marca), como *carcunda* é o quimbundo *caricunda* (= costinhas, o das costas), e significa "quem tem as costas defeituosas" e o próprio defeito".

Cardeal - Coletivo (quando reunidos para a eleição do papa): *conclave*. Quando reunidos sob a direção do papa: *consistório*.

Note-se que o vocabulário de Portugal uniformiza a grafia para as diversas acepções da palavra quando empregada como substantivo: 1. prelado do colégio pontifício; 2. planta; 3. pássaro.

Quando adjetivo é que é preciso distinguir. Continua com "e" na acepção de "principal", e tal é a da palavra em *pontos cardeais*, que indica os quatro principais pontos do horizonte (*norte, sul, leste, oeste*) para distingui-los dos intermediários.

Com *i* será escrito o adjetivo quando empregado em anatomia para significar "relativo ou pertencente à cárdia" (abertura superior do estômago, onde termina o esôfago).

Se não cuidarmos, portanto, de medicina, poderemos sem medo de erro empregar a palavra sempre com "e".

Caramelo - V. *cogumelo*.

Caravão - V. *calvário*.

Cardinais - V. *numerais cardinais*.

Cárdio - Este adjetivo, quer indique relação com a cárdia, quer com o coração, escreve-se com "i"; quando primeiro elemento de um composto, junta-se sem hífen: *cardiorrespiratório, cardiospasmo, cardiosíntase*.

Carecer - O verdadeiro significado do verbo *carecer* é "estar faltar", "não ter". Prova-nos esse significado o seu étimo *carēcere*, forma incoativa do verbo *carere*, que significa "estar privado", "ter falta de alguma coisa"; "*Carere hoc significat egere eo quod habere velis*" (*Carere* significa *ter falta* daquilo que quiséramos ter). Assim é que no latim encontramos frases como estas: "*Carere consuetudine amicorum*" (Estar privado da convivência dos amigos); "*carere sensu*" (ser privado de sentir).

Saindo do latim, vejamos estes exemplos de lidimo português:

Também movem da guerra as fúrias negras
A gente biscainha, que *carece*
De polidas razões, e que as injúrias
Muito mal das estranhas compadece.
(Cam., Lus., cant. IV, est. 11)

A terra toda inculca, inabitada,
De todo o total remédio dependia,
A natureza mal exercitada
Ainda de instrumentos *carecia*.
(Rolim de Moura, Noviss. do Homem)

"Vês que se te condemnas, has de arder no Inferno, em quanto Deos for Deos, e que has de *carecer* do mesmo Deos

per toda a eternidade" (Vieira, Sermões, tomo I, pág. 690) — "Carece do absolutamente necessário para viver" — "Carece de vícios" — "Avya tempo que durava este aposentamento sempre acerca hum do outro, teendo bom geito e conversação com seu marido, por carecer de toda suspeita" (Fernão Lopes, Chronica de D. Pedro II).

Igualmente, o particípio *carecido* quer dizer *falto*: "carecido de bens" — "carecido de dinheiro" — "corações carecidos de virtude".

Não se justifica, pois, o emprego de *carecer* no significado de "necessitar", "precisar", emprego este encontrado entre pessoas de pouca cultura: "Você não carece ir" — "Eu careço viajar".

Resumindo: Devemos empregar o verbo *carecer* na sua legítima significação de "não ter", "estar faltoso": "A lâmpada carece de azeite" (está sem azeite) — "A sala carece de uma poltrona" (não tem uma poltrona).

Entre os verbos *carecer* e *necessitar* pode haver, conforme o caso, a mesma diferença que há às vezes entre *carência* e *necessidade*. *Carência* pode indicar simplesmente "não existência", ao passo que *necessidade* tem sempre sentido mais forte; implica, com a idéia de "não existência", a de *precisão*: *Carecemos de tempo* (não temos tempo); *necessitamos de tempo* (precisamos de tempo).

Carência - V. *parecência*.

Cariátide - V. *gentílicos*.

Cariba - V. *caraiiba*; V. *cariooca*.

Cariboca - V. *cariooca*.

Caridade - V. *saudade*.

Caridoso - V. *seminima*.

Carimbo - V. *caracunda*.

Carinho por - V. *amor a*.

Carioca - Este apelativo vem dos nossos índios; embora muitos dos nossos dicionários lhe atribuam por étimos os elementos *carí*, branco, e *oca*, casa, este último é aí apenas um sufixo designativo de procedência, e a palavra passará a significar, então, *descendente de branco*, como poderemos ver em Teodoro Sampaio, "O Tupi na Geografia Nacional".

"Também com os sufixos *boc*, *oc*, *ac*, *ua* indicavam a procedência do indivíduo. Depois da invasão dos europeus e durante a catequese e colonização, muitos nomes se formaram, traduzindo relações novas e exprimindo a mescla das raças em presença.

Ao homem branco, quando tratado em boa parte, denominavam *caray*, e, segundo os dialetos, *cariba* ou *caraiiba*, cujo significado é *superior*, *forte*, *astuto*, *sábio*, *santo*, pois que atribuíam aos europeus faculdades extraordinárias. (Temos em São Paulo a rua dos *Caraiibas*: o acento deve estar sobre o *i*.)

Ao descendente do branco denominavam *cariboc*, que quer dizer *tirado* ou *descendente do europeu*, de onde se origina, por corruptela, o nome *cariboca*, tão usado no norte do Brasil para designar o mestiço que traz nas veias o sangue do branco.

O nome *cariooca*, com que ainda hoje se designam os naturais da cidade do Rio de Janeiro, tem a mesma origem e significado".

Carmelita - V. *gentílicos*.

Carmelo - V. *cogumelo*.

Carneiro - Voz: *badalar*, *balaz*, *balir*, *bernar*, *berregar*, *balido*. Coletivo: *rebanho*, *grei*, *chafardel*, *malhada*, *oviário*.

Caro - V. *fiado*.

Caroço - O "o" é aberto no plural.

Cárpatos - Nome de uma cordilheira da Europa central; é proparoxítono.

Carpe diem - Locução latina que significa "aproveita o dia". Epicurista, Horácio aconselha um amigo a não se preocupar com o futuro.

Carpent tua poma nepotes - Locução latina que significa "teus netos colherão teus frutos". Sublime exortação de Virgílio contra o egoísmo e o exclusivismo.

Carpideira - "Em outras terras e em tempos idos havia o costume de convidar algumas mulheres para chorar um choro

bem triste quando havia algum velório; eram chamadas *carpideiras*".

Essa que aí ficou é a redação limpa de senões gramaticais. Vejamos o que foi corrigido: 1. "Havia o costume de *convidar* mulheres", e não, como estava no jornal "havia o costume de *se convidarem*". Que estava aí fazendo o *se*? A idéia é de atividade, e não de passividade; se eles tinham o costume de convidar mulheres, "havia entre eles o costume de convidar mulheres", e não "havia entre eles o costume de serem convidadas mulheres". Tire-se o *se* e risque-se a desinência do plural do infinitivo, exatamente como logo depois o autor redigiu "para *chorar*" (e não "para *chorarem*"); nenhuma necessidade há, nem de beleza nem de clareza, de pessoalizar o infinitivo.

2. "Chamavam-se *carpideiras*", e não chamavam-se *as* *carpideiras*". Trata-se de simples predicativo, sem nenhuma determinação, e não de sujeito passivo; o artigo está sobejando; o que se propôs o professor foi explicar que essas mulheres se chamam *carpideiras*, e não declarar que "as *carpideiras* eram chamadas"; não ficou antes dito que "havia o costume de convidar (chamar) algumas mulheres"?

O medo que certos professores têm de em concurso submeter-se a prova de redação não é motivado tanto pelo desconhecimento da nossa sintaxe senão pelo receio de demonstrar a impossibilidade lingüística de relatar um fato e a incapacidade mesma de pensar.

Carpins - Se no Rio Grande do Sul pedirmos a um caixeiro que nos mostre uns pares de "meias", ele nos trará meias para senhoras ou meias compridas de jogador de futebol, nunca meias para homens. Estas aí se designam pela palavra *carpins*.

Não sei se em outros estados do Brasil é conhecida a palavra, mas em São Paulo só empregamos *meias*.

Em Portugal — os dicionários aí estão — existe a palavra *carpins*, com a variante *crepins*, para designar "meias curtas", "peúgas", e, ainda, "sapatos de liga" (provincianismo du-rinense), e o derivado *carpinzeira*, que indica a mulher que faz *carpins* ou o entrancado para sapatos de liga ou orela.

Ainda uma observação: Não é raro, no Rio Grande do Sul, ouvir de italianos *escarpins* em vez de *carpins*. É que já tivemos em português, proveniente do italiano "scarpino", o vocábulo *escarpim*, que designava "pé de meia que se calçava por baixo das meias" ou "espécie de chinela, sapato que deixava o calcanhar descoberto". Nota-se ainda o cognato *escarpes*, substantivo plural que designava "calçado de ferro, com que se torturavam os acusados em antigos tribunais", vocábulo este também proveniente do italiano ("scarpa").

Podemos atribuir, creio, o regionalismo sulriograndense *carpins* ao italiano "scarpino", como forma estropiada do antiquado português *escarpins*. V. *fatores* - *ambientes*.

Carpir - V. *abolir*.

Carregar - Além da regência transitiva direta ("carregar o peso"), este verbo pode ser construído com a preposição *com*: "Carregou *com* o cadáver" — "Carreguei *com* ele" — "Carregar *com* o jugo dos respetos humanos".

Carricula - V. *piloto*.

Carro - Coletivo, quando unidos para o mesmo destino: *comboio*, *composição*. Quando em desfile: *corso*.

"Carroçável" - Transitável é que se diz: V. *praticável*.

Carro-correio - Não é composto bem formado; que o seja, não encerra o segundo elemento idéia de finalidade. O plural é *carros-correios*, a semelhança de *comboios-correios*, *pombos-correios*. Essa acadêmica mania de intrometer hífen em toda a sorte de expressões só transtorno vem trazendo ao idioma. *Carro-correio* é o mesmo que *carro de correio*, como se diz *carro de carga*, *carro de passeio*, *carro de inspeção*, sem necessidade de hífen nem de outras considerações para a flexão numérica.

Isto de encerrar o segundo elemento de um substantivo composto idéia de finalidade é assunto mais ou menos delicado, e quase sempre inseguro. Por que o plural de *mestresala* é *mestres-salas*, e o de *navio-escola*, *navios-escola*? Muito bem chama Vasco Botelho de Amaral tais compostos de

"espúrios", e, a meu ver, o plural deveria trazer os dois elementos flexionados: *escolas-modelos, cafés-concertos, navios-escolas, pombos-correios, carros-correios, canetas-tinteiras, vagões-leitos*.

Carta - Aumentativo: *cartapácio*. Coletivo: *correspondência*; quando manuscritas e em forma de livro: *cartapácio*; quando geográficas: *atlas*.

Carta protocolar - Enquanto o *ofício*, que pode partir de uma autoridade ou de uma associação, é endereçado em objeto de serviço, a *carta protocolar* é a simples carta formalista, ditada pela obrigação social.

Cartola - É preferível ao termo "bordalesa", proveniente do francês "bordalaie" (de "Bordeaux", Bordéus) e registrado no dicionário de Teschauer, que o tirou do "Diário de Pernambuco": "Bordalesa" — s.f. (Pern.) barril para vinho com capacidade de 225 litros: "Os rótulos serão escritos em língua nacional, e serão aplicados a tinta indelével, ou a fogo, nas pipas *bordalesas*, cartolas, barris, tinas, e outros cascos".

Embora evidentemente aportuguesado, pois a desinência feminina "e" das palavras francesas passa em português para "a" ("bobine", bobina; "barbette", barbeta), é desnecessário e, pois, galicismo esse termo.

Cartola, não obstante variar de capacidade de país para país (Itália, 180 litros; Espanha, 190; França, 225; Brasil, 200), é o termo português para o caso.

Quanto à grafia, é preferível *cartola* a *quartola*, por mais fiel à pronúncia da maioria e por analogia com *caderno* (e derivados) em vez de *quaderno*.

Cartuxo (frade da Cartuxa) - Não confundir com *cartucho* (invólucro).

Carvalho - Coletivo, quando já crescidos, mas ainda não adultos: *malhada*.

Casa - Coletivo, quando reunidas quase sempre em forma de quadrado: *quarteirão, quadra*. Aumentativo: *casarão, casão, casona*.

Casal, Par, Parelha - *Casal* aplica-se ao ajuntamento do macho e da fêmea (*casal* de canários, *casal* de baleias); *par* refere-se a dois objetos que costumam andar juntos (*par* de luvas, *par* de óculos) e também a duas pessoas: um *par* de namorados, um *par* de amigos. Existe ainda a palavra *parelha*, para indicar par de animais, especialmente cavalos e muare: uma bonita *parelha* de burros.

Casar - Uma coisa é *retirar* e, outra, *retirar-se* e, assim, *recolher* e *recolher-se*, *batizar* e *batizar-se*, *casar* e *casar-se*: "O padre *casou* hoje vários pares" — "Casei um galo inglês com uma galinha caipira". Mas se o padre *casou*, o padre não *se casou*: é evidente a diferença de significado.

Outros exemplos: "Recolhi o pássaro", "Recolhi-me às nove horas (reflexivo)" — "Batizei uma criança", "Batizei-me" (passivo) — "A criada *sumiu* o dinheiro (fez desaparecer)", "A criada *sumiu-se*" (desapareceu; reflexivo).

Casimiro, Casimira - Assim devem escrever-se esses nomes — próprio o primeiro, comum o segundo — com "i" na segunda sílaba.

Caxemira é o mesmo que *casimira*; o "x" (o som é o alfabético) é justificado pela grafia do nome da cidade indiana de que proveio o tecido (*Kashmir*). Talvez por influência da variante inglesa *cassimere* ouve-se às vezes *cassimira*.

Caso lexicogênico — V. *casos latinos*.

Casos latinos - Havia no latim, além da numérica e da genérica, mais um tipo de flexão, a *casual*. De acordo com a função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto etc.) que a palavra exercia na oração, tinha ela uma terminação, uma desinência, ou seja, um *caso* especial; assim, se *Pedro* era o sujeito de uma oração, este nome terminava em *us* — caso *nominativo*: *Petrus est bonus* (*Pedro* é bom); se era adjunto adnominal restritivo, terminava em *i* — caso *genitivo*: *liber Petri* (livro de *Pedro*); se objeto indireto, em *o* — caso *dativo*: *Librum dedi Petro* (Dei o livro a *Pedro*); se objeto direto, em *um* — caso *acusativo*: *Vidi Petrum* (Vi *Pedro*); se empregado em orações imperativas, exclamativas ou de ape-

lo, em *e* — caso vocativo: *Hoc vide, Petre* (Veja isto, *Pedro*); se adjunto adverbial, também em *o* — caso *ablativo*: *Cum Petro ambulávinus* (Passeamos com *Pedro*).

Tal tipo de flexão desapareceu em nossa língua, onde, qualquer que seja a função sintática que na oração exerça o substantivo, este conserva sempre a mesma terminação. Na própria língua portuguesa, quando se diz que determinada palavra exerce *função de acusativo*, entende-se que ela exerce *função de objeto direto*; de igual maneira, por *função dativa* entende-se *função de objeto indireto*.

Além de outros recursos, as línguas neolatinas usam as preposições e o artigo para substituir os casos; essa a razão por que se diz que o latim é língua *sintática*, e as neolatinas, *analíticas*: *Liber Petri* (duas palavras) — *O livro de Pedro* (4 palavras).

O alemão, o grego, o russo e outras são também línguas sintéticas, porquanto a função sintática dos nomes da frase é indicada nesses idiomas por *casos*.

De todos os casos latinos acima vistos, o mais importante para nós é o caso *acusativo*, porquanto dele vieram, com raras exceções, todos os nossos vocábulos, motivo por que o *acusativo* é para nós considerado o *caso lexicogênico*, isto é, o caso que deu origem aos nossos vocábulos; assim, *corpo* veio do latim *corpus*, acusativo neutro da terceira declinação; *árvore* de *árborem*, acusativo feminino da mesma declinação.

Quem desejar conhecer melhor a função desses casos — com grande proveito no que diz respeito à análise dos termos da oração em português — estude as oito primeiras lições de nosso livro GRAMÁTICA LATINA.

Cassa (tecido) - Não confundir com *caça* (do v. *caçar*).

Cassar (anular) — Não confundir com *caçar* (apanhar).

Cassilda - Com dois *ss* é a forma que apresenta o vocabulário de Portugal. Leite de Vasconcelos e outros justificam essa grafia.

"**Cassimira**" - V. *casimiro*.

Cassino - Palavra italiana, vinda a nós através do espanhol. João Ribeiro, no dicionário de Simões da Fonseca, já apontava a variante gráfica *cassino*, com dois *ss*; outros dicionários vêm aceitando com acerto essa grafia. Se todos pronunciarmos *cassino*, por que assim não iremos escrever?

Casta - É estranhável não trazerem dicionários modernos a palavra *casta* com o significado de grupo, camada social. É mais do que convincente a simples citação de Domingos Vieira (Tesouro da Língua Portuguesa): "Casta, s.f. (Este vocábulo não é índico, como têm por ignorância pretendido os nossos etimologistas, nem do latim "gesto", como outros absurdamente querem. A palavra é portuguesa, e não é mais que o adjetivo *casta* empregado substantivamente, por "coisa casta", isto é, pura, não misturada. Daí se desenvolveu a significação atual. Nas línguas asiáticas tal palavra não tem a sombra de uma explicação. Do português e espanhol é que ela passou para as outras línguas européias)". — E continua Domingos Vieira: "Cada uma das tribos em que se divide a sociedade da Índia. Há quatro castas: os sacerdotes, os guerreiros, os negociantes e agricultores, a gente de condição servil. Por extensão, linhagem: Pessoa de antiga casta: pessoa de casta nobre. Homem de má casta: homem de mau caráter. — Raça: Um cão de casta pequena. — Gênero, espécie, qualidade".

Castelhano - V. *espanhol*.

Castigar Ridendo Mores - Locução latina que significa "rindo, censura os costumes". Por meio de representações que provocam o riso corrigem-se os defeitos dos homens.

Casus Belli - Locução latina que significa "caso de guerra". Expressa o ato que pode provocar guerra entre duas nações ou briga entre indivíduos: "O desrespeito ao sossego dos moradores foi o *casus belli*".

Cataclismo - V. *aforismo*.

Catalunha - Adjetivo pátrio: *catalão*.

Catéter - A palavra é grega, mas o latim obriga-nos a dizer *catéter* no singular e *catéteres* no plural.

Catiônio - V. *iônio*.

Cátodo - V. *ânodo*.

Catorze - "Se pronunciamos *cuatro, cuarenta, cuatrocentos*, e os italianos *quattordici, quattordicesimo*, por que se há de dizer, como querem alguns, *catorze*?" — "O italiano diz *questione*, o inglês *question* e o espanhol *cuestion*, fazendo todos soar o *u*; há motivos para pronunciarmos *kestão*?" — "É certo dizer *e-cu-i-lativa* e não *e-ki-lativa*?"

Pouco há que dizer e menos que esclarecer quando se ouvem tais perguntas. Regra alguma existe sobre o assunto e falhará quem lhes proponha esta ou aquela como a melhor pronúncia. Somente por algumas normas poderemos guiarnos, normas que só logram mostrar que o verdadeiro legislador sobre o caso é o uso, tão descrecionário e falho quanto soberano.

Nisso nos baseando é que, não obstante as comparações todas, aconselhamos que se diga *catorze* e, ainda mais, que assim mesmo se escreva, pois assim se escrevia no português antigo, tal qual pronunciamos e escrevemos *caderno*, e não, como etimologicamente e pelas comparações apresentadas, *quaderno*, com *q* e fazendo-se ouvir o *u*.

Se incorremos em contradição, dizendo não se poderem fazer comparações, para, logo a seguir, fazer uma, disso não temos culpa.

O leitor já deverá ter tirado sua conclusão. Como costuma ouvir: *e-ki-lativa*? Pois diga também assim, que não dirá mal. Não vá, para a pronúncia, comparar essa palavra com *equidade* senão alguém lhe apontará *equiparar*.

O *q* e o *g* seguidos do *u* querem ficar livres e independentes e por ninguém incomodados.

Escreve-se hoje *catorze* pelo mesmo motivo por que já ninguém escreve *quaderno*, nem *quartola*, não obstante terem também estas palavras relação com *quatro*. Tendo desaparecido da pronúncia, o *u* perdeu a razão de figurar na escrita. É o que explica ainda as grafias *cota, cociente, cotidiano*, em lugar das antigas *quota, quociente, quotidiano*.

Cauchu - Deve-se aceitar, sem *t* antes do *ch*, a palavra; encontra-se ela em Gonçalves Viana, e além do mais, temos já em pleno uso *recauchutagem, recauchutar*. V. *Checoslováquia*.

Caudal - Originariamente adjetivo (=caudaloso), substantivou-se — e este procedimento, de poucas mas explicáveis exceções, é norma geral — no gênero masculino, para indicar "o grosso das águas", "grande torrente": "de cujos cérebros manava o caudal das idéias novas".

Com o significado de "relativo à cauda", operou-se o mesmo que em "a letra vogal", a "vogal"; *vogal*, substantivo feminino, por vir sempre acompanhando o substantivo feminino *letra*. "A nadadeira caudal", a "caudal" e daí: *a caudal diferca, a caudal lobada, a caudal lobada heterocerca, a caudal lobada homocerca*.

Cavaleiro (pessoa a cavalo) - Coletivo: *cavalgada, tropel, piquete* (de cavalaria). Feminino: *cavaleira, amazona*.

Cavalgadura - Coletivo: *piara, récua*.

Cavalo - Coletivo: *manada*. Voz: *bufar, bufido, nitrido, nitrir, relinchar, rifar, rinchar*. V. *burro*.

Cavanhaque - V. *nomes próprios estrangeiros*.

Cave ne cadas - Locução latina que significa "cuidado em não cair". Na antiga Roma, atrás do triunfador caminhava um escravo que lhe fazia essa advertência. Aplica-se aos que ocupam postos elevados ou cargos honoríficos.

Caveant Cónsules - Locução latina que significa "Tomem cuidado os cónsules". Era a fórmula com que o senado romano investia os cónsules, nas crises de governo, de poder ditatorial: *Caveant cónsules ne quid detrimenti respública cápiat*: Tomem cuidado os cónsules para que a república não sofra nenhum dano.

Caveira - V. *calvário*.

Cavoucar - Cuidado devemos ter em não engolir letras no conjugar este verbo; devemos dizer *cavôuco, cavôuca, cavôuque*. V. *afrouxar*.

Cê cedilhado - *Cedilha* é a forma diminutiva vernácula do espanhol *ceda*, a qual é hoje representada por um pequeno *c*

virado para trás que se sotopõe ao *c*, que então se denomina *cê cedilhado* (não se deve dizer "cê-cedilha").

Ceará (estado brasileiro) - Sigla oficial: *CE* (sem ponto final).

Cebola - Coletivo, quando presas pelas hastes entrelaçadas: *restia, enfiada, cambada*.

Cedant arma togae - Locução latina que significa "Que as armas cedam à toga". Com essas palavras Cícero recomenda aos militares que cedam o poder aos magistrados civis.

Cedilha - V. *cê cedilhado*.

Cedimento (ato de ceder, cessão) - Não confundir com *sedimento* (depósito que se forma num líquido).

Cédula - Coletivo: *bolada, bolaço*. Não confundir este substantivo (nota, bilhete) com o adjetivo *sedula* (cuidadosa).

Céfalo - Elemento que a outro se junta num composto sem hífen: *cefaloauricular, cefalorraquiano*.

Cefalópode - V. *ápode*.

Cegonha - Voz: *gloterar*. V. *burra*.

Ceilanês - Encontra-se no Eспаsa a forma *ceilanês*. Cândido de Figueiredo traz a palavra *ceilonês* — com "c" — mas emprega o radical *ceilan*, com "a", no dar a palavra *ceilanita* (substância negra e pedregosa de Ceilão). Não há razão desse procedimento e tudo nos leva a aceitar e a aconselhar a forma *ceilanês*, ao lado de *cingalês*, para designar o natural da ilha de Ceilão, a Taprobana de Camões.

Cecil - V. *gentílicos*.

Cela (cubiculo) - Não confundir com *sela* (arreio).

Celebes - Não oferece dúvidas; com "e" nas três sílabas e é paroxítono: *Celêbes*.

Célebre - Superlativo sintético: *celebérrimo*.

Celere - Superlativo sintético: *celeríssimo, celérrimo*.

Celeuma - Não se justifica o gênero feminino. *Celeuma* e outros substantivos neutros da terceira declinação grega conservam, na passagem para o latim, o gênero, além da forma do nominativo e do tema; na passagem para o português, mantêm a mesma forma (porque o acusativo é igual ao nominativo) e nos chegam com o gênero masculino. Dessa regra geral não são poucos os exemplos: *idioma, esquema, tema, programa, estigma* etc. e, por coerência, *celeuma*: *celeuma imprevisto*, o *celeuma* foi refrado.

Etimologicamente, *celeuma* significa *chamada, ordem, comando*, e denota também o canto dos remadores, de onde a significação de *vozeria, gritaria, algazarra*. V. *coma*.

Cem, mil - *Cem* e *mil* são cardinais que em português não admitem o *um* antes: *cem* casos fatais, no ano *mil* novecentos e oitenta, *cem* carneiros, *mil* bois.

Certos bancos, ou pelo menos certos caixas, exigem em cheques, ao declarar a importância por extenso, que o emittente escreva "um mil cruzeiros", "um mil e tantos cruzeiros", o que não tem fundamento nem na língua nem na pronúncia de que alguém — que só poderá ser o próprio banco — venha a alterar o total. De forma ainda mais ridícula e deprimente, escrevem ou exigem alguns "hum mil". Primeiro inventam o "um"; depois, com receio de que o alterem para "cem", metem-lhe um "h": quem furta não desconfia só uma vez. V. "um" *mil*.

Cem anos - A forma coletiva é *século*.

Cementar (modificar a propriedade de um metal) - Não confundir com *cimentar* (ligar com cimento).

Cenáculo - V. *senáculo*.

Censório (adjetivo; relativo ao censor ou à censura) - Não confundir com *senório* (adj. e subst.; relativo à sensibilidade).

Centenar, Centenário - V. *biliar*.

Cento, cento por cento - Observa-se que *cento* é usado em lugar de *cem*:

1. quando, realmente substantivo, é antecedido de cardinal: um *cento*, vinte *centos*;

2. quando após ele vem "e" seguido de cardinal ou indefinido: *cento e* um, *cento e* noventa, *cento e* tantos, *cento e* alguns;

3. na expressão *cento por cento* (melhor que "cem por cento"): Ele é *cento por cento* correto. A expressão tem a variante

clássica "cento e cento": pequenos animais do mar, cobertos *cento e cento*.

Não seguido de "e", emprega-se hoje o cardinal *cem*, que em português não permite o *um* antes nem se deve confundir com *sem*: *cem mil* cruzeiros, *um sem* número de reprovados.

Centro - Quando primeiro elemento de um composto, une-se sem hífen: *centroavante*, *centrosfera*, *centrossomo*.

Ceratina - O fato de uma palavra grega começar com *capa* não nos deve levar a escrevê-la em compostos nossos com *qu*. Com *capa* se escreve em grego *cinema*, como igual letra inicial tem o grego em *ceratina*. O errôneo *qu* como transliteração do *capa* grego deve-se ao antigo emprego do *k*, mormente quando já existente a palavra em francês. O que hoje temos é: *cinema*, *ceroto*, *cerasta*, *ceralite*, *cisto*. O *qu* é correto em derivados gregos quando correspondente ao *chi*. Se já não é possível corrigir *querosene*, não nos deixemos enganar por outras palavras: A água, quando em contato prolongado, pode promover a destruição da camada protetora de *ceratina*.

Cerátose - Palavras que em grego começam por "capa" vêm ao nosso idioma com *c* inicial e não, na atual ortografia, com *qu*. Escrever "querátose" não é escrever português; a escrita francesa, importante veículo de termos técnicos da medicina provenientes do grego, é que é culpada dessa transliteração defeituosa.

Querosene é de origem grega; formou-se de *cerás* (cera, verniz, gordura); *cerosene* seria a grafia correta, como corretas são as grafias *cinema*, *clínico*, *ciclone*, *cianogênio*, com *c* e não com *qu*. Para compensar esse erro, há o inverso: escrever *c* inicial, quando escrito deveria ser *qu*, como se passa com *cirurgia* (e com outras palavras), que etimologicamente deveria ser *quirurgia*.

As formas *querosene* e *cirurgia* estão, no entanto, mais do que consagradas, tornando-se irrisionárias as grafias e pronúncias etimológicas *cerosene* e *quirurgia*.

Palavras de origem grega somente se escrevem com *qu* inicial quando a letra inicial grega é *chi* (pronuncie *ki*); não é o caso de *cerátose*, cujo elemento grego por *capa* é que se inicia. Esta é a grafia correta, com *c* inicial, como corretas somente são as grafias *cerasta*, *ceratócele*, *ceralite*, *ceratodermia*, *ceratólito*, *ceratoma*, *ceratófito* ou de qualquer outro vocábulo que se forme do grego "*ceras*, *cértos*" (corno). V. *quistó*.

Cerca de - V. *acerca*.

Cércea - V. *errônia*.

Cérebro - Quando primeiro elemento de um composto, junta-se sem hífen: *cerebroespinhal* (o vocabulário de Portugal consigna *cerebrospinal*), *cerebrotraquidiano*.

Cernir - V. *abolir*.

Cerrar (fechar) - Não confundir com *serrar* (cortar).

Certame - V. *tentame*.

Certo - Não é português o emprego da locução "na certa" pelo advérbio *certo*, *certamente*. Corrijamos "Seria um desastre na certa" para "Seria um desastre certo". Lembremo-nos de Camões: "Coisa certo de alto espanto", "Certo me tem maravilhado".

Certo é indefinido quando antecede substantivo: *Certa* pessoa, *certo* dia, em *certos* tempos.

Quando posposto a substantivo, *certo* é adjetivo e indica que é *verdadeiro*, *infalível*: "Cálculo certo", "Sinal certo de chuva". Com esta acepção, pode substantivar-se: "Deixar o certo pelo duvidoso", "O certo é que assim aconteceu".

Funciona como advérbio, com a significação de *certamente*, com *certeza*: "Não podia certo haver suspeita", "São duras de ouvir, certo".

Certo entra nas seguintes locuções adverbiais: 1) *Ao certo* (com certeza, com exatidão): "Não sei ao certo se virá a São Paulo" — "Era um alqueire de trigo ao certo". 2) *De certo* (certamente): "Era o paraíso de certo". 3) *Por certo* (certamente, seguramente): "Alegria mui grande foi por certo acharmos já pessoas que sabiam navegar".

Na linguagem familiar, as locuções *de certo*, *com certeza* são empregadas com sentido dubitativo: "De certo ele vem" (=talvez ele venha).

É importante observar que não é da língua portuguesa colocar o indefinido "um" antes de *certo* quando usado como indefinido: "Disseram-me certa coisa ontem" (e não: *uma certa coisa*) — "Com certa serenidade" (e não: *com uma certa serenidade*). V. *passai demasiado*.

Cervo - Diz um amigo que, ao procurar uma palavra no vocabulário de Gonçalves Viana, viu casualmente o vocábulo *cervo*, (veado) e que, com muita admiração sua, registrava o vocabulário a prosódia *cérvo*, com *e* aberto. Tendo aprendido a pronunciar essa palavra com *e* fechado, para distinguir do *servo* (criado), consultou outros dicionaristas — Moraes, Cândido de Figueiredo, Seguíer e outros mais — encontrando sempre a mesma prosódia de Gonçalves Viana.

Também a nós nos ensinaram dessa forma, mas muito contra o nosso gosto, pois, nascido numa pequena vila do interior paulista, num meio onde muito se fala de caças e caçadas, tal palavra é sempre pronunciada com o *e* aberto. Consultamos, para nossa segurança, não dicionários, mas lavradores e agricultores de outras regiões e a resposta foi idêntica: *cérvo*.

O que podemos dizer sobre o assunto é isto: uma coisa é doutrinar, outra procurar no povo de uma região ou na totalidade de uma gente as regras para um caso como este. Se, tratando-se de acentuação, sobre o que já se pode doutrinar mediante a etimologia, devemos ter em consideração o uso (Quem hoje vai pretender que se diga, de acordo com o grego e com o latim, *Úrano*?), muito mais ainda o uso deverá ser tido em conta em questões de prolação aberta ou fechada de uma vogal, coisa sobre a qual nada ou quase nada a etimologia nos pode esclarecer. Assim, todos nós dizemos *alégre*, abrindo o *e* da segunda sílaba, porque assim todos o fazem muito naturalmente, sem nenhuma influência etimológica, que nada esclarece sobre isso; e todos também pronunciam este termo com acento paroxítono, quando pela etimologia (latim *dlacrem*, que dá em português o divergente *álacre*) deveria ser proparoxítono, *alégre*, mas seria irrisionária, hoje, tal pronúncia.

O uso consagrado do povo é que se leva em consideração em questões dessa natureza; os filólogos procuram remediar e acomodar quanto possível a situação, mas isto deve ser feito no seu devido tempo.

Cerzir - Devemos preferir a grafia *cerzir*, oficial em Portugal e no Brasil. A conjugação segue a de *adern*, ou seja, o *e* se transforma em *i* na 1.ª pessoa do singular do indicativo presente e em todas as do subjuntivo presente: *cerzo* (cerzes, cerze, cerzimos, cerzis, cerzem), *cerza*, *cerzas*, *cerza*, *cerzamos*, *cerzais*, *cerzam*. V. *adernir*.

Cesárea, Cesariana - V. *iano*.

Cessão (ato de ceder) - Não confundir com *seção* (divisão), com *seccão* (corte) nem com *sessão* (reunião). V. *seção*.

Cestobol - V. *futebol*.

Cesura - V. *cisão*.

Cetim - Laudelino Freire, não obstante consignar a palavra com *c* inicial, insurge-se contra essa grafia; alega, primeiro, que "há certa dificuldade para explicar a conversão fonética do árabe *zaituní* no português *cetim*"; diz, depois, que "em espanhol o vocábulo *aceituní* não designa o pano aveludado de seda"; diz, ainda, que "no francês e no italiano a palavra é com *s* inicial".

Através do Webster, no entanto, pode-se justificar a grafia *cetim*, hoje encontrada em todos os nossos dicionários. O inglês, que não se presta para transformações de ortografia, dá todavia a proveniência da palavra árabe *zaytuni*, forma esta que explica a conversão fonética do étimo árabe. Ademais a forma francesa do antigo nome da cidade chinesa em que o tecido era originariamente fabricado é *Tzuting*. Isto de certos idiomas trazerem *s* inicial deve-se ao fato de não procederem eles como nós, que muitas vezes somos levianos mais do que filólogos no procedimento ortográfico de nossos vocábulos.

A grafia com *c* está generalizada e entra em derivados: *acetinar*, *acetinado*.

Céu - V. *jubileu*.

Ch (origem) - V. *semântica*.

Ch = X - V. *Anchieta*.

Chacal - Voz: *regougar*.

Chácara - Pelo que se pode apurar, *chácara* (palavra desconhecida em Portugal, onde, para o caso, empregam o vocábulo *quinta*) deriva-se do quíchua *chaca*, onde tem a mesma significação com que é em português empregada.

Otras palavras ainda há derivadas do quíchua (a grafia *quíchua* é mais fiel ao étimo), língua americana, ainda hoje falada no Peru: *condor* (ave), *pampa* (planície), *guano* (esterco), *puma* (leão-marinho) etc.

Existe ao lado de *chácara*, de sentido conhecido, o vocábulo *xácara*, de origem árabe, com *x* inicial, que designa narrativa popular, em verso.

Chacoalhar - V. *chocalhar*.

Chaleira - V. *motorneio*.

Chamei-o sábio - V. *fizemo-lo presidente*.

Champanha - Barulho: *espocar*, *estourar*. V. *alude*.

"Chance" - Palavra francesa; conquanto de largo uso em inglês, é completamente desnecessária em português, onde temos *oportunidade*. "Não tive *oportunidade*", "Vou dar-lhe mais uma *oportunidade*" são expressões por si falantes, expressivas, claras.

Chanceler - De origem latina (*cancellarium*), chegou-nos pelo francês *chancelier*; pronuncia-se "xan-sse-lêr"; são seus derivados *chancelaria*, *chancelar* e daqui *chancela*, o sinete, selo ou gravura que evidencia a origem ou o cunho oficial de um documento.

Chanceler, nome de função antiga, é hoje reservado quase exclusivamente para indicar o primeiro-ministro da república alemã e da Austría.

Chão - Como adjetivo (plano, liso): mar *chão*: singelo: linguagem *chã*) tem por superlativo sintético *charússimo*. V. *estadia*.

Chapeleiro - V. *motorneio*.

Charivari - Não obstante João Ribeiro acoimá-la de galicismo inútil, a palavra está no vocabulário de Portugal, em Cândido de Figueiredo e em outros dicionários. O fato é que ela existe no francês — e tem vários derivados — para indicar chocalhada, bulha com chocalhos; é formada por anomatopéia, o que acontece em todas as línguas com várias palavras indicativas de barulho.

Por extensão, é empregada em francês e em português, com a significação de algazarra, assuada e ainda com a de música discordante, pandorga, confusão, motim, tumulto, barafunda.

Dados os muitos empregos, acabamos corcondando com João Ribeiro: "Vê-se que é galicismo inútil", mas... também Aulete a consigna, e em "pandorga" a oferece como palavra sinônima.

Charlatão - Plural: *charlatões*, *charlatões*. Feminino: *charlatã*.

"Charter" - É palavra empregada em náutica mas na língua inglesa, não na portuguesa; é substantivo que significa *fretamento*; usado atributivamente, de acordo com a estrutura do inglês ("charter flight"), passa a ser traduzido em português por forma que lhe dê função de adjunto: voo *de fretamento*, voo *fretado*. Freta-se um avião, freta-se um barco, freta-se um ônibus; o veículo torna-se *fretado*, torna-se *reservado*.

A continuar o emprego do barbarismo, iremos daqui a pouco ver: "A escola fez um 'charter-party' com a companhia". Por favor, senhor redator, não se esqueça de que isso se traduz por "contrato de fretamento". Faça as pazes com o seu dicionário.

Chassez le naturel, il revient au galop - Locução francesa que significa "Expulsai a natureza, e ela voltará a galope". O lobo perde o pêlo mas não perde o hábito.

Chassi - Transliteração de palavra francesa, já constante do nosso falar comum, que indica o arcabouço, a armação básica em que se firmam as demais partes de uma estrutura, de um veículo, de uma janela etc.

"Chauvinismo" - É palavra errada e inoportunamente apor-

tuguesada; a palavra nossa é *xenofobia*, do grego *xenos*, estrangeiro, e *phobos*, horror, medo; o que nutre *xenofobia* (sentimento ridículo de patriotismo) é *xenófobo* (o *x* tem som alfabético).

Chave - Coletivo, quando num mesmo cordel ou argola: *molho*, *penca*. Barulho: *trincar*.

Chávena - Palavra de origem chinesa (*chavan*), pouco usada no Brasil, onde na conversação ordinária é substituída por *xí-cara*, quer seja de tamanho pequeno para o cafezinho, quer grande para chá, chocolate, média.

Chaves - Adjetivo pátrio: *slaviense*.

Checo - Com "c" inicial, é forma preferível para indicar o natural ou o idioma eslavo da Boêmia, Morávia, Silésia, ou, como adjetivo, o que a eles se relaciona.

Checoslováquia - Graficamente, nem na origem existe "t" inicial. *Cechy*, com uma sigla sobre o *c*, é como indicam os indígenas da Coroa de São Venceslau a terra de *Cech*, segundo a lenda irmão de Lech e Russ, fundadores, respectivamente, da Polónia e da Rússia, no século VIII da E.C.

O grupo *tche* terá sua razão de ser em línguas que possuam tal fonacção; entre nós só dos caboclos se ouve a pronúncia *tchiuva*, por chuva, *tcherano*, por cheirando etc.

Grafemos *Checoslováquia* e não *Tchecoslováquia*.

Cândido de Figueiredo aconselha a forma *Checo-Eslaváquia*, mas o "e" protético de Eslováquia só seria necessário se os dois elementos vigorassem na língua separados por hífen; ninguém assim o faz; todos justapõem os dois elementos como na palavra *Jugoslávia*; nem Cândido de Figueiredo escrevia *Jugo-Eslávia* e *Jugo-Eslavo* (eslavos do sul: *yug*, sul).

Se o insigne mestre aconselha a escrita *Checo-Eslaváquia* é por ter partido de um princípio e principalmente de uma informação falsa, pois se os jornais que ele leu em Lisboa (Combates sem Sangue, XIII, 51) grafavam *Tchecho-Slováquia*, assim não o fazia o consulado de lá nem de lugar algum de Portugal e do Brasil. Portugueses ou brasileiros, escrevem os consulados a palavra sem hífen, como se escreve *Jugoslávia* e não *Jugo-Slavia*.

Escrevamos *Checoslováquia*, como nome próprio, e *checoslovaco*, *checoslovaca* como pátrios. V. *sar*.

Chefe - A seguir os femininos *giganta*, *hóspeda*, *monja*, *parenta*, o feminino de *chefe* seria *chefa*, mas tanto o vocabulário oficial português quanto o brasileiro dão *chefe* como substantivo de dois gêneros.

"Chefe de obra" - Os romancistas portugueses, conhecedores de vários idiomas, são culpados de muitos estrangeirismos; este é um deles, inteiramente inútil; em português temos e todos usamos "obra-prima". V. "em chefe".

Chegar, Chegada - Escapam os advérbios *aquí*, *ali*, *cá*, *acólá*, *embaixo*, *abaixo* e outros da regra que nos obriga a construir os verbos de movimento com a preposição *a* ou *para*; tanto poderá o leitor dizer "estive aqui", empregando o advérbio *aquí* com um verbo de permanência, que normalmente exige a preposição *em*, quanto poderá construir "venha aqui", sem a preposição *para*, exigida por verbos de movimento.

Afora isso, a regra acima lembrada impera: "Cheguei a casa" — e não "cheguei em casa".

É curioso observar que o verbo *chegar* indica, etimologicamente, lugar onde e não lugar para onde; ao contrário de movimento, a origem desse verbo implica idéia de quietação; *chegar* vem de *plicare*, que significa *dobrar* (*pl=ch: plúvia*, chuva; *plorare*, chorar). "Plicava", isto é, dobrava as velas quem aportasse, quem... *chegasse*. Nem com ser, porém, esse o étimo e o significado, essa é a regência. Quem chega, chega "a" um lugar, e não "em": Cheguei ao Rio — Chegaremos ao campo — Chegarei a casa.

Idêntica é a regência de *chegada*: Por ocasião de sua chegada ao Rio — Minha chegada a casa foi inesperada. V. *em-4*.

Cheleme - V. *chulipa*.

Cheque (expressão verbal da importância) - A propósito da maneira de expressar a importância por extenso quando entre mil e mil novecentos e noventa e nove cruzeiros, recebemos do Dr. Geraldo Magela Leite, advogado do Sindicato

dos Bancos do Estado de São Paulo, amável correspondência com seu oportuno Parecer, que vem corroborar o que nestas Questões Vernáculas foi dito mais de uma vez. A pergunta: "É errônea a expressão *mil cruzeiros* nos cheques de Cr\$ 1.000,00?" o ilustre advogado respondeu em 4 de dezembro de 1975:

"Segundo o artigo 1º da Lei Uniforme de Genebra, adotada no Brasil, o cheque deve conter ordem "de pagar quantia determinada". Essa "quantia determinada" deve ser indicada segundo a expressão da língua em que o cheque for escrito e a expressão desse valor em nossa língua é *mil cruzeiros*, não sendo corrente dizer *um mil cruzeiros*. Dessa forma não há vício em se determinar no cheque o pagamento de *mil cruzeiros*, ou de *mil e duzentos cruzeiros*. Por cautela, há os que preferem a expressão *um mil cruzeiros*, ou *hum mil cruzeiros*, mas isso é preferência pessoal, que, na verdade, constitui exceção à maneira normal do falar e do escrever. Precauções relativamente ao preenchimento das fórmulas do cheque podem ser tomadas com outras providências, como iniciar a indicação de valor imediatamente em seguida ao término dos dizeres impressos, sem deixar espaço vazio, escrever o valor em algarismos imediatamente no início do quadro a isso destinado, ligar as palavras da expressão de quantia (mileduzentoscruzeiros; doismilcruzeiros), cancelar todos os espaços vazios depois de escrita a importância por algarismos e por extenso.

As cautelas relativas ao preenchimento do cheque são encargos do emitente, pelo que o Banco, segundo entendo, não pode recusar o pagamento do cheque por nele estar escrito *mil cruzeiros*, pois essa é a maneira normal de expressão oral e escrita e, existindo os demais requisitos previstos no artigo 1º da Lei Uniforme, com o temperamento do artigo 2º, o documento será cheque e como tal deverá ser tratado".

Acolhendo o Parecer, esta recomendação, datada de 22 de novembro de 1979 (Circular P-104/79), emitida pelo Sindicato dos Bancos dos Estados de São Paulo, Paraná, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul:

"A Comissão de Compensação Integrada, ontem reunida com a participação do Banco do Brasil, S.A., resolveu que se recomendasse aos Bancos que novamente especem instruções a seu pessoal que examina o preenchimento de cheques (e as facam constar, de maneira permanente, no Manual de Instruções), a respeito da maneira de escrever a importância, por extenso, pois voltou a haver acentuada devolução indevida por falta da palavra "um" e, até, por falta da letra "h" ("hum") nos cheques de importância de mil a dois mil cruzeiros, com sobrecarga, sem motivo, dos serviços de compensação. Anexo se encontra Parecer, já anteriormente divulgado, que demonstra que não se pode recusar cheque, com fundamento de sua expressão de valor por extenso ser *mil cruzeiros*, *mil e duzentos cruzeiros*, ou análoga".

Do inglês *check*, é termo bancário. Não confundir com *xequê*, termo, de origem árabe, do jogo de xadrez (em linguagem figurada significa perigo, situação de evidência: pôr um assunto em xequê, estar um indivíduo em xequê); também indica "chefe de tribo árabe", donde o substantivo *xecado*, para indicar esse cargo, a sua duração ou a área de jurisdição de um xequê.

Chevrolé - V. *derivados franceses*.

Chi va piano, va sano - Locução italiana que significa "quem vai devagar, vai com segurança". Também se diz "Chi va piano, va lontano", devagar se vai ao longe.

Chicana - Provéda do francês, a palavra é já de uso corrente entre nós e tem seus derivados: *chicanar*, *chicanear*, *chicaneiro*, *chicanice*, *chicanista*. É seu legítimo significado "sofisma", "argumento de má fé", "embuste".

"Chicara" - V. *xícara*.

Chicote - Barulho: *estalo*, *estalar*, *estalido*, *estalar*.

Chile - Adjetivo pátrio: *chileno*.

China - Adjetivo pátrio: *chinês*, *cham*, *chino*. Quando primeiro elemento de adjetivo pátrio composto, assume a forma *sino*:

sino-japonês. V. *sino-japonês*.

Chinês - V. *ideograma*.

Chipre - Adjetivo pátrio: *chipriota*, *cipriota*.

Chocalhar, Chacoalhar - De *choca* (campaíha), do baixo latim *cloca*, e o sufixo aumentativo *alho*, temos *chocalho* (cincorro; brincando, instrumento, coisa que faz barulho semelhante), *chocalhar*, *chocalheiro*, *chocalhice* e outros derivados.

Com o sentido de vascolear, ou seja, de agitar vaso que contenha líquido, e, figuradamente, de sacudir, criou-se o brasileiro, já registrado no vocabulário da Academia das Ciências de Lisboa, *chacoalhar* (O trem *chacoalhou* a viagem inteira — A comida *chacoalhava* no estômago — O avião deu uma *chacoalhada* que derrubou quase tudo) — donde o substantivo *chacoalho*: Estava lendo quando senti um *chacoalho* e um estouro.

Chocalho - Barulho: *rascar*, *tintinar*, *tlintar*. V. *chocalhar*.

Choco - O "o" é aberto no plural.

Chofer - Aportuguesamento do francês "chauffeur". A terminação da forma portuguesa tem normalmente a pronúncia fechada — *chofer* — e é idêntica para o feminino; são uniformes em português os adjetivos, substantivados ou não, terminados em "er": *esmoer*, *chanceler*.

Chorão, Chorona - V. *poltrão*.

Choromândel - Pronuncia-se *xo-ro-mân-del*, paroxítono (costa oriental da Índia).

Chulipa - É palavra feminina; designa em Portugal e no norte do Brasil o nosso *dormente* (travessa, geralmente de madeira, em que se assentam os trilhos de estrada de ferro). De ouvir ingleses falar *sleepers*, trabalhadores modestos passaram a dizer *sulipa* (nordeste brasileiro) e *chulipa*.

Fenômeno semelhante ocorreu com *cheleme*, do inglês *slam* (ato de ganhar todas as vazas de uma dada de cartas).

Chumbar, Chumbear - Existem os dois verbos; *chumbar*, com a significação de espingardear; *chumbar*, com os demais significados e o da gíria escolar de reprovar, ou ficar reprovado, em exame: *chumbar* um dente, *chumbar* uma rede, *chumbar* um documento, *chumbar* um gancho na parede, *chumbar* os pés de um banco no chão, esse professor me *chumbou*, fiquei *chumbado* (ou "chumbei") em matemática.

Chuva - Barulho: *bater*, *tamborilar*.

Cianogênio - V. *ceratose*.

Ciar - V. *sentenciar*.

Cibernética - Derivado do grego, tem por étimo a mesma palavra que nos deu *governo* (gr. *cyberno*, governar). Indica o controle eletromagnético de máquinas de calcular, de automáticos, de movimentos, de aparelhos teleguiados e até das conexões nervosas dos organismos vivos: "Os problemas de trânsito são nas cidades civilizadas equacionados e resolvidos pela *cibernética*".

Cicatrizar - V. *economizar*.

Cicerone - Após ter entrado no nosso vocabulário, esta palavra italiana está sendo substituída pela portuguesa *guia* ou *guia de turismo*.

Ciclone - V. *ceratose*.

Cidope - Vinda através do latim, esta palavra grega, que significa "de olho redondo", indica os gigantes de um só olho, no meio da testa, aos quais se atribuem certas obras ingentes que ainda existem na Grécia. É palavra paroxítona.

Ciclotrônio - V. *iônio*

Cid - V. *Davi*.

...*cida* (sufixo) - V. *marítima*.

Cidadania - Use-se sem temor o substantivo *cidadania* em vez da locução "direito de cidadão". É palavra bem formada e não deixa de ter correspondentes em outras línguas: italiano, *ciudadinanza*; francês, *citadinage*; catalão, *ciudadania*; espanhol, *ciudadanía*.

Cidadão - O plural é *cidadãos*. Muita gente boa claudica no flexionar esta palavra.

...*cidio* - V. *marítima*.

Cientificar - V. *avisar*.

Cifra - *Cifra* e *zero* são etimologicamente uma única e mesma palavra; ambas provêm do árabe *afir*, que significa vazio,

oco. Se a forma *zero* mantém essa significação, já o mesmo não acontece com a divergente; esta pode significar:

zero: "Adverti que já neste sentido, de que nenhum dos caracteres da aritmética tem valor próprio, a uns chamam figuras e a outros *afras*" — "Não vale uma *afra*" (=não vale nada);

sigla (letras iniciais enlaçadas, metidas em tarjas, sinctes etc.): cifra de nome;

símbolo (figuras de coisas ou de animais que representam o significado do nome próprio, como um lobo para indicar os Lobatos, um pinheiro para indicar os Pinheiros): *afra* de apelidos.

Por extensão, indica os caracteres convencionais para uma correspondência secreta — e daí o derivado *decifrar* (chave de *afra*=alfabeto para escrever essas cifras, ou seja, para ler o que está escrito em cifra, em símbolo) — e, ainda, epílogo, resumo: "Seja isto uma cifra do que se pode dizer dos seus poderes".

É também empregada em música para indicar escala.

Conclusão: *Cifra* tem várias significações, mas não significa "algarismo" nem "total".

Cigano - Coletivo: *bando, cabilda*.

Cigarra - Voz: *cantar, canto, chiar, chichuar, chio, estridular, fretenir, rechar, rechinar, reténir, zimir, ziziar, zunir*.

Cilha (barrigueira, correia, faixa) - Não confundir com *silha* (pedra em que se assenta o cortiço das abelhas).

Cimbalos - Geralmente usado no plural, como *pratos, castanholas*, e preferível a "cêmbalo" por mais fiel ao étimo grego, é nome que designa tanto um antigo instrumento de cordas (e neste caso aparece no singular), quanto os discos de metal que em música se chamam *pratos*, quanto ainda outro instrumento constituído de dois meios globos que se percutiam.

Cinco anos - Coletivo: *quinqüênio, lustro*.

Cinco vozes ou instrumentos - Coletivo: *quinteto*.

Cinema - V. *ceratose*.

Cínico - V. *cinódromo*.

Cinocéfalo - V. *cinódromo*.

Cinodontes - V. *cinódromo*.

Cinódromo - Entre as muitas palavras do nosso léxico recebem algumas o nome de *híbridas*; consiste o hibridismo na formação de um composto com elementos de línguas diversas. Temos muitos exemplos de híbridos, consagrados pelos filólogos e registrados nos dicionários; tal acontece ou por serem os componentes muito usados separadamente no vernáculo, ou porque a isso obriga a necessidade. Um exemplo do primeiro caso: *alcômetro*, onde temos o elemento árabe *álcool*, mais o grego *metro*, muito usados separadamente. Em *galvanotipia*, do italiano *galvano*, mais *típica*, grego, temos um exemplo do segundo caso, onde nada se pode fazer sem desvirtuar o sentido da palavra.

Se queremos indicar a pista para corrida de cães empregando para lugar de corrida o elemento grego *dromo*, também grego deve ser o primeiro elemento, e teremos a palavra *cinódromo* legitimamente formada. Nenhuma novidade poderá isso causar-nos, pois tal elemento (do grego *cyon*, genitivo de *cyon*, cão) já possuímos em outras palavras: *cinocéfalo* (*cyon* mais *cephalé*, cabeça), macaco da África com "cabeça" de "cão"; *cinodontes* (*cyon* e *odontos*, genitivo de *odontis*, dente), povo fabuloso com "dentes" de "cão" e, fora outros, a palavra *cínico*, forma delicada quando não de todo inocente de chamar "cão" o nosso amigo.

Notemos a natural preferência às palavras corretamente formadas de elementos gregos; o grego muito se presta para indicar coisas e invenções modernas; a questão está, apenas, em sabermos manusear suas palavras, que obterão imediata aceitação e forte presúgio: "Et nova fictaque nuper habebunt verba fidem si graeco fonte, cadent, parce detorta" (Horácio, Arte Poética).

Cinqüenta - É a grafia oficializada, com "qu" e trema.

"Cintra" - Assim não se escreve, senão *Sintra* o nome da cidade portuguesa.

Circuito - A pronúncia é cir-cuí-to, com o acento tônico no "u".

Circum - É procedimento contraditório, pois ofende as próprias regras do acordo de 43, mas o vocabulário oficial faz acompanhar este prefixo de hífen quando seguido de vogal. *circum-ambiente*.

Circunstância temporal - "Este mês não houve modificações" ou "Neste mês não houve modificações" — "Esta semana..." ou "Nesta semana..." — são construções igualmente corretas.

São frases correntes: "Temos tido sol todos os dias", "Saio de São Paulo todos os anos" — sem a preposição *em*, que, nessas expressões, se subentende. Muito erroneamente procedem os que sempre exigem a preposição nesses adjuntos adverbiais.

Cirurgia - V. *ceratose*; V. *quisto*.

Cirurgião - Plural: *cirurgiões, cirurgiães*.

"Cisa" - V. *sisa*.

Cisão, Cissão - Por mais estranho pareça, anda errado o português em grafar com um só *s* o vocábulo *cisão* (separação, divisão, dilaceração: *cisão* de um partido político); proveniente de *scissionem*, do supino de *scindo*, a palavra deveria trazer dois *ss* em português: *cissão*. Corrigi-la não será fácil, nem talvez útil, mas dicionários já existem que trazem a segunda forma como variante gráfica da primeira.

Nascentes manda, ao dar em seu dicionário etimológico a forma *cisão*, que se procure *cissão*; fá-lo acertadamente, mas nenhuma consideração nem comparação apresenta. Já em *recisório*, com um único *s*, declara, após o étimo *rescissorium* (com dois *ss*), que a forma de um só *s* é influência de *recisum*, do verbo *recido* (cortar). Cabe realmente aqui a confusão, porque vemos no composto latino *recido* o mesmo *i* do verbo *scindo*, mas a coincidência não deve enganar os conhecedores de composição. Se o supino de *recido* é *recisum*, o de *rescindo* é *rescisum*. Se temos *cesura* (corte), do verbo *caedo*, temos *cissura* (divisão, separação), do verbo *scindo*.

Cândido de Figueiredo traz um asterisco antes de *cisão* (sinal indicativo de não encontrar-se a palavra em outros dicionários), dando a seguir a significação técnica de "corte numa parte insulada de um projeto arquitetônico; com o significado de "ato ou efeito de cindir, cisma, desarmonia", só oferece a forma com dois *ss*: *cissão*.

Se em *cissiparidade* ninguém se esquece dos dois *ss* nem na escrita nem na pronúncia, em *cissão*, palavra de igual procedência, colocamos erradamente um só.

E a palavra *incisão*? Está certa, porque se prende ao latim *caedo*. *Incisão, incisivo, inciso, conciso* (cortado), *preciso* (cortado por diante, donde a idéia de "falta", de "necessidade") — com um só *s* — vêm de compostos de *caedo*; *cesura*, com um só *s*, porque vem igualmente de *caedo*. Provenientes, porém, de *scindo* (fender, rachar, desunir, dilacerar, rasgar), temos, com dois *ss*: *cissura, cissiparo, cissiparidade*, e deveríamos ter, também com dois *ss*, *recissão e cissão*.

Cisne - Voz: *arensar* (verbo e substantivo).

Cissiparo, Cissiparidade - V. *cissão*.

Cissura - V. *cissão*.

Cister - Oxitono é o nome português da aldeia francesa em que teve origem a ordem dos cistercienses. A origem é latina, *Cistercium*: os monges de Cister, a ordem de Cister.

Cisto - V. *quisto*.

Cível, Civil - Qual a razão da diferença gráfica dessas formas?

Cível é palavra mal formada. O latim *civilem* é paroxítono, uma vez que é longa a vogal da penúltima sílaba e a quantidade das sílabas latinas em regra não se altera nos derivados portugueses. Se em *dócil*, *dúctil* a penúltima sílaba é breve, nem em latim nem em português nela poderá recair o acento, e teremos então os vernáculos *dócil* e *dúctil*. Mas se em *virilem*, *senilem* e outros a penúltima sílaba é longa em latim, nela cairá o acento também em português e teremos *viril*, *senil*.

Em filologia os fatos se impõem. Criou-se e generalizou-se no foro, por juristas — ou por meirinhos quem sabe — a

par de *civil*, oxitona, a forma *cível*, paroxitona, à semelhança de *móvel* (lat. *móbilem*), *terrível* (lat. *terribilem*), com acento paroxitono.

Devemos não esquecer-nos de que é da índole da nossa língua rejeitar palavras divergentes com significação idêntica; do que deduziremos: Se existem em vigor palavras divergentes é porque tem cada uma sua significação especial.

Esse é o caso presente. *Cível* é termo jurídico, que serve para indicar tudo o que diz respeito ao direito civil, à jurisdição dos tribunais em que se julgam causas segundo as leis civis, de acordo com a jurisprudência do direito civil (causa *cível*, o juiz do *cível*), donde se tirou o advérbio *civilmente*.

Civil (direito *civil*) emprega-se em oposição a *criminal* (processo *civil*, ação *civil*), para distinguir de militar ou eclesiástico e para indicar o que diz respeito ao cidadão, considerado no seu caráter, condição e relações particulares (guerra *civil*, guerra entre cidadãos; *exercito civil*, exército de cidadãos); presta-se ainda para outras significações figuradas: emprego *civil* (em oposição a *oficial*, *público*), casamento *civil*, registro *civil* (em oposição a religioso), homem muito *civil* (em oposição a *descortês*).

Cizânia - V. *Etiópia*.

Clã - Conforme todos os nossos dicionários, esta palavra de origem escocesa é do gênero masculino: o *clã*, um *clã*.

O vocábulo *clã* — diz-nos Gonçalves Viana — corresponde ao *gens* latino e designa na Alta-Escócia, entre as populações que falam gael, uma "parentela inteira", um ajuntamento de famílias que obedecem à autoridade de um único chefe, e usam apelido comum a todas elas, presumindo-se descenderem de um só avoengo. Assim, em *MacDonald*, o avoengo chama-se *Donald*, e *Mac* significa *filhos*, *progênie*.

O vocábulo *clã* é em inglês aplicado a grupos de famílias de constituição análoga em outros povos; adotaram-no os franceses, e da França foi trazido a Portugal por intermédio da literatura.

Corresponde, pois, o neologismo, já aceito na linguagem sociológica, aos nossos vocábulos *grei*, *parentela*, mas o gênero não é o destes sinônimos, mas o masculino: o *clã*, um *clã*.

Clâmide - V. *mônade*.

Claque - É como se escreve a palavra que designa o conjunto de indivíduos ajustados para aplaudir.

Clavicular - V. *biliar*.

Cleão - E não "Cleonte". *Xenofonte* justifica-se por corresponder ao genitivo grego *Xenophontos*, mas a palavra do verbete tem por genitivo "Cléonos", a que corresponde a forma vernácula *Cléao*.

Cleófas - Sobre esta palavra assim discorre João Ribeiro: "O nome *Cleófe* ou *Cleófa* aparece no Novo Testamento e é o mesmo que o grego *Cleópata*. Depois de Alexandre, a Síria e a Palestina foram helenizadas e adotaram vários nomes gregos".

Tentemos acrescentar mais algumas luzes ou, talvez, mais outras confusões à questão.

Como *Antipatros* se abrevia em *Antipas* e não em *Antifas* nem *Antifa*, "*Cleópata*" não é, filologicamente, o mesmo que *Cleófa* ou *Cleófas*. Demais, tratando-se de testemunhos evangélicos, os próprios exegetas se vêem em dificuldades em personificar esse nome, pois aparece em lugares e com referências diferentes. No evangelho de S. Lucas encontra-se *Cleopas* para designar um dos discípulos de Emaús ao qual Jesus apareceu após sua ressurreição. Em S. João vemos outro nome, *Clopas*, como apelido do marido de Maria, irmã da mãe de Jesus, a qual, segundo outro evangelista, S. Marcos, era mãe de Tiago, o Menor. Esta última forma, porém, pode-se considerar, filologicamente, o mesmo que *Cleópas*, pois é comum em grego o alongamento do grupo *eo* (épsilon, omicron) em "o" longo (ômega).

Já que o nome atende à forma grega primitiva, deverá ser pronunciado com acento proparoxitono, escrito com *s* no fim e, pela ortografia oficial, com *f*. A pronúncia *Cleófás* é espanhola.

Cleópas - V. *Cleófas*.

Cleópata - Magistral lição dá-nos Rebelo Gonçalves: *Cleópata* representa uma palavra grega cuja penúltima sílaba é breve de natureza. Com efeito, o grego *Kleopátre* assenta no nome masculino *Kleópatros*, formado de *kléos* (glória) e *patér* (pai). E a respeito da quantidade breve do "a" de *patér* não há dúvidas (cf. o latim *pater*, com "a" breve).

Passando ao latim, *Kleopátre* dava normalmente *Cleópata*, acentuado na antepenúltima sílaba. Mas é justamente a forma latina, na qual se deve basear a representação portuguesa, que dá origem a controvérsia. Alega-se a favor de uma acentuação "*Cleópata*" o ser "*cleópata*" — diz-se — com a longo, a correta prosódia latina, ensinada em dicionários.

Que se passa, afinal, em latim? Isto, muito simplesmente, que bons dicionaristas, como Benoist e Goelzer, não deixam de consignar: há duas prosódias, *Cleópata* e *Cleópátra*. Cada uma deve ter, portanto, o seu valor especial.

A prosódia *Cleópata* será a natural, porque assim o exige o étimo grego e porque não compreenderíamos condições prosódicas diferentes em nomes de idêntica estrutura. Teríamos, de um lado, *Cleópátra* proveniente de *Kleopátre*; de outro lado, por exemplo, *Antipater*, *Antipatri* (cf. o português *Antipatro*) proveniente de *Antipatros*. A prosódia *Cleópata*, ao contrário, será artificial, poética, e o seu registro só deverá traduzir a possibilidade de emprego na poesia. Na verdade, o que convém ter presente neste caso é uma liberdade muito aproveitada pelo verso romano. Dispondo do recurso de fazer longa, se a métrica o exigia, uma vogal breve seguida de oclusiva mais "r", os poetas latinos faziam isso mesmo a *Cleópata*, tanto mais que, pela sua estrutura quantitativa (todas as vogais breves), essa palavra não era inserível, sem "a" longo artificial na penúltima sílaba, em várias séries métricas, nomeadamente na principal, o hexâmetro dactílico. E é curioso que os empregos poéticos conhecidos consistem todos na prosódia *Cleópata*, o que deve ter contribuído para se fazer fê só pela poesia, sem atenção à liberdade ou artifício prosódico.

A propósito de *Cleópata* há quem cite um verso de Camões (III, 141, 6), onde se emprega a forma *Cleopatra* (trissilábica). Para estar neste emprego a correta acentuação, como pensou Gonçalves Viana (Ortografia Nacional, pág. 153), era preciso que *Cleópata* representasse, e não representa, a prosódia latina natural. Mas também não deve ver-se no exemplo camoniano, como vêem alguns filólogos, mera reprodução da prosódia poética latina. Praticante, como foi, da diástole em tantos nomes próprios clássicos, não precisava Camões, para usar *Cleópata* por *Cleópata*, de cingir-se apenas ao verso romano: ainda que dele se lembrasse, regularia aquela forma por uma licença consagrada.

Por tudo isso, em suma: *Cleópata*, com rigoroso acento agudo na antepenúltima sílaba, como *cérebro*, que o latim na poesia podia fazer *cerébro*, *lênembra*, que se encontra em verso latino *tenébra*, mas só em verso; na prosa: *cérebro*, *lênembra*, *Cleópata*.

"Clergyman", Cabeção - Empregar "batina" em vez de "padre", "burel" em vez de "frade" é admissível, correto e usado, não porém dizer "padre" para indicar "batina" (Fulano apresentou-se vestindo um padre), "frade" para indicar "burel" (Assim que entrou no convento passou a vestir frade).

Não há o que justifique tal emprego; figura de retórica é figura e não transformação definitiva de significado. Não há tropo que confira legitimidade ao barbarismo "clergyman" para indicar em português "terno de padre"; é um violentamento de idéias inconcebível em quem pensa e, a um tempo, preza o nosso idioma; não há metáfora, não há sinédoque, não há metonímia que explique esse proceder; as figuras, quer de palavras quer de pensamento, são transformações de sentido operadas dentro de um contexto, não permanentemente, na palavra isolada. Posso empregar "fogão" em vez de "casa", de "família" (Ele tinha trinta fogões na fazenda), mas daí para dizer "Construí um fogão com duas portas e quatro janelas" vai grande distância, dis-

tância que não estão percebendo os que estão usando "clergyman" por "cabeção", como se pudéssemos dizer "Mandei fazer um frade sem gola", "Comprei um padre bem comprido", "Regulamento do uso do clérigo".

Que dizer, além disso, do emprego de palavra completamente estrangeira? "Vou continuar a vestir *prête*", "Não sou frade para vestir *moine*". A troca de substantivos vernáculos por nomes de outros idiomas não esconde nessas frases a leviandade de procedimento; não será com indicarem uma indumentária com palavra que não é nossa que seu disparatado emprego ficará disfarçado a quem conhece seu legítimo sentido na língua a que ela pertence. Um artista veste-se de padre, de frade, de soldado, mas não veste um padre, não enverga um monge, não usa um soldado — nem na língua pátria nem em nenhuma estrangeira.

Há muitas décadas existe *cabeção* na língua que falamos, pois não é de hoje que é vedado também aos sacerdotes católicos romanos o uso da baúna em Portugal. Abram suas excelências os bispos da CNBB os nossos dicionários, assim portugueses como brasileiros (Aulete, Figueiredo, Laudelino, Melhoramentos e outros); consultem depois o Webster e vejam bem o que significa a palavra que estão violentamente deturpando para indicar roupa; não se deixem ridicularizar pelos que nasceram em terra de língua inglesa e conhecem a nossa.

Clichê - Aportuguesamento do francês *cliché*, já arraigado no idioma; derivado: *clichêria*.

É espúria a palavra, e constitui então anglicismo, com a significação de *chavão*: "Esse orador tem sempre os mesmos *clichês*".

Clidrorrexia - V. *calidoscópio*.

Cliente, Paciente, Freguês - Cliente é palavra desde o latim usada para indicar o patrocinado, o indivíduo que na Roma antiga estava sob a proteção de um cidadão poderoso. É hoje usada para designar o que confia a sua saúde a um médico, a um dentista, ou o que confia seus interesses a um advogado.

A palavra *freguês* entre outros significados pode em sentido lato aplicar-se a "cliente", mas sua significação, para a comparação presente, é de "pessoa que habitualmente compra da mesma pessoa ou a ela vende".

Paciente é, no caso, outra coisa; um doente pode ser cliente ou não de um médico, mas é sempre paciente, ou seja, é *padecente*, é *sofrente*; ele *suporta*, ele *recebe* um trabalho, uma assistência.

Provém *paciente* do verbo depoente *pátiar* (pronuncia *pátiar*), que no caso significa *sofrer*, e dele é participio presente, ou seja, equivale precisamente à expressão adjetiva "que sofre". É seu cognato "passivo" (sujeito *passivo*, o que *sofre* a ação verbal), como cognato seu é "paixão" (*paixão* de Cristo, sofrimento de Cristo).

Tenha ou não *paciência* (virtude que consiste em *suportar* os males, em *sofrer* as doenças, em *padecer* os incômodos sem queixume), o doente, seja ou não cliente de um médico, de um hospital, é sempre dele um *paciente*. Na acepção em que estamos considerando, todo o cliente é paciente, nem todo o paciente é cliente.

Coletivo: *clientela, freguesia*.

Climatizar - V. *aclimar*.

Climax - De significação outrora restrita à retórica (Figura consistente em repetir palavras em gradação, como neste exemplo: "Na cidade nasce o luxo, do luxo resulta a avareza, da avareza rompe a audácia, da audácia geram-se os crimes e maldades"), passou a palavra a ser usada em medicina (ponto culminante de uma doença, de um processo), em astronomia (culminação), em fitogeografia (o ponto máximo de desenvolvimento de vegetação de uma região) e — o que não é de admirar — em sentido figurado, sempre que implicasse a ideia de ponto culminante, auge, apogeu, culminância, elevação máxima, acme, ápice, vértice, zênite: "O movimento alcançou seu *climax*". Muitos são os sinônimos, o que evita seu abusivo emprego. O "x" tem na palavra som de "cs".

"Clips" - *Gramp* é a palavra que devemos empregar em lugar de "clips". Não há perigo de confusão; se, fazendo uma cerca, alguém pede grampos, não se refere, é claro, aos do cabelo. Grampo de papel, grampo de arame, grampo de cabelo, grampo de espingarda, especificadamente, quando houver disso necessidade, especificação que não será incômoda a quem quer que seja.

Clitoris - A palavra é grega e com "o" breve se escreve; é, pois, proparoxitona em português. Talvez por influência do italiano, *clitoride*, com o acento tônico no "o", é que se ouve por vezes com acentuação errada em português.

Clotas - V. *Cléofas*.

Clube - Fato semelhante ao ocorrido com a palavra *maçorca* deu-se com a palavra *clube*, provinda do inglês, onde significa cacete, porrete, pau de dar em gente. Numa das muitas guerras internas da Grã-Bretanha, o grupo que pretendia derrubar a situação adotou por emblema o cacete; a disseminação desse grupo alastrou o emprego da palavra de tal forma que outros ajuntamentos associativos passaram a ter o nome de *clubes*, hoje adotado internacionalmente, e em português escrito com "e" final: *clube*.

Co... - Este prefixo constitui mais uma demonstração da comédia ortográfica que, elaborada e impingida ao tempo de uma ditadura, foi-nos depois oficialmente imposta através de um veto parlamentar provocado por interesses econômicos de editores que não quiseram ter seus estêreos perdidos. Abra-se o vocabulário da academia e veja-se "co-obrigação" (com hífen), seguido de "coordenação" (sem hífen), "cooperador" seguido de "co-opositor", "co-participante" antecedido de "conotativo", "co-réu" seguido de "correligionário".

Não é o latim que nos faz falta, é o bom senso; este, porém, não pode existir em quem repudia aquele.

Coação, Coerção - São palavras distintas; a primeira sugere violência, constrangimento, imposição, ameaça: "As câmaras aprovaram a medida sob coação". Daqui o derivado *coactivo*: poder *coactivo*.

A segunda — *coerção* — sugere capacidade de agir, poder de agir, vigor; é termo jurídico; dela o derivado *coeritivo*: "Lei penal que não estabelece pena não tem força de *coerção*" — "O idioma é elemento *coeritivo* do homem na sociedade".

Coador, escoadouro - Se algumas existem com duas formas, uma para indicar o agente (*bebedor, logrador, sangrador, maldador, comedor, malhadador, embarcador...*), outra para indicar o lugar em que a ação é praticada (*bebedouro, logradouro, sangradouro, maldadouro, comedouro, malhadouro, embarcadouro...*), outras palavras, por não comportarem distinção de significação, aceitam ou só o sufixo *or*, que passa a indicar serventia (*espanador, extintor, coador...*) ou só o sufixo designativo de lugar (*escoadouro, sumidouro, surgidouro, resvaladouro...*).

Não há estranhar a inexistência das duas formas para tais palavras; existe *coador*, mas não existe *coadouro*; existe *escoadouro*, mas não existe *escoador*; só aceitam elas o sufixo cuja significação se ajuste à do radical.

Coalيزão - Francesismo inútil. Partidos, forças coligam-se; o ato ou resultado de *coligar* é *coligação*. São sinônimos *liga, aliança*; a *coligação* das monarquias árabes, a *coligação* eleitoral. É também barbarismo a variante "coalizão".

Coblentz - É a forma vernácula do nome da cidade prussiana "Coblentz".

Cobra - Coletivo (quando instaladas em lugar especial): *serpentário*. Voz: *assobiar, chocalhar, sibilar, silvar*. V. *soprano*.

Coche, Coche - A primeira é palavra de origem húngara; vinde através do alemão e do francês, fixou-se nessa forma, com o "o" tônico fechado; designa certo tipo de carruagem: viajar de *coche*.

A segunda, com "o" aberto, tem outras acepções: tabuleiro com rebordos para conduzir cal amassada; caixa do rebole de marceneiros e carpinteiros; vasilha de lata, com que se extrai água.

Cociente - V. *catorze*.

"**Codinome**" - Assim não se diz em português, e sim *cognome*, para indicar o nome de guerra, o pseudônimo de um artista.

Por que apassivar-se a idiomas estrangeiros de forma tão servil? *Cognome* tem o significado de *apelido*, de *alcunha*, de *epíteto*, correspondentes ao inglês *codinome*, *nickname*, *epithet*... Não nos admiremos de ver amanhã escrito: "...animador de televisão de byname Santos Silva". Nem esses anglicismos nem o galicismo *sobriquet*: fiquemos com o que é nosso, que é prata de lei.

Coelho - Voz: *assobiar*, *chiar*, *gunchar*.

Coelo tonantem credidimus Jovem regnare - Locução latina que significa "Acreditamos que Júpiter reina quando o ouvimos trovejar no céu". Expressão com que Horácio reconhece a força pelas suas manifestações.

Cógito, ergo sum - Locução latina que significa "Penso, logo existo". Princípio em que Descartes baseou sua filosofia (Discurso do Método).

Cogumelo, Caramelo - Pronunciamos *cogumelo*, com "e" aberto, e de igual maneira procedamos com *caramelo* (*caramelo*, *iguarial*), palavra esta que tem a variante *carmelo*, que todos pronunciam com "e" aberto.

Coice - V. *ouço*. V. *coisa*.

Coimbra - Adjetivo pátrio: *coimbrão*, *coimbrês*, *coimbricense*.

Coisa - Não menos que o ridículo aos retardados, exerce grande fascínio aos espíritos fracos a novidade. No terreno da linguagem, ora no que diz respeito ao léxico, ora à construção, pode-se verificar essa verdade; solecismos que hoje aparecem num escritor modernista ou barbarismos num locutor de futebol ecoam amanhã em profissionais da imprensa ou em irradiadores de competições equestres. Erros, na moda ontem, cederam lugar a outros hoje para serem substituídos amanhã por outros novos. Constitui real fascinação e engodo a novidade.

Não percebendo o ridículo desse proceder leviano e as incongruências em que incidem, andam alguns novidadeiros escrevendo *cousa*, com *u*, com uma graça que provoca pasmo, como se escrever em bom português fosse adotar formas gráficas em desuso ou endossar extravagâncias de reformas acadêmicas. Se as leis se elaboram para serem cumpridas, as reformas que até agora tivemos, ao contrário de terem constituído leis, não passaram de arranjos de caixa de academias e pretextos para viagens, banquetes, discursos e outras figuras; isso que vimos em 43 de "pequeno" vocabulário e, em 45, de vocabulário "resumido" atesta, nos adjetivos desses títulos, o leviano, o apressado do proceder fútil e do interesse escondido nessas reformas: angariar recursos.

Quem tiver uns instantes de folga, procure no "pequeno" de 43 a palavra *cousa*; não a encontra, porque aí está *coisa*, com *i*, forma esta que traz a seguir a variante de Portugal *cousa*, com *u*; abra depois o "resumido" de 45 e procure outra vez a palavra *coisa*, com *i*; não a encontra, porque só traz "cousa", com *u*, não seguida de nossa variante com *i*, variante esta que o próprio vocabulário de Portugal de 1940 aceitou como generalizada e mais usada: "Quando, porém, se dê o caso de a variação ser "mais usual" que a forma básica, como é, por exemplo, *coisa* em relação a *cousa*..." - e, no registrar essa forma de Portugal, criteriosamente acrescentou o relator português: "Variante: *coisa*, forma mais usual".

Tendo mais alguns momentos de tempo, faça o mesmo com a palavra *foice*, que verá extirpada do "resumido" a variante com *i*, adotada no "pequeno". Veja, ainda, outras palavras semelhantes, como *coice*, *toucinho*, *couso*, se quiser aqualitar o ridículo a que se expõe quem pretende seguir reformas ortográficas de acadêmicos desocupados.

Tudo isso por quê? Que *foice* encontraram em 45 nossos acadêmicos em Portugal para dar-nos essas *fouçadas*? Que *toucinho* comeram em Portugal para dar tanto *coice* no Brasil? Que *cousa*! Que *cousarada* pândega andaram fazendo esses *cousos*! V. *ouço*.

Coisas (Coletivo) - em geral: acervo, acumulação, barda (de

pratos, de erros), batelada (de arroz, de madeira), bloco (de papel), chusma (de livros), data (de sal, de pancadas), disparate (de dinheiro), fartadela (fartão), fartura (de cereais), grupo, meda (de trigo, de palha), monte, montão, multidão (de argumentos), mundo (de tolices), pinha (de flores), porção, reunião, união.

- antigas e em coleção ordenada: museu;
- bem unidas e em quantidade: bastida (de paus, de taquaras, de ripas);
- comerciáveis: sortimento (de fazendas, de louças);
- em fila: carreira (de botões, de lâmpadas, de cadeiras), linha, renque (de árvores);
- em lista metódica: catálogo (de livros, de plantas);
- em lista de anotação: rol, relação;
- em quantidade com que se enche o regaço: arregaçada (de flores, de saudades);
- em quantidade que se pode abranger com os braços: braçada;
- em quantidade que pode carregar um carro: carrada (de tijolos, de terra, de razões, de argumentos);
- em série: seqüência, série, seqüela, coleção;
- em sucessão ininterrompida e rápida: chorrilho (de sorte, de disparates);
- enfiadas em linha, em seqüência: enfiada (de pérolas, de mentiras, de asneiras), fleira (enfiada), renque, ramal (de contas, de pérolas);
- heterogêneas: congêrie (de misérias, de angústias), mixórdia (de assuntos, de artigos), choldra (de brinquedos), choldrabortada, salgachada (de livros), salsada (de cantilenas, de assuntos);
- mal ordenadas: farragem (de roupas);
- para determinado fim: aparelho (de chá, respiratório, digestivo);

Coisas ou Animais (Coletivo) - quando enfiados ou pendurados no mesmo gancho, cordel: cambada (de cebolas, de peixes), enfiada, réstia (de cebolas), molho (de chaves).

Coisas, Animais ou Pessoas (Coletivo) - em geral: ajuntamento, chusma, coleção, concentração, concurso, conglobação, conglomeração, cópia, enfiada.

- quando caem do ar, em porção: saraiva, granizo (de pelouros, de flechas, de balas), chuva (de rosas), chuveiro (de luz, de raios);
- quando, em coleção ou série, formam um todo: jogo (de pratos, de instrumentos);
- quando, pesadas, caem repentinamente: avalanche, alude;
- reunidas e sobrepostas: monte, montão, cúmulo, pilha (de livros, de sacos), resma (de papel), rima (de roupas, de pratos);
- reunidas e colecionadas pela natureza, uso: coleção, classe;

"Coisíssima" - Só os adjetivos são suscetíveis de grau, pois só eles encerram idéia de qualidade, que pode ser elevada em sua significação. Daí a razão por que são errados superlativos como *muíttissimo*, *tantíssimo*. O pronome não comporta variação gradual. Pelo mesmo motivo, condenada é a expressão "*coisíssima nenhuma*", tolerada apenas em linguagem caseira, porquanto, se nem o pronome adjetivo é suscetível de grau, muito menos se poderão empregar no superlativo os substantivos.

Cola - De distinto professor, desta capital, illustre a um tempo pela sua erudição e modéstia, tivemos o prazer de receber não uma consulta, mas a explanação criteriosa de uma questão que havia tempo nos vinha preocupando - a origem da palavra *cola*, de nossos estudantes conhecida em seu significado e, para vários deles, em suas desastrosas conseqüências.

Constituirá um brasileirismo - pergunta o nosso missivista - como quer o dicionário de Cândido de Figueiredo? Este diz: "*Cola* - Bras. Cópia clandestina de um ponto de exame, a que um estudante tem de responder".

O Petit Larousse, porém, explica: "*Colle*. Fig. et fam.

Difficulté, problème à résoudre; poser; une colle à un candidat. Séance où les élèves s'habituent à résoudre ses difficultés: passer une colle. (Não queremos melindrar a erudição do leitor, com tomar a liberdade de oferecer-lhe a tradução: "Cola — em sentido figurado é familiar: Dificuldade, problema por resolver; apresentar cola a um candidato. Reunião em que os alunos costumam resolver suas dificuldades; passar cola").

Tudo nos leva a aceitar o francês *colle* como étimo do "brasileirismo" *cola*: 1) A geminação do *l* da última sílaba, átona, dava em português um só *l*, tal qual se operava com os dois *ll* em idênticas condições: *bacinetle*, *bacineta*; *barbette*, *barbeta*; *lunette*, *luneta*. 2) O *e* final átomo, francês, quando desinência de palavras femininas, dá em português *a*. 3) As expressões em que no francês entra a palavra *colle* são em português as mesmas.

Não pára aí o missivista; prosseguindo em sua escrupulosa pesquisa, adianta-nos ele: O "Dictionnaire historique d'argot", edição de 1888, de autoria de Loredan Larchey, traz: "Colle: Simulacre d'examen, examen préparatoire à examen véritable, il est appelé ainsi parce qu'on cherche à y coller (embarrasser) l'étudiant. — Il n'y a pas à Paris d'institution sérieuse qui n'ait son colleur" — e o dicionário prossegue dando-nos de La Bédollière e de A. Marx exemplos de emprego da palavra *colle*.

Quem era o "colleur", o *colador*? Muito ao contrário do que se pássa em nossa época, o *colador* era, segundo o mesmo Loredan Larchey: "Colleur: Répétiteur chargé d'examiner". — Aí está a diferença: O *colador* era o repetidor que antes dos exames se encarregava de "preparar" os examinandos, esclarecendo-os sobre pontos que, ou pela sua importância ou pelo atraso dos alunos, mereciam mais esclarecidos. Mas, mudaram-se os tempos e o estudante a si próprio reclamou a tarefa de "preparar-se" para os exames, resolvendo arcar ele mesmo com as "dificuldades" e com as conseqüências da *cola*, não na véspera do exame, como procedia o *colador*, mas no momento de fazê-lo.

É essa — salvo melhor juízo — a justificativa etimológica da palavra.

Colabs. - Baseando-nos no Vocabulário Ortográfico, que dá para *professores* a abreviação *profs.*, para *senhores srs.*, julgamos acertado *colab.* para abreviar *colaborador*, *colabs.* para *colaboradores*.

Colação de grau - Nada tem de comum a expressão "colar grau" com o ato de "colar" de nossos estudantes. Tal seria que "colar grau" se relacionasse com "colar", copiar os pontos do exame! Muito embora não falte quem diga: "No Brasil tudo se cola, inclusive o grau" — a referência jocosa não tem fundamento... etimológico.

A explicação do étimo da palavra será bastante para mostrar a exatidão do "colar grau". É *colar* verbo postnominal, isto é, derivado em português, de nome latino — *collationem* — que significa *colação*. Designa este substantivo o ato de "conferir", ou seja, de *conferir*, tal qual se dá com *relação*, que designa o ato de *referir*, com a única diferença do prefixo, *con* para o primeiro e *re* para o segundo vocábulo.

De *colação* formaram — derivando mal a palavra, não há dúvida — o verbo *colar*; mal derivado porque "colacionar", tal qual *relacionar*, e não *relar*, é que seria a forma vernácula, assim mesmo inútil, pois, eruditamente ao menos, bastaria o verbo *conferir*: "Supôs-se que *colação* assentava sobre um tema *cola*, e, confundindo-se este com a palavra *cola*, derivou-se daí *colar*" — são palavras do "Tesouro da Língua Portuguesa", de Domingos Vieira.

Conseqüentemente, "colação de grau" é o ato de conferir grau, ou seja, de dar título universitário, de licenciado, de doutor.

Agora, perguntamos, quem "cola o grau", isto é, quem confere o título? O bacharelado ou o estabelecimento de ensino? Está claro que é este. Daí a não razão de ser da epígrafe: "Novas professoras colaram grau este ano"; quem cola, quem confere o título é a escola; os estudantes "rece-

bem" grau; o grau é que é conferido e não o estudante.

Por isso é que vemos em textos de português de lei, com a significação de conferir cargo, emprego: "Foi ele quem o colou na reitoria" — "Colou vários amigos" — "Colava seus eleitores" — "Este pároco foi colado há muito na sua freguesia".

Colchete - Forma que prevaleceu sobre "corchete" (do fr. *crochet*) e daí *colchetar*, *acolchetar* (prender com colchetes). É também termo de gramática; designa os sinais que indicam um parêntese que tem outro dentro de si (Gr.Met. §976,2).

Ricochete também vem do francês, mas é outra palavra (salto de qualquer corpo depois de bater noutro), donde o verbo *ricochetar* ou *ricochetear*.

Colera - É palavra sempre feminina, quer designe ira, irritação, ferocidade, quer nomeie uma das várias doenças do homem e dos animais domésticos, caracterizadas por graves sintomas gastrointestinais: a *colera epidêmica*, a *colera esporádica*, a *colera endêmica*, a *colera asiática*; também o composto *colera-morbo* é feminino.

"Colibri" - V. *derivados franceses*.

Coligação - É a verdadeira palavra, e não "coalizão". V. "coalizão".

"Colimar", "Colimação" - V. *colinear*.

Colinear, Colineação - Na verdade, muito embora seja a usual, é errônea a forma *colimar*. Em Domingos Vieira, confirmado por autores de nomeada, encontramos o seguinte: *Colimação* é erro ridículo, fundado sobre uma falsa lição de Aulo Gélilo; devia ser *colineação*, pois a palavra que nesse autor se tem lido *colimare* é, como os melhores manuscritos o mostram, *collineare*.

Colineação é termo de astronomia e significa "ação de visar, dirigir a vista", donde a expressão "linha de colineação", para especificar a linha que passa pelo eixo do óculo, e o verbo, que deve ser *colinear*, significa "pôr a mira em algum astro", donde o dizer "astro colineado", isto é, astro posto em mira, astro visado.

O étimo latino confirma inteiramente essa forma e essa significação; composto de "cum" e "linea", *collineare* significa *apontar*, *pôr em mira*, *dirigir apontando*: *collineare sagittam*, apontar a flecha, *pôr a flecha na mesma linha que parte da vista ao alvo*. No próprio latim, o verbo, quando usado intransitivamente, significa "dar no alvo".

Tem o verbo, ao lado da significação técnica, a acepção figurada de "ter em mira": As minhas notas só *colineiam* explicar algumas obscuridades.

Em filmes vemos comumente navios e aviões, no ato da pontaria, *colineando* o alvo, isto é, ajustando as linhas de uma espécie de escantilhão, de acordo com a distância e com a direção do objeto visado. Vemos aí, com precisão, o significado de *colinear*.

Colo, Cólon - V. *tentame*; V. *líquen*.

Colocação - Pode-se dizer: "O juiz autoriza-nos a, imediatamente, e sem perda de tempo, *transferir* o preso" — colocando adjuntos ou locuções entre a preposição e o infinitivo por ela regido? Nada há que o impeça. São justas, naturais e freqüentes orações como estas: "Isso se fez *para*, de acordo com as leis, *atender* ao interesse de todos", "... com a diferença *de*, nestes dias, *ser* outra a situação".

É preciso levar em conta a colocação do advérbio ou locuções adverbiais. Assim redigida a oração: "O juiz autoriza-nos, *imediatamente*, a transferir o preso" o advérbio "imediatamente" passa a modificar o verbo "autorizar" e não "transferir", o que muda o significado da expressão. V. *o de que*.

Colômbia - Como de *Américo*, *América*, de Colombo veio *Colômbia*; não há razão para que se escreva com *u* a palavra, a menos que se trate de frase inglesa; neste idioma, o próprio nome do descobridor da América se grafa alatinadamente *Columbus*, e, com o radical *columb*, formam os ingleses os derivados.

Colúmbia denomina-se uma cidade dos Estados Unidos,

mas por isso não nos devemos deixar influenciar.

Cólon - V. *tentame*, V. *líquido*.

Color - V. *bicolor*.

Colorir - V. *abolir*.

"Colúmbia" - V. *Colúmbia*.

Coluna - Coletivo: *colunata*, *renque*.

Com - A preposição *com* é que deve figurar em expressões como "atentado *com* bomba", "atentado *com* foguete", "atentado *com* explosivos de alto poder".

O zelo profissional, o hábito do trabalho e o vezo de corrigir levam o técnico a notar comportamentos curiosos de pessoas avessas ao assunto. Por que artes redigimos "...foi este o resultado dos numerosos atentados A bomba" e logo a seguir "...informou que houve treze atentados COM bombas incendiárias"? Que treta usamos para mudar a preposição do regime quando seguido de adjetivo? Incongruência, capricho ou erro explica o procedimento?

Entre outras funções, tem *com* a de indicar instrumento ou meio: ataque *com* tanques, espionagem *com* satélites.

O instrumento ou meio de que nos valem para um ato é em nosso idioma expresso com o auxílio da preposição *com*: a primeira construção da notícia — atentado a bomba — faz-nos lembrar da deficiência física do trôpego, que é apanhado logo adiante; um atentado não se comete "a" um instrumento mas "com" um instrumento. Se o boi ataca *com* os chifres, se o cão atenta *com* os dentes, se um indivíduo come *com* garfo, se uma laranja é descascada *com* canivetes, o terrorista pratica o atentado *com* bomba, seja ou não incendiária. Em que língua deste planeta um adjunto se constrói com determinada preposição se despido de atributo, com outra quando acompanhado de adjetivo?

Com opõe-se a *sem*, e quem pensar nesta antonímia dificilmente errará, como também verificará que o certo seria ("seria", porque a correção é hoje difícil) redigir "escrever *com* máquina", "escrever *com* lápis", da mesma forma que se diz "escrever *com* máquina muito velha", "escrever *com* lápis sem ponta". A influência do "a" francês dilacerou expressões nossas, e sua aceitação obriga-nos a contradições de redação, contradições e dilacerações que se encontram em outros casos, como: "reator alimentado a urânio". Por que não *com* ou *de*? Não é "ele se alimenta *de* verdura", "ele se alimenta *com* produtos naturais" que se diz? Portanto: "alimentado *com* urânio, alimentado *com* (de) verdura, *com* produtos naturais, alimentado *com* a esperança de aprovação paterna", "fogo alimentado *com* lenha seca", "como verme vive a afuroar na terra, a alimentar-se *do* pó da terra", "criado entre incrédulos e alimentado *com* o mau leite de um século", "alimentado *com* os ditames da lei divina", "alimentado *com* átomos de hidrogênio pesado".

E assim, em vez de *a*: cozido no leite, assado em fogo sem labaredas, assado *na* brasa, ferido *com* espada, escrito *com* máquina, cortado *com* foice, aberto *com* chave, morto *com* tiros, ferido *com* bala.

Se quem ataca, ataca *com*, quem é atacado é também atacado *com*, e não atacado *a*. É uma incongruência de regência a mudança de preposição quando diferente é a forma verbal; não nos esqueçamos, porém, de que acertará no *com* quem pensar no *sem*.

Para quem não entende, as coisas se complicam quando se explicam; para os que compreendem, o poeta se encarrega de justificar a diversidade declarando metonimicamente ser o nosso idioma "a última flor do Lácio". Talvez resida nessa declaração o motivo por que certos professores de fanfarra, transformados em professores de português, não ensinam gramática... e aborrecem os que o fazem.

Com vistas em - É português o emprego de *vistas* no plural para significar *intento*, *intuito*, *mira*; a locução do verbete deve de preferência terminar em "em" e não em "a": *com vistas* no prêmio, *com vistas* no aumento, *com vistas* em aumentar a produção.

Coma - Quatro palavras existem assim grafadas: uma, feminina, para indicar cabeleira, juba, crina, folhagem, copa de

árvore, feixe de brácteas no cimo de certas inflorescências; outra, também feminina, empregada em música (pausa de colcheia; distância entre o semitom maior e o menor) e em gramática (vírgulas dobradas, aspas); a terceira, agora masculina, empregada em medicina para indicar o estado de estupor profundo; a última, também masculina, para indicar a bactéria que causa a cólera asiática.

O perigo de erro está no terceiro emprego, pois nem todos lhe dão o correto gênero, masculino. De certa forma jocosa poderemos dizer que os médicos devem empregar a palavra *com* gênero masculino (como *prolongado*, sobreveio o coma), os indivíduos de outras profissões o feminino, mas os jornalistas... que pensem. V. *celeuma*.

Combalar - V. *abolir*.

Combinação impossível - "O seu interesse vigilante pela ponta de Dacar e pelos arquipélagos portugueses do Atlântico seria menos *pelos* considerarem, exageradamente, possíveis bases dum assalto do que..."

Devemos considerar impura a construção "*pelos* considerarem". É norma de gramática: Quando a preposição rege um infinitivo, ela não se contrai nem com o sujeito nem com o objeto anteposto ("Invoca o tempo *de* os pagar co'as sombras"), nem com os advérbios *aí*, *aqui*, *ali* ou outro começado por vogal: "É tempo *de* *ai* ter chegado".

Nesses exemplos, a preposição está regendo os infinitivos *pagar* e *ter chegado*; razão por que não se contrai com as palavras postas entre a preposição e o seu verdadeiro regime: "... seria menos *por* os considerarem possíveis bases dum assalto". V. *é hora de estar pronto o almoço*; V. *havemos de aquele homem prender*.

Começar - Arcaizou-se a regência "começar fazer"; "começar de fazer" é muito pouco usado. Faz-se atualmente preceder o infinitivo de *a*, regência também usada pelos clássicos: "...um rouxinol: começou a cantar tão docemente que de todo me levou após si o meu sentido d'ouvir (Bernardim Ribeiro).

Comedido - É da reitoria da universidade de Brasília uma nota em que o ministro da Educação era apresentado como "homem sempre ligado à cultura e ao futebol, homem de boa formação humanista, tido pelos amigos como pessoa *acomodada*".

Partido de algum *acomodado* amigo do futebol, o elogio é explicável; de algum amigo ligado à cultura não é possível, pois deve ele saber que o "a" de *acomodado* não entra em *comedido*, ainda que não se saiba em que tem o ministro comedido.

Comedir-se - V. *abolir*.

Comemoração de - O prurido da novidade é a explicação de certas extravagâncias de regência; se todos nós dizemos "na comemoração da fundação de Brasília", "quando houve a comemoração das bodas de prata", "por ocasião da comemoração do centenário", por que se rebela um redator e obriga o assinante do jornal a verificar seu inconformismo com a regência de um nome com a construção "desfile militar em comemoração aos vinte e cinco séculos da fundação do império persa"?

Que raciocínio fez ele para aí escrever um estranho *a* em lugar do *de* da fala comum? E pouco depois volta o herói com o seu impertinente *a* em lugar de *de*: "... submarino adquirido pela marinha brasileira *ao* governo dos Estados Unidos". É uma aquisição um tanto estranha esta e, por outro lado, não será por ter sido destruído o império persa que se deve restabelecer uma regência ambígua e arcaica. V. *mania do A*.

"Comercial", Anúncio, Propaganda - A notícia, o aviso da existência de alguma coisa feito ao público de viva voz ou por escrito ou por imagem, é *anúncio*. Quando extenso ou acompanhado de música ou de alguma representação, de encenação, é *propaganda*. Assim foi sempre em nosso idioma. "Comercial" é invenção de brasileiro que foi passear nos Estados Unidos; nunca o tivemos nem dele jamais precisamos, nem para indicar o simples anúncio, nem para ressaltar

o programa de propaganda: "O jogo foi televisionado com uma quantidade nunca vista de *avincios*" — "Foi muito inteligente a *propaganda* da Ford: Nem um *avincio* em todo o *televisionamento* do recital".

Nesse andar vamos ouvir amanhã *comercial* para indicar substantivamente, como em inglês se faz, o caixeiro viajante, o viajante comercial: "Seu marido é *comercial* de importante firma".

Disfarçemos um pouco o simiesco procedimento lingüístico: Temos um idioma que zelar.

Comerciante - Coletivo, quando em reunião para tratar de interesse da corporação: *câmara*.

Comerciar - V. *alumiar*; V. *negociar*.

"Comité" - Palavra inútil; temos *comissão*, *junta*, *grupo*. Conforme o caso, a palavra nossa que traduz esse estrangeirismo pode ainda ser *reunião*, *conselho*, *delegação*.

Como outras são - É ou não correto empregar o pronome "o" em orações como esta "Tu és uma celebridade pela beleza, como outras o são pelo talento e pela posição"? — Não há aí cacófato?

— De tais perguntas são responsáveis os que, possuidores de excepcional delicadeza de ouvido e sensibilidade à menor coisa que lhes possa sombrear o recato e pudor, pretendem transportar para a língua um escrupuloso puritanismo, vindo, em toda a passagem, palavras que atentam contra a sua melindrosa e insegura candura.

Combinações como a apresentada (*Quem a não conhece?* — *Foi-se na volta do mar* — *Uma mão lava a outra* — *No nosso caso* — ... *por cada homem* — ... *só que ele queira*) são prontamente substituídas, para que se evite escandalizar ou melindrar a sã moral alheia...

Verdadeira mania, em certos professores, esta questão de cacófato; e como os alunos, ansiosos de tais coisinhas, dão-lhes imediatamente ouvidos, vêem nisso contentamento os mestres.

O interessante é notar que certos prosadores, levados por esses tolos ensinamentos, escrevem, numa página, "u'a mão", "em o nosso caso", para na outra, sair com patentes e verdadeiros palavrões que só raramente nos é dado ouvir.

Cacófato existirá quando a palavra formada for de sentido torpe ou ridículo. V. *cacofatomania*.

Como que - É expressão idiomática, de há muito introduzida em nossa língua: Estava *como que* pesaroso — Ouviu *como que* uma voz de mulher — *Como que* media com os olhos.

Morais a consigna e a dá por equivalente de "como se" (como se estivesse pesaroso, como se ouvisse, como se medis-se). Ainda hoje a expressão é ouvida de nossos caipiras: "Como que eu fosse rico". Extraído do "Imperador Clarimundo", de João de Barros, Moraes cita o exemplo "como que elle não passará" (como se ele não tivesse passado).

"Como sendo" - É construção de evidente fraqueza de linguagem e de confessado desconhecimento de nossa sintaxe em orações como esta: "Consideram-na *como sendo* a melhor cidade do país". "A melhor cidade do país" é aí predicativo do objeto; elimine-se o "como sendo" e construa-se: Consideram-na a melhor cidade do país — Julgaram-na apta para o serviço — Reconheço-o o meu orientador — Creio-o homem capaz.

O "como", quando muito, cabe entre o objeto e o seu predicativo com outros verbos que não os "verba sentiendi": "Nomearam-no como (para) mestre de cerimônias".

Companhia - Infelizmente, errados andamos na pronúncia do vocábulo *companhia*. O *nh* dessa palavra é digrafo idêntico ao que entra em *ninho*, *grunhir*, *renhido*, *cunhado*, *lenho* e no cognato *companheiro*; a razão que nos faz pronunciar molhadamente o grupo *nh* em *companheiro* é a mesma que nos deve levar a essa pronúncia em *companhia* (*compa-íeiro*, *compa-íia*), palavra esta derivada de *companha* mais o sufixo *ia*. Pelo fato de a palavra acrescentar-se um sufixo, não se irá alterar a pronúncia do radical.

No norte não incorrem na contradição em que no sul andamos.

Compelir - V. *aderir*.

Compensar - Certo é dizer "madeira compensada", "tábua compensada". *Compensado* está aí por *contrabalançado*, *equilibrado*, *suprido*. Assim como a simpatia e a bondade *compensam* a falta de beleza, a aplicação de lâmina de uma madeira sobre outra, de forma que os fios fiquem cruzados, compensa a resistência da primeira com a beleza da segunda, ou compensa, supre a fraqueza de ambas. As lâminas são contraplacadas, são contrafolheadas, e daí a *compensação*, o contrabalançamento de resistência e, quando for o caso, também de aparência.

Segundo a lei das compensações, o bem e o mal dão equilíbrio, e forçados somos a deduzir que é igualmente certo falar de uma "humanidade *compensada*".

Competir - V. *aderir*.

Compos sui - Locução latina que significa "senhor de si": Tanto na bonança quanto na tempestade o homem bem formado mantém-se *compos sui*.

Comprar - V. *comemoração* de.

Comprometo - Já se encontra assentada a distinção entre essa palavra, com "o", e *cumprimento*, com "u". Enquanto esta, com "u", indica o ato de cumprir, de executar (O *cumprimento* do dever), de saudar (Devemos responder aos *cumprimentos*), a primeira, com "o", significa extensão: O *comprometo* da sala.

Se o dever é *cumprido*, a sala é *comprida*.

"Compromisso" - "Por outro lado, eles não aceitam *compromisso*." — Não; compromisso já havia; e, que não houvesse, o que as partes conflitantes não aceitam é *acordo*, é "an agreement to refer matters in dispute to arbitrators" (em inglês para que o amante de estrangeirismos entenda melhor), ou seja, *conciliação*, coisa esta diferente de *compromisso*. O redator não está conciliando o português com os fatos; na próxima vez redija: "Por outro lado, eles não aceitam *acordo*".

Computar - Na verdade, forma verbal rizotônica alguma existe proparoxítona. Ouvimos entretanto umas vezes, e outras vemos infelizmente escrito que o verbo *computar* assim se conjuga: *cômputo*, *cômputas*, *cômputa*.

Tal doutrina faz lembrar aquele que jamais dizia *picadela* por arrepiar-lhe o "conceito moral" em que é tida a fêmea do cachorro. O substantivo é que é *cômputo* (o *cômputo* mensal), mas o verbo é *computo*, *computas*, *computa*, sem perigo de melindrar instintos alheios.

Computista - V. *contabilidade*.

Comum - Superlativo sintético: *comuníssimmo*.

Conceito - Aumentativo: *conceitarrax*, *conceitarrão*.

Concelho (município, distrito) - Não confundir com *conselho* (opinião, aviso; corpo de pessoas).

Concentração - Errada não se pode dizer a construção "concentrados no centro do campo". *Concentração* deriva de *centro*, mas não indica posição, não determina lugar. Poderá ser a concentração no sul, no norte, no canto... no centro; saibamos distinguir.

Concernir - V. *aderir*.

Concerto (harmonia, simetria; sessão musical) - Não confundir com *conserto* (remendo).

Concílio (assembleia de prelados, de religiosos) - Não confundir com "consílio", forma antiquada de *conselho* (reunião, assembleia).

Conciso - V. *cisão*.

Concordância às avessas - Escritores há que empregam e gramáticos existem que apóiam a construção "o primeiro e o segundo batalhões".

Dois motivos levam-nos a não aceitar esse procedimento.

1. Se o próprio adjetivo, que por natureza léxica deve em português adaptar-se ao nome, fica no singular quando anteposto a dois substantivos ("notando o ESTRANGEIRO modo e uso" — "CHEGADA a hora e a ocasião" — "declarou CRIMINOSA a ré e o réu") e no singular é visto em bons autores ainda quando posposto ("o retrato de Maria com túnica e escapulário BRANCO" — "coragem e disciplina DIGNA de granadeiros" — "rudeza e pusilanimidade

ALHEIA"), como admitir a pluralização "supletivo de primeiro e segundo GRAUS"?

2. Se o adjetivo é que por regra concorda com o substantivo, como pretender impor a recíproca? O *non datur vicissim* dos latinos impõe-se no caso; preferimos ficar com Grivet, com José Portugal, com Júlio Ribeiro, com Carlos Pereira, com Augusto Freire, e com escritores da altura de um Vieira ("Dá-me grande exemplo o semeador, porque depois de perder a primeira, a segunda e a terceira PARTE do trigo, aproveitou a quarta e última" — "O filho do primeiro e terceiro MATRIMÔNIO"), de um Castilho ("A luta do bom e do mau PRINCÍPIO" — "... de um e de outro SISTEMA"), e redigir "na ÁREA política e empresarial" — "no primeiro e no segundo ANDAR" — "na ESFERA municipal, estadual e federal" — "no encontro entre O LÍDER socialista e o comunista" — "vê-se com mais nitidez que SEU ASPECTO militar e mesmo político PASSOU a plano secundário" — "nO RAMO industrial e comercial" — "nas escolas DA REDE municipal e estadual" — "de professores da 5a. à 8a. SÉRIE" — "arbitrariedades cometidas pela POLÍCIA civil e militar" — "reveladores de EDUCAÇÃO científica e artística".

Preferimos seguir essa construção a acompanhar inocentes criaturas que se deixam impressionar pelo erro precisamente por desconhecimento de gramática e de autores que se impõem, e chegam a este atrevimento de concordância: "...de toda a mão, CUJOS DEDOS índice e polegar..." — "tirando-se AS primeira, segunda e quinta LETRAS" — "tomando UÍQUES estrangeiro e nacional".

De tal forma o erro se introduz no redator ignorante do idioma, que não percebe o desatino da construção "de alguns anos a esta parte os subúrbios carioca e paulista da antiga Central do Brasil", como se os subúrbios do Rio fossem "subúrbios carioca" e os de São Paulo "subúrbios paulista". Não nos ocorre nome que caracterize essa monstruosidade jornalística, essa brutalidade de informação, pois solecismo é designação fraca para o caso.

Concordância verbal - V. *noventa por cento dos homens viajaram*.

Concordar - Significações e regências:

— (conciliar, concertar): "... cuja profissão era concordar as leis e seitas mais repugnantes entre si" — "O projeto e a obra não concordam".

— (estar de acordo): "Concordar com alguém" — "Concordar com uma coisa" — "Concordar em uma coisa": "Concorda conosco?" — "O quadro não concorda com o ambiente" — "Todos concordam nesse ponto" — "Concordo desde já no que resolverdes" — "Concordo em que esta é uma situação angustiosa".

Condenar - Significações e regências:

— (fixar o castigo): "Os juizes condenaram os hereges ao último suplício" — "Condenar à morte, à galés, a degredo" — "A natureza condenou o homem ao trabalho".

— (fixar a duração da pena): "Condenou-o em seis meses de prisão" — "Condenado em quinze anos de degredo para Cabo Verde" — "Condenar no grau máximo".

— (indicar o motivo do castigo) — "Condenar alguém de blasfemo, por blasfemo".

Condestável - Feminino: *condestabessa, condestabresa*.

Condicional - V. *futuro do pretérito*.

Conditar - V. *abolir*.

Condolências - V. *pêsames*.

Condor - Voz: *croáitar*. V. *chácara*.

Conduzir-se - Não escreve português senão francês quem dirige "Nós nos conduzimos conforme desejam nossos pais" — "Eles se conduziram bem no jogo".

Muitos são os significados e várias as regências do verbo *conduzir*, mas empregá-lo com o de "proceder" — e constróem-no então reflexivamente — é cometer barbarismo. *Agir, atuar, proceder, comportar-se, governar-se* e outros são os verbos que substituem o galicismo.

Cônego - Coletivo: *cabido*.

Conezia - Como *prelazia, primazia* — correspondentes a formas

espanholas, de onde provavelmente nos vieram, terminadas em *cia* tônico — *conezia* (sinônimo de *canonicato*) tem, por analogia de formação, igual grafia e também igual acento.

Confecção - V. *imberbe*.

Conferir - V. *adern*.

Conforme - A palavra *conforme*, proveniente do adjetivo latino "conformis", emprega-se, também em português, como adjetivo, com a significação de conformado, concorde, unido, semelhante, condigno: Os dois ficaram *conformes* nas montanhas — É necessário estarem unidos e *conformes*.

Como adjetivo, pode ter complemento nominal, ao qual se liga com as preposições *com*, *em* ou *a*: Estar *conforme com* sua sorte — *Conformes já as formosas ninfas com seus amados navegantes* — Como pode a desordem na natureza fazer tão diferentes na vontade aos que fez tão *conformes na ventura* — Fazer discursos *conformes ao* estado das pessoas — Agir de modo *conforme aos* usos da terra — Sucedem-lhe-á ali Castro, que o estandarte português terá sempre levantado, *conforme* sucessor *ao* sucedido — Aquelas são declarações *conformes à* verdade.

Com a significação de "de acordo", "segundo", exerce função prepositiva, e aparece ora ligado diretamente ao regime, ora acrescido da preposição "a": *conforme o modelo*, *conforme ao modelo*; *conforme o original*, *conforme ao original*: Viver *conforme aos* ditames do evangelho — Começara a conhecer a si mesmo, *conforme a* divina sentença — Vestia-se *conforme a* seu estado — Julgou *conforme as* leis.

Pode ainda exercer função de conjunção: Obrei *conforme me* mandaram — Procedi *conforme as* leis dispõem — Faça *conforme eu* mandar — Procedeu o aluno *conforme foi* aconselhado pelo mestre.

Mais um emprego tem a palavra *conforme*, quando, em frase elítica, queremos dizer "depende". À pergunta "Vais hoje a minha casa?", poderemos responder: "Conforme". Outro exemplo: "Você é monarquista?" — *Conforme*: sou e não sou".

A quem consultar nossos dicionários será dado notar a preocupação, as dificuldades e até as incongruências que essa palavra ocasiona. Morais parece querer brigar quando nega incisivamente ao vocábulo a função prepositiva. Se com ele não concordam os demais dicionaristas nesse particular, com ele devemos estar de pleno ajuste quando lhe não atribuímos função especial de advérbio. Uma é função; outra, significação, sinonímia.

Confrade, Confreira - Como de *frade* o feminino é *freira*, de *confrade* tê-lo-á de ser *confreira*: Ela é minha *confreira* na União Cultural. Se não soa bem ao ouvido, é por não estarmos com essa forma acostumados; como várias vezes já ficou dito, eufonia é questão de hábito.

Congo - Adjetivo pátrio: *congolês, congolês*.

Congratulo-me - Comportamento ditado pela educação cívica americana, Ford felicitou Carter por telegrama pela vitória na eleição presidencial; trazia este uma passagem que assim foi traduzida por uma agência de notícias: "Congratulo-o por tal vitória".

Essa regência, e esta outra: "Todos lhe congratulavam a vitória" — há já tempos cederam lugar ao emprego pronominal do verbo. Quando manifestamos regozijo com o bem-estar ou compartilhamos na alegria de outrem, construímos: Aqui está por que reputamos feliz e grande a data de hoje, e nos *congratulamos* de nascer sob o seu signo (Rui, *Queda do Império*, I, 19) — Oxalá que não tenhamos senão de que nos *congratular* (Rui, *Cartas políticas*, 169) — E eu me *congratulo na* esperança dos meus bons amigos (Camilo, *Romance*, 41) — Devo *congratular-me pelo* incontestável triunfo (Stringari, apud Francisco Fernandes) — *Congratulo-me contigo pelo* triunfo que alcançaste (Aulete).

Proceder da maneira encontrada na tradução da agência noticiosa é mostrar não saber traduzir "I congratulate you on your victory", é confessar não ter ao alcance um dicionário que dê a regência dos verbos, é ameaçar vir amanhã com

a regência "alegro-o pela sua vitória", "regozijo-o com essa vitória".

Podendo dispensar o "com você", em português teria dito o candidato vencido: "*Congratulo-me por tal vitória*".

Conhaque - V. *nomes próprios estrangeiros. V. gentílicos.*

Conhecer - "Procuramo-lo para conhecer das suas impressões" — ótima construção. O verbo *conhecer* seguido da preposição *de* significa "tomar conhecimento".

Conidio - V. *ídiu.*

Conquífero, Conquilióforo - São adjetivos de igual significação: que produz ou tem conchas. São formas paralelas que se aplicam a determinado calcário que apresenta o aspecto de concha; a diversidade de forma deve-se à dupla proveniência, uma do latim *concha* (ch = k), outra do grego *kogkhlion* (donde conquílio, conquiliologia), ambas as palavras de idêntica significação; *conquilióforo* (com o na penúltima sílaba em virtude do verbo grego) tem a variante alatinada *conquífero* (agora, em virtude do verbo latino, com e na penúltima).

Conquite - É substantivo que tanto pode significar "petrificação semelhante a uma concha; concha fóssil", quanto "inflamação da concha do ouvido". No primeiro caso temos o elemento *ite* a denotar em mineralogia e química cor, forma, base (*malaquite, estalagmite, pirite*); no segundo a indicar em medicina inflamação (*apendicite, otite*).

Conquítico - É adjetivo que significa "composto de conchas; que contém muitas conchas" e também se aplica a certas rochas.

Conscienciar - Nome não consignado nos dicionários, terá sua justificação desde que admitido o verbo *conscienciar*, e este verbo está no Aulete, edição de 1948, registrado como neologismo, com a significação de "dar a consciência de": "Esse equívoco define-se claramente, e até convém defini-lo, para consciencizá-lo".

Não nos ocorre nenhum verbo em "izar" que haja provindo de nome em "ência"; o que temos é *agenciar, cadenciar, evidenciar, influenciara, inocentar*.

Divergindo na sufixação, o dicionário da Melhoramentos traz *conscientizar* ("tomar consciência", "ter conhecimento de": "*Conscientizou a gravidade da situação*").

Quer dizer dessas invenções, mormente da segunda? A dever aceitar uma delas, iríamos preferir a primeira, e o substantivo verbal, para indicar "tomada de consciência", seria *conscienciar*.

Conselho (opinião, parecer, juízo; corpo de pessoas) - Não confundir com *concelho* (circunscrição administrativa, município, distrito).

Consensus omnium - Locução latina que significa "assentimento de todos": "Provar uma tese com base no *consensus omnium*".

Consentir - V. *aderir*.

Conserto (remendo) - Não confundir com *concerto* (harmonia, simetria).

Considerandum - V. *memorandum*.

Consigno - *Consigno* e *si* são variantes reflexivas do pronome *se*; essas variantes devem, com inteira razão, referir-se ao sujeito do verbo: "Pedro fala *consigno*" — "Pedro e Paulo discutiram o caso entre *si*".

Muito mal procedem os que dizem, dirigindo-se ao interlocutor: "O chefe quer falar *consigno*" — "Não me referi a *si*".

Tal construção é muito comum entre recém-apresentados. Temendo exagerar intimidade, não querem dar-se o *você*; julgando, ao mesmo tempo, demasiado o tratamento *senhor*, atiram como recurso o *si* e o *consigno*, e é quando caem em erro. Não devemos dizer: "Quero falar *consigno*" — "Eu vou *consigno*" — "Não me refiro a *si*" — "Desejo de *si* um favor".

Sobre o assunto, esta passagem de Camilo:

"*Ajustar consigno*. Em pronomes pessoais está nesta miséria o filósofo. *Consigno!* O ignorante provavelmente engraniza mais esta asneira nos rosários que lançam ao pescoco dos

inocentes tipógrafos. Nunca soube declinar pronomes. Ele dedicou as "Alvoradas" a seu pai — o Ilmo. Sr. (escreveu ele) Bernardino Simões da Conceição; e, dirigindo-se ao mesmo Ilmo. Sr. seu pai, com tanto desprezo da democracia republicana como da gramática nacional, diz-lhe: "Eu pois que vejo em *si* a imagem refletida de Deus, sol da minh'alma, a flor d'alma lhe dou". Dirigindo-se ao Ilmo. pai, não devia dizer em *si*; devia dizer em *vossa senhoria*. Pode-se asneir nos tratamentos, mas na gramática lavra mais fino. Um pai perdoa todas as baboseiras que lhe oferta um filho, mas a língua-mãe é tão venerável como o próprio pai".

Laudelino Freire assim discorre sobre essa passagem de Camilo:

"Alexandre da Conceição, que assim é tão asperamente reprochado, poderia responder a Camilo com o "quanto a mim...": Per me ut stertas licet. São fragilimos os argumentos dos que hoje pretendem justificar tais construções. *Si* e *consigno* são formas de significação reflexa, e não podem ser usadas com referência à pessoa com que se fala. Admiti-las no diálogo ou conversação, como quis Epifânio Dias, seria abrir entrada às maiores corruptelas sintáticas e, logicamente, aceitar e defender quaisquer solecismos, posto os mais grossieiros, uma vez fossem eles do uso familiar ou conversação dialogada. Se erros desse quilate fossem tolerados e abonados por mestres, seriam estes sem dúvida os primeiros em produzir na língua a anarquia, o arbitrio, de que só atrevidos resultariam contra a verdadeira construção vernácula. Até aonde chegaríamos? Deve notar-se que o próprio Epifânio, para abonar o emprego do *si* e *consigno* na conversação sem significação reflexa, representando a pessoa com quem falamos e a quem tratamos na terceira pessoa (Sintaxe Histórica, 1918, pág. 66), só nos ministra um exemplo, e esse de Eça de Queirós. Mas Eça de Queirós não é modelo de vernaculidade, que, só por *si*, ampare uma construção sintática, ou abone uma frase. Admira-se nele o romancista, o escritor de idéias, a originalidade, a graça, a crítica e, se quiserem, a elegância do estilo; mas, para modelo de pureza, não deve ser tido por exemplo de correção.

Tenha-se, portanto, em atenção que é erro injustificável usar das formas pronominais reflexivas com referência à pessoa com que falamos ou a que escrevemos".

Não será demais transcrevermos esta passagem de Júlio Nogueira sobre o assunto: "Até os erros de sintaxe que nasceram em Portugal vêm aclimar-se no Brasil, como o emprego de *si* e *consigno* sem reflexividade, contra o que já se insurgia o nosso Castro Lopes".

Sobre este ponto, figurou o velho professor o seguinte caso: "Um indivíduo, que não sabia usar os pronomes *si* e *consigno*, conversando com uma senhora, diz:

— Felicitó a senhora. O seu marido comprou um lindo chapéu para *si*.

— Que desperdício! exclama a senhora. Ele ainda tem um chapéu tão novo!

— Mas o chapéu é para *si*.

— Isso mesmo, insiste a senhora".

Não querendo passar pela senhora do caso, dizendo tão só "isso mesmo", tampouco desejamos que se tenha a incompreensão do infeliz galanteador sem conhecimento de gramática. Compreendamos bem: Referindo-nos a pessoa que não o sujeito da oração, ou seja, especificando, a uma interlocutora, diremos: "Seu marido comprou um chapéu para a senhora". Vice-versa, dizendo "Seu marido comprou um chapéu para *si*" (É o caso de Castro Lopes), o *si* irá referir-se ao marido, jamais à senhora com que falamos.

Aí fica o caso para os que dizem, desastrosamente, "Que-ro falar *consigno*" — "Não me refiro a *si*".

Consistir - Só se constrói com a preposição *em*: "A amabilidade de Jônatas *consistia* no amor, nas afetos, nas saudades" — "Cujo plano *consiste* em criar, na Inglaterra, uma base de ouro" — "A herança *consiste* em prédios, dinheiro e jóias" — "A biblioteca *consistira* nuns trezentos volumes".

O que às vezes se dá, cremos, é influência do inglês, que

constrói este verbo também, e freqüentemente, com *of* (exemplos do Webster): Greek religion does not consist in myth — Coke consists mainly of carbon.

Consolo (móvel) — A tendência no Brasil é aporuguesar o francês "console" em *consolo*, com o "o" tônico aberto.

Constantinopla - Adjetivo pátrio: *constantinopolitano*.

Constar de - *Constar* é verbo de várias regências e significados: Consta dos autos que... — Consta nos autos que... — A casa consta de quatro cômodos — Não nos consta que...

É interessante observar que nenhum dicionário dá a esse verbo o significado de "correr o boato de", "dizer ser possível". Como verbo de declaração, *constar* significa precisamente o contrário, ou seja, "ser tido por certo", "chegar ao conhecimento", "inferir-se": "... exonerando o chefe do distrito sanitário e dois comissários de higiene, por lhe *constar* que são candidatos ao congresso federal nas eleições deste mês" — "Era já conhecido em Roma, quando a Paulo II *constou* a existência de dez missionários, que de longe lhe pediam faculdade de receber ordens sacras" — "E da mesma árvore de geração *constava* que seu terceiro avô materno fora abade de Miragaia".

"Constatar" - Não existe em nosso idioma o verbo "constatar"; galicismo inteiramente inútil, é substituível, conforme o caso, por *comprovar*, *averiguar*, *demonstrar*, *notar*, *certificar*, *verificar*.

Constipação - O latim *constipatio*, *onis* indica reunião, concentração, contração, e ainda multidão, cortejo, acompanhamento, significados decorrentes do verbo *constipo*, que quer dizer apertar, estreitar, ajuntar.

Enquanto em Portugal é usualmente empregada com o significado de "prisão de ventre", no Brasil a palavra é geralmente empregada com o sentido de "estado mórbido ordinariamente produzido por resfriamento".

É desconcertante essa diferença, principalmente a um português que no Brasil a oíça com a naturalidade com que a empregamos, mas a verdade é que ela existe com esses dois significados e são ambos justificados pelo étimo.

Constituir - "A liberdade de escolha de livros didáticos *constitui* base de ensino" — "... a redundância, que havia de *constituir* o pleonismo" — "... *constituem* as formas nominais do verbo" — desse modo se constrói o verbo *constituir*, e não "constituir-se em", quando *constituir* significa *formar*, *compor*: "Constituíam o núcleo do continente futuro" — "A farda militar *constitui* a sua ambição" — é que se diz.

Existe a construção pronominal com a preposição *em*, mas com outro significado. Na afirmação de Herculano: "E os homens da rua *constituíram-se* em sociedade civil", *constituíram-se* significa *organizar-se*. Releiam-se as primeiras sentenças do verbete e verifique-se que esse sentido nelas não cabe. O certo é, repetimos: "Esses jogadores *constituem* a defesa e a garantia do quadro".

"... e portanto os dois fatos *constituem-se* em casos de polícia" é construção que merece advertência. Existe a regência "constituir-se em", mas com significação especial, e o que não padece dúvida é que andam a empregá-la de barato, a três por dois, tenha o verbo *constituir* a significação que tiver, como se a forma pronominal fosse a única possível, a única verdadeira. Castiga-nos a construção: "A língua *se constitui* no conjunto de palavras de um povo" — "Oração *constitui-se* na reunião de termos" — "... sociedade que *se constitui* na agremiação de grandes indústrias" — "... alunos que *se constituem* em exemplos de aplicação".

Em vez de prosseguir na transcrição de exemplos da monótona regência, colhidos de jornais e de rádios, vamos refrescar a memória com outros de autores de mente liberta dos grilhões da dúvida ou dos erros da moda: "A liberdade de reunião, que, com a liberdade de imprensa, *constitui* a fonte de todo o direito popular" — "... para que todos *constituíssem* um só exército" — "Quem *constitui* a sua esperança em bens eternos" — "Erro seria *constituí-lo* em exclusivo patrimônio da literatura brasileira".

Redigidos por verdadeiros cultores de nossas letras, esses

exemplos não trazem o reflexivo, mas locutores e jornalistas de uns meses para cá encontram-se impossibilitados de oferecê-los. Vamos, porém, dar-lhes este exemplo: "Agitai esse fluido estagnado, e o menor conjunto de partículas sãs pode subitamente *constituir-se* em centro de movimento, e compê-lo o sistema a voltear-lhe derredor" — em que Rui nos dá o verbo com a legítima significação de *transformar-se*, significação que não cabe nos exemplos que iniciaram o verbete. Para os descuidados profissionais da Informação, este exemplo de Camilo constitui lição: "Vejam como a Inglaterra *se constitui* rainha do Universo". O predicativo do objeto aí está sem nenhuma turvadora preposição.

Outros exemplos, para que nos esqueçamos dos do jornal: "... de sorte que uma posta de carne, à mesa, em dias grandes *constitui* banquete" — "Essas palavras *constituem* a melhor versão que eu poderia dar ao meu sentimento" — "A vitória oficial do dia 11 há de *constituir* marco na história da corrupção eleitoral" — "Reacendeu o antigo inferno, e *constituiu-se* o natural dragão da sua obra" — "Constituiu-se o protetor da viação férrea no Oriente".

Na dúvida, recorramos ao verbo *ser* ou ao verbo *formar*: "Os veteranos *eram* (*formavam*) a força do exército romano" (em vez da excêntrica construção "Os veteranos *se constituíam* na força do exército romano"). Não só em português, senão também em latim: *Exercituum romanorum robur erant veterani*.

Construir - Regulares seriam as formas *construo*, *construis*, *construi*, *construimus*, *construís*, *construunt*, resultantes da junção do radical *constru* às terminações pessoais da terceira conjugação; dessa maneira, a conjugação de *construir* seria idêntica à de *influir* (*influo*, *influis*, *influi...*), *retribuir* (*retribuo*, *retribuis*, *retribui...*).

Acontece, porém, que o uso alterou foneticamente a terminação da segunda e da terceira pessoa do singular e da terceira do plural para *constróis*, *constróit*, *constroem*.

Essa alteração é de tal maneira universalmente seguida, aqui e em Portugal, que não constitui, hoje, o emprego das formas regulares (Gr. Met. § 468, n. 1).

Consulesa - Não devemos aceitar *embaixador*, *cônsul*, *vereador*, *deputado*, *prefeito*, *ministro* e outros que tais nomes como uniformes. Quando mulher desempenha tais funções, a forma feminina se impõe: *embaixatriz*, *consulesa*, *vereadora*, *deputada*, *prefeita*, *ministra*, *engenheira*, *cirurgiã*: Os Estados Unidos vão enviar uma *consulesa* para São Paulo — O Brasil tem duas *consulesas* nos Estados Unidos.

Se a língua portuguesa costuma chamar de *embaixatriz* quem na realidade embaixatriz não é mas apenas mulher de embaixador, como não aceitar a forma feminina para designar a mulher que realmente exerce uma embaixadura, um consulado, uma prefeitura, uma deputação, uma vereação?

Não aceitar a forma feminina é dizer que a língua não possui flexão genérica, uma vez que é impossível afirmar que os que explicam tais atividades não possuem sexo.

É estranho, esquisito? O fato é que não tem consistência o argumento "Se o adjetivo é uniforme, uniforme deve continuar a ser quando substantivado". "Superior" é adjetivo uniforme ("Ela é superior a mim"), mas quem irá dizer "Ela é a superior da congregação"? É também fato que existe lei federal (2.749, de 2/4/56) e lei estadual (27.407, de 8/2/57), que têm por fim dar paradeiro à real esquisitice de formas masculinas para cargos ocupados por mulheres: *chefe*, *chefa*; *contínuo*, *contínua*; *porteiro*, *porteira*...

Que leis não houvesse, o bom senso se imporia diante dos fatos de nossa gramática; não se estranhe *consulesa*, como de estranheza não devem ser os femininos *deputada*, *prefeita*, *vereadora*, *coronela*, *general*, *oficial*, *juíza*, *ministra* e outros. V. *deputada*.

Consumatum est - Locução latina que significa "Tudo está terminado". Palavras de Jesus ao expirar na cruz. Usa-se para indicar o fim de um empreendimento, de uma obra, ou para designar as conseqüências de uma catástrofe.

Consumição - *Consumição*, com *i*, é que é certo na expressão

"consumição obrigatória". Muito engano vai no emprego de *consumação* nesse sentido. São palavras de significado e de origem diferentes.

Consumição, substantivo postverbal, indica o ato de *consumir* (lat. *consumere*, com um só *m*), verbo que significa *dar cabo de* (*consumiu o dinheiro*), *gastar* (*consumiu riquezas*), *destruir* (o fogo *consumiu o prédio*), *absorver, obliterar* (o tempo *consumiu as inscrições*), *comungar*, tratando-se do padre durante a missa. São cognatos de *consumir* os vocábulos *consumidor*, *consumível*, CONSUMIÇÃO, derivado este que não deve ser confundido com *consumpção*, tirado diretamente do latim *consumptionem*, que significa *destruição, definhamento, emprego, uso*.

Já outra palavra é *consumação*, de étimo e significado diferentes. Palavra derivada diretamente do latim, especifica "ato de *consumar*" (lat. *consummare*, com dois *mm*), verbo que significa *terminar* (*consumar a vida*), *concluir* (*consumar a derrota*), *completar* (*consumar o martírio*), *praticar* (*consumar um delito*). São cognatos deste verbo os vocábulos *consumador*, *consumado*, CONSUMAÇÃO.

Não se admire ninguém de ver em bilhetes de ingresso de lugares de divertimento a expressão, com *i*: "*consumição obrigatória*". É essa, e somente essa, a palavra certa.

Diante de considerações — merecedoras de toda a atenção — de leitor frequentador de cafés, restaurantes e cabarés de luxo de Paris, onde sempre se diz "*consommation*" — Littré e Larousse aí estão para confirmar — aqui vimos trazer mais uma vez nosso pensar.

A existência do francês "*consommation*" — nosso distinto leitor não mencionou o italiano "*consumazione*" nem o espanhol "*consumación*" — não justifica a confusão em português, onde temos *consumar*, *consumado*, *consumável*, *consumação* com um sentido, *consumir*, *consumido*, *consumível*, *consumição* com outro. O latim aí está a anteceder esses idiomas na duplicidade de formas e a dizer-nos que andamos certos em distinguir *consumação* (consumo, are; *consumatio*, *onis*) de *consumição* ou *consumpção* (consumo, ere; *consumptio*, *onis*). Dauzat adverte-nos da confusão; após dar o étimo latino e a significação, acrescenta: "...souvent confondu, jusqu'au XVII^e siècle, avec *consumer*, d'après l'orthographe commune *consumer* et la parenté de sens en latin".

Certa analogia de sentido, sem dúvida, é culpada da confusão, mas "após a *consumição* da hósta e algumas orações dá-se a *consumação* do sacrifício da missa". — "Haec *consumptio*" dizia em latim o padre na missa e não "*haec consummatio*". A bebida, o manjar consome-se, não se *consuma*.

Haverá possibilidade de corrigir?

Consumir - V. verbos de expressões de tempo.

Consumpção - V. *consumição*.

Contábil, Contável - Enquanto *contável* é o que se pode contar, *contábil* é o que se relaciona com a contabilidade: as normas *contábeis*.

Contabilidade - "Há em italiano o substantivo "*computisteria*" para designar os cálculos e cálculos relativos ao comércio. É um termo, na expressão técnica, de designação complexa, aplicado na sua "*ragioneria*". Pergunto se posso adaptá-lo à nossa terminologia contábil, escrevendo-o na sua forma italiana ou, derivando do vernáculo *computista*, *computistaria*".

— De nem um nem outro modo. Temos em português a palavra *contabilidade* que, em tudo e por tudo, exprime, com precisão, a arte que, através de suas caligráficas linhas, diz complexa. Se já o é, não a complique ainda mais.

Sabe, de resto, o que significa o vernáculo *computista*? — *Calendarista* é que é.

"Container" - Iremos dessa forma sempre escrever a palavra inglesa se nos for realmente impossível encontrar ou criar outra que a substitua? Iremos recair no humilhante erro de pôr em nossos dicionários, desavergonhadamente despido de roupas nossas, outro estrangeirismo a semelhança de *imbroglio*? Se de todo houver impossibilidade de substituição, procuremos pelo menos dar-lhe fisionomia que não nos

fira os olhos: *contêner*; esta forma possibilita-nos, como *revólver* — adaptação de palavra também inglesa, cujo plural normal é *revólveres* — a flexão *contêneres*, e ainda os derivados *contenerizar*, *contenerização*.

Pedimos todavia ao leitor licença senão para uma sugestão, pelo menos para duas considerações sobre o caso.

1. Ao que parece, *cofre* é a palavra que principia a ser empregada em lugar da inglesa, quase sempre seguida do adjunto "de embarque", o que a põe em desvantagem com a original estrangeira mas nos dá os derivados *encofrar*, *encoframento*: O embarque será efetuado em *cofres* — Precisamos providenciar um caminhão especial que apanhe os *cofres de embarque* na alfândega — A mercadoria seguirá *encofrada* — Não tivemos tempo para o *encoframento* de toda a mercadoria.

2. Se em países de língua inglesa o filhinho rasga avidamente o "container" para ver que brinquedo ganhou, o pai abre com todo o cuidado o "container" de sua geléia preferida, a mãe guarda os "containers" dos presentes de aniversário, se o dono do restaurante põe no lixo os "containers" de cereais, os "containers" das verduras, os "containers" das frutas, se por "container" traduz o inglês o nosso *invólucro*, o nosso *recipiente*, o nosso *receptáculo*, o nosso *envoltório*, seja qual for o tamanho e o material, se "container" é a nossa *lata*, o nosso *vidro*, a nossa *cupa*, a nossa *caixa*, o nosso *caixote*, a nossa *cesta* ou qualquer outra coisa que sirva para envolver, guardar, proteger ou resguardar, por que importar a palavra inglesa estropiadamente restrita em sua significação, com desprezo de palavras nossas, com demonstração de incapacidade de formar uma apropriada à finalidade? Não poderíamos de nosso vocábulo *canastra* tirar a palavra para o caso, criando *canastrão*? Tem ela outros significados, alguns pejorativos, mas é sua primeira função indicar o aumentativo de *canastra*, e não deixa de poder adquirir significação normal, da mesma forma que ninguém confunde *porta* com *portão*. *Portão* é aumentativo só quanto à forma, pois não significa "porta grande" (*portona*), senão outro tipo de peça de fechar. E, assim, *cabeção* (várias coisas indica), *caixão*, *calcão* (na realidade diminutivo de *calça*), *cartão*, *cascão*, *colchão*, *pinhão*, *pontão* e outros nomes que se não identificam na linguagem comum como formas gramaticais aumentativas mas como nomes normais, passíveis de nova modificação de grau.

Canastrão dá-nos os derivados *canastronizar*, *canastronização*: Mandaram construir um navio especial para só transportar *canastrões* — Também as outras máquinas cabem no *canastrão* — O embarque em *canastrões* é mais rápido e mais eficiente — O Japão é país líder em *canastronização* — A mercadoria seguirá *canastronizada*.

A outros patricios ciosos do vernáculo a incumbência de enroupar ou substituir o anglicismo. V. *contentor*.

Contar com alguém - Tacha Carlos Góis de galicismo regencial a construção *contar com* na acepção de *confiar em*. Parece-nos que não é possível confiar nessa afirmação, principalmente quando, de início, afirma esse estudioso autor que *contar com* é tradução literal de "*compter sur*". Literalidade haveria se em português se construísse *contar sobre*, como se encontra em italiano "*contare sopra una persona*", "*contare sopra una cosa*".

Como a maledicência não deve afugentar-nos das pessoas amigas, não é louvável abandonar uma construção porque alguém nela viu uma "literalidade" inexistente. Em bons dicionários iremos encontrar exemplos de autores insuspeitos: "Posso contar com você?" (Camilo, A doida do Candal, 49) — "Contar em tudo com o bom ânimo de el-rei" (Herculano, Cister, II, 18) — "Os maiores protetores com quem ela na véspera ainda poderia contar" (Rebello da Silva) — "Contar com o amor do povo" (Garrett) — "Não contava com ele" (= não o esperava — Domingos Vieira).

Contenção, Contensão - São palavras diferentes; a primeira tem origem em *contentionem*, que se prende ao verbo *tendo*, de cujo supino (*tentum*) vem a forma *tentio*; "t" seguido de

"i" mais vogal deu-nos "c". A segunda, com s, prende-se ao mesmo verbo latino, mas tem origem na variante do supino, *tensum*:

Contenção - ato de conter; estado de um membro fraturado ou deslocado, que se mantém coaptado ou reduzido.

Contensão - aplicação, esforço para adquirir conhecimento, para remover dificuldade: contensão de espírito.

Intenção, tenção e retenção são outros vocábulos que apresentam a variante gráfica com s e distinção de sentido.

Contentar - No sentido de *agradar, satisfazer* é transitivo direto: "... que não saibam contentá-los". No sentido de *ficar contente* é pronominal e se constrói com *com, de* ou *em*: "Contento-me com isso" — "Contentar-se de salvar a bandeira" — "Contentou-se em levantar os ombros".

Contentor - A moderna técnica de transporte fez surgir os "cofres de carga", caixas metálicas que, cheias de mercadoria, são lacradas no estabelecimento remetente e assim transportadas, para só serem abertas no estabelecimento do destinatário. **Contentor** é palavra já constante de dicionários portugueses em lugar do barbarismo "container".

Contentar - Castelhanismo que de quando em quando tenta intrrometer-se em nosso idioma é o emprego de *contentar* na acepção pura e simples de *responder*. Na correspondência comercial — na bancária principalmente — usam esse verbo, já em início de cartas, já na parte final, com sentido que só tem em espanhol: "Recebemos sua carta, que passamos a *contentar*" — "... esta, que pedimos *contentar* urgentemente".

Que se teria verificado com o vernáculo *responder*, para ser proscrito da correspondência comercial, preterido para dar lugar a um barbarismo? Dificuldade de regência?

Se essa dificuldade justifica a preferência de palavra estrangeira, até onde irá o desrespeito ao nosso idioma, a negligência do estudo da língua portuguesa, o menosprezo aos fatos de nossa linguagem, a incúria de uma das mais importantes partes de nossa gramática, a regência verbal?

Temos o verbo *contentar* em nosso vocabulário, não porém com o significado de *dizer, escrever em resposta*. *Contentar*, em legítimo português, significa: a) provar com o testemunho de outrem, asseverar, confirmar: "Assim o *contentam* os livros sagrados" — "Não faltam exemplos que *contestem* esta verdade". b) contrariar, contradizer: "O professor Carneiro está por isso. Pois bem: querem ver quantos lances de literatura clássica o *contestam*?"

Afora outros empregos técnico-jurídicos (*contestar a lide* — *contestar por negação*) — nos quais o verbo aparece com o sentido de *negar, impugnar, não aceitar* — os dois acima discriminados exigem cuidado, em virtude da significação inteiramente contrária entre um e outro. Tão somente a oração inteira ou o período irá mostrar-nos se o verbo significa "confirmar" ou "contrariar".

É errado o emprego de *contentar* com a inexistente significação de *dizer* ou *escrever em resposta*. Nada, portanto, de "contentar cartas" nem de "pedir contestação urgente de telegramas" — Cartas "*respondem-se*", de telegramas "*pede-se resposta*".

Laudelino Freire, depois de esgotar as significações, como última traz a de "responder", e cita um exemplo de Latino Coelho, mas não devemos esquecer-nos de que este escritor é amigo de espanholismos, que aparecem em algumas de suas obras e nunca foram registrados nos léxicos portugueses.

Por minha parte, são palavras de Otoniel Mota, não empregarei um termo ambíguo quando existe um claro, principalmente quando esse termo é um cravo alienígena fincado no corpo do idioma, que os bárbaros naturais vão transformando num São Sebastião ensanguentado.

Contra... - Prefixo que pela ortografia de 43 exige hífen antes de vogal, h, r, s, (XIV, 46, 59, a): *contra-almirante, contra-harmônico, contra-reação, contra-senso*.

Se em *contrarrestar* (contra + arrestar) houve apócope do primeiro elemento, por que não escrevermos *contralmirante, contrarreação*, e ainda mais facilmente, *contrassenso* com sem-

pre se escreveu? *Contra-senso*, com hífen, ao lado de *contra-gosto*, numa só palavra? *Contra-exposição*, com hífen, ao lado de *sobreexcitação* sem nenhum enfeite? Se em *sobreestar* as vogais vêm juntas, por que juntas não podem vir em *contra-atacar*?

Não é possível haver quem afirme ter sido a ortografia de 43 redigida com calma e com estudo prévio das palavras do nosso vocabulário.

Comete galicismo quem diz "pagar *contra* reembolso", "saldar dívida *contra* cheque". Quem se der ao trabalho de consultar um bom dicionário nosso, notará não caber a *contra* nenhum sentido que justifique tais expressões; a preposição que aí deve aparecer é *com, por, mediante*: Envie-me o livro *pele* reembolso — Pague-se *com* reembolso postal — Contas pagas *por* cheque — Saldei meu débito *com* o cheque número tal — A mercadoria será entregue *mediante* pagamento a vista.

Contra a cidade - Em bom português se diz "O inimigo marchou *contra* a cidade" e não "marchou *sobre*".

Se há trabalho proveitoso é a leitura do dicionário; tomemos o Aulete e leiamos com vagar as cento e dezessete linhas de significados e de exemplos da preposição *sobre*. Há aí um exemplo de Gonçalves Dias que não devemos imitar: "Chegou enfim o tempo em que el-rei de Calcut meditava vir *sobre* nós com muitíssimas tropas"; esse *sobre* é reflexo exato do "sur" francês, ao passo que o nosso *contra* o substituiu com mais orgulho de vernaculidade.

Vários são os autores que nos recomendam cuidado no emprego de *sobre*. É de Carlos Góis: "Imitação da indole francesa, sem paridade no português, é o emprego da preposição *sobre* em lugar de:

a) *conforme*: roupa feita "sobre" o modelo — em vez de "feita *conforme* o modelo";

b) *entre*: "sobre" vinte homens dez se achavam feridos — em vez de "*entre* vinte homens";

c) *junto, perto* (com idéia de lugar): cidade edificada "sobre" o Sena — em vez de "edificada *às margens do Sena*";

d) *para*: janela que dá "sobre" o jardim — em vez de "janela que dá *para* o jardim"; ergueu a mão "sobre" mim — em vez de "ergueu a mão *para* mim"; chamo a atenção "sobre" este fato — em vez de "chamo a atenção *para* este fato".

Na acepção de *acerca de*, v.g., "Reflexões *sobre* a língua portuguesa" (título de notável obra de Francisco José Freire), aduz Rui, contrapondo-se a Cândido de Figueiredo, que é de "vernaculidade clássica", e arrola exemplos de grande peso.

Na acepção de *perto* (com idéia de tempo) é igualmente vernáculo, embora comum ao francês: "sobre a madrugada" (*perto da madrugada*), "sobre o meio-dia" (*por volta do meio-dia*).

De Botelho de Amaral temos o seguinte: "Vejam alguns galicismos: I) "Remetemos amostras *sobre* pedido" (francês *sur demande*). Emenda: a pedido. II) "Fato *sobre* medida" (fr. *sur mesure*). Corrija-se: *por* medida (Acréscete-se que "sob medida" é também certo, como certo é "sob juramento", "sob palavra"). III) "Sobre o modelo". Emende-se: *conforme* o modelo, *segundo* o modelo, *à maneira do* modelo, *ao modo do* modelo. IV) "Os nacionalistas ganham terreno *sobre* os inimigos". Em português: ganham terreno *aos* inimigos. V) "O comboio ia *sobre* nova York". Quer dizer: ia *para* Nova York. VI) Frases como "as janelas *dão sobre* o lago" melhor se traduzem por: "*dão para* o lago" (Em francês: Les fenêtres donnent *sur* le lac).

No sentido de "além de", "afora", é correto: "Sobre não criá-los o sítio, nada reluz na pousada que os atraía..." — é redação do mestre Castilho. — "Sobre incapazes, são corruptos" — "E sobre ser Deus tão amável em si... e ainda assim não o amarmos!" — "Sobre escassos, os desastres não tiveram consequência aviltante" — "Sobre honesto, é ele caridoso" — "Sobre queda coice".

Por último devemos lembrar-nos de uma bela expressão

clássica, substantivada, injustamente olvidada: *sobretarde*. Significa "os últimos momentos da tarde": "Era sobretarde".

Contrabandista - Coletivo, quando armados; *partida*.

Combinação pronominal - V. *pronomine combinado*.

Contraditar, Contradizer - V. *interditar*; V. *interdizer*.

Contralto - O soprano, a soprano; o contralto, a contralto; o meio-soprano, a meio-soprano; são substantivos de dois gêneros, ou seja, comuns de dois, que virão antecidos de "o" ou de "a" conforme vierem seguidos de nome masculino ou feminino: o soprano João da Silva (supõe-se garoto), a soprano Maria Angélica. V. *soprano*.

Contramão - V. *mão de direção*.

Contrapé - V. *mão de direção*.

Contrária contrariis curantur - Locução latina que significa "as coisas curam-se com coisas contrárias". Máxima da medicina clássica, a que se opôs Samuel Hahnemann, médico alemão que criou a escola homopática, fundamentada no princípio "Similia similibus curantur", as coisas curam-se com coisas semelhantes.

Contributo - É termo bem formado, com raiz no latim, e não significa simples *contribuição*. Relaciona-se mais com *tributo*, imposto, porém dá idéia de porção que se achega a outras, ou materialmente (Paguei meu *contributo* no clube), ou moralmente (Este foi seu *contributo* na redenção daqueles infelizes).

O latim oferece-nos dois verbos, *tribuere* e *contribuere*, cada qual com seu significado: O primeiro significa *dar, conceder*; o segundo, *ajuntar, reunir*. O particípio passado neutro de *tribuere* - *tributum* - significa *dado, concedido*, e o particípio passado neutro de *contribuere* - *contributum* - significa *ajuntado, reunido*.

O fato de já termos *contribuição*, do latim *contributionem*, não determina que devamos repudiar o cognato *contributo*, porque, como já vimos, nem sempre um pode ser usado pelo outro.

O Aulete (moderno, 3ª edição atualizada) consigna o seguinte: *Contributo*, s. m. (neol.) aquilo com que se contribuiu; *contribuição*: era ele que recolhia o saque na quase totalidade e pagava proporcionalmente ao *contributo* (Aq. Ribeiro, Volfrâmio, c. 5, p. 159, 4ª ed.).

Atente-se também para a diferença de sentido entre *contribuinte* (= que contribuiu) e *contributário* (= que é tributário juntamente com outros).

A simples omissão do termo por parte da maioria dos dicionários não justifica sua inclusão entre os neologismos; além disso, é vocábulo de origem e significação baseadas no latim, digno de figurar entre outros da mesma estirpe e de ser usado por todos nós.

Controlo (ô) - Declarar que "controle" é forma que várias pessoas empregam ainda passa, mas afirmar que essa grafia e a pronúncia "conurôle" são corretas é imperdoável.

Palavras nossas que provêm de vocábulos franceses de terminação "e" e de gênero masculino mudam a desinência "e" em "o": *carbone, carbono; azote, azoto; creosote, creosoto; estere, estéreo*. A forma gráfica portuguesa é *controlo*, com "o" final.

A pronúncia é questão nossa, que se resolve com fatos nossos. Das palavras paroxítonas terminadas em *olo* temos-las com "o" aberto (*pólo, solo, subsolo, colo, tiracolo, Apolo*) e temos-las com "o" fechado (*consolo, rolo, tijolo, arrollo, desconsolo, tolo*). Devemos inserir o vocábulo em estudo no segundo grupo, o que nos dá a distinção entre *controlo*, substantivo, e *controlo*, verbo. O certo só pode ser: o *controlo* (substantivo, com o "o" fechado), eu *controlo* (verbo, com o "o" tônico aberto).

Exemplos não faltam que justifiquem esse procedimento:

SUBSTANTIVO	VERBO
o almoco	eu almoco
o esgoto	eu esgoto

o contorno	eu contorno
o rolo	eu rolo
o estorvo	eu estorvo

Pronunciemos com toda segurança e correção, *controlo*. É a forma que se encontra no Laudelino Freire, que louvavelmente assim veste o francesismo que Aulete e outros dicionaristas de responsabilidade não consignam de nenhuma forma.

Conveniências - Originário do francês e já de uso generalizado em português, este plural é empregado com a significação de *decência, educação, ajuste, convenção*: "Uma gargalhada que destruisse o encanto do decretalista fazia-lhe perder uma soma avultada, ao passo que feria todas as *conveniências* políticas" (Herculano) — "A austeridade de sua índole, inflexa às chamadas *conveniências* partidárias" (Camilo).

Convergir - V. *aderir*.

Conversá-lo - Estranheza nenhuma deve causar a construção de Machado de Assis: "... e enorme é o desejo de vê-lo e conversá-lo". Tem aí o verbo *conversar* o significado de tratar intimamente, com familiaridade, com amizade: "Esse modo de familiarizar-se com a Natureza, de *conversá-la*" — "Conversando e praticando tão amiúde os clássicos" — "Cortesão, que *conversava* arquidukes, cardeais".

Conversão - O latim *conversio*, *ovis* obriga-nos a um reparo; significa movimento circular, volta periódica, viragem; é do verbo *convértere*, que significa voltar, virar, fazer voltar; significa ainda mudar, alterar, mas no sentido figurado de dar outra forma, outra natureza, outra opinião, não no de dar outra direção.

Conversão é palavra antiga em nosso léxico com o significado de volta completa ("Fazer um quarto de *conversão*", descrever um ângulo de 90° — "Meia *conversão*" — "Centro de *conversão*", ponto em torno do qual gira um corpo). Poderá hoje indicar mera mudança, simples tomada de direção, como vemos em placas de serviço de trânsito que proíbem o desvio de um veículo para a esquerda ou para a direita? Cremos que não.

É de advertir ao leitor que em Portugal, assim como dizem "virar à direita", "virar à esquerda" (e não "converter à direita", "converter à esquerda"), sempre dizem, com acerto e coerência, *viragem*, como substantivo indicativo da ação verbal. O Aulete é claro: "*Viragem* — ação ou efeito de virar. Mudança na direção dos automóveis" — no que é copiado por dicionaristas nossos.

Conversão - a dar crédito aos dicionários — é o ato de retornar em direção ao ponto de partida, de voltar para trás, tal qual usam em Portugal, não o de meramente mudar de direção. O dicionário Melhoramentos dá onze significados para "conversão", não o de "mudar de direção". Evidentemente, a literatura de trânsito de nossa terra está, como sói acontecer, a causar acidentes.

Convescote - Neologismo criado no Brasil e já de largo uso no Rio de Janeiro e em São Paulo para designar "refeição campestre", corresponde à palavra inglesa "pick-nick", aporтуguesada oficialmente em Portugal e no Brasil em "pique-nique", sem hífen.

Convidar - "Venho convidá-lo..." é a regência. A distinção dos oblíquos "o" e "lhe" deveria ser pedida em todos os exames do curso secundário, do primeiro ao último ano, durante uma geração inteira. A explicação desse único ponto revelaria, ano a ano, ou a completa necessidade ou o grau de conhecimento de nossa gramática.

Convolar - O verbo *convolar*, que não é reflexivo, constrói-se com a preposição *para* ou com a preposição *a*; vejamos-lhe os significados, seguidos de exemplos consignados no "Dicionário de Verbos e Regimes" de Francisco Fernandes:

Passar, mudar (de estado ou de foro): "convolar para novas núpcias, para outro foro" (Aulete) — "Desde que a república, adúltera no regime legal, convolara às núpcias da

força, em busca de salvação" (Rui Barbosa, Conferências, 363).

Mudar (de partido, de sentimentos, de idéias): "Convolar para novos amores" (Aulete) — "O teatro, convolvando da musa de coturno para outra mais faceira" (Rui Barbosa, Discursos acadêmicos, II, 59).

Co'ô, Co'um - Eclipse usada só na conversação comum e na poesia.

Copaíba - V. *caraiíba*.

Copo - Aumentativo: *copázio, coparrão, copão*. Coletivo: *baixela*. Barulho: *retinir, tilintar, timir*.

Copo d'água - Correto é o emprego da preposição "de" em expressões como "uma xícara de café", "um copo d'água", "uma garrafa de cerveja". Não há motivos que exijam a construção "um saco com açúcar", "uma caixa com fósforos", "um copo com água", "uma garrafa com cerveja", "uma barrica com pinga", "Quantas cartolas com vinho o senhor quer?", "A senhora deseja um cálice com licor ou um copo com água mineral?"

Dessas bizantinices são culpados os que aos fatos do idioma preferem os eflúvios da própria cachola.

Coqueta (ê) - Assim como já existem muitos que dizem corretamente *raquêta, maquêta*, com um pouco de vontade *coquêta* poderia empregar-se como legítimo aportuguesamento do francês *coquette*.

Coquetel - Transliteração já aceita, terminada em *el* tônico aberto, do inglês "cocktail". O "o" da sílaba inicial por ser átomo tem no sul do Brasil som fechado.

Coração - Barulho: *bater, palpitar, pulsar, arquejar, latejar*.

Coradouro - "Quarador" ("cuarador") e "quarar" ("cuarar") são palavras inexistentes em português; o que existe é *coradouro* e *corar*, palavras provindas de *cor*, denotando *corar* o ato de dar cor, de firmar a cor ou, ainda, de branquear, expondo ao sol o tecido, a cera etc., e *coradouro* denota o lugar em que se *cora*. A idéia de lugar é, neste substantivo, indicada pelo sufixo *ouro*, encontrável em outros vocábulos: *babadouro*, lugar em que se baba; *bebedouro*, lugar em que se bebe; *calcadouro*, lugar em que se calca, trilha e debulha o trigo e outros cereais; *logradouro*, etimologicamente lugar em que se logra, isto é, lugar de reunião para negócios, conversas; *maladouro*; *miradouro*, lugar elevado donde se mira; *sangradouro*, lugar do corpo próprio para sangria.

O sufixo *ouro* confunde-se popularmente com o sufixo *or*, que denota agente de ação, mas limitemos a extensão do erro dizendo sempre *babadouro, coradouro, bebedouro*. As formas *babador, corador, bebedor* empregam-se para indicar o agente (a pessoa que baba, que cora, que bebe), mas não o lugar em que a ação é praticada.

Concluindo: Digamos *coradouro, corar*, e não "quarador", "quarar".

Coram Pópulo - Locução latina que significa "diante do povo", "em público": "Falar, agir coram pópulo", isto é, abertamente, sem receio, sem respeito humano.

Corar, Corar-se - V. *rir*.

Corcunda - V. *carcunda*.

Corda - Coletivo, em geral: *cordoalha*; quando no mesmo liame: *maço*; de navio: *enxárcia* (pron. *enchárcia*), *cordame, corda-gem, massame*.

Cordeiro - Voz: *berregar, balar, batir*.

Cordovão - V. *gentílico*.

Corneta - Barulho: *tocar, estrugir*.

Corno - O "o" é aberto no plural.

Coro - O "o" é aberto no plural.

"Coromandel" - A palavra certa é *Choromândel*, que se pronuncia "xoromândel".

Corpo - O "o" é aberto no plural. Aumentativo: *corpaço, corpanzil, corpão*.

Corpo a corpo - *Corpo a corpo* é locução adverbial, usual e substituível: "Lutava-se *corpo a corpo*". Nas expressões "lutas *corpo a corpo*", "tremendos *corpo a corpo*" a invariabilidade continua, conquanto se possa considerar agora a locução como substantivo; a invariabilidade se dá em número e tam-

bém, quando for o caso, em gênero: "Nas corridas de ontem houve dois cabeça a cabeça" — "Um final cabeça a cabeça".

Corpus delicti - Locução latina que significa "corpo de delito"; emprega-se para denotar o instrumento, a coisa que prova o crime.

Correia (de carro, de arado, de qualquer instrumento agrícola para jungi-lo ao animal) - Coletivo: *apeiragem*. Em geral: *correame*.

Correto - *Correto* e *corrigido* são formas participiais que não seguem a regra dos participios duplos, porquanto têm cada uma delas significação especial; não se pode dizer "Estas lições já foram *corretas*"; esta forma significa *certo*, isento de erros, apurado, perfeito: trabalho *correto*, lição *correta*, pessoa *correta*; *corrigido* guarda a significação do verbo *corrigir*, usando-se na voz ativa como na passiva: tenho *corrigido*, está *corrigido*.

Engana-se o professor que escreve "corretas" numa pasta de lições, quando é sua intenção dizer que as lições já foram corrigidas. Entre as corrigidas pode haver lições corretas, como lições corretas podem existir que ainda não tenham sido corrigidas.

Várias formas participiais irregulares há em condições idênticas: *rapto, assento, concreto, crucifixo, extremo, liberto, manifesto, exceto* e outras já não guardam intata a significação do verbo de que provieram; são hoje usadas umas como adjetivos, outras como preposições.

Corrimão - Plural: *corrimãos*.

Córsega - Adjetivo pátrio: *corso*.

Corso - Substantivo provindo do italiano, de largo uso no Brasil, já para indicar a grande quantidade de carros a passear em marcha lenta um após outro, já o cortejo carnavalesco de pessoas fantasiadas.

Cortesão - Plural: *cortesãos, cortesões*.

Córtex - Provém a palavra do latim, onde existe com essas mesmas letras, com a mesma pronúncia e com o mesmo gênero, masculino. Em ambos os idiomas significa casca (de árvore) e do étimo latino obtivemos *cortiça*. O que não existe é o enfeite diacrítico de prosódia, mas nosso Formulário Ortográfico oficial obriga-nos o acento agudo na sílaba inicial, como em *tórax, látex, sílex, xérox*.

"Cortir" - A ortografia hodierna é *curtir*, o que exclui o verbo dos irregulares. V. *curtir*.

Coruja - Voz: *chirrear, corujar, crocitar, piar, rir*.

Corvéia - Prestação de trabalho gratuito ao governo, ou imposto, a que ninguém está obrigado — é o que significa a palavra *corvéia*, a nós vinda do baixo latim "corvada" (corruptela de "corogata" — trabalho prescrito), através do francês "corvéee".

Corvo (ô) - No plural o "o" é aberto. Voz: *corvejar, crás-crás, crocitar, grasnar, chem-chem, crasnar*. V. *soprano*.

Coser (costurar) - Não confundir com *cozer* (cozinhar).

Costume - É galicismo na acepção de *traje, roupa, vestido, fato*.

Cota - V. *catorze*.

Cotidiano - V. *catorze*; V. "streaking".

Cotilédone - V. *dicotiledóneo*.

Cotilóideo - V. *peritônio*.

Couce - V. *coisa*.

Couraçado - *Encouraçar* é verbo muito bem formado, mas a indicação do navio de guerra parece ter-se fixado em *couraçado* em vez de *encouraçado*, como *couraçado* é também o nome de certo peixe semelhante ao cascudo. V. *enradicado*.

Cousa, Couso - V. *coisa*.

Cozer, Cozinha - Com *z*, transliteração do *qu* do étimo latino *coquere, coqunam*. *Coser*, que significa *costurar*, traz o "s" do latim *consiere*.

Cozimento - Barulho: *escachoar, acachoar, grugulejar, grugruhar* (brasilicirismo).

Craião - Aportuguesamento do fr. *crayon*; indica uma substância especial para desenho, apresentada em forma de lápis.

Crânio - Quando primeiro elemento de um composto, junta-se sem hífen: *craniografia, craniossacral*.

Craque - Aportuguesamento do inglês *crack* (perito, entendido)

e do fr. *crac* (bancarrota). É também interjeição e substantivo (ruído, barulho de quebra).

Crase - É a fusão escrita e oral de duas vogais idênticas. Nesse sentido, a palavra crase pode ser aplicada às grafias *têm* (em vez de *teem*, 3a. pessoa pl. do ind. pres. do verbo *ter*), *vêm* (em lugar de *veem*, 3a. pess. pl. do ind. pres. do v. *vir*), mas essa denominação visa a especificar principalmente a contração ou fusão da preposição "a" com: 1º) o artigo definido ou pronome substantivo feminino átono *a, as*; 2º) os demonstrativos *aquele, aquela, aqueles, aquelas e aquilo*. Essa contração expressa-se, na grafia, mediante o acento grave: *à, às, àquele, àquela, àqueles, àquelas e àquilo*.

Dessa explanação depreendem-se as regras para o perfeito uso da crase:

1a. regra - É condição essencial, "sine qua non", que a crase venha antes de palavra feminina. Dessa maneira, de nenhum modo poderemos usar crase antes de nomes masculinos. Erros gravíssimos constituem formas como estas: Ele foi à pé - Isto pertence à seu irmão - Compras à prazo - porquanto *pé, irmão e prazo* são palavras de gênero masculino. Sendo a crase a contração da preposição "a" com o artigo feminino "a", como crasear o "a" antes de nomes masculinos, se o artigo destes nomes é "o"? Nessas locuções o "a" é simplesmente preposição.

Pela mesma razão, não se pode crasear o "a" antes dos verbos, porque são considerados do gênero masculino: Ele está a morrer - Ele se pôs a gemer - e nunca: Ele está à morrer - Ele se pôs à gemer.

2a. regra - É necessário que a palavra dependa de outra que exija a preposição "a". Erro seria na frase "A rosa murchou" crasear o "a", porquanto "rosa" é sujeito e o "a" que o antecede é simples artigo.

3a. regra - É necessário que a palavra admita o artigo feminino "a". Na frase "Ele foi a Roma" não podemos crasear o "a" que antecede "Roma" porque ela não admite antes de si o artigo feminino "a". Diz-se: "Roma é cidade linda", e não "A Roma..." - Prova isto que o "a" da oração "Ele foi a Roma" é simples preposição, e não pode, consequentemente, ser craseado.

Todavia, quando queremos particularizar, empregamos a crase. Exs.: Refiro-me à Roma de César - Reporto-me à Lisboa de Camões - porque se diz "A Roma de César foi opulenta" - "A Lisboa de Camões criou fama".

Regras práticas para o emprego da crase: 1a. regra prática - Existe uma regra prática que é, na maioria das vezes, ótima norma para o emprego da crase: Emprega-se a crase sempre que, substituindo-se o vocábulo feminino por um masculino, aparece "ao" antes do nome masculino. Suponhamos haver dúvida em crasear o "a" na oração "Eu vou a cidade". Uma vez que se diz "Eu vou ao teatro", na oração "Eu vou a cidade" deve ser craseado o "a".

Para que se possa aplicar essa regra prática, é necessário o cumprimento de todas as regras anteriores; assim, em "Eu vou a Roma" de nada valerá aplicar a regra prática, uma vez que "Roma" não admite antes de si o artigo feminino.

Da mesma maneira, não se emprega a crase quando, substituindo-se na locução o nome feminino por outro masculino, não aparece a forma "ao"; por isso é que não se craseia o "a" da expressão "Ele foi ferido a bala"; não se diz "Foi ferido ao cacete", mas sim "ferido a cacete", o que vem demonstrar que o "a" nessa frase é apenas preposição. Assim, não se pode grafar "Escrever uma carta à máquina, à mão, à tinta, porque não se diz "Escrever uma carta ao lápis". Não se grafa "pagamento à vista" mas "pagamento a vista" (Não se diz "pagamento ao prazo"; não há determinação); grafa-se, porém, "O resultado está à vista de todos", porque se diz "O resultado está ao alcance de todos" (na vista de todos"; há determinação).

2a. regra prática - Craseia-se o "a" de uma frase quando pode ser substituído por "para a", "na", "pela", "com a", ou, de conformidade com o caso, por qualquer preposição

acompanhada do artigo "a"; assim, craseia-se o "a" em "Dei isso à Casa de Misericórdia", porque se pode dizer "Dei isso para a Casa de Misericórdia". "Estou às portas da morte", com crase no "as", porque se poderia dizer "Estou nas portas da morte". "Às três horas", porque se pode dizer "Pelas (per + as) três horas" (A pequena mudança de sentido nessas substituições não impede a aplicação da regra).

Observe-se que a 1a. condição essencial (De nenhum modo poderemos usar crase antes de nomes masculinos) diz respeito à contração da preposição "a" com o artigo ou pronome "a", "as". Tratando-se de *aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo*, basta que haja a preposição "a" antes dessas palavras para que ocorra a crase. Se na expressão "para aquele menino" substituirmos o "para" por "a", teremos dois "aa" seguidos, que deverão contrair-se: *a aquele = àquele*. Não importa, nos casos em que aparece esse demonstrativo, o gênero gramatical. Exemplos: "Dei um lápis àquela menina" - "Recorri àquele homem" - "Refiro-me àquilo".

Os verbos desses exemplos exigem a preposição "a", a qual, vindo encontrar-se com o "a" que inicia o demonstrativo, com ele se funde.

Conclusões do estudo da crase: 1a. - Será livre o emprego da crase quando livre for o emprego do artigo feminino. Em "Dei isto a minha irmã" fica à vontade do autor o emprego da crase, porque tanto, nesse caso, empregamos o artigo feminino ("A minha irmã não está"), como o deixamos de fazer ("Minha irmã não está"). Se o possessivo estivesse no plural, como na oração "Dei isto às minhas irmãs", deveríamos sem dúvida crasear o "as", o que evidentemente demonstra a 1a. regra prática: "Dei isto aos meus irmãos".

2a. - Unicamente quando ficar comprometida a clareza da frase é que poderemos fugir das regras acima; é difícil atinar com o significado da sentença "Fique a vontade em seu lugar", onde não sabemos se "a vontade" é sujeito ou locução adverbial. Se queremos dizer "Fique você a vontade", isto é, "a gosto", podemos crasear o "a", embora de encontro a todas as regras acima expostas: "Fique à vontade em seu lugar".

3a. - Nas expressões "Vestir-se à Luís XV" - "Móveis à Luís XIV" o "a" aparece craseado por modificar a palavra feminina "moda"; ocupa nessas frases: Vestir-se à (moda de, pela moda de) Luís XV.

Esse fenômeno se dá todas as vezes em que nomes próprios masculinos constituem denominações de coisa do gênero feminino: "Dirigi-me à Gustavo Barroso" (à fragata Gustavo Barroso) - "Vou à Melhoramentos" (à Companhia Melhoramentos).

Nos exemplos desta 3a. conclusão estão realmente subentendidos os nomes femininos citados (*fragata, companhia*), porque eles realmente existem nessas denominações; trata-se de elipse real e não de elipse forçada. É preciso esclarecer isto porque há quem ponha crase em "Vou a Santos", alegando estar subentendida a palavra "cidade" - o que é totalmente falso.

4a. - O *a*, quando seguido de nome plural, é mera preposição; não pode, por isso, levar crase: "Quanto a referências..." - "Chegou a vias de fato" - "Daremos a pessoas dignas..."

5a. - Possuímos duas palavras femininas que, ordinariamente, não admitem o artigo: *casa*, na acepção de morada, residência: "Vim de casa" - "Estive em casa" - "Ó de casa" - são expressões que mostram claramente a não existência do artigo antes do vocábulo "casa", pois do contrário as expressões seriam "Vim da casa" - "Estive na casa" - "Ó da casa". Daqui facilmente concluiremos ser erro crasear o "a" antes dessa palavra, quando empregada com o sentido de lar, residência, domicílio: "Eu vou a casa", e não: "Eu vou à casa".

Se, porém, o vocábulo *casa* vier seguido de uma especificação qualquer, como "A Casa X", "A casa de Pedro", é admissível e necessária a crase (quando, naturalmente, essa palavra estiver em relação complementar). "Fui à Casa

Anglo-Brasileira" — "Dirigi-me à casa de Pedro" — "Irei à Casa da Moeda" — pois, aplicando-se a segunda regra prática, diremos: "Estive na Casa da Moeda" — "Vim da casa de Pedro".

6a. — Outro caso de supressão do artigo se dá com a palavra "terra" na acepção de "chão firme", empregada para contrastar com o elemento inócuo do mar ou líquido dos rios: "Estive em terra" — "Iremos por terra". Portanto, dadas as mesmas razões do caso anterior, devemos escrever "Levamo-la a terra". (e não à) — "Chegamos ainda hoje a terra" (e não à).

7a. — O emprego da crase antes de nomes próprios femininos obedece à possibilidade ou não do artigo: se antes de nomes próprios femininos de pessoas íntimas por relação de parentesco, amizade ou política empregamos o artigo (a Maria, a Lara, a Noemi, a Chiquinha), é claro que esses nomes, quando em relação complementar, devem vir precedidos de "a" craseado: "Vou levar isto à Maria" — "Darei o dinheiro à Laura" — "Direi isso à Noemi" — "Entregue o documento à Chiquinha". Se, porém, costumamos referir-nos a essas pessoas conhecidas sem empregar artigo (Laura está doente — Maria não veio), é também claro que esses nomes, quando em relação complementar, não devem vir precedidos de "a" craseado: "Escrevi a Laura" (e não à Laura).

Tratando-se de pessoas célebres ou a nós não íntimas, não empregamos o artigo: Maria Cristina, Maria Stuart, Ana Bolena, Joana d'Arc (e não: a Maria Cristina, a Maria Stuart, a Ana Bolena, a Joana d'Arc). Quando tais nomes estiverem em relação complementar, não poderão vir precedidos de crase: "Impuseram condições a Maria Stuart" (e não à).

8a. — Nomes próprios locativos existem que outrora não levavam artigo; daí o dizer "Meter lanças em África". Esses nomes, como *Espanha, França, Inglaterra, Holanda, Europa, Ásia, África*, não exigem obrigatoriamente o artigo quando regidos de preposição: vir de França, Leão de França, estar em Holanda. Pois bem, o emprego da crase antes de tais nomes é livre, tal qual acontece com a crase antes de possessivos.

9a. — Uma vez que os pronomes de tratamento começados por possessivos (*sua senhoria, vossa majestade, sua santidade*) não admitem o artigo antes de si, *jamais* poderão vir precedidos de "a" craseado: "Dei isso a vossa senhoria" (e não: à vossa senhoria).

10a. — Chamamos aqui a atenção para o seguinte. As expressões "devido a", "relativo a", "referente a", "com respeito a", "quanto a", "obediência a" e outras devem ter o "a" craseado quando vêm antes de nomes femininos determinados pelo artigo: devido à morte do pai, devido às dificuldades, obediência às leis, referente à prisão, com respeito à situação, quanto à natureza.

A aplicação da 1a. regra prática obriga-nos evidentemente a essa crase: se o certo é "devido ao falecimento", é claro que, se em vez de *falecimento* pusermos uma palavra feminina, o "a" deverá ser craseado.

É também claro que se dissémos "devido a dificuldades imprevistas", "obediência a leis injustas" não estaríamos empregando o artigo e, como atrás ficou observado, o "a" é somente preposição, pelo que não pode ser craseado.

11a. — Suponhamos estas duas orações: "... nação a que você se refere" e: "... nação à qual você se refere". Por que razão o "a" não deve ser craseado na primeira sentença e deve ser craseado na segunda? A aplicação da 1a. regra prática prova-nos que o primeiro "a" é somente preposição e que o segundo é contração da preposição "a" com o artigo feminino "a": "O país a que você se refere" e "O país ao qual você se refere".

12a. — Com essas considerações, finalizamos o estudo da crase; muitos exemplos e muitos outros casos poderíamos ter acrescentado, mas seria isso desnecessário a quem bastam as regras práticas para resolver qualquer dificuldade. Que necessidade haverá de ensinar, com regras especiais, que

antes de *uma, de essa, de esta* etc. não se usa crase? Essa e outras questões estão englobadas na regra prática da substituição; é impossível dizer "ao um", "ao esse", logo não é possível crasear o "a" nas expressões "Dei a uma velhinha..." — "Mandei a essa cidade...".

Quanto ao *uma*, há o caso da expressão de tempo "à uma hora", na qual entra o numeral e não o indefinido, e o numeral admite determinação; se as horas são passíveis de determinação, a primeira hora, ou seja, a uma hora está no mesmo caso: "Isso aconteceu às duas da tarde" — "Estudo da uma às cinco" — "Faltavam vinte minutos para a uma hora da tarde" — "Morreu à uma da madrugada".

Observação final: A crase é fenômeno gráfico; na leitura não se deve fazer ouvir os dois *aa* da crase.

Crêche (ê) - Palavra já do nosso vocabulário, provinda do francês *crèche*.

Credenciais, Acreditar - Conquanto um embaixador apresente *credenciais*, ele é *acreditado*, e não "credenciado". As *credenciais* — substantivo aqui usado no plural — são dadas pela "carta que um ministro ou um embaixador entrega ao chefe de um estado, ao qual é enviado, para se fazer ACREDITAR junto dele".

"Credenciar" é verbo que não existe em dicionário nenhum; só aparece em alguma rede de arrastão que se orgulha de apresentar a porquidão malhada nas profundezas do oceano da ignorância.

Credor - Coletivo: *junta, assembléa*.

Crepão - Aportuguesamento do francês *crêpon*, nome de certo tecido.

Cretilo - Do francês "crétin" (aquele que por deformidade cerebral ou orgânica tem absoluta incapacidade intelectual e moral) é hoje usado como substantivo e como adjetivo, para denotar o que tem essas características.

Criança - Coletivo: *V. pessoas em geral. V. soprano*.

Criar - De acordo com o uso clássico, deve-se adotar exclusivamente a forma *criar*, ainda quando se trata do sentido filosófico de "produzere ex nihilo".

Em Portugal existe unicamente a forma *criar*; é o que vemos em Saíd Ali (Gramática Secundária), Cândido de Figueiredo (Dicionário) e Otelo Reis (Verbos). Este último muito bem nos expõe o caso dizendo: "Modernamente, estabeleceu-se a distinção das formas conforme o sentido. Distinção cerebrina, empírica, injustificável, não autorizada, na opinião de uns; tolerável, razoável, necessária ou justificada, segundo outros".

Diremos, com os primeiros, que tal distinção é cerebrina, empírica, injustificável, não autorizada e desnecessária. A forma *criar*, na acepção de tirar do nada, além de certa está arraigada no povo; querer arrancá-la para, em seu lugar, criar outra, é ação inútil e até prejudicial.

Em alguns livros, vemos sobre o caso expressões como esta: "No Brasil faz-se distinção...". No nosso modo de ver, essa distinção só é feita por alguns docentes de nossas escolas, que, sem procurar saber o que há de verdade sobre a questão, assim ensinam seus discípulos, os quais com igual levandade vão espalhando o mal criado "crear". Inovações como essa só logram dois efeitos: Um, emaranhar cada vez mais o nosso tão complicado idioma; outro, mostrar o sangue frio de quem as lança no mercado após verificar a levandade com que acadêmicos endossam regras prefabricadas de ortografia. Veja-se o que diz João Ribeiro no dicionário de Fonseca: "A distinção que querem estabelecer entre "crear" (tirar do nada) e "criar" (amamentar) não se funda em razão alguma, a não ser em ortografia, aqui arbitrária".

Sendo "criar" a forma mais usada, e dada a inutilidade da distinção filosófica entre ela e "crear", nada mais claro que eliminar a segunda grafia, embora sacrificando o nosso amor aos clássicos e línguas irmãs. Por que grafarmos "As escolas que o governo *creou* têm criado muitos homens hábeis"? Já é tão difícil, não digo acreditar, mas provar a origem do mundo do nada (Santo Tomás afirma não ser absur-

do admiti-lo existente ab eterno), por que agora essas artimanhas a impregnar a grafia das palavras de princípios filosóficos, teológicos? Aconselhando a grafia uniforme *criar*, não alegamos o uso próprio, em boa ou má companhia, mas o que existe de fato, hodiernamente, na língua.

Crisântemo - Repetita jувant: Pelo menos enquanto não se tornam enfadonhas, as repetições trazem benefícios.

Menos debateido que provado, explicado e claro, o acento desta palavra deve cair no "a". Penúltima sílaba breve, em latim, o acento recua. Trazida para o português, ainda quando grega mas com vida no latim, como no caso presente, a palavra deve conservar o acento deste último, a menos que, generalizada, forte e arraigadamente não se lhe oponha o uso.

Em *crisântemo* o próprio étimo grego é proparoxítono; nada explica o acento no "e".

Idêntico é o acento de *sarcântemo*, nome de outra composta.

Crise - V. *hipócrita*.

Crisma - É feminino quando designa o sacramento: "Recebi a crisma já adulto". É masculino quando designa o óleo usado nessa e em outros sacramentos e cerimônias religiosas: "Para não correr o santo crisma pelo dedo".

Cristão - Plural: *cristãos*. Superlativo sintético: *cristianíssimo*.

Cristão-cientistas - Em "publicações cientistas cristãs" ninguém atinará com o significado de publicações de determinada religião; todos pensarão tratar-se de publicações sobre assunto científico, publicações essas de fundo ou escopo religioso, cristão; se, no entanto, o que se pretende é especificar publicações de uma religião especial, diz-se "publicações cristão-científicas", de acordo com a regra de flexão numérica de adjetivos compostos.

Crítica - V. *hipócrita*.

Crível - Superlativo sintético: *credibilíssimo*.

Croché - Aportuguesamento já arraigado do francês "crochet".

Crodano - V. *basedoviano*.

Crocodilicídio - V. *maritícida*.

Crocodilo - Voz: *bramir, rugir*.

Cromatossoma - É enorme a divergência de procedimento na derivação de nomes gregos neutros terminados em "m" no nominativo e de genitivo em "mat". Enquanto em certos compostos o primeiro elemento traz o radical do genitivo, em outros vemos a simples agregação do segundo elemento à forma nominativa do primeiro.

O que se dá com a nossa palavra demonstra a insegurança de comportamento; a estes seis autores, seis formas diferentes:

Ramiz Galvão: *cromossômio*.

Rebello Gonçalves: *cromossâmio*.

Academia Brasileira: *cromossomo*.

Nascentes: *cromossômio*, mas acrescenta: "Devia ser *cromatossômio*", sem dizer o porquê.

Pedro A. Pinto: *cromossomo*.

Afrânio do Amaral: *cromossoma*, e a seguir diz que forma ainda melhor seria *cromatossoma*.

A verdade é que no próprio grego a composição é feita com o tema do genitivo: *chromatopóia* (fabricação de cores, preparação de tintura), *stomatoygós* (artista de palavras, do bom dizer). Quando em grego se acresce um sufixo é que se usa o nominativo: *stomachicós* (do estômago), o que equivale a dizer: em derivados o nominativo, em compostos o tema do genitivo no primeiro elemento.

A conclusão será:

O primeiro elemento é *chromat*, tema do genitivo, como acontece com outros compostos (*chromatócito*, *chromatófago*, *chromatófilo*, *chromatóforo*, *chromatógeno*) e na própria composição grega, com o "o" de ligação entre os componentes: *chromatopóia*.

O segundo elemento é simplesmente *soma* (O "o" longo faz com que o composto seja proparoxítono), com a terminação "a", que existe em vocábulos nossos derivados do grego:

coma, *lipoma*, *celoma*, *axioma*, *aroma*, *sintoma*.

Com a duplicação do "s", pela nossa ortografia exigida em compostos cujo segundo elemento se inicia por "s" forte, temos *cromatossoma*, e assim fica a palavra a fazer companhia com *tripanossoma*, *aspalacossoma*, *acantossoma*, todas de gênero masculino.

"**Croquis**", "**Croqui**" - Galicismo. Temos *esboço*, além de, conforme o caso, diversas outras palavras: *diagrama*, *bosquejo*, *traçado*, *delineamento*.

Cru - Superlativo sintético: *cruíssimo*.

Cruel - Superlativo sintético: *crudelíssimo*.

CT - V. *infetar*.

Cubagem - V. *metragem*.

Cuco - Voz: *cucular*, *cuar*. Feminino: *crúo*.

Cuique suum - Locução latina que significa "a cada qual o seu". Princípio de direito romano: a cada um o que lhe pertence.

Cujo - É erro, e dos grandes, dizer "Comprei uma casa, cuja casa...". Assim não se pode dizer em português. *Cujo* indica posse; corresponde ao genitivo latino; deve sempre equivaler a "do qual" e não simplesmente a "o qual", "a qual" e, porque indica posse, deve ter antecedente e conseqüente diferentes: "... porta cuja chave se perdeu" — "... quadro cuja moldura troquei" — "... sacerdote cujas virtudes admiramos".

Um segundo cuidado devemos ter: O *cujo*, como todo o relativo, abre oração, isto é, inicia nova oração; se o verbo desta oração que ele abre exigir preposição, esta preposição é indispensavelmente empregada antes do *cujo*: "... moça, de cuja casa saí tarde" — "... empregado, a cuja casa fui" — "... médico, com cuja filha me casei".

Por último, jamais iremos colocar o artigo definido após o relativo *cujo*: "... trem cujo horário..." (e não "cujo o horário"). (Gr. Met. 376).

A atenção nem sempre comparece para substituir o vezo do erro. Da mesma forma, porém, que a quem jamais teve conhecimento de um objeto não há a possibilidade de desajá-lo, a quem jamais estudou gramática não despertam dúvida nem estranheza construções de remendões e de cozinheiras. Isto está num jornal: "A maioria das vítimas já foi identificada, mas há ainda 11 corpos que a polícia não conseguiu estabelecer a identidade devido às mutilações que sofreram".

Que idéia, que significação, que função tem o *que* que antecede "a polícia"? Nenhuma. Que é que a polícia não conseguiu estabelecer? A identidade. Identidade DO QUÊ? DOS corpos. Ora! Em português cabe à forma genitiva CUJO expressar a idéia de posse: "A mala cuja chave se perdeu", e não "A mala que se perdeu a chave". Como a chave é DA mala, a identidade é DO corpo. Isto é português: "A maioria das vítimas já foi identificada, mas há ainda 11 corpos CUJA identidade a polícia não conseguiu estabelecer devido às...".

O vernáculo é hoje objeto de desprezo, e esse desprezo é coerente em quem julga o escrever corretamente mera gramatiquice.

Culto a - V. *amor a*.

Culto, Cultivado - *Culto* é sinônimo de *cultivado*, na acepção de civilizado, ilustrado. O próprio verbo *cultivar* possui, entre outros, o significado de *aperfeiçoar-se*, *aplicar-se a*, *ilustrar-se em*: "Todos os grandes pensadores da Jônia cultivam as ciências matemáticas e a astronomia".

Se numa acepção se diz "cultivar o campo", em sentido figurado se diz "cultivar o espírito", "cultivar a memória". Não nos admiremos, por conseguinte, da sinonímia entre as formas participiais *culto* e *cultivado*.

Cultuoso - V. *insultuoso*.

Cumprimento - V. *cumprimento*.

Cumprir - São corretas as duas regências, a transitiva direta e a transitiva indireta com a preposição "com": "Cumprir o teu dever, alcaide do castelo de Faria" — "Um dever com que eu não podia deixar de cumprir" — "Cumprir uma ordem" — "O padre prior, depois de cumprir com o seu dever,

voltava ao presbitério tranqüilamente".

Cupão, Cupões - Perfeitamente exata a grafia *cupões*, forma portuguesa que mais convém ao francês *coupons* (retalhos); e, mesmo não seja vernácula, "é o aportuguesamento de um estrangeirismo, se não indispensável, pelo menos dificilmente substituível" (C. Figueiredo, Falar e Escrever).

No singular grafar-se-á *cupão*. Parecerá esquisito, mas será isso apenas questão de hábito.

Cupê - Aportuguesamento do fr. "coupé"; indica certo tipo de carruagem, de automóvel.

Cupido - É grafia de duas palavras diferentes, cada qual com o seu acento. Quando significa ávido, cobiçoso, desejoso, ambicioso, é adjetivo e se pronuncia com o acento na primeira sílaba: cú-pi-do: "juiz *cúpido*" (juiz ganancioso, parcial); "*cúpido* de dinheiro" (ávido de dinheiro).

Quando designa o deus do amor, é substantivo; escreve-se com letra maiúscula e o acento recai na sílaba *pi* — Cupi-do: "As lágrimas lhe limpa, e acendido na face a beija e abraça o colo puro; de modo que dali se só achara, outro novo *Cupido* se gerara" (Camões).

Cupim - Feminino (fêmea alada): *arará*.

Cura - Não há fundamento na incriminação de "cura" como francesismo na acepção de "tratamento", como em "cura de águas"; o próprio latim tem a palavra com esse sentido e a emprega para traduzir o grego "terapia".

Cura (eclesiástico de uma diocese) — Coletivo: *sínodo* (assembléia religiosa).

Curial - Só em sentido figurado se admite o adjetivo curial por *próprio, conveniente*. Se a significação estrita é "pertencente ou relativo à cúria" (comício *curial*), "próprio do foro" (termos *curiais*), em sentido translato pode ser empregado em frases como "falou em termos que não são *curiais*". Fora dis-

so — como neste engraçado exemplo, "É curial que a rodovia não passe pelas cidades" — é falar "incurialmente".

Curiango - Voz: *gerner*.

Curinga (carta de jogar) - Não confundir com *oringa* (vela triangular de canoa; moço de barcaça; pessoa feia e raquítica).

Corrente cálam - Locução latina que significa "ao correr da pena": Fazer versos *corrente cálam*.

Curriculum vitae - Ou simplesmente curriculum, é o relato de uma capacidade especial de uma pessoa e de suas bases e comprovações.

Curtir, Curtume - O verbo *curtir*, de conjugação regular, tem a grafia generalizada e oficializada com "u", no Brasil e em Portugal; com "u", pois, os derivados, entre os quais *curtume*, que significa: ação de curtir couros; processo de os curtir; substância empregada no curtimento; lugar em que se faz o curtimento de peles.

Também com "u" o verbo *urdir*, em português e em espanhol, donde o derivado *urdueme*.

Cuspir - V. *buhir*.

Custar - Na acepção de ser difícil, trabalhoso, moroso, não tem objeto direto; a própria coisa difícil é que é sujeito: "Custa muito emendar um erro". Quando vem expressa, a pessoa a que é difícil a coisa funciona como objeto indireto: *Custou-me* conseguir isto" (E não: "Custei para conseguir isto"). V. verbos que entram em expressões de tempo.

Cutia - Voz: *gargalhar, bufar*.

Cutícola (parasito) - Não confundir com *cutícula* (epiderme das plantas novas; película; flor da pele).

"Cúis" - É possível que um dia venham a escrever *cule*, da mesma forma que há muito já fazem *bile*. Até lá... V. *bile, bilis*.

"Czar" - V. *sar*.

D

"Da falência" - Constitui latinismo sintático o emprego da preposição *de* para encabeçar capítulos de tratados, de códigos, de leis: "Da falência", "Dos contratos". Em português diz-se simplesmente "Falência", "Contratos".

Dacar - É palavra oxitona: *da-cár*.

Dada - V. *damos em nosso poder*.

Dado o vento - Quando particípio de *dar*, na acepção de *admitir, verificar*, deve concordar com o substantivo ou locução com que constitui oração participial: *Dada a chuva*, não podemos sair.

Quando masculino o substantivo, não se invente uma locução prepositiva; devemos construir "*dado o desarranjo do motor*", e não "*dado ao desarranjo*". E assim: *dadas as circunstâncias, dada a morte de um parente, dado ter aparecido outro serviço, dado* devermos partir, *dados os contrastos, dado o vento*.

"Encontradas as formas", "examinadas as condições", "admitidas as emendas" — acaso não é assim que dizemos? Por que a tola construção "*dado ao vento*"?

Dagão - V. *Decamerão*.

Dalmácia - Adjetivo pátrio: *dálmata*.

Dálmata - Não nos parece bom procedimento pretender substituir a forma "dálmata" por outra qualquer na denominação "cão dálmata". *Dálmata* é aqui adjetivo; tem ele essa forma para os dois gêneros: "cão dálmata", "cadela dálmata". Não só como adjetivo pode funcionar a palavra, senão também como substantivo, e, ainda agora, de uma só forma para os dois gêneros: "os dálmatas", "as dálmatas", "o dálmata" (idioma).

Abra-se o "Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa" da Academia das Ciências de Lisboa, abra-se o "Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa" de Laudelino Freire, abra-se o "Vocabulário Ortográfico e Ortóepico" de Gonçalves Viana: em todos esses monumentos do nosso idioma está o que acima se afirmou.

Dama - V. *dom*.

Damão (cidade da Índia Portuguesa) - Adjetivo pátrio: *dama-nense*.

"Damas" - V. *Magalhães*.

Damasco - Adjetivo pátrio: *damascoeno, damasquino*.

Damos em nosso poder - "Damos em nosso poder sua preza-da carta, datada de..." — Tantas são as significações do verbo *dar* e algumas delas tão próximas de *declarar* que não vemos o que impeça de assim dizer. Construções como "damos por entregue a sua encomenda" equivalem perfeitamente a "dizemos entregue", "declaramos entregue".

Desperta a questão um caso curioso. A palavra portuguesa "data", particípio latino do verbo *dare*, aparecia no latim assim escrita antes do dia que determinava a publicação ou redação de um ofício ou carta: "*Data (epistola data, carta dada, entregue) die quarto ante nonas Júlias*" (em 4 de julho)

O mais das vezes abreviavam, escrevendo ou simplesmente um *d.*, que significa *data*, ou *dob.*, que significa *dabam* (*Dabam epistolam Roma*). Com o andar dos tempos, tal denomi-

nação passou a indicar o lugar, dia, mês e ano que seguiam a palavra *data* ou *dada*.

Poder-se-ia dizer contraditória a expressão "Damos em nosso poder sua carta *datada* (dada) de 4 de julho" — mas não é aqui o caso de tal objeção, uma vez ter perdido a palavra *data* a significação etimológica.

Dançar - Palavra de provável origem teutônica (*danson*, tirar, puxar; espalhar-se, estender-se), era no antigo inglês e no antigo francês escrita de dupla maneira: *dausen, daucen; danser, dancier*. Hoje, com exceção do francês (*danse*), os idiomas que têm a palavra escrevem-na com *c* ou com letra que a ele corresponde: alemão *tanz*, inglês *dance*, italiano *danza*, espanhol *danza*.

Dar conta - V. *desincumbir-se*.

Dar horas - Com os verbos *dar, soar, bater*, referindo-se a horas, a concordância se opera regularmente: *Deram* duas horas — *Soavam* onze horas quando cheguei — *Sairei* assim que *baterem* seis horas.

Dar-se - V. *ele traçou para si*.

Dario - Com o acento tônico no "i" — longo em latim — é que é em português.

Dat véniam corvis, vexat censura columbas - Locução latina que significa "a censura poupa os corvos e persegue as pombas". É verso de Juvenal, sempre atual, como sempre atuais são os provérbios gregos e latinos sobre comportamento humano.

Data, datada - V. *damos em nosso poder*.

Datilografar - V. *agúia*; V. *casa mobiliada*.

Dativo - V. *casos latinos*.

Davi - Quando final de palavras estrangeiras, o "d" ora é pronunciado, como em *Gad, Nenrod, Cid*, ora não, como em *David, Madrid*. Uma vez que nestas duas últimas o "d" não é pronunciado, tampouco deve ser escrito; grafemos *Davi, Madri*.

De (prefixo) - V. *despender*; V. *pendurar*.

De (preposição) - V. *per*.

De afogadilho - Locução que significa "precipitadamente": *Agiu de afogadilho*.

"De arte a" - V. *de maneira que*.

De assento - Locução que significa "com sossego", "pausadamente", "de espaço", "devagar": As deliberações foram tomadas *de assento*.

"De até" - V. *preposição mais preposição*.

De auditu - Locução latina que significa "de ouvido", "de oitiva", "por assim dizer": Coisas sabidas *de auditu* não devem ir para o jornal a não ser por intriga.

De baixo - V. *em baixo*.

De beijado (de mão beijada) - Locuções que significam "gratuitamente", "por favor": Recebeu tudo *de mão beijada*.

De cabo a rabo (de cabo a cabo) - Locuções que significam "de princípio a fim": Li o livro *de cabo a rabo*.

De caso pensado - Locução que significa "propositadamente": *Agiu de caso pensado*.

De certo - Não sabemos com que intuito uma academia

nacional de letras se arroga o direito de impor o sistema ortográfico ao país quando ela publicamente se mostra para isso incompetente com indicar um "office boy" para a tarefa e depois endossar-lhe todas as tolices e contradições.

Entre outras tolices e contradições existe esta de o nosso vocabulário oficial impor que se grafie *decerto* e *por certo*.

Não conseguimos aí ver nem *uniformização* de proceder, nem *correção* de forma, nem *simplicificação* de grafia. Só existe aí, para usarmos palavra eufemística, *leviandade*. Lá junta, aqui separa; lá diz que é advérbio, aqui esclarece que é locução adverbial e, ainda mais engraçado, adverte que não se deve confundir *decerto* com a forma *disserto* do verbo "dissertar".

A quem diz: "É absolutamente necessário acatar a autoridade da Academia Brasileira de Letras nas questões de linguagem" é necessário responder logo: "A língua portuguesa é, como todas as outras, instrumento de trabalho e não finalidade. É absurdo pretender que, acima de interesses coletivos de uniformização, pairam caprichos individuais e esquisitices de alguns pedantes".

Tão "individuais" e tão "de alguns" a ponto de os próprios acadêmicos não seguirem nem saberem seguir a reforma do sacro recinto. Não devemos igualmente esquecermos de que acadêmicos existiram que foram aprender português e justar seus professores particulares depois de iniciada a série de obras que lhes deu nome e facilitou o ingresso na Academia. Isto mesmo porque houve quem lhes abrisse os olhos dizendo: "Acho bom que você, não obstante ter vendido quinze mil exemplares do seu romance, estude um pouco mais de português".

Dos hífens o consulente ainda está livre, pois não cogitou da forma *de-certo*. Tire do meio o empecilho e continue, seguro, o caminho: *de certo, por certo, de cima, por cima, em cima, de repente, de pressa, por fora, por baixo* etc. V. em *baixo*.

De chapa - Locução que significa "em cheio": O sol dava-lhe *de chapa*.

De chofre - Locução que significa "de repente": Fez-me a pergunta *de chofre*.

De cima - V. *de certo*.

De cotio - Locução que significa "de uso cotidiano": Trazer o fato *de cotio* (do advérbio latino "quotidie").

De cujus - Locução latina que significa "aquele ou aquela sobre cujo ou sobre cuja..." — A locução jurídica é "de cujus successione ágitur", aquele ou aquela de cuja sucessão se trata: As derradeiras declarações *de de cujus*.

De encontro a - V. *ao encontro dos desejos*.

De espaço - Locução que significa "espaçadamente", "devegar": Conversemos *de espaço*.

De estudo - Locução que significa "de propósito", "de intento": *De estudo* evito remover aqui memórias desagradáveis.

De facto - Locução latina que significa "de fato". Opõe-se a "de jure", isto é, "de direito": Era rei *de facto* (real e verdadeiramente). Era rei *de jure* (por direito, por sucessão).

De fio a pavio - Locução que significa o mesmo que "de cabo a rabo": Estude esta lição *de fio a pavio*.

"**De forma a**", **de forma que** - V. *de maneira que*.

De foz em fora - V. *mar em fora*.

De golpe - Locução que significa "repentinamente": Assumi *de golpe* a responsabilidade.

De gustibus et coloribus non est disputandum - Locução latina que significa "Gostos e cores não se discutem". Axioma dos escolásticos, que os artistas infelizes tomam para consolo próprio.

De há, desde há, até há - V. *há, a*.

De hoje a três dias - V. *há, a*.

De improviso - Locução que significa "sem arranjo prévio" (Discursou *de improviso*), "de súbito" (Morreu *de improviso*).

De indústria - Locução que significa "de caso pensado": Ela *de indústria* caiu.

"**De jeito a**", **de jeito que** - V. *de maneira que*.

De jure - Locução latina que significa "de direito". V. *de facto*.

De lana caprina - Locução latina que significa "a respeito de

lã de cabra", empregada por Horácio para indicar "assunto irrelevante": O momento não é para considerações *de lana caprina*.

De largo - Locução que significa "a distância": Passei *de largo* por ele.

De longe em longe (ou **de longe a longe**) - Locução que significa "a espaços", "raramente": Só nos vemos *de longe em longe*.

De mais - V. *demais*.

De maneira que - Nenhum aluno, no estudo de nossas conjunções, nem leitor algum, no manusear lidimos escritores nossos, terá visto, pluralizadas, locuções conjuntivas como estas: *de maneira que, de forma que, de sorte que, de molde que, de jeito que*. Assim foi sempre, e não, como algumas vezes desavisadamente procedem os que falam português, "de maneiras que", "de formas que", "de modos que"; o substantivo que em semelhantes locuções conjuntivas entra deve ficar no singular.

Acontece, porém, que tais locuções aparecem barbaramente transformadas em *de maneira a, de forma a, de modo a*, torcendo a construção portuguesa para um modo de dizer que não é nosso. Pessoas de cultura, ledoras de trabalhos científicos franceses, deixam-se influenciar pela construção desse idioma, empregando-a em português; se é encontrado até em Castilho (O Bem e o Mal, pág. 44 - 4ª edição), não perde por isso a nota afrancesada.

Disfarçando a construção francesa, misturam-na outros com a portuguesa e então nos oferecem este hibridismo sintático: *de modo a que, de forma a que, de maneira a que*. Tirando da frase o disfarce da francesia, ou seja, o "a", teremos vernácula a construção.

Elucidemos o assunto com exemplos da construção francesa acompanhados da correspondente portuguesa: Voltou o rosto "de modo a" não ser visto de frente — Voltou o rosto *de modo que* não fosse visto de frente. Procede ele "de forma a" não saber eu se é bem ou mal intencionado — Procede ele *de forma que* não sei... (Há, na frase, evidente eclipse de *tal*, sendo o *que* conjunção consecutiva: *de tal forma que*). O trabalho deve ser "de maneira a" conseguir... — O trabalho deve ser *de maneira que* consiga. O procedimento é "de natureza a"... — O procedimento é *de natureza que* (Conforme o contexto, um simples *para* torna portuguesa a construção: O procedimento é *para* engorronhar...).

Fujamos, pois, com real proveito para o vernáculo e, muitas vezes, para maior compreensão e beleza do pensamento, das locuções *de forma a, de jeito a, de modo a, de natureza a, de sorte a, de arte a*. Em nenhum caso, como a princípio foi dito, iremos pluralizar o substantivo dessas expressões. Construamos, como o próprio Camilo fez: "Tem ela os olhos *de jeito e molde que*..."

De mau grado - Três palavras *grado* possuímos em português: uma, adjetiva, do latim *granatus* (abundante em grão), que significa graúdo, grosso, perfeito: trigo *grado*, espigas *gradas*, em letra *grada* (direita e garrafal), pessoas *gradas*, a gente *grada* da cidade.

Outra, substantiva, do latim *gradus*, com vários significados: graduação, divisão, título, espaço, intensidade, passo, andadura, cada uma das partes em que se divide a rosa-dos-ventos.

A terceira, também substantiva, do latim *gratus*, significa vontade.

Esta última, a que nos interessa. De início, porém, notemos que, se ela é substantivo em português, é em latim adjetivo, donde, muito provavelmente, a dupla forma *malgrado* e *mau grado*. Abra-se o Fonseca, que aí se encontrará "mau grado ou de mau grado", seguido da significação "contra vontade, constrangidamente", e logo depois a conhecida mãozinha indicativa de acréscimo feito por João Ribeiro: "Também com a forma *mal grado*: a meu mal grado, a mal de meu grado (contra a minha vontade).

Qual a forma preferível? É necessário distinguir; na expressão indicada por João Ribeiro, *mal grado* é locução subs-

tantiva, ou melhor, é substantivo composto, antiquado, só encontrado em expressões como a apontada por ele, substantivo que se escrevia sem hífen e deu ainda o adjetivo *malgrado* (contrafeito, contrariado).

Fora desse caso, emprega-se *mau grado* ou *de mau grado*, sempre com "u", porque se trata do adjetivo "mau" e não do advérbio "mal", em frases como estas: "Mau grado meu, crer não posso" (em que me pese, contra minha vontade) — "Agi de mau grado" (constrangidamente, contra vontade).

Um segundo emprego há ainda de *mau grado*: Tem o significado de *apesar de, a despeito de*, como facilmente se vê neste exemplo de Xavier Marques: "Senti ganas de ir oferecer os seus serviços... aos corsários, *mau grado* a proibição de el-rei".

A expressão "de bom ou de mau grado" significa "quer queira quer não".

De meia cara - Para que se evitasse o imposto, grande parte dos escravos contrabandeados para São Paulo procedia de São Sebastião, onde entrava pelo porto do Sombrio. Conduzidos prudentemente em pequenos lotes, através de matas cerradas e de precipícios, iam os escravos sendo vendidos por preços apetecíveis, pois os compradores descontavam os impostos e, com isso, pagavam só "meia cara", ou seja, metade do valor.

Daí, dizem, a expressão "de meia cara", para significar "de graça", "de carona".

Expressão de igual significação têm os trasmontanos: "de meia jota", pois para eles "jota", entre outros, tem o significado de "de pouco valor".

De meias - V. *a meias*.

De mínimis non curat praetor - Locução latina que significa "O pretor não cuida de coisas insignificantes". *Praetor* (pronuncie *prêtor*) significa pretor, mas aí está por pessoa que ocupa cargo elevado, soberano ou magna que não é atingido por questiúnculas ou insignificâncias.

"De modo a" - V. *de maneira que*.

De molde - Locução que significa "a propósito", "na ocasião": *De molde* lhe vai a esta altiveza natural o gênio sobranceiro. V. *de maneira que*.

De oitiva - Locução que significa "de ouvido": *Falar de oitiva* (falar pelo que ouviu dizer, sem averiguar a verdade).

De omni re scibili, et quibusdam aliis - Locução latina que significa "de todas as coisas sabíveis (que podem ser conhecidas) e ainda de mais algumas". *De omni re scibili* era título de obra e divisa do célebre Pico de Mirândola, que podia discutir sobre tudo o que a humana mente pudesse compreender, mas acrescentaram *et de quibusdam aliis* para os que têm a pretensão de saber o possível e o impossível.

De onde em onde - Locução que significa "aqui e ali", "de espaço a espaço": *Acariciava-o de onde em onde*.

De ouvida - Locução que significa o mesmo que "de oitiva": Do passado falamos *de ouvida*.

De palanque - Locução que significa "sem perigo": Assistir a uma briga *de palanque*.

De plano - Locução latina que significa "sem dificuldade". Em linguagem jurídica significa "sem inquérito", "sem formalidade": Separação processada *de plano* (imediatamente, sem burocracia).

De ponto em branco - Locução que significa "com todo o apuro": Vestido *de ponto em branco*.

De presente - Locução que significa "atualmente", "no tempo presente": *De presente* ocupa mais um vale de maior capacidade.

Significa também "de graça": Recebeu uma coleção de clássicos *de presente*.

De pressa - V. *de certo*.

De presto - Locução que significa "brevemente", "de pronto": Os olhos que tinha vendendo *de presto* se descerraram.

De primeiro - Locução que significa "antes de tudo", "antes de todos": *De primeiro*, Vasco Fernandes a puras bombardas impedia que o abordassem.

De raiz - Locução adverbial que significa "solidamente": Saber uma coisa *de raiz*. É também locução adjetiva, que significa "prédios rústicos ou urbanos", "qualquer coisa arraigada na terra": Recebeu de herança mais em espécie do que em bens *de raiz*.

De relance - Locução que significa "rapidamente": Deu-lhe um empurrão *de relance*.

De repelão - Locução que significa "a pressa", "velozmente", "com violência": Entrou *de repelão*.

De repente - V. *de certo*.

De resto - Locução que significa "quanto ao mais", "além disso", "aliás". De uso generalizado, é endossada por vários escritores (Camilo, Herculano, Sena Freitas) e está consignada em bons dicionários, entre os quais Aulete e Laudelino Freire: *De resto*, tudo muito bem — *De resto*, podiam falar com quem lhes cumpria.

De revés - Locução que significa "obliquamente", "de lado": Olha *de revés*.

De rojo - Locução que significa "de rastos", "tocando o chão": E o amor ora cai *de rojo* no monturo, ora ascende aos páramos etéreos.

De roldão - Locução que significa "de golpe", "de sobresalto": A gente entrou *de roldão*.

De rota batida - Locução que significa "sem parar": Ir *de rota batida*.

De salto - Locução que significa "de repente": Chegou *de salto* à chefia da fábrica. "Pôr-se de salto" significa pôr-se de emboscada para matar ou roubar.

De sobreaviso - Locução que significa "de atalaia", "de prevenção", "alerta": Diante da informação, ficou *de sobreaviso*.

De sobrerrola (ó) - Locução que significa "a espreita", "de sentinela": Andava sempre *de sobrerrola* avisando os obreiros.

De sobressalto - Locução que significa "repentinamente", "de surpresa": Alcançou *de sobressalto* o ladrão.

De somenos valia - Formada do prefixo *so* (latim *sub*, sob, de baixo) e do adjetivo *menos*, a palavra *somenos* é adjetivo uniforme, que significa *baixo, de qualidade inferior, de valor inferior*, e deve vir acompanhada de substantivo para que tenha sentido: Um silógrafo de tão *somenos* valia.

Outros significados tem, mas é sempre adjetivo. Costuma-se ver aqui e ali "de somenos" com função adverbial, mas dicionário nenhum consigna essa locução. É necessário o acréscimo do substantivo "importância", "valia" ou de outro semelhante: "Por questão de *somenos* importância...".

De sorte, de sorte que - V. *de maneira que*.

De soslaio - Locução que significa "de esguelha": O sol atirava *de soslaio* seus últimos raios.

De stercore Ænii - Locução latina que significa "do esterco de Ênio", com a qual Virgílio confessa ter usado na Eneida certos versos de Ênio: emprega-se para significar que às vezes de coisas ruins se tiram coisas boas.

De subito - Locução que significa "repentinamente": Os olhos pasmaram como se a paralisia os ferisse *de subito*.

De te fábula narratur - Expressão de Horácio que significa "a fábula versa sobre ti"; emprega-se para dizer: Não te rias porque o caso pode ser a ti aplicado.

De través (em través) - Locução que significa "obliquamente", "de lado": O carro parou *de través*.

De tropel - Locução que significa "confusamente", "tumultuariamente": Todos recuaram *de tropel*.

De um tiro - Locução que significa "de vez", "de jato": *De um tiro* ele resolveu o intrincado problema.

De vereda - Locução que significa "sem parar", "apressadamente", "de carreira": Ele passou pela cidade *de vereda*.

"De vez que" - Frequentemente se encontram construções como esta: "A ação deve ser julgada improcedente, *de vez que* não ficaram provados os direitos do autor".

Nem castica nem técnica é a locução "de vez que". Há na língua a locução adverbial "de vez" (Estar alguém *de vez* = estar em disposição acomodada; estar em ocasião própria — Estar uma fruta *de vez* = estar boa para ser colhida;

estar no tempo oportuno), como há também a locução conjuntiva causal "uma vez que", mas não pode uma com outra entressachar-se. No período acima dado, o extravagante "de vez que" deve ser substituído por "uma vez que" ou por outra locução causal equivalente (*visto que, já que, pois que*) ou ainda por conjunção propriamente dita (*porque, porquanto*). V. *eis que*.

De visu - Locução latina que significa "de vista", "como testemunha ocular": Sei isso *de visu*.

Dealbar - Não significa alvorecer, raiar, romper. Do latim *dealbare*, tem em português o sentido de tornar branco, branquear e, figuradamente, limpar, purificar.

Deão - Plural: *deães, deãos, deões*. Feminino: *deã*.

"Debacle" - Várias palavras temos que não toleram este intruso galicismo: *derrocada, derrota, catástrofe, reviravolta*.

"Deboche", "Debochar" - Intrometeram-se na língua estes francesismos ("débauche", "débaucher") sem nenhuma necessidade, nem no sentido originário de *devassidão, depravação, libertinagem, orgia*, nem no abasileirado de *zombaria, troça, mangação*.

O mesmo se diga do adjetivo participial "debochado", em vez de *dissoluto, libertino, devasso, depravado*.

Debrear, Desembrear - São formas paralelas, das quais é melhor que sobreviva a primeira, por facilitar a substantivação *debreagem* e principalmente a conjugação *debreio*, com a terminação fechada, como em *passio, arreio: eu debrêio, debrêie* até o fim do pedal, na mudança das marchas este motor se *debrêia* automaticamente.

O contrário de *debrear* é *embrear*, que significa ajustar a *embreagem*, encaixar as engrenagens.

Uma vez que para mudar a marcha de carro já em movimento é necessário primeiro *debrear* para depois *embrear*, há quem use os dois verbos indiferentemente, o que não é aceitável.

Debutante, debutar - Conquanto *débuter* tenha em francês significações diversas, em português adquiriu um sentido especial que lhe torna difícil a extirpação do nosso vocabulário. Enquanto na simples acepção de *estrear* a palavra deva ser desprezada (Romancistas houve que a usaram com esse sentido, mas eles foram os maiores introdutores de galicismos no idioma), já o mesmo não podemos dizer quando empregada com sentido especial de "introduzir-se uma mocinha na vida social", donde a forma substantivada *debutante*, para indicar a "mocinha que é introduzida na vida social".

Debuxar - Se o étimo de *debuxo* é duvidoso, duvidoso não é o uso do verbo *debuxar*; usaram-no *Garrett* ("e em suas telas com tristes, negras cores *debuxaram* a injúria, o crime, a ingratição"), *Castilho* ("Se o pincel foi hábil, *debuxou* talvez nela uma cena para atrair e deter os olhos") e outros ("Ele *debuxou* mais nitidamente que ninguém o contraste entre o demagogo e o democrata").

Debuxo significa delineamento, esboço, bosquejo, risco. O dicionário da Real Academia Espanhola prende *debujo* ao árabe *dibacha*, adornar com figuras.

Decamerão - Provindo do grego (*deka* - dez, e *heméra* - dia), designa a relação de fatos acontecidos num período de 10 dias; especificadamente, entretanto, assim é chamado o trabalho do grande poeta italiano que, publicamente, interpretava a "Divina Comédia" e que diversas de suas obras escreveu em latim, *Boccaccio*. Consta essa obra de uma coleção de 100 novelas, que se supõem contadas em 10 dias. É seu nome original, em italiano, *Decamerone*. Mas, o que raramente deixa de acontecer, as criações e conhecimentos literários estrangeiros chegam-nos por intermédio do francês. Este, no que faz muito bem, adapta as palavras de outras origens ao novo meio, dando-lhes a forma consentânea com os característicos do idioma. O português, no entanto, por incúria de alguns e falta de competência de muitos, vai, com repugnante exotismo e desprezo à profusão de recursos nossos, copiando, semântica, sintática e morfológica-

mente, as palavras francesas, e é quando se ouvem formas como estas:

Alerion em vez de *Alerião*, termo heráldico (águia de asas abertas, sem bico nem pés).

Amnon por *Amnã*, rio da Arábia Feliz.

Dagon, que em português deve ser *Dagão* (ídolo dos filisteus), embora indeclinável em latim.

Solon, com acento oxítono, em vez de *Solão*, ou então, de acordo com o grego e o latim, *Sólon*, paroxítono.

Hanon, em vez de *Hanão*, famoso navegador cartaginês.

Maneton por *Manetão* (ou *Mãneto*) sacerdote de Heliópolis, no Egito; escreveu em grego a história do Egito, da qual a maior parte se perdeu.

Mennon por *Mennão*, filho de Titão e de Aurora. Nome da estátua de Tebas, no Egito, que ao romper d'alva emitiu sons articulados.

Piton em vez de *Pitão*, serpente monstruosa, morta por Apolo a tiros de flecha.

Panteon, quando em português é *Panteão* (ou *Pânteo*, do lat. *Pantheonum*), templo de Roma consagrado a Júpiter, hoje igreja de Santa Maria Rotunda.

Odeon em vez do português *Odeão* (do grego *odéion*, pelo lat. *Odéum*), lugar para cantos; nome hoje dado a teatros e cinemas.

Partenon por *Partenão*, templo de Minerva, em Atenas.

Agamemnon, em vez de *Agamemnã* ou *Agamemno*, general grego no cerco de Tróia.

Decano - É palavra paroxítona: *de-cá-no*; *deão* é sua forma sincopada.

Decigrama - V. *grama*.

Decipimur specie recti - Locução latina que significa "somos enganados pela aparência do bem". É de *Horácio* a sentença: Quanto lobo com pele de ovelha!

Declive, Aclive - Não nos esqueçamos de que podem ser usadas também como adjetivos estas palavras:

declive — que forma ladeira (no sentido da descida), inclinado: terreno declive;

aclive — íngreme (considerando a inclinação de baixo para cima; disposto em subida): monte aclive.

Decúmano, Undecúmano - O latim acusa "u" e também "i" na 2ª sílaba; com "u" ou com "i" (*decimano, undectmano*) escrevamos, deveremos pronunciar proparoxítonamente.

Decúmano (adj.) — o décimo de uma série; por metonímia, grande: a onda *decúmana*. Como substantivo: um dos eixos de orientação de um templo, acampamento ou cidade romana; por extensão, uma das principais ruas de uma cidade ou acampamento romano. Como adjetivo, significa ainda "dado em dizimo", "sujeito a dizimo".

Undecúmano (subst.) — soldado da 11ª legião. Também o composto latino *quadrímanus* tem a variante *quadrímanus*, mas outros só existem com a vogal i: *unímanus* (que tem uma só mão), *centímanus* (que tem cem mãos), *anguímanus* (elefante: mão como cobra).

Em todos eles, o acento condizente com o étimo é o proparoxítono, por ser breve o a de *manus*. V. *Mitômano*.

Dedo - Barulho: *estalar, estrincar, destrincar*.

Defasagem - A palavra *cheira* a francês, mas *agem* é sufixo que em nosso idioma se junta a tema verbal para indicar, entre outras coisas, "ato de": *lavagem, rodagem, passagem*. *Defasagem* é o ato de "defasar", e *defasar* significa "introduzir diferença de fase". Em duas coisas, em dois fenômenos em que não haja sincronismo, proporção, existe *defasagem*: A *defasagem* entre salário e custo de vida sempre aparece na luta antiinflacionária.

Deferimento, Deferir - V. *diferimento, diferir*.

Defeso - Esta forma participial irregular de *defender*, baseada na forma participial latina "defensus", do verbo "defendere", só é usada em nosso idioma no sentido de "proibido": "A pesca por meio de explosivos foi *defesa*".

Deficit - V. *mícron*.

Defluxo - Com "l", e assim *endefluxado*. O "x" pronuncia-se como dois ss.

"Degladiar" - V. *digladiar*.

"Degringolar" - Diz João Ribeiro que este galicismo é "frequente em escritores modernos pela expressividade do vocábulo". Talvez não seja mais expressivo que *esbarrandar*, *derrear*. Os substantivos designativos de ação serão *esbarrondamento* (ou *esbarronda*) e *derreamento* (ou *derreiro*).

Deicida, Deicídio - V. *maritacida*.

Delapidar - Há justificação para a grafia *delapidar*. Não obstante encontrarmos a palavra com "i" em italiano (*dilapidare*), em francês (*dilapider*), em espanhol (*dilapidar*), em inglês (*dilapidate*), o latim traz as duas formas; uma com "i" para indicar atirar pedra, apedrejar, outra com "e" para indicar tirar as pedras, desempedrar.

A distinção gráfica tem seu motivo na formação; com "i" em virtude do prefixo *di* (variante de *dis*), prefixo denotativo de divisão, distribuição (*dispersare*, *dilúere*); com "e", em virtude do prefixo *de*, denotativo, no caso, de privação, falta (*decolorare*, *deformare*, *dearmare*, *dehonorare*).

Exemplo nosso, muito oportuno, temos em *demolir*, onde em vez de *lapis* (pedra) temos *moles*, que também significa "pedra" e está a formar um composto de igual significado ao de "delapidar". Tratar-se-ia de engano de algum copista de outras eras?

Outros exemplos temos em *depenar*, *descamar*, *depilar*, *deplumar*.

Carlos Góis em seu "Dicionário de Raízes e Cognatos" nem de longe toca no assunto, quando no verbete "lap" diz simplesmente: "É seu cognato *de-lap-id-ar* (originariamente retirar pedra por pedra, isto é, arrasar até os fundamentos, sem deixar sequer os alicerces)".

Só a "vantagem prática sem desvantagem científica", como diz Rebelo Gonçalves no vocabulário oficial português ao tratar de "diminuir" (página LXXIII), procedimento censurável e contraditório desse eminente professor, justifica a uniforme grafia com "i", *dilapidar*. Muito bem diz Calepino no "Septem Linguarum", no dar a variante com "i", com o sentido de dissipar, consumir: "sed castigatiora exemplaria habent *delapidato*".

Para terminar, estas perguntas: 1. Por que o vocabulário oficial de Portugal dá as duas formas e o do Brasil só consigna a com "i"? 2. Em que se baseia o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa para dizer "a forma *delapidar*, de largo uso, não é boa"? Apenas no Aulete?

Delenda Carthago - Locução latina que significa "Cartago deve ser destruída". Palavras com que Caíão, o Antigo, ante o florescimento, após a segunda guerra púnica, de Cartago, cidade africana rival de Roma, concluiu todos os seus discursos. Daí o passar a significar "idéia fixa": "Moscou e Londres constituíram o delenda Carthago de Napoleão e de Hitler".

Delgado, Delicado - V. *estadia*.

Déli - Forma, de uso tendente a generalizar-se, do nome de importante cidade indiana.

Delinqüir - V. *abolir*.

Delir - V. *abolir*.

Demais, De mais - O vocabulário ortográfico de Portugal traz, repetindo os verbetes:

demais 1 - adv. mod.: além disso. cf. *de mais*, loc. adv. quant.

demais 2 - adj. 2. gên. e 2. núm.: restante(s). Cf. *de mais*, loc. adv. quant.

Citando duas vezes a palavra, como vocábulos distintos, indica-nos o autor serem diferentes quanto ao étimo; tal foi sempre a orientação dos autores de dicionários.

São realmente palavras de étimo diverso? Não nos parece; a existência de um advérbio arcaico latino "demagis" não pode levar-nos a responder afirmativamente, pois, conquanto numa só palavra escrito, é também ele composto.

O vocabulário ortográfico do Brasil traz uma só vez a palavra:

"*demais*, adv., pron. e adj. 2. gên. e 2. núm. Cf. a loc. adv.

de mais. Nas locuções: *ao demais*, *demais disso*, *pelo demais*, *por demais* etc."

Vocabulários meramente ortográficos nada que ver têm, na verdade, com divergências etimológicas quando a forma gráfica, simplificada ou não, redundava numa única; é desnecessária a repetição.

Somem-se as citações do léxico português, confronte-se o resultado com o brasileiro e tire-se a conclusão: uniformidade entre ambos existe tão só quando mencionam o vocábulo como adjetivo. O brasileiro diz: *demais*, adv. — *de mais*, locução adverbial — Belo esclarecimento! Advérbio de quê? Locução adverbial de quê? Sem a diferença de significado, de que vale a diferença de forma para efeito ortográfico? É ensinar nadar aos peixes declarar que a diferença entre *de mais* e *demais* está tão somente em constituir a primeira forma locução adverbial e, a segunda, advérbio.

O que saber se pretende é quando escrever sinteticamente, quando analiticamente. Quando conjunção (nisto foi omissivo o vocabulário português) e quando adjetivo ou pronome, todos escrevemos uniformemente, com os elementos ligados: "Não lhe obedecemos; *demais* esta ordem é ilícita" (conjunção) — "Os *demais* homens fugiram" (adj. = restantes) — "Os *demais*", "Quanto *ao demais*" (pronome = restante). Mas, com função adverbial como escrever? Rebelo Gonçalves, relator do vocabulário português, especifica: Em forma de locução, quando advérbio de quantidade; num só vocábulo, quando advérbio de modo. Quando nítida for a discriminação de significado, fácil será a discriminação gráfica: "Comprei camisas *de mais*" (quantidade) — "É *demais* nocivo *ao país*" (modo, ou, pela nomenclatura brasileira, intensidade).

Demográfico-sanitário - "Estatística *demográfico-sanitária*" e não "*demógrafo-sanitária*". *Demógrafo* é substantivo; indica o que se ocupa de demografia.

Democrático, democrata - Deve-se dizer *partido democrático*, e não *partido democrata*; um partido é *democrático*, como *democrática* é uma reunião, *democrática* uma lei.

Democrata é substantivo, e não adjetivo; o praticante da democracia, o que a ela pertence é ser, é pessoa, e não qualidade, atributo: "Na América o Partido Republicano tem mais *democratas* que o próprio Partido **DEMOCRÁTICO**".

Demolir - V. *abolir*.

Demorar - V. *verbos que entram em expressões de tempo*.

Denegar - "Não há *denegar*" equivale a dizer "não há recusar", ou seja, não é possível recusar, não é possível indeferir, não é possível negar. O prefixo *de* que entra em *denegar* é latino; o verbo já nos veio formado (lat. *denegare*) e o prefixo *de*, entre outras, tem a significação de "aumentar", como em *deanare*, que significa "amar muito".

Muita gente há que erra no emprego desse verbo, por desconhecer-lhe o perfeito significado, dando à expressão sentido contrário ao desejado.

Denegrecer - V. *denigrir*.

Denigrir - Dicionários e vocabulários oferecem as duas grafias: *denegrir*, *denigrir* (tornar negro, escuro; manchar, macular; *denigrir* a reputação de alguém). O próprio Gonçalves Viana apresenta em seu vocabulário as duas formas, esclarecendo, na forma com *e*, que a conjugação deve seguir a de *prevenir*, ou seja, o "e" passa a "i" nas formas ríotônicas e nas derivadas: *denigro*, *denigres*, *denigre*, *denegrimos*, *denegrir*, *denigrem*.

Já porque o étimo acusa "i" (lat. *denigrare*), já porque na própria forma com "e" esta vogal se transforma em "i" nas flexões ríotônicas, já porque dicionários e vocabulários trazem as duas grafias, a preferência, caso desejemos fixar uma delas, deve ser dada à forma com "i", *denigrir*, tornando-se regular o verbo: *denigro*, *denigres*, *denigrimos* etc.

Importa acrescentar, para justificar essa preferência, que *denigração* e *denigrativo*, derivados do verbo em apreço (aquele para indicar o ato, este o agente), só existem com "i", de acordo com o étimo latino (*nigrum*) e não com o portu-

guês (*negro*). Deixaremos o "e" para *denegrecer*, variante popular do verbo *denigrar*.

Denis - Com "e" na primeira sílaba, com "s" no fim, é como está escrito o nome do sexto rei de Portugal (1261-1325) e fundador da universidade de Coimbra, nos mais antigos documentos do idioma. Também em francês é essa a grafia.

Dente - Barulho: *estalar, estalejar, ranger, ringir, roçar*.

Dente lupus, cornu taurus petit - Locução latina que significa "o lobo ataca com o dente, o touro com o chifre". Expressão de que se serve Horácio para dar a entender que cada qual lança mão de suas próprias armas.

Dentre - V. *dentro*.

"Dentifício" - É solecismo; o certo é *dentifício*; palavra existente desde os romanos, designava "pós para esfregar, arear os dentes".

Dentro, dentre - "Dentro de breve tempo", "dentro em breve", e não "dentre de". *Dentro de, dentro em* são locuções prepositivas em que entra o advérbio *dentro*, formado de *de+intro*, sem nada ter que ver com a preposição *entre*, proveniente do latim *inter*. *Dentre* existe, mas é combinação da preposição *de* com a preposição *entre*; só aparece quando as duas são exigidas: "Dentre todos os alunos saiu vencedor o mais novo".

Deo grátias - Locução latina (pronuncia-se "déio grátias") que significa "graças a Deus". Emprega-se para agradecer a consecução de um objetivo.

Deo juvante - Locução latina que significa "ajudando Deus", "com a ajuda de Deus": "Deo juvante venceremos a empresa".

Deparar - Significa "fazer achar", "fazer encontrar", "apresentar inesperadamente": "Pedi ao padre Santo Antônio que lhe *deparasse* a cabra perdida" (Camilo) — "Qual é no mundo o santo que *depara* as coisas perdidas?" (Vieira).

Constrói-se também com a preposição *com* na aceção de "achar por acaso", "encontrar de repente": "Deparei *com* um pobre homem" (Garrett) — "A seis estádios do mar *depararás com* Feres" (Filinto Elísio).

É o verbo *deparar* também empregado pronominalmente, sempre no sentido de "aparecer inesperadamente", "oferecer-se": "Deparou-se-me oportuna ocasião" — "... a quem se *deparar* fortuna tamanha" — "... se nos *deparasse* melhor sorte" (Rui).

Dependurar - V. *pendurar*.

Depois - É também empregado como conjunção explicativa: "Não o empurrei": *depois*, não estava perto dele no momento da queda.

Depósito - V. *armazém*.

"Depressa" - V. *de certo*.

Deputada - Causa dó a atrapalhão que o elemento feminino traz para as próprias mulheres. *Deputada* é a legítima flexão feminina de "deputado", forma substantivada do particípio passado de "deputar"; dizer que "deputado" não tem forma feminina é o mesmo que dizer que feminino não têm "delegado", "enviado" etc.

Costuma-se, para ressaltar erros graúdos, alegar influência deste ou daquele idioma estrangeiro, como se eles justificassem disparates nossos; mal qual! O *cupido*, o mais das vezes, não saiu de casa para aprender o português sequer.

No inglês, onde com acerto se diz (tradução ad litteram) "Virginia Hamill, notável *decorador*", justificar-se-ia a concordância, ou melhor, a falta de concordância, mas não em português, onde se dirá "Virginia Hamill, notável *decoradora*".

"A vereadora", "a prefeita", "a paraninfa", "a ministra", "a deputada" é que devemos dizer quando a mulher nos referimos. Não flexionar essas palavras é contrariar regras comzinhas de flexão; dizer "o vereador Fulana" é o mesmo que dizer "o professor Maria". O fato de o dicionário trazer "m" depois de um substantivo não quer dizer que ele seja inflexível; compreende o dicionário e dele tira proveito quem é possuidor de algum conhecimento gramatical e, ainda, de certo bom senso e critério de investigação.

Proveniente de forma adjetiva (*prefeito*, a semelhança de *refeito, perfeito, desfeito* e de outros compostos), o nome se substantivou, mas não perdeu a flexibilidade genérica. Se João é *pre-feito*, Joana será *pre-feita*. "A prefeita de Rio dos Peixes" dever-se-á dizer; se o nome dela vier expresso, sem dúvida se continuará a dizer "A prefeita Joana...".

E assim: "Fui eleita deputada" — "Fui dentre todos os deputados A mais votada" — "Foi ela A deputada que mais discursos proferiu" — "A assembléia desta vez não tem nenhum A deputada".

Que língua falamos para dizer "A assembléia desta vez não tem nenhum deputado mulher"?

Dizer "O prefeito Joana" — "O deputado Maria" corresponde a dizer "O deslocado Maria", "O delegado Josefina". Tais nomes são inteiramente suscetíveis de flexão, dada a procedência e caráter morfológicos. Imaginemos, em outros tempos, o despauério "Foi processado o sujeito Maria das Dores". V. *vereador*. V. *paraninfa*. V. *embaixatriz*. V. *consulesa*.

Deputado - Coletivo, quando oficialmente reunidos: *câmara, assembléia*. V. *deputada*. V. *vereador*.

Deriva - V. *a deriva*.

Derivados franceses - Manda Carlos Góis que se diga *semicípio* (*semi, meio; cupa, cuba*) em lugar de *bidê* (*bidet*), mas é substituição, parece-nos, difícil e inútil, como inútil é procurar substitutos para *croché* (*crochet*), *bibélô* (*bibelot*), *atelier* (*atelier*), *chofer* (*chauffeur*), *polaínas* (*poulaines*), *boné* (*bonnet*), *galochas* (*galoches*), *canapé* (*canapé*), *chichê* (*chiché*).

Os idiomas, com todas as atividades e produções humanas, possuem intercâmbio; se devemos rejeitar o inútil, o pernicioso, devemos aceitar o indispensável, o de que necessitamos, o que não temos. As palavras acima só os eruditos sabem que não são genuinamente nossas; o povo com elas já se familiarizou. O que se deve evitar é o desnecessário, o intrometido, como "colibri" em vez de *beija-flor*, "constatar" em vez de *apurar*, "feérico" em vez de *mágico, edênico, maravilhoso*.

Uma observação: A verdadeira pronúncia deveria ser *bidê*, com "e" final aberto; o "o" e o "e" fechados do francês dão "o" e "e" abertos no português; raramente é esse fenômeno falível; *bidê* constitui um desses casos raros, e outras exceções encontramos em *paletô* (*paletot*), *boné* (*bonnet*), *triole* (*triolet*), *chevrolé* (*chevrolet*).

Derivados gregos - V. *genótipo*; V. *cromatossoma*; V. *acentuação*; V. *bólide*; V. *Édipo*.

Derivados ingleses - V. *estilingue*; V. *esprei*.

Derrapar, derrapada - Proveniente do francês, o verbo já se arraigou na linguagem automobilística em lugar de *escorregar*. O substantivo indicativo do ato de derrapar parece estar-se fixando em *derrapada*: O carro deu uma *derrapada* para a direita.

Des...Dis... - São prefixos que não devem ser confundidos. Dada, em nosso idioma, a natural tendência de abrandamento dos sons, escrevemos certo quando o prefixo é realmente *des*, vernáculo, mas erramos quando o confundimos com *dis*, que com "i" deve ser escrito por ser latino, ou seja, por entrar em palavras de cunho nitidamente latino: *dispensar, disseminar*.

Por outras palavras: Enquanto *des* se junta a vocábulos já nossos, quer simples quer existentes em composição com outros prefixos, *dis* se junta dentro do latim, fica invariável antes de *p, q, t, s* seguido de vogal, algumas vezes antes de *r* e de *j*, e perde o *s* (às vezes por assimilação) antes de outras consoantes. Vejamo-los em alguns compostos, agrupados segundo a idéia que lhes trazem:

1. separação, afastamento, divisão, distribuição, seriação:

desabocar	dispersar
desabeirar	distrair
desabelhar	distribuir
descontar	disparar
desformar	discriminar
desviar	difundir
dessubjugar	difração

desulfonar	diffuir
dessumir	dimanar
desolar	dispor

2. privação, negação, oposição:

desleal	distratar
desagradável	dispar
desculpa	disforme (var. <i>deforme</i> , com o pref. <i>de</i>)
desordem	dissimilitude
a desoras	discordar
despavorido	dissuadir
desrazão	difamar
dessemelhança	difícil
discriminar	

3. aumento, intensidade:

desbaratar	dissolver
desfeiar	dissimular
desinquietao	distenso
desnudar	diluição
desinofrido	dilúvio
desinfeliz (pop.)	

Nesta última acepção, *des* perde o "s" em alguns vocábulos (*depririo*, *defraudar*, *demora*, *dearticular*), em outros é indiferentemente usado com ou sem "s": *decair*, *descair*; *desnudar*, *denudar*; *deflorar*, *desflorar*; *deleixar*, *deleixar*.

Casos há em que, precedendo o prefixo *des* palavra começada por "a", este desaparece: *desaparecer*, *despego*, *desatrelar*, *despedidamente*, variantes das respectivas formas com "a": *desaparecer*, *desapego*, *desatrelar*, *despedidamente*. Este paralelismo explica o fenômeno contrário "desassossego", em que o prefixo se junta a um "a" inexistente.

Uma observação final: Não confundamos *dis* latino com *dis* grego, que pode indicar dualidade (variante *di*: *dístico*, *dissilabo*, *divórcio*) ou mau êxito (etimologicamente *dys*): *dispraxia*, *dispraxia* (pron. *dispraxia*), *disquesia*.

Des..., In... - V. *impronunciar*.

Des que - Locução conjuntiva antiquada, equivalente a "desde que", que também escreviam com os elementos juntos:

Sobre mim *desque* vos vi
nam me ficou mais poder.

Desacato A - É regência preferível: Bastava então qualquer dos outros desacatos às coisas sagradas. V. *amor a*.

"Desacoroçar" - É forma popular, por *desacoroçar*, proveniente de *des+coração+ar*, com assimilação do "a" (O espanhol tem *desacorazar*, com igual significação de tirar o coração, a coragem, o ânimo).

O "a" da segunda sílaba explica-se pelo fenômeno comum de acrescentá-lo a nomes para formar verbos: *atrelar*, *assossegar*, *alagar*, *acamar*... *acoroçar*, e daqui *desatrelar*, *desassossegar*... *desacoroçar*.

Firmemos a forma *desacoroçar*.

Desaguar - V. *água*.

Desapercebido - V. *despercebido*.

Desavir - Constituem grosseiros erros flexões como "Eles se desouveram" em vez de "Eles se *desavieram*". O verbo é composto de *vir*, e como este deve ser conjugado: eu me *desavim*, tu te *desavieste*, ele se *desaveio*, nós nos *desavievimos*, vós vos *desaviestes*, eles se *desavieram*; "Ninguém acreditava que eles se *desaviessem* tão logo".

Considere-se, além disso, a não existência do composto "des-a-ver-se" nem de "des-haver-se".

Desbaratar - V. *desinquietao*.

Descarrilar - Esta forma, que hoje vemos com satisfação na imprensa e com admiração ouvimos corretamente pronunciada no rádio, andava, não havia muito, deturpada em "descarrilhar", como se o "lh" dos trilhos devesse ser carregado pelo trem que deles saísse fora. De *carril* mais *ar* só podemos ter *descarrilar*.

Descensão (descida, declive) - Não confundir com *dissenção* (divergência): "... nota-se lenta *descensão* geral para o norte"

— "... os sangüentos vestígios de passadas *dissenções*".

Descobrimto - Assim se diz para indicar o ato de descobrir: o *descobrimto* do caminho marítimo para a Índia. Invenção é que se designa por *descoberta*: as *descobertas* dos últimos anos. Para o *descobrimto* da energia atômica concorreram vários cientistas (a energia atômica não foi inventada) — A energia atômica ocasionou a *descoberta* da bomba atômica — Realizou-se o *descobrimto* da lápide comemorativa.

No dizer de Aulete, "é galicismo charro o emprego de *descoberta* no sentido de ato de descobrir, que em português se diz *descobrimto*".

Descobrir - V. *lossir*.

Descomedir-se - V. *abolir*.

"Descortínio" - Assim não se diz, senão *descortino*, como se diz *destino*, *desatino*, para expressar o ato de *descortinar*.

Descrédito - V. *digladar*.

Descreever - V. *desinquietao*.

Descrição - Não confundir esta palavra, que indica o ato de *descreever*, com *discrção*, que significa discernimento, sensatez. Desta última, o composto *indiscrção*.

Discriminar - Significa absolver; não confundir com *discriminar*, que significa distinguir. Lá o prefixo vernáculo *des*, a indicar privação, negação; aqui o prefixo latino *dis*, a indicar separação, distribuição.

Desculpar, escusar - Ambos os verbos significam perdoar, tolerar, admitir desculpas ou escusas, dispensar. Também quando pronominalmente empregados, esses verbos são sinônimos, apresentando a forma pronominal *escusar-se* outros significados: *eximir-se*, *desobrigar-se*, significados esses que continua apresentando a mais quando empregado como transitivo indireto: A questão escusa de mais provas — Quem manda escusa de pedir.

Regências de *desculpar*: a) (= perdoar): Não o desculpei — O brio e a mocidade desculparam a temeridade do general — Queira desculpar-me ter trocado as chaves — Desculpei-lhe os excessos — Tu é que me não desculparias a inútil cruzada de te dar um espetáculo de angústias — Desculpe-me a demora — Desculpei-lhe a demora.

b) (= pedir escusa): Desculpou-se da demora — Desculpou-se de só chegar àquela hora por ter ido a um chamado.

c) (= justificar): Não soube o pai desculpar a falta do filho — Todo o ingrato é ladino para se desculpar.

d) (= dispensar): Pediu-me que o desculpasse de ir à aula por encontrar-se doente.

Desde há - V. *de há*.

Desjabilidade - V. *desutilidade*.

Desembargador - Feminino: *desembargadora*.

Desembestar - Nada que ver tem com *besta* (ê), animal de carga, senão com *besta* (é), arma de arremessar; *desembestar* é, originariamente, o ato de arremessar a flecha, de despedir do arco; daí o sentido figurado de correr desenfreadamente, partir como uma seta, soltar, arremessar: Desbragava a pena e *desembestava* asselvajadamente o insulto.

Desembreio - A quem se põe a aprender a guiar automóvel, grande estranheza causa um vocábulo, necessário sem dúvida, mas barbaramente formado e variadamente estropeado pelos instrutores das autoescolas. Para indicar o pedal da engrenagem das marchas, substituíam o verbo *desembrear* dizendo "desembreio", com "e" tônico aberto, terminação inexistente em português. O erro toma vulto quando o instrutor diz "desembreio", rimando com *balalaio*, o que é evidente disparate.

Como de *passear* o substantivo é *passeio* (O emprego da primeira pessoa do sing. do indic. pres. é um dos processos de substantivação de nossos verbos), de *desembrear*, verbo existente e corretamente formado, o substantivo deverá ser *desembreio*, com o "e" tônico fechado.

Estamos ainda a tempo de corrigir o barbarismo, mormente se tivermos igual cuidado na conjugação do verbo; eu *desembreio*; *desembreie* mais devagar; você não *desembreia* como eu — sempre com o "e" fechado. V. *debrear*.

Desempenhar-se - V. *desincumbir-se*.

Desfear - V. *digladiar*; V. *desinquieto*.

Desfechar - V. *vexo*.

Desferir - V. *aderir*.

Desformar - É fazer sair da forma (ô); não confundir com *disformar* (tornar disforme).

Desforro (ô), **Desforra** (ô) - Existem estas duas formas substantivas de *desforrar*, uma por influência do simples *forro*, outra por analogia com o brasileiro *forra* (ô).

No Rio Grande do Sul ouve-se *desforra*; a tendência para "ô" é aí grande em virtude de influência alemã.

Desgostos - Em regra geral, as palavras não devem sofrer alteração prosódica na passagem do singular para o plural. Se gosto, com o "o" tônico fechado, pronunciamos no singular, com o "o" igualmente fechado devemos fazê-lo no plural; o plural do composto *desgosto*, que nem sempre ouvimos corretamente pronunciado, deve também com o "o" fechado ser pronunciado: *desgostos*.

Certas palavras, no entanto, existem, que fogem dessa norma, nas quais o "ô" da sílaba tônica, fechado no singular, passa a "o" aberto no plural: aqui está a lista de tais exceções:

abrolho	jogo
cachopo	miolo
caroco	olho
choco	osso
corno	ovo
coro	poço
corpo	porco
corvo	porto
despojo	posto
destroço	povo
escolho	renovo
esforço	rogo
fogo	socorro
forno	tijolo
foro	tojo
forro	torno
fosso	tremoco
globo	troco
imposto	troço

Note-se que em Portugal os substantivos *almoco* e *pescoço* fazem no plural *almócos* e *pescoços*.

Desideratum - V. *microns*.

Desídia, desídio, dissídio - *Desídia* (pronuncie *de-zí-dia*) é palavra proveniente do latim *desidium* (do verbo *desideo*) e significa indolência, ociosidade, preguiça; daí o adjetivo *desidioso* (pron. *de-zí-dioso*), que tem desidia, indolente.

O latim *desideo*, verbo de que provém *desídia*, compõe-se do prefixo *de*, que aqui significa "em", "sobre", e *sédeo*, que significa "sentar-se"; daí o especificar o-substantivo *desídia* o ato de estar sentado, desocupado, ocioso, indolente.

Acontece haver ao lado de *desídia* a forma *desídio* (consignada em Aulete e em mais algum outro dicionário), mas esta variante não deve ser confundida com *dissídio*; ainda aqui o verbo latino é *sédeo* (sentar-se), mas o prefixo é *dis*, que significa separação, afastamento, retirada, donde designar *dissídio* desinteligência, dissensão. É seu cognato *dissidência*, de igual aceção.

Não confundamos, pois: *desídio*, variante de *desídia*, significa indolência; pronuncia-se *de-zí-dio* e tem "e" na primeira sílaba; *dissídio* significa desinteligência; pronuncia-se *di-ádio* e tem "i" na primeira sílaba.

Essa a diferenciação gráfica, etimológica e prosódica dos vocábulos *desídio* (desídio) e *dissídio* (diciídio).

Desimpedir - V. *impedir*.

Desincumbir-se - Não encontramos razões que condenem o emprego do verbo *desincumbir-se* na aceção de "dar conta". O prefixo *des* é aí privativo; a condenar a formação e emprego de *desincumbir-se* ver-nos-íamos obrigados a

não aceitar o verbo *desobrigar-se* na aceção de "dar conta de uma obrigação".

Vejamos o verbo pronominal *desempenhar-se*; acaso não diremos "Fulano *desempenhou-se* desse trabalho"? A construção pronominal do verbo dá-lhe força de "livrar-se", de "executar", ou seja, de privação, como em *desculpar-se* (privar-se de culpa, ficar sem culpa).

Se *desempenhar-se* de significa *dar conta de um empenho* ("Ve-
jamos distintamente quão bem se *desempenhou* Santo Antônio da obrigação de verdadeiro português" — Vieira) e se *desobrigar-se de* significa *dar conta de uma obrigação* ("Perpétua Rosa, que devotamente ia descabeçando a penitência, enquanto a filha se *desobrigava*" — Alexandre Herculano), com que argumentos iremos negar a legitimidade de *desincumbir-se de* na aceção de *dar conta de uma incumbência*?

Désinit in piscem - Locução latina que significa "remata em peixe". Expressão de Horácio em que ele compara uma obra de arte sem unidade a um belo busto de mulher que termine em peixe. Aplica-se a coisas cujo fim não corresponde ao começo, ou a pessoas que prometem muito e fazem pouco.

Desinquieta - Se *desleal* significa "não leal", se *desordem* significa "fora de ordem" e *desagradar*, "não agradar", por que *desinquieta* não significa "não inquieto"?

Nem sempre o *des* significa privação, negação. Em certas palavras aparece para indicar intensidade, reforço; *desinquieta* é uma delas, e significa muito inquieto, sempre inquieto. Outros exemplos em que esse prefixo traz idéia de intensidade: *desnudar*, *desfear*, *desbaratar*, *desperdiçar*, *descrever*, *despedaçar*, *despertar*, *desposar*. V. *Des*, *dis*.

Deslassar (afrouxar) — Não confundir com *deslaçar* (desfazer a laçada, desenlaçar).

Desmedir-se - V. *abolir*.

Desnudar - V. *desinquieta*.

Desobrigar - É realmente curioso; o verbo *desobrigar* possui dois significados praticamente contrários: um de "isentar da obrigação", "tirar de alguém o encargo de fazer qualquer coisa"; outro de "desempenhar a obrigação", "cumprir com o dever", "dar conta de qualquer empresa".

É de notar, porém, o seguinte: Com a significação de isentar da obrigação, de tirar o encargo de fazer qualquer coisa, o verbo é transitivo: *Desobrigar* alguém de alguma coisa — "Desobrigar o soldado do serviço" (Morais). Quando, porém, empregado na aceção de desempenhar certa obrigação, de dar conta de qualquer empresa, o verbo é pronominal: "Desobrigar-se da execução da palavra" (Morais) — "Perpétua Rosa, que devotamente ia descabeçando a penitência, enquanto a filha se *desobrigava*" (Herculano).

Os latinistas devem conhecer o verbo *vacare*, que, mutatis mutandis, assemelha-se ao nosso *desobrigar*. "Vacare militiae" significa "atender ao serviço militar", ao passo que "vacare militia" indica "isentar-se do serviço militar". A mudança de regência traz a esse verbo latino significação contrária.

Desoras - V. *a desoras*.

Despautério - Com "e" na primeira sílaba; provém do francês *Despautère*, por sua vez proveniente de "van Pauteren", autor dos *Commentarii Grammatici*, trabalho repleto de excêntridades.

Despedir - V. *impedir*.

Despejamento, despejadouro - É *despejamento* o ato de despejar ou o simples despejo; é *despejadouro* o lugar de despejo. Idêntico procedimento devemos ter com *acostamento* (ato de acostar: o *acostamento* é proibido naquele trecho) e *acostadouro* (O *acostadouro* está em concerto). Uma é dizer "*acostamento* permitido"; outra "*acostadouro* em concerto", "estrada sem *acostadouros*". Não há dificuldade para entender e pôr em prática essa distinção; a dificuldade está em encontrar no Trânsito quem faça respeitar nosso idioma e a lei do sossego. Erros do vernáculo estão em correspondência com os silvos de apito do tráfego brasileiro.

Despender, dispêndio - Se *dispêndio* é escrito com "i", por que o verbo correspondente se há de escrever com "e"? A pri-

meira vista parece tratar-se de errada troca de letras, mas um rápido exame dessas palavras irá esclarecer a dúvida.

O prefixo de aparece em muitas palavras da língua portuguesa e não deve ser confundido com *des*, que também entra na formação de muitos vocábulos e já foi aqui estudado.

De exprime idéia de:

1. origem: derivar, defluir, decorrer, deduzir;
2. movimento para baixo: dejeção, defluxo, descender, decair, declive;
3. movimento dum lugar para outro: deportar, deduzir, deferir, declinar;
4. oposição: depreciar, derogar, demitir, depor;
5. privação: defunto, demente, deformar;
6. falha, malogro: denunciar, delinquir;
7. aumento, intensidade: denegar, denigrir, detonar, declamar, demonstrar, deplorar.

Dispêndio deve grafar-se com "i" porque vem do latim *dispēndium*; *despender* escreve-se com "e" porque se originou de *depēdere*, verbo da terceira conjugação latina que expressa a idéia de pagar, dar em pagamento, empregar, pesar, pesar menos, ter menos peso (O comércio era feito de balanças que pesavam as barras do metal dado em pagamento); este verbo não deve em latim ser confundido com o seu homógrafo da segunda conjugação *depēdere*, que significa estar suspenso, pender, e do qual nos veio *depende*.

Não é de estranhar o "s" de *despender*, porquanto possuímos casos análogos na língua portuguesa. Assim, temos *descorticação* do latim *decorticationem*, *desnudar* de *denudare*, *deslocar* de *delocare*, *desferir* de *differre*, *desvaricado*, de *divaricatum*, *desporto* do italiano *díporto*, *desmanchar* do francês *démancher*, *desmantelar* de *démanteler*, *despopularizar* de *dèpopulariser*.

De *despender* é derivado *despendedor*; de *dispêndio* temos os derivados *dispensioso*, *dispensiosidade*.

Dispensa, dispensa - Conquanto provenientes do mesmo étimo, assumiram significações diferentes; *dispensa* é um compartimento da residência, quando não um simples armário, em que se guardam gêneros alimentícios para uso doméstico. *Dispensa* significa desobrigação, ato de dispensar.

Despercebido, desapercibido - São palavras diferentes; *despercebido* é o que não é notado, o que não é observado: *Pas-sou-me despercebido esse caso. Desapercibido* significa não provido, não municiado, desprevenido: *Estou desapercibido de dinheiro. V. percebido.*

Desperdiçar - V. *desinquieto*.

Despertar - V. *desinquieto*.

Despir - V. *aderir*.

Despojo (ô) - no plural o "o" é aberto.

Desporto (ô), **Desporte** - Na acepção de divertimento, recreação, exercício ou jogo (ao ar livre geralmente), a palavra foi suplantada por *esporte*, proveniente do francês através do inglês, donde os derivados *esportivo*, *esportista*, *esportismo*.

Desposar - V. *desinquieto*.

Desprazer (desaprazer) - V. *aprazer*.

Desprezável, desprezível - Existem os dois adjetivos. Em *desprezável* aparece o verbo *desprezar* mais no sentido de "não fazer caso de"; é *desprezável* o que não é essencial, o que não se leva em conta, o que não altera, o que não influi.

Já *desprezível* evidencia abjeção, vileza; é *desprezível* o que por si é merecedor de desprezo. V. *rendibilidade*.

Desprezo - V. *amor a*.

Desabor (falta de sabor) - Não confundir com *dissabor* (desgosto). Lá a simples ausência de sabor, a insipidez; aqui a mágoa, o contratempo, o desgosto, o desprazer: *O desabor da fruta* — Sua teimosia tem-me dado mil *dissabores*.

São seus derivados: *dessaborido* (insulso, insípido; o mesmo que *dessaboroso*) e *dissaborido* (triste, desgostoso): *Convidamos com iguarias que nos sabem bem e para eles são dessaboridas* — *Dias dissaboridos* então vivi.

Do estudo da etimologia dessas duas palavras chega-se à conclusão de que a forma deveria ser uma única, constituída da forma já aportuguesada *sabor*, antecedida do corres-

pondente prefixo vernáculo *des*; os dicionários se contradizem, quando não o próprio autor; o uso parece revigorar a distinção apontada de grafia e de significação.

Dessai - Com o acento tônico no ditongo final (de-*sá-i*), este adjetivo, que designa o que é relativo ao Concão (distrito indiano, onde está quase todo o território português de Goa) tem por feminino *descaína*, com acento tônico no "i".

Dessecar (secar completamente) — Não confundir com *dissacar* (cortar, dividir em partes). Ambas as palavras nos vieram do latim já formadas de prefixos e de verbos diferentes.

Dessemelhante - Superlativo sintético: *dissimilimo*.

Destacar, destaque - Palavras portuguesas quando relacionadas com o ato de *enviar* (*Destacar-se* uma força de 10 homens para ir ter com os índios), *desligar*, *separar* (*Destaquei* uma folha do caderno — Em passo moroso *destacou-se* da companhia).

Tacham de galicismo seu emprego com a significação de *distinguir-se*, *sobreelevar-se*, mas, como em tantos outros casos, cabe, e muito bem, esse sentido figurado ao presente: "Cada individualidade, cada peripécia, cada movimento *destaca-se* caracteristicamente na sua realidade e na sua cor" (Rui).

Aceito o verbo, forçoso é que se aceite o substantivo: *pessoa de destaque*.

É possível fugir da increpação: *peessoa eminente*, *autor proeminente*, *professor notável*.

Destratar - V. *distraer*.

Destrinçar - Por influência de *trinchar* pode alguém escrever "destrinchar", o que é errado. *Trinchar* é que significa "cortar em pedaços, repartir em fatias as carnes ou viandas que se servem à mesa: O capitão *trincho*u a perna assada e passou para o seu prato uma alentada porção.

Destrinçar, além de significar explicar, esclarecer, deslindar, é também empregado com a significação de esmiuçar, separar: Roberto tira um cigarro do bolso, desfá-lo e põe-se a *destrinçar* o fumo na palma da mão.

"**Destrinchar**" - É errado empregar esta forma em vez de *trinchar* e de *destrinçar*. V. *destrinçar*.

Destro, destra - A seguir o comportamento em casos semelhantes e a generalidade de dicionaristas e estudiosos do assunto, é melhor que se grafem com "s" (a exemplo de *justo*, *misto* etc.) — com "s" é em francês e em italiano, e no próprio latim já aparecia com "s" — e que se pronuncie *dèstro*, *dèstra*.

Destroço (ô) - No plural o "o" é aberto.

Destruir - V. *bulir*.

Desultório - A nova edição do Aulete procede com muita coerência com trazer consignada com um único "s" a palavra *desultório* (que salta de um lado para outro, não persistente, que não se fixa), obrigando-nos à pronúncia "dezultório". Formado já no próprio latim, o vocábulo deve em português ser pronunciado como vocábulo simples e não como se tivesse sido criado em nosso idioma, onde não temos o adjetivo "sultório" nem o substantivo "sultor". V. *verossímil*.

Desútil, desutilidade - Conquanto pouco usado, desde Cândido de Figueiredo já se encontra em dicionários o adjetivo *desútil*, mas em ciência econômica *desutilidade* não exprime *inutilidade*. Por não ter sede um indivíduo, não se dirá que a água é *inútil*, mas *desútil*, e o fato se especifica por *desutilidade* da água.

Há o radical, há o afixo e, o que mais é de importância, necessidade, que se forme o vocábulo e que sua vida, se não entre o povo, propague-se entre os técnicos que têm dele precisão. Isso prova erudição, e papel precípuo é da língua atender, dentro de suas normas, às necessidades dos que a falam.

O mesmo se diga de palavras como *remotividade* (do prazer), *dolorosidade* (de um sacrifício), *agradabilidade* (de um objeto), *desejabilidade* (de uma coisa), *brasildade* (de uma iniciativa).

Não se pode de um dicionário exigir o registro de todas as palavras possíveis ou um dia necessárias.

Desvairar, desvario - *Desvairar* é hipótese de *desvariar*; derivados: *desvairado, desvairamento*.

De *desvariar* (endoidecer, delirar) o substantivo é *desvario*, com acento tônico no "i".

Desvalido - Tem o acento tônico no "i", quer como participio ou adjetivo participial de *desvaler*: "Que será de mim, só, *desvalido*, e culpado num crime?" (= desamparado), quer como substantivo: "Entre o tropel dos *desvalidos*" (= desgracados, pobres).

Válido e *válido* não devem ser confundidos; *válido* é forma participial nossa, de *valer*; pode ser adjetivo: "... bandeiras dessas aves de Júpiter *válidas* (= favorecidas, estimadas); pode ser substantivo: "Os *válidos* de el-rei" (= favorito, privado).

Válido é forma adjetiva latina: "Uma figura se mostra no ar robusta e *válida* (= potente, vigorosa), "contratos *válidos*" (= legais, com validade), "*válidos* conselhos" (= proveitosos).

Invalído, proparoxítono, é o antônimo de *válido*; é adjetivo ou adjetivo substantivado que nunca se irá confundir com a primeira pessoa do indic. pres. de *invalidar*, "eu *invalido*", paroxítona.

Desvestir - V. *admir.*

Detalhe, detalhar - Já João Ribeiro a afirmar: "É galicismo muito usado...", já Vasco Botelho de Amaral a dizer: "A bem da verdade, *detalhe, detalhar* têm feição portuguesa" — que mais acrescentar? É realmente difícil impor a substituição em "O fato foi *detalhadamente* reproduzido" — "Não há *detalhe* que não revele o pintor" — como difícil é rejeitar a palavra quando temos *talhe, entalhe*. Se de "tailler" o francês fez "détailler", por que do nosso "talhar" não podemos fazer *detalhar* e os correspondentes derivados?

"Detraquê" - Francesismo introneto; corresponde a *adoado, telhado, lunático*.

Deus ex machina (pron. *máquina*) — Locução latina que significa "um deus (que desce, que se apresenta) por meio de uma máquina. Denota a intervenção — a que alude Horácio na Arte Poética — de um deus, através de um raio ou de algum desastre e por meio de algum mecanismo que vai produzir o barulho da intervenção — geralmente para matar uma personagem da qual o autor quer livrar-se para facilitar a seqüência da peça.

Deus nobis haec ótia fecit - Locução latina que significa "foi um deus que nos proporcionou este descanso". Palavras de Virgílio (Éclogas), que podem aplicar-se a um recanto pitoresco ou a uma situação cômoda.

Deuterônio - V. *íonio*.

"Devaluação" - Barbarismo revoltante constitui o emprego dessa palavra ("devaluação dos produtos nordestinos") por *desvalorização*. Por existir a forma em inglês ou em francês vamos atropelar a nossa?

Devem-se interpretar - A concordância verbal de orações passivas em que entra "se" exige cuidado quando além do verbo principal há um infinitivo; o sujeito é ora o substantivo, com o qual o verbo principal concordará, ora o próprio infinitivo, e neste caso o verbo principal ficará no singular. De um meio prático podemos valer-nos: apassivar a mesma oração com o verbo *ser*; se o verbo for para o plural, para o plural irá o verbo principal da oração apassivada com o *se*; no singular ficará, se tal não se verificar.

"As instruções *devem ser* interpretadas" — não é assim que dizemos, com *devem* no plural? Logo: "*Devem-se* interpretar as instruções", com o verbo principal no plural.

Um exemplo em que não se pode levar o verbo para o plural: "*Procura-se* anular as nomeações", porque jamais diremos "As nomeações *procuram ser* anuladas". Neste caso, o sujeito é o infinitivo *anular* e não o substantivo plural, pois este é incapaz de praticar a ação de *procurar*.

Devendo ser - De outra forma não poderão ser redigidos estes textos: "*Devendo*, por isso, *ser* postas em prática todas as medidas" - "*Devendo* ser remetido o questionário e a carteira".

O verbo *ser*, na forma infinitiva, não poderá flexionar-se nesses casos. *Dever ser* é locução verbal, e nas locuções verbais cabe a flexão ao primeiro verbo e não ao segundo. Conjuguemos, por exemplo, a locução verbal "poder escrever" no indicativo presente; teremos: *posso escrever, podes escrever, pode escrever, podemos escrever* etc., com o infinitivo sempre inflexível; no gerúndio a forma será *podendo escrever*. O gerúndio (terminologia gramatical brasileira) não tem plural em nosso idioma; *devendo*, quer se refira a sujeito singular, quer a plural, será sempre assim escrito, e ao infinitivo *ser* não cabe flexão nenhuma, seja qual for a ordem dos termos da oração, a menos que se pretenda incurrir em grave erro de conjugação.

"Dever" - Se o leitor disser "deveres escolares" como quem diz "deveres profissionais", "deveres conjugais", para indicar conjunto de obrigações, procederá bem. Empregar, no entanto, essa palavra com o significado de "tarefa", "trabalho" (Este aluno não trouxe seu dever — Vocês devem fazer seus deveres como ensinei — Meus filhos fazem sempre os deveres que os professores passam) é cometer erro, é falar francês e não português.

Devir, Devenir - *Devir*, quer verbo (tornar-se, vir a ser), quer substantivo (mudança ou série de mudanças por que passa um ser), é forma justificável quando considerada formada em português (*de + vir*) e não derivada do latim *devenire* como procedeu o espanhol, o francês e o italiano.

Dez - Coletivo (grupo ou total composto de dez unidades): *dezena. Dez anos: década, decênio*.

Dezesseis, Dezessete - Escrevamos *dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove*; deixemos as formas "dezasseis", "dezassete", "dezaioito", "dezanove" para os amantes de quinquilharias.

Dia primeiro - O primeiro dia do mês é sempre indicado pelo ordinal; não se deve dizer "no dia *um* de maio", mas "no dia *primeiro* de maio", "*primeiro* de abril", "antes de *primeiro* de janeiro".

Diabete - O que justificaria a grafia *diabetes* seria ter a palavra sido já empregada nessa forma em latim (*diabetes, ae, masc.*), mas o latim assim procedia com muitas outras que terminassem em *es, is, us, os* (*Sócrates, pirâmis, cometas, Orpheus, Athos, Neápolis, análisis, phasis, phrasis*), palavras que tiveram formas diversas em português, sem uniformidade de comportamento. O fato de em grego uma palavra terminar em *es* não significa que essa deva ser ou necessariamente seja a terminação portuguesa. Terminam em *es* em grego, mas em nosso idioma estas palavras são: *halteres, heftémere, húde*. A verdade é que não é da índole do português terminarem as palavras em *s* no singular. Se ora a índole da língua nos serve de guia ortográfico, outras vezes o uso mais geral, praticamente incorrigível, deve servir-nos de critério. Enquanto no vocábulo *repentes* do Vocabulário de Lisboa diz "É a forma que se deve empregar em vez de *repenta* ou *repente*, no vocábulo *cacoete*, de igual terminação e gênero em grego que a anterior, nada vem expresso.

Do estudo dos muitos nomes comuns que nos vieram de formas gregas em *s* parece que a terminação "e" é que deveria ser adotada. Se a palavra do nosso verbete já existia no latim, é por isso palavra popular? Não chega ela ao povo através dos médicos? Não podem estes enquadrá-la na classe das muitas outras que usam sem o *s* final?

O gênero não oferece dúvida; é a palavra masculina em grego, masculina em latim; masculina, pois, deve ser em português: o *diabete*.

Diacho - V. *que diabo*.

Diagrama - V. *diagrama*.

Dialeto brasileiro - V. *língua brasileira*.

Diálogo - O prefixo que entra nesta palavra é *diá*, que indica "movimento através", e não *di* (variante de *dis*), que indica "dualidade". Esse o motivo por que o diálogo pode efetuar-se entre várias pessoas ou grupos e não exclusivamente entre dois indivíduos.

Dias atrás - V. *há dias*.

Dias da semana - À onomástica da igreja católica é que se de-

ve o não seguir o português a designação dos dias da semana de outros idiomas. Os babilônios, os primeiros a observar o céu e a atribuir aos planetas o destino do homem, dividiram a semana em sete dias e os consagraram ao sol, à lua e aos planetas. Desse procedimento é que partiram, trazidos da mitologia latina mas baseados diversos deles em formas escandinavas, os nomes ingleses *Sunnandaeg* (day of the Sun, dia do sol), *Monday* (*Monandaeg* (day of the Moon, dia da lua), *Monday*; *Tysdaeg* (dia do deus da guerra), *Tuesday*; *Wodnesdaeg* (Othinsdagr, dia de Mercúrio), *Wednesday*; *Thorsdagr*, *Thunresdaeg* (day of Thunor, deus do trovão), *Thursday*; *Friatag*, *Frigedaeg* (dia de Frigg, deusa, mulher de Othin ou Wodan), *Friday*; *Saeterdaeg* (dia de Saturno), *Saturday*; correspondentes aos nomes alemães *Sonntag*, *Montag*, *Dienstag*, *Mitwoch*, *Donnerstag*, *Freitag* e *Samstag*.

Tirando da denominação da Igreja apenas *Dimanche* (Dominica dies), os franceses seguiram o procedimento babilônico em *Lundi* (Lunae dies), *Mardi* (Martis dies), *Mercredi* (Mercurii dies), *Jeudi* (Jovis dies), *Vendredi* (Veneris dies), *Samedi* (Saturni dies).

Procedimento equivalente encontramos em italiano e em espanhol: *Lunedì*, *Lunes*; *Martedì*, *Martes*; *Mercoledì*, *Miércoles*; *Giovedì*, *Jueves*; *Venerdì*, *Viernes*; *Sabato*, *Sábado*; *Domenica*, *Domingo*.

Portugal adotou a designação da Igreja e daí a palavra *feira* nos dias de trabalho; se no latim clássico "feriae, arum" eram os dias de festa ("ferias custodire", observar as festas) ou de descanso ("feriae forenses", férias dos tribunais), a palavra passou a indicar os dias de trabalho porque o comércio exercido nesses dias desnaturou as feiras, e o *sábado* (do hebraico *shabbath*) é que passou, através do latim *sabbatum* e de acordo com a significação do hebraico, a indicar o dia de descanso. *Domingo* (do lat. "dominica dies") passou a ser o dia em que o Senhor descansou, segundo o Gênesis, cap. II, 2.

Na impossibilidade de considerar festivas todas as "feiras" a humanidade parece querer preservar o sentido etimológico de *sábado* e de *domingo*, descansando aquele por conta própria, este por inspiração do Senhor. A verdade é que em todos esses nomes vemos a persistência histórica a vencer teimosamente a falta de sentido das palavras... e da vida.

Diástase - Proparoxítono, feminino.

Dicotiledôneo - É adjetivo; o feijão é dicotiledôneo, porque tem dois cotilédones (Este nome é que é substantivo; o gênero, para seguir a maioria dos dicionários e o vocabulário de Portugal, é o masculino).

Dicotiledôneas, no plural, é a forma substantivada, plural, para indicar o grupo de plantas que apresentam dois cotilédones, do mesmo modo que *compositas*, *rosáceas*, *oleaginosas* etc. são formas substantivadas femininas, plurais, que indicam todas as plantas dessas famílias. Estão substantivadas no plural, mas podemos empregá-las no singular para indicar uma planta da família, do grupo: O girassol é uma composta, o bambu é uma gramínea, o feijão é uma dicotiledônea (ou: o feijão é dicotiledôneo).

Mutatis mutandis, o mesmo se passa com *monocotiledôneo*.

Diem perdidit - Locução latina que significa "perdi o dia". Assim dizia Tito, imperador romano, quando passava o dia sem ter praticado uma boa ação.

Dies irae - Locução latina que significa "dia da ira". É o dia do juízo universal: Crimes que só no *dies irae* serão julgados.

Difamar - V. *digladiar*.

Diferenciar - Porque ninguém diz *diferenciação* nem *diferenciativo* nem *diferença* e sim *diferenciação*, *diferenciativo*, *diferencial* (cálculo *diferencial*), não há discutir sobre a preferência da forma generalizada *diferenciar*.

Se a língua se presta com a maior facilidade à formação de novos verbos, não menos é verdade nela existirem desinências e terminações variadas e parecidas para a formação dessa classe de palavras. Nascida do enxurro do latim, não tem nossa língua terminações e processos fixos para o caso,

o que torna difícil e suspeita qualquer doutrinação tendente a fixar esta ou aquela desinência para uma forma infinitiva.

Por que e como dizer que *diferenciar*, com "i", é erro? Acaso a ausência do "i" no substantivo deve obrigar-nos à exclusão dessa vogal no verbo? De *presença* não tivemos *presenciar*, com "i", e *licenciar* não vem de *licença*?

Se incerteza existiu e persiste na sufixação dos próprios substantivos (*sofrença* e *sofrimento*; ainda possuímos *nascença* e *nascimento*), incerteza que ao uso cabe extinguir mais do que à doutrinação impensada ou à imposição de vocabulários oficiais, não podemos levianamente preterir uma forma para preferir outra.

Vejam-se, ainda, as terminações *ência* e *ença*; designativas ambas de ação, ora aquela (*falência*, *existência*, *potência*) ora esta (*parecência*, *malquerência*) se pospõe para a formação de substantivos.

O perigo de incoerência manifesta-se e logo se patenteia nos próprios derivados do verbo em apreço; relegar *diferenciar* é não aceitar *diferencial*, *diferenciação*, querer ressuscitar "diferencar" é teimar contra fatos que se justificam à plena luz do idioma. V. verbos terminados em *EAR* e em *IAR*.

Diferimento, Diferir - Não confundir com *deferimento*, *deferir*. *Diferir* é adiar, protelar; *deferir* é atender, ceder, conceder, condescender, aprovar, outorgar. *Difere-se* um encontro, *difere-se* a saída; *defere-se* um requerimento, *defere-se* uma regalia, *defere-se* um prêmio. Quanto à conjugação, veja *aderir*.

Diffíciles nugae - Locução latina que significa "nugas difíceis", ou seja, ninharias que exigem esforço e tempo: Ocupar-se com *diffíciles nugae* — com bagatelas que demandam sacrifício.

Difluir (difundir-se) - Não confundir com *defluir* (manar). Lá o prefixo *di* (variante de *dis*, que vimos em "des, dis"), aqui o prefixo *de*, tratado em "despender".

Digerir - V. *digladiar*. Quanto à conjugação, veja *aderir*.

Dígit - De letras constituem-se as palavras, de algarismos os números, de letras, algarismos e ainda de outros sinais pode constituir-se uma informação.

O número que expressa a licença de um carro é hoje entre nós constituído de letras e algarismos; assim sempre disse-mos: "letras e algarismos". Por que agora, numa demonstração de falta de personalidade linguística, passarmos a dizer "letras e dígitos"? Nas placas dos veículos, nos mostradores dos computadores, algarismos é que ocorrem, e não dígitos; de igual forma, um relógio não expressa as horas por "dígitos" arábicos, por "dígitos" romanos, senão por *algarismos* arábicos, por *algarismos* romanos.

Temos a palavra *dígito* em nosso vocabulário, não porém com esse emprego. Quando dizemos "número dígito" empregamos a palavra como adjetivo, para indicar "número de um até dez": "7 é um número dígito". Temo-la também como substantivo no uso poético por *dedo*; e ainda em astronomia, para indicar uma das doze partes iguais em que se divide o diâmetro aparente do sol ou da lua nos cálculos dos eclipses. O que não temos é a palavra com a significação pura e simples de *algarismo*. Com segurança, clareza e personalidade digamos: "Preciso de um computador de mais *algarismos*".

Digladiar - Da confusão entre "i" e "e" queixam-se todos os que se esmeram em bem escrever o português. Cremos a muitos escritores assentar bem esta reclamação de João Ribeiro: "Devo lembrar que freqüentemente na imprensa aparecem erros tipográficos que não deixam perceber se o autor emprega corretamente um ou outro prefixo da mesma natureza.

Eu sempre empreguei *digladiar* — continua João Ribeiro — e com desprazer vejo que imprimem "degladiar".

Outros erros comuns são freqüentes: "discrédito" (errado) por *descrédito*, e, assim, "dessimular" (errado) por *dis-simular*. São pequenas nugas que pouco valem e não afetam o sentido dos vocábulos.

Claro está que só merece reparos o erro grosseiro como o

de *deferir* (adiar, protelar) por *deferir* (conceder, aprovar), que aparece nos requerimentos.”

Vê o leitor quão largas eram as mangas do saudoso professor nesse assunto de purismo ortográfico: “nugas que pouco valem”. Valem tão pouco que o próprio latim às vezes confundia, escrevendo *diminüere* em vez de *diminüere*.

O descuido, entretanto, em português, pode levar-nos a erros, se não em palavras começadas por esses prefixos (“de-imir”, quando o certo é *dirimii*), em outras em que, às vezes invariavelmente, vemos um “e” quando ao “i” cabia estar: *previlégio*, *premitivo*, *discreção*, *discrecionário*, *letigio* (erradas), em vez de *privilégio*, *primitivo*, *discrição*, *discrecionário*, *litigio*.

Outras vezes, o contrário se opera: *lígítimo*, *proviniente*, *impeçilho* (formas erradas), em vez de *legítimo*, *proveniente*, *empeçilho*.

Se no estudo de línguas estrangeiras sempre temos na frente os seus dicionários, com maior razão devemos fazê-lo quanto ao português. Evitar-se-iam não simples nugas ortográficas, mas verdadeiras cacografias.

Digrama - Não se confunda com *diagrama*, em ambos os vocábulos entra o nome grego *grama*, que significa *letra*, mas no primeiro o prefixo é *di*, que significa dois, e no segundo *diá*, que quer dizer *através*, *por meio de*. *Digrama* é o conjunto de duas letras para representar um único fonema — é sinônimo de *dígrafo* — ao passo que *diagrama*, palavra que substitui perfeitamente o galicismo *croquis*, indica *traçado*, *esboço*, *bosquejo*, *delineamento*, *representação de um objeto qualquer por meio de linhas*.

“Dilapidar” - V. *delapidar*.

Diletante - De origem italiana, é seu primeiro significado “amador de belas artes, especialmente de música”. Secundariamente é que indica “pessoa que exerce uma arte ou ocupação exclusivamente por gosto”. O plural é *diletantes*. É seu derivado *diletantismo*.

Dilúculo - “Hora dilucular” é expressão que tem sentido: hora do dilúculo, ou seja, do crepúsculo matutino, do primeiro alvor do dia; dizer, porém, “guerra dilucular” não nos parece acertado.

Dinheiro - Coletivo: *bolada*, *bolaço*.

Dinossauro - *Dinossauro*, *ictiossauro*, com dois *ss* pela ortografia oficial. Esses e outros compostos semelhantes criaram-se no vernáculo. Como de “soar” temos *ressoar*, com dois *ss*, para que, de acordo com as leis ortográficas vigentes, se indique o som forte do primitivo, assim também de “sauro” (que existe independentemente em *sáurio* = lagarto, designação da subordem dos répteis saurofídeos) temos *dinossauro* (“deinós” = terrível), *ictiossauro* (“ichtys” = peixe), com dois *ss*.

Dio - Com “o” final, é a forma do nome de uma cidade da Índia Portuguesa e de outra da província grega da Eubéia.

Diodoro - A forma grega *Diódoros* e a correspondente latina *Diodórus* é que justificam e recomendam a forma portuguesa com “i”, provinda de *Dios*, que entra em *Diomedes*, *Diógenes*, *Diófanto* e em outros nomes próprios. O ser *Deodoro* a forma generalizada deve-se à confusão com *Teodoro*. Enquanto nesta o primeiro elemento é o grego *Theós*, naquela forma é o grego *Dios*, genitivo de *Zeus*.

Diplófase - V. *anáfase*.

Diploma - Não implica existência de prêmio; haja ou não prêmio, o diploma é um certificado: ou certificado de que a pessoa ganhou determinado prêmio, ou, simplesmente, de que participou de competição.

Fugiu a palavra — e isto não é novidade lingüística — do significado etimológico de “duplicado” (do gr. *diplóos*, duplo), ou seja, “além do prêmio um certificado”; não somente pode prestar-se para referência a prêmio ou competição, senão para comprovação de mera habilitação, de simples contrato, de conferência de cargo, de outorga de dignidade, mercê ou privilégio: *diploma* de sócio, *diploma* de professor, *diploma* de cidadania, *diploma* de deputado, *diploma* de doutor. Pode, até, por extensão, indicar simples reconhecimento de uma situação: “... circunstância que lhe valeu para

logo um *diploma* de inocência”.

Dipsade - V. *mónade*.

Direito - Em “sente-se direito, menina”, *direito* é advérbio; não varia: *Pense direito*, *minha filha* (corretamente, acertadamente) — *Elas não agiram direito*.

Ainda como advérbio, significa “em linha reta”, “sem desvio”: *Esta avenida leva-a direito à cidade* — *Elas foram direito ao assunto*.

Direito não é nesses casos predicativo senão advérbio, indicativo de modo; advérbio que é, não pode flexionar-se.

Diretiva - Existe como adjetivo (= que dirige ou pode dirigir: Pouco importará a força *diretiva* se a não acompanhar a coativa), não porém como substantivo. Usam-no por influência do francês; é melhor que a traduzamos por *norma*, *diretriz*, *linha*: “Tem ainda caráter, corresponde a uma *linha* (norma, diretriz) da consciência católica”.

Diretor, Diretriz - V. *inspiradora*.

Dirimir - V. *digladiar*.

Dis-moi ce que tu manges, je te dirai qui tu es - Locução francesa que significa “diz-me o que comes, dir-te-ei quem és”. As possibilidades econômicas, de inteligência e de caráter de uma pessoa podem ser evidenciadas pelo que come.

Discernir - V. *abolir*.

Disco (gravacão) - Coletivo: *discoteca*.

“Discrédito” - Corrija-se para *descrédito*.

Discretivo (que distingue; próprio para discernir) — Não confundir com *descriptivo* (que descreve).

Discrição (discernimento, sensatez) — Derivado: *discionário* (arbitrário, caprichoso), com “i” na sílaba inicial e “i” na segunda. Não confundir com *descrição* (ato de descrever; exposição).

Discriminar (distinguir) - Não confundir com *descriiminar* (tirar a culpa, absolver).

Disferir (dilar) - Não confundir com *desferir* (fazer vibrar).

Disformar (tornar disforme; deformar) - Não confundir com *desformar* (fazer sair de forma, da linha de formatura).

Disfunção - A palavra, que significa alteração da função, dificuldade de função, é com “i”, visto tratar-se do prefixo *dis*, que em muitos vocábulos entra para indicar alteração, dificuldade, resultante de qualquer anomalia: *disfagia*, *dispnéia*. O composto é híbrido, mas a necessidade o justifica.

Disjecti membra poetae - Locução latina que significa “os membros dispersos do poeta”. Assim se expressa Horácio quando diz que os versos ficam estropeados ao serem traduzidos em prosa.

Disjungir - *Disjunção*, *disjuntivo*, *disjunto* escrevem-se com “i”; com “j” devemos escrever o verbo *disjungir*. Não há motivo para fazê-lo com “e” na sílaba inicial, ou seja, no prefixo. A palavra já nos veio formada do latim; só a confusão com *desunir*, *desligar* ou com alguma outra palavra nossa formada do prefixo *des* poderá explicar o comportamento de dicionários trazerem as duas formas, praticamente com a mesma significação: desprender do jugo, tirar do jugo, soltar da canga, desatrelar, desunir, separar.

Os que lidam com canga são geralmente analfabetos; não é de admirar que tenham corrompido *disjungir*. Se o mesmo não fizeram com as formas deles desconhecidas *disjunção*, *disjuntivo*, *disjunto*, não nos deixemos levar pelo estropeamento da palavra cognata.

A incongruência se confirma quando verificamos que alguns dos dicionários que trazem “desjungir” não trazem “desjuntar”, mas só *disjuntar*, no que agem com correção.

Disjuntar - V. *disungir*.

Dismnésia - V. *amnésia*.

Dispar - É paroxítono; o plural é *díspar*es.

Disparate - Coletivo: *apontadoo*.

Dispêndio - V. *despender*.

Dispensa - V. *despensa*.

Displcência - Tem como legítimo e primeiro significado o de “desprazer”, “desagrado”, “aborrecimento”, proveniente que é de *dis* mais *placere*: “As letras são mui ocasionadas à estimação própria e, portanto, convém pendurar-lhes o

peso de alguns vexames e *displícias*, bem como a abelha, levando os seus cabedais para o favo, toma nos pés uma pedrinha que a assegure contra o vento" (Bernardes).

O espanhol parece ser o culpado da intromissão do sentido de "pouco caso".

Displicuit nasus meus - Locução latina que significa "o meu nariz desagradou". Emprega-se quando alguém é vítima de um capricho ou arbitrariedade.

Dissentir - V. *aderir*.

Dissídio - V. *destádio*.

Dissimilação - V. *in...*; V. *regimental*.

Distratar, Distrato - Caso semelhante ao de *disjungir* está ocorrendo com *distratar* na acepção de "anular ou desfazer um contrato, um pacto". O verbo já existe no latim e do latim nos veio acompanhado de *distrato*.

Destratar, com "e", é brasileirismo que tem sua justificação etimológica quando empregado no sentido de "insultar", "maltratar com palavras". No derivado latino temos o verbo latino *traho*, cujo supino é *tractum*, antecedido do prefixo também latino *dis*, que aparece em *distratir*, ao passo que em *destratar* temos o nosso prefixo negativo *des* a anteceder o verbo também nosso *tratar*. Uma coisa é dizer *distrato* (ato de anular um pacto), outra é dizer *destrato* (ato de ofender).

Distributivo - Temos aqui mais uma palavra a exigir cuidado, duplo cuidado: um de a grafarmos sempre com "i" na primeira sílaba, outro de não colocarmos "i" após a sílaba "bu". *Atributivo, constitutivo, construtivo, destrutivo, diminutivo, estatutivo, institutivo, obstrutivo, retributivo, substitutivo* escrevem-se sem "i" antes de "tivo" por inexistente no radical. Limitemos o erro a "contributivo", que surgiu para viver ao lado do legítimo *contributivo*.

Distrito Federal - Sigla oficial: *DF*, sem ponto final.

Divergir - V. *aderir*.

Diversos, Diferentes, Vários - No plural, são palavras sinônimas, mas se antepostas a substantivo são apenas indefinidos, sinônimos de *muitos*; se pospostas, são realmente adjetivos, sinônimos de *distintos*.

É fácil ver a diferença de significação destas expressões:

INDEFINIDOS	ADJETIVOS
<i>diferentes</i> homens	homens <i>diferentes</i>
<i>várias</i> bebidas	bebidas <i>várias</i>
<i>diversos</i> casos	casos <i>diversos</i>

Divertir - V. *aderir*.

Divide et impera - Locução latina que significa "Divide para reinar". Preceito estabelecido por Machiavel, era sempre repetido por Luís XI, de França, seu contemporâneo: *Diviser pour regner*. É a máxima favorita dos que governam.

Dividendo - V. *para esclarecer*.

Divinópolis - V. *Indianópolis*.

Divisão silábica - V. *partição dos vocábulos*.

Divisas - V. *investir*.

Dixi - Forma verbal latina que significa "disse", "tenho dito"; com ela se dá por terminado um discurso.

Diz, Dize - V. *trazer*.

Dizer, Falar - É desanimador o que se passa em São Paulo com a língua portuguesa. Dentre outros, erro que se vem cada vez mais firmando é o de empregar a todo o instante o verbo *falar* em vez de *dizer*: Que é que você "falou" para ele? — Eu não "falei" isso.

Não, isso não é português. Como transitivo, *falar* significa:

a) articular palavras, exprimir por meio de palavras (transitivo direto): Ele fala a linguagem do povo — Não falamos a mesma língua. Neste sentido pode ser empregado intransitivamente: Essa criança não fala — Ele já não falava quando o médico chegou.

b) discursar, discorrer (indireto, com *de, em*): Ele falou de você — Não fale nessas coisas — Ele falou em partir. No sentido de discursar pode ser intransitivo: O orador falou muito bem — Esse deputado não fala; só lê.

c) conversar, dialogar, ter entrevista (ind. com *com*): Vou falar com meu pai — Não fale com o motorista.

d) dirigir a palavra (ind. com *a*): Falei a todos com a mesma franqueza — Falar ao povo — Para mim ele é um estranho, pois nunca me falou — Não me fale nisso — Isso fala ao meu coração.

e) combinar, ajustar (trans. dir.-ind.): Foi isto o que falei com ele.

Quando, porém, o sentido é de DECLARAR, ENUNCIAR, o verbo *dizer* é que deve aparecer: Diga-me aqui uma coisa: — Chega-te à sombra do meu corpo, disse-lhe o patriarca — Não diga nada a ele — Ele disse umas tantas coisas incompreensíveis — A testemunha *disse* que vira o réu no lugar do crime — Eles *disseram* que eu os estava remedando — Em verdade vos *digo* que para esse já não há perdão — Escreveu aos parentes e *disse* a sua opinião — *Dizem* os historiadores que... — Coisas mais estranhas ainda das que *digo*, nesta terra vereis — *Diga-me* o que ele *disse* — *Diga* a seus pais que você me aborrece.

Outros sentidos tem o verbo *dizer*:

celebrar: O padre ainda não *disse* missa hoje.

explicar: Quer *dizer-me* o que é isso?

pedir, mandar: *Digam* a minha criada que vá chamar o médico.

pensar: Eu já não *digo* isso.

Outros mais significados tem, o que denota que *dizer* é que deve aparecer mais frequentemente na fala, mas em São Paulo o contrário é que se verifica, e de tal forma que o paulista é no Rio facilmente identificado pelo constante emprego errado de *falar* em vez de *dizer*.

Quem, ao *falar*, diz "falar" no grupo de exemplos que ilustraram o emprego de "dizer" *fala* errado. Não devemos *falar* à moda dos paulistas para que ninguém *diga* que *falamos* errado. O certo é *falar* como ouvi ontem: "Falei com ele mas não *disse* nada".

Não pensem ser isso problema ou capricho; precisamos desses dois verbos, como os outros idiomas os têm por necessidade e como ainda os outros idiomas e o nosso têm *ouvir* e *escutar*, *ver* e *olhar*: *Escutei* a voz, mas não *ouvi* o que *diziam* — *Olhei* bem mas não *vi* nada.

Além desses verbos precisamos é de escolas ou, se estas existem, de mais aulas do idioma falado nesta terra, mas aulas de gramática e não de lingüística, de história do idioma, de literatura. V. *falar*.

Dizer que - V. *pedir que*.

Dizque-dizque - Do que se deduz do dicionário do Fonseca, com um só hífen escrevia João Ribeiro a palavra. Tivessem tirado também esse hífen, e ninguém duvidaria do plural *dizquedizques*.

Dó - É palavra do gênero masculino: Tenho *muito dó* - *O dó* que você sente.

Dó, Ré, Mi... - As notas musicais provieram das primeiras sílabas desta estrofe:

ut queant laxis
resonare fibris
mira gestorum
fámuli tuorum,
solve polluti
labii reatum.
sancte iohannes.

Tradução: Para que teus servos possam cantar em plena voz o maravilhoso dos teus feitos, purifica-lhes os lábios poluídos, ó São João.

Encontra-se o texto latino no Missal Cotidiano dos Fiéis, dia 24 de junho, natividade de São João Batista. Na época de Guido de Arécio, monge beneditino italiano, estava em vigor o sistema dos hexacordos (escalas de seis sons, constantes de dois tons, um semitono e dois tons, como dó, ré, mi, fá, sol e lá), abandonado em seguida quando se voltou ao sistema das oitavas ou escalas de oito sons.

O Hino de São João apresentava a seguinte particularidade: a primeira sílaba do primeiro verso — *ut* — era cantada

na entoação da primeira nota do hexacordo; a segunda — *re* — afinava-se pela segunda, e assim por diante, até a sexta. Destacadas as sílabas iniciais e cantadas sucessivamente na entoação adequada, reproduziam o hexacordo. Guido de Arécio aproveitou-se dessa particularidade com o fim de fixar na memória dos meninos a entoação daqueles sons para que servissem de ponto de referência no canto dos demais trechos litúrgicos. A série de sílabas iniciais funcionava, portanto, como se fosse um diapasão. Com o andar do tempo, tais sílabas passaram a denominar os sons do hexacordo, substituindo a denominação alfabética.

A denominação da sétima nota — *si* — apareceu mais tarde quando se voltou ao sistema das oitavas, possivelmente como reunião das iniciais de Sancte Ioannes. Posteriormente, por motivos vocais, a sílaba *ut* foi substituída pela sílaba *do*, de uso universal, exceto na França, onde permanece a denominação antiga. *Do* provém provavelmente da primeira sílaba de *Domi* (João Batista Doni), nome do autor da substituição, operada alguns séculos mais tarde.

Do ut des - Locução latina que significa "dou para que des". Equivale a "toma lá, dá cá", "uma mão lava outra".

Dobre, dôbro - *Dobre* (pronuncie *dôbre*) usa-se como adjetivo na acepção de *duplo* ("Dobre morte ao cavalo e ao cavaleiro"), de *fingido*, que *idade as duas partes* (Animo *dobre*, espia *dobre*); como substantivo para indicar o dobrar dos sinos por finados: "Cuidou escutar o *dobre* fúnebre dos sinos de Santa Cruz".

Doce - Tem dois superlativos sintéticos; na acepção de "que tem sabor como o do açúcar", *docíssimo*: leite *docíssimo*. Na acepção de suave, benigno, feliz, que agrada aos ouvidos, ao espírito, emprega-se geralmente *dulcíssimo*: voz *dulcíssima*, *dulcíssimas* ternuras, o *dulcíssimo* nome de Maria, *dulcíssimas* lembranças.

Dócil - Superlativo sintético: *docilmo*, *docilíssimo*. É estranhável e de raro emprego, e somente alguns dicionários trazem *docilíssimo*; o latim, no entanto, tem a forma em *issimus*.

Doctus cum libro - Locução latina que significa "douto com o livro". Aplica-se a quem não tem idéias próprias.

Doesto (ê) - Os dicionários são acordes em indicar que o "e" é aberto. Também o significado está a exigir cuidado; de *de* mais *honestare* tivemos *doestar* (depreciar a honestidade, vituperar), e daqui *doesto*, substantivação da primeira pessoa do indicativo presente, para significar injúria, acusação desonrosa.

Doge - Talvez em virtude do pouco uso, três formas disputam o feminino: *dogaresa*, *dogarressa*, *dogesa*.

Doido - Aumentativo: além da forma comum *doidão*, temos *doidarraz*, *doidarrão*.

Dois - Coletivo: — animais ou pessoas de sexo diferente: *casal*;

— animais ou pessoas do mesmo ou de sexo diferente, ou duas coisas: *par*

— animais (principalmente muare): *parelha*, *junta* (de bois);

— anos: *biênio*;

— meses: *bimestre* (período de dois meses; quando adjetivo, significa "que dura dois meses");

— vozes — *dueto*.

— *V. digrama*; *V. ambos*; *V. átonas*; *V. Mocoembru*.

Dois AA - *V. pingo nos ii*.

Dois únicos - Não deve causar-nos estranheza a frase "dois únicos"; não dizemos "unicamente dois se salvaram"? Se consultarmos o Aulete encontraremos aí este exemplo de Rebelo da Silva: "Compostos com os olhos na eternidade e os pés dentro do sepulcro, esses sonetos ficaram *únicos* e sem rival".

Dolce far niente - Locução italiana que significa "doce fazer nada"; "agradável ociosidade": Viver no *dolce far niente*.

Dólma - *V. tentame*.

Dólmen - O plural é *dolmens*. *V. tentame*.

Dolorosidade - *V. desutilidade*.

Dom - Esta palavra, cuja pronúncia é *dô* (e não *dão*), deriva do

latim *dominum* (senhor), que, por sua vez, provém, no próprio latim, de *domum* (casa).

Além do divergente *dono* (o feminino *dona*, a diferença do masculino, presta-se tanto para indicar *proprietária*, quanto, honorificamente, *matrona*, *dama*, *senhora de boa sociedade*), possui o título honorífico *dom* o cognato *donzel* (lat. *domicellum*), cujo feminino *donzela* designa hoje *mulher virgem*, mas no velho português designava *moça nobre*, de linhagem, bem assim as *damas de honor*, *damas do paço*, e nesta acepção foi o termo usado por Camões ao referir-se a Inês de Castro: "Tal está morta a pálida *donzela*".

É *dom*, entre nós, título de nobreza, dado na Igreja aos que recebem a sagração episcopal e, historicamente, aos descendentes da casa imperial portuguesa e da brasileira. Os monges beneditinos dele fazem uso desde o século XI para contrastar com *frei*, título este reservado aos professores de ordens mendicantes. Usam-no ainda os italianos, na simples acepção de *padre*, motivo por que *D. Bosco*, hoje *São João Bosco*, com mais acerto deverá em português chamar-se *Padre Bosco*.

No espanhol é o título correspondente ao nosso *senhor*, e assim deve ser traduzido em português, a menos que tradicionalmente conhecido, como no caso do "liberino galá" de Zorrilla, *Don Juan*.

Na portuguesa designação eclesiástica, enquanto dizemos *Dom Duarte* (*Duarte* é nome ou, na linguagem jurídica, prenome), dizemos *Dom Mourão* (*Mourão* é sobrenome; na linguagem jurídica nome), na linguagem tradicional da Igreja *Dom* precede o prenome.

Aqui uma constatação de muitos jornais: Certas notícias, sempre que constituem tradução de telegramas vindos direta ou originariamente da Itália, vêm apresentando um erro gritante, que podemos verificar neste despacho telegráfico: "Gênova; *Monsenhor* Idílio, bispo da cidade de Santos..." ora! "Monsenhor" em português não corresponde ao "monsignore" do italiano; o italiano não vai dizer "don" Idílio, porque, já vimos, "don" é o simples padre; quando neste idioma se diz "monsignore" Idílio, dir-se-á em português "dom" Idílio, porque em português ao "dom" é que cabe designar o bispo, o cardeal. É necessário mais cuidado com o vernáculo, mais frequente consulta ao dicionário, para não vermos tão levemente estropeado o idioma.

Mais do que descuido, existe inconsciência em trechos como este, encontrado em respeitável jornal de São Paulo: "Monsenhor Alberto Gaudêncio Ramos".

A seguir a confusão dos nossos redatores de jornal, D. Rossi, ex-cardeal de São Paulo, foi rebaixado a *monsieur* para poder ir trabalhar junto ao papa. Esse proceder faz-nos lembrar da exclamação, proferida no final de um improvisado inter-pocula: "Viva o marechal general Dutra".

Domicílio, Residência - Começemos pela segunda palavra, *residência*: Morada habitual ou eventual de uma pessoa, com ou sem o ânimo de aí permanecer (José Nautel — Novo Dicionário Jurídico Brasileiro). Não confundir com *domicílio*; este é o lugar em que a pessoa natural estabelece a sua residência com ânimo definitivo.

Que acontecerá se a pessoa natural tiver diversas residências onde alternativamente viva? Será o mesmo que dizer que essa pessoa não tem domicílio fixo, ou seja, que se considerará domicílio seu qualquer das residências, isto é, a residência ou ainda o lugar em que se encontrar: "Tenho três residências, uma no Rio, uma em Los Angeles, uma terceira em Nova Iorque, mas no momento estou domiciliado no Hotel Jaraguá, aqui em São Paulo" — é afirmação compreensível e explicável à luz do que vigora em nosso direito (Cód. Civil, 31 e 32). Assim não se diz na conversação costumeira ("Estou *domiciliado* em tal lugar" — "Onde é o seu *domicílio*?"); a distinção se exige somente no terreno do direito; na fala comum, *residência* é que se emprega.

O assunto se complica quando se trata de pessoa jurídica ou quando se discriminam as espécies de domicílio (civil,

comercial, de origem, especial, necessário, político, de escolha, fiscal), mas tal complicação escapa da normal necessidade de distinguir residência de domicílio.

Domínico - É palavra proparoxítona, que indica o religioso da ordem de São Domingos.

Donec eris felix, multos numerabis amicos - Locução latina que significa "enquanto fores feliz, terás muitos amigos". Verso de Ovidio. E continua: *Tempora si fuerint nubila, solus eris*, se o céu se cobrir de nuvens, ficarás só.

Dono, dona - V. *dom*; V. *senhora*.

Donzel, donzela - V. *dom*; V. *senhora*.

...dor - V. *inspiradora*.

Dormiéntibus ossa - Expressão latina que significa "aos que dormem, ossos"; aos que chegam tarde, o resto.

Dormir - V. *tossir*.

Dorso - Elemento que nos compostos se junta sem hífen: *dorsolateral*.

Dourado - Devemos ter o necessário cuidado com a pronúncia de certos grupos vocálicos de palavras nossas. Em *dourado*, quer adjetivo quer substantivo, existe e deve ser pronunciado o "u" que entra na sílaba inicial: *dourado* (e não "doradô").

Com verbos em que entre o grupo "ou" cuidado devemos ter ainda maior, porque mais grave será o erro da pronúncia ou da grafia sem o "u": ele *doura*, ele *rouba*, a bomba *estoura*, ele *afrouxa* — com "ou" fechado. Jamais "dóra", "róba", "estóra", "afróxa"; pronúncias frequentes que por si denotam o descuido em que anda o estudo de nosso idioma (445). V. *afrouxar*.

Douro - Adjetivo pátrio: *duriense*.

Doutorando - V. *para esclarecer*.

Doze (coisas, animais) - Coletivo: *dúzia*.

Dresda - Com "a" final, é a forma portuguesa do nome da capital alemã da Saxônia.

Dromedário - Voz: *blaterar*.

Drúida - De origem céltica, a nós provinda pelo latim, deve a palavra ter o acento tônico no "u". O vocabulário oficial traz acento agudo sobre essa vogal.

Duas negativas - V. *negativas*.

Dubitando ad veritatem pervenimus - Frase de Cícero que significa "duvidando chegamos à verdade".

Dublar - Palavra nova, mas já de inteira aceitação e emprego pela imprensa, pela televisão, pelo povo. Cognata de *duplo*, veio-nos por intermédio do inglês *double*, nome técnico de cinema para indicar a própria pessoa que substitui o artista em ocasiões em que lhe é impossível a representação, e, agora, o que permanentemente emite a voz, num filme, em lugar do verdadeiro artista; daí, *dublar*, *dublado*, *dublagem*.

Dúctil - Superlativo sintético: *ductilíssimo, ductilíssimo*. V. *civil*.

Dulce et decorum est pro pátria mori - Sentença de Horácio; significa "é doce e honroso morrer pela pátria". Com ela exortava o poeta os jovens romanos a sacrificar a própria vida em defesa da mãe-pátria.

Dum tacet, clamant - Expressão latina que significa "quando silenciam, clamam"; ou seja, o silêncio fala alto.

Dura lex, sed lex - Expressão latina que significa "a lei é dura, mas é lei".

Durante - V. *tirante*.

E

E (terminação) - V. *raque*; V. *diabete*; V. *rágade*.

E (aberto, francês), Ê (fechado, português) - V. *rapé*.

e.g. (com letras minúsculas) - Abreviação internacional de *exempli gratia* (pronuncie "grácia"), locução latina que corresponde ao nosso "por exemplo".

E comercial - Nome do símbolo &. V. "ampersand".

Ê hora de estar pronto o almoço - Ê norma de gramática e a lógica exige que assim seja: O sujeito não pode depender de nenhum termo da oração.

Ê evidente a justiça de tal princípio. Pelo próprio fato de ser sujeito, e, por conseguinte, constituir aquilo de que se declara alguma propriedade, o sujeito poderá ter outros complementos, não porém ser complemento. A construção "Ê hora do almoço estar pronto" violaria esse princípio, pois subordinaria o sujeito do verbo *estar* ao substantivo *hora*.

Outra explicação existe, e ainda mais compreendida pelos que conhecem latim. Nesta língua o sujeito é representado pelo nominativo; o sujeito português, pelo fato de corresponder a esse caso reto, não poderá consequentemente vir regido de preposição, classe esta que só aparece com casos oblíquos.

Nessas razões se baseiam os bons escritores, quando evitam contrair a preposição com o sujeito do infinitivo ou com qualquer palavra que pertença ao sujeito. Assim, não se dirá "Ê tempo do menino estudar a lição". A preposição, em exemplos como esse, rege, na realidade, o infinitivo, e não o sujeito deste: *Ê hora de quê? - De estudar*.

Dá um conselho muito justo, cuja prática evitará erros nessas construções: Colocar o sujeito de tais orações depois do infinitivo: *Ê tempo de estudar o menino a lição*.

Exemplos típicos, que evidenciam esta questão, obtêm-se dando ao infinitivo um sujeito composto; em tais casos a preposição só aparece uma vez: *Baseamo-nos no fato "de este" rapaz e o seu irmão não estarem inscritos*.

Outros exemplos: *O fato de possuírem os homens esmerada educação* (ou: *O fato de os homens possuírem... jamais: O fato "dos" homens possuírem*) - *Dada a impossibilidade "de o" rim eliminar fosfatos*. - *Sem que houvesse tempo "de o" condutor breicar o carro* - *Não há necessidade de se irem eles embora* (ou: *de eles se irem, nunca: deles se irem*) - *Apesar de estarem cortadas as ligações* (ou: *apesar "de as" ligações estarem cortadas; jamais: apesar "das" ligações estarem cortadas*) - *Não há vantagens em ganharem eles a causa* (ou: *em eles ganharem; jamais: neles ganharem*).

O leitor facilmente saberá tirar a conclusão: *Ê tempo de estar pronto o almoço* (ou: *"de o" almoço estar pronto; nunca: "do" almoço...*). V. *combinação impossível*. V. *havemos de aquele homem prender*.

E, I - V. *Manuel*; V. *aluedrio*.

E nem - Poderão estas duas palavras aparecer juntas e seguidas num texto quando distintas forem as funções morfológicas, ou seja, quando o "e" for conjunção e o "nem" tiver função adverbial: "Ê o que sempre promete e nem sempre realiza".

Podem e devem aparecer as duas palavras; cada qual tem sua função.

Juntas já não devem aparecer quando ambas formem uma espécie de locução conjuntiva; não se deve dizer: "Não faço e nem quero". "Não se estuda e nem se trabalha". Ou dizemos "e não" ou simplesmente "nem", porque o "e nem" encerraria duas vezes a mesma conjunção: e e não.

Vejamos estes belos exemplos do correto emprego do *nem* conjuntivo, sem esse inútil e afeante "e": "E ninguém lho disse, *nem* dirá" (Garrett) - "Nunca o viu, *nem* verá" (Aulete) - "Nem eu lhe perdoo, *nem* Deus se amerceará dele" (Herculano) - "Dirão que tais trivialidades, sedições e corriqueiras, não são para contempladas num discurso acadêmico, *nem* para escutadas entre doutores, lentes e sábios" (Rui) - "Hoje, ninguém relata estas humanas relíquias *nem* as aponta à mocidade trêfega..." (Fernando Magalhães). V. *nem*.

Ê porque - Construções como "Se vou ao teatro, *é* porque gosto", "Se cheguei tarde, *foi* porque o trem se atrasou", "Se lia muito, *era* porque tinha tempo" constituem períodos formados de uma condicional de hipótese real e uma principal em que o verbo *ser* tem o significado de *sucedet*, *acontecer*: Se vou ao teatro, (isso) *é* (sucede) porque gosto - Se cheguei tarde, (isso) *foi* (sucedeu) porque o trem se atrasou - Se lia muito, (isso) *era* (acontecia) porque tinha tempo.

O verbo *ser* tem realmente, entre muitos outros, o sentido de *sucedet*, *acontecer*: "E se isto sucedeu no paraíso, cá fora que *será* senão o mesmo?" (Vieira).

A análise só poderá ser feita diante dessa equivalência.

Ê preciso calma - Quanto ao emprego masculino de *preciso* a anteceder formas femininas - isto recomenda Vasco Botelho de Amaral - veja-se o que diz a "Sintaxe Histórica", 24, de Epifânio Dias: Nas locuções "ser necessário", "ser preciso", empregadas como predicados antepostos ao sujeito, os adjetivos *necessário* e *preciso* podem empregar-se substantivamente. E Epifânio cita Barros e Herculano.

Dê-se a explicação que se queira, a de "empregar-se substantivamente" ou a de se subentender o verbo *fazer* ou *ter* (Ê preciso ter paciência - Ê necessário fazer justiça), o emprego desses dois adjetivos na forma masculina, quando precedem nomes femininos, é encontrado em Vieira, em Castilho, em Gamilo (Veja "Joio na Seara", de Augusto Moreno).

Em melhor companhia parece-nos difícil andar quem escreve com a preocupação de acertar ou, pelo menos, de não errar: o uso aí está a confirmar a construção, natural em todos nós: "Ê necessário calma!" - "Ê preciso prudência nesse caso" - "Ê necessário paciência!" - "Ê preciso mais arêa" - "Não é preciso margem".

Este exemplo de Camilo, citado por Stringari no seu livro "Regimes de Verbos", não pode ser esquecido: "Não foi preciso rodeios".

Não só com *preciso* e *necessário* se opera esse comportamento; não determinado o sujeito, não assume ele com o verbo

de ligação determinação genérica: "Cerveja é bom para a saúde" — "É proibido entrada" — "É feio blusa em criança". V. *precisar*.

É proibido entrada - V. *é preciso calma*.

E pur si muove! - Expressão italiana que significa "e contudo ela se move". Palavras atribuídas a Galileu quando foi obrigado a abjurar a pretendida heresia de que a terra gira sobre si mesma no espaço.

E que - V. *mas que*.

É que - Em frases como "Ele é que faz o serviço", "Ele é que é estudioso", "Leis é que eles fazem" — devemos, para efeito de análise, considerar o "é que" locução expletiva, quer dizer, de enchimento, de redundância, que à frase vem dar maior força ou evidenciar um termo da oração. É esse um modismo do português, muito interessante e com equivalentes em outros idiomas, mas que nenhuma dificuldade deve trazer à análise da expressão, porquanto função sintática nenhuma lhe cabe.

Em casos, ainda, como este: "Só depois da chegada foi que o assunto mereceu atenção" — o "foi que" não constitui oração; é a mesma locução expletiva "é que", e poderia por esta ser substituída nesse exemplo. A flexão do verbo é obrigatória quando há inversão e, ao mesmo tempo, deslocamento do "que". Ou se diz: "Ele é que fez isso" ou "Foi ele que fez isso". Tanto o "é que" do primeiro exemplo, quanto o "foi que" do segundo constituem a mesma locução expletiva. Ou se dirá: "Foram eles que fizeram isso" ou "Eles é que fizeram isso".

Ea, Ia - V. *errônia*.

Èdem per èdem - Expressão latina que significa "elas por elas", pagar na mesma moeda.

...*car* - V. *alumiar*; V. *sorteio*; V. *verbos terminados em EAR*.

"Eça" - V. *essa*.

Ecce homo - Locução latina que significa "eis o homem". Palavras de Pilatos aos judeus, quando lhes apresentou o Cristo coroado de espinhos. Pode servir para anunciar qualquer pessoa por qualquer motivo.

Ecce iterum Crispinus - Locução latina que significa "eis outra vez Crispim", eis de novo o importuno.

Eclampsia - Quando formada no próprio português, a palavra será paroxítona, por ser longo o sufixo português *ia*: *eclampsia* (gr. *eclampsis*, mais sufixo português *ia*). A verdade, porém, é que os fatos se impõem: "Graeca per Ausoniae fines sine lege vagantur" é lamúria velha como a gramática, mas é a força da língua: "Tu, Caesar, civitatem dare potes hominibus, verbo non potes": Sujeitam-se os homens às leis, mas não às palavras.

Eclesiástico - Coletivo (quando em assembléia religiosa): *síno-do*.

"Eclodir", "Eclósão" - Por que estes estrangeirismos? Temos *estalar* ("Foi nesse dia que *estalou* a revolta"), *rebeantar* ou *arrebentar* ("... comprou-se a guarda mourisca do alcázar e a revolução *rebeitou*"), *nascer* ("Nas repúblicas *nascem* dissensões que as inquietam e consomem"), *estourar* ("A revolução *estourou* de madrugada", "Quando a coisa *estourar*, isso vai ser uma reinação", "Com tanta garridice isto afinal *estourou*"), *surgir* ("Apenas serenou a luta, *surgiram* logo outras desavenças"), *irromper* ("As lágrimas, então, lhe *irrompem*, subitâneas"), *romper* ("Aqui, ali *rompem* protestos indignados contra o archocho").

Como termo de botânica, traduzia-se por *desabrochar*, *desabrochar*, *surdir*, *nascer*.

É galicismo inútil e mal formado, assevera Vasco Botelho de Amaral.

"Eclósão", como nome para indicar o ato de estalar, rebeantar, estourar, não pode ser aceito. Esse galicismo corresponde ao português *estouro*, *surto*, *irrupção*, *estalada*, *aparecimento*, *nascimento*, *desenvolvimento*, *desabrochamento*, *desabrocho*, *desabrochar*, *desabrocho*, *ato de sair à luz*, ou ainda ao vocábulo técnico *antese* (com acento em *te*), que denota o conjunto de fenômenos que acompanham o *desabrochar* das flores.

Não é de imitar a redação "a greve *eclodida* na semana pas-

sada"; corrija-se o galicismo "inútil e mal formado" (em francês o verbo é *éclore*) para "a greve *estalada*", "a greve *surta*", "a greve *rompida*".

Écloga - Forma erudita (gr. *écloge*, pelo lat. *écloga*) para designar a poesia pastoril dialogada.

"Eclósão" - V. *"eclodir"*.

"Eclusa" - É galicismo; deve-se dizer "as *comportas* do Reno", "as *comportas* do Panamá", "O Tietê terá suas *comportas*".

Em outros casos a palavra é traduzível por *açude*, *represa*, *dique*, *adufa*. Por que não usar a forma portuguesa *esclusa*?

Economizar - Tratemos de dois sufixos que nos dão ocasião a muitos erros, se não a muitas dúvidas; são eles *ar* e *izar*.

Izar, do grego *izo*, quer dizer *fazer*, *tornar*, *estabelecer*, *colocar*, e se acresce ao radical de um substantivo para lhe dar tal significação: assim, do substantivo *real* teremos o verbo *realizar* (tornar real); de *colônia*, *colon(ia)izar* (estabelecer colônia); de *trono*, *entron(o)izar* (pôr no trono); de *fiscal*, *fiscalizar*; de *economia*, *econom(ia)izar*.

Outro sufixo, com a mesma significação, é *ar*, que frequentemente confundimos com *izar*. Do substantivo *aviso*, acrescido de *ar*, só poderemos obter *avis(ar)* e nunca *avizar*, pois que o "s" pertence ao radical da palavra, o qual é considerado inviolável na formação dos seus cognatos. O sufixo dessa palavra é simplesmente *ar*. Exemplos idênticos obteremos com os substantivos *análise*, que nos dá *analis(ar)*; *eletrólise*, *eletrolis(ar)*; *preciso*, *precis(ar)*; *Deus*, *endeusar*. Examine, agora, o leitor a palavra *enraizar* e verá que, também neste verbo, o sufixo continua sendo simplesmente *ar*, pois que o "z" pertence ao radical *raiz*. Idêntico fenômeno opera-se com *ajuizar*, de *a-juiz(o)-ar* e *cicatrizar*, de *cicatriz*.

Questão simples mas merecedora da atenção dos que prezam o nosso idioma.

"Écran" - Não é palavra nossa. Em português diz-se *filtro* (para filtrar a cor em fotografia), *anteparo*, *guarda-fogo* (tela que resguarda do fogo da lareira), *cartaz*, *tela*.

Ideologia (tratado dos órgãos da geração) - Não confundir com *ideologia* (ciência das idéias; maneira de pensar).

Edição princeps - O latim *princeps*, com acento tônico na primeira sílaba, está na expressão por "primeira". Indica a primeira edição ou exemplar da primeira edição de uma obra quando dela se tenham tirado várias outras. Pôr "edição princeps" no frontispício de um livro que pela primeira vez se imprime é caipirismo dos mais redondos.

Edicto - V. *edito*, *édito*.

Edil - Será sobejo dizer que *aedilis* (de *aedes*, casa) designa em latim o magistrado romano, cujo ofício era dirigir as cerimônias públicas, inspecionar os edifícios, cuidar do abastecimento, da higiene, de tudo, enfim, que fosse do bem comum da cidade. Quando o exigisse, vários edis tinha uma cidade; era o caso de Roma, com um edil para cada ramo da administração, e às vezes com mais de um edil para o mesmo serviço público, como no caso dos "aediles cereales", encarregados da provisão de viveres.

Dessa explanação cremos possível e clara a conclusão: Tanto é edil o prefeito (um edil chefe, digamos: *praefectus*, colocado na chefia, à testa: este o significado etimológico dessa palavra, empregada nos múltiplos casos em que houvesse direção, comando, chefia: prefeito de rebanho, prefeito de palácio [mordomo], prefeito de ginásio, prefeito de barco, prefeito de tesouro, de cidade, de província, de quartel, de frota etc.) — tanto é edil o prefeito, repetimos, quanto cada um dos componentes da câmara legislativa de uma municipalidade. Estes legislam, aquele executa — mas todos são edis, isto é, todos eles cuidam dos interesses da municipalidade.

Pretender que edil seja só o prefeito é o mesmo que afirmar que magistrado é só o presidente. Presidente é o magistrado supremo, como prefeito é o supremo edil.

Como defensor dos interesses da comunidade municipal que o elegeu, o vereador é, em bom vernáculo, "um edil da municipalidade"; como dirigente supremo do município, o prefeito é chamado, em vernáculo não menos bom, "o"

edil, isto é, aquele sobre quem recai a maior parte da responsabilidade e autoridade na direção municipal. Todo o prefeito é edil, mas nem todo o edil é prefeito.

Édipo - O "i" breve da penúltima sílaba faz recuar para a vogal imediatamente anteposta o acento tônico: *édipo*. Assim em latim, assim em português a pronúncia do nome do decifrador do segredo da Esfinge. V. *ápode*.

Editar - É inútil pretender substituir por *editar*, forma esta usada por Camilo.

Edito, Édito - Não devem ser confundidas estas palavras. *Edito*, que também se grafa *edicto*, é a lei, o decreto, ou parte da lei, em que alguma coisa se preceitua: o *edito* de Nantes. O *edito* pode ser revogado.

Edito é o edital, a simples publicação de um aviso, de uma ordem dimanada de câmara municipal, é o traslado de ordem oficial destinado ao conhecimento de todos e afixado em lugares públicos ou anunciado na imprensa periódica.

Editor - Arrisca-se quem traduz o inglês "editor" sem pensar; pode significar *editor*, mas seu significado usual não é esse, e sim *redator, jornalista, autor* de artigos de fundo ou, ainda *dicionarista, compilador*.

O nosso "editor" é em inglês "publisher".

Êe - Quatro verbos existem que na 3ª pessoa do plural têm dois "ee" e, além disso, um circunflexo: *vêem* (do v. *ver*), *lêem* (do v. *ler*), *crêem* (do v. *crer*) e *dêem* (subj. pres. de *dar*). Isso porque a 3ª pess. do sing. desses tempos já tem um "e" com circunflexo:

SINGULAR	PLURAL
vê	vêem
lê — ind. pres.	lêem
crê	crêem
dê — subj. pres.	dêem

Efeméride - O gênero é feminino; quanto à forma veja-se *diabete*.

Efetuar, Efetivar - "... intimando-se as partes para os fins do art. 447 do C. P. C., *efetivando-se* as demais diligências necessárias." — Não é o que aprendemos na São Francisco. "Cuidado! Usem sempre palavras e expressões técnicas" — era a assídua advertência do Prof. Siqueira Ferreira.

Realmente, diligências *efetuum-se*, e não "efetivam-se". *Efetua-se* o que se realiza ("Os maus, se deixam de *efetuar* seus corruptos desejos, é com medo das leis"), *efetiva-se* o que se torna real, verdadeiro: *efetivar* um empregado.

Uma vez realizada conforme as fórmulas, e convincente, diz-se "prova *efetiva*", mas a distinção de sentido é clara; "efetiva" é aí antônimo de "falsa". Se *efetuar* é "levar a efeito", *efetivar* é "dar efeito".

Ainda mais: *efetuar* tem uma variante, *efetivar*, que se encontra em Camilo: Quantas desordens, exílios e até mortes se não *efetuaram* por intrigas daquela mulher!

Por falar em mulher, casamentos *efetuum-se* e *efetivam-se*: casamento *efetuado* no Uruguai e *efetivado* no Brasil.

Mais do que o juiz, a mulher saberá distinguir.

Eficaz - Superlativo sintético: *eficacíssimo*.

Egeu - Feminino: *egéia*.

Égide - V. *nómade*.

Egito - Adjetivo pátrio: *egípcio* (presta-se para pessoas e para coisas e pode ser empregado substantivamente): os *egípcios*. Para coisas: *egípcio*, *egípciano*, *egípciano*.

Ego sum qui sum - Locução latina que significa "eu sou quem sou". Palavras de Deus a Moisés, são usadas alegoricamente no sentido de *igual, constante, perseverante*.

Ególatra - V. *alcoólatra*.

Égua - Coletivo: *piara*.

Eheu! Fugaces labuntur anni - Locução latina que significa "ai de nós! os anos fogem rápidos". Expressão de Horácio sobre a fugacidade da vida.

Ei (grego, transformado em *i*) - V. *calidoscópio*.

Eis - Preceitua a nomenclatura gramatical brasileira que certas palavras, por não se poderem claramente enquadrar na res-

trita conceituação de alguma classe, devem classificar-se meramente como "palavras que denotam determinada idéia", e cita *eis* como "palavra que denota designação".

É sua origem o latim *ecce*, que implica freqüentemente idéia de instantaneidade, de presteza ou de imprevisão. Como no latim da decadência vinha seguido do objeto do verbo (*Eccillum video — eis que o vejo*), acabou por trazer em português após si a forma acusativa; por essa razão é que se diz *ei-lo, eis-nos*, com pronome oblíquo. Considere-se ainda que, já no latim clássico, além do nominativo, *ecce* se fazia seguir também do acusativo: "*Ecce duas tibi*" (Virgílio: "eis aqui dois — altares — para ti") — "*Ecce me, qui id faciam vobis*" (Terêncio: "eis-me aqui para vos fazer isto").

Eis que - Expressão que com certa freqüência se encontra na linguagem dos que mourejam no foro é "eis que", com significação causal: "Não deve a corte conhecer do agravo, *eis que* subiu fora do prazo". Trata-se, evidentemente, de construção por algum jurista criada e posteriormente por outros imitada. Todos conhecemos o legítimo emprego da locução conjuntiva "eis que" em casos como este: "Seguia o santo tranqüilamente o seu caminho, imerso em profunda meditação, *eis que* lhe surge pela frente o demônio em forma de mulher..."; mas aqui o sentido da locução é diverso, claro e justificado.

Esdruxularias na linguagem forense e na tabelioa existem como arcaísmos tecnicamente consagrados. A tradição profissional lhes dá vida perene e não ficará por isso prejudicada a pureza do vernáculo. Já o mesmo não se dá quando a esta ou àquela expressão, léxica ou fraseológica, falta a justificação etimológica e o cunho da tradição.

Que se lucrará com esse modernismo? pergunta Otoniel Mora, que responde: Nada. A mim me soa como um prurido de simples novidade por novidade, cheirando a infantildade ou pedantismo.

"Eis que" por "visto que" — continua o citado professor — é locução disparatada que gera ambigüidade quase fatalmente. Sempre que a encontro, tenho de voltar rasto atrás e reler o que vinha lendo, para concatenar as idéias. E o mais lamentável é que, segundo se diz e parece, nasceu ela nos meios forenses, exatamente os que mais deviam, por amor à precisão de linguagem, evitar quanto possível novidades dessa natureza. Quem a criou pode limpar as mãos à parede. V. de *vez que*.

Ejusdem farinae - Locução latina que significa "da mesma farinha": Os dois são *ejusdem farinae* (da mesma laia).

Eldorado - *El* é forma arcaica do artigo definido, usada no período em que o português se estava formando; é hoje empregado apenas em *el-rei* (o rei) e em *Eldorado*, nome de região fantástica do Amazonas.

Ele é doente, Ele está doente - Emprega-se o verbo *ser* quando a qualidade atribuída ao sujeito lhe é inerente, natural, habitual; emprega-se o verbo *estar* no caso contrário. Assim, quando um homem não goza de saúde, quando está quase sempre doente, dizemos que "ele é doente"; se a doença o ataca uma ou outra vez, dizemos, referindo-nos a essa ocasião, que "ele está doente".

A própria etimologia desses verbos esclarece a diferença de significado e de emprego: do latim "stare", que significa "estar de pé", o verbo *estar* implica idéia de transitoriedade, de existência momentânea, de estado acidental. Já o verbo *ser* vem de "sedere", que significa "estar sentado", donde a idéia de permanência, de existência continuada, de estado inerente.

O verbo *ser* como verbo de ligação é quase vazio de sentido, razão por que é chamado verbo "abstrato", é como inexistente na oração; realmente, quase não há diferença entre "este homem doente" e "este homem é doente", porque o verbo *ser* indica aí estado permanente. Confronte estas orações: *Ele é pálido* (estado permanente) — *Ele está pálido* (estado transitório).

Estrangeiros, ainda os mais cultos, escorregam neste ponto, quando o não estudam convenientemente; dizem eles

com a maior facilidade: "Eu *estou* engenheiro". Aqui é o caso do verbo *ser*, visto especificar uma profissão, e, conseguintemente, um estado *permanente*.

Ele traçou para si - Nos casos de reflexibilidade, legítima função portuguesa exerce o *se* quando a reflexibilidade é pronunciada, evidente, ou seja, quando o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente da ação verbal; exerce então o *se* função acusativa, isto é, de objeto direto: "Ele *se* feriu".

Quando, porém, o *se* se referir ao sujeito não em função acusativa mas em função dativa, isto é, de objeto indireto, o caso outro se torna, e a reflexibilidade deixa de ser a do caso anterior, onde o *se* exercia função de objeto direto.

Diferença bastante grande existe entre a reflexibilidade do *se* destas duas orações: "Ele *se* feriu" e "Ele *se* arroga o direito". Em "Ele *se* feriu" o *se* é objeto direto, recipiente da ação verbal; em "Ele *se* arroga o direito", *direito* é que constitui objeto direto, sendo *se* objeto indireto, equivalente a "a si" (ou "para si").

A ação verbal tem caráter reflexo apreciável, é verdadeira, mas nem por isso poderemos dizer: "Ele *se* comprou uma casa", "Ele *se* abriu uma conta no banco", "Eu *me* construí uma casa", "Nós *nos* arranjamos um lugar", "Vós *deveis* reservar-vos uma cadeira no teatro", "Tu *te* tracaste boas normas de vida".

Não são portuguesas tais construções; são estranhas ao nosso idioma. A possibilidade de emprego do "se" dativo (bem como de *me*, *te*, *nos*, *vos*, com igual função) fica limitada a certos verbos e, ainda assim, a certos casos já usuais ou consagrados: *reservar-se* o *direito*, *dar-se* *pressa*, *dar-se* *importância*, *dar-se* *ares* de importância, *atribuir-se* importância, *propor-se* *fazer*, *propor-se* *esclarecer*, *propor-se* *contar*, *impor-se* o *dever*.

Fora esses poucos casos ou outros semelhantes, devemos evitar e reconhecer erradas construções como: "Ele *reservou-se* uma cadeira no teatro", "Ele *tracou-se* normas de vida", "Ele *se* abriu uma conta no banco".

As construções portuguesas são: Ele *tracou para si* normas de vida", "Ele *reservou para si* uma cadeira", "Ele *abriu para si* uma conta", "Nós *arranjamos um lugar para nós*", "Deveis *reservar para vós* o melhor lugar", "Tu *tracaste* boas normas de vida *para ti*".

Elefante - Feminino: *elefanta*. Gonçalves Viana, por informação que lhe prestou certo amigo — é o que está nas *Apostilas* — cita Frei Gaspar de Santo Agostinho, que no capítulo XV do "Itinerário da Índia" dá o feminino "aliás". Já no seu "Vocabulário Ortográfico", G. Viana dá a variante "aliá". Com ou sem "s", a forma se presta para curiosidades de programas de rádio ou para passatempo de professores que vêem nessas bizantinices tema mais útil que conjugação de nossos verbos. O divertimento aumenta quando acrescentam o feminino "elefoa", forma esporádica e há muito deixada de existir.

Voz: *barrir*.

Elegia - Nome de poemeto consagrado ao luto e à tristeza, tem o acento no "i", longo por corresponder ao ditongo grego *ei*.

Eleição, Eleitoreiro - Provenientes de temas diferentes (de *eleição* a primeira, de *eleitor* a segunda), ambas as palavras têm o mesmo sentido; diz-se de procedimento que tem por único fim captar votos — sentido pejorativo, portanto; a primeira é a mais usada.

Eletro - Este elemento componente, que a outro se junta num composto sem hífen, já não deve trazer o *e* etimológico antes de *tr*. Não há coerência em que se escreva sem *e* *elétrico*, *eletricista*, *eletrólise*, *eletrocutar*, *eletrizar*, *eletromotor*, *eletropositivo*, para que depois se escreva *elétrica*, *electroscópio*, *electroímã*, *electromagnético*, *electrodinâmico*, *electroquímico*.

Quando um dia a ortografia de nossas palavras irá ser estudada a sério? Até lá, pobres das nossas crianças, pobres dos estrangeiros que pretendem aprender nosso idioma, pobres de nós que fomos alfabetizados.

Elétrodo - V. *ânodo*.

Eletroitisar - V. *economizar*.

Eletrônio - V. *ímio*.

"Eletro-ônibus" - V. *ônibus elétrico*.

Elisio, Elisen - No singular como no plural, próprio personalivo ou mitológico, este nome é escrito com a terminação *io*. Assim é no étimo grego e no latim: o *Elísio*, os *Elísios*.

Existe o nome *Elisen*, como substantivo próprio, como substantivo comum e como adjetivo (feminino *elísia*), mas a primeira destas formas termina em *io* e não em *eo*.

Elite - Esta palavra, empregada quando se quer indicar o que há de mais fino na sociedade ou em qualquer classe, é considerada por João Ribeiro (V. o dicionário do Fonseca) "galicismo inútil, pois temos *escol*". É ela entretanto tão usada e tão "aceita por quase todas as línguas modernas" (Espasa), que podemos considerá-la palavra técnica, da ciência, dando-lhe, nesse sentido, acolhida no português. "Nesse sentido", dissemos, porque em francês é empregada também para especificar o que há de melhor em qualquer gênero: "J'ai eu l'élite de ses livres, de sa bibliothèque" (Dictionnaire de l'Académie Française, 1884).

O acento agudo que às vezes se vê sobre o "e" inicial deve-se ao escrever francês; uma vez aceita a palavra no nosso idioma, esse sinal já não se justifica, como também inúteis se tornam as aspas. A palavra é paroxítona.

Elitista - A. A., São Paulo — Não vemos o que estranhar em *elitista*. Várias são as idéias que o nosso sufixo *ista* pode dar a uma palavra (Gramática Metódica, § 630, 1), entre as quais a de *partidário*, de *teórico*. O usar alguém a palavra com certa pitada de depreciação não lhe impede a formação e uso. Existente uma palavra, e existente o sufixo que empreste ao derivado a idéia desejada, não tenha dúvida em aceitá-lo.

Dicionário português nenhum até hoje apareceu que trouxesse todos os derivados de nossos nomes.

El-rei - O artigo *el* era comum a Portugal e à Espanha; associou-se de tal maneira ao nosso *rei* que, enquanto o *la* passava para *a*, o *los* para *os* etc., não houve forças que os separassem. Hoje é apenas empregado em *el-rei* (o rei) e *Eldorado* (região fantástica do Amazonas).

Elucubração, Lucubração - Em português, como em latim, existem as duas palavras. *Lucubrar* é obrar com luz, ou seja, trabalhar com luz artificial, donde "produzir lucubrações" (compor com esforço laborioso, executar trabalho excessivo ou artificial).

Em *elucubração* temos o prefixo *e*, denotativo de procedência, de meio, equivalente a "de", "fora de", "com"; em latim, *elucubratio* é a vigília decorrente de trabalho intenso, assíduo, como *elucubratus* é o que é preparado com esmero ou o que passou vigílias trabalhando.

Não há escolha entre uma e outra palavra.

"Eludir" - É forma paralela, desnecessária e arcaica, de *iludir*. Os dicionários latinos trazem *eludo* (de *ludus*, jogo) e *iludo* (também de *ludus*) com o mesmo significado de iludir, enganar, cada qual com seu participio passado (*elusus*, *illusus*). O Sousa traz *eludere ictus* e traduz por "fugir com o corpo aos golpes", "evitar com destreza"; mas "evitar com destreza" é o mesmo que "iludir" o inimigo ou adversário, sem necessidade de dois verbos. É conhecida a passagem da primeira catilinária "Quamdiu etiam furor iste tuus nos *eludet*?" (Por quanto tempo ainda este teu rancor nos enganará?). Acrescente-se ainda que se temos só *illusão* e não "elusão", o próprio latim só tem *illusio* e não tem "elusio".

O verbo "eludir" é invenção, ou melhor, leviana tentativa de ressurreição. Se Domingos Vieira o consigna (dicionário de 1871), não dá ele nenhum exemplo e fá-lo seguir de *iludir*, ou seja, considera os dois verbos um só, dando preferência à grãbia *iludir*, do latim *illudere*.

Entre os nossos grandes dicionários que trazem só a forma com "i" podemos citar Aulete, Figueiredo, Laudelino.

Em - Casos em que não cabe em bom português o emprego da preposição *em*:

1. É francês o emprego da preposição *em* para indicar a matéria de que uma coisa é feita; não devemos dizer "estátua em bronze"; o certo é: *estátua de bronze*, *anel de platina*,

balaustrada de mármore, vestido de tafetá, a casa é toda de material de primeira, uma blusa de cetim, construção de cimento, relógio de ouro, carteira de jacarandá, móveis de pau-marfim.

2. É também do francês formar locuções adverbiais com a preposição *em* seguida de adjetivo; são espúrias locuções como "em absoluto", "em definitivo", "em suspenso", "em anexo". Em português de lei deverá em lugar delas aparecer ou um advérbio em *mente* ou o adjetivo com força adverbial: "Absolutamente não quero" — "Estou definitivamente decidido a ir" — "Deixei tudo suspenso".

Temos "em cheio", mas é caso explicado pela semântica, pois "cheio" é também substantivo. V. em *complemento de*.

3. Não é português formar locuções adjetivas com "em" a anteceder adjetivo designativo de cor; devemos dizer "luvas pretas" e não "luvas em preto". E, assim, "versos brancos", não obstante dizermos "espaços em branco", porque aqui "em branco" não designa cor; o mesmo se diga de "passou a noite em claro".

4. Não devemos usar a preposição *em* com verbos de movimento, porque *em* indica permanência, lugar onde; o certo é "ir ao colégio" e não "ir no colégio", "chegar a um lugar" e não "chegar num lugar", "ele veio ao escritório" e não "veio no escritório". Digamos com acerto: chegamos ao Rio, cheguei à casa dele, cheguei tarde a casa, o avião chegou ao campo. O mesmo se diga do substantivo *chegada* ou de qualquer outro que indique ação de movimentar-se de um para outro lugar: por ocasião de sua chegada a Recife.

Constituem exceção desta regra alguns verbos, como *ingressar*: "ingressar no seminário".

5. É errado o emprego da preposição *em* em expressões como "éramos em seis", "íamos em cinco", "avancamos em três". Não o simples fato de serem construções de algum outro idioma nos leva a proligá-las, mas o de sempre termos tido a nossa construção, legítima e correta. Em "éramos seis" o verbo concorda com o sujeito oculto *nós*, e o *seis* é predicativo, não pode vir antecedido de preposição. Se dissessemos "éramos valentes", ninguém de nós pensaria em construir "éramos em valentes"; o acréscimo de um cardinal, porém, levaria alguns a claudicar, juntando um "em" estranho ao nosso idioma: "éramos em cinco valentes". Digamos, com acerto, "éramos cinco valentes", "éramos quatro colegas".

Existe em muitas dessas orações uma figura sintática denominada *silepse de pessoa*, consistente em operar-se a concordância do verbo com o sujeito oculto e não com o termo expresso; uma coisa é dizer "ficaram três", outra "ficamos três". Na primeira oração, o sujeito é "três"; na segunda há a silepse de pessoa: o "três" é mero predicativo do verdadeiro sujeito, que é *nós*. Quem diz "ficamos três" inclui-se entre os três que ficaram, e o sujeito passa então a ser *nós*. Outros exemplos: "Dizem que os cariocas somos joviais" (O "somos" denota que o autor da afirmação é também carioca), "Os outros saltamos", "Ali ficamos alguns", "Escapamos quatro", "Ficamos oito", "Avancamos cinco".

Antepor a preposição "em" a tais predicativos é cometer barbarismo.

6. É erro empregar a preposição "em" em lugar da preposição "de" em adjuntos adnominais correspondentes ao genitivo latino: "Houve aumento de 20%" (e não "aumento em"); a pergunta é "aumento de quanto?" e não "aumento em quanto?" — "Teve a intenção de quebrar" (e não "intenção em quebrar"; a pergunta é "intenção de quê?" e não "intenção em quê?"). Assim devemos dizer: tentativa de destruir, desejo de ficar, direito de observar, professor de balé, colégio estadual de Campinas, diploma de Filosofia.

Isto de fazer pergunta para verificar que preposição empregar tem sua justificação: Se a pergunta se constrói com determinada preposição, como empregar outra na resposta? Se perguntamos "ginásio estadual de onde?" (e não "ginásio estadual em onde, em que cidade?"), a resposta irá trazer a mesma preposição: "ginásio estadual de Campinas", "Fun-

dação do Livro Didático" (e não "Fundação para o Livro Didático").

7. Não devemos empregar "em" em lugar da preposição "por" no agente da passiva: "representados por estátuas" (e não "representados em estátuas").

8. Não se emprega "em" antes de predicativo do objeto: "Fulano pronunciou-se filósofo" (e não "pronunciou-se em filósofo"), e, assim, "formou-se dentista", "tornou-se palhaco triste", "constituiu-se censor".

9. Antes de *algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nehures* (em nenhum lugar). Preposição nenhuma cabe antes desses advérbios nem com verbos de permanência nem com verbos de movimento. Não há justificação léxica para construções como "Em nenhures será encontrado", "Está por aí em algures". Tais advérbios já têm implícita na significação a preposição "em".

10. Constitui erro o emprego de "em" com o verbo *tingir*; unge-se um vestido "de" verde e não "em" verde.

11. É errado seu emprego no complemento nominal de *ansioso*; diz-se "ansioso por", "ansioso de", não porém "ansioso em".

12. Não se antepõe ao segundo elemento de um composto de substantivos com a finalidade de atribuir qualidade ao primeiro: "redator-chefe", "diretor-secretário", e não "redator em chefe", "diretor em secretário".

13. Não deve intrometer-se na locução conjuntiva proporcional "a medida que"; é erro "a medida em que": "A medida que se aproximavam da lua, os astronautas mais tranquilos ficavam".

14. Começa a aparecer outro errado emprego da preposição *em*, consistente em colocá-la antes de simples adjetivos: "letra em maiúscula", "dicionário em inglês". Onde terão ido buscar tal extravagância?

Em... - V. *enradicação*.

"Em absoluto" - Construção errônea. V. *em-2*.

"Em anexo" - Construção errônea. V. *em-2*.

Em baixo, Em cima - Já vimos, no verbete "de certo", a incongruência do sistema de 43 no grafar tais formas, considerando-as ora advérbios compostos, ora locuções adverbiais. Estamos diante de mais uma, pois enquanto consigna "em cima", em duas, oferece-nos "embaixo" numa só palavra.

Qual o critério para essa dualidade gráfica? Nenhum, é a resposta, e confirmação disso obtém quem consultar o vocabulário oficial da academia; no verbete "cima", o relator dá as locuções formadas com essa palavra (*de cima, em cima, em cima de, para cima, por cima, por cima de* etc. — Este "etc." é do vocabulário); no verbete "baixo" o silêncio é completo. Como doutras feitas, o autor se esconde para não se ver apalhado em sua leviandade.

Se temos "por cima" e "por baixo", por que não temos "em baixo" ao lado de "em cima"? E assim: Se temos "de repente", por que não temos "de baixo"?

O Aulete não dá a forma sintética *embaixo*, mas no verbete *baixo* traz "em baixo (loc. adv.)" e dá o exemplo: "Este homem está muito em baixo". Do mesmo proceder é o Laudelino, que só traz a locução *em baixo* = na parte inferior. Comparem-se, por esses autores, estas orações:

— "Depois, senti lá em baixo, na raiz da montanha, um ir diabólico".

— "Depois, senti lá em cima, na crista da montanha, um ir diabólico".

Não há falar em unidade fonética na grafia "embaixo"; o verbo *encimar* aí está para provar que o motivo do bifrontismo ortográfico é outro. Também na locução "em pé" existem consoantes homorgânicas e ninguém ainda pensou em grafá-la "empé".

São graçolas da ortografia de 43: "Ele saiu debaixo da mesa, você ouviu bem? Eu disse de baixo". Lá juntos os elementos por ser locução prepositiva, aqui separados por ser locução adverbial: É ou não engraçada a nossa ortografia oficial? — V. *de certo*.

Em barda - Locução que significa "em grande quantidade":
Peixe em barda.

Em branco - V. *augmentar*.

Em 14 de julho - Assim se diz ou "a 14 de julho"? Das duas, é mais usual a primeira construção: *em 14 de julho*. Corrobora essa maneira de dizer o aparecimento da preposição "em" em locuções semelhantes: *em 1640*; *em janeiro de 1972*.

É uma das muitas funções da preposição "em" indicar o tempo em que ou durante o qual alguma coisa se faz: "*Em tempo de guerra não se limpam armas*".

Acontece, porém, que se acentua, cada vez mais, na nossa língua, a tendência para colocar a preposição "a" em lugar de quase todas as outras. Assim é que encontramos no Dicionário da Academia Portuguesa este exemplo: "Chegou ao dia de Nossa Senhora". Mas é preciso notar, como observa Aulete: Quando se diz que uma preposição é sinônima de outra, deve-se entender sempre que é parcialmente, que não se pode substituir em todas as hipóteses. Em muitas frases, o uso tem prevalecido à gramática, empregando esta preposição em vez da própria, pela sua radical significação: Afonso I veio a falecer a 6 de dezembro de 1185 (Herculano).

Vê, pois, o leitor, que não faltam exemplos para a segunda construção: a 14 de julho. Para se atinar, em ocasiões semelhantes, com a maneira mais comum e própria, faz-se, em tais casos, uma pergunta que nos force o emprego de uma preposição. É-nos mais natural perguntar: "*Em que dia se deu isso?*" — o que indica ser justificável, próprio da índole da língua, construir: "*Isto se deu em 14 de julho*". V. *A (emprego galicista)*.

"Em chefe" - A nós chegada através do francês, a palavra *chefe* não deve aparecer na expressão inteiramente francesa "em chefe" como locução adjetiva; em português ou se diz *redator-chefe*, *comandante-chefe*, *revisor-chefe*, ou *chefe de redação*, *chefe de comando*, *chefe de revisão*, ou *diretor de redação*... — V. *em-12*.

Em cima - V. *em baixo*.

Em complemento de - É de um colega de Santos esta pergunta — Como construir: "Em complemento à fatura tal" ou "Em complemento da fatura tal"?

Procuremos primeiro justificar o "em" que indica a locução. Entra essa preposição em locuções adverbiais de modo que substituem advérbios em mente: *em breve*, *em particular*, *em verdade*, *em silêncio*. Se nos casos exemplificados é fácil verificar a possibilidade de troca da locução pelo advérbio simples (*brevemente*, *particularmente*, *verdadeiramente*, *silenciosamente*), em outros a impossibilidade de substituição impede verificar de pronto a equivalência com um advérbio; a verdade é que tais locuções são tidas como legítimas somente quando nelas entra substantivo: *em república*, *em resposta*, *em compensação*, *em aditamento*, *em verdade*, *em silêncio*.

Se, no entanto, em vez de locuções adverbiais, precisamos empregar locuções positivas, completando o significado dos substantivos que nelas entram, o regime virá antecedido da preposição *de*, e a menos tenha o substantivo significação sempre incompleta e, pois, complemento nominal de construção já fixa, como no caso de *obediência*, *atenção*, *referência* etc.: *em atenção ao pedido*, *em obediência à lei*...

Acontece, porém, que se acentua cada vez mais em nossa língua a tendência de colocar a preposição *a* em grande número de expressões que outrora sempre trouxeram outras preposições que não essa: "*a (segundo) meu modo de ver*" — "*a (por) mandado do chefe*" — "*a (consoante) meu gosto*".

Essa a única justificação que encontramos para o *a* da expressão "em complemento à palavra tal". Não se admire o colega se vir amanhã construções como estas: *em auxílio a vocês*, *em socorro aos feridos*, *em favor aos necessitados*, *em benefício aos pobres*, *em recompensa aos serviços*: É a fuga dos bons escritores a aproximarmos do erro. V. *em-2*.

Em conformidade com - "Em conformidade com", "na conformidade de", "de acordo com", "conforme", "nos termos de" — são as expressões certas, que se equivalem, referentes

a decretos, leis etc. V. *conforme*.

Em cores - Em horas, a agressividade dos atuais meios sônicos de comunicação transformam erros de linguagem em padrões de vernaculidade. Não preparados para cindir vocábulos e expressões, locutores de rádio e de televisão os passam para os ouvintes como os vêem num precipitado comunicado escrito e dão ao erro foros de uso, de popularidade, de acerto. Às carradas, como a doença, o erro aparece e se alastra, mas não sai como as doenças, às polegadas: fica. Não há escolas em quantidade capaz de erradicar erros do idioma plantados por tais meios de comunicação verbal; só as mesmas estações emissoras e os mesmos locutores poderão corrigi-los, mas como inteirarem-se eles do engano?

"Televisão a cores" faz parte da ganga impura que não encontrou bateia nem garimpeiro que a separassem da pedra ruilante. Coberta da lama da leviandade, dos cascalhos da precipitação, dos estorvos da pressa, da tapa da inconsciência, a expressão aí está, usada e já surrada nas notícias, nos anúncios, no linguajar comum... mas é impureza.

Em nosso idioma a comunicação não é feita nem a branco nem a preto nem a branco e preto, nem a determinada nem a diversas cores mas EM branco e preto, EM cores: "O presidente falará EM preto e branco" (Jamais "O presidente falará A branco e preto"), "O pronunciamento do presidente foi comunicado EM branco e preto" (Nunca "O pronunciamento foi comunicado A branco e preto"), e assim: "Anunciou-se EM cores que..." — "A fala do papa será transmitida EM cores" — "O satélite transmitiu a cerimônia EM cores nítidas" — "O aparelho opera EM todos os canais e EM cores" — "Após o programa EM branco e preto veio o EM cores" — "As lutas EM branco e preto são mais nítidas do que as EM cores" — "EM cores somente dez minutos, o restante EM branco e preto" — "É possível que EM cores os programas melhorem" — "O desenho foi reproduzido EM cores mais vivas".

Isso quando não for o caso do nosso legítimo *colorido*, pois não cabe a objeção de que "televisão colorida" confunde-se com "televisor", "aparelho" colorido; esta já é outra conversa, outra confusão; é embaralhar "televisão" com "televisionamento" e com "televisor".

Acaso não foi sempre assim que se perguntou: "Você sonha COLORIDO ou EM branco e preto?"

"O cinema é falado" (e não "O cinema é A fala"), "A fita é colorida" (e não "A fita é A cor"), e assim "O filme é EM tecnicolor" — "É Médico quem decide se vai falar EM cores" — "Notas de 500 cruzeiros com desenhos modernos NAS cores verde, amarela, azul e cinza começarão a circular em setembro" — "Uma passagem do jornal com impressão EM vermelho" — "Os jornais continuam a ser publicados EM branco e preto" — "Aquilo EM preto... — disse o lusitano ao ver passar uma loira" — "... delineado EM cores vivas" — "A transmissão foi feita EM cores" — "TV EM cores" — "Jogos de futebol EM branco e preto são mais empolgantes" — "... figuras EM cores carregadas" — "Prefiro assistir a uma luta de boxe EM cores a EM branco e preto" — "Tanto as fotografias COLORIDAS quanto as EM branco e preto saíram esplêndidas" — "Um cenário rico e EM cores vivas".

Dizemos "transmissão ao vivo", mas "ao vivo" é locução adverbial formada de maneira diferente da que estamos considerando (nela entra o arúgo); tem sentido próprio, como se fosse advérbio de modo que significasse "sem ficção", "com aparência de realidade"; é formada como outras locuções invariáveis (ao revés, ao meio, ao par, ao léu, ao largo, ao certo), sem possibilidade nem de especificação nem de acréscimo de mais palavras.

Os acidentes, os atributos indicativos de cor podem vir expressos com a preposição *de* (homem de cor, azulejos de cor), não porém com a preposição *a*. Não saíamos, no caso do verbete, da preposição *em*: recriminação EM voz alta, respondeu EM termos violentos, transmitiu EM cores variadas, televisionamento EM cores, TV EM cores. V. *in colour*, *en couleurs*.

"Em definitivo" - Construção errônea. V. *em-2*.

Em duplicado - Quem teria introduzido "em duplicata" para indicar "em dois exemplares do mesmo teor"? Nem o Laudelino Freire, que traz as locuções separadamente, como simples verbetes, nem o Caldas Aulete ou o Melhoramentos, que dão as locuções na palavra de que são formadas, trazem a locução "em duplicata".

O que realmente existe em português é "em duplicado", exatamente como temos "em separado". Não obstante haver o substantivo *separata*, a locução é formada com o particípio de *separar*: *em separado*. De igual maneira, conquanto exista *duplicata*, a locução deve ser formada com o particípio de *duplicar*: *em duplicado*. Não há fugir do paralelismo.

Em fora - V. *mar em fora*; V. *pelo Brasil afora*.

Em frente de - É erro dizer em português "Os paulistas *frente aos cariocas*", "Morreu *frente ao* portão da Santa Casa". Nenhuma das nossas locuções prepositivas em que entra o substantivo feminino *frente* permite essas construções, que só podem encontrar justificativa no espanhol, pelo que diremos constituírem castelhanismo.

Dizemos em português "fazer frente ao frio", "fazer frente a alguém", mas não há aí locuções prepositivas, senão que *frente* conserva todo o seu valor de substantivo, podendo, dentre outras maneiras, assim inverter-se a oração: "ao frio fazer frente".

Certo será "Os paulistas *ante os cariocas*", "Morreu *em frente do* portão" ou "Morreu *em frente ao* portão", mas nunca, simplesmente, "...*frente ao* portão". V. *face a*.

Em o (escrúpulo tolo ou impossibilidade de combinar) - V. *na nave central*.

"**Em o Estado de São Paulo**" - É extravagância ortográfica do sistema de 43. Se não se diz "Essa notícia está *em o* Estado de ontem", por que obrigar a que assim se escreva? Com a exclusão do latim do currículo ginasial e com a percentagem de analfabetismo do nosso país, já quase ninguém sabe o que é *per*; a ortografia de 43, no entanto, obriga a que engracadamente se escreva "Isso foi divulgado *per A Noite*".

Não se escapa desta dualidade gráfica: ou se escreve "pel'A Noite", com apóstrofo, ou "pela Noite", sem o artigo. Não concordar com isto é querer que se escreva o que não existe.

Não interessa saber se existe artigo ou outra palavra na razão social do jornal ou no título de uma obra, como não nos interessa sabê-lo quando dizemos "Estive na Melhoramentos", "Conheço os Lusíadas", "Vim das Folhas", "A corrida parte da Gazeta", "artigo publicado pelo Globo". Vai ser em português e vai ser no Brasil que se deverá escrever de maneira diferente da que se fala?

Em ordem a - Esta é a passagem de Bernardes (Nova Floresta, II, p. 6) em que aparece a locução: "... o nome sibila vem a ser o mesmo que consultadora de Deus, ou perguntada acerca dos conselhos e propósitos de sua providência *em ordem aos* futuros." Não conseguimos relacionar a locução dessa passagem com a locução inglesa "in order to", pois outro é o significado. Para evitar a repetição de "acerca de", Bernardes empregou a locução sinônima "em ordem a", equivalente a "a quanto a", "com relação a", "sobre".

Tem realmente "em ordem a" também o significado de "in order to", mas a locução deixará de ser prepositiva para ser conjuntiva, e equivalerá a "de forma que", "a fim de que", consoante vemos destes dois exemplos que nos oferece Domingos Vieira: "A disposição dos fatos *em ordem a* conhecerem-se os acertos para os aperfeiçoar, e os erros para os emendar" — "E com efeito mandei encadernar alguns livros *em ordem a* instruir com algumas espécies mais raras as viagens que fizer".

Em palácio - Quando indicar o prédio, o simples local, dirá o leitor: conheço o palácio, invadiram o palácio, houve incêndio no palácio — com artigo. Quando, porém, ao substantivo estiver implícita a significação de expediente oficial; de despacho governamental, não deverá aparecer o artigo: estive em palácio (estive em conferência, conversei oficial-

mente), vou a palácio (vou para ter audiência, vou para entender-me com o governo).

Em palpos de aranha - V. *palpo*.

"**Em pavorosa**" - É erro. V. *em polvorosa*.

Em pleno - V. *pleno*.

Em polvorosa - *Polvoroso* veio-nos do espanhol, onde é sinônimo de "polvoriento", cheio de pó, e do espanhol nos veio a expressão "em polvorosa" e conseqüente substantivação do adjetivo na forma feminina, para indicar *azáfama*, *rebulico*, *desordem*. Tem relação próxima com *pó* e não com *polvoira*.

Entra o substantivo *polvorosa* na expressão "em polvorosa", para indicar "em grande azáfama", "em rebulico", "em desordem"; desta significação fundamental, o seu compreensível emprego em sentenças como "pôr os pés em polvorosa" (fugir).

Em que pesem - Na frase "Em que pesem os argumentos da douta sentença..." o plural se impõe ao verbo, de que é sujeito *argumentos*, plural. Afirmar que o verbo *pesar*, na aceção com que aí é empregado, só se constrói no singular, é não saber identificar o sujeito e, pois, não compreender o significado de toda a oração. Quando se diz "Em que pese a fulano, farei o negócio", emprega-se o verbo *pesar* como verbo pessoal, tem sujeito, que é a própria oração "farei o negócio", substituível por *isto* ou por outra palavra ou expressão equivalente, como *tal coisa*, como se assim fosse redigida: "Em que isto pese a fulano, farei o negócio".

Tal equivalência, é claro, obriga-nos a que deixemos o verbo no singular, uma vez que seu sujeito é o ato de fazer o negócio, é uma coisa, uma oração. Concluir, porém, daí que o verbo *pesar* fica sempre no singular é raciocinar erroneamente. Substituíamos o verbo *pesar* pelo verbo *doer* (não para efeito de sinonímia, senão de verificação do acerto do que acima ficou exposto): "Em que doa a fulano, farei o negócio" — "Em que doam os argumentos a fulano, farei o negócio". Qual o sujeito no primeiro caso? É o ato de fazer o negócio; singular, portanto (Ainda que "isto" doa a fulano... Isto o quê? "Fazer o negócio"). Qual o do segundo? Evidentemente, *argumentos*, plural. E o "a fulano"? É objeto indireto, é dativo de interesse, nunca sujeito nem outra coisa que algo tenha que influir no número do verbo.

Consultar dicionários de regência verbal sem o necessário conhecimento de gramática é proceder que pode acarretar enganos e erros, mormente quando o dicionarista tem uma terminologia e um proceder alheios ao assunto. O engano a que se arrisca quem vai procurar o sinônimo de uma palavra no dicionário que não oferece exemplo do verdadeiro emprego é equivalente àquele em que fatalmente incorre quem do dicionário pretende deduzir regras que só a gramática ensina.

Dizer, como faz Laudelino, que "em que pese a" é locução prepositiva é provocar erros de concordância.

Em questão - Locução justificável. José Joaquim Nunes, nas suas "Digressões Lexicológicas" (pág. 47) escreve: "Há dias... dei à página... com um pequeno artigo sobre o termo em questão". Não se trata de simples inadvertência — diz Graco da Silveira — porque no mesmo galicismo, se o é, incorreram Júlio Diniz (A Morgadinha, II, 104), João Ribeiro (Prefácio da primeira obra de M. Barreto), Sousa da Silveira (Lições de Port., 907), Said Ali (Dificuldades, 13 e 18) e o próprio Mário Barreto (Novos Estudos, 17: Através do Dic., 315). V. *sucesso*.

Em revés - Locução que significa "inclinado", "meio deitado": "A má disposição da carga fazia-o navegar *em revés*".

Em riste - Locução adverbial que significa "retesado", "hírto", como fica a lança quando apoiada no riste (ferro em que o cavaleiro firma o conto da lança quando investe). É tão certo "com o dedo *em riste*" quanto é certo "com a cabeça *a prumo*". *Riste* é uma peca, como o é *prumo*; nem tem a cabeça "no" prumo nem o dedo "no" riste quem "em" riste tem o dedo e "a" prumo a cabeça. Um substantivo pode perder sua real significação numa locução adverbial.

"**Em rústica**" - V. *rústica*.

Em seguida - "Em seguida" significa "logo", "em ato contínuo", "sem tardança", mas é expressão que relaciona dois tempos: agora isto, em seguida aquilo. Condenada é essa locução adverbial quando, à castelhana, é empregada com o significado de "neste momento", "já" — sem nenhuma referência a outro tempo ou ação: Já que você tem pressa, vou em seguida — Não me matriculo em seguida por causa das férias — Quero que você faça isto em seguida — orações injustificáveis em nosso idioma.

Muito usual no Rio Grande do Sul, dada a vizinhança com países de língua espanhola, esse emprego da locução "em seguida" deve ser profligado antes que a doença se alastre. "...sua carta, a que passo a responder em seguida" é construção que não tem sentido em português.

Em som de guerra - Locução que significa "hostilmente": Entrou em som de guerra pela província da Beira.

"Em suspenso" - Construção errônea. V. *em-2*.

Em tomando a governança - A forma verbal da frase é gerúndio, que invade, nesse caso, a esfera do particípio presente latino. No período "Tudo, em me vendo chegar, me perguntava por ela" (Castilho), *vendo*, não obstante a sua função atributiva (como aposto do sujeito), é gerúndio, dado o valor substantivo, denunciado pela preposição *em*, que em rigor não rege adjetivo. Outros exemplos: "Dessem-me uma capa de tal condão, que, em me emboscando nela, me visse por encanto em longas terras" (Castilho) — "O sol logo em nascendo vê primeiro" (Camões) — "Pedro, em tomando do Reino a governança, a tomou dos fugidos homicidas" (Camões).

Não se vá julgar necessária a preposição *em* em tal caso; limita-se seu uso à língua culta. 943, 5, obs. 1.

Em verdade - Locução que significa "verdadeiramente": *Em verdade vos digo. V. falar a verdade.*

Em vez de - V. *ao invés de.*

Ema - Voz: *suspirar.*

Embainhar - V. *arraigar.*

Embair - V. *abolir.*

Embaixatriz - Se a simples senhora do embaixador o português, como outros idiomas, costuma designar com a forma feminina, como explicar estejam alguns jornais a redigir "A senhora Luce foi nomeada embaixadora na Itália"?

Constituindo esse erro uma das manifestações do descabro em que anda a gramática, revela ao mesmo tempo a falta de um pouquinho que seja de raciocínio em quem redige ou revê notícias de jornal. Ademais, a quem falta gramática e raciocínio, o dicionário é completivo quase perfeito; abra-se o Aulete: *Embaixatriz* — "Mulher do embaixador" — "A que desempenha funções iguais ou semelhantes às de embaixador" ("embaixadora", para a segunda acepção, é forma popular).

Onde irão parar as *rainhas*, as *imperatrizes*, as *juízas*, as *atrizes* para quem redige com tanto descuido? Já não bastam "as deputados", "as prefeitos", "as paraninfos", "as ministros" e outros que tais atentados à gramática? V. *inspiradora. V. deputada.*

Embarcar - Hoje não somente em barco se embarca, senão também em trem, em ônibus, em qualquer veículo e, ainda, em sentido figurado, numa iniciativa, num projeto. Compare-se com *emboscar* e a justificação de tais empregos se alumia.

"Embigo" - V. *umbigo.*

Embora - V. *apesar de.*

Embriaguez - Com "z"; é o mesmo sufixo de *mudez, maciez, morbidez* (84, n. 1).

Embu - A palavra indígena *Mboy* (e não *M'Boy*, como às vezes se vê), que se traduz por "rio das cobras", lê-se *Embu*, e assim foi aportuguesada pelos próprios escrivães antigos, os quais desse modo a grafaram várias vezes, ao lado de uma outra forma, *henbou*.

Emergir (vir à tona) - Não confundir com *imergir* (mergulhar). Quanto à conjugação e quanto à própria grafia do infinitivo há umas curiosidades que anotar.

Fonseca, revisto por João Ribeiro, dá uma variante *emerger*, sem nenhum comentário. Essa variante é arcaica, como arcaica é a forma *submerger* (Otelo Reis), *imerger* (Domingos Vieira). Estas variantes arcaicas do infinitivo atestam que a conjugação não deve ser a que às vezes se vê, *emerge, imerge, submirjo*. Aulete é contraditório, pois, enquanto em *emergir* dá *abolir* como paradigma, em *imergir* e em *submergir* dá *aderir*, contradição de fácil verificação ao leitor, pois os dois paradigmas já foram aqui expostos.

O mais seguro é continuarmos a proceder como a maioria dos dicionaristas e gramáticos: considerar *emergir, imergir* e *submergir* defectivos à semelhança de *abolir*, com a ressalva, já existente para outros verbos defectivos, de que toleram as flexões "e" e "em": *emerge, emerge, submerge* (489, 10).

Êmide - V. *mómade.*

Emigrar (sair do país) — Não confundir com *imigrar* (entrar no país).

Emissão - V. *imissão.*

Emitente, Emissor - Embora modificado por decretos posteriores, nosso Código Comercial data de 1850 e aí encontramos *emitente*. Tratadistas diversos, entre os quais Paulo Lacerda (A Cambial, 1912), Margarino Torres (Nota Promissória, 1917), repetem a palavra. Confronte-se o art. 54 do decreto 2044 de 31-12-1908.

Se *emitente*, digamos, é a palavra empregada para atos jurídicos de iniciativa particular, *emissor* introduziu-se em atos de caráter público ou material; enquanto um cidadão é "emitente de uma letra", um banco, um governo é "emissor de papel-moeda", como também um aparelho é "emissor de ondas", uma estação é "emissora de rádio".

Esquecendo-se da palavra "emitente", o Código Civil Brasileiro (art. 1505 e ss.) fala em "subscritor ou emissor"; por que assim procede? "Subscritor" é influência do francês.

Emitir - V. *imitar.*

Emolir - V. *abolir.*

Empecilho - V. *digladiar.*

Empedernir - V. *abolir.*

Empequenecer, Empequenitar - São formas bem criadas (tornar pequeno, encurtar): Por que não haverá um que *empequente* esta almanjarra poética?

Empertigar - É forma condizente com a derivação latina; de *pértica* (vara) tivemos a forma erudita *pértica* (vara com que se mediam as terras distribuídas aos soldados romanos) e as divergentes *pértica, pértiga, pértiga* e *pértiga* (vara do carro que do recavém vai dar no cabeçalho).

Atualmente temos só *pértiga* para o substantivo e *empertigar*, mais comumente usado com pronomes reflexivos (*empertigar-se*) para o verbo (endireitar ou endireitar-se como uma vara; encher-se de vaidade): E olha como o pobre homem *empertiga* a cabeça — Aprumei-me, *empertiguei-me*, firmei o pé, e profeti o esconjuro com voz clara e rija.

Empola, Empolar - Derivados do latim *ampullam* (pequena redoma ou garrafinha onde se guardava o óleo para o banho; vaso de perfumes; vidrinho, frasquinho), *ampola* e *empola* são dois vocábulos que dicionários dão como sinônimos em diversas significações:

Ampola — 1. Reservatório pequeno, de vidro, fechado, em que se guardam remédios para injetar ou outros medicamentos. 2. Reservatório de vidro, empregado na produção dos raios X. 3. Vaso de vidro ou metal com bojo largo e redondo; âmbula. 4. Bolha ou vesícula subepidérmica, cheia de serosidade, que se manifesta em geral nas partes do corpo submetidas a repetidas fricções; empola.

Empola — 1. Bolha formada por derramamento de serosidade entre a derme e a epiderme. 2. Corpúsculo globuloso e oco, que se observa na raiz de certas plantas. 3. (Anat.) Dilatação de um conduto. 4. Pequeno recipiente de vidro, terminado em ponta, por onde se introduz um líquido e que se fecha, soldando-se a ponta por meio do calor.

Fica por esse confronto parecendo que *ampola* significa em primeiro lugar "reservatório de vidro em que se guardam líquidos para injeções" e *empola* indica primeiramente, se-

gundo o uso mais generalizado, "bolha".

Consultando-se, porém, outros dicionários, nota-se que ora apresentam *empola* e *ampola* como formas sincréticas (grafia diversa com significado igual), ora como divergentes (grafia e significado diversos).

O certo é que ambas são uma só palavra e, ambas, sinônimas. É interessante esclarecer que Gonçalves Viana apresenta em seu vocabulário somente a forma com "e" inicial: *empola*. Parece ser realmente esta a forma que mais se vulgarizou e não nos admiremos se vier a suplantá-la inteiramente a primeira, uma vez que a mudança de *an* para *en* já aparece em outros casos; *antennatum*: *anteado* e, depois, *enteado*; *anguilam*: *anguia* e, depois, *enguaia*.

Se dúvidas de emprego há quanto à forma do substantivo, o verbo que se usa é com "e" inicial: *empolar*, quer signifique "criar empolas", quer "tornar-se ostentoso".

Empório - V. *armazém*.

Emprestar, Empréstimo - "*Empréstimo, emprestar, empréstador* são termos relativos ao ato de ceder temporariamente a alguém alguma coisa. E para designar o ato de receber a coisa cedida nessas condições? Não poderíamos usar *impréstimo, imprestar, imprestador*, por analogia com os antônimos *emigrante e imigrante, emigração e imigração*?"

— Não. Em *emigrante* o prefixo é "e" (igual a "ex"); este se emprega antes de nomes começados por vogal e aquele antes de começados por consoante, ao passo que em *empréstimo* e cognatos o prefixo já é o próprio *in* latino vernaculizado na forma *em*.

Acrescente-se a essa observação que *in* tem várias significações (629), todas empregadas em avultado número de compostos portugueses.

Para o caso, basta-nos explicar o seguinte: *Empréstimo* é alteração de *empréstito*, forma arcaica mas correta, oriunda da junção do prefixo *in* a *praestitum*, particípio passado do verbo *praestare*. *Empréstido* ainda encontramos no Moraes.

O prefixo *in*, nessa palavra empregado, tem o significado de *como, de*, e o composto *in-préstito* interpreta-se por: "como prestado". Ora, uma coisa tanto pode ser dada quanto recebida como prestada.

Empréstimo não somente o ato de "dar emprestado" significa, senão também o de "receber emprestado". O sentido da oração é que irá determinar em qual das acepções é o vocábulo empregado. Nenhuma confusão oferecerão estas duas sentenças: "O *empréstimo* que o Brasil fez a um de seus estados" — e "O *empréstimo* que o Brasil conseguiu da Inglaterra". Na primeira, o Brasil *deu emprestado* e, na segunda, *recebeu*.

Que necessidade haverá de criar novo vocábulo? São comuns, e este emprego patenteia o que dissemos, diálogos como o que segue: "Esse livro é seu?" — "Não; é *emprestado*".

Outras palavras há que neste caso se enquadram: Tanto *aluga* uma casa o seu dono como o que nela vai morar. *Freguês*, da mesma maneira, tanto é o que compra quanto o que vende certa coisa. E, assim, credor e devedor, ambos *emprestam*.

Para confirmar o acima explicado está, antes de tudo, o uso, e, depois, a autoridade de João Ribeiro. No dicionário de Fonseca, quando define o substantivo *emprestador*, faz ver esse filólogo que tanto o é o que *dá* quanto o que *toma emprestado*, e acrescenta: "Ambos os sentidos também se verificam no verbo *emprestar*". V. *palavras bifrontes*.

...ença (*ensa*), ência - V. *parecência*; V. *diferenciar*.

Encapuzar - De *cappa* mais o sufixo *ucao*, o italiano *cappuccio* deu-nos *capuz*. Se o substantivo nos veio pacificamente, já o mesmo não se deu com o verbo dele derivado; os dicionários só trazem *encapuzar* e *encapuchar*.

Encapuchar é verbo bem formado, pois provém de *capucho*, mais próximo do italiano, existente ao lado de *capucha*, donde temos *capuchinho* (frades *capuchinhos*). Também o francês tem ao lado de *capuce* a variante *capuche*.

Que dizer, porém, de *encapuzar*? Relegar de vez esta forma

porque os dicionários a não consignam? Não nos aventuremos a tanto quando até hoje jamais ouvimos nem vimos *encapuzar*. *Encapuzar* é forma que tem sua justificação quando considerada à luz da analogia; se *antraz* com "z" se escreve, não é com "c" que se escreve *antracite, antráaco*? Não se dá o mesmo com *capaz* e *capacitar*? A analogia é mais pronunciada quando nos lembramos de *lambuzar* e *lambuçar* e quando verificamos que possuímos *acarapuzar, encarapuzar*.

Jamais, a não ser em dicionários, vimos *encapuzar*; viu-o acaso o leitor? "Os assaltantes estavam *encapuzados*" — "Na cerimônia os chefes se apresentaram *encapuzados*" — não é assim que sempre tem visto?

Se temos *mordaz* e *amordazar*, por que não podemos ter *capuz* e *encapuzar*? Acaso não há relação etimológica entre o "z" e o "c" *cedilhado* dessas palavras? *Prezar* existe ao lado de *aprezar* e não de "aprezar"; o étimo latino é o mesmo. Em espanhol existe *capuzar*, mas todos sabemos que o z desse idioma corresponde gráfica e foneticamente ao nosso c *cedilhado*.

Se nos exemplos dados aceitamos a relação gráfica e fonética, por que não aceitarmos *encapuzar*, que, além de analogicamente justificável, tem a seu crédito o uso?

Encíclicas - As encíclicas — cartas oficiais que o papa escreve a todo o mundo católico romano — costumam ser denominadas pelas palavras que as iniciam; constitui-se, portanto, o nome de uma encíclica de parte de uma oração; nenhuma admiração deve causar-nos seu nome com trazer substantivos em casos que não o nominativo (caso do sujeito) ou com apresentar aparente discordância.

A tradução literal de "rerum novarum" é "de coisas novas", mas essas duas palavras apenas iniciam o primeiro período da encíclica, sem constituírem sóis oração completa. E, assim, "Pacem in Terris" são as primeiras palavras do primeiro período de célebre encíclica de João XXIII ("Ter-rae, arum", no plural em latim, tem o mesmo significado do singular: *mundo, universo, terra*); de igual forma, "Immortale Dei", designação de uma encíclica de Leão XIII, não deve causar estranheza a quem sabe que "immortale" é neutro e "Dei" é masculino e estão as duas palavras em casos diferentes.

Enciclopédia - V. *Antioquia*.

Encobrir - V. *tossir*.

Encontrar - Pode construir-se: a) "Encontrei muita gente". b) "Encontrei com muita gente" c) "Encontrei-me com muita gente".

Encruar - Com "c" no início da palavra; trata-se do prefixo vernáculo "em" a imprimir ao verbo o sentido de "tornar": *envelhecer* (tornar velho), *empobrecer* (tornar pobre), *encruar* (tornar cru), *entristeecer, encombridar*...

A gente inculca diz: "A batata *encrua*". Os verbos em "uar" são regulares; seu radical não sofre alteração e, graficamente, as formas rizotônicas trazem o "u" acentuado: *sua, suas, sua...* *encrua, encruás, encruía*: "A batata *encruía*".

Endefluxado - V. *defluxo*.

Endereçógrafo - Se temos já consignada em vocabulários a palavra *nimeógrafo*, não sabemos que dúvida ou dificuldade se apresente para que não arrolemos também *endereçógrafo* e *multígrafo*. Por que são compostos híbridos? Como, porém, corrigir *multígrafo* e o mesmo *endereçógrafo*, helenizando ambos os elementos, se *polígrafo* já existe como substantivo de acepção diferente ("O que escreve sobre matérias diversas") e se *multígrafo* e *endereçógrafo* são compostos de uso internacional? Ao nosso idioma, cabe, somente, adaptar os elementos e corrigir a acentuação, sem se preocupar com eliminar o hibridismo, desde que já passou o tempo de fazer esta correção. E por muito contentes nos demos se conseguirmos ver amanhã, impressos num anúncio ou pronunciados por um vendedor, os vocábulos *endereçógrafo* para designar a máquina de imprimir endereços, e *multígrafo* para denotar a máquina que imprime com o mesmo aspeto de uma simples máquina de escrever. Se palavras de formação correta, como *monótipo*, só se ouvem pronunciadas à estrangeira (ora

à francesa: "monótipo"; ora à inglesa: "monotaípe"), que pretensão a nossa de eliminar o hibridismo dos compostos em estudo? Corrijamos o possível e demo-nos por muito satisfeitos se o conseguirmos.

Endeusar - V. *economizar*.

Endez - V. *indez*.

Enfant gaté - V. *progenitor*.

Enfarte - Idiomas há que escrevem a palavra de acordo com o étimo latino (*infarctus*, por *infartus*, do verbo *infarcio*, *ire*), com "i" inicial: espanhol *infarto*, inglês *infarct*, alemão *infarkt* e o francês o faz à latina, *infarctus*.

O dicionário da Melhoramentos traz as três formas (*infarto*, *infarte*, *enfarte*), para definir a palavra na forma *enfarte*; de gênero masculino, é esta a forma consignada no vocabulário da Academia das Ciências de Lisboa; denota o ato de *enfartar* (encher, entulhar, ingurgitar, obstruir) e razão não falta para que a usemos. Primeiro, com a terminação "e" é ela já de largo uso, pois denota o ato de *enfartar* como *descarte* denota o de *descartar*, *encarte* o de *encartar*, *corte* o de *colar*, *porte* o de *portar*. Por último, a forma inicial "en" é a existente em cognatos (*enfartamento*, *enfartação*), principalmente no verbo *enfartar*.

Enfeixar - Cuidado em não eliminarmos o "i" do grupo vocálico "ei"; digamos "enfeixo", "enfeixas"... V. *aleyar*.

Enfermagem - "Qual o verdadeiro significado da palavra *enfermagem*? Função de enfermeiro, corpo de enfermeiros, tratamento de enfermeiros, conforme emprego corrente, ou tornar-se enfermo, como quer Pedro Pinto?"

— Não há querer em assunto de significações de palavras. Ao uso devemos atender e erra quem dessa norma se afasta.

Enfestar (dobrar o pano ao meio em todo o comprimento e enrolá-lo assim na peça; furtar no jogo marcando maior número de pontos do que o devido; enfastiar) - Não confundir com *infestar* (assolar).

Enfisema - A primeira sílaba do composto grego é *en*, correspondente ao *in* latino; o *n* assimila-se em *m* antes de outra labial: *embrião*, *emplastro*.

Corresponde a palavra exatamente a *in-suflação*, mas o verdadeiro sentido cabe aos médicos dar.

Enfoque - "A militarização da polícia, mediante imposição do governo federal, deve-se a um *enfoque* defeituoso da apreciação dos problemas de segurança." — "...e expender suas opiniões não apenas sob o aspecto exclusivamente técnico, mas aliando este *enfoque* à nossa realidade." — "...para o caso, as eleições dão outro *enfoque*."

— Que será isso, que nenhum dicionário traz? Dicionários de que língua não trazem? Os do nosso idioma, mas abram-se dicionários espanhóis e lá encontraremos: *enfoque* acción y efecto de enfocar.

Podemos passar a empregar a palavra em português? Parece não haver dúvida. Se temos *loque* para indicar o ato de *tocar*; *carne* para indicar o ato de *encarnar*; *derrame*, de *derramar*; *escape*, de *escapar* etc., por que não poderemos ter *enfoque* para indicar o ato ou efeito de *enfocar* (pôr em foco), verbo este existente em nosso idioma, empregado no caso no sentido figurado de "descobrir, compreender os pontos essenciais de um assunto para resolvê-lo acertadamente"?

Se, porém, o espanholismo tem apoio em análogo procedimento nosso, não podemos, por outro lado, deixar de considerá-lo em certos casos abusivo e desnecessário quando nos lembramos de nossas legítimas palavras *compreensão*, *interpretação*, *explicação*, *versão*: "... para o caso, as eleições dão outra *versão*".

Considere-se ainda o perigo de dentro em pouco estarem a usar a palavra com o sentido errado, e inexistente em espanhol, de "foco"; será desconcertante vermos tolices como esta: "O assunto em *enfoque*..."

Engenheira - V. *consulesa*.

Engerir-se (verbo pronominal essencial; encolher-se de frio ou doença) — Não confundir com *ingerir* (introduzir, engolir). Os participios são *engerido* (engelhado de frio ou doença) e *ingerido* (engolido, introduzido).

Engolir - V. *tossir*.

Enodoar - V. *mágoa*.

Enquanto - O variado e correto emprego das conjunções distingue o escritor, pois a extensão e a clareza do período só são possíveis em quem as conhece; a gagueira de estúlo — períodos sempre curtos — tem explicação no desconhecimento do seu trato.

É *enquanto* uma das várias conjunções nossas que vemos empregadas sempre com a mesma significação, quando não de forma léxica errada. Todos sabem que *enquanto* significa "no tempo em que", "durante o tempo que", "quando": "Os reis estão sempre bem pagos do bem que praticam, com o bem que recebem da nação, *enquanto* bem servem" — "O pontífice mantê-la-ia *enquanto* o excetuado procedesse bem, e o excetuado procederia bem *enquanto* el-rei não representasse ao papa que procedia mal!"

O que nem todos sabem é que *enquanto* também significa "ao passo que", ou seja, pode ser empregado com sentido adversativo: "João é estudioso, *enquanto* Antônio não é" — "Você se saiu bem, *enquanto* eu me sai muito mal".

O que nos leva a tratar desta conjunção é precisamente o emprego dela com este segundo significado, pois andam por aí, talvez por causa do "que" da locução sinônima "ao passo que", a escrever "enquanto que". Nada disto; joguem fora este "que" e passem a escrever como ficou exemplificado: "Você se saiu bem, *enquanto* eu me sai muito mal".

Ainda esta observação: Conjunção temporal que é, poderá levar o verbo para o subjuntivo quando a idéia implicar suposição, eventualidade, futuridade; uma coisa é: "*Enquanto* ele estuda eu descanso", outra é: "*Enquanto* ele estudar de madrugada, não dormirei no mesmo quarto". Lá o indicativo a denotar fatos reais, aceitos, aqui o subjuntivo a indicar uma possibilidade, uma ação talvez contrafeita, e sua consequência (588, n. 4).

"Enquete" - Não é português; nossa palavra é *pesquisa*, além de *inquérito*, *indagação*.

Enradicado - "Constitui erro o emprego de *enradicado* em vez de *enraizado*? Não tem *enradicado* a mesma significação de *radicado*?"

— O *em*, como outros prefixos, nem sempre traz modificação de sentido; vários verbos há em que seu aparecimento constitui mero caso metaplástico. Como deve o leitor saber, os metaplasmos (grego "metaplasmos", transformação), ou *figuras de dicção*, são alterações, modificações que sofrem certos vocábulos sem que seu sentido se altere: é o que se dá com *alevar* (levantar), *assoalho* (soalho), *arrenegar* (renegar), *estalar* (estalar), *Mavorte* (Marte), *inda* (ainda), *mor* (maior) e outras palavras que ora recebem aumento ora sofrem supressão de letra ou sílaba.

Com outros verbos passa-se fenômeno idêntico ao de *enradicado*: *emalancar* (balançar), *embaralhar* (baralhar), *embarrar* (barrar), *embetumar* (betumar), *enchapuçar* (chapuçar), *endoutrinar* (doutrinar), formas perfeitamente equivalentes.

Essa equivalência já não se dá quando o prefixo *em* (prefixo vernáculo) imprime ao verbo novo sentido, como em *envelhecer*, *empobrecer*, *encluir*, *entristecer*, *encompridar*, em que o *em* significa tornar: tornar velho, tornar pobre, tornar cru, tornar triste etc.

Pode ainda esse prefixo trazer a idéia de *revestir*, *guarnecer*, *pôr em*: *encourçar*, *encanar*, *encaxar*, *empoeirar*, *empalhar*, *encadear*, *empanar*, *empoleirar*, *enforçar* etc.

Finalmente, pode esse prefixo emprestar a significação de *tornar-se como*, *proceder à maneira de*: *emburrar*, *empavonar*, *encabritar*, *empepinar*, *encachoeirar*; *empoçar* etc.

Desnecessário se torna dizer que *enradicado* não se enquadra nestes casos; é forma de pureza e significação iguais a *radicado*.

Enraizar - V. *arraizar*.

...ensa - V. *parecença*.

Ensinei-lhe a viver - Regência verbal é problema que se não resolve com regras predeterminadas. Não é assunto que possibilite, do estudo de cada caso particular, inferir uma ou

algumas regras gerais que englobem todos os verbos.

Não se pode dizer que determinada regência, previamente existente, impõe-se necessariamente a um verbo; o verbo é que vai indicar-nos a regência, não por si, mas pelo uso, ou seja, pelo emprego de bons escritores.

Os próprios nomes adotados pelos dicionaristas para batizar os verbos segundo a maneira de serem construídos são em grande parte falhos, fictícios, inexpressivos, quando não errados, pois há quem confunda complemento accidental, circunstancial, com complemento essencial.

O que importa é, mediante consulta a um bom dicionário do idioma, ver como é o verbo construído pelos bons escritores, e obedecer, passivamente, à regência, à construção apontada. Não podemos dizer que "ensino-o a viver" é que se deve dizer, sem recorrer aos exemplos. Vejamos o que diz Stringari, ou melhor, leiamos os exemplos que ele nos apresenta, para verificar o erro de uma regra dessa natureza:

"Quando a coisa ensinada é expressa por infinitivo regido da preposição "a", o nome da criatura, a quem se ensina, põe-se-á, indiferentemente, no dativo ou no acusativo": Ensinando ao Sultão a conhecer suas mesmas forças (A. Rá-gio Nóbrega) — O Espírito Santo o ensinava a recrear os outros religiosos (Stringari) — Sparta ensinava ao adolescente a morrer pela glória (Latino Coelho) — Tu lhe ensinaste a erguer altares (Maximino Maciel) — Nunca lhes ensinei a ser despejadas (Morais) — Ensinar um cão a fazer habilidades (Morais).

A conclusão é clara: Tanto é certo dizer "ensinei-o a viver" quanto "ensinei-lhe a viver". V. *regência verbal*.

Ensino do vernáculo - Dos reverendíssimos frades franciscanos do seminário de Agudos, SP, em vésperas de importante congresso de todos os professores das matérias lecionadas nas casas de formação da Ordem, tivemos a honra de receber uma consulta sobre assunto que está a exigir cada vez mais a atenção de todos os que amam nossa grande pátria; aqui as perguntas e as respostas:

1. Está o senhor professor satisfeito com o número de aulas exigido por lei para o ensino de português?

— Qualquer brasileiro bem formado sabe que deve ser diário o ensino da gramática da nossa língua, não somente desde os primeiros anos de alfabetização senão até o fim do curso médio, onde muitos professores confundem ensino de idioma com ensino de literatura, ensino de língua com ensino de lingüística; sabe, outrossim, que é difícil conseguir eficiência de ensino em turmas de trinta, de quarenta, quando não de cinquenta alunos.

Jamais nos esqueçamos de que muitos países há com sete horas diárias de curso primário — de duração de sete ou oito anos — e de OITO horas por semana de GRAMÁTICA no secundário, de duração de quatro ou cinco anos. O ensino da gramática exige muita assistência didática e, principalmente, a justificação da correção dos erros dos alunos; isto demanda muito tempo do professor em casa e dos alunos em aula, mas ensino de idioma não existe sem redação, correção dos erros e justificação das correções.

2. Na opinião do senhor professor, é realmente satisfatória a seriação dos pontos da matéria?

— Durante os anos em que lecionamos português em estabelecimentos de ensino nunca nos prendemos a programas; estes, embora oficiais, são sempre pessoais e estão sempre a mudar. O verdadeiro programa é o que supre as necessidades dos alunos, cujo nível cultural e capacidade de aprendizado variam de classe para classe, de turma para turma, de região para região. Sempre julgamos deverem os alunos prestar exames finais da matéria e não exames anuais nem, muito menos, provas mensais que só logram diminuir ainda mais o tempo de ensino.

Em geral, em toda e qualquer disciplina, a decadência do ensino começou no dia em que os ginásios particulares foram oficializados. Ginásios e colégios deveria haver oficiais e também particulares, livres e não oficializados; um estabelecimento de ensino, enquanto particular e livre, é real-

mente uma casa de ensino, com professores de personalidade e responsabilidade didáticas, de competência comprovada pelo índice de aprovações conseguido pelos alunos perante bancas oficiais e estranhas, como tivemos até a revolução de 30; uma vez oficializados, transformaram-se muitos deles em barracas de feira, em casas de comércio, com caixeiros em vez de professores.

3. Deverá o estudo da literatura ser feito quase totalmente à mão dos escritos literários ou contentar-se com ensino mais teórico?

— Como vem sendo feito e exigido, o estudo da literatura, tanto portuguesa quanto brasileira, é meramente histórico, memorativo. De nada interessa ao idioma saber que em tal época existiu tal indivíduo, desta ou daquela cor, com esta ou aquela profissão, que vestia esta ou aquela roupa, que tinha ou não dois olhos, que era ou não político ou de algum aglomerado associativo. Dispersivo e inútil para a formação gramatical, este estudo traz efeito contrário; ao invés de apreciar a produção, no seu teor e forma, vai o aluno considerar o indivíduo, o que só interessa à história, ou o assunto de suas obras, o que não interessa ao idioma. A história da literatura seria matéria para os anos de faculdade, quando então se estudariam as escolas, os representantes e as obras por eles produzidas.

A verdade é que estudar literatura não é estudar português nem língua nenhuma; pode alguém conhecer a literatura chinesa sem conhecer uma palavra de chinês. Pode alguém conhecer muito bem a literatura portuguesa sem conhecer a gramática portuguesa, o que não raro acontece.

4. Qual a significação que o senhor professor dá aos exercícios escritos?

— A fixação das regras de gramática, a independência e a personalidade de estudo só pelos exercícios escritos são trazidas, com tal que o professor lhes explore todos os erros juntamente com o aluno. Trabalhos escritos sem correção, correções sem explicação de nada adiantam.

5. Além dos trabalhos escolares, que aconselharia o senhor professor como atividade extra-escolar para o português?

— Tratando-se de alunos externos, o cuidado maior é de abstenção mais do que de ação. Fazer com que o aluno, fora da classe, fuja da futilidade mundana, da Informação (imprensa, rádio, televisão) frívola quando não malévola, deve ser a preocupação do verdadeiro mestre, principalmente do de português. Nem livros, nem revistas, nem folhetos, nem publicação nenhuma, deve o aluno ler — a não ser nas férias — que não digam respeito aos estudos. Ao aluno que estuda e tem bons professores não sobra tempo para trabalhos e preocupações além dos escolares.

6. Terá o senhor professor alguma experiência toda especial do ensino do português que nos possa comunicar?

— Quem se der ao trabalho de confrontar os diversos programas oficiais, de alçada já municipal, já estadual, já federal, notará a disparidade de orientação didática, pedagógica e psicológica dos seus organizadores.

Ao lado desse desconcerto didático, encontramos este estupefacente princípio, exarado em portaria oficial de um diretor estadual de ensino: "O estudo da gramática só deve iniciar-se na terceira série ginasial" (Na reforma, 7ª série do 1º ciclo).

É verdade que é difícil saber o que é elementar, o que é médio, o que é superior, mas dizer que a gramática só em tal série se ensina é defender o analfabetismo, é negar o progresso de nossa gente, é menosprezar nossos alunos e seus pais, é fazer a apologia da educação física e dos trabalhos manuais, quando não do hipismo. O que realmente sabemos é que, mesmo com programa de gramática desde a primeira série, há muito aluno da última série do segundo grau que não sabe o que é objeto direto, que não sabe sequer consultar um dicionário. A linguagem se desenvolve normalmente no ser humano, e não será um doutrinador quem virá estatuir que o estudo da gramática tem o quilômetro zero em determinada série e que antes desse marco o indivíduo deve

errar e vagabundear a vontade. Não existe na vida de um indivíduo um dia fixo em que deva passar de assistente a ator, nem outro em que deva passar de ator a crítico; se não temos confiança na capacidade nossa, tenhamos-na na de nossos alunos. O "Não me amole, vá brincar" de muitos pais é intolerável em quem se diz professor.

Avesso, para fins didáticos, à ferrenha divisão da gramática em lexeologia e sintaxe — divisão justificável e necessária em tratados completos — sempre iniciamos cursos orais para principiantes com a fundamental noção de *predicação verbal*, procurando, lição a lição, preparar o aluno para a seguinte, fugindo sempre de dar-lhe matéria sem que ele saiba o porquê, o alcance do que está a estudar. As lições devem seguir-se num entrosamento que possibilite e, principalmente, provoque a atenção para a lição seguinte. Nossa "Gramática Elemental" faz eco ao que ficou exposto. Como ensinar "crase" a quem não sabe o que é complemento, o que é artigo, o que é preposição e o que é objeto indireto?

O texto deve trazer exercícios além de questionários, e as aulas devem ser dadas através do texto. Professor que dá aula de gramática sem texto não é professor, por mais respeitáveis e reconhecidos sejam os seus conhecimentos lingüísticos. O professor que fizer com que uma classe, aluno por aluno, leia e demonstre ter compreendido parágrafo por parágrafo, exemplo por exemplo de uma lição, terá mais prazer do que trabalhar em dar aula; dela sairão seus pupilos já sabendo a lição e já podendo fazer a inteiro conteúdo os exercícios, muitos dos quais poderão ser corrigidos na própria sala de aula. Por outro lado, o aluno diligente poderá através das perguntas do questionário tomar em casa a lição de si próprio ao terminar de estudá-la.

Não nos esqueçamos, porém, de que o professor é guia do aluno; aí está o seu trabalho supletivo do texto; como guia, a ação diverge de aluno para aluno, de classe para classe, de série para série, de período para período, de região para região.

7. Como ensinar o aluno a ser jornalista, escritor ou pesquisador mais tarde?

— Para nós, jornalista é o repórter, o apreciador de fatos do momento, o relator — como a palavra está a indicar — do dia-a-dia; deve ele, antes de mais nada, conhecer o fato que pretende comunicar ao leitor; quando o assunto for técnico, especializado e geral (político, social, artístico, religioso, agrícola, turístico etc.), escrever, simplesmente, para jornal, não é ser jornalista, mas sim colaborador, que pode redigir e publicar os trabalhos onde lhe aprouver.

Escritor é o que tem forma e conteúdo; aquela terá quem conhecer o idioma; este, quem tiver erudição e, principalmente, cultura. Se somente a forma, temos o frívolo; se somente o conteúdo, temos o técnico; se as duas coisas, temos o escritor; se nenhuma delas, teremos o... modernista.

O desânimo com o que se passa hoje nos cursos secundários (os vestibulares e os concursos aí estão a provar a contínua decadência do ensino) não constitui novidade a nenhum brasileiro, nem aos próprios professores; do descalabro é único culpado o oficialismo, ou melhor, a oficialização dos estabelecimentos particulares. Essa é que foi a semente da erva daninha que vimos crescer; o comercialismo e a conseqüente degradação do ensino teve nessa oficialização suas únicas raízes; o professor, reduzido ao papel de balconista, vê-se obrigado a vender a mercadoria de acordo com a vontade do patrão... e o freguês sai sempre satisfeito.

Dedicado exclusivamente ao ensino particular, não participante de nenhum movimento nem oficial nem político, muito admirávamos a cegueira de nossos homens públicos no tocante à instrução; grande é o alento que agora sentimos com ver que homens dedicados ao ensino ativo, ao magistério consciente, resolveram abanar a cinza que vinha abafando a inteligência de nossos alunos, sufocando-a desde os primeiros anos de estudo com matérias impertinentes à instrução e impedindo-lhe o verdadeiro caminho da cultura. É possível que vejamos realizado no Brasil o que em todos os

países civilizados é tradição de séculos — o ensino diário do idioma pátrio em todo o curso médio, mas estudo do idioma e não leitura, ou melhor, imposição de idéias de autores suspeitos e desconhecidos de nossa gramática.

É realmente vergonhoso o exercício deletério da profissão, o explicar a cátedra para extirpar do aluno um possível amor à disciplina que leciona, o tirar do estudante todo e qualquer incentivo que o distinga dos colegas relapsos, dos patricios ociosos, dos concidadãos inúteis para a cultura.

É o que está acontecendo. Professores de português, cada vez em maior número, estão aparecendo que não lecionam português: confundem história com gramática, misturam linguagem com língua, empastelam lingüística com idioma. Não somente isso; se não declaram formalmente aos seus alunos "gramática é bobagem", dizem-no com o seu procedimento. Se não, vejamos o que no prefácio de um livro diz um professor de "português", conhecido em todo o Brasil, pois é ele um dos traficantes de regras de acentuação e engendrador de nomes técnicos de gramática: "...considerações ainda presas ao formalismo gramatical, hoje em franco declínio. A colocação dos pronomes pessoais oblíquos perdeu aquele rigorismo que a ligava à sintaxe lusitana, pois o problema é de fonética e não de sintaxe. O brasileiro coloca o pronome de acordo com a cadência da língua por ele falada e esta cadência não é igual à dos lusitanos. Os escritores de vanguarda há muito tempo colocaram a questão nos devidos termos".

Continua o iconoclasta, que chegou a candidatar-se a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras: "Ter por *haver* tem a consagração de um dos nossos maiores poetas, ... — "Tinha uma pedra no meio do caminho" (As reticências estão em lugar do nome de um dos escritores julgados "de vanguarda", por explicável coincidência um dos mais encontrados em modernos livros de leitura que se intitulam "livros de português", "português através dos textos", "português dirigido").

Vai mais além o destruidor de nossa gramática: "A preposição "em" com verbos de movimento concorda com o dinamismo da nossa época. O avião a jato acabou com as distâncias. Quem chega já se julga no lugar. Troca a circunstância de lugar para onde pela de lugar onde".

Trinta anos antes dos jatos já assim pensava o empreitado prefaciador, mas isso ele não diz à autora do livro, a quem dá a seguir esta amorfa orientação sintática: "A concordância com o sujeito coletivo é uma silepse de caráter individual".

Mal dos tempos? Cansaço? Nada disso; mera leviandade, que sempre encontrou e encontrará apoio entre os relapsos, entre os comodistas, entre os folgazões do magistério do idioma pátrio. E o professor de português que chegou até aqui não é nem folgazão, nem comodista, nem relapso, pois tais professores não lêem quem quer que julgue ser a língua a mais viva expressão da nacionalidade, quem quer que esteja convencido de que saber escrever a própria língua faz parte dos deveres cívicos.

Tão descrente estávamos de nossos ministros de educação — um houve que suprimiu uma das quatro minguadas aulas semanais de português de uma série para substituí-la por outra de desenho — e de nossos deputados e senadores, que sempre nos pareceu utopia vir um aluno do curso médio a ter aulas diárias de gramática portuguesa. Tentaremos, porém, com certo esforço, ter esperanças. Se existe uma Providência no mundo, esta deve fazer sentir-se também no Brasil.

Enso - É forma paralela de *insulto* e *insosso*. Todas existem nos dicionários, mas *enso* é a mais usada (A sopa está *enso*) e dela há o verbo *ensossar* (tornar *enso*, tirar o sal). A forma "inonso" é errada, como errada é a forma "mendingo", nas quais a nasalização da segunda vogal explica-se pela nasalização da primeira. A nasalização progressiva é fenômeno popular. V. *M* e *N* *intrometidos*.

Entoação, Entonação - V. *intonação*.

Entrada proibida - V. *expressamente proibido animais na praia*.

Entrar - 1. Na acepção de *penetrar* era antigamente construído:

a) com obj. direto: "O vapor entrou a barra", "...mães que entram o templo". — Com essa regência temos este exemplo de Bilac: "O exército entrou as portas de Cartago".

b) com a preposição *a*: "Venceslau entrou ao pátio do palacete", "Entrar aos nossos lares".

2. Hoje, nessa acepção, constrói-se com *em*: Entrou na sala.

3. Na acepção de "vir a participar" constrói-se com *em* ou *para*: Entrar na vida diplomática — Entrando para a nova Igreja.

4. Entre as muitas acepções e construções deste verbo note-se esta: entrar de guarda, entrar de serviço, entrar de cantar no coro do teatro.

Entre - "Entre uma coisa E outra" se diz em nossa língua: Que diferença havia entre os sábios E os ignorantes?

Parece sobejo ensinar coisa tão generalizada, mas isto vimos estes dias: "O valor dessas mercadorias oscila entre 70 a 80 milhões de cruzeiros". Onde foi o homem de negócios buscar o "a" que está entre os seus 70 e 80 milhões?

Entre a cruz e a caldeirinha - Locução que significa "estar em artigo de morte" (*caldeirinha*, vaso de água benta), "estar liquidado" (na cabeceira do caixão do cadáver a cruz, nos pés a caldeirinha).

Entre lusco e fusco - Locução que significa "sem instruções", "sem normas precisas": Caminhar entre lusco e fusco.

Entre mim e ti - Deve-se de preferência dizer: "entre mim e ti", "entre ti e mim", "entre ele e mim", e não: "entre mim e tu", "entre ti e eu", "entre ele e eu".

Não é pequena a estranheza de um leitor de jornal que, cioso da correção de seu idioma e acostumado com a leitura de bons autores, verifica a insegurança de redação de um noticiário. Assim que eleito, Carter declarou num de seus primeiros pronunciamentos: "Não existem incompatibilidades entre mim e Kissinger".

Essa não foi, porém, a redação da notícia do jornal, senão outra, copiada servilmente do original: "Não há incompatibilidade entre Kissinger e eu". Não! Dois pesos há para a nota da tradução: 1. o inglês cita a própria pessoa em último lugar; 2. ainda que colocado em último lugar, o pronome regido pela preposição *entre* deve em português aparecer na forma oblíqua; mais obrigatória se torna essa forma se, como é habitual em nossa língua, vier citado em primeiro lugar. Se as circunstâncias se repetirem, traduza, senhor redator: "Não existem incompatibilidades entre mim e Kissinger".

Entre Rios - Adjetivo pátrio: *entremiano*.

"Entregas a domicílio" - Expressão espúria, conquanto generalizada; emende-se para "entregas em domicílio", pois a entrega é "em" um lugar e não "a" um lugar. Tornando a expressão duplamente errada, o "a" aparece muitas vezes com o sinal de crase.

Entregue, Entregado - O particípio *entregue*, proveniente de um adjetivo latino (*integre* — com metátese), é a única forma participial em "e" cujo emprego remonta à fase mais antiga da língua portuguesa.

Quanto ao emprego, observe-se que, não obstante ter muitas exceções, a regra dos participios duplos obriga-nos, no presente caso, a usar a forma *entregado* com os verbos *ter* e *haver*, e a reservar o particípio irregular, *entregue*, para orações passivas, isto é, com os verbos *ser* e *estar*. Se, de um lado, dizemos "foi *entregue*", "está *entregue*", devemos, por outro, dizer "tenho *entregado*", "havia *entregado*".

Por analogia com *entregue*, criou-se modernamente a par de *assentado* o supérfluo *assente*, termo de que se serviu Filinto Elisio, mas que foi refugado por outros escritores, coetâneos e posteriores. Se *entregue* é forma aceitável, eimologicamente justificada em português, o mesmo já não se pode dizer de *aceite*, *fixe*, *encarregue* e *assente*, formas participiais que, não obstante usadas em Portugal, devem ser postas de lado, por constituírem criações plebéias de todo inúteis, ha-

vendo já *aceito* e *aceitado*, *fixo* (adjetivo) e *fixado* (particípio), *encarregado* e *assentado*.

Entrementes - Significa "entretanto", "durante esse tempo", "enquanto isso sucede ou sucedia": "Conversavam todos na sala; *entrementes* (enquanto isso se dava), Joãozinho peraltava no quintal" — "Voltavam os caçadores; um cão, *entrementes* (nesse meio tempo), dá com o rasto do animal".

Entretanto - Hoje ou se diz "no entanto" ou "entretanto"; cai em desuso a forma "no entretanto".

Entretela - Com o prefixo *entre* é que se escreve a palavra que designa "estofa encorpado e consistente, entre a fazenda do fato e o forro" e "contraforte de muralha".

Entretimento - Assim se costuma indicar o ato de *entreteter*; é forma antiga e, talvez por influência do espanhol, a que se emprega em lugar de *entretimento*.

Entupir - V. *bulir*.

Envelope - Já não há que pensar em galicismo no uso desta palavra e, pois, nos substitutivos *sobrecarta*, *sobrescrito*, *involtório*, *envólucro*. Como nos arranjariamos depois para substituir *envolpear*? "Dobre e *envelope* as cartas só depois de assinadas" — "As circulares devem ser *envelopadas* hoje e postadas amanhã" — são construções naturais de qualquer pessoa que trabalhe em escritório.

Enviuvar - V. *arraigar*.

Envolvido, Envolto - O particípio regular é também usado na passiva: "Ele está *envolvido* num escândalo" — "A criança foi *envolvida* em trapos" — "Uma das cientistas *envolvidas* no processo é brasileira".

Enxáguia - V. *água*.

Enzimo, Enzimico - O étimo obriga-nos a assim escrever o adjetivo: pão *enzimo* (o contrário de *pão ázimo*) e de igual forma o substantivo, designativo de "fermento solúvel": Os *enzimos* aparecem em todos os tecidos.

Dar ao substantivo a terminação "ma" é confundir a origem da palavra com a de outras como *enigma*, confusão culpada do derivado "enzimático", que deve ser corrigido para *enzimico*. Nessa confusão não incorrem outros idiomas: francês, *enzyme* (m.), *enzymique*; inglês, *enzyme* (m.), *enzymic*. O emprego de *enzima* é de largo uso.

...eo, ...io - V. *estádio*; V. *unicórnio*.

Epifania - V. *Antioquia*.

Epígrafe - Há livros que trazem todos os capítulos epígrafados. Etimologicamente, corresponde a palavra a "sobrescrito", "coisa que se escreve em cima", e denota a inscrição colocada no ponto mais visível de um edifício"; extensivamente passou a significar a "sentença ou divisa posta no princípio de um discurso ou de uma composição poética"; emprega-se com sentido ainda mais lato, para significar o próprio título de um artigo ou capítulo.

Epíteto - Com o acento no *i* é que se pronuncia; significa "qualificativo que se junta a substantivo, para ornato ou para tornar mais definida a idéia ou para modificar a aceção desta", "qualificação": O *epíteto* foi forte demais, mas merecido.

Épsilo - É de fato estranhável, mas não deve constituir surpresa para os que procuram basear o acento na legítima quantidade grega: *épsilo*, com acento tônico no *i*, é o verdadeiro acento da palavra, e não "épsilo" nem "épsilon". A palavra é composta de *ε*, no gênero neutro, e *psilon*, forma neutra do adjetivo grego "psilós", que significa depenado, nu, vazio, liso, ligeiro, breve.

O *i* desse adjetivo é longo e, por constituir a penúltima sílaba do composto, deve ser acentuado.

Quanto à terminação, importa observar que não é da índole do português conservar o *n* final da desinência neutra de tais adjetivos gregos, razão por que também *ômico*, nome de outra letra grega, deve em português terminar em *o* e não em *on*.

Observe-se que a palavra é nome de uma letra grega, parecida com o nosso "e", e não do nosso *hispilão*, nome este proveniente da designação de outra letra grega (*γ*).

Equação de duas incógnitas - V. *a* (emprego galicista).

Equador - Adjetivo pátrio: *equaloriano*.

Equiparar - V. *calorze*; V. *caracteres*.

Equitativa, Equitativo - V. *caracteres*; V. *calorze*.

Era (época) - Não confundir com *hera* (planta).

Era, Foi - Qual a diferença entre *foi* e *era* nas orações "Rio Branco *foi* um grande estadista", "Rio Branco *era* um grande estadista"?

— Nada mais falaz, às vezes, que adstringir-se à estrutura de um acidente vocabular; flexões há, de nomes e de verbos, que devem ser consideradas não em si, ou seja, absolutamente, mas em conjunto com os demais termos da oração, do período, ou seja, relativamente, e, ainda mais, em consonância com a idéia, com a intenção, com o espírito e não com a forma. Os tempos verbais de nosso e de outros idiomas não podem ser considerados de maneira absoluta; se os tempos fundamentais (presente, passado e futuro) usam-se uns pelos outros — fenómeno denominado *enálage* (vou amanhã; serão dez horas agora; enquanto César constrói, Napoleão destrói) — com maior naturalidade o imperfeito do pretérito se usa pelo perfeito quando a idéia de passado vem juntar-se a qualquer relação de simultaneidade, de relatividade com outra ação ou circunstância. Só mesmo o contexto poderá dizer que tempo se emprega: se este, se aquele, se qualquer deles. Se, recriminando o proceder de um pai, já falecido, afirmamos: "Fulano não tinha a obrigação de ensinar o filho, ele não *era* professor" — o *era* aparece em virtude da relação com outra idéia, com outra circunstância expressa.

A diferença entre o pretérito perfeito e o imperfeito é ditada pela contextura do período, do discurso; o emprego será determinado pela correlação com outras circunstâncias e não pela distinção absoluta, predeterminada entre essas variantes do passado.

Ainda que o pretérito perfeito se possa chamar pretérito absoluto, porque se refere a qualquer tempo anterior ao momento de falar, sem especificar época nenhuma — nesse sentido, são também absolutos o presente e o futuro imperfeito do indicativo — já o pretérito imperfeito é relativo, é um pretérito simultâneo, indica ato contemporâneo. Quando declara alguém: "Fui professor de fulano", indica ação passada e absoluta; quem diz: "Era professor de fulano" implica relatividade (nessa ocasião, quando certa coisa aconteceu). Suponhamos que certo indivíduo, médico notório, tivesse em vida feito um discurso; poderíamos dizer que ele *falava* muito bem? Não; a ação, isolada como se vê, não implica simultaneidade nem continuidade.

O imperfeito poderá aparecer numa oração isolada ou independente, e, outras vezes, um advérbio, uma circunstância qualquer poderá ensinar-nos o perfeito; a esta pergunta: "Fulano *era* poeta?" — poderíamos responder: "Não, ele *foi* somente orador".

Éramos seis - V. *em-3*.

Érebo - Nome de um vulcão do oceano glacial Antártico, é proparoxítono por ser breve o "e" da penúltima sílaba.

Érico - A quantidade do "y" do vocábulo *Eryx*, *Erycis* é breve. No próprio latim esse nome próprio, designativo de um filho de Vênus, que morto por Hércules foi enterrado num monte da Sicília que dele tomou o nome, tinha a variante *Erycus*, *i*, de "y" igualmente breve. Não se justifica, pois, a não ser por influência de algum idioma estrangeiro, o acento no "i".

"Erigir em" - É regência consignada em Laudelino, mas vituperada por Aulete como "galicismo condenado"; por Vasco e por outros dicionaristas como "moda de dizer afrancesado e errôneo". Nestas orações aparece o legítimo verbo nosso em lugar da expressão francesa: "Foi raptado na flor da juventude, por Vênus, que o *constituiu* guarda noturno de seu santuário" — "Até os juizes pedâneos, que constituíam o último anel da cadeia na hierarquia judicial, *se arvoraram* de motu-próprio comissários da Inquisição" — "E senhor se *arroga* do sumo alcaçar".

Éritis Sicut Dii - Locução latina que significa "sereis como

deuses". A serpente tentou Eva dizendo que ela e Adão seriam iguais a Deus se comessem o fruto proibido.

Ermida - V. *lugares de culto*.

Ermidão - Plural: *ermidões, ermitões, ermitões*. Feminino: *ermidões, ermitã*.

Errando discitur - Locução latina que significa "com errar aprende-se".

Errare humanum - Locução latina que significa "errar é humano".

Errata - Enquanto em inglês dizem *erratum* para indicar "um erro" e reservam *errata* somente para "lista de erros" ou para o plural "erros", obliterou-se em português a forma plural do étimo latino, que entre nós se usa também com o significado de "um erro", donde o nosso plural *erratas*.

Erro - Coletivo: *barda*.

Errônia - Quem ao cuidado se der de compulsar dicionários e vocabulários verificará haver engano na pronúncia *errônia*. Abrindo o Moraes, vemos: *errônea* ou *errônia*, s. f. = opinião errada: v. g. as *errôneas* do vulgo. E outros exemplos dá, grafando a palavra sempre com a terminação *ea* em vez de *ia*. Domingos Vieira, dicionarista de grande mérito, confirma as citações de Moraes, grafando com *ea* final o vocábulo, e acrescenta mais este exemplo: sair da *errônea* = perder a ilusão em que andava.

Não será esse o único exemplo de adjetivo substantivado na forma feminina ("O encontro entre a polícia e os moleques corredores sempre foi *uma constante*"), e casos desses há operados com os próprios adjetivos terminados em *eo* átono. O adjetivo *cérceo* (cortado pela raiz, pela base) substantivou-se no feminino *cércea*. *Ampelídeo* (relativo à vinha) deu-nos o substantivo *ampelídea*. Em *cesárea* (forma preferível a *cesariana*) temos um substantivo, de uso mais generalizado que os anteriores, proveniente de adjetivo (*cesáreo*); na linguagem matemática existe o substantivo *simultânea*, não consignado nos dicionários, tirado do adjetivo *simultâneo*.

Não nos perdendo em considerações ortográficas, aceitamos o sincretismo verificado em Moraes, em Domingos Vieira e no vocabulário português de 1940. O que não podemos aceitar é o deslocamento da tónica, comum em livros modernos. Escrita com "i", a palavra continuará proparoxítona, como fazem os três autores há pouco citados. Gonçalves Viana também proparoxítono dá o vocábulo e o mesmo faz Cândido de Figueiredo, mas este se perturba no dar-lhe o significado, atendo-se a um provincianismo que não vem ao caso citar.

Como os substantivos *média* e *prévia*, que proparoxítonos são e de adjetivos provêm, o título desta questão, uma vez de lado posta a forma com *ea*, deve ser lido *errônia*, proparoxítonamente.

"Ersatz" - A palavra nossa é *sucedâneo*: "A química tem criado vários *sucedâneos*" — "Procura-se um *sucedâneo* para a religião".

Erva - É com *h* em francês (*herbe*), é com *h* em inglês (*herb*), é com *h* em espanhol (*hierba*). O étimo latino traz *h*; no dizer de Ernot et Meillet, deve ser sobrevivência de palavra rural prelatina.

Se em português *erva* é mais usado que *herva*, também em inglês, embora seja com *h*, este só raramente se ouve nos Estados Unidos; na própria Inglaterra o *h* passou a ser aspirado apenas de 1800 em diante; é o que nos adianta Webster.

Ainda que escrevamos *erva*, o radical latino é mantido nos derivados: *herbáceo*, *herbanário*, *herbático*, *herbífero*, *herbívoro* etc.; *herboso* vem a variante *ervoso*.

Ês, Ez - Esa, Eza - O sufixo *ez*, que denota qualidade ou estado, sempre se escreve com *z*, porque tem origem na terminação latina *itia*, onde encontramos o grupo *ti* seguido de vogal: *pequeno* + *ez* = *pequenez*; *surdo* + *ez* = *surdez*.

Dois observações se impõem: a) esse sufixo tende a confundir-se com o sufixo *eza*: *duro* + *eza* = *dureza*; *belo* + *eza* = *beleza*; *malvado* + *eza* = *malvadeza*;

b) não devemos confundir esse sufixo com a terminação *ês* ou com a terminação *esa*, provenientes de outras origens:

português, presa, defesa, despesa, empresa, represa. - V. estupidez.

Esbaforido, Espavorido - Certos parônimos são realmente perigosos: *esbaforido* e *espavorido* aí andam quase sempre trocados. Se o primeiro se relaciona com *bafo* (Não vem ao caso fazer considerações etimológicas), o segundo se refere a *avor*. Fica *esbaforido* quem muito corre, quem perde o alento, quem tem a respiração dificultosa e entrecortada por efeito de cansaço: Tão rapidamente subiu a escada que ficou *esbaforido* — Encontraram-no *esbaforido* após aqueles pesados trabalhos.

Espavorido fica o que se espanta, o apavorado, o assustado: O moço frade fitou os olhos *espavoridos* naqueles olhos que já o não viam — Os brutos javalis fogem-te *espavoridos* do enxurdeiro silvestre.

Esbaforir - V. abolir.

Escapulir - V. bulir.

Escarrapachar (abrir muito as pernas), **Escarrapichar-se** (proferir as palavras com meticulosidade), **Escorropichar** (beber até a última gota) - São formas que não devem ser confundidas.

"Eslavista", "Eslavagista", "Eslavagismo" - Não são palavras do nosso vocabulário; em português temos *escravista* (adjetivo: relativo a escravos; subst.: que defende a escravatura), como temos *escravismo* (sistema dos escravistas).

Tratando-se de escravos negros, o traficante é *negreiro*.

Escoador, Escoadouro, - V. *coradouro*.

Escola (de ordem elevada, cujo ensino abrange todos os ramos da instrução superior) - Coletivo: *universidade*.

Escolas-modelos - Isto de encerrar o segundo elemento de um substantivo composto idéia de finalidade é assunto mais ou menos delicado e quase sempre inseguro. Por que o plural de *mestre-escola* é *mestres-escolas* e o de *navio-escola* é *navios-escola*? Muito bem chama Vasco Botelho de Amaral tais compostos de "espúrios"; a nós, no plural deveria trazer os dois elementos flexionados: *navios-escolas*, *pombos-correios*, *café-concertos*, *carros-correios*, *canelas-tinteiros*, *escolas-modelos*.

Escolho (ô) - No plural, o substantivo tem o "o" aberto.

Esconso - Forma participial do verbo *esconder*, usa-se como substantivo e significa compartimento aproveitado nos desvãos inclinados do teto do telhado. Como adjetivo (na significação de *escondido*, *oculto*) é hoje desusado, mas aparece na locução adverbial "a *esconsa*", que significa *ocultamente*.

"Escore" - A deduzir dos nossos dicionários de rima, *estore* — aportuguesamento do francês "store" — é o único substantivo de nosso idioma com essa terminação; tem seu sentido próprio, e não tínhamos outro para o caso. Já o mesmo não acontece com "escore", que, não obstante estar no vocabulário oficial de 43, é palavra desnecessária, pois temos, dentre outras, *contagem*, *resultado*, além de ser aportuguesamento estropeado, uma vez termos nomes terminados em *or* aberto (*arredor*, *major*, *redor*, *suor*...); sua intromissão no vernáculo deve-se a ter vindo de cambulhada com outras do futebol.

Escoreito - Apesar de João Ribeiro e outras gramáticas darem *escoreito* como forma participial irregular de *escorrer*, parece de mais acerto considerá-lo filiado ao baixo latim *excorrectum*, participio passado de *excorrigere*, que significa *corrigir*, sendo o *ex* prefixo aumentativo, reforçativo. Compreende-se mais, assim, a razão de frases como "rapaz *escoreito*" (bem apessoado), "linguagem *escoreita*" (apurada, correta).

"Escravagismo" - É inaceitável a redação: "concitando as massas a rebelar-se contra o regime de tirania, ignorância, traição e *escravagismo*". Por que não *escravidão*? Que significação especial encerra o barbarismo para que se refugie o vernáculo? Nenhuma.

Escravo - Coletivo, quando na mesma morada: *senzala*; quando a caminho para um mesmo destino: *comboio*; quando aglomerados: *tropa*, *banda*.

Escrevente, Escriturário, Escrivão - *Escrevente* é o amanuense, aquele que tem por profissão copiar o que outros escrevem ou ditam: é um simples translador. O *escriturário* é, também, um escrevente, com a diferença de fazer tão só escritas comerciais, protocolares ou semelhantes. *Escrivão* chama-se o

que escreve os autos do magistrado, tribunal, delegacia.

Todas essas palavras são, pois, *cognatas*, isto é, nascidas de uma raiz comum, *scrib* (e-scrib-a, e-scrib-ão), nas diversas variantes: *script* (e-script-o, e-script-ura, e-script-urar etc.), *scrip* (de-scrip-ção, in-scrip-ção) e *screv* (e-screv-er, det(s)-screv-er etc.).

Escrito - Coletivo, quando em prosa e em verso, em homenagem a homem ilustre: *poliantêia*.

Escrivão - Plural: *escrivães*; feminino: *escrivã* — 216, obs. 3.

Escusar - V. *expectativa*; V. *desculpar*.

Escutari - É o aportuguesamento de "Scutari", nome de cidade do Bósforo.

Esfia, Esfirra - Se a língua portuguesa é essencialmente composta de línguas, seus vocábulos só raramente conservam toda a fisionomia dos étimos.

Palavras árabes temos em nosso vocabulário, desde o romance, inteiramente amoldadas e confundidas entre as originárias do latim e do grego: *Tot purae arabicae voces in Hispania reperiuntur, ut ex illis justum lexicon confici possit*.

Assim foi, assim continuará a ser fatalmente: Se novas coisas aparecem, aparecem com elas nomes novos; se de outras terras for a novidade, com ela muito provavelmente virá a palavra, que entrará no vernáculo tanto mais facilmente quanto mais despida de particularidades com ele não condizentes.

Esse trabalho de adaptação deve constituir preocupação de todo o autor que, embora não muito desejo de sacrificar o nome original em toda a sua pureza prosódica, tenha a necessária inteligência de concordar com o sacrifício de letras ou com a introdução de outras, de forma que os nomes se tornem mais aceitáveis e — quem sabe — um dia possam figurar no vocabulário português, ao lado de outros partidos antes da mesma terra.

Um exemplo explicará e justificará o dito: *esfia*. Pretender a palavra se introduza na forma "esfiha" é pretender dois impossíveis, ou melhor, dois antagonismos, duas extravagâncias, duas ofensas idiomáticas: um, gráfico; outro, prosódico. Se pessoas de língua árabe recém-vindas ao Brasil a pronunciarem com a aspiração antes do "a" final, eles continuarão a dessa forma pronunciá-la na nova pátria, quer permaneça quer não o "h"; pretender, porém, que filhos nossos, desconhecedores dos característicos prosódicos da língua árabe, e os próprios filhos e demais brasileiros de várias gerações introduzam uma aspiração inteiramente estranha ao vernáculo é, se não o impossível, pretender o ridículo, é afugentar do vocabulário os brasileiros e impedir dele a introdução no povo e nos dicionários. Se, agora, a aspiração não tem fundamento, por inexistente em português, que irá fazer aí o "h", desaparecido, quando medial e sem valor prosódico, das próprias palavras portuguesas? Escrevamos e pronunciemos *esfia* — simplesmente *esfia* — que veremos amanhã o engraxatezinho pedir com a maior naturalidade ao botiqueiro de modesto subúrbio o petisco que os brasileiros tanto apreciamos. *Bievivorismo*, *lanche*, *líder*, *futebol* e outros são nomes na devida vesúmenta reveladora de personalidade e apuro.

Que se aportuguese em *esfirra*, como já se vê em botequinhos de esquina, mas que não se escreva o que nem na grafia nem na prosódia nossa existe.

Esfincter - É palavra grega, mas o latim obriga-nos a dizer *esfincter* no singular e *esfincteres* no plural.

Esforçar-se - Quando assim usado, pronominalmente (pôr todo o esforço, empenhar-se), várias preposições podem anteceder o complemento:

em — Esforçava-se *em* desviar os olhos.

a — Se és cristão no nome esforça-te a sê-lo nas obras.

por — O apóstolo esforça-se *por* ir absolver o catecúmeno.

para — A senhora Maria das Dores esforçava-se *para* respirar.

de — Não se esforça *de* tais coisas.

Esforço - No plural, o substantivo tem o "o" aberto.

Esgoto - Com *s* é a ortografia oficial.

Esmerilhar - Se em *descarrilar* não deve aparecer *h* porque provém de *carril* mais o sufixo *ar*, em *esmerilhar* o *h* tem justificação etimológica, porque não deriva de *esmeril* mas do verbo já formado em italiano "smerigliare". Os dicionários consignam as duas formas, *esmerilhar* e *esmerilar* — mas a forma com *h* tem, além da justificação do uso mais generalizado, a do étimo italiano. É muito provável que *esmerilar*, sem *h*, se deva a livros técnicos escritos em espanhol, idioma em que só existe essa grafia. V. o *carro patinha*.

Esmolar - V. *palavras bifrontes*.

Esnober - Com um "e" no início e com outro no fim, devemos transcrever a palavra "snob", corrente em inglês e mais ou menos antiga.

Os estudantes de Cambridge chamavam, com desprezo, de "snobs" os que não pertenciam à universidade. Tão corrente e antiga é a palavra que um escritor inglês deixou uma obra com o título "O livro dos Snobs", isto há mais de cem anos, e o livro vulgarizou o vocábulo, que passou a viver com sentido um tanto metamorfoseado; denota hoje o indivíduo que pretende ser mais do que é, ou materialmente ou intelectualmente. Chama-se ainda *esnober* a pessoa que se faz admiradora de tudo quanto é novidade, o "metido a sebo".

Esopo - V. *Arquia*.

Esotérico - Com "s" o nome que designa a doutrina secreta que certos filósofos só comunicavam a pequeno número de discípulos. V. *xolérico*.

Espada - *Aumentativo*: espadagão, espadão. *Barulho*: entrecho-car, tinar.

Espanha - Vejamos, antes, como grafam algumas línguas: inglês, *Spain*; alemão, *Spanien*; italiano, *Spagna*; castelhano, *España*; francês, *Espagne*.

E em português? Erraremos tanto, escrevendo *Hespanha*, quanto grafando *hescova* (do lat. *scopam* só poderemos obter *escova*).

A dúvida quanto à melhor grafia do título da questão vem desde o latim; a par de *Spania* e *Spanus*, formas usadas por Vegécio, Célio Aureliano e pelo gramático Isidoro, havia *Hispania* e *Hispanus*, formas usadas por Justino, historiador do segundo século, por Plínio e por Cícero.

E não nos cause admiração tal dubiedade dos dicionários e autores latinos. Ainda na Espanha, há a cidade de Sevilha que antigamente se chamava *Hispal*, quando tal palavra vem do hebraico, onde havia o grupo *sh* inicial; *Spalis*, no latim, e *Espal*, em português, seriam as formas mais corretas.

Vejamos por quê.

Há em latim palavras comecadas por "s" seguido de consoante: *spiritus*, *scabrosus*, *scientia* etc. Há, porém, diferenças entre o grupo *sc* de *scientia* e o *sc* de *scabrosus*: lá, temos um grupo *consonântico*, i. é, pronunciado numa única prolação, o que sempre acontece quando o grupo *sc* é seguido de *i* ou *e*; aqui, o *s* tem valor prosódico independente do *e*, visto já não se tratar de grupo *consonântico*, dando-se o mesmo quando ao "s" se segue outra consoante qualquer: *Smyrna*, *squalidus*, *stabilis*. A tendência do português é tirar o *s* no primeiro caso, por não ter nenhum valor fonético: *ciência*, *cena*; e, no segundo, acrescentar um *e* protético para nos facilitar a pronúncia; teremos então: *e-spirito*, *e-scabroso*, *E-smirna* e *E-spanha*. Não há no vernáculo palavra, legitimamente portuguesa, comecada por *s* de valor prosódico independente.

Em outras línguas, como no italiano, já não se dá o mesmo; existe o *s* inicial tanto em *sciencia* como em *scabroso* e em *Spagna*, dando-se ao *s* do segundo caso o nome "s impura", "impura" porque as letras em italiano são do género feminino.

Não nos esqueçamos, porém, de que, quando primeiro elemento de adjetivo pátrio composto, assume a forma *hispano*, com *h* inicial: *hispano-suíço*.

Espanhol, Castelhana - Afirmação falsa é esta: "Referindo-nos ao idioma falado na Espanha devemos dizer *castelhano*, e não *espanhol*".

Para elucidação, transcrevemos esta passagem de um boletim que nos foi gentilmente enviado pelo Consulado

Geral da Espanha.

En la terminología lingüística universal se llama hoy español a la lengua o lenguaje que empezó siendo "castellano". El castellano, con sus sonidos peculiarmente enérgicos de las "jotas" y las "erres", fue la cuña central que irrumpió en la evolución histórica y fonética de las lenguas neorrománicas, sucesoras del latín de Roma. Quedaban a un lado el gallego y el portugués, al otro lado el catalán, valenciano y mallorquín, enlazados con el provenzal. El gallego y el catalán son dos lenguas fonéticamente más suaves que el castellano, pero no menos españolas que él; como no menos española es su producción literaria.

Exterior a la corriente histórica de los idiomas está otro: el vasco, o vascuense, o "euskera". De muy difícil clasificación y origen, esta lengua singular y antiquísima, que algunos piensan haber sido primitivamente la de toda la Península Ibérica, se habla hoy en las comunidades rurales del rincón cantábrico a los dos lados del Bidasoa, actual frontera entre España e Francia. Como el catalán sigue hablándose a los dos lados del otro extremo de la frontera pirenaica, en el Mediterráneo.

El español lo emplean en 1971 unos trescientos millones de personas, y es el idioma oficial de más de veinte repúblicas libres, independientes y soberanas, que constituyen en lo cultural y espiritual una verdadera Comunidad Hispánica de Naciones.

Espargo - V. *aspargo*.

Espazir - Corruptela de *espargir*, usada desde Camões (II, 36), nascida com o espanhol (*espazir*).

Espavorido - V. *esbaforado*, *espavorido*.

Espavorir - V. *abolir*.

Espear (tornar mais comprido) - Não confundir com *espessar* (tornar espesso).

Espear emprega-se em marcenaria, quando se fala de juntar longitudinalmente uma peça a outra.

Espécime - Escreve-se sem *n* final. O plural é *espécimes*, também proparoxítono.

Há palavras, é verdade, que se escrevem com "en" final mas tal se dá com as de cunho e uso eruditos, cujo *n* final conserva o valor alfabético. Quando tais palavras passam a ser de uso generalizado, geralmente perdem o *n* final, e o plural se forma regularmente. V. *tentame*; V. *líquen*.

Espectador - *Coletivo*: assistência.

Espear - Cuidado no conjugar; como todo o verbo termina do em "elhar", tem o "e" sempre fechado: *espêlho*, *espêlhas*. — "e o teu futuro *espelha* essa grandeza". Na grafia não há necessidade do acento circunflexo.

Espermatídio - V. *ídio*.

Espermatócito - Por ser breve o *y* (i na ortografia oficial) d elemento *cyto*, todos os compostos que por ele terminarem serão proparoxítonos.

Esperto, Experto - Do que se infere do estudo do étimo de duas palavras, os dicionários e vocabulários oficiais trazem a dupla grafia somente em virtude de possibilitar a diferença de sentido, diferença apoiada na distinção gráfica já com sagrada de cognatos. Enquanto dão a *esperto* os sentidos de 1. desperto, acordado, ligeiro (Cumpram aos litigantes os *espertos*);

2. ativo, inteligente, sagaz (Fez isso de *esperto*);

3. vivo (lume *esperto*);

4. quase quente (água *esperta*);

e a *experto* o sentido de experimentado, experiente, perito (Soldados *expertos* nos passos das montanhas) — os que se aventuram a dar o étimo das duas mostram desde logo a incoerência de distinção gráfica. Intimamente, Carlos Góti no seu Dicionário de Raízes e Cognatos dá *es* como uma das variantes do prefixo *ex* e apresenta entre outros exemplos: *palavra esperto*, a qual faz seguir da explanação "por *experto*"

Esperto, com a significação de sagaz, atilado, tem por auctentativo *espartalhão*, *espartalhaço*.

Espiga - *Coletivo*: amarrilho, arregaçada, atado, atilho, braçada, braçado, gavela, lio, molho, paveia; de milho, quando

presas pela própria palha: atilho.

Espingarda - Barulho: *espoucar*.

Espinal - É curioso notar que o vocabulário oficial de Portugal (Academia das Ciências de Lisboa, 1940) dá duas formas, *espinal* e *espinhal*, cada qual na sua posição alfabética, com uma especificação em *espinal* ("relativo a espinha"), mas sem especificação nenhuma em *espinhal*.

Nesse procedimento começa a nossa dúvida quanto ao acerto da segunda forma. Uma consulta ao Dicionário de Termos Médicos de Pedro A. Pinto revela-nos, no verbete *espinal*, as palavras: "*espinal* ou *espinhal*", e logo a seguir: "A primeira, sem razão, dada como ruim".

A estranheza de procedimento do relator do vocabulário oficial português e a categórica afirmação de Pedro A. Pinto de que não têm razão os que profligam *espinhal*, levam-nos a indagar que distinção de significado podem apresentar as duas formas se em outros idiomas só encontramos uma. É o caso do inglês, que nos apresenta esta redação: "Susan Foss has been paralyzed from the neck down with a *spinal* tumor" (TIME) — e mais esta, também do TIME: "David Bodian of Johns Hopkins School of Medicine examines a brain and *spinal* cord".

Nas duas passagens, que são de diferentes números do semanário americano, só vemos uma forma, e a conclusão nossa é esta: Tão somente por influência do inglês apareceu a variante em português, variante que não se intrumete no composto *cerebroespinhal*: sistema nervoso *cerebroespinhal*, fluido *cerebroespinhal*, meningite *cerebroespinhal*, esclerose *cerebroespinhal* — nem do composto *cerebroespinhante*: agente *cerebroespinhante*.

Por não existir em inglês dígrafo palatal correspondente ao nosso *nh* é que a forma inglesa é uma só, *spinal*; podemos dizer, sem receio de errar, que *espinhal* é simplesmente anglicismo. Traduzamos "*spinal* column" por *coluna espinhal*, "*spinal* marrow" por *medula espinhal*, "*spinal* cord" por *cordão espinhal*, que estaremos falando português. Caso contrário, dentre pouco iremos excluir do nosso vocabulário também *espinhaço*, para substituir por "*espinhalção*", e com isso ao vocabulário português se aplicará mais um esparadrapo.

Por que cedermos terreno ao estrangeirismo? Acaso irão outros países estudar medicina em português? Ou nos encontramos incapacitados de compreender, de traduzir outros idiomas?

"Espiquer" - V. *locutor*.

Espirar, Expirar - *Espirar*, com *s*, significa, simplesmente, soprar; seu étimo é o latim *spiro* ("bruma *spirante*", soprando o vento invernal); "Zéfiro *spirante*". Desses os demais significados de *respirar*, *estar com vida*, *soltar* e outros ("Uma das coisas que ainda *expiram* para mim poesia..."); a esse verbo prende-se *espírito* (sopro, ar, respiração, aspiração), e dele temos compostos por prefixação: *aspirar* (ad + *spiro*), *conspirar* (cum + *spiro*), *respirar* (re + *spiro*) e, para o nosso caso, *expirar* (ex + *spiro*).

Que foi feito do *s* do encontro *xs*? O mesmo que se fez com o *s* de *expectativa*.

Se a grafia eimológica de *expirar* é estropiada, o verbo existe; seu significado é a ele emprestado pelo prefixo *ex* (para fora), de "expelir o ar dos pulmões" e, daí, "exalar", "morrer", "extinguir-se", "revelar" e outros, além do mesmo significado de "respirar", pois tanto respira quem expira quanto quem expira. V. *s-x*. V. *expectativa*.

Espírito Santo (estado brasileiro) - Sigla oficial: *ES* (sem nenhum ponto).

Esplêndido - Esta palavra e a palavra *espontâneo* devem ser escritas com *s*, pois não existe nelas o prefixo *ex* mas sim os termos simples *splêndido* e *spontâneo*, acrescidos do "e" protético" como natural apoio e justa representação gráfica da nossa prosódia (112, A, obs. 2).

Esplendor - V. *s-x*.

Esponsais (ou *esponsálias*) - Do latim *sponsalia*, bodas; promessa ou contrato de casamento; escrituras, cerimônias ou

convencões antenupciais: "contrair *esponsais*".

Aplicava-se antigamente de modo especial às promessas de casamento (noivado) e se tomava ora por simples promessa que não ligava as partes, ora como sinônimo da palavra *noivado* ou *fiada de noivado*; mais tarde tornou-se sinônimo de *casamento*. Não nos esqueçamos de que *noivo* pode indicar o que está próximo a casar-se e também o recém-casado.

Espontâneo - V. *esplêndido*.

Esporas - Barulho: retnir, tinir.

Esp'rança - O apóstrofo está pelo "e", como pode estar por outra vogal, para indicar síncope: *per'la* (pérola). 137.

Esprem'er - V. *s-x*.

Esquecer-se - "É certo dizer: Nada lhe esqueceu?"

— O que há no caso é apenas esquecimento de uma regência muito usada entre nossos clássicos. Hoje empregamos reflexivamente, quando, antigamente, eram os verbos *lembrar*, *esquecer*, *admirar* e *recordar* usados com significação ativa. Se hoje, comumente, dizemos: "Lembro-me de um fato" — "Esqueci-me de uma coisa" — "Recordo-me de ter visto" — "Admirei-me daquilo" — primitivamente se dizia: "Lembra-me um fato" — "Esqueceu-me uma coisa" — "Recorda-me ter visto" — "Admira-me aquilo".

São construções portuguesíssimas, não merecedoras do esquecimento em que se encontram. Esses verbos admitem, ainda hoje, três construções:

a) Lembro ter ouvido.

b) Lembro-me de ter ouvido.

c) Lembra-me ter ouvido (a pessoa é obj. ind.; a coisa lembrada é sujeito).

Êsquilo, Esquilo - É proparoxítono quando nome próprio; veio-nos do grego pelo latim; o *y* da penúltima sílaba é breve: *AEschylum* - *Êsquilo*.

É também grego, mas outro o étimo, o nome do roedor, que tem a penúltima sílaba acentuada: *esquilo*.

Esquimó - Em português diz-se e escreve-se *esquimó*. *Esquimau* é grafia francesa.

A palavra é uma só para os dois gêneros: um *esquimó*, uma *esquimó*.

Essa - Correta grafia do substantivo proveniente do latim *ersa*, forma participial do verbo *erigo*, erguer: A tumba é *erguida* (A tumba é "ersa").

É hoje sinônimo de *catafalco* (estrado alto em que se coloca o caixão mortuário) e designa ainda o *cenotáfio* (espécie de túmulo vazio, erguido numa igreja, quando se sufraga a alma de um defunto).

Essa é boa! - O *essa* da expressão "essa é boa" a que classe de palavras pertence?

— É pronomes, e na frase está substituindo *coisa*, palavra que também costuma omitir-se na expressão "uma assim é que eu não esperava" (783, 7).

Esse - V. *este*.

Essoutro - *Este*, *esse*, *aquele* e respectivos femininos podem vir combinados com a palavra *outro*: *este outro*, *estoutro*; *esta outra*, *estoutra* etc.; no plural, *locoutros*, *essoutros*, *aqueloutros*.

Est modus in rebus - Locução latina que significa "há uma medida nas coisas", forma com que Horácio aconselha a moderação, a sobriedade.

Está ao pintar - "Estar ao pintar", ou "ficar ao pintar", significa ajustar ou dizer bem, ser conforme, convir, acertar com toda a exatidão: "Ajeitando (o tabardo) à feição do corpo, fica-lhe ao pintar" — "Tinha visto uma parelha soberba... que estava mesmo ao pintar".

Há ainda a expressão "vir ao pintar", que significa "vir na ocasião própria".

Esta gente que morre - Verdadeira extravagância sintática ou, o mais provável, extravagância pilhérica didática constitui pretender que se diga hoje "o povo *aplaudiram*", "o bando *desapareceram*". Não é possível abonar em aulas arcaísmos sintáticos que, se de todo não perceram, vogam tão só nos meios sem cultura, entre pessoas que não puderam estudar um pouco de gramática nem apalpar-lhe o progresso da

sintaxe. Para completar, a pilhéria deveria continuar: Sujeito composto deixa o verbo no singular.

Se não, vejamos esta límpida observação de Leite de Vasconcelos: A concordância do verbo com o sujeito obedece atualmente a leis muito variadas e complexas, tendo sido o resultado do trabalho evolutivo da língua. No antigo português passava-se tudo muito mais simplesmente. Sendo o sujeito composto ou múltiplo, o verbo concordava geralmente com o mais próximo; sendo um coletivo, empregava-se o verbo ordinariamente no plural, concordando com a idéia que era plural e não com o vocábulo que era singular: "Os céus e o mar e a terra *apregoa* a glória de Deus" — "Compadecei-vos de toda esta gente que *morrem* de fome".

Nos velhos adágios de nossa língua encontramos frequentes confirmações desse fato atestado pelo ilustre gramático português: "Amor e senhoria não *quer* companhia" — "O amor e a fé nas obras se *vê*" — "Amor, dinheiro e cuidado não *está* dissimulado" — "O ignorante e a candeia a si *queima* e a outros *alumina*".

Não devemos confundir gramática com "ficha de leitura".

Esta vida - V. *tempo material*.

Estaca - Coletivo, quando fincadas umas ao lado das outras em forma de cerca: *paliçada*.

Estada, Estadia - O sufixo vernáculo *ia* e a correspondente variante masculina *io* — ambos tônicos — têm, dentre outras funções, a de dar ao radical a que se acrescentam a significação de ação ou resultado; são exemplos: *chefia* (ato de chefear), *plântio* (ato de plantar).

Acontece que idêntica significação traz à palavra o sufixo *ada*, procedente da terminação "atus, ata, atum" dos verbos da primeira conjugação latina; *pinçada* (ato de pincelar), *unhada*, *chicotada*, *risada*.

Em certos vocábulos, além do sufixo *ada* juntou-se o sufixo *ia*; disso são exemplos as variantes *tomada* e *tomadia*, *morada* e *moradia*, *melhora* e *melhoria*, *estada* e *estadia*. É inteiramente inútil essa pleonástica aglomeração de sufixos, mas o fato é que tais formas divergentes surgiram, e a sorte das palavras divergentes é a seguinte: ou cada qual assume significação especial ou o uso se encarrega de preferir uma e rejeitar outra.

Da veracidade desse dilema há provas diversas: *vigiar* (espionar) e *vigilar* (estar acordado) são palavras derivadas de um único vocábulo latino (*vigilare*); se ambas têm vida, é por ter cada uma assumido significação especial. Outros exemplos: *delgado* (de pouca espessura) e *delicado* (macio, brando, suave), ambos do latim "delicatum"; *terro* (fraco) e *terno* (afetuoso), do latim "tênerum"; *selo* (estampilha) e *sigilo* (segredo), do latim "sigillum"; *plano* (raso) e *chão* (terra), de *planum*; *solteiro* (não casado) e *solitário* (só); de "solitarius"; *miúdo* (pequeno) e *minuto* (a sexagésima parte da hora), do latim "minutum"; e assim *olho* e *óculo* (latim "oculum"), *fogo* e *foco* (latim "focum").

Dada a diversidade de significação, os divergentes acima citados perduram. Já o mesmo não acontece quando ambas as formas especificam uma só coisa: "rotondo" cedeu lugar a *redondo*; *expurgar* sobrepujou seu divergente "esburgar" e *amplo* superou "ancho".

Pois bem; *estada* e *estadia* já procuram acomodar-se ao dilema a que estão sujeitas as palavras divergentes, assumindo cada palavra sua especial significação: *estadia* diz-se da parada forçada que fazem os navios no porto (Aulete e C. de Figueiredo) e *estada* aplica-se à parada de outras coisas e de pessoas. Parece, todavia, demais forçada essa discriminação de sentido; pelo menos no Brasil ela não parece vigorar.

Dos outros exemplos, *melhora* e *melhoria* perduram com força quase igual, *moradia* parece ir perdendo terreno para *morada*, e *tomadia* rarissimamente vemos por *tomada*.

Estádio - Quando sufixo vernáculo, *io* é acentuado e pode trazer à palavra estas significações:

aptidão, tendência — escorregadio, arredio, fugidio;
ação — plantio, rodopio;

estado — desvario, alvadio, sadio, baldio;
coleção — mulherio, rapazio.

Quando mera terminação vocabular, poderá ou não ser acentuado, de acordo com a quantidade que lhe couber por origem: *índio*, *sírio*, *murmúrio* e bem assim os vocábulos terminados pelos sufixos *ário* (sacrário, vocabulário, dicionário) e *ório* (refeitório, oratório, escritório) têm o *io* breve. *Io* é agora mera terminação e não sufixo, e no caso está incluído *estádio* (lat. *stadium*), que deve proparoxitonamente ser acentuado.

Estado - Coletivo, quando unidos em nação: federação, confederação, república. V. *estatal*.

Estados Unidos (OS) - Não obstante ter em inglês forma plural mas valor singular (The United States is...), este substantivo tem em português forma e valor plural: "Os Estados Unidos *formam*, *constituem*, *são*...".

Adjetivos pátrios: norte-americano, estadunidense.

Estadual - O fato de o adjetivo *estadual* ser neologismo derivado de *estado* (criação republicana) não prova coisa alguma a favor da grafia *estadaal*, com *o*. Os que estão familiarizados com os fatos da morfologia sabem que temos verbos em *uar* (*acentuar*, *continuar*, *habituár*, *insinuár*) que procederam de formas latinas em que existe *u* e não *o* (*conceituar* de *conceito*, *preceituar* de *preceito*, *pontuar* de *ponto*), formados à semelhança dos primeiros como se tivessem vindo de nomes latinos em que existe aquela vogal: *conceptum*, *praepceptum*, *punctum*.

Assim também *estadual* com *u*, da mesma maneira que *habitual*, *casual*, *atual*. V. *estatal*.

Estafilococemia - Compõe-se a palavra de *estaphylococcus*, mais o elemento *haima*, sangue, seguido do sufixo *ia*. É sua significação: infecção, no sangue, de estafilococos (de *staphylé*, uva, mais *kokkos*, coco, especifica os bacilos que se apresentam em forma de cacho).

Aulete traz *estafilococia*, que está igualmente certo, com a diferença de no composto não ter entrado o elemento *haima*. Talvez fosse esta a palavra que Figueiredo quisesse grafar em vez de "estafilocemia" (passivamente copiada, sem a etimologia, por Laudelino e pelo Melhoramentos), para a qual não nos foi possível encontrar justificativas.

Estalar - V. *ovo estalado*.

"**Estambul**" - V. *Istambul*.

Estampa - Coletivo, quando selecionadas: *iconoteca*; quando explicativas: *atlas*.

Estampilha - Enquanto no Brasil esta palavra denota o selo do tesouro, em Portugal *estampilha* é a designação popular para o nosso selo do correio. Para os portugueses, a nossa "estampilha" é que é "selo".

Contraditoriamente dizem eles "coleção de selos"; a verdade é que a significação brasileira de "selo" já se faz sentir em Portugal.

Estanciar - V. *sentenciar*.

Estandardização - V. *padronizar*.

Estão melhores - V. *vão melhor*.

Estar (significação) - V. *ele está doente*.

"**Estar ao fato**" - É galicismo fraseológico; o certo é: estar a par de tudo, estar ciente, estar inteirado, estar ao cabo de tudo.

Estar bom, Estar bem - *Você está bom? - Você está bem?* Ambas as construções existem e se justificam. Com adjetivo, o verbo *estar* declara a qualidade expressa pelo adjetivo, é verbo abstrato, de ligação: *estou doente*, *estou alegre*, *estou bem*. Com a significação concreta de *viver*, é seguido de advérbio: *estou bem*, *estou mal*, *estamos melhor*, *estaremos pior*.

O que não se diz é "estar *mau*" na acepção de "estar mal de saúde". *Bom* tem o sentido "elástico" de "bom de saúde", mas *mau* não adquiriu essa correspondente elasticidade.

Estar de vez - V. *de vez*.

Estar em xeque - V. *xeque*.

Estatal - Vamos trasladar aqui uma carta endereçada a João Ribeiro.

"Em nossos estudos de Política e de Direito Constitucio-

nal, agora mais em voga que nunca, deletreando autores franceses, espanhóis e italianos, temos encontrado o adjetivo *étatique*, francês, e *estatal*, *statale*, respectivamente espanhol e italiano, pertinentes a "estado".

A primeira forma, *étatique*, parece-nos que não pode nem deve ser aportuguesada, pois pode originar confusões com *estático*, o oposto de *dinâmico*. A segunda forma, *estatal*, já nos parece mais digna de acolhida, pois não encontramos em nosso idioma vocábulo algum derivado de *estado*, que signifique tão claramente o que lhe diz respeito ou o que lhe seja próprio.

Os nossos modernos tratadistas da matéria já empregam o adjetivo *estatal*, como Pontes de Miranda, que tanta questão faz da forma quanto da essência, e que, até, não poucas vezes, exagera o uso das expressões clássicas.

Nos dicionários — ah! os dicionários! — não encontramos o adjetivo *estatal*. Não tem ele, pois, ainda foros de cidade em nosso idioma. Disse-me um professor de português que *estatal* não é vocábulo bem formado, e que, para substituí-lo, tínhamos, derivados de estado, *estadual*, ou ainda, *estatal*.

Não parece ao colendo mestre que tal conselho seja contraditório ou que, ao menos, não atenda à realidade das coisas? *Estatal* deflui, em linha reta, parece-nos, de *statale*, italiano, de *stato* (estado), que encontra a origem em *status*, em latim.

Ora, se o italiano conserva em *statale* a forma *stato*, em sua pureza latina, e o português impôs-lhe modificação para *estado*, teríamos, acrescentando o sufixo *al*, efetivamente, *estadual*. Até aqui, nada que opor.

Mas acontece que a palavra tem de se ajustar às coisas, aos fenômenos, e não estes às palavras. Assim, na interpretação das palavras é preciso atender, antes que tudo, ao seu uso generalizado.

Estadual, nos países de regime federativo, em que ao lado do estado, poder federal central, existem estados-membros, autônomos, significa o que é pertinente a esses estados-membros. *Estadual* contrapõe-se, portanto, a *federal*, e é com essa significação que todos o conhecem.

Justamente para se fazer uma referência ao poder do estado, como organismo total de que são membros os outros estados, os que na monarquia se denominavam *províncias*, é que se lançou mão, entre nós, do italianismo *estatal* através de sua forma espanhola.

Assim, "poder *estatal*" é aquele que pertence ao estado-nação, ao passo que "poder *estadual*" é o que pertence ao estado-membro."

A essa missiva respondeu João Ribeiro: "Acho lógica e perfeita a argumentação do Sr. Sarragalo. *Estatal* não é palavra eufônica, mas se é necessária adotemo-la esperando que o uso geral a consagre e só o uso terá autoridade, uma vez que os dicionários naturalmente são omissos."

Como em outras "Questões" está afirmado, é eufônico aquilo a que nosso ouvido está acostumado; hoje, algumas décadas já decorridas dessa carta, *estatal* aí está inteiramente eufônico. V. *estadual*.

Estâter - A palavra é grega, mas o latim obriga-nos a dizer *estâter* em singular e *estâteres* no plural.

Estático - V. *estatal*.

Estatista, Estatístico - *Estatista* já assim encontramos no dicionário de Figueiredo para especificar a pessoa que organiza estatísticas, à semelhança de *estadista*, *jornalista*. *Estatístico* devemos deixar como adjetivo, para indicar o que se relaciona com estatísticas.

Estatuto (s) - Na acepção de regulamento que determina normas, regras que devem ser seguidas, é mais usado no plural: os *estatutos* da confraria, os *estatutos* da universidade de Coimbra.

Estátua - Coletiva, quando selecionadas: *galeria*.

Estava havia dias - Ouvem-se e lêem-se frases como esta: "Eu já estava lá há muitos dias, quando você chegou". Observem-se os tempos dos verbos: *estava* (imperfeito) e *há* (pre-

sente). Idiotismo ou temeridade?

Assunto ingrato de certos programas constitui a correlação dos tempos verbais; ingrato porque nosso idioma não se presta para regras que genericamente englobem os múltiplos casos e satisfatoriamente resolvam o emaranhado do problema; ingrato porque os tempos verbais nem em si são convenientemente estudados; ingrato ainda porque a colocação e o sentido do verbo de tal forma influem no tempo e no modo que estes vão às vezes depender de outros termos, de outras palavras e não de outro verbo. Precipitado seríamos se dissessemos: Se *estar* está no imperfeito, também no imperfeito deve ser posto o verbo *haver*. Deve-se realmente dizer: "... estava lá havia muitos dias...", mas não por esse motivo. Neste exemplo: "Há um ano aqui se emprazavam os seus confrades" — *emprazar-se* está no imperfeito e *haver* no presente, e erro não existe.

Qual o motivo do acerto aqui e do erro lá? Procuremos entender o que vem a ser "pretérito imperfeito", que a dificuldade desaparece; esse tempo é passado com relação ao ato da palavra, mas é presente com relação a outro tempo passado; quando você chegou, isto é, no instante presente ao de sua chegada, *havia* muitos dias que eu estava lá. Naquela ocasião *fazia* (nunca: naquela ocasião *faz*).

No segundo exemplo, é claro que *há*, no presente, está certo, porque aí o ato da palavra e a idéia expressa pelo verbo são presentes; *há* um ano, *faz* agora um ano que aqui se emprazavam os seus confrades.

Não é o assunto, pois, para ser fixado friamente em regras rígidas como a "consecutio temporum" do latim. V. *há*, *havia*.

Este, Esse, Aquele - Que tais demonstrativos *localizam* é fácil ver; quando dizemos "Eu vi *este* homem", mostramos claramente que nos referimos a um homem que está perto de nós; dizendo "Eu vi *esse* homem", determinamos um homem que está afastado de nós, mas perto da pessoa com que falamos; por último, dizendo "Eu vi *aquele* homem", referimo-nos a um homem afastado de nós e, ao mesmo tempo, afastado da pessoa a que nos dirigimos.

Não é essa a única função de tais demonstrativos; outras há, importantes:

1. Os demonstrativos *este* e *aquele* localizam não somente com relação às pessoas, mas ainda com relação aos termos de um período; *este*, numa oração, refere-se ao termo mais próximo, ou seja, ao enunciado em segundo lugar, e *aquele* refere-se ao mais afastado, ao enunciado em primeiro lugar: Duas nações existem que dominavam o mundo: a Inglaterra e a França; *esta* (a França, termo que está mais próximo) pela ciência, *aquela* (a Inglaterra, termo mais afastado) pelo denodo".

2. Os demonstrativos *este* e *esse* têm também a seguinte propriedade de indicação: *este* apresenta coisa que se pretende mostrar, coisa desconhecida ou coisa que se tem na frente de quem fala ou mais perto do que outras já citadas ou tratadas; *esse* indica coisa já apresentada, conhecida; o mesmo se diga de *isto* e *isso*: "Prestem atenção *isto*" (que vou dizer) — "Não foi *isso* que mandei comprar".

"E o sol da Liberdade, em raios fulgidos, brilhou no céu da Pátria *nesse* instante" — Por que *nesse* e não *neste*? Referindo-se o demonstrativo a fato já relatado nos dois primeiros versos, *esse* é que deve ser, e não *este*.

3. Outras vezes, em lugar de *esse* emprega-se *este* para referir-se, em confronto com outras, a coisa mais presente, mais do momento, mais à mão, embora já apresentada, já conhecida: "Não foi *este* o livro que mandei comprar" — "Isto é outra coisa!" — "Este assunto não me agradou".

Igualmente, emprega-se *este* para distinguir a última coisa das diversas outras já indicadas, já acontecidas, já referidas. Se vários são os trechos mencionados, pode-se dizer "este trecho" com relação a trecho já exposto mas colocado em último lugar.

4. É elegante a interposição da conjunção *como* entre os demonstrativos *este*, *esse*, *aquele* e o substantivo por eles mo-

difícado: "Este como brado de revolta repercutiu em todos os peitos" — "Esse como sol" — "Aquele como deusa" — em vez de: "Esta coisa que parece brado" — "Essa coisa que parece sol" — "Aquele coisa que parece deusa".

Note-se que em tais casos o demonstrativo toma o gênero e o número do termo de comparação: *Estes* (masc. pl.) como *brutos* (masc. pl.) — *Estas* (fem. pl.) como *ninfas* (fem. pl.). V. isto, isso. V. *vi* *ai*.

Este (emprego indevido) - Não é do nosso idioma dizer "You neste domingo ao Rio". Por que essa especificação? Ainda que algum idioma houvesse com tal demonstrativo, em português jamais foi ele admitido nesse adjunto adverbial; não admitido por desnecessário, pois a intelecção é perfeita. O simples fato de não ser costumeira a maneira de dizer devia ter levado o locutor a pôr de remissa a construção. À pergunta "Quando é o jogo?" sempre se deu resposta sem "este" nem "neste", "Quarta-feira" — "Domingo" — "Hoje a noite" — "Amanhã". Só resta dizer, para maior estranheza ou goáudio do ouvinte: "Vai chover nesta tarde" — "Vou ao clube nesta noite" — "Neste hoje termino o serviço" — "Neste amanhã seguirei para Brasília".

Será a grande familiaridade com o inglês (He is coming *this afternoon*) ou o lugar de nascimento do locutor o culpado da inovação? Ou será confusão entre "next" e "nexta" (He is coming *next Monday*)?

Seja qual for a causa, a consciência da extravagância é grande meio de evitar o erro.

Este, Neste - V. *circunstância temporal*.

Estear, Estiar - V. *sentenciar*.

Estender, Extensão - Grafia oficial, contraditória. O étimo de ambas as palavras tem *x*. Se *misto*, não obstante o étimo ser com *x*, com *s* se escreve em virtude da costumeira grafia *misturar* com *s*, por que a diferença de procedimento com relação a *extensão* e *estender*? Por que não trocar de uma vez o grupo inicial *ex* por *es* e deixar a sua distinção para países de escolas e sem analfabetos? V. *expectativa*.

Estepe - É feminina a palavra que designa "planície inculca e vasta da Ásia". É masculina (inglês *step*) quando designa "pneu sobressalente".

Éster, Estéres - V. *éter, éteres*.

Esterçar - Alunos e amigos vimos sempre advertindo do perigo que oferecem as enciclopédias, tanto mais enganosas quanto mais pomposas de encadernação, ricas de gravuras e abundantes de volumes. Longe estávamos de prever que iríamos nós mesmos esquecer-nos dessa advertência quando fomos procurar na formosa mais do que famosa enciclopédia Treccani, de quase quarenta alentados volumes, a palavra *sterzare*; se aí não se encontra, em italiano não existe a palavra — foi a precipitada conclusão, de que aqui nos penitenciamos. Não só essa, mas outras palavras, comuns e de uso corrente, como *stigma*, que outro dia procuramos, não encontramos nessa obra, o que nos causa estranheza, talvez por não admitirmos a distinção entre "enciclopédia" (*Treccani, Spasa*) e "dicionário enciclopédico" (*Webster, Mezzi, Larousse*).

O substantivo italiano *sterzo* — encontra-se em Mestica — é o dispositivo mecânico que possibilita a mudança de direção dos veículos: "Congegno metallico che serve a far mutare la direzione ai veicoli; donde il verbo *sterzare*, far girare le due ruote davanti d'una carrozza su lo sterzo, per voltare o evitare qualche ostacolo: *sterzò troppo*, e la carrozza corse rischio di capovolgersi — Nel correre, a causa dei deslivelli della strada si ruppe lo sterzo, e dovmmo fermarci".

Esse dispositivo, originariamente encontrável em carroções de quatro rodas, fica no meio do eixo da frente; virando-se o carroção para a direita ou para a esquerda, gira primeiro o eixo dianteiro, para depois ser acompanhado pelo corpo do veículo. É o que se passa com os bondes, cujos eixos giram quase diagonalmente em torno de dispositivo semelhante.

Sterzare — que nos deu *esterçar* — palavra que deve ser

introduzida em nosso vocabulário, é o ato de virar sobre o "sterzo".

A raiz desse vocábulo italiano encontra-se em outros idiomas; vem-la no polonês, idioma em que *ster* é o leme, o timão, donde o verbo *sterowac*, dirigir um navio. No alemão, *stewerrad* é o substantivo, e *stewern* o verbo; e assim no inglês, *steeringwheel* e *to steer*.

Estéreo - V. *control*.

Estereótipo - V. *protótipo*.

Esterno (osso dianteiro do peito) - Não confundir com *externo* (do exterior; aluno que não mora no colégio).

Estilingue - Qual a origem da palavra *estilingue*, tão usada pelos nossos garotos? Encontramos em Teschauer esta referência: "*Estilingue*: s. m. arma de arremesso, destinada a matar passarinhos" (A. Taunay).

Procurando no inglês, averiguamos ser *sling* a palavra correspondente à nossa *funda*, e o verbo *to sling* o ato de atirar com funda. É muito provável, e esta nossa suposição foi seguida pelo dicionário da Melhoramentos — que a palavra se tenha adulterado, mormente em se tratando de objeto usado por meninos. Não se vá sugerir ser a palavra composta de elementos ingleses (*stick + sling*); nem nós adultos nem os garotos vamos procurar no inglês elementos para formar o nome de um brinquedo de molecagem. A explicação é a mesma de *chulipa*; deterioração popular de vocábulo estrangeiro de difícil pronúncia. Não obstante *estilingue* não ser *funda*, constitui seu aperfeiçoamento, e o nome, o mesmo em inglês, passou para nós a designar, na forma *estilingue*, a funda já modernizada.

Estilo gótico - Tal denominação é considerada imprópria, porquanto o estilo assim denominado não provém dos godos; *gótico* aqui significa *bárbaro*, nome, segundo Reinach, dado por Rafael, para contrastar com *romano*, num relatório apresentado ao papa Leão X.

Estimar - "Eu *estimaria* uma opinião sua sobre..." — assim se diz, e não "eu *apreciaria* uma opinião sua...", construção que tresanda a inglês. Além da significação de "ter estima", "ter afeto", "ter amizade", "ter amor" (*Estimo* este quadro por ser uma recordação de família — Um príncipe que *estima* e cultiva as letras) tem o verbo *estimar* a de "determinar o preço, o valor de" (Não quero deixar de dar novas minhas porque sei as *estimar*) e a de "regozijar-se por" (*Estimo* vê-lo com saúde), que é a do caso que estamos... *apreciando*. Agora tem sentido o verbo *apreciar*, com a significação de *considerar, julgar*.

Constitui anglicismo empregar *apreciar* em lugar de *estimar*; em português o correto é: *Estimo* vê-lo entre nós — Sua explicação, que muito *estime*.

O que realmente estimáramos os que zelamos pelo vernáculo seria incutissem os ingleses no Brasil o respeito que devotam à gramática.

Estíquio - Conquanto não existente na métrica portuguesa e ainda não se encontre registrada em nossos dicionários, torna-se a palavra *estíquio* uma necessidade em português para que possamos explicar a formação do verso hebraico, onde predomina o paralelismo, ou seja, a constituição do verso não de uma única linha mas de duas, repetindo, reforçando ou concluindo a segunda o pensamento expresso na primeira; são os dois membros do verso hebraico, os dois *estíquios*.

Nem por o italiano possuir *stico*, o inglês *stich*, e o próprio português o composto *distico*, deverá agora adotar o nosso idioma a forma *estico*, oferecendo-nos esta disparidade de formas: a terminação *ico* no vocábulo simples, e o final *íquio* (*hemistíquio*) no composto.

Se há em grego e em português o substantivo *hemistíquio* (O significado é outro: "metade de um verso, especialmente indicado pela cesura) e não há o substantivo *distíquio* (O grego só possui o adjetivo *distico*, de onde proveio o vernáculo *distico*), não vamos deixar de criar *estíquio* por culpa que não nos cabe.

Digamos, referindo-nos à composição poética hebraica,

o primeiro *estiquio*, o segundo *estiquio*.

Estocolmo - O nome "Stockholm" dá-nos a forma portuguesa *Estocolmo* para indicar a capital do reino da Suécia. V. *estoque*.

Estofa, Estofo - São formas paralelas tanto para indicar pano, tecido que se mete entre o forro e a parte externa de uma peça de uso ou vestuário, quanto para indicar metaforicamente formação, qualidade, condição, jaez. Com este segundo sentido, a forma masculina parece ser a mais frequente.

Estoma - Esta é que é a forma correta para indicar "poro microscópico dos tecidos herbáceos; a forma *estômato*, tirada do genitivo, justifica-se como primeiro termo de um composto, elemento que então significa "boca"; *estomatologia*, *estomatoplastia*. Em *estomatomia* (forma haplológica de *estomatomia*) o significado de "boca" é figurado.

Estoque - Esta palavra deriva do inglês *stock*, termo comercial, que significa certa porção armazenada de uma mercadoria. Deverá ter no começo o "e" protético, para concordar com a pronúncia portuguesa, pois não dizemos *ss-tock*. Isso quanto ao começo da palavra; e quanto ao fim?

Não temos vocábulo genuinamente nosso terminado em *ck* nem em *ch* nem em *k* nem em *c*; nem servirá objetar que *almanak* é registrado por Moraes com tal terminação.

Como o inicial "s impuro", é igualmente avessa essa terminação à índole da nossa língua. Em português é *almanaque*, *estoque*, *caique*, *chique*.

Estorço - V. *extorso*.

"Estória" - V. *história*.

Estorninho - Voz: *pisitar*.

Estorno - A grafia com *s* está consagrada, talvez em virtude do "storno" dos italianos, mestres internacionais de contabilidade.

Estourar - Devemos fazer ouvir o "u" do grupo "ou"; assim como dizemos "o *estouro* da boiada" devemos dizer "cu *estôuro*", "ele *estôura*", "compre rojões que *estôurem*". V. *afrouxar*.

Estralar - V. *ovo estalado*.

Estrangirismos - V. *esfia*; V. *imbrolio*.

Estrangeiro - É a grafia usual e oficial. Tínhamos casticamente no português antigo a forma *estranheiro*, mas as letras francesas se fizeram sentir (*étranger*), e se adotou erradamente a grafia com *g*. Se renegaram o *estranheiro*, derivado de *estranho*, deveriam ter feito derivar a nova palavra de *estranja*, forma antiga mais legítima, que, acrescida do sufixo *eiro*, vem a dar-nos corretamente *estranjeiro*, como de *laranja*, *laranjeira*, de *lisonja*, *lisonjeiro*, com *j* e não com *g*.

Estratégia - Com acento tônico no *te*. O vocábulo nos veio já formado do grego, onde a terminação *ia* é breve. V. *Etiópia*.

Estrear, Estriar - V. *sentenciar*.

Estréia - *Stréna*, seu étimo, não tem *i*; caiu o *n* intervocálico e o *i* apareceu não para substituir gráfica e etimologicamente o *n*, mas para efeito eufônico. V. *recear*.

Estrela - Coletivo, quando cientificamente agrupadas: *constelação*; quando em quantidade: *acervo*; quando em grande quantidade: *miríade*.

Estremadura - Adjetivo pátrio: *estremenho*.

Estrogenizar - *Homogeneizar*, com "ei" na penúltima sílaba, por vir de *homogêneo*; *estrogenizar*, com "i", por vir de *estrogênio*, que termina em vogal simples. Não há incoerência de composição.

Estudante - Coletivo, quando em grupo cantam ou tocam: *estudentina*; quando vagueiam, dando concertos: *tuna*; quando vivem na mesma casa: *república*.

Estupidez - *Estupidez* faz no plural *estupidezes*? *Malvadez* tem por plural *malvadezas*?

Diz-nos a regra que o plural das palavras terminadas em *z* se faz mediante acréscimo de *es*: *nariz*, *narizes*; *noz*, *nozes*; *vez*, *vezes*; *capataz*, *capatazes*. Baseado nisso, o plural de *estupidez* seria, sem dúvida, *estupidezes*. Acontece, porém, que, por um lado, muitos substantivos abstratos terminados em

ez ou vigoram juntamente com as formas em *eza*, ou dessas formas são corruptelas. O plural então se faz em *ezas*, por influência da outra ou da antiga forma; é o que acontece com *agudez*, *nudez*, *hediondez*, *redondez* e com *malvadez*, que no plural fazem *agudezas*, *nudezas*, *hediondezas*, *redondezas* e *malvadezas*.

Por outro lado, muitos dos substantivos assim terminados não aceitam o plural; tal se dá com *avidez*, *lucidez*, *langüidez*, *pacatez*, *placidez*, *viuvez*, *solidez* e muitos outros. V. *es*, *ez*.

Et al. - É abreviação de *et alii*, locução latina que se pronuncia "ét ali-i" e significa "e outros", e de *et alibi*, que se pronuncia "ét álibi" e significa "e em outra parte", "e alhures".

Et alii não pode ser empregado no sentido de "e outras coisas", expressão esta que tem a correta abreviação *etc.*

Observe-se que *et al.* é também abreviação de *et aliae* (ét á-li-e), feminino de *et alii*; emprega-se por "e outras": "... como as lituanas, as estonianas *et al.*"

Quem vier a escrever "e et al." cometerá o mesmo erro de quem escreve "e etc.", ou seja, de quem não sabe que o "et" de "etc." significa "e", de forma que o que ele está realmente escrevendo é "e e outras coisas", "e e outros", "e e etc."

Et réliqua caterva - Ou simplesmente "et caterva", é expressão latina (= e o bando restante) que se emprega para significar "e os demais da mesma laia".

...*eta* (terminação) - V. *gámeta*.

"Étagère" - Por que este peregrinismo, quando temos *aparador*, *cantoneira*, *prateleira*, *consolo* (*consóla* em Portugal), *mísula*, *escaparate*?

Étapa - Palavra de origem germânica, veio-nos por intermédio do francês *étape*. Trecho de um percurso, *diária*, *fase* são as significações com que comumente é empregada essa palavra.

Et c. - Abreviação da locução latina *et cetera*, que etimologicamente quer dizer "e outras coisas", pronuncia-se *ed cê-tera*. Emprega-se com o sentido de "e outros" (da mesma espécie), "e assim por diante", "e o resto", ou seja, para indicar que outras coisas — extensiva e hodiernamente, também outros animais, outras pessoas — que podiam ser mencionadas devem ser subentendidas.

Assim como antes da conjunção "e" só em raros casos se emprega vírgula, da mesma maneira só raras vezes se emprega vírgula antes do *etc.*, pois essa locução encerra a conjunção "e", razão esta que condena, ainda, o emprego dessa conjunção antes do *etc.*, sendo errado dizer "...peras, maçãs e etc.". V. *et al.*

Éter, éteres - *Éster*, palavra usada em química, não deve ser confundida com *éter*; provêm ambas do grego, tendo esta por étimo *aithēr* (ar) e aquela *aistēr* (que incendia). Além da diferenciação gráfica do singular, há a diferenciação prosódica para o plural; *éter* faz no plural *éteres*, ao passo que *éster* no plural deve ser *ésteres*; em *éteres*, a penúltima sílaba é breve, representada em grego por epsilo; em *ésteres*, a penúltima sílaba é longa, dado o *eta*, vogal longa, que nessa sílaba aparece. V. *acentuação*.

Etiámsi omnes, ego non - Locução latina que significa "Ainda que todos, eu não". Palavras de São Pedro a Jesus: "Ainda que todos te negassem, eu não negaria".

Etilena - V. *haplena*.

Etimologia popular - V. *semântica*.

Etiópia - Quando corresponder ao grego *ia* (ou *ion*), o vernáculo *ia* será breve; assim, *zizânia*, do grego *zizánion*, é proparoxítono.

Etiópia, embora proparoxítono em grego, é em latim proparoxítono, por ser breve o *i* dessa terminação, e este deve ser o acento em português. *Autópsia*, do grego *autopsía*, segue a mesma orientação: é proparoxítono.

Por idêntica razão, *anomália*, que em latim tem acento na sílaba *ma*, deveria ser também proparoxítono em português, mas... uma coisa a regra, outra o uso. *Academia*, *economia*, *teoria*, *monarquia* são palavras em latim proparoxítonas; o italiano diz, acompanhando o étimo, *académia*,

mas vá alguém impor nessas quatro, e em boa quantidade de outras palavras, o verdadeiro acento em português. Os fatos se impõem e ao gramático só resta respeitá-los.

GREGO	LATIM	PORTUGUÊS
AMBROSIA	AMBRÓSIA	AMBRÓSIA
ESTRATEGIA	ESTRATÉGIA	ESTRATÉGIA
AUTOPSIA	AUTÓPSIA	AUTÓPSIA
RHAPSODIA	RHAPSÓDIA	RAPSÓDIA
MESOPOTAMIA	MESOPOTÂMIA	MESOPOTÂMIA

Seria inominável pretender hoje absoluto cumprimento dessa regra; por que exigir, como faz Cândido de Figueiredo, que *Sofia*, nome da capital da Bulgária, seja proparoxítono, "Sófia"? Vai muito entre mostrar, por mero diletantismo, o acento etimológico e ir de encontro ao que séculos e gerações solidificaram.

O descalabro é ainda maior quando lemos: "... pronuncie *Alexândria* por amor à uniformidade, à semelhança de *Itália*, *Arábia*, *Suécia*" — "... deixe *Etiópia* e *Oceania* para quem disser *Italia* e *Russia*."

Pobre da *Turquia*, da *Hungria*, da *Samaría* e de *Pavia* para quem obteve essas respostas. Em filologia, as comparações e os exemplos quando não fundamentados provam coisa muito diferente de erudição. Quando não possuidor de conhecimentos de grego e de latim, contente-se o professor de português com ensinar regras de concordância, de colocação, de flexão de infinitivo, conjugação de nossos verbos, que fará muito.

Dos nomes próprios geográficos terminados em *ia* a maior parte são proparoxítonos, principalmente quando de formação recente: *Arábia*, *Bulgária*, *Suécia*, *Áustria*, *Amazônia*, *Colômbia*. Alguns no entanto existem proparoxítonos: *Andaluzia*, *Lombardia*, *Normandia*, *Anadia*, *Berberia*, *Almeiria*, *Cafraria*, *Leiria*, *Hungria*, *Picardia*, *Turquia* etc.

Quando terminados em *ânia*, os nomes geográficos são todos proparoxítonos: *Aquitânia*, *Betânia*, *Campânia*, *Germania*, *Lituânia*, *Pensilvânia*, *Ucrânia*. Esta a razão por que o acento comumente dado a "Oceania" não se justifica. *Oceânia*, proparoxítono, é como se deverá corretamente dizer, e assim já se diz por muita gente.

Adjetivos pátrios: *etilope*, *etiópico*, *etiópia*; fem. *etiópisa*.

Etiópisa - É o feminino de *etiope*; é o que dizem dicionários feitos de certos anos para cá; é forma de que já não se pode fugir. Onde, porém, foram buscar a desinência *isa*, se a palavra é em latim *ethiopsa*, com dois *ss*? Só há uma resposta: influência da grafia espanhola.

Nascida do pastel ibérico, a última "flor" do Lácio ("flor", aceitável metáfora de poeta) ressenete-se até hoje da falta de independência e de consistência idiomática. O *s* intervocálico do castelhano tem som forte; tão característica é essa pronúncia do espanhol, que dificilmente esconde o sotaque da língua pátria um espanhol quando fala qualquer língua em que haja o som sibilante brando. A nossa palavra "missa" não é "misa" que os espanhóis escrevem? Como, porém, a pronunciam? Exatamente como nós: *mi-ça*. E a nossa "rosa" como a chamam eles? *Ro-ça*. Se "missa" e outras palavras de largo emprego no romance escrevemos certo, já o mesmo não acontece com outras de uso não popular. Se em latim é *prophetissa*, *abbatissa* (francês *prophétesse*, *abbesse*), o espanhol com um *s* grafa as palavras, mas a pronúncia é a etimológica, como se por nós fossem escritas com dois *ss*. E a palavra *papisa*? Domingos Vieira não dá essa forma, senão *papesa* e *papissa*, esta com dois *ss*. Que dizer do francês *pythomisse*, que Valdez traduz por *pitonissa*, também com dois *ss*? Pois assim não é que se escreve em latim?

Que fazer senão conformarmos-nos com o engano gráfico já arraigado?

Etiqueta - Além de significar "cerimonial", é palavra já de

uso generalizado, como sinônimo de *rótulo*, para indicar a qualidade, nome, preço, classificação etc. de um produto, de uma unidade. Os dicionários já registram os derivados *etiquetagem*, *etiquetar*, *etiqueteiro*; este último tanto significa "que é muito dado a cerimônias", quanto "que cola etiquetas".

Étnicos (adjetivos) - V. *gentílicos*.

Éucharis amazônica - Nome da estrela-do-norte, amarelada que sob a mesma designação latina se torna cada vez mais conhecida no Brasil e em outras terras; exige cuidado na pronúncia: é proparoxítono — *éucaris*.

Euclides - Do grego *Euclides* recebeu o latim a forma *Euclides*, mediante condensação do ditongo grego *ei* em *i*; deve com *i* ser esse nome grafado em português também na ortografia mista.

Eufemismo - V. *semântica*.

Eureka - V. *hêureca*.

...ével - V. *insólvel*.

Eventualmente - É outra palavra que para melhor efeito deverá aparecer na própria forma inglesa em notícias de certos redatores; será mais compreendida na forma original do que na estroada forma vernácula; se não, que se traduza, e não simplesmente se translitere.

É redação inglesa esta: "Quero *eventualmente* comprar um carro". Julgando-nos dispensado de dizer o que significa o advérbio inglês, limitamo-nos a pedir ao redator faltoso que faça do seu Aulete, ou do seu Laudelino, ou do Melhoramentos um amigo mais chegado. "Eventual" sempre implicou idéia de incerteza em nossa língua, e não é isso o que você quer dizer. "Eventualmente" significa "casualmente", "fortuitamente", "variavelmente", "de forma dependente de acontecimento incerto". Traduza o barbarismo por "com o correr do tempo", "posteriormente": Quero com o correr do tempo comprar um dicionário.

Desejamos que a compra não seja eventual.

"Evidence" - "Vou apresentar novas *evidências* para o caso". A palavra grafada deve ser substituída por *provas*.

Palavras inglesas de origem latina exigem cuidado de tradução porque nem sempre se correspondem literalmente. "Internal evidence" é "prova intrínseca", "prova inerente", jamais "evidência interna".

Coices vem diariamente recebendo o vernáculo dados por tradutores que tomam "injuries" por *injúrias*, "casualties" por *casualdades*, "commercial" por *comercial*, "educated" por *educado*, "liquor" por *licor*, "parent" por *parente*, "relatives" por *relativos*, "tub" por *tubo*, "balance" por *balançar*, "penalize" por *penalizar*, "panel" por *painel*, "luxury" por *luxúria*... "best seller" por *vendedor de bestas*.

"Evoluir" - Verbo mal formado, por influência do francês "évoluer"; é mais recomendável *evoluer*. Se *revolução* é o ato de *revolver*, *resolução* o de *resolver*, *devolução* o de *devolver*, *evolução* é o ato de *evoluer-se*. As coisas *revolvem-se*, *desenvolvem-se*, *resolvem-se*, *devolvem-se*, *evoluem-se*.

Evolucionar é outra forma para substituir o francesismo e tem ainda a significação especial de "realizar evoluções".

Evoluer-se - Forma preferível a "evoluir". V. "evoluir".

Évora - Adjetivo pátrio: *ebovense*.

Ex - Quando anteposto a substantivo para designar cargo, profissão ou estado que uma pessoa já não tem, liga-se por hífen: *ex-presidente*, *ex-proprietário*, *ex-pátria*. Nos demais casos — e outros significados tem *ex* — liga-se sem hífen: *expropriar*, *explantation*, *expropriar*. V. *expectativa*.

Ex abrupto - Locução latina que significa repentinamente, inopinadamente, arbatadamente: Não devemos proceder *ex abrupto* — Levaram-na *ex abrupto*. Irrompeu *ex abrupto* um incêndio.

Ex aequo - Locução latina que significa "com igualdade", com igual mérito, com igual título: Os dois obtiveram o primeiro lugar *ex aequo*.

Ex cátedra - Locução latina que significa "da cadeira". Trata-se da cadeira do papa; "falar *ex cathedra*" é falar

como chefe da Igreja. Quando referente a oradores, a professores, "falar ex cathedra" significa "falar em tom dogmático".

Ex cômmodo - Locução latina que significa "a seu cômodo": Faça o trabalho ex cômmodo.

Ex corde - Locução latina que significa "do coração": Amigo ex corde. Usa-se especialmente no fecho de cartas.

Ex expositis - Locução latina que significa "do que ficou exposto": Conclui-se, ex expositis, que...

Ex libris - Locução latina que denota dentre que livros determinado livro foi tirado, uma vez acrescido de "de Fulano de Tal" ou simplesmente do nome do possuidor, geralmente acompanhado de desenho que ainda mais identifica o possuidor; equivale a dizer "Da biblioteca de".

O hífen só se justifica quando a expressão é usada substantivamente — e este é o seu maior emprego: O meu ex libris foi feito por um verdadeiro artista.

Ex nihilo nihil - Locução latina que significa "do nada, nada". Aforismo que resume a filosofia de Lucrecio e de Epicuro: nada pode ser tirado do nada; tudo o que existe sempre existiu.

Ex officio - Locução latina que significa "em virtude do próprio cargo", "por lei": O advogado do réu foi nomeado ex officio (por lei) pelo juiz — Ser eleitor ex officio (em virtude do cargo que ocupa).

Ex ore parvulorum veritas - Locução latina que significa "da boca das crianças (sai) a verdade".

Ex pôsitis - Locução latina que significa "do que ficou assentado".

Ex professo - Locução latina que significa "com toda a perfeição", magistralmente, como professor: Discorreu sobre o assunto ex professo.

Ex toto corde - Loc. lat. que significa "de todo o coração", muito usada em fecho de cartas.

Ex ungüe leo - Locução latina que significa "pela garra (se conhece) o leão", as obras revelam o homem.

Exabundar - V. *expectativa*.

Exacerbar - V. *expectativa*.

Exangue (O u não é pronunciado) — Quer dizer sem sangue, esvaído em sangue. Claro está que uma pessoa exangue fica exausta, isto é, sem forças, mas uma pessoa pode ficar exausta por outros motivos, sem nada ter perdido de sangue. V. *expectativa*.

Exarar - V. *expectativa*.

Exaurir - V. *abolir*.

Exceção, excepcional, excepcionalmente - Se já tirou o p etimológico da primeira, o uso tende a tirá-lo também das outras palavras; esse procedimento está confirmado no vocabulário oficial.

"Exceção feita de" - Não é construção portuguesa; ainda que houvesse aí artigo, a forma nominal do verbo deveria vir antes do substantivo; no caso presente, substitua-se a expressão por "a exceção de"; "com exceção de" (943, 5, obs. 2).

Excelentíssimo, ilustríssimo - Quando devemos empregar "excelentíssimo", quando "ilustríssimo"?

Não é possível fixar o assunto em limites certos e discriminados. Os tratamentos de reverência constituem em línguas neolatinas uma aberração da língua mãe, uma fuga à sobriedade e seriedade do latim; quando neste idioma todos eram tratados por tu, fosse amigo ou inimigo, empregado ou patrão, escravo ou rei, vemos em português demonstrações de cerimônia que não sabemos serem afetuosas ou respeitadoras, frias ou estereotipadas, servis ou rotineiras. Quando nesse idioma, entre os próprios escritores católicos, Deus era tratado por um simples tu, escrito com os mesmos tipos do texto, sem grifo nem maiúsculas, encontramos no português, até em livros de ensino, a imperativa norma de tratar Deus por vós e... com letra maiúscula; devemos — doutrina-se ainda — escrever pronomes e adjetivos a ele referentes também com maiúscula: "... benefício de seu povo" — "... para O adorarmos" — "... obedecer-Lhe".

A adoção desse procedimento pode levar-nos à extravagância ou ao grotesco, já no que diz respeito à própria maneira de escrever, já no que se refere à atitude, ao comportamento, à posição de quem escreve; considere-se, por exemplo, um indivíduo que, tendo escrito em latim um tratado de teologia, venha a traduzi-lo em português; ou, então, um sacerdote que, logo após a leitura de seu breviário, onde nem vós, nem maiúsculas aparecem, vá discorrer, numa aula de português, sobre os "tratamentos"; como basear-se no "respeito" a Deus para doutrinar que Deus por vós se trata e com inicial maiúscula se escrevem os pronomes e os adjetivos a ele referentes, se no trabalho em latim, se no breviário que acabou de rezar nem vós nem maiúsculas encontrou?

Aparentemente digressiva, a dissertação que aí ficou tem o fim especial de mostrar ser o critério dos tratamentos de reverência muito desultório, instável. O hodierno, modesto e amigável *voel* tem origem no pomposo *vossa mercê*; *senhor* quase perde a importância ante tantos superlativos que hoje o acompanham, dentre os quais *excelentíssimo* umas vezes, *ilustríssimo* outras, quando não juntos os dois. Afirmar, porém, que em dadas circunstâncias deva vir o *excelentíssimo*, e *ilustríssimo* em outras, é cooperar para uma doença no tratamento cerimonioso e respeitoso; a nós o simples *senhor* já denotaria admiração e respeito, e assim procedíamos com "o senhor imperador D. Pedro II", sem tantos *ísimos* que demonstram muitas vezes sabujice mais do que deferência ou acatamento. V. *tratamento*.

Executado - Na execução de penhor o credor é *excudente*, o devedor é *excutado*. Não é isto novidade; veja-se o parágrafo único do artigo 788 do código civil: "Vencida a prorrogação, o penhor será *excutado*, quando não seja reconstituído".

Execrável - V. *expectativa*.

"Executivo", diretorial - "Um avião *executivo* incendiou-se ao pousar em Congonhas" — Que é isso? Português?

Se nem pessoa é "executiva" na língua que falamos, como pode ser "executivo" um avião? Uma secretária é *diretorial*, um avião é *particular*; se este for da diretoria de alguma empresa, será também "avião *diretorial*", "avião de *diretoria*". Uma secretária pode ser *diretorial* (de diretoria) ou *particular* (de simples gerente, de qualquer elemento de um grupo como, por exemplo, de um deputado); "executiva" é que ela não pode ser, pelo menos enquanto se falar português neste país.

Tentemos explicar o que acontece. Em inglês um substantivo antecede outro como seu atributo, ou seja, com função adjetiva; enquanto dizemos "força de um cavalo", o inglês diz "um cavalo força"; e assim: "trabalho dia" (dia de trabalho), "segurança medidas" (medidas de segurança), "serviço chefe" (chefê de serviço), "trabalho campo" (campo de trabalho), "mundo notícias", "mesa toalha" etc.

A mal traduzida expressão é em inglês "executive secretary"; que é aí "executive"? É substantivo. Que significa? Qualquer dicionário inglês (inglês, não inglês-português) indica claramente que em expressões de comércio esse substantivo corresponde ao nosso "diretor" de sociedade comercial (Em inglês "director" tem outros sentidos). A palavra *executive* só pode ser traduzida por *diretor* na frase "Harry J. Gray, a senior *executive* vice president of Litton Industries"; de igual forma, "*executive* recruiter" é o que sonda um indivíduo para o cargo de direção, é o "recrutador de diretor"; ele, o recrutador, não executa nem dirige coisa nenhuma, como não executa nem dirige coisa alguma a "secretária *diretorial*"; nem lá posso, pelo menos em português, dizer "recrutador *executivo*", nem aqui "secretária *executiva*".

Tão forte e nítido é o significado de "diretor" da palavra inglesa que, escrita sozinha e com inicial maiúscula, significa "Presidente dos E.U.A.", como "Executive Mansion" é traduzido, em português consciente, "residência do presidente dos E.U.A.", jamais "mansão *executiva*", o que causa arrepios.

Em sociedades comerciais brasileiras temos o "diretor presidente", o "diretor vice-presidente", o "diretor secretário", o "diretor tesoureiro" etc., não o "executivo presidente", o "executivo vice-presidente"... nem o "presidente executivo", o "tesoureiro executivo"...

A expressão "executive secretary" tem por tradução literal "secretária de diretoria"; um jornal tem uma seção de anúncios de "empregos de auxiliares de diretoria", não de "empregos de auxiliares executivos". Se quisermos, troquemos o "de diretoria" ou "de diretor" por *diretorial*, mas não deixemos passivamente enganar-nos pela palavra inglesa; nesse andar iremos daqui a pouco escrever: "motor de 50 cavalos poderosos" (por "cavalos de força"), "campo trabalhoso" (por "campo de trabalho"), "chefe servical" (por "chefe de serviço"), "sinal cauteloso" (por "sinal de cautela") e outras muitas aberrações.

Exemplar - *Exemplar* é cada uma das cópias impressas de certa obra. Se esta é de tal forma grande que exija a impressão em volumes, cada um desses volumes terá o seu número de exemplares, geralmente igual, exemplares das partes em que foi dividida, podendo-se admitir a hipótese de se esgotarem, de se esmagarem exemplares de um só dos volumes. Os volumes, em tal caso, irão constituir uma coleção: "Os volumes que constituem esta coleção" (e não "os volumes que constituem este exemplar") — "As obras de tal autor formam uma coleção de 18 volumes; 10 mil coleções já foram vendidas, sem contar os exemplares de volumes já impressos separadamente" — "O dicionário de Aulete era, em tempo de seriedade editorial, impresso em dois volumes, cujos exemplares eram vendidos sempre muito bem encadernados."

Tratando-se, porém, de uma única obra — um dicionário é ainda o exemplo — pode-se ampliar o sentido de *exemplar* para a obra toda, uma e seguida: "Quantos exemplares foram vendidos da 3ª edição do Aulete?"

Não nos esqueçamos de que também de medalhas, de gravuras e de outros objetos se tiram exemplares. No caso de serem dez as gravuras, o leitor pedirá uma coleção delas e não um exemplar.

Exempli gratia - Locução latina que significa "por exemplo"; e.g. é sua abreviação, "exempli grácia" sua pronúncia à portuguesa.

Exempto - V. *pesar*.

Exento, isento - São formas correspondentes às divergentes *exentar* e *isentar*. *Exento* presta-se também para participio irregular de *eximir*.

Exercitar, exercer - Andam rapazes de jornais a confundir esses verbos. Podem ser sinônimos na acepção de *praticar*, mas um direito *exercer-se*; não é o direito *exercitado*, mas *exercido*. Quando se trata de obrigação por cumprir, de dever por preencher, *exercer* é o verbo: "A policia *exerce* uma vigilância extraordinária". De igual forma, quando se trata de "fazer vida por uma profissão ou ofício"; *exercer* a medicina, *exercer* o magistério, *exercer* o ofício, *exercer* o papado, "pescadores que daí saem em batéis a *exercer* nas costas do oceano a aventureira indústria de que vivem".

Outros empregos, outras significações tem ainda *exercer* — e nesses casos ninguém o troca por *exercitar* — mas obrigações e direitos são objetos de *exercitação* (ato de *exercer*), e não de *exercitamento* (ato de *exercitar*).

Exinanir - V. *abolir*.

Êxito - V. *sucesso, bom sucesso*.

Êxodo - Ainda que acentuado, há quem pronuncie esta palavra erradamente; o acento tônico deve cair no "e" inicial e o "x" tem som de "z": ê-zo-do.

Exotérico, esotérico - *Exotérico* é de uso mais freqüente que *esotérico*, mas as duas palavras existem, cada qual com a sua justificação etimológica a dar-lhes significações contrárias. Ambas provêm do grego "héteros" (outro), que assume a forma "óteros" (com ômega inicial, resultante de crase grega), mas os prefixos são diferentes: *exo* (fora, de fora, para fora: *exocampo, exocardíaco, exogastrite*), *eso* (dentro, para den-

tro, em: *esoderma, esoforia*). Dessa composição os significados antônimos:

exotérico - relativo a doutrina exposta ao público;

esotérico - relativo a doutrina reservada aos iniciados, aos que estão dentro: "A doutrina católica de inferno como lugar de penas é *exotérica*; a doutrina *esotérica* é outra".

Não confundamos, pois, *exoterismo* (exposição ao público de doutrina filosófica) com *esoterismo* (comunicação de doutrina secreta que alguns filósofos faziam apenas a alguns discípulos).

Expectativa - Existe em latim *spectativam* e existe igualmente o prefixo *ex*. O vernáculo virá tão só da forma simples *spectativam* ou provirá de sua junção com o prefixo?

Começemos por este. *Ex* pode trazer duas idéias à palavra a que se agrega: a) exclusão: *exonerar* — tirar o ônus (lat. *onus*, peso); *exorbitar* — sair da órbita (lat. *orbitam*, roda, círculo); *expatriar* — pôr fora da pátria; b) aumento: *exabundar* — abundar muito; *exacerbar* — agravar (aumentativo de *acerbar*, angustiar); *exarar* — gravar (aumentativo de *arar*, sulcar, lavar).

Encaminhem-nos para o nosso caso.

Existe em latim o verbo *spectare* para significar *olhar, contemplar*. Intensificando a significação do verbo, mediante o prefixo aumentativo *ex*, formou o latim o verbo *expectare*, que passou a ter significação mais forte: *esperar*.

Se o termo de que estamos tratando significasse o ato de *olhar, contemplar, reparar*, teríamos, fora de dúvida, *expectativa*, com "e" protético, mas sua significação portuguesa é *reforçada*, pois é empregada para indicar o ato de *esperar*. Assim como de *estimar* fizemos em português o substantivo post-verbal *estimativa*, igualmente, do aumentativo de *expectar* poderemos obter *expectativa*.

Mas examine bem o leitor, e aqui vem o ponto capital da questão, qual deveria ser conseqüentemente a grafia verdadeiramente etimológica da nossa palavra: *e-x-s-pectativa*, com *xs*.

Vejamos agora a contradição do português no grafar algumas palavras em que entra o prefixo *ex*: de *ex-secrabilem* fizemos *execrável* e de *ex-cusare* fizemos *escusar*; lá conservamos o *x* e aqui alteramos para *s*. De *ex-téndere* fizeram *estender*, deixando ficar intato o *x* em *extrair* (lat. *extrahere*). De *ex-cadécere*, *esquecer*.

Como esta, muitas outras coisinhas encontramos na ortografia do nosso idioma. O próprio latim já titubeava, escrevendo ora com *xs*, ora simplesmente com *x* as palavras *extirpare, exsolvere, expectare, exsanguis, exsequiae, exsilium* e outras.

O próprio inglês apresenta duplicidade de formas, como, por exemplo, *eseri* e *eserti*, duplicidade causada pelo próprio latim, que tem as formas paralelas *exertus* e *exertus*.

Consulte o leitor alguns dicionários como Domingos Vieira, Moraes, Cândido de Figueiredo, Aulete e notará, sobre o nosso caso, a deficiência em uns, a contradição em outros. Em vários dos nossos léxicos encontrará o leitor duas palavras: *espectador*, com a significação simples (que observa, assiste), *expectador* (sem o *s*), com a significação reforçada (que espera).

A forma etimologicamente correta deveria ser *e-x-s-pectador* e, pois, *e-x-s-pectativa*, mas a ortografia oficial, daqui e daí, fixou a forma de significação reforçada em *expectador, expectativa*, sem o "s" etimológico.

Expedir - V. *impedir*.

Expelir - V. *aderir*.

Experto - V. *esperto*.

Expíar, espíar - Diferentes de origem e de significado são estes verbos; *expíar*, composto latino, é remir faltas por meio de penitência, de cumprimento de pena ou de ação reparadora.

Espíar é espereitar e, ainda, segurar o navio por meio de espías ou cabos. É também empregado em fiação, onde tem o sentido de *acabar*.

Explodir - V. *abolir*.

Expressamente proibido animais na praia - Está correta a placa do Balneário de Camboriú; os animais não são proibidos; o que é proibido é levá-los à praia. "Proibido armas a tiro": as armas não são proibidas, senão portá-las ostensivamente.

Passa-se com *proibido* o que ficou explicado em "é preciso calma"; *Proibido entrada* — É *proibido* entrada. Determinado o nome ou modificada a ordem, a concordância se impõe: É *proibida a entrada* — *Entrada proibida*.

Exprobração - V. *opróbrio*.

Expulsor - É seu feminino, baseado em forma latina, *expultriz*.

Exsangue - V. *expectativa*.

Extensão - V. *estender*.

Extorquir - V. *abolir*.

Extorso (ato de *extorquir*) — Não confundir com *estorço* (ato de *estorcer*, torcer com força).

Extra - Forma usada — e já consignada no vocabulário da Academia das Ciências de Lisboa — tanto com função adjetiva, para significar *extraordinário*, *extrafino*, quanto com fun-

ção substantiva, como redução de *extranumerário*: trabalhos *extras*, horas *extras*, chapéus *extras*, os *extras* nunca estão satisfeitos.

Quando prefixo, o nosso vocabulário oficial apresenta incoerências; enquanto grafa *extra-escolar*, *extra-oficial* com hífen, apresenta *extraordinário* sem hífen. Só uns poucos sabemos a que atribuir tais incongruências ortográficas. A hifenização é um dos transtornos que tornam antipatizado nosso idioma.

Extrovertido - Como do prefixo *intra* temos a variante *intro* para significar "para o interior" (*intrometer*, *introduzir*, *introversão*), do prefixo *extra* temos a variante *extro* para significar "para o exterior": *extrospeção*, *extroversão*, donde *extrovertido*, antônimo de *introvertido*. *Intro* e *extro* são formas latinas, aquela proveniente de *in*, esta de *ex*. Se temos *introspeção* ao lado de *extrospeção*, a forma *extroversão* nasceu com toda a naturalidade ao lado de *introversão*. Outros idiomas há de igual procedimento.

...ez - V. ...és.

F

F.T.D. - Nome siglado de *Frère Théophile Durand*, superior geral dos irmãos maristas. Autor de vários livros didáticos, tem até hoje seu nome perpetuado em obras de outros irmãos de congregação.

Facalhão - Nada poderá contestar o acerto do vocábulo *facalhão*. A existência de *facão* é que não irá impedir a criação daquele aumentativo. Concordemos nisto: Possuímos o radical, possuímos o sufixo, criemos sem receio a nova palavra. Devemos dar elasticidade ao nosso léxico, que não deve limitar-se aos vocábulos aí consignados. Não é por ilegitimidade de uma palavra, que o dicionarista deixa de registrá-la; em grande parte das vezes, é o esquecimento ou desconhecimento. Por outro lado, é impossível enumerar todos os derivados de um radical, e ninguém poderá isso exigir; o que deve haver é conhecimento dos nossos sufixos, com suas respectivas significações. Isso muito facilitará o desenvolvimento de nosso léxico, libertando-nos das peças de um vocabulário ferrenho, inflexível e mirrado.

Facão - Aumentativo: *facalhoz, facalhão*. V. *facalhão*.

Face - Aumentativo (familiar): *façoila* (face grande e grosseira).

"Face A", "frente A" - São invenções; ou se diz "em face de", "em frente de" ou simplesmente *ante*, preposição esta que não vem seguida de outra preposição: "Ante o imprevisto da conclusão..." — "Ante a falta de disciplina..." V. *em frente de*.

Fac-símile - Locução latina que significa "faz coisa semelhante"; emprega-se como substantivo para indicar reprodução exata, cópia fiel de um desenho, gravura, estampa, assinatura.

"Facto" - V. *fato*.

Facundo (eloquente) — Não confundir com *fecundo* (fértil). O substantivo de *facundo* é *facúndia*, o de *fecundo* *fecundidade*. Orador *facundo*, estilo *facundo*, país *fecundo*, terra *fecunda*.

Fagócito - V. *leucócito*.

Faiança - V. *gentílico*.

"Faisandêe" - Diga-se *passada*: carne *passada*.

Faisão - O próprio latim tinha duas formas, uma feminina (*phasiana*), outra masculina, de acordo com o étimo grego (*phasianus*). Não é, pois, de admirar a variedade de formas flexionais portuguesas:

plural — *faisões*, mais usado, não obstante não corresponder ao acusativo plural latino, e *faisães*, por influência do espanhol, que tirou a palavra da forma latina feminina (*faisân, faisanes*);

feminino — *faisã*, forma justificada pela latina, e *faisoa*, forma registrada no vocabulário oficial de Portugal. V. *gentílico*.

Falamos ontem - Quem diz basear-se no latim para a diferenciação de pronúncia entre "falamos" (presente) e "falamos" (passado), ou o faz por apego a doutrinas gratuitas, ou procura iludir a boa fé de seus alunos.

Quanto arretimento: Buscar em diferença de formas de temas verbais latinos estribo para distinção, não de forma gráfica nem de acentuação, mas de mera vocalização em

português. Demais, que argumento é esse, se em outras conjugações latinas o fenómeno é idêntico? Aplique-se, então, o recurso em português a todas as conjugações...

A invenção deveria estender-se aos verbos da segunda conjugação: "vendêmos" (indicativo presente) e "vendêmos" (pretérito perfeito). Como se arranjarão os fatores dessa esdrúxula inovação para a distinção de tais formas verbais na terceira conjugação, onde o acento cai no *i*: "partimos" (indicativo presente) e "partimos" (pretérito perfeito). Se nestas conjugações não há perigo de confusão entre essas formas, por que o haverá na primeira? O que há é mero pedantismo. V. *já falamos*.

Falar - É sem dúvida estranhável a regência do verbo *falar* empregada nos avisos dos ônibus: *É proibido falar "ao" motorista*.

Falar o quê? — é pergunta que desde logo nos ocorre. Aventura não será afirmar que, atualmente, o verbo *falar* rege dativo de pessoa quando expressa vem a coisa que se fala: "Quero falar-lhe duas coisas" — "Não lhe falou nem uma só palavra".

Existe a regência "falar a alguém", sem que venha expressa a coisa, mas o sentido é de *discursar* (Falou ao povo), *ter entrevista* (Falou aos jornalistas), *relatar* (Falou ao chefe). Na acepção de "dirigir-se a", o verbo *falar* é empregado com a preposição *com*: "Com quem devo falar?" — "Falarei com a mãe da noiva" — "Falei com ele" — "É proibido falar com o motorista".

Sempre que trouxer objeto, ou seja, sempre que vier com complemento, ou, por outras palavras, sempre que vier expresso o que se profere, o verbo deve ser *DIZER*: Ele *disse* uma *tolice* (*tolice* é o objeto direto, é a coisa que foi dita) — Não diga nada (*nada* é o objeto direto; não diga nenhuma coisa) — Só *disse* o que você mandou dizer (o objeto é "o": só disse a coisa que você mandou dizer) — *Que disse* ele? (*que* é o objeto: *que coisa* disse ele?) — Estude um pouco de português, *disse* ele ("estude um pouco de português" é o objeto, é a coisa que ele disse, é o complemento do verbo *dizer*) — Falei com ele e *disse*-lhe tudo o que sabia (por vir sem objeto, o primeiro verbo é *falar*; por trazer o objeto o — toda aquela coisa — o segundo é *dizer*) — Se é verdade o que você está *dizendo* (Se é verdade aquela coisa, a qual você está *dizendo*) — O que o padre *disse* no sermão não entendi, mas que ele fala, fala (*que* é o objeto de *disse*; no fim da expressão o verbo *falar* porque vem sem objeto).

Quando se diz "ele fala inglês", *inglês* é objeto direto de *falar* e assim se diz com acerto, mas *falar* não está aí com a significação do caso que estamos comentando, de *declarar*.

A tal ponto chega o erro em São Paulo que o paulistano é facilmente identificado no Rio: "Ele é paulista; você não notou que ele só diz *falar* e nunca diz *dizer*?" — V. *dizer*.

Falar a verdade, Falar verdade - Enquanto nem todos dizem "Fale a verdade", dizem todos "Não diga mentira". Lá o artigo, aqui não. Capricho? Exigência do verbo? Já houve muita discussão por causa disso.

Para a expressão "dizer a verdade" o inglês tem "to tell the truth", também com artigo, e nada que nos auxilie quanto a "dizer mentira". O mesmo se dá com o francês; enquanto neste idioma existe "s'il faut dire la vérité", a palavra "mensonge" não nos oferece pé para esta conversa.

Não pretendo descobrir um "ovo de Colombo", diria que *mentira* é indeterminado — isto e aquilo pode ser mentira — ao passo que *verdade* é geralmente empregado determinadamente. Geralmente — é certo — porque em "isto é verdade", a palavra *verdade* está por "verdadeiro"; tanto assim é que em francês e em inglês essa indeterminação nos obriga a diferentes palavras: C'est *vrai* — This is *true*.

Diante dessa maneira de ver e principalmente diante de exemplos de bons autores, a conclusão que tiramos é esta: enquanto de um lado dizemos "dizer mentira" sem artigo, podemos de outro lado indistintamente dizer "falar a verdade" ou "falar verdade". V. em *verdade*.

Falaz - Superlativo sintético: *faladíssimo*.

Falir - V. *abolir*.

Faltar - Da prática da maioria dos pontífices da língua colhe-se que a concordância no plural, sempre que no plural estiver o sujeito, é a que deve ser observada com os verbos que significam *carência, falta, abastança, suficiência*: "Falta-lhes pincel, *faltam-lhes* cores" (Camões) — "Amanhã em Lisboa não *faltarão* negócios (Garrett) — "Para falar ao vento *bastam* palavras" (Vicira) — "Não *bastam* alívios do mundo" (Camilo) — "... *sobravam* ainda seis dinheiros" (Bernardes) — "*Restavam* apenas quinze mil homens" (Herculano) — "*Faltavam* vinte minutos".

Falto - Não confundir com *farto*: *farto* de comida (cheio de comida), *falto* de comida (desprovido de comida).

Fama vólat - Locução latina que significa "a fama voa".

Famigerado - Do adjetivo participial latino *famigeratum*, significa "que leva fama", "famoso". Não é palavra de sentido pejorativo; o contexto ou o acréscimo de algum adjetivo é que indicará tratar-se de boa ou de má fama: "Ele se tem pelo mais *famigerado* médico, persuadindo-nos que quem sabe curar a bestas, que não *falam*, com melhor sucesso saberá assistir a homens, que nos informam".

Família - Coletivo, quando sob a autoridade de um chefe vivem na mesma região e provém de um tronco comum: *tribo*; quando subordinadas a um chefe hereditário entre os antigos gauleses, escoceses e irlandeses: *clã*; de selvagens: *tribo, cabilda*. V. *progenitor*.

Familiar - Digamos "dados *familiares*", e não "... *familiais*". Dantes — a lição é de Gonçalves Viana — todos os autores se contentavam com a primeira dessas formas (*familiar*), a única verdadeira, do latim *familiare*. Modernamente, os franceses, que já tinham *familiér*, da mesma origem, porque este adjetivo adquiriu a acepção de *trivial*, e também a de *confiado*, "que não usa deferência ou cortesia", inventaram outro adjetivo incorretíssimo, *família*, impossível em latim, visto haver já *l* no vocábulo radical (cf. "regular", de "régula", com "morale", de "mores"), e deram-lhe o sentido de "relativo à família". Como era uma incorreção, um barbarismo, foi logo sofregamente adotado em português, por cópia — "Pondo em presença vasos de igual ondulação linear e ornamentação com o mesmo ar *familiar*". Deveria ter-se dito *familiar*, ou de *família*, porque não é força que para cada substantivo haja um adjetivo correspondente, como é uso moderníssimo e desnatural. Com maior correção vemos *familiar* empregado no seguinte trecho no mesmo sentido: "Como se vê claramente, não saio da corrente geral das idéias dos publicistas sobre a sociedade familiar". A relação expressa é a mesma.

Se extratarmos dos dois trechos aduzidos os adjetivos formados com o sufixo *ar*, ou *al*, veremos a constância da regra, que é: o sufixo legítimo é *al*; o *l* muda-se em *r*, se o vocábulo radical contém *l*: *linear, familiar*. V. *biliar*.

Familiário - V. *biliar*.

Fanar - Embora pouco usado, é português no sentido de *amputar, aparar* (*fanar* as orelhas a um animal), *encurtar, diminuir*

(*fanar* a saia do vestido). É francesismo na acepção de *murchar*.

Faringe - Como *esfinge, laringe, meninge* e outros, nomes provindos de formas gregas terminadas em *inx, ingos* são femininos.

Fascismo, Fascista - Palavras já do nosso idioma, devem ser pronunciadas à portuguesa e não à italiana: "fascismo", "fascista".

Fato - Se na conversa não há confusão entre *fato* (acontecimento) e *fato* (roupa), não vemos a razão de um *e* na grafia do primeiro vocábulo. Por que exigir na escrita o que é desnecessário na fala? Não são os sinais diacríticos nem as letras mudas que virão distinguir-nos as palavras.

Fatores-ambientes - Nenhuma dúvida deve oferecer-nos o plural de "fator-ambiente", substantivo que se enquadra perfeitamente na segunda regra do plural dos substantivos compostos: Vão os dois elementos para o plural quando ambos são variáveis e separados por hífen: *obra-prima, obras-primas; mestre-sala, mestres-salas; tenente-coronel, tenentes-coronéis; fator-ambiente, fatores-ambientes*.

Ambos os elementos se flexionam, tal qual se dá com *chás-dançantes, varas-tirantes, oficiais-aspirantes, rodas-volantes, médicos-assistentes, superfícies-ambientes*. Acresce dizer que no caso presente esse "ambiente" nem substantivo é, senão mero adjetivo (V. Aulete), o que nenhuma dúvida oferece ao plural *fatores-ambientes*.

"Fauteuil" - Galicismo. Nossa palavra é *poltrona*.

Fautor - Feminino: *fautriz*.

Faz dois anos - Em orações como essa o verbo *fazer* é impessoal, isto é, não tem sujeito; mantêm-se por isso na terceira pessoa do singular: "Hoje *faz* quinze dias que me enviaste a tua poesia" — "Vinte e sete dias *faz*" — "Faz dois meses que nos vimos".

Outro verbo também impessoal nas expressões de tempo é *ir*, quando seguido de *por*, *em* ou *para*: "*Vai* por dois meses que morreu seu irmão" — "*Ja* para dois anos que dali tensa saído" — "... *vai* em trinta anos que pouco ou nada obteve para se melhorar" — "Eis aqui o que eu, *vai* já em oito anos, solicitara a bem da mocidade".

Sem diítes preposições, *ir* se flexionará regularmente: "Já lá *vão* doze anos que ele desapareceu" — "Lá *vão* quatro meses que o vi".

É de importância saber que qualquer verbo que na oração venha acompanhando verbo impessoal, quer para a formação de um tempo composto, quer de uma locução verbal, deve também impessoalizar-se. Não podemos dizer "Devem haver homens na sala" — Se *haver* é impessoal quando significa *existir*, o verbo *dever*, que no caso concorre para a formação de uma locução verbal, também se impessoaliza: "Deve haver homens na sala".

Igualmente: "Pode fazer três anos que nos mudamos" — "Vai fazer cinco anos que ele morreu".

Fazenda - O vocábulo italiano *azienda* vem do latim *faciendam*, pela mesma razão por que o vernáculo *hediondo* vem de *foetibundum*. O *f* inicial latino deu *h*, mas, com não ser este usado em italiano, o vocábulo ficou reduzido a *azienda*, que corresponde etimologicamente ao nosso *fazenda*.

Nada há de estranho nessa equivalência; é a mesma explicação do paralelismo entre estes exemplos espanhóis (o espanhol conservou o *h* inicial) e as correspondentes formas portuguesas: *haba, fava; hablar, falar; hacer, fazer; hacienda, fazenda; hada, fada; hado, fado; halcon, falcão; hambre, fome; heno, feno; hijo, filho; huir, fugir*.

Fazer - Também em outros idiomas é o verbo *fazer* empregado como verbo *sinónimo* ou verbo *vicário*, ou seja, substitui o verbo da oração anterior para evitar a repetição: "Levantasse, como sempre *fez*, às seis horas" — "Quis o marquês de Pombal *nobilitá-lo*, como *fizera* a outros comerciantes" — "Os ídolos antigos adorava, como inda agora *faz* a gente *inica*".

"Fazer a alegria" - Frases como essa, em que *fazer* tem o sentido de "proporcionar", são francesas; a construção portu-

guesa deve ser: "A criança é a alegria da casa" (e não "faz a alegria") — "Ele constituiu o prazer da festa" (e não "fez o prazer"). V. *lanchar*.

Fazer anos - V. *faz dois anos*.

Fazer caridade - Seria um nunca acabar se aceitássemos novidades como esta de *caritar* para significar "fazer caridade". Teríamos então *solar* (fazer sol), *calorar* (fazer calor), *sapatar* (fazer sapato) e outras que tais bizantinices. A clareza de expressão não exige leviandades; a idéia não é objeto de moda para estar a mudar de roupa ao sabor de necessidades.

"Fazer erro", "Fazer falta" - Não é português o emprego do verbo *fazer* com o sentido de *cometer, praticar*; em nosso idioma diz-se "cometer erro", como se diz "cometer falta", "cometer engano", "cometer distração". Constitui francismo o emprego de "fazer" nessas expressões. V. *lanchar*.

Fazer que, Fazer com que - Com a significação de "fingir", só pode ser *fazer que*: "E fez que não entendia" (Camilo) — "Faz que anda, mas desanda" (Cândido de Figueiredo). — Com a significação de "esforçar-se por alguma coisa" constrói-se indistintamente "fazer com que" ou "fazer que": "Por vezes fazia com que Lenita se frisasse, se esparulhasse" (Júlio Ribeiro) — "Fizera com que lhe cedesse voluntariamente o mando supremo" (Herculano) — "Marcelino de Matos venceu muito; fez que José do Telhado fosse julgado como réu de uma única morte" (Stringari) — "Fazei, entretanto, que nestes lugares reine profundo silêncio (Herculano).

Fecho - Quer substantivo, quer verbo, o "e" é fechado. Esse o motivo por que em dicionários que seguem a ortografia de 43, a qual preceituava o circunflexo nos homógrafos fechados, esse acento não aparece no substantivo. Não será demais repetir: Quer substantivo, quer verbo a pronúncia é com "e" fechado: o *fecho* da porta; eu *fecho* a porta. Essa a pronúncia, mas em nenhum caso o circunflexo.

Fedora - *Fedóra*, accentuando-se o "o" da penúltima sílaba, é a pronúncia correta. É nome russo, de acento igual a *Heliodora, Teodora, embora, amora*.

Não se tema incorrer em cacófono. Esta questão de cacófono não deve ir ao rigor, infundado e condenado por Rui Barbosa, que leva muita gente a ver *portal, porco, porca, fedor, fede* a todo o instante, em qualquer trecho. Se o cacófono é erro, a cacofomania constitui escrúpulo ridículo. Nesse andar, teríamos de expurgar de nosso vocabulário legítimas palavras nossas; *picadela* seria uma, fadada à morte por esses mal interpretadores de vícios de linguagem. E se lhe dissermos de uma senhora que não dizia *maracujá*, por temor de escandalizar o próximo?

"Feérico" - Galicismo; temos *edênico, maravilhoso, mágico, deslumbrante, fantástico*.

Feíssimo - De *feito* o superlativo é *feíssimo*, com um só *i* antes dos dois *s*. Os adjetivos terminados em *e, o e io* deixam cair essas vogais: *leve, levíssimo; belo, belíssimo; feio, feíssimo; cheio, cheíssimo; alheio, alheíssimo*.

Aumentativo: *feião, feirão, feianção*.

Feiticairo - Coletivo: *conchábulo*.

Felá - Proveniente do árabe, esta designação de lavrador do Egito e da Arábia tem por feminino *felatna*.

Felicidades - V. *sucesso*.

Felicitar - Regências: a) Felicitar alguém de alguma coisa: "... felicitando *Guilherme da* rapidez da sua cura".

b) Felicitar alguém por alguma coisa: "... felicitando o primo *pela* ventura de..."

"Felipe" - V. *Filipe*.

Feliz - Superlativo: *felicíssimo*. Aumentativo: *felizardo*.

Fêmeo - Deverá concordar em gênero e número com a palavra a que se refere. *Javali* (do árabe *jabali*, montês) é masculino; portanto, o *javali*, o *javali gordo*, o *javali alto...* o *javali fêmeo*.

E não nos admiremos disso. Como qualquer outro adjetivo, flexiona-se genericamente, tal qual se opera com o adjetivo *macho*, que, referindo-se a nomes femininos, deverá

flexionar-se em *macha*: a *pulga macha* (nunca o *pulga macho* e muito menos o *pulga*).

Macha, aqui, porque *pulga* é do gênero feminino; *fêmeo*, lá, porque *javali* é masculino:

flores machas, cortiça macha, figura macha (Aulete), *palmeira macha* (Moraes), *silva macha* (Aulete);

aerósgo fêmeo (Castilho, 127), *gado fêmeo* (Tradução, n. 7, apud C. Figueiredo).

Diferente será o caso se considerarmos as formas substantivadas "o macho", "a fêmea", com o artigo a provar a substantivação; no caso, porém, que estamos apreciando, por que não abrimos os bons dicionários? Lá está: FÊMEO: *adjetivo*; significa feminino; que não é macho; pertencente ou relativo à fêmea; relativo a mulheres ou ao sexo feminino; engenho *fêmeo*.

Porque "fêmeo" indica o que se refere a mulher o adjetivo é inflexível quanto ao gênero? Porque "macho" indica o que se refere a homem o adjetivo não tem feminino? Que raciocínio é esse? *Macho* e *fêmeo* são adjetivos variáveis — e não adjetivos uniformes — como variável é o adjetivo *femineo*. Abram-se mais uma vez os dicionários. V. *patativa*. V. *soprano*.

Feminino (na formação de locuções adverbiais) - V. *a olhos vistos*.

Fênix, Fênice - Fênix, para indicar a ave fúlbula que, segundo a mitologia, vivia muitos séculos e, depois de queimada, renascia das próprias cinzas; *fênice*, com acento tônico na sílaba inicial, para indicar o natural da Fenícia (é mais usado *fénicio*).

Feno - Coletivo: *braçada, braçado*.

Fenótipo - Por ser breve o *y* (i na ortografia oficial) do elemento *typo*, todos os compostos que por ele terminarem serão proparoxítonos.

Fêretro - Que descaramento é este de apresentar aos leitores de seu jornal nosso idioma desta forma estomacada: "O presidente não pôde comparecer à reunião porque teve de ir ao fêretro de um dos mais antigos sócios"? Quem estava no fêretro? Uma única pessoa: o defunto.

"As exéquias" se dirá, ou "aos funerais", ou "ao enterro", a menos que se acaite dizer "fulano foi ao *andor* de São Benedito", em vez de *à procissão*. O fêretro é acompanhado, é seguido, não porém compartilhado.

Ferir - V. *adern*.

Fernando Noronha (território brasileiro) - Sigla oficial: *FN*, sem nenhum ponto.

Ferrugem - V. *lambugem*.

"Ferry-boat" - A tradução é exatamente *balsa*: Quantos carros cabem na *balsa*? — Quantas *balsas* estão trabalhando? — A *balsa* não está funcionando — O *serviço de balsas* não está satisfazendo.

Fervido, Fervido - V. *provido*.

Festa - Aumentativo: *festança, festão*.

Festina lente - Locução latina que significa, literalmente, "ande depressa devagar"; tem a mesma aceção do nosso "devagar se vai ao longe".

"Fêtiche", "Fetichismo", "Fetichista" - As palavras portuguesas são *feitiço, feiticaria, feiticairo*. É curioso notar que o vocabulário francês *fêtiche* foi tirado do português *feitiço*.

Fiado - Na expressão "Não vendemos *fiado*", *fiado* é advérbio. O adjetivo assumiu função adverbial; nem a ele nada se acrescenta, nem flexão nele se opera.

Compare-se com *barato*, empregado adverbialmente, sem flexão portanto: Essa fruta compra-se *barato*. Outro exemplo de igual função: Vendeu *caro* as propriedades.

Não estranhemos, porém, construções como estas: "Trazer da loja fazenda *fiada*" — "Comprei duas camisas *caras*". *Fiado* e *caro* são aqui adjetivos; sem nenhuma circunstância acrescentar ao verbo, tão só indicam uma qualidade dos substantivos por eles modificados.

Digamos, sem acrescentar nenhuma preposição nem flexionar, "Ele vende *barato* essas meias" — "Vais pagar *caro*

esses desaforos" — "Vendi *fiado* dois automóveis". V. *passei demasiado*.

Fiat Lux - Locução latina da bíblia, que significa "faça-se a luz".

Fiat Voluntas Tua - Frase latina, do Pai-Nosso, que significa "faça-se a tua vontade".

"Fidagal" - Erro vulgar; o adjetivo, proveniente de *figado*, é *figadal*: ódio *figadal*.

Fidalgo - V. *algo*.

Fiel - Superlativo sintético: *fidelíssimo*.

Filantropo - Esta palavra, designativa de "pessoa que beneficia a humanidade", deve, como *misantropo*, ter o acento tônico na sílaba *tro*.

Filarmônico - V. *Alambra*.

Filho - V. *junior*.

Filhote - Coletivo: *ninhada*.

Filicida - V. *maritida*.

Filipe, Filipa, Filipinas - Com *i* na primeira sílaba, justificado pelo étimo *philos*, amigo, e *hippos*, cavalo.

Fi-lo voar - V. *mandei-o vir*.

...**filo** - V. *monofilo*.

Filme - Coletivo: *filmoteca, cinemateca*.

Filólogo - Não confundamos "filólogo" com "gramático".

É gramático o que não somente conhece, acompanha e expõe (isto é ser professor), mas o que ordena, pessoalmente pesquisa, conscienciosamente inquirir os fatos de um idioma. Ser filólogo é algo mais; se o gramático conhece a língua em si, o filólogo a conhece com relação a outras línguas afins ou correlatas. Dizer que fulano é filólogo porque escreveu uma monografia sobre pronomes oblíquos é deprimir a filologia. Filólogo é um Frederico Diez, um Ayer, um Gonçalves Viana, um Rebelo Gonçalves, homens conhecedores e dominadores de idiomas diversos, em si e em seu engrançamento vocabular e sintático; é o que julga, é o que conclui, e não o que passivamente memoriza vocábulos ou passagens gramaticais. Ser filólogo é conhecer os idiotismos, os fatos particulares de línguas diversas, a formação e a derivação dos vocábulos. O que o gramático expõe, o filólogo perscruta; muita coisa que o filólogo perscruta, ao gramático não interessa expor.

Saber falar vários idiomas não é ser filólogo, como não é ser filólogo conhecer a própria língua; aquilo é erudição, isto é simplesmente cumprimento de um dever cívico.

Finis coronat opus - Locução latina que significa "o fim coroa a obra", o remate consagra um trabalho.

Finlandês, Finês, Fino - Se em francês existem duas formas (*finnois, finlandais*), se duas em alemão (*Finnish, Finländer*), se o mesmo se dá em sueco (*finnsk, finländsk*), não é de admirar que tenhamos *finês* ao lado de *finlandês*. Não só essas duas, senão também *fino*, como o sueco *finne*, o inglês *fin(n)*, o alemão *finne*; usa-se de forma especial em compostos: *fino-húngaro, fino-russo*.

Fio metálico - Coletivo, quando reunidos em feixe: *cabos*.

Firmar - Pode-se dizer "firmo-me *neste* princípio" ou "firmo-me *sobre* este princípio". No dicionário de Aulete encontramos estas duas passagens de Herculano: "Escutava Fernando Peres que firmando a mão *no* braço da cadeira..." — "Trepara, manso e manso, firmando-se *nos* labores da pedra" — e esta de Gonçalves Dias: "O pálido semblante meditabundo *sobre* as mãos firmava".

Sandoval nos oferece esta de Camilo: "O princípio da autoridade firma-se *sobre* estas bases".

Se o leitor quer ter preferência a uma única regência e se quer uma regozinha para ver qual deva preferir na generalidade de casos semelhantes, use este recurso: faça uma pergunta, fazendo anteceder o objeto ao verbo, e terá o modo mais natural e portanto o mais geralmente usado. No caso presente, não *lhe* é mais fácil, mais natural, não *lhe* vem primeiro à mente a pergunta "em que me firmo?" Diga, então: "Firmo-me *nestes* princípios".

Fiscalizar - V. *economizar*.

Fisio - Elemento que na composição não se faz seguir de hífen:

fisiogernia, fisioterapia.

Fisioterapeuta - É forma perfeitamente aceitável. Como *terapeuta* designa a pessoa que exerce a *terapia* — forma que existe ao lado de *terapêutica* — *fisioterapeuta* é muito aceitável para designar o que exerce a *fisioterapia*, que também podia ter a forma sinônima *fisioterapêutica*.

Fito - Elemento de composição que não se faz seguir de hífen: *fitoparasito*.

Fixar, Afixar - Grande parte das vezes ocorre mera prefixação expletiva em formas verbais e em nominais iniciadas por um *a* caracteristicamente vernáculo e popular; perduram ambas se alguma distinção de significado ocorre (*abaixar, baixar, afixar, fixar*), ou uma cede lugar a outra se com o andar dos anos a unicidade da significação deixa de justificar a duplicidade de formas: *avoar* arcaizou-se, *alevar* já quase não se usa, *alagoa* cedeu lugar a *lagoa*. *Assoalho* é exemplo de forma que ainda perdura ao lado da primitiva sem *a* protético.

Mais curioso é o fenômeno inverso: queda de um legítimo *a*, parte integrante do étimo; como calhau que se ovala ao rodar com as águas, *agume*, do latim *acumen*, além de ter desprezado o *n* final latino perdeu também o *a* inicial; essa eliminação de arestas é causada pelo povo, que despreza letras e sílabas — iniciais, finais ou mediais — quando delas não necessita para a compreensão da idéia; daí o chamar-se "formação popular", "derivação popular" de um idioma esse procedimento natural de quando escolas não acompanham a penetração de conquistadores ou o aumento de uma nação. *Caju, bodega, botica* são outros exemplos de queda do *a* etimológico.

Com força ainda maior que as fluviais e as marítimas, as ondas hertzianas podem deformar vocabulário e sintaxe do idioma que não tenha lidadores cuidadosos.

Fixo, Fixado - V. *entregue, entregado*.

Fiz, Tenho feito - Há diferença entre *fiz* e *tenho feito*; para concretizá-la suponhamos estas duas orações: "Tenho feito minha obrigação", "Fiz minha obrigação". Na primeira temos a idéia de continuidade de ação, como se dissera "faço todos os dias, faço sempre o que devo fazer". Na segunda oração, o sentido é de ação completamente acabada; a ação era uma só, e esta se fez completamente, como se dissera "o que eu devia fazer já fiz".

Quando tal diferença não existe, ou seja, quando a forma composta esteja pela simples, há erro. Será italianismo, francesismo, anglicismo, o que for, não porém português.

Fizemo-lo presidente - "Fizemos presidente do grêmio ao senhor Faria" ou "Fizemos presidente do grêmio o senhor Faria"?

Ambas as formas são certas; quer numa quer noutra, "senhor Faria" é sempre objeto direto, embora no primeiro exemplo venha antecedido da preposição *a*; "presidente do grêmio" é o predicativo do objeto direto do verbo *fazer*.

Ainda que, gramaticalmente, nada nos impeça de dizer "Fizemos presidente do grêmio o senhor Faria", costuma-se, em exemplos semelhantes, fazer anteceder o objeto ao seu predicativo: "Fizemos o senhor Faria presidente do grêmio", "Acho seu filho muito inteligente", "Julgo o aluno estudioso".

A primeira maneira — Fizemos presidente do grêmio ao senhor Faria — com o objeto preposicionado depois de seu predicativo, é mais erudita, mas nem por isso mais correta.

Uma observação: Se na oração "Fizemos o senhor Faria presidente" substituirmos o objeto direto pelo pronome oblíquo correspondente, teremos: *Fizemo-lo presidente*. Outros exemplos: *Acho-o interessante, Julgo-o bom, Vi-o rasgado*. Sempre colocamos o pronome *o*, complemento natural dos verbos transitivos diretos; não cogitamos da forma *lhe*, usada para os verbos transitivos indiretos. Não vemos, pois, razão para que se construam orações como "Chamei-*lhe* sábio", "Fiz-*lhe* ciente" e outras; melhor diremos: *chamei-o sábio, fi-lo ciente, achei-o interessante*.

Quem redige *chamei-*lhe* sábio* procura justificar a construção na expressão com o nome, "Chamei sábio ao senhor

Faria", confundindo objeto direto preposicionando com objeto direto. Entre essa forma, porém, apesar de mais comum entre os clássicos, e a outra — Chamci-o sábio — opinariamos, no caso de escolha, pela última, mais de acordo com a regência característica do verbo, regência que se torna patente na forma passiva: *Ele foi chamado sábio*.

"Fjord" — Já se encontra aportuguesado em *fiorde*, com *i*, para designar os estreitos longos, rendilhados e de margens geralmente escarpadas do litoral norueguês.

Flagrância, Flagrante - *Flagrância* indica a manifestação de um fato no mesmo momento em que se dá. — Não confundir com *fragrância*, que significa *perfume agradável*.

Flagrante quer dizer *ardente, inflamado* e também *manifesto, evidente; flagrante delito*, o que é surpreendido no momento de ser cometido. — Não confundir com *fragrante*, que significa *odorífero, perfumado*. V. *opórbrio*.

"Flamboyant" - O direito que nos cabe de ser ciosos de nosso idioma faz com que estranhemos essa palavra de permissão com outras nossas sem que troque a roupa de outras terras pela que veste as vizinhas. Um *y* que soa *a*, um *t* que não se pronuncia são enfeites extravagantes para mencionarmos numa só palavra o nosso "pau-rosa", a nossa "flor-do-paraiso".

Na forma gráfica originária francesa tem-na o inglês, mas este, a quem a roupa não é estranha, obriga a palavra a trocar a forma sônica alienígena pela da nova terra, pronunciando-a "flamboíant", quer substantiva quer adjetivamente empregada.

Quem for a Corumbá ficará deslumbrado com as *pois-cianas regias* (é o nome científico, pelo grego, em virtude da longa unha das pétalas de flores dessa leguminosa originária de Madagáscar) que arborizam o centro da ordeira cidade matogrossense, e notará que, sem exceção, todos se referem à flor-do-paraiso com o harmônico nome *flamboião*. Seus derivados apresentam-se sem nenhuma dificuldade: *flamboiante* (adjet. "em forma de chama", "resplendente"), *flamboiante*, *flamboiantismo*.

Professores de português que aí moram há longos anos não encontraram dificuldade de dar forma portuguesa à árvore que simboliza uma cidade em que não existe *garçon*, mas *garçã*.

Flâmíne - *Flâmínia*, *flâmínia* são as formas femininas para designar a sacerdotisa, mulher do *flâmíne*, antigo sacerdote romano, devotado ao serviço de determinado deus.

"Flanar" - Adaptação inútil da palavra francesa "flaner", desnecessária para nós que temos *cabular*, *banzar*, *larear*, *andar a tuna*, *vagabundear*, *vagamundear*, *vaguear*.

Flandres - Adjeivo pátrio: *flamengo*.

Flauta - V. *aluguel*.

Flecha - Barulho: *assobiar*, *sibilar*, *silvar*, *zumir*. V. *aluguel*.

Fleuma - O *g* do étimo grego *phlegma* vocalizou-se em *u*. Prevalece esta forma às variantes *fleima*, *freima* e *flema*. O fato é que ou se escreve, de acordo com o étimo, *flegma*, sem *u*, ou, vocalizando-se o *g* por *u*, *fleuma*, sem *g*, e assim deve ser *fleumático*.

Ainda esta curiosidade: Enquanto a forma erudita conserva o gênero do étimo grego — *o flegma* — a variante popular é mais empregada no feminino: "A sua fisionomia era a da própria serra, tendo a alegre e descuidosa *fleuma* da água perdida pelos chuveais".

Flexão eufônica - V. *a mensalidade paga-se adiantada*.

Flexão genérica - "Deve-se dizer *trabalhadora* ou *trabalhadreira*? De um lado temos *oradora*, *devedora*, *ledora*, *traidora*, *amadora*; diz-se, de outro, *arrumadeira*. Por que essa dualidade de femininos?"

— A diferença está em ser a terminação *ora*, conquanto popular, mais moderna que *eira*; obedece aquela, analogicamente, à regra geral de formação do feminino.

"Conquanto popular" — ficou dito — por contrastar com a terminação *triz*, de cunho erudito: *imperatriz* (imperadora), *diretriz* (diretora), *geratriz* (geradora), *cantatriz* (canta-deira).

"Mais moderna", porque nomes havia, no português antigo, terminados em *or*, que não se flexionavam no feminino; ela é *autor*; temos uma *defensor*; uma *pastor*, *minha senhor* — como ainda hoje se conservam invariáveis os comparativos em *or*: inferior, melhor, pior etc.; neste particular é interessante observar o que se passa com *superior*, que, permanecendo invariável quando adjetivo — É ela *superior* a mim — varia quando substantivamente empregado — A *superiora* do convento — flexão que também se observa em *menora*, forma encontrada em Aragão, especificando a mulher de menor idade (Meneses Pidal. Gram. 117, apud João Ribeiro).

O fato é que regra não existe para o emprego desta ou daquela terminação, sendo, tão só, o uso generalizado o juiz da questão. No nosso caso, se *trabalhadora* ou *trabalhadreira*, cabe-nos dizer que é mais geral e popularmente usada a forma *trabalhadreira*; a outra é empregada com sentido já diferente, como feminino de *trabalhador* no sentido de *operário* e não de *operosa*.

Quer parecer-nos que, em geral, a terminação *eira* é de preferência usada para qualificar ocupações modestas (*lavadeira*, *arrumadeira*, *engomadeira*, e, pois, também *trabalhadreira*), reservando-se *ora* para profissões mais nobres: *cozadora*, *compradora*, *contadora*, *curadora*, *domadora*, *moldadora*, *testadora*. V. *inspiradora*.

Flaxão por atração - V. *a mensalidade paga-se adiantada*.

"Flirt" - *Namoro* é a exata palavra nossa, correspondente a esse anglicismo inteiramente inútil. O mesmo se diga de "flertar" por *namorar*, *cortejar*.

Flor - Coletivo: antologia, arregaçada, braçada, fascículo, feixe, festão, capela, grinalda, ramallete, buquê (aportuguesamento do fr. *bouquet*); quando ligadas ao mesmo pedúnculo: cacho.

Flórida - Quando substantivo, designativo de península dos Estados Unidos, com o acento no "o", prosódia generalizada no Brasil por influência da americana.

Florido, flórido - Florido, paroxítono, empregará o leitor quando falar de uma *árvore florida*, de campos na estação primaveril, *campos floridos*, quando, em suma, tiver em mente a florescência na sua natural compreensão; dessa forma, *florido* será participio do vernáculo *florir*, que significa *florescer*, *cobrir-se de flores*, pelo que também acertará dizendo *mesa florida*, *jantar florido*, *sala florida*, *templo florido*, uma vez realmente cobertos de flores.

O acento mudará quando outra for a significação que não a da expressão botânica do termo. Portanto os discursos, as palavras, os estilos, as inteligências são sempre *flóridos*, isto é, brilhantes, elegantes, aprimorados.

Aqui, uma observação: o acento não muda pelo simples fato de mudar a significação; muito erra quem, tratando-se de palavras de mesma etimologia, defende, ou melhor, afirma inconscientemente a diferenciação de acento quando diferentes são as significações. Assim, para qualquer sentido, deverão, em lídimo português, ter um único acento os substantivos *teoria*, *horóscopo*, *rubrica*, *boêmia*, *psique*.

Florido e *flórido* coexistem legitimamente com essa diversidade de acento por serem diversas as etimologias. O primeiro, formado no próprio português, vem de *florir*, e o segundo já assim recebemos do latim *flóridum*: "*Flóridum* descendit genus" (Quintiliano, apud dic. port. lat. Fonseca); "*Flóridi* colores" (Plínio, apud Saraiva).

Remataremos esta explicação com as palavras de Bernardes: "Em português não diremos bem do estilo do pregador que é *florido*, carregando no *i*, nem do ramo de uma árvore que está *flórido*, carregando no *o*; senão às avessas". V. *fluído*; V. *válido*.

Florir - V. *abolir*.

Fluído, flúido - Quando participio do verbo *fluir* (correr em estado líquido; em linguagem figurada: manar, escoar, decorrer), tem o acento, próprio da conjugação, no *i*: *fluído*. Havia já *flúido* o prazo.

Fora dessa função participial, terá o acento tônico no *u*

— *flúido* — quer seja adjetivo (fluyente: estilo *flúido*; dotado de fluidez, de pouca adesão entre as moléculas: corpo *flúido*; carne *flúida*, estado *flúido* de um corpo), quer substantivo: substância hipotética a que se atribui o calor, a electricidade, o magnetismo (*flúido* elétrico, *flúido* galvânico), nome genérico de qualquer líquido ou gás. Com o acento secundário no *u* é que se deve ler o composto *fluídoscópio* (fluídoscópio).

O motivo da distinção tónica é o mesmo acima apontado em *florido* e *flúrido*, ou seja, enquanto *flúido* é forma participial de verbo nosso, *flúido* é forma proveniente diretamente do latim. V. *válido*.

Fluminense - É o nascido no "estado" do Rio de Janeiro; o nascido na "cidade" do Rio de Janeiro diz-se *carioica*, do tupi-guarani *cariboca*, descendente de branco.

Fluor - V. *fluoreto*.

Fluores brancos - V. *fluoreta*.

Fluoreto - Assim se deve dizer, e não "fluorureto" nem "fluoruro"; *eto* é que é o sufixo nosso; a desinência francesa "ure" é a culpada do erro desse e de outros derivados. Como já dizemos *iodeto*, *cloreto*, em vez das formas afrancesadas "iodureto", "clorureto", deveríamos também dizer *carboneto*, *cianeto* em vez de "carbureto", "cianureto".

O assunto provoca outras advertências:

1. O ato de tratar a água com *flúor* é *fluorar*, donde "água *fluorada*", "fluoração da água". O que se tem em mente é indicar que entra na água o elemento flúor e não, especificamente, um composto seu.

2. O aparelho que na estação de tratamento da água se instala para permitir a aplicação do fluossilicato de sódio é o *fluorador* (e não "fluoretador" nem "fluorinador").

3. Quando existe teor muito elevado de flúor na água potável, ela provoca uma doença da dentição chamada *fluorose*; mesmo que seja um composto que entre na água, *fluorose* é a doença e *fluorada* é a água.

4. O elemento químico, que se escreve *flúor*, tem um homógrafo, *fluor*, que se pronuncia com o acento tónico na última sílaba: *flu-ór*. Esta palavra tem relação imediata com *fluir*, *fluência*, *fluidez* (do latim *fluere*, escorrer) e não com o corpo químico. Dela se forma o composto *fluores-brancos* (notemos bem: *flu-ó-res bran-cos*), que o povo, por falsa analogia, corrompeu em "flores brancas". Nada há que ver o fluxo anormal com *flor* senão com *fluór*, *fluxão*.

Fogo - No plural o "o" é aberto. Aumentativo: *fogaréu*. Barulho: *crepitar*, *estalar*.

Foguete - Coletivo, quando agrupados em roda ou num travessão: *girândola*. Barulho: *chiar*, *rechiar*, *esfuziar*, *espocar*, *estourar*, *estrondear*, *pipocar*.

Foi - V. *era*, *foi*.

Foi porque - V. *é porque*.

Foi que - V. *é que*.

Foice - V. *coisa*.

Foldore - Aportuguesamento do inglês "folk" (povo) "lore" (conhecimento). Uma vez numa só palavra, não se justifica, como às vezes à inglesa se ouve, que o "c" seja pronunciado *que*; não devemos aceitar a popular anaptix.

Fole - Barulho: *arquejar*, *ofegar*, *resfolegar*.

Folha - Barulho: *farfalhar*, *marulhar*, *sussurrar*.

Folhelho, folheto - Em Aulete vemos *folhelho* como especificativo de "película que envolve os legumes, as uvas etc. — Pele fina que revest a espiga do milho, camisa do milho" ("camisa" *poft* "casca"; em Portugal dizem "descamisar o milho").

Folhetos, no entanto, não especifica tão-somente *impressos*. No mesmo dicionarista vemos o vocábulo também com a significação de "*lâminas* que formam as partes inferiores do chapéu dos agáricos" (cogumelos). Desta acepção, talvez, o fato de empregada a palavra para designar lâminas do tecido conjuntivo que envolve as vesículas seminais.

Cuidado, portanto, na escolha. Nos dicionários, a não ser nos especializados, não se encontram vocábulos ou acepções técnicas. Estes devem ser procurados nos autores, nos profissionais.

Folho - V. *refolho*.

Fonemas e letras - Muito lutou João Ribeiro para que a Academia Brasileira e a de Lisboa concordassem em adotar o *z* como única figuração do som sibilante brando. Perto de outras contradições e deficiências de nosso alfabeto, seria podar um galho para deixar outros à mercê das pragas e ervas daninhas.

Que o nosso alfabeto contém incongruências é coisa de fácil averiguação; a rigor, tantas letras deveria possuir o alfabeto de uma língua quantos fossem os fonemas nela empregados; isso esta reciproca nos traz: As letras de um alfabeto deveriam ter sempre o mesmo som. Tal é em grego, tal já não é em latim, bastante diverso é em português.

Das letras que possui nosso alfabeto, mesmo o estropiado e mutilado pelos reformadores, continua havendo as que representam o mesmo som: o *s* e o *c*; outras que têm sons diversos: *ca*, *ce*; outra que nenhum valor fonético tem, o *h*; se de um lado o *x* tem diversos sons, por outro o som chiantente pode ser representado por diversas consonâncias: *ge*, *je*, *ch*, *xis*. A isso se acrescente a imperfeição de se usarem duas letras para a representação de um único fonema: *lho*, *nho*.

Reformas ortográficas só trarão confusões enquanto não aparecer quem saiba fazer distinção entre deficiência e necessidade. Que de eficiente encerra a eliminação de *k*, *w* e *y* de nosso alfabeto se precisamos conhecer essas letras para a grafia de certos nomes próprios e de seus derivados, de abreviaturas, de símbolos de matemática e de outras ciências? Que importa tirar aqui o *h* para deixá-lo acolá? Se nosso alfabeto foi varejado por reformas acadêmicas, a grafia de nossas palavras continua difícil quando não incompreensível.

Fonômetro, fonometria - Os decibéis estão dando o que fazer; desentendidos os técnicos na sua própria definição, nenhum deles teve até agora a lembrança de ir ao dicionário para verificar qual o nome do aparelho que os mede. A não ser que as palavras tenham por fim esconder o pensamento, o "instrumento próprio para medir a intensidade dos sons ou da voz" chama-se em português *fonômetro*. É o que está no Aulete. Com ligeiras modificações outros dicionários dão a mesma definição.

Assim como a balança mede peso e não gramas (ela não é *gramômetro*), o metro extensão e não milímetros, o fotômetro luz e não raios luminosos, o higrômetro umidade e não gotículas de água, o termômetro calor e não graus, assim como não se diz "medir os gramas", nem "medir os milímetros", nem "medir os raios", nem "medir as gotas", nem "medir os graus", de igual forma não se irá dizer "medir os decibéis" (e vir depois com um horripilante "decibelímetro"), senão "medir o som", e o *fonômetro* é o instrumento dessa medição, medição que tem por nome *fonometria*.

Se não merecerem crédito os nossos dicionários, isto é o que o Webster nos oferece. An instrument for measuring sounds, as to intensity, or as to frequency of vibrations.

Ai está bem claro; não deve ser preocupação dos nossos técnicos distinguir som de barulho, som de ruído; no som, como no barulho, como no ruído, há vibrações, e o *fonômetro* as acusa, quer quanto à intensidade, quer quanto ao número.

Seja qual for o nome que se venha a dar-lhe, não será necessário o instrumento para indicar — veja-se o editorial do JORNAL DA TARDE de 5-5-75 "O novo diretor do DSV e o flagelo do apito" — que a maior fonte de infernização dos que trabalham, dos que estudam e dos que sofrem está na chupeta que os guardas de trânsito de São Paulo não tiram da boca, indice de atraso, de indisciplina, de falta de educação social, de desrespeito a leis.

O fonômetro apresenta esta curiosidade: Por mais infernizante seja o som dos sobejos e estúpidos silvos de guardas de trânsito e de guardas noturnos, nada acusa ele. Porque a lei de silêncio foi caprichosamente feita para os outros, e não para gente de farda, de uniforme, e talvez por ter sido

elaborada sem que se conhecessem todas as dimensões e característicos do problema ou porque sua finalidade tenha sido meramente a de dar jetões aos seus autores, o fonômetro engenhosamente corresponde à cegueira dos seus manuseadores, principalmente quando os guardas estão perto de hospitais, de faculdades, de escritórios, de jornais, de bibliotecas.

Fonte - Barulho: *borbulhar, cachoar, cantar, murmurar, murmurinhar, sussurrar, trapejar.*

"Footing" (fútim) - Só em linguagem familiar se permite esse anglicismo por "passeio a pé". "Fazer o footing" não é dizer português; "passar", "dar voltas" é que é o nosso dizer.

Fora (ó) - Emprega-se como sinônimo de *afora* quando a função é prepositiva: *afora* ele, ninguém mais — *fora* ele, ninguém mais. Quando a função é adverbial (jogar *fora*, dormir *fora*) não aceita a substituição por *afora*. V. pelo Brasil *afora*; V. *mar em fora*.

Fora (ô) - Não deve o leitor invariavelmente empregar *fora* (*fôra*, do verbo *ser*) em vez de *foi*. O mais-que-perfeito é tempo relativo, isto é, indica ação passada antes de outra passada. Compare *fora* com *tinha sido*, forma composta, que isto lhe facilitará um tanto o emprego da forma simples; a composta traz mais nitida a noção do tempo, razão por que geralmente é preferida.

Fica ao critério de cada um, uma vez que não há para isso nenhuma regra, o emprego do mais-que-perfeito do indicativo pelo imperfeito do subjuntivo; tanto é certo dizer "se eu fosse rei" quanto "se eu *fora* rei".

A mesma liberdade há na substituição do mais-que-perfeito do indicativo pelo futuro do pretérito: "Mais *servira* se..." ou "Mais *serviria* se..." — Note-se tão-somente que tais substituições não se fazem no linguajar comum, familiar, mas em trabalhos poéticos ou em trabalhos prosaicos de alto estilo:

"Mais *servira* se não *fora*

Pera tam longo amor, tam curta a vida"

Fora parte (ou *parte fora* ou *de fora parte*; pronuncie "fôra") — Locução que significa "exclusivo", "exceto": Todos, *de fora parte* as crianças, tiveram entrada no castelo.

Forma de tratamento - V. *tratamento*.

Fôrcipe - É forma preferível a "forceps"; em português diz-se *príncipe*, e não *princeps*. A forma das nossas palavras, já para o singular, já para o plural, baseia-se na do acusativo e não na do nominativo latino.

Formas de delicadeza - Além do mero emprego de verbos e de locuções que por si já expressam delicadeza de quem os profere ("O senhor pode fazer-me o favor de...?" — "É-lhe possível informar-me por favor se...?") temos o emprego do futuro do pretérito para suavizar uma pergunta ou um pedido: "Poderia dar-me o seu endereço?"

O emprego do futuro do pretérito em tal caso não deve ser exagerado; há um momento em que ele se torna impraticável, sem sentido, como nesta pergunta: "Qual *seria* o seu nome?"

"Qual *seria*" indica dúvida, e a pergunta implica um assunto certo, que exige o indicativo presente: "Qual *é* o seu nome, por favor?"

Formas divergentes - V. *plano*.

Formicida - Nem com serem muitos os fatos estranháveis de nosso idioma devemos deixar de estudá-los e, quanto possível, aviventá-los. Cremos que a muita gente será chocante ouvir "o formicida", ao referir-se alguém à preparação química para matar formigas; o certo, no entanto, é o gênero masculino: "Este formicida não é bom" — "Comprei um formicida novo".

Não dizemos todos "um vermicida"? Quando compostos de "cida" puderem referir-se a mulher (ela é fraticida, ela é homicida, ela é matricida), dever-se-á dizer, é claro, "uma fraticida", "uma homicida", mas aqui a palavra é um adjetivo substantivado a concordar com o nome a que se refere; quando, porém, o composto designar coisa, ou melhor,

quando for substantivo — este é o nosso caso — essa possibilidade deixará de existir; o gênero masculino se impõe: *um vermicida, um fungicida, um inseticida, UM FORMICIDA*. Os dicionários são unânimes em atribuir ao composto o gênero masculino.

Formidável - V. *progenitor*.

Fornir - V. *abolir*.

Fornitura - Acrescido a tema verbal latino ou vernáculo, a adjetivo ou a substantivo, o sufixo *ura* indica ação (*censura, formatura*), resultado de ação (*fratura, ruptura*), estado (*fartura, loucura*), exercício de cargo (*magistratura, judicatura*) e também lugar em que uma ação é exercida.

O último é o significado que o sufixo encerra em "*chefatura* de polícia", pois além de *chefado*, ou seja, de exercício de chefia ("Durante minha *chefatura* nada de grave ocorreu"), designa a palavra também a *repartição*, o lugar onde o chefe dá expediente; e assim: "Onde fica a *nunciatura*?" — ou seja: "Onde fica o *edifício* em que funciona o tribunal eclesiástico sujeito ao nuncio?"

Não constante de dicionários, a palavra *fornitura* está difundida, e tem na explicação dada a justificação. *Fornitura* não é fornecimento, mas lugar em que fornecem, lugar em que se encontram peças, utensílios para determinado aparelho, máquina, atividade.

Forno - No plural o "o" é aberto.

Fôro, Fóro - Não se confunda *fôro* (O acento é aqui meramente indicativo de pronúncia), que também se pode escrever, à latina, *forum*, sempre com "o" aberto, com a palavra *fôro*, de mesma procedência mas de sentido modificado. *Fôro* ou *forum* é o lugar em que funciona a justiça, o prédio em que as causas são julgadas, entre os romanos a praça pública em que se ditavam as leis e proferiam as sentenças. *Fôro*, com "o" fechado, tem vários significados, mas no caso presente importa evidenciar o do próprio poder, da jurisdição, do âmbito, da alçada; *fôro* é o tribunal, o juízo em que se executa a lei, é a jurisdição, o poder de julgar. Uma é dizer: "Esta causa é do *fôro* de São Paulo" — outra é declarar: "O *fôro* (ou *forum* de São Paulo fica na praça Clóvis Beviláqua", "Os *fóros* das cidades do interior são geralmente no mesmo prédio da cadeia".

O plural de *fôro* tem o "o" aberto: Ele adquiriu *fóros* de cidadania.

Fôro, Fóros - Em toda e qualquer acepção, *fôro*, quer substantivo quer adjetivo, tem no Brasil fechado o "o" do plural: *Fôro* (subst.) — guarnição interna, enchimento ou reforço interior, estofa, revestimento, cobertura; em Portugal o plural é "fóros", com o "o" tônico aberto.

Fôro (adjetivo) — que alcançou carta de alforria, liberto da escravidão, que não paga *fôro* ou pensão, livre, desembaraçado, desobrigado, isento; o plural é "fóros", como o feminino "fôrra", que vemos na expressão "comer à tripa fôrra" (comer sem despendar nada).

Fôro (adjet.) — abonado, que tem de seu, rico; o plural é também fechado, como o feminino: *fôrra, fórras*.

Não nos esqueçamos de que no Brasil existe popularmente o substantivo "fôrra", assim pronunciado em virtude do verdadeiro *desforra*. V. *desforra*.

Fortuito - A pronúncia é *fortúito*, com acento tônico no "u" e não no "i".

Fortuna - V. *semântica*.

Forum - V. *fôro*.

Fôssis, Fóssis - Ambas as palavras com sinal diacrítico; a primeira (2ª p. pl. do pret. imp. do subj.) com circunflexo (a vogal é fechada) porque é paroxitona acabada em ditongo oral (*Formulário Ortográfico*, 43, 9ª), a segunda (plural de *fóssil*), com acento agudo (a vogal é aberta) também por ser paroxitona terminada em ditongo oral (FO, 9ª: Marca-se com o competente acento, agudo ou circunflexo, a vogal da sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos acabados em ditongo oral, *ágeis, devêreis... jóquei, pênseis...*).

Fosso (ô) - No plural o "o" é aberto.

Foto - Quando primeiro elemento de um composto, junta-se

ao segundo sem hífen: *fotocarta, fotocétula, fotocronómetro.*

Como, porém, grafar o composto quando o segundo elemento começa com vogal? Conserva-se ou se elimina o "o" final de *foto*? *Fotolétrico* ou *fotelétrico*?

A pergunta não é sobeja. A revelar conhecimento do grego, mas a demonstrar verdadeira psiconeurose helenística mais do que desrespeito a lei fundamental da formação dos idiomas, o relator do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa atirou pesada pedra que perturbou ainda mais a superfície do grande lago constituído em nosso idioma pelos compostos de elementos gregos. Ao comunicar as "inovações, expondo e comentando as bases ortográficas da obra e todas as particularidades do seu método" (sic), afirma ele na página XXV, sob o título "Estruturas":

"Segundo o modelo dos compostos que o português, directa ou indirectamente, recebeu do grego já formados, não se admite que o "o" final de um elemento de composição de origem grega permaneça diante de uma vogal que imediatamente se lhe siga: elide-se regularmente esse "o". Assim: ficamos tendo *electríman, indarterial, gastroenterite, monatómico*, do mesmo modo que já tínhamos, recebidos do grego, *demagogo, filantropo, monandria*, e, formados modernamente, *mesencéfalo, neuralgia, quiralgia*."

"Abre-se exceção — continua o Relator, como se o idioma fosse propriedade particular, embolsável e desfrutável a vontade — apenas para alguma forma que esteja em circunstâncias especiais, mas, mesmo assim, indicando a forma melhor. Exemplos: não se deixa de registrar *hidroavião*, porque, além de muito frequente, tem a redução *hidro*, mas cita-se como melhor a forma *hidravião*; não se deixa de registrar o composto *termoelectricidade*, em virtude de sua grande divulgação e da correspondência de estrutura que tem noutras línguas, mas aponta-se como preferível a forma *termelectricidade*."

A demonstrar ainda mais acintosamente um procedimento todo pessoal mais do que a confirmar uma conclusão precipitada, nem ao menos dá no corpo do vocabulário as prometidas variantes com os grupos vocálicos *oa, oe, oi, oo*; aparecem então, com desprezo a todos os dicionários existentes até 1940 — data do citado vocabulário — formas chocantes como "eletrímã", "hidravião", "macranto".

Há nesse proceder confusão entre composição operada no próprio grego e composição realizada dentro do nosso ou de outro idioma. A Real Academia Espanhola não incorreu nessa leviandade; não elaborado por um "relator", seu "Diccionario de la Lengua Española" traz sempre os agrupamentos vocálicos. Procedimento igualmente sensato encontramos no Webster, nos dicionários franceses e nos italianos com relação a palavras como *acroartite, bioastronáutica, bioelétrico, cacoete, cefaloauricular, carboidrato, dinamoeletrico, eletroímã, gastroencefalite, gastroenterocolite, hidroavião, hidroelétrico, hidroemia, hidroepatose, idioelétrico, isoaxe, isoeletrico, macroestesia, microacústico, microeconomia, microevolução, microorganismo, termoeletrico*. Se o francês criou "hidrohémic", por que vamos nós, além de eliminar o "h" medial, escrever a palavra sem "o"? A presente observação é relativa a compostos formados em português e não a compostos já formados no próprio grego nem a derivados (nome + sufixo). Mais exemplos podíamos oferecer desse contraditório procedimento de lexicógrafos (Como iríamos escrever *hidroaéreo*?); consciente ou inconscientemente, baseiam-se o mais das vezes em vocabulários oficiais, mas tal proceder não nos esconde nem dirime a incongruência, que se evidencia na própria palavra do verbete: Enquanto vemos elidido o "o" de *fotolétrico*, vemos-lo conservado em *fotocinómetro*.

Essa leviandade filológica é de conseqüências mais desastrosas do que a de afirmar no próprio prefácio da obra que devemos escrever "tejolo" e não *tijolo* porque "...a etimologia não consente: sabe-se que a palavra veio do espanhol "tejuelo", diminutivo de *tejo*."

Por que agir como Webster, que arrebanhou um elenco

de duzentos e poucos professores universitários para elaborar um dicionário? — "Vamos nomear um relator e depois impingir um vocabulário do idioma mediante um decreto, uma portaria que seja" — é a conclusão da academia do Brasil e da de Portugal. V. *hidroelétrico*.

Fotografia - Coletivo, quando em livro de coleções: *álbum*. V. *heliografia*.

Fouce, fouçada - V. *coisa*.

"Foyer" - *Foiê* poderia ser o aportuguesamento desta palavra francesa, dado o seu uso generalizado em linguagem de teatro; denota o salão destinado aos espectadores nos intervalos; cadeiras do *foiê* são as que ficam no andar desse salão.

Fração, fracionar - V. *seção*.

Fracasso, fracassar - Muitas são as maneiras de dizer que substituem o substantivo *fracasso* e o verbo *fracassar*.

De Botelho de Amaral é o seguinte passo: O substantivo é usado há muito no sentido de *ruído, baque* e também *ruína, desastre, triste sucesso*. Mas o verbo *fracassar*, que empregávamos somente ou quase na acepção de *quebrar, despedaçar com estrépito*, entrou agora em uso demasiado, acaso por influência castelhana.

Não o proscrevendo, podemos variar o verbo com *malograr-se, gorar-se, frustrar-se, baldar, falir, falhar, ir-se abaixo, não ter êxito, ter mau êxito, não ir por diante, não ir avante* etc.

O substantivo *fracasso* ganharia em ser, de vez em quando, substituído por *malogro, ruína, mau êxito, sucesso lastimoso* etc.

Fraco - Aumentativo: *fracalhão*.

Frade, frei - Estas palavras estão a necessitar de esclarecimento; conquanto designativas ambas de "homem que faz parte de uma ordem religiosa cujos membros seguem certa regra e vivem separados do mundo social", não podem ser usadas indistintamente. Enquanto *frade* é nome, *frei* é abreviatura.

O nome tem valor de substantivo; designa por si só o homem de vida monástica: "A esse mosteiro se recolheu o arcebispo como simples *frade*" — "*Frades* e padres participaram do retiro" — "Ele é *frade*".

A abreviatura — *frei* — só se usa precedendo o nome do frade: "Entre os frades estava *frei* Angelo" — "*Frei* Basílio e *frei* Agostinho são franciscanos" — "*Frei* Roberto é um frade eloqüente".

"Foram condenados os frades dominicanos" não é redação do nosso idioma. — Coletivo, quanto ao local em que moram: *convento*; quanto ao fundador ou quanto às regras a que estão sujeitos: *ordem* (dos franciscanos, dos beneditinos...).

Fradicida - V. *maritíca*.

Frágil - Superlativo sintético: *fragilímo, fragilíssimo*.

Fragrância - Significa *perfume agradável: a fragrância da rosa*.

Não confundir com *flagrância*, que indica a manifestação de um ato no momento em que é praticado. V. *opróbrio*.

Fragrante - Significa *odorífero, perfumado: Que fragrante brisa, embalsamada pelas exalações da campina*.

Não confundir com *flagrante*, que significa *ardente, inflamado e, também, manifesto, evidente, que é surpreendido no momento em que é praticado*. V. *opróbrio*.

Frágua, fraguar - V. *mágoa*.

Francês - Quando primeiro elemento de adjetivo pátrio composto, assume a forma *franco: franco-belga*.

Franco-atirador - Fugindo da dificuldade — o que não admira a quem os conhece — o vocabulário oficial brasileiro e o oficial português não trazem o plural de nenhum composto de *franco* nem de *livre*. O plural de *guarda-sol* e o de *pára-sol*, que qualquer individuo conhece e qualquer ginásiano explica, aí estão bem nítidos: "Pl.: *guarda-sóis*" — "Pl.: *pára-sóis*". O plural de *franco-mação*, de *franco-atirador*, de *livre-pensador* que vão procurar onde quiserem...

Se enervante é o proceder de relatores de vocabulários oficiais, desanimador é o de bem intencionados dicionaristas que a um tempo silenciam completamente nos compostos de *franco* (quer com significado de *francês*, quer de

livre) e se contradizem nos compostos de *livre*, oferecendo *livre-cultismos*, *livre-cultistas*, *livre-cambistas*, *livre-exames*, com o primeiro elemento inflexível, ao lado de *livres-pensadores*, *livres-permutas*, com o primeiro elemento flexionado.

"Bem intencionados dicionaristas", ficou dito; sê-lo-ão realmente? Por que omitem o plural de *livre-docente*?

Na realidade, se do uso podemos tirar regras da flexão numérica de substantivos compostos de substantivos (*médico-cirurgião*, *médicos-cirurgiões*: ambos os elementos variam) e de substantivos compostos de adjetivos (*médico-cirúrgico*, *médico-cirúrgicos*: só o segundo varia), já se torna um tanto delicado deduzir a regra do plural de compostos de adjetivo e substantivo.

Quando o elemento *franco* é sinônimo de *francês* (povo), o composto é adjetivo, e dificuldade nenhuma oferece o plural, pois (a única exceção é *surdo-mudo*) a norma de nosso idioma é clara: só o último elemento varia: "sociedade luso-brasileira", "influências poético-musicais", "elementos anglo-normandos", "tratados franco-alemães". Quando, porém, significa *livre*, ele vem seguido de substantivo: *franco-atirador*, *franco-mação*; qual, agora, o plural?

Livre, por sua vez, é adjetivo, e a substantivo se une na formação de substantivos compostos: *livre-docente*, *livres-pensador*.

Não reaceamos aconselhar a flexão de ambos os elementos, do adjetivo e do substantivo: *livres-docentes*, *livres-pensadores*, *livres-cultistas*, *livres-pensamentos*, *livres-cultismos*, *livres-permutismos* e *francos-atiradores*, *francos-mações*.

Acaso o plural de *quinta-feira* não é *quintas-feiras*? — V. "*livre-câmbio*".

Franco de pagamento - "Os títulos deverão ser entregues ao sacado *francos* de pagamento". — *francos* no plural porque, como predicativo do sujeito deve com ele concordar.

Outros exemplos: "Todos os soldados devem seguir *livres* de embarço"; jamais poderíamos deixar no singular o adjetivo *livre*. — "Os títulos devem ser cobrados *isentos* de comissão"; *isentos*, no plural, a concordar com a palavra a que se refere.

A distância não desculpará a falta de concordância: "Os títulos deverão ser entregues ao sacado, sem mais aviso, *francos* de pagamento".

"François" - V. *nomes próprios estrangeiros*.

Frangão - Provincianismo lusitano por *frango*.

Franqueza, **franquezas** - V. *saudade*.

Franquiar - Escritores não nos servem de base para casos como este; confiam nos dicionários; a estes, pois, vamos recorrer.

Enquanto Aulete, Laudelino e Melhoramentos só oferecem *franquear* para toda e qualquer acepção, Rebelo Gonçalves (no que é seguido pelo vocabulário oficial brasileiro) traz dois verbos, *franquear* e *franquiar*, sem nenhuma discriminação de significado, Cândido de Figueiredo — que só dá *franquear* — diz em *franquia* que este vocábulo é de *franquiar*, e Vasco Botelho de Amaral afirma que a forma em *iar* "só se emprega no sentido de selar a correspondência postal".

Tem o espanhol só a forma em *ear*, mas no caso não se presta nossa língua irmã para comparação, pois o nome é aí *franqueo*, quando em nosso idioma é *franquia*. Se de *folia* temos *foliar* (ele *folia*); de *maquia*, *maquiar* (ele *maquia*); de *porfia*, *porfiar* (ele *porfia*); de *vigia*, *vigiar* (ele *vigia*); de *agonia*, *agoniar* (ele *agonia*); de *atrofia*, *atrofiar* (ele *atrofia*); de *avaria*, *avariar* (ele *avaria*); de *vistoria*, *vistoriar* (ele *vistoria*); de *anestesia*, *anestesiar* (ele *anestesia*); de *apostasia*, *apostasiar* (ele *apostasia*), não vemos nenhum atrevimento em afirmar que de *franquia* devamos ter *franquiar* (ele *franquia*) para toda e qualquer acepção, e daí *franquiamento*, *franquiável*, com i.

Se Rebelo, o vocabulário oficial brasileiro e Vasco nos animam a aceitar *franquiar*, a coerência de comportamento vocabular força-nos a só empregar essa forma.

"Frapante" — Jogue-se fora; em português é notável, admirável, vivo, vívido, fulgurante.

Fraqueje, **viaje** - Nos verbos terminados em *jar*, o *j* se conserva em todas as formas da conjugação: *viajei*, *viajaste*... que eu *viaje*, que tu *viajes*... — *fraquejei*, que eu *fraqueje*... que *viceje* (Pronuncie *fraqueje*, *viceje*, com o "e" tônico fechado — 446, b).

Pensando no substantivo *viagem*, escrevem muitos a 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo com *g*, quando é isso erro; *viagem* é a forma citada de *viajar*; *viagem* é o substantivo.

Frase - Coletivo, quando, mal ordenadas, formam um discurso chocho ou disparatado: *apontado*.

Fraseologia - V. *taxeonomia*.

Fratricida - V. *formicida*.

"Frauta" - V. *aluguel*.

"Frecha" - V. *aluguel*.

Freguês - Coletivo: *freguesia*, *clientela*. V. *cliente*.

Frei - V. *frade*.

Fremir - V. *abolir*.

"Frente A" - V. em *frente de*. V. "*face a*".

Frevo - A palavra *frevo*, peculiar de Pernambuco, designa certa dança, muito movimentada. Teschauer tira-a do "Jornal de Recife", nº 32, de 1913: "Queiram ou não, a verdade é esta, e somente os amantes do *frevo* é que têm dado a nota grotesca nas ruas da cidade, saracoteando funambulescamente".

Seu étimo é o vernáculo *servor*, de que proveio mediante metátese: *servor* - *frevo* - *frevo*.

Frigir - Vulgarmente é conjugado como *aderir*, mas é corruptela; digamos com os puristas "ele *frige*".

Frio - Superlativo sintético: *fríssimo*, *frigidíssimo*.

Fritura - Barulho: *chiar*, *rechiar* (O grosso lombo *rechia* sobre a brasa viva), *rechinar* (A carne *rechinava* sob o ferro candente).

From...to - Parece-nos já mais fácil a um noticiário nosso redigir em perfeito inglês do que em português que preste. Se é para oferecer-nos esta construção: "O XIº Salão do Automóvel abrirá dia 19, no seu horário normal de 16 a 24 horas" — melhor é que termine o comunicado com "from 16 to 24 hours".

Quando em nosso desvalido idioma se pergunta: "A que horas ele chega?" — a resposta apresenta-se com a mesma preposição da pergunta, combinada com o artigo: *às* (a + as) 16 horas; ninguém irá redigir: "a 16 horas". Se a pergunta for "de que horas a que horas?" — a resposta continuará a trazer as preposições da pergunta (*de... a...*) mais o artigo determinativo das horas: *das* (de + as) 16 às (a + as) 24 horas.

"Ele tem febre de 16 a 24 horas por dia" é construção correíssima, mas — compreenda isto, por favor, senhor redator — o sentido agora é outro. Não é verdade?

Frustrar - Com *tr* na última sílaba, desde o latim.

Fruta - Coletivo, quando ligadas ao mesmo pedúnculo: *cacho*, *penca*; quanto à totalidade das colhidas num ano: *colheita*, *safrá*.

Fruto, **fruta** - Semelhante ao caso de *pombo*, *pomba* — tratado adiante — é o de *fruto*, *fruta*. A forma masculina tem sentido genérico; pode também ser empregada metaforicamente: Aqui tem o *fruto* desse primeiro matrimônio.

A feminina especifica os frutos comestíveis, especialmente os que são mais para regalo do que para sustento: Uma variada coleção de frutas geladas.

Fuão - Usa-se esta palavra, forma sincopada de "fulano", para indicar o prenome quando este é desconhecido: "Fuão de Abreu". Plural: *fuãos*, *fuões*; fem.: *fuã*.

Fugir - Tem estas regências: a) "... e todos *a* fugiam" — "E sem o conhecer fugiste o mundo". b) "Mas Simão teme-o e foge-lhe" — "É preciso, pois, fugir-lhe" — "Vão fugindo ao doce laço". c) "... não fugirei dela". Quanto à conjugação, veja *bulir*.

Fui eu quem fez - V. *que*, *quem*.

Função - V. *material*.

Função acusativa - V. *casos latinos*.

Função dativa - V. *casos latinos*.

Função dos casos latinos - V. *casos latinos*.

Função nominativa - V. *casos latinos*.

Funcionalidade - É não "funcionabilidade". Quando cuidamos de declarar que os móveis se prestam, sem mais preocupações ou complicações, ao fim colineado, dizemos "móveis funcionais", e não "móveis funcionáveis". Assim, "os testes devem comprovar a funcionalidade da ferramenta", "a funcionalidade dos novos postes de iluminação".

Fundação do livro didático - Assim se deve construir e não "Fundação para o Livro Didático". É tão errado exigir que se designe um departamento "Fundação para o Livro Didático" quanto exigir que se intitule um estabelecimento de ensino "Ginásio do Estado em Campinas". Em ambos os casos a preposição *de* tem emprego correto e significação perfeita. Para compreensão dessa função da preposição *de* é necessário saber o que é complemento nominal, genitivo objetivo, genitivo subjetivo. Títulos de instituições de ensino que são, estão a indicar a falta de conhecimento do nosso idioma (Curso de Português por Correspondência, lição 69).

Funeral - É erro dizer que esta palavra só se usa no plural, erro conseqüente, talvez, de ser sinônima de *exéquias* (232). João Ribeiro chega a afirmar o contrário: "Funerais por funeral é galicismo inútil e reprovado".

Fungicida - V. *formicida*.

Fusível - É como se deve chamar a peça que numa chave elétrica se funde quando há excesso de corrente. É substantivo proveniente de adjetivo; a terminação *vel* (*âvel*, *ével*, *ível*, *óvel*, *úvel*) é própria de adjetivos que denotam aptidão, possibilidade de praticar ou de receber uma ação: *amável*, *indelével*, *flexível*, *móvel*, *solúvel*. *Fusível* = que pode fundir-se.

Não confundir nem com *fuzil* (carabina; parte achatada da haste do anzol) nem com o adjetivo paroxítono *fúsil* (lat. *fúsilis*), que significa derretido, fundido, feito de metal fundido.

Note-se a diferença de grafia: *fusível*, *fúsil* com *s*; *fuzil* com *z*.

Futebol - Digno de encômios é o trabalho de vernacularizar termos e expressões técnicas de origem estrangeira. Fácil será a transladação e adaptação de uns, mas dificuldade haverá para a aceitação de outros. *Guardião*, *zagueiro*, *extrema*, *ponta*, *meia* etc. aí estão com justos foros de cidadania, mas *futebol*, palavra que os garotos aprendem a proferir antes, às vezes, de pronunciar com correção o nome dos pais, já encontrou definitiva guarida.

Nesse trabalho de substituição de nomes estranhos ao idioma, muito importa considerar a tonicidade; *futebol* é palavra oxítona, e conhecida é a preferência do povo a vocábulos assim acentuados. Deve-se ainda considerar que outros jogos existem com a terminação *bol*; pensar em "balipodo", "ludopédio" é considerá-los ramos da medicina ou da engenharia; são nomes que mais parecem indicar remédios ou doenças. Nenhum mal existe em deixar a terminação *bol*; não seria igualmente fácil dizermos *manubol*, *cestobol*, *aquabol*...?

Futuro do pretérito - "Nós endossamos (pret. perf.) na certeza de que V. Sa. *efetuasse*" ou: "Nós endossamos (pret. perf.) na certeza de que V. Sa. *efetuaria*"?

São corretas ambas as construções. Por ser criação românica, o futuro do pretérito é umas vezes substituído pelos tempos que o originaram, outras vezes correspondentes latinos.

Por outras palavras: 1 — Pelo fato de ter nascido do indicativo, o futuro do pretérito é com freqüência substituído por tempos do indicativo: "Não *ousara* (= *ousaria*) entrar, se não fosses bom" — "Quem vos *havia* (= *haveria*) de enganar?" — "*Tivera* (= *teria*) isso eu feito, se ele merecesse".

2 — Pelo fato de corresponder, no latim, ao subjuntivo, é por vezes substituído por tempos do subjuntivo, estando neste caso o exemplo da pergunta: "Nós endossamos esta duplicata na certeza de que V. Sa. *efetuasse* (= *efetuaria*) o seu pagamento" (419,3).

G

G - Aportuguesamento: V. *pingue-pongue*.

Gabarito - Para ser admitida, a figura deve concordar com o real significado da palavra; se em sentido figurado diz-se — e ninguém estranha o dizer — “*céu da boca*”, *céu* aí está com significação translata, figurada, não porém violentada. Tem a boca *céu*, como pode ter *pontes*.

Palavra técnica de engenharia, tem *gabarito* emprego nestas passagens: “O código de obras fixa em dez andares o limite de altura dos prédios...; nos bairros o *gabarito* é livre para até catorze andares” — “O ex-prefeito disse que o *gabarito* dos edifícios na Guanabara está atingindo níveis que atentam contra a estética” — “Os problemas decorrem da quantidade de ruas asfaltadas e de edifícios de *gabarito* elevado” — “...revoga o decreto que limitava o *gabarito* de construções nos bairros do Leme, Copacabana, Ipanema e Leblon”.

De origem provençal, a palavra proveio-nos pelo francês *gabarit*. *Gabarito* significa *modelo, limite, padrão* de construção. Emprega-se em construção naval (modelo de navio), em estrada de ferro (arco de tamanho real para verificação da altura e da largura de veículos; haste de ferro que serve para regular a distância entre os trilhos), em indústria elétrica (forma sobre que se enrola um condutor); em outras manufaturas (o molde do que se forja, do que se reproduz).

Como outros substantivos, pode *gabarito* ser empregado em sentido figurado, mas cum grano salis, não a atestar miséria de vocabulário e, outras vezes, desconhecimento do real significado da palavra. Como se vê das passagens no início citadas, *gabarito* não significa “grande altura”, “grande largura”, “grande padrão”, senão simplesmente “altura”, “largura”, “padrão”. Onde foram buscar para a palavra a ideia de “imponência”? Tal é o abuso do seu emprego que muita gente já se esqueceu da palavra que indica “solução de problemas”, “parte do mestre”, “burro”; em outros tempos, “*chave* de questionário”; hoje, “*gabarito* de cruzinhas”; à fuga do são processo de exame está a corresponder a de sua tradicional designação: *chave*.

E outras palavras estão ficando de lado: *qualidade* (“... assim por suas *cãs*, como pela *qualidade* de sua pessoa”), *habilidade* (“Ninguém duvida de sua *habilidade* para esse fim”), *destreza* (“Lutador de comprovada *destreza*”), *dexterdade* (“Pessoa de alta *dexterdade* de espírito”), *talento* (“Apresentaram-se para o emprego candidatos de *talento*”), *calibre* (palavra de uso em francês, em italiano e em inglês com o sentido de *modelo* e, figuradamente, de conjunto de qualidades: “gente do mais variado *calibre*”), *nível* (“comissão de alto *nível*”), *coturno* (“pessoas de alto e de baixo *coturno* na sociedade”), *padrão* (“auxiliares do mais elevado *padrão* profissional”), *estalão* (“Comia por si e por dois iguais a ele, cotados pelo mesmo *estalão*”), *escantilhão* (“Ele não se enquadra no *escantilhão* dos professores dessa escola”), *estofa* (“Homem sem *estofa* para o cargo”), *bitola* (“Não são da mesma *bitola* esses dois empregados”).

Já um amigo há anos dizia que no Brasil estavam trans-

formando o idioma português em um São Sebastião ensangüentado. Flechadas continuam a dar na pobre vítima, vítima de desleixados mais do que de bárbaros. Sem dúvida, se o estilo reflete o homem, o idioma reflete o povo.

Gafanhoto - Voz: *zique-zique*.

“Gafe” - Conquanto tenhamos palavras muito expressivas, como *anca, rata, ratices, fora*, este francesismo já consta em dicionários nossos. “Cometer uma *rata*”, “Dei uma *ancada*”, “Dizer isso foi uma *ratices* minha”, “Que *fora!*” — São formas mais nossas e muito expressivas, em vez de “cometer uma *gafe*”.

Gaio - Voz: *gralhar, grasnar*.

Gaivota - Voz: *pipilar, grasnar*.

Galã - Provinda do espanhol *galán*, a palavra já é do nosso vocabulário, quer para indicar o ator principal de um filme de amor, quer, simplesmente, namorado; é seu derivado *galanice*.

Galante, galantear, galantaria prendem-se ao italiano “*galante*”.

Gales - Adjetivo pátrio: *galês*.

Gália - Adjetivo pátrio: *gaulês, galo*. Quando primeiro elemento de adjetivo pátrio composto, emprega-se a forma *galo: galo-celta*.

Galiléia - Adjetivo pátrio: *galileu*.

Galinha - Voz: *cacarejar, cacarejo, carcarejar, cacarecar, carcarear*.

Galinha-de-angola - Voz: *fraquejar, estou-fraco*.

Galiza - Adjetivo pátrio: *galego*.

Galo - Voz: *cantar, clarinar, cocoriar, cocoricar, cucuricar, cucuritar, galicanto, galicínio*.

Galochas - Palavra corretamente provinda do francês *galoche*, que uns filiam ao grego *kalípus* e ao baixo latim *calopum* (sapato de madeira) e Cortesão a *galliculum* (sapato dos gauleses).

Galvanotopia - V. *cinódromo*.

Gâmeta - Com exceção de alguns nomes que trazem o sufixo *ites*, indicativo de mineral ou fóssil, normalmente os nomes comuns gregos, masculinos ou femininos, da primeira declinação dão-nos formas terminadas em *a*, conservando o gênero de origem.

Se exceções dessa norma geral existem, firmadas no erro de nascerça e de sua popular e rápida divulgação, procuremos fugir da dubiedade de dicionários que trazem variantes e mais variantes, ora de forma, ora de acento, ora de gênero, de nomes que podem ainda fixar-se, dado o emprego erudito, na terminação, na prosódia e no gênero devidos. É o caso de *gâmeta*, que vemos nos dicionários de cinco formas diferentes.

Como temos *planeta, cometa, atleta, déspota, patriota, exegeta, eremita, sofista, acróbata* e outros nomes corretamente grafados e acentuados, *gâmeta* é a forma que devemos usar em português, com a terminação *a*, com o gênero masculino e com o acento tônico na primeira sílaba por ser breve a vogal da penúltima.

Seguindo o usual critério apontado no início do verbete,

ainda outras palavras podem ser corretamente empregadas: *o amódita, o anagosta, o harmosta, o hiliasta, o parafrasta, o zigóbata, o ginasta, o hierofanta, o escoliasta*, substantivos que passarão a ter dois gêneros quando puderem ser empregados adjetivamente: um homem *acrobata*, uma mulher *acrobata*.

Gametócito - Por ser breve o *y* (na ortografia oficial) do elemento grego *cyto*, todos os compostos que por ele terminarem serão proparoxítonos: *leucócito, fagócito*.

Gangue - Se em inglês tem mais de um sentido (1. grupo de pessoas; 2. grupo de malfeitores, quadrilha; 3. grupo de máquinas ou de ferramentas que trabalham em conjunto), em português a palavra é usada para indicar "grupo de pessoas que agem em conjunto para algum fim criminoso ou, pelo menos, ruim ou desrespeitoso".

Não podendo fugir do seu emprego, precisamos apertu-guesar a palavra, e forma que prometa vingar parece-nos ser *gangue*. "Ganga", conforme o dicionário que venhamos a consultar, tem dez diferentes procedências e significados, mas não comporta mais o que acima consignamos por não afinar-se com a pronúncia que usualmente damos ao anglicismo. Aceitemo-lo, e na forma *gangue*; afinal, *ganguesterismo* não é um fato?

Ganhar - "Ganhei de dez" ou "ganhei por dez"; ambas as construções são certas e denotam o mesmo. A preposição "por" substitui muitas das nossas preposições e há casos em que o seu emprego em lugar de "de" é completamente indifferente: "charutos de vintém", "charutos por vintém"; "incomodado de andar a pé"; "incomodado por andar a pé".

O que é errado é dizer "ganhar contra"; na acepção de sair triunfante, a construção é: ganhei *dele*, o clube dos solteiros ganhou *do* dos casados, o Flamengo ganhou *de* todos na primeira rodada, ganhamos *de* nosso competidor de (por) dois pontos, sempre ganho *de* minha mulher no "crapaud", ganhei todas as partidas *dela* (ou: ganhei *dela* todas as partidas).

Ganho - *Ganhado* é forma hoje desusada; *ganho*, forma partici-pal irregular, é que se emprega, tanto na voz passiva quanto na ativa: O vintém foi *ganho* — Tinha *ganho* um vintém. Existe na gramática um capítulo, denominado "verbos abundan-tes", que importa estudar: 494.

Ganir - V. *abolir*.

Ganja, Ganjento - O brasileirismo *ganja* (presunção, vaidade) tem já consagrado em dicionários o derivado *ganjento* (presunçoso, vaidoso); se de *nojo* temos *nojento*, o derivado *gan-jento* não deve causar-nos admiração.

Ganso - Voz: *gritar, grasnar*.

Garagem - *Folhagem, linguagem, personagem* em português se for-maram mediante acréscimo do sufixo *agem*, que denota ação, duração, continuação, reunião: *lavagem, rodagem, passagem, equipagem*.

Garagem foi trazido do francês, onde etimologicamente significa *ato de "garer"*, isto é, de colocar na "gare"; daí a trasladação de sentido para alpendre, armazém em que se recolhem automóveis.

É indispensável o *m* no fim dessa palavra, como verdadeira e vernácula adaptação da forma francesa. É assunto que não comporta discussão.

Garça - Voz: *gazear*.

Garção, Garçoa - *Garção* é palavra antiga e deve ser também a forma de transliteração do francês "garçon", para indicar empregado que serve em bar, café, restaurante. *Garçoa*, forma também antiga, é seu legítimo feminino, que pode ainda vingar de preferência a "garçonete".

"**Gare**" - Calicismo inútil. Se é com o significado de estação, *estação* se diga; se com o de cais, diga-se *cais*. O curioso é que torceram a palavra para usá-la a indicar a plataforma da esta-ção, quando os franceses a chamam *quai de la gare*; digamos *plataforma* que seremos muito bem entendidos.

Garoto - Coletivo: *cambada, bando, chusma*.

Garrett - Com muita estranheza ouvimos de professor de res-ponsabilidade no ensino de nosso idioma a pronúncia "gar-ré" do sobrenome do introdutor do romantismo em nossa

literatura. Lembrando-nos ter visto, durante nossos estudos secundários, certos versos que elucidavam o caso, dissemos de tais versos a distinto colega, a ele também não estranhos; uma busca e eis que os encontramos em Eça de Queirós, nas "Notas Contemporâneas", no trecho intitulado "Antero de Quental":

"... os transcendentescos recantos
Aonde o bom Deus se mete,
Sem fazer casos dos Santos,
A conversar com Garrett!"

Propositadamente, o poeta e profundo pensador portu-guês Antero Tarquínio de Quental — dele são esses versos — fez rimar *Garrett* com *mete*. Seria das coisas a mais estranhável que Antero de Quental, contemporâneo que foi de Garrett, não lhe soubesse a verdadeira pronúncia do nome, como estranhável é que hoje haja quem gratuitamente desvirtue essa pronúncia.

Um parêntese muito oportuno aparece em João Ribeiro, nos "Autores Contemporâneos", na página 202: "João Batis-ta de Almeida Garrett (pronuncie *garréte*) nasceu no Por-to..."

Por aqui nos deixaríamos ficar não fosse a rica argumen-tação de Estêvão Cruz, na Antologia da Língua Portuguesa:

"O apelido inglês do maior poeta nacional depois de Luís de Camões, João Batista de Almeida Garrett — escreve C. Viana — está recentemente a ser pronunciado de um modo pretensioso e que nenhum fundamento racional pode abo-nar. Diz-se para aí entre gente que presume de instruída, e muitas vezes o é na realidade, *garré*. O que lhes seria difícil fora dizerem em que se estribam e com que se escudam para tão anômala pronúncia. O apelido é inglês, e se à risca se quisesse proferi-lo como nesta língua, haveria de pronun-ciar-se *gáret*, com acento na primeira sílaba, e com um *t* pro-ferido na segunda. Se o nome fosse francês, que não é, ne-hum francês, ao vê-lo escrito com dois *tt* finais, deixaria de pronunciar *gárete*. A extravagante pronúnciação *garré* é que não pertence a língua nenhuma conhecida, e só prima pelo ridículo que é.

O fato, porém, é que o próprio poeta sempre pronunciou o seu apelido como se em português se escrevesse *garréte*, com *a* surdo na primeira sílaba, acento tônico na segunda, e *t* perfeitamente pronunciado... Não é de admirar este apor-tuguesamento de nomes estranhos..."

Garrote - Com o significado de *bezerro* tem por feminino *garrotal(ó)*.

Gás, Gasolina - Com *s*; assim procedem ingleses, alemães, ita-lianos e espanhóis. A palavra *gás* nos veio do flamengo *gees*, cujo sentido primitivo é de *espírito*, como é o sentido próprio que tem nos idiomas germânicos; *espírito* era a palavra a que nossos maiores recorriam quando se referiam a *gás*; "espírito de vinagre", por exemplo, era como chamavam o ácido acético, que é, como se sabe, um líquido volátil.

Ao lado de *gás* (fluido) temos, registrada em dicionários particulares e oficiais, a palavra *gaz*, medida de extensão usa-da na Índia, vocábulo de procedência persa como no-lo ensina Cândido de Figueiredo.

Gasconha - Adjetivo pátrio: *gascão*.

Gastar - V. *verbos que entram em expressões de tempo*.

Gasto, Gastado - A tendência — antiga e raros são os exem-plos em contrário — é empregar só o participio irregular, assim na passiva como na ativa: tenho *gasto*, está *gasto*.

Gastropode - V. *ápode*.

Gaticídio - V. *maritícida*.

Gato - Coletivo: *cambada, gatarrada, gataria*. Aumentativo: *gatarrão, gatorro, gatalhão, gatalhaço, gataço, gatão*. Voz: *miar, ron-rom, ronronar, roncar, resmonear, chorar, choradeira*.

Gaturamo - Voz: *gemer*.

Gavião - Voz: *ganchar*.

Gazua, Gázua - São palavras diferentes; a primeira, paroxíto-na, significa chave falsa. A segunda, proparoxítona, de ori-gem árabe, significa expedição, invasão: Já não ousam os

muçulmanos cursar, em novas algares e *gázuas*, a terra portuguesa.

Geia - O verbo *gear* é pelo povo contraditoriamente conjugado; "contraditoriamente" porque certos verbos em *iar* vemos como se fossem em *ear*; este, que realmente é em *ear*, o povo faz *gia*, *ge*. O certo é: "Esta noite *geia*" — "Se hoje *geou*, não importa que amanhã também *geie*".

O verbo, derivado de *geada* (e não de *giada*), termina em *ear*, e deve, para a conjugação, seguir a regra dos verbos assim terminados, a exemplo de *passear*: *passaie* (*geia*), *passaie* (*geie*) etc. (460).

Gêiser, Gêiseres - Esse é o singular e o plural da palavra islandesa (Fonte de água quente, que sai em jatos intermitentes). Enquanto grafia e pronúncia têm variações em inglês, em português *gêiser* já se arraigou na pronúncia e na grafia.

"**Gêisha**" - V. *gueixa*.

Gêmeo - V. *três gêmeos*.

Genebra - Recebemos o nome desta bebida do francês *genèivre* e este do latim *juniperum*. É forma divergente *zimbro*, nome da árvore "cujos bagos se aplicam na composição da *genebra*", e que em espanhol é *enebro*, em italiano *ginebro* e em francês igual ao nome próprio, *genèivre*.

Quando este não fosse o acento etimológico, o que no caso não se dá, mais que bastante para justificá-lo seria o testemunho do uso. Todos dizemos *genebra* e contra o uso comum, geral, não admitem razões senão os pedantes.

Generala - É *general* o feminino de *general*, mas é preciso esclarecer: Esse e outros mais femininos assumem sentido depreciativo quando empregados para indicar a mulher do que tem realmente a dignidade, o cargo.

Genitivo - V. *casos latinos*.

Genitor - São seus femininos: *genitora*, *genitrix*.

Quem se dá ao trabalho de consultar dicionários para eliminar dúvidas de grafia fica deveras atabalhoado em certos casos; o do feminino *genitrix* é um deles. Resumindo a dificuldade, queremos dizer que nossa preferência à grafia *genitrix* com *i* na segunda sílaba deve-se em primeiro lugar ao fato de o próprio latim — a darmos crédito no Saraiva — ter as duas grafias; em segundo, ao fato de encontrarmos em latim *progenitrix* (Saraiva, Meillet) sem a variante com *e*; por último, à vantagem de uniformização com *genitora*.

Genocídio - Criou a O.N.U. o nome *genocídio* para designar o crime consistente no extermínio ou na desintegração de grupos humanos. É vocábulo híbrido, ou seja, compõe-se de elementos provenientes de línguas diversas, o primeiro grego, o segundo latino, mas um hibridismo é justificável quando um dos elementos, por ser muito usado em outros compostos, tiver perdido o caráter estrangeiro. Pensar na troca do *o* da segunda sílaba por *i* é forçar a filiação do primeiro elemento ao latim *gens*, *genis* ou *genus*, *gêneris*, com desprezo do radical da palavra. O *o* entra em outros híbridos de primeiro elemento latino: *sociologia*, *pluviômetro*, e até em compostos de ambos os elementos latinos: *linguodental*. Ademais, temos a forma *geno*, abreviação de *geneo*, em *fenigeno*, *oxigenomorfose*, *genótipo*. Como, mais ainda, indispor-nos com outros idiomas? A palavra nasceu universal; tivesse nascido nas mãos de médico, talvez tivesse vindo a nós a criança sem deformação fisionômica, mas o tribunal de Nurenbergue, onde surgiu a palavra, constituía-se de políticos, não de filólogos.

Genótipo - *Genótipo*, *fenótipo*, *linótipo*, *estereótipo*, *prolótipo*, proparoxítonamente, é como se acentuará qualquer composto que traga por último o elemento *tipo*.

As palavras de origem grega podem vir-nos ou por intermédio do latim, ou, o que é raro, diretamente. No primeiro como no segundo caso, obedecerão elas, para efeito de prosódia portuguesa, às normas da língua latina.

Toda a palavra de mais de duas sílabas, de qualquer origem, segue, sempre, em latim, sem uma única exceção, esta regra: Penúltima sílaba breve, o acento recua; penúltima longa, o acento cai sobre ela.

Pondo a parte a explicação teórica de tal assunto, vejamos

como distinguir, praticamente, as sílabas longas das breves. Tomando de um bom dicionário latino, vê-se em todas as palavras, por cima de cada vogal, ou um traquinho horizontal ou uma meia-lua invertida. O primeiro sinal indica que é longa, e o segundo breve.

Nada mais simples: trazendo a penúltima o traço horizontal, sabemos que o acento aí deverá cair; se o sinal de breve, recuar para a antepenúltima.

E quando não houver em latim o composto procurado, bastará ver a quantidade do último componente; é o que se dá no caso presente. Não existe em latim o composto grego *genótipo*, mas vemos que o elemento *typus* traz sobre a sílaba *ty* o sinal breve; toda a vez, pois, que em português o elemento *tipo* vier a ser o último de um composto qualquer, o acento não poderá cair sobre a sílaba *ti*, por, sendo breve, consúituir a penúltima do vocábulo.

As palavras de origem grega que, sem vida no latim, foram a nós trazidas diretamente, obedecerão ao mesmo processo. Pronunciemos *genótipo*, *linótipo*, *prolótipo* etc. se não quisermos errar.

Genro - Feminino: *nora*.

Gente - Aumentativo depreciativo: *gentaça*, *gentalha*.

Gentil-homem - É seu plural *gentis-homens*.

Gentílicos - Na classe dos adjetivos estão incluídos os nomes que indicam a nacionalidade, a pátria, o lugar, a procedência de uma coisa. Esses adjetivos derivam do próprio nome da nação ou do lugar, e daí a razão de se chamarem *pátrios*. Tais adjetivos podem também denominar-se *gentílicos* (ou *étricos*) quando designativos da raça ou região de origem: *africano*, *asiático*, *saxão* (pronuncie *sakção*).

O nome do natural é o mesmo da língua: o *persa* (natural), o *persa* (idioma), o *árabe*, o *português*. Latim constitui exceção, pois só indica o idioma; para o natural do Lácio (antiga região da Itália central; Roma era sua capital), o adjetivo é *latino*.

Vários adjetivos pátrios são apresentados neste DICIONÁRIO após os nomes do lugar a que se referem; gentílicos no entanto existem que não indicam nem o idioma nem o natural do lugar, mas coisa daí procedente; entre outros, estão em tal caso:

artesiano — nome de tipo de poço que pela primeira vez foi aberto em *Artésia* (fr. *Artois*).

baldaquim — nome de tecido originário de Bagdá, vindo através do italiano *baldaquino* (*Baldacco* era seu antigo nome).

bréoa — adjetivo que, além de pátrio, qualifica o bronco, o ignorante, por terem disto fama os habitantes da *Bréoa*, região grega.

bugia — sinônimo de vela de cera, proveniente de *Bugia*, cidade da Argélia, grande produtora de cera.

cariátide — nome de coluna em forma de mulher, arquitetada para perpetuar as donzelas de *Cárias*, da Lacônia, Grécia, escravizadas pelos persas.

carmelita — designação de religioso, proveniente de *Carmel*, monte da Palestina no qual a ordem foi instituída.

casimira — proveniente do nome da cidade indiana de que proveio o tecido ("Kashmir", *Caxemira*). V. *casimiro*.

ceitil — nome de moeda portuguesa de pouco valor, proveniente de *Cebta*, através do árabe *Cebti*, designação de *Ceuta*.

conhaque — de *Cognac*, nome da cidade francesa em que se fabricava esta aguardente.

cordovão — designação do couro de cabra preparado para calçado fabricado em *Córdova*.

faiança — designação de certa louça fabricada na cidade italiana de *Faenza*; a modificação gráfica do nome deve-se à influência do francês.

faisão — por ter sido do rio *Fasis* (hoje *Riôm*), da Ásia Menor, que a ave foi trazida para o ocidente.

farol — Foi *Faros*, ilha próxima de Alexandria, que teve o primeiro farol, uma torre de mármore de 135 metros construída por Tolomeu II, a qual veio a desabar em 1302.

gravaia — do francês *cravale*, por ter-se originado na terra

dos croatas (*krovati*) o uso do ornato que se põe à roda do pescoço.

liceu — nome dado a estabelecimento de ensino, por ter-se assim chamado o antigo lugar de Atenas, junto do templo de Apolo Lício, nas margens do Ilisso, em que Aristóteles ensinava passeando com seus discípulos.

marroquim — designativo de pele de cabra, preparada para artefatos conforme processo de Marrocos.

mercerização — tratamento de tecido que o torna mais forte e receptivo de colorantes, inventado por um inglês, John Mercer.

mussolina — nome de tecido fino e transparente, veio-nos através do italiano *mussolino*, adjetivo proveniente de *Mossul*, nome de cidade da Ásia Menor.

nanquim — nome de tinta originária da cidade chinesa de *Nanquim*.

parmesão — nome de certo tipo de queijo, a princípio fabricado na província italiana de *Parma*.

pequínês — além de usada como adjetivo pátrio de *Pequim*, é empregada a palavra como substantivo para designar uma raça de cães daí originária.

pergamínio — do latim *pergamenum*, de *Pérgamo*, cidade da Ásia Menor onde se iniciou o preparo de pele de carneiro de forma que nela se pudesse escrever de maneira duradoura.

pêssego — pelo latim *persicum*, nome de fruta originária da *Pérsia*.

romaria — por ter sido *Roma* o primeiro e mais importante centro de peregrinação; o sentido generalizou-se obliterando o primitivo.

sanforização — processo de encolher tecido antes de cortado, inventado por um americano, *Sanford L. Cluett*.

sardônico (riso) — por ser originária da *Sardenha* a planta cujo contato com os lábios fazia a pessoa morrer em convulsões que pareciam fazer o paciente rir de modo constrangido.

sibarita — designação de pessoa que leva vida voluptuosa ou afeminada como os habitantes de *Sibaris*, cidade da baixa Itália. A palavra é também usada como adjetivo pátrio.

xerez (pron. *xerés*) — designação de certo vinho, em virtude do nome da cidade andaluza de que proveio.

— A lista de tais nomes, ainda que fosse completa, não poderia fixar-se; a generalização e, muitas vezes, a mudança ou a adaptação de sentido das palavras é própria da linguagem. 249.

Geodésia - Seria palavra paroxítona se formada em português. Tendo provindo já formada do grego — é o que todos os etimólogos atestam — deve prevalecer a regra latina de prosódia, e, em tal caso, é correta a pronúncia, comum no Brasil, *geodésia*.

Gerador, Geradora, Geratriz - Enquanto *dora* é flexão, ou seja, forma feminina de *dor*, o sufixo *triz* é elemento formador de substantivos femininos de significação própria, geralmente eruditos ou técnicos; *diretriz*, por exemplo, é nome feminino, de significado próprio, e não forma feminina de *diretor*. O mesmo se diga de *geradora*, feminino de *gerador*, e de *geratriz*, substantivo feminino, de significação própria. V. *inspirador*.

Geral - Superlativo sintético: *generalíssimo*.

Gerí(n)gonça - Veio-nos a palavra do espanhol *gerigonza*, proveniente por sua vez de *jerga*, da raiz onomatopáica *garg*, que tem em latim o derivado *garrere* (tagarelar, conversar).

Note-se desde logo a inexistência de *n* na segunda sílaba da palavra espanhola e, além disso, a grafia com *j* inicial em vez de *g*. A palavra foi mutilada em nossa língua, na grafia e na significação; na significação porque, embora indique também *gria*, tem por primeiro significado "coisa mal feita, sujeita a fácil destruição"; na grafia, porque dicionários e vocabulários acusam a variante *gerigonça*, mas a forma com o intrometido *n* e com *g* inicial é a consignada como a usada. Há contradição nesse procedimento ortográfico dos vocabulários oficiais, o que não é de admirar, principalmente quando consideramos que a palavra por si já indica "coisa mal engendrada que ameaça ruína".

Gerir - V. *aderir*.

Germe - V. *tentame*.

Geróglifo - V. *jerarquía*.

Geronte - Do Dr. Tomás, personagem do livro **PARTIDAS DOBRADAS**, de Mário Donato (pág. 57), recebemos consulta sobre a legitimidade de *geronte*. É palavra já há tempos consignada em bons dicionários portugueses e brasileiros; *gerontes* eram os componentes, em número de trinta, da *gerúsia*, conselho dos anciãos de Esparta. A palavra, que significa *velho* (do grego *geron*, *gerontos*), assume a forma *geronto* quando primeiro elemento de composição: *gerontologia* ("Sentindo que a velhice chegara, tinha instituído um regime, estudando os melhores processos de se conservar, feito um verdadeiro curso de *gerontologia*" — Júlio Dantas, *Arte de Amar*), *gerontocracia* ("Que são, fundamentalmente, quase todos os Estados europeus, monárquicos ou republicanos? *Gerontocracias*." — Júlio Dantas, *Espadas e Rosas*), *gerontocímio* (asilos de velhos), *geriatria*, *geriátrico* são cognatos.

Gerson, Gersão - O francês *Gerson* poderia dar e deu realmente *Gersão*, que se encontra no Vocabulário Ortográfico da L. Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa. O caso, porém, ao que nos parece, não está em apenas procurarmos saber como se traduz nem como se vernaculiza a forma estrangeira, pois devemos ter mais um cuidado: é tão errôneo conservar o prenome estrangeiro quando temos o nosso quanto, embora tenhamos forma própria, modificar o nome de família; somos obrigado, em virtude do uso, a fazer concessões para o primeiro caso, não porém para o segundo. Exemplifiquemos com **ANATOLE FRANCE**; pode-se dizer *Anatole*, e assim se diz, em vez de *Anatúlio* (pelo menos nunca nos foi dado ver ninguém empregar esta forma), mas não se diz "Anatole FRANÇA". *Gérson* (a origem é bíblica: 1 Ch. 6, 2), é a forma usual no Brasil, mas para prenome. Se sobre-nome, não deveremos alterar, nem quanto à grafia, nem quanto à pronúncia. Assim, *Poirier* se conserva em "João Poirier"; não se deve dizer "Jean Poirier", nem iremos obrigá-lo a chamar-se "João Pereira"; "João Poirier", cremos, concordariam todos em dizer; de igual forma, *João de La Fontaine*, *Luís Ponce de Leon*, *Joana d'Arc*, *Afonso Daudet*, *Alfredo de Musset*.

Gerúndio - particípio - Ninguém deixa de compreender nem objeções faz quando ouve: "O gerúndio português invadiu o terreno do particípio presente latino". Em todos estes exemplos — "Ouvi a Isaías falando com a mesma república de Jerusalém" — "Vi-o voando" — "Fazemos o milagre de Anfião arrastando as pedras" — "Com os olhos vagando por este quadro imenso" — "Reinando Tarquínio, veio Pitágoras para a Itália" — "Dizendo ele isto, a multidão explodiu em aplausos" — "Fervendo a água, você despeja o cereal dentro da panela" — as formas gerúndiais correspondem ao particípio presente latino, ou seja, são adjetivos, uma vez que estão a modificar substantivo ou palavra substantivada, e em latim se traduzem como se estivessem escritos:

"Ouvi a Isaías *falante*...", "Vi-o *voante*", "...de Anfião *arrastante* as pedras", "Com os olhos *vagantes*...", "*Reinante* Tarquínio...", "*Dizente* ele isto...", "*Fervente* a água..."

Que dizer, porém, do nosso gerúndio a substituir o particípio passado latino, ou, por outras palavras, a equivaler ao particípio da nomenclatura gramatical brasileira? Se nos exemplos dados acima só empregamos o gerúndio, podemos agora indiferentemente dizer "*Chegando* ao fim do caminho, eles caíram mortos" e "*Chegados* ao fim do caminho, eles caíram mortos"?

A resposta, ao que nos parece, é esta: Será indiferente empregar o gerúndio ou o particípio quando a forma nominal portuguesa não corresponder ao particípio presente latino ou, praticamente, quando puder vir expressa a oração subordinada por "uma vez" seguido de particípio: "*Chegando* a casa, você deve descansar" ou "*Chegado* a casa (Uma vez chegado a casa), você deve descansar" — "*Terminando* a festa (ou "*Terminada* a festa..."), "*Uma vez terminada* a festa...", os meninos saíram" — "*Pondo-se* o sol, os pássaros deixam

de cantar" (ou "Posto o sol...", "Uma vez posto o sol") — "Chegando ao fim do caminho, eles caíram mortos" (ou "Chegados ao fim do caminho..."), "Uma vez chegados ao fim do caminho..." — "Chegando a casa, tomei um café" (ou "Chegado a casa...", "Uma vez chegado a casa...") — "Terminando o baile, vocês deverão aguardar o ônibus no pátio" (ou "Terminado o baile...", "Uma vez terminado o baile...").

Uma observação se impõe: Se empregarmos o participio, este deve concordar com o nome, ou seja, deve variar como se viesse acompanhado do auxiliar *ser* ou *estar* (430): "Passados três dias, partimos" — "Chegados a casa, eles cuidaram de descansar" — "Tomadas todas as providências, passaram a agir".

Finalmente uma advertência: A forma em "ndo" poderá trazer sentido diferente da forma principal: "Respondendo por escrito à lição, o aluno aprendeu mais" e "Respondida por escrito a lição, ele aprendeu mais" — são períodos de formas verbais e de sentido diferentes: no primeiro, temos um gerúndio português a indicar meio ("Com responder por escrito..."), com o mesmo sujeito da principal; no segundo temos um participio, com a idéia clara de tempo passado, com sujeito próprio ("Tendo sido respondida a lição por escrito..."). Esta clareza de sentido deve ser levada em conta em tais construções, uma vez que o gerúndio não tem idéia exata de tempo.

A confusão da construção portuguesa decorre da fuga da construção latina e, por outro lado, da dificuldade de explicar o problema numa gramática portuguesa é causada em grande parte pela chamada "nomenclatura gramatical portuguesa", que fugiu da latina e da de outros idiomas estudados em nosso país. Aqui fica a remissão para dois longos parágrafos (283 e 284) da nossa *Gramática Latina*, que ajudam a aclarar o assunto.

Getsêmane - Não sabemos a que atribuir a pronúncia errada que às vezes se verifica deste nome próprio, se a influência de alguma língua estrangeira, se a mero desconhecimento da quantidade da penúltima sílaba — *ma*; esta é breve, e, conseqüentemente, nela não pode cair o acento tônico, o qual deverá retroceder para a vogal imediatamente anteposta: *getsêmane* (Corrupção na língua vulgar dos judeus — segundo Saraiva — do hebraico "ghe-chimanim", vale de fecundidades, o vale fértil, designação bíblica de certo lugar do monte das Oliveiras em Jerusalém).

Getúlio - Com o acento tônico em *tu* é que se pronuncia o nome que designa o nascido na Getúlia, país da África antiga, hoje Líbia.

"Ghir" - Duas formas existem em português para designar este cabo marroquino: *Guer* e *Aguer*, não se falando de uma antiquada *Qué*.

Gibraltar - Primitivamente denominado *Columnas de Hércules*, devido às duas montanhas rochosas sitas na entrada do Mediterrâneo, Calpe na Espanha, Abila na África, passou o estreito a denominar-se *Gebem Tarik*, desde que na Espanha desembarcaram os mouros, em 710, sob a chefia de Tarik, por ter sido nesse monte (*jabál*) que o general formou seu exército.

Caiu a última sílaba deste nome, e a palavra passou a *geblaltár*; esta última forma, com *i* na primeira sílaba, motivou-a a pronúncia inglesa, e à mesma causa deve-se o acento *gibráltar*, que às vezes se ouve. *Gibráltár*, oxítono, é pronúncia portuguesa legítima.

Acrescente-se que o italiano se afastou do étimo, alterando o último elemento para terra: *Gibiltterra*.

Giganteu - Assim se escreve, rimando com europeu, hebreu, plebeu, o adjetivo de gigante, e não "giganteo".

Gineceu - V. *jubileu*.

Giz - O étimo latino *gypsum* (do grego *gypsos*) e o castelhano *gis* justificam a grafia com *s*, mas os vocabulários oficiais trazem a palavra com *z*.

Barulho: *ranger*.

Gladiador in arena consilium capit - (O gladiador delibera na arena); expressão latina que significa: O tempo e a ocasião

mostram o que se deve fazer.

Glascou - Dada a origem (*glas coed*, floresta verde), o nome da cidade escocesa *Glasgow* é também pronunciado "glascou", pronúncia tão generalizada entre nós que nos aconselha a que dessa mesma forma aportuguesemos a palavra.

Glicosideo - V. *idío*.

Globo - No plural *o o* é aberto.

"Glucose" - Assim não é, senão *glicose*. É erro tão grave quanto "lunfoma" em vez de *linfoma*. E, assim, *glicosina*, *glicosímetro* é que devemos escrever.

Glutão - Do latim *gluto*, *onis*, da terceira declinação, é seu legítimo plural *glutões*; o feminino é *glutona*. São seus derivados *glutonia* (qualidade ou vício de glutão), *glutônico* (relativo a glutão).

Godê, Godê - São palavras diferentes em português, vindas de diferentes palavras francesas; a primeira — *godê* — que significa "tecido cortado enviesadamente na execução de uma peça de vestuário", tem por étimo *godé* (pronuncie *godê*), participio passado do verbo *goder* (arrugar-se, fazer rugas, pregas, papos); a segunda — *godê* — tem por étimo o substantivo *godet* (pronuncie *godê*; significa copinho, tigelinha) e denota em português "tigelinha ou vaso pouco fundo em que se desfazem tintas usadas na aquarela, nas aguadas.

Ambas conservaram a prosódia francesa:

godê, a semelhança de *fricassé* (de *fricassé*, part. pass. do verbo *fricasser*, guisar, fritar), *plissé* (de *plissé*, p. p. de *plisser*, franzir, preguear);

godê, a semelhança de *filé*, de *filet* (é); *balé*, de *balet* (é); *triole*, de *triolet* (é).

Goiania - V. *Etiópia*.

Goias - *Goia* é corruptela de *guaiá*, nome de uma tribo de índios, donde "os *goiás*" (É errôneo dizer "os goiases"). Do plural *goiás* o nome do estado brasileiro; sigla oficial: *GO*, sem nenhum ponto.

Goitacá - "A tribo é dos *goitacás*", "Os *goitacás* formam uma tribo": é fácil deduzir que *goitacás* já é plural de *goitacá*: um *goitacá*, como se diz "um *tupinambá*", "um *goiá*". De igual forma, como se diz "os *tupinambás*", "os *goiás*", devemos dizer "os *goitacás*", e não "os *goitacases*", como não se diz "os *tupinambases*", "os *goiases*".

Gol - O anglicismo "goal" encontra-se já substituído ora por *meta*, *rede*, *retângulo*, *baliza*, ora por *ponto*, *lento*, *bola*, mas seu uso perdura entre as nossas traduções. Tornou-se inútil, como nos adianta Botelho de Amaral, em "goal-kick", que se substitui por "pontapé de saída" ou, simplesmente, por "saída", e em "goal-line", que se traduz por "linha de cabeceira", "linha de fundo", "linha de meta".

Uma vez, porém, aceita a adaptação vernácula *gol* (gól), o plural será à inglesa: *gols* — 234.5.

Göllão - Quer como sinônimo de *golfo*, quer como indicativo de certa planta, é nome paroxítono.

Golfe - Forma já generalizada no Brasil para substituir o inglês "golf", designação de certo jogo de bola. A palavra originária é holandesa (*kolf*) e designa a cabeça, de forma variável, do bastão que deu o nome ao jogo.

Graça - Popular, diz Caldas Aulete, é o emprego de *graça* com a significação de "o nome de pessoa", e dá desse emprego o exemplo: "Como é sua *graça*?"

Essa maneira de indagar de uma pessoa o seu nome tem a variante "Qual é a sua *graça*?", e sempre foi aceita.

Por "popular", na expressão de Caldas Aulete, no que é seguido por outros lexicógrafos — não se entenda "errado", mas "que é usado ou comum entre o povo".

Se a palavra "graça" não é hoje tão usada com essa significação, não deixa de ser correta a expressão na indagação feita oralmente, de pessoa para pessoa, do seu nome próprio, do seu nome de batismo. É pelo menos mais correto assim indagar de alguém o nome, do que perguntar-lhe: "Qual seria o seu nome?" — extravagância que já tivemos oportunidade de ouvir. Não cabe na pergunta condicionalidade nenhuma, quer se use *nome* quer se use *graça*.

Também o espanhol tem *gracia* por "nome de cada uno". Perguntar: "Qual é a sua graça?" é o mesmo que indagar: "Que outro atrativo o distingue além de seus característicos fisionômicos?"

Golpe - É palavra que não tem o sentido comum do vernáculo *golpe* (corte, pancada) em expressões de índole francesa, como "golpe de vista", "golpe de estado". Quem, porém, irá pretender extirpar a locução francesa "golpe de vista" da expressão "Esse goleiro tem um golpe de vista como nenhum outro"? Nem dessa nem de nenhuma outra.

Gonçalves - Grafia há séculos consagrada em português e em espanhol, onde o z corresponde ao nosso *c* cedilhado.

Gongo - Barulho: *ranger, vibrar, soar*.

Gordo - Aumentativo: *Gordaço, gordalhão, gordalhão, gordalhu-do, gordalhufo, gordanchudo, gorducho*.

Gótico - V. *estilo gótico*.

Governante, "Governanta" - Temos as duas palavras, mas a primeira é adjetivo, a segunda substantivo, adaptação de palavra francesa inútil para nosso idioma. O adjetivo presta-se para os dois gêneros, e pode substantivar-se para indicar tanto a mulher que governa, quanto a que se emprega como administradora de casa de outrem ou preceptora dos filhos.

O substantivo "governanta" foi trazido sem nenhuma necessidade do francês "gouvernante"; sem nenhuma necessidade porque temos o nosso *aia*, feminino de *aio*:

aio - encarregado da educação dos filhos de famílias nobres ou ricas; criado grave; camareiro; escudeiro;

aia - preceptora que cuida da educação de crianças, em casa de famílias nobres ou ricas; dama de companhia; camareira, criada de quarto.

Gôzo, Goso - Com *z* ou com *s* conforme a significação; especificando *satisfação, prazer*, com *z* se escreverá o vocábulo, bem como os seus derivados: *gôzo, gozar, gozoso, regozijo*.

Outra será a palavra se grafada com *s*; *goso* se denomina o cão de raça ordinária e não apurada, cão pequeno e comum, vira-lata; sua origem é incerta, mas entre as prováveis nenhuma existe que justifique o *z*.

São ambas pronunciadas de igual maneira no singular: *gôzo, gôso*; no plural, porém, aquela faz *gôzos* (prazeres), com *o* fechado, esta *gôsos* (cães), com *o* aberto.

Grã, Grão - Formas apocopadas do feminino e do masculino de *grande*: *Grã-Bretanha, grã-cruz, grão-mestre, grão-duque*.

Observe-se que *grã* e *grão* (quando apócope de *grande*) não se pluralizam: os *grão-mestres*, as *grã-duquesas*.

Grã-cruz - É palavra feminina quando designa insígnia, grau: passa a ser masculina quando indica o dignitário que tem a grã-cruz: *Um grã-cruz, dois grã-cruzes*.

Grácil - Superlativo sintético: *gracilimo*.

Cuidado devemos observar quanto ao sentido; é errôneo o emprego de *grácil* com o significado de *gracioso, elegante, que tem graça*. Nem por começarem dois adjetivos pelas mesmas letras poderão ser empregados indiferentemente; *grácil* é o que é fraco, tenro, débil, frágil, fino, delgado, delicado, sutil — qualificativos diferentes, muito diferentes às vezes, do que pretende o autor desavisado expressar.

Grado - V. de *mau grado*.

Graeca Per Ausônias Fines Sine Lege Vagantur - Verso latino, de origem escolástica, que significa "as palavras gregas vagam pelo território da Ausônia — Itália — sem nenhuma lei"; indica que na Itália os nomes provindos do grego não têm regra segura de pronúncia, o que continua a dar-se em outras nações de língua românica.

Grafia de nomes próprios - V. *nomes próprios*.

Gralha - Voz: *crocitar, gralhar, gralhear, grasnar*.

Grama - São neutras em grego as palavras terminadas em *ma* e ao neutro grego corresponde o masculino português; masculinos devem ser os vocábulos que derivaram dessa forma grega: o *diploma, o idioma, o teorema, o drama, o panorama, o problema, o sistema, o estigma, o parênquima, o sintoma, o zeugma, o grama*.

Muito embora *grama* geralmente se emprega de forma

errada no feminino, o gênero correto se observa nos compostos: "um decígrama", "dois miligramas". Acrescenta-se que não se deve escrever *grama, centígrama* com uma terminação que a palavra não tem.

Gramática (regras) — V. *o meu cavalo branco; V. professor de português; V. vernáculo*.

Granada - Adjetivo pátrio: *granadino*.

Grande - Superlativo sintético: *máximo, grandíssimo*. Aumentativo: *grandalhão, grandão*. A anteposição ou posposição pode acarretar mudança de sentido: *grande homem* (eminente), *homem grande* (alto).

Grande Número - Quando possível atribuir a ação do verbo, separadamente, aos indivíduos que o coletivo engloba, pode ir o verbo para o plural (concordância siléptica ou lógica): "A maior parte dos seus companheiros *haviam* trazido os pais decrépitos". Fica no singular quando concorda com o próprio nome coletivo (concordância gramatical): "A maior parte dos homens *não quer* salvar-se".

Deve-se preferir o singular quando a ação do verbo só puder referir-se ao nome coletivo e não a cada indivíduo, ou coisa, separadamente: "Um grande número de chefes prejudica a disciplina". O sentido do verbo ou da expressão é que irá indicar-nos a concordância. V. *noventa por cento*.

"Grandessíssimo" - Forma superlativa jocosa e popular de *grande*, encontrada em autores somente quando a personagem permite o uso.

Grão - Coletivo: *manípulo* (=o que a mão pode abranger), *manelo, manhuço, manajo, manolho, maunça, mão, punhado*.

Grassar - Este verbo, que significa *desenvolver-se, espalhar-se*, só é usado nas terceiras pessoas: "Grassavam doenças de toda a espécie" — "Muito antes do dia marcado, *grassava* a notícia da rebelião".

Grátis, Alibi - É realmente de causar estranheza aparecerem palavras latinas no corpo do Vocabulário Ortográfico com orientação diversa no tocante aos sinais diacríticos que lhes indiquem a pronúncia correta.

Nesse vocabulário, *grátis* vem acentuado e seguido da explicação "adapt. do lat. *gratis*". É como se dissesse: "a palavra já é de uso geral e deve enquadrar-se na regra de acentuação (Formulário Ortográfico, 43, 3ª: Os vocábulos paroxítonos finalizados em *i* seguido ou não de *s* marcam-se com acento agudo quando na sílaba tônica figura *a* aberto)".

Ora! por que *alibi* sem acento agudo no *a* inicial se a palavra, também latina, é de uso geral (qualquer vigarista a conhece) e o FO só não considera oxitona a palavra terminada em *i* e *u* seguido ou não de *s* e precedido de consoante, quando não traga acento nas sílabas anteriores, como *dândi, júri* (FO, 43, 3ª): *Se júri, juqueri* assim estão no vocabulário oficial e o acento tônico cai no *i* final, por que obrigar o coitado do brasileiro — que ou desconhece a palavra ou ignora as artimanhas do relator — a ler *alibi* com a correta acentuação proparoxítona? É incongruência imperdoável num vocabulário oficial, ainda que se confesse no frontispício "Pequeno Vocabulário Ortográfico":

Gratuito - A pronúncia é *gratúto*.

Graúdo - V. de *mau grado*.

Gravata - V. *gentílico*.

Gravura - Coletivo, quando selecionadas: *iconoteca*.

Graxo - Tem o *x* aqui o som alfabético, chiante, como em *baixo*.

Grécia - Adjetivo pátrio: *grego*; quando primeiro elemento de adjetivo pátrio composto, assume a forma *greco*: *greco-turco*.

"Grenoble" - Esta cidade francesa é em português *Granobra*.

Grifo - Uma palavra apresenta-se grifada num texto quando vem impressa de maneira diferente das demais. Grifa-se uma palavra ou para chamar a atenção do leitor ou para dar ênfase ao vocábulo ou para indicar ser ela estranha ao idioma.

O grifo se expressa ou por um traço sob a palavra ou pelo emprego de tipo diferente, que pode ser *negrito* ou *normando* (letras de corpo mais cheio), *italico* (letras inclinadas),

cícero (letras de corpo maior e grosso); *versal* (todas as letras maiúsculas); *versalete* (pronuncie *versalète*: todas maiúsculas, mas a inicial maior).

Também as aspas podem ser empregadas com essa finalidade: Pedro vive num verdadeiro "doce far niente" — A palavra "mandar" nem sempre significa "enviar".

Grilo - Voz: chirrear, chirreado, cricrilar, cri-cri, estridular, guizalhar, trilar: O apito do guarda *trilava* a avisar aos ladrões sua passagem.

"Grimaça" - Galicismo afrontoso: temos *careta*, *carantonha*, *esgares*, *carranca*, *mosmos*, *momice*, *trejeitos*, *caraminha* e, figuradamente, *disfarce*, *fingimento*, *dissimulação*.

Gris - Somos obrigados a aceitar esta palavra francesa (o *s* deve ser pronunciado) por inexistente a nossa correspondente, na acepção de "peleça parda, própria para agasalho ou ornato procedente de um esquilo do norte da Europa". O mesmo já não se pode dizer quando empregada como indicativo de cor, pois então temos *cinzento*, *pardo*: *vert-de-gris*, verdete, azinhavre; *gris de fer*, pardo escuro; *cheval gris*, tordilho; *loup gris*, lobo ruivo; *temps gris*, tempo encoberto.

Griséu - A aceitar o étimo dado por Domingos Vieira e confirmado por Figueiredo e Nascentes (latim *griseus*: cinzento), o feminino desta palavra, quando adjetivo, é *griséia*, a semelhança de *incrêtu*, *incrêta*.

Grosso modo - Locução latina ("de modo grosseiro"), que significa "por alto", "resumidamente"; "de modo geral": "Julgando o caso *grosso modo*, digo que eu teria agido de igual maneira".

Devemos ter o cuidado de não fazer anteceder a locução da preposição *a*; seria erro dizer "Julgando o caso *a*" *grosso modo*...

Grotesco, Grutesco - Apresentam alguns dicionários a forma substantiva *grutesco* para designar "ornamentos artísticos, esquisitos, encontrados em cavernas". Não há razão para essa grafia; esse substantivo deve ser escrito com *o* na primeira sílaba: *os grotescos*.

Existe — e justifica-se — a forma *grutesco*, com *u*, quando a palavra é adjetiva e indica "relativo a gruta, próprio de gruta". Para indicar, porém, os desenhos esquisitos encontrados nas grutas, por que nos afastamos da forma provinda do italiano e adotada pelo espanhol, pelo francês, pelo inglês? Por serem esquisitos os desenhos o nome *grotesco* passou a significar, com função adjetiva, *esquisito*, *excêntrico*.

Nossa conclusão é a de que os *grotescos* são obra de arte *grutesca*. Uma é dizer "Os trogloditas eram *grutescos*", outra "Muitos modernistas não passam de *grotescos*".

Grou - É palavra masculina: "grou *cinzento*" — "grou *coroadado*" — "A aproximar-se o outono aparecem os grou" — "Os grou elevam seu voo a grandes alturas".

É substantivo epiceno: um grou *fêmeo*. "Grua" não é seu feminino; é outra palavra, de origem diversa, com outros significados.

Voz: *grasnar*, *gruir*.

Grupo de - V. *caixa de fósforos*.

Guadalupe - "Guadalupe" é disparate. Quem assim escreve demonstra conhecer francês mas não português. Note-se que o próprio francês respeita a forma originária *Guadalupe* — de igual forma procede o inglês — quando denominação da serra, da cidade e da padroeira dos espanhóis: *Notre Dame de Guadalupe*. Apenas em nomes sem relação com a geografia ou história espanhola escrevem os franceses "Guadeloupe", como se verifica de diversas obras francesas, como a de Budam, Boiunais e Pardon.

Guano - V. *chácara*.

Guaratinguetá - V. *araponga*.

Guarda - É nome de dois gêneros: feminino — a *guarda* — quando designa o serviço de vigilância (A guarda do palácio é constituída de vinte homens), masculino ou feminino — o *guarda*, a *guarda* — quando indica a pessoa, homem ou mulher, encarregada de vigiar: Falei com um guarda — Conheço uma guarda do Juizado de Menores.

Guarda-livros - Há certos compostos de *guarda* que, ainda no

singular, trazem o segundo elemento pluralizado; tanto no singular como no plural, as formas dos seguintes nomes são: *guarda-cadeiras*, *guarda-calhas*, *guarda-chaves* (o que abre e fecha as portas da cadeia; carcereiro), *guarda-costas*, *guarda-damas* (escudeiro que acompanhava damas), *guarda-fechos* (peça de espingarda), *guarda-fios* (que no singular também se diz *guarda-fio*), *guarda-jóias*, *guarda-livros* (e não *guarda-livro*), *guarda-móveis*, *guarda-pratas*, *guarda-selos* (chanceler-mor), *guarda-vassouras*, *guarda-vestidos*.

Guarda-marinhas - O plural de *guarda-marinha* tem originado dúvidas e divergências entre gramáticos. Nesse composto, o elemento *marinha* não é adjetivo, mas substantivo, e *guarda* é do verbo *guardar*; consequentemente, o plural obedece à mesma regra a que está sujeito *guarda-portão*, ou seja, deve ser *guarda-marinhas*.

Há gramáticos que preferem o plural *guardas-marinha*, dizendo que houve supressão da preposição *de*: *guardas de marinha*; esse raciocínio é, porém, falho, porquanto viria justificar plurais como *guardas-portão* (= guardas de portão), o que evidentemente constitui erro; seja como for, se o *de* caiu, "é mais lógico atribuir-lhe plural de acordo com a estrutura de hoje: *os guarda-marinhas*" (Vasco Botelho de Amaral).

O vocabulário da Academia, de 1943, cujo relator se preocupou em impingir ensinamentos pessoais sobre assuntos que nada que ver têm com ortografia, oferece o plural *guardas-marinhas*, com ambos os elementos flexionados, o que não podemos aceitar: *guarda* é aí verbo e não substantivo. Fosse substantivo, o composto seria *guarda-marinho*, com o final, mas isto equivaleria a criar nova palavra que não a que se discute. Compare-se com o composto *guarda-barreira*, cujo plural é *guarda-barreiras*, que o assunto se tornará claro.

Aulete incide no mesmo erro no dar a palavra em apreço, mas acerta no oferecer-nos o plural de *guarda-barreira*. O vocabulário de 1943 fugiu da contradição não dando o composto que citamos para confronto.

Esse incongruente proceder do citado vocabulário não é de admirar a quem sabe ter seu relator fugido de muitos e muitos casos sobre que jamais emitira opinião própria. Tivesse-a um dia emiúdo, aí a encontraríamos, imposta sob o rótulo do oficialismo.

Guarda-noturno, Guardas-noturnos - Certos compostos cujo primeiro elemento é a palavra *guarda* vão para o plural com a flexão de ambos os elementos. Tal se dá quando a palavra *guarda* é substantivo e o segundo elemento adjetivo: *guardas-campestres*, *guardas-civis*, *guardas-fiscais*, *guardas-florestais*, *guardas-maiores* (senhoras que guardavam as damas do paço), *guardas-menores* (empregados inferiores dos tribunais da Relação), *guardas-mores*, *guardas-municipais*, *guardas-nacionais*, *guardas-nobres*, *guardas-noturnos*, *guardas-reais*, *guardas-republicanos*.

Guarda-portão, Guarda-portões - Aqui enxertamos uma passagem de Cândido de Figueiredo, autor português que doutrina com dados práticos e pessoais, tornando-se autoritário mas interessante em certos ensinamentos. Escreveu-lhe certa pessoa, estranhando o plural *guarda-portões*; dizia ela: — "Guarda, pessoa que guarda, tem plural (o *guarda*, os *guardas*); por que o não há de ter nesse composto?"

— Principalmente, responde C. de F., porque ali não entra o substantivo *guarda*, mas sim o verbo *guardar*, como em *porta-machado*, *porta-voz* não entra o substantivo *porta*, mas o verbo *portar*.

— "Mas se forem vários *guardas* de um só portão?"

— Sempre *guarda-portões* (homens que *guardam* portão ou portões).

— "E se forem guardas de vários portões?"

— Idem: sempre *guarda-portões*, como os *guarda-fatos*, os *guarda-fios*, os *guarda-jóias*, os *porta-machados*, os *pinta-momos*, os *troca-lintas*.

"Guardar o leito" - Galicismo fraseológico; em português o doente pode guardar alguma coisa em seu poder, pode guardar os seus sentimentos, pode guardar silêncio, pode

guardar preceitos religiosos, mas "guardar o leito" não; alguém *fica de cama*, alguém *está de cama*, alguém *ficará acamado*, alguém *continua deitado* — é como se diz em nosso idioma.

Guardião - Plural: *guardiões, guardiães*. Feminino: *guardiã* (216). V. *futebol*.

Guatemala - Adjetivo pátrio: *guatemalense, guatemalteco*.

Gueime - Legítimo aportuguesamento do inglês "game", designação de esporte dos pontos de uma fase de uma partida.

Gueixa - É o aportuguesamento legítimo de "geish", forma representativa em inglês do som da palavra japonesa. Cada língua veste os sons estrangeiros de acordo com a própria

roupa; não há motivo para escrevermos a palavra nem com "sh" na última sílaba nem com "ge" na inicial.

Guichê - Galicismo de tão largo uso que obliterou o nosso legítimo *postigo*, palavra esta paroxitona com as mesmas significações da francesa.

Guimarães - Adjetivo pátrio: *vimaranense*.

Guiné - Adjetivo pátrio: *guinéu*.

Guiratinga - V. *araponga*.

Guisar (preparar), **Guisado** (picadinho de carne, refogado) - O étimo latino obriga-nos a grafia com *s*. Outra palavra é *guizo* (chocalho).

Guizo - V. *guisar*.

Guri - Feminino: *guria*.

H

Há, A - Não confundamos o *há* de certas expressões de tempo com a preposição *a* de outras: "Daqui *a* dois anos" (e não "Daqui *há* dois anos"). "Os bombeiros chegaram *a* tempo" (= Os bombeiros chegaram *em* tempo, *com* tempo) é oração que não se deve confundir com "Os bombeiros chegaram *há* tempo" (= *faz* tempo).

Não existe o verbo *haver* quando a expressão é de tempo futuro. Júlio Nogueira, com o agrado de sempre, relata-nos as correções sofridas por um poeta que havia escrito, num papel da repartição em que trabalhava, mais ou menos isto: "De hoje *há* três dias correrá o prazo..." — O chefe cortou o *h*, com enérgico traço de lápis vermelho. Tempos depois, escrevia ainda o homem de letras: A multa foi imposta *a* três dias. O chefe, com o mesmo lápis faúdicó, escreveu um tremendo *h* antes do *a*.

É preciso convir em que na língua — conclui o professor — há certos rigores a que muitos não obedecem porque os desconhecem.

Na acepção de *passar-se, ter decorrido, ser decorrido*, o verbo *haver* entra na formação de frases adverbiais: vi-o *há* pouco; uma lei de *há* três séculos; desde *há* cinco anos assim procedo; até *há* três anos isso não se dava.

Nessas expressões temporais o *há* não é percebido como verbo mas antes como preposição, e daí o antepor-se-lhes *de, desde, até* por analogia com expressões como *de então, desde ontem, até hoje*.

Há cerca de - V. *acerca*.

Há de - O próprio princípio ortográfico regulador do emprego do hífen — nº 45 do acordo de 43 — impossibilita, implicitamente, o emprego do hífen em "há de", "hei de": "Só se ligam por hifens os elementos das palavras compostas..." — Em "hei de vencer" não há palavra composta nenhuma, como nenhuma composição de vocábulo decorre do emprego de um verbo seguido da preposição que ele exige. Esse princípio vem confirmado na observação 4 do primeiro inciso do § 46: "Escreve-se 'a fim de', 'contanto que', porque essas combinações vocabulares não são verdadeiros compostos, não formam unidades semânticas".

O hífen após o verbo *haver* é invenção lusa. Para evitar o grosseiro erro de dizer *hades* — erro vulgar no sul de Portugal — em vez de *há de*, lançaram mão os portugueses responsáveis pela ortografia do artifício de introduzir um hífen entre o verbo *haver* e a preposição *de*, para obrigar — ou pensando obrigar — o homem do povo a conjugar o verbo e não a expressão toda. É verdade que o hífen e outras particularidades do sistema de 43 são para dificultar os poucos que aprenderam a escrever; enquanto uns enfeitam essa locução, no sul de Portugal continuam a dizer "hades", e chegam a dizer "hadem" em vez de "hão de", mas o sistema ortográfico brasileiro de forma nenhuma o permite, nem explícita nem implicitamente.

A nada, portanto, vem aí o hífen; nem em Portugal nem no Brasil; nem em "há de", nem em "hão de", nem em "hei de", nem em "haverá de"; nem na prosa nem no verso. No

verso, somente a liberdade poética explica fazê-lo terminar em "há de" ou em "hei de", em "hão de"; que façam o que quiserem os poetas, mas que não nos perturbemos com suas liberdades, com seus recursos, com suas belezas. Ademais, palavras não são contas de rosário para que venham necessariamente ligadas. V. *resistir quem há de*.

"Há dias atrás" - Há realmente redundância no acréscimo de *atrás, de passados*, à expressão "há dias"; a simples presença do verbo *haver* dispensa essas ou qualquer outra palavra que venha denotar tempo decorrido: Fulano faleceu *há* dois anos — Há cinco meses está doente — Há um ano pensava diferentemente — Há duas semanas vem-se sentindo doente — Conhecemo-nos *há* anos — Tivemos *há* dias desagradável surpresa.

Há, Havia - Subordina-se o verbo *haver*, quando impessoalmente empregado em expressões de tempo (= passar-se, ter decorrido, ser decorrido) às regras de correlação ou correspondência temporal; será simples verificar o acerto ou o erro do tempo do verbo, se substituirmos *haver* por *fazer*: "Em consequência de uma seca que já durava *havia* meses" (= que já durava *fazia* meses — e não: que já durava *faz* meses). O imperfeito aí se impõe, não se podendo dizer: "...que já durava *há* meses". Outro exemplo: "*Havia* poucos dias que era chegado".

Muito bem diz Vasco Botelho de Amaral: "Modernamente, contra a índole da língua dos melhores escritores, com frequência se perde de vista o paralelismo das formas verbais, e redige-se: "*Há* dias que se *trabalhava*". Evite-se esta construção". V. *estava havia dias*.

Há menos de - V. *acerca*.

Há muito, Há pouco, Há tempo - São locuções adverbiais de tempo (prova-o virem modificando verbo), em forma oracional, intercalada na oração.

O verbo *haver*, entre as diversas acepções e classificações verbais, é *impessoal*. Assim vemos em Aulete: "Nesta acepção (*passar-se, ter decorrido, ser decorrido*), formam-se com o verbo *haver* "frases adverbiais" como estas: Vi-o *há* pouco. Uma lei de *há* três séculos... Também se diz: pouco *há, pouco havia*". V. *há, havia*.

Como regra prática, costuma-se dizer que se grafa *há* sempre que possível a substituição por *faz*: *Há (Faz)* muitos anos. *Há (Faz)* dias.

Em alguns casos essa norma é deficiente, como facilmente poderá averiguar o leitor. Outro processo, então, aparece, com vantagens, dada a sua generalidade. Para tanto sirvam-nos estes dois períodos: "Os bombeiros subiram *a* tempo de salvar as crianças" e "Os bombeiros subiram *há* tempo".

No primeiro, onde temos uma simples preposição — prova isso o podermos substituí-la por *com*, igualmente preposição — o *a* é pronunciado sem nenhuma acentuação, ao passo que no segundo a acentuação se faz ouvir pronunciadamente.

Habacuc - V. *Isaac*.

Hábeas corpus - Expressão latina que significa "que tenhas teu

corpo", subentendendo-se "ad subjiendum", para ser apresentado ao tribunal. São as primeiras palavras de célebre lei inglesa que dá ao acusado o direito de aguardar seu julgamento em liberdade, sob fiança. O instituto do *habeas corpus* foi adotado por muitos países, que lhe deram grande elasticidade.

Habitante - Coletivo: *povo, população*; tratando-se de aldeia, de lugarejo: *povoação*.

Habitat - Conquanto provinda através do francês, deve manter o acento tônico já consagrado na primeira sílaba (*hábitat*) esta forma verbal latina, em português usada como substantivo para designar a zona, o meio em que vive um animal ou uma planta sem interferência humana.

"Habitué" - Que necessidade temos disso quando possuímos *frequentador*? Em outros casos traduz-se por *freguês, viciado*.

Hachuras, Hachurar - Provindo do francês, o substantivo plural *hachuras* é de emprego técnico, necessário ao vernáculo; significa "traços equidistantes e paralelos que produzem em desenhos e gravuras o efeito do sombreado". As cartas topográficas indicam o relevo do terreno por *hachuras*. O verbo é *hachurar*, traçar hachuras, produzir numa peça fundida camadas que se assemelhem a hachuras. Círculo *hachurado*, círculo dividido por linhas paralelas e equidistantes.

Haja vista - Há para o caso não menos de três interpretações, a cada uma das quais corresponde uma sintaxe e, pois, uma diferente maneira de dizer; dessa diferença de interpretação, a divergência dos autores no manusear essa expressão.

O que de início precisamos dizer é que em locuções, mormente quando elípticas, as interpretações são muitas vezes rebuscadas, e o caso ainda mais se agrava quando elas pretendem justificar maneiras de dizer contrárias à comum, geral e natural do povo.

Ouçamos o professor Carneiro Ribeiro: "A nós parecidos que a sintaxe usada por Castilho (*Haja vista* às tão graciosas e admiráveis fábulas de La Fontaine), Filinto (*Haja vista* a Plutarco) e Camilo (*Haja vista* dos elos que eles representam na cadeia da criação), e em que figura de objeto indireto o vocábulo que vem depois da aludida expressão *haja vista*, é preferível, atento o sentido que se liga a esse conhecido modo de dizer e a explicação natural da elipse que o resume.

Com efeito — continua C. Ribeiro — na frase "*haja vista* às tão graciosas e admiráveis fábulas de La Fontaine" segue-se uma sintaxe elíptica, que se desenvolve na seguinte: "o leitor ou quem quer que seja *haja* (isto é, *tenha*) a *vista lançada* ou *dada* às tão graciosas fábulas", — noutros termos, "*veja* as graciosas fábulas".

Prossegue o mestre baiano: "A frase "*haja vista* a Plutarco e a Xenofonte", de Filinto Elísio, tanto monta como a seguinte: "O leitor ou quem quer que seja *haja* (isto é, *tenha*) a *vista lançada* ou *dada* a Plutarco e a Xenofonte", a saber, "*veja Plutarco e Xenofonte*". A frase de Camilo "*haja vista* dos elos etc." assim se explica: "O leitor ou quem quer que seja *haja* (isto é, *tenha*) a *vista* dos elos", noutros termos, "*veja* os elos".

Vê o leitor a confusão no confrontar a forma "*haja vista* a" com a "*haja vista* de". Se de fato a expressão equivale a *haja a vista lançada*, a frase de Camilo poderia ser: *Haja vista lançada nos elos, sobre os elos*. Se, entretanto, deve ser interpretada como "*haja vista* de" a construção de Castilho e de Filinto não poderia ser apoiada. Interpretações diferentes, numa expressão de um único significado.

Vejam agora como Cândido de Figueiredo procura elucidar o caso: "*Haja vista ao empenho*" pode ser erro de imprensa; mas, como em muitos casos por mim observados, é erro de sintaxe, e nada se perderá em consignar a boa doutrina. O sujeito daquela oração é *empenho* e não *vista*. O *haja* tem ali a significação de *tenha*, e a oração, corretamente escrita, é assim: *Haja vista* a folha oficial — *Hajam vista* os acontecimentos da África".

A propósito dessa interpretação, ouçamos Laudelino Freire:

É manifesto o artifício de que se vale o filólogo para adap-

tar à sua doutrina aquelas proposições. Viu-se forçado a separar na aludida expressão os seus dois elementos — *Haja a vista* — absolutamente inseparáveis, decompondo *haja vista*, que é uma frase feita, expressão una e definida, com significação determinada, em dois elementos que passaram a ter funções sintáticas diversas da que realmente exerce aquela expressão. *Haja vista* é uma expressão verbal perifrástica, que equivale a *veja*. Na sintaxe, porém, do mestre lusitano perde este caráter, deixa de ser o que é, para se transformar em verbo e substantivo, a que é dado exercer a função de objeto direto. Tudo artifício, e artifício de evidente inutilidade, que só tem a vantagem de mostrar que é inaceitável o processo de análise engendrado pelo eminente gramático".

Finalmente, baseando-nos em exemplos de Rui Barbosa (*Haja vista* minhas cartas de Inglaterra — *Haja vista* os exemplos disso), citados pelo próprio Carneiro Ribeiro, a opinião mais de acordo com o linguajar do povo:

Haja vista é uma locução invariável, forma perifrástica transitiva, equivalente a *veja*, que tem por objeto direto a palavra ou palavras que se lhe seguem. Assim diremos: *Haja vista* os exemplos dos antigos — *Haja vista* as medidas tomadas pelo presidente.

Foi sempre essa a construção de Rui e essa a correspondente interpretação sintática a muitos exemplos seus.

"Hall" - Palavra inglesa usada, com certa erudição (pronunciada à portuguesa *ól*), ao lado da nossa, generalizada, *entrada* (ou *sala, sala de entrada, saguão*): Encontrei-o na *entrada* dos elevadores — Quadros expostos na *sala de entrada* do teatro — Dei com ele no *saguão* do palácio — Após o *saguão* da faculdade vinham os pórticos.

Haltere - Palavra paroxitona, de gênero masculino; quanto à forma *veja-se diabele*.

Hanão - V. *Decamerão*.

"Handicap, Hencape" - É a diferença que se leva em consideração, que se desconta entre uma coisa e outra, para igualar as oportunidades de ganho. Essa diferença pode ser a favor de um e contra o outro; daí a dupla significação de "vantagem" (que é dada ao inferior ou supostamente inferior; é a nossa *lambujem*) ou de "desvantagem" (que é imposta ao superior ou supostamente superior) desse anglicismo que, dado o largo uso, já está na hora de aporptuguesar-se em *hencape*, sem a aspiração, é claro, do *h* inicial e com a troca do *a* da primeira sílaba por *e* para fidelidade à pronúncia que damos à palavra inglesa.

Hangar - Esta palavra, nesta forma, foi divulgada pelo francês; é usada em português, em espanhol, em italiano e ainda em outras línguas, sempre com o mesmo acento, oxítono, *hangár*.

Designativo de *abrigo* ou de *armazém aberto para mercadoria*, e de *garagem de aviões e aparelhos aéreos*, *hangar* tem um correspondente latino, *angárium* (= lugar onde se ferram cavalos). Este, por sua vez, vem de *angária* (= estação para os correios que faziam este serviço no império romano). Isso diz-nos Ducange, historiador e filólogo francês (1610-1688), e, na verdade, acrescenta Littré, *hargárdium* e *hangárium* se encontram em textos do século XV.

Hanóver - É a grafia usual, registrada em dicionários, do nome de cidade e de região alemãs.

Hanseniano - V. *basedoviano*.

"Hanseniase", "Hansenose" - "Querendo fugir da palavra lepra, poderei dizer *hanseniase* ou deverei dizer *hansenose*?"

— O sufixo OSE junta-se ao nome de uma substância (note bem: substância) para designar:

- um carboidrato: *celulose, frutose, levulose*;
- alteração primária ou hidrólise, produto de uma proteína: *proteose, elastose, albumose*;
- condição, estado, processo: *hipnose, psicose, osmose*;
- em patologia, condição anormal ou de doença: *melenose, estenose, varicose*;
- em patologia vegetal, doença de que é agente um fungo: *micose, quitridiose*;
- aumento ou formação fisiológica: *quiloze, leucocitose*.

O próprio nome *leprose*, que em medicina é corretamente dado à lepra como moléstia específica, indica uma condição anormal de escamosidade (do gr. *leprós*, escamoso).

Iase (do gr. *sis*, sufixo feminino, de ação, após o elemento *a* e do elemento eufônico *i*) entra na derivação com o significado de:

a) processo ou ação em andamento: *odontíase* (nascença dos dentes, dentição, desenvolvimento dos germes dentários), *pogoníase* (desenvolvimento da barba em mulher, crescimento excessivo da barba);

b) em medicina, uma condição mórbida ou doentia: *hipocondríase* (aspecto patológico da hipocondria, estado mental caracterizado por depressão e preocupação mórbida com o funcionamento dos órgãos; depressão da mente; preocupação mórbida com doenças), *miátríase* (aumento continuado ou dilatação excessiva da pupila) e outras palavras, sempre formadas do sufixo e do elemento diretamente afetado em sua significação, como *helminíase*, *litíase*, *psoríase*, *triquíase*.

Tanto um quanto outro elemento afetam a significação do vocábulo a que são acrescentados; *Hansen* não é nome de corpo nem de órgão susceptível de doença ou de qualquer outra alteração. Temos *elefantíase*, mas o sufixo se agrega a *elefante* para indicar semelhança, o que não se dá no forçado *hanseníase*.

Constrangido a dizer qual das duas formas é preferível, opinaremos por... *lazariíase*. O que está errado não é nem o *ose* nem o *iase*: o "mal" está no "Hansen"; ainda assim, como eufemismo sua vida seria curta. Criou-se "mal de Hansen", depois *morfêia*, depois *leprose*, agora querem criar o quê? E para quê?

Pelo visto, o problema da lepra no Brasil começa com o próprio nome da doença. "O emprego da palavra *hanseníase* — muito bem disse o diretor da Divisão Nacional da Lepra — não remove o constrangimento provocado pela identificação da moléstia, e muito menos facilita o seu combate; necessitamos é criar uma nova mentalidade, mostrando a realidade, sem eufemismos, sem preconceitos".

Tal preocupação com eufemismos só é explicável em países em que se julga vergonhoso nas notícias de falecimento dizer a idade com que e a doença de que a pessoa morre.

O argumento de que o eufemismo "diminui o estigma que pesa sobre o doente e seus familiares", de que traz por resultado "reabilitação psicológica e social do doente" é impertinente ao vernáculo e inexistente em outros idiomas; se impertinente ao vernáculo é ainda falar em "aviltante termo", em "estigmatização social", passa a ser contra qualquer idioma aduzir que *lepra* é "pejorativo", que *lepra* é "sensacionalista".

Haplófase - V. *anáfase*.

Haploglogia - V. *pusilanimemente*; V. *semínima*.

Haptena - Este vocábulo foi introduzido em imunologia por Landsteiner, para significar o fenômeno alérgico abaixo definido. Não se encontra registrado nos dicionários da língua. Pedro Pinto, em seu "Dicionário de termos médicos" — 3ª edição — adota a grafia *hapténio*, quando o "Dicionário Terminológico de Ciências Médicas" de L. Cardenal e E. Capdevila Casas — 3ª edição — assim registra e define o termo: *Hapteno* (coger). m. A. e In., *Haptén*, *Haptene*; F., *haptène*; It., *apteno*; P., *hapteno*. Antígeno parcial o incompleto, que pode reaccionar in vitro com su anticuerpo, pero que in vivo es incapaz de produzir anticuerpos, si no se combina com alguna otra substancia". — Qual a forma certa?

— Além dum ou outro verbo, dalgumas interjeições (semelhantes em quase todas as línguas), são particularmente os substantivos e os adjetivos que fornecem palavras para a linguagem científica. Esta lição é dada por Inês Louro, no seu "O grego aplicado à linguagem científica". A lição é importante, mas no presente caso temos um exemplo de palavra derivada de verbo — *hapté*, que significa prender, aderir, ligar, atar, atacar, pegar — e não do adjetivo grego *aptén*, *énos* (que não pode voar, sem asas, implume). O espírito

áspero sobre o alfa que inicia o verbo — inexistente no adjetivo — e o *h* inicial do derivado acusam-nos desde logo o étimo. Ainda que qualquer dos étimos fosse possível, a melhor forma não seria em *io* (como *oxigénio*, de *oxys*, agudo, ácido + *genos*, nascimento, geração + suf. *ium*; *arsénio*, de *arsen*, *enos*, macho, forte + suf. *ium*; *irídio*, de *iris*, *ios* ou *idos* + suf. *ium*), porque este sufixo científico latino serve, principalmente, para sufixar nomes de substâncias simples ou dos respectivos átomos; é sufixo empregado em química mineral, não em química orgânica.

Em química orgânica o sufixo é *ena* (latim científico *enum*) e só a influência da terminação francesa explica certas formas como *acetileno* ou *acetileno*, quando a melhor forma seria *acetilena*, com *a* final, à semelhança de *antracena*, *etilena*.

A derivação não foi feita em português; daí a forma estropiada. É possível corrigir para *haptena*? Seja-o ou não, não podemos dar-lhe a terminação *io*. Não se trata de química mineral, não se trata de *apten*, *enos*, não se trata do sufixo *io*. O sufixo é *ena* (latim *enum*), acrescido ao radical do verbo grego *hapto*.

Haraquiri - É geral no Brasil a pronúncia oxitona, o que torna impraticável outra grafia da palavra.

Haurir - V. *abolir*.

Havemos de aquele homem prender - Outro caso, não menos interessante, de impossibilidade de combinação: Não haverá combinação quando entre a preposição e o infinitivo por ela regido estiver o objeto deste: "Cansei-me de *os* ajudar" — "Esforço-me *por os* fazer felizes" — "Havemos de *aquele* homem prender".

A semelhança do que ficou explanado no verbete "é hora de estar pronto o almoço", costuma-se, em tais casos, colocar o objeto depois do infinitivo: "Esforço-me *por* fazê-los felizes" — "Cansei-me de *ajudá-los*" — "Havemos de *prender* *aquele* homem".

Não se combinará a preposição ainda quando entre ela e o infinitivo se interpuser um advérbio: "Nós nos absteremos de *aqui* ficar mais duas horas" (e não: ... *daqui* ficar). V. *combinação impossível*; V. *é hora de estar pronto o almoço*.

Havemos ver - V. *hei deixar*.

Haver - "Haja tolos" é que se deve dizer; *tolos*, nessa oração, é objeto direto de *haja*, impessoal, e não sujeito, tanto que se poderá dizer, tratando-se de tolos, "há-os às dúzias", onde o *os*, pronome oblíquo da terceira pessoa plural, corresponde ao acusativo latino, regime dos verbos transitivos diretos. V. *não há vagas*; V. *haja vista*; V. *já os não há*; V. *avir-se*; V. *hei deixar*; V. *estava havia dias*; V. *há dias*; V. *há tempo*; V. *não há responsabilizar*; V. *há de*; V. *de há, desde há, até há*; V. *sabiam havia tempos*.

Haver-se - V. *avir-se*.

Haxixe - Grafia já consagrada do nome que designa certo vegetal de efeito narcótico. Do árabe *hashish*, assim mesmo se escreve em inglês, e tanto em inglês quanto em português se escrevem com dois *ss* *assassin*, *assassino*, provenientes da mesma palavra árabe, cujos dois *ss* correspondem aos mesmos grupos árabes — *hashshashin* — nome dado aos pertencentes a uma ordem secreta de indivíduos que cometiam crime sob a influência do *haxixe*. A coerência gráfica é hoje impossível: as duas palavras vieram por vias diferentes.

Hediondez - V. *estupidez*.

Hediondo - V. *fazenda*.

Hefemimere - O gênero é feminino; quanto à forma veja-se *diabete*.

Hégira, Hējira - A primeira forma é mais usada em português, a segunda é a grafia castelhana e variante da inglesa, e inglesa é a pronúncia paroxitona (Era dos maometanos correspondente ao ano 622 da nossa — Em linguagem figurada: fuga, emigração).

Hei de - V. *há de*.

Hei deixar - É de Rágio Nóbrega esta passagem: Nas páginas dos mais hábeis escritores ocorrem com frequência formas ou "vozes compostas" sem preposição em casos em que é hoje usual o emprego de partículas.

Articula Rui: "Por que, entre uma palavra genuinamente portuguesa e uma palavra de vernaculidade contestável, havia preferir eu a de cunho talvez espúrio a de genuíno cunho?" (Réplica, pág. 574).

Aí está "havia preferir", hoje "havia de preferir" na boca de toda a gente. Incepada de "incoreção por Ernesto Carneiro Ribeiro, eis traço do mestre dos mestres, o grande filólogo da Réplica, a defesa mais completa e cabal, em fulminante revide. Desse arrazoado este rápido transunto:

"Alista o professor Carneiro — exclama o egrégio escritor — no seu rol de solecismos as locuções "havemos ver", "havemos vir", isto é, todas as vezes compostas em que entre o auxiliar e o verbo não mediar o *de*. Mas dest'arte ele põe de solecistas os nossos melhores clássicos, talvez a todos eles, antigos e modernos. Vão em prova alguns textos".

E, em seguida, aponta, triunfante, infinitos passos, "ad litteram", indigitando as obras, com minúcias de edições, de volumes, de páginas, de linhas, consoante o processo que adota: "Ca dos synaæes e ventuiras os boôs homeês nam *ham fazer conta*" (D. Duarte, Leal Conselheiro, pág. 86) — "A umas senhoras que *haviam ser terceiras*" (Camões, Obr. v. V. pág. 137) — "Cassandra disse de Troya que *havia ser destruida*" (Ib., pág. 165) — "*Havéis deixar entrar todos*" (Ib. v. VI, pág. 170) — "Para que entendessemos que no obrar em serviço de Deus, não *havemos só atender* a obrar assim a vulto, e de por junto" (Bernardes, Luz e Calor, n. 115, pág. 92) — "Mais considere o que *havia dizer* ao vosso Christo" (Ib. n. 124, pág. 103) — "Aquella noite, em que *haviam ancorar* sobre a cidade" (D. Nunes, D. João I, c. 42, pág. 437) — "A que elle chamava madre piedosa, *havia já achar* madrastra injusta" (Id. D. Affonso V, c. 21, pag. 199) — "Feito pois diligente exame, *hão-se confessar*" (Vieira, Serm. v. III, pág. 180) — "Mas *ha-lhes succeder* como aos outros" (Ib. pág. 135).

Tivesse dito o prof. Carneiro Ribcero que essa construção constitui hoje arcaísmo sintático, pensamos teria sido mais feliz.

Hêlade - V. *mônade*.

Hélice - A quem mora em cidade portuária não deve constituir novidade um aviso que às vezes se vê afixado em ambos os lados da popa de alguns navios, mormente estrangeiros: "Cuidado com os hélices". Esse erro de tradução, consistente em atribuírem o género masculino ao vocábulo que designa o elemento propulsor do navio, existente também em outras máquinas, passou para certos dicionários.

Temos notícia — adianta-nos o professor Olímpio Magalhães ("Casos e coisas de linguagem") — de que se diz "o hélice" entre aqueles que se dedicam à marinagem, em luta contínua com vapores, navios, e "tutti quanti", onde os maquinistas e marinheiros ditam regras gramaticais com a mesma consciência com que poderíamos nós doutrinar a respeito de pilotagem. Em Portugal, em tal meio é quase geral o uso masculino daquele substantivo. Entre nós, porém, desde a casa das máquinas, através da marinagem, até os senhores comissários e comandantes, salvo raríssimas exceções de alguns afetados "línguas", dizem geralmente "a hélice", e o dizem muito bem, e com eles quem conhece um poucachinho do riscado.

Não há dúvida — continua o citado autor — que alguns dicionaristas e vocabularistas dos mais modernos, entre estes João de Deus, Caldas Aulete, Gonçalves Viana, Silva Bastos, Jaime de Séguier, Cândido de Figueiredo, Augusto Moreno e Vasco Botelho de Amaral, dão-lhe ambos os géneros: masculino e feminino, o que se poderia, sob reserva ou à puridade como dizem os nossos velhos mestres, classificar de género hermafrodito; entretanto, outros, de grande peso, entre os quais os mais antigos, determinam-lhe exclusivamente o género feminino: Moraes Silva, Fr. Domingos Vieira, Solano Constandino, Eduardo de Faria, José de Fonseca, F. Adolfo Coelho, João Ribeiro e, principalmente, o barão Ramiz Galvão, que critica Aulete por dar o género masculino quando se refere à acepção náutica do vocábulo: "Aulete atribui

género masculino a este vocábulo, quando ele é termo náutico; além de que o uso popular o condena, não há para isso razão etimológica".

Somente em Henrique Brunswick vimos este lexicógrafo atribuir a *hélice* simplesmente o género masculino. Haverá porventura razão em Brunswick para tal ensinamento? Não, porque a razão, e razão insofismável, está em que outras línguas novilatinas, recebendo-o do latim, adotaram o género feminino, porque foi este o que nos transmitiu aquela língua.

Cândido de Figueiredo assim o entende, quando diz: Quanto a *hélice* é um termo feminino no francês, no italiano e no castelhano; em português é igualmente feminino, mas os marinheiros e maquinistas menos letrados começaram a dizer "o hélice" e é o que se ouve hoje mais geralmente. Não é pecado ir com o uso geral; mas quem for "recta-pronuncia" só dirá "a hélice".

Sandoval de Figueiredo corrobora o nosso modo de opinar na seguinte lição: Em Portugal dão o género masculino, mas o género exato é o que lhe dão no Brasil: *a hélice*.

Antenor Nascentes é igualmente do mesmo parecer: "Sempre do género feminino, quer no sentido de curva, quer no de propulsor de veículos".

Modesto de Abreu, tratando dos "vícios e erros quanto às desinências nominais", nas "flexões de género" diz que, em vez de "o hélice", diga-se "a hélice".

Olímpio de Magalhães conclui o assunto apresentando-nos de vários autores, entre os quais Alexandre Herculano e Rui Barbosa, exemplos em que o vocábulo aparece sempre, em qualquer acepção, com o género feminino: *a hélice*.

Heliadora - V. *Fedora*.

Heliografia, Heliogravura - Não obstante híbrida a segunda palavra, seu segundo elemento não pode ser trocado por elemento grego porque ela assumiu sentido especial, diferente de *heliografia*. O mesmo aconteceu com *fotogravura*; *fotogravura* e *heliogravura* implicam "gravação", ao passo que *fotografia* e *heliografia* retratam, descrevem "sem gravar". V. *cnódromo*.

Heliópolis - V. *Indianópolis*.

Heloisa - V. *Sousa*.

Helsínquia - É o apontuesamento do nome da capital da Finlândia, em fins *Helsinki*. A forma errônea "Helsinki" deve ter nascido por analogia com nomes de línguas eslavas, fáladas nas proximidades (Starlevski, Kutchinski). O nome oficial sueco é *Helsingfors* (cachoeira de Helsing), onde *Helsing* é genitivo; e o finês língua sintética, com mais de quinze casos; desconhece o artigo e o género gramatical.

Helvécia - A forma *Helvetia*, com *t* (vemo-la em São Paulo em prédios, em estabelecimentos comerciais e numa rua), constitui cópia fiel do latim. Tal processo, porém, de escrever palavras estrangeiras na sua forma de origem, quando, com vantagens, poderiam apresentar-se sob roupagens tão nossas quanto lindas, constitui, quase, um desafio aos nossos fracos conhecimentos de idiomas estranhos, obrigando-nos, quando não a dizer, a ouvir freqüentemente verdadeiros disparates.

Sem pretender dar uma lição de latim, discorrendo sobre pormenores e acusando exceções, expliquemos o que se passa com a palavra.

O *t*, em latim, quando seguido de *i* breve, mais uma vogal, soa *c* (ou *ss*): *amicitia, justitia... Helvetia*.

Escrevendo, entretanto, em português *Helvécia*, aliamos à nossa pronúncia do latim a legítima forma portuguesa. (*Gramática Metódica*, § 63, 3 — *Gramática Latina*, § 44, 2.)

Hematia - Quando a terminação *ia* de um derivado grego pertence ao próprio grego, isto é, quando a palavra já possui no próprio grego essa terminação, o *i* não é accentuado. Quando, porém (este é o caso de "hematia"), a um derivado grego acrescentarmos, dentro do português, essa terminação, o *i* será accentuado.

Muito embora Ramiz Galvão consigne em seu vocabulário o acento proparoxítono, o acento verdadeiro é o paroxítono

— *hemácia* — uma vez que o sufixo *ia* é nosso, pois a palavra foi formada dentro do português. Rebelo Gonçalves demonstra mais conhecimento ou, pelo menos, mais atenção no "Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa", atribuindo ao vocábulo o acento aqui defendido, ou seja, no *i* do sufixo vernáculo *ia*.

"Hemácia" é palavra que não existe em português. O vocábulo é *hematia*, de origem grega, formado do radical *hemat* (grego *haima*, sangue), mais o sufixo vernáculo *ia*, sufixo longo em compostos semelhantes.

O *t* dessa palavra conserva em português seu legítimo som alfabético, coisa operada com todos os vocábulos derivados em idênticas condições do grego. A forma correta é *hematia*, com acento tônico no *i*.

Hemorroidas - É indiscutível que cabe melhor a terminação *es*, justificada pela forma plural latina de palavra da terceira declinação. Quem, porém, se atreve a modificar a forma em *as*, usada por Saraiva, por Gonçalves Viana, por Laudelino, por J. Inês Louro (embora diga ser *hemorroides* "melhor" que *hemorroidas*) e, principalmente, encontrada no uso geral do povo?

Heracito - Engano dos pais e inexistência de quem o corrigisse a tempo, fez com que um escritor nosso tivesse esse nome erradamente acentuado. Vocabulário nenhum há que o traga com o acento no *a*, nem pode haver, porque a penúltima sílaba é etimologicamente longa e nela é que sempre, em latim e em português, recaiu o acento tônico: *Hera-clíto*.

É o caso inverso do pobre do *Lirico*, brasileiro que por aí anda com o nome dado pelo pai que, além de acentuar erradamente, confundiu adjetivo com nome próprio ao ver na folhinha que se comemorava no dia do nascimento do filho o nascimento do poeta "lirico" Casimiro de Abreu.

Herege - Nascentes traz a grafia *hereje* com *j*, mas é curioso observar que a própria etimologia por ele apresentada levava a escrever o vocábulo com *g*, porquanto o *t* latino, seguido da terminação breve *icum*, dá *g* no vernáculo. Exemplos dessa transformação temos em *viagem* (de *viaticum*), *selvagem* (de *silvaticum*), *mensagem* (de *missaticum*). A forma arcaica era *mensagem*, nasalizando-se depois o *e* por causa do *m* inicial (como em *mensagemero*).

Nenhuma dúvida deve haver na grafia *herege*, com *g*.

Hermes, Herme - O gênero é masculino; quanto à terminação veja-se *diabete*.

Herói - Coletivo: *falange*.

Herpe - O gênero é masculino; quanto à forma veja-se *diabete*.

Hertziano, Artesiano - São palavras distintas: a primeira diz respeito a Hertz, físico alemão (ondas *hertzianas*); a segunda provém de "artesian", que se prende a "Artois", nome de região da França (poços artesanais). V. *quiloerte*.

Herva - V. *erva*.

Hetera - Não nos deixemos enganar nem pela tonalidade do elemento grego *héteros* nem pela forma francesa da palavra nem ainda pela forma grega, que pode motivar enganos. A palavra grega, designativa de cortesã, é em português *hetera*, paroxítona, de acordo com regras de grafia e de acentuação de derivados gregos.

Hétero - Elemento grego, antônimo de *homo*; na composição junta-se sem hífen: *heterogêneo*, *heterônimo*.

Heterósido - V. *ídeo*.

Heteu, Hitita - São formas paralelas; baseia-se a primeira no latim, baseia-se a segunda no hebraico. Enquanto *heteu* tem o feminino *hetéia*, *hitita* é uniforme, quer substantivo, quer adjetivo.

De *hitita* temos o derivado *hititologia*: ciência da filologia, da arqueologia e da história do povo hitita.

Hèureca - Grafia menos usada de "eureka", mas justificável pelo étimo grego, que traz espírito áspero. Usada como interjeição em português, provém de forma verbal que significa "achei"; atribui-se a Arquimedes, que a pronunciou ao descobrir, durante o banho, o porquê da flutuação dos navios, ou seja, a lei do deslocamento da água com relação ao corpo nela colocado e, daí, o peso específico dos corpos.

Híades - Pelo grego e pelo latim, termina em *es* o nome que designa o grupo de cinco estrelas da constelação do Touro; o *a* é breve, razão por que o acento deve recair para o *i*.

Hibridismo - Quando os elementos de um composto provêm de idiomas diferentes, a palavra se diz *híbrida*. O *hibridismo* deve ser evitado sempre que possível; é erro formar *canidromo* (lat. e grego) em vez de *cinódromo* (pista para cães; ambos os elementos gregos), como é erro formar *ovogênese* (lat. e gr.) em vez de *oogênese* (gr. *oón*, ovo, e gr. *gêneseis*, nascimento, criação).

Só é aceitável uma palavra híbrida:

a) quando os elementos já existirem, isoladamente, e forem de largo uso no vernáculo: *alcoômetro* (árabe e grego); *mineralogia* (lat. e gr.); *automóvel* (gr. e lat.); *alcalóide* (ar. e gr.);

b) quando um dos elementos, por ser muito usado em outros compostos, tiver perdido o caráter estrangeiro: *sociologia* (lat. e gr.), *colorímetro* (lat. e gr.), *pluviômetro* (lat. e gr.), *televisão* (gr. e port.), *endereço-grafo* (port. e gr.);

c) quando um dos elementos não puder de forma nenhuma ser trocado por ter sentido especial: *galvanolípia* (O primeiro elemento é tirado do nome de célebre físico italiano); *burocracia* (já nos veio formado do francês: *bureau*, fr. escritório, *cracia*, gr. governo);

d) quando de todo consagrada, já com direitos de cidade em nossa língua: *bígamo* (lat. e gr.), *monóculo* (gr. e lat.), *sociologia* (lat. e gr.), *centímetro* (lat. e gr.).

Hidroelétrico - O *o* não desaparece: *hidroavião*, *hidroextrator*, *hidroforia*, como *termoanestesia*, *termoelétrico*, *termoestesia*, *mag-netoelétrico*.

O porquê dessas formas ficou explanado no verbete *foto*. As palavras nasceram, nascem e nascerão como os seres humanos, sem consulta prévia, sem procura de parecença, sem preocupação com deformidades. Quando provindos de outros domínios, seres humanos e palavras surpreendem já pela beleza já pela esquisitice. Palavras originárias do grego deixam-nos desalentados não obstante todas as facultades de letras que em nossos dias se criam. O "Graeca per Ausoniae fines sine lege vagantur" terá vigência sempre que o gosto a inovações estiver na proporção da falta de solidez de conhecimentos. Nem por serem da mesma terminação, nem por terem o mesmo gênero, palavras gregas chegam até nós de forma coerente. Em que deverá, pois, basear-se o nosso proceder senão no bom senso? Por que pretendemos mudar terminação e gênero de palavras já de todo incorporadas no falar comum e geral de todos os dias?

Hidroelétrico nasceu como nasceu *hidroavião* sem raciocínio, como *hidroário*, *hidroforia*, com o *o* que entra em compostos nossos a ligar dois nomes gregos, com *helioelétrico*, *electroencefalograma*. Estão inglês, francês e outros idiomas errados em continuar a escrever como também nós sempre escrevemos? Por que aglutinar tais compostos em vez de conservá-los justapostos? Acaso não escrevemos com a maior naturalidade *hidro-aéreo* (e não *hidraéreo*), *ibero-italiano* (e não *iberitaliano*)? E assim: *radioisótopo*, *microscópio*, *fotoactinômetro*, *hidroaéreo*, *turboelétrico*, *electroelétrico*, *bioestatística*, sem engolir o "o" final do primeiro elemento.

Hiena - Voz: *gargalhar*, *gargalhear*, *gargalhadear*. Coletivo: *alcalfia*. V. *animal*.

Hierarquia, Hierático - V. *jerarquia*.

Hierodrama - V. *jerarquia*.

Hieródulo - V. *jerarquia*.

Hieronimita - V. *jerarquia*.

Hifen - Como podemos facilmente observar, em alguns dos substantivos compostos o uso separa os elementos mediante o hífen, deixando de colocá-lo em outros. Cumpre acrescentar que o emprego de tal sinal constitui atualmente verdadeiro abuso na formação dos compostos, mormente em palavras novas e de cunho erudito. De acordo com a tradição da língua, é esse sinal, em grande parte de casos, inteiramente inútil, tornando-se-nos mais acertado eliminá-lo.

Pela ortografia atual, "separar-se-ão com hífen os vocábulos compostos cujos elementos conservam a sua independen-

dência fonética: *porta-voz, guarda-pó, contra-almirante*". — Acontece, porém, que logo a seguir o dispositivo ortográfico traz a seguinte nota: "Não raro o uso reúne, sem o hífen, os elementos dos compostos: *clarabóia, parapeito, malmequer, malferido*".

Vê-se que o emprego do hífen nos compostos continua incerto, porquanto a "nota" desfaz o imperativo da regra, baseando-se no "uso", que neste ponto é falho e contraditório.

O que podemos assegurar é que o hífen não deve aparecer quando o vocábulo é composto por prefixação, isto é, quando se antepõe a uma palavra já existente uma preposição ou partícula para formar outra palavra de que necessitamos. Quem escreve *sub-prefeito* deveria, para maior gaudio do leitor, escrever *sub-pre-feito*, pois tanto é prefixo *sub* quanto *pre*. Este se une e aquele não, por quê? Não será pelo fato de coexistirem dois prefixos, pois que se tornariam imperiosas formas como *in-procedente, re-produção*.

É interessante ver, num mesmo período, o composto *supra-sensível*, com os elementos separados por hífen, e, logo a seguir, *insensível*, modestamente, sem nenhum enfeite.

Se em *antecedente, antemuro, anteface* não há hífen, tampouco deverá havê-lo em *ante-projeito, ante-nupcial, ante-ontem*. Grafemos *anteprojeto, antenupcial, antemtem*, que o faremos mais portuguesmente. *Subproduto, superprodução, prejurídico, propigmentação, suprarrenal, postoperatório* são formas que somente assim se poderão escrever, coerente e vernaculamente, ao lado de *submeter, superfície, autonomia, preleção, suprasenso*, sempre sem hífen, uma vez que são compostos por prefixação.

É tal a embaralhada das regras oficiais do emprego do hífen (23 ao todo) que se torna necessário decorar — duvidamos que alguém o consiga — o comportamento de cada prefixo nosso na composição de vocábulos ou consultar um dicionário vez por vez que dermos com um composto. Triste sina de quem neste país consegue alfabetizar-se e é obrigado a grafar oficialmente as palavras.

Como se já não bastassem os malabarismos a que está sujeito quem pretende seguir as regras do acordo de 1943, aparecem ainda inovações, confusões; é o que se passa com o hífen quando, no fim da linha, separa uma forma verbal que na linha seguinte vem seguida de pronome, ou quando separa elementos de compostos em que normalmente entra esse sinal; andam por aí a repetir o hífen na linha seguinte, como se fora sinal de matemática que devesse ser repetido. Tal extravagância não existe no sistema de 1943, que é o que está em vigor no Brasil. Enquanto o espanhol não usa hífen nem para separar pronome enclítico de verbo na mesma linha ("que podría *originarse*", "añadiéndole", "como puede *verse*", "cáese", "dióselo"), há quem use dois hífen no Brasil, um para partir a palavra, outro para indicar que a ignorância do leitor poderá não deixá-lo ver que a nova linha se inicia por pronome ou por elemento de um composto. Se alguém nos perguntasse "A ortografia do Brasil foi feita para analfabetos?" seríamos obrigado a responder que sim.

A título de provocação veja o leitor esta curiosidade do vocabulário oficial brasileiro: Se em *inumano* não aparece nem *h* nem hífen, hífen e *h* aparecem em *sobre-humano*; se, por outro lado, não se escreve *sobreumano* (ligando-se as duas vogais), escreve-se todavia *sobreirritar*, com as duas vogais ligadas, sem nenhum temor de erro de pronúncia. É um labirinto de almanaque para gente grande e muito desocupada. E digam que não: se oficialmente *sobreirritar* não traz hífen, *semi-interno* é que oficialmente se deve escrever! *V. bem; V. ia-se; V. má-criação; V. neuro; V. pos; V. pseudo; V. parapeito; V. vão-se indo*.

— Quanto ao acento do singular *hífen* e sua não existência no plural *hifens*, veja o verbete *líquen*.

Himeneu, Himéneo - *V. peritônio, peritoneu*.

Hindu - O indiano que professa o hinduísmo é chamado *hindu*, designação dada aos habitantes da Índia não para

discriminação de raça ou região mas de religião, se religião pudermos chamar o polimórfico teísmo indiano de mistura com princípios filosóficos e sistemas sociais.

Pode ser *hindu* o brâmane erudito que professa a filosofia védica, o moderno teísta que comunga as idéias ocidentais, o habitante das montanhas que come sem escrúpulo toda a espécie de manjares, o que se prostra diante de uma pedra e, finalmente, o vagabundo ou membro de castas ínfimas e o pária do sul.

Nesse sentido é que se devem tomar as palavras de Delgado quando afirma que o termo sânscrito *sindu*, que indica *mar ou rio grande* e em especial o rio *Indo*, foi pelos persas transformado em *hindu* para significar já o rio, já os habitantes das suas margens.

Igualmente a palavra *Indostão* indica não o lugar em que corre o rio *Indo* mas a região em que não existem maometanos e sim hindus. Comparando: Como no Brasil há católicos e protestantes, há-os igualmente na Índia e mais os hindus. Se quase sempre o hindu é indiano nem sempre o indiano é hindu.

Webster é claro em dar o primeiro significado de hindu: *In Indian and English usage, an adherent of Hinduism*.

Não confundamos, pois, *hindu* com *indiano*.

Hióide - O gênero é masculino; quanto à forma veja-se *diabete*.

Hiper - Prefixo que se junta sem hífen; faz perder o *h* e duplicar o *r* de palavras assim começadas: *hiperidrose, hiperepatia, hiperrúmica*.

Hipérbole - *V. semântica*.

Hipnose, Hipnose - Não confundir estas palavras; *hipnose* (deficiência de fibrina no sangue) é formada de *hypo*, abaixo, mais *is, inós*, fibra, mais o sufixo *ose*; *hipnose*, de *hypnos*, sono, mais o sufixo.

Hipnopedia - De todos os bons conhecedores do idioma é sabido que a terminação grega *eia* translitera-se em *ia* com o acento tônico no *i* em latim e em português. Não obstante a pronúncia grega ser *orthoépēia*, a latina — e conseqüentemente a portuguesa — é *ortopēia*.

Por exceção a palavra *enclópēdia* passou a viver entre nós com acento tônico errado, mas *ortopedia, ortodontopedia*, formados, como a palavra do verbete, do sufixo longo *ia*, estão a confirmar a verdadeira tonicidade de *hipnopēdia*. Do erro que andamos vendo em anúncios que trazem "hipnopédia" é culpado o inglês, onde encontramos "pneumônia", "hydrophobia", "neurálgia", "phantasmagória" ... Ensine-se a bela lingua inglesa, não se maltrate porém a nossa: *hipnope-di-a*.

Hipo - Prefixo que se junta sem hífen: *hipocrisia, hipopatia, hiporritmo*.

Hipocorístico - No trato doméstico, os nomes próprios têm desinências ou formas especiais diminutivas; recebem o nome de *hipocorísticos* tais formas familiares ou infantis, sobretudo quando nelas há duplicação de sílaba, como em *papá, Lili, Zezé*. O adjetivo grego *hypocoristicós* significa *acariciador, carinhoso*, e dele se serve em gramática grega para indicar forma diminutiva. Eis alguns:

Alexandre: Xandu.

Ana: Aninha, Anazinha, Naninha, Anita, Anicota, Nicota, Anica, Anoca, Aniquita, Nanoca, Nanazinha, Naná, Ná.

Aparecida: Cida, Cidinha.

Carlos: Carlito, Calu, Calão.

Carlota: Carlitoinha, Lota, Lotinha, Loló, Lolota.

Domingos: Dominginhos, Minguinho, Mingo.

Evangelina: Vanja.

Fernando: Nando.

Gertrudes: Tuda, Tudinha, Gertres, Gertzinha.

José: Zê, Zezinho, Zezito, Zezê, Zezeca, Zeca, Zequinha, Zequita, Juca, Zuzá, Zuzu, Cazuza.

Luís: Luisito, Luisinho, Lulu, Lula.

Manuel: Mandu, Manduca, Maneco, Manequinho.

Maria: Mariazinha, Marieta, Mariquinha, Mariquita, Marica, Maricas, Maricota, Maroca, Cota, Cotinha.

Pedro: Pedrinho, Pedrito, Pedroca, Pedrora.

Hipócrita - Téspis, inventor da tragédia, introduziu no teatro grego várias inovações, entre as quais a de um ator que fizesse parte distinta do coro. Esse ator trocava freqüentemente de papel; ora fazia a parte de rei, ora a de mensageiro, ora a de chefe, ora a de escravo, a ele cabendo responder às perguntas do coro.

Pelo fato de poder o *hipócrita* desempenhar papéis variáveis e até contrários, passou esse nome a significar *pessoa falsa, fingida*, e nessa acepção recebeu-a o português.

Provém a palavra do verbo grego *hypocrinomai*, que quer dizer *interpretar*. São seus cognatos os vernáculos *crise*, que etimologicamente significa *mudança, separação, e crítica*, arte de apurar a verdade.

Hipódromo - V. *autódromo*.

Hipômane - O gênero é masculino; quanto à forma, veja-se *diabete*.

Hiroxima - V. x.

Hissopo (ô) - Temos já este paroxítono em português, a nós provindo do grego através do latim *hyssopum*, para indicar certa planta. Motivo nenhum existe para acolhermos a mesma palavra grega sob outra forma para indicar instrumento de aspersão. Simples variação de significado não é motivo de variação de grafia.

História - Mais do que extravagância, existe incompreensão nós que escrevem "estória", incompreensão que há já vários anos apontamos. Repassando agora nosso arquivo, demos com uma carta de teor que julgamos oportuno revelar, carta provocada por uma de nossas QUESTÕES VERNÁCULAS. Com data de onze de maio de 1973, enviou-nos Ezio Pinto Monteiro, do Rio de Janeiro, linhas em que relata a "severa crítica" que Francisco Inácio Peixoto lhe fizera por ter empregado "estória" no título de uma tradução de livro inglês; a essas linhas o missivista carioca anexou um recorte de jornal de Belo Horizonte, em que o professor Aires da Mata Machado Filho transcreve carta do mesmo escritor. Não vamos aqui recopiá-la na íntegra, mas esta passagem julgamos merecedora de dormir para sempre num arquivo:

"ESTÓRIA me causa engulhos. A segunda edição facsimilada de Antonio de Moraes e Silva (1813, quando ele ainda vivia) nada traz de "estória". Nas Lições de Português, em que faz mais de vinte comentários sobre arcaísmos morfológicos, Sousa da Silveira nada diz a respeito de *história*. *Estória* é um verdadeiro desatino gráfico; releia-se qualquer glossário de arcaísmos: *omem, ome; eimigo, imigo, inimigo...* Acho a coisa de uma excentricidade irritante, sem utilidade alguma. Em nenhuma língua de origem românica você encontrará a distinção; o italiano só tem *storia*; no francês medieval havia também *estoire*, mas em que dicionário, em que livro você encontrará ressuscitada a palavra?"

Essa macaquice — perguntamos agora nós, é privativa de brasileiros?

É falso — e impossível — que uma reforma ortográfica tenha introduzido distinção entre *história* e *estória*; o acordo ortográfico vigente no Brasil é o de 1943, e o "Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa" não traz a inovação; nem esse, que é brasileiro, nem o de Portugal, que é completo.

Se no inglês existem duas palavras, o problema da sua distinção pertence aos que falam esse idioma. Em inglês também existem dois verbos para a ação de "poder", e que falta nos fazem eles para distinguir o poder físico do poder legal, social, moral? "Você pode, mas não pode" é expressão que não ensaja confusão nem pruridos de novidades para os que nasceram no Brasil e falam o idioma de seus pais, expressão que em inglês exige dois verbos diferentes para que tenha sentido: *You can but you may not*.

"Deixe de histórias" — "Que história é essa?" — onde a dificuldade de compreensão? Se curtos de inteligência foram nossos pais em não terem descoberto essa história de "estória", curtos de inteligência continuamos todos nós em não forjarmos distinção gráfica e fonética para "poder", para "educação", para "raio", para "oficial" e para outros vocá-

bulos de formas diferentes em inglês, como curtos de inteligência são todos os de outros idiomas que têm palavras com mais de uma significação.

"Estória" já existiu no idioma, ao lado de "istória", na época medieval, quando ainda não havia grafia uniformizada para os nossos vocábulos, não como inúteis invenções distintas de significados, senão como formas originais de grafia da nossa palavra *história*, que teve ainda a forma intermediária "hestoria".

Estoria (*hestoria* — ambas as formas sem acento, porque ainda não era obrigatório), *igual, igreja, Efigenia* com "e" inicial, é como se escreviam essas e outras palavras que hoje trazem i por primeira letra. Abra-se o GRANDE DICIONÁRIO PORTUGUÊS (também chamado THESOURO DA LINGUA PORTUGUESA) de Domingos Vieira, de 1872, e leia-se na página 432: "ESTORI — As palavras que começam por *Estori* busquem-se com *Histori*".

Ai está. Unicamente distinção gráfica havia em outros tempos, distinção que o sistema de 1943 eliminou, e não distinção semântica, levemente sugerida por João Ribeiro no refundir o dicionário de Simões da Fonseca (1926), como levemente sugeriu que não houvesse distinção entre verbos terminados em *izar* e *isar*, como levemente sugeriu que o s entre vogais passasse a ser escrito sempre z.

Estorea por *estoria* introduziu-se ainda para evitar a pronúncia *estorja*, resultante do valor ambíguo do antigo i, que se escrevia de forma semelhante a j. É isso, e nada mais, e não uma palavra diferente.

A forma da palavra encontrava-se já fixada, com qualquer sentido, ao tempo de Camões (É atrevimento falar em Camões e em Rui Barbosa a peralvilhos do idioma.); bastemos estes dois passos, o primeiro com a palavra a corresponder a "narração de acontecimentos sociais, científicos, artísticos", o segundo a "conto" (edição revista por Carolina Michaelis de Vasconcelos):

Pelos portais da cerca a sutileza
Se enxerga da dedalea faculdade,
Em figuras mostrando por nobreza,
Da Índia a mais remota antiguidade.
Affiguradas vão com tal viveza
As *historias* d'aquela antiga idade,
Que quem d'ellas tiver noticia inteira,
Pela sombra conhece a verdade. — VII, 51.

Os olhos contra seu querer abertos,
Mas esfregando, os membros estiravam:
Remedios contra o sono buscar querem,
Historias contam, casos mil referem. — VI, 39.

Se não podemos ultrapassar os horizontes de um idioma estranho, como procedermos de maneira contrária dentro do nosso? Cada idioma é o que é, com seus caracteres próprios, específicos, com suas aptidões e com a sua história a ligar-nos aos nossos pais e aos nossos... dicionários.

Escritores que não sabem impor-se a não ser no pórtico do Templo, onde mercancialem idéias e barganham a pátria, acatam e espalham, quando eles mesmos não inventam, qualquer novidade léxica tão logo apareça num vespertino ou numa revista de poste de rua, sem receio do ridículo, sem temor de monices, levianos, inconseqüentes. Onde irão parar — e que outras inventarão para o caso — as palavras que indicam *historiada, historiagem*, o verbo que entra na expressão de arquitetura "historiar portas e janelas"? O cavalo passa a ser "estorieiro", as crianças "estorientas", deixamos de ter "historietas" para ter "estorietas", "estoríolas" e "estoriúnculas". Desaparece a analogia para dar lugar à realidade da leviandade, quando não da inconsciência. A dilapidação do vernáculo faz parte do programa do mercadejamento da pátria.

Histrião - Feminino: *histrã* (farsista, charlatão, hipócrita, palhaço).

Hódie mihi, cras tibi - Locução latina (hoje a mim, amanhã a

ti) equivalente ao nosso "um dia da caça, outro do caçador".

Hodômetro - V. *odômetro*.

Hoje é quinze - Na construção "Hoje é quinze" o cardinal está pelo ordinal (Hoje é o décimo quinto dia); é construção certa, sem dúvida, mas antecedentes da língua permitem formular a pergunta e a resposta no plural: "Quantos são hoje?" — "Hoje são quinze".

Hoje em dia - Muito vernácula é a expressão "hoje em dia", que significa "na época atual", "no tempo presente": "Mas não há muitos desse *hoje em dia* cá pela cidade" (Castilho).

"Holding" - Parece-nos que é boa tradução do inglês "holding", quando empregado por "holding company", a locução *sociedade-teto*, cujo plural será *sociedades-tetos*. Como, total ou parcialmente, o *holding* "engloba" as ações das sociedades subsidiárias, talvez *englobadora*, numa só palavra, mais curta e de plural indiscutível, pegasse para traduzir o anglicismo: "O governo criará uma *englobadora* de telecomunicações". Não dizemos hoje "financiadora" de maneira compreensível e aceitável por todos? Empreguemos ou *englobadora*, ou *sociedade-teto*, ou *empresa-teto*, ou alguma outra forma que revele mais respeito ao idioma que falamos.

Hombriedade - Nada que ver tem com *ombro*; se aqui não se justifica um *h* inicial, lá é de rigor — e sempre se escreveu — por ter provindo do espanhol *hombriedad*, de *hombre* (homem).

Homem - Aumentativo: *homenzarrão*.

Homem antigo - Os adjetivos colocam-se em português ora antes, ora depois do substantivo que modificam; em linguagem descritiva usual cabe geralmente o segundo lugar ao vocábulo que pela novidade ou maior importância se acentua com mais força. Assim, por exemplo, ninguém diz "servir-se de *açúcar doce*", que seria pleonasmico, e, por outro lado, não há inconveniente em dizer "servir-se de *doce açúcar*", construção esta em que o adjetivo decorativo vem apenas recordar ao ouvinte a qualidade essencial do açúcar.

Para alguns adjetivos requer o uso a colocação sempre em segundo lugar, embora tal não suceda com outros análogos e empregados nas mesmas condições; dizemos: *o céu azul* (e não *o azul céu*), *a safira azul*, *o topázio amarelo*, a par de: *a verde esmeralda*, *a branca neve*.

Quer isso dizer que a colocação dos adjetivos obedece, em português, à tradição e não a regras; não havendo tradição, há liberdade de colocação.

Quanto ao adjetivo *antigo* deve-se observar que tem ele várias acepções; quando equivalente a *antiquado*, opondo-se a *moderno*, de costume vem posposto ao substantivo: *sujeito antigo*, *homem antigo*, *mulher antiga*. Em tal acepção, o adjetivo *antigo* especifica a pessoa aferrada a idéias e costumes doutros tempos.

Quando equivalente a *velho* (que é ou existe desde muito tempo), vem ordinariamente posposto: *tiuteiro antigo*, *rua antiga*, *livro antigo*.

Vem anteposto quando exprime qualidade que deixou de existir, equivalendo a *ex*: *antigo deputado*, *antigo presidente da câmara*, *antigo comerciante*.

Quando equivalente a *remoto* (que foi ou existiu), tem colocação indiferente: na *Roma antiga*, na *antiga Tróia*, *costumes antigos*, *antigos costumes*.

Note-se ainda que entra na denominação *Antigo Testamento*; sua colocação é agora invariável, pois a expressão adquiriu caráter de locução.

Homeopata, Homeopatia - V. *homopatia*.

Homessa - Forma contrata de "homem essa", usada interjetivamente com a significação de "ora essa!", "Essa agora!": "Homessa! Um valentão como tu, que não tem medo de nada, assim assarapantado!"

Homicida, Homicídio - V. *formicida*; V. *maritícida*.

Homília - Muito embora haja quem indique para esse vocábulo o acento paroxítono, o acento certo deve ser o proparoxítono — *homília* — e assim é em italiano, assim é em Portugal.

Homo hómini lupus - Provérbio latino que significa "O homem é lobo para outro homem". O pensamento é de Plauto, poeta cómico latino que nasceu no terceiro século antes de Cristo, alusivo à ferocidade que um homem muitas vezes manifesta ao outro.

Homogâmeto - Devem ser proparoxítonos os vocábulos cujo último elemento seja constituído de *gâmeto*, por ser breve o e da sílaba *me*.

Homopatia - *Homeopatia* é palavra mal derivada. Alguém, trazendo por testemunho o dicionário de Cândido de Figueiredo, poderá objetar: *homeopatia* justifica-se porque vem de *hómoios* e não de *hómos*. Responderemos: Por que não fizeram derivar *alopatia* de *alóios*, dando-nos *aleopatia*? Por que, igualmente, não fizeram *homeofonia*, *homeose*, *homeogenia*, *homeônimo*, *homeotropia*? É porque, continuaremos respondendo, *alóios* tem força relativa, "diferente de", e *allos* é que é a verdadeira forma adjetiva, "outro", dando-se o mesmo com *hómoios*, "igual a", e *hómos*, "mesmo". Por isso é que se diz *homofonia* (mesmo som), *homologia* (mesma palavra), *homose* (mesma ação) etc.

Homeopatia é o processo médico que consiste em empregar para a cura os "mesmos" agentes que determinam a doença, segundo o "similia similibus curantur" de Paracelso; o contrário constitui a *alopatia*, filiada ao "contrária contrariis curantur".

Quando já formadas no próprio grego, as palavras nos vêm de forma correta: *homódromo*, *homógamo*, *homônimo*. Por que não procederemos também corretamente quando formadas entre nós, como corretamente se formaram outras? Vejam-se *homotetia*, *homocalaléxia*, *homomerologia*, *homofonologia*, *homogenia*, *homossexualismo*.

Homose - V. *homopatia*.

Honni soit qui mal y pense - "Maldito seja quem nisso põe malícia", divisa da ordem da jarreteira.

Honoris causa - Expressão latina que significa "a título de honra".

Honrar-se - Constrói-se: a) com *em*: "Honra-me em estar presente".

b) com *de*: "...a sintaxe do ingranzêu em que se honra de exprimir".

c) com *com*: "Muito se honrava com lhe ficar ao lado".

Horas - V. *abreviaturas*.

Horóscopo - Em qualquer sentido deve ser *horóscopo*, pois assim nos mostra o étimo. O significado de um termo não é consequência do acento tônico nem este daquele; a origem é que determina um e outro. V. *florido*, *florido*.

Horível - Superlativo sintético: *horribilíssimo*.

"Hors-ligne" - *Ímpar*, *incomparável*, *invulgar* são adjetivos que traduzem essa intromeída expressão francesa.

Hortelão, Horteloa - De *hortelão* o plural é *hortelãos*, com simples acréscimo de *s*, e o feminino *horteloa*.

Hóspede - Feminino: *hóspeda*.

Observe-se que tanto é hóspede o que recebe hospedagem quanto o que hospeda. A dupla acepção é consequência de *hospedar* ter ambos os sentidos, ativo e passivo, de "dar hospedagem" e de "instalar-se como hóspede". É fato análogo ao que se dá com *freguês*, que tanto indica quem habitualmente compra da mesma pessoa quanto quem a ela vende. V. *palavras bifrontes*.

Hospitalar, Hospitalário - V. *bilhar*.

Humilde - Superlativo sintético: *humilmo* (erudito, pouco usado), *humilíssimo*, *humildíssimo* (mais usado).

Húmus, Humo - "Terra" é o que significa a palavra latina, paroxítona, *humus*, mas foi em português introduzida com a significação especial de "matéria orgânica em decomposição que empresta fertilidade à terra". A forma aporuguesada *humo* começa a aparecer em dicionários.

Hungria - Com *h* e com acento no *i*: *hun-grí-a*. Adjetivos pátrios: *húngaro*, *magiar*.

I

I - Elemento de ligação de compostos latinos. V. *orquídea*.

i.e. - Abreviação de "id est", em português e em outros idiomas usada para significar "isto é", "ou seja", "por outras palavras".

I, E - V. *Manuel*.

I. H. S. - Monograma representativo do grego IHS, forma abreviada de IHSOYS (Jesus). Aparece às vezes escrita *I. H. C.* ou *J. H. S.*, variante gráfica grega a primeira, latina a segunda. Por desconhecimento é que lhe atribuem com certa frequência como origem a abreviação de *Jesus Hominum Salvator* ou de *In Hoc Signo*.

Ia (terminação) - V. *Etiópia*; V. *insânia*; V. *malícia*; V. *hematia*; V. *hipnopédia*.

Iama - V. *suástica*.

...iano - É sufixo acrescentado especialmente a nomes próprios; nele entra um *i* meramente conectivo, já existente no latim, antes do verdadeiro sufixo *anus*.

O sufixo *ano* tem o sentido geral de "pertencente a", "relativo a"; forma adjetivos, dos quais muitos se usam substantivamente: *metropolitano*, *cuiabano*, *espartano*, *galicano*, *itua-no*, *pernambucano*.

Se em *italiano*, *juliano* o *i* é temático, em *froidiano*, *kantiano*, *jeffersoniano*, *kepleriano*, *bostoniano*, *iraniano*, *cesariano* é apenas conectivo.

Ainda que o nome próprio traga na terminação um *e* que não seja realmente temático, como em *Euclides*, *Açores*, *Chaves*, *Palmares*, a grafia do derivado em que entre o sufixo *ano* deve trazer o *i* conectivo, e não *e*: *euclídiano*, *açoriano*, *chavian-o*, *palmeriano*. Terminando o nome próprio em *e*, o sufixo não trará o *i* conectivo: *acreano*, *cabo-verdeano*, *lajeano*, *iraqueano* — ou perde o *e* final para dar lugar ao sufixo *ano*: *tibetano*, *sergipano*, *moçambicano*, *melindano*.

Ianque - Aportuguesamento de "yankee", nome que na própria América do Norte é empregado com o fim especial de indicar o que nasceu na Nova Inglaterra, ou seja, num dos 13 estados que por primeiro constituíram os Estados Unidos. Por extensão é empregado em outros idiomas com a significação de *norte-americano*.

Ião - V. *iônio*.

Iaque - Voz: *berrar*.

...iar - V. *alumiar*; V. *verbos terminados em EAR, IAR*.

la-se - "la-se levantando", "está-me atrapalhando", "estão-me vendo", "estava-se aproximando", "estive-me queixando", "estiveste-a espreitando", "estive-te observando", "está-lhe fazendo mal", "está-se fazendo tarde", "estivera-se cogitando", "estando-se verificando" — sempre com hífen a ligar o oblíquo ao primeiro verbo da locução. V. *vão-se indo*.

Iate - Aportuguesamento de *yacht* (=barco de recreio); daí *iateclube*, numa só palavra por não ser da nossa língua antes com função adjetiva um substantivo a outro.

Ibérico, ibero - Prestam-se ambas as formas para indicar "indivíduo dos iberos, antigos povoadores da Espanha". Além dessas, existem ainda, com apoio no latim, *iberiaco* e *ibéri-*

co: Que se refere à Ibéria ou à Península Hispânica; partidário da união política entre Portugal e Espanha.

Quando primeiro elemento de adjetivo pátrio composto, assume a forma *ibero* (paroxítona): *ibero-celta* (=celtibero), *ibero-americano*.

Ibidem - Advérbio latino de largo uso em português; é paroxítono e significa "aí mesmo", "no mesmo lugar"; é geralmente empregado para identificar o livro ou parte de uma obra em que se encontra uma citação.

Ibirapuera - V. *ipueira*.

...ica - V. *infelizmente*.

Içá - Além de duas diferentes coisas (macaco, índio), a forma *içá* existe para designar uma terceira: fêmea alada da formiga saúva por ocasião da formação de novo saúveiro. Aqui nasce uma complicação: qual o gênero?

Teschauer, o primeiro dos dicionaristas a dar a palavra, consigna-a com o gênero masculino, e dá uma passagem de Valdomiro Silveira: "Não houve mais as corridas barulhentas pelo vassoural, nem a apanha *dos içás*". É estranhável que Aulete lhe tenha dado o gênero feminino. Fosse o gênero de *tanajura*, como em Minas chamam o *içá*, dúvida não haveria, pois é sempre usado no feminino, mas *içá*, proveniente do tupi-guarani, é palavra realmente usada no masculino.

"Iceberg" - V. *icebergue*.

Ictiossauro - V. *dinossauro*.

...ícuo, ...íquo - Se temos *inócua*, por que não temos "oblícuo" com *c*? Por que *obliquidade* com *qu*, ao lado de *inocuidade*?

Nossa não é a culpa dessa duplicidade de grafia para um mesmo som, senão do latim. Em *obliquus* há o prefixo *ob* e o tema em *qu* de *liquis*; em *inócua*, *profícua*, há um prefixo (*in*, *pro*) e um tema em *c*, como em *nocivo*, *inocente*, *proficiente*.

O sufixo *uo* é de origem latina e significa "de" ou "da natureza de", como em *ambíguo*, *estrénuo*; é o mesmo *uosus* latino, que nos deu *virtuoso*, *impetuoso*.

Motivada pela etimologia, a distinção gráfica *ícuo*, *íquo* perdura em línguas neolatinas e no inglês até que se respeite a tradição, até que haja escolas que a expliquem e uma superioridade e alegria de aceitar os fatos informativos do espírito humano.

...idão - V. *sobejidão*.

Idem - Tolicie das gordas passamos a suportar ao ouvir um pouco de rádio. Não sabemos se rir ou compadecer-nos devemos do locutor que diz "idem ao anterior".

Que mixórdia de idiomas é essa? Originária do latim, a palavra é pronome, e não adjetivo; significa "o mesmo", "a mesma coisa".

O desprevenido locutor julga significar "igual"; é o que pensamos para explicar tão gritante anarquização léxica.

Se dizer que a letra *d* contém o mesmo que a letra *c* é o que você pretende, diga, meu caro, *idem* — e nada mais; e todos irão seguramente entendê-lo.

Ideo - V. *ídeo*.

Ideograma - É o sinal que exprime diretamente a idéia; é um desenho, e não um conjunto de letras; é assim que escreve-

mos os algarismos e é assim que tudo se escreve em chinês, desenhando. Saber "escrever" em chinês significa saber "desenhar" uma figura para cada idéia. Não possuidores de alfabeto, os chineses precisam normalmente conhecer três mil ideogramas para ler. Milênios de história acumularam cinquenta mil ideogramas. Kuo Mo-jo, presidente da Academia de Ciências da China, é considerado o maior conhecedor de caracteres chineses, pois ele domina dez mil deles; é o cidadão chinês que mais sabe ler, que mais sabe "escrever".

Com o intuito de aumentar a cultura, advoga-se hoje na China a adoção da escrita latina, com letras, com símbolos que representem fonemas; placas comerciais e indicações urbanas já se encontram "desenhadas" em chinês e "escritas" em caracteres laínos. O povo está aderindo espontaneamente à reforma. Que seja definitiva são os votos de quem tem uma grafia ainda vacilante e sempre sujeita a explorações mais do que a reformas.

...ídio - Se em *ofídio*, em *espermátidio* e em outras palavras dessa terminação os vocabulários ortográficos são uniformes, em outras são ou inseguros ou contraditórios, quando não desultórios ou, o que é pior, arbitrários. Inseguro é o vocabulário quando dá *conídio* ao lado de *conídia*; contraditório, quando traz *glicosido*, com a terminação *ido*, ao lado de *sacarídeo*, com *e*; desultório, quando oferece *ofrídeo*, com *e*, ao lado de *bacterídio*, com *i*; arbitrário, quando inventa *lipídeo*, *glícide*, *prólide*. A insegurança ou desconhecimento do assunto comprova-se, ainda, quando apresenta *glicérida* em vez de *glicérido*. Ainda mais longe vai o despautério, quando se verifica para *glícide* o gênero masculino, para *heterósido* o feminino.

Trata-se do sufixo grego *ídiôn*, de significação diminutiva, que entra na formação de palavras nossas como elemento substantivante, e não como índice modificador de significado. Como, para essa terminação, a forma plural grega seria em *a*, algumas das palavras que trazem esse sufixo ri-tubeiam em português entre a terminação *ídia* e a terminação *ídiu*: *bacterídiu*, *conídiu*. O melhor é enquadrá-las no geral, quanto à terminação — *ídiu* — e quanto ao gênero — *masculino*: *bacterídiu*, *conídiu*.

Não faltam palavras terminadas em *ídeo*, designativas de famílias de animais, de grupos de minerais, de substâncias orgânicas, ou de função meramente adjetiva: *aracnídeo*, *anelídeo*, *raquídeo* (V. *raque*, *raqueano*).

Salvo o caso da terminação temática *íd* acrescida do sufixo *eo*, como em *parotídeo* (de *parotís*, *idos* mais *eo*), notar-se-á, caso se vasculhe nosso vocabulário, que tão só confusão é o que existe, confusão em que incidem os vocabulários ortográficos, preocupados somente com acentos, com hífens e outras quinquilharias.

O assunto exige modificações, que nos apresentem amanhã um vocabulário coerente; então teríamos: *protídiu*, *ofídiu*, *espermátídiu*, *conídiu*, *glícídiu*, *glicosídiu*, *glicéridídiu*, *sacarídiu*, *ofrídiu*, *bacterídiu*, *lipídiu*, *prótidídiu*, *psitacídiu* etc.

Idos - V. *bissexto*.

Ignifugo - De *ignís* (fogo) e *fúgere* (afugentar), é adjetivo propa-rioxitono e significa "que evita incêndio, que afugenta o fogo".

"Ignorar" - É enganosa a invariável tradução do inglês "ignore" por *ignorar*. Quem ganha o pão com informar deve fazê-lo com a preocupação de clareza; dizer "Tel-Aviv ignora as advertências" é mostrar incapacidade de transmitir notícia de uma para outra língua.

O verbo cognato da língua inglesa deve ser, em muitos casos, traduzido por "não considerar", "não acatar", "não aceitar", "não levar a sério", e, em outros, pela expressão ainda mais forte "refutar como infundado", e este é o caso da informação que o jornalista transmitiu sem que a tivesse compreendido; corrija, em outra oportunidade, que sempre haverá, por: "Tel-Aviv refuta como infundadas as advertências dos países árabes".

E assim: *fechar os olhos aos fatos* (to ignore the fact), *fazer*

pouco caso (to ignore the presence of a person), *não reconhecer, desprezar* (to ignore a friend).

"O DER ignora estradas" — "O partido ignora a realidade" — "Grupos exaltados ignoram a lei". Que baralhada de idiomas é essa? Já não estão lembrados os chocalhadores da nossa língua do significado de *ignorar*? É a ignorância do nosso vocabulário que os faz passar por tripudiadores do que é legitimamente nosso? Será necessário lembrar-lhes que "ignorância" em português é "falta de saber", e não "falta de consideração"?

Vê-se nesse proceder mais soma de ignorância da nossa do que revelação de conhecimento da língua inglesa, se é que isto querem os defraudadores de nossa língua demonstrar, e não leviana propensão de destroçar o que é nosso por herança e estima. O revelar um jurisperito ignorar a jurisprudência não é mais ignominioso do que mostrar um redator ignorar o significado de um verbo tão comum. Se ele ignora o que faz com dessa maneira redigir, nós não ignoramos o que fazemos com chamá-lo aos brios de cidadão respeitador do que é hereditariamente nosso. Esperamos que quem emprega *ignorar* por *desprezar* demonstre antes ignorar o idioma original do que desprezar o que aprendeu na sociedade em que vive, na nação a que pertence.

Desprezar, desrespeitar, desconsiderar, não ouvir, pisotear, dar de ombros com, fechar os olhos a e mais verbos e expressões devem ocorrer a quem escreve com a mente liberta de peias importadas.

Ignorando a disposição em que se encontra o faltoso redator ao ler nossas considerações, acabamos pedindo, sem malícia nem logração, que não continue a pisotear nosso idioma, pois que o consideramos todos os que somos nascidos nesta terra.

"Em Dallas, Ford ignora as ameaças": Em que língua estará redigida essa comunicação? "Ford deu de ombros com as ameaças", "Ford desprezou as ameaças" é que se dirá em nosso idioma. Declarar em jornais que "comunistas ignoram as resoluções de Helsinque", que "o embaixador ignorou as regras de segurança" é confundir os leitores. O embaixador não seguiu as regras de segurança — comunistas *desrespeitam* as resoluções de Helsinque — Ford voltou a cumprimentar populares na rua em *desobediência* das normas de segurança (não em *ignorância de*, com *ignorância de*).

Por que de forma tão acintosa castigar nosso idioma? Será mero desconhecimento do inglês o que leva o redator a assim transmitir notícias? Não há nesse proceder rebeldia ao bom senso, manifestação de revolta ao linguajar comum? Redações como essa parecem revelar que o jornalista, mais do que *ignorar* a língua estrangeira, *despreza, desrespeita, desconsidera, pisoteia, menospreza, desdenha* a própria, dá de ombros com o seu vocabulário.

Ignoti nulla cupido - Frase latina que significa "ao que desconhece, nenhum desejo". Não se pode desejar o que se desconhece. A indiferença provém do não conhecimento.

Igreja - Nomes comuns tomados individualmente, com sentido especial, escrevem-se com inicial maiúscula: a *Igreja* (a entidade católica, e não o lugar, o templo), a *Capital* (referindo-se a determinada capital), o *Estado* (a organização política). Quando empregados em sentido geral e indeterminado iniciam-se com minúscula: Desapropriaram a *igreja* — O Acre é um *estado* novo. A *capital* de São Paulo tem o mesmo nome do *estado*. V. *lugares de culto*.

Igual, Igualha - *Igualha* é substantivo, e *igual*, na expressão "não sou seu *igual*", é adjetivo substantivado. Ou se diz "Não sou seu *igual*" ou "Não sou de sua *igualha*" — "Cada qual com seu *igual*" ou "Cada qual com os da sua *igualha*".

Note-se que *igualha* encerra certo sentido depreciativo: "Vá lá ser ferrabrás entre os da sua *igualha*" — "Que as diga às da sua *igualha*".

Ilha - Coletivo: *arquipélagos*.

Ilhéu - Feminino: *ilha* (ô).

Ilhó - Pela terminação e pela origem, a palavra é do gênero masculino: o *ilhó*, os *ilhós*.

Ilidir (destruir refutando) - Não confundir com *elidir* (eliminar, fazer elisão): *ilidir* os fundamentos da petição; *ilidir* sofismas. *Elidir* uma letra; Camões elide por aférese o *i* de *imaginação*.

Ilustríssimo - V. *excelentíssimo*.

Imberbe - *Imberbe* vem de *barba*. É fenômeno operado já no latim: o *a*, seguido de duas consoantes, permuta-se por *e*:

cAptar — re-cEpcão
fActo — con-fEccão
bArba — im-bErbe

Imbrolo - É um contra-senso ortográfico apresentar um dicionário "imbroglio", à italiana, entre palavras portuguesas, como contra-senso é escrever "esfiha". Ou fazemos apoiar o estrangeirismo em aspas para andar de permeio com as nossas palavras, ou, o que é melhor para o idioma, damos roupa nova para acolhê-lo: *imbrolo*, *esfia*.

Imensurável - V. *incomensurável*.

Imergir - V. *emergir*.

Imigrar (entrar no país) - Não confundir com *emigrar* (sair do país).

Iminência (estar por sobrevir) - Não confundir com *eminência* (altura; excelência). E assim: *iminente* (que ameaça realizar-se num futuro próximo), *eminente* (alto, excelente).

Imiscuir - É verbo curiosamente formado por algum conhecedor de italiano e de latim. Se em italiano existe "immischiare", em latim não existe a forma infinitiva correspondente, pois o infinitivo é "immiscere".

Imissão, Imitir - São palavras que não devem ser confundidas com as parônimas *emissão* e *emitir*. Estas significam, literalmente, *mandar para fora*, e aquelas, *mandar para dentro*, *fazer entrar*, *introduzir*. Se o criado vinha comunicar uma visita ao chefe da casa, este dizia: *Immitte*, isto é, "manda entrar", "faze-o entrar". Com esta significação é que o verbo *imitir* e seu correspondente substantivo *imissão* se empregam na tecnologia jurídica: "Tu in mea bona immittes..." é expressão latina que se traduz: "Tu meterás de posse de meus bens...".

Imoral, Imoralizante - V. *moral*.

Impagável - O existir *impagável* com o significado de "não pagável" não implica a existência de um verbo "impagar". Uma duplicata "não paga" diremos, e não "uma duplicata *impaga*".

Presta-se o *in* como prefixo de negação, não há dúvida, mas não podemos pô-lo onde nunca teve cabida. Adjetivos temos em situação análoga, sem que exista nem nos seja permitido inventar um verbo correspondente. Porque temos *impalpável* poderemos dizer "maças *impalpas*"? Nesse andar passaríamos a ter trabalhos *impeçados*, faturas *incobradas*, erros *insanados*, situações *imutadas*, casas *ilocaladas*, arcs *irrespirados*. Nem para calembur tais formas iriam prestar-se, pois calembures se fazem com palavras realmente existentes, não com invenções.

Impasse - Não é palavra nossa. Designativa em francês de "beco sem saída", puseram-se a empregá-la com o sentido alterado, em lugar das nossas legítimas e expressivas: *embaraço*, *obstáculo*, *dificuldade*, *controvérsia*.

Impecilho - O certo é *empecilho*, com *e* inicial; não vem de *impedir*, mas de *empeçar* (embaraçar, estorvar); coisa ou pessoa que *empece* torna-se *empecilho*.

Impedir - Conquanto nada de comum tenha etimologicamente com *pedir*, e não obstante fosse antigamente conjugado pelo verbo *aderir* (*impido*, *impedes*... que eu *impida* etc.), o verbo *impedir*, formado no próprio latim de *in-pedem*, é hoje conjugado por *pedir*: *impeça*, *impedes*, *impeça* etc. — 465, 1.

Observação análoga deve ser feita quanto aos verbos *despedir*, *expedir* e *desimpedir*.

Impelir - V. *aderir*.

Imperativo - Por grave erro de redação assim estava escrito num folheto dominical: "Vá, e não peques mais"; erro que se encontrava no título do folheto e mais uma vez no corpo do texto.

As formas imperativas, quer positivas, quer negativas, devem concordar com o tratamento dado a quem nos diri-

gimos; as do imperativo positivo, ou seja, as que mandam praticar uma ação ou manter uma posição, são as mesmas do subjuntivo, com exceção da 2ª do singular e da 2ª do plural, formas estas derivadas das correspondentes pessoas do indicativo presente mediante supressão do *s* final:

Imperativo POSITIVO de *ir*
1ª pess. s. VÁ (do subj. pres.)
2ª pess. s. VAI (do ind. pres., sem o *s* final)
3ª pess. s. VÁ (do subj. pres.)
1ª pess. pl. VAMOS (do subj. pres.)
2ª pess. pl. IDE (do ind. pres. sem o *s* final)
3ª pess. pl. VÃO (do subj. pres.)

O imperativo NEGATIVO é mais fácil, pois as formas são exatamente as mesmas do subjuntivo presente: não Vá, não VÁS, não VÁ, não VAMOS, Não VADES, não VÃO.

Se era intenção do redator do folheto tratar o interlocutor por você (3ª pessoa gramatical) o texto deveria ter sido: "VÁ, e não PEQUE mais" (*vá*, imperativo positivo, tirado de igual pessoa do subj; não PEQUE, da 3ª do subj.). Se a intenção era tratá-lo por tu (2ª pessoa gramatical), esta deveria ter sido a redação: "VAI, e não PEQUES mais" (*vai*, imperativo positivo, tirado da 2ª pess. do ind. pres. sem o *s* final; não *peques*, negativo, copiado da 2ª do subj.).

Nossa "Gramática Metódica da Língua Portuguesa" (29ª edição) ensina no parágrafo 413, 3 como se processa o imperativo, qual o emprego e quais as formas do positivo e do negativo.

De modo geral, emprega-se o imperativo para expressar mando, ordem, mas pode também indicar *exortação* ("Ouve este conselho" — "Segui o caminho da honra") e *súplica*: "Dá-me uma esmola" — "Fazei-me esse favor".

As gramáticas costumam oferecer, no imperativo, só as segundas pessoas do positivo, porque somente estas são especiais, diferentes; é grave engano deduzir daí que só existem essas duas pessoas no imperativo.

Outras formas verbais têm, às vezes, força de imperativo mais suave:

— o *presente do indicativo*: "Levas estas cartas e trazes estampilhas" (= leva, traze);

— o *infinitivo impessoal*, tanto para o positivo quanto para o negativo: "Anda lá, Pablo, na garupa, e *deixá-los rir*" (=deixa-os), "Passar bem" (=passe bem), "Não *matar*" (=não mateis), "À direita *volver*" (=volvei).

Em latim emprega-se o futuro do imperativo (inexistente em português), nos textos das leis e das ordens que hão de ser cumpridas mais tarde; em português, só por influência do hebraico se emprega o futuro com força imperativa: Não *furtará*s, não *matará*s.

Imperatória - Como substantivo, existe tão só para designar certa umbelífera, como se diz "uma composta", "uma saxifragácea", substantivando-se o adjetivo. O desempenho, a dignidade do cargo é *império*; não tem o que ver com o caso.

Moratória é o próprio adjetivo empregado substantivamente; como se diz *moratória*, poder-se-ia dizer *dilatatória*, sem dificuldades nem raciocínios: também não vem ao caso. E assim *trajetória*, *rogatória*, *precatória* e outras palavras, meros adjetivos substantivados, que não indicam cargos, que não especificam dignidades.

Não será a simples terminação, a simples rima que irá indicar-nos o acento tônico da palavra. Para exemplo, confrontem-se os vocábulos *metonímia* (proparoxítono) e *sinonímia* (paroxítono); aquele nos veio já formado do grego, ao passo que este em português é que se compôs, como em português se compuseram *anonímia*, *antonímia*. Não nos estranhe, no consultar dicionários, encontrar essas duas palavras com idêntica tonicidade; a confusão é grande, e leis ortográficas não faltam que a agravem. Vale a formação, a procedência etimológica da palavra, ao lado do significado, da finalidade de emprego do sufixo.

Ímpio - Não é defensável a distinção de pronúncia deste adje-

tivo para corresponder a distinções de significado. Tanto a indicar "que cumpre o dever, virtuoso, honesto", "que respeita e ama os seus pais, afetuoso", "bom, amigo, amado", quanto o indicar "que presta o culto devido aos deuses, religioso, devoto", "santo, sagrado", o adjetivo latino é um só: *pius*. Antecedido do prefixo negativo *in*, não sofre alteração da quantidade do *i* da terminação, e o composto tem em latim a acentuação proparoxitona para todas as acepções: *impius*.

Talvez o fato de José Agostinho de Macedo ter feito o adjetivo, na forma feminina, rimar com *espia* e com *dia* e, numa outra estância do *Oriente*, com *dizia* e *levantaria*, tenha levado João Ribeiro a citar (Note-se: "citar", e não "propugnar") a distinção prosódica na edição do "Fonseca" por ele revista: "Usam-se duas pronúncias: *ímpio* (sem fé), *ímpio* (sem piedade).

É inconsistente tal diferenciação prosódica e todos sabemos — leitores, João Ribeiro e nós que por ele fomos examinados no exame final da segunda série ginasial — que o próprio Camões fez acentuar *Naiádes*, *Semiramis*, *etiôpe*, *Dário*, *Anabál*, *idolátra* (subst.).

A prosódia espanhola é que não deve turbar-nos, a menos que desejemos mudar a prosódia nossa, etimológica e corrente, de outras palavras de terminação idêntica.

Rebello Gonçalves não se aventurou a seguir tal distinção de pronúncia no vocabulário oficial de Portugal. Aulete, Cândido de Figueiredo, Vasco Botelho de Amaral não cogitam da distinção, como não cogitam autores nossos sérios como Carlos Góis.

Ademais, *impiedoso* é sinônimo de *ímpio* em todas as acepções e ninguém sentiu necessidade de aplicar-lhe o mesmo conto.

A única tolerância para o caso é dizer, como fez Gonçalves Viana no seu vocabulário, que a acentuação proparoxitona é mera liberdade poética.

— Superlativo sintético: *impússimo*.

"Implantação de projetos deixados" — Evidentemente já não se escreve português no Brasil. Implantam-se dentes, fios de cabelo, raízes (implantação do musgo na rocha — o carvalho implantara as suas raízes entre os rochedos — os dentes implantam-se nas maxilas) como, em sentido figurado, implanta-se um sistema, uma doutrina, uma civilização, uma situação: paz *implantada* e imposta — rudimentos de civilização *implantados* naquela terra. "Implantaram uma escola na cidade" é que não é possível dizer; donde a trouxeram? como se introduziu?

Projetos traduza-se por *obras*, *edificações*. *Deixados* traduza-se por *iniciados* ou por "que restaram".

A notícia se tornará então clara a quem não fala inglês: "Além do atraso na EXECUÇÃO de OBRAS QUE RESTARAM DA (iniciadas na) administração anterior ...". Em construção — para quem fala português — *projeto* é o plano da obra e não a obra. É português caçanje, é barbarismo redigir: "A Funai vai implantar projetos no Maranhão".

A Funai vai *realizar obras*, vai *construir* no Maranhão — é como se deve noticiar em S. Luís e em qualquer parte deste país.

É a metonímia uma das figuras de retórica (consistente no emprego de uma palavra em lugar de outra que a sugira, ou seja, com a qual tenha dependência de idéia) que proporciona enriquecimento do vocabulário. Vai porém distância entre metonímia e desprezo a todas as palavras nossas para substituí-las por uma única estrangeira. Porque o inglês emprega assiduamente "implant" com o sentido de *plantar* e, figuradamente, no sentido de *instilar*, *inocular*, *insinuar*, vamos agora deixar às moscas estes verbos nossos? Vamos estender o repúdio ao nosso idioma desprezando os verbos *criar*, *fundar*? Faculdades já não se *criam* nem se *fundam*: "implantam-se", como se facultade fosse dente, cabelo, raiz que se pudesse implantar, ou, figuradamente, uma idéia que se pudesse *inocular*, uma novidade que se intentasse *introduzir*, *incutir*, uma conclusão que se tentasse *insinuar*,

um princípio para *infundir*, para *instituir*, uma idéia para *inspirar*.

Que carência é essa de vocabulário para que tudo entre nós agora se "implante"? Uso correto de *implantar* em sentido figurado vê-se em: "Para que outros mais felizes *implantassem* naquela terra singular os primeiros rudimentos da civilização ocidental" — "A paz, somos nós que a vamos *implantá-la*", mas escolas, cadeias, igrejas nem em sentido figurado se "implantam": *fundam-se*, *criam-se*, *constroem-se*, *edificam-se*, *levantam-se*, *erigem-se*.

Com pouco mais de meia dúzia de palavras estereotipadas na cachola, jornalistas há que sempre transformam suas apreciações num café-com-leite aguado, quer ao atacar esta situação, quer ao defender aquela. Aborrecedora a redação e prejudicado torna-se o tema com a fraqueza do vocabulário, fraqueza que nos leva a diminuir a seriedade da tese apresentada. "Conjuntura", "inclusive", "gabarrito", "irreversível", num caldo insonso com solecismos como "não vi qualquer coisa parecida", "temos que morrer", e com barbarismos como "o presidente ignorou a lei", "aconteceu uma reunião", certas notícias transformam-se em lodaçal pegajoso em que ao desprezo da estrutura do período vemos somado o do nosso vocabulário; o descaso da nossa sintaxe manifesta-se corroborado pelo do dicionário; o não procurar no índice analítico de uma gramática a solução para a dúvida corresponde ao mesmo motivo por que não consulta o redator um bom léxico que o faça variar o vocabulário, que o ajude a dar vida à exposição do tema: desconhecimento da ordem alfabética.

Se jornalista, locutor e escritor têm a vida enterrada nas letras, por que não se banham ou refrigeram eles em águas novas do dicionário e num chuveiro tranquilizante de normas sintáticas? Discordâncias, estropiamentos de regência, desnortamentos de colocação, violências de flexão afloram de peremeio com o sargado da distorção de vocabulário. Não se trata de estilo, que se forja no estudo, na observação, na atenção, mas de epidemia, consequência de relaxamento redacional, de frouxidão lingüística.

É realmente de chamar "da moda" certas palavras que passam deste para aquele momento a aparecer em quase todas as colunas de jornal e em todos os meios de comunicação. Tudo hoje se "implanta", até a própria lei. Ora! Quem passou por qualquer faculdade de direito sabe que uma lei é *sancionada*, é *promulgada*, é *decretada*, é *estabelecida*, é *elaborada*, é *ordenada*, é *instituída*. Agora não; ela só se "implanta", esteja em que fase estiver.

De febre violenta, a epidemia do *implantar* chega a cegar redatores que não percebem o verbo três vezes em apenas quinze linhas de coluna. Que quer ele dizer com o título "Síria *implanta* invasão"? Que a Síria *decide*, que *estabelece*, que *inicia*, que *termina*, que *determina*, que *conclui*, que *consueta*, que *ajusta*, que *assenta* a invasão? Por favor, senhor redator, enxugue o suor do rosto, tome um cafezinho, limpe os óculos, refresque afinal as idéias e arrije o vocabulário de forma que os leitores possam entender-lhe o comunicado.

Outros exemplos em que aparece a frase murcha do vocabulário, tal qual encontrada em jornal, seguida de pelo menos um verbo que traga necessário colorido:

"Implantar uma infra-estrutura" (*estabelecer*, *compor*, *formar*, *construir*, *constituir*).

"Peça básica do mecanismo novo que o presidente quer *implantar*" (peça básica que ele quer *introduzir*, *instalar*).

"O DSV começou a *implantar* uma nova sinalização". (Jogando fora o suinizante "uma" e também o "começou", podia ter redigido: O DSV *inicia*, *apresenta*, *introduz*, *põe em prática* nova sinalização).

"Enquanto a prefeitura não termina os estudos para a *implantação* de um sistema". (Jogue-se fora "implantação"; enquanto a prefeitura não termina os estudos de um sistema.)

"Destinada a desmantelar o partido comunista que estava se *implantando* no Paraná". (Jogando-se fora o mal colocado

"se", redija-se "que estava criando corpo no Paraná.)

"O metrô estuda *implantação* de linha de trem circular". (Mais uma vez deve ser atirado fora o termo doentio: O metrô estuda linha circular de trem.)

"Profundas alterações deverão ser *implantadas*" (introduzidas, estabelecidas).

"O governo *implanta* abrir estradas" (determina, pretende, projeta; o melhor é mandar o redator-chefe riscar do vocabulário o verbo *implantar*, com o seu legítimo significado e também com os figurados, para obrigar o foca a dar informação precisa).

"Fórmulas e sugestões para a *implantação* de uma nova política de crédito" (Atire-se fora o "uma" e diga-se *fixação* de nova política.)

"Goiânia *implanta* zona azul" (introduz, adota).

"Faz parte de nova indústria produtora de cimento, que *implantar*á métodos próprios e exclusivos de distribuição". (O "nova" aí aparece sem o introneterido "uma", mas introneterido aí se encontra o verbo, que também deve ser desprezado: ... indústria produtora de cimento, com métodos exclusivos de distribuição.)

"A firma está *implantando* seus artigos no mercado" (introduzindo). "*Implantou-se* a convicção de que..." (firmou-se, consolidou-se).

"Influíu na *implantação* de decisão" (na tomada de decisão).

"Com a *implantação* de uma nova tecnologia". (Outra vez o "uma" a confirmar a infestação: com a criação, com a introdução, ou com a aplicação de nova tecnologia.)

"*Implantaram* uma cabeça-de-ponte" (estabeleceram, construíram).

"Depende do êxito de seus herdeiros a *implantação* da política de Mao", (Pelo contexto, a palavra está por *fixação*.)

"Pensa-se na *implantação* de um hotel de classe internacional" (*fundação*). "*Implantaram* novas prateleiras" (*instalaram*).

"Para a *implantação* de calçamento na cidade" (*construção*); a Prefeitura começou a pôr em placas a palavra *implantação* por obras: receio de ser mal compreendida?

"Como exemplo basta lembrar um projeto de irrigação *implantado* em uma região sem mercado". (Estará aí "projeto" por obras, *construção*, *empreendimento*? Em nossa língua, "project" não pode ser assim traduzido; o que se pretendeu informar, cremos, foi: ... basta lembrar o sistema de irrigação adotado em uma região sem mercado.)

"Ao anunciar a *implantação*, para breve, do Programa de Assistência". (Mais uma vez a evidência de que o redator tinha "implantação" na cabeça já antes de pôr-se a trabalhar: Ao anunciar, para breve, o Programa de Assistência.)

"Vão *implantar* uma sala especial para o chefe" (*montar*, *aprontar*, *reservar*, *destinar*).

"Nova fórmula de tributação será *implantada*" (*aplicada*, *introduzida*).

"Para tomar medidas adequadas para a *implantação* do acordo". (O contexto da notícia impunha a palavra "efetivação".)

"...que *implanta* à frase o sentido de..." (que *empresta*, que *dá*, que *traz* o sentido de).

"Dificuldades para a *implantação* do primeiro ciclo de estudos" (*introdução*, *estabelecimento*).

"As Centrais Elétricas vão *implantar* uma fábrica de fertilizantes" (*construir*).

"Um esquema foi *implantado*" (*montado*).

"Vão *implantar* novas forças para..." (*aplicar*, *enviar*, *vão empenhar-se* por...).

"Solução *implantada* pela força bruta" (*imposta*).

Por último este título de notícia de três colunas: "... quer que fábricas de pneus *implantem* seringais". Pelo que se vê, logo mais irá aparecer a palavra *implantio* para caso análogo: para intensificação do *implantio* de seringais... — e iremos, sem muita demora, "implantar batatas".

Só nos resta, diante de tanta "implantação", corrigir a Bíblia para:

No princípio Deus *implantou* o céu e a terra. A terra, porém, estava informe e vazia... E Deus disse: *Implante-se* a luz. E a luz se *implantou*. Disse também Deus: *Implante-se* o firmamento... E assim se *implantou*. Disse também Deus: As águas, que estão debaixo do céu, *implantem-se* num só lugar. E assim se *implantou*.

Implemento - O ignorante não duvida porque desconhece que ignora: axioma de que sempre nos lembramos quando vemos empregados vocábulos fora da acepção que lhes cabe pela etimologia ou pelo uso. O que, porém, contrista e quase desanima é verificar que o erro se alastra, a comprovar também em outros o mesmo desconhecimento, a mesma falta de interesse, a provar estourou verdade: É próprio do ignorante a predileção a novidades.

A aceitação passiva de formas desusadas, como a fuga às tradicionais, podemos todos os que lidamos com alunos já adultos verificar em inteligências mal cultivadas, quando convencidas de que sabem.

A meia ciência, a superficialidade, o verniz do saber não tem desculpa quando é obrigação de todos os que escrevemos procurar no dicionário o sentido da palavra que pela primeira vez vamos empregar e, principalmente, quando os dicionários aí estão ao alcance de todos nós.

Parece ter desaparecido, mas é possível estar ainda na lembrança do leitor, a expressão "Fulano ficou de alcatéia", tantas vezes escrita em diversos jornais há uns anos, em vez de "Fulano ficou de atalaia". Pular de *atalaia* (vigia, sentinela) para *alcatéia* (coletivo de lobo, de ladrão, de malfeitor) é abusar demasiado da ignorância.

Anda agora em voga a palavra *implemento*; os dicionários a consignam na acepção de "aquilo que completa ou perfaz uma coisa", "aquilo que serve para cumprir ou executar", "aprestos", "petrechos", ou seja, utensílio, instrumento para estudo e exercício de artes, de profissão: "À esquerda uma banca e sobre ela os implementos de escrever" (Garrett).

Com que sentido, porém, a estão empregando? Com a de "acessório": "Vende-se um automóvel com todos os seus implementos".

Não continuemos a redigir isso, que estaremos a indicar precisamente o contrário de *implemento*. Do latim *implere* (encher, executar), mais a terminação *mento*, que indica "meio", *implemento* é o que é essencial para executar, para cumprir uma coisa; tesoura, dedal, agulha são *implementos* de costura.

É o inglês em boa parte — o inglês mal interpretado ou mal empregado em anúncios — o culpado do erro. A invariável tradução de "implement" por *implemento* não é correta; falando-se de peças não essenciais, "implements" traduz-se, na língua que ainda falamos, por *acessório*: "Vende-se um carro com todos os seus acessórios". O arado é um *implemento* da agricultura, mas farol manual jamais foi *implemento* de automóvel.

Releiamos o exemplo de Garrett e sejamos mais amigos, em circunstâncias semelhantes, do "pai dos burros", *implemento* de quem lemos e escrevemos.

Implicar - "Qualquer contrato que *implique* cessão de direitos..." — com objeto direto é a regência de *implicar* na acepção de "produzir", "ser causa de", "originar". Outros exemplos: "Sem que a investidora do novo chefe *implicasse* a menor quebra no movimento político e social" — "A queda daquele governo *implica* grandes transtornos" — "...cuja decisão *implica* graves conseqüências".

Ainda transitiva direta é a regência na acepção de "fazer supor", "dar a entender": "Os precedentes daquele juiz *implicam* grande honestidade" — e na de "tornar necessário": "O estudo profundo das ciências *implica* a prévia aquisição de múltiplos conhecimentos".

Importar - Significações e regências:

— (= trazer, acarretar, ter como conseqüência): "A guerra importa grande calamidade" — "As idéias liberais importam a felicidade do povo".

— (= atingir o total de): "As despesas importam em tanto".
 — (= representar): "Não apostilei erros ortográficos, senão quando importavam em erros gramaticais" — "Uma larga incisão na traquéia, importando na supressão dessa via".

— (= dizer respeito, interessar): "... ensinamentos que importam à pureza e correção da língua" — "... missão que importava às classes privilegiadas".

O verbo *importar* consurói-se ainda:

a) com *com*: "Não me importo com isso".

b) com *de*: "Qual dos leitores se importa dessas pequenas coisas?"

c) dando-se-lhe como sujeito a coisa, ficando a pessoa como objeto indireto: "Isso não me importa" — "Importa-vos advertir que..." — "Pouco me importa já muito sofrer" — "Não me importa que ele venha".

Conjuga-se normalmente na acepção de "trazer para dentro do país": "Importamos petróleo". É defectivo pessoal no sentido de "ser conveniente" ("A Deus importa que não haja distinção entre irmãos no pátrio abrigo"), "perfezer a quantia de": "Importam os gastos em trinta cruzeiros".

Imposto — No plural o substantivo tem o "o" aberto.

Imprensa falada? — Vamos chamar "imprensa codificada" a linguagem expressa por arranjos? "imprensa mímica" a expressa por gestos? "imprensa semaforica" a expressa por bandeiras?

Não podem os diferentes processos de transmissão de idéia ficar subordinados à palavra "imprensa", especificativa de apenas um desses processos. O que faculta ao homem comunicar suas idéias é a linguagem, e não a imprensa, e a palavra linguagem é que pode vir qualificada para distinguir-lhe os meios de comunicação. Para os analfabetos não existe imprensa, como para os surdos não existe rádio, nem para os mudos fala ou para os cegos mímica, mas para todos eles pode existir uma linguagem. A linguagem de infantes não é imprensa, como imprensa não é a de animais. Não há imprensa telefônica, imprensa musical, como não há imprensa cinematográfica. É inaceitável "imprensa falada", "imprensa oral", como inaceitável é "rádio impresso". São idéias dispares. A atual sociedade industrial não pode destruir o significado das palavras que indicam inventos do passado para discriminar modificações, inovações, invenções do presente. A riqueza de meios de informação não deve revelar pobreza de palavras nem muito menos carência de idéias, ou melhor, ausência de compreensão do significado dos vocábulos. Não se afoguem os que labutam na imprensa no mar de inventos de processos de informação.

É a palavra "linguagem" demasiadamente vaga, e "comunicação" é também por demais genérica, pois compreende ligação material de um lugar para outro, trânsito, distância (a estrada, o rio, o avião, o carro são meios de comunicação). A palavra **INFORMAÇÃO** é apropriada para os desajustados do vocabulário. A informação, como imagem da realidade ao inteiro alcance da nossa compreensão, é o resultado da soma dos meios e processos de comunicação da idéia. É falha a expressão "Dia das Comunicações" com o sentido com que a vemos empregada; o dia é da Informação (no singular), o dia é dos que transmitem mensagens, e não dos que dirigem carros, trens, aviões, barcos. Chofer não é profissional de informação. Por "Ministério de Comunicações" deve-se obrigatoriamente entender também Transporte; uma é "comunicação entre governo e povo", outra "informação do governo ao povo".

A informação processa-se pelo som, por escrito, por gestos, por arranjos, por luzes, por vibrações; todos esses meios de comunicação de idéia inteiram-nos, informam-nos, e não exclusivamente a imprensa, que não pode relaxar-se em "imprensa falada", como relaxar-se não pode em "imprensa sônica", "imprensa mímica", "imprensa semaforica". A informação é que é dada pela fala, e

não a imprensa. Diz-se "jornal falado", mas "jornal" aí está metaforicamente por "noticiário"; não tem relação com tipo, com caráter, com máquina impressora; nem na acepção original (*jornal* é o que se dá durante o dia) nem no étimo (é proveniente de adjetivo, em latim *diurnalis*, diário, do dia, por dia).

Seja qual for o processo de imprimir um jornal, o que aparece impresso é letra, é representação gráfica do som, é tipo. No papel, ou em outro possível recipiente, a letra é gravada, é vista, é lida, e não ouvida. Nisso está o valor da invenção do tipo, do caráter tipográfico, da máquina capaz de imprimi-lo, de reproduzi-lo para a vista, para leitura. A etimologia e a história não permitem destrato, mutilação, profanação da palavra *imprensa*.

A fala é meio de informação, mas a fala processa-se foneticamente, não tipograficamente; fala não é arranjo de tipos, como imprensa não é arranjo de sons. "Sônico" não é adjetivo que possa qualificar "caráter tipográfico".

Cinética ou estática, a imagem é transmitida por informação; quer leiamos, quer oíçamos, quer assistamos a projeções, quer vejamos sinalizações de bandeiras, de luzes, estamos sendo informados; é a informação a processar-se de formas diferentes; e se um dia ela se processasse por simples atividade mental, jamais estenderíamos o ridículo com chamá-la "imprensa telepática"; se se exercesse por comunicação mediúnicamente, não iríamos chamá-la "imprensa espiritualística". Não se pode falar em "drama da imprensa independente" quando se tem em mente abrangendo rádio, televisão, telefone; "drama da informação independente" é que é a expressão congruente.

Informação é que é o termo genérico, jamais *imprensa*; jornais, televisões, rádios são veículos de informação. O parágrafo 8 do artigo 153 da Constituição reza: "Livre é a manifestação de pensamento, de convicção política ou filosófica, bem como a prestação de INFORMAÇÃO, independentemente de censura".

Sem dúvida: "A INFORMAÇÃO corresponde à educação de um povo" — "Na liberdade da INFORMAÇÃO repouso de um dos esteiros da democracia" — "Os que querem empalmar a INFORMAÇÃO não podem lamentar a ausência de uma imprensa simpática".

Impresso, inserto - V. *Imprimido, impresso*.

Imprimatur - Forma verbal latina (=imprima-se), empregada para indicar que um escrito nada tem, dentro da doutrina católica, que lhe impeça a publicação; é geralmente seguida da assinatura de uma autoridade eclesiástica.

Imprimido, impresso - Talvez a pressa tenha culpa do errado emprego destas duas formas participiais; se nem pressa nem esquecimento são culpados, o repórter deve estudar o que é participio duplo (494) e ler a lista dos verbos que se enquadram nesse capítulo da gramática.

Em nosso idioma existem muitos verbos com dois participios, um regular, sempre terminado em *do* (*ado* para a 1ª conjugação, *ido* para a 2ª e 3ª), outro irregular, sempre mais curto que o regular e de terminação variável. Assim é que, por exemplo, há para o verbo *suspender* dois participios: *suspendido*, formado regularmente, e *suspensio*, de forma mais curta que o regular.

Em regra geral (uma boa gramática oferece e justifica as exceções) usa-se o participio regular com os verbos *ter* e *haber*, ou seja, na voz ativa; o participio irregular é usado com os verbos *ser* e *estar*, isto é, na voz passiva, ou em função predicativa ou meramente atributiva: "O diretor *tem* (ou *há*) *suspendido* muitos alunos" — "Muitos alunos foram *suspensos* pelo diretor" (*estão, ficaram suspensos*).

Um participio pode estar exercendo função predicativa sem que venha expresso no periodo o verbo de ligação, o que se dá com o predicativo do sujeito e com o predicativo do objeto, designações sintáticas estas que esperamos sejam conhecidas do repórter desavisado (665 e ss.): "*Suspensio* pelo diretor, *ele* *pediu* transferência" (predicativo do sujeito) — "Encontrei-o *suspensio* numa árvore" (predicativo do objeto).

Cremos poder, com essa ligeira explicação, dar passagens de notícias com as formas participiais já corrigidas: "Não tinham imprimido o número necessário de exemplares" — "Haviam imprimido só o primeiro caderno do jornal" — "Ritmo de renovação impresso pelo concílio à Igreja" — "Os afagos ficam-lhe impressos e fixos, por mais distraídos que sejam" — "...para diminuir a velocidade impressa pelos motoristas" — "...ignorando a rota impressa pelos anteriores governos revolucionários às declinações políticas" — "Em virtude de nova orientação impressa ao jornal". V. *participios duplos*.

Impronunciar, despronunciar - Conquanto de ordinário os prefixos *in* e *des* sejam pelos lexicógrafos considerados sinónimos, parece-nos — afirma Carlos Góis — haver de um para outro leve e ligeira discrepância: o prefixo *in* supõe a inexistência absoluta de determinado fato ou atributo, ao passo que o prefixo *des* pressupõe a cessação de determinado fato ou atributo que existia anteriormente. Tomemos para exemplo os vocábulos *impronunciar* e *despronunciar*, ambos de largo emprego na processualística forense. "*Impronunciar* o réu" é reconhecer desde logo a inexistência de base ou fundamento para a sua pronúncia; "*despronunciar* o réu" é alterar um julgamento anterior, em que o mesmo réu fora pronunciado, é inocentá-lo após haver sido inculcado.

Impudico - Palavra paroxítona: *impu-díco*.

Imundo - Talvez mais de curiosidade que de utilidade seja a explanação da origem desta palavra, explanação encontrada no "Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine" de A. Ernout e A. Meillet.

Mundus existe em latim como adjetivo e como substantivo. "Homo mundus" é homem limpo, são, elegante. Daqui a substantivação da palavra para indicar adorno, adereço, conjunto de objetos de adorno.

Seguindo o procedimento do grego, onde *kósmos* significa ordem, ornamento (donde o vernáculo *cosmético*) e também universo (donde *cosmografia*, *cosmogonia*...), o latim passou a indicar o universo, a ordem dos corpos celestes com o adjetivo correspondente ao grego, donde *mundus*, *i* com a significação de céu, universo, globo terrestre, a terra, as nações.

Tivemos em outros tempos *mundo* como adjetivo, a significar limpo, mas somente na forma composta "in-mundo" (não limpo) chegou até nós. Cabe aos ecólogos dizer que significação poderá um dia chegar a ter o primitivo adjetivo *mundo*.

In... - Não se pense que este prefixo latino sempre corresponde a "não"; como explicariamos o significado de *inflamar*, *inundar*? Vários sentidos pode *in* emprestar a uma palavra:

1. movimento para dentro: ingressar, incamerar, inscrever, inserir, imigrar (*in* + migrar).
2. negação, privação: injusto, independência, inimigo (*in* + amigo).
3. superposição, aplicação em cima: impor, instruir, inundar, incorrer, indigitar, inflamar, insolar.
4. repouso, permanência: insidia, insigne, insito.
5. direção, propensão, tendência: inferir, indício.
6. reforço, aumento, intensidade: infração, implorar, irradiar, irromper.

O *n* assimila-se (119 e ss.): in-lícito, ilícito, *ilícito*; in-real, *irreal*; in-material, *immaterial*, *imaterial*. Transforma-se em *m* antes de *b* e *p*: *imberbe*, *impotente*. Reduz-se a *i* por dissimilação, em virtude de existência de outro *n* na sílaba seguinte: *in* + gnorante, *ignorante*; *in* + gnomínia, *ignomínia*. V. *negativas*. V. *impronunciar*, *despronunciar*.

In aeternum - Locução latina que significa "para sempre", "para a eternidade": "Sua memória permanecerá *in aeternum*."

In artículo mortis - Loc. lat. que significa "em artigo de morte": "Tinha dos Sumos Pontífices muitas graças, para na mesma sua capela se batizar, confessar e dar a comunhão e a santa unção, e que todo que o servisse sete anos, morrendo em sua casa, fosse absolto de culpa e pena, *ao artigo de morte*."

Artigo tem na tradução de Vieira o significado latino de

época, momento, instante: articuli lunae, as fases da lua; *articuli anni*, as divisões do ano; *in ipso articulo temporis*, no mesmo instante, imediatamente; *articulos scio*, sei escolher as ocasiões.

In bocca chiusa non entró mai mosca - Provérbio italiano que significa "em boca fechada nunca entrou mosca", ou seja, que o silêncio não acarreta inconveniências.

In cauda venenum - Loc. lat. que significa "na cauda, o veneno"; no fim de uma carta, de um discurso, a malícia do autor; muitas vezes, "no etc. está o veneno".

In colour, en couleurs - *Em* emprega o inglês (*in colour*), *em* emprega o francês (*en couleurs*); vem o rapaz do jornal ou da televisão brasileira e empurra-nos "a cores".

Nunca assim se disse em nosso idioma; a expressão é "em cores": "Em que cores quer você a ilustração?" — Jamais se perguntou: "A que cores quer você a ilustração?" — "Quero em cores variadas", "Não quero em cores, mas em branco e preto" — são respostas corretas.

Das cozinheiras e dos anunciantes é que é difícil tirar esse *a*; difícil e desalentador, porque o seu linguajar acaba predominando nas rádios, nas televisões, com a água benta dos propugnadores da lingüística. Plagiando Camilo, podemos afirmar: Na literatura o que predomina é o verde, nos anúncios é o podre.

Consegue-se hoje a reprodução *em cores* (This permitted reproduction *in colour*). Na capa do Dictionnaire Usuel de Quillet está: Dictionnaire usuel *en couleurs*, não por ser em inglês *EM cor*, não por ser em francês *EM cores* é que se deve dizer em português *EM cores*; o *em* da expressão é justificado pelo próprio vernáculo. V. *em cores*.

In extremis - Loc. lat. que significa "no fim", "nos extremos", "nos últimos momentos".

In fine - Loc. lat. que significa "no fim"; emprega-se para indicar fim de página, de parágrafo, de capítulo, de livro, de verbete: "Veja a observação que se encontra no § 300, *in fine*".

In globo - Loc. lat. que significa "englobadamente", "em conjunto": "Em vez de limitar-se a definir *in globo* a grande época, mostra-nos seus diversos períodos".

In hoc signo vinces - Loc. lat. que significa "com este sinal vencerás", de uma inscrição que circundava a cruz de fogo vista no céu por Constantino quando marchava contra Maxêncio, em 312. Constantino colocou o sinal em seu estandarte, nos escudos, capacetes e armas de seus soldados. Algumas de nossas moedas antigas trazem essa inscrição para significar "com dinheiro tudo alcançarás".

In illo tempore - Loc. lat. que significa "naquele tempo", hoje empregada para indicar "em tempos que já se foram": "Isso era usado *in illo tempore*".

In limine litis (ou simplesmente *in limine*) - Loc. lat. que significa "no limiar do processo": "Apresentar um requerimento ou petição *in limine litis*" — "As razões foram rejeitadas *in limine*".

In loco - Loc. lat. que significa "no lugar", empregada para indicar reforçativamente a permanência num lugar, o testemunho visual de um fato: "Afirmo não por ouvir dizer, mas porque estive *in loco*".

In médio virtus - Loc. lat. que significa "a virtude está no meio", é preciso fugir dos extremos, nem tanto nem tão pouco, nem oito nem oitenta e oito.

In perpétua rei memoriam - Loc. lat. que significa "para lembrança perpétua do fato".

In perpétuum - Loc. lat. que significa "para sempre": "Unidos *in perpétuum*".

In petto - Loc. italiana que significa "no peito", no íntimo, secretamente: "sentimento guardado *in petto*", "resolução mantida *in petto*", "cardeal *in petto*" (cardeal de nomeação resolvida pelo papa, mas ainda não publicada).

In poculis - O mesmo que *inter pocula*, loc. lat. que significa "entre taças", enquanto bebe, no festim: "A decisão foi tomada *inter pocula*" — "O acordo foi firmado *in poculis*".

In sólídum - Loc. lat. que significa "por inteiro", "no todo",

"solidariamente". É geralmente empregada para expressar a responsabilidade total de um fiador.

In totum - Loc. lat. que significa "totalmente", "no todo": Eles concordaram *in totum*.

In vino véritas - Loc. lat. que significa "no vinho a verdade"; à loquacidade do embriagado junta-se a veracidade.

In vitro - Loc. lat. que significa "no vidro", empregada para indicar "fora do organismo", isto é, em vidros, tubos, provetas: "Experiência feita *in vitro*".

In vivo - Loc. lat. que significa "no vivo", ou seja, no ser vivo, no organismo.

Não confundir com a locução vernácula *ao vivo*, que significa *real*: "Transmissão *ao vivo*", transmissão direta, contemporânea de um fato.

"Inafastável" - Que dizer de extravagâncias como esta de "inafastável", quando temos adjetivo que isso designa, *irremovível*? Não é inovação que enriqueça o idioma. V. *lanchar*; V. *fazer caridade*.

Inalar - V. *Alambra*.

Inambu - V. *Anhembí*.

Inapto-inepto - Pode alguém ser *inapto* sem que seja *inepto*.

Diz-se *inapto* o simplesmente inábil, aquele a quem falta alguma aptidão. *Inepto* é o incapaz, o estúpido, o sem inteligência.

"Inatar" - Nenhum sentido cabe a esta novidade; não é de admirar que nenhum dicionário a traga. Se o *ser inato* consiste precisamente em *não ser nascido*, em *ser inciado*, como *fazer inatas*? Apenas um grande esgotamento nervoso ou um concentrado mau gosto justifica criações como essa, que será com vantagem substituída por *faz-se nascer, cria-se, suscita-se*.

Incendiar, incêndio - Aceitamos — não será demais repetir — a regularidade de todos os verbos em *iar* como freio a um fatal descabro para a conjugação dos verbos dessa terminação. A aceitar "incendeio" tão só porque existe *ódio*, preferimos conjugar *ódio*, o que não é novidade, para não cair logo a seguir em "comerceio", "agenceio", "remedeio", "sentencio", "penitencio-me", formas que denotam falta de escola ou relaxamento. Cremos ser mais acertado reprimir um erro do que regredir para formas já corrigidas hoje, como *alumeio*, que antigamente se conjugava "alumeio": "O ignorante e a candieia a si *queima* e a outros *alumeia* (O erro, hoje, de concordância está de acordo com o de conjugação).

A coerência é mais fácil a quem diz "ele *odia*", "ele *premia*", "ele *ansia*" do que a quem faz "odeia", "premeia", "ansia"; os que preferem a terminação *eia* não podem estranhar a conjugação "remedeia", "basofeia", "obsequeia", "alumeia", "penitencia-se".

A tendência para a regularização dos verbos em "iar" não constitui novidade.

Incidente - V. *acidente*.

Incipiente - Não confundir com *insipiente*. V. *insipiente*.

Incisão, incisivo, inciso - V. *cisão*.

Inclusive - Empregar *inclusive* com o significado de *até, até mesmo* ou com função prepositiva é erro que revela ser o redator mero escrevinhador falto de recursos sintáticos e esquivo de dicionários. *Inclusive* é advérbio latino correspondente à forma adverbial portuguesa *inclusiveamente*; é antônimo de *exclusive*: "Quero que você me copie este trecho até as palavras "mas não veio" *inclusive*."

Só deve empregar-se com função adverbial. "Cheguei ao capítulo dez *inclusive*". Seu condenável emprego por *até* encontra-se sempre de cambulhada com outros erros de gramática e com mais indícios de que o autor da notícia, do editorial, do relatório, do artigo não sabe expor o que pensa. Nosso rico idioma possui termos e locuções que expressam com fidelidade a intenção do escritor inexperiente ou desavisado, sem que o obriguem a mostrar que desconhece o significado do advérbio latino, termos e locuções que tornam a linguagem mais expressiva e harmoniosa e evitam a desagradável, a enfadonha repetição dessa palavra, que já se torna antipática.

Alguns exemplos:

Errado: ...o velho escritor ficou revoltado e ameaçou *inclusive* fisicamente. (Certo: ...e ameaçou *até* fisicamente).

Errado: ...tinha muito dinheiro; pede-se apenas a pasta com a documentação. Gratifica-se *inclusive*. (Não se sabe o que o dono da pasta pretende fazer antes de gratificar).

Errado: ...está usando da máxima liberalidade para com o Senador, *inclusive* dando a S. Exa. a palavra. (Certo: ...para com o Senador, *chegando a ponto de* dar-lhe...).

Errado: ...no resguardo das determinações maiores da população brasileira, *inclusive* com relação à receita. (Certo: ...da população brasileira, *até mesmo* com relação à receita).

Errado: ...declarou que precisava saber quanto tempo estava falando, *inclusive* pôs em dúvida a palavra do Presidente. (Certo: ...e *até* pôs em dúvida, e *chegou a pôr* em dúvida).

Errado: ...tendo *inclusive* alguns deputados hoje, no Palácio Tiradentes, criticado... (Certo: ... *ao ponto de* alguns deputados terem hoje...).

Errado: ...mostrou seu desagrado a respeito do mau estado da estrada, *inclusive* de seu constrangimento... (Certo: ...*além de* seu constrangimento...).

Errado: ...atenderá ao escoamento da produção não só dessas cidades, *inclusive* de extensa região da Zona da Mata. (Certo: ...dessas cidades, *mas também*...).

Errado: ...mas valerá no seu resultado para o país, oferecendo *inclusive* demonstração... (Certo: ...oferecendo *ao mesmo tempo*, oferecendo *além do mais*, oferecendo *até*...).

Errado: Há dezoito passageiros a bordo, *inclusive* quatro crianças. (Certo: Há dezoito passageiros a bordo *incluindo* quatro crianças).

Errado: Todos os alunos, *inclusive* o diretor, tentaram acertar o alvo. (Certo: Todos os alunos e o próprio diretor — e também o diretor — tentaram acertar o alvo — sem necessidade da vírgula nem neste nem no exemplo anterior).

A continuar esse linguajar crioulo, longe não estaremos do dia em que teremos de assim cantar nosso hino nacional: "Desafia o nosso peito *inclusive* a morte" — "Gigante *inclusive* pela natureza" — "Nem teme, quem te adora, *inclusive* a morte".

Que pretende dizer o jornalista quando redige "Lembre-mos *inclusive* de que..."? Quer ele incluir uma lembrança dentro de outras, ou quer dizer, com bom senso e em legítimo português "Lembre-mos-nos *outrossim* de que...", "Lembre-mos-nos *ainda (além disso, ademais)* de que...?"

A legítima significação de *inclusive* vem de longa data, pois já se encontra nas Ordenações Afonsinas: "Acontece algumas vezes, que he assignado termo ao Reo, que ata certo dia aja de aparecer em juizo, ou fazer algum outro auto Judicial, e bem assi a ho Autor, e recresce duvida ao Julgador, se aquelle dia, em que se acaba o dito termo, se entenderá *inclusive*, ou *exclusive*, que quer tanto dizer como se se comprehenderá em o dito termo, ou não, em tal guisa, que esse, a que tal termo for assignado, não seja theudo a aparecer em juizo em o dito dia." — Liv. 3, tit. 19.

O significado de *compreender*, de *colocar dentro* não se encontra em construções levianas e estropiadas como estas: "Realizar-se-á a reunião *inclusive* se chover" (em vez de *ainda que chova*) — "Chegaram a constituir *inclusive* uma caixinha para conseguir seus designios" (em vez de *chegaram até, até mesmo a...*) — "Ele assim agiu *inclusive* e principalmente no sentido de..." (Não se trata aqui de mau português, mas de falta de senso em quem não sabe o que quer dizer, coisa comum em quem emprega *inclusive* sem conhecer-lhe o significado) — "Não lhes foi possível falar com ninguém, *inclusive* com os jornalistas" (em vez de *nem ao menos, nem sequer*) — "O doente mostra *inclusive* sinais de recuperação" (em vez de *já mostra, chega a mostrar, mostra até*) — "Falei com o chefe *inclusive*" (em vez de *com o próprio chefe*) — "E lhe digo *inclusive*: Isso deixou de me interessar" (em vez de *digo-lhe mais, e lhe digo até, chego até a dizer-lhe*) — "A medida é benéfica *inclusive* para os professores" (em vez de *também* para os profes-

res, para os próprios professores).

Frases como essas estiolam o que é genuína e belamente nosso, para dar guarida ao que atrofia e deforma nossa língua. O conhecimento do idioma pátrio é cartão de visita, é carta de referência de todo e qualquer profissional.

Incluso - V. *junto*.

Incomensurável, imensurável - São palavras distintas. A primeira — técnica de matemática — designa o que não tem medida comum com outra grandeza, pois *comensurável* significa "que tem ou admite medida comum" e *comensurar* é "medir com a mesma unidade duas ou mais quantidades".

Imensurável designa o que não se pode medir de nenhum modo; não traz agora a palavra o prefixo *com*.

No linguajar comum, porém, vão-se empregando os dois adjetivos como sinônimos no sentido de *imenso, desmedido, que não pode se medir*. Que iremos fazer?

Inconteste, incontestável - Andam a empregar *inconteste* por *incontestável*, sinonímia que jamais houve no idioma. Por serem termos de uso especialmente forense, pode a confusão trazer sérias consequências. *Inconteste* (ou *incontestado*) significa simplesmente "o que não é contestado"; *incontestável* significa "que não pode ser contestado", indiscutível.

O erro equivale a confundir *inexausto* com *inexaurível*, *inexpiado* com *inexpiable*, *impune* com *impunível*, *inaudito* com *inaudível*, *inconfesso* com *inconfessável*, *indiviso* com *indivisível*.

Inconfinante - Com *e* na sílaba final. V. *bere-bere*.

Incretar, increção - *Ê* derivação perfeita. Precedida de *ex*, a forma participial latina *cretum* deu-nos *excretar, excreção*; precedida de *in*, dá-nos — como deu em latim — *increção, incretar*. É *incretar* o que não é peneirado. Se *excretar* é separar, segregar, joear, cirandar, *incretar* é o antônimo; se na *excreção* o objeto considerado passa, na *increção* ele fica dentro, vai para dentro. Não somente o latim, senão também o italiano aí está para apoiar-nos; é composto encontrado em publicações médicas, e na Itália o vernáculo e o latim são muito mais bem cuidados do que entre nós. Não tenhamos receio de redigir: "A insulina é *incretada* pelo pâncreas" — "A hiperglicemia determina maior *increção* insulínica".

Incrêtu - Feminino: *incrêta*.

Incrível - Superlativo sintético: *incredibilíssimo*.

"Incruar" - V. *encruar*.

Inda, inda que - V. *enradicado*.

Indagar - Se no uso vigente buscamos a regência ou as regências de determinado verbo, impõe-se um critério de pesquisa; precisamos ver a pessoa, o lugar e a época para não incorrer em pedantismos ou esquisitices nem nos arriscarmos a erro.

Indagar tem duas regências: *transitiva direta* — *indagar alguma coisa*: "No mesmo dia saiu a *indagar* a residência de Caetano" e *transitiva indireta* — *indagar de* ou *acerca de*: "Voltamos atrás para *indagar* um pouco das manhas e feitos do leigo".

Quando se expressa também a pessoa de quem se indaga (*indagar de alguém alguma coisa*), diz-se: "*Indagaram de mim* os acontecimentos" — "Impuseram-lhe que sofresse a natural curiosidade em *indagar da própria dama* os motivos da sua reclusão".

Indeferir - V. *aderir*.

Indefeso, indefesso - São parônimos traiçoeiros. Existem as duas palavras, cada qual com seu étimo e significado: *indefeso* é o indefenso, o sem defesa (prende-se ao verbo *defender*); *indefesso* — com dois *ss* — é o que não se cansa ou não está cansado: *indefesso* operário — cultivar com *indefessa* predileção as ciências (latim *fessus*, cansado).

Indefessamente (aqui estão os dois *ss*) temos recomendado a leitura do dicionário de Aulete, a qual traz, além do enriquecimento de vocabulário, o aprimoramento de estilo e o conhecimento de regras e recursos gramaticais; redatores e até professores não há que confundem *vultoso* com *vultuoso*? Leiamos, mais leiamos tudo: palavras como *mesa, mão, pé, coisa*; as preposições, os verbos, por mais conhecidos nos sejam, e veremos quanta novidade ele nos apresenta.

Indenizar - O significado deste verbo é *reparar, ressarcir, compensar*, conforme se encontra em nosso código civil (art. 772), "Pode retê-la (a coisa), porém, até que o *indenizem* das despesas..." e no de processo (art. 473, § ún.): "Ser-lhe-ão, porém, indenizadas as despesas úteis ou necessárias..."

Índice, índice - Por influência da Igreja, é empregada a forma do nominativo latino, que se pronuncia *índeks*, para indicar a relação de livros proibidos pela religião católica; por extensão, indica o rol de coisas ou pessoas não aceitáveis, vedadas em qualquer meio.

É seu plural *índices*.

O singular *índice*, com *ice* final, a semelhança de *cálce, apêndice*, é que deve ser usado nas demais acepções: *índice* de um livro; o *índice* da mão direita; o apito dos guardas de trânsito é *índice* de ignorância; o *índice* de uma raiz quadrada.

Índex, endez, endes - São mais usadas no Brasil as duas primeiras formas (que se acentuam *índez, endez*), justificáveis na grafia e na acentuação oxitona se lhes dermos por étimo o latim *indictum* (*ovum indicū*, ovo de sinal), uma vez ser frequente a troca do *i* inicial por *e* na derivação popular. *Endes*, paroxítono, é no entanto a forma que se encontra no Laudelino, mais usada em Portugal.

Índia - Adjetivos pátrios: *indiano, índio*. Quando primeiro elemento de adjetivo pátrio, assume a forma *indo*: *indo-europeu, indo-paquistanês*.

Índia Portuguesa - Adjetivos pátrios: *canará, canarês, canari, canariano, canarino*.

Indianápolis - Não é nosso intuito provocar ressentimentos de quem não conhece nosso idioma, nem talhar carapuças aos responsáveis pela redação de placas ou pela denominação de ruas desta ou daquela cidade, de distritos deste ou daquele estado; uma é recriminar, outra coisa ensinar. Quem se sente melindrado pelo que aqui aparece escrito, saiba que não somos responsável pelos calos alheios: se neles pisamos, não o fazemos para magoá-los, mas para mostrar a existência de uma enfermidade, de uma fraqueza que necessita remediada. Ademais, todos sabemos que o orgulho é o maior inimigo do saber, e, ao mesmo tempo, o maior indicio de ignorância.

Houve engano na denominação *Indianópolis* dada a um bairro de nossa capital. *Mirandópolis* constitui outro exemplo do descuido em procurar a correta forma de um neologismo. É sabido que os compostos gregos têm, na maioria, um *o* de ligação entre os componentes; mas este não é caso para aplicação dessa norma; trata-se de um nome híbrido, cujo primeiro elemento, vernáculo, necessita ser conservado em sua forma para que não se desvirtue o sentido do composto. Se queremos dizer "cidade de Pena", digamos — como corretamente fazemos — *Penápolis*. Se a cidade é de *Ana*, *Anápolis* será o correto; se de *Maria*, *Mariápolis*; se de *Mário*, *Mariópolis*.

Preendendo-se designar a "cidade de Miranda", *Mirandópolis* é que deveria ser o nome. Não é por haver *Paraisópolis, Nilópolis, Cosmópolis, Altinópolis, Heliópolis* que devemos aceitar *Mirandópolis, Divinópolis, Teresópolis*. A semelhança de *Anápolis, Penápolis*, as formas deveriam ser *Divinápolis* (cidade divina, e não cidade do Divino), *Teresápolis* (cidade de Teresa), *Mirandápolis*, cidade de Miranda, *Indianápolis*, para recordar a cidade de Indiana, dos Estados Unidos.

Sabemos que vigoram em certos países muitas para os que expõem ao público placas, anúncios e avisos com erros de vernáculo, e a multa varia com a gravidade do erro; uma concordância mal feita, uma flexão errada, um estrangeirismo — o que houver será proporcionalmente castigado por um censor inflexível.

É isso tudo muito lindo, mas muito difícil entre nós, que confundimos aula de português com aula de literatura. Para que de outrem exijamos algo, é mister que da coisa tenhamos conhecimento.

Indígena - Do latim *indu* (igual a *endo*, de *in*) mais *gignere*, nascer, nada tem que ver com *Índia*. Especifica essa palavra o que é nascido no país, quer se trate de homens quer de ani-

mais ou vegetais: *Planta indígena*, isto é, natural do país de que se fala, dando-se ao adjetivo o significado de *natural daí, nascido aí mesmo* (*endo, indu* são formas reforçativas de *in*, das quais a literatura latina conservou traços em outras palavras), pelo que, se um nosso vizinho inglês não é indígena do Brasil, ele o é de alguma parte da Grã-Bretanha; de igual forma, é tão indígena, referindo-nos ao Brasil, o cacique dos bororós como a criança que em qualquer parte de nossa pátria acaba de nascer.

Indignar-se - Têm as formas rizotônicas deste verbo acento e pronúncia idênticos aos do adjetivo *digno*: eu me *indigno*, tu te *indignas* etc. Constitui barbarismo dos graves a pronúncia "eu me *indiguino*", "ele se *indiguino*"; não existe um terceiro *i* nessas formas verbais; após o *g* vem logo o *n*, o que torna impossível a criticada acentuação (442).

O verbo pode construir-se transitivamente: "*Indigna-nos o seu procedimento*".

Índio - A denominação provém de um equívoco de Colombo que, ao tocar a ilha de Guanaami, pensou ter chegado às Índias. Cinco dias depois do descobrimento da América o grande almirante consignou em seu diário o seguinte trecho que nos foi transmitido por Las Casas: *Pedro Martin Alonso Pinzón, capitán de la Pinta, a cuyo bordo habia yo enviado tres de estos "indios", vino a verme...* Apesar de ainda em vida de Colombo se ter desfeito o seu engano, o nome ficou e foi conservado até hoje para designar os primitivos habitantes do Novo Mundo.

Essa é a razão por que se propôs, outrora, sem resultado, a palavra *amerindio* para melhor designar os índios da América. *V. hindu*.

Coletivo, quando formam bando: *maloca*; quando em nação: *tribo*.

Indiscrição - *V. descrição, discríção*.

Indo, Indostão - *V. hindu*.

Inepto - *V. inapto*.

Inerir - *V. aderrir*.

Infanticida, infanticídio - *V. marítida*.

Infarto - *V. enfarte*.

Inferir - *V. aderrir*.

Infiel - Superlativo sintético: *infidelíssimo*.

Infinitivo (precedido de *a*) - *V. ensinei-lhe a viver*.

Infinitivo pessoal - De certo tempo para cá a "última flor do Lácio" vem-se transformando no Brasil em "última escória do latim". Da borra lingüística resultante da expansão mais do que da decadência do império romano, borra que se depositou no fundo do tacho da península ibérica, duas línguas ainda se formaram e chegaram com os séculos a ter suas gramáticas. Não tiveram, porém, os dois últimos rebentos o mesmo tratamento; enquanto nossa irmã gêmea se cultivava e preservava da praga do analfabetismo, nossa pobre língua encontrava terreno sáfaro e desprotegido; nossa gramática se formou, mas cheia de exceções, repleta de equivalências, ou melhor, de divergências sintáticas, de criações e, a um tempo, de reduções, de esquecimentos, de confusões. Se as espanhas se reproduziram, uma gramática se fixou para dar-lhes cidadania, enquanto a língua portuguesa no Brasil vem, desde o passagem de Rui Barbosa, sendo tratada com incúria cada vez maior e, dessa incúria, o fatal desprestígio de sua gramática.

Se na América do Sul o mais adiantado dos pequenos países de língua espanhola teve um Sarmiento a fundar mais de mil escolas em seis anos de presidência (1868-1874), o único país de língua portuguesa tinha, sessenta anos depois, dentro da mais adiantada de suas províncias, somente três escolas de nível médio (o ginásio estadual da Várzea do Carmo, na capital, e dois outros ginásios estaduais em cidades do interior); só em 1936 foi criado o quarto ginásio estadual, em Piraju, para agradar o chefe político da região. Se naquele país o analfabetismo era de 18 por cento ao tempo em que o nosso superava 50, hoje, com toda a "mobralização" que nos preocupa, andamos, ao que dizem, na casa dos 20 quando aquele país tem apenas 2.

Em nossa terra, onde "aumento de escolaridade" passou a ser sinônimo de "diminuição de ensino", onde "criar vagas" é o mesmo que "reduzir horas de escola", a gramática, armação do edifício da língua de um povo, tinha de ser minada nos seus alicerces. Os ex-alunos do antigo ginásio da Várzea do Carmo aprendem de seus netos que no Brasil não existe língua senão lingüística, que nossa língua não deve ter gramática senão livros de leitura, que nosso idioma não se propaga por regras senão por fichas, que seu conhecimento não se revela por redação senão por testes. Gramática é para inglês, é para francês, é para italiano, é para espanhol; para português, não.

Com esse derrotismo não é de admirar a pusilanimidade de enfrentar certos problemas da nossa língua, mormente quando peculiares a ela, como o da pessoalização do infinitivo, ou seja, da conjugação do infinitivo de acordo com a pessoa do sujeito. Por que dizer "A tendência dos modernos estudiosos da língua é reconhecer que não há regras fixas e definitivas a propósito do assunto"? Ora! Sejamos mais sinceros e digamos: A conjugação do infinitivo é a maior prova de putrefação do nosso idioma ou, para maior suavidade, é consequência de confusão com o futuro do subjuntivo ou, ainda mais delicadamente, é resultante necessária da falta de escolas. Se em nenhum outro idioma provindo do latim o infinitivo é conjugado, como dizer que precisamos conjugar o infinitivo no nosso?

Clássicos nossos houve que, escrevendo em espanhol, flexionaram o infinitivo, mas o espanhol cortou o mal a tempo, sem dar atenção a argumentos insustentáveis de "eufonia", de "estilística", de "ênfase". Que procedimento é este de não ver eufonia em nossa língua nos mesmos passos existentes em línguas irmãs? Se com a maior naturalidade lemos uma passagem como "Voltemos atrás para INDAGAR um pouco das manhas e feitos do leigo", por que não aceitar como certo "Preferimos *odío* para não CAIR logo a seguir em *comerceio, remedio*"? Por que não aceitar como certo "A linguagem é o meio de que dispomos para, através das palavras, EXPRESSAR o nosso pensamento"?

Se compreendermos o "só" que inicia a regra de Frederico Diez, chegaremos à conclusão de que foi um alemão quem mais soube até agora notar o problema: "Só se flexiona o infinitivo quando é possível ser substituído por uma forma verbal, sendo indiferente que esse infinitivo tenha sujeito próprio ou não". O "só" que inicia a regra de Diez é justificativa da flexão e não imperativo que nos obrigue a flexionar o infinitivo sempre que seja conversível numa forma verbal; é como uma "desculpa" da distração, uma "escusa" da confusão com o futuro do subjuntivo.

Não flexionemos o infinitivo quando nenhuma necessidade vimos de o conjugar: "Curvam-se para BEIJAR a fimbria da sua estribe" — "Preparavam-se para MORRER" — "Precisávamos cavar o chão para OBTER água" — "Cometeram tais atrocidades para AGRADAR aos chefes" — "Grandes razões para CONVENCER-nos têm VV. SS." — "Já tivemos oportunidade de REFERIR-nos" — "Obrigai-nos a CONFESSAR que sois amigos dos brasileiros" — "Obrigando-os por via de tormento a RESTITUIR aquilo que tinham ocupado" — "Convidam os homens a PERSEVERAR na continuação do pecado" — "Forçou os inimigos a FUGIR" — "Pela capacidade em que ficam para VIVER fora da prisão" — "Não temos tempo nem papel para TRATAR do assunto" — "A linguagem é o meio de que dispomos para, através de palavras, EXPRESSAR o nosso pensamento".

É igualmente desprezível o argumento de que "o flexionamento serve de insistir na pessoa do sujeito"; como insistir na pessoa do sujeito se a primeira e a terceira do singular têm a mesma forma do infinitivo impessoal? A inconsistência do argumento faz lembrar a dos que diziam que a pronúncia "amámos" distingue o passado do presente "amámos"; que distinção é essa se na segunda con-

jugação não é necessária e na terceira é de todo impraticável?

Uma coisa é gramática, que aceita os fatos e procura agrupá-los para maior e mais fácil divulgação, outra é fazer considerações fugidias, como essas de "estilística", de "ênfase", de "subjativismo", de "seleção", de "insistência na pessoa do sujeito", considerações que nada ensinam, que nenhuma orientação oferecem a estrangeiros ou a filhos nossos que se põem a estudar a nossa língua.

A) Sempre fizemos eco à afirmação de nossos mestres de que a flexão do infinitivo é fato exclusivo do português: "Gerado na língua esse maravilhoso lusitanismo, um dos privilégios mais invejáveis do nosso idioma" (Rui Barbosa) — mas essa afirmação está a merecer reparos; continuamos a sustentar que a pessoalização do infinitivo em português é a mais convincente prova de deteriorização do nosso idioma; sustentamo-lo e vemo-lo cada dia mais reforçado diante das inteiramente infundadas, levianas, inconscientes flexões do nosso infinitivo. De jornais lidos estes dias temos estas inconveniências de flexão: "...quando viram os brasileiros *chegarem* em suas caravelas" — "Cabe aos psiquiatras *julgarem*" — "Acusados de *prepararem* boletins considerados subversivos" — "... dando às minorias o pleno direito de se *organizarem* e de *manifestar* seus pontos de vista" (fechando os olhos para os "pontos de vista", olhemos para o *organizarem*, flexionado, e logo a seguir para o *manifestar*, não flexionado).

Esta incongruência como aquelas flexões são provas encontráveis diariamente em trechos de redatores apressados, de prosadores descuidados. Nesses exemplos não cabe justificativa nem de clareza nem de harmonia, nem de precisão nem, muito menos, de economia de expressão, como se dá no húngaro, onde o infinitivo se flexiona de forma obrigatória, precisa e concisa, com um objetivo gramaticalmente determinado de que não se pode fugir. Se não, vejamos esta lição de Dom Gabriel Irossy, grande linguista húngaro.

Opera-se em húngaro a flexão do infinitivo com certos verbos, que chamaremos impessoais, formados de adjetivo, como "é preciso", "é bom", "é aconselhável", "é perigoso" etc. Tomemos por exemplo *kell*, que significa "é preciso"; ele é impessoal; corresponde à terceira pessoa do singular dos verbos impessoais portugueses; ele vai funcionar numa locução verbal — suponhamos "é preciso ir" — como auxiliar, e a forma da idéia principal — em nosso exemplo o infinitivo "ir" — é que irá flexionar-se para indicar a pessoa do sujeito. O verbo *ir* é em húngaro *menü*, onde temos o radical *men* acrescido da desinência do infinitivo *ni*. *Menni kell* significa, portanto, "é preciso ir".

Pois bem; aqui vem a flexão do infinitivo húngaro: Para dizer "é preciso eu ir", "é preciso tu ir", "é preciso ele ir" etc., a desinência *ni* do infinitivo é mudada por desinências correspondentes aos sujeitos, e temos, para cada uma das pessoas gramaticais: *mennem kell* (ir eu é preciso), *menmed kell* (ires tu é preciso), *menmie kell* (ir ele é preciso), *mennünk kell* (irmos nós é preciso), *menmetek kell* (irdes vós é preciso), *mennük kell* (irem eles é preciso).

Esse comportamento da língua húngara não permite que continuemos a afirmar constituir a flexão do infinitivo fato exclusivo da língua portuguesa. A distinção, repetimos, está em ela ser fato real, obrigatório, com significação e finalidade precisas na língua húngara, e procedimento muitas vezes leviano e sem a necessária determinação flexional do sujeito em português; tanto assim é que a forma da primeira pessoa é em nossa língua idêntica à do infinitivo impessoal e, ainda mais, a terceira do singular é idêntica à primeira.

Acompanhemos mais um pouco o padre Gabriel Irossy. Como em outras línguas, formas há em húngaro que se prestam para indicar o substantivo e o verbo. *Zar* é "fechadura" e também "ele fecha" (os verbos em húngaro são

citados na terceira do sing. do ind. pres.). É tão caracterizado o húngaro pelas desinências, que o possessivo do substantivo é indicado por flexão:

zárom - fechadura minha
zárod - fechadura tua
zára - fechadura dele
zárunk - fechadura nossa
zárótok - fechadura vossa
zárúk - fechadura deles

Se a forma verbal *zar* é "objetiva", isto é, referente ao sujeito e ao objeto, tem ela uma flexão (ind. pres.):

zárom
zárod
zárja
zárjuk
zárjátok
zárják

Se a conjugação é "subjativa", isto é, referente ao sujeito como em outras línguas, o presente do indicativo tem estas flexões:

zárók
zársz
zár
zárunk
zárótok
zárnak

E o infinitivo, quando seguido de adjetivo que indique "é preciso", "é bom", "é aconselhável", "é perigoso" etc., será:

zárnom
zárnod
zárnia
zárunk
zárótok
zárniuk

Cremos ter transmitido ao leitor, com fidelidade e clareza, a explicação do mestre húngaro do quanto são em sua língua características as desinências pessoais. Temos em português, é verdade, a pessoalização do infinitivo, mas ocorre em outras circunstâncias que tentaremos expor a seguir.

B) É verdadeiramente desconcertante para o professor de português o problema da flexão do infinitivo pessoal; tropeços enormes encontram-se para a própria exposição e explanação do assunto, e maiores ainda para a fixação, não dizemos de regras, mas de normas que possam guiar o leitor. Tal a barafunda de certas gramáticas, que o leitor chega a conclusões desesperadoras e, muitas vezes, falsas e nocivas, como esta: "Observadas tão somente as exigências da clareza e da eufonia, o emprego do infinitivo é facultativo".

Por mais escabrosa, no entanto, iremos explicar, procurando ser o mais possível claro e sintético, esta árida e árdua questão.

Há duas espécies de infinitivos: o impessoal e o pessoal. O impessoal é o infinitivo puro, é a forma nominal essencialmente substantiva do verbo; é inflexível. O PESSOAL é o infinitivo empregado com referência a um sujeito e — aqui nasce a dificuldade — em português ora é flexionado de acordo com a pessoa do sujeito, ora não é flexionado e se confunde com o impessoal. Quando flexionado, assim se conjuga:

por <i>ter</i> eu	por <i>termos</i> nós
por <i>teres</i> tu	por <i>terdes</i> vós
por <i>ter</i> ele	por <i>terem</i> eles

Fizemos anteceder as diferentes flexões do infinitivo da preposição *por* para evitar confusão com o futuro do subjuntivo, confusão de que, às vezes, nem todos sabem furtar-se: quando *tiver*, quando *tiveres*, quando *tiver*, quando *tivermos*, quando *tiverdes*, quando *tiverem*. Todos sabemos que somente nos verbos regulares as flexões do infinitivo pessoal são

idênticas às do futuro do subjuntivo (§ 459, nº 1, ao pé da página).

A flexão do infinitivo é notada nos mais antigos documentos da literatura lusa. Gil Vicente cometeu o erro de escrever em espanhol: "Tencis gran razon de *llorardes* vuestro mal" (Obras, II, 71). Alguns poetas do Cancioneiro Geral caíram no mesmo engano. Camões, que muito escreveu em espanhol, foi sempre correto.

Três vantagens temos na correta flexão do infinitivo: clareza na expressão do pensamento, pois a flexão sempre evidencia o sujeito; beleza, uma vez que a pessoalização do infinitivo oferece ao escritor mais largo ensejo para variar e colorir o estilo, dando mais ensanchas à linguagem; concisão, que sempre se encontra em subordinadas reduzidas (§ 904).

Foi Soares Barbosa o primeiro gramático que tentou regular o problema da flexão do infinitivo, formulando os dois seguintes princípios (Gramática Filosófica, 1803):

1. Flexiona-se o infinitivo quando tem ele sujeito próprio, diverso do sujeito do verbo regente; não se flexiona quando os sujeitos são idênticos.

Em resumo:

Sujeito próprio — flexiona-se

Sujeito idêntico — não se flexiona

Exemplos: Declaramos (nós) *estarem* (eles) prontos — Ouvi (eu) *chamarem-me* os amigos — Julgo (eu) *poderes* (tu) com isso — Assinei (eu) o "Estado" para *proporcionar* (eu) a meus filhos oportunidade de *lerem* (eles) artigos interessantes — Solicitamos (nós) não *deixarem* V. Sas. de *comprar* (V. Sas.) — Envio-lhe esta carta, que peço (eu) *assinarem* e *devolverem* (eles) — Solicitamos (nós) o obséquio de *enviarem* (V. Sas.)...

Outros exemplos: Peço aos meus amigos o obséquio de não *entrarem* — É louvável o desejo de *aprenderem* — Animamos a esperança de *trianfarmos* — Referi-me à intenção de *partirem* — Só me cabe aplaudir a resolução de *amparar* os pobres.

Em todos esses exemplos da primeira parte da regra de Soares Barbosa há sujeitos de infinitivos diferentes dos sujeitos dos verbos ou expressões de que dependem esses infinitivos.

Vejam agora exemplos da segunda parte da regra, em que os infinitivos não são flexionados por terem sujeito idêntico ao do verbo de que esses infinitivos dependem: Declaramos (nós) *estar* (nós) prontos — Declararam (eles) *estar* (eles) prontos — Julgas (tu) *poder* (tu) com isso — Julgo (eu) *poder* (eu) com isso — Temos (nós) o prazer de *lhe participar* — Tivemos (nós) a honra de *informar* — Eles tinham a certeza de *trianfar* — Tinham necessidade de tudo *declarar* — Ficam com liberdade de *movimentar-se*.

2. Continua Soares Barbosa: Flexiona-se ainda o infinitivo quando empregado como sujeito, predicado, ou complemento de alguma preposição, em sentido não já abstrato, vago, mas concreto, determinado — isto é, quando o infinitivo é empregado não em significação geral, universal, mas em referência a determinado, a especificado sujeito.

Exemplos em que o infinitivo é sujeito: O *louvares-me* tu me causa novidade — *Lutarmos* é o nosso dever — Não é necessário *pedires-me* tu isso — *Santificares-te* e *fazeres* o bem deve ser teu lema — O *falares* dessa maneira prejudicará o negócio — Sirva-nos de lenitivo à derrota o *termos resistido* com coragem — Era de crer que o *seguirmos*, os membros do segundo, a lição... — Bem custoso seria *resistirem* os inimigos a Tarik — Não é possível *assaltarem* esses perversos o arraial — Cumpre *avisares* Ruderico — É pouco provável *resistirem* os jovens à prova — Nem é menos de ver no meio do mar *sátre*m as águas e o fogo juntamente das nuvens — É certo *terem* partido os navios — Não é de prudência *dizerem-se* tais coisas publicamente — Não compete a vocês *queixarem-se* de nós — Como nos havia de ser defeso *recorremos* para a mesma serventia — Viu-se ao

longe, para a banda das serranias, *resplandecerem* as cumiadas das montanhas.

Exemplos em que o infinitivo faz parte do predicado: Nada mais surpreendente do que *verem-na* desaparecer — Os trabalhadores que acontecia *passarem* por ali.

Exemplos em que o infinitivo é complemento de alguma preposição ou locução prepositiva: Os maus, com se *louvarem*, não deixam de o ser — Em virtude de *estarem* entrando os despachos de setembro — A maneira de os alunos *estudarem* as lições — Eles, os homens, para se *desculparem* — As flores, além de *constituirem* matéria-prima — É tempo de *partires*.

C) Observe-se que: 1. Nos exemplos da segunda regra de Soares Barbosa os infinitivos pessoais determinados concretizam o verbo com relação ao sujeito, o que não aconteceria se viessem não flexionados: Fácil é *oenc*er — *Lutar* é o nosso dever.

2. Corolário evidente desta segunda regra é o princípio: Não se flexiona o infinitivo quando, empregado como sujeito ou predicado ou complemento de alguma preposição, é tomado em sentido vago ou não necessita, para clareza, de flexão indicativa do sujeito: Imaginavam que *seguir* metáforas é *descabeçar* adágios — *Pede-se* aos senhores passageiros a fineza de, ao *entrar* ou *sair*, *fechar* as portas do elevador.

3. Pode-se seguramente afirmar: Também quando objeto o infinitivo se flexiona, quando empregado em sentido determinado e quando necessária a flexão para determinação do sujeito: Perdoe-te o céu o *haveres-me* enganado.

D) Ótimas seriam as duas regras de Soares Barbosa, se esses somente fossem os casos de emprego do infinitivo; tanto não são elas completas que Camões, como todos os clássicos e modernos representantes de nossas letras, apresenta exemplos que a elas não se adaptam. Camões escreveu: "Folgarás de *veres*" — construção que contraria a primeira regra de Soares Barbosa, pois os sujeitos são idênticos (Folgarás — tu — de veres — tu). Bernardes escreveu: "Que traça dariam para todavia *comerem* até fartar-se?" — onde, não obstante serem idênticos os sujeitos, o infinitivo está flexionado. Castilho redigiu: "Assaz mostraste *seres* cabal..." — flexionando o infinitivo, quando o sujeito é o mesmo do verbo *mostraste*: tu.

E) Aparece então outra regra, trinta e três anos depois da de Soares Barbosa, formulada por Frederico Diez (pronuncie *diiz*), em sua "Grammatik der Romanischen Sprachen" (Gramática das Línguas Românicas — 1836-1844), procurando justificar exemplos e mais exemplos:

"Só se flexiona o infinitivo quando é possível ser substituído por uma forma modal, sendo indiferente que esse infinitivo tenha sujeito próprio ou não": Alegram-se por *terem* visto o pai (alegram-se *porque* *vram*) — Afirmando *terem* chegado os navios (*que* *chegaram*) — Que mal te fiz eu, ó meu Deus, para não me *deixares* (para *que* não me *deixes*) — Deviam persegui-lo sem descanso nem tréguas até o *cativarem* (até *que* o *cativassem*) — Ficaram feridos até *conseguirem* reaver (até *que* *conseguissem* reaver) — Que traça dariam para todavia *comerem* até fartar-se? (para *que* *comessem*) — Que também esses se ergam, para *pelejarem* batalhas tremendas (para *que* *pelejem*) — Guarda o para o *empregares* melhor (para *que* o *empregues*) — Trabalha, meu filho, para *agradarem* tuas obras a Deus (para *que* *agradem*) — Leis que se fazem para se não *cumprirem* (para *que* não se *cumpram*) — A cidade de Goa não queria largar seus ossos para se *trasladarem* à de Lisboa (para *que* se *trasladassem*) — Grandes razões para nos *convencerem* têm V. Sas. (para *que* nos *convençam*) — Sem que tal circunstância obrigue os amigos a *efetuarem* (a *que* *efetuem*) — O governo obrigou as fábricas a *produzirem* (a *que* *produzissem*) — Temíamos por *sermos* homens (*porque* *éramos* homens) — Já tivemos oportunidade de nos *referirmos* (de *que* nos *referissemos*).

Para terminar a série de exemplos: Acreditando tu não me *teres* ofendido (*que* não me *ofendeste*). A redação "Acre-

ditando tu não me ter ofendido" traria sentido reflexivo ao verbo *ofender*, fazendo supor seu sujeito a primeira pessoa: "...não me ter (eu) ofendido" — quando não é esse o sentido que o autor quer dar à frase. A flexão aí se impõe, já por ser conversível a forma nominal em forma modal, já por a exigir a clareza. Vejamos estoutro exemplo de Herkulano: "Os dois dias que me pediste para chorares o teu cativoiro" (*para que chorasses*); a não flexão do infinitivo não evidenciaria com precisão o sujeito.

F) Uma observação se impõe à regra do filólogo alemão, pois precisamos compreender o "só" que a inicia: A regra é justificativa da flexão e não imperativo que nos obrigue a flexionar o infinitivo sempre que seja conversível numa forma modal. Achando um autor que o infinitivo, embora conversível numa forma modal, nenhuma necessidade sofre de flexionar-se, pode deixá-lo não flexionado: "Curvam-se para beijar a fimbria da sua estribeira" — "Preparavam-se para morrer" — "Precisávamos cavar o chão para obter água" — "Cometeram tais atrocidades para agradar aos chefes" — "Grandes razões para convencer-nos têm V. Sas." — "Já tivemos oportunidade de referir-nos" — "Obrigai-nos a confessar que sois amigos dos brasileiros" — "Obrigando-os por via de tormento a restituir aquilo que tinham ocupado" — "Convidam os homens a perseverar na continuação do pecado" — "Forçou os inimigos a fugir".

Confrontando as regras de Soares Barbosa com a de Diez, pode o leitor fazer estas considerações:

G) 1. É interessante notar que Diez encarou o problema por faces inteiramente diferentes.

2. A nova regra vem justificar grande número de legítimos exemplos que não se amoldavam às regras de Soares Barbosa: "Folgarás de veres" (de que vejas) — "Mostreste seres cabal" (que és cabal) — "Que traça dariam para todavia comerem...?" (para que comessem).

Quer isso dizer que, ao mesmo tempo que esclarece o assunto, vem chocar-se com a regra de Soares Barbosa, pois justifica a possibilidade da flexão do infinitivo em casos em que os sujeitos são idênticos.

3. Mesmo chocando-se numa parte, esclarece, por outra, o problema, servindo ambas de "fio condutor no labirinto do uso clássico do infinitivo flexionado".

H) Ficam ainda essas duas normas aquém dos fatos, os quais, em grande variedade e incerteza, não se subordinam à disciplina gramatical. Contra a teoria de Soares Barbosa insurgem a cada passo fatos de incontestável veracidade clássica, muitos dos quais vão igualmente fazer rosto ao eminente gramático alemão. Por exemplo: "Não nos deixeis cair em tentação" — "Deixai vir a mim os pequeninos" — "Fazei-os sentar" — são construções em que os infinitivos *cair*, *vir*, *sentar* têm sujeito próprio (vão, pois, contra a regra de Soares Barbosa), e podem ser substituídos por formas modais (contrariando, dessa forma, ao mesmo tempo, a regra de Diez).

Notemos, ainda, exemplos como estes: "Alguns mancebos mais destros fingiam acometer-se, pelejarem, vencerem, serem vencidos" (Herculano) — "Assaz mostraste seres cabal para dizer verdades" (Castilho). Os infinitivos *acometer* e *dizer* tinham os mesmos motivos que os outros (*pelejar*, *vencerem*, *serem* — para o primeiro exemplo — e *seres*, para o segundo) para se flexionarem. De semelhante liberdade encontramos frequentes exemplos nos clássicos.

Vê, pois, o leitor a insuficiência das duas regras tradicionais sobre o assunto; daí a necessidade de outras normas que expliquem e convenientemente justifiquem exemplos que contrariam os dois citados mestres.

I) **LOCUÇÃO VERBAL** — 1. Deve o leitor aceitar que as regras dos eminentes mestres são, antes de regras, justificativas da pessoalização do infinitivo. *No caso de serem idênticos os sujeitos, devemos recorrer à forma flexionada somente quando o exigir a clareza.*

Inútil e, conseqüentemente, errada será a flexão toda a vez que o infinitivo formar com o verbo subordinante

uma locução verbal (§ 513), isto é, quando o infinitivo vier intimamente subordinado ao verbo de que depende.

Construções como: Desejamos *comprarmos* livros — Desejando V. Sas. *comprarem* livros — Lamentamos não *podermos* — Estão merecendo *serem* — Acham-se em mau estado, devendo *serem* substituídas — Esperando *sermos* atendidos — são construções inteiramente obtusas; nelas os infinitivos tornam-se como partes essenciais do verbo de que dependem, como, mutatis mutandis, os termos que concorrem para a formação de uma locução adverbial: É tudo um só verbo e, por conseguinte, só o primeiro se flexiona. Os infinitivos *comprar* (para os dois primeiros exemplos), *poder* (para o terceiro) e *ser* (para os três últimos) dependem, intrinsecamente, das formas verbais *desejamos*, *desejando*, *lamentamos*, *estão merecendo*, *devendo*, *esperando*.

2. Entram no rol das locuções verbais exemplos como estes: "Tinham muito com que se alegrar" — "Tiveram bastante com que se ocupar". — Há nesses exemplos elipse do verbo *poder*, que forma com o infinitivo da oração a locução verbal: "Tinham muito com que se (*pudessem*) alegrar" — "Tiveram bastante com que se (*pudessem*) ocupar".

Quando tem o mesmo sujeito do verbo subordinante, o infinitivo não necessita flexionar-se se nenhuma exigência houver para a clareza. Se é fácil, pelo menos por ora, notar que são obtusas construções como "desejamos comprarmos", "lamentamos não podermos", "devem serem atendidos", "deveriam compreenderem", "irão logo serem atendidos", pode escapar-nos a inconveniência da flexão do infinitivo em passagens como estouras: "gastam cerca de quatro horas para FAZEREM o percurso", "tinham muito com que se OCUPAREM". Nem naquele nem neste passo o infinitivo — ainda que conversível em modo finito (justificativa de Frederico Diez) — necessita flexionar-se, dada a existência de um único sujeito.

Outros exemplos — todos tirados de jornais — aqui transcritos sem a injustificável pessoalização do infinitivo: "...mas estão totalmente equivocados ao PENSAR que podem criar problemas" — "...médicos que são imprecisos ao EXPRESSAR os diagnósticos" — "...e vão mais longe ao AFIRMAR que..." — "Bons governadores e diretores que se prezam de o SER devem..." — "Encontram-se eles em condições de EQUIPAR os veículos com rádios transmissores e de MONTAR uma central de comunicação" — "Ficaram impedidos de ATRAVESSAR a rua" — "... pelas empresas estatais impedidas de REALIZAR aumento de capital por subscrição pública" — "...missionários proibidos de ASSISTIR índios" — "...empresas interessadas em EMPREITAR serviços de transporte por ônibus".

O abuso da flexão chega a parecer-nos que o redator julga cometer erro de concordância se não pluralizar o infinitivo; nada disso; o erro está em não saber ele o que é infinitivo e em não conhecer as poucas regrinhas a que se subordina sua flexão.

J) **ORAÇÃO INFINITIVO-LATINA** — Quando o infinitivo juntamente com o seu sujeito (quer realmente expresso, quer substituído pelo correspondente pronome oblíquo) constituem oração infinitivo-latina, o infinitivo é empregado na forma não flexionada, não obstante as regras dos dois mestres: "Não nos deixeis cair em tentação".

Vê o leitor que essa construção não se enquadra nas normas de Soares Barbosa (são diferentes os sujeitos) nem na de Frederico Diez (o infinitivo é conversível numa forma modal: Não deixeis *que caíamos*); não obstante, é tal construção legítima e usual: Fazei-os *parar* — Os raios matutinos faziam *alvejar* os turbanes — Viram *desaparecer* os godos — Vendo (ele) *voltear* ante si as imagens risonhas do opróbrio — Mandou-os o Senhor *pregar* pelo mundo — Que nem no fundo os deixa *estar* seguros — Deixai *vir* a mim os pequeninos — Napoleão viu seus batalhões *cair* — Vi os navios que partiam *desaparecer* no horizonte — Vejamos do ar *cair* as nuvens e as neves.

Rara e excepcionalmente aparece a forma flexionada, como nestas passagens do Poeta: "E verão mais os dois amantes míseros *ficarem* na fêrvida e implacável espessura" — "Que eu vos prometo, filha, que vejais *esquecerem-se* gregos e romanos pelos ilustres feitos". Mas todos nós sabemos o que está na Arte Poética (9, 10): Aos poetas tudo é permitido.

"Não deixe os outros ENTRAR" — assim se diz, e não: "Não deixe os outros entrarem". Quando se apresenta um infinitivo (*entrar*) com sujeito próprio (*os outros*), dependente de um verbo (*deixe*) que tem outro sujeito (*você*), o infinitivo não se flexiona. Outros exemplos: Mandei os meninos SAIR — Ouvi as cornetas TOCAR — Senti duas pedras BATER em mim — Vi os homens DESCARREGAR o material — Fazia os alunos COPIAR as perguntas — Deixemos os garotos BRINCAR.

A ordem dos termos de orações assim construídas (a construção tem o nome de *sujeito acusativo* e opera-se com os verbos *deixar, fazer, mandar, ouvir, sentir, ver*) não impede que sigamos esse cuidado de não pessoalizar o infinitivo: "Deixai VIR a mim os pequeninos" (o sujeito — *pequeninos* — está posposto ao infinitivo) — "Não nos deixeis CAIR em tentação" (o sujeito — *nos* — está anteposto ao primeiro verbo).

Tampouco impede sigamos a correta impessoalização do infinitivo o vir o sujeito expresso por pronomes oblíquos acusativos, como acabamos de ver na Oração do Senhor; outros exemplos: Fi-los ESCREVER — Mandaram-nos SAIR — Senti-os ADORMECER — Vejamo-los PARTIR — Não os ouvimos CANTAR. Fugir desse procedimento em orações de sujeito acusativo (também chamadas *orações infinitivo-latinas*) é demonstrar falta de estudo de gramática ou, pelo menos, de leitura de quem sabe escrever.

Num jornal encontramos: "Os policiais destacados para o primeiro posto paulista da Fernão Dias ficam apenas observando os caminhões PASSAREM com excesso de peso, sem PODER fazer nada".

Quando errou o noticiário? Ao flexionar *passar* ou ao não flexionar *poder*?

Sempre que na ocorrência de dúvida de flexão do infinitivo notarmos que nenhuma necessidade há para clareza de pessoalização, deixemo-lo invariável. Com a naturalidade com que não flexionou *poder*, podia e devia ter o jornalista redigido "observando os caminhões *passar*", por ser oração infinitivo-latina, ou por outra, oração com sujeito acusativo; o infinitivo permanece invariável: "mandei-os *sair*", "fi-los *trabalar*", "vi os meninos *correr e desaparecer*" e "deixai os pequeninos *vir até mim*", "não nos deixeis *cair* em tentação", "observando os caminhões *passar*".

Quando nas orações infinitivo-latinas em que o sujeito é expresso por um oblíquo o infinitivo for constituído de verbo pronominal, manda a eufonia (a eufonia é decorrência do uso) que não se empregue o oblíquo do pronominal. Assim é que não dizemos: "Fazendo-nos sentar-nos junto de si" nem, "Fazendo-nos sentarmo-nos" (construção arripian-te), mas, simplesmente: "Fazendo-nos *sentar*".

Ouçamos para o caso o professor Álvaro Guerra: "De boa sintaxe, pois, são os seguintes torneios de elocução: "Faz-me *recordar* do passado" — "Faz-te *arrepender* dos teus crimes" — "Fazia-nos *curvar* ante a sua majestade" — em vez de: "Faz-me *recordar-me* do passado" — "Faz-te *arrepender-te* etc. A duplicação do pronome átono, em tais expressões, evita-se simplesmente por eufonia. A mesma sintaxe, aliás, se nos oferece com os verbos *mandar, deixar, ver, ouvir* etc., quando, conjugados ou não, regem um infinitivo em idênticas condições: "Mandou-nos *sentar*" — "Deixou-nos *levantar*" — "Viu-nos *deitar*" — "Ouviu-nos *queixar da sorte*" — "Ele não nos *deixará enganar*".

Embora somente o pronome reto deva funcionar como sujeito, há esse caso em que o oblíquo desempenha essa função. Tal se dá em orações em que entram os verbos *deixar, fazer, mandar, ouvir, sentir* e *ver* quando esses verbos têm, como

objetos, outros verbos no infinitivo: "O médico fê-LA *andar*" — "Mandei-O *entrar*" — "Deixaram-ME *sentar*".

Não é intenção de quem diz "Vi um homem *morrer*" declarar que "viu um homem" mas, sim e unicamente, que "viu *morrer*"; *morrer* é que é o objeto de *viu*.

"Mandei o menino *assobiar, cantar e, finalmente, sair*" — é oração em que se atribuem ao verbo *mandar* diversos objetos, constituídos pelos infinitivos *assobiar, cantar* e *sair*, dando-se-lhes um mesmo sujeito: *menino*.

Substituindo-se, em qualquer construção semelhante à dos exemplos acima, o sujeito do infinitivo pelo correspondente pronomes pessoais, este irá aparecer na forma oblíqua: *vi-o morrer, mandei-o assobiar*.

Outro exemplo de sujeito acusativo temos em orações como "Maria *deixou-se ficar*". Aqui o *se* é realmente sujeito, mas sujeito acusativo, ou seja, sujeito de um infinitivo; tem função etimologicamente certa, que não pode ser confundida com a profligada "função francesa do *se*". 406.

Pelo fato de nessas orações aparecer na forma oblíqua acusativa o pronome, não nos devemos deixar enganar na sua análise; o "o", o "la", o "me", o "se" dos exemplos dados não são objetos diretos; objeto direto do verbo principal é toda a oração infinitiva, juntamente com o respectivo sujeito no caso acusativo. Tais sentenças nossas constituem legítimos exemplos de *orações infinitivo-latinas*.

Não somente sentenças nossas poderemos apresentar dessa construção latina, mas — hoje facilmente compreensíveis para muitos — sentenças inglesas, e em número maior porque o inglês a emprega com mais verbos que o português. A diferença está no seguinte: Enquanto as crianças de língua inglesa aprendem e fixam desde os mais tenros anos a construção "He wants *me* to tell you that..." ("Ele manda-me dizer-lhe que...), nós com desanimadora frequência ouvimos "ele manda *eu* dizer...", "mandei *ela* sair". Se falta de escolas é realidade entre nós, desprezo de gramática é realidade da "língua brasileira".

"Forçam os jovens a pensar antes de promover desordens" — assim estava no jornal, e o redator merece elogios por não ter flexionado nenhum dos dois infinitivos. De fato: a) não pessoalizou o primeiro (*pensar*) porque *forçar* é dos verbos portugueses que exigem *a* antes do infinitivo (GR. METÓDICA, § 683, 4, e) e, pois, *jovens* continua sendo sujeito acusativo (§ 926); b) não pessoalizou o segundo (*promover*) porque tem sujeito claro, é o mesmo do verbo anterior (METÓDICA, § 921, obs.): Obriguei-os a *estudar* antes de *partir* para as férias — Convidamo-los a *vir* até nosso escritório para de *tomar* qualquer decisão.

Outro deve ter sido o redator que no mesmo jornal, e com a mesma naturalidade, aterrorizou este solecismo: "Como poderão o congresso e o presidente trabalharem juntos?" Sim, senhor; a que atrocidades estamos sujeitos: eles *poderão trabalhar*, nós *vamos cuidar*mos, *devemos pensar*mos... E dizer que houve quem reclamasse de nossa conclusão publicada anos atrás: "A conjugação do infinitivo é a maior prova da pureza do nosso idioma ou, para maior suavidade, é consequência de confusão com o futuro do subjuntivo ou, ainda mais delicadamente, é resultante necessária da falta de escolas".

K) 1. PREPOSIÇÃO E INFINITIVO — 1) Quando o infinitivo, juntamente com a preposição *a*, equivale ou a um *particípio presente* latino (Flores a *recender* cheiros — flores *recendentes*) ou a um *gerúndio* (Andavam a *entrar-lhe* por casa — andavam *entrando*), usa-se a forma não flexionada: Seculares a *desfrutar* cinco ou seis abadias — Flores a *recender* cheiros vários — E tu a *reprovar* — Os santos a *pregar* pobreza, a *persuadir-lhe* humildade — Todos trabalhavam, mas uns a *construir*, outros a *destruir* — Nós a *esclarecer* o assunto, vós a *simplesmente negar* — ... um epicentro de crise institucional, com ondas a *se propagar* pelo resto do país.

2. Mesmo que o infinitivo regido da preposição *a* constitua complemento de substantivo ou de adjetivo, empregase, de preferência, a forma não flexionada: Destinados a

conseguir grandes coisas — Fadados a *passar* — Tendentes a *submeter* — Condenados a *pagar* pesada multa.

A mesma preferência tem o infinitivo não flexionado quando constitui complemento de substantivo ou de adjetivo, qualquer que seja a preposição: Estâncias de propósito *fabricadas para hospedar* os peregrinos — *Penas para escrever* cartas — *Instrumentos para lavar* a terra — *Desejosos de alcançar* vitória — *Olhos cansados de a chorar* — O *direito* que nos cabe *de ser* ciosos de nosso idioma.

Preparados para SOFRER — Assim devemos dizer, sem flexionar, por completamente desnecessário, o infinitivo: "Avisados para *partir* de madrugada, cuidaram de dormir cedo". Nem beleza nem clareza existem na pessoalização de infinitivos dependentes de participios já pluralizados: cansados *de sofrer*, ansiosos *por chegar*, destinados a *conseguir* grandes coisas, fadados a *não passar*, inclinados a *desenhar*, preocupados com *deixar* tudo em ordem, penalizados *por ver* tanta desgraça, empenhados em *socorrer* as vítimas.

Acusados de ESTAR — É outro exemplo de completa desnecessidade de flexionar o infinitivo. Qualquer que seja a preposição, o infinitivo não deve vir flexionado quando complemento de substantivo, de adjetivo, de participio: fadados a *MORRER* — enviados para *IMPEDIR* o alastramento da doença — desejosos de *ALCANÇAR* — cansados de *PEDIR* — Cabe-nos o direito de *RECLAMAR* — duros de *ROER* — cartas *por ESCREVER*.

A pessoalização do infinitivo dos nossos verbos, fenômeno gramatical de procedência duvidosa, deve limitar-se aos casos de real necessidade de evidenciar, de identificar, de indicar o sujeito, e não subordinar-se a caprichos de estilo. "Os jovens viciados em ver televisão aprendem desde cedo a cartilha da violência, tornam-se incapazes de *RACIOCINAR*, de *REDIGIR* a frase mais simples" — é a construção portuguesa, limpa da extravagante e tola flexão dos infinitivos.

"Temos liberdade de *CONSERVAR* o processo seletivo" — "Temos capacidade de *EXERCER* nosso mister" — "Somos capazes de *ENFRENTAR* a situação": Onde a necessidade de flexionar o infinitivo? Ante a falta de escolas, ou melhor, de professores que se dêem ao trabalho de preservar a última flor do Lácio, longe não estamos da construção "nós vamos esforçarmo-nos", "devemos fazermos", "vão todos plantarem batatas".

Estradas difíceis de PASSAR — Também não se flexiona o infinitivo que, complemento de substantivo ou de adjetivo, tem sentido passivo: Ossos duros *de ROER* — Cartas *por ESCREVER*. Nem Soares Barbosa nem Frederico Diez nem ninguém encontraria justificacão para a pluralizacão do infinitivo nesse caso.

L) POSIÇÃO — DISTÂNCIA — Quando um infinitivo preposicionado precede ao verbo regente ou quando, quer preposicionado quer não, vem distanciado do verbo regente, a clareza permite a flexão mesmo no caso de serem idênticos os sujeitos.

Exemplos de infinitivo preposicionado antes do verbo regente: Para se *consolarem*, os infelizes dormiam tranquilos — Na expectativa de *sermos* atendidos, muito lhe agradecemos.

Exemplos de infinitivo distanciado: *Possas* tu, descendente maldito de uma tribo de nobres guerreiros, implorando cruéis forasteiros *seres* presa de vis aimorés — *Deviam-no trazer* todos vocês nas palmas, *dar* mil graças aos céus, e *acabarem* de crer — *Foram* dois amigos à casa de outro a fim de *passarem* as horas da sesta — *Viam-se lampejar* as armas nos visos dos dois últimos outeiros que por aquela parte rodeavam o campo, e *agitarem-se* ondas de vultos humanos e *sumirem-se*, onda após onda — As aves aquáticas redemoi-nhavam nos ares ou pousavam sobre as águas, e *pareciam*, nos vãos incertos, ora vagarosos, ora rápidos, *folgarem* com os primeiros dias da estação.

Vê o leitor que a intercalação de palavras ou frases entre o verbo subordinante e o infinitivo pode causar a flexão:

"Quando, na redacão da frase, grande número de palavras mediam entre a primeira e a segunda forma infinitiva, nem sempre fere o ouvido o supérfluo e inconveniente da flexão a esta desnecessariamente impressa" (Rui). — Ao mesmo tempo que permite, acha Rui desnecessária a flexão; o ouvido se esquece da subordinacão, e daí provém a supérflua e inconveniente flexão do infinitivo.

Vejamos mais este exemplo em que, como em outros dados logo acima, o primeiro infinitivo, por vir próximo do verbo subordinante, encontra-se na forma não flexionada, e estão flexionados os outros infinitivos por se distanciarem do verbo subordinante: Praza a Deus que Bolívar, San Martín, Nabuco e tantos outros *continuem* a *imitar* os servos deste Novo Mundo, a *prosseguirem* na sua marcha e a *manterem* vivo o fogo... — Releiamos o exemplo sem flexionar os dois últimos infinitivos e veremos que é realmente "supérflua e inconveniente" a flexão.

Repisemos o assunto: "Depois de *SERRAREM* as grades e *FAZER* uma "teresa" (corda com lençóis e camisas), oito presos fugiram ontem de madrugada da cadeia de Itapeçrica da Serra".

Não conhecemos o delegado da cidade paulista nem sabemos se ele ou outrem redigiu a noticia. Conquanto encontrável a incoerência em autores de maior autridade linguística do que policial, o exemplo evidencia a insegurança e a um tempo a desnecessariedade da concordância do primeiro infinitivo. Se também *fazer* se refere ao sujeito "presos" e nenhuma dificuldade de compreensão traz na forma pessoalizada, por que flexionar o primeiro infinitivo?

Nesta segunda noticia — pelo menos o delegado é outro — vemos agora dois infinitivos abusivamente flexionados: "Quinze presos fugiram ontem de madrugada depois de *DOMINAREM* os dois carcereiros e *ENGANAREM* a equipe de segurança externa do prédio". Não cabe agora basear a concordância do infinitivo no distanciamento do sujeito. Dêem à flexão o nome de distracão, de esquecimento, até mesmo de erro; não tentem porém justificá-la com o afastamento do agente da ação verbal: infinitivo não é bola que se chute de acordo com a distância.

M) *PARECER* — Tanto podemos dizer "Eles *parecem estar* doentes" como "Eles *parece estarem* doentes".

No primeiro caso (Eles *parecem estar* doentes) o verbo *parecer* está empregado como verbo de ligacão, sendo seu predicativo "estar doentes": *Eles* (sujeito) *parecem* (v. de ligacão) *estar doentes* (predicativo).

No segundo caso (Eles *parece estarem* doentes) o verbo *parecer* está empregado intransitivamente, isto é, com sentido completo, e é seu sujeito "estarem doentes" — equivalendo a oracão a "Estarem eles doentes parece" ou "Que eles estão doentes parece".

O verbo *parecer*, pois, quando o sujeito da oracão está no plural, faculta estas duas construcões: 1. Eles *parecem* estar doentes — 2. Eles *parece estarem* doentes. Nada, portanto, deverá estranhar-nos a flexão do infinitivo quando o verbo *parecer* estiver no singular, nem a não flexão do infinitivo quando o verbo *parecer* vier no plural: Escudos que os compridos saios de malha *pareciam tornar* inúteis — *Que pareciam desprezar* as tribos berberes — *Que parece entoarem-lhes* já o hino da morte — Lanças que *parecia encaminharem-se* — Os quais lhes *pareceu dirigirem-se* para os lados do celebre mosteiro — Tais condições me *parecia reunirem-se*.

N) *EXCLAMAÇÕES E INTERROGAÇÕES* — Nas exclamações e nas interrogações o uso do infinitivo flexionado mostra que se quer referir a ação em especial a certo sujeito: Tu, Hermengarda, *recordares-te*? — *Assassinares* uma fra-ca mulher!

O) *ADVERTÊNCIA* — Não confundamos o infinitivo pessoal com o futuro do subjuntivo; em "Ganharemos se *merecermos*" não existe infinitivo mas futuro do subjuntivo. A confusão diminui, ou melhor, desaparece quando o verbo é dos irregulares que trazem essas formas verbais diferentes; prestam-se, por isso, para a verificacão do real tempo

empregado: "Ganharemos se *fizermos* (jamais *fazermos*) dois pontos" — o que demonstra ser futuro do subjuntivo e não infinitivo o *merecermos* do primeiro período.

Se confrontarmos o infinitivo pessoal com o futuro do subjuntivo dos verbos regulares e de muitos irregulares, notaremos haver igualdade de flexão. Infinitivo pessoal: *amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem*. Futuro do subjuntivo: *amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem*. Não se dá o mesmo com uns tantos verbos irregulares; *fazer, p. ex.*, conjuga-se no infinitivo pessoal: *fazer, fazeres, fazer, fazermos, fazeres, fazerem*, mas no futuro do subjuntivo as formas são: quando eu *fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem*, porque este tempo se origina da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito, mediante supressão do *am* final: *fizer(am)*. O futuro do subjuntivo do verbo *ver*, à diferença do infinitivo pessoal (*ver, veres, ver, vermos, verdes, verem*), é: quando eu *vir*, quando tu *vires*, quando ele *vir*, quando nós *irmos*, quando vós *irdes*, quando eles *virem*. Provém de *vir(am)*. (459, n. 1, ao pé da pág.).

Se a confusão é difícil em tais poucos verbos irregulares, torna-se ela fácil nos demais verbos. Somente essa confusão explica o erro destas duas construções, encontrada a primeira em título de artigo de jornal, a segunda em prefácio de livro de latim: "... renda de quem *recolhe-la* na fonte" — "... se a geração de agora *limitar-se* ao estritamente essencial". Em ambas o pronome está mal colocado; o futuro do subjuntivo, como o do indicativo, não permite a posposição do oblíquo; é erro igual a dizer "de quem *fizé-las*", "quando *pusé-las* de lado", "se *disser-te* outra vez".

Quando a primeira das construções mais acima citadas foi redigida por quem fez curso de jornalismo, e a segunda por quem se laureou em letras clássicas, como aceitar a "inutilidade da gramática"? A andar nesse passo, a tal de "linguística" que certos professores se puseram agora a propagar em nossas escolas irá reduzir a língua portuguesa no Brasil, daqui a umas duas ou três gerações, ao nível do linguajar das cozinheiras de hoje.

P) — CONCLUSÃO — Devemos limitar a flexão do infinitivo aos casos de real necessidade de identificação do seu sujeito. Não verificada essa necessidade, deixemos intacto o infinitivo: O ministro exorta os bancos a *correr* riscos compatíveis com a sua envergadura — Esforçam-se por *fazer* o máximo — Convidamo-los a *assistir* ao casamento — Preparados para *enfrentar* a situação — Faça-os *ficar* quietos.

Menos erra quem não flexiona um infinitivo do que quem na dúvida se arremete a fazê-lo. "Distância", "esquecimento" são desculpas para construções como esta de um editorial: "... os desabrigados, muitos dos quais tiveram de dormir ao relento depois de *HAVEREM* perdido um dia de trabalho". O sujeito é um só e foi já enunciado; não se pode aceitar o pretexto de "clareza" para a flexão; é por outro lado inconversível o infinitivo em modo finito. Redijamos sem medo: "Tivemos de engolir a peta depois de *OUVIR* a resposta".

O abuso cada vez maior da pessoalização do infinitivo é uma das várias provas da contínua deteriorização do nosso idioma e da insegurança de sua sintaxe para a expressão do pensamento.

O próprio Soares Barbosa abriu a comporta para o chorriho de pessoalizações ao incluir na segunda parte de sua regra o infinitivo posposto a uma preposição como pretexto para a flexão; o exemplo do editorial passa a ter sua justificação, mas a ninguém deve então causar estranheza este aviso de porteiro de prédio: "Pede-se aos senhores passageiros a linca de, ao *ENTRAREM* ou *SAÍREM*, *FECHAREM* as portas do elevador".

Infinitivo seguido de dois objetos, um constituído de oblíquo, outro de nome ou pronome — A construção será uma destas três: ou se repete o primeiro pronome precedido de *a*, ou se repete o infinitivo ou se preposiciona o segundo objeto:

1ª forma: "Para *convidá-lo* (primeiro objeto de *convidar*) *a você* (repetição do *lo*, sob a forma reta, precedido de *a*) e

seu irmão" (segundo objeto de *convidar*).

2ª forma: "Para *convidá-lo* e *convidar* (repetição do infinitivo) *seu irmão*".

3ª forma: "Para *convidá-lo* e *a seu irmão*" (segundo objeto direto preposicionado para clareza).

Inflamável — V. in.

Infligir, Infringir — Não confundamos estes dois verbos. De *infligir* o étimo é o latim *fligo*, bater, ferir, donde o nosso significado de *aplicar* (castigo, pena, repreensão): "Não me era fácil *expor* as penas que me *infligiu* a sorte" — "... penas que *lhe inflige* um juiz justo" — "... os jejunus que se *infligem* por mortificação" — "... flagelos que as nações se *infligem*". São seus cognatos *a-flig-ir, pro-flig-ar, a-flit-o, con-flit-o*.

De *infringir* o étimo é *frango*, que significa quebrar, donde o significado de *violar, não observar*: "E as focas, *infringindo* o natural costume, subiram rio acima" — "O que *infringe* os preceitos da boa moral deve ser tido como capaz de grandes crimes". São seus cognatos *frang-ível, frang-alho, frat-ura, fraç-ão, frag-or, nau-frag-io, in-fraç-ão, in-fring-ência*.

Influir — V. *construir*.

Informar — Perguntado certa vez se se deve dizer "informá-lo" ou "informar-lhe" demos esta resposta: Quando dúvidas nos assaltarem no atribuir a determinado verbo transitivo a regência direta ou a indireta, de um processo poderemos lançar mão: É sabido que os verbos transitivos diretos podem ser empregados na voz passiva. Se é possível dizer, passivamente, "ele foi roubado", é sinal de que "roubei-o", ativamente, é construção segura. Transportado esse processo para o nosso caso, em dois segundos se desfará a dúvida. Não dizemos, na passiva, "Ele foi informado de que..."? Essa construção é bastante para mostrar a regência do verbo *informar*. Se "ele foi informado de que..." dizemos, é porque "eu informei-o de que" é sã construção. Exemplos não faltam que essa regência confirmem: "... informado-o de que a frota dos cristãos se compunha..." — "Quem poderia *informá-lo* do destino de Albertina?" — "... para *o* *informar* *daquele* tal objeto".

Em vez de *de*, encontra-se ainda a preposição *sobre*: "Moncaide informou o prudente Gama *sobre* as armadas que todos os anos vinham" — "... *informar* o leitor *sobre* o que o mundo tem de vir a saber a respeito do tendeiro".

Não podemos, no entanto, deixar de aceitar a regência "informar a alguém uma coisa", da qual não faltam exemplos de bons autores: "Apenas *lhe* informaram *que* os bens de Domingos Leite haviam sido confiscados" — "... posso *informar* *ao* Mendes *que*..."

Com o significado, pois, de *avisar, participar*, é o verbo *informar* sempre duplamente transitivo; se a pessoa for objeto direto, a coisa será indireto; vice-versa, se a pessoa for objeto indireto, será direto a coisa: "informei-o de que" ou "informei-lhe que" — "informei-o disso, sobre isso" ou "informei-lhe isso". V. *avisar*. V. *obedecer*.

Infortunística — "Há em Medicina Legal um capítulo que trata dos Acidentes do Trabalho e das Moléstias Profissionais. Deu-lhe conhecido autor italiano o nome de INFORTUNÍSTICA e o termo granjeou entre nós verdadeira consagração. Flaminio Fávero, Leonídio Ribeiro e Afrânio Peixoto intitularam "Noções de INFORTUNÍSTICA" um livro de sua autoria. INFORTUNÍSTICA é o termo que consta do Programa de Medicina Legal da Faculdade de Direito de São Paulo. Como se formou a palavra? De INFORTUNISTA não foi; tal vocábulo não existe em português; de INFORTUNIO seria impossível."

— Não há que pensar no vernáculo para a explicação etimológica do termo. Já assim formada e nessa acção recebemos a palavra do italiano, onde vive e linguisticamente se explica. Só nos resta acolhê-la, uma vez não existir em português e possui-la uma língua irmã. Desnecessário será, pois, recorrer ao grego para o caso, conquanto a língua grega — "sans laquelle, no dizer de Rabelais, c'est honte qu'une personne se dise savante" — se preste admiravelmente, sobretudo em assuntos técnicos e científicos, para

a formação de novos termos; tal direito, entretanto, de batizar as nossas coisas não deve pertencer exclusivamente a ela; a italiana, a inglesa, a francesa, conforme os casos, devem, para fins derivativos, ser consideradas no mesmo plano que a latina e a grega. 630.1, "ica".

Infra - Advérbio latino, de uso em português; significa "abaixo", "no lugar inferior": Os *infra*-assinados. Na escrita corrente não há necessidade de grifar a palavra quando empregada como advérbio, o que ocorre raramente; quando empregada como prefixo exige hífen antes de vogal e antes de *h, r, s*: *infra-otitava, infra-hepático, infra-renal, infra-som*.

Infravermelho - De distinto e erudito médico recebemos objeção quanto ao plural "raios infravermelhos".

Somente a abusiva hifenização do Formulário Ortográfico de 1943 pode levar-nos a considerar *infra* preposição em vez de prefixo. *Infra*, quer preceda substantivo (*infra-som*), quer adjetivo (*infra-renal*), é prefixo, é elemento formativo de vocábulos, e não vocábulo de vida independente, no caso preposição que se acompanha de regime: as *infra-escavações*, os *infra-assinados*.

Se admitirmos "raios *infravermelho*" para o plural porque se trata de raios "abaixo do vermelho", cabe-nos aceitar o plural "guardas-portão" quando vários forem os guardas de um único portão.

Se de *huíde* temos o adjetivo *huído* para o composto *infra-huídeo*, de *vermelho* (o vermelho) que adjetivo iremos ter senão também *vermelho*? O único culpado do engano, repetimos, é o hífen, hífen acadêmico e contradiatório.

Infringir - V. *infligir*.

Ingerir - V. *aderir*.

Inglaterra - Adjetivo pátrio: *inglês*. Quando primeiro elemento de adjetivo pátrio composto, assume a forma *anglo*: *anglo-americano*. Não confundir o adjetivo pátrio, que tem a variante de pouco emprego *ânglico*, com *anglicano*, que significa "relativo ao anglicanismo, que segue o anglicanismo", ramo católico oficial da Inglaterra não subordinado a Roma.

Ingrato - Formas aumentativas: *ingratão, ingratalhão, ingratalona*, cujos femininos são *ingratona, ingratalhona, ingratalona*.

Íngreme - O vocábulo *íngreme* "apresenta grandes dificuldades não só na etimologia mas também na significação e até na prosódia. Apesar de tantas indagações — continua Nascentes, depois de ver mais de uma dezena de opiniões — a questão parece continuar sem solução".

O certo, entretanto, é que a prosódia *íngreme* é hoje praticamente a única usada.

Inhambu - V. *Anhembí*.

Inimigo - Superlativo sintético: *inimicíssimo*.

Um cuidado está a exigir a palavra quando substantivo; não devemos empregá-la em casos como este: "Quais são os *inimigos* do clube X na primeira rodada?" *Inimigo* não tem sentido de mero adversário, de oponente, de concorrente, de êmulo, de rival. *Inimigo* tem sentido mais forte: é o que tem ódio, inimizade a alguém, aversão a certas coisas, é o que está em guerra; a guerra poderá ser de brinquedo, poderá ser figurada, mas será guerra e não simples competição dentro de regras de um jogo.

"Inobstante" - Quanto mais ignorante, tanto mais propenso a aceitar novidades é o indivíduo. Somente falta de amadurecimento explica a criação de certos vocábulos ou locuções ou a introdução de significação nova para palavras comuns. Uma é pilheriar, é conversar familiarmente, outra é ser pretensioso, fútil, inovador de especiosidades, criador de gafas em veículos de Comunicação: "*Inobstante* haver assumido o cargo há pouco mais de um mês..." — A analogia faz lembrar o "aliazmente" de velho amigo.

Inquerir, Inquirir - *Inquirir*, do latim *inquirere*, significa procurar, investigar, interrogar; é verbo que não deve ser confundido com *inquerir*, que significa apertar, usado na expressão "corda de *inquerir*" (ou *inquerideira*, corda com que se aperta a carga das bestas); parece ter vindo do grego *encheirein* (pôr a mão em, agarrar); tem a variante *enquerir*, usada no Brasil e em Portugal; segue a conjugação de *aderir*.

INRI - Iniciais da forma latina da inscrição escrita em três línguas por cima da cabeça de Jesus crucificado, para indicar a causa da sua morte (São Mateus, 27-37): *Iesus Nazarenus Rex Iudeorum* (Jesus nazareno, rei dos judeus; os *ii* correspondem a *jj*).

Insânia - Quando realmente latina, a terminação *ia* é átona; *insânia*, palavra criada no próprio latim de *insanus* mais o sufixo latino *ia*, é proparoxitona: *insânia*. Mais alguns exemplos de palavras formadas dentro do próprio latim: *inópia* (de *inops*, desprovido), *vesânia* (de *vesanus*, louco), *ignomínia* (de *ignomen*, não reconhecimento), *Itália* (do hebraico *Italáh*, alto).

Inscrir - V. *aderir*.

Inserto, Inscrido - "Essa regra encontra-se *inserta*... está *inserta*... permanece *inserta*... continua *inserta*... ficará *inserta*..." — Assim se diz, porque com função predicativa o participio irregular é que se emprega. O verbo *inscrir* tem dois participios, *inscrito* e *inserto*, e não foge da regra, ou seja, emprega-se *inserto* na voz ativa, *inserto* com os verbos de ligação ou em função atributiva. Dizer "A regra está *inserta* no código" é tão errado quanto dizer "Tiradentes foi suspenso na força".

Redija: "Esse proceder viola norma *inserta* no código de ética profissional" — "... a fim de ser *inserto* nos estatutos" — "São acionados por pilhas *insertas* no organismo" — "Seu anúncio *inserto* no jornal".

"... sob a forma de tiras diárias *insertas* em jornais". Não, caro redator; se o senhor não tem uma gramática que lhe explique o que é *participio duplo*, deve ter pelo menos um dicionário; consulte-o e verá que o que temos para o caso é *inserto*: ... sob a forma de tiras diárias *insertas* em jornais.

Que andar a motivar a imprensa, de certo tempo para cá, o errado emprego do participio desse verbo? Escreva-se sem receio de confusão com *incerto* (que não é certo): "Esta observação está *inserta* na página..." — "... o compromisso *inserto* no contexto histórico" — "A célebre frase de Joaquim Gonçalves Ledo, *inserta* no Manifesto dos Brasileiros, de agosto de 1822". V. *imprimido, impresso*; V. *participios duplos*. Gr. M. § 494.

Inseto - Coletivo, quando nocivos: *praga*; quando em grande quantidade: *miríade, nuvem*; quando se deslocam em sucessão: *correição*.

Voz: *chiar, chirrear, estridular, sibilar, silvar, zinar, ziziar, zoar, zumbir, zunir, zunitar*.

Insipiente - Significa *não sapiente, ignorante, falto de siso, insensato*. Não confundir com *incipiente*, que significa "que está no princípio"; "incipiente": poeta *incipiente*.

Insolúvel - Dois vocábulos possuímos: *insolúvel*, para indicar o que não é solúvel, o que se não dissolve (contrato *insolúvel*) e *insolvível*, que denota o que não se pode pagar: dívida *insolvível*. "Insolúvel" é galicismo desnecessário.

Acresce dizer que também no sentido empregado no Código Penal ("Os devedores ... reputar-se-ão *insolúveis*, mas não falidos") continua a palavra constituindo galicismo, pois, para o caso temos o vernáculo *insolvente*.

Semelhantes adjetivos terminam em *ável* quando provindos de verbos da primeira conjugação: *condenável, estável, louvável*; terminam em *ível* quando derivados de verbos de outras conjugações: *cabível, conduzível, seduzível, sofrível, transportável*.

"**Insolável**", **Insolvente, Insolvível** - V. *insolúvel*.

"**Insonso**" - V. *ensoso*.

Inspiradora - Como outros, o sufixo *dor* (*ador, edor, idor*) é ativo, produtivo, serve constantemente para criar derivados novos, é, como chama Carolina Michaelis, um sufixo vivo: "A diferença entre os mortos e os vivos consiste em que os primeiros eram átonos e de pouco corpo, não servindo por isso mesmo na língua mãe, sobretudo no latim vulgar, para formações novas; ao passo que os do segundo grupo são tônicos, sonoros, encorpados, e entraram nas línguas românicas em numerosos exemplares".

Iso em regra geral; exceções há diversas, quer de sufixos

tônicos que perderam a atividade produtiva, quer de sufixos átonos que adquiriram produtividade na boca do vulgo. Em geral — isto para resumir — o sufixo de forma popular corresponde a um tema popular; o de forma erudita, a um tema erudito, literário, técnico. O sufixo *dor* é vivo, produtivo e de cunho popular; este é que entra na formação, na derivação comum e normal. *Triz*, ao contrário, sufixo erudito, perdeu vida; existe ou como forma feminina erudita de substantivos em *dor* ou em *lor* (*embaixatriz*, *imperatriz*, *atriz*, *fautriz*, *senatriz*) ou como sufixo de substantivos femininos de significação própria, geralmente eruditos ou técnicos: *perfuratriz*, *diretriz*, *geratriz*.

Não se dirá "Fulana é a *diretriz* do grupo escolar", porque *diretriz* é nome feminino, de significado próprio, erudito, técnico, e não forma feminina do substantivo ou adjetivo *diretor*. Tenha um ou mais significados, próprios ou translados, terá essa forma emprego próprio, técnico, erudito.

O mesmo se aplique a *perfuratriz* (máquina que serve para perfurar); é substantivo feminino, e não forma feminina. Ou se diz "Comprei uma *perfuratriz*" ou "Comprei uma máquina *perfuradora*", porque o feminino de *perfurador* é *perfuradora*, como de *diretor* é *diretora*.

Conclusão: A forma erudita *inspiratriz*, se um dia entrar em nosso vocabulário (No vocabulário da língua, não nesses amontoados de páginas borradamente impressas pela fábrica de acentos "Academia Brasileira de Letras", chamados vocabulários ortográficos), será substantivo feminino, de significação restrita, própria — nunca, porém, forma adjetiva feminina de *inspirador*.

Instituto de Educação - V. *artigo*.

Instruir - V. *bulir*.

Instrumento - Coletivo, quando cirúrgico: *aparelho*; de artes e ofícios: *ferramenta*; de trabalho modesto, grosseiro: *tralha*.

Insubstistente - V. *subsistir*.

Insulso - V. *ensoço*.

Insultuoso - É *oso* um dos sufixos de mais largo emprego, já em latim já em português. Parece, para quem recorre a uma analogia falsa (*ventoso*, *gostoso*, *ditoso*, *vistoso*), que deverá ser "insultoso", mas assim não é. Os nomes em latim pertencentes à quarta declinação formam esses adjetivos em "uosus". É o caso de *tumultuoso* (e não *tumultoso*), visto ser "tumultus" vocábulo da citada declinação latina.

De *insultus*, nome da quarta, o adjetivo vernáculo é *insultuoso*, ou por ter existido já no latim ou por segura e erudita analogia com outros adjetivos derivados de nomes da quarta declinação latina: *atruoso*, *cultuoso*, *defeituoso*, *estuoso*, *frutuoso*, *lutuoso*, *sinuoso*, *untuoso*, *vultuoso* (não confundir com *vuloso*) etc.

Insumo - É neologismo, criado, quanto à forma, por influência de *consumo*; provém do verbo latino *insumo* — que significa *despender*, *gastar* — e é empregado como substantivo para indicar matéria-prima, o que se consome na fabricação de algo, o que é básico para uma decisão: "A redução dos *insumos* informativos e dos *insumos* críticos reduz a criatividade individual".

"**Insurmontável**" - Estrangeirismo intolerável; temos *inexecutível*, agora outras palavras igualmente expressivas, como *insuperável*, *invençível*, *indomável*.

Integrado - "A comissão foi *integrada* de pais e mestres" — não tem sentido. É tolice igual à de escrever "A comissão foi *inteirada* de pais e mestres". Uma comissão pode ser *integrada* ou *inteirada* quando for *completada* de um ou alguns elementos faltantes: "A comissão foi *integrada* por um operário que se apresentou espontaneamente" — "Tenho já dez jogadores inscritos; quem se apresenta para *integrar* o quadro?"

Nenhum desses verbos é sinônimo de *constituir*, *formar*; em português, ou melhor, em linguagem de quem pensa, "uma comissão é *constituída* de pais e mestres" — "o conselho é *formado* de industriais" — "a representação era *composta* somente de alunos".

Integralizar, **Integrar** - Se o estilo reflete o homem, o idioma

é o espelho da cultura de um povo. As palavras são o suor da atividade humana; quanto mais operoso um povo, tanto maior o vocabulário; quanto mais fecundo um aglomerado, já de cientistas, já de guerreiros, já de comerciantes, já do que quer que seja, tanto mais premente a necessidade de enriquecimento de expressões e de palavras adequadas aos inventos, às táticas bélicas, às modalidades de comércio. Se possuímos dois adjetivos — *íntegro* e *integral* — com variantes de significado, de admirar não é que formemos e usemos *integrar* e *integralizar*, para que correspondam à respectiva diferença de sentido dos adjetivos.

Em "ações *integralizadas*" a relação é com o adjetivo *íntegro* e não com *íntegro*. Em matemática diz-se *integrar*, para indicar o ato de determinar a *integral*, mas *integral* é aí substantivo e não adjetivo.

Para o emprego discriminado desses verbos devemos pensar na discriminação de sentido entre *íntegro* e *integral*: "Fulano *integrou-se* na ideologia do partido" (Ele está integrado, íntegro, e não *integral*, que teria outro sentido).

Por mais completo, não consegue um dicionário acompanhar a vida de um povo. Se temos o radical, se temos o sufixo, por que titubear? Sem sair desses adjetivos, veremos em dicionários dois advérbios: *integralmente* e *íntegramente*. Por quê? A cada adjetivo — uma vez diferentes de significado — a correspondente forma adverbial. Por que, pois, não admitir dois verbos, *integrar* e *integralizar*? Nada de manco existe quando o vocabulário baila à música da necessidade combinada com a gramática.

Íntegro - Superlativo sintético: *íntegerrimo*.

Inteirar-se - Cuidado com a conjugação: o certo é "eu me *inteiro*", "é necessário que ele se *intei*re da situação". V. *aleijar*. Gr. M. § 444.

Intemerato, **Intimorato** - É grosseira a confusão entre estes dois adjetivos; *intimorato* diz-se de quem é intrépido, denodado, destemido; guerreiro *intimorato*.

Intemerato diz-se do que é inviolável, sem mancha, puro, incorrupto; virgem *intemerata*; verdade e fé *intemeratas*. V. *timorato*.

Intenção, **Intensão** - São palavras distintas, como distintas são *tenção*, *tensão*; *retenção*, *retensão*; *contenção*, *contensão*; Com *t*, as formas correspondem às latinas em que aparece *t* seguido de *i* ou *e* mais uma vogal; as com *s*, às formas latinas que trazem essa letra:

tenção — desígnio, propósito; assunto; divergência, malquerença;

tensão — estado do que é tenso; tensão de uma corda;

retenção — ato de reter; posse; delonga, detenção;

retensão — tensão muito forte; nova tensão;

intenção — intento, propósito;

intensão — ato de intensar, intensidade. V. *contenção*.

Intender (superintender) - Não confundir com *entender* (compreender).

Intensão - V. *intenção*.

Inter - O vocabulário português de 1940 esclarece que este prefixo é acompanhado de hífen quando seguido de *r* foneticamente independente, ou seja, de *r* que se pronuncia distintamente do *r* final de *inter*: *inter-relação*, *inter-resistente*. Se *inter-rei* tem os elementos separados, *interregno* não tem porque agora a pronúncia dos dois *r* é conjunta; e, assim: *interruptor*, *interromper*.

O vocabulário brasileiro de 43 não apresenta, mas segue essa norma; nenhum deles, porém, fala em independência fonética em casos como *comigo*, que ninguém pronuncia erradamente "co-migo" não obstante não haver aí dois *m* separados por hífen: *com-migo*. São graçolas da nossa ortografia.

Inter-pócula - Locução latina que significa "entre copos", no ato de beber no festim: Discursar *inter pócula* — Tomar uma decisão *inter pócula* — Agir *inter pócula* (agir como bêbedo).

Inter vivos - Locução latina que significa "entre vivos", entre pessoas que estavam ou estão vivas: Doação *inter vivos*.

Interditar, Interdizer - Interditar, verbo postnominal transitivo direto, formado de *interditto*, significa *pronunciar interdito contra*: "A Prefeitura *interditou* o prédio" — "O juiz *interditou* o marido". *Interdizer* significa meramente proibir, vedar, e se conjuga como o simples *dizer*: *Interdisse*.

O mesmo se passa com *contraditar* (apresentar contradita a, impugnar a razão alegada pela parte contrária) e *contradizer* (afirmar o contrário), conjugando-se aquele verbo regularmente, este de acordo com *dizer*.

Interessar - Significações, regências, pronúncia:

— (dar interesse material, prender a atenção, a curiosidade): Interessei-o *nesta* empresa — Procure o mestre interessar os meninos em repararem na cor dos cavalos.

— (ser proveitoso, dizer respeito): Isto interessa a todos — ...falar de objeto que interessa à felicidade de ambos — Meus dotes não *lhe* interessam — Isto não *lhe* interessa — Interessa-*lhe* conhecer o diretor?

— (tomar interesse) pronominal: Como de passagem *nos* interessamos *por* uma flor.

Na conjugação, as formas rizotônicas (§ 439) têm o *e* aberto: que eu me *interesse*.

Ínterim - É palavra proparoxitona: Nesse *ínterim* ouviu-se trincar uma chave.

Interior - Emprega-se substantivamente para contrastar com *capital* (José mora no *interior* e seu irmão em São Paulo) e para contrastar com *litoral* (Percorremos o *litoral* e o *interior* do Brasil).

Intersecção - V. *seção*.

"Interclta" - Com o prefixo *entre* - *entretela* - é que se escreve a palavra que designa "estofa encorpado e consistente, entre a fazenda do fato e o forro" e "contraforte de muralha".

Intervindo - "Outros motivos mais sérios devem ter *intervindo*" — com *n* na penúltima sílaba: *inter-vin-do*. É erro grave de conjugação suprimir esse *n*, uma vez que o verbo é composto de *vir*: eu *tinha vindo*, eu *tinha reconvin-do*, eu me *tinha desavin-do*, eu *tinha intervin-do*.

Os compostos de *vir* exigem esse cuidado: o participio e o gerúndio são iguais; ambos terminam em *indo*, pois *vindo* é o participio, e *vindo* é o gerúndio: "*Intervindo* com prontidão, o policial conseguiu impedir a fuga" — "Se ele tivesse *intervindo* com mais presteza, teria evitado o desastre" — "Responsabilizaram o governo de Cuba por ter *intervindo* nos assuntos do país" (§ 464, 3, obs. 2, 3).

Intemorato - V. *intemerato*.

Intonação - Forma preferível quando empregada como sinônima de *entoação*. A palavra é erudita; de radical latino, latino é o prefixo (lat. *intono*, *are*).

Entonação existe, mas formado em português e de outro significado (ato de levantar com altivez, ostentar): "O gigante do cabo Tormentoso *entona* a frente ao vê-los" — "*Entonando* o colo erguido aos gritos da razão e da virtude".

Intra - Exige hífen quando rege, como se fosse preposição, o segundo elemento do composto (*Intra-muros*) e quando se liga a adjetivo que começa por *h*, *r*, *s* ou vogal: *Intra-hepático*, *intra-raquidiano*, *intra-segmentar*, *intra-auricular*.

Intricar, Intrincrar - A forma legítima, condizente com o latim *intrico*, *are* (embarçar) é *intricar*. O próprio latim tem *intricatura* (embarço) e nossos dicionários definem o verbo, bem como os cognatos (*intricado*, *intrincamento*, *intrico*, *intrincadamente*), na forma sem *n*, para, no citar as outras, indicá-las apenas como variantes.

Em *intricado* Aulete afirma que "o vulgo diz *intrincado*", para afirmar depois, em *intrincado*: "É mais usada esta forma que *intricado*, nasalando-se a segunda sílaba por influência da primeira, fenômeno vulgar da fonética".

Seja por esse motivo, seja por influência de *trinca*, o fato é que as formas com *n* ganharam terreno, embora continuemos a dizer, com muito acerto, *tricas* (lat. *tricas*, dificuldades, embarço): "Estava longe de imaginar as *tricas* e os ardis de que costumam lançar os litigantes para defender ou acusar".

Intro - Prefixo que se junta sem hífen: *intropelúvmetro*.

Introvertido - V. *extrovertido*.

Intuito - A pronúncia é *in-tú-to*. § 50, n. 1, a.

Invés - A grafia é com *s* (§ 78). V. *ao invés de*.

Investir - "Investir capitais" é anglicismo já arraigado em português; o verbo inglês *invest*, além das significações de *vestir*, *ornar*, *cobrir* e outras, tem a de *empregar* (capitais), *aplicar* (dinheiro). Em legítimo português deveríamos dizer *empregar dinheiro*, *aplicar capitais*, *emprego*, *aplicação de recursos*, mas a expressão inglesa predominou e tem o derivado *investimento* já consagrado. Os termos técnicos e científicos deveriam viver internacionalmente somente quando sem correspondentes nos vários idiomas.

— Quanto à conjugação, veja *admir*.

Invicto (sempre vitorioso, não confundir com *invito* (involutário)).

...io - V. *bafo*; V. *estádio*; V. *unicórnio*.

Iônio - Há, até o momento, hesitação no dar a esta e a outras palavras provindas de palavras gregas terminadas em *on* no nominativo a forma conveniente e, principalmente, uniforme em português. Para que o leitor se inteire dessa hesitação, aqui estão dois exemplos. Enquanto Laudelino Freire dá quatro formas vernáculas para o grego *aniôn* (*anião*, *anião*, *anião*, *aniante*), Cândido de Figueiredo dá uma única (*anião*), Aulete duas (*anião*, *anião*) e Rebelo Gonçalves uma, diferente de todas as anteriores (*anião*), para dizer que é melhor que *anião*.

Enquanto Laudelino Freire traz uma só forma para o grego *electron* (*eletrônio*), Cândido de Figueiredo e Aulete trazem duas (*eléctron*, *eletrônio*) e Rebelo Gonçalves três: *eléctron*, *eléctron*, *eletrônio*.

Não foi citado Inês Louro, que defende a terminação *onte* para tais palavras.

Inclinamo-nos a dar a todas essas palavras uma única forma terminada em *ônio*, justificando a preferência com as seguintes razões: em primeiro lugar corresponderemos à tendência já existente para que se adote essa terminação; em segundo lugar eliminaremos toda e qualquer dificuldade para a tonicidade desses vocábulos; por último, conseguiremos uniformidade, o que já não é pouca coisa. Dessa forma, assim passaremos a escrever coerentemente: *aniônio*, *catiônio*, *ciclotrônio*, *deuterônio*, *eletrônio*, *iônio*, *negatrônio*, *positrônio*, *protônio*.

Invólucro - V. *quantidade*.

Iperoigue - *Iperoig*, nome indígena de lugar histórico da capitania de São Vicente, célebre pelo armistício aí tratado pelo padre Anchieta entre portugueses e índios, e pelo *Poema à Virgem*, que Anchieta compôs na areia da praia que ainda hoje conserva o nome que estamos considerando (A cidade é *Ubatuba*, porto em outros tempos importante e hoje impraticável, no extremo norte do Estado de São Paulo), tem o acento prosódico no *i* e seu aporuguesamento é *Iperoigue*.

"Ípsilon" - V. *epsilo*; V. *y*.

Ipsis litteris - Locução latina que significa "com as mesmas letras": Reproduziu o trecho *ipsis litteris* (sem mudar nenhuma letra).

Ipsis verbis - Locução latina que significa "com as mesmas palavras", "sem tirar nem pôr": Vou citá-lo *ipsis verbis*.

Ipsa facto - Locução latina que significa "em virtude desse fato": Ele não pagou; *ipsa facto* não correu ao sorteio.

Ipueira - Do tupi-guarani, compõe-se dos elementos *y*, água, mais *pueira*, corruptela de *poera*; este último, com as outras formas similares *coera*, *quera*, especifica o que já foi; é sufixo que indica o passado dos substantivos, donde a significação de *ipueira*; curso d'água extinto, braço de rio que já não corre, charco etc.

Um exemplo que elucida o caso temos em *capoeira*, de *poeira*, outra corruptela de *poera*, mais *caá*, mato; vem a significar o que já foi mato, mato que cresce depois de derrubada a mata virgem.

Mais corretas seriam as formas *ipueira* e *capoeira*, sem *i*, equivocadamente enxertado nessas duas palavras. Haja vista, entre muitos exemplos, *ibirapoeira* (*Ibirapueira*), floresta velha.

Ir - É impessoal nas expressões de tempo, quando seguido de *por*, em ou *para*: "Vai *por* dois meses que morreu seu irmão" — "Ja *para* dois anos que dali tinha saído" — "... vai em trinta anos que pouco ou nada obteve para se melhorar" — "Eis aqui o que eu, vai já em oito anos, solicitara a bem da mocidade".

Sem ditas preposições, *ir* se flexionará regularmente: "Já lá vão doze anos que ele desapareceu".

Ir a, Ir para - Enquanto a *empresita* a verbos de movimento idéia de transitoriedade, *para* *empresita* idéia de demora, de permanência ou de destinação. Há diferença entre "Prentendo *ir para* casa mais cedo hoje" (vou e fico) e "Vou a casa apanhar um telegrama" (vou e volto). Outros exemplos: "Meu irmão foi *para* o seminário", "Meu pai foi ao seminário visitar meu irmão" — "Nestas férias vou *para* a praia", "Vou à praia ver como está o mar" — "Ele deixou de morar no hotel; foi *para* a casa de um amigo", "Ele deixou o hotel mas volta logo; foi à casa de um amigo levar uma encomenda" — "Vá *para* o inferno", "Dante foi ao inferno antes de escrever a Divina Comédia" — "Este avião vai a Tóquio em 20 horas", "Este avião vai *para* Tóquio, aquele *para* Londres".

Ir a cavalo - Diz-se "vou de automóvel", "vou de trem", "vou de avião", mas se diz "vou a cavalo".

As preposições não têm sentido intrínseco em português, senão dependente do verbo ou do próprio complemento em que se acham; não comportam analogias nem comparações. Cada complemento, tenha ou não certa equivalência com outros, constitui fato natural e independente da língua.

Observe-se, ademais, que, se se acrescentar um qualificativo aos substantivos dessas expressões, deixará de aparecer a preposição *de*: Vou em carro fechado, vou num cavalo tordilho. — Por que essa mudança? Porque assim são os fatos; as regras de gramática são a eles posteriores; não havendo coincidência de fatos não haverá regras gramaticais que os subordinem.

Ir a Canossa - V. *Canossa*.

Ir com o trem - Deve-se dizer "Vou *pele* trem das dez", "Voltamos *pele* avião das oito" — "Chegou *pele* rápido" e não, como faz o italiano, Voltamos *com* o avião, chegou *com* o rápido, vou *com* o trem.

Ir jantar em casa - Deverá haver engano ou distração da parte de quem ensinou dever construir-se "ir jantar a casa".

"Vou jantar em casa" é como, sem nenhuma dúvida, deverá ser redigido; em *casa* não é complemento de *ir*, senão de *jantar*; este infinitivo é que é complemento de *ir*, com o qual está a formar locução verbal, cuja regência é determinada pelo segundo verbo.

É assunto esse que não mereceria maiores considerações, mas tão grave é, dada a procedência do erro, que propomos estas reflexões: Consideremos as seguintes orações: 1. "Vou à redação escrever" — 2. "Vou escrever à redação" — 3. "Vou escrever na redação". Em todas elas o infinitivo *escrever* se subordina ao verbo *ir*, mas *redação* é adjunto adverbial de lugar para onde de *vou* na primeira, objeto indireto de *escrever* na segunda, adjunto adverbial de lugar onde de *escrever* na terceira. Não fora assim, teríamos de dizer "Vou cantar ao teatro", "Vou descansar à cama", "Vou mexer ao relógio", "Vou nadar ao rio" e outros despautérios.

Irã - Não obstante o vocabulário oficial de Portugal, no que é seguido por dicionários novos portugueses, trazer *Ispaña*, *Irão*, o final *ã* está consagrado no Brasil, e sempre foi ele usado também em Portugal. *Irã*, *Ispã* (*Ispahã*) estão em romancistas e em dicionários portugueses de edições anteriores a 1940.

Iraperu - Chamado também "rouxinol de Manaus" é o iraperu um passarinho castanho, do tamanho de uma patativa; vive nas mais altas árvores do interior e tão dificilmente se deixa apanhar que sua fama é quase lendária. De canto extremamente delicioso, sua voz, flautada, argentina e doce, verdadeiro milagre do som, estende-se módulo pela floresta, subjugando os outros passarinhos que, acorrendo para junto dele, quedam-se mudos enquanto canta esse inspi-

rador de um dos mais formosos sonetos de Humberto de Campos.

Embalamado ou seco, é vendido no Amazonas como talismã, acreditando piamente o povo que a posse de um iraperu dá sorte e felicidade.

A respeito da voz desse passarinho relata o padre Manuel Albuquerque, de Santarém, Pará, o que lhe contou um amigo, antigo companheiro de infância, acostumado a percorrer as matas do município de Tefé, em busca de castanha: Voltando um dia com o jamaxi (cesto de vime) carregado, procurei descansar um pouco; mal me havia sentado, comecei a ouvir um passarinho cantar, com voz argentina e suavíssima; era o iraperu, e só a delícia daquela voz me fez desaparecer o cansaço. Logo que os outros passarinhos ouviram essa voz, acercaram-se do maravilhoso solista, outros mais foram chegando, e todos, religiosamente, puseram-se a escutar o iraperu, no mais completo silêncio, como se tudo aquilo obedecesse a um rigoroso ritual. Eu, com a resolução de sair dali somente quando o passarinho acabasse de falar, demorei-me sentado duas horas!... e o passarinho não enrouqueceu... Nem mesmo notei diminuir o timbre argentino da sua voz... Só depois parou o canto, e os outros passarinhos se dispersaram ou se puseram, alguns, a cantar. Mas que diferença de voz! Perdi duas horas, é verdade, mas tive um prazer que me compensou esse tempo, e ainda hoje não me esqueço daquela voz tão suave.

Irmamente - Não há erro nenhum no advérbio *irmamente*; *mente* é sufixo adverbial que se acrescenta à forma feminina de adjetivo, e *irmão* proveio de adjetivo latino. Consulte-se o Aulete: "Irmamente — fraternalmente, à maneira de irmãos. Semelhantemente, de modo análogo. Iguamente, em partes iguais: Dividiram *irmamente* a herança".

"Irreprochável", "Irreprovável" - Galicismos grosseiros; diga-se *irrepreensível*, *incorrupto*, *puro*, *são* etc.

"Irreversível" - Rico de vocabulário, de estrutura léxica fácil, de normas sintáticas rígidas, estudadas e seguidas, acompanhou até ontem o inglês a expansão inglesa e, hoje, com a americana, estende-se triunfante pelo mundo. Uma coisa, porém, é introduzir-se num país como língua auxiliar, como língua estrangeira ("as second language"), outra é intrometer-se na língua de outras terras por desanimadora ignorância ou por passiva sujeição de seus habitantes. Se até algumas décadas o francês é que se punha a embaralhar a língua portuguesa com palavras e dizeres dos muitos romances que então se liam no original — e os nossos romancistas, muito dos quais moraram na França, foram os maiores introdutores ou fomentadores de galicismos em nosso idioma — hoje, com os meios de comunicação cada vez mais facilitados, com escolas espalhadas por todos os cantos do globo, é o inglês que apanha desprevenidos os redatores de jornal, os tradutores de irradiações noticiosas e de livros, os escritores distraídos ou inseguros do vocabulário e da sintaxe do próprio idioma. Não longe estamos, à semelhança dos que tivemos com relação ao francês, de livros de títulos como estes: "Dicionário de anglicismos", "Anglicismos da língua portuguesa".

Assim que aparecer o primeiro de tais livros, nele deverá encontrar-se "irreversível". Enquanto o inglês tem e usa o vocábulo "reversible" (The pollution of the Hudson River is reversible), do qual tem e usa com igual frequência o antônimo e o advérbio correspondentes (The damage may be irreversible — The seas may soon become irreversibly polluted), nós, pobres de escolas e impossibilitados de aprender nosso idioma nas poucas que existem, estamos agora a ler, a ouvir, e também a empregar, errônea e enfadonhamente, *irreversível* em vez de legítimos e diversificados adjetivos nossos, como *impossível* (confissão de *impossível* melhoria de aprendizado do nosso vocábulo e de nossa sintaxe), *incontestável* (*incontestável* processo de erradicação do analfabetismo; candidato *incontestável*), *irremediável* (ferrugem *irremediável* de nossos cafezais), *improcessável* (*improcessável* meio de banir a mendicância), *incontrolável* (decadência *incontrolável*), *inaba-*

lável (decisão *inabalável*), *insofismável* (*insofismável* aceitação de independência), *irreparável* (perda *irreparável*; mal *irreparável*), *inalterável* (lei *inalterável*), *único* (oportunidade *única* de desenvolvimento), *insanável* (*insanável* deteriorização), *inevitável* (*inevitável* poluição das águas), *irrecuperável* (*irrecuperável* perda de oportunidade), *incorrigível* (*incorrigível* processo de propaganda), *irrevogável* (A Loteria-Esportiva é *irrevogável*).

Se em direito, em física, em química sempre se disse, e com sentido técnico e preciso, "bem reversível", "reação reversível", "transformação reversível", tudo em nossa terra terá agora de ser enfadonhamente "irreversível"?

...Isa - V. *etiopisa*.

Isaac - Nomes assim terminados já se encontram grafados mais portguesmente: *Isa* (*a*)*que*, *Habacuque*.

...Isar - V. *economizar*.

Isogameto - Devem ser proparoxítonos os vocábulos cujo último elemento seja constituído de *gameto*, por breve ser o e da penúltima sílaba.

Isolar - Forma popular e corrente ao lado da erudita *insular*. *Isolamento*, *isolador* e outros derivados são formas de pleno e insofismável uso.

Isóscele - Quanto à forma deste adjetivo veja-se *diabete*.

Ispã - V. *Irã*.

Israel - Adjetivo pátrio: *israelense*.

...Ista - Sufixo formador de substantivo; dá idéia de atividade, de dedicação, de agente, de praticante, de partidário, de teórico: *artista*, *avaliista*, *copista*, *dicionarista*, *espiritista*, *jurista*, *lingüista*, *maquinista*, *monarquista*, *pianista*, *tabagista*, *filologista*, (ao lado de *filólogo*, que é o versado ou perito), *pedagogista*, *zoologista*.

Istambul - À maneira dos romanos, que diziam simplesmente *urbs* (cidade) quando se referiam a Roma, os bizantinos diziam apenas *pólis* para indicar a capital turca. Da frase *eis ten pólin* (para a cidade), étimo aceito por vários dicionaristas, proveio a forma unificada *istampólin*, uma vez que *ei* era pronunciado i no grego bizantino, e essa forma redundou depois em *Istambul*.

Também com *i* inicial o inglês (*Istanbul*) e o francês (*Istamboul*) escrevem o nome.

Isto, Isso - *Isto* apresenta coisa que se pretende mostrar, coisa desconhecida ou coisa que se tem na frente de quem fala ou mais perto do que outras já citadas ou tratadas; *isso* indica coisa já apresentada, conhecida: "Prestem atenção nisto" (que vou dizer) — "Não foi *isso* que mandei comprar" (ou *isto*, se estiver perto de quem fala ou mais perto, mais presente, mais à mão embora já apresentada, já conhecida).

Itá... - *Itá* designava, primeiramente, a *pedra*, no tupi-guarani, e, depois, também o *metal*. O leitor conhecerá a significação de muitos nomes começados por *itá*, se ler o que aqui transcrevemos d'"O tupi-guarani na língua nacional", de Teodoro Sampaio.

No tupi, representava-se pela palavra *itá*, *pedra*, todo e qualquer mineral ou metal apenas diferenciado ou qualificado pelo seu aspecto físico mais aparente — o da cor. Assim é que denominavam o ferro *itáina*, mineral ou pedra preta; a prata, *itatinga*, mineral branco; o ouro, *itaiúba*, mineral amarelo; o cobre, *itaiubarana*, mineral amarelado, ou ouro falso. Certo tais denominações não traduzem conhecimento positivo dos metais; antes, pelo contrário, confirmam o que sempre disseram os primeiros exploradores do Novo Continente: que, nesta parte do Atlântico, os naturais dela ignoravam o uso dos metais e os desconheciam.

Américo Vespúcio, tendo corrido a costa em 1501, com

escalas amiadadas, para praticar com o gentio dela, retirava-se para outras paragens, convencido de que, no país, não havia mineral algum. Depois da invasão dos europeus o gentio começou, então, a distinguir os metais e a denominá-los, ainda que imperfeitamente.

Assim é que a palavra *Itatinga*, que significa prata, também se aplica ao calcário branco, ao mármore, às rochas arenosas, ao gesso e até à cal. O nome *Itaiúba*, ouro, cujo acento tônico é na penúltima sílaba e não na última, como geralmente se diz, querendo alguns que o nome *Itajubá* da cidade mineira proceda do ouro que ali se minerou em outro tempo, também significa moeda, dinheiro. A palavra *itaiubarana* aplica-se tanto ao cobre como ao latão ou alquime.

Apareceram, então, no vocabulário brasileiro os nomes: *itajica*, para designar o estanho; *itaetê*, o aço; *itamembeca*, o chumbo; *itaberaba* ou *itameraba*, o cristal; *itaberaba-etê*, o diamante; *itaém*, a pedra-ume; *itaoim* ou *itaoibi*, a esmeralda; *itabubú*, a pedra pomes.

A palavra *itá* passou a representar os objetos metálicos de procedência estrangeira. Assim é que se denominava *itamaracá* o sino, por eles equiparado ao chocalho de pedra ou de ferro. Chamavam o campanário *itai* ou *itahi* e ainda *itahy* que também significa rio pedregoso, rio com leito de pedra.

A cruz de ferro denominavam, comumente, *itacuruçá*, que também se pode entender por cruz de pedra.

Às construções de pedra davam o nome *itaoca*, que também servia para designar as cavernas, do mesmo modo que *itararé* indicava os sumidouros ou solapas feitas pela água através das rochas, como designava o cano ou conduto de ferro.

O vocábulo *itá* é um dos de mais freqüente emprego na denominação dos lugares do Brasil. É comuníssimo encontrarem-se, pelo interior, nomes como: *Itamorantim*, alterado às vezes para *Itamarati*, pedra alva; *Itamirindiba*, pedregal miúdo; *Itacuruba*, cascalho; *Itaipavá*, recife ou travessão; *Itacera* (*Itaquera* ou ainda *Itakerá*), as pedras, lajeado; *Itapeçrica*, laje escorregadia, ou penedo, como soem apresentarem-se os cabeções graníticos de nossas encostas lisas; *Itaberaba*, pedra reluzente; *Itapuá*, pedra empinada; *Itacoatiara*, pedra pintada ou escrita; *Itaquá* (ou *Itaky*), pedra de amolar; *Itaquicê*, faca (lâmina, instrumento cortante) de pedra ou de metal; *Itapetininga*, lajeado seco; *Itaporanga*, pedra bonita; e tantos outros. V. *meteorita*.

Tão grande é a tendência para as denominações de lugares com o tema *itá*, que, não raro, acontece darem esse radical a vocábulos que, na verdade, o não têm, provindo daí grande número de corruptelas, assim como *Itaquaquicetuba*, por *Taquaquicetuba*, taquaral da espécie *taqua-quicê*; *Itaguá* por *Taguá*, rio do tauá. Já nos jornais mineiros se lê *Itapahuacanga* por *Tapahuacanga*, cabeça de negro.

Itaberaba - V. *Itaquicê*.

Itália - O adjetivo pátrio é *italiano*, mas assume a forma *italo* quando primeiro elemento de adjetivo pátrio composto: pacto *italo-germânico*.

Itálico - V. *grifo*.

...Ite - V. *coquite*.

...Ito - V. *meteorita*.

Iucatã - Aportuguesamento (à semelhança de *Irã*, *Ivã* e outros) de *Yucatán*, região do México. Adjetivos pátrios: *iucatego*, *iucateco*, *iucateque*, *iucatlano*.

Iugoslávia - V. *Jugoslávia*.

...Ivel - V. *insolúvel*.

...Izar - V. *economizar*.

J

Já (reforçativo) — V. *nunca já*.

Já falámos - A influência fisiológica exercida pela nasal *m*, da flexão *mos*, sobre o *a* do presente *louvámos* é a mesma exercida sobre o *a* do perfeito *louvámos*; para defender a pronúncia "amámos" do perfeito, não pode ninguém tampouco aduzir formas latinas, pois nem em *a-mus* nem em *á-vi-mus* o latim fazia distinção, uma vez que nesse idioma não havia o som nasal; o *a* tinha o mesmo som e a mesma quantidade nessas formas verbais.

É ainda maltratar o latim afirmar que "nos verbos da segunda e da terceira conjugação não se deram os mesmos fatos acima explicados". Não só maltrato, mas levandade quando se acrescenta: "e por esta causa o timbre da vogal *e* e da vogal *i* não se alterou nem no presente, nem no pretérito perfeito". Ora, nem o melhor dos hipnotizadores seria capaz de fazer-nos ouvir um *i* fechado.

Dizer, ademais, que Camões escreveu *amámos*, *falámos*, *contámos* é afirmar que ele pertenceu à Academia Brasileira de Letras e que lhe seguia os acordos. Não confundamos Camões com tipógrafo ou revisor que por imposição de editores segue figurinos de toda a espécie de enfeites nas palavras; quando quisermos ler Camões, procuremos uma edição boa, por exemplo a de Emilio Biel (Leipzig — 1880), baseada na 2ª edição de 1572. É necessário distinguir; os poetas gozam de liberdades; Camões rima o perfeito *amamos* com o subjuntivo *temamos* (VIII, 36), mas jamais cita Camões ao afirmar que a 1ª pessoa do plural do indicativo presente deve ter a mesma pronúncia de igual pessoa do pretérito perfeito; Camões rima *demos* com o perfeito *metemos*; vamos por isso defender a pronúncia *metemos*? Nenhuma disciplina traz bom senso para lecionar a quem o não tem para estudar.

Resumindo: Não devemos pretender justificar uma distinção prosódica lusitana para impingir-la no Brasil fazendo-a apoiar-se em bases infundadas. V. *amamos*.

Já não respirava - Condenado é o emprego de *mais* em orações temporais quando substituível por *já*: "O doente *já* não respirava quando o médico chegou" (e não: "... não respirava *mais*") — "*Já* não há lei que os refreie" (e não: "Não há *mais* lei que os refreie").

É galicismo — diz Vasco Botelho de Amaral — o emprego de *mais* em frases como "Não vou lá *mais*", correspondente ao francês "Je n'y vais *plus*"; o galicismo é evitado construindo-se "*Já* lá não vou". Parece que no Brasil — continua o professor Vasco — ocorre com frequência o modo de dizer: "Não tem *mais*" por "*Já* não há". Como é óbvio não podemos imitar semelhante construção de ressaibo afrancesado.

Em "Não *mais* verei minha pátria" o *não* equivale a *nunca*, e o *mais* significa *um dia*; confrontem-se, neste exemplo de Camões, o correto emprego do *já* e o não menos correto emprego do *mais*: "Se *já* não pões a tanta insânia freio, não esperes de mim daqui em diante que possa *mais* amar-te, mas temer-te".

Já os não há - Quando empregado para indicar existência,

o verbo *haver* não tem sujeito; emprega-se então no singular e a coisa que existe funciona sintaticamente como objeto direto do verbo *haver*; esse o motivo por que o pronome que substitui a coisa é *o*, pois o objeto direto deve ser expresso por esse pronome: Não *o* há — *Já os não há* — Desde muito não *as* há.

Isso se dá com o verbo *haver*; caso se empregue o verbo *existir*, tudo correrá normalmente: *Eles já não existem*.

Jabuti - *Jabota* é o feminino do nosso nome da tartaruga terrestre.

Jaguaretê - *Jauaretê* é o mesmo que *jaguaretê*, mas nesta forma os componentes se aproximam mais da origem: *jaguar*, onça; *eté*, verdadeira.

Jânina - É proparoxítono o nome desta cidade albanesa.

Japão - Adjetivos pátrios: *japonês*, *nipônico*. Quando primeiro elemento de adjetivo pátrio composto, assume a forma *nipo*: *nipo-chanês*.

Jau - V. *Java*.

Jargões profissionais - Enjoativo torna-se o café-com-leite da manhã quando oito vezes vemos o verbo *implantar* numa única notícia de matutino nosso; o campo profissional do jornalista está-se enchendo de erva daninha, e herbicidas não têm nele entrada.

Variado é o joio, mas de fácil erradicação seria para quem conhecesse ordem alfabética. Dão-nos certos artigos impressão de que a redação do jornal não tem dicionário e de que os trabalhos não são relidos após pingado o último pontofinal da última lauda; sem uma única leitura de expurgo, vai o tro-lo-ló para as oficinas e, ainda que passe por outro profissional, agora da revisão, chega horas depois ao assinante para que seja engolido sem nenhuma variedade de paladar; é a aceitação mórbida da ignorância de nossos vocábulos, sem nenhuma variedade de gustação. *Inculcar*, *instaurar*, *insinuar*, *incutir*, *instalar*, *infundir*, *desenvolver*, *introduzir*, *instaurar*, *fundar*, *construir*, *criar*, *erguer*, *erigir*, *lançar*, *edificar*, *estabelecer*, *compor*, *organizar*, *propagar*, *fundar*, *consumar*, *assentar*, *ajustar*, *compor*, *impor*, *adotar*, *instalar*, *montar*, *aprontar*, *aplicar*... Ora! Não percamos tempo; isso é poluição de vocabulário, é inflação de idéias. Nosso vocabulário já é rico; por que mais essas palavras?

Cansado do dia, tentamos após o jantar percorrer outro campo de informação, e damos agora com outra gramínea nociva: "nesta segunda", "nesta quinta", "neste domingo". Que será isso? O próprio anúncio traz bem clara a inscrição: "SEGUNDA, às 21 h", e o locutor implicitamente declara errado o escrito, pois em vez de "segunda" ele lê "nesta segunda-feira". Qual dos leitores que até aqui nos tolerou diz: "Não posso ir a sua casa *nesta* sexta-feira; só poderei ir *neste* sábado"? Ou então: "Disse que iria a sua casa *nesta* segunda, mas só poderei ir *nesta* quarta, pois nem *nesta* terça poderei sair". Logo mais passaremos a ouvir "neste dia" em vez de "hoje", "neste dia seguinte" em vez de "amanhã".

A fumaça do cigarro do anúncio — propaganda proibida

em outros países — não espalha cheiro, mas o fraseado do locutor impregna até as paredes, e nossas crianças e os amigos desses países que pela primeira vez nos visitam pensam que o cheiro é natural e indispensável. Quanta tolice nos impinge a televisão, de objeto e de sujeito.

Java - O nome geográfico *Java* foi sempre escrito pelos nossos cronistas com *o*, *Jaoua*, e com isto quiseram representar a pronúncia *jáua*, que é a malaia e javanesa; confronte-se o nome étnico *jau*, dantes escrito *jao*. Da escrita *Jaoua*, com *u*, proveio ao depois, por má interpretação do valor desse *u*, a forma *Java*, errônea mas generalizada.

Adjetivo pátrio: *javanês, jau*.

Javali - Voz: *arruar, cuinchar, cuinhar, grunhir, roncar, rosnar*. Feminino: *javalina, gironda*.

Javé - Em regra, o alfabeto hebraico é constituído exclusivamente de consoantes. Os sons vocálicos são indicados por pontos e por traços que, introduzidos no século VI DC pelos rabinos massoretas ante o temor de corrupção do texto bíblico, são colocados em cima ou em baixo das consoantes. O nome que segundo a bíblia Deus revelou a Moisés foi, sem as vogais — que não existiam — o tetragrama inefável YHWH. Por de tal forma reverenciarem os judeus o nome de Deus que jamais o liam, a palavra era na leitura substituída por outra, *Eloá*, ou por *Adonay*, que tem a mesma vocalização.

Quando, no trabalho de crescer os sinais vocálicos ao texto bíblico, os doutores do massorá deram com a palavra YHWH, resolveram intercalar nela as vogais de ADONAY com a finalidade de evitar a leitura do verdadeiro nome, que é YAHWEH, e desse procedimento resultou a palavra inexistente *Jeová*, que assim começou a ser lida, e também escrita séculos depois por quem não tinha consciência do disfarce da transliteração do texto primitivo. Incidiram no erro principalmente os cristãos: I (E) H(O)V(A)H.

Tenta-se hoje substituir a forma enganosa pela verdadeira JAVÉ (ou IAVÉ), que assim era lida uma única vez por ano, no Yom Quipur, festa da Expiação, pelo grão-sacerdote. As Testemunhas de Jeová concordarão com isso? Cientes de que a bíblia não foi escrita em português nem em latim, talvez o façam.

Jeira - Escreve-se com *j*, dado o étimo latino *diária*, para corresponder ao *di* seguido de vogal, como com *j* se escreve *jornal* (diurnalem), *hoje* (hódie). Tinha e tem vários significados, mas de maneira especial indicava o serviço de lavoura de um trabalhador a quem se pagava por dia, ou seja, a quem se pagava o *jornal*, a *diária*, ou o terreno lavrado em um dia por uma junta de bois.

Jeito - Do latim *jactum*, deve ser escrito com *j*, como com *j* se escrevem os cognatos *jeitoso*, *rejeitar*, *sujeito*. Parece estar já fixada a grafia correta; quando, porém, vemos que universitários existem que escrevem "sugeito", lembramo-nos daquele quartanista de direito que nos escreveu: "A única coisa que realmente sei fazer é a minha assinatura".

Dispensados de exame de redação e obrigados a aplicar nos testes a experiência da Loteria Esportiva, nossos universitários têm hoje, já no vestibular, quase garantido o diploma de grau, dada a despreocupação com a grafia e com a sintaxe do idioma de sua pátria.

"Jeová" - V. *Javé*.

Jerarquia - *Hierarquia* é forma mais leal ao étimo grego *hierós*, sagrado, e *arché*, governo, e de *hierós* temos outros derivados: *hierodrama*, *hieródulo*, e o próprio adjetivo *hierático*. Aconteceu, porém, que a aspiração grega, nos caracteres latinos representada pelo *h* inicial, palatizou-se, isto é, abrandou-se em *j* na palavra *hierarquia*; daí a razão da forma sincrética *jerarquia*. Outro exemplo dessa palatização temos em *Jerônimo*, que hoje já ninguém diz *Hierônimo*, muito embora haja o cognato *hieronímica*, palavra que designa os professores da congregação religiosa de São Jerônimo.

Em *jeróglifo* tem o leitor outro exemplo dessa palatização.

Jerarquia é, pois, forma justificável e de uso já quase geral, tal qual se operou com *Jerônimo* e *jeróglifo*.

Jeringonça - V. *geri(n)gonça*.

Jeróglifo - V. *jerarquia*.

Jerônimo - V. *jerarquia*.

Jerusalém - Adjetivos pátrios: *hierosolimitano, hierosolimita*; têm a variante com *j* inicial em vez de *hi*; assumem a forma *hierosólimo* em adjetivos pátrios compostos de que constituam o primeiro elemento: *hierosólimo-belemita*.

"**Jeton**" - Palavra francesa, dela não trataríamos não fosse o emprego freqüente nos jornais. Com um só *t* no idioma a que pertence, provém de *jet* (lanço, jogada); indica "peça de metal, de marfim, de nácar ou de qualquer outra matéria, chata e o mais das vezes redonda, que serve como ficha, para marcar e pagar no jogo ou para calcular quantias".

É francesismo que pode significar *ficha de presença*, ficha que se dá em certas sociedades ou companhias, notadamente nas academias ou conselhos de administração, a cada membro presente a uma sessão; essas fichas, que são geralmente de prata, têm valor real e trocam-se por dinheiro, mas na maior parte são hoje substituídas pela simples comprovação do comparecimento da pessoa em livro de chamada ou de presença. Deveria a palavra ser aportuguesada em *jetão* (um *jetão*, dois *jetões*), para não ensejar que usemos também *jetonnier*, que em francês indica "acadêmico ou representante do povo, que vai às sessões só para ganhar o jetão".

Jia - Voz: *coaxar*.

JNRJ - V. *INRI*.

Joaninas - V. *juninas*.

João, **Joões** - O plural de *João* é *Joões*, com *e*, por pertencer o nome à terceira declinação latina: *Joannes*.

Jogo - No plural tem o *o* aberto.

"**Jogos de espírito**" - É expressão francesa; em português diz-se *chistes, facécias*.

Jóquei - Aportuguesamento do inglês *jockey*.

Jornal (e outras publicações periódicas) — Coletivo: *heme-roteca*.

Jornal, jornaleiro - Não nos atrapalhemos com o significado de *jornaleiro* na oração "Os *jornaleiros* da Central foram aumentados". *Jornaleiro* é aí o que ganha o *jornal* (paga de um dia de trabalho).

Jovem - Superlativo sintético: *juveníssimo*.

Jovial - Se *jovial* é adjetivo, como dar "espírito jovem" como seu sinônimo? Os sinônimos devem ser da mesma classe: é princípio de lógica mais do que de gramática.

Nem em sentido amplo *jovial* poderá ser empregado na acepção de *jovem, juvenil*. *Jovial* quer dizer alegre, aprazível, engraçado, prazenteiro, folgazão; tenha a idade que tiver, pode um homem ser *jovial*, como *jovial* pode ser o seu gênio, o estilo: "Disputas *joviais* e outros singelos passatempos de alegre confiança". Por extensão, é *jovial* o que é espirituoso, chistoso, não porém o que é jovem, o que encerra juvenildade.

É *jovial*, diz Moraes, o que é "amigo de rir e fazer rir"; homem *jovial*, gênio *jovial*, estilo *jovial*.

É o contrário de *triste* (e não de *velho*), como *jovialidade* o é de *tristeza* (e não de *velhice*): "A *tristeza* sucedeu à *jovialidade* impetuosa".

O latim não se presta para confronto; *jovialis* é o que se relaciona com Júpiter, e mais nada.

"**Jucatã**" - V. *Iucatã*.

Judaizar - Quanto à conjug. V. *arraigar*.

Judéia - Adjetivo pátrio de pessoa: *judeu*; de coisa referente a judeu: *judaico, judengo, judeu*.

Judiar, judiação - Pretender extirpar o verbo *judiar* do nosso léxico é interessar-se pela criação de problema se não inexistente pelo menos infundado em nosso idioma. Os léxicos de países em que existe liberdade não subordinam nem o número nem o sentido dos vocábulos a imposições políticas ou religiosas. Webster, de cuja idoneidade ninguém pode duvidar, consigna o verbo *judiar* (*to jew*) com mais precisão morfológica com relação a judeu, pois — de todos é sabido — um mesmo vocábulo presta-se nessa língua para substantivo e para verbo: "*Jew* - v. Fraudar por trapaça,

embuste ou artifício; praticar imposição ou extorção. Originariamente empregado de maneira infamante em alusão a práticas imputadas aos judeus por quem não gosta deles". Não só; dá até o verbo *desjudiar* (to *few down*): "forçar a reduzir o preço mediante pechincha". Essa igualdade morfológica entre substantivo e verbo não se dá em português; nossos filhos e os que jamais foram alertados por maliciosos nunca fazem ligação entre "não judie do cachorro" e "o judeu não aceita Cristo".

Por que tal preocupação em nosso idioma? Não traz o dicionário da Real Academia Espanhola "*Judiada* — fig. y fam. Acción inhumana; lucro excesivo y escandaloso"? Que eficiência, que proveito ao português e à comunidade judaica traz a iniciativa de alguns judeus de pela imprensa virem a profligar os dicionários nossos que trazem o verbo *judiar*?

Além do profligado sentido de maltratar (com o regime antecedido de *de*: *judiar* de calouro), tem o de escarnecer, mofar, zombar, com o regime antecedido de *com*: "Acha você muito bonito que meia dúzia de patifes estejam *judiando* com as pessoas que querem entrar na igreja?" (A. Herculano) — "E três ou quatro rapazes *judiaram* com o pobre Grossi" (João Ribeiro) — "Os quais o tinham levado, *judiando* com ele e matando-o a fome" (João Ribeiro) — "...tu que assim *judias* comigo" (Garrett).

Além do mais — perguntamos — não cabe a hipótese de que *judiar* significasse primitivamente "maltratar a alguém como em outros tempos se maltratava a judeus"? Por que então temer o seu emprego?

Jugoslávia - Forma entre nós mais usada, com *j* inicial; numa só palavra e sem *e* depois de *jugo* (=sull), como sem *e* se escreve *Checoslováquia*.

Juiz - Sem acento. Feminino: *juíza*, mas agora é necessário o acento, como necessário é em *juizes*, *juízas*, *juízo*: coisas das complicadas regras de acentuação que tanto maltratam nosso idioma (Formulário Ortográfico, 43, 4ª, obs. 1). Filhos nossos de seis anos escrevem palavras inglesas, de grafia e pronúncia diversificadas, sem necessidade de enfeites diacríticos; nossas palavras — coitados — não sabem nem jamais saberão escrever em virtude das regras de acentuação: obras de Santa Engrácia.

Juiz de Fora - Adjetivo pátrio: *juizforense*.

Jumento - *Voz*: azurrar, ornear, rebusnar, zornar, zurrar.

Jundaiense - Aqui, mais uma curiosidade das malfadadas regras de acentuação; não tem este adjetivo pátrio acento nenhum, embora *Jundiat* o tenha no *i* final. Assim: *Avaré*, *avareense*; *Bajé*, *bajeense*; *Seridó*, *seridoense*; *Baturité*, *baturiteense*; *Ibirá*, *ibiraense*; *Jatú*, *jauense*; *Putiú*, *putiuense*; *Niterói*, *niteroiense*.

Como escrever o pátrio de *Ibiporá*, *Abunã*, *Arabutã*? Desaparece também agora o sinal diacrítico? Permanece? Em que parágrafo, regra, observação, nota ou exceção do Acordo Ortográfico basear a resposta? Nenhuma particularidade de acenuação nos socorre no caso; só o bom senso poderá salvar-nos, principalmente quando verificamos existirem duas cidades no Brasil, uma *Iporá*, outra *Iporã*. Dizer que o pátrio em tal caso deva anteceder-se de *n* é inventar regra. Não temos *camagüense*, pátrio de *Camagüã*? E que fariamos com *paranáense*, pátrio de *Paraná*, cidade de Goiás?

Junino, Joanino - Quando quisermos referir-nos ao mês de junho e especialmente às festas que nele se realizam — de Santo Antônio, São João e São Pedro — empreguemos o primeiro adjetivo: festas *juninas*.

O segundo adjetivo só iremos empregar quando nos referirmos especificadamente a João ou a Joana, sejam ou não santos (festa *joanina*, festas, festividades, celebrações *joaninas*), aos reis D. João I e D. João III de Portugal ou ao tempo deles: arquitetura *joanina*.

De igual forma temos *antonino* ou *antoniano* para especificar

o que é relativo a Santo Antônio ou aos Antoninos, imperadores romanos.

Júnior, Filho - Se *filho* é palavra de aceção conhecida, *júnior* nem sempre o é. Significa esta palavra, etimologicamente, *mais moço*; é, em latim, comparativo de *júvenis* e nos nomes próprios de pessoa de vários idiomas se emprega para distinguir de *senior*, isto é, *mais velho*.

Filho tem aceção mais restrita, ao passo que *júnior*, não obstante servir-lhe de sinônimo, tem significação mais lata; pode designar não só filho, mas qualquer parente que, de igual nome, seja de nascimento mais recente; um sobrinho, um neto pode ter *júnior* após seu nome, igual ao de um tio, ao de um avô.

Tratando-se de filha de Francisca de Oliveira, ela será *Francisca de Oliveira Filha*, no feminino; se sobrinha, *Francisca de Oliveira Sobrinha*; se neta, *Francisca de Oliveira Neta*, sempre a concordar. Chamar-se, porém, *Francisca de Oliveira Filha* quem é filha de "Francisco", e não de "Francisca" é dislate.

Quanto ao plural, *V. senior*.

Junto - Os dicionários — repertório dos fatos do idioma — trazem, claras, as funções de *junto*, tanto os antigos, elaborados com vagar e consciência, quanto os modernos, que os copiaram.

Junto é particípio irregular de *juntar*, e pode ser adjetivo: "Ali se acharam *juntos* num momento", "Remeto a folha *junta*" (Note-se bem este exemplo, em que *junto* se flexionou em gênero e número dada a função e significação nítidas de adjetivo), "Atirei duas pedras *juntas*", "Diz a carta *junta*", "Encontrei as irmãs *juntas*" (unidas), "*Juntas* as encontrei" (função e significação idênticas; mera inversão dos termos).

Quando dizemos "Crescem *juntos* com o Brasil", estamos a empregar *juntos* no plural por ser adjetivo; não forma locução prepositiva com a preposição *com*; é como se fora "Juntos crescemos com o Brasil"; a flexão se impõe: "Dizem mais os profetas que no tempo do Messias viveriam os lobos *juntos* com os cordeiros".

Junto pode ser também advérbio; é, como tal, inflexível: "*Junto* remeto a folha de pagamento" (A palavra está modificando o verbo, e, por isso, não varia). "Alça-se em pé, com ele o Gama *junto*", "*Junto* vos envio dois relatórios" (A função de advérbio é clara: modifica o verbo, e significa *juntamente, ao mesmo tempo*), "Envio *junto* a carta" (A palavra está modificando o verbo e não o substantivo), "*Junto* das as graças e os castigos".

Ainda invariável se torna *junto* quando a formar locução prepositiva: "Duas igrejas *junto* ao rio", "Tinham certeza de que *junto* aquele médico não havia desolação", "A tumba *junto* da cova aberta esperava por um cadáver", "Elas velaram *junto* do corpo da desgraçada irmã". *V. anexo*.

Junto a - Significa "adido a"; é o que dizem todos os nossos dicionários: embaixador *junto* ao Vaticano. Providências, pedidos tomam-se, solicitam-se "em" um lugar, e não "junto a" um lugar, "de" alguém, "com" alguém, e não "junto a" alguém: Procuramos obter "na" Caixa Econômica os necessários fundos — Conseguimos "do" Banco do Brasil o aval — Acertaram-se "com" o prefeito as inovações necessárias.

"Junto a" pode também significar "perto de", e por essa locução é usada: "Estávamos *junto* ao rio" — "Fabricou outra fortaleza *junto* à nossa" — "Deixarei para pedir minha remoção quando estiver *junto* a ele".

Jurado - Coletivo: *jure*, *conselho de sentença*, *corpo de jurados*.

Jure - *V. bere-bere*.

Juriti - *Voz*: *soluçar*.

Justinianeu, Justiniano - Já em latim existiam as duas formas, conquanto a primeira se acentuasse "justiniãneu". Não é de admirar, pois, darem bons dicionários nossos essas duas formas adjetivas.

K

K - Enquanto a sintaxe da nossa língua regride à linguística do MOBRAL, sua grafia tende a apoiar-se na dos dialetos dos nossos índios e no ladino, espanhol medieval falado pelos sefardins: "I era muy crnozo, ke sua kara alumbrada komo la klaridad del sielo ke av más arriba de los siete sielos, i asemejaba a la klaridad de la luz grande ke se kreó en el primer día, ke se atnaba de un kabo de mundo al otro".

Esse mesmo *k*, de tantos séculos passados, encontra-se nos jornais de hoje, não nos espanhóis senão nos brasileiros, não em nomes de produtos comercialmente registrados sob formas gráficas grotescas, mas em nomes comuns, em textos referentes a cidades, coisas e ocorrências do Oriente Médio, servilmente copiados de um idioma estrangeiro e de transliteração fácil, como *kanika*: (piloto que morre em vô de prova), *Akaba* (porto do mar Vermelho).

Transcritos em letras latinas, tais vocábulos devem trazer as que correspondem ao idioma português de hoje; o som gutural forte é em nossa língua representado por *c* quando seguido de *a, o, u*, por *qu* quando seguido de *e, i*. Isto é primário, mas vemos o erro escrofulosamente cometido nos melhores jornais de nossa terra. Que está aí a fazer o *k* senão a mostrar de forma objetiva o quanto desprezamos o que mais caracteriza a personalidade de um povo, o seu cuidado com a cultura, o idioma? A menos que o procedimento seja de propósito abusivo, os responsáveis pela revisão de nossas folhas noticiosas devem exigir que os tradutores sejam não somente fiéis ao expresso no texto original mas igualmente fiéis à sintaxe e, pelo menos, à grafia do idioma do texto novo.

K (transformado em *c*) - V. *ceratose*; V. *quisto*.

"**Köln**" - O nome desta cidade alemã é em nossa língua *Colônia*.

L

"La Rochelle" - Em português *Arrochela* é que é o nome do porto francês.

Lá vão dois anos - V. *faz dois anos*.

Labor ómnia vincit - Locução latina que significa "o trabalho vence tudo". Máxima de Virgílio, verdadeiro hino ao trabalho, ao esforço.

Laço (laçada) - Não confundir com *lasso*. Da primeira palavra é étimo o latim *lâqueum* (nó corredio), da segunda o latim *lassum* (fatigado, lânguido), que nos deu ainda as significações de bambo, gasto, enervado, dissoluto, devasso: o *lasso* caminhante — ter os membros *lassos* — a *lassa* boca.

Lactante, Lactente - *Lactante* designa a mãe, a pessoa que dá leite, que cria no peito; deriva de *lactantem*, particípio presente de *lacto, lactare, amamentar*.

Se quisermos designar a criança, deveremos dizer *lactente*, proveniente de *lactentem*, particípio presente de *lacteo, lactere*, que quer dizer *mamar*.

Ládoga - Com acento na primeira sílaba, é a prosódia recomendada por Cândido de Figueiredo e registrada em vocabulários.

Ladrão - *Coletivo*: bando, cáfila, malta, quadrilha, tropa, pandilha (brasileirismo do Sul). *Aumentativo*: ladravaz, ladroaco, ladronaco, ladravão. *Feminino*: ladra. A forma *ladrona* é humorística, burlesca.

Lama - Barulho, quando batida de chapa com as mãos, com os pés ou com o corpo: *chapinhar*.

Lambugem - Prende-se a palavra ao verbo *lamber*, a cujo radical se acrescentou *ugem*, sufixo formador de nomes femininos, correspondente à terminação latina *ugo, úginis*, com os mesmos significados de *agem*:

1. acrescido a tema nominal, indica conjunto:

babugem, de baba
salsugem, de salso, e este de *sal*
penugem, de pena
lanugem, do lat. *lana*
ferrugem, do lat. *ferrum*

2. acrescido a tema nominal ou verbal, indica a prática sugerida pelo tema:

lambugem, de *lamber* (l. glotonaria. 2. pequeno lucro com que se engoda alguém)

amarugem, de *amarejar* (de *amaro*)
rabugem, do lat. *rabies*, raiva

Palavras com essa terminação aparecem vulgarmente e até oficialmente deturpadas: *lambuge, lambuje, lambuja, lambujem*.

Lâmpada - *Coletivo*, quando em fileira: *carreira*; quando pendentes ou dispostas numa espécie de lustre: *lampadário*.

Lâmpião de querosene - De um lado, "lâmpião de querosene", "brinquedo de corda", "relógio de pilha", "moinho de vento"; doutro, "máquina a vapor", "barco a vela", "motor a óleo".

O cientista e o romancista podem ser férteis de idéias, mas devem tomar umas pilulas que lhes tragam mais visão do idioma. Aos professores de português cabe a obri-

gação de conhecer tal medicina e o papel de ministrá-la; infelizmente, até professores há que tomam talidomida e outros tranqüilizantes, pouco se importando com a deformação física do nascituro, e o defeito físico perdura por irremediável.

Fala-se em idioma "vivo", em língua que acompanha o "progresso"; certo, sem dúvida, quanto a vocábulos, quanto a locuções que acompanham criações, invenções, não porém quanto à regência, quanto à concordância, quanto à colocação, quanto à sintaxe, quanto ao que é nosso e não do francês; ainda que se trate de vocábulos, a roupa-nossa se impõe em troca da estrangeira. A morte é que então deve ser lembrada; os farrapos é que devem ser vistos; em atraso de ensino, em deficiência de escolas é que então se deve haver por bem falar.

É inútil querer consertar o "motor a óleo", o "barco a vela", mas tratemos de fabricar inteligentemente e com recursos caseiros "carros de energia atômica", "automóveis de bateria", acompanhando o progresso dos "motores de anéis", dos "motores de curto circuito", dos "aviões de turbina", dos "aviões..." — estávamos para dizer "de jato" mas já é tarde para medicar.

Lanchar - "Qual o certo, *fazer lanche* ou *tomar lanche*?"

— É o verbo *fazer* largamente usado na formação de expressões verbais: *fazer silêncio, fazer guerra, fazer poesia, fazer revolução*.

O emprego do verbo *fazer* como elemento de formação de locuções verbais deve-se, de um lado, à falta de formas cognatas simples; de outro, ao exemplo que o latim nos dava em expressões semelhantes: *fácere verba*, falar; *fácere urinam*, urinar; *fácere clamores*, clamar; *fácere iter*, caminhar.

Ao lado de algumas de tais expressões verbais apareceram as formas simples: *fazer silêncio, silenciar; fazer guerra, guerrear; fazer viagem, viajar*. Nem sempre, no entanto, é possível essa substituição:

a) por não haver a respectiva forma simples: *fazer amizade* (*amizar-se* não existe);

b) por ter o correspondente simples acepção diversa da forma composta: *fazer justiça* (*justicar* significa *sentenciar*);

c) por encerrar a forma simples significação pejorativa: *fazer política* (*politicar* tem sentido depreciativo).

Quando possível a forma simples, sem sacrifício de sentido, não deveremos temer usá-la, porquanto esta é a tendência do português: *barbear-se*, por *fazer a barba*; *escarnecer*, por *fazer escárnio*; *cortejar*, por *fazer a corte*.

O abusivo emprego do verbo *fazer* em locuções semelhantes implica, não poucas vezes, verdadeiros estrangeirismos: *fazer falta*, franco galicismo (*faire des fautes*): "O jogador *faz falta*", em vez de *cometeu falta*; *fazer sonho*, italianismo grosseiro, em vez de *sonhar*; *fazer erro*, em vez de *cometer erro*; *ser a alegria*, e não *fazer a alegria* ("Ela é a alegria dos pais").

O leitor já prevê a conclusão: *Tomar lanche* é forma preferível, e *lanchar* será igualmente louvável.

Languidex - V. *estupidez*.

Lanugem - V. *lambugem*.

Lapsus cálamí - Locução latina que significa "erro do lápis" ou da pena: "Trata-se de *lapsus cálamí*", isto é, de descuido de redação.

Lapsus linguae - Locução latina que significa "erro da língua", erro que por distração se comete ao falar.

Laringe - Como *faringe*, *esfinge*, *meninge* e outros nomes provindos de formas gregas terminadas em *inx*, *ingos*, é feminino: *a laringe*.

Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate - Expressão italiana que significa "deixai toda a esperança, vós que entráis". Inscricão que se lê na porta do inferno (Dante, Inferno, III, 9).

Lassar (tornar lasso) - Não confundir com *laçar*. V. *laço*.

Lasso - V. *laço*.

Latim - Asas de um pássaro, o latim e o português voaram juntos por muito tempo no Brasil, mas é de todo falso pensar que a primeira finalidade do seu estudo estava no benefício que trazia ao aprendizado do português.

Chegados ao Brasil, contratados para lecionar na recém-fundada faculdade de filosofia de São Paulo, três eminentes matemáticos, de renome internacional, Gleb Wataghin, Giacomo Albanese e Luigi Fantapié (O professor Wataghin é considerado, no mundo inteiro, um dos maiores pesquisadores de raios cósmicos), cuidaram, logo após os primeiros meses de aula, de enviar um ofício ao então ministro da educação, que na época cogitava de reformar o ensino secundário, para declarar, com certo desânimo:

"Chegados ao Brasil, ficamos admirados com o cabedal de fórmulas decoradas de matemática com que os estudantes brasileiros deixam o curso secundário, fórmulas que na Itália (Os três professores eram catedráticos de diferentes faculdades italianas) são ensinadas só no segundo ano de faculdade; ficamos, porém, chocados com a pobreza de raciocínio, com a falta de ilação dos estudantes brasileiros; pedimos a vossa excelência que na reforma que se projeta se dê menos matemática e mais latim no curso secundário, para que possamos ensinar matemática no curso superior".

O professor Albanese costumava dizer — e muitas pessoas são disto prova — "Dêem-me um bom aluno de latim, que farei dele um grande matemático".

Infelizmente, o latim encontra-se espezinhado cada vez mais em nossa terra, espezinhado por homens que não sabem o que é educação, espezinhado pelos mesmos homens que não querem permitir o Exame de Ordem, espezinhado pelos mesmos "educadores" que daqui a pouco irão introduzir o jogo de xadrez nas nossas escolas.

Na vanguarda do progresso, os Estados Unidos ensinam o latim; quem conhece o TIME sabe trazer esse semanário quase invariavelmente palavras, locuções e sentenças latinas, e não data de muito tempo esta passagem (TIME, 28 de agosto de 1972): *Daimon omnia vincit. Olim erat magister linguae Latinae nomine Richard Case, LVIII, qui docebat in Middlesex Schola Concordiae, Massachusetts. Tristis erat quod multi suorum discipulorum putabant linguam Latinam aridam esse, et nolebant grammaticam studere.*

Itaque Case coepit scribere fabulam heroicam quam discipuli legere amarent. Appellabatur *Daimon*, et incipiebat simplicissime: "Olim erat in insula Heracleia puer nomine *Daimon*..." Case primas paucas paginas exhibuit quattuor ex suis discipulis et hi constituerunt illi auxilium ferre ad fabulam scribendam. Case dixit: "Ab eventu ad eventum procedebamus, intellexi, si pueri ipsi fabulam invenirent, certe excitaturam esse".

Magister atque sui quattuor discipuli narraverunt fabulam de *Daimone*, filio regis Heracleiae, qui peregrinatus est per mare Aegeum. Contra piratas ac serpentes maritimos pugnavit, et implicatus est cum deis, et centauris, et equis alatis. Case dixit: "Postremo erat magna disputatio

de questione num *Daimon* deberet mori in tempestate modo herois. Discipuli arguerunt *Daimonem* dignum esse ut viveret."

Ubi Case librum (XLI paginae) exhibuit classi suae discipuli librum amaverunt. Vere, alii magistri hoc cognoverunt, et sex aliae scholae intendunt eo libro uti in classibus Latinis hoc autumno. Unus discipulus dixit: "Disci copia verborum dum legis atque in fabulam intras. Fortasse ego ipse novos eventus de *Daimon* scribam. Tamen nescio num quidquam praeterca sit quod *Daimon* facere debeat."

Deixamos ao leitor inferir o porquê dessa diferença de procedimento entre um e outro país.

Latinismos - V. *memorandum*; V. *da falência*.

Latir - V. *abotir*.

Latō sensu - Locução latina que significa "em sentido lato"; o contrário é *stricto sensu*, que significa "em sentido restrito".

Laus in ore próprio vilescit - Locução latina que significa "louvor na própria boca perde o valor".

Lavrador - Enquanto *lavradora* é o feminino de *lavrador* na acepção de "agricultor", de "o que trabalha em lavoura", *lavradeira* é forma sinônima de *lavradora* mas tem também a acepção de "mulher que faz labores de agulha", e é ainda nome de uma formiga.

"Alazão" - *Alazão* é preferível, de acordo com o étimo árabe. Morais dá só a forma completa; Domingos Vieira consigna a forma aferética, mas remete para *alazão*, onde explica: Característico do cavalo de cor de canela; assim há *alazão aceo*, *baio*, *claro*, *ruão* e *tostado*, cambiantes desta cor: "Entrou por outra parte dentro da paliçada em cima de um poderoso *alazão* tostado" — "Cavalo *alazão*, muitos o querem e poucos o hão". Feminino: *alazã*.

Lazariase - V. "*hanseníase*".

Lázaro - Por aferese, o nome hebraico *Eliezer*, que em latim se transformou em *Eleazar* e *Eleazaris*, deu-nos *Lázaro*, com z.

Leão - Voz: *bramar*, *brannir*, *fremir*, *rugir*, *urjar*.

"Leasing", Arrendamento - "With \$5,000 borrowed from an uncle, they leased an Itek platemaker". É o verbo grifado usado em inglês para indicar *arrendar*, e a sua forma gerundial anda pelas colunas de nossos jornais sem a devida tradução, e vemos já, em letras de tamanho proporcional à importância do bem, móvel ou imóvel, que se oferece, ou da empresa que nessa modalidade de comércio explica sua atividade, expressões como "auto *leasing*", "mercado *leasing*", "operação de *leasing*", "empresa de *leasing*".

ARRENDAMENTO é que se diz em português, arrendamento tanto de bens imóveis quanto de bens móveis quanto, ainda, de serviços. Arrenda um fazendeiro suas terras, como pode receber em arrendamento um trator, como arrenda uma empresa de limpeza, de trabalho de manutenção, de marcenaria etc. seus empregados, sem ônus de obrigações trabalhistas para os que usufruem o serviço.

Se lei existe sobre tal atividade comercial não vem ao caso saber; o que importa é usar a palavra adequada, legitimamente significativa para o caso: *arrendamento*. Carros, caminhões, tratores, máquinas, equipamentos, com ou sem operadores, *arrendam-se*, como se arrendam pedreiros, encanadores, pintores e outros oficiais pertencentes ao quadro de empregados de uma empresa de arrendamento.

Não importa tampouco saber se o arrendamento é meramente operacional, temporário, transitório, em troca de uma importância correspondente à locação, ou se é financeiro, para que no fim de certo período o título de propriedade, de aquisição obrigatória, passe para o contratante locatário. Em ambos os casos a natureza contratual é de arrendamento, e de arrendamento devemos chamar assim a operação como a empresa: "contrato de arrendamento", "Auto arrendamento S.A.", "Arrendamento de Ser-

viços Caseiros Ltda.", "Máquinas Agrícolas Arrendamento S.A."

Lebre - Voz: assobiar, guinchar, chiar.

Lei - Coletivo, quando reunidas cientificamente: *código, consolidação, corpo*; quando colhidas aqui e ali: *compilação*.

"Leipzig" - A forma portuguesa é *Lipsia*.

Leiria - V. *Etiópia*.

Leitão - Voz: *bacorejar, cuinchar, cuinhar*.

Leitorado - É palavra antiga do idioma; designa já o ofício do leitor ou do professor, já o prazo de tempo que dura esse ofício. "Curso ministrado por *leitorado*", isto é, por umas tantas preleções, por umas tantas conferências, por umas tantas leituras. Esta, *leitura*, é a palavra originária, e quem conhece inglês sabe o que é um "lecturer".

Leitor é, no caso, a designação certa para o professor, para o lente que, geralmente por método próprio, dá um curso; é a palavra portuguesa exatamente correspondente à inglesa, sem que possamos falar em anglicismo; é o conferencista. Não somente é a designação certa; era esse o significado da palavra em outros tempos: Morais que o diga.

Lembrar-se - "No dia 8 de dezembro de 1954, *lembra-me* como se fora hoje..."

O verbo *lembrar-se* está aí muito bem construído. Habitualmente é ele hoje empregado pronominalmente — "*lembrar-se* de alguma coisa" — ao passo que sua construção clássica era "*lembrar* uma coisa a alguém".

Na construção usual é sinónimo de *recordar-se* (Recordo-me de uma coisa), *ter lembrança* (Tenho lembrança de algum fato); funciona a pessoa como sujeito do verbo. No segundo caso, porém, a coisa é que passa a ser sujeito do verbo, que então equivalerá a *vir à lembrança* (O fato vem-me à lembrança), *tornar-se recordado* (O fato torna-se-me recordado).

"Não lembro o dia" — "Não me lembro do dia" — "Não me lembra o dia" — são construções todas certas.

Por evidente confusão com outras construções semelhantes e corretas, como, por exemplo, "avisamo-los de que...", "informamo-los de que...", enormes tabuletas ladeiam estradas de rodagem de nosso estado com um trolo-ló, mais do que aviso, em que se vê este disparate de regência: "... lembramo-los de que..."

Cada verbo com sua regência. Se podemos construir "avisar alguém de algo", "informar alguém de ou sobre algo", já o mesmo não acontece com "lembrar alguém de algo", regência inexistente em português. O que temos na língua que ainda falamos no Brasil é "lembrar a alguém algo", que noutra forma, com o obliquo, fica "lembrar-lhe algo". Logo, o correto é "lembramos-lhes que..."

Comparemos o erro acima com outro parecido — "comunicamo-los de que"; assim não se diz, senão "comunicamos-lhes que". Já se foi o tempo em que um governador de São Paulo mandava fazer bustos a si próprio com a craseado antes de seu nome. V. *esquecer-se*.

Lendário, Legendário - A principal diferença entre estas duas formas paralelas está em a popular — *lendário* — ser apenas adjetivo; é lendário o que tem caráter de lenda, o que é relativo a lenda, e, ainda, figuradamente, o que é fantástico: as façanhas do *lendário* Fuas Roupinho.

Legendário é precipuamente substantivo; denota: autor de legendas (narrações maravilhosas e populares de acontecimentos da Idade Média, inscrições em monumentos, em moedas ou medalhas; listas explicativas de letras, de sinais, de cores que especificam partes de um mapa); livro com leituras especiais para cada dia do ano; coleção de legendas (a semelhança de *obituário*, registro de óbitos).

É também adjetivo, já para indicar que uma coisa diz respeito às legendas ou tem o caráter das legendas ("epopéia *legendária*"), já para caracterizar o que encerra inverossimilhanças imaginosas próprias de lenda, tomando *lenda* no sentido de narração de ações extraordinárias — geralmente fantasiosas — ou transmitidas por mera tradição.

Uma cidade é *legendária* quando realmente existente e depositária, fonte de lendas. Uma cidade é *lendária* quando ou já não existe e não deixou provas reais de existência ou quando tem os característicos de pura lenda, ou seja, quando é produto de verdadeira invenção.

Uma observação final cremos poder fazer: Assim como há *legendário* como substantivo para indicar coleção, reunião de legendas, por que não admitir também *lendário* com uma segunda função, substantiva, para indicar reunião, coleção, livro de lendas?

Lenha - Coletivo: *seixe, molho* (o que se pode abarcar), *talha* (50 molhos), *carrada* (4 talhas).

Lenimento - V. *linimento*.

Lenin - É a forma correta, e não *Lenine*, que é francês; da forma correta, *Leningrado*.

Lépade - V. *mônade*.

Lepra - V. "*hanseníase*".

Les noms des fous se trouvent partout - Provérbio francês que significa "os nomes dos loucos são encontrados em todo o lugar". Crítica aos que têm o hábito de escrever o próprio nome nas paredes, nas árvores etc.

Letônia - Adjetivo pátrio: *letão*; quando primeiro elemento de adjetivo pátrio composto, assume a forma *leto*: *leto-estoniano*.

Letra costômica - V. *motorneiro*.

Letra, Letras - O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa trazia o verbo *letrar*, mas não punha acento circunflexo no substantivo *letra* ao tempo em que este humilhante sinal diacrítico tinha vida oficial. Quando perceberam a incongruência, seus autores omitiram na 10ª edição o verbo *letrar*, que significa *investigar, soletrando*. O dicionário de Laudelino Freire o consigna, assim como *letrar* e *deletrear*.

Coletivo, quando em ordem sistematizada: *alfabeto, abecedário, abc*.

Letras por vencer-se - É de todos sabido que "letras a vencer-se" é que se emprega na escrituração comercial, mas nenhuma pessoa que o português conheça ignora não dever ser essa a construção. Com *a*, assume a frase aspeto francês; se vernácula fosse, outro seria o sentido, pois uma é dizer em nossa língua "trens a partir", outra "trens por partir". A primeira construção equivale a *trens partindo*; denota começo de ação (trens que estão partindo); a segunda indica proximidade de ação (trens que estão para partir) e este é o nosso caso; as letras não se estão vencendo, mas *por vencer-se*.

Livros de escrituração comercial não são obras de literatura, mas, escritos em português, portuguesas deveriam trazer as construções (546, l, b).

Leucócito - A acentuação proparoxítona é a que, etimologicamente, convém às palavras *leucócito* (gr. *leucós*, branco, e *cytos*, invólucro, célula, glóbulo: denominação dos glóbulos brancos do sangue), *linfócito* (gr. *lympha*, água, e *cythos*: nome dos glóbulos da linfa) e *fagócito* (gr. *phagein*, comer, e *cytos*: denominação dada aos leucócitos pelo papel fisiológico que desempenham de absorver, nas moléstias microbianas, as bactérias patogénicas), e médicos não faltam que assim as pronunciem.

Levar - V. *verbos que entram em expressões de tempo*.

Levar a efeito - É expressão encontrada a cada passo, mas nem sempre com o devido sentido; isto, e mais nada, significa *levar a efeito*: realizar ou executar um projeto, um pensamento, um desejo.

Tão só com tal significado poderemos substituir *efetuar, realizar, executar* pela frase *levar a efeito*. Caso assim não procedamos, incidiremos em erro. Se não pode um padre "*levar a efeito* um casamento", uma vez não estar executando um plano, realizando um projeto, nem efetuando um pensamento, muito menos poderá um canhão *levar a efeito* um disparo, um bombardeio.

Compreendida a expressão, poderemos empregá-la em seu legítimo sentido e, ainda, variá-la, como fez Camões:

"Põe, ó Musa, em efeito meu desejo".

Leve, Leviano - Se leviano tinha, no português antigo, a significação de *pouco pesado*, tal acepção é hoje aceita e comumente usada apenas no Brasil e, ainda assim, em algumas regiões, e em São Paulo só na classe menos culta: "Esta mala parece pesada, mas está bem *leviana*" (Taunay, "Léxico de lacunas").

É da índole da nossa língua rejeitar palavras divergentes com significação idêntica; se temos em português os divergentes *Cícero* e *cicerone* é por ter cada palavra sua significação especial.

Leviano, não obstante derivar do vernáculo *leve*, tende a afastar-se, quanto ao sentido, do seu étimo. Em latim só existe o adjetivo *levis* para ambos os significados: *terra levis* (de pouco peso), *pópulus levis* (sem caráter).

Leve teve e continua tendo muitas significações:

1. *de pouco peso*: "Outras com *leves* remos brandamente, as cristalinas águas apartando";

2. *ligeiro, ágil*: *cão leve*; *leve de pé*.

3. *brando*: *vento leve*; "... que Deus me toque com a vara *leve* de suas admoestações";

4. *sem importância*: "... pois a Teodorico o condenavam à morte por casos tão *leves*";

5. *fácil*: "E, porque o caso *leve* se lhe faça...";

6. *frágil*: "...num *leve* pinho foi correr" (navegar em frágil embarcação);

7. *não profundo*: *sono leve*;

8. *de fácil digestão*: *comidas leves*;

9. *parco*: *refeição leve*;

10. *volúvel*: *caráter leve*.

Na acepção de *irrefletido, sem juízo*, não encontramos exemplos nem no português antigo. A tendência, cada vez mais acentuada, é dar a *leve* sentido material, a *leviano* sentido moral: *peso leve*; modo de agir *leviano*.

Lêvedo - É o mesmo que *levedura*; massa levantada, entumescida; produto ou matéria fermentada, que se utiliza para novas fermentações; fermento. Quer substantivo, quer adjetivo (tornar *lêvedo*, massa *lêveda*), é palavra sempre proparoxitona.

Lexeologia - V. *taxeonomia*.

Lha - Nesta forma pronominal, resultante da combinação dos pronomes oblíquos *he* e *a*, *lhe* figura em lugar do objeto indireto, *a* em lugar do objeto direto; só é possível, pois, quando nenhum dos dois objetos está explícito.

Suponhamos tratar-se de uma chave; podemos dizer a alguém "Já *lha* entreguei", mas se mencionarmos o objeto entregue, tornar-se-á impossível e errada a forma *lha*, e o certo só poderá ser "Já *lhe* entreguei a chave". Tornar-se-á igualmente impossível o *lha* se mencionarmos o objeto indireto, ou seja, a pessoa a quem entregamos a chave: "Já *a* entreguei a você". 321.

Lhano - Provindo do espanhol, é usado ao lado do adjetivo *chão*, ambos do latim *planus*: palavras *chãs*; *thanos* agradecimentos. De *lhano* o derivado *lhaneza* (simplicidade, amabilidade).

Lhe = A ele - Alguns verbos temos que não admitem a forma *lhe* para objeto indireto:

ajudar: ajudei *a ela* (à missa);

aspirar: aspiro *a ele* (ao cargo);

assistir: assisti *a eles* (aos jogos);

presidir: presidiu *a ele* (ao congresso);

recorrer: recorri *a eles* (aos meios).

Lho - V. *lha*.

Libertas quae séra tamen - (A liberdade, ainda que tardia).

Lema dos Inconfidentes, tirado mutiladamente de um verso de Virgílio (Écloga, I, 25): "Libertas quae, sera, tamen respexit inertem" = A liberdade, a qual, tardia, contudo olhou para mim inerte.

Liberticida - V. *mariticida*.

Libido - Usual e etimologicamente o acento tônico de *libido* (energia psíquica; instinto vital) é na penúltima sílaba, longa em latim: *li-bí-do*.

Lição - Coletivo, quando sobre um assunto: *curso*.

Licença-prêmio - Nada há que subentender entre os elementos variáveis e separados por hífen de um substantivo composto para efeito de flexão numérica. É falso supor existir de permeio a preposição *de* para justificar o plural "licenças-prêmio", raciocínio que viria justificar outros erros como "porcos-espinho", "couves-flor". V. *escolas-modelos*.

Liceu - V. *gentílicos*.

Lícia - V. *Árquia*.

Licopódio - V. *ápode*.

Lida, Lide - É observação filológica: Formas paralelas perderam somente quando assumem significações diferentes: *mácula*, *mancha* (ambas do latim *máculam*). Quando a distinção de significado não ocorre no andar dos anos, uma delas perece: *limite*, *linde* (ambas do latim *limitem*).

Lida e *lide* não definiram completamente a sorte da sobrevivência, pois ainda vemos *lide* por *lida*. Nosso verbo *lidar* tem estes dois sentidos distintos: 1. trabalhar afanosamente, esforçar-se; 2. batalhar, combater, pelear.

O substantivo posverbal *lida* parece estar ficando com o primeiro significado: *lida* é o trabalho, a faina, o esforço: "Tanta *lida* para tão pouca vida".

A forma *lide*, firmada no latim *lis*, *litis*, guarda o segundo significado de *lidar*: luta, contenda, duelo, litígio, questão: "O advogado fez sua *lide*" — "*Lides* amorosas" (desavenças de amores).

Líder - O inglês "leader" já se encontra aportuguesado na forma comum de dois *líder*, sem nenhuma necessidade de aspas; *líderes* é seu plural; são seus derivados *liderar*, *liderança*.

Lilás - Não obstante "lilá" corresponder à pronúncia da palavra originária, dois motivos levam-nos a preferir *lilás* para aportuguesar o francês "lilas"; um, o uso já largo da forma com *s* final — muitos escreviam e ainda erroneamente escrevem com *z* — outro a facilidade que traz para o plural, também de largo uso, *lilases* (um canteiro de *lilases* viçosos) e para o derivado *lilasear* (dar cor arroxeada a).

O apelativo dessa flor pode ser já substantivo, para indicar tanto a flor quanto a cor, já adjetivo uniforme: cor *lilás*, sedas *lilases* (ou "da cor de lilás"), véu *lilás*.

Quanto ao gênero note-se que todos os dicionários e vocabulários atribuem-lhe o masculino: o *lilás*.

O étimo árabe *lilak*, de onde tirou o francês, dá-nos o radical dos derivados *liláceo*, semelhante ou relativo ao *lilás*, *liláceas*, família de plantas que têm por tipo o *lilás*, *lilacina*, substância extraída da casca do *lilás*.

Lima - Adjeivo pátrio: *limenho*.

Linfócito - V. *leucócito*.

"Lingerie" - Francesismo inútil; entre nós já é traduzido por *roupa branca*: fábrica de *roupas brancas*. Em Portugal diz-se *lençaria*, *fancaria*, para indicar toda a espécie de panos de linho ou de algodão considerados coletivamente ("Os armários mal se podiam fechar com a quantidade de *lençaria*") e também *roupa branca*. Em francês, *linge* é *roupa branca*; *lingerie* indica o conjunto, a variedade, ou seja, *roupas brancas*.

Lingua - Barulho: *estalar*.

Língua brasileira? - Afirmar que a língua que falamos no Brasil é outra que não a portuguesa é o mesmo que afirmar que os norte-americanos não falam a inglesa. Com exceção dos índios e dos que viram no caminho do manicômio o mais seguro para a sua jornada, todos os brasileiros falam a língua portuguesa. "Língua brasileira" não existe no Brasil, mas portuguesa, porquanto uma é a lexeologia, um o processo de formação vocabular, as mesmas as flexões verbais, como as mesmas as graduais, as numéricas e as genéricas, como idênticos os prefixos e os sufixos. Um povo pode mudar seu léxico e até a própria sintaxe; mas se guardar seus processos morfológicos, isto é, de flexão, de conjugação, de composição, de prefixação etc., sua língua não terá mudado.

Se existe "língua brasileira", sua gramática deve estar há muito esgotada e desaparecidos todos os exemplares.

Não é verdade tenha tido Rui Barbosa a denominação "língua brasileira", simpatia impossível em quem é intelectualmente bem formado e mentalmente equilibrado. Muito ao contrário, abominava o nosso grande luminar a simples denominação de língua brasileira para o nosso idioma, como poderão mostrar estas poucas passagens:

"Respeito ao idioma, saiu escrita a resposta no que ele mesmo desvanecidamente chama "o dialeto brasileiro", surrão amplo, onde cabem à larga, desde que o inventaram para sossego dos que não sabem a sua língua, todas as escórias da preguiça, da ignorância e do mau gosto, rótulo americano daquilo que o grande escritor lusitano Alexandre Herculano tratara por um nome angolês: "língua bunda".

Depois, então, que se inventou, apadrinhado com o nome insigne de Alencar e outros menores, o "dialeto brasileiro", todas as mazelas e corruptelas do idioma que nossos pais nos herdaram cabem na indulgência plenária dessa forma de relaxação e do desprezo da gramática e do gosto".

O de que precisamos, pais e professores, é estudar nós mesmos a gramática portuguesa, para depois estimular e melhorar a cultura lingüística de nossos filhos e alunos; oçamos outra vez Rui: "Entre nós, bem ao contrário do que se passa na França, os melhores alunos transpõem os cursos secundários e superiores sem o menor germe de estímulo do idioma pátrio. Sendo a língua o veículo das idéias, quando não for bebida na veia mais limpa, mais cristalina, mais estreme, não verá estreme, cristalino, límpido o pensamento de quem a utiliza".

Muito válida é a afirmação de Rui "bem ao contrário do que se passa na França". Cinquenta e poucos anos após essa afirmação, lemos no TIME de 12 de março de 1973:

"Quanto aos franceses, ensina-se-lhes tão jactanciosamente nas escolas que eles devem vangloriar-se da cultura e da superioridade lingüística (é nosso o grifo) que João Cocteau chegou a confessar: "Quando menino, eu pensava que só os franceses sabiam falar e que os estrangeiros apenas fingiam que sabiam".

E assim realmente é em todo o país em que o zelo do idioma faça parte da educação cívica. Com que humilhação e desânimo ouvimos no Brasil de crianças aqui nascidas de seis anos construções em inglês que fielmente traduzidas relatam sobre uma coleguinha: "Não a vi na escola hoje". Digam elas em português o que estão a afirmar em inglês e lá vem: "Não vi ela na escola hoje". E para confirmar o misto de ignorância e desconhecimento de civilização de países de vida escolar obrigatória, muitos pais entre nós objetam: "Mas fica esquisito falar assim".

"Os meios de comunicação coletiva" — é um dos considerando de recente decreto peruano — têm influência importante no processo educativo do indivíduo, da família e da comunidade e, portanto, devem oferecer a todas as pessoas a informação, a educação, a cultura e a recreação de forma que reafirmem sempre os valores do ser humano, usando linguagem correta e evitando deformar estruturas idiomáticas...

Enquanto não adquire foros de lei, a ignorância do nosso idioma conquista defensores nos lares, nos meios de comunicação e nas próprias cátedras. Direta ou indiretamente, explicitamente ou não, o cultivo do idioma pátrio está sendo dia a dia mais desprezado entre nós; a língua portuguesa irá poluir-se primeiro no Brasil, para depois constituir-se motivo de poluição no concerto geral das nações. "O Brasil é país de idioma sem gramática" — será afirmação válida para daqui a poucas décadas. Até que esse dia chegue continuemos a fingir que falamos uma língua culta, sem influência de promiscuidades regionais nem tribais, artísticas nem raciais, sem a pernicioso interferência de professores relapsos nem de acadêmicos derrotistas, sem criações grá-

ficas exóticas para designar produtos de indústria ou para indicar tribos de índios, sem deformações sintáticas introduzidas, sob o pretexto de cadência musical, por levianos ou ignorantes; continuemos a fingir que, a diferença de outros povos, nós não pensamos só na promoção de bens e em novidades materiais senão no prazer do conhecimento, da cultura e na beleza lingüística de exposição de suas conquistas; continuemos a fingir que concordamos com Rui quando afirma ser a língua portuguesa "idioma em que se contempla a comunhão das duas nacionalidades e que, igualmente próprio de ambas, tem a sua unidade não destruída, nem substituída, mas opulenta pelas variantes de além e aquém-mar".

Língua nacional - Falecido há mais de vinte anos, o professor Álvaro Guerra, conhecedor com poucos dos nossos clássicos, era o fiscal do vernáculo da câmara municipal de São Paulo; os projetos de lei passavam pelas suas mãos para que ficassem limpos de distrações e deslizes que comprometessem o asecio lingüístico dos vereadores. Não há muito tempo (10-10-1973) foi assinada uma lei que impede sejam registrados nos ofícios públicos nomes, documentos ou contratos com palavras ou siglas escritas de maneira que infrinja a ortografia oficial.

Ainda que um país lei nenhuma tenha que proíba erros de lexeologia, de sintaxe ou de ortografia, tem ele geralmente um artigo, às vezes na própria constituição política, em que determina a língua ou línguas em que seus cidadãos devem oficialmente comunicar-se. Por constituição, no Brasil ninguém sabe qual é a língua nacional, não obstante conter ela (a de 17 de outubro de 1969) duas passagens que tocam no assunto:

art. 147, § 3º, b — Não poderão alistar-se eleitores os que não saibam exprimir-se na língua nacional;

art. 176, § 3º, 1 — O ensino primário somente será ministrado na língua nacional.

Deixando de mostrar estranheza à colocação do advérbio "somente" (traz ela ao texto ambigüidade, que seria evitada se o advérbio viesse após "ministrado"), não ocultamos admiração ao fato de uma constituição, tida por todos como carta magna, ter de ficar subordinada a um código para a generalização de propósitos legislativos. Uma vez aceita a necessidade de saber o indivíduo exprimir-se em determinada língua e de nessa língua ser ministrado o ensino primário, por que não dizer desde logo que língua é essa? Língua nacional todos os países têm — uma, duas ou mais — mas suas constituições, se necessário — como julgaram nossos legisladores nas duas passagens referidas — dizem de imediato qual ou quais as oficiais.

É o que faz a constituição indiana; no artigo 343 está expresso: 1) O idioma oficial será o hindi em alfabeto devanagari. (A continuação do nº 1 é sobre a forma dos algarismos). 2) Não obstante o que consta na cláusula 1, durante um período de quinze anos a partir da vigência desta constituição o idioma inglês continuará a ser usado para todos os fins oficiais da União nos quais vinha sendo usado imediatamente antes da vigência da Constituição. 3) Não obstante o que consta neste artigo, o Parlamento pode por lei dispor sobre o uso, depois de decorridos quinze anos, de a) língua inglesa, ou b) forma devanagari de algarismos...

No artigo 351 diz que competirá à União providenciar a disseminação do idioma hindi, aperfeiçoá-lo, assegurar seu enriquecimento — e a seguir cita os catorze idiomas importantes da Índia.

Igual procedimento tem a constituição de Cuba de 1º de julho de 1940, cujo artigo 13 declara: Son cubanos por naturalización: a) Los extranjeros que después de cinco años de residencia continua en el territorio de la Republica y no menos de uno después de haber declarado su intención de adquirir la nacionalidad cubana, obtengan la carta de ciudadanía con arreglo a la Ley, siempre que conozcan el idioma español.

Procede também de maneira clara a constituição do Panamá de 2 de janeiro de 1941, no artigo 10: El castellano es el

idioma oficial de la Republica. Es función del Estado velar por su pureza, conservación y enseñanza en todo el país.

Outros países deixam para os códigos a determinação do idioma ou idiomas vernáculos; é o que faz Portugal. Se na constituição política de 23 de agosto de 1971 não achamos referência ao assunto, vamos encontrá-la, de forma precisa, em dois códigos: 1) no artigo 164 do Código do Direito do Autor (decreto-lei 46.980, de 27-4-1966): 1. Quando, passados sete anos sobre a publicação de uma obra escrita em língua estrangeira, o titular do direito de tradução ou outrem com autorização deste não a tiver publicado em PORTUGUÊS, poderá qualquer pessoa obter do tribunal uma licença não exclusiva para traduzir e publicar a obra. — 2) no artigo 189 do Código do Notariado (decreto-lei 47.619, de 31 de março de 1967): 1. A tradução de documentos escritos em língua estrangeira consiste na versão para a língua PORTUGUESA do seu conteúdo integral.

As constituições nossas de 1824 e 1891 nada dizem a respeito; a de 1934 perde oportunidade de pronunciar-se sobre o assunto quando declara no artigo 150, § único, d: O plano nacional de educação constante de lei federal, nos termos dos artigos 5º, nº XIV, e 39, nº 8, letras a e e, só se poderá renovar em prazos determinados, e obedecerá às seguintes normas: ... d) ensino, nos estabelecimentos particulares, ministrados no idioma pátrio, salvo o de línguas estrangeiras.

A de 1937 nada diz. A de 1946 traz duas passagens, que são repetidas nas de 67 e 69: Art. 132 — Não podem alistar-se eleitores: ... II — os que não saibam exprimir-se na língua nacional. Art. 168 — A legislação do ensino adotará os seguintes princípios: I — o ensino primário é obrigatório e só será dado na língua nacional.

Ainda a de 1946 traz nas Disposições Transitórias, art. 35: O Governo nomeará comissão de professores, escritores e jornalistas, que opine sobre a denominação do idioma nacional.

A de 1964 repete o que foi citado da de 1934.

Nosso código de processo civil de 1939 não se sentiu obrigado a especificar o idioma que oficialmente falamos, quando no artigo 228 estatuiu: "Não serão admitidos em juízo documentos escritos em língua estrangeira, salvo se acompanhados de tradução oficial", o que nos obrigava a indicar que outra lei declarava qual a língua oficial de nossa terra. Porque em Brasília existe um Hotel Nacional, em que se hospedam os enviados de Portugal que aqui vêm cuidar de ortografia, a língua tem de chamar-se nacional? Talvez um cidadão não saiba o que signifique vernáculo, mas deve saber que língua vernácula e língua nacional todos os países têm; não só países, mas tribos, nações, ou seja, toda a comunidade de indivíduos unidos por identidade de leis, LÍNGUA, costumes, religião. A língua nacional da nação hebréia existe independentemente da existência de um país chamado Israel. Já poucos sabem o nome oficial do Brasil; já ninguém sabe, pela constituição, qual a língua que nele se-fala.

Vamos então ao código civil: Art. 1632, § único — As declarações do testador serão feitas na língua nacional.

Outra vez "língua nacional". Caminhemos mais um pouco: Art. 1640 — O testamento pode ser escrito, em língua nacional ou estrangeira, pelo próprio testador ou por outrem, a seu rogo.

E ficamos ainda na mesma. Será o fato histórico que faz lei? Mais uma tentativa, e verificamos que o abre-te sésamo para a dificuldade está no artigo 40: Os escritos de obrigações redigidos em língua estrangeira serão, para ter efeitos legais no país, vertidos em PORTUGUÊS.

Por falar em efeitos, o efeito desse artigo é comparável ao do banho de imersão em água fria do sistema Kneipp. E o código de processo civil que entrou em vigor em 1º de janeiro de 1974 diz no artigo 151: "O Juiz nomeará intérprete toda a vez que o repute necessário para: ...verter em PORTUGUÊS as declarações das partes e das testemunhas que não conhecem o idioma nacional."

Por que, pois, o pejo de programas de ensino mencionar PORTUGUÊS como disciplina de estudo? Por que o furtivo nome de idioma nacional em boletins escolares, em provas de exame, em horários de estabelecimentos de ensino? Língua nacional, realmente nacional, é o tupi-guarani; nem a denominação de língua nacional nem a de língua brasileira devem prestar-se para trazer sossego aos que não sabem a língua de sua terra, para esconder escórias da preguiça, da ignorância e do mau gosto, para ocultar as mazelas de um idioma corrompido pela relaxação do ensino, pelo desprezo do seu estudo, pela leviandade de professores sem formação cívica, sem consciência da profissão que exercem.

Língua sintética - V. casos latinos.

Linguagem dos jovens - A linguagem é do homem, sem distinções etárias; é ela, a um tempo, fruto da gramática, da retórica e da lógica. Cada uma dessas disciplinas apresenta-nos as normas para a utilização desse dom; cada qual traz-nos um padrão de excelência e de correção para fornecer-nos, para apresentar-nos um todo, um instrumento de pensamento ou de comunicação. A relação entre elas é a existente entre o nosso comportamento social (a gramática), o intelectual (a lógica) e o emocional (a retórica). Quanto mais pobre a lógica e a retórica, tanto mais pobre a gramática, quer quando considera os vocábulos isoladamente, quer quando os considera concatenados no período.

Fala-se em "linguagem dos jovens" porque os jovens é que mais se fazem ouvir já nas ruas já em meios de comunicação oral, mas quantos pais não falam de igual forma? O aumento da população, a produção em massa de filhos ocasional, entre outros males, a deficiência de educação; enquanto em países de seriedade de instrução o curso elementar tem sete horas por dia, em nosso estado tivemos não há muito um governador que o reduziu de quatro para duas horas diárias, para alardear, dois anos após sua posse, que havia duplicado o número de vagas; nem em jornais nem em câmaras apontou alguém a real significação da afirmação.

Como pretender que pais de ontem e filhos de hoje tenham melhorado, tenham diversificado, tenham enriquecido o vocabulário se aqueles se formaram por decreto e com a inexistência para estes de aulas de redação, com a limitação de aulas de leitura a um padrão ínfimo de representação literária, com a supressão da gramática do currículo fundamental? A ausência de gramática denota a inexistência de retórica e a carência de lógica. Não se trata de "linguagem de jovens" senão de "língua caçanje"; de tal forma se deteriorou o idioma nesta terra que as próprias autoridades educacionais passaram a chamá-lo "língua nacional", que indivíduos sedizentes professores de português arrotam em salas de aula "gramática já era". Em vez de gramáticas de língua portuguesa, começam a aparecer e a ser adotados "manuais funcionais de linguagem", "cadernos de comunicação" e quejandos que muito bem atestam a degradação a que em nossa terra chegou o idioma de Rui, de Nabuco.

Como o fabricante que para chamar a atenção do consumidor muda o rótulo do produto cambiando-lhe dizeres e cores, o escritor nosso é hoje roda de uma máquina editorial que inventa palavras e altera normas do idioma.

As cozinheiras ouvem rádio e elas é que influem na compra de uma massa de tomate, de um detergente, de um descascador de batatas? Pois vamos falar como elas. As cozinheiras é que compram discos? Pois vamos cantar "vi ele", "estou na minha". Irresponsáveis é que compram motos e alteradores de escapamento e de buzinas? Façamo-lhes pois anúncios com termos sugestivos, criados e usados nas sarjetas, nos lugares em que eles vivem e... procriam.

Se a fala é fruto de recursos glóticos, se a linguagem é dom decorrente do da inteligência, a língua, o idioma é consequência de educação, educação no sentido de instrução, de civismo, de vergonha. O que importa não é apenas sermos entendidos, senão mostrarmos que estamos além do tribalismo.

A formulação científica e a manifestação literária não po-

dem cindir-se da estrutura do idioma, nem na linguagem de livro, de jornal, de rádio, de televisão, nem na linguagem de rua, de casa, de escola, de assembleia, nem na linguagem de velhos, de jovens.

A língua exporta-se pela televisão, pelos discos, pela imprensa, e por elas nos julgamos exterior: "tá nessa?", "estou a fim de", "bicho", "cara", "jóia", "bacana", "barbaro" são decorrência natural num país em que ocorre a reprovação de noventa por cento em provas de redação feitas por professores de português. A prova deve ser feita não de português, mas de "linguagem de jovem", de "língua nacional", por professores que, como há pouco tivemos oportunidade de verificar, não sabem nem ao menos distinguir um objeto no período, que nunca ouviram falar em sujeito acusativo, que não sabem por que é tolice redonda dizer "faça eles entrarem", "devem fazerem".

Os jovens "estão na sua" em assim proceder em terra em que professores e dicionaristas vivem de alardear ignorância. Religião, arte, idioma, nada tem significação para quem, mais do que desprezar, objetiva extinguir a educação, a quem deseja modificar o procedimento, a tradição de um povo.

Afinal, que é o jovem senão produto do meio? Que ar pode ele respirar senão o da atmosfera em que vive? O desenvolvimento dos meios de comunicação põe a mostra todas as variações patológicas da educação. O belo quotidiano, a estética tradicionalista irritam os que não conseguem superar ou pelo menos acompanhar os que se fazem notar. Não importa o tempo de luta que precedeu a vitória; a velocidade com que a população e as suas necessidades aumentam cega os pais, oblitera-lhes o conceito de educação. A escultura, a pintura, a música embaralham-se, e a promiscuidade vem a refletir-se na linguagem e passa a ser definida pelos que esquecem palavras e criam novas para substituí-las, pelos que desprezam formas, pelos que escondem verdades. As tolices de fraseados, as invenções de modismos suplantam-se umas às outras. Se na música voltam para o ritmo tribal, se na pintura para o simulacro e para o caramono, nas letras pais e mestres enveredam-se para o chulo, fomentam e acompanham eles na linguagem não a alegria, mas a molecagem de rua dos filhos, dos alunos. O barbarismo passa a ser da conservação. É a levandade a identificar-se com a transitoriedade humana.

Linimento, Lenimento - Existem as duas palavras, cada qual com o seu sentido determinado. *Linimento* prende-se ao verbo *linire*, untar, esfregar com: *linire caede*, tingir-se de sangue. Desse significado, o sentido específico de *linimento*: preparado que se esfrega nos músculos para aliviar a dor. O latim tem ainda *liniatura*, para indicar a ação de aplicar linimento; poderia existir também entre nós, a semelhança de *untura*, ação de untar.

Lenimento prende-se ao adjetivo latino *lenis*, e, brando (ao tacto), macio (opõe-se a *áspero*); em sentido figurado significa doce, suave, agradável, donde o sentido vernáculo de *lenimento*: aquilo que suaviza, abranda, acalma, mitiga; donde, ainda, o cognato *lenitivo*, remédio para acalmar dores em geral, sedativo, emoliente. Prende-se ao verbo latino *lenire*, abrandar, acalmar: *lenire animum ferocem*, acalmar um caráter feroz.

Não é privativa do português a existência das duas palavras. Um passatempo pode ser *lenimento*, não *linimento*.

Linótipo - V. *genótipo*.

Lione - É a forma portuguesa correspondente à italiana *Livorno*, cidade industrial da Toscana.

Lipídio - V. *ídeo*.

Lipsia - É a correta forma portuguesa correspondente à alemã *Leipzig*, cidade da Saxônia, célebre por numerosas indústrias, pela universidade, terra de Wagner e de Leibnitz.

Liquen - Nomes terminados na nasal *n* fazem o plural, no Brasil, de acordo com a regra geral: *liquens*. *Cânone*, *germe*, *espécime* já são formas preferidas a *cânon*, *germen* e *espécimen*, e o mesmo já vem acontecendo com *abdome*, *alume*.

O singular *liquen* deve trazer acento agudo no *i*, de acordo com a regra 8 do § 43 do Formulário Ortográfico ("Sobre põe-se o acento agudo ao *a*, *e*, *o* abertos e ao *i* ou *u* da penúltima sílaba dos vocábulos paroxítonos que acabam em *l*, *n*, *r* e *x*"), mas o plural não o traz, de acordo com a observação 1 da regra 7 do mesmo parágrafo: "Não se acentuam graficamente os vocábulos paroxítonos finalizados por *ens*: *imagens*, *jovens*, *nuvens*".

No mesmo caso estão *hifen*, *colón*, *pólen*, no singular com acento agudo, no plural sem acento nenhum: *hifens*, *colons*, *polens*: comicidades ortográficas a que estamos oficialmente sujeitos desde 1943.

Líquidar, Liquidar - Conforme a região do Brasil, o *u* de *líquido*, *liquidar*, *liquidação*, *liquidatário*, *liquidável*, *liquidificador* faz-se ouvir ou não. Da pronúncia dependerá a sinalização gráfica, com ou sem trema.

O mesmo se dá com *liquefazer*, *liquefato*, *liquefeito*, *liquefação*, que no Sul, em virtude da pronúncia, são grafados com trema. V. *catorze*.

Líquido - Barulho: *gluglu*, *gorgolejar*.

Lisboa - Adjetivos pátrios: *lisboeta*, *lisbonense*, *lisbonino*, *lisbonês*, *lisboano*, *olisiponense*, *ulissiponense*, *alfacinha*.

Liso, Lisura, Lizo - *Liso* e *lisura* são formas gráficas já oficializadas em Portugal e no Brasil.

O verbo *lizar* (voltar, num banho de tinta, qualquer tecido ou meada) dá-nos *lizo* no indicativo presente, mas é inconfundível com o adjetivo.

"**Listagem**", "**Vendagem**", "**Amostragem**" - Parece-nos falho afirmar que "*listagem* é o ato de imprimir uma lista, o que constitui um dos atos mais comuns no processamento eletrônico de dados".

Quer impressos, quer datilografados, quer eletronicamente fornecidos, os dados resultam numa lista, e "fazer a lista" (e não "fazer a listagem") é o seu processamento. Lista é sempre lista, como venda é sempre venda, como amostra é sempre amostra, quer seja feita a referência ao volume médio quer ao volume total do que é posto em lista, do que é vendido, do que é colhido para amostra.

As amostras oferecem prova, o "sampling material" é o material de prova, como os "sampling of drill cuttings" constituem "amostras de perfuração"; o ato de verificar, de examinar as amostras, de tirar conclusão de um todo mediante exame dos componentes desse todo chama-se *prova*. "Sampler" é o tirador de amostras, é o provador, ou o instrumento, o papel, o conjunto de amostras.

Se nossos engenheiros fossem aprender técnica no Japão, que formas injetariam em nosso vocabulário em substituição das já existentes? Essa *injeção* iriam chamar "*injetagem* de estrangeirismos"? *Enúno* iria transformar-se em *ensinagem* para indicar a prática, o processamento?

Feliz é o inglês em ter a forma gerundial *ing* para expressar o ato verbal, e felizes somos nós em não precisar forçar a troca dessa terminação por *agem* e acrescentá-la a três por dois em todos os radicais de nossos verbos.

Litúgio - V. *digladiar*.

Lível - V. *nível*.

Livre - Superlativo sintético: *libérrimo*.

"**Livre-câmbio**" - Ninguém pode negar terem os substantivos *livre-câmbio*, *livre-roda*, *livre-estrada*, *livre-cidade* cunho estrangeiro, de língua em que é de regra a anteposição do adjetivo ao substantivo. Temos *livre-arbítrio*, *livre-doença*, *livre-pensamento* já consagrados, mas não deixam de ser cópias de compostos formados de maneira diferente da nossa. *Mercado-negro*, e não "negro-mercado" é que se diz em nosso idioma, colocando-se em primeiro lugar o substantivo.

Nesse andar, teremos logo "livre-estrada" (freeway), "livre-livraria" (free library, biblioteca pública), "livre-homem" (freeman, escravo emancipado) e outros barbarismos.

A extravagância da forma singular confirma-se na titubeante formação do plural. Enquanto vemos "livre-cambistas", "livre-cambismos", "livre-cultistas", "livre-cultismos", "livre-exames", "livre-pensadecismos", a semelhan-

ça de *livre-arbitríos*, encontramos os plurais *livres-docências*, *livres-pensadores*, *livres-permutas*, *livres-pensamentos*.

Que procedimento é esse? Viessem corretamente colocados os elementos desses compostos, não teríamos dúvida em aceitá-los a ambos pluralizados: *pensadores-livres*, *docentes-livres*, *mações-livres*, *rodas-livres*, *rodares-livres*. A duplicidade de procedimento na pluralização de tais compostos é coerente com a leviandade de aceitação do singular estrangeiro.

Livro - Coletivo, quando reunidos para consulta: *biblioteca*; quando reunidos para venda: *livraria*. Aumentativo: *livrão*; *livrório* (pejorativo).

"**Livro de texto**" - Como substantivo composto, "livro de texto" é expressão sem muito sentido: "A bíblia constitui o texto de várias religiões" e não: "A bíblia constitui o livro de texto" (nem "livro-texto"). *Texto*, por si só, já significa reunião de palavras, de proposições, de doutrinas sobre este ou aquele assunto, sem necessidade da palavra "livro".

Se é o caso de o leitor pretender indicar um livro que contenha textos, isto é, temas, orações, sentenças, dirá "livro de textos", mas não há aí nenhum substantivo composto. Se é o caso de indicar "livro adotado como guia de ensino" bastará a palavra *texto*, sem nenhum tresandamento do inglês "text-book": Que *texto* adota o seu professor de português para ensinar gramática? A palavra *compêndio* presta-se ao caso mais ainda do que *texto*, pois tem o significado especial de "livro que serve de texto": um *compêndio de química*.

Lo, La - Quando junto dos pronomes oblíquos *o, a, os, as*, (o pronomes oblíquos *no* provoca o emprego das formas *lo, la, los, las*, maneira arcaica de grafar o artigo, da qual temos prova nas expressões *a la fé, a la mira, a la arma* (que deu *alarma*). Da junção *nos-lo, nos-la* etc. consequência natural foi a assimilação do *s* em *l*: *nollo*, passando então para a forma *no-lo*. O mesmo se diga das combinações *vos-o, vos-a* etc., que resultaram em *vo-lo, vo-la, vo-los, vo-las*.

Substituindo o objeto direto pelo correspondente pronome oblíquo na oração "Devemos amar o próximo", obtemos: "Devemos *amar-o*". Como no caso anterior, também aqui aparece a forma arcaica *lo: amar-lo*; desta junção, a consequente assimilação *amal-lo*, e desta, a forma *amá-lo*.

Este mesmo fenômeno se observa em *fi-lo* (*fiz-o*), *di-lo* (*diz-o*), *amemo-la* (*amemos-a*), *ei-lo* (*eis-o*).

A forma *amá-lo*, quando resultante da junção *amar-o*, deve trazer acento: *amá-lo*, mas... aqui um cuidado:

Ao lado da forma *amá-lo*, resultante do infinitivo *amar* mais *lo*, existe outra forma semelhante, *ama-lo*, proveniente de *amas*, segunda pessoa do singular do indicativo presente (*amas*), mais o pronome *lo*, com supressão do *s*: *ama(s)-lo*. Esta segunda forma não deve ser confundida com a anterior e se distingue na acentuação. Aquela se pronuncia *amá-lo*, com acento no segundo *a*, ao passo que a segunda se pronuncia *ama-lo*, com acento no primeiro *a*. A ortografia oficial obrigou-nos a colocar acento na forma proveniente do infinitivo (*amá-lo*) e não obriga nenhum acento na forma resultante de *amas-lo*, mas a pronúncia neste segundo caso deve ser sempre com o acento no primeiro *a*.

O mesmo se deve observar quanto aos verbos da segunda conjugação:

vendê-lo (*vender* mais *lo*): acentua-se o segundo *e* e coloca-se acento circunflexo sobre ele;

vende-lo (*vendes* mais *lo*): o acento cai no primeiro *e*, mas não há necessidade de colocar acento sobre ele.

Exemplos: "Nunca o sentiste, e *julga-lo* tirânico?" — "Quanto à fala, *pode-la* adelgaçar quanto quiseres".

Lobo - Coletivo: alcatéia, caterva. *Voz*: ladrar, uivar, ulular. Aumentativo: lobão, lobaz.

Com o primeiro *o* aberto (lôbo), diz-se de qualquer porção arredondada e saliente de um órgão: o *lobo* da orelha.

Lobuno - É palavra de origem espanhola (pertencente ou relativo ao lobo), de largo uso no Rio Grande do Sul, para indicar animal (cavalo, boi, cão...) que tem pelo tirante a acinzentado: corcel *lobuno*.

Locar, Ablocar - *Locar*, além da acepção de *marcar* (sítio de uma

construção, eixo de uma estrada), tem a de *ablocar* (também este verbo proveniente do latim), ou seja, de *arrendar, alugar*.

Os dicionários não trazem o emprego de *locar* com uma terceira significação, mas é ela justificável; se há em direito *locação* (contrato pelo qual uma das partes, mediante remuneração, que a outra paga, se compromete a fornecer-lhe, durante certo lapso de tempo, o uso e gozo de uma coisa fungível — *locação* de coisa — a prestação de um serviço — *locação* de serviço — ou a execução de algum trabalho determinado — *empreitada*), nada mais certo que empregar *locar* com a significação de realizar esse tipo de contrato. O que é demais é criar um terceiro verbo (*alocar*) sob o pretexto de sua existência em outra língua. Digamos sem receio: *locar* serviços, *locar* recursos, *locar* crédito, *locar* despesas.

Se não se tratar de direito, que se empreguem nossos verbos tradicionais: *proporcionar, ratear, distribuir*. V. "alocação".

Locomotiva - *Barulho*: apitar, resfolegar, silvar.

Locução adverbial (formação) - V. *a olhos vistos*; V. *a desoras*.

Locução prepositiva - V. *repetição das locuções prepositivas*.

Locução verbal - V. *podem subsistir desconfianças*.

Locutor - É a palavra que vem sendo usada para substituir "speaker", "announcer".

Lódão - Este nome de planta é masculino e tem a mesma tonicidade de *gôlfão, orégão*.

Lombardia - Adjetivo pátrio: *lombardo*.

Londres - Adjetivo pátrio: *londrino, londrés*.

Longe, Longes - Além da função adverbial de lugar, para indicar "a grande distância no espaço ou no tempo" — e é neste caso invariável (Eles foram *longe* — O negócio deita para *longe*) — tem *longe* a de adjetivo, com significação de distante, afastado, e é então geralmente usado no plural (Andou por *longes* cidades — Lembrou-se dos *longes* tempos da infância), e ainda a de substantivo, para indicar a parte que forma o fundo de uma pintura, paisagem (Os *longes* do quadro), a parte distante de uma região (Nos *longes* do Brasil) e, figuradamente, vislumbres (Deu-me uns *longes* dos seus negócios), presentimentos, semelhança: Tem uns *longes* disso.

"**Looping**", **Lúpim** - Se o "looping the loops" já se abrevia, e muito se usa, na primeira palavra, por que não a aportuguesarmos em *lúpim* (pl. *lúpims*), com lucro para o nosso idioma?

Loquaz - Superlativo sintético: *loquacíssimo*.

Lorena - Adjetivo pátrio: *lorenense*, quando referente à cidade de São Paulo; *loreno*, quando referente à região francesa.

Lornhão - É a forma portuguesa do francês "lorgnon" (luneta de cabo, usada especialmente por senhoras).

Loto, Loteria - Loteria é palavra proveniente do italiano "lotteria", donde o francês "loterie" e o espanhol "lotería".

Loto (ô) designa "jogo de azar em que se empregam cartões com números que os jogadores vão marcando à medida que os ditos números são tirados de um saco"; no Brasil é mais conhecido por *víspera*.

Louro, Loiro - V. *ouço*.

"**Louvain**" - *Louvaina* é que se chama em português a cidade belga.

Louvável - O superlativo sintético de adjetivos terminados em *vel* é formado mediante acréscimo da terminação *íssimo* ao radical latino, que termina em *bil*: *amável, amabilíssimo; móvel, mobilíssimo*.

Acontece, às vezes, não bastar a simples troca do *vel* por *bil* para que se tenha o perfeito radical latino; de *louvável*, a forma superlativa sintética não é *louvabilíssimo* mas *laudabilíssimo*, por ser o radical latino desse adjetivo *laudabil* e não *louvabil*. É o mesmo radical que entra em *laudabilidade*, palavra que não pode ser substituída por *louvabilidade*, tão inexistente e errada quanto *louvabilíssimo*. E, assim: *provável, probabilíssimo; risível, ridibilíssimo; reduzível, redutibilíssimo*.

Lucidez - V. *estupidez*.

Lucubração - V. *elucubração*.

Lugares de culto - De acordo com a Enciclopédia Católica e com o Espasa, estes são os sentidos atualizados:

TEMPLO — Recinto sacro. É palavra de sentido genérico; especifica o espaço reservado à divindade, separado do de

uso profano. Certos recintos sagrados tornaram-se célebres com o nome de *templo*: *Templo de Salomão*, *Templo de Jerusalém*.

IGREJA — 1. É a comunidade de todos os fiéis, unidos pela profissão de uma mesma fé, participantes dos mesmos sacramentos e subordinados à mesma autoridade.

2. Indica também o edifício em que se reúnem os fiéis para exercício público do culto divino. Esse uso público distingue a igreja do oratório.

ORATÓRIO - Lugar de devoção não destinado ao uso de todos os fiéis mas de um colégio, de um instituto, de uma família ou de um particular. Com sentido mais restrito, pode indicar "nicho ou armário de madeira, com santos e quaisquer imagens, que os devotos têm em casa e diante do qual rezam".

SANTUÁRIO — Templo, geralmente concorrido, em que se venera a imagem ou a relíquia de um santo de especial devoção.

CAPELA — Enquanto nos simples oratórios não se realizam officios divinos, na capela eles se celebram; é, pois, um pequeno templo, muitas vezes levantado nas terras de um senhor, dentro de um estabelecimento, cárcere, edifício ou mesmo igreja.

ERMIDA — Capela situada geralmente fora de povoado; tem às vezes uma habitação anexa para o ermitão ou pessoa que cuida dela.

BASÍLICA — *Basílica*, que pode ser *maior* ou *menor*, é título honorífico, com certos direitos, concedidos a igrejas insígnies de Roma, de estilo arquitetônico especial; o título pode ser extensivo a igrejas importantes de outros lugares, mas com filiação a uma de Roma.

Luís - Com *s* é a grafia correta deste nome de origem alemã; veio-nos pelo francês *Louis*.

Lume - Aumentativo: *lumaréu*.

Lunar, Lunário - V. *biliar*.

Lunemoto - V. *maremoto*.

Lusitanismos prosódicos - Engana-se quem julga ser fácil imitar de maneira fiel e coerente a pronúncia lusitana, pois diferenças prosódicas existem em Portugal de acordo com as regiões do país, já do continente, já das possessões de além-mar.

No Minho é notável a tendência para transformar o *o* fechado, longo, e o *u* longo em *ô*, *û*, nasalados, sendo muito comum entre os habitantes dessa província ouvir dizer: *bôa*, *ûa*, *tûa* em vez de *boa*, *uma*, *lua*.

Fazem ainda os minhotos as permutas do *b* e *v*, dizendo *binho* por *vinho*, *fevre* por *febre*, *berde* por *verde*, *lôvo*, *vraço*, *São Vento* por *lobo*, *braço*, *São Bento*; *bisconde* por *visconde*, *barão* por *varão*.

No Algarve os vocábulos *pedir*, *pedaço*, *cegueira* são pronunciados como se se figurassem *pidir*, *pidado*, *cigueira*; outras vezes trocam o *i* pelo *e*; em vez de *fizer*, *fizera*, *dizer*, dizem *fezer*, *fezera*, *dezer*.

Nos coimbrés nota-se-lhes o defeito da intercalação de um *i* para evitar o *hiato*. Assim dizem: *a-i-alma* em vez de

a alma; *a-i-aula* em vez de *a aula*; *a-i-água* em vez de *a água*.

Na Beira observa-se o vício de transformar o *ou* em *oi*, dizendo os beirões: *coive*, *ovir* em vez de *couve*, *ouvir*.

Os habitantes da própria capital portuguesa não se isentam de provincianismo, pronunciando *mensa*, *manjor*, em vez de *mesa*, *major*; *todó dia*, *todó tempo*, em vez de *todo o dia*, *todo o tempo*.

Foi tentada no Brasil, por professores portugueses, a introdução de dois lusitanismos prosódicos: um, o do *a* fechado — *â* — em palavras como *mas*, *para*, *cada*; outro, o do *a* aberto para a primeira pessoa do plural do pretérito perfeito da primeira conjugação — *amâmos*, *cantâmos*, *procurâmos* — para distinguir da forma homográfica do presente do indicativo, *amamos*, *cantamos*, *procuramos*, e normalistas saíam da escola Caetano de Campos, de São Paulo, a pronunciar *más*, *pâra*, *câda*, *nós já falâmos sobre isso*.

O primeiro desses arremedos de erudição lingüística praticamente já desapareceu, mas o segundo ainda tem propagadoras em ex-alunas de tais professores, as quais o teimam em ensinar ou pelo menos em usar, o que fazem incongruente, pois desta distinção não vêem tais professores a desnecessidade na segunda conjugação (*vendêmos* no indicativo e também *vendêmos* no pretérito perfeito) nem a impossibilidade na terceira, *partimos*, *partimos*. (V. *amamos*).

"**Luques**" - V. *Magalhães*.

Luso-brasileiro - Descendente de pais portugueses e aqui nascido, ou naturalizado brasileiro, o cidadão é *luso-brasileiro*, como pode um cidadão ser *leuto-brasileiro*, *italo-brasileiro*, *anglo-brasileiro*. Outra será a composição do adjetivo quando referente a cidadão português descendente de brasileiros: *brasílico-lusitano* (ou *brasílio-lusitano*); o mesmo se diga de brasileiro naturalizado português.

Observação precisamos fazer quanto à interpretação que historiadores dão à função do hífen de *luso-brasileiro*; está ele aí, dizem, a expressar origem de duas nações e, consequentemente, asseveram, só é aplicável a pessoas, a coisas, a nomes após 1822. A seguir essa interpretação, o hífen não entra no adjetivo composto quando referente a coisas, a pessoas, a fatos anteriores à nossa independência: *história lusobrasileira*. Passa a figurar quando referente o adjetivo aos dois países de forma distinta: *literatura luso-brasileira*.

Lutulento - Significa lodoso, lamacento: praia de fundo *lutulento*. Diz-se também *lutoso*, palavra esta que não deve ser confundida com *lutuoso*. *Lutuoso* significa coberto de luto, fúnebre, triste, lúgubre: fatos *lutuosos* (e nunca *lutulentos*, nem *lutosos*).

"**Lutzen**" - Esta cidade alemã é em português *Lucena*.

"**Luxúria**" - É palavra enganosamente apresentada aos leitores de jornais quando adjetivamente empregada em lugar de "de luxo" ou "luxuosa". "A luxury hotel" não é "um hotel de luxúria", senão "hotel de luxo" ou "hotel luxuoso". Outras vezes o adjetivo nosso deve ser *exuberante*, *dispendioso*, *esquisito* (alimentos *esquisitos*), *muito saboroso* (frutas *muito saborosas*), *de prazer* (horas *de prazer*).

Luz - Aumentativo: *luzerna*.

M

M e N intrometidos - "Mendingo", "mortandela", "pimpineira", "insonso", *muíto* são exemplos de contaminação, quando não de simples intromissão de som nasal em palavras portuguesas que não têm o correspondente som no étimo.

Mendigo, mortadela, pepineira, ensosso (mais usado do que *insosso*) é que devemos escrever, mas *muíto* ficará in aeternum escrito desta forma estranha, embora pronunciado "muínto". Houve nesta palavra prolongamento, delonga do som nasal inicial, prolação que se firmou na forma abreviada *muí* (*muí, muím*: "...e em todos estes tempos foi *muím* prospero" — "...e muitos cavaleiros *muí* destros") e na completa: "...trazendo consigo *muíntos* e bons cavaleiros"). É *muíto* caso único em nosso idioma de ditongo nasal sem sinal nem letra que indique nasalação. V. *ensosso*.

Maamede - V. *Maomé*.

Mac - V. *clã*.

Macabiada (competição esportiva judaica) - Por analogia com *olimpíada*, é palavra proparoxitona, como também proparoxitona é *universiada*, formada por igual analogia.

Macaco - *Coletivo*: capela. *Voz*: assobio, assobiar, guincho, guinchar, cuinchar.

Maçada, Maçante - V. *massiço*.

Maçadame - Forma que vingou para designar o processo de construção de estradas iniciado pelo engenheiro escocês Mc Adam ou para designar a própria pedra britada nele empregada.

Mação, Maçonaria - *Mação* é a forma portuguesa correspondente à francesa *maçon*. O plural é *mações* e o derivado é *maçonaria*.

Maçapão - V. *massiço*.

Maçaroca - V. *massiço*.

Macau - Adjetivos pátrios: *macaísta, macaense*.

Macho (subst.) - Aumentativo: *machão, macharrão*. Adjetivo: V. *fêmeo*.

Macho-fêmeo, Macho-fêmea - Os adjetivos compostos só recebem flexão genérica no último elemento: guerra *greco-turca*, união *hispano-americana*, jamais guerra *greco-turca*, união *hispano-americana*.

A regra é a mesma que regula a flexão numérica: bancos *luso-brasileiros* e não *luso-brasileiros*. O primeiro elemento não varia nem em número nem em gênero.

A corrupção para *tábua macha-fêmea* explica-se pela influência do gênero de *tábua*, mas não nos devemos deixar levar por isso: *tábua macho-fêmea*, *tábuas macho-fêmeas*.

Macho-fêmea existe também como substantivo; indica "instrumento de carpinteiro para abrir sulcos ou saliências em meio do bordo, já aplainado, da *tábua*". O plural será o de substantivos compostos cujos elementos são variáveis e separados por hífen (227): comprei dois *machos-fêmeas*.

Maciço - V. *massiço*.

Macio - Superlativo sintético: *macíssimo* (273, 4).

Maçorca - Deste vocábulo encontra-se em Rui Barbosa, nas "Cartas de Inglaterra", edição prefaciada por Batista Pereira, na página 361, uma explicação não deséuitada de interes-

se: "Pois bem: essa "mazorca" de Rosas, cujo nome apavora, era simplesmente a Sociedade Restauradora das Leis. O seu emblema, programático de união e fraternidade, era uma espiga de milho, "maiz", de onde a sua alcunha, caluniada na etimologia e nos intuitos pela má fé das declamações liberais".

Em nota, o insigne autor da "Réplica" cita Peliza, pag. 137: "...la Sociedad Popular Restauradora de las Leyes, cuya unión simbolizaba una espiga de maiz, de onde tomò el nombre de *mazorca*...".

Nos "Discursos e Conferências" (pág. 446), referindo-se à Sociedade Popular Restauradora das Leis, diz: "Sob o seu emblema, a espiga de milho, símbolo de união e fraternidade, ela chegou a apunhalar o presidente da representação popular na sua cadeira, em sessão aberta da assembléia".

Naturalmente as tropelias praticadas pela tal sociedade levaram o povo a dar à alcunha "mazorca" sentido pejorativo.

A essas considerações acrescentaremos estas: São o espanhol *mazorca* e o vernáculo *maçaroca* palavras de idêntica origem: do árabe *maçor-rocca*, especificam etimologicamente "fuso de liar"; desta acepção para "espiga de milho", ou, ainda, conjunto de fios ou filamentos da espiga, foi fácil a passagem, e com tal significação encontramos *maçaroca* em diversos dos nossos bons dicionários (Morais, Domingos Vieira, Aulete, Figueiredo, Melhoramentos). O próprio *maçaroca* português é em espanhol *mazorca*.

Não será estranhável aconselhar que a palavra *maçorca* e seu derivado *maçorquero* também com *ç* se escrevam como o cognato *maçaroca*, mormente se considerarmos que essa é a sua pronúncia na língua de que nos veio, e que nesse idioma o *z*, além de prosodicamente corresponde graficamente ao nosso *ç*: *raza, raca; plaza, praça; mozo, moço; enderezo, endereço; pozo, pouco; carozo, caroço; azafran, açafraão*.

As grafias *mazorca, masorca, mashorca* são arbitrárias.

Má-criação - A palavra é *má-criação*, que poderia escrever-se sem hífen não fosse o Formulário Ortográfico (obs. 1 do § 1 da regra 45). E assim: *má-adaptação, má-fé*, porque a substantivo deve preceder a forma adjetiva, e não a adverbial. *Mal*, com *l*, emprega-se quando precede adjetivo ou forma verbal: *malcriado, mal-humorado, mal-agradecido, maldizente* (com hífen antes de vogal ou *h*). Temos *maldição, malfeitor*, mas aqui não houve composição dentro do idioma, senão apócope do primeiro elemento de *maledictionem, malefactorem*.

Confronte-se *mau-olhado*, em que *olhado* é substantivo (A planta sofreu *mau-olhado* de alguém), com *mal-olhado*, em que *olhado* é adjetivo: Ele é o *mal-olhado* da turma.

O caso provoca dois outros reparos: o da aceitação de outros compostos, o da anteposição do advérbio *mais* antes dos começados por *mau, bom*.

Bom humor, mau humor, bom gosto, mau gosto, boa vontade, má vontade, boa fé, má fé são em português expressões que se consideram substantivos compostos (*bom-humor, bom-gosto, má-vontade*...). É disso confirmação o fato de, em frases compa-

rativas, o *mais* não poder fundir-se com os adjetivos *bom*, *boa*, *mau*, *má*, que antecedem esses nomes; diz-se: *mais mau humor*, *mais má vontade*, *mais boa fé*, *melhor boa fé*, *pior má vontade*, *melhor bom gosto*. Erro cometeremos se dissermos: "Tenho *melhor vontade*" — "Tem *ele melhor gosto* que eu" — "Ele tem *melhor fé*" — porque o que se pretende considerar é a *boa vontade*, o *bom gosto*, a *boa fé*, e não simplesmente a *vontade*, o *gosto*: agiu com *despudorada má-fé*, agiu com *mais má-fé* agora do que antes, agiu com a *pior má-fé* possível.

Por que não aceitar tais compostos? "Ele tem um *bom-gosto* melhor do que eu" é tão comum falar quanto "Ele demonstra sempre *bom-tom* na conversa". Quem não aceita tais compostos deve procurar uma palavra que substitua *bom-sucesso*. V. *muíto*.

Macro - Elemento grego que se junta sem hífen na composição: *macrotrono*, *macrocéfalo*.

Macrócito - Por ser breve o *y* (*i* na ortografia oficial) do elemento *cyto*, todos os compostos que por ele terminarem serão proparoxítonos.

Macrogâmato - Devem ser proparoxítonos os vocábulos cujo último elemento seja constituído de *gâmato*, por ser breve o *e* da penúltima sílaba.

Maçua - É a grafia oficial do nome da cidade da Abissínia.

Macuco - Voz: *piar*, *chororocar*.

Madagáscar - Com acento na sílaba *gás* é a forma oficial de designar a ilha africana. Adjetivos pátrios: *madagascarense*, *malgaxe*, *malgaxo*.

Madama - Do francês "madame" a única transliteração é *madama*, que ainda assim não deveria prevalecer sobre *senhora*.

Madeira - Barulho: *estourar*, *estalar*, *crepitar* (sob ação do fogo), *ringir*, *ranger*.

"Mademoiselle" - V. *senhora*.

Madri - O nome da capital da Espanha é em espanhol pronunciado *madri*, mas em Portugal faz-se ouvir o *d* final do espanhol, "madride". Dizia uma das sandices resultantes da derogada reforma turístico-ortográfica de 1945: "Integram-se nesta norma (ou seja, escrevem-se com *d* final) os topônimos *Madrid* e *Valhadolid*, em que o *d* ora é pronunciado, ora não". Isso queria dizer que, quando os poucos milhões de portugueses pronunciassem uma letra, todos os brasileiros deveriam escrevê-la.

Adjetivos pátrios: *madrieno*, *madriense*, *madrilês*, *matriense*.

Maestro - Palavra italiana já introduzida em nosso idioma para indicar o regente de grupo de músicos. Feminino: *maestra*.

Não confundir com *maestrino* (fem. *maestrina*), que significa "compositor de música ligeira".

Mãezinha - Nem sempre o diminutivo implica diminuição de tamanho; seu emprego pode denotar simples carinho: *paizinho*, *mãezinha*, *amiguinha*.

É um dos fenômenos de *linguagem afetiva*, no qual as palavras deixam de ser empregadas com significação real, natural, e passam a ser empregadas sob a intervenção do sentimento.

Mafoma, Mafomede, Mafamede - V. *Maomé*.

Magalhães - É a forma que deve ser mantida, visto ter sido português o grande navegador que levou seu nome ao estreito por ele descoberto. *Magellan*, *Magellano*, *Magallanes* são adaptações da forma portuguesa, feitas por outros idiomas, a primeira pelo francês e pelo inglês, a segunda pelo italiano, a terceira pelo espanhol. O japonês foi ainda mais além, adulterando a forma para *Mazeran*, com *r*, por lhe serem estranhos os sons *la*, *le*, *li* etc.

Fariam pena muitos outros nomes geográficos assim deturpados. Cabe aqui um trecho do apenso geográfico do dicionário de Cândido de Figueiredo:

"É vulgaríssimo o lermos *Algéria* em livros e jornais, quando é certo que, em português, só se diz *Argélia*. Se até há quem escreva *algeriano* (fr. *algérien*), em vez do portuguêsíssimo *argelino*! Por causa do francês escreve-se às vezes, a respeito da cidade de "Luques", que afinal é *Luca*; cita-se

"Bale", que não é senão *Basiléia*; e chega-se à perfeição de chamar "Damas" à cidade de *Damasco*! Da Itália se tem importado o "Livorno", cidade cujo nome português é *Liorne*".

Maganão - É forma paralela de *magano*, e não seu aumentativo. Esse o motivo de o feminino ser um só: *magana*.

"Magestade" - É cacografia; o étimo obriga-nos a escrever com *j*: *majestade*.

Magister dixit - Locução latina que significa "o mestre disse". Assim se expressavam os escolásticos da Idade Média quando apoiavam sua argumentação nos ensinamentos de Aristóteles. Emprega-se ironicamente em alusão a qualquer chefe de escola.

Magneto - Junta-se sem hífen quando primeiro elemento de composto: *magnetoterapia*, *magnetoelétrico*. V. *hidroelétrico*.

Magnificência, Magnificente - V. *beneficência*.

Magnífico - Superlativo sintético: *magnificentíssimo*. V. *beneficência*.

Mágoa - A disparidade gráfica entre *tábua* com *u* e *mágoa* com *o* provém da existência do verbo *magoar*, que se conjuga *magôa*: "Em *mágoa* é de necessidade preferir o *o* ao *u*, por causa do verbo *magoar*, em cujo presente ninguém pronuncia *magúa*, *magúe*. É o mesmo que sucede em *nódoa* (lat. *nótula*), de que deriva o verbo *enodoar*, que nas formas rizotônicas é *enodôa*, *enodôe*, e não *enodúia*, *enodúe*" (Gonçalves Viana).

Embora ambas as palavras tenham igual terminação em latim (*tábula*, *mácula*), diferente foi a vida que adquiriram em português. Tanto é esse o motivo da grafia *mágoa* com *o*, que todos também com *o* escrevemos sem titubear *névoa*, quando também essa palavra termina de igual maneira em latim (*nébula*); é que existe no vernáculo o verbo *nevoar* com essa vogal.

No citar as formas divergentes de *malha*, Gonçalves Viana volta ao assunto: "*Mágoa*, que se deve escrever com *go*, e não *gu*, atenta a circunstância de o verbo *magoar* se conjugar *magôa* e não *magúia*".

Idêntica é a razão por que se escreve *frágua*, com *u*, uma vez que o verbo é *fraguar*, com essa vogal, e pela qual se escreve *nódoa*, dada a existência de *nodoar*.

A justificativa da diversidade gráfica de tais substantivos apóia-se, pois, na existência ou não de formas verbais que a justifiquem; é questão de coerência, coisa importante num idioma, e não de etimologia — (624).

Magro - Aumentativo: *magricela*, *magriz*, *magriço*, *magreta*. Superlativo sintético: *macérrimo*, *magríssimo* — (274).

"Maiença" - *Mogúncia* é que é em nosso idioma o nome da cidade de Gutemberg.

Maionese - Adaptação generalizada do francês "mayonnaise".

Maiorca - Adjetivo pátrio: *maiorquino*.

Mais - V. *já não respirava*; V. *o mais possível*.

Mais - V. *milho*.

Mais = Algo mais - Não é segura construção, em períodos como "Tenho mais que fazer". "Há mais que declarar?", pôr um *o* depois de *mais*. Que função sintática caberia a esse intrometido *o*? Nenhuma.

Em "Tenho mais que fazer" o *mais* é pronome substantivo que significa "algo mais", "alguma outra coisa", "outras coisas", equivalente ao neutro plural latino, forma esta que substantiva adjetivos e pronomes.

Em "Há mais que declarar" *mais* é objeto direto do verbo impessoal, como é objeto direto o neutro *muíto* em "Tenho *muíto* que fazer"; *o que* é objeto direto do infinitivo que vem a seguir. E assim: "Tenho hoje menos que dizer", "Amanhã terei menos que fazer", sem *o* antes do *que*; o período está sintaticamente completo.

Mais bom - V. *mais pequeno*.

Mais bem, Mais mal, Menos bem, Menos mal - *Melhor* e *pior* servem de comparativos dos adjetivos *bom* e *mau* e dos advérbios *bem* e *mal*. Há quem sempre escreva *melhor informado*, *melhor acabado*, mas razões não há que fundamentem esse proceder; pode-se perfeitamente dizer *mais bem informado*, *mais bem acabado*, como de igual maneira se diz *mais mal feito* — *mais mal escrito* — Estes móveis são *mais bem acabados* do

que aqueles — Isto ficou *mais bem feito*.

Arrisca-se ao ridículo quem invariavelmente emprega *melhor* em lugar de *mais bem*. "Ele é o *mais bem* vestido da turma" (e não: Ele é o *melhor* vestido).

Raras são as distrações de *melhor* em lugar de *mais bem* em bons escritores. Da consulta a bons dicionários vê-se que é perfeita a doutrina dos "Cânones gramaticais e estilísticos" de Ari Maurell Lobo: Embora o advérbio *melhor* substitua normalmente a locução *mais bem* (Pense *melhor* sobre o caso — Ele cantou hoje *melhor*), não se dá a substituição sempre que o advérbio antecede adjetivo. Assim, o advérbio *pior*, em vez de *mais mal*.

Seguindo essa norma segura, construiremos como Cândido de Figueiredo (O estudante *mais bem classificado* — Estavam *mais bem informados* — As mulheres *mais bem comportadas* — A obra *mais bem feita*), como Herculanô: Alavanca *mais bem temperada*.

Justifica-se perfeitamente a forma sintética em orações como estas: As suas ações são *mal vistas* e *pior* imitadas (Vieira) — Outros *mais* confiados e *melhor* aconselhados (Luís de Sousa). Em orações que contenham tais comparações, a forma sintética tem sua razão de ser. Fora disso, a forma analítica, além de *mais* segura, evita este horripilante erro, que por si só demonstra a inconsciência de quem emprega *melhor* em lugar de *mais bem*: "Tais homens são *melhores* indicados para o nosso intento". Construções medonhas como essa — em que aparece o advérbio flexionado como se fosse adjetivo — não são difíceis de encontrar, e tão inconscientes se revelam certos redatores que chegam a oferecer-nos espetaculares construções como esta: "...haveriam meios *melhores* pensados" — onde o crime do *haveriam* no plural se ajusta perfeitamente à tolice e, a um tempo, erro do *melhores*.

Conclusão: Antes de participio, a forma analítica: dias *mais bem vividos*, trabalho *mais bem feito*, *mais bem vestido*, *mais mal tratado*, você é muito *mais mal visto* do que eu, este quarto está *menos bem encajado*, esta sala está um pouco *menos mal arrumada* do que a outra, seu comportamento foi *menos bem visto* desta vez. V. *melhor*; V. *pior*.

Mais de um - Quando o sujeito é *mais de um*, o verbo:

A — Fica no singular, se não houver reciprocidade de ação: "Mais de um coração *teria* de bater apressado" — "Mais de um fato confuso *será* esclarecido" — "Sobre esta frente *mais de uma* verdade *me transluza*" — "Mais de um réu *obteve* a liberdade" — "...que *mais de uma* espada *saiu* da bainha".

B — Vai para o plural, se indicar reciprocidade: "Mais de um político *deram-se* as mãos" — "Mais de um *se esbofetearam*" — "Mais de um velho *se logram* reciprocamente".

Note-se que *mais de*, seguido: a) de nome no plural ou de nome coletivo acompanhado de complemento plural leva o verbo para o plural: "Mais de sete séculos *são* passados" — "Mais de um milhão de cruzados *foram* desviados" — "Mais da metade de suas obras *acusam* nomes de autores" — "Mais de um de nós outros *poderíamos* dizer...".

b) de complemento no singular, deixa o verbo no singular: "Mais de um lhe *roía* na consciência" — "Mais de um coração *teria* de bater apressado" — "Mais de um mês *se passou*" — como nos exemplos da letra A.

Mais grande - V. *mais pequeno*.

Mais = Já - V. *já não respirava*.

"Mais... mais" - Não se deve dizer "Mais leio, mais sei", "Mais penso, mais me convengo" porque é construção francesa; em português se diz: "Quanto mais leio, tanto mais sei", "Quanto mais penso, mais (tanto mais) me convengo".

Mais mau - V. *mais pequeno*; V. *pior*.

Mais pequeno - Existem, é verdade, os comparativos sintéticos ou orgânicos *melhor*, *pior*, *maior* e *menor*, mas essas formas alatinadas (lat. *melior*, *peior*, *maior*, *minor*) não foram as que primeiro se usaram em português, senão as analíticas ou perifrásticas *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* e *mais pequeno*, como ainda hoje usa o francês *plus grand*, *plus mauvais* e *plus petit*.

O que aconteceu foi simplesmente um capricho do uso, que a estas últimas preferiu as primeiras formas. Gramaticalmente nada houve que justificasse tal preferência. *Mais pequeno*, entretanto, escapou, ao menos até agora, da sorte dos companheiros, podendo-se perfeitamente dizer "O homem era *mais pequeno* que a mulher".

Observe-se, ainda, que no caso de comparação de duas qualidades empregam-se os comparativos analíticos e não os sintéticos: "Ele é *mais bom* do que mau" — "Ela é *mais grande* do que pequena" — "Ele é *mais bom* do que rico" — "Ele é *mais mau* do que bom".

Maiúsculas - Humilhante mais do que enervante é o trabalho de quem, diante de uma dificuldade de emprego de maiúscula, tente resolvê-la consultando o formulário ortográfico oficial. Fugindo de apontar já discrepâncias com o de 45 e com o português de 40, já incongruências dentro do próprio formulário de 43, limitamo-nos aqui a mostrar duas lacunas neste último, oficial em nossa terra.

1. Como proceder com o segundo elemento de nome composto com hífen quando o primeiro, por qualquer motivo, é escrito com letra inicial maiúscula? Também com maiúscula deve ele ser escrito?

Diante do silêncio de todos os formulários consultados, encontramos, após paciente pesquisa, que o de 43 traz escrito *Vigário-Geral*, no exemplificar a sétima regra do capítulo XVI, *Luso-Brasileiro* em exemplo da décima, e *Decreto-lei* ao dar nomes compostos na observação da regra 12 do mesmo capítulo sobre o emprego das iniciais maiúsculas.

Não podemos falar de contradição porque nenhuma norma existe sobre o assunto, mas a incongruência de procedimento é evidente: nos dois primeiros compostos, maiúscula em ambos os elementos; no terceiro, minúscula no segundo. A incoerência não é notada por quem não tem interesse direto no caso, mas não pode passar despercebida por relator, diretor, secretário, ou coisa equivalente, de comissão signatária de formulário ortográfico.

Como o formulário fala jocosa e extravasantemente em "deferência, consideração e respeito" ao impor inicial maiúscula na regra 15 do citado capítulo, temos liberdade de perguntar se, grafando *Vice-presidente*, *Ex-rei*, *Tenente-coronel* não incorremos em falta de respeito, de consideração e de deferência ao presidente, ao rei, ao coronel, ao mesmo tempo que importância estamos dando somente ao *vice*, ao *ex*, ao *tenente*. Dando corda na cachola, chegamos à pergunta: Devemos basear-nos em "deferência, consideração e respeito" para grafar *arurgião-dentista* ou *couve-flor* no início de período?

2. Dentro de parêntese, inicial maiúscula ou minúscula? Diante desta segunda lacuna do nosso formulário oficial, novo e paciente trabalho de pesquisa levou-nos à página 47, onde encontramos, sem nada falar sobre maiúsculas senão sobre pontuação, estes exemplos:

a) "Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não: o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida."

b) "A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento." — "(Carta inserta nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. I.)"

Nos dois exemplos temos parêntese iniciado com minúscula; no segundo da letra b, outro iniciado com maiúscula. Qual foi o critério desse procedimento?

Se no caso antes cuidado dos nomes compostos havia omissão e incongruência, neste há apenas omissão. A norma poderá agora ser assim exposta:

O parêntese inicia-se com maiúscula somente quando constitui oração a parte, completa, com uma consideração ou pensamento independente, caso em que vem de ordinário precedido de ponto final.

O assunto tem o seu quê de subjetivo, como de subjetivo tem o problema da pontuação, mas requer coerência de procedimento. Não estamos pedindo patente de invenção

para essa norma, mas é apoiada (nem poderia deixar de ser) em fatos e (salvo melhor juízo) em raciocínio; seja como for, é provocação e (quem sabe?) uma achega para os estudiosos do idioma. (Quem desejar um dia formular regras de emprego de maiúscula, não deixe de consultar o Webster, onde encontrará, sob o verbete "capital", vinte e tantas regras, com especificações que não existem em nossos formulários.)

3. O formulário ortográfico oficial é incongruente no tocante ao emprego de maiúsculas nas formas, expressões, pronomes de tratamento. A regra 14 do capítulo XVI determina inicial maiúscula em "nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência", mas uma coisa é dizer: "Peco à Senhora o favor de...", outra é relatar: "Pedi à senhora Marina o favor de...". Na segunda oração, *senhora* é substantivo em função atributiva (pedi a uma senhora de nome Marina, como se diz "pedi ao rei Gustavo", e não "pedi ao Rei Gustavo"). Se quando nos referimos ao imperador D. Pedro não escrevemos *imperador* com inicial maiúscula, por que maiúscula em "a senhora Marina", "sua majestade o rei da Dinamarca"? Se abreviada vier a expressão, o caso poderá tornar-se diferente, mas aí a regra seria outra, referente a abreviaturas; ainda assim, como explicar o *v.* com letra minúscula, para abreviar *voce*, que se encontra no Registro de Abreviaturas da parte final do Vocabulário, e também com minúscula *card.* (cardeal), *côn.* (cônego), se com maiúscula nos impõe *P.* (ou *Pe.*) e *Paro.* para abreviar *padre*, *pároco*?

A regra 14 traz esta observação: "As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas". Ora! Em "O doutor Joaquim morreu", "doutor" não vem ligado a expressão nenhuma de tratamento; *Joaquim* é nome próprio; não cabe ao caso aplicar a observação, quer venha *doutor* escrito por extenso quer abreviadamente: o *dr.* Joaquim, o *sr.* Alceu, o *alm.* Barroso, o *côn.* Serafim, o *pe.* João, o *prof.* Albino, o *card.* Arcoverde.

O Formulário Ortográfico oficial não satisfaz os que tentam padronizar um procedimento nesse sentido. É o que se dá com o taquígrafo revisor da câmara dos deputados federais, o qual, após confessar: "não foi com surpresa que a melhor orientação que obtive está na 28ª edição da sua Gramática Metódica da Língua Portuguesa, da qual sempre nos valem quando nos ocorrer dúvidas", declara-se não ter ficado, ainda assim, de todo satisfeito e faz seguir a declaração de uma lista de dez páginas repletas de nomes indicativos de cargos, de acidentes geográficos, de fatos históricos, de procedimentos, atos e encargos oficiais e de pessoas jurídicas. Após a leitura dos trezentos e nove itens apresentados nessas páginas, chegamos à conclusão de que nada nos resta para acrescentar ao que foi dito no § 144, no § 145 e na nota 2 do § 146 do nosso trabalho citado pelo missivista, e, ainda mais, ao que ficou exposto numa destas Questões sob o título *abreviatura*.

Majestade - A grafia latina *majestatem* deu-nos a palavra com *j*.
Major, Majora - "A majora Ferdinanda Azevedo" (no Exército da Salvação é assim que dizem) é redação que não deve causar-nos estranheza de assada; o feminino tem aí forma própria possível e justificável, como ainda possível é a terminação aberta *ora*, encontrada em *canora*, *inodora*, *Isidora*, *senhora*.

Mal, mau - *Mal* escreve-se com *l*, quando:

- advérbio: dormi *mal*, *mal* feito;
- equivaler a *apenas*: *mal* cheguei, ele saiu;
- substantivo: devemos evitar o *mal*. O plural é então *males*.

Mau, com *u*, quando adjetivo masculino: *mau* aluno, bicho *mau*, *mau* hábito. Tem então plural, *maus*; feminino, *má*, *más*; comparativo, *pior*; superlativo sintético, *péssimo*. V. *má-criação*; V. *mal-estar*; V. *mais bom*; V. *mau uso*.

"Mal a propósito" - É galicismo fraseológico, tradução de "mal à propos"; em português a expressão deve ser "fora de propósito", "sem propósito", "que não vem a propósito".

Mal de Chagas - Imprecisos são os vocabulários oficiais na grafia de nomes como o do verbete; presta-se o assunto para cansativas divagações sobre o emprego do hífen, sobre o plural de compostos, sobre o emprego das iniciais maiúsculas, partes essas cheias de imprecisões nos sistemas ortográficos até hoje elaborados, já em Portugal, já no Brasil.

Não vamos fugir da pergunta, a qual nos foi formulada por um redator responsável, mas iremos limitar-nos a uma consideração que nos mostre a dificuldade da resposta.

Por que nenhum dos vocabulários oficiais traz composto em que entre a palavra *mal* seguida da preposição *de*? Terá sido por ter um dia verberado Cândido de Figueiredo o emprego de *mal* por *doença*? Por que Laudelino Freire não põe hífen em nenhum desses compostos? Por que o Melhoramentos traz na palavra *mal* o composto *mal de Bright*, sem hífen e com *b* maiúscula, e a seguir *mal-de-lázaro*, todo enfeitado de hífens e com *l* minúsculo? A edição nova do Aulete foge da dificuldade, ou melhor, não nos serve de consulta por trazer os verbetes com versais (em linguagem de jornal, "caixa alta").

Com hífen ou sem hífen, como fugir o Melhoramentos da maiúscula em *mal de Bright*? Com hífen ou sem hífen, como iremos evitar que o leitor confunda o nome do ilustre médico brasileiro com o sinônimo de dilaceração, tumor, *mal de Chagas*? Com hífen ou sem hífen, como distinguir *Koch* de *coque* em *mal de Koch* se não se mantiver a maiúscula e a grafia original do último nome? Que dizer do *mal de Pott*? Vamos grafar *mal de pott*? Vamos em grafia jacobinica escrever o nome da doença *mal de pote*? Como desprezar as maiúsculas no grafar *bacilo Calmette-Guérin*? Vamos ensinar que com inicial maiúscula se escrevem nomes estrangeiros, com minúscula portugueses? Escrevemos *macadame*, *conhaque*, *sanduíche* porque temos aí nomes realmente comuns, sem menção senão histórica, conhecida somente por estudiosos de etimologia, ao fundador do processo de uma manufatura, de um produto; os nomes são aí comuns, com o artigo — e nada mais — a precedê-los; a maiúscula perdeu razão de ser porque o sentido original foi obliterado. Desprezar, porém, a maiúscula em nome próprio que continua a ser próprio, empregado num adjunto adnominal e não independentemente como nome comum, é desfugar o elemento fundamental do adjunto. Como iremos obrigar a que sejamos entendidos ao escrever *bacilo de coque*, *mal de pote*?

Sejamos coerentes: *mal de Bright*, *mal de Pott*, *mal de Chagas*... sem hífen a ligar os elementos da locução, com inicial maiúscula o nome do pesquisador.

Mala - Aumentativo: *malão*, *malona*, *malotão*.

Malaca, Málaga - São nomes toponímicos diferentes. De *Malaca* (paroxítono; península ou cidade ou estreito ao sul da China), os adjetivos pátrios são: *malaqueiro*, *malaquista*, *malaquês*. De *Málaga* (cidade da Espanha), os pátrios são: *malaquenho*, *malaquês*, *malacitano*.

Malácia, malacia - A primeira destas palavras, proparoxítona (designativa de perversão de apetite; debilidade; calma-ria), provém de forma já existente no grego. A segunda (designativa de certo gênero de insetos) foi formada em português, razão por que o *ia* é aí tônico. Ambos os substantivos são femininos. (No verbete *Etiópia* ficou explicado o procedimento prosódico do presente caso).

Maldizente - Superlativo sintético: *maldicentíssimo*, com o mesmo tema latino do vernáculo *malédico*.

Malédico - Adjetivo como *magnífico*, *malédico*, *benévolo*, *malévolo*, *pacífico*, *terrífico*, que correspondem a adjetivos latinos terminados em *ficus*, *dicus* e *volus*, tomam, para a formação do superlativo sintético, o radical latino terminado em *ficent*, *dicent*, *volent*: *benéfico*, *beneficentíssimo*; *magnífico*, *magnificentíssimo*; *malédico*, *maldicentíssimo*; *maléfico*, *maleficentíssimo*; *benévolo*, *benevolentíssimo*.

Maléfico - Superlativo sintético: *maleficentíssimo* V. *malédico*.

Malentendido - Com *l* na primeira sílaba, pois se trata do advérbio *mal* a preceder a forma participial *entendido*. Não se junta na pronúncia esse *l* ao *e* que o segue: *mal-entendido*

— e assim mesmo, com hífen, obriga-nos a escrever o Formulário Ortográfico (regra 45, 5, f).

Mal-estar - Entram neste composto o advérbio *mal* (que não deve ser confundido com o adjetivo *mau*: este modifica substantivos; aquele, adjetivos, verbos e advérbios) e o verbo *estar*.

A não ser mero capricho ortográfico (em grande parte, o sistema de 1943 foi elaborado para quem não aprendeu a ler) não há razões que nos obriguem a escrever separados os dois elementos, como não escrevemos separadamente *malbaratar*, *malcontente*, *malfadar*, *malfazer*. O mesmo se diga do antônimo *bem-estar*, que unidos poderia ter seus componentes como unidos os tem *benfazer*, *benquerença*.

É desconcertante para um professor ter de ouvir de estrangeiros perguntas como estas: Por que *bem-vindo* com hífen e o nome próprio *Benvindo* sem nenhum enfeite? Por que com *m* e hífen *bem-feito*, *bem-fazer*, *bem-ditoso*, e com *n* e sem hífen *benfeitor*, *benfazer*? (O vocabulário ortográfico oficial de Portugal chega à extravagância — o do Brasil silenciou a respeito — de afirmar que *bem-dizer* significa "dizer bem"; *benfazer*, *abençoar*. O mesmo extravagante procedimento de um e o mesmo silêncio de outro em *mal-dizer*, *dizer mal*, e *maldizer*, *amaldicoar*).

No capítulo XIV, regra 46, § 5, letra *g* do formulário oficial brasileiro lemos que *bem* exige hífen "quando a palavra que lhe segue tem vida autônoma na língua ou quando a pronúncia o requer: *bem-ditoso*, *bem-aventurança*..."

Na letra anterior, o formulário dá *mal* de cambulhada com *pan* entre os elementos que exigem hífen "quando se lhes segue palavra começada por vogal ou h: ... *mal-educado*, *mal-humorado*..."

Dessa diferença de critério estas extravagâncias: *mal-criado*, *bem-criado*; *malfazer*, *bem-fazer* (ao lado, para agravar ainda mais a esquisitice, de *benfeitor*); *benfazer* ao lado de *bem-ditoso*, *malfeito* ao lado de *bem-feito*.

O *l* não tem sempre o mesmo valor; conserva o som *l* alfabético quando modifica a vogal a ele posposta: *lado*, *ledo*, *lido*, *lodo*, *ludo*. Outro será o seu som quando vier modificando a vogal a ele anteposta: *coral*, *cordel*, *canil*, *caracol*, *curul*. Neste caso, o *l* pertence, na divisão silábica, à vogal que o antecede, e se, nestas condições, for agregado a outro elemento começado por vogal, para a obtenção de um composto, em nada poderá alterar-se nem seu som, nem sua divisão silábica.

Nada mais fácil para compreender o que com *malestar* se passa do que comparar esta palavra com seu antônimo *bemestar*; acaso pronuncia o leitor *be-mes-tar*? Por que não? Porque também aqui o *m* fere a vogal que o antecede e não a posposta.

Mas... receando não saberem ler *bemaventurança* e *malestar*, quem elaborou o nosso formulário ortográfico passou a fazer com que os que sabiam ler não mais soubessem escrever. Oxalá pudéssemos desejar que as vinte e três regras de hifenização alguém as carregasse por nós.

Malévolo - Superlativo sintético: *malevolentíssimo* V. *malédico*.

Malfeitor - Coletivo: bando, canalha, choldra, corja, hoste, joldra, malta, matilha, matula, pandilha; quando organizados: quadrilha, seqüela, súcia, tropa.

Malferido - Ao contrário do que parece, *malferido* significa "ferido mui gravemente, mortalmente", e não "ligeiramente ferido": "E apesar de *malferido*, e com o arnés despedaçado, montou no cavalo".

Malgrado, **mau grado** V. *de mau grado*.

Malo - Forma arcaica do adjetivo *mau*; sobrevive na expressão "Pedro das *malas artes*" e dela temos ainda, ao lado de *pessimismo*, o superlativo *malíssimo*.

Malograr-se - Dicionário nenhum consigna exemplos em que este verbo venha empregado intransitivamente, o que significa não ser abonada a construção "O projeto malogrou".

É de elogiar o cuidado que muitos têm de empregá-lo em lugar do *fracassar* dos franceses, mas é de notar que os mesmos dicionários especializados de regência o trazem ou tran-

sitiva ou pronominalmente empregado; nenhum, como verbo intransitivo. Se é errado dizer "A empresa fracassou" não é seguro construir "A empresa malogrou". (Note-se de passagem que *fracassar* é português no sentido de quebrar com estrépito, desbaratar, arruinar: "O pinheiro magnata rui *fracassando* em torno as árvores" — "Matar dragões, desbaratar exércitos, *fracassar* armadas").

Da regência transitiva direta oferece-nos Francisco Fernandes exemplos: "Para que as unhas militares não *malogrem* os milhões de ouro" — "...*malogrando* Penélope o trabalho do dia". Exemplos em que o verbo é empregado pronominalmente: "*Malogram-se* as pesquisas de D. Duarte (Camilo) — "E se alguma empresa *se malogra*... (Arte de Furtar).

Ai está a autoridade dos exemplos a obrigar-nos a empregar reflexivamente o verbo quando significa gorar, não vingar, não ir adiante: *malogram-se* as pesquisas, *malogrou-se* o esforço bélico, *malogrou-se* o nosso projeto. Sem o pronome reflexivo, o verbo deixa de ter essa acepção, para significar perder, inutilizar, desperdiçar: "Oh! não lhe *malogremos* esta esperança".

Maltrapilho - Coletivo: *farândola*, *grupo*.

Malvadez - V. *estupidez*.

Mamão - Plural: *mamões*.

Mancha (provincia espanhola) - Adjetivo pátrio: *mancheço*.

Mancheias, **mãos cheias** - Ao lado das correspondentes singulares, existem estas duas formas pluralizadas, usadas quase sempre nas locuções *a mancheias*, *a mãos cheias*: *fazer a mancheias* caridade (liberalmente), *fazer uma caridade de mão cheia*, é artista *de mão cheia* (excelente). Substantivamente diz-se "tirar uma *mão-cheia* de bombons para o menino".

"Manchete" - Se assim é em francês, se *headline* é em inglês, em português é *título*, *cabeçalho*.

Manchúria - Adjetivo pátrio: *manchu*, *manchuriano*. *Manchúria*, e não *Mandchúria*, pela mesma razão por que deve ser *Checoslováquia* e não *Tchecoslováquia*; não temos em nosso idioma o som *tch* nem *dch*.

Mandado, **mandato** - Uns sentidos tem *mandado*, outros *mandato*, mas o mais importante é distinguir *mandado*, direito, de *mandato*, instrumento: Requerer *mandado* de segurança — O *mandato* de segurança foi-lhe entregue a seguir (ou simplesmente "o mandato") — Era chegada... ordem e *mandato* de Sua Santidade — É preciso requerer *mandado* executivo (execução de sentença judiciária) — O oficial levou o *mandato* executivo.

Mandei-o vir - E não "mandei vi-lo". Trata-se de locução verbal em que o último verbo é intransitivo; não lhe cabe, pois, nenhum objeto. Não se dirá *fiz morrê-lo*, *fiz voá-lo*, *mandei corré-lo*, *pedi ir-lhe*, *vi passê-lo*, *mas fi-lo morrer*, *fi-lo voar*, *mandei-o correr*, *vi-o passear*, quer se refira o pronome a pessoa quer a coisa.

No caso presente, porém, mais importante do que a colocação é a função do obliquo de *sujeito acusativo*. Erro grave, revelador de desconhecimento de português e de outros idiomas em que existe essa construção latina, é dizer "mandei ele vir", dizer este tão generalizado quanto generalizada é a nossa gramática, hoje oficialmente desprezada. V. *oração infinitivo-latina*.

Mandinga - *Mandinga* é nome próprio, geográfico, de vasta região da costa ocidental africana. Camões refere-se a essa região, cujos habitantes eram grandes feiticeiros, adivinhos, por meio dos quais os portugueses conseguiram descobrir ouro:

A mui grande Mandinga, por cuja arte
Logramos o metal rico e luzente,
Que de curvo Gamboa as águas bebe,
As quais o largo Atlântico recebe;

Mandou-as suspender - Que português é este que há pouco vimos a encabeçar notícia: "TRE mandou as televisões *suspenderem* filme arenista"? Acaso redator e revisor dizem "e

mandou-nos *saírmos*”, “ele mandou-nos *plantarmos* batata”?
 “Mande os homens *cavar* fundo” — “Mandou-os o Senhor *pregar* pelo mundo” — “Não nos deixeis *caír* em tentação” é que se diz em português. Procurem redator e revisor uma gramática portuguesa que explique o que é “oração infinitivo-latina” e qual o comportamento do verbo das correspondentes orações no vernáculo. V. *infinitivo pessoal*.

Maneja - Pronuncie *manêja*. Com exceção de invejar, os verbos terminados em *ejar* têm fecho do *e* e nas formas rizotônicas: *viçêja, pelêja, mourêja, versêja...* *manêja*.

Manequim - Oriundo do antigo alemão *manneken*, diminutivo de *man*, homem, significa etimologicamente *homenzinho, pigmeu*, mas usualmente se emprega para especificar o boneco que serve para assentar trabalhos de costura. É também o nome de “figura em vulto que simula com muita perfeição o conjunto dos órgãos de um corpo humano, e que nas aulas de anatomia serve para se fazerem as demonstrações, quando não há cadáveres”. Figuradamente, significa “pessoa incapaz de ação própria, pessoa que anda sempre embo-necada”.

Mâneco, manetão - V. *Decamerão*.

Mania do “A” - Paciente leitor deu-se ao trabalho de enviar-nos trinta recortes de jornal, todos em muito boa ordem classificados, anotados e criticados, pedindo-nos pôr em público a sua aversão à “turma de irresponsáveis que tomou a peito alterar nossa língua e respetiva gramática para justificar o absurdo da língua brasileira; querem para o Brasil o destino da Índia, onde religiões e dialetos proibem aos povos a compreensão; entre as idéias fixas dessa turma está a mania da preposição *a* depois de verbos transitivos diretos”.

Não escondendo a repugnância de ler certos jornais e certos livros da atualidade, tal o desprezo neles revelado a princípios fundamentais de nossa sintaxe, nosso missivista faz seguir seu desabafo de ilustrações constituídas de construções horripilantes. Casos existem, é verdade, em que o objeto direto pode vir preposicionado, mas são subordinados a normas que os justificam e são encontrados em gramáticas; porque um clássico escreveu “amava *a* outro que não *a* ti”, não irá um redator colocar num jornal “vendeu esse para comprar *a* outro”. Se Vieira redigiu “*aos* outros peixes do alto, mata-os o anzol ou *a* físga”, não poderá um “foca” escrever “tirou o ensejo de interpelar *a* outro deputado”.

Não é a gramática arena de aventureiros nem são os clássicos pista de correrias; clássicos e gramática não a quem tem somente olhos para ler, senão também critério para compreender, tornam-se bases de referência, guia e apoio seguros. De nada vale a forma de um trecho clássico para quem desconhece princípios informativos do idioma. Se a muito professor de português pouco importa conhecer a sintaxe latina, muito pouco a muitos escritores, redatores e locutores se dá investigar o que no idioma da nossa pátria se deve ou não dizer.

Manicura - É a forma feminina do substantivo; é profissão de mulher, mas existe o masculino *manicuro*. O que não deve existir é a forma francesa com *e* final, como não deve haver “pedicure” mas *pedicuro*, com o feminino *pedicura*.

Manietar - Conquanto nos dicionários a definição venha em *manietar*, seguida de: “variante: *manietar*”, conquanto tenha sido com *a* a forma usada por Camilo e por Castilho e a registrada por Moraes e, ainda, a espanhola, jamais nos foi dado ouvir a palavra com *a* antes do *t*, vogal justificada pela composição (*man* mais *atar*, com um *i* entre os dois elementos, ligação usual de compostos latinos). Extensivamente, diz-se do ato de amarrar um animal pelos pés: “A onça era carregada viva, *manietada* e presa a um pau que os dois homens levavam nos ombros”.

Observe-se que em italiano é *ammanettare*. O *e* da variante nossa será influência dos derivados *manejar, maneta, manear?*

Manila - Sem *h* é a grafia da capital das Filipinas: A baía de *Manila* foi teatro de violentos combates aeronavais entre americanos e japoneses em 1944.

Manso - Superlativo sintético: *mansíssimo, mansuetíssimo*. O mar

está *mansíssimo* — O *mansuetíssimo* Jesus. 274.

Manter - Não será demais lembrar que os compostos de *ter* devem como este verbo ser conjugados: *detinha, detiveram, detivesse, se detivermos* (jamais *deteram, detesse* etc.).

Mandimento - Coletivo: *sortimento, provisão*; quando em sacco, em alforje: *matula, farnel*; quando em cômodo especial: *despensa*.

Mantô - É inútil relutar com esta palavra, aporuguesamento do francês *manteau*, a uma porque está já generalizada, a outra porque a argumentação para refugá-la é fraca. *Mantô* não significa o mesmo que *manlo*. Ainda menos convincente é falar em *mantêu, capta, capote*.

Manu militari - Locução latina que significa “com mão militar”: “Expulsar alguém *manu militari*” = pela força armada.

Manuel - Escreve-se com *u*. A ortografia oficial é que não tem culpa disso, mas a própria história e indole da língua, como se pode comprovar da leitura da “Ortografia Nacional” de Gonçalves Viana: “...Outro expediente foi empregar o depois de consoante e antes de vogal, também à imitação e por *i* na mesma situação. É o que vemos na antiga ortografia de *Manoel, agoa*, por *Manuel, água*, empregando-se o *o*, para que o primeiro vocábulo não pudesse ser lido *manvel*; sendo o segundo exemplo apenas a consequência do expediente adotado para o primeiro. É por isso que, mesmo reeditando autores antigos, é inútil usar essa escrita arcaica, todas as vezes que nessas novas edições se diferenciam *u* e *v*, como é prática geral, às vezes porém arriscada, do que daremos um exemplo. O nome geográfico *Java* foi sempre escrito pelos nossos cronistas com *o*, *Jaoo*, e com isto quiseram representar a pronúncia *jáua*, que é a malaia e javanesa: confronte-se o nome étnico *jau*, dantes escrito *jao*. Da escrita *Jaua*, com *u*, proveio ao depois, por má interpretação do valor desse *u*, a forma *Java*, hoje em dia generalizada, mas errônea”.

Manus manum lavat - Expressão latina que significa “uma mão lava a outra”. Corresponde a “*Ásinus ásinum fricat*”, um burro esfrega o outro.

Mão - Aumentativo: *manápula, manzorra, mãozorra*.

Mão cheia - V. *mancheia*.

Mão de direção - Expressão indicativa do sentido de fluxo de qualquer coisa em movimento: O trânsito, tanto de veículos quanto de pedestres, deve manter a *mão de direção*.

Daí *contramão*, para indicar o movimento em sentido contrário à mão de direção; emprega-se substantiva, adjetiva e adverbialmente: O carro entrou na *contramão* — Essa rua é *contramão* — Ruas *contramãos* — Ele entrou *contramão* (de *contramão*).

Em *contrapé*, que os dicionários consignam juntamente com outros compostos, temos emprego análogo: Joguei no *contrapé* — Eu era *contrapé* — Jogadores *contrapés* — Joguei *contrapé* (de *contrapé*).

Maoma - V. *Maomé*.

Maomé - Forma consagrada para nomear o profeta árabe, fundador da religião que traz o seu nome. A própria origem, entretanto, justifica as formas divergentes: *Maamade, Moamede, Muamade, Muamede, Maoma, Mafoma, Mafamede, Mafomede*, variantes que multiplicam os derivados, dos quais as formas mais usuais são *maometano* e *maometarismo*.

Mapa - Coletivo, quando ordenados num volume: *atlas*; quando selecionados: *mapoteca*.

Mapa-múndi - Plural: *mapas-múndi*.

Maqueta (ê) - É o aporuguesamento recomendável da palavra; embora de origem italiana, sofreu influência do francês *maquette*, forma esta ainda em tempo de corrigir.

Maquia - Proveniente do árabe *mahila* (vasilha para medir) e existente no baixo latim (Quómodo pertinet perdat maquias — Leges, pg. 808, A, 1188-1230), é a palavra *maquia* (pron. *maquíá*) usada ainda hoje na língua portuguesa. O próprio Espasa oferece-nos o vocábulo: “Medida de capacidade, para áridos, usada em Portugal y en el Brasil, equivalente a 862 milésimos de litro”.

Essa equivalência, no entanto, não vem ao caso, pois é

a palavra em geral empregada para designar o que o moleiro ou o lagareiro arrecada, do cereal ou da azeitona, como remuneração do trabalho de moer. É sabido que um litro de milho dá mais de um litro de fubá; esta diferença é a maquia, a paga recebida pelo moleiro. Com a azeitona, a maquia é tirada do resultado final, dada a variação de fatores que influem na relação azeitona-azeite. Moraes traz: "A porção que os moleiros tiram da farinha e os lagareiros do azeite, que fazem para outrem".

Tão de uso é o substantivo que até o verbo existe: *maquiar* (cobrar a maquia nos moinhos ou lagares) e o substantivo tem ainda, em Portugal, além do escrito, o significado lato de *lucro*.

Maquilar, maquilagem - M. da Glória, Americana, SP — As formas *maquilar* e *maquilagem*; consignadas no Fonseca (revisado por João Ribeiro) e no Laudelino, perderam terreno para *maquilar* e *maquilagem*, como transliteração do primitivo francês *maquiller*, e já se vêem no Melhoramentos sem *h*, como traz o vocabulário oficial brasileiro.

Máquina - Coletivo: *maquinaria* (com a tônica no segundo *i*), *maquinismo*.

Maquinaria, maquinismo - Para indicar o conjunto de máquinas, devemos usar *maquinaria* ou *maquinismo*.

Não é plausível a criação de um vocábulo para substituir outros de uso consagrado e corretamente formados; é verdade que se diz *vocabulário*, *relicário*, *hostiário*, palavras que à primeira vista indicam coleção, mas aí é função do sufixo *ário* indicar lugar onde se encontram vocábulos, reliquias, hóstias; acidentalmente passa o sufixo, da idéia de lugar, a indicar a de coleção dos objetos, mas ainda esta ressalva não cabe para um intruso *maquinário*.

Mar - Barulho: *bramar*, *bramir*, *marulhar*, *mugir*, *rebramar*, *roncar*.

Mar em fora - *De fora em fora*, *barra fora*, *mar em fora* são expressões já fixas, consagradas, de igual significado: *pelo mar largo*. V. *fora*.

Marajó - Adjetivo pátrio: *marajoara*.

Maranhão - *MA* é a sigla oficial.

Marca registrada - V. *odol*.

"Marcela" - Por influência do nome próprio *Marcelo* ouve-se o nome da planta medicinal com um *r* que não lhe pertence. O certo é *macela*: *macela* galega; chá de *macela*. É seu derivado *macelão*, o mesmo que amaranato.

Mare magnum - Expressão latina que significa "grande mar", geralmente usada em nosso idioma para indicar algo de grande amplitude e um tanto confuso: Ele está metido num *mare magnum* de transações imobiliárias.

Marechal - Feminino: *marechala*.

Maremoto - Só a analogia explica a formação desta palavra; enquanto em *terremoto* o primeiro elemento corresponde ao genitivo latino (*terrae motus*, movimento de terra), em *maremoto* não há genitivo nenhum, como nenhum genitivo, senão mera coincidência, existe em *lunemoto*; a analogia é, porém, fenômeno de influência na formação das línguas (§ 616).

Margrave - Feminino: *margravina*.

Maria - V. *hipocorísticos*.

Marimondo, maribondo - As duas formas encontramos em Aulete, que dá a definição na forma sem *m*.

Em "Influências Africanas no Português do Brasil", de Renato Mendonça, encontra-se a etimologia: do quimbundo *má*, prefixo designativo de pluralidade, mais *rimbondo* (com *m*, note-se) que significa *vespa*. A seguir, diz o autor que *maribondo* (sem *m*) é "alteração culta", mas nenhuma justificativa apresenta dessa afirmação.

Jacques Raimundo dá-nos também a forma com *m* — *marimondo*. Sabemos que do assunto trata Fernando Ortiz em seu "Glossário de Afronegrismo", mas não nos foi dado obter nem encontrar esse trabalho. O que fizemos — e o mesmo cremos que o leitor já vem fazendo — foi adotar a forma com *m*: *marimondo*.

Marinheiro - Coletivo: *maruja*, *marinhagem*, *companha*, *equipagem*, *tripulação*, *chusma*.

"Marionette" - Nossa palavra é boneco ou fantoche: teatro de

bonecos, apresentação de *fantoches*.

Maritícida, maritícídio — O homem que mata a esposa chama-se *uxoricida*; à mulher que mata o marido que nome se dá?

— O dicionário de Cândido de Figueiredo registra, para o nosso caso, a palavra *maritícida*, e mais *maritícídio* para indicar o "ato da mulher que assassina seu marido".

A facilidade com que os elementos latinos *cida* e *cídio* se prestam para a composição de vocábulos nossos é amplamente tratada por Mário Barreto na sua obra "Através do Dicionário e da Gramática": "Acerca de *tzaricídio* (assassinio dum *tzar*) devo dizer que os elementos *cida* (criminoso) e *cídio* (crime), do latim *caedere* (cortar, matar), se prestam facilmente à formação de compostos discricionais, tais como *tzaricídio*, *gaticídio* e outros que se fazem livremente à semelhança de *suicídio*, *deicídio*, *homicídio*, *infanticídio*, *parricídio*, *regicídio*, *uxoricídio*."

Certo que é permitido usar compostos e derivados que não constem nos dicionários; mas torna-se necessário que sejam corretamente formados, e com analogia dos que existem da sua espécie. Castilho (e toda a gente sabe com que escrupulo rigoroso e por vezes excessivo o egrégio poeta e um dos primeiros mestres do nosso idioma observava a pureza da linguagem) diz numa das suas notas ao célebre Dicionário de Moraes:

"*Cida*, subst. m. ou f. O que ou a que mata. Da raiz latina *caedere* (matar). É palavra que só se pode encontrar em composição com alguma outra que designe o objeto em que essa morte se executa: vide *deicida*, *regicida*, *liberticida*, *parricida*, *matricida*, *homicida*, *filicida*, *infanticida* etc. Como estes se poderão analogicamente formar outros vocábulos com o elemento terminativo *cida*.

Cídio deriva-se do latim *caedes*, que significa morte violenta ou assassinamento: *homicídio*, *regicídio*, *deicídio*, *parricídio*, *matricídio*, *infanticídio*, *arboricídio*, *canicídio*, *suicídio*. Com este elemento *cídio*, no sentido da sua etimologia, se poderão analogicamente formar muitos outros compostos."

O mesmo Castilho empregou *mulhericídio*, assassinio de mulher, no cap. XXVI, pg. 56, vol. II dos *Mil e um mistérios*, e nas obras do escritor mais fecundo de Portugal, Camilo Castelo Branco, encontram-se os vocábulos *aganicídio* (*O Judeu*, vol. II, part. III, cap. IV, p. 38), *burricida* (*Memórias do cárcere*, vol. I, cap. IX, pag. 123), *crocodilicídio* (*Boêmia do espírito*, 2ª ed. pag. 246), *suicida* (*Vulções de lama*, cap. II, pag. 56), *fradicida* (*Cavar em ruínas*, pag. 83), *bispicida* (*Vinte horas de liteira*, cap. XIII, pag. 136), *raticida* (*Noites de Lamego*, pag. 236).

Leiamos agora esta notícia de jornal: "... o processo de Amélia Rabilloud, que no dia 13 de dezembro de 1949 matou o marido, retalhando o cadáver em sessenta e sete pedaços".

O que há de horripilante para todos na notícia, há de espantoso aos que conhecem um pouco de português ou um pouquinho de latim no título que encabeçou a tradução do telegrama: "Condernada a cinco anos a *uxoricida* de Ver-salhes".

Não; se o que mata formiga é *formicida* e o que mata uma criança é *infanticida*, a mulher que mata o marido é **MARITICIDA**. O elemento que precede *cida* (do lat. *caedo*, matar) denota a vítima e não o autor. **UXORICIDA** (*uxor*, *oris*, mulher casada, esposa) reserve-se para o caso contrário.

"Marketing" - V. *mercadologia*.

Marquês - Ou empregamos nosso legítimo *alpendre* ou apor-tuguesamos o francesismo "marquise" em *marquês*; "marquês" é injustificável.

Marrocos - Adjetivo pátrio: *marroquino*.

Marroquim - V. *gentílicos*.

Martelo - Barulho: *malhar*.

Martirologio - O nome da lista de mártires comemorados pelos dias do ano compõe-se de *mártir* e não de *martírio*. A esse primeiro elemento, acrescido do *o* de ligação de compostos gregos, segue-se o segundo, proveniente de *logos*

(relação). A palavra não deve trazer *i* antes desse *o* de ligação. **Mas** - Não temos no Brasil o *a* fechado. A pronúncia *mas, pára, cáda* é de Portugal. Professores lusitanos é que são culpados de terem pretendido introduzir entre nós esse som, estranho à nossa pronúncia.

Mas também, mas ainda e o próprio *mas* empregado substantivamente (Tudo tem o seu *mas*) parecem ter ficado livres desse impertinente som.

Lecionando em Portugal, professor brasileiro algum pretenderia aí introduzir a pronúncia aberta do *a*; o contrário não devemos igualmente aceitar.

"**Mas que**", "e **que**" - Vejamos a falta de função, e portanto de sentido, do *mas* destes períodos, lidos recentemente em jornais: "A advertência foi feita pelo delegado regional, ao ser informado de que aqueles recenseadores pretendiam promover uma assembléia no último domingo para debater o movimento reivindicatório, mas que não se realizou porque o número dos que compareceram foi considerado insuficiente" (Elimine-se o *mas*; troque-se o *que* por *a qual*; o *que*, quando relativo, deve ser substituído para clareza por "o qual", "a qual", "os quais", "as quais", conforme o gênero e o número do antecedente.) — "Ela é odontopediatra do INPS há 22 anos, mas que está de licença" (Não é o mesmo que noticiar: "Ela comprou uma gravata, mas que não agradou ao marido"? Que está aí a fazer o *mas*? Que necessidade há de expressar adversidade? Uma das duas palavras está de mais, ou o *mas* ou o *que*. Tem acaso sentido a afirmação: "... comprou-me uma gravata, mas a qual não me agradou"? Não nos venha o noticiário dizer que o "que" da construção não é relativo.)

Não sabemos de quem ter mais dó, se dos leitores, se do próprio noticiário; não sabe ele que a substituição do relativo por uma das locuções equivalentes torna claro o antecedente?

A mesma estonteante redação está aparecendo ultimamente, por falta de um mínimo de conhecimento de nossas conjunções, com "e que", em períodos em que ou sobeja o "e" ou sobeja o "que". Limitamo-nos a apresentar esta vitrina de barbaridades, na esperança de ter ficado clara a explicação acima: "... justamente pelo comércio que nasceu em função da ponte e que agora atende a região" — "Notícia Correio de São Carlos que nos arredores dessa cidade acamparam três famílias de índios guaranis, procedentes de Mato Grosso e que há cerca de dez anos vêm peregrinando pelo país e pelo continente" — "Foi identificado o corpo do homem; é o advogado e consultor F.F., de 56 anos e que, segundo a polícia, estava sendo sequestrado". (Se a notícia não é agradável, o português revelado em "e que" e "estava sendo" é horripilante.) — "... contanto que o significado do rito cristão seja conservado e que o aspecto universal e católico da Igreja apareça claramente" — "Acontece que o autor do telefonema era realmente o rei Juan Carlos, que está passando férias na ilha de Mallorca e que pretende..." — "Num livro que escreveu depois da explosão, e que se tornou um clássico..." — "... é uma empresa particular, de um parente do governador e que teve problemas econômicos..." — "É um tipo de flexão desaparecido de nossa língua, e que consiste no..." — "Etc., abreviação da locução latina et cetera, e que significa..." — "Quando eles chegaram à estação e que se dirigiram..." (Que função exerce aí o *que*?) — "Pek Thou lembrou-se de um amigo brasileiro que conhecera nos Estados Unidos, F. F., e que lhe falou sobre o crescimento econômico brasileiro" (Que faz aí o "e"? Deve aparecer só o relativo após a vírgula) — "... a morte do ex-presidente F. F., assassinado há dez anos, e que deu início à onda de terrorismo" (Troque-se "e que" por "a qual") — "É o caso de uma estudante que pretendia ser flautista profissional, e que em certa manhã do ano passado transformou-se em..." (Que faz aí o *que*? Deixe-se a vírgula, e após ela faça-se seguir a coordenada sem esse intruso *que*) — "A decisão faz parte de uma lei recentemente aprovada e que embora não contenha nenhuma cláusula referente a..." (O

"e" está sem função; a subordinação é indicada pelo relativo: "de uma lei que, embora..., visa...", com duas vírgulas a separar a subordinada) — "Os últimos 150 índios da tribo xocó continuam ocupando a ilha de São Pedro, no baixo São Francisco, em Sergipe, e que poderá ser transformada em reserva indígena pela Funai" (Outra vez um "e" para jogar fora; a seqüência do período é: "ocupando a ilha que poderá ser transformada" ou: "ocupando a ilha... a qual poderá").

Todos sabemos que consertar é mais difícil do que fazer bem feito. Por que não levar a sério o estudo de nossa gramática, desde as suas primeiras normas? A quem cabe proporcionar seriedade de estudo do nosso idioma? O culto do vernáculo faz parte do brio cívico.

Masdeísmo - V. *Zaratustra*.

"Masorca" - V. *maçorca*.

Massacre - Já não cabe refugar a palavra *massacre*; se *massacrar* é palavra conhecida de qualquer pessoa, como impedir o uso do substantivo?

Massagem - Palavra de inteiro uso e de aceitação justificável também na forma gráfica, proveniente que é de um remoto étimo grego (*massein*, amassar), através do latim *massam* e do francês *massage*. Não nos cabe refugar a palavra com a significação figurada de "castigo positivo", de "ação de judiar duramente", de "vencer terminantemente", de "dominar de maneira completa, clara, definida, em pugna esportiva".

"Massaua" - É forma italiana; em português esta cidade da Abissínia é *Maçuá*.

Masséter - É palavra grega; o comportamento do latim com palavras de prosódia igual obriga-nos a pronunciar *mas-éter* no singular, *masséteres* no plural (§ 224).

Massiço, Massicez - Nasce a dubiedade de grafia da não correspondência da palavra a um étimo direto latino; prendem-na uns ao castelhano *macizo*, outros ao vernáculo *massa*, acrescido dos sufixos *ço, ez*.

É de notar que a própria Academia Espanhola atribui para o castelhano *macizo* o latim *massa*, e que, por outro lado, a significação da palavra, coisa que muito importa em assuntos de etimologia, aconselha a grafia *massicez*, com dois *ss*; na verdade, é *massiço* o que não é oco, o que é compacto, o que, enfim, é todo *massa*.

Cândido de Figueiredo observa em seu dicionário que "*maciço* é talvez preferível; os que preferem *massiço*, relacionam o termo com *massa*".

Incluimo-nos no segundo grupo, acompanhando o francês *massif*, o italiano *massiccio*, o inglês e o alemão *massive*.

Enganados andamos nós quando seguimos a ortografia oficial *maciço* quanto anda o espanhol quando a escreve com *o*; é o que afirma Corominas no Dicionário Histórico-Etimológico de la Lengua Castellana.

Morais e Domingos Vieira corrigem a antiga grafia *massiço*, com *o* na primeira sílaba, para *massiço*; atribuem ambos à palavra o étimo *massa*, advertindo-nos que é errôneo o *o* na palavra e nos derivados.

O que é preciso é não confundir *massa* com *maça*, "pau bastante pesado com uma das extremidades mais grossa, que antigamente servia de arma". Daquele o derivado do caso vertente, *massiço*; deste, *maçada*, que estritamente significa "golpe com a maça", "pancada com pau" (Dou-lhe tamanha *maçada* que o ponho em mãos do doutor), e que em sentido lato se emprega por engano, atrapalhação, conversa prolongada e enfadonha, e *maçante*, importuno.

Outras palavras existem de sílabas iniciais de igual som mas que se escrevem com *ç* por nada terem que ver com as anteriores: *maçapão* (bolo de amêndoas com farinha e ovos, a que de ordinário se dá a forma de um pão pequeno e redondo), que em italiano é *marzapane* e em castelhano *marzapán*, onde o *z* equivale ao *ç* português; *maçaneta* (puxador com a forma de maça), *maçaroca* e *maçorca*.

"Massuah" - É grafia francesa; em português o nome desta cidade da Abissínia é *Maçuá*.

Mastigópode - V. *ápode*.

Mastóideo - V. *peritônio, peritoneu*.

Mastro - Coletivo, quando na mesma embarcação: *mastreação*; quando considerados juntamente com as vergas, remos etc.: *palamenta*.

Matado - V. *morto*.

Mater ártium necéssitas - Expressão latina que significa "a necessidade é a mãe das artes".

Material de construção - Por que plural nas placas e nos anúncios de casas que vendem *material* de construção? *Material* é por si palavra indicativa de pluralidade: Ainda não compre todo o *material* necessário para a construção — Preciso de *material* para esta biografia — O incêndio destruiu todo o rico *material* que estava exposto — Compraram-se grandes partidas do mais variado *material*.

A palavra existe como adjetivo (de matéria, corpóreo; rude de entendimento, bronco) e como substantivo, com o sentido de "conjunto de tudo o que entra na composição de alguma obra"; é, no singular, sinônima — como bem dá o dicionário da Melhoramentos — de *petrechos*. V. "*perfumarias*".

Em comentário da palavra *função*, diz João Ribeiro no dicionário do Fonseca: "É uma irregularidade usar a palavra no plural sem razão plausível", ou seja, é irregular dizer "exercer as suas funções".

Aplice-se o conto a *material*; *material* elétrico, *material* de guerra, *material* bélico, *material* tipográfico: não é assim que todos nós dizemos? Por que, no caso de construção, basear-nos em placas de rua? V. "*perfumarias*".

"Matinée" - *Vesperal* é que se usa no Brasil em lugar da derrotada palavra francesa: *vesperal* dançante — vão passar o filme em *vesperal* para as crianças — *vesperal* musical.

Mato Grosso (estado brasileiro) - Sigla oficial: *MT*, sem ponto abreviativo.

Mato Grosso do Sul - O Amazonas, o Piauí, o Ceará, o Maranhão e outros estados nossos existem usados com artigo, ao lado dos de Pernambuco, Sergipe, Alagoas e outros, sem ele. Sempre se disse *Mato Grosso*, e não será o acréscimo de "do Sul" que irá obrigar-nos o artigo antes do nome do novo estado brasileiro.

Nas enumerações, nem os do primeiro grupo são usados com artigo: *Os estados brasileiros são: Amazonas, Pará, Maranhão...* Vem ainda ao caso a afirmação de Said Ali: O número de nomes de terras usados com artigo é diminuto em comparação da imensidade de nomes de países, províncias, departamentos, estados, condados etc., que povoam os mapas e sempre se mencionam sem artigo.

— Sigla oficial: *MS*, sem ponto abreviativo.

Matricídio, Matricida - V. *matricida*.

Mau - Superlativo sintético: *péssimo, malíssimo*. § 274.

Mau grado - V. *de mau grado*.

Mau uso, Mau aproveitamento - Mal que parece sem cura — no dizer do missivista que nos enviou diversos recortes de diversos jornais — é o do emprego de *mal* como adjetivo.

É desanimador verificar o desleixo de revisores aliado à ignorância de redatores que revelam nunca ter aprendido distinções elementares de função de palavras como a destas duas, *mal* e *mau*. A encabeçar notícia de jornal, o atrevimento de redigir: "Produtores de leite fazem *mal* uso das pastagens"; em outro jornal, também em título, a confirmação do alastramento da confusão: "*Mal* aproveitamento de áreas".

Por favor, senhores diplomados por escolas de jornalismo, não nos venham amanhã ferir o zelo de higiene linguística com oferecer-nos "*mal* cheiro". O uso das pastagens, o aproveitamento das áreas, o cheiro de adubo é *mau*, e não *mal*. É *mau* por ser adjetivo; é adjetivo por estar atribuindo qualificação ao substantivo, qualificação na aceção gramatical de modificação de sentido, de apreciação, de atribuição de título a alguma coisa. Aprendam a distinguir adjetivo de advérbio. Quando a modificar substantivo, *mau* se escreve, com *u*. Ter de esclarecer a redatores o que é

substantivo já é demasiado abuso dos leitores.

Mau-humor, Mal-humorado - Lá *u* por ser adjetivo, aqui *i* por ser advérbio. V. *ma-criação*.

Máxima debetur püero reveréncia - Locução latina que significa "deve-se à criança o máximo respeito".

Máxime - Advérbio latino, de largo uso em português, onde é normalmente pronunciado "mássime"; significa *principalmente, mormente*: A todos obedecemos, *maxime* aos pais.

"Mayence" - *Mogúncia* é que se diz em português.

"Mazeran" - V. *Magalhães*.

Mazoniano - V. *basedoviano*.

"Mazorca" - V. *maçorca*.

Mboy - V. *Embu*.

Me (dativo) - "Parou-se-me o relógio", "Acabou-se-me a paciência" — construções corretas. O *me* que aí entra corresponde ao "dativo de interesse". 685.

"Me dá..." - Constitui verdadeiro sofisma afirmar que a expressão "Me dá um lápis" é mais afetiva, incute mais carinho, expressa maior delicadeza do que a construção "Dá-me um lápis".

No Brasil, salvo exceções muito raras, ninguém trata o interlocutor por *tu*; conseqüentemente importa, antes de discutir a colocação do oblíquo, corrigir a frase para "Me dê um lápis". Feita essa correção, venham então dizer-nos que a construção "Dê-me um lápis" denota imposição, brutalidade... Acaso é bruto o miserável que na rua nos diz: "Dê-me uma esmola"? Acaso os que estudamos nosso idioma não sabemos que o imperativo expressa, também, rogo, pedido, súplica?

O que há é desleixo, menosprezo à correção de linguagem; digamos todos "Dê-me um lápis", deixando aos recalcitrantes e fanáticos da "língua brasileira" a expressão duplamente errada.

Mear, Miar - Não confundir o primeiro verbo, que significa dividir pelo meio, com *miar*, dar mios.

Média - O adjetivo pátrio desta antiga região da Ásia é *medo* (é), cujo feminino é *meda* (é): "O império dos *medos* foi destruído por Ciro, que o reuniu ao reino dos persas".

Médice, cura te ipsum - Locução latina, tirada do evangelista S. Lucas (IV, 23), que significa "Médico, cura-te a ti próprio". Aplica-se aos que dão conselhos a outrem sem que no entanto eles mesmos os sigam.

Médico - Coletivo, quando em conferência, e um é assistente do enfermo: *junta*. Aumentativo (pejorativo): *medicastro*.

Medo (é) - V. *Média*.

Medulospinal - É engano dizer que caiu a primeira vogal do segundo elemento. *Spinal* é forma erudita, latina, sem e inicial, e erudito é o composto. Acaso não se diz *retrospectivo*? O motivo é o mesmo: Palavras eruditas por via erudita se formam.

Meio adoentada - V. *meio-dia e meia*.

Meio-dia e meia - É verdade que se diz comumente *meio-dia e meio*, mas não se pode negar que a forma correta é *meio-dia e meia*, pois a palavra a que o adjetivo se refere é *hora*: *meio-dia e meia hora*. Não tem cabida afirmar tratar-se de flexão por atração.

Meio é numeral quando significa "metade de um"; como numeral, concorda com o substantivo: *25 meias* garrafas, *meia* vida passei, obra *meia* acabada (obra feita pela metade). Quando, porém, significar "mais ou menos", "um tanto", "um pouco", deixará de ser numeral para ser advérbio, e virá modificando um adjetivo; como advérbio, não poderá flexionar-se: Maria está *meio* adoentada — Ela ficou *meio* perplexa — Ana foi *meio* precipitada.

Saibamos, pois, distinguir "porta *meia* aberta" (porta aberta pela metade, no caso de ser dividida em partes, como acontece com as janelas: Todas as janelas estavam *meias* abertas) de "porta *meio* aberta" (porta um tanto, um pouco aberta), mas digamos "meio-dia e *meia* (meio-dia mais metade de uma hora, e não meio-dia mais metade de meio-dia).

Melhor (mais bem), **Melhor** ("mais bom") - Distrai-se duplamente quem redige "cartas *melhores* escritas".

1ª distração: É falso pensar que se deva sempre usar a forma sintética do comparativo de *bem*. Sempre que "mais bem" preceder adjetivo (*mais bem feito, mais bem pensado, mais bem vestido*), essa forma analítica é que deve aparecer, e não a sintética.

2ª distração: Ainda que da índole do idioma fosse em tal caso o emprego da forma sintética, jamais poderia ela aparecer flexionada; *melhor* seria aí advérbio; pluralizá-lo constituiria distração tão grave quanto redigir "cartas *bens* escritas": o advérbio não se flexiona em número. O assunto já foi aqui tratado (V. *mais bem*), mas vamos esclarecer um pouco mais.

Melhores, no plural, é correto somente quando com função de adjetivo: "Estudamos para tornar-nos *melhores*". A maneira prática de verificar se *melhor* funciona como advérbio ou como adjetivo é trocá-lo pelo normal; que aparece, *bem* ou *bom*? "Estudamos para tornar-nos *bons*" diríamos, e não "... para tornar-nos *bem*"; isto nos mostra com clareza que *melhor* é aí adjetivo e, pois, deve ir para o plural. V. a *melhor, o melhor*.

Melhora, Melhoria - V. *estada, estadia*.

Memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris - Expressão latina, da liturgia católica (quarta-feira de cinzas), que significa: Lembra-te, homem, de que és pó e pó voltará a ser.

Memão - V. *Decamerão*.

Memorando - É o aporuguesamento, legítimo e cada vez mais generalizado, da forma latina *memorandum*, com a vantagem de eliminar possível dificuldade de pluralização: *um memorando, dois memorandos*. V. plural *estranho*.

Mendaci ne verum quidem dicenti crēditur - Epígrafe da décima fábula do primeiro livro de Fedro: Ao mentiroso não se dá crédito nem ainda quando diz a verdade.

Mendaz - Superlativo sintético: *mendacíssimo*.

Mendigo - V. *M* e *N* *intrometidos*.

Menino - Coletivo: *grupo, bando*; depreciativo: *chusma, cambada*.

Menos - Esta nossa palavra tem várias funções mas é sempre invariável, o que significa que não podemos flexioná-la nem quando advérbio (Julgas que fui *menos* desgracada?) nem quando preposição (Todos *menos* ela) nem ainda quando adjetivo: Mais amor e *menos* confiança.

Mens āgitat molem - Com esta expressão, que significa "o espírito move a matéria", Virgílio (Eneida, VI, 727), ao mesmo tempo que atribui ao espírito superioridade, distingue-o da matéria. Ainda que essa "matéria" seja um aglomerado humano, há um espírito geral que o domina: *mens āgitat molem*.

Mens sana in corpore sano - Expressão latina que significa "mente sã em corpo sã". É a única coisa que se pode pedir aos deuses, diz Juvenal nas Sátiras (X, 356).

Mensagem - V. *herage*.

Mensal, Bimensal, Bimestral, Trimensal, Trimestral - *Mensal* significa relativo ao mês, que ocorre uma vez durante o mês, que acontece de mês em mês. De igual forma, *bimensal, trimensal* é o que se relaciona a dois, a três meses, que ocorre uma vez cada dois, cada três meses. É assim em latim (Saraiva: *mensualis, bimensstruus, trimenstruus*); é assim em inglês (Webster: *mensual, bimensal, trimensual*).

Se *mensal* tem uma só forma, *bimensal* e *trimensal* têm nessas línguas uma segunda, de significação inteiramente idêntica: latim: *bimestris, trimestris*; inglês: *bimestrial, trimestrial* (o inglês tem uma terceira, normal e comum, decorrente do acréscimo de *ly* ao substantivo).

E em nosso idioma? Do que decorre de nossos tradicionais e bons dicionários, do que decorre de estudos de composição, o procedimento deve ser o mesmo; veja-se Carlos Góis (*mens* reveste a forma *mes* no morfema *mestre*), Aulete e Cândido de Figueiredo (*bimestral*, adj., o mesmo que *bimensal, trimestral*, o mesmo que *trimensal*).

Sem o testemunho de outros dicionários, é válida esta afirmação: Se *bienal* significa "de dois em dois anos", não é estranhável que *bimensal* signifique "de dois em dois meses".

Bimensal é sinônimo de *bimestral*, como *trimensal* é de *trimestral*. Poderá vingar alguma futura distinção de sentido entre essas formas, mas sem nenhum fundamento etimológico. Ademais, "quinzenal" é forma que não foi enterrada.

...mente - V. *portuguesmente*.

Mente, Entendimento - A palavra *mente* é a que com maior propriedade designa, em português, o espírito supremo, criador, princípio potencial por excelência. É ela de aceção mais geral que *entendimento*, muito embora seja às vezes empregada como seu sinônimo.

"*Mens*, em latim, e *nous*, em grego, servem em Cícero, em Aristóteles e em Tomás de Aquino para significar tanto a alma como a sua faculdade intelectual" (Espasa). *Entendimento* já não tem essa generalidade de aceção, não pode significar a própria alma, o espírito.

Uma vez que o que se pretende é designar o espírito supremo, Deus, ou seja, a mente por excelência, nada mais razoável que se adote a palavra *Mente*. Se *entendimento* não especifica nem a alma humana, muito menos o espírito supremo.

A dúvida nasce de o francês traduzir o "Mind" inglês por "Entendement", e de aqui passar para *Entendimento* em português. Dissó é causa a falta, no francês, de vocábulo que corresponda ao "mind" inglês, deficiência que já não existe no português, onde temos o nosso *mente*, que no caso traduz com precisão o vocábulo inglês.

Considere-se ainda que *mente* especifica potência ou princípio intelectual, pensador, ao passo que *entendimento* é termo de designação já especificada, que indica uma faculdade da mente. Entendimento é determinado movimento de uma força, mente é essa mesma força.

Mentir - V. *admir*.

"Menu" - *Cardápio* vem afastando cada vez mais esse intronético galicismo.

Mercadologia, Mercadização - A gentileza do diretor e de professores da Fundação Getúlio Vargas animou-nos a redigir este verbete, despido de sugestões outras que não lograríamos uma definitiva tradução portuguesa de "marketing". Já o respeito às palavras técnicas portuguesas, já a importância de ensino dessa faculdade convenceram-nos de que devíamos aceitar, apoiar e propagar a palavra vernácula para o caso: **MERCADOLOGIA**.

Estranhávamos ler palavras nossas em colunas de jornal e um "marketing" de perneio, com um *k* medial e um *ing* final que não usamos, e, ainda mais, a acotovelar-se muitas vezes entre as nossas palavras sem o sentido exato do vocábulo originário técnico, a forma gerundial inglesa.

Sempre que desejarmos indicar o estudo do fluxo de bens e serviços de um fabricante até um consumidor final ou industrial, empreguemos **MERCADOLOGIA**, hibridismo que virá englobar todo o estudo de providências que atendam às necessidades de consumidores potenciais.

Teremos então: "A *mercadologia* bancária estuda três pontos principais: segurança, rentabilidade e liquidez de empréstimos" — "O grupo Bompreço aperfeiçoa *mercadologia*" — "Associação Americana de *Mercadologia*" (American Marketing Association) — "Mercadização é o ato físico, é a atividade de aplicar, de pôr em prática o conceito, o conteúdo da *mercadologia*" — "O Edsel foi um erro de *mercadologia*" — "Escola de *Mercadologia*" — "Ele é formado em *mercadologia*" — "Enquanto *mercadologia* é estudo, mercadização é atividade, é processamento, é execução" — "A *mercadologia* mudou muito a vida das empresas".

Não se esqueçam nossos mercadólogos de que, não muitos anos faz, dizíamos *beque, alfo, centeralfo, come*. Um brilhante jornalista conseguiu vencer um meio hostil ao idioma — o dos esportes, principalmente o futebolístico — e hoje, com muita razão, ele se vangloria de ter visto aquelas palavras, conquanto já graficamente aporuguesadas, ceder lugar a equivalentes portuguesas, hoje de todos nós conhecidas. O exemplo se impõe aos que têm a vida em trato com estudos e não com bolas, e bom trato está realmente o idioma a merecer.

Mercadoria - Coletivo: *sortimento, provisão.*

Mercerização - V. *gentílicos.*

Mercê de - Esta locução, que significa "graças a", "por causa de", não pode vir sem a preposição final: *Mercê de Deus*, nessa parte tenho sido muito feliz.

O que nela existe — e pode existir — é eclipse da preposição por: "*Mercê do céu*" em vez de "*por mercê do céu...*".

Mesada semanal - Os dicionários aí estão, todos eles, a dizer que *mesada* é "quantia que se recebe ou paga em cada mês ou de mês a mês para as despesas ordinárias; mensalidade; contribuição mensal".

Acaso *quarentena* não significa "período de quarenta dias"? Continua esse o significado da palavra? Sem nenhuma limitação de tempo, indica hoje "período" a que se sujeitam navios, pessoas ou coisas para observação, seja ele de quarenta ou de apenas um dia.

Não vemos o que faculte dizer que "*mesada semanal*" seja expressão errada. Não dizemos "*cavalgar um burro*", "*caderno de vinte folhas*", "*três gêmeos*", "*chumbar um tacho na parede*"? A semântica é fenômeno linguístico geral e comum, que no caso recebe o nome de *catacrese*, do grego *catá* (contra) e *chrestái* (usar): o sentido real da palavra é modificado por esquecimento, e a palavra nova contém idéia absurda se comparada com o sentido etimológico da primitiva.

Mesa redonda - Não digamos à inglesa "painel", que temos prata de casa, e não pensemos que também o inglês não tenha "*mesa redonda*"; lemos no Time: "... from a manageable round table of 51 nations". Logo adiante o redator nos dá a lição de que tem o inglês também em uso para o caso o que temos em esquecimento: a palavra *arena*. Figuradamente indica "qualquer lugar de disputa, contenda ou julgamento": "... from a round table of 51 nations, with Western democracies in the majority, to a sometimes brawling arena of 144 delegations".

Se é para importar somente o que a língua inglesa tem a mais, importe-se o zelo que ela tem à gramática. V. "*painel*".

Mezinha, Mezinha - Os étimos são diferentes; *mezinha* é diminutivo de *mesa*; *mezinha* provém de *medicinam*: o *c* intervocálico dá *z*, e não *s*, em português: "...foy muyto bem curado por Físicos Mouros da terra, que os ha nella muyto bons, e assim ervas, *mezinhas* como em Hespanha, e de outras mayreys diversas".

Mesmo - Erro muito freqüente é o emprego do demonstrativo *mesmo* com função pronominal em construções como estas: 1 — "...nova ortografia, visto que os trabalhos serão corrigidos pela mesma"; 2 — "Devemos estudar português e as matérias que têm relação com o mesmo". Esse disparate se evidencia em trechos de confirmante pobreza sintática como este: 3 — "A Sociedade Tal é constituída dos senhores F. e F., e os mesmos dedicam à mesma todas as energias".

Desse erro têm grande culpa os "críticos de cacófatos". Sem conhecimento seguro de gramática, tão só cacófatos vêem num trabalho muitos de nossos homens de crítica literária; cegos a erros graves de sintaxe, quando não de morfologia, surpreendem o leitor com tais descobertas, como se escrever em bom português consistisse em ter malícia, em ter espírito mesquinho. Preocupados com vocabúlos de grande erudição pornográfica, sentem-se felizes esses críticos quando num trecho encontram desse teor palavras que possam mostrar ao leitor, maduro mas sem preocupações tolas, ou ao aluno, estudioso mas sem malícia.

Receosos de tais críticos, muitos, desconhecedores de nosso idioma, passaram a fugir do pronome *ela*, eliminando-o em toda a circunstância, para substituí-lo por a *mesma*. Viciados com tal substituição, o mesmo fizeram com o masculino *ele*, que para todos os efeitos se transformou em o *mesmo*, donde os três exemplos acima apresentados, aos quais somaremos mais estes: 4 — "Vou à casa de minha mãe; falarei com a mesma sobre o assunto"; 5 — "Realizou-se ontem a esperada festa; à mesma compareceram...".

Não querendo cansar o leitor com a exposição dos sig-

nificados, funções e empregos do demonstrativo *mesmo* — já por desnecessário, já por qualquer gramática expor o assunto — limitamo-nos a aconselhar-lhe a fuga de construções como as apresentadas e redigi-las com mais colorido e sabor lingüísticos. Despojados do *mesmo*, reproduzamos os exemplos: 1 — "...nova ortografia, visto por esta deverem os trabalhos ser corrigidos"; 2 — "Devemos estudar português e as matérias com ele relacionadas" (e as matérias correlatas com esse estudo; ...e as matérias que têm com essa disciplina relação); "A Sociedade Tal é constituída dos senhores F. e F. que a ela dedicam todas as energias (que lhe dedicam...); 4 — "Vou à casa de minha mãe, com quem falarei sobre o assunto" (e com ela falarei...); 5 — "Realizou-se ontem a esperada festa, à qual compareceram...".

Que dificuldade haverá para assim redigirmos, sem o intruso e monótono *mesmo*? Nada teríamos que dizer se se tratasse do "o mesmo" que encerra um post-scriptum ou de um *mesmo* realmente identificador, mas a palavra *mesmo*, que tem muitas e muitas funções (§ 342), não tem a de substituir o pronome *ele*.

Vejamos mais estas amostras de verdadeira infantilidade estilística e gramatical: "Terminadas as provas, foram as mesmas enviadas para a correção das mesmas" (exemplo tirado de relatório de repartição pública) — No mesmo relatório havia esta construção, verdadeiro número de ginástica "mesmítica": "Com base no total de candidatos inscritos, foram emitidos os respectivos cartões de identidade, dos quais constava, obrigatoriamente, a fotografia dos mesmos, sendo as mesmas distribuídas quinze dias antes da data".

Mais uma amostra da desastrosa consequência a que chegaremos, aceitando essa função: "Mandei publicar as notícias referentes ao concurso no órgão oficial e num vespertino de grande tiragem, tendo as mesmas despertado geral interesse ao mesmo".

Isso é tornar mais clara a redação? Imagine-se Camões a redigir:

Mas não servia ao pai, servia à mesma

Que à mesma só por prêmio pretendia.

Mestre-sala - V. *carro-correio.*

Meta... - Prefixo de origem grega; junta-se sem hífen e significa *transformação, transposição, transcendência, posterioridade e sucessão: metamorfose, metacromia, metageometria, metajurídico, metaptose.*

Metade - Não vemos silpse em "*metade do terreno é meu*" senão simples lapso de concordância. "*Metade do terreno meu está cultivado*" — "O terreno inteiro é da família e metade dele é minha": não é assim que dizemos normalmente? Comparemos com "parte do ar expelido pelos pulmões é desviada para as fossas nasais", onde *expelido* é masculino por ser adjunto adnominal de *ar*, mas *desviada* é feminino por ser predicativo de *parte*. O *ar* todô é *expelido* pelos pulmões e só *parte* dele é *desviada*. E assim: Quando *metade* do *ar* é *desviada*... — Quando *metade* do terreno estiver *cultivada*...

Silpse poderá haver quando o adjunto adnominal do sujeito estiver no plural e a idéia de coletividade do nome for evidente: *Metade* dos passageiros saiu incólume (ou *sáfram incólumes*). Há aí coletividade, o que não vemos em "*metade de um terreno*". Quando há coletividade, vemos poder ser normal a silpse: *Metade* dos meninos *ficaram nus*. Verbo e adjetivo deixam aqui de concordar com o sujeito *metade* para concordar com o adjunto por ser evidente no verbo a participação dos elementos que constituem o coletivo. "*Metade* dos alunos está *atrasada*" é exemplo em que verbo e predicativo podem referir-se ao sujeito *metade* como um todo; "*metade* dos alunos estão *atrasados*". Já em: Um batalhão de granadeiros *enchia* o pátio do quartel — Um grande número de chefes *prejudica* a disciplina — *Metade* das laranjas é *minha* — não conseguimos distribuir a ação, a significação do verbo.

Como não vemos nestes últimos exemplos possibilidade

de concordância por silepse, tampouco a vemos em "Metade do terreno é minha", onde nem coletivo nem adjunto plural existem.

Não nos parece errado afirmar que há diferença entre "metade dos lotes foi vendida a um único comprador" (*metade* é aqui um todo) e "metade dos lotes foram vendidos a preços diversos" (há agora distribuição da ação verbal). Sem o partitivo pluralizado e sem a idéia de coletivo, a concordância se impõe. Isso de ouvir no campo "metade é meu" não é de admirar, pois os nossos caipiras dizem, também com naturalidade, "muité meu".

Não é "Metá del terreno é mia" que usualmente se diz em italiano, e "Mitad del terreno es mia" que indiscutivelmente se diz em espanhol? Não nos venha alguém acobertar a aberração da construção errada portuguesa com o manto da silepse ou com a máscara da lingüística.

Metade... *metade* - Não se deve em legítimo português dizer: "Metade da população vive a expensas do governo e a outra metade a pagar impostos" — pela mesma razão por que não se diz: "Parte dos alunos queria férias e a outra parte não queria".

O certo é: "Parte queria férias, parte não queria" — "Metade vive do governo, metade para o governo".

Funcionam os vocábulos *metade... metade, parte... parte* à semelhança de conjunções alternativas.

Diferente tornar-se á o caso se fizermos anteceder de artigo, definido ou indefinido, a palavra *metade* ou a palavra *parte*. Dar-nos-ão então, em português como em espanhol, passagens como esta do adágio "A metade do ano com arte e engano, e a outra parte com engano e arte" (La mitad del año, con arte y engaño, y la otra parte con engaño y arte), refrão que repreende o modo de viver de alguns que sem ter nada de seu, gastam e sobressaem por habilidade e maíha.

Metáfase - V. *anfase*.

Metáfora - V. *semântica*.

Metal - Coletivo, quando, não precioso, entra na construção de uma obra ou artefato: *ferragem*. Barulho: *tinir*.

Meteorita, Meteorite, Meteorito - As duas primeiras palavras são formas paralelas, do gênero feminino, que designam uma liga de metais; a terminação *ite (ita)* entra na designação de minérios: *barita, linhita, bauxita, margarita, agafita (agafite), alabastrite, lazulite (lazulita), malaquite (malaquita), pirita (prite)*.

A existência em português de tais formas paralelas deve-se à existência já no grego dos dois sufixos, *ites* e *ita*.

Em *meteorito* não entra o sufixo *ite (ita)*, designativo de minério, mas o sufixo diminutivo *ito*: *meteorito*, *meteoro* pequeno. Não confundir com *meteorólito*, onde entra outro sufixo, breve (V. *aerólito*).

Itó é ainda sufixo que designa principalmente sais: *hipofosfito, hipossulfito*.

Meteorólito - V. *aerólito*.

Metonímia - V. *semântica*.

Metragem - É neologismo já introduzido no idioma, conquanto sem precisão de significado; ora está por *comprimento* (filme de longa *metragem* — *metragem* de uma peça de fazenda), ora por *largura* e *comprimento* (a *metragem* de um lote de terreno), ora por *área* (a *metragem* de uma casa).

É o caso de perguntarmos qual é a *metragem* de uma cobra, qual a *metragem* de uma estante, qual a *metragem* da estrada, em vez de *comprimento* da cobra, *dimensões* da estante, *extensão* da estrada.

Esse e outros neologismos análogos devem ter sua introdução no vocabulário baseada em necessidade de emprego, em distinção de significado; do contrário iremos logo falar em *alqueiragem, quartagem, gramagem, quilagem, gradaagem, centigradaagem, cavalagem* em lugar de *medida, quantidade, peso, temperatura, força*. Daí passaremos para *anagem, mesagem, semanagem, diagem* em lugar de *idade, duração*, e para outras bobagens.

Metralhadora - Barulho: *pipocar, pipoquear, matraquear, matraquejar*.

"Metró" - O designarem os franceses "metro" (abreviação de "metropolitain") o serviço de tráfego subterrâneo decorre de esse adjetivo estar no nome da empresa que explora esse serviço em Paris.

Extemporâneo — e cremos até antipático — será aqui hoje dizer que tal procedimento não era de imitar por nós, mas a realidade é que entre nós se criou a "Companhia do Metropolitano de São Paulo", dando-se a "metropolitano" função substantiva e sentido que jamais a palavra teve em português.

Chamarmos o tráfego subterrâneo "metropolitano" é tão incompreensível quanto chamarmos "luminoso" (abreviadamente *lumi*, por "lumineux") o serviço de iluminação: Estou sem "lumi" em casa — Em tal bairro não há "lumi". Pior ainda: "lumi" pelo menos tem relação com "luz"; e "metró"? Nada tem de "tráfego subterrâneo", nem de "trem subterrâneo". "Subterrâneo", assim mesmo como está escrito, é como designam os argentinos o serviço que há vários decênios existe em Buenos Aires.

Os ingleses têm o serviço de tráfego subterrâneo, mas a palavra com que o designam é "underground", correspondente ao "untergrund" (subsolo) dos alemães, que têm também o "oberbahn" para o tráfego aéreo, suspenso.

Os norte-americanos é que, ao lado do "elevated" (abreviadamente chamam "el"), que indica o aéreo (sobre viadutos, como em Chicago; não confundir com "elevado" de São Paulo, que não indica serviço nenhum, mas simples viaduto), os norte-americanos é que têm, para indicar o subterrâneo, o "subway", palavra com que nomeiam tanto a linha e processo de viação subterrânea quanto o carro empregado nessas linhas, à semelhança de "tramway" (trâ-muei), com que designam já o processo de viação sobre trilhos, já a composição, o trem, já o simples carro, seja ele movimentado por vapor, por força elétrica ou meramente animal.

Vemos na tradução literal SUBVIA a palavra indicada para o caso. Se já temos *ferrovia*, se já se arraigou *rodovia*, se já vigora *aerovia*, por que não haveremos adotado *subvia*? Parece-nos, todavia, que é mais difícil criar e aceitar agora a palavra do que construir o sistema que o neologismo indicaria com pureza, precisão e praticidade. Acaso não se tornariam possíveis e fáceis derivados como *subviano, subviário*? Evitariam estes derivados esquisiticos ou dificuldades de redação como "os carros componentes dos trens do metrô", "o metrô descarrilou", "o tráfego pelo metrô", "prefiro ir de metrô a ir de ônibus", "os dirigentes de metrô querem aumento", frases em que a palavra "metró" não mantém o mesmo sentido.

Os sinais diacríticos têm por fim primordial em nosso idioma indicar a tonicidade da palavra, e não a significação. São como os botões: prendem antes de enfeitar; podem sobejar, não porém faltar. Em discrepância com esse princípio, cartazes e anúncios de autoria da própria empresa concessionária do serviço começaram a indicar que São Paulo tinha *metro*, que devíamos tomar o *metro*, que o *metro* ia ter outro preço.

É proceder ortográfico injustificável o de obrigar a que leiamos oxitona uma palavra que não traz o sinal diacrítico correspondente, exigido por determinação ortográfica oficial. A menos que um dia venha a ser revogada, a primeira das dezesseis regras de acentuação do Formulário Ortográfico determina que se assinalem com acento circunflexo os oxítonos que acabam em *o* fechado.

Não cabe o argumento de que, por não trazer a palavra *metropolitano* acento, tampouco deve trazê-lo a forma que a abrevia. Tal raciocínio é até hoje culpado de silabadas como a de *pégada* em vez de *pegada* (pe-gá-da), e do acento grave, muito tardiamente abolido, de compostos como *sonmete, pezinho, amavelmente*: compostos e palavras sincopadas ou apocopadas submetem-se sem mais considerações às regras

de acentuação como se fossem palavras primitivas; ora, não deixa de ser palavra a abreviação que não é mera sigla senão um bissílabo, bissílabo que além de pelo povo não ser reconhecido como abreviação encontra um homônimo que não é homófono.

Sem que atendamos à regra ortográfica não saberemos ler passagens como estas: "O metro vai deixar de ser municipal para ser estadual" — "Encontrei-me com ele no metro" (numa avenida de São Paulo há um cinema chamado Metro, sem acento porque é paroxítono) — "A avenida São João tem Metro mas não tem metro".

Laudelino Freire traz a palavra abreviada sem acento, mas é dicionário elaborado e impresso antes do formulário ortográfico de 1943; a nova edição do Aulete e o conceituado dicionário a que chamam Melhoramentos assinalam diacriticamente a vogal final fechada, procedimento seguido no Rio de Janeiro pelos responsáveis por igual serviço público: *metró*. Não cabe por outro lado argumentar com o castelhano, onde nem a pronúncia da palavra nem as regras ortográficas são as nossas; o que ao caso realmente vem é dizer que *metró* é mera cópia servil da pronúncia francesa do nome do maravilhoso transporte subterrâneo de Paris.

Se *metro* é medida de largura, *metró* é índice de adiantamento, e acento circunflexo é sinal diacrítico obrigatório de tonicidade de oxítonos terminados em o fechado.

Mexilhão - Por que pretender alterar para *mixelhão*? Se é incerto o étimo, não há motivo para mexer na grafia.

Micro... - Elemento que na composição se junta sem hífen: *microbiologia, microrradiografia, microsísmico*.

Como substantivo, encontra-se já há decênios em dicionários nossos sem o *n* grego final, e justo é que assim continuemos a escrever a palavra desde que aceitemos que devemos proceder à vernaculização de termos provindos de outros idiomas; não será por ser erudito que um vocábulo possa vir enroupado de fazendas estrangeiras quando adaptável à nossa língua. Ademais, *micro* evitará o extravagante plural que às vezes se nota: *micra*, plural este grego mas não justificável em nosso idioma; neste andar, impor-se-iam outros plurais gregos inteiramente esdrúxulos e desconhecidos em português. V. *plural estranho*.

Micrócito - Por ser breve o *y* (í na ortografia oficial) do elemento grego *cyto*, todos os compostos que por ele terminarem serão proparoxítonos.

Microgâmeto - Devem ser proparoxítonos os vocábulos cujo último elemento seja constituído por *gâmeto*, por ser breve o *a* da sílaba *me*.

Microsfera - Longa é a vogal da penúltima sílaba; nela deve cair o acento tônico.

Microssomo, microssomos - Tenha a primeira palavra função adjetiva (equivalente a *microssomático*) ou substantiva, tenha a segunda forma substantiva sempre pluralizada, é melhor que se escrevam com dois *ss*, dígrafo que aparece em outros compostos cujo primeiro elemento é o grego *micrós* e o segundo, também grego, se inicia por *s*: *microssismógrafo, microssimbionte, microssomo*.

Mil - Coletivo: *milheiro* (grupo composto de mil unidades individualizadas: um *milheiro* de mudas de café), *milhar* (grande número, sem determinação rigorosa; de preferência no plural: *milhares* de estrelas). Mil anos: *milênio*.

Milão - Adjetivo pátrio: *milanês*.

Milénar, milenário - V. *bilár, bilário*.

Milhão - Arca com o prejuízo quem confunde milhão de cruzeiros com mil cruzeiros, mas prejudica o idioma quem não vê em *milhão* um substantivo, e em *mil* um adjetivo. Se não, leiamos esta estupefaciente notícia de Brasília: "Entre as 15 milhões de crianças brasileiras de dois a seis anos, apenas 570 mil recebem algum atendimento educacional especializado". Não o teor da notícia nos espanta — estamos cansados de saber a quantas andamos em matéria de educação — mas o "entre AS 15 milhões" que a inicia. Também o redator não está incluído nos 3,8% dos brasileiros que tive-

ram especial atendimento educacional; *milhão* é substantivo, e como tal tem gênero próprio, é masculino: "um milhão", "o milhão" se diz, seja do que for, de bois ou de vacas, de dólares ou de libras: "Entre os quinze milhões de crianças..." O solecismo do agente de Brasília permite que se diga: Perderam-se duas milhões de libras — Comprou uma milhão de libras.

Quando se diz "as primeiras mil páginas", emprega-se *mil*, que é tão adjetivo quanto *as* e *primeiras*: é uniforme e emprega-se sem artigo. Quando porém se diz "os primeiros milhões", passa-se a empregar um substantivo, de gênero próprio, masculino. Lembre-se o infeliz redator de comparar o substantivo *milhão* com *milheiro* e evitará escandalizar os leitores do seu jornal: os primeiros milheiros de laranjas; e assim, "os quinze milhões de crianças", sem deixar-se levar pelo gênero gramatical do partitivo.

Milhar - V. *os milhares*.

Milhardário - Quem diz "Não sou milionário" confessa mil, que é tão adjetivo quanto *ao* caso saber se a moeda é forte ou fraca, quem diz "Não sou milhardário" declara não ter mil milhões, ou seja, não ter um bilhão. Ambas as palavras podem ser empregadas metaforicamente, mas, ainda assim, mantêm elas distinção de significado, baseada na diferença aritmética originária. Se em francês há diferença, por que não poderá havê-la em português?

Milheira - Voz: *linir*.

Milho, mais - Provém o vernáculo *milho* do latim *mílum* (confronte o espanhol *majo, millo*, o italiano *miglio* e o francês *mil*). Uma das fontes do *lh* português, senão a maior, é o *l* latino seguido de *i* breve, mais uma vogal: *mulierem*, mulher; *folium*, folha; *mélior*, melhor.

Maís (ma-ís) é nome de variedade de milho grande, já existente na América Central, quando os espanhóis aí chegaram. Veja a "História Natural e General de las Indias", livro VII, cap. 1º, tomo I, 267-8.

Miligrama - V. *grama*.

Minas Gerais (estado brasileiro) — Sigla oficial: MG — Adjetivo pátrio: *mineiro*.

Mínaz - Superlativo sintético: *minacíssimo*.

Mínero - Raiz celta, entra em *mina, mineiro, minar, minério...* e em compostos: *minerografia, mineromedical, mineralurgia*. Onde o acento secundário destes compostos?

Se Adolfo Coelho tira a palavra *mineral* de um suposto latim *minerale*, se Cândido de Figueiredo fala num baixo latim *minerale*, Calepino nada consigna que corrobore essa hipótese etimológica.

A vogal e de *minero* seria breve, dada a analogia com palavras terminadas em *eris*, terminação esta átona em latim: *munus, míneris; foedus, foederis; onus, óneris; iter, itíneris; genus, génerois...* Baseando-nos na quantidade dessa terminação latina é que poderíamos aconselhar a prosódia *mínero*, proparoxítona, quer nos substantivos compostos acima citados, quer em adjetivos compostos que tivessem por primeiro elemento essa forma nominal: *mínero-oleoso*.

Mingua - O sinal diacrítico não é obrigatório, mas o acento tônico é no *u*. À semelhança de *averigúia*, de *apazigúia*, *mingúia* é que segue a orientação vernácula de conjugação (439): Compare-se essa última obra ao sol quando se põe, que, não desfalcado na grandeza, *mingúia* no ardor, *mingúia* na força — O que nos sobra em glória de ousados e venturosos navegantes, *mingúia*-nos em fama de enérgicos e providentes colonizadores.

A prosódia popular *agóia*, *desagóia* está a provar o que já ficou dito no verbete *agúia*. Como *água* é o substantivo e *agúia* o verbo, assim o substantivo é *mingua* (... para acudir à *mingua* dos nossos teatros) e o verbo é *mingúia*.

Minh'alma - Com apóstrofo, caso queiramos ou precisemos empregar a sinalefa. A ortografia oficial limitou-se à eliminação do apóstrofo nas combinações das preposições *de e em* com artigos, pronomes pessoais, demonstrativos, indefinidos e com alguns advérbios: *do, dum, no, num, dalgum, nalgum, dele, nela, dalgures...*

Ainda assim (Formulário Ortográfico, 44 — 3º) permanece para indicar a supressão da vogal, já consagrada pelo uso, em certas palavras compostas ligadas pela preposição *de*: *copo-d'água* (planta, lanche), *galinha-d'água*, *mãe-d'água*... *pau-d'alto*, *pau-d'arco*... — O Formulário não cuida dos casos de sinalefa.

Minho - Adjetivo pátrio: *minhoto* (fem. *minhota* - ô).

Mini... - É indubitável a existência de uma raiz céltica *min* para indicar *menos*, *menor*, correspondente ao antigo escandinavo *minni*. Vemo-la em *mínimo*, *minúsculo*, *miniatura*, *minúsculo*; sob a forma *men*, em *menor*, *menstril*, *menino*; temo-la apocopada em *miúdo*, *esmiuçar*, *miuçalha*.

Dessas formações podemos passar para *minissata*, *miniusina*, *minigâncias*? Não vemos impedimento; já não temos consignado em vocabulário o composto *minifúndio* para contrastar com *latifúndio*? Não vemos sem estranheza a mesma raiz em *minímetro*?

Para *midi* e *maxi* não vemos justificação nem no espanhol, nem no francês, nem no italiano. Uma, porém, é ver justificação; outra, freios. A analogia é fator criador da linguagem.

Ministra - Se já se foi o tempo em que certas responsabilidades eram atribuídas somente a homens, ficando às mulheres apenas a possibilidade de cortar os cabelos de maridos desmandados, percamos, agora em boa sazão, o recio de dar aos nomes a flexão condizente com o sexo de possuidora de mando comum a varão. Se unicamente ministros havia em outras eras republicanas, também ministras hoje existem. E que ministras! De uma primeira ministra chegou a dizer o presidente de país muito novo: "Ela é o melhor homem do meu gabinete".

Se há nessa afirmação jocosidade para expressar realidade, em "Ela é o melhor ministro do meu gabinete" há erro para dar desencorajamento a quem encontra no estudo do idioma motivos bastantes para dizer *prefeita*, *promotora*, *consulesa*, *juíza*... *ministra*, erro que poderá facultar a construção "Ela é o melhor professor do meu colégio".

Nem despautério nem inovação será a flexão; veja-se na "Oração da Coroa" de Latino Coelho: "De todas as artes a mais bela, a mais expressiva, a mais difícil é sem dúvida a arte da palavra. De todas as mais se entrecete e se compõe. São as outras como ancilas e ministras: ela soberana universal".

Se assim se dizia no século passado, não passemos agora a considerar *ministro* palavra epicena, pois este comportamento irá obrigar-nos a dizer "um ministro mulher", "tal país tem dois ministros mulheres", e conseqüentemente levar-nos a flexionar outros nomes de forma que aberra dos fatos do vernáculo, de forma que só se presta para anedotas.

Originariamente, *minústro*, *mestre* e outros que tais nomes não são uniformes; desde o latim têm desinência feminina; se em outros tempos era natural que assim fosse, por que nessa flexão encontrar hoje estorvo? Que a forma da pessoa não nos deixe iludir e enganar com a da palavra.

Ministro - Coletivo, quando de um mesmo governo: *ministério*; quando reunidos para tratar de um assunto: *conselho*.

Minuciar - V. *sentenciar*.

Minucioso - Superlativo sintético: *minutíssimo*, *minuciosíssimo*.

Miolo - No plural o "o" é aberto.

Miope - V. *acrobata*.

Miosote - Com *e* final, e não com *is*, tal qual acontece com outras palavras nossas provindas de formas gregas em *is* da terceira declinação, na maioria femininas: *glote*, *tese*, *metrópole*, *frase*, *sinaxe*, *elipse*, *parêntese*. O gênero de *miosote* é feminino.

Miradouro - V. *coradouro*; V. *belvedere*.

"**Mirandópolis**" - V. *Indianápolis*.

Mirífico - Superlativo sintético: *miríficentíssimo*.

Miriópode - Duas observações: a primeira com relação à terminação, já exposta no verbete *ápode*: deve ser *e*; a segunda com relação à vogal final do primeiro elemento: deve ser *o*, pois o composto já existia no grego.

Da forma errada com *a* é culpado ou o francês ou o próprio português, que se deixou enganar por *miriade*, *miriámetro*, *miriágon*.

O primeiro elemento da palavra que estamos vendo corresponde ao adjetivo grego *myrios* (muito numeroso, inumerável), e não ao adjetivo *myriás*, que se substantiva e significa, principalmente, dez mil; só por extensão tem a aceção de grande quantidade.

Miriópode não determina a quantidade; indica, simplesmente, quer adjetivo quer substantivo, que tem grande número de patas, como a centopéia.

Misântropo - Esta palavra deve ser pronunciada *misântropo*, com acento paroxítono. O *o* da penúltima sílaba é longo, representado em grego por ômega (*misos*, ódio; *anthropo*, homem).

Nada de dizer que "misântropo" é mais eufônico. A eufonia é conseqüência do hábito, como a educação o é do meio. Como defesa de uma acentuação errada, constitui a eufonia desculpa de pecador renitente. Neste caso, ou os latinos não tinham ouvido, uma vez que a palavra *misântropo* era paroxítona para eles, ou eufonia e erro são sinônimos. Repitamos muitas vezes *misântropo* e veremos que nosso ouvido se sentirá bem. V. *aerovia*.

Miséravel - Superlativo sintético: *miserabilíssimo*.

Misero - Superlativo sintético: *misérrimo*.

Mister - Com a acentuação tônica na última sílaba. Vários são seus significados e entra em expressões diversas:

ocupação: Triste *mister* de rei — Achou, enfim, um *mister* em que os empregar;

haver mister significa ser preciso: Não *havia mister* torcido senão encaminhado — *Há mister* fortes ombros para a sustenterem. Significa ainda necessitar, precisar: Muitos dos enfermos bem *haviam mister* um hospital. Esta expressão transitiva tem as variantes *haver mister* de e *haver de mister*: Seu amor da ciência não *havia mister* de outros incentivos — *Hei de mister* o seu conselho;

ser mister (*ser de mister*) tem igual significação: Para escolher é *mister* examinar — *Mister* é de passarmos por Tavira;

fazer-se mister também significa ser preciso, *haver* necessidade de; entra em orações passivas, de que *mister* funciona como predicativo do sujeito, com a significação de *necessidade*: Os documentos seguem para as providências que se *fizerem mister*.

Misto - Visando à coerência é que devemos escrever *misto* com *s*; se *mistura* e *misturar* sempre se escrevem com *s*, nada mais natural e justo que escrever também com *s* a forma irregular do participio.

Misto-quente - *Misto* é substantivo quando indica mistura de algo: "Há dois *mistos* por dia" (trens que conduzem carga e passageiros), "Peça dois *mistos*" (sanduíches de queijo e presunto).

Substantivada a palavra, o plural *mistos-quentes* se impõe; unicamente a palavra "quente" é aqui adjetivo.

Mistura - Não consignada em dicionário, uma aceção de largo uso tem esta palavra, a de alimento que numa refeição acompanha o feijão, o arroz, a verdura ou o macarrão, substâncias estas vulgarmente consideradas fundamentais, ou de alimento que acompanha o café com leite e pão da manhã.

Essa explicação torna compreensíveis expressões como estas: Hoje não comi feijão com arroz, comi só mistura — Faça alguma mistura para acompanhar o macarrão — Não há mistura?

Por outras palavras: feijão, arroz, macarrão, verdura (geralmente abobrinha ou pepino) são considerados alimentos comuns das refeições básicas do dia, como são considerados comuns de manhã o café com leite e pão; o que sair disso é mistura.

Mitômano - A terminação desta palavra prende-se ao grego *manía* (loucura) cujo *a* inicial é breve. Como *megalômano* (o que tem mania de grandezas), *melômano* (o que tem paixão excessiva a música), *toxômano* (o que padece de gosto mór-

bido de tóxicos), a palavra *mitômano* (o que tem tendência impulsiva para inventar coisas, fatos extraordinários, falsos) é proparoxitona. V. *decimano*.

Mitório - Embora se escreva *micção* (palavra que não é popular) e os dois *cc* sejam pronunciados, a tendência é pronunciar *e*, pois, escrever *mitório*, forma já popular. É fenômeno semelhante ao operado com outros cognatos, entre os quais *Egito* e *egiptíaco*: na palavra de uso popular a forma simplificada, na de uso erudito a etimológica.

Miúdo - Superlativo sintético: *minutíssimo, miudíssimo*.

Mo - Forma pronominal resultante da combinação de *me* com *o*, combinação que se opera quando na oração não vem expresso nem o objeto direto nem o indireto: Pedi pelo reembolso postal um livro; até agora não *mo* enviaram. § 321.

...mo-nos - "A desinência verbal pessoal *mos* perde o *s* sempre que se lhe siga uma forma pronominal enclítica" — são palavras de Vasco Botelho de Amaral. "Portanto", continua, "são erros: *fazemos-lhes, demos-os* etc."

Enquanto a maioria dos autores falam em supressão do *s* de *mos* antes dos oblíquos *o, a, os, as*, Laudelino Freire ensina que só há supressão desse *s* antes de *nos*, Vasco Botelho de Amaral e Eduardo Carlos Pereira generalizam; este diz: "Na 1ª e na 2ª pessoa do plural seguida de pronome oblíquo, elimina-se, por eufonia, o *s* final".

Gramaticalmente não se pode dizer errada a forma *queixamos-nos*; se outro, no entanto, é o uso geral, explica-o a facilidade, ou melhor, o hábito da pronúncia, o qual regula a omissão ou não do *s* final nos diferentes casos. Pode-se operar a supressão do *s* tanto com a primeira quanto com a segunda pessoa do plural e tanto com *nos* e *vos* como com qualquer outro pronome oblíquo: *louvamo(s)-nos, louvamo(s)-vos, louvamos-lhe ou louvamo(s)-lhe o arrojo, louvamo(s)-los, louvemos(-)te, ó Deus. Vós recriminaste(s)-nos, recriminaste(-)s-lo, recriminaste(-)s-lhe vós a imprudência*.

Moamede - V. *Maomé*.

Mobilizar - Não é da índole do português a acentuação proparoxitona de formas verbais rizotônicas. Assim, se *clínico, médico, datilógrafo* e outros vocábulos quando substantivos são proparoxítonos, passam quando verbos a paroxítonos: *eu clínico, eu médico, eu datilógrafo*. É isso regra, isto é, observando os fatos não encontramos no linguajar de pessoas letradas, no decurso da conjugação dos nossos verbos, formas rizotônicas proparoxítonas.

Examinemos outros casos: *o princípio*, substantivo, *eu princípio*, verbo; igualmente, *o auxílio, eu auxílio, o concílio, eu concílio*.

Outros exemplos, mais próximos ainda do nosso caso: *uma delícia, ele se delícia; a vanglória, ele se vanglória; a calúnia, ele calúnia*, e, muito clara a conclusão, *a mobília, ele mobília*.

A conjugação deverá, com todo o acerto, ser: *eu mobilizo, tu mobilizas, ele mobiliza... eles mobilizam; que eu mobilize, mobilizes etc.; mobiliza tu; o infinitivo será mobilizar e o particípio, mobilizado*.

Não fosse o descuido, seriam essas as verdadeiras formas do verbo *mobilizar*.

Ora, tal não sendo a pronúncia do povo, propenso a flexionar erradamente o verbo, tornou-se necessário extirpar da língua semelhante esporadismo de acentuação; para tanto chegaram certa vez a criar as formas *mobilizar (móbilto, móbilas... móbilado) e mobilhar (móbilho, móbilhas... móbilhado)*. Ambas as maneiras constituem um recurso de fuga de formas verbais rizotônicas proparoxítonas, mas o certo é passarmos, ao lado de *eu auxílio, ele se glória, eu princípio*, a dizer *eu mobilizo*. Andaremos assim melhor e em muito boa companhia.

Moçarabe - Seria para desejar que todos soubéssemos espanhol para que não tivéssemos dúvidas em representar o som em casos semelhantes ao desta palavra. Procede aí o espanhol com *z*, o que nos evidencia devermos escrever com *c* cedilhado esse derivado árabe: *Mozo, mudanza, corazón, caza* em espanhol? *Moço, mudança, coração, caça* em português. Por quê? Porque o *c* cedilhado foi excluído da grafia

espanhola e passou a ser substituído por *z*, sempre porém com som correspondente ao do nosso *c* cedilhado. "Em casos semelhantes" ficou dito, porque outros há que nos levam a diferente procedimento. No caso presente, porém, a transliteração do árabe obriga-nos a grafia e pronúncia *moçarabe* quando precisarmos referir-nos ao cristão que vivia antigamente entre os mouros da Espanha e com eles se mesclava.

Mocho - Voz: *chirrear, corujar, crocitar, piar, rir*.

Moço - Aumentativo: *mocetão, moção*.

Mocoembu - Em tupi-guarani quer dizer *dois córregos*. Ao elemento *mocoi*, que indica *dois*, acrescentou-se *mbu*, que quer dizer córrego. Este segundo elemento encontra-se numa palavra muito conhecida na cidade de São Paulo: *Pacaembu (paca-mbu)*, córrego da paca.

Módico - Enquanto *maluco, caduco, rico, seco* mudam o *c* em *qu* no superlativo sintético (*maluquíssimo, caduquíssimo...*), *módico, parco, público, pudico, simpático* seguem a regra geral, ou seja, ao radical é acrescentada a terminação *íssimo*: *modicíssimo, parcíssimo, publicíssimo, pudicíssimo, simpaticíssimo*.

Modismos - Tivemos já oportunidade de estender-nos sobre o emprego de *para* em lugar do tradicional *de*; pejem-nos um pouco destas bobices de redação: simpósio "para" professores — seminário "para" exportadores — reunião "para" os sócios — jantar "para" despedida dos aposentados — retiro espiritual "para" os empregados — ministério "para" segurança — delegacia "para" vadiagem — horário "para" os exames.

Peçamos emprestado de algum amigo o Aulete — ficou então dito — e leiamos o que aí se encontra sobre as preposições *de, para, a*, que passaremos a redigir e a traduzir com menos dificuldade e com mais personalidade cívica.

Os modismos surgem como verrugas; ora aparecem em documentos oficiais, em pronunciamentos da Justiça para alastrar-se na correspondência comum, ora aparecem numa coluna de jornal e sobem até as câmaras legislativas; aparecem e pegam. É o que hoje se passa com "a longo prazo"; os verbos *demorar, alongar, retardar, esperar, tardar*, as expressões "para mais tarde", "com vagar", "com demora", "com o tempo", "levar tempo" deixaram de empregar-se para ceder lugar ao "a longo prazo".

É o que se passa com *nível*, palavra introduzida em várias expressões por vários tradutores do inglês que não se envergonham de redigir "reunião a nível de ministro" (por "reunião de ministros", "reunião ministerial"), "ele procede ao nível dos nossos desejos" (por "de acordo com", "segundo"), "o assunto não saiu do nível dos secretários" (por "da orla dos"), "uma conversa ao nível de advogados" (por "de cunho jurídico", "de nível advocatício"), "conselho a nível de pai" (por "conselho paternal").

Longo é o prazo de cura de todas as fraquezas lingüísticas depois que rígidas aulas de português foram substituídas por balofas aulas de "comunicação".

Modus faciendi - Seguida de genitivo de gerúndio, a palavra latina *modus* presta-se para diversas expressões já consagradas e para outras de que tenhamos necessidade no escrever português:

modus faciendi: É o seu *modus faciendi* (É o seu modo de agir);

modus vivendi: Cada animal tem seu *modus vivendi* — Adotar um *modus vivendi* (acordo entre partes litigantes ou comercialmente competidoras, interessadas em estabelecer entre si uma situação suportável);

modus concludendi, modo de concluir. (Gramática Latina, § 249).

É seu primeiro significado *medida, dimensão*, e com essa acepção temo-la em: "Est *modus in rebus*", da passagem de Plauto "modus omnibus in rebus" (em tudo deve haver medida);

sine modo, demasiadamente;

bono modo, comedidamente.

Vemo-la ainda em:

meo modo, segundo me apraz;
suo modo, a seu gosto.

Moji, Mogi - "Um jornal da capital registra *Moji* quando a cidade toda, tradicionalmente, escreve *Mogi*. Qual o certo e por quê?"

— O que vemos em Teodoro Sampaio é isto: "Da mesma e difícil vocalização do *y*, cuja garga, como dissemos, está entre *i* e *u*, resultou a desinência em *u* ou *hu*, que se nota em certas denominações do norte e do sul do Brasil, como em *Mojú* ou *Moyú*, rio das cobras."

Isto agora é o que vemos em um maniaco de reformas ortográficas: "O *ü* do tupi (*y* pronunciado como o *u* francês) desdobra-se muitas vezes dando uma semiconsoante que produz um *j*."

Por que *j*? perguntamos. Pelo fato de *j* ser semiconsoante e *g* o não ser? Acaso a grafia antecede o som? Se o som é de *g* e sempre com *g* se escreveu a palavra, por que foram com essa e com outras palavras mexer, como *gibáia*, *gló*? Que índio terá dito que o *j* é mais fiel à sua pronúncia? Deixamos de ver no caso um assunto de ortografia para nele ver uma revelação de capricho, como é irritantemente caprichoso não querer que *baía* se escreva quando nome próprio da mesma forma que quando comum, ou melhor — e ainda mais irritantemente — com *h* quando referente a estado brasileiro, sem *h* quando designativo de *Baía de Todos os Santos*, o mesmo nome que Cristóvão Jaques deu à espaçosa enseada em primeiro de novembro de 1526. Se do nome "Bahia" não se extirpa um intrometido *h*, por que obrigar a extirpação ou a troca de letras em outros? Se a incoerência é incompatível com a ciência, muito mais o é o estreito regionalismo, para não dizer o pessoalismo doentio.

Se "Christo" perdeu o *h*, que tem "Bahia" de mais tradicional para não perder essa letra? Que tinham "Mogi", "Paissandu" de menos usado para sofrerem transplante do que "Bahia" para não sofrer extirpação?

Alteraram o *g* para *j* tanto no meio quanto no início de palavras; alteraram o *ch* para *x* (*Xapécó*, *Xavantes*); só faltou a alteração do *s* para *c* cedilhado também no início das palavras: *çabiá*, *çucuri*, *çuçuarana*, *çamba*, *Çapucá*, ao lado de *Paissandu*, *paçoça*.

Decorrente de decreto estadual (7.660, de primeiro de outubro de 1931), o capricho é nacional (em Portugal o decreto não tem vigência). Municipalmente, em se tratando de nomes de cidades, bastará seguir o exemplo de Jaú, cujos edis mantiveram, por decisão aprovada em câmara, a tradicional grafia com *h* e sem acento: *Jahu*.

É esquisito, não é? Deles não é a culpa. É também esquisito escrever *Bahia*, e a culpa todos nós sabemos a quem toca.

É assunto aborrecido este da ortografia brasileira do idioma português; só a delicadeza de suas linhas nos fez ver obrigatoriedade de cuidar desse caso particular.

Mole - Forma reforçativa, aumentativa do adjetivo, quando empregado substantivamente ou como predicativo: *moleirão*.

Moleque - O feminino, muito usado no norte, é *moleca*. Não nos esqueçamos de que o primeiro significado da palavra é "menino negro, preto pequeno, de pouca idade": "... as molecas do oficial de justiça querendo passar por brancas, esticando o cabelo". É palavra proveniente do quimbundo, *rapaz preto*.

Moleta, muleta - São palavras diversas, de origem diferente; enquanto *muleta* todos sabemos o que significa, *moleta* é o nome do instrumento de mármore, de figura cônica, de que os pintores, os impressores e os droguistas se servem para pisar e moer as tintas, as drogas.

Molho - No Brasil não se ouve diferença de prolação entre "molho de camarão" e "molho de chaves"; em ambos os casos o *o* tônico é fechado.

Molla - V. *nomes próprios estrangeiros*.

Mônaco - Adjetivo pátrio: *monegasco*.

Mônade - Pelas regras normais de derivação, com *e* final. Palavras gregas terminadas em *as*, *ados* e *ys*, *ydos* dão-nos

geralmente *ade* e *ide* finais, átonos, venham ou não através do latim: *lépade* (melhor que *lepas*, como dá o vocabulário de Portugal, ou *lépado*, como faz Laudelino Freire), *neréido*-*lépade*, *triade*, *Pálade*, *nómade*, *dípsade*, *náade*, *Hélide*, *émide*, *ciâmide*, *égide*, *plíade*.

Para confirmar essa terminação, ao lado da qual às vezes se vê incoerentemente *ada*, está o acusativo latino *adem*: *lepadem*, *Palladem*, *triadem*, *Nomadem*, *dípsadem*, formas todas elas proparoxítonas.

Monçociro - R.C., São Paulo — É a forma adjetiva usada por Taunay: "época *monçocira*". O plural *monções* poderia sugerir um radical *monçon*, e teríamos então *monçoneiro*, mas deixemo-nos ficar com Taunay.

No Maranhão, como em Portugal, existe cidade de nome *Monção*; os habitantes de ambas proclamam-se *monçoneses*.

O nome *monção*, quer comum, quer próprio, prende-se ao árabe *mausim*; se passou a indicar época ou vento favorável à navegação, designa de modo particular a "temporada em que os peregrinos se encontram em Meca, e a feira que aí eles mantêm. É indicativa, afinal, de tempo, época, estação, oportunidade, ocasião favorável: "Agora a ninguém falo, escolha outra *monção*, e volte, se quiser, daqui a meia hora" (Castilho).

Mongólia - Adjetivo pátrio: *mongol*, quando referente a pessoa habitante ou natural da Mongólia; *mongólico*, *mongolino*, quando referente a coisa.

Monocotiledôneo - V. *dicotiledôneo*.

Monofilo - Quer proveniente do grego *phylon* (folha), quer do latim *filum* (fio), o *i* do composto é longo e, pois, tônico: *monofilo*.

Quando proveniente do grego *philos* (amante) é que é átono: *anglófilo*.

Monótipo - V. *endereçoçrafo*.

Monsenhor - No verbete *dom* ficou esclarecido que o italiano *monsignore* se traduz por *dom*, e *don* por *padre* em português. O erro continua. Leiamos esta notícia, de há uns tantos meses:

"Monsenhor Raffaele Macario havia-me prometido uma linda paróquia, que me permitisse manter (o tempo do verbo *permitir* estava traduzido de maneira errada) um padrão de vida elevado. Passaram-se 7 anos e aqui estou: um pobre padre diabético e sem um centavo".

"A denúncia" — continua agora o jornal — foi apresentada à justiça italiana por Dom Antonio Mercato, pároco de Velletri, contra o seu bispo, do qual exige 10 milhões de liras de indenização por perdas e danos. Dom Antonio fundamenta as suas exigências ao *bispado* nos seguintes cálculos"... A seguir vem a discriminação, que termina: "...e 66 mil pela parte que seu superior — o *bispo* — deve pagar ao seguro social".

Ficaram na notícia grifadas as palavras de nosso interesse. O tradutor, o redator e o revisor não perceberam que trataram o bispo de *monsenhôr*, e o padre de *dom*. Distração? Não: desconhecimento do italiano. A seguir essa confusão, D. Rossi, ex-cardeal de São Paulo, foi rebaixado a *monsenhôr* para poder trabalhar junto ao papa. V. *dom*.

Montanha (monte) - Coletivo: *cordilheira*, *serra*, *serrania*.

Moutenegro - Adjetivo pátrio: *montenegrino*.

"Montra" - É tolice; em português diz-se, conforme o caso, *exposição*, *mostruário*, *vitrina*, *mostra*, *amostra*.

Mooca - Leia-se, pronuncie-se *mo-o-ca*. O Formulário Ortográfico Oficial Brasileiro não nos obriga o sinal diacrítico no segundo "o", mas o acento tônico é aí obrigatório, dada a origem do vocábulo, a qual foi dada por Teodoro Sampaio (O tupi na geografia nacional).

Com certa frequência, rapazes de rádio saem-se com a pronúncia *môca*, o que é distração grave. *Moca*, de origem árabe, designa uma variedade de café, cujo largo consumo tornou possível o emprego da palavra *moca* para por extensão significar *café*, ao passo que *Mooca*, designativo de bairro de São Paulo, significa etimologicamente *rancharia*, *pousa*.

Nada de confusão: Também na *Mooca* (mo-ô-ca) é possível

saborear um bom *moca* (móca).

Mor - Forma sincopada do adjetivo *maior*, hoje de uso limitado a formas poéticas ou a compostos: Que seja *mor* o dano que o perigo — *altar-mor*, *capitão-mor*.

Como substantivo, *mor* é masculino e significa: conjunto de camadas superpostas de humo, muito ricas de matéria orgânica, que cobrem um terreno.

É ainda forma aferética de *amor* na expressão *por amor de*, que denota causa, motivo: "Leve a capa por mor da chuva" — "Você vê este lugar de ferida que eu tenho aqui na barriga da perna? Foi *por mor de* anta".

Nossos caipiras pronunciam "pra morde", "prá móde": "Pra móde vancê é que eu vim".

Morada, moradia - V. *estadia*.

Moral, amoral, imoral - A palavra *moral* é feminina quando empregada na acepção de conjunto de costumes, de modos de procedimento, de corpo de preceitos naturais ou tradicionais, para dirigir as ações dos homens: "A *moral* cristã" — "A *moral* orдена que assim procedamos".

Moral é do gênero masculino quando indica o contrário de material, isto é, quando designa as forças de inteligência, de espírito, de ânimo: "O *moral* das tropas está abatido" — "O *moral* dos jogadores é grande".

No primeiro caso, *moral* é sinônimo de tradição, de decência, de educação, de procedimento. No segundo, é sinônimo de coragem, ânimo.

Não confundamos *amoral* com *imoral*. É *imoral* o que é contrário aos bons costumes, o que é devasso, desonesto, libertino: pessoa *imoral*, romance *imoral*, peça *imoral*. *Amoral* (palavra híbrida) não tem a acepção de contrário aos bons costumes, mas simplesmente de afastado, ou melhor, de isento de moral. Uma é ser *imoralizante*; outra, *amoralizante*. *Amoralizante* é o que não traz moral, o que não impõe hábitos, ao passo que *imoralizante* é o que convida à imoralidade, o que instiga ao mau hábito: "Em 1886 era encaetada a luta do governo francês contra a Igreja Católica, proscrevendo-se então o ensino religioso nas escolas, isto é, preparando-se a geração de ateus e *amorais* que deviam..." (Carlos de Laet, "O País", 12-1-1916).

Morar - Ensino de todo falso, inconscientemente propalado de microfones, de salas de aula e de livros, é este: Deve-se construir "Moro à rua Tal" e não "Moro na rua Tal" porque — dizem os falhos doutrinadores — "morar na rua Tal" é morar no meio dessa rua.

Quem afirmou que as preposições têm sentido fixo em português? Quem, ciente do que faz, um dia se aventurou a dar significados das preposições vernáculas, sem o cuidado de exemplificar o emprego? Jamais dirá o professor consciencioso que *de* indica posse, *sobre* significa *em cima de*, *com* denota companhia, sem de frases exemplificativas fazer acompanhar o que diz. As preposições nossas não têm significação intrínseca, própria, senão relativa, dependente do verbo com que são empregadas, variável de expressão para expressão. Se *de* indica posse, como analisará o aluno o complemento da frase "vir de Pernambuco"? Se *em cima de* significa *sobre*, por que não se poderá construir "Vou falar *em cima do* ensino"? Se *a* traz a idéia de movimento, que significará a expressão "estar a gosto"?

Como de nosso organismo as veias só com sangue têm função, as preposições de nosso idioma só com palavras têm significado. Estas é que à preposição irão dar sentido, vida.

Se "morar na rua Tal" significa "morar no meio da rua", não poderá ninguém, por coerência com essa pândega doutrina, construir: "Tenho escritório no largo da Concórdia". "Tal livreria fica na praça da Sé", "Fulano mora na avenida Paulista". Imaginem-se estas criações parisienses: Tenho escritório "ao" largo da Concórdia, moro "à" avenida Copacabana, tal livreria fica "à" praça da Sé, não existe farmácia "a" esta rua...

Se o conhecer um idioma não faculta forjar leis de sua gramática, não será o conhecer filosofia que irá trazer o

poder de ilação a quem dele foi sempre destituído.

O número de preposições existentes em nosso idioma é pequeno (Soares Barbosa chega a contar apenas 16 propriamente ditas), donde resulta ora o emprego de preposições diferentes com idêntico sentido, ora o de uma preposição com significados diferentes. Não devemos estranhar que a preposição *a* na frase "uma a uma" signifique *por*, e a mesma preposição na frase "vender a fulano" signifique *para*. Se o conhecer um idioma não faculta forjar leis de gramática, não será o fazer um curso de letras que irá trazer o poder de ilação ao estudante distraído ou mal orientado.

Morbo - É palavra masculina: o *morbo celtico*. É aporuguesamento de *morbus*; entra no composto *cólera-morbo*, composto este que é feminino: a *cólera-morbo*.

Morono - V. *mulato*.

Morfema - V. *semântica* (in fine).

Morfo... - Prefixo que se junta sem hífen: *morfologia*, *morfotopia*.

Morganático - O casamento morganático é instituição essencialmente germânica, e germânico é o adjetivo que o designa, proveniente de *morgen*, que significa *manhã*, ao qual elemento se acrescentava na língua germânica um segundo, *gab*, para significar no seu conjunto "gratificação da manhã". Era assim chamado pela lei sálica, ou "lex Francorum", e era reconhecido também pelo direito canônico, porque monogâmico, indissolúvel e baseado na "maritalis affectio".

O nome se deve à natureza econômica dessa modalidade de casamento, que hoje se realiza somente em casas reinantes, entre um seu elemento e outro de condição inferior.

"Morgue" - Galicismo escusado; em português diz-se *necrotério*: O corpo chegou ao cemitério já noite e teve de ficar no *necrotério*.

Mors omnia solvit - Aforismo jurídico que significa "a morte dissolve tudo".

"Mortandela" - V. *M e N intronmetidos*.

Morto, matado - *Morto* é particípio irregular de dois verbos, *morrer* e *matar*, verbos estes que têm o particípio regular diferente, *morrido* e *matado*.

Com os verbos de ligação, pois, aparece *MORTO* para ambos os verbos, mas com os verbos *ter* e *haver* aparece *MORRIDO* para *morrer* e *MATADO* para *matar*:

MORRER: Ele *está morto* — O ladrão *ficou morto* — Ele *tinha morrido*.

MATAR: Ele *está morto* — O ladrão *foi morto* — Ele *tinha já matado* dois macacos.

Mórtuo leone et lépres insultant - Expressão latina que significa: "Ao leão morto até as lebres insultam". (Literalmente: Morto o leão, até as lebres dançam.)

Mo(s) - V. *...mo-nos*.

...mos - Erro que não poucas vezes vemos é o de grafar *louvaria-mos*, *faria-mos*, *vendesse-mos*, *partisse-mos*, *trouxesse-mos*; *causa-nos* dó tal erro em pessoas às vezes gradas, de curso superior, que julgam ser o *mos* algum pronome ou combinação pronominal quando, nesses tempos, essa terminação pertence à desinência do verbo, sem que dele possa separar-se. § 432, nº 2 ao pé da página.

Mosca - Voz: *zumbir*, *zunir*, *zuir*, *zubar*, *zoar*, *zizar*, *zonzonar*, *sussurrar*, *azotnar*, *zunzum*.

Mostrego - É a forma hoje mais usada. Conquanto tenha relação com *monstro*, a palavra proveio da variante *mostro*, do latim vulgar. O italiano tem só derivados sem *n*: *mostro*, *mostruoso*, *mostruosità*, *mostriccattolo*. Também o espanhol teve em outros tempos *mostro*.

Moto - Elemento que se junta sem hífen: *motocultura*, *motogodile*.

Motor - Barulho: *roncar*, *zunir*, *assobiar*, *zumbir*.

Motorneiro - Nem sempre os sufixos se juntam diretamente aos radicais. Em *cafezal* há um *z* que nem ao radical *café* nem ao sufixo *al* pertence; em *chaleira* um *l* aparece sem explicação etimológica; *cafeteira*, *chapeleiro*, *alvadão* constituem outros exemplos.

Não há o que nessas palavras corrigir; tampouco deveremos pesquisar etimologias exravagantes que as justifiquem. Tais letras aparecem (o z de *cafezal*, o l de *chaleira* e de *chapeleiro*, o t de *cafeteira*, o n de *motomeiro* e o d de *alvadão*) como letras eustônicas.

Motu próprio - Locução latina que significa "pelo seu próprio movimento: O papa tomou a decisão *motu proprio* (espontaneamente, sem intervenção de outrem).

Moureja - Pronunciemos *moureja*, *alveja*, *vicéja*, *andéja*, *artéja*, *verséja*, *peléja*, *manéja*, *badaléja*, *boetéja*, *bordéja*, *cravéja*, *espanéja*. Com exceção de *invejar*, os verbos terminados em *ejar* são assim conjugados nas formas rizotônicas, ou seja, nas formas verbais em que o acento recai na vogal "e" do tema. 446, b.

Móvel - Coletivo: *mobília*, *aparelho*, *trem*. Superlativo sintético, quando adjetivo: *mobilíssimo*.

Muamade, muamede - V. *Maomé*.

Mu, mulo - Conquanto de uso quase restrito a palavras-cruçadas, *mulo* e a forma paralela *mu* são legítimos masculinos de *mula*.

Mui (muito) - A forma apocopada pode ser usada por motivo eufônico, mas só com função adverbial: *mui* sorrateiramente, *mui* diligente, *mui* honrado, *mui* grande. *Mui* muito usou-se em outros tempos por *muíssimo*.

Muitas vezes - Locução adverbial, que aparece também na forma *muita vez*: Já *muita vez* tremeram de assustadas águias romanas — ... e em que me esqueci *muita vez* de que era estrangeiro e proscrito.

Muitíssimo de homens - V. *um pouco d'água*.

Muito - "Como deverei dizer: com *muito* má vontade ou com *muita* má vontade? A que classe de palavras pertence *muito*?"

— O que determina a classe de uma palavra é a função que ela exerce na frase.

Muito vem na frase modificando substantivo? Será nesse caso adjetivo; deve, como tal, concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere: Mário tem *muito* estudo.

Muito modifica verbo? Será advérbio; não poderá variar: Mário *estuda muito* os problemas sociais.

Muito modifica adjetivo? Será também advérbio: Mariana é *muito magra*.

Muito modifica advérbio? Será ainda advérbio: Eles lêem *muito* baixo.

Na oração "Mário tem *muito* de amigo", *muito* funciona como pronome indefinido neutro (muita coisa de).

O estudo e conhecimento das classes de palavras é tão importante para o conhecimento da língua quanto o andaime o é para a construção de um prédio, mas, concluída a construção, perderá o andaime a razão de ser. Que proveito nos traz colocar o *não* e o *sim* na classe dos advérbios se na oração "Seja o vosso *não*, *não*, e o vosso *sim*, *sim*", o primeiro *não* e o primeiro *sim* são substantivos, e os segundos, adjetivos? Uma coisa é analisar palavras isoladamente, fixando-as como fixos são os andaimes; outra, analisá-las como costumam aparecer, ou seja, formando orações.

Vamos à sua pergunta inicial.

Má vontade considera-se uma só palavra. Leia-se o Aulete: "Boa ou *má vontade*, disposição favorável ou desfavorável para qualquer pessoa ou coisa: Nem um só mostrou *má vontade* de ir servir a vossa majestade — Respondeu-lhe el-rei que *mui* jucunda lhe fora a chegada do general lusitano, e que não cairia na falta de ter em pouco a *boa vontade* de tão preclaro soberano".

O dicionário da Melhoramentos segue Aulete, e Laudelino Freire vai mais além; esclarecidamente dá *boa-vontade* e *má-vontade* com hífen e fá-los seguir das siglas s. f. (substantivo feminino).

A resposta é imperativa: com *muita* má vontade — com *tanta* boa vontade — com a melhor boa vontade — com *despudorada* má vontade — com *extraordinária* boa vontade.

Não há fugir da explicação; com a maior naturalidade dizem: "Enviei *muitas* boas-festas o ano passado" — "Se você tem *uma* má notícia para dar-me, eu tenho *muitas* boas noti-

cias para você". Não é também com naturalidade que dizemos "Boa vontade ele tem *muita*" — "Ele agiu com *muita* má fé"? — V. *má-criação*; V. *muito poucos*.

Muito de - V. *um pouco d'água*.

Muito menos - V. *muito pouco*.

Muito obrigada - Não importa que o agradecimento seja formulado a homem ou a mulher; o que importa é saber quem expressa gratidão, se mulher ou homem.

Se quem agradece é homem, deverá dizer *muito obrigado*; se mulher, *muito obrigada*. O mesmo se observe quanto ao número: se vários são os homens que externam agradecimento, a forma será *muito obrigados*; se várias mulheres, *muito obrigadas*.

Quando substantivada a expressão, aparece sempre o masculino; homem ou mulher, homens ou mulheres escrevam, a construção será: "...para expressar o meu (nosso) *muito obrigado*".

Guardemos esta frase, *respostas obrigadas*, para significar respostas em que nos mostramos reconhecedores de obrigação a alguém.

Muito pouco - Não há o que condene a frase "muito pouco"; o *muito* reforça aí intensivamente e não quantitativamente. Nesse andar teríamos de condenar a expressão "bem mal", o que evidentemente nos levaria a erro.

Diga *muito pouco*, *muito menos*, *bem mal*, sem nenhum receio de errar: "*Muito pouco* sei de português" — "Eu sei *muito menos* do que ele" — "O médico achou-o *bem mal*" (§ 265, c, n. 2). V. *muito poucos*.

Muito poucos - Por ocasião da visita de João Paulo II ao Brasil, encontramos na seção "Dos Leitores" de um jornal esta anomalia lingüística: "Basta a História da Igreja, que *muitos* poucos conhecem".

Assim não se constrói, mas "que *muito* poucos conhecem", com o *muito* invariável. A expressão *muito poucos* equivale à forma superlativa *pouquíssimos*; significa *raros*, *pouco numerosos*, e ninguém vai atrever-se a escrever "poucos numerosos"; *muito* é aí advérbio: não pode flexionar-se.

Jornalista ou escritor de responsabilidade deve consultar dicionário também de responsabilidade, como o Aulete, onde encontrará exemplos após a explicação de vocábulos e de expressões. É o que vemos no verbete *pouco*, após a explicação da expressão *muito poucos*: Um homem como temos *muito poucos* (Garrett).

Muito que - V. *mais = algo mais*.

Mulato, moreno - São qualidades diferentes; enquanto *moreno* vem do espanhol *moro*, para designar o que tem a cor dos mouros, que, não obstante pertencerem à raça branca, não são brancos, *mulato* vem de *mulo* (híbrido de cavalo e burra ou de jumento e égua), para designar o nascido de branco com negro ou vice-versa.

Mulher - Aumentativo: *mulherão*, *mulheraça*, *mulherona*.

Multi - Junta-se sem hífen: *multiangular*, *multiembrionado*, *multirradicular*, *multissecular*, *multisseriado*.

"**Multigraph**" - V. *endereçógrafo*.

Multisciente - Conquanto já não se escreva *ciente* senão *ciente*, o etimológico aparece quando a palavra entra como segundo elemento de um composto: *multisciente*. O mesmo se dá em *consciente*, *consciência*, *presciente*, *presciência*, *insciente*, tanto no Brasil quanto em Portugal.

"**Mundo**" - De maneira imprópria entra esta palavra em certas expressões, com um significado que o nosso idioma não lhe confere: "grande mundo" é francês e não português, que nos obriga a dizer "alta sociedade". "O mundo dos médicos", "no mundo dos engenheiros" são galicismos que devem ser substituídos por "a classe médica", "na classe dos engenheiros".

Munike - Adaptação já consagrada para designar a capital da Baviera.

Munir - V. *abolir*.

Muriçoca - Quão diferente é aprender o significado de uma palavra pelo que nos oferecem os dicionários de assimilar-lhe a verdadeira significação e emprego pelo que nos apre-

sentam os fatos. Quem tiver tempo e meios para uma viagem, terá também o prazer de verificar que são comumente empregadas pela nossa querida e heróica gente do nordeste palavras que no sul só vemos em escritores e estudiosos do idioma. *Muriçoca*, dizem os dicionários, é "um bichinho do Brasil que se cria na água". Bichinho do Brasil? Não; a palavra é que é do Brasil, e do norte, mais precisamente do nordeste; o bichinho, esse é internacional; sem tirar nem pôr, o *pernilongo* dos sulistas, o *carapanã* da Amazônia.

Murmúrio - É palavra proparoxitona, proveniente do latim *murmurium*; o *i* da penúltima sílaba é breve, dada a regra "vocalis ante vocalem brevis"; daí a razão de retroceder o

acento para a antepenúltima sílaba.

Música - Coletivo, quanto a quem conhece: *repertório*. V. *músico*.

Músico - Coletivo, quando com o instrumento: *banda, charanga, filarmónica, orquestra*.

Feminino: Como de *tribuno* é *tribuna*, de *químico*, *química*, o feminino de *músico* (aquele que sabe música ou exerce a arte da música) é *música*.

Mussolina - V. *gentílicos*.

Mutatis mutandis - Locução latina que significa "fazendo-se as mudanças devidas": Tem o pai vários deveres para com o filho; *mutatis mutandis* tem o filho outros tantos deveres para com o pai.

N

N (dissimilação de l final) - V. *nível*.

N (eufônico) - V. *motorneiro*.

N (intrometido) - V. *m e n intrometidos*.

N (final) - V. *líquen*.

N.N. (ou NN) - Abreviação usada em subscrições ou em cartas para ocultar um nome ou para indicar uma pessoa qualquer; em teatro denota um figurante sem importância, geralmente um criado, que nada diz em cena.

Na guarda de - Essa a lídima expressão, e não "ao aguardo de". Exatamente como *guarda* ("agir na guarda de direitos", e não "agir no guardo de..."), *aguarda* é que é o substantivo verbal; como o ato de guardar é *guarda* ("A vossa guarda confio este fidalgo"), o de aguardar é *aguarda*. Está no Moraes e transcreve-se no Domingos Vicira: "A longa *aguarda* em que nos Deus espera".

É antiquada a palavra? A falta de uso não exclui a correção. Se tolices são criadas no vernáculo, por que acertos não se ressuscitam? Os meios de informação têm eficiência para ambos.

"Na certa" - V. *certo*.

Na nave central - É infundado o escrúpulo de quem sempre escreve "em o novo", "em o nosso", "em a nave", "em o nono". Julgamos mais difícil dizer "em o nono" do que "no nono", e o que favorece a eustomia não contraria a eufonia. Pode-se perfeitamente dizer "no novo processo", "no nosso quintal", "na nave central", "no nono mês" — sem receio de faltar à eufonia com as repetições "nono", "nana". A primeira destas é átona; nela a voz não se demora, e quem a profere com ela se não preocupa.

O *em* só não se contrai com o *o*, quando este *o* é objeto ou sujeito do verbo: "Fez bem *em os* noticiar" — "Não vejo mal *em a* senhora proceder dessa forma".

Não confundamos gramática com tolices, sejam estas fônicas, sejam gráficas. (*Gr. Met.* § 633).

Na qualidade de - Trazem nossos dicionários a expressão "na qualidade de" para indicar "na atribuição de", "no cargo de", "no mister de". Este é o exemplo apresentado por Aulete: "Achava-se ao lado de D. Catarina de Áustria na *qualidade de* confessor".

Na rua - V. *traquinice de regência*.

Nabucodonosor - V. *sar*.

Nação - Coletivo, quando unidas para o mesmo fim: *aliança, coligação, confederação, federação, liga, união*.

Nacionalidade? - V. *brasileiro*.

Náíade - V. *mónade*.

Naífa - A explicação deste brasileiro do Rio Grande do Sul é a mesma de *chulipa* do nordeste (ingl. *sleeper*, dormente), de *cheleme* (ingl. *slam*, ato de ganhar todas as vazas de uma dada de cartas). O *knife* dos marinheiros ingleses vestiu-se à brasileira para poder andar junto com *faca*. V. *chulipa*.

Nambu - V. *Anhembi*.

Namorar - Afora a construção pronominal *namorar-se de*, motivada pela parecência com *enamorar-se de* ("Aqui Narciso em líquido cristal *se namora de* sua formosura"), este verbo só

tem a regência transitiva direta: Ele *namorava* a minha riqueza — Minha irmã *namora* um colega meu.

Constitui erro construir "namorar com".

Nanás - V. *Anhembi*.

Nanquim - V. *Pequin*; V. *gentílicos*.

Não (advérbio) - Próprio da língua portuguesa é repetir a negação. No falar hodierno emprega-se essa linguagem pleonástica quando a palavra *não* vem mencionada *antes* das outras negativas: "Não digas *nada*" — "Não tinham coisa *nenhuma* para comer" — "Não apareceu *ninguém*" — "O vulto *não* respondeu *nada*" — "Não deixara entrar *ninguém*".

Podem-se também empregar em lugar da segunda negação as expressões *coisa alguma, pessoa alguma*: "Não vi *coisa alguma*" — "Não quero aqui *pessoa alguma*".

O que é erro é agir de maneira inversa, isto é, colocar um *nem*, um *ninguém*, um *nada* ou outra negativa em primeiro lugar e, depois, acrescentar um *não*. Deve-se redigir "Nem eu pude ver" (e não: Nem eu não pude ver), "Ninguém de nós falou" (e não: Ninguém de nós não falou), "Nada que o contrariasse podíamos fazer" (e não: Nada que o contrariasse não podíamos fazer), "Nunca deixei de fazer isso" (e não: Nunca não deixei de fazer isso).

Não (prefixo) - Este prefixo negativo, que se junta com hífen, pode perfeitamente ser empregado quando não exista o composto equivalente formado com os prefixos *in* ou *des*. Não é novidade um advérbio a modificar substantivo: *quase criança, só dinheiro, somente* Cabral, *é muito* homem. Daí os compostos de *não*, inteiramente aceitáveis e necessários: *não-combatente, não-cumprimento, não-eu, não-euclidiano, não-execução, não-filha* (enteada), *não-filho* (enteado), *não-intervenção, não-brasileiro* (Webster apresenta quase três mil compostos formados com o prefixo *non*, que em inglês só se faz acompanhar de hífen quando o vocábulo a que se junta é escrito com maiúscula).

Formas duplas só existem paralelamente quando diferentes forem de significação, como *não-amizade* (simples inexistência de amizade) e *inimizade* (aversão, desarmonia, malquerença).

Observem-se, ainda, frases como "não explicitamente citados", "não eternamente condenados"; o *não* não está aí a formar compostos, mas a modificar participios que por sua vez são modificados por outro advérbio, o qual pode vir posposto: *não citados explicitamente, não condenados eternamente*.

"**Não de menos**" - Proporcionou-nos uma consulta ocasião para conhecimento pessoal de autor de brilhantes rodapés de crítica literária de um jornal de São Paulo. A cata dele andamos para encontrar resposta à pergunta com que fomos distinguidos, uma vez não nos ter sido possível justificá-la à luz de nossos mestres. Mais bom tempo de espera, dada a insegurança que o autor demonstrou em esclarecer o emprego da construção, aqui estamos para transmitir o que dele por último ouvimos: "Uso a construção "não de menos" em tais passos, porque a ouvi de professores antigos e insuspeitos".

Um destes professores, possuidor de belo fichário filológico, nada encontrou que pudesse adiantar-nos. A conclusão, a menos que alguma coisa se descubra mais tarde, é forçada: Não existe essa expressão conjuntiva em português. **Não dei nenhuma informação** - O indefinido *qualquer*, que designa um indivíduo, um lugar, um objeto indeterminado, não deve ser empregado com a significação de *nenhum*. Dizer: "Não vi *qualquer* pessoa na rua" — "A declaração do ministro não contém *qualquer* ataque" — "Não há *qualquer* homem que isso faça" — não é falar português.

Quando *qualquer* não vier na oração com a significação de *nenhum*, o seu emprego será então justo: "Não é *qualquer* homem que faz isso" — "Não tome *qualquer* remédio". Jornalistas e locutores nossos, antes de empregar frases e locuções no seu pensar modernas, deveriam investigar sua veracidade. O simples fato de ser frase esquisita já deveria despertar-lhes a desconfiança e fazê-los procurar no tradicional Aulete o emprego da palavra ou da expressão. Caso isso tivessem feito, não andariam a empregar as construções acima, senão estourtas: "Não vi *nenhuma* pessoa na rua" — "A declaração do ministro *nenhum* ataque contém" — "*Nenhum* homem há que faça isso".

As novidades sempre acarretam surpresas aos incautos e inseguros. Nem com o significado etimológico nem com a tradição da língua condiz o desabusado emprego moderno de *qualquer* com o sentido de *nenhum*. Não etimologicamente, pois significa *qual* você *queira*, *quem quer que seja*, *onde quer que seja*, sentido claramente expresso no espanhol *cualquiera*, cujo plural é *cualesquiera*, empregando esse idioma a parte final do vocábulo no subjuntivo em vez de proceder como o português, que o faz no indicativo. Etimologicamente não se justifica dizer "Não há *qualquer* homem", como não se compreende o dizer alguém "Não há homem qual você *queira*". Em orações negativas não cabe o *qualquer* com o significado de *nenhum*. Formas diversas temos, tradicionais e corretas: *Não há nenhum homem, não há homem nenhum, não há homem algum, homem nenhum há, homem algum há*. Por que, pois, usar esse incompreensível *qualquer*?

Em frases positivas terá justo emprego: Procure *qualquer* homem — Que por esta ou *qualquer* outra via — Estimo mais o canto da minha cela que *qualquer* outro lugar — *Qualquer* revolucionário pode compor uma *Arte de mentir*.

Nem com a tradição da língua, pois não há desse emprego exemplo em nenhum escritor; seria curioso encontrar num lídimo representante da língua "Não compre *qualquer* passarinho" — "Não dê *qualquer* sinal" — "Não tome *qualquer* remédio" — para dar a entender "Não tome *nenhum* remédio" — "Não compre *nenhum* passarinho" — "Não dê *nenhum* sinal". Mais do que curioso seria engraçado dizer que o significado de *qualquer* depende do tempo em que é empregado o verbo da oração. Quem diz "Não tome *qualquer* remédio" não tem em mente recomendar não tome o doente *nenhum* remédio, senão que tome determinado remédio, o remédio certo. É negativa a oração, sem dúvida, mas já não é a mesma antes criticada; outro é o sentido de *qualquer*, inteiramente de acordo com o étimo.

Essa mesma oração — "Não tome *qualquer* remédio" — estará errada se intenção for do autor recomendar não tome o doente remédio *nenhum*. Neste sentido é que é condenado o emprego de *qualquer*, e é neste sentido, infundado e ridículo para a língua, que vem aparecendo com insistência em artigos de jornal, em livros, em portarias, em decretos, em trabalhos de responsabilidade pública. Jamais se diga "Não há *qualquer* indício de guerra" — "O médico não quer *qualquer* visita" — "Sem que *qualquer* outro caso se verificasse" — "Não encontrei *qualquer* refresco". Corretamente, assim se dirá: Não há *nenhum* indício de guerra, o médico não quer visita *alguma*, sem que *nenhum* outro caso se verificasse, não encontrei *nenhum* refresco.

Vejamos mais exemplos do correto emprego de *qualquer* em construções negativas e positivas: "Negou ter feito *qualquer* declaração à imprensa" (Note-se que podemos reforçar

o *qualquer*, em exemplos do seu correto emprego, com "todo e": "Negou ter feito *toda* e *qualquer* declaração") — "Não poderás imolar a páscoa em *qualquer* das tuas cidades, mas naquela que o Senhor teu Deus tiver escolhido" — "Não estão dispostos a aceitar quaisquer condições" (querem condições dignas, e não "nenhuma" condição) — "Impediu que fosse fabricada *qualquer* peça que pudesse enterrujar-se" — "Não venha acompanhado de *qualquer* criança; traga o seu filho" — "O prefeito resolveu cancelar *qualquer* entrevista" — "Não se deixe amedrontar por *qualquer* motivo". Note-se, mais uma vez, a possibilidade de "todo e *qualquer*" nesses exemplos.

É curioso observar que na linguagem falada o erro não aparece; a caprichosa construção é de quem, pondo-se a escrever, pretende redigir de maneira atraente, diferente da normal, criando enfeites de formas para encobrir fraqueza de conhecimento do idioma. Imagine-se alguém a querer corrigir Camões ao escrever "Já não fica na aljava seta *alguma*" — ou a corrigir Rui ao escrever "... não exerce em tais casos função *alguma* gramatical".

Isso é português, como português é: Não deixarei meu posto em *nenhum* caso, Não deixarei meu posto em caso *nenhum*, Não deixarei meu posto em caso *algum*, como português é ainda construir, sempre com sentido negativo e sem o inglês *qualquer*: Em caso *nenhum* deixarei meu posto — Em caso *algum* deixarei meu posto — Em *nenhum* caso deixarei meu posto.

É procedimento leviano, muito leviano, este de desprezar seis maneiras diferentes, lidimas, para usar uma única, enfadonha e falsa.

Quando lemos numa lei: "O proprietário não tem o direito de tapar de *qualquer* modo..." , lemos português e entendemos o que realmente o legislador quis dizer, ou seja, que o proprietário é obrigado a atender os regulamentos administrativos. No caçanje que por aí se escreve, porém, esse dispositivo de lei equivale a "...não tem o direito de tapar de *nenhum* modo".

A seguir esse embaralhamento de português com inglês, essa confusão de *qualquer* com *any*, essa de todo falsa, errada e jamais existente impossibilidade de duas negativas em nosso dilacerado idioma, não distante vemos o dia em que iremos ler "não quer *qualquer* coisa" para expressar "não quer nada", "não viu *qualquer* pessoa" para significar "não viu ninguém". Ou nos metemos em brios ou passamos a falar outra língua na sua inteireza, língua de atendimento às regras de sua gramática, ensinada desde o primeiro ano de um curso primário de oito anos de sete horas diárias de aula. V. *negativas*; V. *algum, nenhum*; V. *qualquer*.

Não faça isso - Quando o imperativo é negativo, ou seja, quando se manda "não fazer", as formas, para *qualquer* pessoa, são as mesmas, inteiramente as mesmas do subjuntivo presente. Com toda essa facilidade de conjugação, começa a difundir-se o erro de colocar o verbo no indicativo; quanto pai, quanta mãe com diploma de escola superior diz a seu filho: "Não *faz* isso, meu filho", "Não *mexe* nisso". Sendo o nosso comum tratamento o da terceira pessoa, tais frases estão a exigir reparo; digamos todos "não *faça*", "não *mexa*", "não *diga*", "não *tire*", "não *ponha*" (413, 3, b).

Não fossem... teria - "Não fossem meus esforços, ele teria soçobrado", e não: "Não fossem... e ele teria..." — Que está a fazer aí o *e*? Absolutamente nada; o que temos é um período hipotético em que a prótase vem sem a conjunção condicional "se". Se invertermos a ordem das orações, ficará patenteado o erro do intruso "e": "Ele teria soçobrado não fossem meus esforços". (§ 585, 5, n. 1).

Não há como - V. *não há responsabilizar*; V. *denegar*.

Não há responsabilizar - "Dado o tempo decorrido e considerando que, cessada a percepção dos rendimentos no país, não há como se responsabilizar a fonte retentora, arquivar-se": A expressão "não há como" é positiva ou negativa?

— O que há é o seguinte: O verbo *haver*, seguido de infinitivo sem preposição, tem o sentido de "ser possível" (Se

antes vier *não*, a frase terá, é claro, sentido negativo: não ser possível).

Nem no Aulete, nem no Domingos Vieira, nem no Moraes se encontram exemplos com o *como* depois do modismo quando tem essa significação. Os exemplos encontrados nestes e em outros dicionários fazem-nos ver que o *como* está sobejando: "Não há contê-lo, então, no ímpeto" (EUCLIDES DA CUNHA) — "Não há fartar um mouro, se come em mesa alheia" (Fr. LUÍS DE SOUSA) — "Não há entrar no céu sem batismo" (BERNARDES) — "Era uma consideração a que não havia resistir" (HERCULANO).

Estribado nesses exemplos, cremos que o autor da sentença concordaria em que melhor redacção teria sido esta: "Dado o tempo decorrido e considerando que... não há responsabilizar a fonte retentora, arquite-se" (= e considerando que não é possível responsabilizar...).

Note que tiramos o *se* que acompanha o infinitivo do original. É mania — hoje menos alastrada — esta de empregar o *se* junto de todo e qualquer infinitivo, acertando às vezes mas errando sempre que o *se* transforma, inútil e inconscientemente, uma oração ativa em passiva. Tanto é ativa a expressão que no exemplo acima dado de Euclides vemos "não há contê-lo", com o objeto direto nitidamente expresso na forma acusativa. Se o mesmo fizessemos no exemplo da sentença, teríamos "não há responsabilizá-la".

Outro assunto: "Não há como dar-lhe umas palmadas para que pare de fazer manha". Nada que ver tem agora a construção com a anterior. *Dar* funciona aí substantivamente, função que se torna clara neste outro exemplo: "Não há como umas palmadas para que a criança pare de fazer manha", ou seja, "Nada há assim como umas palmadas...", "Nada há igual a umas palmadas...", "Não há melhor forma que...", "Não há coisa de melhor efeito que...", "Como umas palmadas... não há outra coisa".

Consultemos o Aulete que veremos a quantas elipses nos obrigam os vários empregos de *como*.

Não há vaga - O uso, o inflexível uso, nosso grande amigo, nosso maior inimigo. Se umas vezes o invocamos em testemunho de um acerto, muitas outras o maldizemos, dizendo-o culpado do erro. Aqui aclamamo-lo, ali o maldizemos. Contradição? Não: Fatalidade. Na sua cegueira, o uso hoje acerta para errar amanhã.

No idioma, quando não amigo, o uso é grande inimigo; não somente prejudica, mas subverte, não só impede os passos, mas desencaminha.

Cego, malféico é o uso quanto ao emprego do verbo *ter* em lugar de *haver*. "Não tem de que" — "Não tinha nada na feira" — "Não tem água no banheiro" — "Não tem lugar" são construções que a todo o instante se ouvem. É o malfadado erro, é o idioma ao léu da sorte, é a ignorância disfarçada em descuido, é o desleixo fantasiado de lingüística.

Extirpar um erro como esse será menos trabalhoso do que extirpar o analfabetismo de nossa terra. Empregados modestos muito acertada e naturalmente dizem: "Não há troco". O cobrador de ônibus se agora diz: "Não tem lugar" — diz a seguir: "Não há troco". Aqui acerta, lá erra, por quê? Porque no banco, na caixa econômica, no posto do campo de futebol, no escritório do chefe, ele viu o aviso: "Não há troco". Objetivamente aprendeu, inconscientemente foge do erro, sem querer acerta, porque... viu certo.

De um desempregado, a quem aconselhamos ir a determinada fábrica, ouvimos há certo tempo: "Não vou porque lá não há vaga". Ao que logo retrucamos: "Como soube você disso?" — e a resposta foi: "Vi escrito no portão".

Ensinemos, mostremos, escrevamos certo, que todos lerão e falarão sem erro. Tenhamos cuidado especial no que escrevemos aos de pouca cultura, esmeremo-nos em redigir avisos ao público; pelos olhos aprenderão; vendo certo, transmitirão a verdade: vendo disparates, tornar-se-ão praticantes e propaladores do erro. Se o erro se divulga, se o erro toma foros de lei, é porque, mais do que o analfabetismo, a negligência impera.

"Não mais" - V. já não respirava.

Não me suba - Constitui exemplo de elegante emprego do pronome oblíquo a oração "Não me suba essa escada". Não cabe ao *me* dessa expressão nenhuma das habituais funções dos oblíquos; não é objeto, nem direto nem indireto, não equivale a possessivo, não é complemento nem adjunto. É, no entanto, correta a expressão e dela encontramos justificativa no "dativo de interesse" do latim; neste idioma o dativo designa, muitas vezes, a pessoa ou coisa no interesse de quem a ação é praticada. No interesse de quem não deve a pessoa subir a escada? — *No meu interesse*: tal é o significado do *me* da oração "Não me suba essa escada".

Desse dativo de interesse há em latim exemplos curiosos, como este de Cícero: "At tibi repente venit ad me Ceniuius". Essa oração, sem o "tibi", que é o dativo de interesse, traduz-se: "Canínio veio a mim de repente". O "tibi" literalmente se traduz por "para ti", mas como este complemento deve na tradução aparecer com sua real significação de interesse, usamos então deste recurso: "Importa a ti saber que Canínio veio ter a mim de repente".

Como se vê, é forte e concisa a expressão latina, como é certa e elegante a primeira oração portuguesa apresentada (*Gr. Met.* §685).

Não só... mas também, não só... como - Quando de duas orações que se liguem e combinem contiver a primeira a locução negativa *não só* ou *não somente*, a segunda oração será ligada à primeira pelas locuções adversativas *senão, senão também, senão que, mas ainda, mas também, mas até* ou, simplesmente, por *mas*: O *não só* não só excede na luz a cada uma das estrelas e a cada um dos planetas, *senão* a todas e todos incomparavelmente — *Não só* é indigno da mercê, *senão* também da graça — Em tratando de mouros ou infiéis *não só* usa por sua conta, *senão* que atribui ao Apóstolo expressões violentas contra esses mesquinhos — *Não somente* a sua convicção, *mas* o seu amor próprio.

Além dessas variações, pode-se também escrever: "Não só na grande imprensa *como* em vários escritores". Nenhuma diferença existe de significação nem de pureza gramatical; unicamente a análise das orações é que irá variar: *mas* inicia uma coordenada, *como* uma subordinada comparativa: "Não só o operário deve ser protegido pelo governo, *mas* o patrão". O "não só... mas" equivale a "como": "Como o operário, deve o patrão ser protegido...", período em que há duas orações, assim desdobráveis: "O patrão deve ser protegido pelo governo, *como* o operário é protegido pelo governo".

Não vi ninguém, não vi nada V. negativas; V. não dei nenhuma informação.

Napa - Designativa de tecido imitante a couro, deve a palavra terminar em *a*, como em *a* devem terminar as palavras femininas provindas de formas francesas com *e* final: a *napa*.

Nápoles - Adjetivos pátrios: *napolitano, partenopéu* (de *Parténope*, antigo nome de Nápoles).

Narina - Palavras curtas estrangeiras, que se intrometem no idioma para substituir locuções ou palavras nossas compridas, adquirem vida e de tal forma se generalizam que se torna inócua, quando não ridículo, pretender extirpá-las. *Narina* está entre elas; "fossas nasais" já não pega: Estou com a *narina* esquerda inflamada — O cavalo fumegava pelas *narinas*.

Nariz - Aumentativo: *nariganga, narigão*.

Nasalização de vogal (por influência de outro som nasal) - V. *herege*.

Nascuntur poetae, fiunt oratores - Os poetas nascem, os oradores se fazem; o poeta já nasce poeta, ao passo que o orador precisa aprender e exercitar.

Natura non facit saltus - Locução latina que significa: A natureza não dá pulos. Na natureza não há gêneros absolutamente separados; há sempre elos intermediários entre eles.

Nau capitânea - *Nau capitânea*, ou simplesmente *capitânea*, é a principal nau de uma frota ou a nau em que vai o capitão ou comandante de uma esquadra.

A forma com "ea" final é condizente com o latim e coerente com o português, onde temos *capitanear*. Camôes empregava *capitaina*, forma resultante da atração do *i* que segue a sílaba acentuada, como se escreveu *adversairo*, *contraio*: A âncora solta logo a *capitaina*, / Qualquer das outras junto dela amaina.

Navicular, naviculario - V. *biliar*.

Navio - Coletivo geral: *frota*; quando de guerra: *frota*, *flotilha* (pequena frota), *esquadra*, *armada*, *marinha*; quando reunidos para o mesmo destino: *comboio*. Aumentativo: *naviarrá*, *barcaça*.

Navio-escola - V. *carro-correio*; V. *fatores-ambientes*.

Nazaré - Adjetivo pátrio: *Nazareno*, *nazáreo*. Não confundir com nazarinense, relativo a Nazaré, cidade de Goiás, nem com *nazarita*, judeu que por voto próprio ou dos pais era consagrado a Deus.

Ne sutor ultra crepidam - Locução latina que significa "que o sapateiro não vá além do sapato", aplicável a críticos quando se metem em seara alheia.

"Nebrina" - É forma popular, usada em Portugal, ao lado de *neblina*, forma esta que prevaleceu no Brasil. Do espanhol *nébula* mais *ina*, ficou, pela via popular *nebrina*, como de *nú-bilem*, *nobre*, de *sábulum*, *saibro*.

Nebulosa - O feminino do adjetivo é que se substantivou, dado o fato de vir junto de *massa*, de *estrela*: *massa nebulosa*, *estrela nebulosa* (corpos celestes em forma de névoa). Também em francês o feminino é que se substantivou.

Nec plus ultra - Expressão latina inscrita, segundo a tradição, nas colunas de Hércules, para indicar que eram os confins do mundo; é usada para significar "última palavra", "ponto máximo", e tem a variante "non plus ultra": Ele é o *nec plus ultra* do diplomata.

Necessitar - "Necessitar uma coisa" ou "necessitar de uma coisa": As boas leis necessitam bons executores — Necessito do seu beneplácito. V. *precisar*.

Necromancia - É palavra paroxitona, com acentuação secundária, fechada, na primeira sílaba (nêcro-mancia); em lugar dela vê-se às vezes "nigromancia", palavra esta espúria; a pretendida arte de revelar o futuro por meio de comunicação com espíritos de finados nada tem que ver com o vernáculo "negro" e sim com o grego *nekros*, que significa "morto".

Necropsia - O acento tônico é no *i*. V. *biopsia*.

Nefelibata - V. *acrobata*.

Negativa dupla - V. *não*; V. *a menos que*; V. *não dei nenhuma informação*; V. *negativas*.

Negativas - Doutrina anônima e infundada é esta: "Duas negativas equivalem a uma afirmativa" — Em que o seja em matemática, em que o seja em latim, não o é em português. É prudente, todavia, distinguir:

1º caso — Se em latim duas negativas afirmam, em português outra é a sintaxe. *Não vejo nada* — aproveitamo-nos aqui de Cândido de Figueiredo — não quer dizer *vejo alguma coisa*. A língua portuguesa é considerada filha do latim, mas não confundamos: o que temos do latim é grande parte do vocabulário; quanto à sintaxe, temos muitas coisas que os latinos não conheceram nunca... *Não conheceram nunca* — equivale acaso a dizer *conheceram alguma vez*?

Podemos, sem dúvida, variar: *jamaiz conheceram, nada vejo*, mas idêntica força negativa têm as construções *não conheceram nunca, não vejo nada*, em que ocorrem duas negativas. De passagem aqui se note que já foram usadas em português formas como esta, com sentido inteiramente negativo: "*Nenhum nom morreu*" (Fernão Lopes). Os quinhentistas proscreeveram quase totalmente tais negativas enfáticas, características do período anterior, e ainda hoje encontradas, sempre com sentido negativo, no linguajar caboclo: *Ninguém não viu*.

Cabe, neste primeiro caso, importante observação: O *não*, uma única vez expresso, pode até afirmar, enfaticamente, em orações exclamativas: *Quanto esforço não fiz eu!* — *Como não borbotava em hinos o meu júbilo!* — Esta observação fazemos

para mostrar o quanto importa conhecermos a língua e o quanto o conhecê-la impede inventar ou transplantar, importar regras.

2º caso — Quando dizemos *é indispensável*, afirmamos que *não é dispensável*. O *in* que na primeira oração precede o adjetivo tem o mesmo valor do *não* que na segunda precede o verbo. Se, agora, dissermos *não é indispensável*, claro é que a oração equivalerá à afirmação *é dispensável*.

Neste caso tem cabida a regra *duas negativas afirmam*, mas é evidente que se distingue do primeiro. Não existem agora duas negativas isoladas, senão um advérbio negativo junto de uma palavra que, por si, implica sentido negativo. Dizer *não quero a morte* equivale a dizer *quero a vida*; a palavra *morte* implica, em si, significação negativa de *vida*, mas não é uma negação vocabular. É a palavra *indispensável* o contrário de *dispensável*, como a palavra *morte* é o contrário de *vida*.

Outro exemplo: *Fulano é um não inútil elemento*, no qual poderemos ver certo sentido que não corresponde exatamente a dizer *fulano é um útil elemento*. O próprio latim nos oferece tais construções: diz *non insulsus* para significar *espiritoso* (Cf. o Saraiva, "insulsus").

Assentada a diferença entre o primeiro e o segundo caso, clara se torna a distinção: *Não é indispensável* — sentido positivo. *Não vi ninguém* — sentido negativo.

Os que, conquanto nada conhecem de latim, algo sabem de inglês, muito mal orientados andam quando pensam levemente que também o nosso idioma não comporta duas negativas. Se em inglês se diz *matter is neither created nor destroyed* não se vai em nosso idioma — que não nasceu ontem nem jamais deixou de ter lidimos representantes — escrever *a matéria é nem criada nem destruída*. Cremos a esta altura não ser necessário dizer que a tradução exige um *não* que não está no inglês e não virá trazer sentido positivo à afirmação: "A matéria *não é* nem criada nem destruída".

Quem mal traduz demonstra não conhecer o idioma original, mas não tem o direito de impor o desconhecimento ao idioma da tradução: "*Sem a discordância de ninguém*" (e não "*Sem a discordância de alguém*"), "*Não quero nada*" (e não "*Não quero alguma coisa*"), "*Não vi ninguém*" (e não "*Não vi qualquer pessoa*").

"E *nunca ninguém* aí entrou" — com duas palavras de valor negativo, senhor redator, *sem medo nenhum* de errar. A que ponto irá o estropiamento do vernáculo levar-nos após essa mostra de redação "e *nunca* aí entrou qualquer pessoa"? A seu filho, quando você quer que ele oculte algo da mãe, acaso lhe diz: "... e não lhe conte qualquer coisa"?

"... e *não* lhe conte *nada*", "... e *nunca* aí entrou *ninguém*" é a construção, senhor redator, que o avô do seu filho sempre usou e viu usada. V. *não dei nenhuma informação*; V. *a menos que*; V. *não*.

Negatrônio - V. *iónio*.

"Negligê" - A palavra que melhor traduz este adjetivo francês é *frasqueiro*: blusa *frasqueira*. "Decotado" é a sua tradução quando empregado substantivamente.

Negociar - A par dos verbos terminados em *ear*, grande número de verbos existe com a terminação *iar*. Não façamos confusão: Em *passar* existe o radical *pass* (de *pass-o*) mais o sufixo verbal *ear*; mas em *negociar* o sufixo não é *iar* e sim, meramente, *ar*, pois que o *i* pertence ao radical do verbo.

Essa simples observação não nos deixará enganar pelas formas semelhantes do infinitivo e muito menos dos demais modos, tempos, números e pessoas dessas duas classes de verbos. Na conjugação, os verbos da segunda classe nada têm que ver com os da primeira; não deverá aparecer, no decurso da conjugação dos terminados em *iar*, o *e* dos terminados em *ear*.

Concordamos todos em que de fato é erro confundirmos, na forma infinitiva, essas duas terminações; por que não reconhecermos igualmente errônea a confusão nas outras modalidades desses verbos? Expliquemo-nos mais um pouco.

É irregular todo o verbo que, ao ser conjugado, sofre alteração ou no radical ou na flexão ou ainda no radical e na flexão ao mesmo tempo. Os verbos em *ear* enquadram-se na classe dos irregulares, uma vez que o tema é alterado para *ei* quando sobre o *e* temático recai o acento; os terminados em *iar*, porém, devem ser conjugados sem que seu radical sofra nenhuma alteração.

E, de fato, essa é a tendência da língua. Em outros tempos se escrevia *alumear*, que era conjugado como os verbos em *ear*; disso temos prova no anêxim "O ignorante e a candeia a si queima e a outros *aluméia*".

Monteiro Leite, Cândido de Figueiredo e outros fazem regulares todos os verbos desta classe. O certo é, como observa Gonçalves Viana, que se vai operando entre pessoas cultas certa reação contra a confusão dos verbos em *iar* com os em *ear*. E aqui temos a verdadeira conjugação de *negociar*: *negoci-o, negoci-as, negoci-a, que eu negoci-e, negoci-es, negoci-e... V. alumiar*.

Negócio - Aumentativo: *negociarrão, negociação*.

Negrito - V. *grifo*.

Negro - Aumentativo: *negraço, negralhão, negrão. Superlativo sintético: nigérrimo*.

Nem = e Não - *Nem*, quando conjunção aditiva, supõe, antes, uma oração negativa e equivale analiticamente a "e não": *Não foi nem* (= e não) deixou que outros fossem". Como a conjunção *nem* já equivale a "e não", condena-se a anteposição do *e* ao *nem*; não se deve dizer "*Não foi e nem* deixou que outros fossem". — Só é possível dizer "e *nem*" quando o *nem* não exerce função coordenativa, como nestes exemplos: "*Não foi e, nem* que tivesse ido, não..." — "Ele não foi e *nem* por isso faltou à obrigação" — "Corriam alegres para a escola e *nem* sequer dos brinquedos de casa se lembravam" — "E *nem* da própria vida estou seguro". V. e *nem*.

Nem um nem Outro - Quando o sujeito composto é constituído de *um e outro*, *nem um nem outro*, o verbo fica, indiferentemente, no singular ou vai para o plural: "Um e outro é bom" — "Um e outro são bons" — "Nem um nem outro apareceu" — "Nem um nem outro são meus irmãos" — "Nem uma nem outra coisa sucedeu".

Note-se que o substantivo posposto fica no singular, mas se vier seguido de adjetivo, este irá para o plural: *uma e outra coisa juntas* — *um e outro caso paralelos*.

Nem um, Nenhum - *Nenhum* provém da junção de *nem + um*, havendo entre aquela forma, sintética, e esta, analítica, diferença de energia de expressão. Dizendo: "*Nenhum* homem é capaz de fazer isso" — demonstraremos, simplesmente, não haver, dentre os homens, quem possa fazer determinada coisa. Dizendo, porém: "*Nem um* homem é capaz de fazer isso", indicaremos, explicitamente, não haver *nem mesmo* um homem, como se dissessemos não ser capaz disso não somente uma mulher mas nem sequer um homem.

Outra diferença: O *nenhum*, contraído, opõe-se a *um indivíduo*, no sentido de *algum, certo indivíduo*, ao passo que *nem um*, separado, opõe-se a *um só, um único, um verdadeiro*. "*Nem um* centavo tenho" (= *Nem* ao menos um centavo tenho — Não tenho um único centavo) — é expressão mais forte, mais expressiva que esta: "*Nenhum* centavo tenho" (= *Tenho* dinheiro, mas não tenho uma moeda de um centavo).

Nemine discrepante - Locução latina que significa "sem a divergência de ninguém": A ata foi aprovada *nemine discrepante*.

Nemo propheta acceptus est in patria sua - (Nenhum profeta é bem recebido em sua terra). Palavras de Cristo para indicar que ninguém é levado a sério em sua própria casa.

Nemo sua sorte contentus - Expressão latina traduzível por "Ninguém vive contente com sua sorte".

Nenhum - V. *nem um*.

Nenhures - V. *algures*.

Nenrod - V. *Davi*.

Nenúfar - *Nenúfares* é o plural desta palavra persa. De *nil*, azul, e *nufar*, rosa do lago, designava o lótus azul e hoje indica um lírio aquático, azul ou branco.

Neo - O terceiro caso do § 46 do Formulário Ortográfico manda que se empregue hífen "nos vocábulos formados pelos prefixos que representam formas adjetivas, como *anglo, grego, histórico, infero, latino, lusitano, luso, pástero, súpero* etc. (este etc. é do Formulário). Ora! No corpo do vocabulário vemos somente duas palavras com hífen (*neo-árco, neo-escolástico*), ao lado das muitas sem hífen, como *neoclássico, neoformação, neoquinhentismo*. Isto por quê? Porque o quinto caso manda pôr hífen após vários prefixos "quando se lhes seguem palavras começadas por *vogal, h, r, ou s*", e de mistura com eles encaixa *neo*, forma adjetiva enquadrada no terceiro caso. Que conclusão tirar? O leitor que nos acompanha conhece nossa opinião sobre o formulário ortográfico oficial: caixa de Pandora.

Neolatino - Folhando o Nascentes, isto encontramos: "*Neolatino* — do grego *néos*, novo, e do latim *latinum*, latino. Este vocábulo é rejeitado por muitos como híbrido. João Ribeiro não acha necessário substituí-lo por *novolatino* ou *novolatinato*: diz que não há hibridismo porque nomes próprios e geográficos são inevitavelmente de todas as línguas (Gram. Port., pág. 61). Mário Barreto, *Estudos*, 89, prefere a forma *novolatino*. Sousa da Silveira julga que não têm razão os que acham má a palavra *neolatino* por ser um hibridismo: *neo* é prefixo e presta-se a formar compostos com radicais gregos ou não; *anti* também é grego e dizemos *anti-humano, anti-brasileiro*; o sufixo *ismo* é grego e com ele fazemos *caiporismo*, derivado do tupi *caipora* (Lições de Português, pág. 91). Rui o empregou nas Cartas de Inglaterra, pág. 174."

Embora Mário Barreto tenha preferido *novolatino*, em muito boa companhia andamos os que seguimos a forma *neolatino*.

Neologismo - É o contrário de *arcaísmo*; consiste no emprego de palavras novas, criadas pela ciência, por organizações modernas, como *telégrafo, autódromo, astronauta, míssil, telex, xerox*, ou de palavras antigas tomadas em sentido novo: *computador, saltêite*.

Na maioria, os neologismos foram introduzidos pelo francês, pelo inglês ou pelo alemão; temos, contudo, alguns que foram criados no vernáculo: *bilontra, ferrovia, bisar, necroléio...*

Para que se justifique, o neologismo deve, antes de tudo, ser necessário e, depois, formado de acordo com o gênio da língua. Não sendo conveniente nem corretamente formado, o neologismo passa a ser *barbarismo*.

Nereidolépade - V. *mônade*.

Nesse (Neste) Comenos - Locução que significa "nessa (nesta) ocasião": *Nesse comenos* chegou o rapaz que levava o recado (pronuncie *comênos*).

"**Nesta**" segunda-feira - Quando dizemos "neste mês", "neste ano", *este* está por *corrente, atual, presente*. Referindo-nos a uma eleição por realizar-se, dizemos "votemos todos *nesta* eleição"; o *neste* é indicativo de fato que está por realizar-se, não de circunstância temporal. O demonstrativo aí está na referência a fato, a coisa, a ato já mencionado ou de fácil relacionamento.

Não podemos aceitar como nossa a expressão "Devo viajar *neste* dia primeiro", para indicar "no próximo dia primeiro". Não é do vernáculo dizer alguém de manhã: "Viajo *nesta* tarde". Ou dizemos todos "viajo hoje de tarde" ou, sem esse estranho *este*, "viajo de tarde".

O anunciante deve dizer, simplesmente, "segunda-feira", em vez de "nesta segunda-feira"; não se diz: "Vai haver surpresas na eleição desta segunda-feira. Igualmente, à pergunta "Quando se realiza a eleição?" a resposta natural, clara e de todos nós é: "Segunda-feira".

Única e exclusivamente em casos de dúvida aparece o demonstrativo, cuja função será distinguir, indicar uma coisa com exclusão de outra. Sem nenhuma necessidade de discriminação, dizemos todos, conforme o caso, "segunda-feira" (referindo-nos à próxima segunda), "às segundas-feiras", "toda a segunda-feira": "Você viaja segunda-feira?" — "Não, viajo terça". A seguir a novidade, teríamos esta extravagância: "Você desce para Guarujá *neste* sába-

do"? — "Não, desço neste domingo."

Não vale alegar que o anúncio é gravado e serve para várias semanas: o ouvinte não é obrigado a aceitar por certo na língua o que a empresa publicitária tem por lucrativo e cómodo no trabalho.

Nesta terra - V. *tempo material*.

Nestúltima - É caso de sinalefa (§ 114, A).

Neto - V. *peso líquido*.

Neuro - Encontramo-nos mais uma vez diante de procedimento contraditório da ortografia oficial; se em *telégrafo-postal* o Formulário considera *telégrafo* redução do adjetivo, obrigando-nos o hífen (regra 45, 3º caso, obs.), por que o Vocabulário dá *neurográfico*, *neuroparalítico*, *neurogênico*? Se *telégrafo* está por *telegráfico*, *neuro* não está por *neurico*? O hífen é enfeite dependente de caprichos incompressíveis.

Névico - Adjetivo que na expressão "células névicas" designa certas células especiais epidérmicas encontradas na derme; é forma adjetiva de *nevo*.

Névoa - V. *mágoa*.

Nh - V. *companhia*.

"Nha", "Nho" - V. "seu" João.

Nhambu - V. *Anhembi*.

"Nhor", "Nhora" - V. "seu" João.

Niágara - Em *Niágara*, nome do rio que une o lago Eriê ao Ontário, é mais condizente com o étimo o acento proparoxítono — *ni-á-gara* — acentuação corretamente seguida pelo espanhol.

Nictóbata - V. *acrobata*.

"Nigromancia" - V. *necromancia*.

Nihil novi sub sole - Locução latina que significa "Nada de novo debaixo do sol". Empregam-se estas palavras de Salomão (Ecl 1, 10) para indicar que o que julgamos novidade já existiu em tempos passados.

Nimio (advérbio) — V. *passei demasiado*.

Ninféceas - O e da segunda sílaba deve-se à palavra *ninfêa* (do lat. *nymphæa*), denominação científica do nenúfar; outras plantas aquáticas, entre as quais a nossa vitória-régia, estão compreendidas entre as ninféceas.

Nipão - É a designação japonesa do Japão; daí *nipônico* e *niponense*, sinônimos de *japonês*.

Nível, Livél - Muita tinta já se gastou sobre a prosódia do primeiro vocábulo, tendo dicionaristas, filólogos e estudiosos da língua martelado debalde na restituição do acento etimológico, oxítono: *nível*. O uso é algo mais que discricionário após séculos de vida da palavra com acento paroxítono: *nível*.

Sobre o étimo, acento e significado do vocábulo, concisas e expressivas são as palavras de Gonçalves Viana: "*Livél, ao livél, livelar* — são estas as formas antigas, correspondentes às modernas *nível, nivelar*, francesas, como já havia indicado Duarte Nunez de Leão, e cujo *n* procede de dissimilação do *l* final, de *libel(lum)*, como em *negalho* por *ligalho*, de *ligáculum*. Alexandre Herculano ainda usou tanto *livél*, como *livelar*. "Ao livél", pronunciado "ólivél", é locução popular lusitana, muito freqüente. Todos os dicionários portugueses acentuam *livél*, com exceção do Manual Etimológico de Francisco Adolfo Coelho, onde é provável que a acentuação marcada *livél* seja erro tipográfico.

O Novo Dicionário acentua *livél*, e no Suplemento busca defender com o uso esta acentuação errada. Mas o uso é o contrário do que ali se afirma; o povo diz *livél*, os oficiais de ofício *livél* dizem, e a gente culta não usa tal palavra, mas sim *nível* (ainda erroneamente por *nivél*). Que uso é esse então que se invocou? Uso de quem?

Para prova de que *livél* é a acentuação, e não *livél*, basta ver em Garcia de Resende a seguinte quintilha:

E vimos a poderosa
Rainha Dona Isabel,
Tam prudente, virtuosa,
Tam real, tam grandiosa
Governar bem por livél.

Quanto ao significado da palavra *livél*, bem como de *ni-*

vel em Gil Vicente, é ele, sem dúvida, "medida justa". Pedro de Alcalá emprega *nivelado ao plomo*, para traduzir o vocábulo árabe *uzan*. "pesar", e em árabe *uzan* quer dizer "medida de verso".

Que se diga pois, e se marque a acentuação de *nível* na primeira sílaba, conquanto erroneamente, por ser o uso, admitte-se; mas que, contra o uso, se marque e se acentue *livél*, em vez de *livél*, é inaceitável".

Expressão há meses introduzida nos meios de informação por irrequieto redator é a constituída da locução "a nível" seguida de adjetivo: "A nível ministerial, nada se sabe sobre a sucessão presidencial".

Em linguagem simples, correta e destituída de inovação suspeita, podia o informante ter dito: "Ministros nada sabem da sucessão presidencial".

Em nenhum dicionário se encontra "a nível", mas "ao nível", seguido da preposição *de*, para significar "à mesma altura": "Ultrajes que extinguem no indivíduo o sentimento de honra e o rolam *ao nível* dos cães".

No 15º andar - A muita gente constituem os ordinais verdadeiro empecilho à linguagem corrente; pessoas de pergaminho não faltam que tropecem e poucas não são as que fragorosamente caem quando lêem ou em conversa necessitam discriminar um ano, um andar de prédio, por meio desses adjetivos. Formados em escolas superiores confundem-se nesse particular, não poucas vezes, com humildes ascensoristas de elevador: "A que andar o senhor vai?" — "Vou ao quinze andar."

Já não falando dos que se engasgam quando encontram passagens como esta: "Tal cidade comemora amanhã o seu 400º aniversário", precisamos alertar os que, equiparando-se aos que jamais abriram uma gramática de nosso idioma, demonstram com a maior naturalidade desconhecimento de nossos ordinais. Se antecede — notemos bem: Se *antecede* — o substantivo, deve o numeral ser expresso por ordinal quando ordem, seqüência ou posição indica. Se um prédio tem quinze andares (aqui o numeral é *quinze*, cardinal, porque indica quantidade total), quem mora no último mora no *décimo quinto* andar, e não — doença que parece estar a alastrar-se — no *quinze* andar. Moro no primeiro, moro no segundo, moro no oitavo, vim do terceiro, vou ao vigésimo primeiro andar, sempre com o ordinal devemos expressar-nos, porque seqüência, posição, ordem é que estamos indicando. É o que ensina qualquer gramática.

No ensejo - O substantivo *ensejo* (ocasião, tempo em que alguma coisa sucede ou se pratica) costuma vir antecedido da preposição *em*, e não da preposição *a*, em expressões circunstanciais; é o que vemos em Domingos Vieira: "*em* mui perigoso ensejo" (Gil Vicente), "é que *neste* ensejo" (Francisco Rodrigues Lobo), "que *em* cada ensejo" (Francisco Manuel do Nascimento), "Haviam de falar-lhe severamente *no* primeiro ensejo oportuno" (Herculano).

Diante desses exemplos, a locução prepositiva deve ser "*no* ensejo de", e não "*ao* ensejo de", como diríamos "na ocasião de", "na oportunidade de", e não "à ocasião de", "a oportunidade de".

A preposição "a" é abusivamente empregada por quem aborrece dicionário.

No entanto, Entretanto - Hoje ou se diz *no entanto* ou, simplesmente, *entretanto*; cai em desuso a forma *no entretanto*.

N' O ESTADO DE S. PAULO - Não há necessidade de aspas quando o nome todo do jornal é escrito com maiúsculas, quer venha no início quer no meio do período.

A preferência de grafar *n* seguido de apóstrofo já ficou aqui justificada quando se afirmou que a grafia "em O" é extravagância do sistema de 43. Ninguém diz "per a", "per o" em situação nenhuma do nosso falar; só uma anomalia poderia fazer que um relator nos obrigasse a escrever "A notícia foi dada *per* O ESTADO". Não há fugir do apóstrofo; a grafia "pel' O ESTADO", "n' O GLOBO", "d' A GA—ZETA" impõe-se, a menos que queiramos escrever o que não dizemos. Que sistema ortográfico é este que impõe

sejam grafados sons que não são proferidos, ou por outra, que obrigue a leitura do que não está escrito? V. "em O ESTADO DE S. PAULO"; - V. *título de jornais*.

No Sol - Parece-nos haver exagero em exigir que sempre se diga "estender roupa ao sol". É errôneo afirmar que a preposição *em* tem sempre a significação de "dentro de", "no meio de"; esse modo de encarar as preposições, pretendendo dar-lhes significado intrínseco e imutável, é que leva à construção "moro à rua Tal", como se dissessemos "moro a uma rua do Botafogo", "moro ao largo da matriz", "moro à última avenida da cidade".

Muito corretamente diz quem constrói "falar no microfone", "toquei essa música no piano", "moro no largo da matriz", "estive brincando no sol".

Figuradamente se diz "ele está em minhas mãos", e igual figura há em "ele está no sol". "Sol" aí está por "calores do sol", como acertadamente nos oferece o Tesouro da Língua Portuguesa de Domingos Vieira. "Com a cabeça num sol de verão", "caminhei num sol de rachar" vamos agora trocar por "com a cabeça a um sol de verão", "caminhei a um sol de rachar"?

No tempo que - Orações relativas não raramente se encontram sem a preposição repetida antes do *que*, quando este se refere ao complemento temporal da oração principal: "Neste tempo que as âncoras levamos... mansamente as amarras lhe cortavam" (CAMÕES) — "No instante que sucedeu o que vos citei, logo o mestre me deu essa carta" (GARRETT) — "No dia que vieres..." (M. BARRETO).

É curiosa a não repetição do *em* nesses exemplos antes do relativo, quando em outros passos encontramos, às vezes do mesmo autor, repetida a preposição: "No tempo em que o lobo e o cordeiro..." (BERNARDES) — "No momento em que se quis erguer, caiu moribundo" (HERCULANO).

Parece-nos que, nos exemplos em que não vem repetida a preposição da oração temporal, nada mais há do que a aplicação de princípio já consagrado no idioma, consistente em poder ser enunciado o adjunto adverbial de tempo sem o *em*, em casos como estes: Segunda-feira não há aula — Dia 24 sairemos — Todos os dias temos aborrecimentos.

Não é de admirar, pois, que se não repita a preposição, e exemplo não falta em que ela deixa de vir expressa antes do próprio adjunto temporal da oração principal: "E um dia que ambos se acharam na margem de um regato..." (BERNARDES).

Em Epifânio Dias (Sintaxe Histórica Portuguesa, § 224) encontramos: Quando a um substantivo designativo de tempo ou lugar se liga uma oração relativa de *que*, pode omitir-se a preposição *em* antes do relativo:

Cá des aquel tempo, senhor,

Que vos vi e oi falar

Nom perdi coitas e pesar (Lang. 43).

Tempo cedo virá, que outras vitórias

Estas que agora olhas, absterão (Lus. VII, 55).

No ponto que o Infante expirou (Ceita, 14, v).

Nobel - A palavra não é nossa; o inventor da dinamite — Alfredo Nobel — era sueco e em sueco o nome é oxitono; rima em português, em francês e também em inglês com o nosso *Abel*.

Nódoa - V. *nódoa*.

Nojo - É forma aferética de *enojo*, de onde *enjão*; da mesma forma que o verbo latino *nauseo* se presta para indicar ter enjão de mar, ter náuseas, e, figuradamente, estar desgostoso, o português *enojo* significa ato ou efeito de enojar e, também, aborrecimento, luto. São significados paralelos das duas línguas. Essa a explicação para *nojo* com o significado de luto, donde *nojoso* para indicar "que causa náusea" e "vestido de luto", "triste", e, com iguais significações, *anojado* (nauseado, enlutado, triste, desgostoso), *anojamento* (enjão, luto, tristeza), *anojar-se* (enojar-se, tomar luto: Com a morte de Jesus, até o sol se *anojou*).

Noli me tângere - Expressão latina (S. João, 20, 17) que significa "não me toques" e aplica-se a pessoas intangíveis, inata-

cáveis ou muito sensíveis.

Nômade - V. *mônade*.

Nomes dos meses - Com inicial minúscula são escritos os nomes dos meses; não são considerados nomes próprios pelo Formulário Ortográfico; é o que determina a observação do inciso 3 da regra 49.

Nome Hipocorístico - V. *hipocorístico*.

Nome registrado - V. *odol*.

Nome próprio (origem) - O melhor, em muitos casos, é perguntar ao portador do nome, ao pai, ao tutor. Temos um amigo chamado *Imael*. Francês esse nome, árabe, hebraico? Não: é português e vem de... *Elias*, nome do pai. Para as vogais tomou-se a vogal imediatamente seguinte, e o mesmo se fez com as consonantes:

E — L — I — A — S

I — M — O — E — T

Que obrigação tem de declinar semelhantes charadas quem a vida leva ocupado em coisas sérias?

Nome próprio (plural) - V. *plural de nome próprio*.

Nome próprio antroponímico (abreviatura) - Nomes compostos, como *João Pedro*, ou têm os dois elementos abreviados ou nenhum: *P.P. Lima de O.* (Pedro Paulo Lima de Oliveira), *J.J. Loureiro de Melo* (José Joaquim), *J.J. Rousseau* (João Jacques), *J.A. Cardoso de Barros* (João Alfredo).

O sobrenome, se simples, não se abrevia: *José de Oliveira*. Se composto, pode ter abreviado o primeiro elemento: *José de S. Pereira*, *Norberto M. de Macedo*, *Raul de S. Nogueira*.

Nome próprio antroponímico (artigo) - Os antropônimos empregam-se com artigo quando indicativos de pessoas íntimas por relações de parentesco, de amizade ou polítlcas: *o João, a Maria, o Prestes Maia*.

Quando célebres ou a nós não íntimas, as pessoas costumam ser referidas sem o artigo: *Rui Barbosa, Olavo Bilac, Joana d'Arc*.

O emprego da crase antes de antropônimos femininos baseia-se na existência, ou seja, no uso ou não do artigo: *Entregue o livro à Maria* — Referiu-se a *Joana d'Arc*.

Epítetos, agnômes ou alcunhas são antecidos de artigo: *José Bonifácio, o Moço; Maria, a Louca; Filipe, o Belo*.

Nome próprio antroponímico (divisão e ortografia) - Uma advertência preliminar torna-se necessária. O nome civil completo foi sempre desultoriamente formado; num mesmo povo, os princípios jurídicos referentes ao caso variam de época a época, numa confusão que atinge a própria terminologia dos elementos constitutivos do antropônimo completo, confusão que impossibilita qualquer critério para o caso. Afastando-nos em parte da empregada na nossa legislação, empregaremos terminologia baseada no uso, com o intuito de evitar confusões ou especificações e sutilezas inúteis quando não contraditórias. Chamaremos a primeira parte do substantivo próprio de pessoa (que pode ser composta) *nome* (Pedro — Pedro Paulo); a segunda (que também pode ser composta) *sobrenome* (Vaz — Vaz de Barros) e o conjunto chamaremos *nome completo* ou, quando não houver perigo de confusão, simplesmente *nome*.

Para a salvaguarda de direitos individuais, a grafia de nomes próprios personativos, quando escritos pelo próprio portador, deve ser a original, constante no registro civil. Nos próprios estabelecimentos oficiais de ensino tem um Rui ou um Luís liberdade e direito de assinar suas provas com *y* ou com *z*, se com estas letras tiverem sido escritos seus nomes no registro civil, sem que ninguém os possa obrigar a fazê-lo com *i* ou com *s*. O que o portador do nome não pode é exigir que todos, indiscriminadamente, procedam de igual modo; citado por outros, *Netto, Baptista, Thereza* podem despir-se dos enfeites heráldicos. Se uma professora não pode obrigar uma *Thereza* a que assine ou se declare *Teresa*, essa aluna não pode obrigar a professora ou a escola a que escrevam seu nome com *h* e com *z* em papéis de vida privada, sem prejuízo de um futuro alcance oficial. O procedimento, assim da professora como da escola, deve basear-se no bom senso, na praticidade, pois poderá haver

inconveniência de ordem alfabética de fichário, de livros de chamada onde figurem *Therezas, Theresas, Terezas e Terezas*, como pode, em outras circunstâncias, ocorrer o contrário, ou seja, a necessidade de obediência à grafia do registro civil, procedimento que levou a Secretaria da Presidência da República há muitos anos a expedir aos ministérios e órgãos diretamente subordinados à Presidência a seguinte circular:

"Havendo o exmo. sr. presidente da República aprovado a sugestão contida na exposição de motivos n. 339, de 29 de fevereiro de 1952, do Departamento Administrativo do Serviço Público, encarecendo a necessidade de se estabelecerem normas uniformes sobre a questão da grafia dos nomes próprios dos servidores públicos, solicito a v. exa. as necessárias providências no sentido de ser observada em todos os atos administrativos relativos à vida funcional dos mesmos funcionários a grafia dos respectivos registros civis".

Princípios jurídicos amparam o direito ao nome, direito que não pode ver-se revogado por portarias ministeriais, por acordos acadêmicos, e esse direito prevalece sempre que o seu não cumprimento possa trazer dificuldades ao portador do nome; nem o próprio oficial do registro civil pode escrever o nome de uma pessoa de forma diferente da exigida pelo dador. O oficial pode rejeitar qualquer parte do nome por inconveniente, não por motivo ortográfico; uma vez porém aceito, o nome terá a forma gráfica ditada pelo dador, e não será medida desprezível de cortesia que futuramente amigos do portador a ele se dirijam respeitando o nome que o acompanha, com aumento ou troca de letras, com enfeites diacríticos ou sem eles, como medida igual de cortesia é grafar as partes do nome com iniciais maiúsculas e, ainda, não cortá-los em fim de linha de uma dedicatória.

O Formulário Ortográfico concede ao próprio topônimo não sofrer alteração gráfica: contra-senso gritante será vetar o mesmo direito ao antropônimo. Muito discutível é o "consenso diuturno dos brasileiros" (regra 42 do Formulário) em grafar *Bahia*; o que não é discutível é o direito invocado pelo dador de um antropônimo em grafá-lo de acordo com uma tradição que ele invoque.

Há distinguir entre ortografia e cacografia, mas quem pode afiançar num oficial conhecimento pleno do caso? Quem pode conferir-lhe o direito de cortar tradições ou de podar meios de identificação de famílias? Quem poderá vetar que alguém se chame *Calazan* e não *Calazans*, *Calazans* ou *Calazanz*? *Paulo* não ficou por *Saulo*, e *Saulo* não ficou por *Saul*? Onde o cacógrafo no primeiro caso e onde a violação de acordos ortográficos no segundo?

Não nos esqueçamos, ademais, do parágrafo único do artigo 69 do decreto 4857 de 1939: "Quando os pais não se conformarem com a recusa do oficial, este submeterá o caso, independentemente da cobrança de quaisquer selos, custas ou emolumentos, à decisão do Juiz a quem esteja subordinado."

Não se esqueça o queixoso de citar Leon Humblet (*Traité des Noms*): "Não são somente as diversas sílabas que constituem o nome e lhe dão sua individualidade; é também a ortografia, e na ortografia essencial é compreender a forma, maiúscula ou minúscula, letras, justaposição e a separação das sílabas, os traços de união, os acentos, os tremas, os apóstrofes, em uma palavra, todos os sinais gráficos." (Acrescentariamos: "ou a ausência deles", como em *Antonio*). E mais adiante: "A fixidez dos nomes patronímicos é um princípio de ordem pública e de polícia social. As modificações freqüentes, realizadas sem controle e sem publicidade, facilitarão a dissimulação das identidades, ao mesmo tempo que lançariam a confusão nas famílias e feririam muitas vezes direitos adquiridos." O que está errado é dizer a regra 40 do Formulário Ortográfico: "Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assinatura a forma consuetudinária". Que confusão é essa entre assinatura e nome? Desde quando se tornou obrigatório que um cidadão empregasse na assinatura to-

das as letras e acentos do nome? Que quer o relator do Formulário dar a entender por "forma"? Desenho? Garatuja? É assunto impertinente à ortografia, como impertinente é à ortografia falar em "consenso diuturno dos brasileiros", frase apropriada para coreto de comício político. Não nos esqueçamos do que o próprio relator publicou no *Jornal do Comércio do Rio* em 16 de setembro de 1951: "Insta salientar que o sistema nocivo e perigoso da grafia que precedeu o Acordo de 1945 é o consubstanciado no "Pequeno Vocabulário Ortográfico" de 1943. Que ele é nocivo e perigoso — são ainda palavras do redator — "não há que duvidar; dezenas de vezes o tenho demonstrado e certamente o farei ainda." — O pai a renegar a criança que todos nós até hoje somos obrigados a acalantar. V. Gerson.

Nome próprio antropônimo (plural) - V. plural de nome próprio.

Nome próprio antropônimo estrangeiro - 1. Quando exclusivo à língua de origem, sem correspondente na portuguesa, não poderá um antropônimo deixar de conservar a forma e pronúncia próprias; torna-se mister, em tais casos, conhecer e aplicar as regras de prosódia do idioma a que ele pertence. *Gautier, Washington, Sevigné, Bourdaloue, Molla, Lamennais, Rousseau, Wallenstein* não podemos grafar *Goliê, Uó-xinton, Sevinhê, Burdalu, Molha, Lamenê, Russô, Valenstem*.

2. Quando possuímos forma correspondente, é justo e louvável que demos preferência à nossa, gráfica e prosódica. *Victor Hugo, Humbert, Théophile, François, Pierre, Jean Pierre, William, Mary, Peter, Henry, Paul, Émile, Michele, Honoré* devem ser substituídos, gráfica e prosodicamente, pelos nossos correspondentes *Vitor Hugo* (vítor úgo), *Humberto, Teófilo, Francisco, Pedro, João Pedro, Guilherme, Maria, Henrique, Paulo, Emílio, Miguel, Honorato*, ressaltando-se ao portador do nome o direito de escrevê-lo de acordo com a forma registrada em seus documentos.

3. Quando escrito pelo próprio portador, o nome será grafado segundo o idioma do país a que o usuário pertence e do qual conserva a cidadania. Jamais na França iríamos em papéis oficiais declarar-nos *Napoléon*, na Itália *Napoleone*, na Inglaterra *Napoleon*; tampouco iríamos exigir que franceses, italianos e ingleses oficialmente escrevessem e pronunciassem no Brasil seus nomes à portuguesa.

Extraoficialmente, porém, outro deve ser o procedimento. Vai bem que um professor francês seja *Pierre* na França, não porém que por alunos assim seja chamado em escola brasileira. Existiu na Itália um papa *Giovanni XXIII*, mas no Brasil o papa que conhecemos chamava-se *João XXIII*.

Tratando-se de naturalização, a pessoa deveria ter permissão de traduzir, sempre que possível, o nome, mormente quando — como acontece na França — o nome ou apresenta consonância difícil de ser reproduzida ou consonância especificamente estrangeira — é o caso dos nomes terminados em *ão* — de forma que prejudique sua integração na comunidade nacional.

Teremos, então, entre nós: *Honorato Mirabeau, João Batista Poquelin Molière, João Monaldeschi, Margarida Mitchell, Roberto Millikan, Tomás Mann, Pedro Bastide, Francisco Guizot, João Jacques Rousseau, Joana d'Arc, a rainha Isabel II* da Inglaterra, *Isabel* da Áustria, *Isabel* da Baviera, *Isabel* da Bélgica, *Isabel Petrovna*, poupando-nos a impressão de uma língua pintalgada de esparadrapos.

4. Quando nos derem nomes comuns, de uso freqüente e do povo inteiramente consagrados, aporuguesa-se a grafia de nomes próprios estrangeiros. Em tal caso, seguem os nomes próprios idêntico procedimento dos comuns que derivam de línguas estrangeiras. Por isso é que de *Cavaignac*, nome de um general francês, obtivemos *cavanhaque*; de *Cambray*, cidade da França, *cambráia*, nome de "lencaria de linho, muito fina", fabricada em dita cidade, de *Cognac*, nome de outra cidade francesa em que se fabricava uma bebida característica, *conhaque*, de *Guiltoin* (José Inácio Guillotin), médico francês que, desejoso de ver minorado o sofrimento dos condenados a morte, fez com que o governo da França

Nome próprio

adotasse em 1792 especial aparelho de decapitação, *guilhotina*, e outros mais, vistos no verbete *gentílicos*.

Nome próprio bíblico (grafia, abreviatura, citações) - Temos na nossa frente uma lista, segundo o alfabeto hebraico, de quase dois mil e quinhentos nomes próprios da bíblia. Se podemos dizer que a palavra inglesa *club* se a portuguesa em *clube*, encontram os biblistas dificuldade em afirmar que igual procedimento devemos ter com *Abitab*, *Alinabab*, *Necéb*... acrescentando um *e* à consoante final, porque nos veríamos obrigados — dizem eles — a coerentemente escrever *Elíabe*, *Zebe*, *Horebe*, *Aode*. Mas, perguntamos, se de *arab* (palavra que se encontra na bíblia) tivemos *árabe*, por que não termos *Orebe* de *Oreb*? E assim *Arode* (Arod), *Arade* (Arad) e, conseqüentemente, *Merodaque* (Merodac), *Obote* (Obot), *Abiasafe* (Abiasaf), *Abisague* (Abisag), *Elidade* (Elidad), *Afeque* (Afec), *Bachucque* (Bachuc), *Gadgade* (Gadgad).

Se de *Ruth* tivemos *Rute*, por que não fazermos *Bete* de *Beth*? Se *Onam* deu *Onão*, *Adoniram* *Adonirão*, *Homam* *Homão*, *Balaam* *Balaão*, *Beselam* *Beselão*, *Aduram* *Adurão*, *Hotam* *Hotão*, *Hohatam* *Hohatão*, *Jeroboam* *Jeroboão*, *Aram* *Arão*, por que não *Oão* de *Oam*? E por que não *Onã*, *Etã*, *Elisafã*, *Arã* por *Onan*, *Etan*, *Elisafan*, *Aran*? Seria procedimento coerente, como coerente é *Aoé* (Ahoah, Ahoé) ao lado de *Noé* (Noah, Noe), *Nobé* (Nobah), *Zanoé* (Anoah). Concordamos em que o aportuguesamento uniforme de certas formas poderia trazer confusões, como no caso de *Adon*, que não podemos aportuguesar para *Adão* a semelhança de *Salomão* (Salomon), *Abessalão* (Abessalom), porque traria confusão com *Adão* de *Adam*. Os biblistas têm o que ponderar ou o que ensinar. 65, 66.

A ABREVIATURA dos nomes dos livros bíblicos está ainda na fase das sugestões para unificação definitiva; biblistas de religiões diversas e biblistas da mesma religião têm suas discrepâncias, mas — é o que podemos deduzir da lista completa do "Citationum Biblicarum Modi" de Sebastião Bartina, S.J., publicada em sete línguas — todos eles parecem ter um critério básico: citar as duas primeiras consoantes: *Gn* (Gênese), *Lv* (Levítico), *Dt* (Deuterônômio).

Desse critério básico afastam-se quatro casos especiais:

1. quando o nome começa com vogal, entra na abreviatura a vogal e a primeira consoante: *Ex* (Exodo);

2. quando a primeira consoante vem seguida de duas vogais, usa-se a consoante e a primeira vogal: *Ne* (Neemias), *Na* (Naum), *Jo* (João);

3. quando após a vogal inicial vêm duas ou mais consoantes, usa-se a vogal seguida de duas consoantes: *Esd* (Esdras), *Est* (Ester);

4. quando puder ocorrer confusão usa-se a terceira consoante após a letra inicial: *Mt* (lat. *Mattheus*), *Jt* (lat. *Judith*) — ou as três primeiras letras: *Hab* (Habacuque), *Heb* (Hebreus).

Observe-se a inexistência de ponto abreviativo.

Na ordem alfabética dos livros, estas seriam as abreviaturas (três deles aparecem com nome duplo: *Crônicas* ou *Paralipômenos*, *Eclesiastes* ou *Coélet*, *Eclesiástico* ou *Siraque*, *Sirácida*):

Abdias	Ab
Ageu	Ag
Amós	Am
Apocalipse	Ap
Atos dos Apóstolos	At
Baruque	Br
Cântico dos Cânticos	Ct
Coélet	Co
Colossenses	Cl
Coríntios	1 Cor 2 Cor
Crônicas	1 Cr 2 Cr
Daniel	Dn
Deuterônômio	Dt
Eclesiastes	Ecl
Eclesiástico	Ecle
Eféios	Ef
Epístolas de João	1 Jo 2 Jo 3 Jo
Esdras	1 Esd 2 Esd

Nome próprio 207

Ester	Est
Exodo	Ex
Ezequiel	Ez
Filêmon	Fm
Filipenses	Fp
Gálatas	Gl
Gênese	Gn
Habacuque	Hab
Hebreus	Heb
Isaías	Is
Jeremias	Jr
Jó	Jó
João	1 Jo 2 Jo 3 Jo
Joel	Jl
Jonas	Jn
Josué	Js
Judas	Jd
Judite	Jt
Juizes	Jz
Lamentações	Lm
Levítico	Lv
Lucas	Lc
Macabeus	1 Mc 2 Mc
Malaquias	Ml
Marcos	Mc
Mateus	Mt
Miquéias	Mq
Naum	Na
Neemias	Ne
Números	Nm
Oséias	Os
Paralipômenos	1 Pr 2 Pr
Pedro	1 Pd 2 Pd
Provérbios	Pr
Reis	1 Rs 2 Rs
Romanos	Rm
Rute	Rt
Sabedoria	Sb
Salmos	Sl
Samuel	1 Sm 2 Sm
Siraque (Sirácida)	Sr
Sofonias	Sf
Tessalonicenses	1 Ts 2 Ts
Tiago	Tg
Timóteo	1 Tm 2 Tm
Tito	Tt
Tobias	Tb
Zacarias	Zc

As citações das passagens da bíblia tendem a seguir de maneira uniforme; à abreviatura do nome do livro segue-se o número do capítulo (atualmente os algarismos são os nossos e não mais os romanos), uma vírgula e o número do versículo: *Gn 3, 15*.

O vir o número do versículo ou do capítulo seguido de hífen mais outro número denota inclusão de todos os versículos ou de todos os capítulos compreendidos entre os dois números: *Rm 10,4-11*; *Ez 26-28*.

Se outro ou outros versículos do mesmo capítulo são citados, o processo será o mesmo: *Rm 10, 4-11, 24*.

O ponto final entre dois números de versículos exclui os versículos intermediários do mesmo capítulo: *Is 7, 14, 20*.

O ponto e vírgula após o número do versículo denota que vai ser citado outro capítulo: *Jr 9,14; 10,3*.

Um *s* após o número indicativo de versículo significa "e mais o versículo seguinte": *Lc 5, 7s*.

Dois *ss* significam "e mais os dois versículos seguintes": *Ap 14, 6ss*.

Livros do mesmo autor ou para o mesmo destinatário trazem antes da abreviatura do nome o número discriminativo: *2 Rs 1, 21*; *1 Esd 6,19*.

Nome próprio de coisa - Não nos cabe autoridade para considerações sobre o caso, as quais só controvérsias viriam pro-

vocar. Isto de dizer o Formulário Ortográfico (regra 40) "Poderá também ser mantida a grafia original de quaisquer firmas, sociedades, títulos e marcas que se achem inscritas em registro público" é meter-se em seara alheia. Enquanto o antropônimo é de família e a um tempo do idioma, o de pessoa jurídica ou de um bem constitui propriedade de fundo de comércio; aquele é tradicional, familiar, coletivo; este é arranjado, acidental, convencionado, alienável, permutável, perecível. Leis outras, que não ortográficas, regulam o assunto.

Nome próprio toponímico (artigo e gênero) - Não existe orientação que nos possibilite determinar se um topônimo tem ou não artigo. De um lado, *Portugal, Moçambique, Santarém, Setúbal, Pernambuco, Sergipe, Goiás, Ilíniás, Oclaoma, Nevada*; de outro, *o Brasil, o Laos* (forma preferível à consignada no Séguier, *Laus*; o latim *Laus*, que designava um rio da Lucânia, Itália, deu *Lao* em italiano; a forma originária grega foi *Laios*, e esta maneira de escrever coincidirá com a internacionalmente usada para indicar a região do Sião; o pátrio é *lao*, uniforme, ou *laosiano*), *a Tailândia, o Vietnã, o Missúri, o Arizona, o Amazonas, o Piauí, a Paraíba*. O uso exclui o artigo em uns, exige-os em outros, sem que possamos descobri-lo o critério.

Tratando-se de nome de cidade, mais fácil se torna o problema; são femininos e não se empregam com artigo: estive em Londres, *Londres é pacata*; vim de São Paulo, *São Paulo é dinâmica*; conheço Recife, *Recife é festiva*; veio de Paris, *Paris é impressionantemente iluminada*; o porto de Santos, Santos tornou-se mais *movimentada* com o aprofundamento do porto. São exceções *Cairo, Porto, Rio de Janeiro*, nomes estes que são masculinos e exigem o artigo: estive no Cairo, vim do Porto, voei sobre o Rio de Janeiro.

Europa, Ásia e África não levavam outrora artigo; daí o dizer "meter lanças em África". Esses nomes, bem como os de alguns países, como *Espanha, França, Inglaterra, Holanda*, não exigem obrigatoriamente o artigo quando regidos de preposição: vir de França, Leão de França, estar em Holanda.

Nomenclatura gramatical brasileira - A gramática do nosso idioma, por força de simples portaria (publicada no Diário Oficial de 11 de maio de 1959), sofreu modificações já na terminologia, já na divisão, já na própria conceituação de fenômenos lingüísticos. Tal qual acontecera com a ortografia — que após ter vivido vinte anos ao capricho de portarias e de acordos só por um passe de mágica, dado por interesse comercial muito antes que educacional, veio a tornar-se oficial — a nomenclatura gramatical entrou em cena em nossa terra, num palco em que se viam os mesmos ratos de ministério de outras reformas anteriores. Se assim não foi, considerem-se por ora estes dois fatos: dois meses antes de publicada no Diário Oficial essa portaria, já se enconravam a venda livros de acordo com ela; da autoria de um dos elementos da comissão elaboradora da reforma, um livro trazia o mesmo título de tradicional gramática, despidamente antecedido do adjetivo "moderna".

De tal monta foram esses e outros fatos, que chegamos à triste conclusão de que era uma falsidade o que estava na portaria que designava uns tantos professores para estudo e proposição do projeto: "um dos empencilhos maiores, se não o maior, à eficiência do ensino da língua portuguesa tem residido na complexidade e falta de padronização da nomenclatura gramatical em uso nas escolas e na literatura didática".

Qual o consciente professor de português que ignora repousar, até hoje, no ridículo número de aulas de gramática verdadeira e fundamental causa da deficiência do seu ensino? Nenhum país culto existe em que o vernáculo não seja ensinado diariamente; na Itália e na Alemanha Ocidental há oito horas semanais de idioma pátrio.

O ter passado o verbo *pôr*, de acordo com a portaria, a considerar-se mera irregularidade da segunda conjugação facilitou ao aluno decorá-lo? Por ter passado a *crase* a ser considerada mera parte de "apêndice" de gramática veio a

ser mais compreendida e mais facilmente praticada? Será que por ter passado o condicional a chamar-se *futuro do pretérito* o seu estudo e emprego ficaram facilitados? Por se terem constituído *artigo* e *numeral* classes autônomas ficaram mais bem conhecidos? Por haver passado a gramática a ter apêndice tornou-se mais difundido seu ensino?

Esses e outros fatos levam-nos a concluir que esta foi a finalidade da portaria 36: Malogrados na adoção de seus livros, uns tantos professores engendraram uma autêntica rasteira nos autores que os humilhavam.

Louvável é, sem dúvida, tenha um idioma uniformidade de terminologia para todas as partes léxicas e para todas as funções sintáticas, mas é em igual proporção desprezível que isso se faça com desrespeito à tradição e ao bom senso, quando não à própria disciplina. Um fato por nós presenciado corrobora essa opinião.

Num exame oral de latim um rapaz, que demonstrava conhecer bem a matéria, viu-se perturbado quando lhe foi pedido o *adjetivo verbal* de certo verbo que ele já havia mostrado conhecer suficientemente bem; o próprio examinador do exame vestibular estranhou o silêncio, e perguntou-lhe se não conhecia o *participio futuro da voz passiva*; após novo silêncio, o examinador pediu o *gerundivo*, e o rapaz recitou prontamente a forma desejada. Perguntamos: Por não ter nome fixo é que o aluno desconhecia essa forma verbal? Absolutamente não; o erro está em não ensinarem todos os nomes possíveis a qualquer fato gramatical, pois a abundância de denominações só proveito traz à compreensão do fato; saber qual é o *gerundivo* de verbo latino e não saber que essa forma verbal se pode chamar *participio futuro da voz passiva* ou *adjetivo verbal* é não conhecer todas as suas funções.

Final, ensino é arte e, pois, depende muito das qualidades do artista.

Nominal, Nominativo - São adjetivos sinônimos quando empregados com a significação de "que traz o nome da pessoa", como acontece com ações, com cheques. É a conclusão a que nos obrigam dicionários do nosso e de outros idiomas.

Realmente, o sufixo *ivo* denota aptidão, força (*educativo, normativo, aumentativo, diminutivo*), e *nominativo* é o que denomina, é o que apresenta nome; mas *al* (tem as variantes *el, il*, de acordo com o tema) denota, também, relação, e essa indicação tem em *nominal* quando aplicado o adjetivo ao caso de cheque, de ação, de título de comércio em que se declare o nome do possuidor. O uso está muito bem escudado.

Nominativo - V. *casos latinos*.

Nomismática - A ciência que tem por objeto o estudo das moedas e das medalhas deveria ser indicada pela palavra *nomismática*, com *o* na primeira sílaba, por ser essa a vogal que traz o grego *nomisma* (moeda). A grafia *numismática* deve-se ao francês.

É verdade que existe em latim *numus*, mas daí não é possível o derivado em apreço. O dicionário da Melhoramentos é fiel no dar o étimo grego, mas consigna a palavra e cognatos com *u*. O vernáculo deveria obedecer à forma grega e, muito acertadamente, assim procede Laudelino Freire.

Non bis in idem - Locução latina que significa "não duas vezes para a mesma coisa". Axioma de jurisprudência pelo qual o indivíduo não pode ser punido duas vezes pelo mesmo delito. Usa-se também para indicar que não devemos cair duas vezes na mesma falta.

Non datur vicissim - Expressão latina que significa "não se dá a recíproca".

Non ducor, duco - Locução latina — divisa da cidade de São Paulo — que significa: Não sou conduzido, conduzo.

Non nova, sed nove - Expressão latina que quer dizer: "Não coisas novas, mas de maneira nova".

Non plus ultra - Expressão latina de mesmo significado de "nec plus ultra": não mais além; o mais importante; insuperável.

Non vi, virtute - Expressão latina que significa: "Não pela força, mas pelo mérito".

Nonas - V. *bissexto*.

Normandia - V. *Etiópia*.

Normando - V. *grifo*.

Norte-americano - Impõe-nos o vocabulário oficial brasileiro a grafia *norte-americano*, com hífen, no que seguiu o português de 1940. Quanto ao errôneo emprego desse adjetivo, veja-se o verbete *americano*.

Nos (dativo) - V. *ele traçou para si*.

Nós (equivalente a *eu*) - V. *amigos somos*.

Nosce te ipsum - "Conhece-te a ti mesmo", tradução latina da máxima favorita de Sócrates, que a tornou célebre; nunca houve máxima mais repetida, pois encerra toda a lei moral; estava gravada em letras de ouro no frontispício do templo de Delfos. Platão, Cícero, Xenofonte e Plutarco narram que os sete sábios da Grécia, reunidos um dia em Delfos, escreveram essa sentença; filósofos e poetas diziam que era máxima vinda do céu.

Nostalgia - É palavra proveniente dos vocábulos gregos *nóstos*, que significa *regresso*, e *algos*, que indica *dor*. A simples etimologia mostra-nos não andar bem quem emprega nostalgia por *saudades*; *nostalgia* é a dor, é a doença nervosa, produzida pelo pesar da ausência e conseqüente desejo forte de voltar à pátria. É errôneo dizer *nostalgia da infância*, *nostalgia dos tempos idos*.

Precisamos não esquecer-nos de que *saudades* não encontra tradução em outras línguas; como, então, dentro da nossa, substituí-la por outra palavra?

Nota - Coletivo, na acepção de dinheiro: *bolada*, *bolaco*; na acepção de produção literária ou científica: *comentário*.

Nove dias - Coletivo: *novena*.

Novel - Pronuncie-se *novél*, de acordo com o étimo; o plural é *novéis*, igualmente oxítono. Além da acepção de *novo*, de *poucos anos de existência* ("A lógica nativa dos ânimos *novéis*"), tem esse adjetivo a de *inexperiente*, *bisonho*, principiante, novato: "Busca alguém *novel* basbaque que por pobre não saia, mas já mete o bairro a saque depois que engenhosa tia lhe armou de uma saia um fraque" — "Jamais não foi esse o estilo do moço em armas *novel*".

Noventa por cento dos homens viajaram - No plural ou no singular o verbo?

a) Quando o predicado é constituído de verbo de ligação ou de locução verbal passiva, o verbo e o predicativo (ou o particípio nas locuções passivas) deixam-se influenciar pelo número e pelo gênero do partitivo: "Noventa por cento das MULHERES dessa tribo SÃO analfabetas" — "Trinta por cento da nossa PRODUÇÃO É exportada" — "Vinte por cento da POPULAÇÃO ESTAVA acamada" — "Cinquenta por cento das PROFESSORAS DEVEM ser nomeadas por merecimento.

b) Quando o número percentual vem antecedido ou seguido de adjunto no plural, é melhor aceitar o plural: "BONS 30% da mercadoria FORAM salvos" — "Os RESTANTES 30% do colégio DÃO conta das obrigações" — "ESSES 5% da boiada MORRERAM" — "90% DOS HOMENS VIAJARAM".

c) Afora esses casos o singular é empregado: "90% da imprensa DEFENDE" — "80% do eleitorado COMPARECEU" — "90% da borracha latino-americana ainda PROVÊM de árvores nativas". Cioso do *s* final da terceira pessoa do singular do indicativo presente, de igual forma procede o inglês: "Ninety percent of Latin-American rubber still COMES from wild jungle trees". V. *grande número*; V. *metade*.

Novi... - Quando primeiro elemento, quer signifique *novo*, quer *nove*, junta-se ao segundo de um composto sem hífen: *novilínio*, *novimensal*.

Novilatio, Novolatio - V. *neolatino*.

...nte - V. *presidente*.

Nua propriedade - V. *nu-proprietário*.

"**Nuança**" - O francês vem pretendendo empurrar para fora do nosso vocabulário o nosso antigo *matiz*; *cambiante* é igualmente prejudicado pelo francesismo. Note-se que *cambiante* é masculino: *Os cambiantes* se fazem de muitos modos.

Nudez - V. *estupidez*.

Nulla dies sine linea - Escrita por Plínio, o Antrigo (História Natural, livro XXXV, cap. 36, 13), sobre Apeles, que não passava um dia sem pintar, a expressão aplica-se aos escritores fecundos.

Numerais cardinais por ordinais - 1. Por brevidade, empregam-se os *cardinais* em lugar dos *ordinais* na enumeração de séries de *objetos*, *capítulos*, *artigos*, *parágrafos*, *dias* e *trabalhos*: Moro na casa *trezentos e oito* (Em vez de *tricentésima oitava*, como deveria ser, visto tratar-se de *ordem*), no dia *trinta e um* (em vez de *trigésimo primeiro*), capítulo *dois* (em vez de *capítulo segundo*).

Note-se que nesse caso os *cardinais um e dois* não variam de gênero: Casa *vinte e um*, página *vinte e dois*, lição *um*, lição *dois*, observando-se ainda que, se colocarmos o numeral antes do substantivo, usaremos o ordinal: na *vigésima oitava* casa, no *trigésimo* dia, *segundo* capítulo, *primeira* lição.

2. Na sucessão de *reis*, *papas* e *séculos* usa-se o *ordinal até dez* (Leão *primeiro*, Luís *segundo*, Henrique *oitavo*, Carlos *nono*, Pio *décimo*, século *oitavo*) e o *cardinal* de *onze* em diante: Luís *onze*, Leão *treze*, Luís *quinze*, século *vinte*.

3. O primeiro dia do mês é sempre indicado pelo ordinal; não se diz "no dia *um* de maio", mas "no dia *primeiro* de maio" — "*primeiro* de abril". A abreviatura deve obedecer ao numeral: 1º-6-1974 (e não: 1-6-74).

4. Tratando-se de leis, estas se dividem em *partes* (geral, especial), *livros*, *títulos*, *capítulos*, *seções* (estas quatro se discriminam por algarismos romanos), *artigos* (discriminam-se por números arábicos), *parágrafos* (acrescimos aos artigos; fazem-se anteceder do símbolo §, seguido de número arábico, erroneamente lido como ordinal), *alíneas* (indicadas por letras ou por algarismos romanos) e *incisos*, indicados por letras minúsculas ou por números: inciso 2 do § 3 do art. 58.

5. Observe-se que, se num trabalho vem expresso "Para a sua organização deve-se obedecer aos itens seguintes:" ou, após uma regra de gramática ou de qualquer disciplina, vem escrito "Notas" — os numerais que antecederem os *itens* ou as *notas* costumam ser ordinais por estar implicitamente repetida a palavra *item* ou *nota* após o número: 1º *item*, 2º *item*... 1ª *nota*, 2ª *nota*.

6. Observe-se finalmente que, exceto nos casos do nº 2, os algarismos romanos vêm perdendo a preferência; os próprios biblistas estão citando livros, salmos e outras partes da bíblia com algarismos arábicos: 3Rm; SI 94.6.

"**Numismática**" - V. *nomismática*.

Nunca já - Dentre muitas funções, tem o advérbio *já* a de reforçar, como partícula de realce, uma afirmação, quer positiva quer negativa: Nunca *já* tal farei — Não *já* que eu o desejo.

Nuper (paroxítono) - Prefixo que exige hífen antes de qualquer letra: *nuper-falecido*, *nuper-publicado*, *nuper-reeditado*. V. *nupérrimo*.

Nupérrimo - Nupérrimo é forma superlativa, vernácula mas alatinada, do advérbio latino *nuper*, que em português só se usa como prefixo (significa *recentemente*, *há pouco*, *ultimamente*, *recém*). Fora a função prefixal, não tem vida em português. *Nupérrimo* significa recentíssimo, sucedido há muito pouco tempo.

Nu-proprietário - Ainda que sem hífen (como faz o espanhol — *nudo propietario* — e como registra o nosso Domingos Vieira), *nu proprietário* é expressão que se pode e deve considerar adjetivo composto, e tratados de direito não faltam que assim escrevam: *nu proprietário*. Se em *nua propriedade* (propriedade de que outro tem usufruto, do latim "nuda proprietas") não existe composição, em *nu-proprietário* não podemos deixar de ver um adjetivo composto, cuja flexão genérica e numérica obedecerá à regra geral (só o segundo elemento se flexiona): eles são *nu-proprietários*, ela é *nu-proprietária*. Se o composto tivesse *nudi* por primeiro elemento (como *nudibrânquio*, *nudicaudato*) ou *nudo* (como *nudoflagelado*), ninguém deixaria de aceitar a forma como uma só pala-

vra e sem hífen, e teríamos sido dispensado de considerar adjetivo composto o vocábulo discutido. Para nós, o próprio hífen, objeto dos mais contraditórios dispositivos de todos os acordos ortográficos que tivemos, podia ser dispensado: *nuproprietário, nuproprietária, nuproprietários*.

Nutriário - Pode, perfeitamente, dizer o leitor *nutriário*, para designar lugar em que se guardam alimentos. É neologismo

bem formado: a terminação neutra latina *árium* é acrescentada ao radical simples.

Note o que ficou dito: "lugar em que se guarda"; é este, no caso, o significado do sufixo. Entre "lugar em que se guardam alimentos" e "lugar em que se proporcionam alimentos" não há diferença que fazer, mas *nutricionário* é que não deve o leitor dizer.

O

O (elemento de ligação em compostos gregos) - V. *orquídea*; V. *foto*; V. *hidroelétrico*.

Ó, Ô - Em 29 de dezembro de 1943 passamos a ser obrigados a escrever "se ÊLE FÔR", com dois circunflexos, para que ninguém confundisse o verbo com um substantivo que já ninguém conhece, nem a forma pronominal *ele* com a letra *l*, que ninguém jamais escreveu por extenso.

Em 5 de dezembro de 1945 foi decidido que esse acento não tinha razão de ser, e passamos a escrever "se ELE FOR", sem nenhum enfeite.

Em 21 de outubro de 1955 decidiu-se no Brasil que aquele perigo existia, e outra vez passamos a pensar em *l* e em *forma* toda a vez que escrevêssemos "se ÊLE FÔR".

Em 18 de dezembro de 1971 — sempre no fim do ano e geralmente perto das festas, com espíritos à disposição — acharam uns turistas por bem abolir dito circunflexo, e voltamos ao "se ELE FOR".

Em... a data não está ainda marcada, mas já há quem esteja a movimentar-se em busca de novo e humilhante acordo ortográfico.

A verdade é que a confusão aí está até hoje, já decorridos dez anos dos autógrafos no cardápio do Hotel Nacional de Brasília. (Um dos convivas participou, assim aquém como além-mar, dos preparativos pantagruélicos que precederam a assinatura de todas essas quatro injunções ortográficas.) Confusão, sem dúvida, porque de um jornalista soubemos que alardeou na redação do seu jornal: "Não ponham mais acento em *metró* porque ele foi abolido".

Não; o que o inciso 2 do último ato do drama ortográfico reza é o seguinte: "Fica abolido o acento circunflexo diferencial na letra *e* e na letra *o* da sílaba tônica das palavras homógrafas e outras em que são abertas a letra *e* e a letra *o*, exceção feita da forma *pode*, que se acentuará por oposição a *pode*".

Fechando os olhos para o galicismo "exceção feita", o que vemos nesse inciso é a abolição do circunflexo somente quando há o homógrafo com a mesma sílaba tônica mas de prolação aberta. O circunflexo desapareceu, pois, em palavras como *ele*, *almoco*, *Rebello*, *colher* (verbo), *colheres* (verbo), *toda*, *lobo*, porque existem (ou existiram um dia) na língua palavras que se escrevem da mesma forma mas têm as vogais tônicas abertas.

Com o espúrio francesismo *metró* não ocorre tal coincidência; nele o circunflexo nenhuma distinção traria com um inexistente "metró". *Metro* (medida) tampouco nada que ver tem com o caso, pois a sílaba tônica é outra.

Tentemos aclarar o assunto. Nada tem que ver o decreto 5765 de 18 de dezembro de 1971, com o circunflexo:

1. dos oxítonos terminados em *e* ou *o* fechados, seguidos ou não de *s* (regra 43, 1ª do Formulário Ortográfico de 1943): *lê*, *lês*, *avô*, *pôs*, *voçê*, *marquês*, *português*;

2. que aparece em formas verbais que perdem as letras finais *r*, *s*, *z* e se seguem do pronome *lo* (43, 1ª, obs.): *fê-lo*, *pô-la*, *movê-los*, *revê-las*;

3. que aparece em formas verbais com pronomes enclíticos ou mesoclíticos (43, 1ª, obs.): *dê-se-lhe*, *repô-lo-eis*.

4. dos proparoxítonos em que figura vogal fechada ou seguida de *m* ou *n* na sílaba tônica (43, 2ª): *lâmina*, *fôlego*, *quilômetro*, *mônadas*, *pêssego*, *devêssemos*, *espontâneo*, *tênue*, *manicômio*;

5. dos paroxítonos terminados em *i* ou *u*, seguidos ou não de *s*, em que figura vogal tônica fechada ou seguida de *m* ou *n* (43, 3ª): *bônus*, *Vênus*, *dândi*, *tênis*. Não se acentuam os prefixos paroxítonos acabados em *i* (43, 3ª obs.): *semi-histórico*;

6. dos paroxítonos terminados em *l*, *n*, *r* ou *x* em que figura vogal tônica fechada ou seguida de *m* ou *n* (43, 8ª): *aljôfar*, *âmbar*, *fênix*, *vômer*, *êxul*, *cânon*;

7. dos paroxítonos acabados em ditongo oral, em que figura vogal tônica fechada (43, 9ª): *fôsseis*, *escrevêsseis*;

8. do *e* da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter*, *vir* e seus compostos (43, 7ª, obs. 2): eles *têm*, eles *contêm*, eles *vêm*, eles *convêm*;

9. do singular *vê*, *lê*, *crê*, *dê* (43, 7ª, obs. 3), que é conservado no plural: *vêem*, *lêem*, *crêem*, *dêem*;

10. do penúltimo *o* fechado do hiato *oo*, seguido ou não de *s*, de paroxítonos (43, 10ª): *vão*, *vôas*, *enjôo*, *enjôos*, *perdão*, *abênção*;

11. dos paroxítonos que tenham *til* na última sílaba e a vogal tônica fechada ou seguida de *m* ou *n* (43, 11ª, obs.): *bênção*, *gôlfão*;

12. de algumas palavras tônicas, de uma ou mais sílabas, para distinguir de palavras átonas de igual grafia (43, 14ª, obs. 1): *quê* (substantivo, interjeição, ou pronome no fim de frase), para distinguir de *que* (pronome quando não vem no fim da frase, advérbio, conjunção ou partícula expletiva), *porquê* (substantivo ou no fim de frase), para distinguir de *porque* (conjunção), *pêlo* (subst.) para distinguir de *pelo* (perlo), *pêra* (subst.) para distinguir de *pera* (preposição antiquada), *pôlo*, *pôlos* (subst.) para distinguir de *polo*, *polos* (por-lo, por-los), *pôr* (verbo) para distinguir de *por* (preposição).

ATENÇÃO: Foi abolido o circunflexo do primeiro elemento de advérbios em *mente* e de derivados em que figuram sufixos precedidos do infixo *z* (43, 13ª); assim, pois, devemos escrever: *comodamente*, *cortesmente*, *ovozito*, *vovozinho*.

EM RESUMO: Somente o circunflexo dos homógrafos e o das subtônicas (regras 13 e 14 do capítulo XII do acordo de 43) é que foram abolidos.

O (sing.), O (pl.) - V. *desgostos*.

O (vogal) - Quando isolada, esta vogal tem prolação aberta, ou seja, pronuncia-se *ó*. A afirmação "Zoologia tem três *oo*" deve ser pronunciada "...três *ós*". De igual forma: "Escreva *ombro* com o (*ó*) inicial", "Ovo no singular tem o o (*ó*) tônico fechado; no plural, aberto", "Pronuncie *Homero* com o o (*ó*) da primeira sílaba fechado", "Ônibus deve trazer acento circunflexo no o (*ó*)".

O mesmo procedimento devemos ter com a vogal *e*: "O *e* (*é*) de *tez* tem som fechado", "Vêem escreve-se com dois *ee* (*ês*) e circunflexo no primeiro quando...".

No citar nossas vogais, ninguém diz a, ê, i, ô, u, mas a, ê, i, ô, u.

"O" enclítico - Quanto à posição do obliquo "o" ao verbo, devemos obedecer às seguintes normas:

1. nenhuma modificação acarreta ao verbo em formas terminadas em vogal: *amo-o*, *diga-o*;

2. transforma-se em *lo*, quando posposto a formas terminadas em *r*, *s*, ou *z*, consoantes estas que desaparecem: *amá-lo* (de *amar-o*), *ama-lo* (com acento tônico na primeira sílaba, de *amas-o*), *amaste-lo* (*amastes-o*), *di-lo* (*diz-o*), *fi-lo* (*fiz-o*), *ei-lo* (*eis-o*);

3. adquire a forma *no* quando posposto a formas terminadas em *m* (*amam-no*, *tenham-no*, notando-se que formas como "cercavam-nos" exigem cuidado para clareza: o nos poderá enquadrar-se no caso presente (os cercavam) e pode ser forma oblíqua de *nós*; em orações como "Levem-nos para casa" o contexto é que nos levará a identificar o *nos*;

4. não se pospõe às formas do futuro nem do participio (jamais *amarei-o*, *terei-o*, *amaria-o*, se eu *fizê-lo*, *amado-o*).

Para objetivar essas quatro normas, tomemos o indicativo presente de *amar* seguido de *o*: *amo-o*, *ama-lo* (acento tônico na sílaba inicial), *ama-o*, *amamo-lo*, *amai-lo* *amam-no*. Façamos o mesmo com *ter*: *tenho-o*, *tem-lo*, *tem-no*, *temo-lo*, *tende-lo*, *têm-no*.

Ortográfica e gramaticalmente essas são as formas válidas para o "o" enclítico.

O carro patinha - Dispersiva e trabalhosa, a vida de hoje muito se diferencia da de outros tempos, calma e concentrada; quando antes tudo se meditava com vagar e com vagar se resolvia, hoje o erro encontra meio propício para a divulgação: facilidades de comunicação e pressa de viver; erros de toda a sorte, sociais, políticos, religiosos, científicos, propagam-se assustadoramente, e rapidamente se arraigam.

Mais ainda que o erro, o verossímil. Palavras do idioma, principalmente quando truncadas já nascem, dificilmente se reconstituem em sua legítima forma; em *patinhar*, corruptela popular tão empregada pelos que conduzem veículos, temos um exemplo do quanto é traçoeiro o nosso léxico; qualquer dicionário que confrontemos traz para esse verbo tão só o significado de andar de patins; quem anda de patins resvala, mormente quando sobre o gelo, mas não fica no mesmo lugar como no caso de um automóvel que "patinhe". Este é que é o verbo, este é que é o vocábulo que deve ser empregado quando se pretende dizer que um veículo não se move, não sai do lugar, por mais que lhe girem as rodas. *Patinha* o trem, *patinha* o bonde, *patinha* o automóvel e tudo quanto faz como o pato, que movimentação os pés sem movimentar o corpo.

Patinhar é verbo imitativo, e até figuradamente se emprega, como vemos em Domingos Vieira: *Patinhar* (fig.): Fazer mal qualquer coisa, como ignorante que *patinha* em vez de nadar.

Haverá esperança de corrigir a corruptela, ou melhor, a confusão? Creemos que sim; quando não, ficou aí uma tentativa.

Descarrilar, que hoje vemos com satisfação na imprensa e com admiração ouvimos corretamente pronunciado no rádio e na televisão, andava, não havia muito, deturpado em "descarrilhar", como se o *lh* dos trilhos devesse ser carregado pelo trem que deles saísse fora. Se de *carril* mais *ar* só podemos ter *descarrilar*, de *pato* mais *inhar* só podemos obter *patinhar*; verbo imitativo formado a semelhança de *engatilhar*, *abespinhar-se* e outros. *Patinhe* ou *descarrile* o trem, salvemos o idioma. V. *esmerilhar*.

O de que, Do que - Em *o que* há dois pronomes; um demonstrativo — *o* — outro relativo — *que* — cujo antecedente é o mesmo demonstrativo *o*.

Essa será a análise de *o que*, quando encaixado num período. Em "Não sei *o que* dizes" — o demonstrativo *o* pertence ao verbo *sei*, do qual constitui objeto direto, e o relativo *que* pertence ao verbo *dizes*, do qual constitui também objeto direto.

Claro está que, se o segundo verbo do período, ou seja, o

verbo de que depende o "que", for transitivo indireto, o "que" deverá, como todos os complementos de verbos transitivos indiretos, vir antecedido da preposição exigida pelo verbo: "Não mencionou *o de que* dependemos". Tal construção continuará certa — esta é a finalidade do verbete — se deslocarmos a preposição que rege o relativo para antes do demonstrativo: "Não mencionou *do que* dependemos". E assim: "Não sei *o de que* necessita" ou "Não sei *do que* necessita", "Sabemos *o de que* precisamos" ou "Sabemos *do que* precisamos".

Constitui essa uma das curiosidades sintáticas de colocação da língua portuguesa.

O Estado de S. Paulo - Como iremos proceder para enquadrar numa oração o nome do jornal que estamos lendo, diante da observação da regra 44 do formulário ortográfico oficial? Diz ela (num tom, usado também em outros passos, que explica por que o próprio autor desse formulário publicamente o renegou num matutino carioca): "Restringindo-se o emprego do apóstrofo a esses casos, cumpre não se use dele em nenhuma outra hipótese". Não satisfeito com essa intempestiva determinação, o relator continua: "Assim, não será empregado" — e lá vem ele com mais quatro casos, dos quais o último declara: "nas expressões de uso constante e geral na linguagem vulgar: *co*, *coa*, *ca*, *cas*, *coas* (=com o, com a, com os, com as), *plo*, *pla*, *plos*, *plas* (=pelo, pela, pelos, pelas), *pra* (=para), *pro*, *pra*, *pros*, *pras* (=para o, para a, para os, para as), etc." (Este etc. faz parte da lei).

Não se torna necessário dizer, diante da lei, que já não é possível redigir "Vi *n'O* Estado de S. Paulo um anúncio...". Como então proceder? E por aí andam estes contra-sensos: Vi em "O Estado" — Na página 4 de "O Estado" — A notícia." (Este etc. faz parte da lei.)

Esta maneira de escrever — *de o*, *em o*, *per o* — pode revelar vontade de obedecer a leis. Que lei, porém, é esta que determina que se escreva de maneira diferente da que se fala, ou melhor, que na escrita se expressem formas que não foram proferidas? Desde quando passamos no Brasil a dizer "per o" para que assim escrevêssemos? Se todos dizemos "vi *no* Estado", "nas páginas *do* Estado", "foi noticiado *pelo* Estado", como não admitir, em obediência ao que se fala e grafa, "n'O Estado de S. Paulo", "d'O Estado de S. Paulo", "pel'O Estado de S. Paulo"?

Ainda mais: Não se tratando de documento em que se torne necessário citar todas as partes do nome de um jornal, não redigimos todos — "constante e geralmente" (para usar a mesma expressão da lei ao justificar *co*, *plo*, *pro*) — "Não encontrei nenhum Estado de S. Paulo"? Onde o artigo? Quando pedimos a alguém que nos compre um Estado, jamais pensamos no artigo definido da razão social: "Compre um Estado", "Quero outro Estado", "O suplemento estava no outro Estado". Onde a possibilidade de seu emprego? Por que então não redigirmos "Os classificados *do* Estado são eficientes"?

Acaso não se tornaria a dificuldade solucionada — diante da necessidade de empregar o artigo do título de um jornal se escrevêssemos esse artigo com letra maiúscula e o fizéssemos anteceder de apóstrofo quando regido de preposição que o exigisse? Não ficaria esse proceder condizente com o "constante e geral" comportamento fonético? Teríamos, então: "n'O Estado de S. Paulo", "d'O Estado de S. Paulo", "pel'O Estado de S. Paulo", ao lado de "no Estado de S. Paulo", "do Estado de S. Paulo", "pelo Estado de S. Paulo".

Nem estranheza poderá advir de um apóstrofo seguido de aspas a quem empregar entre aspas o nome do jornal: d'"O Estado", pel'"O Estado", n'"O Estado". Acaso não há uma obra de José Maria Rodrigues (Imprensa da Universidade de Coimbra, 1905) intitulada *Fonte d'"Os Lusíadas"*, e outras mais recentes, como a de Pedro A. Pinto, com o título *À margem d'"Os Lusíadas"*, escrito exatamente como aqui se encontra?

Dificuldade poderá aparecer quando o nome do jornal, da firma, da obra vier antecipado da preposição *a*: refiro-me a

O ESTADO, fui a A EXPOSIÇÃO. Ou assim fazemos, ou tiramos o artigo, ou o repetimos; não há fugir.

Muitas vezes temos visto: A corrida partirá da "A Gazeta", artigos vendidos pela "A Exposição". Há estranheza nesse proceder? Nem estranheza nem inconveniência, e teríamos então: Fui ao "O Estado" — com a mesma naturalidade com que já vimos: Tudo se vende através dos classificados do "O Estado de S. Paulo" — "...*pele* importante O Estado de S. Paulo" — "Se o próprio O Estado de S. Paulo..."

O que causa estranheza é ver num mesmo trecho esta duplicidade de comportamento, ocasionada pela ortografia oficial: "Em seu discurso de saudação e agradecimento, o diretor de "O Estado" acentuou a solidariedade das gerações, a qual permitiu ao "Estado" continuar cem anos a mesma luta". Lá, escrito o que não se profere; aqui, dito o que não se escreve, pois o nome do jornal é "O Estado" e não somente "Estado".

Ou se escreve "a O ESTADO", "d'O ESTADO", "n'O ESTADO", "pel'O ESTADO" (estamos escrevendo "O ESTADO" como abreviação de "O ESTADO DE S. PAULO", e não somente ESTADO) ou aceitamos "ao O ESTADO", "do O ESTADO" etc. O que não se pode é escrever o que não se diz ("per O ESTADO") e o que não existe ("ESTADO").

O. K. - Tenha vindo de onde quer que seja — várias são as origens inventadas — esta sigla, que se pronuncia *ouquiê*, nasceu nos Estados Unidos e internacionalizou-se para expressar a aprovação de uma idéia, de um procedimento, de um trabalho, de um documento. Corresponde ao nosso "certo", "perfeito", "está bem"; é usada na linguagem falada e pode-se dizer que em certas cidades brasileiras é mais empregada que entre os norte-americanos, e de tal forma que só falta criar, à inglesa, o verbo "ouquiar" para substituir *aprovar*.

O mais das vezes - A redação normal é "o mais das vezes", onde *mais* está empregado de maneira neutra, substantivamente, como se fosse "o máximo", "o maior número", "a maior porção". V. *o mais de*.

O mais de - Na expressão "o mais das vezes", *mais* significa "o maior número", "a maior porção"; outros exemplos: "Viviam *o mais do* tempo juntos" — "Passei *o mais da* tarde repousando".

O mais possível - É errado construir "As leis sociais tornaram-se as mais avançadas possíveis". Que concordância é essa? Que tem que ver a locução adverbial "o mais possível" — invariável como todo o advérbio — com o gênero e com o número do substantivo *lei*? A locução é invariável porque é adverbial; é adverbial porque modifica o adjetivo *avançadas*, e não o substantivo *leis*. O certo será: *As leis sociais tornaram-se o mais avançadas possível* — ou, noutra ordem: *As leis sociais tornaram-se avançadas o mais possível* — ou ainda: ... *o mais possível avançadas*.

Não devemos redigir: "Estes são os alunos mais atrasados possíveis" nem: "Estes alunos são os mais atrasados possível".

Notemos que em qualquer dessas orações entra a locução adverbial *o mais possível*, locução que não poderá variar, seja qual for a ordem de seus termos, isto é, o *o* deverá ficar sempre no singular, como deverá ficar o *possível*: "Estes alunos são o mais atrasados possível" — "Estes são os alunos o mais atrasados possível" — "Pintam quadros o mais belos possível", podendo ainda variar a expressão: "Estes alunos são quanto possível atrasados" — "Pintam quadros quanto possível belos". V. *possível*.

Ó, Oh! - O "ó" que entra facultativamente no vocativo não admite depois de si o ponto de exclamação: "Ó menino, não faça isso" — O *ó* de apelo não deve ser confundido com o *oh!* de admiração; outro será o tom em que iremos profereir a frase "Oh! menino", pois este *oh!* é agora de admiração; admite e requer o *h* e o ponto de exclamação: "Oh! que maravilhosa!"

O meu cavalo branco - É infundado ensinar que os possessivos

não admitem artigo. As regras de gramática são sempre posteriores aos fatos e nisso está o seu valor. O gramático compila exemplos, expõe-os, estuda-os e tira a conclusão; esta conclusão é a regra. Claro está que nos é impossível, sempre que uma dúvida nos assalta, folhear clássicos e modernos, em busca da solução. Recorremos a uma gramática, confiantes na probidade do autor.

O que de verdade existe sobre o caso é o seguinte: É da própria natureza do artigo individualizar o substantivo; uma vez já inteiramente definido o substantivo, ou seja, uma vez inteirada a sua significação, não lhe caberá, é claro, novo determinativo. Assim é que se não diz "O meu pai está doente", senão simplesmente "Meu pai está doente", por desnecessário acrescentar qualquer determinação. Não se diz sempre "Nosso Senhor", "meu Deus", "minha mãe"? Naturalmente especificadas, tais expressões não toleram o artigo definido. Por igual razão omite-se o artigo antes do possessivo nos tratamentos: *vossa mercê, sua senhoria* etc.

Examinásemos a expressão *meu filho*, veríamos já não se passar com ela o que se dá com *meu pai*; um único pai, diversos podem ser os filhos. *Meu filho, o meu filho* — são expressões distintas; antecedido o possessivo de artigo, a expressão ou denota a existência de um filho único ou especial, ou o distingue de filho ou filhos de outrem. Tão citado quanto expressivo, sirva-nos este exemplo de Vieira: "Os outros também eram filhos; não o negara Jacó; mas *o seu* filho era José. Vai muito de ser filho a ser *o seu* filho".

Citado por Álvaro Guerra, este trecho de Heitor Pinto, excelente modelo de linguagem quinhentista, vem muito a propósito: "A formosura da carne sói ser um véu para cegar *nosso* olhos, um laço para prender *os pés*, um visco para impedir *as asas*... Deleitam-se em *seu* próprio dano, querem bem a *seu* mal, trazem consigo a doce penção, o roubador *do seu* trabalho, a causa *do seu* perigo, o excitador *da sua* vaidade".

"Verifica-se por esses fragmentos — são palavras de A. Guerra — mais um caso de sincretismo sintático. Refiro-me à variabilidade dos quinhentistas quanto ao uso dos possessivos pronominais. Aqui os precediam do artigo; ali os empregavam sem ele; acolá os suprimiam da frase, para os substituir, tão somente, por aquele determinativo românico".

O que - Pode "o que" equivaler a *isto* em período como este: "Ele portou-se mal, *o que* muito me contrariou". "O que", neste caso, inicia oração coordenada.

Outros exemplos: "O artista caiu, *o que* não estava no programa" — "Meu filho tirou muito boas notas, *o que* a todos nós foi uma surpresa".

"O que?" - Embora comum no linguajar do povo e, mais ainda, encontrada em escritores, a forma "o que" como pronome interrogativo a iniciar oração interrogativa não é sintaticamente legítima porque o "o" nenhuma função fica exercendo na oração.

Também o espanhol luta com o popular interrogativo "el que". Somente quando posposto ao verbo é que o interrogativo admite o "o", necessário exclusivamente para efeito eufônico: "Fez ele *o* quê?" — "Mandou *o* quê?"

Iniciando oração interrogativa, o QUE mais casticamente deverá vir desacompanhado do "o", porque neste caso é sintática e eufonicamente inútil: "Que quer você?" — "Que há?" — "Quê?!" — V. *tudo o que*.

O tempora! o mores! - Locução latina que significa: Oh! tempos! oh! costumes! — Exclamação de Cícero com referência ao tempo em que Caílna engendrara atentados e traições.

Em que tempo vivemos! O tempora! O mores!

O, U - V. *Manuel*; V. *tábua*; V. *tossir*.

Oa, Ua (terminação) - V. *mágoa*.

Ob - Se em obrigação o *b* faz parte da sílaba em que está o *r* (*br*), em *ob-rogar* o *b* desliga-se do *r*, que agora tem som forte, de dois *rr*. Esse o motivo da imposição do hífen (Formulário Ortográfico, 46, 5, e) nessa e em mais quatro palavras: *ob-rogação, ob-rogação, ob-repção, ob-repção*.

A curiosidade está em que essas palavras já existiam em

latim e as pronúncias como formadas em português, ao passo que *obringente* e derivados se formaram dentro da nossa língua e nela entraram com a pronúncia do grupo *br* não condizente com a formação erudita. É o mesmo caso, ou melhor, a mesma dificuldade do *s* do grupo *bs*, que em *obséquio* (proveniente do latim) tem som de *z*, em *subsistência* (também já existente no latim) se faz ouvir *c*. O uso generalizado é que nos deve em tal caso guiar.

Obedecer - Este verbo é hoje usado exclusivamente com regência indireta: obedecer ao pai, às leis, obedecer-lhe. Conquanto seja atualmente transitivo indireto, admite o verbo *obedecer*, em virtude da arcaica regência transitiva direta, a construção passiva: "A lei foi obedecida".

Obedecido - Verbos existem, hoje transitivos indiretos, que admitem a passiva. Se a regência clássica de *obedecer* era a transitiva direta, na passiva era normalmente empregado: "Assi era venerado, obedecido e acatado, como se tivera inteira disposição para governar e mandar" (Francisco de Moraes, Palmeirim d'Inglaterra, cap. 167) — "Tanto que foi obedecido no Reino tratou de se casar" (Frei Bernardo de Brito, Elogios dos Reis de Portugal) — "Vendo-se obedecido, começou a quebrantar o povo com diversos gravames" (Jacinto Freire de Andrade, Vida de D. João de Castro).

Se o verbo *obedecer* tinha recipiente na ativa, nada mais admissível e de normal procedimento do que pôr esse recipiente como sujeito de oração passiva.

Com o correr dos anos e com a falta de escolas na proporcão dos nascidos, certos verbos mudaram de regência, mas a forma participial não foi excluída do nosso vocabulário nem de nossa sintaxe. Não é costumeiro empregar na passiva verbo que na ativa não tem recipiente, mas Camões não usou *ser nado*, *ser chegado*, *ser vindo*? Se "Aqui foi *foi nado* e criado" é construção que repetimos sem sobresalto sintático, se com naturalidade dizemos "Ele viveu dias horríveis", por que não admitir que se diga "Dias horríveis foram vividos por ele"?

Se geral não é a aceitação, verbos há, no entanto, transitivos indiretos, que aceitam a passiva, principalmente quando enquadrados no grupo dos aludidos no início do verbete: A missa foi assistida por muitas pessoas — O pai foi obedecido pelos filhos — A carta foi respondida no devido tempo — Ele foi perdoado por todos.

Objeção que fazer - Explanado já ficou o assunto nestas QUESTÕES VERNÁCULAS. Três maneiras existem de substituir o galicismo sintático "tenho uma objeção a fazer". Devemos corrigir a construção para uma destas formas: Tenho uma objeção para fazer — Tenho uma objeção por fazer — Tenho uma objeção que fazer. *Gr. M.*, 546, n. 1, b.

Obliquar-se - Este verbo, que significa caminhar obliquamente, de través, ou proceder maliciosamente, com dissimulação, conjuga-se regularmente: *obliqua* (ú), *obliquas* (ú), *obliqua* (ú), *obliquamos*, *obliquais*, *obliquam* (ú).

Óbolo - Tanto em grego quanto em latim a palavra traz o na penúltima sílaba e assim deve escrever-se em português.

Obrigado - V. muito obrigado.

"Obsedar" - Não é verbo do nosso vocabulário; os que o usam fazem-no por confusão ou com *obcecar* ou com *obsidiar*: "Demônios súcubos e incubos que a obsidiavam" (Camilo). Note-se que de *obcecar* o substantivo é *obcecação*; de *obsidiar* é *obsessão*.

Cândido de Figueiredo chamou tolo — "e com razão" acrescenta Vasco Botelho de Amaral — semelhante galicismo, que perfeitamente se dispensa com os verbos portugueses *obsidiar*, *importunar*, *enfasiar*, *incomodar*, *atormentar*, *preocupar*, *obcecar*, e até *espíar*.

Obsequiar - Deve ser conjugado regularmente: *obsequio*, *obsequias*... V. *alumio*; V. *negociar*.

Obséquio - Esta e seus derivados, juntamente com quase todas as iniciadas com o prefixo *trans* (*transação*, *transallântico*, *transato*, *transir*, *transe*, *transigir*, *trânsito*, *transoceânico*, *transurânico*), são as poucas palavras em que o *s* tem som de *z* apesar de não vir entre vogais. Cabe aqui a mesma observação feita

no verbete *ob*: O uso generalizado é que nos deve em tal caso guiar.

Obsoleto - Com *o* inicial. *Ob* é prefixo latino que no caso indica oposição, contrariedade; *soleto* prende-se à origem do nosso verbo *soer*, costumar. É *obsoleto* o que é contra o uso, o que é antiquado: vocábulos *obsoletos*. O *o* tônico, de acordo com a pronúncia nossa, tem som fechado: *ob-so-lê-to*. Derivados: *obsoletismo*, *obsoletar*.

Obstar - Exigem cuidado de conjugação verbos em que na última sílaba ocorrem grupos consonantais como *gn* (dignar-se, indignar-se), *pt* (optar), *ps* (eclipsar), *tm* (ritmar), *bst* (obstar); em verbos assim terminados nenhuma vogal se irá acrescentar entre essas consoantes; o acento tônico das formas rizotônicas é na vogal que as antecede: ele se indigna, ele ópta, ele ritma, ele eclipsa, ele óbsta.

Obstrui, Obstruem - Com exceção de *construir* e *destruir*, os verbos em *uir* são regulares, o que significa que o *u* do tema permanece em todas as formas verbais: "É bastante remota a possibilidade de concluir hoje a tarde a remoção das rochas que obstruem a pista do km 44". 468. V. *bulir*.

Obstrutivo - Temos *abstrusivo* e *obstrutivo*; de *abstrusivo* (do v. *abstruir*, dissimular, ocultar; tornar incompreensível) o substantivo é *abstrusão*; de *obstrutivo* (do v. *obstruir*, embaraçar, impedir), *obstrução*. Coisa *abstrusa* é coisa de sentido obscuro, de difícil compreensão; daqui o advérbio *abstrusamente* (incompreensivelmente, reconditamente).

Oceânia - V. *Etiópia*.

Ocipode - V. *ápode*.

Octocampeão - Quem vê no dicionário as palavras *octaédrio*, *octacórdio*, *octâmetro*, *octandro* pode julgar dever dizer *octacampeão*. *Octa* é de fato variante (no dizer de José Inez Louro "forma acessória") de *octo*, mas no grego, não em português. Enquanto o grego tem as formas paralelas *octápus* e *octópous*, o português adota somente *octo* sempre que a formação se opera dentro do vernáculo: *octovalva*, *octossépalo*, *octopétalo*, *octomado*, *octodécimo*, *octopolar*, *octovalente*; o elemento agora tem a forma latina: *octocampeão*.

O quadro foi *tetracampeão*, *pentacampeão*, *hexacampeão*, *heptacampeão*, a seguir *octocampeão*, para depois, com a nona vitória, voltar a ter a no epíteto: *enecampeão* (com acento tônico secundário no *e* inicial).

Octofilo - Com acento tônico no *i* é a palavra, proveniente do grego *octophyllon*, oito folíolos. V. *monofilo*.

Óculos - "Comprei uns óculos", e não "comprei um óculos". "Meus óculos são bons", e não "meu óculos é bom". Quando empregada no plural, no plural exige a palavra os adjuntos.

No singular tem, além de significação comum de *óculos*, a de qualquer instrumento de ótica com que se auxilie a vista (binóculo, microscópio, telescópio...) e ainda outras. Existe ainda como elemento componente; junta-se ao segundo sem hífen: *oculomuscular*, *oculozigomático*.

Odeão - V. *Decamerão*.

Odi profanum vulgus - Expressão das Odes de Horácio; significa "Desprezo os aplausos do público vulgar".

Odiar - *Odio*, *odias*, *odía*... *odíam* — é a conjugação. V. *incendiar*.

...**odo** - *Odo*, proveniente do grego *hodós* (caminho), começa por "o" breve; quando segundo elemento de composto, não pode ser acentuado; o acento recua para a sílaba imediatamente anterior: *período* (em torno do caminho), *método* (através do, depois do caminho), *exodo* (caminho a fora). Igual é o acento de *ánodo* (caminho acima) e de *cátodo* (caminho abaixo), palavras que devem rimar com *elétrodo*.

Odol - Pasta dentifíca que teve grande aceitação em certa época foi a que trouxe esse nome; tão grande que um alfabetado lexicógrafo a encaixou em seu dicionário como simples nome comum, antecedida de um asterisco indicador de não ter sido antes registrada em nenhum outro trabalho do gênero: *Odol*, m. Solução alcoólica de mentol, salol etc., para tratamento dos dentes e da boca.

Só a precipitação justifica a apresentação em dicionário de nomes que tais, privativos de um fabricante cioso de marcar de maneira clara e imponente um produto de sua criação.

O simples fato de outros dicionários não consignarem um vocábulo denotador de produto de indústria deve despertar no lexicógrafo a suspeita de nome de fábrica, de nome comercial, de nome registrado, privativo.

Dicionário de um idioma não é catálogo de produtos de fábrica. Estes poderão tornar-se populares quando cercados de características que os distingam e ao mesmo tempo os tornem de aceitação e uso generalizados. É o caso de *creolina*, nome tão propalado que poucos o sabem ser meramente comercial e não apelativo comum. O nome entrou no idioma, mas não é do idioma. Qual então o cuidado do dicionarista que nele vê a aceitação por parte de todos? Simplesmente o de fazê-lo seguir da especificação "nome comercial" ou "marca registrada" (É o "trade-mark" que se vê em dicionários ingleses), cuidado que encontramos em todo o dicionário de responsabilidade de qualquer idioma. É o que vemos em Webster ao dar nomes como "winchester"; é sua primeira preocupação dá-lo com inicial maiúscula (não é nome comum); fá-lo seguir do especificativo "rifle" para só então dar a definição, ainda assim antecedida do esclarecimento "after Oliver F. Winchester".

Popularmente há quem diga "comprei uma winchester marca Bereta", o que faz rir a quem lida com palavras mais do que a quem conhece armas. E assim: *creolina* Júpiter, *sórmica* Monumento, *gilete* Fio Invisível. São atrevimentos de ordem comercial, mas acontecimentos inevitáveis de ordem idiomática.

Odômetro - Dada a existência em nosso idioma de palavras que já nos vieram compostas do grego nas quais não aparece nem pode aparecer *h* antes do elemento *odo* (*período* é delas a mais usada), ficou esquecido o espírito áspero da vogal inicial da palavra grega *odós*, cuja transliteração deveria trazer um *h* inicial quando primeiro elemento do composto. O esquecimento se consagrou; esse e outros compostos nossos dicionários trazem sem o *h* inicial; limitando-se a dizer alguns lexicógrafos, no fim do verbete *odômetro*, que melhor grafia seria *hodômetro*, esquecem-se de dizer o mesmo em *odogênese*, *odografia* e em outros; o esquecimento do *h* só não é real nos etimólogos; nos lexicógrafos e na escrita comum é completo. V. *anodo*.

Odontópode - V. *ápode*.

Oe (em compostos) - V. *hidroelétrico*.

Oficial - Muitos significados tem esta palavra, mas, a seguir vocabulários oficiais, seu feminino é sempre *oficiala*, a exemplo de *generala*, *marechala*.

Ofídio - V. *ídio*.

Ofrídio - V. *ídio*.

Ogano - É advérbio, de pouco ou nenhum uso, que tem sua razão de ser; como de *hac hora* tivemos *agora*, de *hoc anno* tivemos *ogano*, que significa "neste ano": "...como *ogano* se fez". 68.

Oh! - A pronúncia desta interjeição é *ó*, aberto: *Oh! miserável!* — A pronúncia "ô miserável", "ô desgraçado" é proveniente do sul, por influência alemã. V. *ó*, *oh!*

"Ohm" - Proveniente do nome de um físico alemão, a palavra já se encontra em dicionários portugueses e brasileiros sob a forma *ônio*; o aparelho que o mede é *oniômetro*.

Oiço - É tão certo quanto *ouço*. V. *ouço*.

Oiraponga - V. *araponga*.

Oiro - V. *ouço*.

Oito dias - Coletivo: *oitava* (espaço em que a Igreja celebra alguma festa solene).

Oleaginoso - A palavra não é formada do vernáculo *óleo*, senão proveniente do latim *oleágina*, que significa "oliveira", acrescentado do sufixo *oso*. O próprio latim tem os derivados *oleagíneus* e *oleáginus*; não há pensar, pois, em *o* antes do *g*.

Óleo - Com *e*; temos *ólio*, é verdade, mas indica uma aranha grande, africana, o que não satisfaz a ninguém. V. *azeite*.

Olho - No plural o "o" é aberto.

Olhos vistos - V. *a olhos vistos*.

Oligúria - O sufixo *ia* dessa palavra é vernáculo, ou seja, o vocábulo se formou dentro do nosso idioma, razão por que

o acento deve ser no *i* (gr. *oligos*, pouco; *oúron*, urina). E tão errado dizer *oligúria*, quanto seria errado acentuar "oligárquia".

Olimpiada - V. *macabiada*.

Olistópode - V. *ápode*.

Oliveira - Se *oliveira* é nome tanto da árvore quanto da própria fruta, correta é a expressão *árvore de oliveira*; não há razão em exigir que se diga *azeite de oliva* em vez do corrente e correto *azeite de oliveira*. Acrescente-se, ainda, que *oliva* não é o vocábulo mais usado, e sim *azeitona*; não teria graça a expressão *azeite de azeitona*. Ainda que o azeite não seja português, *azeite de oliveira* é português legítimo.

Olmo, Ulmo - Até que o uso se firme numa delas, existem as duas formas paralelas: *ulmo*, erudita, e *olmo*, popular. Enquanto de *olmo* temos *olmeiro* (erva *olmeira*, barba-de-bode), de *ulmo* temos palavras de feição e uso eruditos: *ulmáceas*, *ulmáceo*, *ulmária*.

"Ombridade" - V. *hombridade*.

Ômega - Quer de som fechado, em virtude do circunflexo imposto por regra ortográfica, quer de som aberto (*ômega*), o *o* inicial é que tem o acento tônico da palavra; é breve o *e* da penúltima sílaba. 104.

Omicró - V. *epsilo*.

Ônio, Omíômetro - *Ônio* é o aporuguesamento, já consignado em dicionários, de *ohm*, unidade de resistência elétrica; o aparelho que a mede é *oniômetro*.

Ômia mea mecum porto - Expressão latina que significa "todas as minhas coisas estou levando comigo", palavras com que Bías, um dos sábios da Grécia, deu a entender aos que lhe perguntaram se nada levava ao fugir da pátria cercada pelo inimigo que o que ele tinha de precioso era o seu saber.

Ômia vincit amor - Expressão latina que significa "o amor vence tudo". Virgílio (Ecl. X, 169) continua: "Et nos cedamus amori" (e nós devemos ceder ao amor).

Omnis homo mendax - Trecho do salmo 120 que significa "todo o homem é mentiroso". Adverte-nos quanto à falácia geral do ser humano, mas Voltaire diz que é próprio do espírito humano exagerar e que talvez nesse sentido se tenha o salmista expressado.

Onça - Voz: *esturro*, *esturrar*, *míar*, *rugir*, *urrar*.

Onda - Barulho: *bater*, *bramir*, *estrondar*, *murmurar*.

Onde, Aonde - *Onde* indica estada, permanência "em" um lugar: "Não sei *onde* (em que lugar) você o encontrou". *Aonde* indica movimento "para" um lugar: "Sei *aonde* (para que lugar) queres ir" (§ 525, n. 8).

Onega - É paroxítono o nome deste rio: *O-né-ga*.

...**ônio** - V. *ônio*.

Ônix - Não confundir com a palavra *onixe*, empregada em medicina e pronunciada *ônice*; a palavra *ônix*, empregada em mineralogia, pronuncia-se *ônics* e tem forma igual para o singular e para o plural dado o som de *cs* do *x*, como acontece com *tórax*. § 223.

Ônus - Palavra usada na própria forma latina para indicar *peso* e, figuradamente, *encargo*, *obrigação*, *gravame*, *imposto*. A forma é uma só para o singular como para o plural: *o ônus da prova*; *ônus reais*. São seus derivados *onerar*, *exonerar* e outras palavras formadas com o radical latino.

Nada de pensar em *ônera*, à latina, para o plural; *ônus*, *ônibus*, *bônus*, *câmpus* são formas para ambos os números em português.

Onus probandi - Locução latina, de grande emprego na linguagem jurídica, significa "obrigação de provar". É ao afirmador ou acusador que compete o *onus probandi*: *onus probandi ei qui dicit*, o *ônus* da prova compete a quem alega.

Oôcito - Por ser breve a vogal da penúltima sílaba, a palavra é proparoxítona.

Oosfera - Por ser longa a penúltima sílaba, a palavra é paroxítona.

Op (abreviatura) - V. *opus*.

"Open door", **Ingresso livre** - Traduza-se o inglês *open door* por *ingresso livre*, *admissão livre*, sempre com o cuidado de fazer com que o substantivo venha antes do adjetivo, pois esta é a

colocação regular da sintaxe portuguesa.

"Open market", Mercado aberto - *Mercado aberto* é a tradução que se vem firmando para substituir o anglicismo "open market", designação do mercado que tem por objeto obrigações reajustáveis ou letras do Tesouro Nacional. Encontra-se já a expressão no Relatório da Gerência da Dívida Pública e já existe uma associação em cujo nome figura a forma vernácula: Associação Nacional de Dirigentes de Mercado Aberto.

Cabe aos meios de informação, mormente à imprensa, aderir à boa vontade que estão demonstrando os profissionais dessa atividade financeira em expurgar nosso idioma de estrangeirismos que o pejoram e nos humilham cada vez mais.

Opímo - Uma vez longa a penúltima vogal da palavra latina *opimus*, nela cai o acento em latim e em português. Se algum dicionário português traz *opímo*, a culpa será provavelmente do revisor; de qualquer forma, não se deixará engodiar quem tiver mais de um dicionário português ou pelo menos um de latim. É falso dizer que Aulete traz o vocábulo com acento proparoxítono; é preciso saber ler a pronúncia figurada que entre parênteses vem depois das palavras; a sílaba em itálico é que é a tônica; os demais acentos são sinais que discriminam a pronúncia, aberta ou fechada, das vogais, nunca põem o ictus, a tonicidade.

Opor veto - Se a quem legisla nem sempre constitui surpresa o veto, sempre causa estranheza a quem conhece um pouco de português que legisladores digam "apor veto". Assim não se diz, senão "opor veto" e, de igual forma, "um veto é oposto a um projeto de lei", nunca "aposto". É "aposto" o que vem junto, o que é acrescentado. O que contraria *opõe-se*, e não *apõe-se*.

O fato de jornais estarem empregando "apor veto" não deve levar-nos a imitá-los. Se não querem empregar o verbo "vetar", neologismo brasileiro muito bem formado, dele não fujam para a tolice de dizer "apor veto". Um veto se *opõe*, como se *opõe* um embargo.

Abramos alguns dicionários:

Aulete — "Vetar", v. tr. (neol. bras.) *opor veto*.

Melhoramentos — "Vetar", v. tr. dir. *opor* o veto a.

Laudelino — "Opor" — 14: oferecer em juízo (embargos): *Opor* embargos à sentença.

Um embargo não se *apõe*, mas *opõe-se* a uma sentença, como se *opõem* razões a um despacho, como se *opõe* um veto a um projeto de lei.

Apor é outra coisa; *apõe-se* um selo, *apõe-se* uma estaca, *apõe-se* uma assinatura: O governador após a assinatura ao documento — Ordenci que se apusesse a essas convencões a assinatura dos Estados Unidos.

Se não queremos abrir dicionários de outros idiomas, abramos pelo menos os do nosso.

Opróbio - Palavras há de grafia comprometedoras para muita gente menos avisada; nestas que se seguem há dois *rr*, a saber, um *r* numa sílaba, outro noutra: *opróbio* (e não *opróbio*), *exprobração* (e não *exprobação*), *fragrância* (e não *fragância*), advertindo-se que da última existe o parônimo *flagrância* (evidência, estado do que é flagrante).

Optimate, Optímata - A palavra existe no singular em latim (*óptimas, optímatis*) e o darem nossos dicionários geralmente só o plural deve-se a mera coincidência de geralmente no plural ser a palavra empregada; isto porém não exclui a existência de uma forma singular, e o vocabulário oficial de Portugal no singular é que a consigna.

O problema está na vogal final. Se o latim *magnates*, ou *magnatus*, deu-nos *magnata*, forma que suplantou *magnate*, *optímata* parece não estar ficando atrás na preferência.

Opus - Palavra latina empregada universalmente em música, abrevia-se *op.* e significa *obra*; tem por fim designar um trabalho ou uma composição. O autor possui seus trabalhos divididos em *opus*, que se numeram de acordo com a época de publicação, englobando músicas (baladas, fugas, operetas, romances, sonatas etc.) do mesmo gênero. Tal distribuição é feita, o mais das vezes, pelo editor, para efeito de cata-

logação das composições de um mesmo autor. Dizendo: "Schumann, op. 46" — referimo-nos à primeira coleção de romances e baladas de Schumann; se "op. 118", às suas "Três sonatas para piano".

Op. cit. é abreviação usada também em literatura, para referir-se a uma obra já citada.

...*or*, ...*ouro* - V. *coradouro*; V. *acostadouro*.

Ora... ora... - Com o significado de já uma, já outra vez, o *ora* repetido não se liga por *e*: "Ora vão atrás todos, ora avante, movimento ao das ondas semelhante" — "Ora dum lado os lassos membros volve, ora do outro" — "Ora a pé, ora a cavalo" — "Ora em idílios, ora em fantásticos romances, ora em tragédias gloriosas".

Oração infinitivo-latina - A sentença "Leve brisa faz oscilar os ramos" é exemplo de oração infinitivo-latina. Certos verbos, como *deixar, fazer, mandar, ouvir, sentir, ver*, podem ter como objeto direto um infinitivo, infinitivo este que, por sua vez, tem seu sujeito especial, diferente do sujeito do verbo *deixar, fazer, mandar* etc. Na sentença apresentada, *leve brisa* é sujeito do verbo principal *faz*; este tem por objeto direto o infinitivo *oscilar*, infinitivo que tem por sujeito o substantivo *ramos*.

Essa é a análise, simples e verdadeira, da sentença. Vêm agora os complicadores do idioma e dizem que o presente caso constitui exemplo de "anfibologismo", atribuindo ao substantivo *ramos* dupla função: uma de objeto direto de *faz*, outra de sujeito de *oscilar*.

Ensinar português não é ensinar coisas inúteis nem, menos ainda, falsas; análise sintática que contraria fatos não pode chamar-se lógica; se objeto direto é resultado de ação, como poderemos admitir que *ramos* seja objeto direto de *faz*, quando nunca brisa nenhuma fez ramos? É falsa essa análise tanto quanto falso e irrisório é analisar *criança* como objeto direto no período "O médico fez a criança andar".

Se dissessemos "Leve brisa faz que os ramos oscilem" — empregando oração finitiiva em lugar de infinitiva — onde iria parar o tal "anfibologismo", e como analisaríamos a frase "que os ramos oscilem" senão como objeto direto? Pois é também essa a análise de toda a oração infinitiva "oscilar os ramos", não havendo aqui objeto direto constituído deste ou daquele termo, senão que a oração infinitiva inteira constitui objeto direto de *faz*; *ramos* é, única e exclusivamente, sujeito do infinitivo *oscilar*. É verdade que podemos dizer "Leve brisa fê-los oscilar", mas pelo fato de nessa oração aparecer o pronome na forma oblíqua não nos devemos deixar enganar na sua análise, atribuindo-lhe função objetiva. Trata-se, exclusivamente, de um latinismo sintático, onde subordinadas substantivas levam o verbo para o infinitivo com o respetivo sujeito no caso acusativo. Essas orações são exemplos de orações infinitivo-latinas, ou de orações de sujeito acusativo. § 652.

Professor que diz ser objeto direto o *o* do período "Fi-lo passar" deve mudar de profissão ou ensinar língua que não seja neolatina nem inglesa; na Inglaterra e nos Estados Unidos qualquer professor de qualquer matéria sabe o que é *sujeito acusativo*, construção que em inglês é ainda de mais largo uso que em português (§ 652).

Mais uma observação: Em orações de sujeito acusativo o infinitivo não costuma flexionar-se; só a corrupção da língua explica personalizações como estas: "Mercado inseguro faz preços *caírem*" — "Mandei os homens *procurarem* o companheiro". A construção legítima — e usual entre os que escrevem e lêem português de lei — é a destes exemplos: Os raios matutinos faziam *alvejar* os turbantes — Viram *desaparecer* os godos — Fazei-os *parar* — Vendo (eles) *voltar* ante si as imagens risonhas do opróbio — Mandou-os o Senhor *pregar* pelo mundo — Deixai *vir* a mim os pequeninos — Napoleão viu seus batalhões *caír* — Vi os navios que partiam *desaparecer* no horizonte. § 920.

Oratório - V. *lugares de culto*.

Ordem inversa - "Ganhe um momento o que perderam anos". Neste verso de Bocage, *momento* é sujeito de *ganhe*, e *anos*

sujeito de *perderam*. O que se perdeu durante vários anos seja recuperado num momento.

Não conseguir analisar os termos essenciais de uma oração é não compreender-lhe o significado; igualmente, entender o que diz um poeta é impossível a quem não consegue pôr um verso na ordem direta ou, o que é dizer o mesmo, a quem não percebe a função das palavras que o constituem. § 790.

Ordem Superior - Variando quando empregado substantivamente (a *superiora* do colégio), *superior* permanece genericamente invariável quando adjetivo: Ela é *superior* a mim — Ordem *superior*.

Ordenação jurídica - *Ordenação* é que é a palavra usada em linguagem forense. Do latim *ordinare* (dar ordem, instruir), o substantivo *ordinatio* deu-nos *ordenação*, geralmente tomado no sentido de mandado, ordem, determinação; juridicamente é empregado para indicar lei, decreto, regulamento, alvará, e neste sentido é que vemos a palavra em *Ordenações Manuêlinas*, *Ordenações Afonsinas*, *Ordenações do Reino* etc.

A palavra existe com outros sentidos, mas na linguagem jurídica ela é que se usa, e não *ordenamento*, que se emprega em outros casos e às vezes se encontra por *ordenação* por influência do italiano e do espanhol; o certo em nosso idioma é: "A *ordenação* jurídica conduz à ordem jurídica" (*ordenação* aí está por conjunto de normas ou de leis jurídicas).

Ordinais - V. *numerais cardinais por ordinais*.

Orégão - Existe em nosso idioma como nome comum, designativo de certa labiada; poderemos empregar também como nome próprio, para designar o estado americano "Oregon"? A verdade é que o étimo do nome desse estado é desconhecido.

Orelha, Ouvido - Hoje é difícil aceitar *ouvido* por *orelha*. Sem entrar em discriminações científicas — é claro que a anatomia, como as demais ciências, emprega palavras com acepções restritas a seu campo — podemos afirmar que a todos estranharia o indivíduo que dissesse: "Puxei-lhe o ouvido" — "Fazer orelhas de mercador". Fazemos ouvidos de mercador, e de um garoto puxamos as orelhas. Quem hoje se aventuraria a dizer "comer ouvido de porco"?

Orfeão - *Orfeão* já está em nossos dicionários para substituir a forma francesa.

Organdi - Forma já consagrada, oxitona, para indicar certo tecido.

"**Organizacionalmente**" - Não foi em sonho que vimos a palavra senão em projeto de companhia comercial: "... ficarão *organizacionalmente* subordinados à divisão de...".

Nem por ter estrutura orgânica ou necessária sistemática passa uma sociedade comercial a ter divisões "organizacionais". De *tradição* temos *tradicional*, e deste *tradicionalmente*; de *organização*, porém, temos o verbo *organizar*, do qual o adjetivo é *organizável* (de possível organização), e deste o advérbio *organizavelmente*; se o caso não for de "possível" mas de "real" organização, o advérbio será *organizadamente*, tirado da forma participial *organizado*: "...ficarão *organizadamente* subordinados à divisão de...".

A aceitar hoje a extravagância, teremos amanhã "admissionalmente" por *admitidamente*, "adversacionalmente" por *advertidamente*, "atencionalmente" por *atentamente* e outros derivados espúrios. Palavras portuguesas não podem nascer como filhos no Brasil; exigem um mínimo de critério além de interesse de havê-los; nenhuma das duas coisas encontramos nessa oração, nem uma terceira, seriedade, pois o filho não é de português senão de inglês. Porque o inglês diz "conversational English" passaremos a dizer "inglês conversacional" em vez de "inglês de conversação", e, depois, "... quando estávamos *conversacionalmente* tratando do assunto"? Nem aqui nem lá é necessário advérbio algum, muito menos esquipaticamente formado.

Se é para falar língua disciplinada de quem teve sete horas diárias de curso primário, língua em que não há "vi ele", "mandei ele estudar", "já te disse que *você* precisa prestar atenção", "não tem jeito", troquemos de vez de meio de

comunicar nossas idéias, mas... o inglês correrá o risco de se ver corrompido em nossa terra por acadêmicos que lhe venham tirar os cás, os dábluis, os ípsilons, os peagás, as letras dobradas e abarrotar-lhe as palavras de acentos para que possam ser lidas e copiadas pelos diplomados do MOBRAL; não só por acadêmicos senão ainda por professores que, em testemunho de seu desmazelo, passam a propagar que no Brasil precisamos de "comunicação" e não de língua.

Órgano - Quando primeiro elemento, junta-se ao segundo de um composto sem hífen: *organografia*, *organograma*. Observe-se que a sílaba subtônica do composto é a primeira: *órganograma*.

Órgão (parte de um organismo) - Coletivo, quando concorrem para uma mesma função: *aparelho*, *sistema*.

Orião - Forma preferível a "Orion"; já está no vocabulário de Portugal e começa a aparecer entre nós.

Orientação do aluno - Não há necessidade de trocar a segunda preposição de por a na oração "As universidades adotam sistemas de orientação psicopedagógica e pedagógica dos seus alunos". É evidente que o genitivo é aí objetivo; quando ouvimos falar em "adoração do bezerro de ouro" não pensamos em trocar de por a. Assim foi e assim deve continuar a ser a construção: "Batalhou na defesa dos princípios" — "Os pais devem cuidar da educação dos filhos" — "Seminário sobre orientação e tutoria dos alunos" — "A instrução deve ser complementada com a devida orientação do aluno". § 677.

Orleães - Aportuguesamento mais fácil do nome da cidade francesa: Gastão de *Orleães*, *Orleães* de Bragança.

Orquídea, Orquidácea, Orquidário - Com louvável intuito de coerência, nossos dicionários vêm trazendo o radical *orquid* nos compostos relativos à família das quase mil e seiscentas espécies de flores que de forma surpreendente adornam as nossas matas. Aceito esse radical, devemos escrever *orquidófilo*, *orquidólogo*, *orquidologia*, com um *o* de ligação antes de elementos gregos. A adoção desse radical faz-nos esquecer qualquer outra vogal de ligação quando seguido de sufixo iniciado por vogal: *orquidáceo* (adj.), *orquidácea* (subst.), *orquidário*. Seguido de um elemento latino iniciado por consoante, exige *i* como vogal de ligação: *orquidifloro* (acento subtônico na sílaba inicial: *órquidiflóro*).

Ortoepia - Com o acento tônico no *i*, de acordo com o étimo grego.

Ortografia - Décênios atrás, reformas e reformas com o escopo único de vender vocabulários fizeram com que ninguém soubesse qual a ortografia em vigor no Brasil, nem o povo, nem os reformadores, nem o próprio ministério da educação, cujo titular declarara em princípio de março de 1948, respondendo a uma consulta, que sistema ortográfico nenhum se poderia considerar oficialmente em vigor enquanto o congresso não se pronunciasse a respeito ou dando o referendo a um dos sistemas anteriores ou elaborando outro. O congresso nacional aprovou em princípios de 1952 o sistema ortográfico de 1945, mas um inteligente senador o declarou inconstitucional, acrescentando no parecer que também inconstitucional era o sistema de 1943. De volta o assunto para a câmara, os mesmos deputados que haviam aprovado o de 45 aprovam então o sistema, já declarado inconstitucional, de 43, e o fazem por unanimidade! Até editores conseguiram fazer valer seus interesses, meramente materiais, nitidamente egoísticos e, por isso mesmo, inteiramente falsos, nesta segunda e contraditória decisão.

O característico principal do sistema de 43 estava na obrigatoriedade do acento circunflexo nos homógrafos fechados: *êle, êste, êsse, aquêle, portuguêsã, albúco, Rebêlo, póto, tãda, nôvo* etc. Não foi possível que, por um rasgo de inteligência e de sorte, pelo menos nesse particular o sistema de 43 sofresse emenda, e o professor de português passou a ter por função quase exclusiva ensinar bobices e incongruências de sinais diacríticos, sujeitas a modificações de um momento para outro.

Os anos se passaram. O circunflexo nos homógrafos fechados constituiu motivo de brincadeiras e de levandades: dicionaristas e professores procuraram fazer "descobertas" de palavras que deveriam trazer esse enfeite. Também nós entramos na brincadeira, acentuando o substantivo "lêtra", dada a existência do verbo *letrar*. O assunto de tal forma fermentou que na seção livre do "O Estado de S. Paulo" de 14 de junho de 1967 foi publicado nosso ressentimento ao leviano proceder de perturbadores do ensino do nosso idioma. Foi então que dissemos que a ortografia acadêmica de 43 era para semialfabetizados que podiam confundir o substantivo "máquina" com a forma verbal "maquina", para distraídos que podiam confundir o nome próprio "Rebello" com a forma verbal "eu me rebello", para contraditórios que em "avôzinha" viravam no avesso o agudo de "avô" e não aplicavam o mesmo tolo argumento para de cabeça para baixo virar o circunflexo de "avô" em "avôzinho". Os vezeiros reformadores de ortografia não descobriram isso. Longe de nós a pretensão de afirmar que a publicação desse ressentimento tenha posto água na fervura, mas o fato é que de duas diferentes fontes do próprio congresso nacional soubemos que havia exercido pesada influência sobre os nossos representantes.

Mais dois pares de anos se passaram, e o famigerado circunflexo foi abolido. Professores que levaram a sério as malfadadas e deprimentes reformas ortográficas de outras épocas têm agora mais tempo para ensinar a empregar nossas palavras no período em vez de ensinar a enfeitá-las com essa sorte de sinal diacrítico. Seus alunos continuem a aprender a pregar botões, mas em aulas de trabalhos manuais, não em aulas e em livros de português.

Os Estados Unidos - V. *Estados Unidos*.

Os Milhares - Não tenhamos dúvida em redigir "A exemplo dos milhares de pessoas que se perguntavam". O substantivo *milhar* é masculino, sempre masculino. Outros exemplos: Em virtude dos milhares de razões que lhe expus — *Alguns milhares de mocas* — ...nesses milhares de oportunidades que se apresentaram — ... não se fala senão por milhares delas — O segundo ocuparam os elefantes, ficando quase impedidos os de cavalo com tantos milhares daquelas acasteladas feras — A velha sentia tais baques na cabeça e via tantos milhares de estrelas...

São culpados do gênero feminino os que jogam no "bicho", para os quais o gênero feminino de "dezena" e de "centena" não deixa ver outro gênero para "milhar".

Os... Os Mais - Constitui galicismo fraseológico repetir o artigo em expressões superlativas (...os homens os mais sábios); ou se diz: "Conheci homens os mais sábios" ou: "Conheci os homens mais sábios" ou: "Conheci os mais sábios homens".

Os que - É estranhável o freqüente emprego de "aquele que" em lugar de "o que". Não se deve dizer: "Fulano ataca aqueles atos do governo que favorecem...". O certo é "... ataca os atos que favorecem". O "those" da língua inglesa está prestando para confirmar o italianismo. Tradutores desavisados traduzem essa palavra quase invariavelmente por *aquele*, o que não é correto, pois constitui italianismo o emprego contínuo de "aquele que" em vez do castiço "o que".

Embora constitua italianismo o invariável e contínuo emprego de "aquele" por "o" ("Este livro é o que procurava", e não "...aquele que procurava"), casos há em que ou a eufonia ou a clareza não nos permite a fuga da primeira construção: "Este homem é aquele a que me referi" (de difícil pronúncia, antieufônica é a forma "é o a que") — "A indenização que me querem atribuir não é aquela a que tenho direito". É essa a forma possível, e não esta, dura de pronunciar e de ouvir: "... não é a a que". Outro exemplo: "Consoantes chiantes são aquelas cujo som produz chiado", e não: "...as cujo".

...oso - V. *insultuoso*.

Oso - No plural o "o" é aberto.

Otomano - É paroxítono: *oto-mã-no*.

Ou - Quando o sujeito composto é ligado por *ou*, o verbo:

a) ficará no singular se houver exclusão, isto é, se não for possível a ação conjunta dos dois sujeitos: "O pai ou o filho será eleito presidente" = "Ou o pai ou o filho será eleito presidente" (caso seja eleito um, o outro não será) — "Ou um ou outro sairá certo";

b) irá para o plural se a ação couber a todos os sujeitos: "O bacharel formado ou o pároco pensionista podem ser oficiais do Registro Civil" — "É claro que a ventura ou a desdita residem nos objetos com os quais nos pomos em contato" — "A chameca ou paul não se convertem em vinha" — "...cuja prorrogação ou cancelamento deveriam ter sido solicitados".

Se neste caso o sujeito for constituído de pessoas gramaticais diferentes (1ª e 2ª, 1ª e 3ª, 2ª e 3ª), o verbo irá para o plural, mas para o plural da pessoa que vem em primeiro lugar na ordem da gramática, se bem que alguns prefiram a concordância com o pronome mais próximo: "O aluno ou eu devemos recordar as lições";

c) se o verbo vem anteposto, concorda com o primeiro sujeito: "Ou pagas tu ou eu" — "Mas aqui entra a dúvida ou admiração";

d) se houver diferença de número entre os sujeitos, o verbo irá para o plural: "O outro, ou os outros, servem somente para...".

"Ou bem" - É galicismo fraseológico em vez de "ou então", em frases alternativas como a seguinte: Ou obedecereis à lei ou bem sereis punido severamente. Deve-se dizer: ...ou então sereis.

Ou, Oi - Os ditongos *ou* e *oi* têm no grupo latino *au* origem comum. Numas palavras fixou-se o *ou*, noutras o *oi* e num terceiro grupo a dupla forma persiste ao léu do uso e dos gostos ou de regionalismos de prosódia. De *audere* obtivemos *ousar*, mas de *cautum* nos veio *coito*. De *maurum* veio-nos *mouro*, mas de *causam* o vernáculo, no Brasil, é *coisa*. De *aurum* temos *ouro*, mas de *laurum* temos *louro* (com *u*) e *loirinho* (com *i*). Não faltam até casos em que o *u* do ditongo *ou* desapareceu; é o que se deu com *nojo*, que se filia ao latim *nauseam*.

Há as formas que se fixaram, tanto aqui como em Portugal (*pouco*, de *paucum*; *couve*, de *caulem*; *ou*, de *aut*; *rouco*, de *raucum*; *ouvir*, de *audire*; *louvar*, de *laudare*), mas existem as que diferente forma têm da nossa em Portugal: *tesouro* ou *tesoiro*, de *thesaurum*; *ouro* ou *oiro*, de *aurum*; *louro* ou *toiro*, de *taurum*.

Mediante vocalização do *l*, também o grupo *al* origina essa disparidade; se *outro* proveio de *alter* e *louveira* de *lappa*, *calcem* nos deu *coice*. Ainda de outras origens (*couro* de *corium*; *noite*, de *noctem*), há divergências entre formas nossas e portuguesas.

Somente por levandade um professor irá doutrinar sobre o caso, no qual se inclui a dupla forma *ouço* e *oiço*, do latim *audio*. Unicamente no uso, portanto, podemos basear-nos, e não se justificará a preferência que no uso não for firmada. V. *coisa*.

Ou seja - É locução que não varia quando antes dela vem nome plural; não se dirá: "Dois alqueires, ou sejam, 48 mil metros quadrados" — senão: "Dois alqueires, ou seja, 48 mil metros quadrados". E assim: "Existem na Índia de 80 a 90 milhões de intangíveis, ou seja, de intocáveis" — "Devem os países assegurar as suas dívidas com entradas ordinárias, ou seja, com impostos".

Compare-se com a conjunção italiana *ossia*. Note-se, ainda, que a locução vem entre vírgulas no período.

Ouço, Oiço - Está aqui uma questão assaz difícil de solução. Não são poucas as vezes em que os estudiosos do idioma refugam, titubeando ou retrocedendo ante coisinhas realmente rebeldes a leis. No caso presente vemo-nos obrigado a dizer que a preferência só se justifica quando fundamentada no uso. Se não, vejamos:

...ouro, ...or - V. *coradouro*; V. *acostadouro*.

"Outdoor", Cartazão - Enquanto, acompanhando a nossa

constituição, continuarmos a afirmar que a língua que falamos em nosso país se chama língua "nacional", não poderemos impedir que a comunicação entre nós tenha por instrumento uma língua de ciganos. Se a feição sintática descamba cada vez mais (não tem jeito — vi ela — já te disse que você... — não mese aí, meu filho), a demonstrar contínua corrupção, a desfiguração vocabular se processa com emplastros importados, com a tendência para a gíria, quando não para a libertinagem. De origem não latina, vocábulos privativos de outros países intrometem-se em colunas de jornal e em páginas de dicionários nossos às vezes sem nem ao menos o disfarce das aspas. De um lado, furtivos anglicismos como *comercial* em lugar de *anúncio*, *panel* em lugar de *mesa-redonda*, *ranch* em lugar de *fazenda*, de outros barbarismos como *outdoor*, *container*, *feed-back*, *design*, *know-how*, com as muletas das aspas ou com o capuz do grifo, mas com todo o atrevimento ou por caradurismo provocador ou por tecnicismo desrespeitoso, indiferente e frio aos brios de outras terras; ou será por receio de traduzir a palavra à maneira daquele que traduziu *calf* por *bezerro* em vez de *barriga da perna*: "caiu e rasgou o bezerro"?

No caso, que é *outdoor* em inglês senão adjetivo substantivado, correspondente ao advérbio *outdoors*, que significa "fora de casa", "do lado externo da casa", "ao ar livre"? Em linguagem de propaganda, que é *outdoor* senão *cartaz*? É um cartaz especial, já pelo tamanho, já pelas proporções e pelo colorido das figuras? Traduzam-no então por *cartão*, caso virem necessidade de uma distinção que nem o inglês sentiu, uma vez que em inglês tanto é "outdoor" o simples papel afixado na frente de um cinema quanto o cartaz vistoso, de grande proporção, ao ar livre, em lugares que não aqueles em que o objeto anunciado é adquirido. V. "container".

Outrem - Significa *outra pessoa* ou *outras pessoas*: O bem que *outrem* merece — "Ainda que o banquete seja para dali a quatro, e cinco dias, para no dia da festa comerem, e beberem muito mais, por honra do que os convida, e se neste tempo os *outrem* quer convidar se excusão dizendo que o nam podem fazer, por caso do banquete a que ham de ir" (Damião de Goes, *Chronica* de D. Manoel, part. 4, cap. 25).

Era antigamente acentuado oxitonamente, como *alguém*, *ninguém*.

Outro-eu - Forma que traduz o latim *alter ego*, hoje empregada para indicar o indivíduo que representa outro como procurador geral ou *factotum*, ou ainda como sócia. Existe também a forma análoga *outro-tu*.

"Outro que não" - Canhestra tradução de "other than" anda a aparecer em jornais. Cansaço, distração, leviandade, não sabemos a que atribuir a incompreensível tradução de "stars other than the sun are so distant that..." por "estrelas outras que não o sol...". Um pouco mais de respeito ao idioma da terra fará descobrir o redator a que corresponde o inglês: "com exceção do sol, as estrelas estão tão distantes que..." e o não deixará confundir os leitores em outras passagens: "any thing other than this" (qualquer coisa que não seja esta) — "if he were other than what he is" (se ele fosse diferente).

Tradução não é sinônimo nem de obediência servil nem de momicé. Assim se diz em português: O apito dos guardas de trânsito *outra coisa* não é *senão* índice de araso, de indisciplina, de falta de educação social e de desrespeito a leis.

Outrossim - Significa *ademais*, *igualmente*, *ao mesmo tempo*: Nada lhe farei; não quero, *outrossim*, magoar sua família — Disse-lhe que o não fizesse; fi-lo *outrossim* ver a não razão de seu intento.

Ouvida - É substantivo; significa ação ou efeito de ouvir: A justiça não se há de fazer de *ouvidas*, senão de vistas.

Entra na expressão "saber de *ouvida*", que é o mesmo que dizer "saber de *oitiva*", saber por ter ouvido dizer.

Ouvido - V. *orelha*.

Ouidoria - V. *senatoria*.

Ouvinte - Coletivo: *auditório*.

Ouvir, Dizer, Ver - São verbos essencialmente transitivos, isto é, é da natureza destes três verbos virem acompanhados de objeto, ou seja, da coisa ouvida, da coisa dita, da coisa vista. Só em sentido geral, sem a discriminação do objeto — fenômeno este frequente com verbos transitivos diretos (Essa criança não *come*, não *estuda*, não *lê*: § 303) — podem eles ser empregados como verbos de predicção completa.

No verbete *dizer, falar* ficou a explanação da diferença de significado entre esses dois verbos; diferença semelhante se dá entre *ouvir* e *escutar*, entre *ver* e *olhar*. Assim como, quando o sentido é de *declarar, enunciar*, o verbo *dizer* é que deve ser empregado, e não o verbo *falar* (como doentiamente se fala em São Paulo: "Você ouviu o que ele *falou*?" — em vez de: "Você ouviu o que ele *disse*?"), de igual forma devemos empregar *ouvir*, e não *escutar*, quando acompanhado o verbo do objeto ou, conquanto sem objeto, na acepção geral de perceber coisas pelo ouvido; somente quando o sentido é de "prestar atenção para ouvir alguma coisa" é que podemos, com toda a segurança, empregar *escutar*: O monge vagabundo parou e *escutou* de novo (A. Herculano, *Lendas e Narrativas*, I, 117).

Com o sentido de "prestar atenção para ouvir", ou seja, de "dar atenção ao que se ouve", pode o verbo *escutar* vir com objeto (Ele *escutou* a ordem — Ele reprimiu a soberba e *escutou* a justiça), mas este não é o caso do emprego profligado de *escutar* com a simples significação de *perceber ouvido*. Não se diz em bom português "Escute esta", senão "Oíça esta". E assim, o correto é: "Você *ouve* o que ele diz?" — É evidente a diferença de significação que trazem os dois verbos às sentenças: "Escutei bem (apliquei com atenção os ouvidos), mas não consegui *ouvir* nada".

Semelhante é a diferença entre *ver* e *olhar*. Enquanto *olhar* implica idéia de atenção, o verbo *ver* tem o sentido simples de perceber pelo sentido da vista; com este sentido, pode, como *dizer* e *ouvir*, ser empregado sem o objeto. Vem muito a propósito ao caso este exemplo de Monte Alverne: Para que seus olhos não *vejam*, seus ouvidos não *ouçam* (Obras Oratórias, I, 41). A tradução clássica da Bíblia aí está para esclarecer-nos; muitas são as passagens, mas baste-nos esta: Muitos profetas e justos desejaram *ver* o que *vedes*, e não o *viram*, e *ouvir* o que *ouvis*, e não o *ouviram* (Mt 13, 17).

Sem mais estender-nos sobre o assunto fazendo comparação com outros idiomas, tentemos resumir e — esperamos — objetivar a diferença existente entre um e outros desses três pares de verbos com estes exemplos:

1. Quando você *falar* (sem objeto direto) com o diretor, *diga* (transitivo) que você é o primeiro da classe.

2. Não *ouvi* (transitivo) o que ele disse porque não *escuto* (intransitivo) muito bem.

3. *Olhe* bem (intransitivo), que você *verá* (transitivo) uma rasura na data.

Ouviram do Ipiranga... - Um tanto professoras existem de tal forma distraídas que se arriscam a passar por não compreendedoras do nosso hino nacional quando ensinam aos pirralhos de suas classes que é impessoal o verbo que o inicia e — consequência da primeira distração — deve ser craseado o *as* de "as margens plácidas".

O simples fato de as partituras trazerem "as margens plácidas" sem crase já deveria despertá-las para melhor análise do primeiro verso do nosso poema oficial. Professor de português da Escola Normal do Rio de Janeiro e do Ginásio Fluminense, e autor de livros de português e de uma "Arte de fazer versos", não pode Joaquim Osório Duque Estrada ficar ao léu de leviandades como essa. É ele, ademais, autor de "Noções de História do Brasil"; figuradamente — ele e todos nós sabemos — as margens do atualmente poluído regato Ipiranga (em tupi, *água vermelha*) *ouviram* o brado retumbante. "Do Ipiranga" é adjunto adnominal de "margens", e "margens" por sua vez é sujeito de "ouviram", verbo este pessoal, com sujeito e objeto discriminados. Nada de repetir que a partitura está errada, a me-

nos desejem mostrar que são incompatíveis com a função que elas, as professoras, estão exercendo nas escolas.

Ovar - Adjetivo pátrio: *ovariano*.

Ovelha - *Coletivo*: rebanho, grei, chafardel, malhada, oviário; *quando dão leite*: alavão; *quando ainda não deram cria nem estão prenhes*: alfeire.

Voz: badalar, balar, balir, berrar, berregar, balido (§ 240, obs. 8).

Ovo - *Coletivo*, quando postos pela galinha durante certo número de dias: *postura*; quando no ninho: *ninhada*.

No plural o *o* é aberto.

Ovo estalado, Ovo estralado, Ovo estrelado - "Estale uns ovos para o almoço" — "Comi dois ovos *estalados*". Como estala uma porta, como estala um chicote, o ovo ao ser frito também *estala*.

A forma é *estalar* ou *estralar*? Também existe *estrelar*, para ovos e para outras coisas, pela tendência de acrescentar um *r* ao grupo consonantal *st*: latim *stellam*, estrela; holandês *last*, lastro; germânico *mast*, mastro.

Ainda mais: *estrelar* os dicionários consignam com a significação de "frigir ovos sem os bater", donde *estreladeira*, "espécie de frigideira própria para *estrelar* ovos".

Paca - *Voz*: *assobiar*.

cyto; o composto é, pois, proparoxítono (§ 104).

Ovogênese - Por ser etimologicamente breve a penúltima sílaba, é proparoxítona a palavra (§ 104).

Oxalá - Observe-se o que diz Said Ali: *Oxalá*, acomodamento do árabe *en sha allah* ("se Deus quiser", "assim Deus queira") à pronúncia portuguesa, continua a usar-se como expressão de desejo, embora se tenha apagado a consciência islâmica dessa exclamação.

É fácil notar que essa interjeição se relaciona etimologicamente com *Alá*, tradução árabe de *Deus*.

"Oxford" - Existe uma forma latina antiga para designar esta cidade: *Oxônia* (cs), de onde proveio o nome inglês (*oxen's ford* - *oxnaford* - *oxford*). Dada a sua importância e consequente fama mundial, a forma inglesa tende a prevalecer, mas *oxoniano* e *oxoniense* (cs) são usados como adjetivos pátrios.

Oxigênio - Não têm plural substantivos que designam matéria contínua, massa e não podem ser empregados para indicar espécies, divisões.

Oxoniano, Oxoniense - V. "Oxford".

Ozona - Provinda do grego, a palavra entre nós se introduziu através do francês e foi aportuguesada com a terminação *a*, procedimento correto. É forma consagrada.

P

P-a-pá Santa Justa (pronuncie *pê-a-pá*) - Locução que significa "minuciosamente", "tím-tím por tím-tím": Contei-lhe tudo *p-a-pá Santa Justa*.

p. m. - Abreviação de *post meridiem* (depois do meio dia).

P. S. - Abreviação de *post scriptum* (depois do escrito), expressão indicativa do que se põe a uma carta.

Paca - Voz: *assobiar*.

Pacaembu - V. *Moçoembu*.

"Pachá" - V. *paxá*.

Paciente - V. *cliente*.

Pacífico - Superlativo sintético: *pacíficentíssimo*.

Paço - Do latim *palatium*, mediante queda do *l* intervocálico; seu emprego é limitado a indicar palácio nobre, real, episcopal, governmental: *paço municipal*.

Paçoca - V. *Moji*.

Pactear - Era a forma clássica, hoje desusada, embora não justificável, de *pactuar* (combinar).

Padrão, Padronização - V. *padronizar*.

Padre - Coletivo, em geral: clero, clerezia; quando subordinados à hierarquia da Igreja: clero secular; quando subordinados a regras especiais de uma ordem, congregação, companhia: clero regular. V. *dom*.

Padre-nosso, Pai-nosso - Para a pluralização, tais formas designativas da "Oração do Senhor" consideram-se justapostas perfeitas, estereotipadas, um nome só; o hífen é mero enfeite ortográfico: dois *padre-nossos*, dois *pai-nossos*.

Igual é o procedimento do italiano, quer empregue a forma latina, quer a própria italiana (*paternostri, padrenostri*), do espanhol, quer escreva com hífen, quer sem (*padre-nuestros, padre nuestros*), do inglês, que justapõe sem hífen (*paternosters*). Note-se que o francês nem o segundo elemento flexiona.

Padronizar - É "standardização" um anglicismo inútil em nosso idioma. Temos o adjetivo *padrão*, de significação perfeitamente igual à do "standard" inglês. Que diferença existe de significado entre "preço *standard*", "tipo *standard*" e "preço *padrão*", "tipo *padrão*"? Deste adjetivo vernáculo temos o correto derivado *padronizar*, que louvavelmente deveremos empregar em substituição ao "standardizar": "a *padronização* dos preços", "*padronizar* os nossos produtos".

Pagão - Plural: *pagãos*.

Pagar - Põe-se no dativo a pessoa a que se paga, no acusativo a coisa paga: Paguei *ao* padeiro — Paguei *o* pão — Já *lhe* pagamos *a* conta.

"Painel" - Que pobreza de vocabulário, que impostura linguística é esta de mutilar palavras estrangeiras para apresentá-las como lídimas formas vernáculas? Tem a palavra inglesa *panel* (sem *i* na primeira sílaba) entre outros significados o de "painel", "quadro" (de tela ou pano), "espétaculo", "cena", "relevo arquitetónico". "Entre outros" porque a palavra inglesa é empregada também para indicar "lista de jurados", "conselho", "lista de médicos de caixa de aposentadoria": He went on the panel, ele consultou o

médico da caixa beneficente — advisory panel, conselho consultivo.

Ora! porque "panel" tem esta segunda significação e, a um tempo, também a de *painel* iremos embaralhar as coisas chamando *panel* um corpo de jurados, uma junta de médicos, um conselho? Porque "bonnet" tem o significado de touca, gorro e também o de "tampa de máquina" vamos em nossa língua dizer "precisamos mandar fazer outro *boné* para o motor"? Porque o inglês "argument" tem o significado de *argumento* e, principalmente, o de "discussão", "debate", vamos passar a redigir "o assunto foi aprovado sem *argumento*"?

Que é esse procedimento se não desbarato? MESA-REDONDA é que se diz em português de redação consciente sempre que haja um *grupo*, um *corpo*, uma *junta*, um *conselho*, um *elenco*, uma *teoria* de professores, de médicos, de técnicos, de políticos, de pessoas enfim entendidas e autorizadas para discutir ou deliberar em pé de igualdade sobre dado assunto. *Távola-redonda* era a mesa em que sentavam, em perfeita igualdade, os doze cavaleiros da corte do lendário rei Artur; a ignorância do verdadeiro significado da expressão mais do que a desprezo do vernáculo julgamos dever ser atribuído o erro, ignorância que se apresenta condensada quando ouvimos "programa de *panel* na TV" por "mesa-redonda na TV". V. *mesa-redonda*.

País - Sinónimo de estado, terra, escreve-se com *s* final e com acento; não deve ser confundido com *paiz*, plural de *pai*, sem acento. *País* tem por plural *países*, ambas as formas com acento.

A ortografia oficial não tolera acento em *juiz* e exige-o em *país*. Como o poeta, nem todos os dias os relatores de acordos ortográficos têm inspiração.

"Paissandu", Paicandu - Ao tempo de João Ribeiro podia um dicionarista declarar: "Em geral, devem procurar-se com *ç* as palavras que contêm *ss* ou *s* não inicial, nos termos brasileiros. Entretanto, muitas registramos com a grafia *ss* ou *s* por ser a do uso geral" (Simões da Fonseca, *verbete possoca*).

Hoje, se quisermos escrever "oficialmente", devemos desprezar o "uso geral". V. *Moji*.

Paixão a - V. *amor a*.

Palácio da Justiça - V. *artigo*.

Pálade - V. *mónade*.

Palavra - Coletivo: *vocabulário*; quando em ordem alfabética e seguidas da significação: *dicionário, léxico*; quando preferidas sem ordem, sem nexos: *palavrório*.

Palavra palindroma - V. *palíndromo*.

Palavras bifrontes - É a designação dada por Mário Barreto a certas palavras que têm sentido ora ativo, ora passivo, palavras que exprimem posições recíprocas, relações duplas. Uma delas, de que já tratamos, é *freguês*, que tanto denota quem habitualmente compra da mesma pessoa, quanto quem sempre vende a uma pessoa.

Hóspede, em português e em espanhol (*huésped*), denota já

a pessoa que se aloja em casa alheia, já a pessoa que dá gasalhado ("mesonero o amo de posada"). De igual forma, tanto é *saudoso* o mestre de que nos lembramos, quanto *saudosos* somos nós que nos lembramos dele; *aluga* o proprietário um bem, *aluga* o interessado o bem do proprietário; *empresta* o que pede por certo tempo uma coisa, *empresta* o que cede a coisa por certo tempo; *arrenda* quem dá de arrendamento, *arrenda* quem toma de arrendamento. *Esmolar* é ora pedir esmola, ora dar esmola. *Temeroso* é o que tem medo, *temeroso* é o que causa temor.

Quando for o caso, a preposição salva o equívoco: *empres-tar a*, *arrendar a*, *emprestar de*, *arrendar de*.

Palavras divergentes - V. *estada*.

Palermo - Adjetivo pátrio: *panormitano*.

Palíndromo - Tanto é *palíndromo* (gr. *pálin*, outra vez; *drómo*, corrida) um verso quanto uma frase ou uma simples palavra que se possa ler da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda: *ama, ovo*. É também chamado verso *anaclicó* (*aná*, de novo; *cyclus*, círculo) ou verso *cancrino* por comportar-se como caranguejo. Era uma das provas de soberania entre os astecas terem os reis nomes palíndromos: *Capac*.

Palíndromos vernáculos: "Atai a gaiola, salaia gaiata" (*saloia*, que se pronuncia *saldia*, é feminino do adjetivo *salbio* - ô - palavra provinda do árabe; denota o camponês dos arredores de Lisboa e emprega-se também com a significação de grosseiro, rústico, finório, velhaco que se faz de sonso e simplório para conseguir seus fins).

"Roma me tem amor".

"Oto come mocotó".

"Socorram-me; subi no ônibus em Marrocos".

Palíndromo alemão: "Ein Esel lese nie" (um asno não deve ler).

Palíndromo castelhano: "Dabale arroz a la sorra el abad" (dava arroz à raposa o abade).

Palíndromos franceses: "L'âme des uns jamais n'use de mal" (o espírito de alguns jamais procede mal).

"Elu par cette crapule" (escolhido por essa devassidão).

Palíndromo grego: "Níphon anomémata, mê móna óphin" (lava os pecados, não somente o rosto).

Palíndromos ingleses: "Madam, I'm Adam" (senhora, eu sou Adão).

"Able was I ere I saw Elba" (poderoso eu fui antes de ver Elba).

"A man, a plan, a canal, Panama".

"Doc, note. I dissent. A fast never prevents a fatness. I diet on cod" (doutor, observe; o jejum não evita engordar; eu faço regime comendo bacalhau).

Palíndromos italianos: "Ebro è Otel, ma Amleto è orbe" (de Arrigo Boito).

O mesmo Arrigo Boito mandou gravar num anel que deu a uma atriz ilustre estes dois versos, que devem ser lidos separadamente:

"È fedel, non lede fè,

E Madonna annod'a me".

Palíndromos latinos: "In girum imus nocte, et consumitur igni" (Circunvagamos durante a noite e somos consumidos pelo fogo).

Sidônio Apolinário, que o refere, diz: O poeta que o compôs foi inspirado pelas mariposas que via se queimarem na chama da sua lâmpada.

"Mitis ero, rétime léniter ore sitim" (Serei saciado, segure a sede com calma).

"Si bene te tua laus taxat, sua laute tenebis" (Se teu elogio te considera bem, muito mais te deleitarás com o dele).

Quatro versos seguidos, todos eles, um a um, palíndromos:

Sédula petrosas irrisa sorte paludés

Sapósiu donis non sino Ditis opes

Signate, signa, tèmere, me tangis et angis

Roma tibi súbito, mótibus ibit amor.

Segundo a mitologia, Plutão, por não encontrar, dada a sua feiúra, deusa com que casar-se, roubou Prosérpina.

Havia antes sido repudiado por Minerva, e esta deusa deu-lhe por resposta esses quatro versos palíndromos, que um tanto livremente podemos traduzir: Molestada por escarnecida sorte, não dou importância à lagoa cheia de pedras (lagoa Estígia) nem aos esforços de um deus privado de dons. Mostra-te, mostra-te, sem reflexão, tu me fustigas e afliges; tua esposa virá roubada de Roma.

De Francisco Filelfo (1398-1481) temos sobre o Papa Pio II estas sentenças, cuja leitura (palavra por palavra, e não letra por letra) dá o sentido contrário da leitura normal, transformando votos e elogios em pragas e vitupérios:

Laus tua non tua fraus; virtus non cópia rerum

Soándere te fecit hoc decus eximium.

Conditio tua sit stabilis nec tempore parvo vívere te faciat

Hic Deus omnipotens.

Por último, este curioso palíndromo, constituído de cinco

palavras de cinco letras dispostas em quadro:

S A T O R

A R E P O

T E N E T

O P E R A

R O T A S

O quadro pode ser lido de quatro maneiras: da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, de cima para baixo, de baixo para cima. Dando-se a *sátor* a acepção mais comum de sementeador, e interpretando-se *Arepo* como nome próprio, a tradução é: O sementeador Arepo mantém o curso com atenção.

Palmas (das mãos) - Barulho: *estalar*, *estrepitar*, *estrujar*, *soar*, *vibrar*.

Palpo, papo - Não são formas divergentes; cada qual tem sua origem. *Papo* é substantivo postverbal (de *papar*, do lat. *pap-*pare*, comer*); *palpo*, do latim *palpus*, indica cada um dos prolongamentos, apêndices móveis e articulados, de função tátil, gustatória e predatória, que ladeiam a boca dos artrópodes (insetos, aracnídeos, crustáceos, miriápodes). *Palpos*, costumemente no plural, por aparecerem aos pares; a aranha tem *palpos*, daí a expressão "palpos de aranha", denotativa de situação perigosa, de difícil saída: "estar em palpos de aranha".

Pan - É palavra grega que corresponde ao nosso pronome neutro *tudo*, mas na formação de compostos é empregado também como adjetivo masculino e feminino com a significação de *todo, toda*.

União *panamericana* quer dizer união de todas as Américas; *panacéia*, de *pan* mais *akeia* (de *akeomai*, curar) quer dizer *cura tudo*; *pandemia*, de *pan* mais *demia* (de *demo*, povo), quer dizer doença que ataca todo o povo; *pandemônio*, provindo dos mesmos elementos, quer dizer reunião de todo o povo, muita gente, multidão, mas é usado com a significação de confusão proveniente da aglomeração de muitos indivíduos. V. *panamericano*.

Panacéia - V. *pan*: V. *panamericano*.

Panamericano - O *n* do adjetivo *panamericano* deve pronunciar-se com som alfabético, ou seja, deve ter o som que tem na palavra *Ana*; sua função não é nasalar o *a* que o antecede, como dão a entender os vocabulários oficiais, os quais registram a palavra com hífen. Por que não escrevermos *panamericano* como escrevemos *panacéia*, *panarmónico*, *panegírico*? De igual maneira devemos proceder com *panarábico*, *panasiático*, *paneslavo*, *panelénico*, *panispânico*, *panislâmico*, sempre pronunciando o *n* e ligando-o à vogal seguinte, como, além dos exemplos citados, são pronunciados os vocábulo *panoftalmia*, *panóptico*, *panosteite*, *panóplia*, *panorama*.

É um contrassenso ortográfico escrever *bem-aventurado* ao lado de *pan-americano*; lá o hífen para evitar que se leia *bema*, aqui o hífen para quê? Para evitar que se leia *pana*? Pois é assim mesmo que se deve ler, exatamente como se lê *panorama*. V. *pan*.

Pandeiro - Barulho: *rufar*.

Pandora - De *pan* (todo), *dóron* (dom), tem o acento prosódico,

aberto, no *o*; além de ser essa a tonicidade grega, é longo — e isto é o que nos importa — o *o* desse nome, que indica a mulher criada para castigo da humanidade. "Caixa de Pandora": caixa que a ela foi dada por Júpiter; por curiosidade ela a abriu e dela escaparam por sobre a terra todos os males; ao tentar fechá-la, conseguiu prender somente a esperança. Outra versão é a de que a caixa continha todas as bênçãos dos deuses, as quais se perderam quando ela se abriu.

O nome rima com *Teodora, Heliodora, Fedora* (não pensemos em motivos "estéticos" para pronunciar a última destas palavras de maneira diferente).

Panem et circenses - Palavras latinas, que significam "pão e espetáculos de circo", tiradas de Juvenal (Sat. X, v. 81), ao criticar a decadência dos romanos; com pão e divertimentos, o povo romano se sujeitava aos Tibérios, aos Calígulas, aos Neros.

Panteão - V. *Decamerão*.

Pantera - Coletivo: *alcatéia*. V. *animal*.

Pão - Plural: *pães*.

Pão de Açúcar - Faz o morro do *Pão de Açúcar* parte do "gigante que dorme", também chamado "gigante de pedra", observável do mar a grande distância da baía de Guanabara. Se a cabeça é formada pelos morros da Tijuca e da Gávea e o tronco e as pernas pelos contrafortes do Corcovado, constituiu o *Pão de Açúcar* os pés desse símbolo de um país que, "gigante pela própria natureza", permanece eternamente deitado... no berço esplêndido da Guanabara. De quase quatrocentos metros de altitude — e aqui altitude se confunde com altura — tem o escarpado penedo, sentinela avançada da barra, o interessante nome de *Pão de Açúcar*, cuja proveniência nisto se resume ("Urca — *Pão de Açúcar*", de Kepler A. Borges):

"Nos tempos coloniais, a indústria do açúcar era feita, no nordeste do país, por processos rudimentares. Os engenhos eram movidos por animais ou por braços humanos e recebiam o nome de "banguê". Espremida a cana, era o caldo depositado em tachas — grandes vasos, largos e pouco fundos, geralmente com asas. Uma vez fervido e apurado, era o melão posto em uma forma de barro cônica, a qual era denominada "pão de açúcar". Devido à semelhança do penhasco carioca com aquela forma de barro, onde se coagulava o caldo da cana, passou-se a denominar *Pão de Açúcar* aquele majestoso morro".

Conquanto não unânimes os autores, essa é a explicação mais seguida do nome desse morro, que é para o Rio de Janeiro o que a Torre de Eiffel é para Paris, a Estátua da Liberdade para Nova York, o Vesúvio para Nápoles.

Papagaio - Voz: falar, chalar, chalrear, grazinar, palrar, palrear, taramelar, tartarear.

Papel - Coletivo: caderno (em sentido estrito, técnico: cinco folhas; em sentido lato: folhas ligadas), mão (cinco cadernos) resma (vinte mãos), bala (dez resmas); quando no mesmo liame e como que batidas as folhas a maço: maço.

"**Papel título**" - É a expressão bárbara; em linguagem de teatro português diz-se "papel principal". Não nos venha amanhã alguém com "papel toilette" por ter visto em algum avião "toilet paper". *Principal* e *higiénico* é que representam o devido papel no caso.

Papisa - V. *etiópisa*.

Paquilópode - V. *ápode*.

Paquistão - Adjetivo pátrio: *paquistânês, paquistanense*. A forma em *ês*, talvez por causa do *n* que antecede o sufixo em *chinês, milanês, albanês, cartaginês*, parece estar prevalecendo sobre a outra, que é antecédida de *n* em menor número de adjetivos pátrios.

Par - V. *casal*.

Para... - Na composição exige certo cuidado; separa-se do segundo elemento com hífen e tem acento agudo na primeira sílaba quando é do verbo *parar*: *pára-brisa, pára-choque, pára-raios*. Junta-se e nenhum acento traz quando equivalente ao prefixo grego *pará*, para significar:

a) *de lado*: paráfrase, parágrafo, paraninfo, paraestatal, parapsicologia, parasito, paréquema (o acento nas duas primeiras palavras é motivado pela tonicidade do composto todo; a falta do segundo *a* na última é motivada por regra de composição feita no próprio grego);

b) *defeito, vício*: parabiose, paracárpico, paracéfalo;

c) *contra*: paradoxo, paranomia;

d) *além de*: paracronismo, parafenais, paratopia.

Para (preposição) - "Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura": Desbaratamente vem sendo traduzido o inglês por irresponsáveis que tornam nossa pátria mais conspurcada do que os estábulos do rei Augias. A sujeira produzida durante trinta anos pelas três mil reses desse rei exigiu que Hércules desviasse o curso do rio Alfeu para fazê-lo passar pelos currais e mangueiras do imundo antagonista da Elida. Em estábulos de Augias transforma-se o país cujos professores têm aumento de numerário proporcional ao número de aprovações de alunos que eles mesmos examinam, alunos que amanhã irão com a maior facilidade "preencher vagas" de "sociedades" de ensino e logo depois, quando não ao mesmo tempo, lecionar "lingüística" "língua nacional", "comunicação".

As tolices de expressão aí estão a aumentar dia a dia, como dia a dia aumenta o mau cheiro de monturos fermentados pelo desleixo mais do que pela ignorância. Enquanto o inglês diz "organização de alimentação e agricultura", dando aos substantivos "alimentação" e "agricultura" função adjetiva — como dizemos, pelo menos até agora, "torneira de água quente", e não "torneira para água quente" — vem um conspícuo tradutor oferecer-nos esta extravagante construção "organização para", deixando ainda de repetir a preposição antes do segundo elemento ou de eliminar o artigo que o precede. É o mesmo erro de substituir *de* por *para* em "tinta para escrever", "agulha para costurar saco", "cabeleireiro para senhoras", "relatório da diretoria para o exercício de 1973", "Ministro para a Guerra", "Secretário para Assuntos Interamericanos" e de outros similares como "foi nomeado para ministro" (em vez de "foi nomeado ministro"), "Ginásio do Estado em Campinas" (em vez de "Ginásio do Estado de Campinas" — "do Estado" está aí por "Estadual" e a tolice é a mesma da construção "ginásio estadual para Campinas"), "continuação com os mesmos abusos" (em vez de "continuação dos mesmos abusos"), erros que são verdadeiros sintomas de uma só doença: continuação da moleçama de rua, da sem-vergonhice cívica, do desprezo à pátria, do desrespeito aos concidadãos. O dicionário e a gramática vêm-se "superados" pelo estilingue, as aulas por conferências, os exames por testes, a cultura pela aventura. A ver e a ouvir tantas tolices de construção, matizadas pelo abundante colorido da ignorância e do convencimento, iremos amanhã preferir ler jornais, revistas e livros redigidos em língua estrangeira, de rígidos princípios de civilização, de firmes e respeitadas cânones sintáticos. Pejemo-nos um pouco de tantas bobices de redação (simpósio "para" professores — seminário "para" exportadores — reunião "para" os sócios — jantar "para" despedida dos aposentados — retiro espiritual "para" os empregados — ministério "para" segurança — delegacia "para" vadiagem — horário "para" os exames) e pecamos emprestado de algum amigo o Aulete e leiamos o que aí se encontra sobre as preposições *de, para e a*, que passaremos a redigir e a traduzir com menos dificuldade e com mais personalidade cívica.

Para, por - Há diferença de sentido entre "esforça-se para" e "esforça-se por". Em "esforça-se para sair" tem-se a significação de "a fim de": Esforça-se para ver a festa. Em "esforça-se por" tem-se a idéia de causa, de motivo, e não de finalidade: "Esforça-se por precisar".

Conforme o verbo ou o contexto, uma preposição pode usar-se pela outra sem distinção de sentido: Lutou para conseguir sua aquiescência — Lutou por conseguir sua aquiescência. Já em outros casos a distinção de significação

se evidencia: Saiu *para* incomodar os outros (finalidade) — Saiu *por* incomodar os outros (causa).

Pará (estado brasileiro) — Sigla oficial: *PA*, sem nenhum ponto.

Para esclarecer - Construção francesa, que se intromete em períodos de muita gente, é a formada do infinitivo antecedido da preposição *a*, com função gerundiva: *casos a esclarecer*. Quem, epigrafando uma notícia, constrói *casos a esclarecer*, tem em mente dizer *casos para ser esclarecidos, casos que devem, que precisam ser esclarecidos, casos que vão ser esclarecidos*.

Por ter o latim forma verbal especial para tais expressões, denominada *gerundivo*, ou adjetivo verbal, ou, ainda, participio futuro da voz passiva, é que falamos em expressão com forma gerundiva, ou seja, em português mais claro, com função indicadora de passividade futura. De certo, o sentido é passivo, mas — é também isto certo — não assim se diz em português, com a preposição *a* antes do infinitivo, senão de modo diverso e variado: 1. casos para esclarecer; 2. casos por esclarecer; 3. casos que esclarecer. Três maneiras diferentes, expressivas, de análise segura, correntes todas elas nos bons escritores.

1. *Casos para esclarecer*: Tem a preposição *para*, dentre muitas, a função de ligar, qualificativamente, o infinitivo ao substantivo: *livros para consultar, vestido para consertar, carta para responder, obra para publicar*.

2. *Casos por esclarecer*: É variante da construção anterior. Clássico é o emprego da preposição *por* para indicar fim, destino, intuito, propósito, desejo: "Enquanto eu tomo alento descansado *por* tornar ao trabalho mais folgado". Sem apelarmos a Camões, encontramos na linguagem hodierna a natural expressão "Isto está *por* fazer", à qual vemos a preposição *por* trazer, nitido, o sentido passivo futuro: Isto está *por* ser feito.

3. *Casos que esclarecer*: É a terceira e corretíssima construção, que traçadamente leva muito professor a analisar o *que* como preposição.

Não se deve ao infinitivo dessas construções apor a partícula *se*: as expressões são *por si* passivas, e a presença do *se*, além de inútil quando singular o substantivo modificado, poderia provocar gravíssimo erro de concordância quando plural.

Conforme o exemplo, outra forma poderia ainda substituir a afrancesada construção: *número subtraendo, saldo dividendo, turma doutorando* são expressões em que o gerundivo latino aparece em sua legítima forma, afugentando desde logo o perigo e o feitiço da sintaxe francesa.

Para inglês ver - Não uma verdadeira indicação mas uma hipótese, que não parece destituída de fundamento, é a que segue: Quando, vigente ainda a escravidão no Brasil, conseguiu-se impor a Inglaterra a proibição do tráfico negro, exerciam os ingleses, para fiel cumprimento dos seus dispositivos, rigorosa vigilância nos mares e embarcações nossas, mas, como sói acontecer em tais circunstâncias, muitos elementos encontravam no contrabando a melhor fonte de renda e, para completo êxito da empresa, usavam do seguinte artifício:

De regresso ao Brasil, traziam, juntamente com os escravos, um carregamento de produtos africanos. Quando, em alto-mar, surgia qualquer navio inglês, o contrabandista se desfazia dos escravos. Uma vez dentro do navio brasileiro, verificavam os ingleses a normal finalidade da viagem, ou seja, o transporte de carga. Esta carga era "para inglês ver".

Se, o que muito acontecia, não fosse vista a embarcação durante a viagem, teria o contrabandista conseguido o fim almejado, sem que se visse obrigado a desfazer-se da verdadeira e preciosa carga.

"Para mim fazer" - É erro freqüente no Brasil o emprego da forma oblíqua *mim* com função subjetiva. Não se deve dizer "Estas laranjas são *para mim* chupar", porquanto o *mim* está aí a exercer função de sujeito. Correta, assim deve ficar a construção: "Estas laranjas são *para eu* chupar".

Se dissermos simplesmente "Estas laranjas são *para mim*",

a construção estará certa (o *mim* tem agora função dativa), mas se a essa expressão acrescentarmos um verbo qualquer no infinitivo, o *mim* deverá ser substituído por *eu*, porque passará a exercer função de sujeito desse infinitivo; o infinitivo é que, em tal caso, é regido pela preposição, e não o pronome: Estas laranjas são *para* quê? *Para chupar*. Quem vai chupar? *Eu*.

Para todo o sempre - Locução de igual significação de "para sempre", "eternamente": A oração calou *para todo o sempre*.

"Parabenizar" - Extravagância, mera extravagância o neologismo "parabenizar"; Laudelino Freire, sem dar exemplo nem indicar a origem, consigna o vocábulo em seu dicionário, mas é fora de dúvida a inutilidade desse derivado; por que fugir de "felicitar" para empregar um verbo em que vemos o sufixo "izar" sem a significação que lhe é própria?

Da extravagância do noticiário temos confirmação logo a seguir: "... enquanto me professo seu servidor". Podemos professar um princípio (a verdade, uma religião), uma coisa (professar à filiação de Adão), mas não se diz "professar uma pessoa" nem "professar-se uma qualidade"; nenhum dos diversos significados desse verbo justifica o procedimento do redator.

Parabéns - *V. saudade*.

Paraceto - Com acento tônico no *e*, por ser longo no grego; fiel às regras de quantidade, o latim acentua paroxitonicamente: *Paracéto*. "Paráclito" já está em desuso para indicar o Espírito Santo.

Paradoxal - *Paradoxo* é substantivo e significa pensamento contrário; *paradoxal* é adjetivo e indica o que é contrário à opinião comum. Diz-se "Isto é paradoxo", mas é procedimento esse sintático, e não vocabular; a gramática explica o emprego do substantivo pelo adjetivo (§ 302).

Paraiá (estado brasileiro) - Sigla oficial: *PB*, sem nenhum ponto.

Paramaribo - *Paramaribo*, sem *m* antes do *b*, é a forma que dicionários e atlas trazem para designar a capital da antiga Guiana Holandesa.

Paraná (estado brasileiro) - Sigla oficial: *PR*, sem nenhum ponto.

Paraninfa - Não tenhamos dúvida em dizer "a paraninfa", como dúvida nem recio devemos ter em flexionar "a deputada", "a prefeita", "a juíza", "a chefe", "a ministra", "a consulesa", quando mulher for quem tem o cargo ou honraria. O fato de que um dicionário trazer, após um substantivo, a indicação de que ele é masculino não quer dizer que esse substantivo seja inflexível, isto é, que tenha uma única forma para os dois gêneros. A título de exemplo, procuremos no Aulete a palavra *felizardo*, que veremos a especificação "masculino", mediante a abreviatura *s.m.*; com essa indicação, pretende acaso o dicionarista declarar que o substantivo não sofre flexão genérica, ou seja, não tem forma diferente para o feminino? Longe dessa interpretação: "Se havia *felizardas* no mundo, esta Maria Rosa era uma delas".

Paraninfa, assim mesmo, com "a" final, é como traz Moraes a palavra no seu dicionário, para depois fazê-la seguir da forma masculina.

Parapeito, pára-brisa - Não é uma graça a nossa ortografia? Se o mau procedimento sintático pode ser evitado, o ortográfico é oficialmente imposto.

Que critério nos leva a escrever o elemento verbal *para* ora junto ora separado do nome com que forma compostos? Onde se encontrou motivo para ortograficamente discriminar *paratudo* de *pára-lama*, *parapeito* de *pára-vento*? Não obstante lá e aqui entrar o mesmo elemento — correspondente à terceira pessoa do singular do indicativo presente do verbo *parar* no sentido de "resguardar" — encontra-se lá junto, aqui separado por hífen e enfeitado de sinal diacrítico.

A redação sintaticamente incorreta deseduca; a ortograficamente certa, porque oficial, humilha. O professor mentalmente equilibrado não pode considerar lingüisticamente errado escrever *paralama*, *paravento*, *paraqueque*, nem *paraque-*

das *pararraos, parassol*.

Parasita, parasito - Não obstante ser corrente "a parasita", não pode justificar-se nem a forma nem o gênero senão pelo desconhecimento do étimo. O grego *parasitos* deu o vernáculo *parasito*, com acento no *i*; importa acrescentar que em latim o vocábulo grego deu, corretamente, "parasitus, i", nome masculino da segunda declinação. Nada, portanto, justifica dizer "a parasita" senão o uso, já arraigado, mormente para designar planta da família das orquidáceas, embora tais plantas não sejam parasitos.

Parasito, assim mesmo, com "o" final, sempre existiu e existe no idioma já como substantivo, para designar tais plantas, já como adjetivo ou adjetivo substantivado para indicar o indivíduo que se nutre de outrem e, na arte, o que é supérfluo, desnecessário; *emprega-se* ainda como elemento componente: *parasitose, parasitologia, endoparasito*.

Parco - Superlativo sintético: *parcíssimo*. V. *módico*.

Parcência - *Ança, ância, ença (ensa), ência* são variantes de um mesmo sufixo que, acrescido a tema verbal, forma substantivos abstratos; indicam ação, resultado de ação, estado, situação: *aliança, andança, confiança, mudança; arrogância, concordância, exorbitância; benquerença, crença, diferença; absorvência, advertência, beneficência, carência, conferência, assistência, ausência, adstringência, convivência, clemência, demência, prudência, regência, virulência, violência*.

E sufixo proveniente da vogal que caracteriza a conjugação latina, seguida da junção do sufixo *nt* — do participio presente e de um grupo de adjetivos — com *ia* ou simplesmente *a*; *ância, ência* com *i* quando, geralmente, têm relação com formas latinas que nos deram *ante, ente, ento*: (abundante) *abundância*, (arrogante) *arrogância*, (distante) *distância*, (vigilante) *vigilância*, (suficiente) *suficiência*, (indolente) *indolência*, (prudente) *prudência*, (penitente) *penitência*, (violento) *violência*.

As formas contratas *ança, ença* aparecem geralmente quando não é nitida a proveniência de tema latino de verbo ou de adjetivo em *nt*: *bonança, esperança, cobrança, PARECENÇA, licença, doença, sábança*.

Isso em linhas gerais; vezes há no entanto em que ocorrem formas discrepantes de tal forma; se temos *diferente*, o substantivo é *diferença*, ao passo que o verbo é *diferenciar* (diferenciação, diferencial). V. *diferenciar*.

A variação gráfica *ensa, com s*, de certos derivados é motivada pelo supino do verbo latino correspondente: *despensa, expensa, ofensa*.

Parecer - Dá-se com o verbo *parecer* o seguinte: Tanto podemos dizer "Eles *parecem* estar doentes" como "Eles *parece* estarem doentes".

No primeiro caso ("Eles *parecem* estar doentes") o verbo *parecer* está empregado como verbo de ligação, sendo seu predicado "estar doentes": Eles (sujeito) *parecem* (verbo de ligação) *estar doentes* (predicativo). No segundo caso ("Eles *parece* estarem doentes") o verbo *parecer* está empregado intransitivamente, isto é, com sentido completo, e é seu sujeito "estarem doentes", equivalendo a oração a "Parece estarem eles doentes" (suj. de *parece*) ou "Parece que eles estão doentes" (suj. de *parece*).

O verbo *parecer*, pois, quando o sujeito da oração está no plural, faculta estas duas construções: 1. Eles *parecem* estar doentes — 2. Eles *parece* estarem doentes.

Nada, portanto, deverá estranhar-nos a flexão do infinitivo quando o verbo *parecer* estiver no singular, nem a não flexão do infinitivo quando o verbo *parecer* vier no plural: "Escudos que os compridos saios de malha *pareciam* tornar inúteis" — "Que *pareciam* desprezar as tribos berberes" — "Que *parece* entoarem-lhes já o hino da morte" — "Lanças que *parecia* encaminharem-se" — "Os quais lhes *pareceu* dirigirem-se para os lados do célebre mosteiro" — "Tais condições me *parecia* reunirem-se..."

Paredes meias - Não se trata do substantivo plural *meias*, mas do adjetivo *meio*, que entra numa expressão que de preferência deve no plural ser empregada: *Paredes meias*, e não *parede*

meia nem *parede e meia*.

Domingos Vieira apresenta a variante "Morar *parede em meio* com alguém", para significar "estar tão unido a uma pessoa, que só os divide uma parede". Este mesmo dicionarista nos dá a expressão *parede meia* (parede comum a dois edifícios), mas dela nenhum exemplo oferece.

Paredes meias, diz-nos Aulete, as que são comuns a dois prédios contíguos e lhes servem de separação: Viver, ser vizinho *paredes meias* com alguém: "Gostava eu de ver como se avinha para isso com o pastorinho São Mamede, seu vizinho *paredes meias*" (Castilho).

Parelha - V. *casal*.

Parênquima - V. *parequema*.

Parente - Coletivo, quando em reunião: *tertúlia*; em geral: *família*.

Parêntese - Nem por ser grega a palavra iremos copiá-la servilmente. Venham de onde vierem, os vocábulos devem adaptar-se ao nosso idioma, vestindo-se das formas que caracterizam as palavras de nosso vocabulário; "parêntesis" jamais foi forma certa; a terminação átona *is* não é de nossa língua.

Parênteses, no plural, indica os dois semicírculos: "Isso fica melhor entre *parênteses*" — "Os *parênteses* (sinais tipográficos) estão defeituosos". *Parêntese*, no singular, indica todo o conjunto, isto é, os dois semicírculos e mais o que dentro deles se encontra, e pode, por sua vez, com este sentido, ter plural: "Abram *parêntese*" — "Fechem o *parêntese*" — "Discurso com muitos *parênteses*".

Parêntese e maiúscula - V. *maiúscula*, 2.

Parêntese e pontuação - A) Sempre que um parêntese vem depois de terminado o período, este, o período, traz no fim a pontuação devida — que poderá ser ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação, reticências — e o parêntese deverá iniciar-se com letra maiúscula e trazer no fim, ainda dentro, a respectiva pontuação; fora dele, nenhuma pontuação será acrescentada. Exemplos:

— Ê-me desagradável verificar num aluno a reincidência freqüente nos mesmos erros, nas mesmas distrações, nas mesmas faltas de cuidado. (Da reincidência tenho conhecimento porque os erros são anotados na ficha de todos os alunos.)

— Poderia você identificar no grupo os criminosos? (Praticaram o crime não objetivando proveito, mas por mera perversidade!)

— Não sei se será o meu caso — declarou ele — mas acho normal disputar alguma coisa no meu estado. (Sabe-se que o atual presidente da Eletrobrás pretende voltar ao governo do estado.)

— ...respondeu que houve um empobrecimento em nosso ambiente literário a partir de 1922, e acrescentou esta frase: "Há no Brasil uma urgente necessidade de recuperação da dignidade de linguagem". (Que diria ele hoje, quando a juventude criou para seu uso um patoá a que muitos escritores vão aderindo aos poucos pelo receio da eiva de anacronismo?)

B) Quando no meio do período e meramente explicativo, o parêntese inicia-se com letra minúscula e termina sem pontuação; esta virá, se necessária, após o parêntese, como se parêntese nenhum tivesse sido acrescentado. Exemplos:

— A inflação agrava-se mês a mês (veja-se o quadro anexo), mas estão sendo estudadas medidas rigorosas para contê-la.

— Uma pesquisa realizada a semana passada mostra sua queda de popularidade após o primeiro ano de governo (após igual tempo, o presidente anterior teve a popularidade aumentada de 20%); outra pesquisa irá ser feita daqui a seis meses.

C) Quando no meio do período e a expressar um pensamento a parte, e não meramente explicativo, ou se iniciar por citação ou nome próprio, o parêntese começa com maiúscula e pode ter pontuação própria. Exemplos:

— Devo dizer-lhe que prossiga nesse emprego, a fim de

nada faltar em casa? (Tenho certeza de que essa é a sua preocupação.) Temos três filhos para criar.

— Publicou ele o ano passado um romance policial, *Distração Grave* (Editora Moderna, 500 páginas, Cr\$ 100,00), mas a tiragem foi pequena e da edição nada mais resta.

Parequema - Sem dúvida nenhuma, é paroxítono — *parequema* — esse vocábulo, que em gramática designa a colocação de palavras de maneira que uma sílaba fique ao lado de outra do mesmo som: *tenra rama*. Compõe-se o vocábulo da preposição *pará* (junto) e do verbo *echein* (soar).

Não confundamos essa palavra, nem quanto à forma nem quanto ao acento, com *parênquima*, palavra esta proparoxítona, que em anatomia indica "tecido formado por diversos elementos, dos quais nenhum é predominante ou característico".

Pari passu - Locução latina que significa "a passo igual": "Acompanhar alguém *pari passu*" — acompanhá-lo no mesmo passo, simultaneamente.

Parir - A irregularidade deste verbo está apenas na 1ª pessoa do singular do indicativo presente, que é *pairo*, e no subjuntivo presente: *paira, pairas, paira, pairamos, pairais, pairam*. No mais, é regular, notando-se que usualmente só aparece conjugado nas formas em que ao *r* se segue *i*.

Parlamento - O étimo próximo do vernáculo *parlamento* é o inglês *parliament*, que por sua vez proveio do francês *parlement*, de *parler*, que corresponde ao nosso *parlar*, forma antiquada de *falar*.

O nome, que designava, primeiro, a antiga assembléia dos Grandes da França, passou a indicar coletivamente as câmaras legislativas de um país.

Parma - Adjetivo pátrio: parmesão. V. *gentílicos*.

Parnão, pernão - A segunda forma é corruptela da primeira.

Parnão é o nome de certo jogo de meninos em que um há de dizer se é *par* ou *não* o número de objetos (grãos, pedrinhas) que o outro tem fechados na mão.

Pároco - É palavra de origem grega, *párocos*, que pode em português ser traduzida por administrador, assistente, guarda. Entre os romanos chamavam-se "párocos" certos comissários que deviam dar na província provisões de lenha, sal, aos funcionários de estado que passassem em serviço do governo. A eles refere-se Horácio numa das suas sátiras (a quinta do livro primeiro) em que descreve a viagem que fez de Roma a Brindisi e aponta as provisões — "ligna salemque" (lenha e sal) — que cabia dar-lhe o "pároco". A palavra foi adotada pela Lex Julia e sempre depois usada no sentido oficial. Esses provedores foram com a designação que tinham de "párocos" aproveitados na organização da igreja cristã.

Notar que não se pronuncia esse vocábulo, jamais digamos "pároco" (nem "parróquia"), com *r* forte, como faz a língua italiana.

Parotídeo - V. *ideo*.

Parquear, parqueamento, parquímetro - Cortado transversalmente e obliquamente por uma linha vermelha, o *p* maiúsculo dos discos de sinalização de trânsito denota proibição de parada prolongada. Além de tais placas não oferecerem a discriminação do dia da semana nem da hora do dia em que a parada prolongada é proibida, o interessado só compreenderá o porquê do *P* quando lhe disserem que ele está pelo inglês *parking*. Enquanto o sinal de proibição de qualquer parada nenhuma letra traz, o de proibição de parada prolongada traz esse *p* maiúsculo, ou melhor, o sinal de proibição de parada prolongada é o mesmo de proibição de qualquer parada com a superposição de um *p* maiúsculo no centro.

A sinalização de trânsito pretende internacionalizar-se apoiando-se na crescente internacionalização do inglês, donde o aparecimento de *parquear, parqueamento* no falar de pessoas viajadas, e de *parquímetro*, que já começou a aparecer nos jornais.

A rigor, *estacionar* um veículo significa simplesmente *parar*, como se diz de um trem expresso que não *estaciona* em todas as estações, mas o Trânsito, rebelde às mais elementares regras de gramática e irreverente à grafia e ao significado dos

vocábulos, introduziu no verbo *estacionar* a acepção de "parar definitivamente", desprezando o real significado de "parar ou demorar-se algum tempo em algum lugar": "Dessa estipulação, pois, de *estacionar* no Rio de Janeiro o motivo não pode ser o que se dá" (Rui) — "No mês seguinte o dádivo fidalgo deu um jantar aos capitães franceses que *estacionavam* em Angra" (Camilo).

Não estranhemos se *parquear* e *parqueamento* seguirem o caminho de *parquímetro*, e não acoimemos esta última palavra de híbrida, pois *metro* hoje se junta a outros elementos como se palavra nossa fosse. Se um carro é deixado em um *parque* especial, tanto maior motivo para que aceitemos os neologismos correspondentes ao *p* maiúsculo da sinalização internacional.

Parricida, parricídio - V. *maritícida*.

Partenão - V. *Decamerão*.

Partes do corpo - V. *plural distributivo*.

Partição silábica - Quando não cabível toda numa linha, *partese* a palavra; esta simples declaração deve evitar-nos confundir *partição* silábica com *contagem* de sílabas, pois diferentes são as regras para uma e outra coisa, ou seja, nem toda a sílaba pode ser transposta para a linha seguinte. O assunto é regulado pelo Formulário Ortográfico; baseando-se nele, aqui expomos estas normas:

a — NORMAS GERAIS:

1. A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletreção, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia: *subs-cre-ver, de-sar-mar, bi-sa-vô, e-xér-ci-to, ex-ce-der*.

2. Não passar para a linha seguinte sílaba ou sílabas que encerrem sentido ridículo: após-*lolo, cô-mico*.

3. É preferível, quando se escreve à mão, passar para a linha seguinte a vogal inicial a deixá-la isolada: *emancipado, atrofia*, e não *e-mancipado, a-trofia*.

b — CONSOANTE INICIAL:

A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *cui-dose, dze-la, gno-ma, mne-mônico, pneu-mático*.

c — GRUPOS VOCÁLICOS:

1. Não se separam as vogais dos ditongos decrescentes nem dos grupos em que existe *u* pertencente aos dígrafos *gu, qu*: *naI-pe, rEI-na-do, i-GUAL, i-GUAIS, cir-cUI-to* (não nos esqueçamos de que o acento desta palavra cai no *u*), *cOI-ta-do, gUI-zo*.

2. Não se devem separar as vogais dos ditongos crescentes finais átonos: *his-tó-riA, ar-má-riO, es-pé-cIE*.

3. As vogais que se pronunciam distintamente podem ser separadas: *vO-Ar, pO-El-ra, prO-ê-mio, mI-Ú-do, cI-Ú-me, trI-Un-fo, ins-trU-O*.

4. As vogais idênticas separam-se, ficando uma na sílaba que as precede, outra na sílaba seguinte: *ca-A-lin-ga, cO-Or-de-nar, dU-Ún-vi-ro, frI-Is-si-mo, gE-Ena, cO-Or-te*. (Não confundamos esta palavra, que significa tropa armada e se pronuncia *coôrte*, com o substantivo *corte* (ô), palácio real, nem com *corte*, que significa incisão e se pronuncia *côrte*).

d — LETRAS INTERVOCÁLICAS:

A consoante simples vai para outra linha quando modifica a vogal que se lhe segue: *ca-Ro, i-No-pe-ran-te, de-Sen-ga-nar, e-Xôr-dio, e-Xas-pe-rar*.

Nota — A consoante simples não passa para a outra linha quando modifica a vogal antecedente: *beM-aventurado, recêM-assado, maL-estar*.

e — GRUPO DE DUAS CONSOANTES:

1. As geminadas *cc, cc, rr* e *ss* separam-se, ficando uma na sílaba que as precede, outra na sílaba seguinte: *oC-Cipital, suC-Ção, proR-Rogar, reS-Surgir*.

2. No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *aB-Dicar, aC-Ne, beT-Samita, daF-Ne, draC-Ma, eT-Nico, oB-Firmar, oP-Ção, siG-Maismo, suB-Por, piG-Meu, eliP-Se, aD-Jetivo, traN-Sandino*.

Notas: 1ª — Não se separarão duas consoantes quando

forem conjuntamente pronunciadas, nem as dos dígrafos *ch*, *lh* e *nh*: *a-BLu-ção*, *a-BRa-sar*, *a-CHe-gar*, *fi-LHo*, *ma-NHã*, *de-Pre-ciar*, *re-TRó-GRa-do*, *ne-VRál-gico*.

2ª — As consoantes dos grupos *bl*, *br* e *dl* separar-se-ão quando forem separadamente pronunciadas: *suB-Lingual*, *suB-Rogar*, *aD-Legação*. Não se separarão, de acordo com a nota anterior, quando forem conjuntamente pronunciadas: *su-BLevação*, *co-BRançã*, *DLim*.

3ª O *s* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba e o *c* na sílaba imediata: *adoléS-Cente*, *deS-Cer*, *inS-Ciente*, *reS-Cisão*.

f — GRUPOS DE TRÊS OU MAIS CONSOANTES:

Separam-se foneticamente, pertencendo sempre à sílaba antecedente o *s*: *oBS-TRuir*, *reS-PLendor*, *supéRS-Tiçãõ*, *coNS-Tituição*, *inteRS-Tiçõ*, *suBS-Tabelecer*.

Participios duplos - Em orações participiais que se apresentam como títulos de artigo ou de notícia ("Suspensas as Aulas") ou correspondem ao ablativo absoluto latino ("Aceitas as condições, o negócio efetuou-se logo a seguir"), a forma participial irregular é que deve figurar sempre que se tratar de verbo de dois participios que se inclui na regra dos participios duplos. É erro pôr como título de notícia: "Inserido o abono no expediente de ontem", como é erro redigir: "Imprimido o livro, o editor fez dele grande propaganda".

"Verbos de participio duplo" (ou "verbos abundantes", como chama a nomenclatura gramatical oficial do Brasil) é assunto que toda a boa gramática expõe e já foi nestas questões venilado nos verbetes "imprimido, impresso" e "inserto, inserido". Corrija-se o título da notícia para: "Inserido o abono no expediente de ontem".

Partidário - *Coletivo*: facção, partido, torcida.

Partido político - *Coletivo*, quando unidos para o mesmo fim: coligação, aliança, coalizão, liga.

Partir - *V. abolir*.

Partúrient montes: *nascetur ridiculus mus* - Expressão latina que significa: "As montanhas vão dar à luz; vai nascer um raíno". Pensamento de Horácio (*Arte Poética*, 139), aplicável ao que é ansiosamente esperado mas completamente decepcionante quando se realiza.

Parvo - Formas aumentativas depreciativas: *parvalhaco*, *parvalhão*, *parvoeirão*.

Passarinho - *Voz*: apitar, assobiar, cantar, canto, chalar, chalarrear, chiar, chichiar, chilro, chilrar, chilrear, chirrear, dobrar, estribilhar, galrar, galrear, garrir, garrular, gazear, gazeio, gazilar, gazilhar, gorjear, gorjeio, grazinar, gritar, modulação, modular, papiar, palrar, piar, pipiar, pipilar, pipitar, ralhar, redobrar, regorjear, soar, respirar, taralhar, tintir, tintinar, tintinir, tintlar, tintular, trilar, trilo, trinar, trinno, ulular, vozear.

Coletivo: nuvem, bando.

Passaro - *Diminutivo*: passarella; *aumentativo*: passarola (ó), passarolo (ô); *coletivo*: passaredo, passarada.

"Passe-partout" - De acordo com o caso, temos em português, *caixalho*, *moldura*, *chave-mestra*, *chave de trinco*, *adaptador*.

Passeci demasiado - Frequentemente adjetivos na forma masculina, ou antes, neutra, são empregados como advérbios: Eles falam forte (fortemente) — Rezem baixo — Leia alto — Responda calmo — O remo compassado fere frio.

Chama Carneiro Ribeiro os adjetivos que essa função exercem *vocábulos adverbizados* e dá como exemplos as seguintes palavras: *certo*, *direito*, *continuo*, *infinito*, *súbito*, *junto*, *primeiro*, *doce*, *delgado*, *forte*, *frio*, *manso*, *caro*, *barato*, *ligeiro*, *fiado*, *duro*, *exato*, *raro*, *rijo*, *alto*, *baixo*, *claro*, *suave*, *segundo*, *mole*, *manifesto*, *imenso*, *sobejo*, *sério*, *gostoso*, *chão*, *rasgado*, *afeito*, *grosso*, *fino*, *diverso*, *folgado*, *demasiado*, *nímio*:

"Quem és tu, que esse estupendo corpo certo me tem malhado?" (Camões) — "Que a neve está continuo pelos montes, gelado o mar, geladas sempre as fontes" (Camões) — "Como um ladrão que de medo vai passo, quedo e sutil!" (Gonçalves Dias).

Empregavam já os latinos adjetivos neutros com função adverbial: "Dulce ridentem Lalagen amabo, dulce loquentem" (Horácio).

Passim - Advérbio latino que significa "aqui e ali"; é empregado após a citação de um livro, para indicar que "aqui e ali" nele se encontram passagens referentes ao assunto.

Pasteurizar, pastorizar - A doutrina de Pasteur e seu processo de esterilização do leite e de outros produtos diz-se geralmente *doutrina pasteuriana* e *pasteurização*. Em certa revista, porém, achamos a forma "leite *pastorizado*". O caso não nos teria chamado a atenção se essa não tivesse sido a forma de Rui, que fala em "doutrina *pastoriana*" nos "Elogios Acadêmicos", discurso sobre Osvaldo Cruz. O mestre necessariamente havia de ter suas razões, e aqui trasladamos o que se encontra nas "Apostilas aos dicionários portugueses", de Gonçalves Viana:

"Tanto *pasteurizar* como *pasteurização* provieram do francês *pasteuriser*, *pasteurisation*, e são neologismos indispensáveis; como se há de, porém, pronunciar a segunda sílaba, tanto do verbo como do substantivo dele derivado? A francesa, *pastorizar*, *pastorizado*, ou à portuguesa, *pasteurizar*, *pasteurização*? Se se adota a primeira pronúncia como a legítima, os vocábulos aporuguesados tornar-se-ão impossíveis de proferir para todos os portugueses que não pronunciem muito bem francês, pois o som do *eu* francês aberto e longo é dos mais difíceis de imitar para todos os indivíduos em cuja língua ele não exista, como acontece em português. A adotar-se o segundo alvitre, os vocábulos ficarão deformados, não na escrita, mas na pronúncia. Parece-me, portanto, que o melhor seria aporuguesá-los de todo em *pastorizar*, *pastorizado*, visto que o nome do grande médico francês *Pasteur* corresponde formalmente ao vocábulo português *pastor*."

A verdade, porém — podemos com folga de anos acrescentar — é que *pasteurizar* e derivados prevaleceram, pelo menos no Brasil, e são pronunciados sem nenhum receio nem preocupação com a pronúncia francesa; a palavra está realmente "pas-TEU-ri-za-da" entre nós.

Pasteurelose - Esta forma já consagrada de designar genericamente várias doenças, principalmente de animais, confirma a aceitação gráfica tratada no verbete anterior; assim se escreve e assim mesmo, à portuguesa, se pronuncia: *pas-téu-re-ló-se*. Já registrada em dicionários, dispensa as aspas, mas não nos esqueçamos de que é nome genérico.

Pata (pé e ave) - *Aumentativo*: patorra, patonha.

Patagônia - Adjetivo pátrio: *patagão*.

Patativa, patativo - Os que dizem *patativo* não têm em mente especificar o macho da patativa mas indicar o pássaro sem discriminar-lhe o sexo; são variantes que designam a mesma ave canora, das quais a primeira — *patativa* - é a usada em São Paulo; "a patativa do Norte" era a alcunha de Epitácio Pessoa em anedota de sabor político divulgada pela imprensa do Rio em 1919.

Os que usamos a forma *patativa*, gramaticalmente do gênero feminino, teremos de dizer, para a discriminação do sexo, a *patativa fêmea*, a *patativa macha*; *mutatis mutandis*, o *patativo macho*, o *patativo fêmeo*. V. *fêmeo*.

Patena - Se o Saraiva dá como breve o *e* da penúltima sílaba e remete para *pátina* (tigela, prato, tacho, manjedoura) o Calpepino e o dicionário da Real Academia Espanhola dão como longo esse *e*. Conquanto o vocabulário da Academia das Ciências de Lisboa, no dar as duas palavras, diga que *pátina* é melhor que *patena*, o acento espanhol prevalece e é por vários autores defendido também em nosso idioma: *pa-tê-na*.

Pater famílias - Uma curiosidade nos apresentam as expressões *pater famílias*, *filho famílias*, *mater famílias*, *filha famílias*, em que o elemento *famílias* corresponde ao antigo genitivo singular da primeira declinação latina; significam *pai de família*, *filho de família*, *mãe de família*, *filha de família* e são geralmente empregadas no singular; caso se necessite põ-las no plural, deve-se aporuguesar o primeiro elemento: *pais famílias*, *mães famílias*.

Patife - Feminino: *patifã*.

Patinar, patinhar - *V. o carro patinha*.

Pato - *Voz*: *grasnar*, *grasstar*.

"Patota" - A palavra portuguesa é *batota* (casa de jogo, trapaça no jogo, jogo de azar, logro, burla), donde *batotear* (fazer batota, jogar batota), *batoteiro*, *batotismo*.

Bato é o nome do jogo também chamado *jogo-das-cinco-pedrinhas*, ou *das-cinco-marias*.

Pátrios (adjetivos) - V. *gentílicos*.

Pau - *Coletivo*, quando fincados e unidos em trincheira: *bastida*, *paliçada*. V. *vara*.

Paulista, paulistano - Os nomes visam a clareza; se é função da linguagem dar a objetos diferentes nomes diferentes, devemos aceitar os apelativos *paulista* e *paulistano* para distinguir o nascido no estado (*paulista*) do nascido na capital (*paulistano*).

Paulo, Paula - Como sobrenomes exigem este cuidado, nem sempre observado: de São Vicente o sobrenome é *Paulo*, com o; de São Francisco é *Paula*. Mnemonicamente é fácil guardar: em "Francisco" existe a vogal *a* — São Francisco de Paula.

Pavão - *Voz: pupilar*. Feminino: *pavoia*.

"Pavemento" - Barbarismo; a palavra portuguesa é *pavimentação*.

Pavia - V. *Etiópia*.

Paxá - A grafia e a pronúncia do grupo consonantal do étimo árabe levam-nos a preferir escrever a palavra portuguesa com *x*. V. *Baxá*.

Pião, pião - São duas palavras: a primeira, com *e*, é de procedência latina (*pedáneum*); indica, entre outras coisas, homem que anda a pé, soldado de infantaria, amansador de cavalos, condutor de tropa, empregado de classe inferior de fazenda, peça do jogo de xadrez. Tem por feminino *peoa*, *peona*, e por plural *peãos*, *peões*, *peães*.

A segunda, com *i*, nada tem com as significações anteriores; indica o brinquedo de todos conhecido e, figuradamente, *eixo*, *ponta*, *flanco* em torno do qual giram coisas ou pessoas, e ainda duas plantas que dão pinha. Tem por plural *piãos*, *piães*, *piões*. V. *pião*, *peão*.

Peça - *Coletivo*: quando destinadas a aparecer juntas na mesa: *baixela*, *serviço*; de artigo comerciável, quando em volume para transporte: *fardo* (de fazendas, de fumo, de alfafa), *magote* (As peças de seda vinham aos *magotes* de cem e de quinhentas); de artilharia: *bateria*; de roupa, quando enroladas, *trouxa*; quando pequenas e atadas ou cosidas umas às outras para não se extraviarem na lavagem: *apontoado*; literária: *antologia*, *florilégio*, *seleta*, *silva*, *crestomatia*, *colêctanea*, *miscelânea*.

Pedi-lhe ir - V. *mandei-o vir*.

Pedir que - Quando traz por objeto um substantivo, é o verbo *pedir* empregado corretamente: *Pedir um favor*. Quando traz, porém, por objeto uma oração, é o verbo *pedir*, grande número de vezes, erroneamente empregado; se o correto é: *Pedir um favor* - só será correto: *Pedir que se faça um favor*.

No primeiro caso é o objeto constituído de coisa, e ao verbo se une sem nenhuma preposição; no segundo caso, não terá justificativa a intercalação da preposição *para* entre o verbo e o seu objeto direto, agora constituído de oração. Ou se diz: *Pedi que reformassem a casa* — ou, com elipse da conjunção integrante: *Pedi reformassem a casa* — ou: *Pedi reformarem a casa* — e não: *Pedi para que reformassem...* nem: *Pedi para reformarem...*

Conquanto haja exemplos que se afastam desse procedimento, quem constrói de acordo com a sintaxe exposta redige rigorosamente bem; construções com o verbo *pedir*, quando o objeto é oracional, devem ter o *que* ligado diretamente ao verbo; a interposição da preposição *para* (*Pedi para que lhe fizessem um favor*) não se justifica, e os que pretendem defender essa construção recorrem a estratégias cruciantes para a inteligência.

Há todavia um caso em que, em virtude da supressão do verdadeiro objeto direto, o verbo *pedir* vem aparentemente seguido de *para*. Tal se dá quando se subentende a palavra *permissão*, *licença*: O aluno pediu (licença) *para* sair mais cedo — Um dos ouvintes pediu (permissão) *para* falar.

Creemos que o leitor não irá confundir este caso com o anterior; lá a construção responde à pergunta: "Que é que pediu?" — *Pedi que lhe levassem o filho antes da hora de costume*. Aqui a construção responde à pergunta: "Pedi permissão para quê?" — *Pedi para levar o filho antes da hora de costume*.

Outros exemplos do primeiro caso: "... e o melindre *pede que não se escrevam*" (Camilo) — "As duas senhoras despediram-se dos rapazes *pedindo-lhes que as fossem ver*" (Machado de Assis) — "*Pedi ao velho que lhe emprestasse o aluguel do cardenho*" (Camilo) — "Um freguês *pediu-me lhe houvesse um pequeno de chumbo*" (Vieira).

Outros exemplos do segundo caso: "Um cavaleiro... *pede para falar com o conde*" (Herculano) — "Padre Antônio... *pediu para ficar só comigo*" (Camilo) — "Minha mãe ficou perplexa quando *lhe pedi para ir ao enterro*" (M. de Assis) — "Peça a algum lojista honrado *para ter na sua loja...*" (Castilho).

O mesmo se diga de outros verbos volitivos (verbos que expressam vontade), entre os quais *dizer*, quando usado com essa significação: "Diga-lhe *que venha*" (e não: Diga-lhe *para que venha*).

Pedra-ume - Dada a origem latina (*alumen*), o composto não deve trazer *h*.

Pega (è) - *Voz: paltrar*.

Pegada - Dúvida não deve haver quanto ao acento: *pe-gá-da*. O étimo - qualquer que seja ele, pois nisso há dissensões — prende-se sempre à raiz *ped* (pé), e a palavra expressa o sinal deixado pelo pé; nada etimologicamente tem que ver com o verbo *pegar*, embora se escreva e pronuncie tal qual o seu participio: *pegada*.

Pegado A - Não se trata de locução prepositiva, como acontece com *junto a*, *junto de*. Em "pegado a" o *a* é preposição exigida pela forma participial *pegado*; a concordância do participio com a palavra a que se refere é obrigatória: "Esta figura tem os braços estendidos e *pegados a* uma cruz como ordinariamente se representa Jesus Cristo crucificado". V. *junto*.

Pegado, pego (è) - Verbos há em português que possuem dois participios, um regular, formado de acordo com as leis da conjugação, ou seja, acrescentando-se ao radical do verbo a terminação *ado* para a primeira conjugação e *ido* para a segunda e terceira, e outro irregular, contrato, cuja formação não se enquadra em regra alguma e só se explica pela etimologia. Entre os muitos verbos de participios duplos (§ 494) está o verbo *pegar*: *pegado* e *pego (è)* — são as formas correspondentes ao participio regular e ao irregular.

Vejamos as regras para seu emprego: na voz ativa, ou seja, com os auxiliares *ter* e *haver*, emprega-se o participio *regular*, que permanece invariável; na voz passiva, ou seja, com os verbos *ser* e *estar*, o *irregular*, variável. Exemplos: Aquelas pessoas *têm pegado* muitos ladrões — onde *pegado* não varia nem em gênero nem em número; e: Aquelas pessoas *foram pegas* por muitos ladrões — concordando o participio em gênero e em número com a palavra a que se refere.

No velho português, como ainda hoje em francês e em italiano, o participio *junto aos auxiliares ter e haver* era variável; um quinhenista podia dizer: carta que eu tenho *escrita*, como um francês diz hoje: La lettre de j'ai *écrite*, e o italiano: ho *scritte* molte lettere. Atualmente fazemos distinção entre "tenho passado lições" e "tenho lições passadas".

Posso essa regra as suas exceções: Muitos participios irregulares são empregados na voz ativa: eu tenho *pagado*, *gasado*; muitas formas regulares empregam-se na passiva: foi *ocultado*, *sujeitado*.

Sem apoio etimológico, é verdade, a forma participial *pego (è)* está hoje generalizada, não sem estribar-se na analogia com outros participios irregulares; se de *secar* temos *seco (è)* (lat. *siccare*, *siccus*) o povo fez *pego de pegar*. Se em latim há *sicare* e também *siccus*, não cabe ao nosso idioma culpa de ter o latim somente *picare* e não ter *picus*. *Pego (è)* de tal

forma se vem introduzindo e alastrando que parece estar a sacrificar *pegado*, na acepção de agarrado, apanhado; vê-se empregado não só na passiva, mas na ativa: Havíamos já *pegado* o ladrão quando a polícia chegou.

Pego (ê) - V. *pegado*.

Peixe - Coletivo, em geral e quando na água: *cardume*; quando miúdo: *boana*; em depósito de água, para conservar ou criar: *aquário*; em feira: *cambada*, *espicha*, *enfada*; à tona: *banco*, *manta*.

Pela imprensa, pelo rádio e pela televisão - "... o relevo que lhe é conferido *pela* imprensa, *pelo* rádio e *pela* televisão": a preposição deve ser repetida. Quem escreve "... relevo que lhe é conferido *pela* imprensa, o rádio e a televisão" está a construir à francesa ou à castelhana, não porém à portuguesa.

Dizemos "a fita do Gordo e o Magro", "um grupo de rapazes e duas mocas" — sem repetir a preposição, mas nestes dois exemplos temos o caso de um regime comum, uno, da preposição, ou por outra, são exemplos em que vários nomes constituem um só regime, um todo, como nestoutros exemplos: casa de pau e barro, instituto de aposentadoria e pensões, tecido de algodão e lã, viver a pão e água.

Se as palavras que vêm após a preposição não constituem regime uno, contemporâneo, a repetição se impõe: "Nomes derivados de substantivos e de verbos" — "Vive na cidade e no campo" — "Ostenta seu poder no céu, no ar, no mar, na terra" — "Orgulho da ciência e da indústria" — "Honra para mim e para todos" — "Flexão subordinada às regras de Soares Barbosa e à de Frederico Diez".

Considere-se ademais o seguinte: regimes das preposições *a* e *por* devem ter repetida a preposição quando repetido vem o artigo: "Opor-se aos projetos e aos desígnios de alguém" (jamais "aos projetos e os desígnios") — "Carateriza-se *pelo* talento e *pelos* relevantes méritos" (jamais "pelo talento e os relevantes méritos") — "Flagelados *pela* peste e *pelos* estragos" — "Sócrates distinguiu-se *pela* modéstia e *pela* sabedoria" — "Choravam *pelo* pai e *pela* mãe" — "Marasmo do *pelo* álcool e *pela* nicotina" — "Morrer *pela* lei, *pelo* rei, *pela* pátria" — "Escarnecido *pelo* monarca e *pelos* ministros".

Se não se repetir o artigo, poder-se-á não repetir a preposição: "Opor-se aos projetos e desígnios de alguém" — "Flagelado *pela* peste e estragos". O mesmo poderá ser dito com relação a outras preposições: "Nas formas rizotónicas e derivadas" — "Observações sobre a pronúncia e grafia de certos verbos" (ou: "sobre a pronúncia e sobre a grafia" — não: "sobre a pronúncia e a grafia").

É galicismo ou castelhanismo pôr antes do segundo nome o artigo sem a preposição: "Une patrie dévastée par la faim, la guerre ou la maladie", "Una pátria devastada por el hambre, la guerra ó la peste"; em português: "Uma pátria assolada pela fome, pela guerra ou pela doença". (§ 550).

Pela rama - Locução que significa "superficialmente", "sem se aprofundar": Vejamos *pela rama* o que diz a história.

Pelaria - *Pelaria* é a forma vernácula que designa, entre outras coisas, a loja em que se vendem peles. "Peletería" é forma espúria, francesa e de nada vale variar para "peletaria". O que temos em português é *pelaria*. E assim, *peleiro*, e não "peleteiro".

Peleja - V. *moureja*.

"**Peletería**" - V. *pelaria*.

Pelo Brasil afora - Que palavra é *afora*? Acostumado a vê-la com a função de preposição, equivalente a "além de", "à exceção de", pode um estudioso estranhar a palavra na expressão do verbete; sua primeira classificação, no entanto, é de advérbio; é, segundo Morais, o mesmo advérbio *fora* antecedido do *a*, que entra proteticamente em outros advérbios — *a-té*, *a-dentro*, *a-diante*, *a-lém* — metaplasmo operado às vezes desde o latim.

Pelo "O Estado de S. Paulo" - Escrever "em O Estado", como escrever "per O Estado" é extravagância do sistema ortográfico de 1943. Ou se põe apóstrofo (*pel'O Estado*), ou se repe-

te o artigo (*pelo O Estado*) considerando-se o artigo que precede *Estado* parte integrante do título do jornal, ou se tira este (*pelo Estado*). Ortografia é processo de escrever a fala, e não processo de obrigar a escrever o que não se fala.

Outro é o motivo que impede a combinação de uma preposição com um artigo, com um pronome, com um advérbio, e não um subterfúgio, com um manhoso artifício para que não se incida em contradição com a restrição do emprego do apóstrofo decorrente da regra 44 do Formulário Ortográfico. Pela gramática da nossa língua, tais combinações são impossíveis quando a preposição rege um infinitivo: "Invoca o tempo *de os pagar* co'as sombras" — "É tempo *de ai ter* chegado". Nestes exemplos, a preposição está regendo os infinitivos *pagar* e *ter chegado*, razão por que não se combina com as palavras postas entre a preposição e o seu verdadeiro regime. Outro exemplo: "Não poderá fazer grandes progressos, *por o não ajudar* a memória".

Esta legítima norma gramatical ao capricho ortográfico do Formulário vai distância. V. *n'O Estado*.

Pelve - Preferível a *pélvis*. Constituem exceções *iris*, *lápiz*, *tênis*, nomes portugueses com *is* final átono. V. *púbis*; V. *clitoris*.

Pena - Coletivo, na ave: plumagem. V. *apesar de*.

Pena de escrever - *Barulho*: ranger, ringir, rilhar.

Pênale - O que nos interessa é vestir o vocábulo da melhor maneira possível. O povo, em geral, ou assim pronuncia a palavra inglesa, ou diz "pena máxima" ou "penal".

Pence, Pennies - V. *microns*.

Pendurar, Dependurar - De *pendulare*, o verbo *pendurar* tem a variante *dependurar*, com regências e significados iguais. O *de* como que reforça, aumenta a significação: *defraudar*, *demora*, *dearticular* (articular com suma clareza).

Peneirar - Cuidado em não errar: diga "eu *penheiro*". V. *aleijar*.

Pêntodo - V. *ânodo*.

Penugem - V. *lambugem*.

Pequeno - Superlativo sintético: *mínimo*, *pequeníssimo*.

Pequi - V. *rami*.

Pequim - A transliteração da terminação estrangeira *kin ora* é *quim* (*Pequim*, *Nanquim*), ora é *quem*: *Suaquem*.

Pequinês - Deriva de *Pequim*, e não de *pequeno*, o nome de uma raça de cães originária há dois mil anos do palácio de verão do imperador chinês; com *i*, portanto, deve ser escrita a penúltima sílaba dessa palavra, que, antes de outra coisa, indica o natural ou habitante de Pequim e o dialeto dessa cidade. V. *gentílicos*.

Per - O agente da passiva costuma aparecer acompanhado da preposição *per* (*per-o*: *pelo*; *per-a*: *pela*) em alguns casos, em vez de *per* aparece a preposição *de*, principalmente com os verbos que exprimem sentimento: ser querido *das* crianças, ser temido *dos* néscios, ser amado de todos. Outros exemplos: enfeitado *da* fortuna, rosa tocada *do* cruel granizo, rodeado *de* vários ministros, desajustado *da* Metrópole, acompanhado *do* chefe do escritório.

Per (preposição) - V. *polo*.

Per (reforçativo) - Na composição latina, tinham os prefixos *per* e *prae* valor reforçativo, donde sua anteposição a verbos para indicar intensidade de ação (em português: *perfarer*, *persequir*, *perdurar*, *perlavar*) e a adjetivos para formar superlativos sintéticos: *perdifficilis*, *praeclarus*, *perhúcidus*, *permagnum*, *praegélidus*, *perlongus*.

Esse é o motivo por que não se deve dizer "preferir *mais*"; a forma *preferir* já encerra a idéia de *mais* no prefixo *per*; o certo é "preferir uma coisa *a* outra" (e não: preferir uma coisa *mais do que* outra): prefiro o estudo *ao* jogo, prefiro ler *a* ouvir, prefiro a tranquilidade presente *às* antecipações do futuro, prefiro a morte *ao* perjúrio, preferimos admoestar *a* ralhar (§ 629).

Per fas et per nefas - Locução latina que significa "a torto e a direito", quer queira quer não", "por qualquer meio": Conseguirei *per fas et per nefas* o meu intento.

Per omnia saecula saeculorum - Locução latina, da liturgia católica, que significa "por todos os séculos dos séculos",

"para todo o sempre".

Percalço - É *percalço* que se escreve. Tem a palavra duas significações, uma erudita, outra familiar. Eruditamente, *percalço* significa lucro eventual, vantagem casual, proventos adicionais, lucro além do ordenado. Com tal significação é que *percalço* foi sempre usado, derivando daí o verbo *percalçar*, que significa lucrar, ganhar.

Comumente, porém, o vocábulo se emprega na acepção de transtorno no desempenho de uma obrigação, incômodo decorrente de uma profissão.

Percebido, Apercebido - *Percebido* quer dizer notado, enxergado, visto, divisado; *apercebido* é outra palavra, de outra significação, que quer dizer preparado, aparelhado, provido. São de Camões essas passagens: "*Aperceberam-se para a morte, para acometer o inimigo*" (aparelharam-se, prepararam-se para a morte) — "Ouve os danos de mim, que *apercebidos* estão a teu sobejo atrevimento" (que preparados estão para o teu sobejo atrevimento).

Idêntica é a diferença entre os compostos *despercebido*, que significa não notado, não visto, e *desapercebido*, que quer dizer não prevenido, não aparelhado, não provido.

Porcentagem, Porcentagem - Prende-se a primeira forma à locução latina *per centum*, que o inglês conservou inalterado, mas perde terreno para a segunda, já no Brasil já em Portugal. Se Aulete e Figueiredo a consignam como brasileirismo, Vasco Botelho de Amaral não esconde: "Em Portugal a influência francesa de *pourcentage* também vai arraigando tal forma, por meio da correspondência comercial".

Se essa é a justificação para Portugal, para nós vamos encontrá-la na própria expressão "por cento". Enquanto o latim alicerca a primeira forma, o uso a solapa. O importante é que não haja incoerência; se *porcentagem* dizemos, devemos igualmente fazer *percentual*, *percentagista*.

Percolendo - Entra aqui o prefixo reforçativo *per* acima exposto. É forma adjetiva já existente no latim; significa "que deve ser tratado com muito respeito".

Perder a direção - "O chofer perdeu a direção" é oração que exige condescendência para ser aceita como "o chofer perdeu o controle, o governo do carro". "Perder a direção" significa perder o rumo, a orientação; podemos tomar a direção de uma cidade e depois perder a direção, sempre com o total governo do carro.

É melhor que se construa: "O carro *desgovernou-se*, cruzou a pista e colidiu com outro que vinha em sentido contrário" — "O motorista entrou no trecho sem asfalto e *perdeu o controle do carro*" — "O navio *desgovernou-se* e chocou-se no cais".

Há diferença entre *desgovernar-se* um navio e *perder* um navio, um carro, um piloto, um chofer a direção.

Perdeu do Botafogo - Sempre que um bom dicionário surge, todos os estudiosos do idioma nele procuram solução para umas tantas dúvidas ainda não dirimidas nos já existentes. O "Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa", de Laudelino Freire, alenada obra de cinco volumes, rica de ensinamentos novos e preciosos, deixou-nos sem solução a regência do verbo *perder* quando empregado na acepção de "ficar vencido pelo jogador ou jogadores contra quem se joga".

De quanto é precioso esse dicionário é prova oferecer cinquenta e um significados do verbo *perder*, mas no sentido que nos interessa, que traz o número 24, o verbo é apresentado como intransitivo. Intransitivo, sem dúvida, no único exemplo dado, de Rebelo da Silva, porque não está expresso o objeto, nem de coisa nem de pessoa. É claro que quem perde perde alguma coisa — uma partida, um jogo, uma batalha — e é também claro que essa partida foi disputada com alguém, mas como iremos indicar este objeto de pessoa? Perdi *de*, perdi *para*, perdi *com* etc? É o que dicionário nenhum esclarece, nem os especializados de regência verbal.

Se exemplos de autores credenciados não se encontram, a regência que sempre ouvimos de pessoas de conhecimentos

de gramática foi "perder uma partida *de* alguém": *De* mim você perde — Sempre perdi *dele*. As crônicas de futebol aí estão, no entanto, com "perder uma partida *para* alguém", construção que só não estranha a estrangeiros e à média dos leitores de jornais esportivos.

Quanto ao emprego da preposição *com*, um esclarecimento se impõe. Na oração "Perdemos no jogo *com* o Internacional", "com o Internacional" é regime de *jogo*, e não de *perder*: no jogo com o Internacional perdemos — como se fosse: Jogamos com o Internacional e perdemos. Não deve aí haver confusão, nem aí nem em outras orações como esta: "Perdi (uma ação, uma causa) *contra* fulano".

No caso que nos interessa — a menos que surja um exemplo, muito bem endossado, de outra regência — aconselhamos que se redija: O *Bom* sucesso perdeu do Botafogo — O quadro desta cidade perdeu de todos os das cidades vizinhas — Você sempre perderá *dele* — Os Solteiros perderam dos Casados — Você vai perder de mim — exatamente como acontece com o verbo *ganhar*; ninguém ganha *para* um contendor, senão de um contendor.

Perdiz - Voz: *piar*. Masculino: *perdigão*.

Perdoar - Constrói-se com dativo de pessoa e acusativo de coisa: "Perdoei *lhe* a falta" — "Não *lhe* posso perdoar, menino" — "Eu nunca *lhe* perdoarei" — "Perdoei o mal passado em atenção ao bem atual".

Peregrino - *Coletivo*: caravana, romaria, romagem.

"Performance" - Em linguagem teatral deve ser traduzido por *papel*, *representação*, *execução* (em inglês *to perform*: representar no teatro, fazer, realizar; em francês, *performer*: executar, representar, atuar).

Em linguagem de trabalho, de economia, por *rendimento*: ...estudando-lhes o *rendimento* e as limitações (...by studying their performance and limitations) — O mediocre resultado das economias centralmente planejadas deriva da extrema rigidez do centralismo burocrático.

Em linguagem de esporte, por *facanha*, *proeza*, *realização*, *êxito* e, principalmente, por *resultado*: Qual foi o *resultado*? — Submetidos à prova de corrida durante 12 minutos, verificou-se que o *êxito* (e não "as performances") dos austríacos foi superior ao dos militares norte-americanos.

Há em inglês a frase "promises without performance", que deve ser traduzida por "promessas sem *cumprimento*".

"Perfumarias" - Certa surpresa causa ao observador de cartazes e de letreiros das casas comerciais a palavra *perfumarias*, pluralizada. Não estará ela a indicar, na fachada do prédio, senão o ramo de atividade, o fundo de comércio? No singular não deveria então estar?

Maior será a surpresa do observador se, curioso, for ao dicionário de Aulete, pois verificará não significar o vocábulo *perfumaria* tão só o estabelecimento onde se fabricam ou se vendem perfumes, mas a própria substância ou preparado odorífero que nesse estabelecimento se vende. Em que pesé o escrúpulo e a severidade desse monumento de nosso idioma, cabe-nos alimentar dúvidas sobre o acerto da segunda acepção, já à luz de outros dicionários, já ante argumentos não desprezíveis, oferecidos pela analogia.

Conquanto Cândido de Figueiredo, influenciado provavelmente pela autoridade do Aulete, aceite-a em seu dicionário como sinônima de *perfume*, Moraes nem ao menos traz a palavra em estudo, e Domingos Vieira a consigna tão só com o significado de "loja, oficina do perfumero". Se ao dicionarista cabe oferecer todas as acepções de um vocábulo sem discutir, não se encontra obrigado quem estuda o idioma a furtar-se de apreciá-las.

Como aceitar, como sinônima de uma palavra, uma segunda que traz um sufixo indicador de coleção da coisa pela primeira expressa? A assim proceder, estranheza nenhuma deverá causar-nos o encontrarmos amanhã, no frontispício de uma venda de drogas, um berrante luminoso: *Drogarias*. O suturador de sandálias não se demoraria a afixar à porta de sua tenda: *Sapatarias* — e veríamos perdido em breve o significado do sufixo com *cutelarias*, *colchoarias*, para significar

sapatos, colchões, cutelos. V. material de construção.

Perfuradora, Perfuratriz - V. *inspiradora*.

Pérfuro - É adjetivo proparoxítono, empregado em medicina legal na expressão *pérfuro-contuso*: "ferimento *pérfuro-contuso*". Não se encontra nos dicionários, mas prende-se à raiz latina *for* (*forame, foradiço*), que reveste a forma *fur* em *furar, perfurar* e derivados.

Pergaminho - V. *gentílico*.

Pérgula - Introduzida, não há muito (Cândido de Figueiredo não a consigna), no vernáculo pelo italiano "pergola", a palavra tem por primeiro étimo o latim *pérgula* (do verbo *pérgere*, que significa seguir o caminho, prosseguir) e denota *prolongamento da casa, balcão, galeria exterior* e, em sentido mais lato, *caramanchão*.

Em qualquer dessas acepções podemos empregar o vocábulo, com o cuidado, porém, de grafar a segunda sílaba com *u* e não com *o*: *pérgula*.

Perícia - *Perícia* significa destreza, habilidade, proficiência, quando se relaciona com o adjetivo *perito*, tomado na acepção de douto, versado, hábil. *Perito* pode ser empregado substantivamente, com o significado de "o que é nomeado pelo juízo para proceder a um exame médico, a uma avaliação, a uma vistoria etc., o que examina a escrituração comercial"; o substantivo que irá indicar o ato dessas pessoas será igualmente *perícia*: *A perícia* foi realizada sem os necessários requisitos — Na *perícia* a que foram submetidos os livros da firma...

Não empreguemos nesses casos a palavra "peritagem", inexistente e desnecessária, nem o adjetivo "perital"; digamos "*perícia* de avaliação" (e não "peritagem de avaliação", nem "avaliação perital").

Perífrase - V. *semântica*.

Perigo de vida, Perigo de morte - "Fulano está em perigo de vida" quer dizer "está em risco de morrer". Podemos dizer também, sem receio de erro: "Fulano está em perigo de morte", que o sentido será o mesmo. Podemos ainda variar essas expressões, substituindo "perigo" por "risco" e, ainda assim, idêntico será o significado.

Perinectomia - V. *apendicectomia*.

Perineu, Períneo - V. *peritônio, peritoneu*.

Período hipotético - O conjunto da subordinada condicional com a principal chama-se *período hipotético*. A subordinada condicional chama-se *prótase* (do verbo grego *proteino*, propor, pôr em questão); é a que *propõe* a condição para que se realize a ação principal. A principal chama-se *apódose* (do verbo grego *apodídomi*, definir); é a que *define, determina* a ação:

Se queres a paz (subord. condicional; *prótase*: propõe), *prepara a guerra* (principal; *apódose*: determina).

Três diferentes hipóteses existem: *real, possível, irreal*.

A - REAL: A hipótese é real quando existente o fato: *Se és homem...*, *Se Deus existe...*, *Se queres a paz...* (A condição existe, é real ou tida como real: tu és homem, Deus existe, tu queres a paz). O "se" equivale, então, a "já que", "uma vez que", ou seja, a condicional corresponde a uma causal, e o verbo fica no *indicativo* (menos no futuro, que é substituído por uma locução verbal que encerre futuramente: "Se todos nós vamos morrer, você não será exceção" — e não: "Se todos nós morreremos..."), e também no *indicativo* ou no *imperativo* fica o verbo da principal:

Se você não quer, não insisto — *Se você tinha pressa, eu também tinha* — *Se fiz, foi porque quis* — *Se lia muito, era porque tinha tempo* — *Se eu sabia, também você podia saber* *Se vou ao teatro, é porque gosto* — *Se você assim quer, cuide de sair logo* — *Se eu posso, você poderá* — *Se eu pode, você poderá*.

Note-se que construções como "*Se vou ao teatro, é porque gosto*", "*Se cheguei tarde, foi porque o trem se atrasou*", "*Se lia muito, era porque tinha tempo*" constituem períodos formados de uma condicional de hipótese real e uma principal em que o verbo *ser* tem o significado de *sucedee, acontecer*: *Se vou ao teatro, (isso) é (sucede) porque gosto* — *Se*

cheguei tarde, (isso) foi (sucedeu) porque o trem se atrasou — *Se lia muito, (isso) era (acontecía) porque tinha tempo*.

O verbo *ser* tem realmente, entre muitos outros, o sentido de *sucedee, acontecer*: "E se isto sucedeu no paraíso, cá fora que *será* senão o mesmo?" (Vicira) — A análise só poderá ser feita diante dessa equivalência.

B — POSSÍVEL - A hipótese é possível quando provável, admissível o fato. O verbo da condicional ou vai para o *subjuntivo imperfeito* (*Se eu quisesse, se eu fosse, se ele dissesse*) e o da principal para o futuro do pretérito (antes chamado "condicional" em nosso idioma e ainda hoje em outros), ou vai para o *subjuntivo futuro* (*se eu quiser, se eu for, se ele disser*) quando a hipótese encerrar idéia de possibilidade futura, e então o verbo da principal vai para o futuro — simples ou composto — do *indicativo* ou fica no presente, usado pelo futuro, ou no *imperativo*:

Se eu quisesse, eu iria — *Se eu tivesse querido, eu teria ido* — *Se eu fosse, teria de deixar outras coisas* — *Eu faria, contanto que me deixassem*.

Se eu quiser ir, não irei precisar de nada — *Se eu for, avisarei* — *Se ele disser sim, pode comprar* — *Se ele não quiser, não insista* — *Se fizermos o contrário, teremos conseguido o nosso triunfo* — *Se ele disser não, eu volto atrás* — *Se ele insistir, comunique-se com ele*.

Em resumo:

O verbo da condicional vai para o:	quando o v. da principal estiver no
PERFEITO DO SUBJUNTIVO Se eu quisesse Se eu tivesse querido	FUTURO DO PRETÉRITO eu iria eu teria ido
FUTURO DO SUBJUNTIVO Se eu for	FUTURO DO INDICATIVO PRESENTE DO INDICATIVO IMPERATIVO você ficará você fica fique

Note-se que não se usa o futuro do subjuntivo a não ser com *se* ou locução que o contenha: *Se não puder, exceto se não puder, salvo se puder*. Com *caso* e outras palavras ou locuções condicionais usa-se o presente: *Caso chova, não irei* (ou "não vou", presente pelo futuro) — *Vou preparar-me para a nossa viagem, a menos que você desista* — *Vou contanto que ele também vá* — *A não ser que chova, irei estar aí às 10*.

Com efeito enfático, pode o presente do indicativo vir em lugar do futuro do subjuntivo: "*Se avanças, morres*".

Note-se, ainda, que no período é indiferente vir em primeiro lugar a condicional possível ou a principal: *Se eu for fique* — *Fique se eu for*.

C — IRREAL: A hipótese é irreal quando verdadeiramente inexistente o fato: *Se eu tivesse morrido, se eu fosse anjo*. O verbo da condicional vai para o *subjuntivo imperfeito* ou *mais-que-perfeito*, e o da principal para o futuro do pretérito simples ou composto: *Se eu pudesse falar, não estaria escrevendo* — *Se eu tivesse podido falar, não teria escrito nem estaria outra vez escrevendo*.

Notas: 1. Na hipótese possível e na irreal, podemos elegantemente omitir a conjunção condicional quando a condicional expressa uma eventualidade no passado de consequência certa expressa na principal: *Tivesse eu estudado, teria passado*.

Essa justaposição de orações exige a posposição do sujeito ou a sua eliminação: *Fosse comigo, a coisa teria sido outra* — *Pudesse falar, não estaria escrevendo* — *Visse-a Juno, talvez se abrandaria* — *Fosse filho meu que tão cruelmente te houvesse ofendido...*

2. Ainda na hipótese possível e na irreal, era comum na linguagem antiga o mais-que-perfeito do indicativo na prótese e na apódose: Se eu *pudera* não *ficara* — Mais eu *pudera*, mais *fizera* — Se tu *houveras* estado aqui não *morrera* meu irmão.

Na linguagem clássica a liberdade era ainda maior, aparecendo o imperfeito na principal: Se este documento fosse universal, *estava* achado o meio — ... e nem que pinto fora, assim *piava* — Se ele vivesse, não *existias* tu agora.

A substituição pelo mais-que-perfeito se consagrou em certas expressões hipotéticas e optativas: *Prouvera* a Deus! — *Quem me dera!* — *Pudera!* — *Tomaram* eles poder vê-la na forca — *Tomara* que caia.

3. Também de uso clássico, conservado até hoje em qualquer dos três tipos de hipóteses, é a construção da oração condicional com um infinitivo antecedido de *a*: *A não ser* assim (Se não fosse assim), eu estaria perdido — *A ser-me* isto vedado (hipótese real: Se isto me é vedado), contento-me com o prazer bebido nas ficções de Virgílio — *A não se tratar* de um miserável, só duas forças seriam capazes de...

4. Ainda mais: Pode a oração condicional ser substituída por verbo no subjuntivo antecedido de *que* (por vezes elidido): *Que se levante* a mais ligeira brisa (Se se levantar...), basta o seu macio bafejo para encrespar a superfície espelhada do mar — *Haja*, porém, um excesso de ácido, a albumina não se separará.

5. Orações reduzidas participiais e gerundiais podem indicar condição: Devidamente *preparado*, você poderá enfrentar a situação — *Estudando* de forma inteligente, o assunto se tornará fácil.

6. Procedeu *como se fosse* dono — Quebraram tudo *como se fossem* bárbaros: Em períodos assim formados (o verbo pode estar no mais-que-perfeito do indicativo), o "como" abre uma oração conformativa (em que se subentende o mesmo verbo da principal no futuro do pretérito) e o "se" é que abre a condicional: Procedeu *como* (procederia) se fosse (fora) dono — Quebraram tudo *como* (quebrariam) se fossem (foram) bárbaros.

7. Em "se é que" o "é que" é meramente expletivo: Você pode sair já, se é que você quer! — O verbo no indicativo, aceitando-se a hipótese como real.

8. Conjunções que normalmente encerram outras idéias (tempo, concessão etc.) podem aparecer com força condicional: Você irá ao cinema *desde que* esteja (se estiver) com o serviço em dia — *Sem que* eu recorde tudo (se eu não recordar tudo), não irei tranquilo para o exame.

Perístole - V. *síndrome*.

"Peritagem", "perital" - Palavras inexistentes e desnecessárias. V. *perícia*.

Peritônio, peritoneu - De *perí* mais *lónion* (estendido em torno), a forma *peritônio* é proparoxítona em português, como é em espanhol, e com essa forma entra em *peritonealgia*, *peritoneopexia*, *peritoneorragia*, *peritoneotomia*.

A forma oxítona *peritoneu* tem sua razão de ser. Enquanto *peritônio*, *himênio* (Rebello Gonçalves e José Inês Louro preferem grafar com *io* final) são formas provenientes de adjetivo grego, *peritoneu*, *himeneu* provêm de nomes gregos terminados em *aios*, terminação que geralmente dá *eu* longo.

Quer *peritônio*, quer *peritônio*, quer *peritoneu* se grafe, a coisa indicada é uma só. O mesmo não se dá com a segunda palavra: *himeneu* é casamento, núpcias; *himênio* (*himênio*) é membrana.

Também duas formas existem, corretas, para *perineu* (proveniente de substantivo) e *perineo* (proveniente de adjetivo), o que não se dá com *mastóideo*, proveniente de *mastóide* mais o sufixo átono *eo*, a semelhança de *cotilóideo*, *glênóideo*, *etéreo*, *nectáreo*.

Perjuro, perjúrio - Não haja confusão: *perjuro* (palavra paroxítona) é o indivíduo faltoso à verdade, ao juramento: "Para castigar os *perjuros* Aqueus"; *perjúrio* é o próprio juramento falso, o próprio falso testemunho:

Este interpreta mais que subtilmente

Os textos: este faz e desfaz leis

Este causa os perjúrios entre a gente,

E mil vezes tyrranos torna os Reis.

Perlenga (palavreado, bacharelíce) — É a forma mais usada, por *parlenda* ou *parlanga*. A palavra prende-se a *parlar*, donde também provicou, por metátese, *paltrar*.

De *perlenga* temos *perlengar*, *perlengueiro*.

Pernambuco (estado brasileiro) - Sigla oficial: *PE*, sem nenhum ponto.

Pernilongo - *Voz*: cantar, zinir, zuido, zuir, zunido, zunir, zumbido, zumbir, zunzunar.

Perônio, peroneal - São as formas portuguesas, justificáveis pela procedência latina do substantivo.

Pérsia - *Adjetivo pátrio*: persa, pérsico, persiano.

Personagem - Constitui francesismo o emprego de *personagem* com gênero masculino. Acaso, referindo-se a Pedro, pode o leitor dizer "esse pessoa"? Se Pedro é "uma pessoa", ele é também "uma personagem". *Personagem* não é comum de dois; tem gênero fixo, feminino: *essa* personagem, *uma* personagem, *as* personagens. *Personagem muda* (e não *mudo*) é expressão técnica, consagrada, para indicar a personagem que entra nas peças teatrais só para figurar.

Persuadir - Significações e regências:

— Persuadir *uma pessoa de alguma coisa* (levar a crer, induzir a aceitar): É preciso persuadi-lo destas verdades.

— Persuadir *alguém a alguma coisa* (instigar): Com este pretexto, persuadiu-a à fuga — Quero persuadi-lo a ir amanhã — Persuadiu-o a que desistisse — Mas o povo à morte crua o persuade.

— Persuadir *a alguém alguma coisa* (dispor a praticar, determinar): Os príncipes persuadiram à turba que pedissem — ... argumentos que ou nos persuadem o erro, ou nos confirmam o acerto.

Perto - Como advérbio (classifica-se entre os de lugar), não varia: Eles estão *perto* - Eles moram *perto* — Cheguem *perto* — Eles não estavam nem *perto* nem longe.

Pode funcionar adjetivamente (significa "próximo"), "que está a pequena distância", mas, ainda assim, a seguir Moraes e Domingos Vieira (os demais dicionaristas nada dizem a respeito), não varia: Eles ficaram *perto* um do outro — Elas ficaram *perto* uma da outra.

Entra na locução prepositiva *perto de* e em locuções adverbiais (*ao perto*, junto, vizinho; *de perto*, a pouca distância, intimamente), sem flexionar-se: Gastamos *perto de* quinhentos cruzeiros — Todos eles, quando não vistos *ao perto*, eram moínhos — Saber alguma coisa *de perto*.

Funciona ainda como substantivo, no plural, por oposição a *longes*: os *peritos* da pintura (os objetos que se representam como mais próximos a quem os vê).

Peru - *Voz*: glu-glu, glugluejar, gorgolejar, grugruler, grugrular, grulhar.

Perúcia - *Perúcia* é que é o nome português (do latim *Perusia*) da cidade italiana *Perugia*, onde nasceu o pintor Pedro Vannucci (séc. XV), que tinha a alcunha de "o Perusiano"; *perusino* é realmente o adjetivo pátrio correto.

Pêsames - *Condolências* tem hoje sentido mais lato que *pêsames*. *Pêsames* costumam ser dados como manifestação de dor em caso de falecimento; *condolências*, nestas circunstâncias e ainda quando apenas se trata de desgraças ou infortúnios. Perdendo alguém sua fortuna, não receberia por isso *pêsames*, senão *condolências*. A parcimônia impõe-se ainda nas coisas belas e boas, como nesta de sentimento. V. *sauidade*.

Pesar - Com *s* é que se deve escrever. Assim nos manda o étimo latino *pensare*, forma freqüentativa de *péndere*. Grafia semelhante têm o espanhol *pesar*, o italiano *pesare*, o francês *peser*.

Essa forma deve ser mantida sempre, mesmo quando o verbo se afasta da significação primitiva de *determinar*, *avaliar* o peso, para significar *figuradamente ter sentimento*, *condoer-se*, *arrepender-se*: "Ao duque *pesou* muyto de os ver" (Garcia de Resende — *Chronica* de D. João II, cap. 31 —

Apud D. Vieira).

A distinção de sentido traz algumas vezes distinção de pronúncia, ou melhor, de prolação aberta ou fechada para uma palavra; o mesmo étimo latino, por causa da dualidade de significação, uma material, outra figurada, pode dar duas pronúncias no português: *forma* (modelo, molde), *fôrma* (maneira, sistema), mas não a diferenciação gráfica.

Esta é que não se deverá nem se poderá fazer no caso do verbete; justificar-se-ia se se tratasse de uma forma erudita e de outra popular, como acontece com as palavras *vezo* (derivação popular) e *vício* (der. erudita); *recitar* (der. erud.) e *rezar* (der. pop.); *isento* (pop.) e *exemplo* (erud.), mas tal não é o caso do verbo *pesar*.

Onde iríamos parar se fôssemos, a cada sentido que tem uma palavra, atribuir-lhe grafia diferente? A própria diferenciação prosódica já está desaparecendo; dificilmente ouvimos rezar um cristão "Pesa-me de todo o coração tê-lo ofendido". Com a significação figurada nem mesmo os eruditos fecham o *e* na oração "Em que pese a fulano". V. em que *pesem*.

Peso líquido - Assim é em português, e não *peso neto*, como vem em mercadorias procedentes de países de língua espanhola. Se em francês é "poids net", sem em inglês é "net weight", em português deve ser "peso líquido".

A própria tradução do inglês comercial "net profit" traduzem os que militam no comércio por "lucro líquido". Sejam coerentes que seremos corretos.

Pessoa ou Animal - *Coletivo*: chusma, cópia, facção, fila, fileira, magote, malta, partida, partido, quadrilha, rancho, tropa.

Pessoa - *Coletivo*: 1. em geral: aglomeração, assembléia, banda, bando, cenáculo, chusma, colmeia, concentração, coorte, gente, golpe (antiquado), grupo, legião, leva, magote, mare-magnum, massa, mó, mole, multidão, pessoal, piara, pinha, população, putissi, reunião, roda, rolo, troca, troço, uropel, turba, turma, zê-povinho. V. *pessoa ou animal*.

2. em sentido depreciativo: corja, caterva, choldra, fardandula, récuca, súcia. V. *pessoa má*.

3. a cantar: coro.

a equipar, governar, dirigir barco, aeroplano: tripulação. curiosas: pinha.

em acompanhamento solene: comitiva, cortejo, procissão, préstito, séquito, teoria.

em desordem: choldrabortra, pandemônio, rolo, turba-multa.

em grupos distintos pelas ocupações, pela natureza: classe (de alunos, de profissionais, de homens...), corpo (de jurados, de professores...), turma (de pedreiros, de calceteiros...).

em sucessão ininterrupta e rápida: chorrilho.

ilustres por qualquer título: plêiade, pugilo, punhado.

pagas para aplaudir: claque.

que moram em promiscuidade: cortiço.

que se revezam: turno.

que viajam ou passeiam: caravana.

reunidas em assembléia política popular: comício.

reunidas em romaria: romaria, romagem, peregrinação.

reunidas para diversão: farrancho, rancho.

reunidas para julgar: jure, corpo de jurados, conselho.

reunidas para modificar, estabelecer situações políticas: convenção, liga, dieta.

reunidas para tratar de um mesmo assunto: comissão, conselho, congresso, conclave, convênio, corporação.

sujeitas ao mesmo estatuto: agremiação, associação, centro, clube, grêmio, liga, sindicato, sociedade.

unidas por votos religiosos ou ligadas pelo mesmo interesse ou condições de vida, de costumes: cenáculo, classe, comunidade, confraria, congregação, irmandade, ordem, sinédrio.

Pessoa má (malfeitores em geral) - *Coletivo*: alcatéia, cáfila, canzoada, corja, matula, súcia.

em grande porção: bando, horda, réstia.

em bando organizado: quadrilha.

em reunião clandestina: conluio, conventículo, conciliábulo, cabala.

Pessoal - *Superlativo sintético*: personalíssimo, pessoalíssimo.

Petalópode V. *ápode*.

Peúga - Pelo significado (meia curta que cobre o pé até meia canela), o vernáculo *peúga* prende-se ao latim *pes. pedis* (pé), acrescido da terminação *úcula*, que deu *úgua* e, finalmente, *uga*.

Philosophum non facit barba - Expressão latina que significa "a barba não faz o filósofo", correspondente à nossa "o hábito não faz o monge".

Pião, Peão - São palavras diferentes; enquanto *pião* (brinquedo; eixo; ponto principal; estaca; planta que dá pinha) é de origem incerta, *peão* (homem que anda a pé; soldado de infantaria; amansador de cavalo; pajem; trabalhador do campo; peça do jogo de xadrez) tem por étimo o latim *pedāneum*, proveniente de *pedem* (pé).

Peoa, peona são formas femininas de *peão*, que tem três plurais: o latino em *ões* e mais *peões, peões*. Por este motivo, *pião*, que assim grafado é visto por *peão*, tem também as três formas do plural: *piãos, piães, piões* (216).

Barulho do pião (brinquedo): ró-ró, roncar, zunir.

Piauí (estado brasileiro) - Sigla oficial: *PI*, sem nenhum ponto.

Picardia - V. *Etiópia*.

Pica-pau - *Voz*: estridular, restridular.

Piçarra (argila misturada com cascalho) - É com *ç* que se escreve; provém do espanhol, onde o *z* corresponde ao nosso *ç*: *corazon, coraçãõ*.

Piche - Com *ch*; é grafia justificada pelo inglês *pitch*. É verdade que em latim é *pix*, com *x*, mas nossos vocábulos não vieram do nominativo, senão do acusativo, que no caso é *picem*, e não conhecemos exemplo em que *x* tenha provindo de *c* intervocálico latino. Webster atribui ao latim *pix, picis* a origem da palavra, aparentada com o grego *pisso (pitta)*, mas ela nos veio através do inglês antigo *pich e*, depois, *pitch*, donde a grafia mais aceita em português, *piche. Piche, pichar, pichação, pichador*, são grafias a que devemos dar preferência.

Picles - Aportuguesamento do inglês *pickles*, da expressão "mixed pickles" (legumes diversos em conserva de vinagre). O inglês tem o singular *pickle*, que significa salmoura, conserva, mas o plural é que chegou até nós, dando-nos uma palavra eimologicamente plural de forma — mas singular de significação — ou para indicar a mistura de vários legumes em conserva ou a própria conserva avinagrada: Este *picles* é bem feito — Comi cebola em *picles*.

"Pier", Atracadouro - Com o formato de dentes de um pente muito grosso, o cais de Nova Iorque tem *atracadouros* que permitem, com grande economia de espaço e de tempo para a carga e descarga, a amarração dos navios pelo bordo e não pela popa.

É precisamente a palavra portuguesa *atracadouro* a que traduz, no caso, a inglesa *pier*, intronada em notícias como esta: "Entrou em pleno funcionamento o novo "pier" do terminal marítimo da Petrobrás em São Sebastião".

Atracadouro, sem nenhuma especificação, é o sítio, em terra, onde atracam embarcações; mas ele pode ser flutuante, como vemos em Manaus, e pode ser um ou mais, e teremos então o inglês "floating pier" traduzido por "embarcadouro flutuante"; a finalidade do *atracadouro* poderá variar (lugar de embarque e desembarque de passageiros, de carga, lugar de depósito, de diversão), mas será sempre um *atracadouro*, e se mais de um forem eles, evitaremos o estranho plural "piers", que viria reforçar o desprezo às palavras portuguesas, o comodismo nosso em não recorrermos ao dicionário, objeto hoje aborrecido de estudantes por exigir conhecimento de ordem alfabética mais do que tempo para consulta.

Pierrô - Aportuguesamento do francês *Pierrot*; o plural é *pierrôs*. Conserva-se a forma originária em *pierrotesco, pierrotescamente*.

Pigarro, Figarra - A dupla apresentação desinencial de cer-

tas palavras não comporta justificação que não se apoie no uso. Quem dúvidas tiver sobre formas como *ameaço*, *ameaçã*; *chimelo*, *chimela*; *cinto*, *cinta*, deve sem relutância nem perda de tempo ir ao dicionário para aí verificar a equivalência ou a disjunção de significados das duas formas. Vezes há em que a duplicidade de apresentação da palavra não oferece dificuldade de distinção de significado, a exemplo de *casco*, *casca*, *cerco*, *cerca*, *caldo*, *calda*, principalmente quando diferentes são os étimos (*mico*, *mica*; *prato*, *prata*; *caso*, *casa*, *cão*, *cã*), mas a verdade é que existem realmente palavras com duas formas, uma masculina, outra feminina, que guardam certa analogia de sentido, numas muito próxima, como em *cinto*, *cinta*; *fosso*, *fossa*; *trilho*, *trilha* (algumas são até sinônimas: *chimelo*, *chimela*; *caraterístico*, *caraterística*), noutras mais afastada: *ramo*, *rama*; *casco*, *casca*; *cerco*, *cerca*; *pigarro* (embarço na garganta), *pigarra* (gogo, doença de galinha).

Um bom dicionário é o bom amigo desses momentos.

Pilha elétrica - Coletivo: bateria.

Pilota (ô) - É o feminino de *piloto*: "Nomeada *pilota* de provas, Maria Bastie foi a primeira mulher que ocupou o cargo de inspetora de fábrica de avião".

O fato de os dicionários não trazerem o feminino dos substantivos não indica que eles sejam uniformes; nenhum dicionário diz no verbete *pai* que o feminino é *mãe*, nem em português nem em língua nenhuma. Flexão é objeto de gramática, que hoje no Brasil só é aprendida por iniciativa própria.

Piloto, **Auriga**, **Carricula** - *Piloto* é nome que hoje designa, em várias línguas, não só o que, subordinado ao comandante, dirige uma embarcação, mas o que faz voar um aeroplano, um balão; qualquer elemento (vara, barra, luz) que dirige um aparelho; quem serve de guia; uma abertura que conduz a um grande túnel. Podemos, sem temor de erro, empregá-lo para designar o que conduz um animal, numa corrida, quer seja este montado quer atrelado à viatura.

Para o último caso há uma palavra portuguesa toda especial, velha como Roma: *auriga*; em latim como em português, indica o que dirige as rédeas, o que dirige, governa um carro, cocheiro (de *auris*, orelha; *ágre*, atuar):

Sobre o carro veloz, furioso parte

Que destramente guia o velho *auriga*.

Assim como *piloto* se presta em nossos dias para indicar o que conduz veículos diversos, também *auriga* tem em latim o sentido extensivo ao que governa navio: *auriga carinae*.

Necessidade nenhuma temos, portanto, de estar a mastigar um "driver", palavra de todo espúria, de pronúncia diversa da grafia, nem um "jôquei", já introduzido na língua mas de sentido diverso (o jôquei vai montado), inadaptável ao nosso caso.

A dificuldade (dificuldade de atender ao presidente do hipódromo de São Guilherme) está no sugerirmos a palavra que substitua "sulky" para indicar o carro dirigido pelo auriga em corridas de trote. Uma advertência, todavia, estamos seguros de poder fazer: Não se pense que "sulky" tem o sentido exclusivo conhecido dos apreciadores do trote. *Sulky* é em inglês, antes de mais nada, adjetivo (a terminação está a denotá-lo), que indica um tipo de assento para uma única pessoa; assim, o arado pode ser *sulky* (*sulky plow*), como *sulky* é o carrinho para criança aprender a andar (a *sulky-shaped gocart*). Devemos deixar dessa mania, revelante de ignorância, de ir buscar no inglês palavras de vários sentidos (*marketing*, *leasing* e muitas outras) para trazê-las ao nosso idioma com uma significação toda especial, técnica.

Se não nos é possível a tradução de *sulky* (*carrinha*, *charrua*, *carricola*, *charrete* — esta francesa — são palavras de sentido já determinado), só nos resta sugerir uma nova, de raiz prestativa para o caso: *carricula*. Não tem a vantagem da brevidade da inglesa, mas é expressiva, de pronúncia fiel à grafia, e de flexão numérica fácil.

O que é novo estranha; à custa da repetição e do tempo,

torna-se comum e tradicional. V. *pilota* (ô).

Pílula, **Píru-la** - Do latim *pillulam* duas formas se criaram, uma erudita, outra explicada pela dissimilação do *l*, fenómeno comum na derivação popular: *familiar* (por *familial*), *militar* (por *milital*) e, assim, *angular*, *capilar*, *circular*, *elementar*, *jugarlar*, *vulgar*, dissimilação nesses exemplos explicável por já existir um *l* no radical.

Pimélea - Como *arzálea*, é proparoxitona a palavra designativa desse arbusto, da família das timelécias, comum na Austrália e na Nova Zelândia, de folhas opostas e de flores em cachos brancas, amarelas e róseas.

"**Pimpineira**" - V. *m e n intronmetidos*.

Pincenê - Aportuguesamento do francês *pince-nez*.

Pingo nos ii - Quando quisermos declarar que numa palavra existe certa letra dobrada, escrevamos *dois aa*, *dois oo*, *dois ii* (e não *dois ás*, *dois ós*, *dois is*), pingo nos *ii* (e não pingo nos *is*).

De igual forma: Tal palavra tem *dois ss* (e não: Tal palavra tem *ss* — nem: ... tem *dois s*). Sem o cardinal, deveremos ler, simplesmente, *esses*, como nas orações: fazer *ss*, andar aos *ss* (andar tortuosamente).

Pingue-Pongue - Conquanto afastado da pronúncia da palavra originária, este aportuguesamento é necessário e consta já de vocabulários oficiais e de dicionários. É possível que em casos semelhantes, como *Hong Kong*, o aportuguesamento um dia se faça mais de acordo com a pronúncia da língua a que a palavra pertence (*Hom com*), mas *pingue-pongue* é forma já generalizada, como generalizado já se encontra *banque-bangue*, grafia correspondente a uma pronúncia estropiada; *bang* é palavra onomatopaica; corresponde ao nosso *bã*, para imitar tiro, estrondo; a palavra seria *bã-bã*, (Ouvi um *bã-bã* na porta), mas... alguém achou que o tiro soa *bangue*.

Pinguim - Deu-nos esse vocábulo o francês *pingouin*, razão por que alguns dicionários nossos consignam a forma *pinguim*; a grafia com *i* justifica-se pelo étimo latino *pinguem*, que significa *gordo*, porquanto é esse palmíde, que vive nos mares glaciais, possuidor de muita gordura, como nos mostra o dicionarista italiano Zingarelli, que registra *pinguino*, também com *i*. Pela ortografia atual é obrigatório o *trema*.

Pinto - Voz: piar, pipiar, pipilar.

Pio - Superlativo sintético: *piíssimo*, *pietíssimo*.

Pior, **Mais mal** - *Pior* é comparativo de *mau* e de *mal*; quando comparativo de *mau*, é adjetivo, e tem por plural, tanto masculino quanto feminino, *piores*: "as *piores* coisas". Quando advérbio, *pior* não varia: "Eles procedem *pior* do que eu".

A forma analítica adjetiva *mais mau* foi substituída pela sintética *pior*, mas a forma analítica adverbial *mais mal* permanece inalterável antes de particípio: Estavam *mais mal* informados do que nós — O trabalho *mais mal* apresentado foi o do Zequita.

Tal qual se dá com "mais bem", neste segundo caso a forma sintética só é justificável quando contida em comparação que intensifique idéia já expressa: As suas ações são *mal* vistas e *pior* imitadas (Vieira) — Outros *mais* confiados e *melhor* aconselhados (Luís de Souza). Caso não haja este paralelo comparativo de idéias, só se deve dizer: Encontra *mais mal* tratado do que nunca — Você é muito *mais mal* visto do que eu.

Note-se a ocorrência de particípio nos exemplos dados; o caso já foi ventilado em "mais bem".

Piquenique - Forma gráfica portuguesa da palavra francesa *picque-nique*, em inglês escrita *picnic*.

Piranguero - Deve ter relação com o tupi *pira* (peixe) porque designa o pescador comum, modesto, que pesca com anzol à beira dos rios ou sai a pescar de canoa.

Piri - V. *rami*.

Pitão - V. *Decamerão*.

Pitonisa - Confusão com formas femininas como *poetisa*, *sacerdotisa*, *profetisa* é que explica *pitonisa* com um só *s*. Não se trata aqui do sufixo *isa*, senão de palavra já formada no grego e aceita sem alteração nenhuma no latim. O próprio inglês teve, ao lado da corrente *pythonesis*, a forma, hoje rara,

pythonessa, com dois *ss*.

Se também o francês tem *pythomisse* (e não *pytonesse*, com o sufixo feminino de *poëtesse*), a explicação para a nossa grafia com um só *s* parece encontrar-se na grafia espanhola, onde o próprio *s* se chama "ese", com um só *s*, porque entre vogais tem o som de dois *ss*. Escreve o espanhol *pitonisa*, mas a pronúncia é a mesma do grego, do latim, do inglês, do francês.

É a única explicação que encontramos para a errônea, mas generalizada grafia com um só *s* em português, cujos dicionários, quando dão também *pitomissa*, fazem-no como simples variante ortográfica. V. *etiopisa*.

Pituita - O ditongo *ui* é aqui crescente, *pi-tu-í-ta*, pronunciado como em *ru-í-do*.

Pitoresco - Conquanto alguma vez se encontre em Herculano a forma *pituresco*, nosso vocabulário aceitou a forma italiana *pitoresco*, que tem correspondência e justificação etimológica também em inglês, em francês, em espanhol. Além do mais, temos o cognato *pitórico*.

Placar - V. *recorde*.

Placidez - V. *estupidez*.

Plano, Plaino - Ambas as palavras são ora substantivos (com a significação de planície, achada, chapada: Encontram-se perdizes em *plainos* — Era como um *plano* que se perdia de vista), ora adjetivos (com o significado do raso, liso: terreno *plano*, vidro *plano*). Outros significados tem *plano* (O *plano* dos *Lusíadas* — Uma figura que está no primeiro *plano*), o que corrobora o princípio filológico de que a coexistência num idioma de formas divergentes denota diferença de significado ou de emprego entre elas.

Planta - *Coletivo*: quando frutíferas: pomar; quando hortaliças, legumes: horta; quando novas, para replanta: viveiro; alfobre, tabuleiro; quando de uma região: flora; quando seca para classificação: herbário.

Plató - Aportuguesamento de *plateau*, palavra francesa de uso internacional.

Plausível - Erra quem emprega esta palavra com o sentido de provável; são seus verdadeiros significados: *aceitável*; *razoável*; *digno de aplauso*, *aprovação*: ...fazendo-se o dia do seu triunfo o mais *plausível* para o pasquim — Tanto mais era bem acolhido quantos motivos *plausíveis* achavam estas damas neles para voltar de lado.

Pléiade - V. *mónade*.

Pleito, Preito - Não confundir; *pleito* é demanda, questão judicial; *pleito* ordinário, conhecer de um *pleito*, julgar o *pleito*. De *pleito*, o verbo *pleitear* (defender em combate, em juízo, em discussão, rivalizar).

Preito tem hoje o significado de homenagem, sujeição, tributo de vassalagem: *preito* de gratidão. Tinha primeiramente o significado de *pacto*, ajuste, capitulação, donde os derivados *preitejar*, *preitejamento*.

Pleno - Passou a ser usado à francesa em certas expressões, com a significação de "no meio de": em *pleno* mar (no mar alto), em *pleno* dia (em dia alto), em *pleno* campo (em campo raso).

Seu verdadeiro significado em português é *cheio*, *repleto*, *completo* (lua *plena*, sessão *plena*, tribunal *pleno*), donde *plenário* (assembléia em que tomam parte todos os membros), *a pleno* (inteiramente, completamente).

É também por influência francesa que se diz "o avião foi atingido em *pleno*" ("en plein"); embora *pleno* signifique *cheio*, a expressão, quando entra a preposição *em*, é *em cheio*: dar *em cheio*, acertar *em cheio*, ganhar *em cheio*.

Pleonasmo - Indica a palavra *pleonasmo* (do grego *pleonasmós*, superabundância) a figura de sintaxe que consiste na redundância de expressão, ou seja, na repetição de uma mesma idéia mediante palavras diferentes.

Quando a repetição de idéias não traz nenhuma energia à expressão, o pleonasmo, antes de ser *figura*, passa a ser *vício*, que se denomina *perissologia*, *tautologia*, *batologia*: *comer com a boca*, *subir para cima*, *descer para baixo*, *ver com os olhos*.

Deixará de ser vicioso o pleonasmo quando, no repetir

a idéia já expressa, acrescenta um especificativo qualquer, que dê graça e força à expressão, ou quando indica contraste: "Fiz a caminhada com meus *próprios* pés" — "Esse ouro e prata, posto que naturalmente *desce para baixo*, havia de *subir para cima* (Vieira) — "Ele sabe *pescar peixe*, porém não sabe *pescar homens*" (C. Pereira) — "Ver com os olhos e ver com os dedos não é o mesmo" — "Enquanto *escrevemos da esquerda para a direita*, povos há do oriente que escrevem da direita para a esquerda".

Deixa, outrossim, de ser viciosamente pleonástica uma expressão, quando os termos que a compõem já não conservam sua significação de origem; não há, praticamente, repetição de idéia: *Sé catedral* (etimologicamente, *cadeira da cadeira*). *Meu monsenhor* (etimologicamente, *meu meu senhor*). *Meu menino* (etimologicamente, *meu meu niño*, do espanhol). Opera-se também o pleonasmo quando se repetem membros da oração (oração pleonástica); neste caso é preciso cautela e parcimônia para que surta efeito: "Os sinos já não há quem os toque" — "Ao qual recado *ele Hidalgo* não respondera" — "Sabedor nunca o fui" — "A mim me parece" — "A *podenga negra*, essa corria pelo aposento" — "Parece-me a mim" — "...maltrando-se a si próprio" — "Os bens deste mundo, como são corruptíveis, ainda que não haja quem os fure, eles mesmos se nos roubam".

A repetição pleonástica do objeto na forma oblíqua ou do sujeito se dá geralmente quando esses termos vêm no rosto da oração ou antes do verbo: "Semelhantes *cortejos*, de continuo os oferece a cidade" — "O estímulo da honra, *rê-lia* o jovem pernambucano".

Observe-se, em alguns dos exemplos em que se repete o objeto direto, a vírgula antes da repetição pleonástica, pontuação essa às vezes exigida pela clareza.

Constitui também *pleonasmo* o emprego de certas partículas que não fazem parte da oração e dela podem ser suprimidas sem comprometer a clareza nem a construção: "Não me desças a escada pela grade" — "Sei *lá* o que quer ele!" — "Que santa *que* é esta mulher!" — "Eu *é* que a isso não me atrevo!" — "Quase *que* cai". Tais partículas ou locuções se dizem expletivas.

Pletora - A palavra — que designa excesso de humores ou de sangue, mau estado em virtude desse excesso — é paroxitona: *ple-tó-ra*; emprega-se também em sentido figurado: *pletora* de conselhos.

Plissê - À semelhança de outros vocábulos oriundos do francês, *plissê*, bem como os derivados *plissado*, *plissador*, *plissagem* e o verbo *plissar*, já não podem ser rejeitados. Todos dizemos *preguear*, *prega*, *pregueado*, *pregueador*, mas não temos força para refugar as palavras sinônimas francesas; além do mais, de *plissê* temos *plissagem* para indicar o ato de plissar; e para indicar o ato de preguear?

Plugue - Já é hora de dar ao *plug* inglês a forma *plugue* em português. Depois do descabido "container", *plugue* tem credenciais para introduzir-se em nosso vocabulário; a especial significação, o largo uso e a fácil adaptação ao nosso escrever tornam *plugue* acreditado entre nós.

Plumbagina - É a grafia correta; erudito o uso de uma palavra, erudita deve ser a forma; a grafia com o é gálica.

Plural de anos de uma década - V. *quarentas*.

Plural de composto por prefixação - V. *antitanques*.

Plural de nome próprio - O plural dos nomes próprios segue as mesmas regras dos comuns: os *Andradas*, os *Ferreiras*, os *Sotomaiors*, os *Peixotas*, os *Meneses*, os *Luises*, as *Ineses*, os *Queirozes*, os *Rodrigues*, os *Joães*, os *Louveiros de Melo*, dois *Rafaelis*, vários *Canalettos*, os *Miguel-Ángelos* (*Miquelángelos*) do Vaticano.

Plural de palavra indicativa de massa - Nomes de substâncias continuas, ou seja, indicativas de massa, porção, podem ser usados no singular ou no plural. No singular (*pó*, *chá*, *feijão*, *carne*) significam produto, utilidade, alimento etc., não consistentes de unidades contáveis, mas são usados no plural (*pós*, *chá*s, *feijões*, *carnes*) para expressar espécies, variedades: *pós* de sapato em pacotes diferentes, casa de *carnes*, *chá*s de várias procedências, *chupei uvas* as mais gostosas.

De maneira semelhante, nomes abstratos no singular (*verdade, confiança, fraqueza*) podem ter plural para indicar exemplos, tipos, atos (*verdades, confianças, fraquezas*). § 231, 2, 3.

Plural de sigla - O plural de letras iniciais de uma designação empregadas como sua abreviatura é muito claramente indicado em inglês por um *s* minúsculo posposto ao conjunto de letras maiúsculas que abreviam a designação. Não há britânico que titubeie ao ler no seu jornal o que fizeram na véspera os *MPs*, pois assim muito naturalmente se abrevia em inglês *Membros do Parlamento*.

Não parece haver inconveniência em que de igual maneira proceda um brasileiro ao redigir: "Os *CICs* referentes aos exercícios dos anos anteriores" — "A mesma rua pode ter *CEPs* diferentes" — "Os *QGs* estão de prontidão" — "As *SAs* têm nova lei" — "As *QVs* são publicadas aos domingos em capas de caderno" — "Os *INPSs* identificavam-se pelas filas" — "...subordinada à Coordenadoria das Administrações Regionais... mas o coordenador das *ARs*..." — "O antagonismo das estratégias dos *PCs*". Têm essas abreviaturas inteira clareza de significação quando antes delas já por extenso ficou expressa a designação, como está no penúltimo exemplo.

Não é esse o caso de *AA.* (autores), de *SS. AA.* (Suas Altezas), de *SS. AA. II.* (Suas Altezas Imperiais), nem de *E.U.A.*, abreviaturas que por este ou por aquele motivo se distinguem das primeiras e já se encontram oficialmente determinadas.

Plural de substantivos compostos - Diante de erros que temos visto em nossos jornais, andamos necessitados de recordar certas regras de flexão numérica de substantivos compostos: "Brasília decide construir mais *idades-satélite*". — Assim não se diz, mas *idades-satélites*.

Ainda que admitamos a invariabilidade do segundo elemento do substantivo composto quando encerra idéia de finalidade, não conseguimos ver tal idéia no segundo elemento de *cidade-satélite*. Observamos no verbete *carro-correio* que "isto de encerrar o segundo elemento de substantivo composto idéia de finalidade é assunto mais ou menos delicado, e quase sempre inseguro".

De igual forma, o plural de *carta-bomba* deve trazer os dois elementos flexionados: "Tel-Avive intercepta oito *cartas-bombas*", e igual deverá ser nosso procedimento em: "Meireles encontra a aldeia dos *araras-torás*".

"Com a próxima passagem dos serviços de trânsito do estado para o município, a campanha nessa parte poderá ser facilitada. Até lá os *bem-te-vi* terão aprendido a andar de motocicletas e poderão...". Aqui dois erros. 1. É regra de português: os compostos que têm o último elemento constituído de verbo flexionam-se: *luze-luzes, malmequeres, vau-véns, corre-corres... bem-te-vis*. 2. Acabamos de ver no verbete anterior o inconveniente do plural distributivo em português; não se diz em nosso idioma "eles foram de navios", "eles andam a cavalos"; o redator deveria ter escrito: "...até lá os *bem-te-vis* (contrariando a ortografia oficial, tiraríamos os hifens: *bentevis*) terão aprendido a andar de *motocicleta*".

Se há quem diga serem espúrios plurais como *escolas-modelo, canetas-linteiro*, que dizer da não flexão do segundo elemento quando não existe indicação nenhuma de finalidade? A variedade de erros e a frequência com que vêm sendo cometidos pelos homens de notícia dão-nos a perceber que não é o pensar em idéia de finalidade que os faz claudicar, mas o desconhecimento das regras fundamentais, que qualquer gramática deve trazer, da pluralização dos vários grupos de substantivos compostos portugueses. (§ 225 e ss.).

Plural distributivo - Os que conhecem latim sabem que nesse idioma o nome da coisa possuída vai comumente para o plural quando vários são os possuidores; dá-se isso principalmente quando o nome é parte do corpo ou propriedade da alma. Enquanto em português se diz "temos (plural) o coração (singular) para o alto", em latim diz-se "temos (pl.) os corações (pl.) para o alto": *sursum corda* (pl.) *habemus* (pl.),

como se diz "consules (pl.) *capita* (pl.) conferunt" — "*capita* (pl.) *lignorum* (pl.) — *caput* (sing.) *columnae* (sing.) — *capita* (pl.) *fontium* (pl.)".

A tradução correta de "ornamus *corpora* (pl.), ornemus etiam *animos* (pl.)" é "ornamos o *corpo* (sing.), ornemos também o *espírito* (sing.)". Se Virgílio diz, referindo-se aos miserandos troianos: "...miseris *improvida pectora* turbat", o tradutor deve para o português passar: "...agita-lhes o *espírito* desprevenido".

Esse plural, que podemos chamar distributivo, começa a aparecer em notícias de jornais nossos, como esta: "As autoridades não desmentiram nem confirmaram tal versão, limitando-se a dizer que as investigações para determinar as *identidades* dos mortos prosseguem". Tal construção merece a mesma repulsa que estoutra: "Eles estavam com os *narizes* sujos". Assim não se diz em português, senão: "Eles estavam com o *nariz* sujo" — "Todos estavam de *boca* aberta" — "pessoas de notável *personalidade*" — "...para determinar a *identidade* dos mortos".

Claro está não se fundamentar no latim tal fuga da nossa construção; mais uma vez o inglês é que se faz sentir e só nos resta desejar nos faça um dia o inglês também sentir que a sua construção "Eu o vi" deve ser a nossa, o que só se dará quando eliminar erros for entre nós mais fácil do que introduzi-los, ou por outra, quando deturpar a língua for mais difícil do que preservá-la.

Plural estranho - Uma vez adaptado o estrangeirismo à grafia nossa, fazendo-se terminar em desinência comum às dos nossos vocábulos, o plural se torna facilitado e corrente. É o que se passa com o latinismo *memorandum*, já engranzado no vernáculo sem a rebarba do gerundivo latino; vocabulários oficiais só trazem hoje *memorando*, e dicionários registram a forma latina apenas para preterir a remissão "V. *memorando*".

Evita-nos a forma vernaculizada o estranho plural "memoranda", normal e corrente em inglês, língua que adoia em casos semelhantes o plural latino, ou, quando o caso, o grego, oferecendo-nos estes plurais, inaceitáveis em nosso idioma: "O Brasil negociará com o Japão um empréstimo para a construção de *campi* universitários". *Campus* no singular, também *campus* no plural em português; não dizemos "os *onera*", mas "os *onus* do processo", "*onus* reais", como não dizemos "os *qui pro quibus*", "condições *sine quibus non*", "os *mapae mundi*", "os *veredicta*", "os *desiderata*", "os *curricula*", "dois *post-scriptos*", "dois *micra*", "os *ova* diferem de tamanho", "as *setae* de uma *taturana*". Unicamente quando inadaptáveis ao vernáculo, quando de terminação estranha às nossas, é que certas palavras obedecem para o plural às regras do idioma de que procedem; é o caso de *schilling, penny* (*schillings, pence, pennies*). Fora esta possibilidade, o plural nosso se impõe: os *veredictans*, os *desideratans*, os *albans*, dois *tedeus*, dois *post-scriptans*, os *curriculumans*, os *microns*, os *campus*.

Plural redatorial - V. *plural majestático*.

Plural de deferência - V. *plural majestático*.

Plural majestático - Ao emprego de *nós* por *eu*, pelo qual reis, papas, prelados e pessoas de semelhante posição elevada se referem a si próprios, dá-se o nome *plural majestático*, ou *plural de desigualdade social*. Este plural estilístico é atribuído ao rei João de Inglaterra, cujo exemplo soberanos germânicos e franceses seguiram por volta de 1200.

Autores, jornalistas, oradores podem proceder de igual forma, para evitar o egoístico emprego de *eu*, e o plural então se chama *redatorial*. Acrescente-se mais o emprego *nós* por *voce* ou *tu* em expressões familiares como: "Como *vamos*, rapaz?"

O verbo em tais casos vai para o plural, mas é importante observar que o adjetivo em função predicativa concorda silepticamente: "Antes sejamos *breve* que *prolixo*" — "Amigo *atenio* e *obrigado* somos" — "Estamos *persuadido* disso" — procedimento que também se dá quando *vós* é empregado

por tu (plural de deferência): "Vós estais enganado" — "Vós sois caridoso".

Plural sem sentido - V. "perfumarias". V. material de construção.

Pluralismo, Pluralidade - Não são palavras sinônimas. *Pluralismo* tem relação com *monismo*, *dualismo*, palavras de filosofia, de doutrina, de religião. Se não se admite a coexistência de mais de uma doutrina, de mais de um sistema, tem-se o *monismo*; se é aceita a coexistência de duas doutrinas, o *dualismo*; se de mais de duas, o *pluralismo*: *pluralismo* de religião, *pluralismo* de ideologia, a religião católica, apostólica, romana não aceita o *pluralismo*.

Pluralidade é o caráter de plural, a qualidade de ser numeroso, qualidade atribuída a mais de uma pessoa ou coisa: *pluralidade* de domicílio, *pluralidade* partidária (mais de um partido da mesma ideologia).

Compare-se com *crístandade* e *cristianismo*. *Crístandade* refere-se ao conjunto material de povos, de países cristãos: Estendia aquela inflamada caridade a todo o reino de França e a toda a *crístandade*. *Cristianismo* refere-se à doutrina, à confissão religiosa, ao preceito de Jesus Cristo: O *cristianismo* é o fundamento da civilização ocidental.

Em resumo: no sufixo *ismo*, a idéia de doutrina; no sufixo *idade*, a idéia de quantidade material.

Pluri - Prefixo que se junta sem hífen: *pluridentado*, *plurifloro*, *plurissecular*, *plurilingüe*.

Pneumonectomia - É palavra sem dúvida corretíssima para especificar a excisão, a ablação do pulmão (*pneumon*, pulmão; *ectomé*, excisão). *Pneumonectomia* não viria indicar, como dizem Monod e Bonniot, supressão, extinção do ar, da vida; a palavra não está tão bem formada como a primeira; o radical de *ar*, em grego, é *pneumat* e não *pneum*.

O "imbroglio" vem do fato de tomarmos, às vezes, em lugar do radical *pneumon*, o radical abreviado *pneum*, que nesta forma entra em *pneum-o-brânquio*, *pneum-o-cele*, *pneum-o-coco*, *pneum-o-pexia*, *pneum-o-plegia*, nomes que dizem respeito ao pulmão, existindo outras palavras em que o radical aparece inteiro: *pneumon-ia*, *pneumon-algia*, *pneumon-o-patia*, *pneumon-ô-lito*. Se quisermos ser coerentes, deveremos refular todos os compostos em que o radical da palavra grega pulmão aparece abreviado.

Lembremo-nos, outrossim, de que a dificuldade aumenta com a existência, em grego, de outra palavra, *pnoié*, que significa *sopro* e entra em *pne-ô-metro*, *pne-ô-scópio*, *pne-ô-dinâmica*.

Pneumopericárdio (derrame gasoso no pericárdio) e *pneumógrafa* (que registra o ar) são duas palavras também erradas: *pneumopericárdio* e *pneumógrafa* é que devem ser as formas.

O equívoco em compostos das palavras gregas *pulmão* e *ar* desapareceria se usássemos sempre o radical completo: *pneumon* (pulmão) e *pneumat* (ar), ou se deixássemos de copiar servilmente palavras francesas e jogássemos com os nossos próprios conhecimentos da língua grega.

Pneumotórax - "A palavra — diz um leitor — cuja forma exata se discute, designa em medicina a penetração de ar na cavidade pleural ou espontaneamente, ou por motivo de moléstia, ou artificialmente com fim terapêutico. Em qualquer caso, o radical grego que forma o primeiro elemento da composição do vocábulo, nada tem que ver com o vernáculo pulmão. Não se trata aqui de *pneúmon*, *pneúmonos*, mas de *pneúma*, *pneúmatos*, que significa *sopro*, *vento*. Por este motivo é que o professor Sousa Lima propôs, judiciosamente a meu ver, que à forma usual se substituísse esta outra — *pneumatórax*. Ora, o ilustre helenista Ramiz Galvão, uma das maiores autoridades na matéria, discordou daquele professor, não quanto ao radical do vocábulo, senão por motivo bem diverso. É que na formação dos compostos gregos nem sempre se utiliza o radical completo, que no caso seria *pneumat*, mas, por vezes, o tema abreviado (no caso vertente, *pneum*); e aquele "o" seria mais uma vogal de ligação de acordo com a lei dos compostos gregos. A conclusão — são ainda palavras do consulente — é que ambas as formas são filologicamente corretas e, pois, admissíveis, devendo-se entretanto

de preferência dizer *pneumatórax* porque, sobre ser também correta, é a usual".

Concordamos com o leitor em que de fato o primeiro elemento dessa palavra deva ser *pneumat*; concordamos pela metade com Sousa Lima, mas em nada com Ramiz Galvão.

Começemos pelo último: "...na formação dos compostos gregos nem sempre se utiliza o radical completo". — Não é bem isso; veja-se por exemplo o vocábulo *idolatria*; essa palavra deveria ser *idolo-latria*; que fizemos nós? Cortamos a sílaba "lo", operação a que se dá o nome de *haplogia* (redução ou eliminação de elementos similares de um vocábulo); o "o" da terceira sílaba é que é o verdadeiro liame do composto; ele e o seu companheiro silábico, o "l", desapareceram; o "o" da segunda sílaba pertence intrinsecamente ao radical do primeiro elemento.

Outro exemplo: *monônimo*; deveria ser *mono-nômio*, não é verdade? Que aconteceu? Foi suprimida a segunda sílaba, ou seja, o primeiro "no". Fôssemos concordar com Ramiz Galvão teríamos de afirmar que o primeiro elemento é constituído apenas do "m".

Transportando-nos para o nosso caso, deveríamos ter, completa, a palavra *pneumatolórax*. Eliminando a sílaba "to", como nos exemplos acima, teremos *pneumatórax*, tal qual deseja Sousa Lima. Mas, perguntamos, para que essa eliminação se em *pneumatoterapia* não o fazemos? É que, e aqui vem o xis da questão, quem formou a palavra, embora consciente de que os termos componentes deveriam ser os correspondentes a *sopro*, *ar* (*pneúma*, *atos*), e *torax*, deixou-se enganar pelas formas muito semelhantes no grego entre *ar* e *pulmão* (*pneúmon*, *onos*).

Concluindo: Se queremos fazer frente ao francês, ao italiano, ao inglês e talvez a outras línguas mais, digamos *pneumatolórax*, como dizemos e dizem os demais *pneumatoterapia*: se a isso não nos arrojam, deixemos ficar *pneumatórax*, que, embora grotesco, é consagrado pelo uso nosso e de outros idiomas.

Pobre - *Superlativo sintético*: paupérrimo, pobríssimo.

Pobre de mim - Considera-se idiotismo o expletivo emprego da preposição *de* em expressões como "pobre do homem", "coitado de meu tio", "o bom do velho", "um coitado de um pastor", "infeliz de quem assim proceder".

Poça - Se *poco* tem fechado o o (pôco), a forma feminina, de significação alterada, deve ser pronunciada *pôça*, como com o aberto deve ser pronunciado o plural do masculino, *pôços*: *Poços de Caldas*. O mesmo se dá, dentre outros nomes, com *fosso* (ô), *fossa* (ô), *fossos* (ô). § 234, 1, obs. 1.

Poção, Porção - Além de forma aumentativa de *poco*, *poção* tem significado especial quando nome derivado do latim *potio-nem*, e neste caso é por vezes confundido com o parônimo *porção*. Não se deve, com respeito a medicamento dissolvido ou em suspensão, administrado por via oral, geralmente às colheradas, dizer: "Tome duas *porções* por dia", mas: "Tome duas *poções* por dia".

Podem subsistir-desconfianças - Para evitar erro de concordância considerem-se os verbos *poder* e *subsistir* um único verbo, ou seja, uma locução verbal (§ 519). Admitido isso, bastará procurar o sujeito: Que pode subsistir? *Desconfianças*. Logo, *desconfianças podem subsistir*. Outros exemplos: *Podem* ir mulheres? *Podem*. — *Podem* cair tronos, minha opinião continuará a mesma. — *Pudessem* mudos falar e cegos ver, estaríamos libertos. — *Se pudéssemos* ir nós mesmos... — *Se pudéssem* subsistir dúvidas...

Poderes - Enquanto vigorava no Brasil o acordo ortográfico de 1943 no tocante ao circunflexo dos homógrafos fechados, tínhamos de enfeitar sobejamente certas palavras; a do verbo era uma delas; devia trazer o circunflexo quando segunda pessoa do infinitivo flexionado do verbo ou plural do substantivo *poder* para distinguir de *poderes* (que se lê *podêres*, plural de *podere*, que se pronuncia *podêre*), que nunca ninguém escreve. Designa uma túnica sacerdotal que, usada entre os antigos, descia até os pés. Como também na comédia ela era usada, não é de admirar que dela devêssemos

lembrar-nos sempre que desejássemos obedecer à ortografia académica de 1943.

Poema, Poesia - *Poema* está deixando de indicar composição longa — ou mais ou menos extensa — geralmente de assunto épico, para, à inglesa, significar qualquer obra em verso. Continua, todavia, a ser respeitado o primeiro significado quando referente ao nome a composição poética em que há enredo e ação, ou quando empregado para indicar assunto digno de ser cantado em verso: A tua viagem é um verdadeiro poema.

Poesias líricas e canções - *Coletivo*, quando antigas, lusitanas ou espanholas: cancionero.

Poeta - *Aumentativo* pejorativo: poetaço, poetastro.

Pogrom - Palavra russa, já consignada em vocabulários, para designar matança, perseguição de judeus. A acentuação é oxitona e o plural é *pogroms*. É seu derivado *pogromista*.

Pois não, Pois sim, Pois que - *Pois não* é fórmula de cortesia que, em resposta a alguém que nos pede alguma coisa, significa não podermos deixar de a conceder: "Queres ir comigo? — Quero, *pois não*." — "Queres ir comigo? — *Pois não*, com muito gosto".

Pode, ao contrário, em períodos negativos, denotar incredulidade ou recusa: "*Pois não!* não creio nesse!" — "Pedes-me que te acompanhe; *pois não!* não tinha mais que fazer!"

Pois sim tem também os dois sentidos; denota assentimento: "*Pois sim*, concedo-te a licença" — Indica recusa, dúvida, reserva: "Empresta-me o lápis. — *Pois sim*, não querias mais nada!"

Pois que tem também dois sentidos, mas causal o primeiro (equivalente a *porque, porquanto*): "...*pois que* nos grandes já ninguém roga" — de espanto o segundo: *Pois quê!*

Polaco - V. *polonês*.

Polder, Polderes - "As terras férteis do Vale do Paraíba aguardam *polders*" era cabeçalho de uma notícia. A quem não conhece o significado da palavra holandesa (trato de terra baixa e encharcada pelo mar ou por qualquer porção de água, recuperado por diques, represas, barragens etc.), a comunicação poderá sugerir a espera de alguma máquina ou de coisas outras da realidade. O que elas aguardam é proteção, recuperação, já por este já por aquele meio.

Deixando o verdadeiro sentido do cabeçalho para os engenheiros, limitemo-nos a sugerir que a palavra já se encontra em dicionário, com o correto plural *polderes*, e no plural é que costuma aparecer desde que são geralmente longos os trechos de terra recuperável, e necessitam de vários compartimentos, com seus diques e comportas ("comportas", e não "eclusas", galicismo).

Polder, afinal, não é máquina, não é usina, não é dique, tampouco é canal; *polder* é o "trato de terra" salvo de inundação, é a região livre de mares, de enchentes. Entendem-se, então, comunicações como estas: "É mais fácil construir diques para os *polderes* projetados" — "Fica assegurado o fornecimento de água para os *polderes* situados às margens do antigo Zuiderzee" — "...cinco *polderes*, com uma superfície total de cerca de 220 mil hectares". Têm a palavra os holandeses.

Pólen - Enquanto o Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa dá *pólen* e acrescenta a variante *polem* (sem acento), o Vocabulário Ortográfico de Portugal dá somente a forma tradicional *pólen*. V. *líquen*.

Poli... - Prefixo que se junta sem hífen: *poliácido, polietileno, polidríco*.

Polícia - Laudelino Freire, no que é seguido pelo Melhoramentos, dá à palavra dois gêneros: feminino na acepção comum de ordem, de segurança, de fiscalização públicas ou de corporação incumbida de exercê-las (em Camões vem-la ainda com o significado de *civilização*: E folgará de veres a *polícia* portuguesa na paz e na milícia), masculino quando indica o homem pertencente à corporação, o guarda: *Um polícia* veio ver o que se passava.

Idêntico comportamento verifica-se com *praça*: feminino quando referente a alistamento, a serviço militar, masculino

quando referente a soldado: *dois praças* a cavalo, *um praça* de pré.

Pólipo - Todos os dicionários são unânimes em dar a esta palavra a acentuação proparoxítona, corretamente de acordo com a quantidade do *y* do étimo. Foi precisamente por ser proparoxítona que a palavra nos deu o cognato *polvo*. V. *ápode*.

Polipódio - V. *ápode*.

Polir - V. *abolir*.

...**pólis** - Esta palavra grega, que significa *cidade*, entra como elemento final de nomes locativos de forma variada; ora conserva a inteireza da língua originária (*Teresópolis, Anápolis, Trípólis*), ora abranda-se em *es* final (*Nápoles*), ora assume terminação ainda mais nossa (*acrópole, metrópole*), ora corrompe-se em *pla*: *Constantinopla, Andrinopla*.

Com outras palavras gregas temos já visto variações de forma na composição de vocábulos nossos: é o maltrato de uma língua em terras estranhas.

Polissíndeto - Assim se escreve, sem *n* final, o nome que indica a repetição de uma conjunção em frases consecutivas: Deus fez a terra, e o mar, e o céu (571). V. *cacófato*.

Política impressa - A conjugação de nossos verbos foi sempre descuidada. A redação correta só pode ser uma: "... numa clara discordância com a política IMPRESSA pelo ministro", e jamais, como está no jornal, "com a política *imprimida* pelo ministro".

Imprimir tem dois participios (*imprimido, impresso*), que não podem ser usados indiscriminadamente; seu emprego enquadra-se em normas de gramática; o participio regular (*imprimido*) aparece em orações ativas (com os verbos *ter* e *haver*); o irregular (*impresso*) deve aparecer em orações ou expressões passivas: "discordância com a política *impressa*". A expressão não é ativa; o participio irregular é que deve aparecer.

Exemplos de outros verbos de duplo participio: "*Morto* o ladrão, a família tranquilizou-se" — "O ladrão tinha *morrído* da queda" — "*Expulso* da escola, tentou um emprego" — "O colégio o havia *expulsado*" — "Não viu as folhas *insertas* na carta" — "Ele havia *insertido* duas folhas na carta" — "Falava sempre de corpo *ereto*" — "Tinham *erigido* uma igreja".

E outros verbos existem que se enquadram no caso e são erradamente empregados. Nove páginas sobre o assunto traz a Gramática Metódica da Língua Portuguesa (§ 494), as quais oferecem listas de verbos de duplo participio das três conjugações, com observações e exemplos de seu emprego.

Político - Aumentativos pejorativos: *politicastro, politicalho, politalhão*.

Polo (ô), Pelo (ê) - Obriga-nos o trato com os clássicos a distinguir estas duas combinações da preposição *por* com a forma articular ou pronominal *o*. Dada a antiga diferença entre *por* e *per*, "*polo* rei" significa "em favor do rei" e "*pelas* armas" significa "por meio das armas".

Se em *pelo* a preposição indicava meio, em *polo*, que se pronuncia *pôlo*, indicava benefício, favorecimento, mas não tardou a vinda da confusão: "Logo aquelle dia *pola* manhã foram armadas tendas novas".

Para efeito de significação podemos comparar a forma masculina *polo* à palavra latina, invariável, *pro*, ainda usada em nosso idioma (um discurso *pro* república), que se substantivou (os *prós* e os *contras*) e entra nas locuções prepositivas "a *pró* de", "em *pró* de": a *pró* dos homens, em *pró* da dignidade. Para indicar meio, *por* encontra-se na forma latina *per* na locução "de *per* si": "Ora, essa questão, *de per si* só, bastaria para transbordar o limite de suas sessões".

A ortografia de 43 continua obrigando-nos a acentuar a palavra indicativa das extremidades do eixo da terra — *pólo* — para distinguir da desusada combinação *polo*. V. *pro*.

Polonês, Polaco - Na festiva hora do recreio da escola e na versatilidade de estudante que não se preocupa com os anos vindouros, fomos admoestado por um colega, natural da Polónia, de que o não devíamos chamar *polaco* e sim *polonês*, e este argumento empregou: *Polaco* usa-se pejorativamente

para designar os nascidos em territórios antes pertencentes à Rússia.

Interrogado mais tarde sobre o assunto, fomos entendidos, para resposta mais segura, com o vice-cônsul da Polónia em São Paulo. Passando por cima de Cândido de Figueiredo, que diz ser "polonês" galicismo, e desrespeitando o aguilhoador escrupuloso de Carlos Góis, que manda usar "polônio" (forma usada por Camões) ou "polaco" (forma popular e moderna), fomos procurar não o filólogo doutrinador, mas o homem senhor do vocábulo. Essa orientação sempre tivemos ao tratar de termos técnicos ou de uso especializado; não nos parece razoável tratar tais palavras a ferro e fogo; nestas pegadas poucas coisas poderiam ser rigorosa e precisamente nomináveis.

Quase idêntico ao do colega de décadas atrás foi o argumento apresentado pelo vice-cônsul, que, também já há tempos, não deixou de emprestar ao vocábulo *polaco* sentido pejorativo: "O gentílico *polaco*, não obstante encontrar-se em dicionários portugueses e espanhóis, adquiriu no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, sentido pejorativo, tornando-se designativo de agentes de comércio ilícito, exercido quase sempre por judeus, vindos da Polónia, o que nos obrigou a substituir essa palavra por *polonês*, para distinguir os genuínos habitantes da Polónia. Foi assim que, uma vez restaurada a Polónia e estabelecida sua representação no Brasil, tivemos o cuidado de fazer essa diferenciação, adotando a forma *polonês*, baseada em formas comuns e usuais, como *francês*, *inglês*, *holandês* e outras."

Dois argumentos obrigam-nos a preferir *polonês*: um, o atendimento ao sentido com que é usado o vocábulo; outro, o amoldar-se perfeitamente aos fatos da língua.

A força depreciativa da forma *polaco* chegou a tal ponto que, além de indicar o não realmente descendente de estirpe polonesa (russos, judeus e outros), passou no Brasil a designar, na forma feminina, meretriz, e da mais refinada; não só: por isso mesmo, *polaca* veio no Brasil a indicar a constituição arranjada de um momento para outro em novembro de 1937.

Semelhante modificação de significado é comum, sujeita à lei das línguas vivas, em que os termos adquirem sentido diverso do original; é disso exemplo o vocábulo *rapariga* que, não obstante nenhuma semelhança ter no francês, não pode ser usado no Brasil na acepção com que vive em Portugal.

Poltrão, Poltrona - Quando derivados aumentativos, os adjetivos terminados em *ão* fazem, geralmente, o feminino em *ona*: *chorão*, *chorona*; *valentão*, *valentona*; *bobão*, *bobona*; *bonacheirão*, *bonacheirona*. **Poltrão**, aumentativo do desusado *poltro*, segue a mesma orientação: *poltrona*. A forma superlativa é *poltroníssimo*.

Poluir - É verbo da moda. Nada mais se estraga, nada mais se suja, nada mais se borra; tudo se polui, e não tardará que vejamos escrito "rol de roupa *poluída*". Meio caminho disso já apareceu em jornal: "O livro estava gasto e *poluído*" — não que estivesse conspurcado, nem muito menos maculado, profanado, senão meramente riscado, já com a solução dos exercícios e com comentários nas margens das páginas; era esse, a deduzir do comentário, o motivo da "poluição" do livro.

A preocupação com as cruzinhas nos testes e na loteria esportiva tira o tempo de consulta ao dicionário.

Polvilhar, Pulverizar - Na acepção de "espalhar pó sobre algo", *pulverizar*, do latim *pulverizo*, *are*, é, em virtude do próprio étimo, sinónimo de *polvilhar*, pois também este verbo se prende, através do espanhol, ao étimo latino *pulvis*, *eris* (pó). Sinónimos têm de ser, portanto, também os substantivos *pulverizador* e *polvilhador*, *pulverização* e *polvilhamento* ou *polvilhação*.

Acontece, porém, que nos casos em que se emprega substância líquida, solução que é espalhada em gotículas, que é, digamos, vaporizada sobre algo, o verbo é *pulverizar*: *pulverizar* um trigo. Dizer "polvilhar um líquido sobre algo", "polvilhar algo com uma solução" é forçar a recíproca da

sinonímia apontada no começo.

Afora essa sinonímia e essa ressalva, *pulverizar* tem ainda o sentido de reduzir a pó, de fragmentar, quebrar, desbaratar, aniquilar: Os aviões *pulverizaram* o forte — O advogado *pulverizou* o promotor.

Em resumo: pós polvilham-se ou pulverizam-se, líquidos pulverizam-se.

O inglês é mais feliz do que nós, pois assim como para líquidos só usa um verbo (*spray*), também um só usa para pós (*dust*, espalhar pó, reduzir a pó).

Outros verbos temos de sentido aproximado:

aspergir — aqui o líquido não é vaporizado, mas atirado em gotas;

vaporizar — tem o sentido de pulverizar quando referente a substância líquida.

Os dicionários não podem estar em briga com a fitopatologia; se a patologia vegetal é variada, variados são os remédios (inseticidas, fungicidas etc.), variados os métodos de cura, variadas portanto as palavras para designá-los, e é sempre mais proveitoso para o idioma respeitar os termos técnicos.

Polvorosa - V. em *polvorosa*.

Pombo, Pomba - a) Quando nitida for a intenção de indicar o sexo, este será também nitidamente declarado. b) Com nomes epicenos, o animal se designa, de modo geral, pelo gênero da palavra: Veja *aquele* jacaré — Veja *esta* lebre. c) Quando houver dois nomes, um para designação do gênero, isto é, do grupo, outro para indicação da espécie, emprega-se aquele ou este consoante generalização ou especificação se queira fazer.

Pombo é nome genérico, que inclui várias espécies. Se desconhecida for esta, e desconhecido o sexo, *pombo* será a palavra empregável. *Pomba*, no feminino, designará ou o sexo de um elemento de qualquer espécie, ou determinada espécie sem discriminação de sexo. Uma coisa se entende por *tiro ao pombo*, outra por *as pombas voltaram ao pomboal*. Lá, generalização; aqui, designação de uma espécie.

Voz: *arrolar*, *arrular*, *arrulhar*, *gerner*, *suspirar*, *turturilhar*, *turturimar*. V. *fruto*, *fruta*.

Poncã - É andado já o tempo em que se escrevia *afan*, *Canaan*, *galan*, *jacanan*, formas que vemos em dicionários e obras de cem anos; a terminação oxitona *an* escreve-se hoje à: *romã*, *maçã*, *curimã*, *maracanã*, *turumã*, *poncã*.

Pônei - Forma aportuguesada de "ponay" (ou "pony").

Ponto (obra de costura, peça de roupa) - *Coletivo*: apontado. *Aumentativo* (pejorativo): pontarelo.

Ponto abreviativo - O lugar mais conveniente para o ponto abreviativo seria no meio da abreviatura, e não no fim, quando fosse necessário escrever todas as letras no mesmo alinhamento, mormente quando se considerassem certas abreviaturas como *cro.*, *engro.*, *profa.*, *profes.*, *ema.* (criado, engenheiro, professora, professores, eminência) que formam palavras irreconhecíveis. O "Pequeno Vocabulário Ortográfico da L. Portuguesa" foge da dificuldade, apresentando tais abreviaturas com as letras finais em tipos menores acima do ponto, o que é ou intolerável ou impraticável nas máquinas de escrever, quando não nas próprias linotipos; é comum vemos em jornais *L.o* (primeiro), *B.el* (bacharel), e assim deveria sempre ser.

"Ponto de vista" - Não obstante já vulgarizado este galicismo fraseológico, não nos esqueçamos de que existem outras vernáculas expressões: *a qualquer luz* (Tudo isso é deplorável *a qualquer luz* que se considere), *a que luz* (Examinai *a que luz* vos aprouver o mundo romano), *à luz que* (Verifique *à luz que* desejar o que se passou), *por qualquer face* (Por *qualquer face* por que encaremos o assunto), *modo de ver* (São *modos de ver* de cada um).

Diz João Ribeiro: É quase sempre melhor dizer *no ponto de vista*, *do ponto de vista*, que é o do observador, e não *sob o ponto de vista*.

Ponto final - Ponto final em data não tem justificação, quer a data encabece quer feche carta, quer antecedida quer não do

nome do lugar em que é declarada. Felizmente o Formulário Ortográfico não se meteu nisso.

Pontoar, Pontuar - Não confundir; *pontoar* tem relação com *ponto*; *pontuar* tem relação com *pontuação*. Distinguir, pois, *pontoado* (com pontos), de *pontuado* (com pontuação).

Pôr - A dificuldade não está na grafia do infinitivo (continua com acento circunflexo para distinguir da preposição *por*, que é, na expressão do formulário ortográfico oficial — 1ª observação da 14ª regra — seu "homógrafo inacentuado", acento que desaparece no infinitivo dos compostos: *repor*, *dispor*...); não está na grafia do perfeito e derivados, que quase todos já escrevem corretamente com *s* (*pus*, *puseste*, *pôs*, *pusemos*...; *pusera*...; *pusesse*...), não está na distinção do singular *põe* do plural *põem* (*põe*-se a mão na ferida; *põem*-se as mãos pelos pés); a dificuldade está na conjugação do futuro do subjuntivo e no pretérito imperfeito do subjuntivo dos verbos compostos, que são mais de vinte (§ 463, 15).

Essas formas verbais derivam, para qualquer verbo, da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito (*puseram*), tirando-se o *am* para o futuro, trocando-se o *ram* por *sse* para o imperfeito; portanto: "Se ele se *sobrepuser* aos demais" — "Não esperava que se *indispuessem* com o guia" — "...se você não *interpuser* sua autoridade" — "Se ele se *entrepuser* à medida" — "Fez com que ele se *justapusesse* aos demais" — "Sempre que ele se *predispuser*" — "Assim que eles se *recom-puseram*".

Por acaso, Porventura - "Sentes *por acaso* o bater do coração?" — "Devo *porventura* voltar as costas?" — lá, separados; aqui, unidos os elementos dessas duas locuções adverbiais, ambas de igual função, expletivamente empregadas em interrogações. Por mais que estudemos e pesquiseamos a origem dessas locuções, não chegaremos a justificar esse diferente procedimento ortográfico. Camões, que só usava *acaso* e *por caso*, não é padrão de ortografia acadêmica, e a anteposição de preposição a locução em que já existe preposição é fato corrente em nosso idioma; o que é estranhável é apenas a maneira de escrever; *acaso* o *por acaso* não está no mesmo caso do *porventura*?

Por artes de berliques e berloques - Locução que significa "por arte ou habilidade misteriosa", "por arte mágica", "por embuste": Escapou da morte por artes de berliques e berloques — Por que *artes de berliques e berloques* um sujeito, que entre os elementos excitáveis da cidade não consegue agitar paixões, iria revolvê-las nas regiões frias do interior?

Por dá cá aquela palha - Locução que significa "por qualquer palha podre", "por qualquer ninharia", "por motivo fútil": Brigaram *por dá cá aquela palha*.

Por e o oblíquo O - A preposição *por* repele muitas vezes depois de si os oblíquos *o*, *a*, *os*, *as*: "Por trai-lo, foi castigado" (e não: "por o trair") — "Por quererem-nos presentes, mandaram entrar" (e não: "por os quererem").

Os antigos redigiam: "Eu me esforcei *pelo* conseguir" — "...*pola* não largar sem vitória" — "...*pelo* ver tão sofrido" — "...*pelo* terem visto fazer" — combinando o *por* ou sua variante *per* com o oblíquo; não só a combinação mas a própria anteposição do oblíquo caiu em desuso.

Tratando-se de outros oblíquos, é indiferente a colocação: "Por nos impedir a lei" ou "Por impedir-nos a lei".

Por fazer - A construção portuguesa é "agências *por* inaugurar", "coisas *por* fazer", "dados *por* considerar", "quantias *por* transportar". Pode-se ainda trocar *por* por *para*, mas construir essas frases com a preposição *a* é escrever à francesa.

Por isso - De maneira incisiva, Vasco Botelho de Amaral manda que escrevamos em forma de locução: "Evidentemente deve escrever-se *por isso*, e não *porisso*, erro de grafia, como se grafa *por isto*, e não *poristo*, nem *poraquilo*".

A ortografia oficial adotou a forma analítica para essa conjunção (§ 574).

Por isso que - Usam hoje com frequência esta locução conjuntiva, e vemos-la em Gonçalves Viana, em Carlos Góis. No latim, parece-nos, há expressão muito semelhante se não

igual: "propter hanc causam quod" (V. Saraiva) é frase que literalmente se traduz *por essa razão que*. Ora, substituindo o *essa razão* por *isso*, temos com toda a segurança *por isso que*. Esta última expressão, vemos-la igualmente no latim "eo quod", freqüente em César. Sua tradução literal é *por isso que*.

Devemos convir na legitimidade dessa locução conjuntiva, sem esquecer-nos de que significa *porquanto*, *porque*.

Por que, Por quê, Porque - Quando advérbio interrogativo de causa, traz os elementos separados tanto nas interrogativas diretas ("Por que você não vai?") quanto nas indiretas: "Quero saber *por que* você não vai". Quando no fim do período ou insulado, traz o acento circunflexo: "Você não vai, por quê?"

Não se confunda o advérbio interrogativo "por que" com o "por que" de frases como "A razão *por que* assim procedi" — "O caminho *por que* devo passar" — "O avião *por que* fui ao Rio". Agora o *que* é relativo, perfeitamente substituível por *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*: "A razão *pela qual* assim procedi" — "O caminho *pelo qual* devo passar".

Outros exemplos: "Por que enormes pecados háis chegado a esse estado de infâmia e miséria?" — "Por que razão ele assim procedeu eu não sei".

Com a função de relativo, o *que* sempre se separa do *por*, que é preposição. O *que* é estranho é que a ortografia oficial brasileira exija que se separe o *que* do *por* também quando interrogativo: O "cur", e principalmente o "quare" do latim, palavra esta composta mas sempre escrita como se uma só, o "why" do inglês (O Webster discrimina as três diferentes funções desse advérbio, entre as quais a de interrogativo), o "perché" do italiano, o "pourquoi" do francês, o "warum" do alemão são em dicionários e gramáticas consignados como advérbios, sem mais dificuldades de análise nem de ortografia.

Quando simples conjunção subordinativa causal, é uma só palavra: "Dei-lho *porque* me pediu".

É ainda uma só palavra quando conjunção final. Era pelos clássicos empregado com essa função (= para que), levando o verbo para o subjuntivo, conforme podemos ver neste exemplo de Camões: Logo se emboscaram *porque* nos *pudessem* mandar ao reino escuro.

Atualmente, na imprensa, a conjunção final *porque* vai sendo substituída por *para que*: "Faço votos *para que* seja feliz" — em vez de: "Faço votos *porque* seja feliz". — Não faltam, porém, autores contemporâneos, conhecedores do idioma, que empreguem o *porque* final, como nos prova este período, casticamente redigido: "É a honra que nos compete a zelar *porque* o Brasil sobreviva".

Por si só, Por si sós - A forma pronominal *si* muitas vezes se faz seguir dos demonstrativos *mesmo* e *próprio*: "O vício de uns que não descobrem a filiação dos tempos, e datam de *si mesmos* a aurora humana" — "Atribuíam a *si próprios* a derrota".

Por que *mesmos* e *próprios*, no plural? Porque *se*, *si*, *consgo* são variantes reflexivas tanto de *ele* quanto de *eles*, ou seja, *se*, *si*, *consgo* prestam-se tanto para o singular quanto para o plural. Quando essas variantes reflexivas se referem a nome plural, para o plural vai o demonstrativo: *por si mesmos*, *a si próprios*, *de si próprios*, *consgo mesmas*.

A palavra só da expressão *por si só* exerce a mesma função adjetiva do *mesmo* e do *próprio* das expressões citadas; não se trata de só advérbio nem de locução adverbial real: "Há verbos que *por si sós* se bastam para expressar a idéia" — "... qualidades didáticas que *por si sós* o recomendam à cátedra".

Essa a construção certa, como se fora *por si sozinhos*, *por si isolados*. Quando referente a nome singular: *por si só*; quando plural: *por si sós*.

Notemos que *sós* — assim mesmo, com *s* final — entra em locuções realmente adverbiais: *a sós*, *sós a sós*, *sós por sós*: "Ó vós, que no silêncio e no recolhimento do campo conversais *a sós* quando anoitece, cuidado!" (solitariamente, *consgo*

mesmo) — "Eu é que hei de castigar essa pessoa, e *sós a sós*, D. Antônio (sem ninguém) — "*Sós por sós*, todos se apresentaram" (um por um, isoladamente).

Por sombras - Em sentido figurado entra em várias expressões a palavra *sombra* no plural, sinônima então de *trevas*: *sombras* da morte (Qual é o homem que chegou a ver a luz da vida, e se escusasse de ver as *sombras* da morte?), descer às *sombras*, as *sombras* do inferno, penetrar as *sombras* do nada, cansado de lutar com as *sombras*. Também pluralizada era classicamente empregada na expressão "por sombras", que significa "de forma alguma", e perdura em Portugal: "Não quer nem *por sombras*" — "Não existe nada que *por sombras* se aproxime deste trabalho".

Por um és não és - Locução que significa "por um triz", "quase": Esteve *por um és não és* a cair na vala.

Por ventura - V. *por acaso*.

Porcentagem - V. *percentagem*.

Porco - No plural o *ó* é aberto. *Coletivo*: manada, piara, vara, vezeira. *Voz*: arruar, cuinchar, cuinhar, grunhir, roncar, rosar, gritar.

Porém - Não tem a mesma força adversativa que *mas*, e do *mas* ainda se diferencia no seguinte: *Mas* sempre vem no rosto da oração (Jamais se dirá: "Ele foi, não voltou *mas*"), ao passo que, atualmente, *porém* vem geralmente depois de iniciada a oração: "Pode ir; não se deixe, *porém*, levar pelas más companhias".

É arcaico e plebeu o emprego conjunto de *mas porém*: "Mas *porém* eu não vou". — É *porém*, *mas contudo*, e *contudo*, e *mas* são também combinações que os bons escritores evitam.

Porém, *contudo* e outras conjunções pospositivas podem dispensar as vírgulas quando outras já houver na oração ou quando a própria seqüência de idéias for tal que as dispense. Pontuação não é acentuação; os acentos fazem parte da palavra, não porém os sinais de pontuação. A vírgula é regulada pela sintaxe, pela lógica, pelo bom senso. Notou a ausência de vírgulas num *porém* que ficou logo atrás? Pô-las seria dificultar a compreensão e a própria leitura da frase.

Pormenores do projeto - Não há muito, em baixo de uma ilustração de jornal estava escrito: "O ministro expõe pormenores ao projeto do novo código". A impressão que dão construídos como essa é a de que regência é assunto para outros idiomas. Se brasileiros e estrangeiros aqui residentes não devem dar importância a nada da estrutura do período português, que atenção devem prestar a preposições que liguem palavras a nomes de que são adjuntos?

Lembramo-nos com frequência de um contador americano que vimos em Nova Iorque trabalhando em um escritório de importação de café. Toda a vez que ia para a máquina de escrever, já para uma carta já para um relatório, ele consultava um livrinho intitulado "Prepositions", livrinho que outra coisa não era senão um dicionário de bolso de regência de verbos, de substantivo e de adjetivos; sem oferecer o significado das palavras — a não ser quando necessário por distinção de sentido — fazia-as o autor seguir da preposição exigida para sua complementação. Não há trabalho similar em português, e só nos resta, para consolo, estudar as preposições em dicionários; aos que escrevem para o público não será atrevimento nosso aconselhar a leitura de todas as funções da preposição *de* oferecidas pelo dicionário de Caldas Aulete. Verão aí a variedade de casos em que figura essa importante palavrinha nossa. Será então que, entre os possíveis usos dela, encontrará o mais geral, o de caracterizar o adjunto adnominal restritivo: páginas do caderno, minúcias do discurso, particularidades da encicla.

Como do caderno são as páginas e do testamento é a postila, os pormenores são do projeto, e não ao. Mais um pouco de atrevimento e o redator teria apresentado este espetáculo de menosprezo ao idioma: "pormenores ao projeto ao novo código".

No passo em que andam os descurados da nossa gramática não longe estarão eles de apresentar-nos construções como "engenheiro para minas", "estudante para medicina",

"ponte para rio", "cadeira a barbeiro", "livro a viagens", "páginas ao caderno", "saudades à pátria" e outras extravagâncias, hoje tolices mas amanhã respostas obrigatórias de testes de facultades.

Enquanto Laudelino Freire oferece, numerados, catorze empregos da preposição *de*, Aulete, que os não numera, oferece trinta e um. Leiamo-los a todos que não nos arrependermos.

Porquanto - Numa só palavra, tem o mesmo significado de *visto que*: "Sair-me-ei bem, *porquanto* a sorte me tem sorrido" — "Isso não se faz, *porquanto* o proíbe o bom senso".

Porque - V. *por que*.

Porta - *Barulho*: bater, ranger, chiar, guinchar.

Porto - No plural o "o" é aberto. O adjetivo pátrio da cidade portuguesa é *portuense*.

Porto-alegrense - Este adjetivo pátrio de nossa cidade de Porto Alegre não deve ser confundido com *portalegrense*, de Portalegre, cidade de Portugal.

Porto Rico - Adjetivo pátrio: *porto-riquenho*.

Portugal - Adjetivos pátrios: *português, portugalense, português, portucalense, lusitano, lusitânico, luso*.

Quando primeiro elemento de adjetivo pátrio composto, assume a forma *luso*: *luso-africano*.

Portuguesmente - É o sufixo *mente* o único sufixo adverbial que possuímos em português; acrescenta-se, para formação de advérbios, aos adjetivos flexionados na forma feminina: *bondos(a)mente, caprichos(a)mente, precipitad(a)mente*. No entanto diz-se *portuguesmente* e não *portuguesamente*, porque a palavra *português*, como todas as que terminam em *es, or* e *ol*, era no velho português invariável em gênero: um homem *português*, uma mulher *português*. § 258, n. 1.

A terminação *mente* dos advérbios de modo significa *maneira, modo, forma*, e era antigamente considerada substantivo do gênero feminino, o que ainda hoje se vê na locução "de *boa mente*". Essa é a razão por que a terminação *mente* só se agrega à flexão feminina dos adjetivos, a razão por que é aberto o *o* de *bon-dó-samente, capri-chó-samente*, a razão ainda por que se pode suprimir a terminação *mente* quando existe uma série de advérbios em *mente*, para colocá-la no último: Ele estuda *calma, atenta e freqüenteMENTE* (de *maneira calma, atenta e freqüente*). Só se repete a terminação no caso de ênfase: *Assassinou-a cruelmente, barbaramente, friamente*. Repetir, sistematicamente, o sufixo *mente*, em enumerações de advérbios assim terminados, não é português.

Os advérbios em *mente* tanto podem indicar modo como lugar ou outra circunstância; a idéia depende do adjetivo a que o sufixo é acrescentado: *exteriormente* (lugar), *primeiramente* (tempo), *certamente* (afirmação), *cortesmente* (modo). O acento circunflexo do adjetivo desaparece: decreto 5765, de 18-12-1971.

Pos (ou post) - Prefixo que indica posição posterior: *pospor, pospuerperal, posromano, posvêdico, postedênico, postoperatório*.

O Formulário Ortográfico do Brasil traz (46, 5º, obs. i): "Deve-se empregar o hífen nos vocábulos formados pelos prefixos *pós, pré, pró*, que têm acento próprio, por causa da evidência dos seus significados e da sua pronúncia, ao contrário dos seus homógrafos inacentuados, que, por diversificados foneticamente, se aglutinam com o segundo elemento: *pós-meridiano, pré-escolar, pró-britânico*; mas *pospor, pre-annunciar, procônsul*."

O significado é um só tanto para as formas em que o formulário impõe o enfeite acadêmico do hífen quanto para as palavras que são dadas no fim da observação. Ademais, qual a base para julgar a verdadeira pronúncia? A da Baía, terra do autor do Formulário? Por que *poscésalo* ao lado de *pós-dorsal*; *pospor*, sem nenhum enfeite, ao lado de *pós-datar*, com dois balangandás?

Por que *precordial, prefixo, predefinição, precondição* junto de *pré-constitucional, pré-aviso*? Por que *posparto* ao lado de *pós-meridiano, pré-consciente* junto de *presciente*? Por que alude o relator a "evidência dos seus significados"? Não é o significado desses prefixos quando aglutinados o mesmo de quan-

do duplamente adornados?

A explicação é a mesma da pronúncia até há pouco comum também em São Paulo: *téle-visão*, ou seja, influência de dicção regionalista (*téle-grama*, *téle-fone*, *téle-comunicação* dizem os nortistas, e o relator esqueceu-se de impor a grafia *téle-terapia*, *téle-semia*, *téle-teatro*).

Outra observação cabe ainda ao caso. Sempre que cita as nossas vogais, todo o indivíduo — sulista, nortista, brasileiro, português — pronuncia *á, é, i, ó, u*, abrindo as vogais *a, e, o*. O mesmo procedimento tem quando cita certos prefixos, já latinos já gregos: *ob, ex*. Acaso o pronunciar abertamente as vogais desses prefixos quando isolados indica que aberta continua sua pronúncia na composição?

Curioso é notar que essa regra do Formulário constitui a última das vinte e três do hífen: é passageiro que no último instante conseguiu lugar no estribo do bonde. V. *postoperatório*.

Posar, pousar - De *pose* (ô), palavra provinda do francês, temos o verbo *posar* (assumir atitude, servir de modelo), que se conjuga como *forçar*, ou seja, tem o *o* aberto nas formas rizotônicas (o acento é mera indicação de pronúncia): *pôs, pôs, pôs...* *pôsam*; que eu *pôse, pôses, pôse...* *põem*; imper.: *pôsa tu*.

De *pouso*, o verbo *pousar*, que não pode perder o *u* em nenhuma flexão: *pouso, pousas...* que eu *pouse, pouses...* o avião *pousa*. Não façamos com *pousar* o que muitos fazem com *roubar*, engolir o *u* na conjugação: *Pouse* no Hotel dos Viajantes.

Positrônio - V. *itrônio*.

Possessivo - Partes do corpo não admitem o possessivo em português; não dizem: Vou lavar *meu* rosto — Não escovei *meus* dentes — Quebrou *suas* pernas — Machuquei *meu* nariz — senão, substituindo o possessivo pelo artigo: Vou lavar o rosto — Não escovei os dentes...

Os tradutores de certos idiomas devem ter cuidado nesse caso, e igual cuidado devem ter com a palavra *casa* na acepção de moradia, lar, residência: "Vim de casa" — e não: "Vim de *minha* casa"; "Ele já saiu de casa" — e não: "Ele já saiu de *sua* casa". O possessivo só é aí empregado para dar ênfase à expressão: "Estou em *minha* casa", oração que na leitura exige entonação especial para o possessivo, que podemos grifar na escrita.

É falso, por outro lado, pensar que os possessivos nossos não admitem artigo; enquanto a língua do Brasil for a portuguesa, o emprego do artigo antes do possessivo obedecerá a normas que toda a boa gramática oferece.

Possível - Quando integrante da expressão "o mais possível" é causa esta palavra de erro freqüente. Dessa locução adverbial nada pode flexionar-se; *possível* aí está por *possivelmente*. O assunto já foi ventilado no verbete "o mais possível", e a ele voltamos para acrescentar mais três exemplos, dos quais o primeiro é de seu correto emprego.

Quem tem o dicionário de Séguier pode verificar em *Leibniz* esta construção, parte final do princípio de harmonia preestabelecida: "Tudo vai pelo melhor no melhor dos mundos *possível*". Na trasladação, não se deixou o tradutor iludir-se pelo plural *mundos* no melhor *possível* dos mundos.

Estes dois são agora exemplos do seu mau emprego, tirados de notícias de jornal: "...e os resultados são os mais promissores possíveis" — "As reações da brincadeira são as mais diversas possíveis". Não há massagista experimentado que não verifique estarem fora de lugar as partes desses corpos. "O mais possível" é rötula que não pode alterar-se; esses períodos estão coxos; "o mais possível", qualquer seja sua posição no organismo, não pode variar; é locução adverbial, e quem sabe o que é isso sabe também que ela é numericamente inflexível. Na mesma ordem em que estão colocadas as palavras, a construção deve ser: "...e os resultados são o *mais* promissores *possível*" — "As reações da brincadeira são o *mais* diversas *possível*". V. *o mais possível*; V. *seria o mais pequeno possível*.

Possuir - V. *bulir*.

Post hoc, ergo propter hoc - Locução latina que significa

"após isto, logo por causa disto". Expressa o erro de tomar por causa o que é apenas antecedente no tempo.

Post meridiem - Locução latina que significa "depois do meio-dia". Abrevia-se *p. m.*: até as 6 *p. m.*

Posta-restante - *Posta* significa *correio*, e é a palavra que para indicar o nosso correio se usa em outros idiomas, com o radical proveniente do latim *posta*, por *pósita*, do verbo *pono*; é palavra também do nosso léxico, da qual se serviram nossos clássicos: "...logo se despachem *postas* a Alemanha".

Indicava originariamente a pessoa *posta*, colocada numa seqüência de lugares ao longo de uma estrada para ir do seu posto ao vizinho com despachos e cartas oficiais e, depois, com cartas comuns; ou a pessoa encarregada de ter sempre preparada a muda de cavalos para um mesmo homem que levava essa carta. Com o tempo, *posta* passou a indicar a caruagem, o barco, o veículo transportador da correspondência e, finalmente, o próprio lugar, a estação em que era ela depositada para posterior distribuição.

Esta distribuição, a princípio feita na própria estação a pessoas que para aí iam a procura de cartas, passou a ser feita domiciliarmente, menos para os que tinham no sobredito a indicação de *restante*; *posta-restante* é a correspondência, a carta que *resta*, ou seja, que *fica* na estação a espera do interessado, e igual nome tem no correio o lugar em que ficam as cartas ou encomendas com essa indicação; é palavra feminina ("Onde fica a *posta-restante*?") e, como o nome, o serviço é internacional, existente assim em cidades grandes como em pequenas.

Postdatar - V. *postoperatório*.

Postdiluviano - V. *postoperatório*.

Postila, apostila - Indicam coisas diferentes; *postila* é que é a forma correta para indicar o folhetim, o caderno de folhas, geralmente mimeografadas, por onde os alunos de uma escola ou universidade estudam as lições.

Com a protético — *apostila* — denota a palavra "breve nota, adição à margem de uma escritura; declaração, advertência, reparo que se põe na margem do livro ou de um manuscrito", donde *apostilar, apostilado, apostilador*: "A tese de Saint-Simon foi comentada, aditada, *apostilada*, às vezes diminuída por empréstimos ideativos de almanaque, mas fundamentalmente a mesma".

Outros significados tem ainda, relacionados com esse, mas não o dado acima para a palavra *postila*.

Postilha é variante gráfica de *postila*, e *apostilha* de *apostila*. O problema é meter na cabeça de todos os alunos de cursinhos, de escolas e de professores que não adotam livros que não é correto chamar *apostila* a reprodução gráfica da aula. Não há na reprodução nenhuma *apostila*; nada foi *apostilado* à preleção do professor; essas transliterações são simples *postilas*.

Dicionaristas novos estão incorrendo na confusão, mas João Ribeiro, Aulete, Cândido de Figueiredo navegam em outros barcos.

Posto - No plural o "o" é aberto.

Posto que - É locução conjuntiva, de sentido concessivo, e não causal; significa *ainda que, bem que, embora, apesar de*: "Um simples cavaleiro, *posto que* ilustre" — "E, *posto que* a luta fosse longa e encarniçada, venceram".

Postoperatório - As palavras de formação erudita não podem ser criadas com as mutilações por que passam as de derivação popular: *postoperatório* é como deveria estar, com *t* (*post*), e sem necessidade do hífen, no vocabulário oficial. *Postdatur, postdiluviano, postimpressionismo, postincunábulo, postlimínio* é como registravam lexicógrafos antes do vocabulário de 1943. Gonçalves Viana e outros foram postergados, e com eles a grafia do espanhol, do inglês, do francês e de outros idiomas em que as palavras de cunho erudito são tratadas como tais e não à luz de caprichos ortográficos. V. *pos*. V. *subproduto*.

Pouco - Entra em locuções adverbiais: *pouco e pouco*, a *pouco e pouco*, *pouco a pouco*: "Ia-se *pouco e pouco* acrescentando" — "Descobriram *pouco e pouco* caminhos estrangeiros" — "A *pouco e pouco* chegaram" — "O tempo vai fazendo a *pouco e*

pouco o seu ofício" — "A *pouco* e *pouco* o número crescia, min-
guando a *pouco* e *pouco* a singeleza" — "Ir *pouco* a *pouco* afe-
vorando".

A forma "a pouco a pouco" não é encontrada.

Pouco de - V. *um pouco água*.

Poucochinho, poucachinho - Já ninguém irá deixar de dizer
poucochinho, mas a verdade é que é corruptela de *poucachinho*,
forma esta de procedência justificada e também constante
de dicionários: *pouco-acho-inho*.

Povo (nação) - No plural o *o* é aberto. *Coletivo*: aliança, coliga-
ção, confederação, liga. *Aumentativo*: povaréu.

Praça - V. *polícia*.

Praliné - Aportuguesamento do francês *pralinée*, participio de
praliner, que significa cobrir amêndoa de açúcar fervente e
colorido, conforme processo criado por Plessis-Pralin, ma-
rchal francês do século 18: Não se esqueça de comprar-me
pralinés.

Existe também a forma *pralina*, feminina e paroxítona.

"Praticável" - Nem "praticável" nem "impraticável"; nem
"carrocável" nem "incarroável": *transitável* é que se diz em
português, tratando-se de estrada, de caminho, de rua em
que é possível o trânsito: "Aqueles serras têm vales profun-
dos e *transitáveis* e temos guias que nos hão de ensinar o ca-
minho por elas fora".

Forçando o sentido do francês *carrosse*, uma carga pode ser
carrocável (transportável em "carroça"), mas uma estrada?
Podemos, por outro lado, praticar uma brecha, um atalho,
um caminho, mas dizer que o caminho, a rua, a estrada é
praticável depois de feita? Se guardas violam acintosamente
leis do sossego, autoridades do Trânsito violam com fre-
quência o vocabulário.

Praticidade - Palavra que os dicionários não consignam, pa-
rece todavia ter sua justificação ao lado de *praticabilidade*.
Se *praticável* é o que se pode pôr em prática, *prático* é o que
pode ser feito com facilidade e utilidade. Se uma máquina,
uma profissão, uma arte pode ser *praticável*, pode não ser
prática, isto é, fácil e útil. Uma coisa pode ser *praticável*, mas
não ser do alcance e para utilidade de todos.

Se *prático* existe com sentido distinto de *praticável*, nada es-
tranhável que se consigne *praticidade* ao lado de *praticabili-
dade*.

Prato - *Coletivo*: baixela, serviço, prataria. *Aumentativo* (com
comida): pratalhaz, pratarraz, pratarrada, pratázio.

Prazeiteiro, prazentemente - Dois adjetivos existem: *pra-
zeiteiro*, *prazeroso* (e não *prazeitoso*). Nada de inventar *prazen-
teiros* — que sentido nenhum tem nem pode ter — mistu-
rando essas duas formas. O advérbio, igualmente, será *pra-
zentemente* ou *prazerosamente*.

Prazer - O verbo *prazer* é irregular e só usado na terceira pes-
soa do singular e no gerúndio: *praz*, *prazia*, *prouve*, *prou-
vera*, *prazerá*, *prazeria*, *praza*, *prouvesse*, *prouver*, *prazer*,
prazendo.

É transitivo indireto; significa agradar, *aprazer*: *Praz-lhe*
zombar de nós — *Praza* a Deus que o sermão não seja lá mal
ouvido — Despedi-o, se voz *praz* — Se a Deus *prouver* — *Pra-
za* aos céus que meu filho não sofra.

Pre... - A incoerência do Formulário Ortográfico de exigir que
este prefixo se faça às vezes acompanhar de acento e de hífen
ficou já apontada no verbete *pos*. Exprime:

antecedência, *antecipação*: *precoce*, *preâmbulo*, *precaução*,
precolar, *preajuizar*;

intensidade: *preclaro*, *prepotente*, *prefulguração*, *predo-
mínio*, *preeminente*, *preponderante*.

Pre..., pro... - V. *preeminente*; V. *premoção*.

Pré - Aportuguesamento do francês *prêt*, que indica o paga-
mento diário a soldado raso ou sem patente de oficial; en-
tra nas expressões "soldado de *pré*", "praça de *pré*".

Preá - Os vocabulários oficiais, o do Brasil e o de Portugal, e
bons dicionários dão à palavra o gênero feminino; Laudelino,
Melhoramentos e outros dão-lhe o gênero masculino. A
prova de que é inseguro o gênero do nome deste pequeno
roedor está em o Fonseca, revisto por João Ribeiro, fazê-lo

seguir de *f.*, para no verbete *paça* citar "a capivara, a cutia e
o preá".

Preamar - V. *preiamar*.

"Prealço" - V. *percalço*.

Preário, precaríssimo - Adjetivos terminados em *io* perdem o
o final antes do sufixo superlativo *íssimo* (*piíssimo*, *propríssimo*,
seríssimo), mas *preário* perde as duas vogais: *prearíssimo*.

Preaver-se - Este verbo nada tem de comum nem com o verbo
ver nem com o verbo *vir*; não é formado em português, se-
não proveniente do latim *praecaveo*, donde nos veio *precau-
ção*; dizer eu me *precavejo* ou eu me *precavenho*, eles se *preca-
viram* ou eles se *precavieram* é incorrer em grave erro de con-
jugação, é demonstrar desconhecimento do verdadeiro sen-
tido do verbo. O que há é o seguinte: o verbo é defectivo; é
usado somente nas formas arizotônicas, nas quais formas é
inteiramente regular.

Por outras palavras: o verbo *preaver-se* não se conjuga na
1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular nem na 3ª do plural do indica-
tivo presente (falta, por conseguinte, todo o presente do
subjuntivo e a 2ª pess. do sing. do imperativo), porque nes-
sas formas o acento tônico iria cair no radical do verbo; nas
demais pessoas, é ele *totalmente regular*, notando-se que vem
sempre acompanhado de pronome oblíquo. As formas ver-
bais existentes são estas:

Ind. pres. *precavemos*, *precaveis*. *Imperf.* *precavia*, *preca-
vias* etc. *Perf.* *precavi*, *precaveste*, *precaveu*, *precavemos*, *preca-
vestes*, *precaveram*. *M.-q.-perf.* *precavera*, *precaveras* etc.
Fut. *precaverei*, *precaverás* etc. *Fut. do pret.* *precaveria*, *preca-
verias* etc. *Imperat.* *precavei*. *Subj. pres.*: Não há. *Imperf. do*
subj. *precavesses*, *precavesses* etc. *Fut. do subj. e inf. pess. iguais*:
precaver, *precaveres* etc. *Precaver* — *precauendo*, *precauindo*.

Para substituir as formas inexistentes, emprega-se um ver-
bo sinónimo, como *acautelar-se*, *prevenir-se*, *precautar-se*.

A explicação ficou dada com essas minúcias porque um
acadêmico, ao escrever sobre a necessidade do estudo da
nossa gramática, declarou: "os brasileiros se *precauam*...".

Precisar - Dizer "precisam-se de costureiras", "tratam-se de
casos omissos" é cometer erro em português, pois *costureiras*
e *casos omissos* não constituem sujeitos dos verbos; o sujeito é
indeterminado; deve o verbo ficar no singular.

Existem, todavia, certos verbos transitivos indiretos que
também se constroem como objeto direto; o verbo *precisar*
é um deles; tanto é certo dizer "sem *precisar* de doutor nem
de feiticaria", quanto é certo construir como fez Castilho:
"...sem *precisar* doutor nem feiteira". Uma vez transitivo
direto, pode perfeitamente apassivar-se o verbo *precisar*:
"precisam-se operários", "precisa-se um datilógrafo".

Estranhável e errada é a construção "precisam-se de ope-
rários". Ou se diz "precisam-se operários", apassivando-se
pessoalmente o verbo, ou "precisa-se de operários", impes-
soalizando-se a construção.

Seria também erro dizer, à italiana, "precisa operários",
como é errado dizer "precisa limpar os vidros". *Bisognare*
traduz-se ou por *precisar-se* (e não simplesmente *precisar*)
ou por "tornar-se necessário", "dever-se", "ser mister":
bisogna domandare = é necessário, é preciso, é mister per-
guntar, torna-se necessário perguntar, cabe perguntar, deve-
se perguntar (nunca "precisa perguntar").

De maneira análoga devemos proceder com o verbo *ne-
cessitar*: *necessitar* algo, *necessitar* de algo.

Seguidos de infinitivo, *precisar* e *necessitar* vêm sem ou com
de: *Precisamos* acabar com estes passeios — O partido libe-
ral *precisa* de mover a incredulidade pública — Os libertos
necessitam desmentir esses receios — O que *necessitaremos*
de apurar é audácia. — V. *é preciso calma*.

Predicativo (concordância) - V. *franco de pagamento*.

Preeminente, proeminente - Já não existe a forma clássica *pre-
eminente*; hoje ou se emprega *preeminente* ou *proeminente*; com
o prefixo *pre*, a palavra tem sentido moral (superioridade,
distinção, vantagem): escritor *preeminente*. Com *pro*, no caso
corruptela de *pre* e não o prefixo *pro* que entra em *promover*,
proseguir, *propelir*, *pronome*, *prorromper*, denota relevância fisi-

ca (maior elevação, maior pronunciamento de ângulos): feições *proeminentes*.

Há diferença em português entre *preeminência* e *proeminência*.

Prefeita - *Prefeita* é a flexão feminina do adjetivo substantivado *prefeito*, que se flexiona como *refeito*, *perfeito*, *desfeito* e outros compostos. V. *paranáfia*; V. *deputada*.

Preferência a - V. *amor a*.

Preferir - O mesmo valor dos advérbios que, no latim, se antepunham aos adjetivos para formar os superlativos analíticos, tinham nessa língua as preposições *per* e *prae*, em composição: *perdifficilis* (muito difícil), *praeclarus* (muito claro, magnífico), *permagnus* (muito grande, muito importante), *praegelidus* (muito frio, frio como gelo), *perlongus* (muito longo, muito dilatado).

Por essa razão é que o verbo *preferir* já encerra idéia de "querer mais" de "querer muito", pelo que não se deve dizer "prefero mais"; o certo é "preferir uma coisa a outra coisa": Prefiro o estudo ao brinquedo — Prefiro estudar a brincar. V. *per*.

Progresso - Pode o prefixo latino *pre* também indicar antecedência: *prefácio*, *preconceber*, *prematuro*, *precoce*; é *progresso* o decorrido anteriormente: "Enrosca-me muito sério no regaco de minha mãe e ouvia-a contar a história proximamente *pregressa*, para mim longínqua, da nossa gente" — "Vida *pregressa*", vida anterior ao fato considerado.

Preiamar, preamar - São variantes ortográficas da mesma palavra, que significa "mar cheio"; em ambas o *e* é fechado.

De *plenam* tivemos *preia* (ê), procedimento comum na derivação popular (*coenam*, ceia; *arenam*, areia, *ballaenam*, baleia); no feminino, porque em outros tempos, como ainda em francês e em espanhol, *mar* era feminino.

Prejuízo - Como o inglês *prejudice*, também o português *prejuízo* significa *preconceito*: "Homem cheio de *prejuízos*" — "Acabaram com todos os *prejuízos* e reuniram todos os povos em torno da cruz de Jesus Cristo".

Quem *prejulga* tem um *prejuízo*, como quem *preconcebe* tem um *preconceito*. É esse o seu primeiro sentido em latim.

Promoção, promoção - Não confundir; se *promoção* é o ato de promover, *promoção* é nome que em teologia denota a "ação ou inspiração de Deus sobre a vontade do homem"; o prefixo *pre* indica aí antecedência, como em *predeterminação*.

Preposição mais preposição - Em português, como em outros idiomas, uma preposição ou locução prepositiva e o respectivo regime ("atrás do carro") podem vir regidos de outra preposição: "saiu DE atrás do carro". Outros exemplos: "...pendem, mergulham e desaparecem, numa imensa curva borbulhante, POR sobre o largo telheiro abandonado" — "POR entre a ganga" — terreno que lhes fuge DE sob os cascos", "passou POR detrás do teatro", "arrastaram-no PARA ao pé do caire", "ela não sai DE ao pé de mim", "janela que se abre DESDE pela manhã".

Não é o mesmo caso do anglicismo "pagamento em prestações de até 20 meses"; não é da língua portuguesa interpolar preposições. Em nosso idioma o que existe é: pagamento até 20 prestações mensais — pagamento em prestações até 20 meses — Posso financiar até 36 meses — financiamento até 36 meses (sem em nem de antes de até) — menores de 14 anos (sem até depois de de).

Preposições (emprego correto) - V. *para* [preposição].

Preposições (repetição) - V. *repetição das preposições*; V. *pela imprensa*.

Presca - Não há o que estranhar na oração "O paciente, *presca* de forte crise nervosa..." — É *presca* nessa oração substantivo feminino, em função de aposto, e não participio irregular de *prender*; não tem aí *presca* relação com esse verbo mas com o étimo latino *praedam*. Seria o mesmo que dizer: "João, vítima de forte crise" — onde *vítima*, aposto de João, é substantivo de gênero próprio e imutável, e não forma verbal de *vítimar*. Seria ainda o mesmo que dizer: "Olga, alvo de infamante maledicência" — onde *alvo*, substantivo sobrecomum que é, não pode flexionar-se genericamente.

Presbita - Indicativa de "vista ou pessoa afetada de presbitia", esta palavra é paroxitona, pois é longo em grego e em latim o *y* correspondente ao *i* da penúltima sílaba.

Presbiter - Não cabe ao caso "lógica", como asseverou um membro da Academia Colombiana de Língua, nem afirmações graciosas de que "deve ser", "é preferível dizer", "a expressão correta é", que estão contidas em declarações de acadêmicos colombianos, publicadas não há muito neste jornal, em apoio a "presidenta", quando reterente a mulher.

São em português uniformes os adjetivos terminados em *nte*, como já no latim havia uma só terminação — *ns* — para o masculino e feminino dos adjetivos da segunda classe, por cujo paradigma se declinavam os participios presentes: *prudente*, *amante*, *vidente*, *lente*, *ouvinte*. Ninguém, pelo menos em português, diz hoje *prudenta*, *amanta*, *videnta*, *lenta*, *ouvinta*.

Alguns dos adjetivos de tal terminação andam a ser flexionados em *nta* no feminino quando substantivados: *parenta*, *infanta*, *governanta*. *Presidenta*, porém, ainda está, ao que parece, no âmbito familiar e chega a trazer certo quê de pejorativo.

Neste caso, como noutros, a designação de "neologismo" não serve para encobrir o desconhecimento de fatos do idioma. O que está errado é dizer: "...de Paris, o presidente do Clube Brasileiro do Gato, Anne Marie, irá a Essen, na Alemanha". Por favor, senhor redator, procure saber em qualquer gramática o que é substantivo comum de dois gêneros e verá por que se diz "a estudante Maria das Graças"; "a constituinte Etelvina Rodrigues" e por que é certo "a presidente Isabel". Sua única desculpa será não saber que *Anne Marie* é nome de mulher.

Presidir - É de largo uso a construção transitiva direta desse verbo, a par da transitiva indireta, *presidir a*. Poder-se-á tanto dizer "...foi admitido a *presidir ao ato*" (Castilho), "...o anjo que *preside aos* fados da Espanha (Herculano), quanto "*presidir o congresso*" (Aulete) e "*presidia os* tribunais" (Figueiredo).

No português quinhentista vigorava ainda a construção *presidir em*: "...que hoje *preside na* Igreja de Deus" (Bernardes). V. *assistir*.

Preso, prisioneiro - "Você está *preso*" — "Ele foi feito *prisioneiro*": Estes dois exemplos estão a mostrar que as palavras têm sua diferença de significação não obstante as trazerem dicionários como sinônimas. Não deixa o preso de ser prisioneiro, porque *prisioneiro* é palavra de sentido mais amplo; por isso se diz "*prisioneiro de guerra*" e, com sentido mais restrito, "dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, visitar os doentes e os *presos*". Normalmente visitam-se presos, não prisioneiros, porque *preso* implica idéia de sujeição a uma força mais próxima de constrangimento: "Os *presos* são levados ao tribunal em carros especiais" — "Os *prisioneiros* caminhavam em longas filas através do deserto".

Prestação - "Qual a origem dessa palavra, que não existe nem em francês (*payement à tempérament*), nem em italiano (*frate mensili*)?"

— Prestação é no caso o ato de *prestar* contas. Quem realiza um negócio em três pagamentos, irá *prestar* contas três vezes; não só mensais podem ser as prestações, mas anuais, semanais; igualmente, uma compra poderá efetuar-se numa única prestação, isto é, num único pagamento.

A palavra, que vem do latim *praes*, *praedis* (fiador, abondador, garante) e *stare* (estar, ficar), designa o ato de ficar responsável pelo cumprimento ou realização de alguma coisa. É de César da Silveira (Dicionário de Direito Romano) esta passagem: "Os romanos descreviam o conteúdo possível das obrigações com os termos *dare*, *facere* ou *praestare*. *Dare* significa a entrega de uma coisa, com fins de execução; *facere* indica toda a prestação consistente em fazer, incluindo o *dare*. *Praestare* compreende toda a prestação, que consiste tanto em *dare* como em *facere*, e mesmo as que não consistam em dar ou fazer, como a constituição de uma caução".

Como *facere* é levar a cabo qualquer ato ou ainda abster-

se, a conclusão é de que, além das prestações de dar ou fazer alguma coisa — prestações positivas — há prestações negativas, que consistem em não praticar determinados atos.

Prestação de serviço - "Fornecimento de serviços telefônicos" é incorreto; serviços não se fornecem; fornece-se uma casa de mantimentos, uma praça de soldados, meios para certo negócio; serviços *prestam-se*, e, daí: *prestação* de serviços telefônicos.

Presunção, água e vento cada um toma a contento - Esse é o provérbio, e não "presunção e água benta cada um toma a contento". A correção é facilmente aceitável quando se considera que água benta não se toma, e não rima benta com *contento*.

Tem sem dúvida *tomar* também o sentido de apanhar, apreender, tirar, mas em se tratando de água sua significação normal, comum, geral, é de beber, significação que não se ajusta ao nosso caso, mormente quando se considera que água benta usam sempre com a mesma moderação quantos com ela fazem o sinal da cruz ao entrar numa igreja.

Pretender - Este não é lugar para ensino de outros idiomas, mas redatores de jornais e tradutores de agências de notícias estão a merecer a advertência de que o verbo inglês *to pretend* não significa *pretender*, como está nesta passagem: "De duas coisas uma: ou o Sr. Leonid Brezhnev ficou profundamente alemão ou cre que é hábil *pretender* sê-lo quando recebeu o presidente da república francesa".

Além da discordância dos tempos verbais (*ficou, cre, é, recebeu*, em vez de *ficou, creu, era, recebeu*: a discordância não podia ter sido encontrada em inglês, mas o redator não quis perguntar a algum colega como devia conjugar *cre* no pretérito perfeito: § 463, 2), a notícia traz um *pretender* sem nenhum sentido. Troque o jornalista em futuras traduções esse verbo por *fingir* que passará a transmitir notícias de maneira correta. Se a esse cuidado acrescentar o hábito de consultar gramáticas no tocante à conjugação de nossos verbos, as notícias passarão a ser ainda mais inteligíveis.

Pretensão - Já há muito tempo assim se escreve, corretamente, com *s*, o nome designativo de ato de *pretender*. E assim *pretensioso, pretensão, pretensor*.

Pretérito perfeito simples e composto - *V. fiz, tenho feito*.

Pretérito perfeito (pronúncia) - *V. falamos ontem*.

Preterir - *V. aderir*.

Pretória, Pretoria - Longo é o nosso sufixo *ia*, razão por que se diz *pretória, senatoria* quando se trata de cargo de pretor, de cargo de senador, ou da duração desses cargos, uma vez operar-se nesse caso o acréscimo de *ia* ao radical: *tutoria, autoria, ouvidoria, diretoria*.

Pretória, proparoxítono, é variante de *pretório*, palavra esta que funciona ou como adjetivo, para indicar "relativo a pretor", ou como substantivo, para designar residência ou tribunal do pretor, ou, modernamente, qualquer tribunal. Não indica jurisdição nem duração dela.

Senatório e outros nomes não têm a variante, mas isso não invalida a distinção entre *pretória* e *pretoria*.

Um título que encabeçasse a notícia de que alguém fosse impedido de falar como representante de diversos países teria de ser "*pretoria contestada*" (preto-ri-a), e não "*pretória contestada*".

Prevenir - "*Prevenir* acidentes" está muito certo. É verdade que *prevenir* significa "preparar" (Enquanto uns abriam a cova e outros *preveniam* os instrumentos...) — Viciria, mas não é esse o seu único significado; entre outros tem também o de "evitar", "dispor as coisas de sorte que se evite mal ou dano": "Interdizia-os menos para debelar um vício que para *prevenir* desordens" (Euclides de Cunha) — "Talvez procurásseis *prevenir* uma desgraça tão fatal" (Monte Alverne).

Prevenir é paradigma de uns tantos verbos da terceira conjugação; o *e* da penúltima sílaba se transforma em *i* nas formas rizotônicas e nas formas delas derivadas:

Previno, prevines, previne, prevenimos, prevenis, previnem; prevenia, prevenias...; preveni, preveniste...; prevenira, preveniras...; prevenirei, prevenirás...; preveniria, prevenir-

rias...; previne, preveni; previna, previnas, previna, previnamos, previnais, previnam; prevenisse, prevenisses...; prevenir; prevenindo, prevenido. O futuro de subjuntivo e o infinitivo pessoal são idênticos: prevenir, prevenires etc.

Seguem sua conjugação os seguintes verbos: *agredir, denegrir, progredir, transgredir*.

Se adotarmos a grafia *denigrir*, que aqui já foi justificada, este verbo deixará de apresentar irregularidade: *denigro, denigres, denigre, denigrimos, denigris, denigram etc.*

"Privilégio" - Grafia errada. *V. digladiar*.

"Prévio a" - "...para promover novo acordo entre Egito e Israel *prévio* ao reinício da conferência de Genebra". Que reungência do redator é esta à língua da terra em que escreve — muito provavelmente de sua pátria — que o leva a esquecer-se completamente de formas vernáculas para adotar peculiaridades de expressão de outros idiomas? Não percebe ele que esse "prévio a" é o "prior to" inglês? Em nosso idioma assim se escreve: A concepção é anterior à criação — Esta obrigação *precede* às demais — Repetição dos acontecimentos que *precederam* 1914 e 1939.

Liberdade de expressão não pode significar desprezo ao que é nosso, apassivamento ao que é de outrem e jamais nos foi necessário. O ruído que um estudante de língua estrangeira sente por novidades deve ser antes interpretado como ausência de conhecimento da própria, como deficiência de pesquisa, como fuga do dicionário.

Prezado - É o *ti* latino, quando seguido de vogal, uma das origens do nosso *z*. Dicionários bons costumam trazer, após os significados e empregos, o étimo, ou seja, a proveniência próxima de qualquer palavra que se procure. É étimo de *prezar* o verbo latino *pretiare*; se com *ti* é escrito em latim, com *z* será escrito em português porque o *ti* é seguido de vogal. *Prezado*, particípio que é de *prezar*, iremos escrever sempre com *z*.

Primadona - Como escrevemos o composto *primavera*, escrevamos *primadona* sem hífen, enfeite ortográfico em grande parte para encobrir nossa ignorância.

Primaveril, primaveral - Os sufixos *il* e *al* são neste caso sinônimos; ambos, entre outras significações, têm a de indicar "qualidade de", "natureza de" (*brutal, carnal, claustral, feudal, rural, verbal, fraternal, magistral, oriental, outonal — gentil, hostil, infantil, senil, varonil, viril*). *Il*, mais erudito, aparece menos nos derivados, e em alguns deles é acrescido ao radical latino; *primaveril* está neste caso; essa a razão de sua preferência a *primaveral*.

Primeira ministra - Não padece dúvida ser *primeira ministra* o feminino de *primeiro ministro*; é e deve ser usado ao lado de *legada, deputada, prefeita, promotora, consulesa, juíza*. São nomes normalmente flexíveis; não são epicenos nem sobrecomuns. Do assunto já tratamos amplamente no verbete *ministra*.

É inaceitável a construção "a deputado", "a secretário", "a prefeito", como inaceitável é dizer "o prefeito Maria Teresa", "o primeiro ministro Rosa Augusta". Que outra maneira de afirmar que "poucos países tiveram *primeiras ministras*"? Acaso seria: "Poucos países tiveram primeiros ministros mulheres"? Nesse andar em breve teremos: "Compreci um cão mulher" — "O país tem cinco secretários homens e dois secretários mulheres".

Se a metamorfose da imberbe ocupante do cargo é impossível, igualmente impossível é a alteração das regras de flexão genérica para designá-la, como igualmente impossível é a androginia em tais designações; a mulher que ocupa uma embaixada é *embaixatriz*, a que ocupa uma prefeitura é *prefeita*, a que ocupa um juizado é *juíza*, a que ocupa um ministério é *ministra*.

Primeiro de abril - "A independência do Brasil foi proclamada no dia 07 de setembro de 1822".

Que é isso? Faz-nos lembrar essa maneira disparatada de escrever aquele que dizia: "Preciso ir ao Banco do Brasil Sociedade Anônima". Não confundamos linguagem com registro, com fichário, com máquina, com computador. Escrevamos normalmente, como sempre foi feito, e não

a robô, "Fui ao Banco do Brasil" — "Nem em todos os países o Dia do Trabalho é comemorado em 1º de maio" — "O dia 1º de abril é notório pelas petas que se pregam" — "São Paulo, 19/9/1975" — sem a eletrônica influência de um zero antes da unidade, e com um ozinho a encimar do lado direito o algarismo quando *primeiro* for o dia do mês citado; "1º de janeiro de 1976".

Se no dia 7 de setembro adquirimos nossa liberdade, não passemos agora a subordinar nosso dizer às IBMs.

Primo - É adjetivo normalmente flexível quando designa o que nasce primeiro ou o que está em primeiro posto, o mais importante, o melhor. Assim deve ser lido o trecho das Lendas e Narrativas: "E (Argemiro), tomando o seu gerifalte *primo* em punho, ordenou aos monteiros fossem dizer aos nobres cacadores que dentro de duas horas voltassem, porque achariam em seu paço comida bem aparelhada".

Não nos esqueçamos de "obra *prima*" ao ler passagens como essa de Herculano.

Primo é também advérbio latino, usado em português isoladamente e em composição: *primogênito*, *primogênita*. V. *fêmeo*.

Primum vivere, deinde philosophari - Locução latina que significa "primeiro viver, depois filosofar". Primeiro ganhar meios de subsistência, depois entregar-se a indagações filosóficas.

Primus inter pares - Locução latina que significa "o primeiro entre seus iguais": Este aluno é o *primus inter pares* — é o melhor dos melhores.

Princeps - V. *edição princeps*.

Prior - Dois são os femininos; um, por influência do baixo latim, *prioresa*; outro, à castelhana, *priora*.

Prisioneiro - Coletivo, quando em conjunto: *leva*; quando a caminho para o mesmo destino: *comboio*. V. *preso*.

Privatividade - Essa é a palavra portuguesa, e não "privacidade". Acertadamente procede Laudelino, no que é seguido pelo Melhoramento, quando consigna a forma *privatividade*, pois o sufixo *dade* (ou *idade*) é acrescido a adjetivo, e não a substantivo: *fatuidade* (de *fátuo*), *beldade* (de *belo*). O adjetivo é *privativo*, e dele temos *privatividade*, para indicar "qualidade de *privativo*". Não pensemos em *privação*, nem nos deixemos levar por *vivacidade*, que também provém de adjetivo (*vivaz*), e tem o *o* justificado por corresponder à gutural do radical latino (*vivac-is*).

Privilegio - Com *i* deve ser escrita a sílaba inicial. V. *digladiar*.

Pro - Além de advérbio ("O palavrório é tudo; com palavras se esgrime, contra ou *pró*, nas magnas teses"), pode ser substantivo, com o significado de vantagem, proveito, conveniência: "A vaidade sustentava alternativamente o *pró* e o contra" — "Se deles houvesse agora, de que *pró* nos não seria!" — "Precisamos considerar os *prós* e os contras". Entra na locução "a *pró*" ou "em *pró*", equivalente a "a favor", "em defesa": "Faisca desse amor que a *pró* dos homens arde de um Deus no seio" — "Não duvidamos pôr a vida em *pró* de sua dignidade".

Quando prefixo, correspondente à preposição latina *pro* no sentido de "a favor de", "a bem de", "por interesse de", tem em português acento agudo e exige hífen antes de qualquer letra: *pró-homem*, *pró-liberdade*, *pró-germânico*, *pró-agricultura*. V. *polo*.

Pro forma - Locução latina que significa "por formalidade"; "O processo foi instaurado *pro forma*" — para salvar as aparências.

Pro patria fiant eximia - Divisa latina do estado de São Paulo; significa "pela pátria sejam feitas coisas extremadas", "facamos o máximo pela pátria".

Proceder - Com o significado de *fazer*, *praticar*, *mandar executar*, constrói-se com a preposição *a*: "...na inspeção *a* que V. Sa. deve proceder", "proceder *a* pena capital", "proceder *a* devassa".

Processão - Significa *procedência*, mas é termo especial de teologia, para indicar a emanção do Filho, do Eterno Padre, e a do Espírito Santo, do Pai e do Filho. Não confundir com

proissão, *préstito*.

Processos revidendos - É o certo. Talvez por influência de "revisão" costumam alguns juristas empregar essa expressão de outra maneira, errônea. O gerúndio do verbo latino *revidere* (*rever*) é *revidendus*; o nosso adjetivo verbal só pode ser *revidendo* — processos *revidendos* — uma vez que o gerúndio provém de tema do presente e não do supino.

Procedência - Não confundir com *procedência*, *proveniência*. É termo médico que significa deslocamento, queda de uma parte do corpo, como da íris, do reto, da madre. É seu cognato *procidente*, do latim *procidens, entis* — composto de *ca-*, *cair* — que se desloca, que desce para fora do seu lugar.

Pródigo - Superlativo sintético: *prodigalíssimo*.

Proeminente, Preenminente, Prominente, Preminente - Se *preminente* é forma antiga, as outras são usadas praticamente sem diferença de significação; o paralelismo vem desde o latim (numas o prefixo *prae*, noutras *pro*), onde o verbo era mais usado com *pro*: Dentes qui *próminet*.

Procnécalo - Designativo de posição anterior (diante de, antes de), o prefixo desta palavra deve ser *pro*, e não *pros*; *pros* indica proximidade, conformidade: *prosódico* (conforme, segundo o canto), *prosnéquima*, *proscólio*.

Prófase - V. *anáfase*.

Professor - Coletivo, quando de estabelecimento secundário ou primário: *corpo docente*; de faculdade superior: *congregação*.

Professor de português - Vários fatos estão a comprometer esta profissão:

1. a não exigência dos responsáveis do ensino, assim privado como oficial, do mais importante meio de sério ensino de uma língua: trabalhos escritos;

2. a não consideração do tempo que o professor despense fora de aula na correção desses trabalhos;

3. a distorção do ensino da gramática por fatuidades de ortografia e de fonética;

4. a exigência, como finalidade, de certos procedimentos que são consequência, e não causa de conhecimento de um idioma; é o caso de análise sintática, de classificação de palavras, de memorização de todas as preposições, de todos os advérbios, de todas as partes, divisões e subdivisões da gramática;

5. a confusão entre ensino de língua e ensino de literatura; ensina a língua quem transmite sua estrutura, ou seja — empregando a palavra hoje aborrecida no Brasil — gramática; uma é linguagem, simples capacidade de comunicar o pensamento por meio de palavras, outra é língua, sistema de comunicação de idéias edificado pelo acuro de civilização de uma nação. Isto de "análise literária", de "ficha de leitura", de "interpretação de texto" são objetos de verificação de compreensão, de integridade mental, de sanidade psíquica, não de aferição de conhecimento da gramática de uma língua; o saber e a lógica, o compreender e o assimilar devem ser pesquisados por profissionais de outras matérias, por psicólogos, por médicos, não por professores de língua; que se ensine a desenvolver um tema, que se ensine a concatenar idéias, que se ensine a expor o pensamento são preocupações meritórias de atenção, que não podem porém ser confundidas com ordenação dos termos da oração, com frase, com locuções, com construção do período, com conjugação, com flexão, com tonicidade, com pontuação; não confundir compreensão e externalização de pensamento, objeto da lógica, com expressão de uma língua, objeto de educação; uma é capacidade de entender um procedimento político, de julgar um fato, de observar um quadro, outra é o recurso de externar essa compreensão, esse julgamento, essa observação numa determinada língua; uma é conteúdo; outra, forma;

6. o minguado número de horas diárias de aula; enquanto nos países do hemisfério norte sete horas de aula por dia tem o aluno do curso elementar, em nosso país tem ele somente quatro, quando não menos; multiplicada a diferença por oito, número de anos do curso primário, veremos a

fraqueza a que se reduz a formação básica de nossos jovens;

7. trabalhos, em grupo, de pesquisa: a redação é anônima; os erros de gramática, além de anônimos, não são indicados; o que vale é o volume de páginas apresentadas, sem merecer censura o monturo de cacografias, de barbarismos, de solecismos, de erros gramaticais de toda a espécie;

8. a indústria das postilas; talvez por receio de que seus alunos o corrijam em aula ou lhe façam perguntas sobre pontos por ele mesmo ainda não estudados, muito professor de português há que não adota gramática nenhuma; além disso, por que obrigar seus discípulos a comprar uma se para ele nenhuma delas tem valor, nem daqui nem de além-mar?

9. a convivência de muitos pais para os quais é motivo de maior orgulho saber o filho o nome dos integrantes do quadro esportivo preferido do que o dos professores e o dos autores dos trechos lidos em aula;

10. o furtivo procedimento de professores que se põem a falar em "estruturalismo", em "construturalismo", em "transformacionalismo", em "funcionalismo", em "expressão corporal", em "comunicação", em "formas gerativas", em paliativos, invenções e teorias sem nenhuma utilidade prática para o aprendizado do idioma, outras tantas demonstrações do caos hoje reinante no ensino da nossa língua, mas em perfeita seqüência com os livros de figurinhas, em completa concordância com os testes de cruzinhas, em harmonia com a decadência do ensino e com o enfraquecimento de conhecimento da disciplina fundamental para a exposição e compreensão das demais;

11. a incapacidade do país de vencer com o número de escolas o aumento da população;

12. o demagógico procedimento de reduzir o número de aulas do curso elementar à metade para poder afirmar que o número de vagas foi duplicado;

13. o retalhamento da gramática em frações que se acrescentam como rodapés a trechos de prosa coligidos em livros também retalhados comercialmente de acordo com os anos dos cursos; decreto já tivemos no Brasil que proibia a partição da gramática, ou seja, que obrigava a que a gramática fosse editada num só volume, medida válida para todas as línguas;

14. o alargamento das portas das faculdades já existentes e o deixar à escâncara as de muitas outras novas, como procedimento necessário para dar ocupação à juventude de um país que se julga dispensado de mão-de-obra.

A quem como aluno traduziu e como professor, poucos anos depois, ensinou a traduzir César na terceira série ginasial, correspondente ao atual sétimo ano de curso primário, o nível de aprendizado e de magistério caiu de forma assustadora. Ao contrário de transmitir ao jovem a herança de conhecimentos adquiridos, passou o professor a assimilar do educando a soma de suas leviandades. Se o antigo professor de ginásio está hoje primarizado, o de universidade não pode transmitir o que sabe, tal a seqüência em nossa terra da mobralização do ensino.

Fatos há, todavia, que encorajam a profissão:

1. exigência de prova de redação no vestibular do Itamarati;

2. exigência de prova de redação no Instituto Técnico de Aeronáutica de São José dos Campos;

3. conquanto ressentidos do geral enfraquecimento do ensino, seminários há com aulas especiais de oratória, nas quais a correção de linguagem é exigida;

4. bancos e outras organizações de porte pedem nos concursos de ingresso prova de redação;

5. exigência, pelo menos em concursos de certas universidades, de conhecimento do vernáculo dos pretendentes ao magistério de outros idiomas, ainda que este seja o latim ou o grego;

6. manifestações da imprensa, como esta d'O ESTADO

DE S. PAULO, assinada pelo professor Mário Leônidas Casanova:

"Não é de hoje que o agramatismo invadiu, triunfante, os setores que exercem, no país, as atividades ditas intelectuais. Nossos livros — os escritos por autores nacionais como os vertidos de outras línguas — estão infestados, há muito, de erros crassos de linguagem, de impropriedades de toda a espécie que, sobretudo nas obras científicas e didáticas, obscurecem, deturpam e desformam os conceitos que cuidam transmitir. Nossos jornais, os anúncios de rádio, de televisão e de parede abundam em incorreções, dislates e aberrações de linguagem que até alguns espécimes destas novas "gerações sem palavras" advertem. Locutores de rádio e de televisão são dos mais nocivos agentes desse gênero de poluição cultural que as autoridades procuram não ver, embora saibam que o idioma pátrio constitui um dos mais poderosos esteios do sentimento nacional. Nem mesmo o noticiário oficial da Agência Nacional, difundido a cada noite em cadeia por todas as emissoras do país, constitui exceção. Os documentos e os textos distribuídos por fontes oficiais há muito podem servir, em nossas escolas, ao ensino do português como "textos para corrigir". A linguagem dos documentos do Itamarati até há pouco fazia exceção à regra; agora, nem ela escapa à epidemia. Há anos passados, quando cursei o grupo, havia respeito à língua";

7. memoriais esparsos e sem reflexo, como o de sessenta professores de Minas Gerais que pediram em 1974 ao ministro de Educação e ao de Comunicações que estendessem aos jornais, às revistas e às empresas de propaganda os efeitos da portaria do Ministério de Comunicações que objetivava o policiamento da língua portuguesa nos programas de rádio e de televisão.

"Sem reflexo", sem dúvida, pois dias depois o ministro de Comunicações declarava "não estar interessado na aplicação imediata da portaria em seus pormenores"

Tal a desídia profissional, tal a passividade ao erro, tal o derroísmo ante o avolumamento da ignorância dos alunos, que professores de português, e não poucos, existem hoje cujo magistério consiste em destruir a gramática de nosso idioma; erros e mais erros — os mesmos com que falam cozinheiras e engraxates — andam a defender, inscientes de que estão a atestar a desnecessidade de si mesmos, a inutilidade de escolas, de cursos, de livros que ensinam a estrutura do idioma, num autofagismo que nos leva a duvidar do seu bom senso, da sua inteireza social, da sua capacidade de lecionar o idioma da terra. Para tais professores dizer em plena aula "gramática já era" é procedimento mais cômodo para atrair a simpatia dos seus "queridos e estudiosos alunos", para acobertar a própria ignorância, para disfarçar a falta de didática quando não de autoridade pessoal para ministrarem aulas de gramática e tornar dos alunos a lição.

A acompanhar o passo em que andam certos professores de português que se degradam ao nível de uma geração cheia de vazios, que querem implantar na geração nova o que cultivam por negligência, somos obrigados a concluir que a aceitação do erro instituiu-se em nossa terra como adrenalina da incapacidade. Se o pensamento caminha com a linguagem, a língua tem sua estrutura dependente da sociedade, da educação, da formação; se pensamento e linguagem são livres, língua tem função social, disciplinadora, coercitiva; se os animais podem pensar e agir sem falar, o homem tem de dar-se conta de sua capacidade de externar seus pensamentos de maneira condizente com sua diferença natural e social; se linguagem é processo natural de formação de idiomas, gramática é processo de conhecimento de um idioma. Esta é uma verdade que não pode ser contestada por leviãos: não existe cultura sem raiz na tradição e na língua. V. *prógnato*.

Progenitor - "Desde que aqui cheguei, estranhei o uso da palavra *progenitor* no sentido de *pai*, e o feminino da mesma palavra no sentido de *mãe*. De conformidade com o latim, parece-me que unicamente *genitor* e *genitora* deveriam usar-se

por *pai e mãe*. Com o prefixo *pro*, a palavra deveria significar *antenato*."

— A alteração da estrita significação etimológica de um termo é fato admissível e comum nas línguas vivas; não constitui isso abuso, nem, muito menos, erro, senão índice de vida e mútua comunhão e harmonia de idéias entre os que falam um mesmo idioma. Pretender impor às nossas palavras o sentido etimológico do latim é querer comunicar-lhes a morte da língua de que provêm. Além disso é preciso frisar: Quanto mais usada uma palavra, tanto mais rica e fértil em significação ela se torna. Se há palavras que exprimem uma só coisa, são as eruditas, o que equivale a dizer, as de vida e uso limitados. Pretender o mesmo das do domínio do povo é pretender o impossível, é negar a própria razão da nossa língua: Se temos português é porque o latim deixou de viver.

Conhece a nossa palavra *infante*? Etimologicamente quer ela dizer "que não fala"; cremos que jamais o senhor pensou em tal significação, nem, menos ainda, pretendeu exigir que exclusivamente nessa acepção fosse usada.

Veja agora a expressão francesa *enfant gâté*. Pelo latim teríamos esta horrível significação — *mudo gasto*, quando, muito pelo contrário, expressa ela o menino rico em prendas físicas e morais e privilegiado da família.

A propósito, sabe o que *família* significa em latim? De *famel* (o mesmo que *famulus*, escravo), expressa o conjunto de escravos e domésticos de uma casa. Bem sabe o amigo leitor que já não é essa a significação com que a empregamos.

Agora, do italiano, a expressão *bambino vezzoso*. Filiada esta última palavra ao latim *vitium*, vício, denota a expressão toda, etimologicamente, *menino viciado*, quando, vernaculamente, é ela empregada para indicar o benjamim, o mais querido da família, tal qual acontece com o francês *enfant gâté*.

Quem bem observar a mudança de significação, notará facilmente a relação e justa trasladação de sentido nessas e em outras expressões como *formidável*. Primitiva e etimologicamente, do latim *formidabilem*, terrível, amedrontador, denota o medo que incute certa coisa. Sabiamente soube o povo emprestar-lhe nova e natural significação, indicando com ela tudo quanto impressiona grandemente os nossos sentidos.

É de Michel Bréal esta ponderada e sábia advertência: Le progrès pour le langage consiste à s'affranchir sans violences de ses origines. On ne parlerait pas, si l'on voulait ramener tous les mots à l'exacte portée qu'ils avaient en commençant." (§ 621).

Profetisa - V. *etiopisa*.

Prógnato - Quem, ao contrário do normal, tem o maxilar inferior mais para a frente do superior, é, conforme todos os dicionários, incluindo os populares, *prógnato*. Essa protração não deve fazer-nos pensar no latim *gnatus* (nascido), mas no grego *gnáthos*, maxilar, cujo alfa é breve.

É quase afrontoso aventar a correção da usual acentuação errada da palavra, mas enquanto por professor de português não se chegar a entender mera figura de prateleira, uma esperanczinha há, ténue que seja, de que venhamos a ter mais escolas, mais horas de educação, mais consulta a dicionários. Professor de língua pátria é médico, é sanitário, não agente obituário. V. *professor de português*.

Progridir - V. *prevenir*.

Proibido - V. *expressamente proibido animais na praia*.

Projétil - Tanto no singular quanto no plural, o acento tônico é sempre no *e*: *projéteis*.

Projeto - "O presidente só visita obras e projetos" — assim está redigido o título de notícia de jornal. "Visitar projetos" só é possível em inglês, onde *project*, tirado do francês e à francesa pronunciado, é usado como termo técnico de arquitetura para significar "projeto, quando desenvolvido além da fase de plano" (Webster). Parece-nos que *obras* já engloba o que o repórter queria indicar.

Prolator - Etimologicamente é o mesmo que *proferidor*, pois ambas as palavras vêm de *profero*, mas *prolator*, *prolatar*, proxi-

mamente provindos do supino *prolatum*, adquiriram em Direito sentido especial, técnico, de *proferidor de*, *proferir lei*, *sentença*, *despacho*.

Compare-se, entre outros, com *agir*, *agente*, *atuar*, *atuante*; provenientes do mesmo verbo latino, exigem cuidado de emprego em português; e assim, *jungir*, *jungidor*; *juntar*, *juntador*; *pedido*, *pedir*, *pedidor*, *petição*, *peticionário*, *peticionador*.

Prominente - V. *proeminente*.

Promotor - A semelhança de *professora*, feminino de *professor*, *promotora* é o feminino de *promotor*: A promotora Maria José Carvalho Salvador, da primeira auditoria da primeira região militar. V. *deputada*; V. *embaixatriz*.

Promover - "Promoveu-se o desquite" é como se deve dizer, e não: "Promoveu-se ao desquite". *Desquite*, ao contrário de ser objeto, é aí sujeito de *promover*, verbo que na oração vem apassivado por meio do *se*, como se desta maneira fora a oração redigida: "O desquite foi promovido".

Pronome acusativo - V. *sujeito acusativo*.

Pronome combinado - Deixando de lado considerações que não raro nem ao próprio latim interessam, vejamos alguns casos de combinação pronominal que se nos afiguram importantes dada a elucidação que trazem para pontos sobre que muito freqüentemente aparecem dúvidas.

1. O pronome oblíquo *nos*, quando junto dos pronomes oblíquos *o*, *a*, *os*, *as* (*nos-o*, *nos-a*, *nos-os*, *nos-as*), provoca o emprego das formas *lo*, *la*, *los*, *las*: *nos-lo*, *nos-la*, *nos-los*, *nos-las*; dessa junção consequência natural foi a assimilação do *s* em *l*: *nol-lo*, passando-se então para a forma *no-lo*.

O mesmo se diga das combinações *vos-o*, *vos-a* etc., que resultaram em *vo-lo*, *vo-la*, *vo-los*, *vo-las* (*vos-lo*, *vos-la*, *vos-los*, *vos-las*).

2. Substituindo o objeto direto pelo correspondente pronome oblíquo na oração "Devemos amar o próximo", obtemos: "Devemos amar-o". Como no caso anterior, também aqui aparece a forma arcaica *lo*: *amar-lo*; desta junção, a consequente assimilação *amal-lo*, e desta, a forma *amá-lo*.

Este fenômeno se observa em *fi-lo* (*fiz-o*), *di-lo* (*diz-o*), *amemo-la* (*amemos-a*), *ei-la* (*eis-o*).

Observe-se que a forma *amá-lo*, quando resultante da junção *amar-o*, deve trazer acento: *amá-lo*. Existe ao lado desta forma, outra semelhante, *ama-lo*, agora sem acento, proveniente de *amas*, 2ª pessoa do sing. do indicativo presente (tu *amas*), mais *lo*, havendo supressão do *s*: *ama(s)-lo*. Esta segunda forma não deve ser confundida com a anterior e se distingue na acentuação: aquela se pronuncia *amá-lo*, com acento no segundo *a*, ao passo que a segunda se pronuncia *ama-lo*, com acento tônico no primeiro *a*. A ortografia oficial obriga-nos a colocar acento na forma proveniente do infinitivo (*amá-lo*) e não obriga nenhum acento na forma resultante de *amas-lo*, mas a pronuncia neste segundo caso deve ser sempre com o acento no primeiro *a*. O mesmo se deve observar quanto aos verbos da segunda conjugação:

vendê-lo (*vender-lo*): acentua-se o 2º *e* e coloca-se acento circunflexo sobre ele;

vende-lo (*vendes-lo*): o acento cai no 1º *e*, mas não há necessidade de colocar acento sobre ele.

Exemplos: "Nunca o sentiste, e *julga-lo* tirânico?" — "Quanto à fala, *pode-la* adelgaçar quanto quiseres".

3. A combinação *no* é resultante das seguintes passagens; *em-o*, *en-lo* (*en* é forma arcaica de *em*), *enno* (assimilação progressiva), *eno*, *no*. Todas essas passagens estão em documentos da língua, ou seja, nos escritos que nos legaram os escritores dos diversos períodos de evolução do nosso idioma.

4. Quando um verbo transitivo vem com dois objetos, um direto e outro indireto, iremos, para substituir esses dois objetos pelos respectivos pronomes, empregar duas formas pronominais oblíquas: uma que irá representar o objeto direto e outra, o indireto.

Suponhamos a oração: "Dei a Pedro o livro"; substituíamos o objeto indireto a *Pedro* pelo correspondente pronome oblíquo: "Dei-lhe o livro". Substituíamos também o objeto direto pelo seu pronome correspondente: "Dei-lho".

Outros exemplos: "Por que não *mo* contaram?" (*me*, a

mim; o, isso) — "Não *vo-lo* direi" (*vos*, a vós; *o*, isso).

Uma vez que na oração venha expresso ou o objeto direto ou o objeto indireto, já não será possível a combinação pronominal. "Não sei quando *lho* darei o livro" é construção errada, visto vir já expresso o objeto direto de *darei* (o livro); nessa oração só é possível o pronome *lhe*; "Não sei quando *lhe* darei o livro". Se não viesse expresso o objeto direto, então, sim, poderíamos combinar os pronomes: "Não sei quando *lho* darei" (*lhe*, a ele, a você; *o*, o livro).

Este é o quadro das combinações pronominais:

- me-o: *mo* (ma, mos, mas)
- te-o: *to* (ta, tos, tas)
- lhe-o: *lho* (lha, lhos, lhas)
- nos-o: *no-lo* (no-la, no-los, no-las)
- vos-o: *vo-lo* (vo-la, vo-los, vo-las)
- lhes-o: *lho* (lha, lhos, lhas)

Os pronomes *se* e *o* não podem vir juntos na mesma oração; não devemos dizer "não *se* *o* sabe", "faz-*se-o*", "vê-*se-o*"; estas construções implicariam a aceitação de função subjetiva (função de sujeito) do *se*, função que esse pronome não exerce em português (§ 406).

Da leitura dos clássicos pode-se concluir não serem usadas construções como: "Teus pais *te* nos confiaram", "Nosso chefe *nos te* enviou". A construção usada é: "Teus pais *te* confiaram a nós", "Nosso chefe *nos* enviou a ti". Encontram-se e são usadas construções como *se nos*, *se me*, *se lhe* etc., com o *se*, ora reflexivo, ora apassivador (Foram-*se-me* as esperanças — Lancou-*se-me* ao pescoço — Vota-*se-lhe* ali uma espécie de culto — Afiguram-*se-nos* monstros — Quando uma figura *se nos* mostra no ar — Possível *se me* faz todo o impossível — Tudo *se te* deve — Que *se me* dá a mim de mim sem vós?), mas não se usam as construções *me te*, *me vos*, *me lhes*, *te me*, *te lhe*, *te nos*, *nos te*, *nos lhe*, *nos vos*, *vos me*, *vos nos*, *vos lhe* com o primeiro oblíquo em verdadeira função objetiva direta, isto é, como recipiente de ação praticada por outra pessoa gramatical; não se diz "lancou-*nos te*", "mostraram-*nos lhe*", mas "lancou-*nos a ti*", "mostraram-*nos a ele*".

Pronome de tratamento - V. *tratamento*.

Pronome oblíquo complemento comum - Quando dois ou mais verbos têm por complemento um mesmo oblíquo, este vem anteposto ao primeiro verbo: "Eu *o* vi e saudei", "Não *o* quero nem desejo": — Virá posposto ao primeiro verbo quando este iniciar o período: "Perdôo-*lhe* e obedeco".

Não há necessidade de repetir o pronome: "Ele *se* rasgava e desfazia em elogios" — "... por entenderem que as almas dos defuntos *se* propiciavam e consolavam com sangue humano" — "A medicina tanto *se* aprofundou e expandiu..." — "... projetos que *se* movimentam e acomodam".

Tratando-se de infinitivos, o oblíquo complemento comum pode aparecer repetido: "Para castigá-*lo*, corrigi-*lo* e educá-*lo*" ou "Para *o* castigar, corrigi-*lo* e educá-*lo*" (mas não: "Para *o* castigar, *o* corrigir e *o* educar" nem: "Para castigá-*lo*, *o* corrigir e *o* educar").

Pronome oblíquo e acento - Quando enclíticas, as formas pronominais oblíquas acusativas e dativas podem causar a ocorrência de uma acentuação que não temos num mesmo vocábulo; comum em outras línguas, não existe em português acento tônico na preantepenúltima sílaba de nenhuma palavra, e daí a estranheza de formas como *remeta-se-lhe*, *digam-se-lhe*, *haviámos-nos*, *tínhamo-los*, *lancem-se-lhe*, *afigura-se-nos*, estranheza que não deve impedir-nos seu uso, desde que não temos nesses casos uma só palavra senão duas ou mais.

Pronome oblíquo seguido de aposto - Quando o objeto direto é constituído de pronome oblíquo e vem seguido de aposto, este aposto é preposicionado: "Ferem-*nos*, *aos* credores, as imprecações" — "Aconselhei-*os a todas*" — "O parentesco que *as* unia *a todas*".

Pronome-socorro - O plural é *prontos-socorros* (ó). Há um segundo

composto de *pronto*, *pronto-cubador* (instrumento com que se avalia instantaneamente a cubagem de uma árvore ainda em pé), cujo plural de igual forma tem flexionados os dois elementos: *prontos-cubadores*.

Pronto funciona aí como adjetivo (rápido, que opera sem demora) e como tal é flexível. Compare-se com *curto-circuito*, composto em que também entra hífen após o adjetivo, de plural que já não oferece dúvida, *curtos-circuitos* (não acentue o *i*, e sim o *u*). É uma das regras de flexão numérica dos substantivos compostos (note-se bem: "substantivos compostos", e não "adjetivos compostos"): Vão os dois elementos por para o plural quando ambos são variáveis e separados por hífen: *quinta-feira*, *quantas-feiras* (§ 227).

Pronunciamento, declaração, pronúncia - A deduzir do que existe em direito, há diferença entre *pronunciamento* e *declaração*. Enquanto *pronunciamento* implica publicidade ou coletividade de manifestação contra o governo ou contra ato que tenha promovido, *declaração* significa simples afirmação de existência de uma situação de direito ou de fato, sem o característico publicitário e sem objetivar o governo: *declaração de crédito*, *declaração de débito*, *declaração de vontade*, *declaração de ausência*, *declaração de falência*, de guerra, de interdição, de nascimento, de óbito, de rendas.

Pronunciamento vem de *pronunciar*; tratando-se, porém, de *pronunciar* no sentido de dar sentença, despachar, decretar, o substantivo que expressa o ato é *pronúncia*: despacho do juiz, em que declara a pessoa indiciada ou culpável pelo delito ou pela contravenção que *lhe* foi imputada.

Passando de um polo a outro: "O exagerado *pronunciamento* dos quadris..." — Ora! aqui o nome prende-se a *pronunciar* no sentido de tornar bem visível, bem claro, saliente: Este pintor *pronunciou* demasiadamente os músculos do braço.

Propelir - V. *aderir*.

Propigmentação - V. *subproduto*.

Propor - Opera-se com este verbo e com mais alguns outros a construção em que aparece o *se*, bem como *me*, *te*, *nos*, *vos*, com função dativa, acompanhado de outro nome como objeto direto: Ambos *se propunham* por alvo o honesto — O rei propôs-*se* elevar a armada portuguesa — Pesava a el-rei Antíoco haver cometido tantas maldades contra o povo de Deus e *propunha* emendar-*se* (Não era entre os clássicos de repetir pronomes; o *se* já se encontra em *emendar-se*) — Convinha que um modelo tão completo fosse dado àqueles que *se* propõem abraçar o nosso instituto — Iremos seguindo o mesmo sistema que a princípio *me* propus. V. *ele traçou para si*.

Proporção - *Proporção* e *proporcionar* implicam relação das diferentes partes de um todo. Quem diz "de grandes proporções" refere-se a coisas que se dividem em partes, como corpo, pessoa, mobília, construção e, figuradamente, discurso etc.: corpo de grandes proporções; pessoa bem proporcionada. Quem, porém, diz "um morro de grandes proporções", "uma vara de grandes proporções" fala de maneira imprópria ou descabida.

Propositadamente - Não são considerados de bom uso — a advertência é de João Ribeiro — *proposital* e *propositalmente*, convindo dizer *propositado* (ofensa *propositada*) e *propositadamente*: agiu *propositadamente*.

Propriedade - Há duas palavras em francês: *propriété*, que corresponde em suas diversas significações à nossa palavra *propriedade*, e *propreté*, que nada tem que ver com *propriedade*. "Vestir-*se* com *propriedade*" é a mesma tolice de traduzir *armée* por *armada*. *Propreté* em francês significa asseio, limpeza, elegância, alinho e, ainda, decência, honestidade.

Próprio, propriíssimo - Adjetivos terminados em *e*, *o* deixam cair essas vogais na formação do superlativo sintético; os terminados em *io* deixam cair a terminação *io*:

- | | | | |
|-------|---------------|-------|---------------|
| leve | — lev-íssimo | sério | — seriíssimo |
| lindo | — lind-íssimo | suave | — suav-íssimo |
| macio | — maciíssimo | tolc | — tol-íssimo |

pio — piíssimo cheio — che-íssimo
 próprio — propriíssimo feio — fe-íssimo
Precário faz precaríssimo

Pros... - Prefixo que indica proximidade, conformidade: *pro-sódico* (conforme, segundo o canto), *prosênquima*, *proscólio*. V. *proencefalo*.

Prosérpina - Proparoxítono em latim, proparoxítono deve ser em português o nome próprio. É seu derivado o substantivo comum *proserpínia*, designativo de uma planta aquática da América.

Prosódia de derivados gregos - V. *genótipo*; V. *Antioquia*; V. *acentuação*.

Prosopopéia - V. *semântica*.

Próspero - Superlativo sintético: *prospérrimo*.

Protéico - Quer com o significado de "relativo a proteínas", quer com o de *multiforme* este adjetivo traz acento agudo na sílaba tônica: *pro-téi-co*. É o que está nos dicionários, oficiais ou não.

Protestar - Na acepção de "dar demonstrações de repulsa ou revolta contra alguma coisa" constrói-se com *contra*. Arma que todo o locutor deve ter é dicionário e, quando bons, os dicionários oferecem a regência dos verbos e indicam a preposição que os acompanha quando transitivos indiretos: Protestou *contra* a injustiça da sentença — Protestou *contra* a deliberação — Protestar *contra* a situação.

Protídio - V. *ídiá*.

Proto... - Prefixo que exige hífen antes de vogal, h, r, s: *proto-ariano*, *proto-evangelho*, *proto-história*, *proto-revolução*, *protosistólico*.

Protocolar - Assim se escreve o adjetivo e também o verbo, que tem a variante *protocolizar*. O mesmo se dá com *regular*, adjetivo e verbo, com a variante *regularizar*.

Protônio - V. *iónio*.

Protótipo - Do fato de ser idêntico o primeiro elemento de dois compostos não se pode deduzir que o acento tônico deva ser igual. A regra que nos faz dizer *protomártir* é a mesma que nos obriga a pronunciar *protótipo*, porque a sílaba que devemos levar em consideração no acentuar as palavras é a penúltima; em *protótipo* a penúltima sílaba é etimologicamente breve; nela não pode cair o acento, o qual, então, recua. E assim, toda a vez que o elemento *tipo* constituir o último de um composto, a acentuação desse deverá ser proparoxítona: *linótipo*, *estereótipo*, *protótipo*. Em *protomártir* a penúltima sílaba é longa; nela, obrigatoriamente, deverá o acento cair.

V. *genótipo*.

Provável - Superlativo sintético: *probabilíssimo*.

Proveniente - O *i* de *provenir* não deve enganar-nos; é com *e* que se escreve a segunda sílaba dessa forma participial latina. V. *digladiar*.

Prover - Na conjugação afasta-se do verbo *ver* no pretérito perfeito (*provi*, *proveste*, *proveu*, *provemos*, *provestes*, *proveram*), nos tempos dele derivados e no participio, formas verbais estas que seguem o paradigma regular. § 463, 14.

Providenciar - A regência mais usada para o verbo *providenciar* é a transitiva direta: *providenciar a remessa*. Não deixam, entretanto, de ter seu abono estas outras:

sobre — *Sobre* ela deliberam e *providenciam* (Garrett, Disc., 186);

para — ...gravemente se *providencia para* a alteração do calendário (Laet, Rev. Língua Port., n. 46, 5);

em — Se o médico não *providenciase* na situação da viúva (Camilo, apud Aulete).

Provido, pródigo - Será proparoxítono quando participio do verbo *prover*, e especificará o que tem abundância de tudo quanto é necessário, cheio: ter a bolsa, o armazém, a casa *providos*, com acento no *i*. *Pródigo*, que vem diretamente do latim *próvidum*, significa cuidadoso, proveniente, acautelado, prudente: Quais para a cova as *próvidas* formigas (Camões) — Quem mais do que a terra merece os extremos que obtém dos filhos a *próvida* mãe? (Castilho).

O mesmo se diga quanto a *valido*. Quando participio de

valer, será, como todos os participios passados regulares da segunda conjugação, proparoxítono, *valido*, e terá as significações de favorecido, querido, protegido: Vês, conosco também vence as bandeiras dessas aves de Júpiter *validas* (Camões). *Valido*, proparoxítono, significará vigoroso, forte, são, profícuo: Uma figura se nos mostra no ar robusta e *válida* (Camões). Contratos, venenos, conselhos *válidos*.

Como outras vezes já fizemos ver, o que nessas palavras determina a distinção de acento não é a distinção de significado, senão a de procedência; as formas proparoxítonas provêm diretamente do latim, ao passo que as proparoxítonas são formadas no seio do próprio vernáculo.

Outros exemplos poderíamos acrescentar, como *fervido*, *fluido*. Fácil nos será atinar com o acento dessas formas se pensarmos que, quando participios, serão proparoxítonas e de significação ou significações idênticas às do verbo de que provêm; quando empregadas em sentido figurado passarão a ter acento proparoxítono. V. *desvalido*; V. *florido*.

Próximo - Como adjetivo tem, entre outras significações, a de *imediate*, *direto*, e tanto se presta para indicar tempo futuro quanto passado: *próximo futuro*, imediatamente seguinte, que há de ser o primeiro a vir ("No mês *próximo futuro*"); *próximo passado* ou *próximo pretérito*, imediatamente anterior, último, ultimamente findo: Escrevi-te na semana *próxima passada* — Estive em Paris no ano *próximo pretérito*.

Cuidássemos de latim, veríamos que *proximus*, por si só, poderia significar tanto futuro — como acontece em português (Tremos na *próxima* semana), quanto passado: Hieme *proxima* nixit, nevou o inverno passado. Na verdade, falando-se de soldados que passaram num desfile, qual deles é o próximo, ou seja, o mais vizinho se não o que passou por último? "*Proxima* noite" significa "a noite *passada*" ou "a noite *seguinte*" de acordo com o contexto; se este não indica o sentido com clareza, o acréscimo de um adjunto esclarecedor se impõe.

Próximo de, próximo a, junto de, junto a - "Essas casas ficam *próximo* do jardim" ou "Essas casas ficam *próximas* do jardim"?

— Dá-se com *próximo* exatamente o mesmo que se faz com *junto*. *Próximo* e *junto* (forma participial de *juntar*) podem funcionar já como adjetivos — em tal caso podem flexionar-se — já como elementos integrantes de locução prepositiva, e permanecem então invariáveis.

Neste exemplo de Herculano: "...*próxima* desta povoação estava outra muito mais aprazível", *próxima*, conquanto seguido da preposição *de*, pode ser considerado adjetivo, em função predicativa do verbo *estar*. E assim: Estávamos *próximos* dele (*juntos* dele).

Não cabe porém função predicativa em exemplos como este: Fabricou outra fortaleza *junto* à nossa (Mendes Pinto), onde *junto* não modifica *fortaleza* nem o sujeito, mas *fabricou*: *Junto* à nossa fabricou outra fortaleza. Troquemos *junto* por *próximo* e veremos a locução prepositiva, invariável portanto, *próximo a* (ou *próximo de*): Fabricou outra fortaleza *próxima* à nossa.

Empregássemos *perto*, não teríamos dúvida; não obstante estar no Aulete também com esta classificação (no que não é seguido pelo vocabulário oficial de Portugal nem pelo do Brasil; Domingos Vieira chama-o "adjetivo invariável"), *perto* não funciona como adjetivo; *próximo* e *junto*, porém, podem ora variar ora não, na dependência da análise que lhes couber, e conseqüentemente admitir as duas construções: Uma quinta *próximo a* Benfica — *Próximo* dessa casa há uma cisterna — Moro nos subúrbios de Gomorra, mui *próximos de* Sodoma — Acompanhamo-la até *junto do* altar — Elas estavam mui *juntas da* porta — *Junto às* ribeiras do Tejo, as águas, entre doces e salgadas, fazem mais sede ao desejo — As rádio-sondas caíram *próximo da* cidade — As casas ficam *próximas do* jardim.

Pseudo... - Prefixo que exige hífen antes de vogal, h, r, s: *pseudo-apóstolo*, *pseudo-escorpião*, *pseudo-histórico*, *pseudo-occipital*, *pseudo-revelação*, *pseudo-sífilis*, *pseudo-úrico*.

Em compostos já provindos formados para o nosso idioma, nos quais o *r* ou o *s* ficam entre vogais, essas consoantes terão som brando e não virão acompanhadas do enfeito acadêmico: *pseudosofia*.

Ao que dizem, a finalidade do hífen neste e em outros prefixos é impedir ou o desligamento da palavra (*pseudostória*) ou a presença de um *h* entre duas vogais, o que o formulário ortográfico de 1943 não permite (III, 12): Ora! Não impôs o formulário um jacobinico *h* em *Bahia*, e não o tirou de *reaver*, *desumano*? Não nos obriga ele a que escrevamos *derrogar*, *sacrossanto* com consoantes dobradas? Impositura é o princípio em que em vários casos se apóia o hífen de nossos compostos.

Psico... - Quando primeiro elemento, junta-se ao segundo de um composto sem hífen. Acabamos de ver a obrigação a que o formulário oficial nos submete de escrever *pseudosocial*; agora esse mesmo formulário impõe-nos a grafia *psicossocial*, sem hífen e com dois *ss*. Onde o paralogismo, lá ou aqui?

Psicodélico - Adjetivo formado de elementos gregos (*psyche*, alma; *delóo*, tornar visível, manifestar), qualifica tanto uma substância capaz de provocar manifestações psíquicas, quanto a sensação de quem vê a realidade distorcida, o estado onírico, de confusão mental, de despersonalização das "viagens psicodélicas".

Dáí decorre o significado de *extravagante*, *fora do comum*, *alucinante*.

Psique - Diversos significados, quando idêntica a etimologia, não implicam diversidade de acento. Esse princípio mostramos o verdadeiro acento desta palavra, para toda e qualquer significação, quer para indicar especialmente a *alma*, quer para denominar a *deusa mitológica* e, por último e principalmente, para designar o *espelho-móvel* que com esse nome foi batizado em alusão ao espelho descrito nas "Metamorfoses da Apuleia". Não criticando este último apelativo, que corresponde, segundo Teschauer, "à mania de empregar termos reservados a coisas elevadas e espirituais, para exprimir coisas materiais e fúteis, como aquele sapateiro que vende calçado *ideal*", passemos ao que nos interessa.

Do grego *psyché*, termina essa palavra em *e* longo (*éta*); esta, como todas as letras longas, era no grego preclássico articulada abertamente (*é*) e nela, ainda em grego, cai o acento. Indo para o latim, acomodou-se a palavra às suas regras de acentuação, e passou a ser paroxitona, com o acento no *y*, e foi como chegou até nós. Veja-se C. Michaelis, Aulete, Nascentes, C. Figueiredo e outros. No *i* é que deverá estar em português o acento tônico para toda e qualquer significação. A pronúncia *psixé* é influência da prosódia francesa.

Pterópode - V. *ápode*.

Pube - Como *clitoris*, também *pubis* reluta em aporuguesar-se; para fugir da forma latina teremos *pube*, *clitore*, como sugeriu Cândido de Figueiredo. É o caso de *pélvis*, que já com certa frequência aparece na forma *pelve*.

Público - Superlativo sintético: *publicíssimo*.

Pudico, impudico - Palavras paroxítonas: *pu-dí-co*, *im-pu-dí-co*. Superlativo sintético: *pu-dicíssimo*, *im-pu-dicíssimo*. V. *módico*.

Púgil - Quer adjetivo (dado a brigas), quer substantivo (atleta), sempre paroxítono e com o acento agudo na primeira sílaba.

Puir - V. *abolir*.

Pulcro - Superlativo sintético: *pulquíssimo*.

Pule - Necessário aporuguesamento do francês *poule*, para designar bilhete de aposta de corrida.

Pulôver - Como *súeter*, *pulôver* é palavra de origem inglesa, de uso corrente entre nós. Esse aporuguesamento é imprescindível.

Pulsate et aperietur vobis - Locução latina que significa "batei e abrir-se-vos-á". Palavras do evangelho (São Lucas, 11, 9), que nos convidam a pedir com insistência.

Pulverizar, pulverizador - V. *polvilhar*.

Puma - V. *chácara*.

Purê - Aporuguesamento necessário da usada palavra francesa *purée*.

Puri - V. *raru*.

Puro-sangue - Aceito o composto (que ressumbra anglicismo pela anteposição do adjetivo; em português não se diz "azul-sangue", mas "sangue-azul"), o plural é obrigatoriamente *purós-sangues*. Variáveis os dois elementos de um composto, ambos devem ir para o plural: Todos os *purós-sangues* foram vendidos. § 227.

Pus - Substantivo ou verbo, sempre com *s*, o mesmo se diga das formas derivadas (*pusera*, *pusesse*) e dos verbos compostos: *repus*, *repusete*, *repôs*... propusera... impusese...

Pusilanimente - *Pusilanimente*, *unanimemente* é como se diz. Não há desculpas para as formas *pusilanimente*, *unanimemente*, a não ser distração. Os que gostam de falar em *haplogia*, diriam disso constituírem exemplos as duas últimas formas, mas é esse um fenômeno lingüístico que se processa popularmente e não por via erudita.

Puxado por burro - De tal forma vem nosso idioma descambando pela ladeira da balbúrdia ("TV a cores" em vez do correto "TV em cores" ou "TV colorida", "reduzido", "aumentado" em 10% em vez de "reduzido", "aumentado de 10%", "mesa em bronze" em vez de "mesa de bronze", "foi roubado em mil cruzeiros" em vez de "foi roubado de mil cruzeiros", "invasão à lua" em vez de "invasão da lua" ou "na lua") que não é de admirar que palavrinhas inocentes como as preposições sejam diariamente pisoteadas pelos alarves de nossas letras. A menorzinha delas, a preposição *a*, que sai das esferográficas com a facilidade de camundongo que jamais foi perturbado nas suas andanças, passou agora a figurar no agente da passiva; um carro não é puxado *a* burro senão *por* burro, como um fardo não é carregado *a* mas *por* alguém. As preposições não podem ser manipuladas com esse descuido; pertencem elas a um complemento, a um regime. O Aulete e o Laudelino são ricos de exemplos de regência; não devem ser meros adornos de estantes de biblioteca mas estar à mão de quem obrigatoriamente ou profissionalmente escreve; a teoria, porém, da regência, da complementação, a gramática é que ensina, e esta deve ser recordada por quem se esqueceu do que vem a ser objeto direto, objeto indireto, agente da passiva, adjunto. Dicionário e gramática farão o foca compreender por que não deve redigir "TV a cores" nem "puxado a burro", por que ora uma preposição, ora outra em complementos aparentemente idênticos, como o farão escrever com mais malícia e também com mais recursos e variedade; talvez, após o estudo da gramática, passe a escrever afligido por dúvidas, mas de dúvidas só estão libertos os ignorantes.

Puxão - Aumentativo: *puxavão*.

Q

q-s. - V. *quantum satis*.

QU - O uso é que determina a pronúncia ou não do *u* dos grupos *qu* e *gu* antes de *e* e de *i*. Em palavras eruditas, tiradas diretamente do latim ou de outro idioma, a prolação é indicada pela própria língua de origem, mas em palavras derivadas popularmente a pronúncia é determinada tão somente pelo uso. Uma vez pronunciado, o trema se impõe: *quinqüênio*.

Quadrênio - Influência de *quatrúduo*, de *quaternário* e de outros derivados de *quatuor* é que explica a forma *quadrênio*; o certo porém é *quadrênio*, por ser esta a palavra desde o latim. É seu derivado *quadrienal* (e não *quatrienal*).

Quadrigêmeo - V. *três gêmeos*.

Quadro (de pintura) - Coletivo: *pinacoteca*, *galeria*.

Quadrímano, bímano, unímno - São palavras proparoxítonas. É o que está nos dicionários e o que a quantidade latina determina. O uso, porém, não segue nem dicionários nem latim com relação a *quadrímano*. Existe *quadrímno*, mas de significação diferente (que tem os quatro tarsos dilatados em forma de mão); palavra erudita, conserva a quantidade latina. Virá um dia *quadrímno* a andar de mão comum com *bímno* e *unímno*? V. *decímno*.

Qual - É elegantemente usado como partitivo, ou seja, para indicar parte de um todo: "Todos esperavam *qual* muito *qual* pouco" (uns deles esperavam muito, outros esperavam pouco) — "*Qual* mais, *qual* menos, toda a lâ é pêlo" — "Deve o médico saber *quais* doenças são incuráveis e *quais* têm dificultosa cura" — "Deputa-os desde logo aos vários ofícios, *quais* para geração, *quais* para as sacras aras, *quais* para a lavra rija" — "*Qual* do cavalo voa, que não desce; *qual* co' o cavalo em terra dando, geme: *qual* vermelhas as armas faz de brancas; *qual* co' os penachos do elmo acolta as ancas".

Precedido da preposição *a*, tem a significação de *cada qual*: "As horas desse dia foram contadas minuto a minuto, *a qual* mais pesado e lento de volver, quanto mais se aproximava o derradeiro" — "Um sistema de regras, *a qual* mais oposta".

Denota, às vezes, negação: "*Qual* médico ou *qual* doutor: não passa de rachador".

Emprega-se isoladamente para exprimir dúvida ou negação: "*Qual!* tudo isso é frioleira".

Para exprimir dúvida ou negação, entra também em expressões: "*Qual* lá! — "*Qual* história!" — "*Qual* nada!" — V. *zeugma*.

Qual Midas - Assim se diz, e não "qual um Midas"; *o um* está aí demais. Lembremo-nos de Camões: "Fui dos filhos aspérrimos da Terra, *qual* Encélado, Egeu e o Centimano".

Redija da próxima vez, senhor redator: "Qual Midas às avelas, ele conseguiu deformar e perverter o povo com a varinha da demagogia".

Cícero vem-nos neste instante à mente (*Brutus*, 37, 140): "É tão honroso cuidar do vernáculo quanto é vergonhoso desprezá-lo".

Qualis vita finis ita - Locução latina que significa "tal vida, tal fim"; assim como viveres, assim morrerás.

Qualquer e nenhum - "Enquanto você procura por *qualquer* coisa eu não procuro por coisa *nenhuma*" — Isso é português. Não devemos aceitar o erro do emprego de *qualquer* com o significado de *nenhum*; por mais que apareçam construções como "Fez a conta sem *qualquer* erro", não podemos aceitá-las como nossas, senão como inglesas; *qualquer*, na língua que falamos em nossa pátria, nunca teve a significação de *nenhum*. Para os que teimam em aceitar o erro, o período que iniciou o verbete deveria ser: "Enquanto você procura por *qualquer* coisa eu não procuro por *qualquer* coisa". Se três variantes temos, legítimas e expressivas (Fez a conta sem *nenhum* erro — Fez a conta sem erro *nenhum* — Fez a conta sem erro *algum*), por que a redação bárbara, monótona, frouxa "Fez a conta sem *qualquer* erro"?

Como a ferrugem o é do café, *qualquer* transformou-se em praga do português. Curioso é observar que a praga aparece na escrita, quase nunca na fala, a não ser nas irradiações de jogos de futebol. Se em conversa de varanda de clube todos dizem: "Novos sócios não podem ser propostos por *nenhum* diretor" — nos estatutos aparecerá: "Novos sócios não podem ser propostos por *qualquer* diretor".

Desde quando tem *qualquer* o sentido de *nenhum*? Que lexicógrafo até hoje se aventurou a consignar-lhe tal significado? Em que autor de responsabilidade lingüística tal sinonímia se encontra?

Distração, confusão... não sabemos a que atribuir esse procedimento de modificar na escrita o que corretamente se profere. Quem com a maior naturalidade diz: "Não deixe *nenhum* visitante tocar nos objetos expostos" — não pode, ao redigir a mesma proibição, fazê-lo da aberrante maneira: "Não deixe *qualquer* visitante tocar...".

Jamais foi português o emprego de *qualquer* com o significado de *nenhum*; *qualquer* não tem sentido negativo nem em orações negativas; quando alguém constrói: "Isto não é *qualquer* homem que faz" diz certo, porque *qualquer* expressa, tanto em orações positivas quanto em negativas, *indeterminação*. O erro está em empregar *qualquer* para expressar *exclusão*. Autor *nenhum* que se preze de cuidar de escrever com acerto redigirá: "Não morava o infeliz em *qualquer* casa" com o sentido de "não morava em *nenhuma* casa", "não morava em casa *nenhuma*", "não morava em casa *alguma*"; três maneiras estas, legítimas, variadas, ao contrário daquela, espúria, bárbara, enjoativa, enfadonha. Longe sempre está de um médico a intenção de aconselhar um cliente a que não tome *nenhum* remédio quando lhe recomenda: "Não tome *qualquer* remédio", como tampouco tem em mente dizer-lhe que não compre o remédio quando lhe recomenda: "Não o compre em *qualquer* farmácia". Longe ainda um escritor de lei a sugestão de que o herói sofre de *qualquer* desvio quando assevera que ele "não ama *qualquer* mulher". Pois precisamente desvirtuando o idioma é que andam os que empregam *qualquer* em toda e *qualquer* aceção, já afirmativa já negativa, sem distinguir-lhe nem identificar-lhe o sentido.

De pés juntos afirmamos que jamais vimos em lidimas

passagens de nossas letras sentenças em que *qualquer* apareça, no singular ou no plural, com o sentido de exclusão, de eliminação; jamais em português se redigiu: "Não tenho qualquer irmão" — "Duas linhas paralelas não se encontram em qualquer ponto". Certo, certíssimo é redigir: "O cheque não pode ser assinado por quaisquer diretores: um deles deve ser o presidente ou o tesoureiro da firma" — porquanto não há exclusão na afirmação.

A teimar no erro, iremos dentro em breve redigir: "Não tive qualquer intenção de ofender qualquer pessoa em qualquer momento" — e iremos ler passagens como esta: "Parece que você não leva a sério qualquer coisa, afirmou João; realmente qualquer coisa, retrucou Pedro".

Estas é que são orações portuguesas: Isso jamais ocorreu em guerra *alguma* — O incêndio não destruiu um documento sequer — *Nem ao menos um* pássaro sobreviveu — Dirigiu-se ao director sem respeito *nenhum* — Não alimento *nenhum* rançar — Nunca vi *absolutamente nada* parecido — Gelado *algum* tomei — Jamais apelei para autoridade *alguma* — Nem a outra coisa deu jamais *alguém* o nome de assonância — ... não se me apontando, logo, antecedência *alguma* que... — ... não exerce em tais casos função *alguma* gramatical.

Os quatro últimos exemplos são de Rui, que jamais usou *qualquer* com o significado de *nenhum*. O emprego do modorante *qualquer* em tais orações é consequência de acatamento do inglês, onde é regra não juntar duas negativas, e, a um tempo, de desprezo do nosso idioma, do nosso léxico; nesse andar iremos logo ler: "Você não tem direito absolutamente qualquer de..." (You've no right whatsoever to...).

Vara de marmelo é condão paternal de pessoa ciosa de bom comportamento do filho. Certos redatores não estão carentes de outra coisa de seus chefes.

"Nem o ministério britânico nem a embaixada soviética divulgaram qualquer comunicado a respeito" — Que sentido tem aí *qualquer*? Nem o espúrio sentido de "nenhum"; aí está, pura e simplesmente, sobejando. Clara e perfeita teria sido esta redação: "Nem o ministério britânico nem a embaixada soviética divulgaram comunicado a respeito", sem um enfado e estropiado *qualquer*.

Se assim não for, passemos a imitar o claudicante redator com declarações como esta: "Não quero nem qualquer laranja nem qualquer mexerica". De lá e daqui tire-se o *qualquer*, e o senhor redator refresque a idéia com uma consulta ao Aulete sobre os verdadeiros sentidos e empregos desse indefinido.

Convencamo-nos, pelos dicionários pelo menos, que *qualquer* jamais teve sentido negativo; saibamos, depois, que é de gente muito curta em nossas letras dizer que não podemos empregar duas negativas. Enquanto nosso idioma for o português, a construção inglesa "there are no tiger in Brazil and there have never been ANY" não poderá ser barbaramente traduzida por "não há tigres no Brasil e nunca houve QUALQUER". V. *negativas*; V. *não dei nenhuma informação*.

Quando de - Evitemos a locução *quando de*, já por não ser nossa, já por não ser de bons escritores. Modernamente — diz Botelho de Amaral — surgem frases como "quando foi da revolução", "quando da revolução" e até "aquando da revolução". O correto — continua o citado autor — é "quando foi a revolução", "quando se deu a revolução".

Note-se que Epifânio Dias atribuiu aquelas construções à influência francesa de *lors de* e a o protético ao *a* do francês *alors*. Todavia, Júlio Moreira (Revista Lusitana, XII, 227) ensina que a preposição *de* é explicável por influência de expressões como: "No tempo da guerra dos franceses", "No tempo dos franceses".

Pode-se evitar a construção francesa dizendo *no tempo, no momento, por ocasião de*. Segundo a Academia Francesa, o *lors de* é, aliás, de emprego limitado a certas fórmulas.

Observe-se que pode ocorrer o *quando de* sem nada ter que ver com o *lors de* francês: *Quando da* assimilação resultam duas consoantes idênticas (o *de* pertence a *resultam*) — *Quando da* inauguração voltavam os representantes (voltar *de* um

lugar; o erro estaria em "*Quando da* inauguração, caiu uma tempestade") — *Quando de* mudança, tenha cuidado com os quadros (o *de* é da expressão "de mudança").

Rico de locuções, Laudelino Freire não registra *quando de* na acepção profligada.

Quandoque bonus dormitat Homerus - Locução latina que significa "às vezes o bom Homero cochila". Verso de Horácio (Arte Poética, 359); significa que nem sempre o gênio é igual a si mesmo.

Quantidade - Pertinente ao latim, este assunto tem importância também em nossa língua para a compreensão da tonicidade das nossas palavras. A sílaba que indica onde cai o acento de uma palavra latina de três ou mais sílabas é a penúltima (em latim não há acento na última sílaba); se a penúltima vogal, ou seja, se a penúltima sílaba de uma palavra latina trouxer um sinal que se assemelha a meia lua, o acento deverá recuar para a vogal anterior (este sinal aparece em dicionários ou em livros didáticos; na escrita o latim não usa acento nenhum).

Suponhamos a palavra *agricola*. A penúltima sílaba é *co*; os dicionários trazem em cima do *o* a tal meia lua, chamada *braquia*, sinal de vogal breve. Que indica isso? Indica que o acento deve recuar para a sílaba *grí*, ou seja, para a vogal imediatamente anterior, pronunciando-se, então, *agricola*.

Se a penúltima sílaba, ou seja, a penúltima vogal de uma palavra trouxer um traquinho longo, o acento deverá cair nessa mesma vogal.

Suponhamos a palavra *penates*; a penúltima sílaba é *na*; os dicionários trazem em cima do *a* o sinal de vogal longa (mácron); indica isso que o acento deve cair nessa sílaba, pronunciando-se, portanto, *penâtes*.

A propriedade que têm as vogais de ser longas ou breves é que se chama quantidade. Quando pergunta ao aluno: "Qual a *quantidade* dessa vogal?" — o professor quer que o aluno declare o valor da vogal, ou seja, se ela é breve ou longa.

Resumindo: penúltima breve, o acento recua (a palavra é proparoxitona); penúltima longa, o acento cai sobre ela (a palavra é paroxitona).

Sê em latim existem sílabas longas e sílabas breves, segundo o tempo empregado na prolação (as longas levam o dobro de tempo das breves), existem também as comuns, que podem ter uma ou outra quantidade, ou seja, são ora breves, ora longas. Se sílabas existem que são sempre breves e outras que são sempre longas, em virtude da própria natureza, um terceiro grupo há de sílabas que podem ser breves ou longas segundo regras diversas, encontráveis em tratados de métrica latina, dentre as quais se evidenciam as que se chamam "regras de posição".

Das regras de posição vejamos esta: A vogal seguida de duas consoantes ou das duplas *x* ou *z* ou da consoante *j* (*i*) é longa; quando, porém, das duas consoantes a segunda é *l* ou *r*, a vogal que as precede é longa ou breve no verso, segundo as necessidades do poeta, mas sempre breve na prosa. É o caso de *tenebra*, de *cerebrum*, de *valucris*, palavras que na prosa são sempre proparoxítonas, mas no verso proparoxítonas ou paroxítonas à vontade do poeta.

Explicações ex-professo sobre quantidade encontram-se nas lições 95 e 96 de nossa GRAMÁTICA LATINA.

Quem ao ler versos latinos dá com palavras nessas condições, necessita escandir o verso para saber como acentuá-las, o que não se dá na prosa, onde são proparoxítonas. Vogais nessa "posição" são obrigatoriamente longas tão só quando já o forem por natureza ou quando formarem sílaba com a primeira consoante; exemplo desta particularidade é a palavra *ararum*, sempre paroxítona no verso e na prosa. Outro exemplo: *simulacro*, sempre com o acento no *a*.

Em *invólucro* impera a regra: o *u*, vogal de penúltima sílaba, não é longo por natureza nem forma sílaba com o *c*; é, pois, na prosa, breve, sempre breve, e, portanto, o acento recua para a vogal imediatamente anterior: *invólucro*.

Quando alguém quiser fazer estarrecer os ouvintes com a

prosódia de palavras nessas condições, faça-o com *ássecta*, que entrou no idioma com o acento errado; com enquadramento na regra, o *e* é breve na prosa latina, o que em português deveria ter dado a palavra com o acento proparoxítono; se tal não se deu, a correção é impossível, mas o vocabulário de Portugal consigna a palavra com a prosódia rigorosamente latina: *ássecta*. É isso uma violência, mas como dizem que o céu somente dos violentos é alcançado...

Quanto, o quanto - Entre outras funções, *quanto* exerce a de: 1. *pronome relativo* quando tem por antecedente *tanto, o, tudo*, antecedentes que podem vir omitidos no período: Compre *tanto quanto* for necessário — Estude *o quanto* puder — De *tudo quanto* passei, em suma vos contarei — Godos, por *tudo quanto* amais, salvei-a, salvei a mesquinha — Refuga *quanto* lhe oferecem — Decorava *quanto* lia — Ó imatura morte, que a ninguém de *quantos* vida têm jamais perdoados.

Se *tanto* se refere a um nome e *quanto* a outro tem-se uma correlação, correlação que exige cuidado de concordância: Os persas que atacaram a Grécia eram *tantos quantas* as ondas do mar: *tantos* no masculino por referir-se a *persas*, *quantas* no feminino por referir-se a *ondas*.

2. *advérbio* quando significa "quanto possível", "até que ponto": E *quanto* desejava ter amizade com el-rei D. Manuel — Terás a vingança que pedes, inteira, *quanto* mãos de homens a podem dar.

Quem se der ao trabalho de confrontar dicionários notará a dificuldade de trato do *quanto*; Aulete ao dá-lo como adjetivo exemplifica: "Quanto queres pelo cavalo?" — É evidente a confusão; *quanto* é agora pronome indefinido; exerce a função objetiva, e não modificativa. Em "Oh! *quanto* o meu fado foi negro" — "Brilhante engenho, divinais talentos *quanto* folgarás tê-los!" — "Os santos, *quanto* mais santos tanto menos fiam de si" teríamos realmente função adverbial. Com função adverbial equivale a *muito* quando forma locução adverbial com *mais*: Ele pode, *quanto* mais você!

Quanto a - "Quanto a" é a expressão completa, e não somente "quanto"; é erro dizer "quanto o calor", "quanto o dissídio"; o certo é "quanto ao calor", "quanto ao dissídio". Se a locução anteceder nome masculino determinado pelo artigo ou anteceder *aquela, aquela, aquilo* será *quanto ao, quanto àquela, quanto àquela, quanto àquilo*; se anteceder um a artigo ou pronome, o a da locução será craseado: "quanto à forma", "quanto às más línguas", "quanto às (filhas) do vizinho"; claro está que se dissermos "quanto a formas", "quanto a más línguas" não estaremos empregando o artigo e, nada mais lógico, a crase se tornará impossível. Antes de infinitivo a locução costuma aparecer correta: "quanto a ele negar o fato".

Quanto antes - Sem "o" a anteceder a locução adverbial: Vá *quanto antes*.

Quantum satis - Locução latina que significa "o suficiente", "o necessário". É fórmula farmacêutica, que se abrevia *q. s.*: Ponha açúcar *quantum satis*.

Quão - É forma adverbial apocópada de *quanto*, usada geralmente em correlação com *tão*: *tão* estudioso *quão* inteligente — *Tão* rico *quão* magnânimo. Classicamente aparece com função de mero advérbio de intensidade, sem nenhuma correlação: Imagina agora *quão* coitados! — *Quão* livre fala aquele que o atormenta!

"**Quarar**", "**Quarador**" - São formas erradas. V. *coradouro*.

Quarentas - É possível esse plural? Por que não, se temos "os quatro estãos marcados", "os setes não devem entrar" quando nos referimos aos naipes do baralho? Num grupo de cinquenta soldados que se designem por números não poderemos dizer: "Os *quarentas* devem ir para outro quartel"?

O assunto nasce da leitura deste trecho: "Não tivemos dificuldade em atingir e ultrapassar esse desempenho no clima esufiante e expansionista do comércio internacional ao fim da década de 60 e início dos anos 70". — Por que não poder o português adotar o processo do inglês — e o autor da passagem apresentada muito o conhece — de substantivar o numeral indicativo de dezena que engloba série de

dez anos? O inglês nem se dá ao trabalho de escrever o numeral por extenso; coloca um *s* logo após o último algarismo quando quer, como na passagem citada, indicar os anos de uma década: *in the 70s*. Talvez não cheguemos a assim escrever, pelo menos na escrita manual, caligráfica, mas não vemos inconveniência nem incongruência no dizer "... do comércio internacional ao fim dos sessentas e início dos setentas". Passará a tornar-se desnecessária a palavra *década* ou, como diversifica o trecho citado, também a palavra *anos*, especificativo aquele nem sempre esclarecedor por sabermos que *década* pode haver também de dias, de capítulos, de séries de dez de outras coisas.

Quase - Entra na composição de substantivos para indicar aproximação da idéia expressa pelo nome: *quase-contrato, quase-crime, quase-posses* — compostos que em Direito têm sentido preciso.

Quase que - Locução conjuntiva que significa "por assim dizer": Antônio Vieira *quase* que não subiu uma só vez ao púlpito que não aproveitasse aquela só tribuna dos seus tempos para vindicar os foros dos humildes.

Otras vezes é o mesmo *quase*, com o significado de "por um pouco não", seguido de um que expletivo: *Quase* que caí — ... cujos mastro *quase* que se elevavam à altura dos edifícios — Ouvi de sua boca essa fatal sentença e *quase* que fiquei louca.

O uso de *que* depois de certos advérbios e locuções (*felizmente, certamente, quase, talvez, sem dúvida*) encontra-se em bons escritores: *Quase* que é o mesmo — *Talvez* que o último dia... — *Verdadeiramente* que não tenho a nossa língua por grosseira — *Felizmente* que que não estava só — *Em suma* que nada justifica a implantação desse neologismo. O abuso desse *que* expletivo pode levar-nos a construir como as crianças: *Onde* que você esteve? — *Quando* que iremos? — *Quem* que disse? — *Por* que que não responde?

"**Quatriênio**" - V. *quadriênio*.

Que - As gramáticas aí estão a mostrar as muitas funções desta palavra; com exceção da de verbo, autores há que lhe atribuem todas as funções léxicas. No temor de macar o leitor com surradas explanações do assunto, vejamos apenas algumas particularidades ou por se apresentarem mais curiosas ou por mais freqüentemente darem motivo a perguntas. Vejamos antes um *que* inútil.

Que (sem função) - Em passagens como esta: "Dezesseis itens que a FEPASA vai ter *que* responder" — que função sintática está a exercer o *que*? Nenhuma. O que aí existe é erro, e nada mais: "...a FEPASA vai ter de responder" é que deveria ter saído da máquina do redator. O primeiro *que* é que é objeto de *responder*, e a expressão "ter de" seguida de infinitivo denota obrigação, necessidade: Tenho de conseguir esse emprego — Todos temos de lutar — Teremos de respeitar o sossego alheio — A estrada parou porque os operários tiveram de votar.

O leitor deve ter notado outro erro: quem responde, dá uma coisa como resposta a outra coisa ou a alguém; a resposta dada (um sim, um não, uma palavra, uma asserção) é objeto direto, mas a coisa ou pessoa a que se responde é objeto indireto: E ponho em papel o *que* (obj. direto) de uma palavra *lhe* (indireto) respondi acerca da guerra — Não sei que (direto) responderá ele a *essa pergunta* (indireto).

O redator demonstrou desconhecimento ou descuro do idioma em não ter redigido: "Dezesseis itens a que a FEPASA vai ter de responder". — V. *ter de*.

Que (integrante, sem preposição antes) - Dizer: "Sou de opinião de que..." é obscurecer o período com uma segunda preposição que não se justifica. As expressões "ser de opinião", "ser de parecer", "ser de aviso" equivalem a verbos (entender, reputar, julgar, admoestar, advertir) que se fazem seguir de subordinada substantiva: *Sou de parecer* que te deves retirar — *Sou de opinião* que ele é incapaz para o cargo.

Que (objeto direto) — "Conheço sua gramática latina, que não a possuo, mas..." — Não pode dizer-se professor de português nem menos ainda de latim o autor dessa redação; o

objeto de *possuo* é o pronome relativo *que*, que tem por antecedente "gramática latina": *que* está aí a fazer o "a" antes do verbo? Nada; nem pleonasticamente se justifica.

Que (designativo de causa ou de tempo, antecedido de adjetivo) — Em passagens como "estudioso que sou" não é possível admitir para o *que* função subjetiva; não tendo nenhum antecedente, não é pronome relativo. Não há sobre isso dúvida, como dúvida não deverá haver sobre o acerto da construção: "Publicado que foi o Sinodo..." (Fr. Luís de Sousa — "Vida de D. Frei Bartolomeu", I, 478) — "Chegados que foram à praia..." (Castilho, "Boémia de Espírito").

"Não haja escrupulo acerca da propriedade de tal sintaxe" — são palavras de Vasco Botelho de Amaral, em seu "Novo Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa". Acontece, porém, que o ilustre autor acrescenta: "... em que ocorre o particípio com valor temporal" — conclusão ou explicação com que não podemos concordar. Nem valor temporal tem a expressão, nem necessariamente particípio devem tais frases conter. A forma é aí participial, mas com valor de adjetivo, de predicativo, ou, como chamavam os antigos, de atributo, a completar o verbo *ser*, o que se pode verificar na própria construção apresentada: "Estudioso que sou" — onde nenhum particípio existe. Por mera coincidência ocorrem nos exemplos citados pelo autor do "Novo Dicionário" e acima transcritos formas participiais, e não cabe substituí-las juntamente com o "que foi", "que foram", pelas expressões "quando foi publicado", "quando foram chegados". Passásemos essas construções para o latim, jamais iríamos traduzi-las por orações ou adjuntos temporais. Ou colocaríamos tão só o adjetivo, a concordar com o sujeito, ou, quando fosse o caso, traduziríamos a expressão por "cum" seguido de subjuntivo, o que indicaria causa: "Uma vez chegados", "uma vez que foi publicado", "já que estavam em tal situação", "porque sou estudioso", "desde que estivera docente", expressões que realmente interpretam a construção em estudo, expressões que encerram idéia de causa antes que de tempo.

Uma consulta ao Aulete nunca a ninguém faz mal, e agora que a expressão encontramos em bons escritores é bem que o leiamos: "Que 4 — ...porque, pois que: Para onde me levou a fantasia que estou gastando o dia em vãs palavras (Camões)" — exemplo em que encontramos o mesmo *que* da expressão "estudioso que sou": "gastando que estou" (com as palavras em outra ordem). Neste caso — diz o Aulete — a conjunção *que* é designativa de causa.

Não só o verbo *ser*, pois, poderá concorrer na expressão, mas outro que tal: "Triste que andava, não pude ir" — "Cansado que fiquei, procurei apoio".

No fim do "que 4" traz o Aulete um parêntese: "Na frase: 'Feita que seja a casa, irei habitá-la' e idênticas há elipse do advérbio *logo* e transposição do atributo = *logo* que seja feita a casa".

Fundamentando-se talvez nessa equivalência — pensamos nós — é que o operoso professor português expendeu sua interpretação, mas todos sabemos que frases participiais dessa natureza equivalem ao ablativo absoluto latino, construção que não tem significação única, senão variável de acordo com o contexto.

Que (galicismo) — O *que* pode ocasionar o seguinte galicismo: Quando, na seqüência de duas subordinadas, começa a primeira pelas conjunções *quand*, *comme*, *si*, *puisque*, é muito comum no francês o uso da conjunção *que* antes da segunda subordinada, que se liga assim à primeira. Vertendo à letra tais subordinadas em português, é de todo alheio da índole de nossa língua fazer conta do *que* da segunda subordinada da construção francesa, copiando-a servilmente.

Tais são os seguintes passos, em cuja tradução para o português se deve elidir esse *que*: "Neptune, *quand* il élève son trident, et *qu'il* menace les flots soulevés, n'apaise point plus soudainement les flots" (Quando Netuno levanta seu tridente e ameaça as vagas revoltas, não as amaina mais repentinamente) — "Comme l'ambition n'a pas de frein, et *que* la

soif des richesses nous consume tous, il en résulte que le bonheur fuit à mesure que nous le cherchons" (Como a ambição não tem freio e a sede das riquezas nos consome a todos, resulta que a felicidade foge à medida que a procuramos) — "Si Voltaire eût également soigné toutes les parties de son style, et *qu'il* eût plus tendu à la perfection qu'à la fécondité, il serait incontestablement le premier de nos poètes" (Se Voltaire tivesse igualmente limado todas as partes de seu estilo e aspirado mais à perfeição que à fecundidade, seria incontestavelmente o primeiro de nossos poetas) — "Puisqu'on plaide et *qu'on* meurt, et *qu'on* devient malade, il faut des médecins, il faut des avocats" (Já que o homem pleiteia, adocece e morre, é mister que haja médicos e advogados).

Corre outro tanto quando a primeira subordinada principia no francês pelas conjunções ou locuções conjuntivas *quoique*, *lorsque*, *tandis que*, *après que*, *jusqu'à ce que* e outras, e a segunda pela conjunção francesa *que*; na tradução para o português nunca se enuncia o *que* da segunda subordinada sem cair em censurável galicismo.

Considera-se ainda galicismo o *que* empregado por *senão* em passagens como esta: "Isto não presta *que* como remédio" — "Ele não procura *que* a verdade".

Que (repetição desnecessária) — Ainda que não se trate do caso anterior, não se deve acrescentar um segundo *que* relativo quando já existe um primeiro a referir-se ao mesmo antecedente; é construção fraca esta: "Língua extinta é a *que* não é falada e *que* não deixou vestígios". Redija-se: "Língua extinta é a que não é falada e não deixou vestígios" (ou ...que não é falada *nem* deixou vestígios). Digamos: "Os artigos que vi e compreí" (e não: ...que vi e *que* compreí).

Que (antecedido de preposição) — Quando objeto indireto, o *que* iniciante de oração subordinada deve vir antecedido da preposição exigida pelo verbo da subordinada: Não podemos dar ao mundo a lição de amor *de* que o mundo carece.

Errada estaria a afirmação se redigida sem o *de* exigido pelo verbo *carecer* (necessitar, sentir falta, não ter, não possuir): a lâmpada carece *de* azeite — Carecemos *de* tempo — Só *de* água doce, saborosa e fria no salso mar a chusina carecia.

Sempre que o verbo de *que* depende o *que* for transitivo indireto, o *que* deverá, como todos os complementos de verbos transitivos indiretos, vir antecedido da preposição exigida pelo verbo: Devemos conhecer as leis *a* que estamos sujeitos — Procure conseguir os meios *de* que depende a solução — É assunto *por* que me interessa.

Vem o *que* antecedido de preposição também quando é ela exigida pela circunstância adverbial expressa na subordinada: Era degradante o estado *em* que foram encontradas as crianças — Procurava outros meios *com* que pudesse sustentar-se — Morreu na casa *em* que nasceu.

Que (sujeito; concordância verbal) — Quando sujeito de oração subordinada, o pronome relativo *que* leva o verbo para o número, pessoa e gênero do seu antecedente ou antecedentes: Somos *nós* que pagamos — Sou *eu* que pago — Todos (*nós*) que aqui estamos — O homem, a mulher e o menino que foi preso (*foi* preso no singular porque o relativo *que* só se refere a menino).

Se o *que* possui dois ou mais antecedentes de pessoas gramaticais diferentes, o verbo vai para o plural da pessoa que tem prioridade na ordem gramatical (eu, tu, ele): Era eu e minha irmã que chorávamos — Não hei de ser eu nem tu que a havemos de reformar.

Quando o *que* faz parte de um vocativo, o verbo vai para a segunda pessoa: Alma minha gentil que te partiste — Ó alma que viveis na torre do luar da graça e da ilusão — Maria, que desces do seio dos anjos...

Quando tem por sujeito um infinitivo e não o *que*, o verbo fica na 3ª pessoa do singular: Arbitrando as quantias *que* lhe parece necessário fazê-lo — O pior é que não tenho uns *que* me era necessário ter — Os inimigos *que* era fácil derrotar.

Quando tem por antecedente um pronome pessoal reto, o *que* pode vir substituído por *quem*, o que nos obriga a levar

o verbo para a terceira pessoa do singular: Somos nós *quem paga* — Sou eu *quem vai* — Fui eu *quem abriu* esta polémica — Eu e V. Exa. somos *quem vende* — És tu *quem favorece* a minha resolução — Fôssemos nós *quem fizesse* isso...

Comparando este parágrafo com o primeiro do verbete chegamos à conclusão de que tanto é certo dizer "Sou eu *quem paga*" quanto "Sou eu *que pago*"; erro seria dizer "Sou eu quem pago". V. *quem*.

Que (em orações temporais) - Em orações temporais como: Todas as vezes que... — No dia que... — não há necessidade absoluta da preposição *em* antes de *que* porque em semelhantes expressões de tempo ela pode ser omitida: Dia 4 de janeiro (em vez de "no" dia 4 de janeiro) — O ano que vem (em vez de "no" ano que vem).

Que (equivalente a DO QUE) - Nos comparativos é tão certo empregar *que* quanto *do que*: A atividade sem juízo é mais ruínoza *que* a preguiça — Sempre nos deleitamos mais em falar, *do que* os outros em nos ouvir.

Que (equivalente a e) - O *que* é conjunção coordenativa aditiva quando equivale a "e": Dize-me com quem andas, *que* eu te direi quem és — A mim *que* não a ele compete fazer isso — Mexe *que* mexe — Uma *que* outra vez.

Que (equivalente a mas) - Quando coordenativa e empregado antes de *não*, o *que* pode implicar idéia adversativa, e não simplesmente aditiva: Outro *que* não ele.

Que (equivalente a PARA QUE) - Tem apoio nos clássicos o emprego de *que* em subordinadas finais: Tu que as gentes da terra toda enfreias *que* (para que, a fim de que) não passem o termo limitado.

Que (concessivo) - *Que* é conjunção concessiva quando equivalente a *ainda que*, *concedido que*: Pedro não tem dinheiro, e *que* tivesse não se meteria em empresa arrojada — Escrever para os outros não sei, *nem que* o souberra o faria — O lugar não tinha nenhuns meios de defesa, e *que* os tivesse são os Paravás gente branda.

Que (expletivo) - É expletivo o *que* é redundante. Tal ocorre em gramática com certas palavras ou locuções que por vezes se encaixam numa sentença sem que exerçam função sintática; são enfeites reforçativos de idéias; não lhes cabe função sintática mas expressam um sentimento; embora possam suprimir-se sem alterar o valor ou o sentido da frase, dão força, graça ou energia à expressão, como nestes exemplos: Seja *lá* como for — Segure-me neste candeiro — Não me suba essa escada.

Além de figurar na locução expletiva "é que", nestas Questões já ventilada, o *que* aparece expletiva e isoladamente em outras circunstâncias: Quase *que* cá! — E navegar meus mares ousas que eu tanto tempo há já *que* tenho — *Que* coração *que* eu tinha para dar-lhe! — *Que* santa *que* é esta mulher — Oxalá *que* ele venha — Oh! *que* não sei como tive mão em mim. V. *quase que*.

Que (conversível em o qual) — Quando necessário à clareza, a forma o *qual* (os quais, a qual, as quais) deve vir em lugar do relativo *que*: "Uma herança honrada de avós, a *qual* era preciso salvar". Se nessa oração o autor tivesse empregado *que* (uma herança honrada de avós, *que* era preciso salvar), o sentido teria ficado prejudicado, pois não saberíamos se o pronome *que* estaria substituindo o antecedente *herança* ou *avós*; o emprego de o *qual* esclarece o antecedente.

Eis, pois, um cuidado que devemos ter: não empregar o pronome *que* quando houver mais de um antecedente a que possa referir-se; assim, o período: "Estivemos na escola da cidade que foi fundada em 1856" — não tem sentido claro, pois não sabemos se a *escola* ou a *cidade* foi fundada em 1856; impõe-se um torneio à construção, de acordo com o sentido que se quer dar: "Naquela *cidade*, estivemos na *escola* que foi fundada em 1856".

Que (integrante, e o oblíquo) - Caso curioso opera-se com o *que* integrante: atraí o oblíquo ainda quando oculto pela figura eclipse: Requeiro *se* digne a Presidência informar — Peço-lhe *me* deixe ir.

Que (a iniciar interrogativa) - Com função pronominal, o pro-

nome *que* não deve vir precedido de *o* no início de uma interrogação; o certo é perguntar: *Que* quer você? *Que* há? *Que* é que você está pensando? Mas *que* querem eles? (e não: *O* que quer você? *O* que há? *O* que é que você está pensando? Mas *o* que querem eles?).

O motivo da correção já foi aqui exposto e não será demais lembrá-lo: não cabe em tais interrogações função sintática nenhuma ao *o*; a palavra *que* é que exerce, por si e bastante, a função de pronome interrogativo: *Que* foi? — *Que* acontece? — *Que* há? — *Que*?

Que diabo! - É expressão familiar equivalente a "que coisa"; em regiões vizinhas de países de língua espanhola ouvimos *diacho* por *diabo*: *Que diabo* fez ele? — *Que diabo* quer você? — *Que diacho!* — *Ota diacho!*

Que é de? - Na expressão interrogativa "Que é de?" subentende-se a palavra "feito": "Que é do sorriso?" (Que é feito do sorriso?) — "Que é dele?" (Que é feito dele?). Nunca deveremos dizer *quêde* ou *quedê* ou, o que é ainda pior, *cadê*. É inaceitável a afirmação de que "cadê" ou "quedê" são formas que "denotam a vida da língua". Esboramento do idioma é que esses solecismos denotam; é desmazelo, aliado a derrotismo, não aceitar a legítima expressão "que é de", natural em pessoas cultas e acostumadas ao trato com amigos e colegas de igual nível.

"Nóis vai", "nóis falemo" também denotam vida, vida porém do analfabetismo, e a falta de escola não somente em analfabetos se manifesta.

Que nem - Que dita locução conjuntiva foi usada, não há dúvida; Aulete oferece-nos um exemplo de Rebelo da Silva, no qual ela aparece com a mesma significação com que popularmente a vemos empregada: "O erudito fez-se vermelho *que nem* uma romã". Carlos Pereira registra em sua gramática a locução sem pronunciar-se a respeito do emprego. O que é verdade é que a não vemos hoje em escritores remeçados; ouvimo-la apenas de incultos; nem familiarmente dela fazem uso os eruditos e os acostumados ao bem falar.

Quebrar - Na acepção de fragmentar-se é empregado pronominalmente ou intransitivamente: *Quebrou-se* o antigo duplice talismã (Castilho) — Embora o mar nas fragas *quebre* (Castilho).

Quedo - Pronuncia-se *quêdo*; significa quieto, imóvel, parado, sossegado. É adjetivo que se flexiona em *queda*, *quedos*, *quedas*, sempre com o e fechado: "Agora estando *queda*, agora acordando" — "Eu amo a noite taciturna e *quedo*".

Queira providenciar - "Queira providenciar", "queira aceitar" são expressões corretas. *Queira*, seguido de infinitivo, constitui forma de delicadeza que em português se usa com significado de "tenha a bondade de", "faça o favor de": "Visto que estamos à minha porta *queira* o Sr. Guimarães entrar" (Camilo).

Quem - Observemos estes casos:

1. Quando pronome relativo, é imprescindível para efeito de análise separá-lo em seus dois pronomes equivalentes, "o que", "aquele que". Essa divisão já por si indica que o verbo deve ficar no singular, qualquer que seja a pessoa e o número do sujeito da oração principal: "Somos nós *quem paga* (Somos nós *aquele que* paga) — "Sou eu *quem vai*" (Sou eu *aquele que* vai) — "Quem *paga* sou eu" (Aquele que *paga* sou eu) — "Fui eu *quem abriu* esta polémica" — "Eu e V. Excia. somos *quem vende*" — "Fui eu *quem o deu*" — "És tu *quem favorece* a minha resolução" — "Fôssemos nós *quem fizesse* isso..." — E assim: Sou eu *quem primeiro vai* tirar isso a limpo — És tu *quem lucra* — Fui eu *quem os apresentou* — Não fui eu *quem obrou* diversas maldades — Fui eu *quem o fez*.

2. Quando o pronome equivale a "que pessoas", o verbo vai para o plural: *Quem serão* os pais destes meninos? — Eis aqui *quem são* os adúlteros — Mas *quem eram* estes dois homens? — *Quem são* eles? Perguntaram donde vinham, *quem eram* — Não posso dizer *quem são*.

Observe-se a presença do verbo *ser* em todos os exemplos.

3. Quando não for *ser* o verbo, o singular é que aparece na

interrogativa, quer direta, quer indireta: Quem disse isso? — Quem estudou a lição? — Perguntei-lhes quem havia faltado à aula anterior — Não posso relatar quem saiu porque vários voltaram logo a seguir — Faça-me saber quem votou contra e quem a favor.

4. Pode, numa subordinada em que funcione como complemento, referir-se a um plural: Mandou chamar os fidalgos e os capitães a quem deu conta do que passava — E porque os reis são a quem mais neste mundo se furta.

5. Pode ainda referir-se a coisa, quando personificada: Remeta-se ao Supremo Tribunal, a quem compete julgar a questão.

Quenopódio - V. *ápode*.

Quepe - Em dicionários assim já se encontra aportuguesado; a língua não possui anoxítonos com *i* final; os poucos que tiveram entrada no léxico podem mudar em *e* o *i* terminativo e dispensar o acento a que ficariam sujeitos; assim: *quase*, *quepe*, *jure*, *incontinentemente*; as próprias vozes latinas ou gregas em *is* já vão sendo averbadas com a desinência vernácula: *bile*, *sepe*, *raque*, *pelve*, *pube*, *licne*, *cute*.

Quer... quer - Não se deve dizer "quer queira ou não queira"; ou se diz "Quer queira quer não queira" ou "ou queira ou não queira". Nesta última forma poderá o leitor omitir o *ou* inicial: "queira ou não queira"; o que não se pode é misturar essas conjunções alternativas.

Certo será "já quer, já não quer" ou "ora quer, ora não quer"; não haveria justificação para, confundindo as locuções conjuntivas, construir "ora quer, já não quer".

"Queratina" - V. *ceratina*.

Querer - Deve-se redigir "do amigo que muito lhe quer", e não "do amigo que muito o quer".

Não é indiferente o sentido do verbo *querer* quando lhe completamos a predicação com objeto direto ou quando o fazemos com objeto indireto. *Quero-o* significa *desejo-o*, e *quero-lhe* quer dizer *estimo-o*.

Tivéssemos uma empregada de que dispor, não iríamos perguntar a um amigo: *Você lhe quer?* — mas: *Você a quer?* — E a resposta seria: *Quero-a* ou: *Não a quero*.

Da mesma maneira, quiséssemos do amigo saber se estima determinada pessoa, esta pergunta fariamos: *Você lhe quer?* E a resposta poderia ser: *Quero-lhe muito* ou: *Não lhe quero nada* — mas nunca: *Não a quero* ou *quero-a muito*.

Uma coisa é dizer "Quero Maria", que significa *desejo-a*, quero-a comigo, prefiro-a; outra será construir "Quero a Maria", que passará a significar *estimo-a*, quero-lhe bem.

Francisco Fernandes, após dois exemplos de emprego transitivo direto do verbo *querer* com o sentido de "ter afeto a", diz: "Sem embargo destes e de outros exemplos acaso encontrados em escritores de boa nota, a regência mais recomendada para o verbo *querer*, na acepção de amar alguém, ter-lhe amizade ou estima, é aquela em que ele aparece seguido de objeto indireto". — A seguir, quando consigna em seu Dicionário de Verbos e Regimes exemplos de regência transitiva indireta, oferece este ensinamento de Otoniel Mota: "O verbo *querer*, com o sentido de amar alguém, ter-lhe amizade, rege o pronome *lhe*; com o sentido de desejar, rege o pronome *o*" — Logo após transcreve o dicionarista esta passagem de Rui: "O bem, ou o mal, que se quer, é, nesses casos, o objeto direto do verbo; de sorte que a pessoa, ou coisa, a que se quer o mal, ou o bem, representará necessariamente um objeto indireto. Em faltando, portanto, o objeto direto, nas frases cujo torneio elítico o subentende, a situação gramatical da coisa, ou pessoa, a cujo respeito se cogita em exprimir a disposição de ânimo do agente, não mudará de natureza. Assim que diremos: "Quero bem a Pedro", "Quero muito a Pedro", ou, supresso o *bem* ou o *muito*: "Quero a Pedro".

Dúvida não deve, pois, pairar sobre o assunto: "querer alguém" significa desejar (Quero você — Quero-o); "querer a alguém" significa dedicar-lhe afeto: Quero a você — Quero-lhe.

Querri, Quiri - V. *rami*.

Querosene - V. *ceratose*.

Questão - V. *atorze*; V. em *questão*.

Qui bene amat, bene castigat - Expressão latina que significa "quem bem ama, bem castiga".

Qui bene olet, male olet - Expressão latina que significa "quem usa perfume cheira mal".

Qui habet aures, audiat - Expressão latina que significa "quem tem ouvidos, que ouça".

Qui incipit, perficit - Expressão latina que significa "quem começa, termina".

Qui pro quo - Expressão latina que traz como primeiro sentido "empregar o nominativo do relativo em lugar do ablativo", donde a significação de "confusão", "engano", "equivoco". Pronunciavam-se os *uu*, e os dicionários já trazem a expressão substantivada numa só palavra, *quiproquo*, com acento no "o" final e trema no primeiro *u*: O trabalho apresentado está cheio de *quiproquos*.

Na falta de uma droga, os médicos da Idade Média a substituíam por outra, e a expressão para isso indicar era *quid pro quo*; o inglês, o espanhol e outros idiomas deterioraram a forma originária.

Qui scribit, ter legit - Expressão latina que significa "quem escreve, lê três vezes" (uma quando vê o original, outra quando o copia, outra quando o confere). Quando escreve, retém a pessoa melhor o texto na memória: um dos motivos por que no aprendizado de idiomas o processo escrito é mais eficiente do que o oral.

Qui semel furatur, semper fur est - Expressão latina que se traduz por: "Quem furta uma vez, é sempre ladrão".

Quia nómisor leo - Locução latina que significa "porque me chamo leão". A primeira parte da presa me pertence *quia nominor leo*; explicação de proceder baseada na força.

Quiasmo - Não se pronuncia o *u*; a palavra provém do grego, onde a letra "chi" (pronuncie *ki*) expressa-se por um *X*; significa colocação em forma de cruz (de Santo André) e indica uma figura de estilo que consiste em inverter a ordem dos termos de duas frases de significação oposta: "Era fera lá fora, em casa carneiro era" (o *era*, que inicia a primeira, termina a segunda; a circunstância de lugar, que termina a primeira, inicia a segunda).

Quichua - Que andamos nós a fazer com essa palavra? Nenhum dicionário a traz sem que ponha acento no *i*, tornando-a proparoxítona, quando a ouvimos seguidamente com acentuação paroxítona. Com quem a razão ao referir-se à tribo de índios aborígenes do Peru ou ao idioma por eles falado? Por provir de *quéchuá* (terra temperada), os peruanos dizem *quéchuá*, com *e*.

Quid - Pronome neutro latino, usado substantivamente em vários idiomas com a significação de "que", "algo": Ele tem um *quid* que o distingue de todos os irmãos.

Quid novi? - Locução latina que significa "que há de novo?" — pergunta que podemos fazer ao encontrar com um amigo.

Quid prodest? - Locução latina que significa "de que serve?", "que adianta?" — Posso aconselhá-lo, mas... *quid prodest?*

Quiloerte - É o aportuguesamento aconselhável deste composto, cujo segundo elemento, indicativo de unidade física, provém do nome do físico alemão Hertz. Nossa ortografia não permite *h* entre vogais, e em nossa prosódia não existe *h* aspirado.

E os vocábulos *hertzógrafo*, *hertzopismo*, *hertziano* conservam o *h*? Sem dúvida. Não tem *desumano* e *humano*?

E o grupo *tz* desies derivados? Também não é de admirar, quando nos lembramos de *quartzó* (*quartzífero*, *quartzita* etc.), outro derivado germânico.

O que realmente não é nosso é escrever *quiloherzt*, *megahertz* e ainda menos pronunciar à inglesa, com *h* aspirado seguido de *a* fechado. Não vale argumentar que devemos honrar o autor de um invento com pronunciar-lhe o nome com fidelidade à língua originária; nunca o português nem o latim pronunciaram nomes gregos com *h* aspirado; não será com não aspirarmos e com não escrevermos um *h* que mostrarem

mos ao ouvinte que não estamos honrando o descobridor de uma unidade física. Poupeemos nosso idioma, em vez de transformá-lo em colcha de retalhos. V. *esfia*.

Quintas-colunas - Contam-nos os relatos históricos da Guerra Civil Espanhola que além das quatro colunas que se dirigiam em 1939 a Madrid dispunha Franco de uma quinta, constituída dos seus partidários residentes dentro da cidade. Lembra essa força o Cavallo de Tróia, e a expressão popularizou-se na segunda guerra mundial com a existência de grupos que, dentro de um país — *quintas-colunas* — lutavam em prol das forças nazistas. É *quinta-coluna* o grupo; são *quintas-colunas*, por metonímia, os indivíduos que o constituem.

Como o de *quinta-feira*, que é *quintas-feiras*, o plural de *quinta-coluna* é *quintas-colunas*, com ambos os elementos flexionados. Não se trata de adjetivo composto, mas de substantivo composto de elementos variáveis: *prontos-socorros*, *segundas-feiras*, *quintas-colunas*.

Quem se puser no pátio fronteirico à igreja do Vaticano notará que são visíveis só as primeiras colunas que o circundam; as segundas, as terceiras e as quartas colunas não são visíveis. — “Quartas colunas” ficou escrito, e deve ter sido lido com naturalidade; que língua existe em que um nome se flexiona de uma forma quando na sua real significação, e de outra quando em sentido figurado?

Por outro lado, que dicionário é esse que dá o plural *quinta-colunas* no verbete “quinta-coluna” e, logo após, no verbete “quinta-colunismo” explana: “partido dos *quintas-colunas*”? Lá o primeiro elemento sem *s*, aqui com ele?

Quintigêmeo - V. *três gêmeos*.

Quintos dos infernos - Todos conhecem, e raríssimos serão os que não tenham empregado a expressão insultuosa: “Vá para os quintos dos infernos!”

Os espanhóis dizem “quintos infernos”.

Parece que a expressão verdadeira deveria ser: “Vá para o quinto dos infernos”, uma vez que, segundo Bernardes, eram quatro os compartimentos do inferno, consideradas as coisas antes da morte e ressurreição de Cristo. Diz ele: “... porque quatro são as concavidades ou repartiamentos da casa do inferno, a saber: o Seio de Abrão, onde os Santos Padres estavam; o Limbo, aonde vão os meninos pagãos; o Purgatório, onde se purificam as almas justas, e o Inferno inferior, onde ardem eternamente os réprobos” (Luz e Calor, 1871, pág. 389).

Essa concepção de quatro infernos é fruto da evolução teológica do catolicismo, evolução, neste particular, lenta, pois só se fixou definitivamente na Idade Média (Vacant, no Dic. Bíblico de Vigouroux, sub voc. “Paradis”).

Sendo apenas quatro os infernos, o xingador cria mais um, mais baixo e mais tormentoso, para o seu desafeto, expressando-se de forma requintada, superlativa.

Sabendo, porém, que “infernos” é plural que se toma pelo singular (em latim *inferna, orum*) e ter nosso idioma o modismo consistente em pôr a preposição *de* entre o adjetivo e o substantivo (pobre *do* homem, pobres *dos* homens), não deve ninguém estranhar que no anfiteatro do sofrimento haja os primeiros dos infernos, seguidos dos segundos dos infernos,

até, para os que de nós não merecem o mínimo de compaixão, os “quintos dos infernos”. Como se vê, é a quinta-essência da caridade...

Quirí - V. *rami*.

Quiromante - V. *quisto*.

Quirópteros - V. *calidoscópio*.

Quis - *Querer* não tem *z* em nenhuma forma verbal: *quis, quiseste... quisera, quiseras... quisesse, quiséssemos...* — sempre com *s*.

Quisto - É sabido que em regra geral a letra aspirada grega *khi* passa em português no sistema ortográfico atual para *qu* antes de *e, i* (*quelídeos, quemose, química, químera*), ou para *c* antes de *a, o* ou consoante: *caldeu, carisma, colagogo, cólera, técnica*.

O étimo grego, entretanto, da palavra do verbete não tem, como inicial, *khi* mas *kappa*; esta consoante, também gutural mas não aspirada em grego, passa em português para *c*, acompanhada seja de qual for a vogal: *carpo* (*karpós*, fruto), *céfalo* (*kephalé*, cabeça), *Cícero* (*Kikéron*). Deste último exemplo, ao qual muitos poderiam ser acrescentados, vê-se que o vernáculo deve ser, legitimamente, *cisto*, palavra que de fato existe entre nós para designar certa planta.

E a palavra do verbete? Sem dúvida, sua legítima forma, baseada no grego (*kýsis*, vesícula, bexiga), é *cisto*, que na ortografia de hoje é *quisto*, não obstante ter dado derivados com “*ci*”: *cístico, cistite, cistocele*.

Quite - É participio irregular do verbo *quitar*; deve, por isso, flexionar-se em número de acordo com a pessoa a que se refere: “Eu estou *quite*” — “Nós estamos *quites*”. Anda em erro quem diz “estou *quites*” ou “nós estamos *quite*”.

Quod erat demonstrandum - Locução latina que significa “o que havia para ser demonstrado”, frase com que se termina uma demonstração. Abrevia-se *Q.E.D.*

Quod licet Jovi, non licet bovi - Provérbio latino que significa “o que é lícito a Júpiter não é lícito ao boi”; não devemos confundir *Jovi* com *bovi*, ou seja, devemos saber distinguir: O que é permitido a um não é permitido a outro.

Quod non fecerunt bárbari, Barberini fecerunt - O que não fizeram os bárbaros, fizeram os Barberini. É expressão latina, a propósito de Urbano VIII, Maffeo Barberini, por ter mandado tirar o bronze que revestia o pórtico do Panteão. Os soberanos podem ser piratas.

Quod scripsi, scripsi - Locução latina que significa “o que escrevi, escrevi”. Resposta de Pilatos aos judeus que o censuravam por ter feito escrever na cruz: Jesus Nazareno, Rei dos Judeus. Traduz resolução firme, inabalável.

Quorum pars magna fui - Locução latina que significa “em que tomei grande parte”, aplicável a acontecimentos em que o escritor se declara ter representado papel importante.

Quos ego... - Locução latina que significa “os quais eu...” — Ameaça de Netuno aos ventos que levantaram uma tempestade no mar. “Deixe de *quos ego*”, deixe de ameaças.

Quota - V. *calorze*.

Quóusque tandem? - Com essas palavras, que significam “até quando?”, Cícero pergunta ao conspirador Catilina: “Até quando abusarás de nossa paciência?”

R

Rã - Voz: coaxar, engrolar, gasnir, grasnar, malhar, rouquejar.
Rabeca, Rabecão, Rabecada, Rabequista - Provindas do árabe, as formas com *a* na primeira sílaba são preferidas às afrancesadas, escritas com *e*. Quem diz "violino" não tem de pensar nisso, pois uma e outra palavra indicam o mesmo "instrumento de música, com quatro cordas, que se ferem com arco".

O *rabecão* pode ser pequeno (violoncelo) e grande (contrabaixo), mas convém notar que *rabeca* — sempre com *a* na primeira sílaba — tem outros significados e entra em locuções que o Aulete consigna e esclarece.

Rabugem - V. *lambugem*.

Rádio - Prefixo que se junta sem hífen: *radiofoto, radiogoniômetro, radioatividade, radioelétrico, radioemanação, radioemissor, radioestereoscópio, radioestesia*; esses e outros compostos formaram-se por justaposição de duas palavras para expressar um só objeto ou idéia, conservando ambas a sua integridade gráfica e prosódica, razão por que não se justifica o composto sem o *o* do primeiro elemento: água *radioativa, radioatividade, radioemissão, estação radioemissora, radioamador*. Nos justapostos que se escrevem sem hífen só o último elemento vai para o plural: *montepios, terraplenos, lugartenentes, cantochões* e, pois, *radioemissoras, radiopatrulhas, radioamadores*.

— Com a significação de "aparelho" e com a de "processo de comunicação radiofônica" a palavra é, no Brasil, masculina: Comprei um rádio — Anunciamos pelo rádio — Os guardas se comunicam pelo rádio.

Com a significação de "estação" de transmissão radiofônica é, em Portugal e no Brasil, feminina a palavra: O Distrito Federal terá a sua quinta rádio — Ouvi isso na Eldorado — A rádio Gazeta — Gosto de ouvir a BBC.

Também quando indica "processo" a palavra é em português feminina, o que não acontece no Brasil, onde dizemos: Nenhum país precisa de Rádio Educativa quando o rádio já é educativo.

Radiográfico - "Chapa radiográfica dos pulmões", "radiografia dos pulmões" ou simplesmente "chapa dos pulmões" podemos dizer.

Rágade - Mais usada no plural, para designar rachaduras, cicatrizes de partes moles do corpo (lábios, dedos, seios etc.), a palavra tinha já no latim formas diversas, das quais as mais usadas, sempre no plural, eram *rhágades* (fem.) e *rhagádia* (neutro). Tornando a palavra condizente com *frase, fase, análise* no tocante a gênero, número e terminação, nossos dicionários dão a palavra com a terminação em *e*: a *rágade, as rágades*.

Ragu - Necessária, por indicar um pitêu especial, feito para estimular o apetite, a palavra *ragu* é aportuguesamento correto do francês *ragoût*.

Raios ultravioleta - Não devemos confundir esse caso de flexão com o de *raios infravermelhos*. *Vermelho* é aqui legítimo adjetivo e por isso o *s* se impõe no plural, ao passo que em *raios ultravioleta* a cor é designada por nome de planta e não por adjetivo; os nomes de plantas, de flores e de objetos,

quando empregados para especificar cores, passam a considerar-se do gênero masculino. O leitor não irá dizer *cores rosas*, como não diz *cor rosa-clara* nem *cores rosas-claras*, mas *cor rosa-claro, cores rosa-claro*; o adjetivo não varia agora nem em gênero nem em número; o nome da flor fica enquistado no neutro singular. Certo é *raios infravermelhos* e igualmente certo é *raios ultravioleta*, deixando-se no singular o nome da flor (261, notas).

Rajá, Rani - *Rani*, filiada ao sânscrito *rajni* e ao latim *regina*, é forma feminina de *rajá* e também de *rane*, nomes de dignidades indianas. Uma rainha indiana, a mulher de um rajá, uma princesa reinante indiana é uma *rani*.

Ralentar, ralentado - É verbo que existe há muito tempo no idioma com a significação de *tornar ralo*, ao lado da forma com a protético *arralentar*. O que é recente — e já começa a aparecer em dicionários — é seu emprego com a significação — formas correspondentes tem o italiano (*ralentare*), o francês (*ralentir*) — de *afrouxar, retardar*. Esse proceder é preferível a empregar formas gráficas estrangeiras; vê-se isto em aviação, como "au ralenti"; diga-se logo *ralentado*: "Mantenha o avião, o mais que puder, *ralentado*".

Ramalhete, Ramilhete - Que se empregue *ramalhete* para indicar "feixe" de flores ("Flores assaz, que aos anos de Maricota um *ramalhete* engenham") ou, figuradamente, de objetos de merecimento ("Estas poesias são um verdadeiro ramalhete") vai muito bem; é diminutivo de *ramalho*, que indica ramo grande, ramo de certo porte.

Que se empregue *ramalhete* por *ramilhete* não nos parece acertado, porque *ramilhete* é diminutivo de *ramilho*, que significa raminho.

Ambas as formas são corretas, sem dúvida, mas cada qual deve ter seu uso apropriado.

Rami - É a "Urtica utilis", hoje cultivada em São Paulo, que se denomina vulgarmente *rami*, com acento no *i* final e com o gênero masculino. Se não andamos em acerto quanto à identificação da palavra, temos por certo que essa é a prosódia e o gênero, e prová-lo não nos será difícil quando temos outros nomes, apropriados ao caso, todos eles terminados em *i* tônico e de gênero masculino:

- ari* (masculino) — nome de coqueiro;
- axi* (m.) — planta da família das valerianáceas;
- pequi* (m.) — árvore da região amazônica;
- piri* (m.) — certo junco de brejo;
- puri* (m.) — espécie de mandioca;
- queri* (m.) — árvore silvestre do Brasil;
- quiri* (m.) — planta asiática;
- tingu* (m.) — arbusto da família das leguminosas;
- tipi* (m.) — planta da família das malváceas.

Mais um punhado de nomes de plantas com essa terminação e com esse gênero poderíamos apresentar, o que nos leva a crer que o nome vulgar da fibra com que eram enfaixadas as múmias, "fibra nobre que supera o próprio linho", é oxítono e de gênero masculino.

Ramo - *Aumentativos*: ramalho, ramalhaço, ramalhão. *Diminui-*

tivos: ramilho, ramillete, ramúsculo.

Rampante, Rampeiro - São palavras diferentes. *Rampante* — entre outras significações que não vêm ao caso, tem relação com o significado originário de *rampa* (garra), donde em heráldica a expressão “leão rampante” (leão levantado sobre as patas traseiras, com a pata dianteira direita mais alta que a esquerda), de onde o significado de feroz, ameaçador e — o que nos interessa — livre, descontrolado na maneira de agir, valente: um deputado *rampante*.

Rampeiro — também aqui deixando de lado outros sentidos — indica o que é grosseiro, ordinário, mal feito; aplica-se a coisas e principalmente a sapato; figuradamente a pessoa, no sentido de apoucado em modos, desleixado, rude. Também em *rampeiro* se pode ver o mesmo étimo de *rampante*, pois o sapato *rampeiro* é originariamente o dotado de cravos que o fazem agarrar ao solo.

Rancho - Um dia “army” por *armada*, outro “navy” por *navio*, agora vemos “ranch” por *rancho*. Ao lado da desvergonha manifestada em *news, shopping, center, press*, vemos, mais do que de ignorância, prova de falta de senso em noticiar que “a rainha da Inglaterra dormiu no rancho do presidente dos Estados Unidos”.

É descorocoadora tal insensatez, revigorada pelo que vemos dentro do próprio vernáculo, onde confundiu um escritor *alcateia*, coletivo de animais ferozes, de malfeteiros, com *atalaia*, pronúncia; “os soldados ficaram de alcateia” — tolíce que andou anos em colunas de jornal e chegou a penetrar em dicionários. Que proveito terá o idioma com ser ensinado a esses levanos que *alcateia* provém do árabe, onde significa “o rebanho”? Que utilidade haverá em ensinar-lhes que o inglês *ranch* é em português *fazenda*, e *rancher* fazendeiro, criador de gado? Se realmente conhece inglês e dele gosta, veja o redator num bom dicionário a definição de *ranch*: areas used for farming or for cattle — ou: an establishment, with its estate, for the grazing and rearing of horses, cattle, or sheep. Isto em inglês e, ainda assim, na parte oeste dos Estados Unidos e do Canadá. Entre morar numa *fazenda* do Arizona e esconder-se da justiça num *rancho* de Mato Grosso, há muita diferença.

Uma *armada* a atravessar os Alpes, um *monsenhor* como legado pontifício, uma rainha a dormir no *rancho* de um presidente: despropósitos vocabulares que somados a fraseológicos como “a cores” em vez de “em cores”, “colorido”, obrigam-nos a perguntar: Onde estamos? Que língua falamos? O dicionário e a gramática não podem impedir-nos que sejamos grotescos?

Rane - Feminino: *rani*. V. *rajá*.

“Ranger” - Que torna embelecados certos redatores diante de palavras estrangeiras? Fascínio da língua? Vontade de embaixar os leitores com novidades? Desconhecimento de tradução da palavra e apassivamento à preguiça ou a premissa de tempo para consultar um dicionário? Que é “ranger” senão *guarda, vigia*, quando se trata do encarregado da preservação de animais num parque e, se selvagens, da neutralização de sua periculosidade diante de visitantes ou de quem no parque trabalha? Se outros sentidos tem ainda a palavra, como metê-la de permeio às nossas como se uma única fosse sua significação? Se “leasing”, “marketing” têm sentidos diversos na língua a que pertencem, como pretender fixá-las espuriamente em nossa língua para designar um único objeto? Traduzam-nas.

Rapaz - (Substantivo) Aumentativo: *rapagão*. Coletivo: *rapazio, rapaziada*. (Adjetivo) O mesmo que *rapace*; superlativo: *rapacíssimo*.

Rapazio - V. *estádio*.

Rapé - Dos muitos vocábulos que provieram de nome próprio, *nicotina* constitui exemplo. Jean Nicot chamava-se um embaixador de França em Portugal, onde conheceu o tabaco, que levou à terra natal. Do sobrenome desse diplomata proveio a designação do alcalóide existente no fumo.

Portador e criador de termos científicos, o idioma francês legou-nos também palavras designativas de vícios, dentre as

quais esta, relacionada com o presente assunto: *rapé*. Escrita em francês — *râpé* — lê-se nesse idioma *rapé*, mas a transliteração para o vernáculo obriga-nos a escrever e a pronunciar *rapé*, porque o *e* fechado final francês dá *e* aberto em português.

Observe-se sobre o *a* da palavra francesa o acento circunflexo, obrigatório na palavra original; indica supressão de *s e*, pois, a tradução e a significação em nosso idioma: *raspado*; é sinal ortográfico que se vê, com idêntica função, em *hóspital* (ho-s-pital), *tête* (te-s-ta), *pâte* (pa-s-ta) e, além de outros, em *paté*, que deveríamos pronunciar, uma vez indispensável o vocábulo ao nosso idioma, *paté* (empa-s-tado), com *e* final aberto.

Rapé está consagrado no léxico português, conquanto esquecido dos apreciadores do tabaco.

Raposa - Voz: reougarr, roncar.

Rapsódia - Tem o *s* dessa palavra som forte, alfabético, correspondente ao da palavra *sol*: igual é o som do *s* dos cognatos: *rapsofo, rapsodista*...

Raque, Raqueano - Do grego *rháchis*, a forma portuguesa é *raque* (e não *raquís*, cópia da palavra francesa), porque é do génio da língua mudar para *e* a desinência grega *is*; o adjetivo é *raqueano*, e não *raquídiano*, uma vez que o genitivo grego é *eos* e não *idos*.

Raqueta (ê) - *Êta* e *ête* é que são os sufixos diminutivos nossos, e não *éta, ête*: *caixeta, carreta, naveta, banqueta, lanceta, lingüeta, sineta, valeta, caderneta, historieta, bailete, corpete, filete, fradete, joguete, malhete, verbete, cavalete, sabonete*.

Bicicleta, motocicleta, marionete, charrete são formas espuriamente introduzidas no vernáculo. Talvez *raquela (ê)* e *caminhoneta (ê)* ainda possam virar, dado o seu uso mais limitado, mas que dizer de *bicicleta, motocicleta*? Não dói isto nos ouvidos nossos? E nos dos garotos?

Não nos esqueçamos porém de que é eufônico aquilo a que nossos ouvidos estão acostumados; tanto é eufônico o acerto quanto o erro; o hábito é que determina a eufonia.

Rata, Cobaio - É perfeitamente aceitável que se diga: “O útero de *ratas* imaturas apresenta-se diferente do de adultas castradas. Mutatis mutandis, *cobaio* seria a forma masculina de *cobaia*, e dicionários já não faltam que a tragam.

Ratice - V. “*gaffe*”.

Raticida - V. *maritizada*.

Rato - Voz: *chiar, chichiar, guinchar*.

Razão - Coletivo: *carrada*.

Re... - Prefixo indicativo de: *repetição*: reler, refazer, reformar; *retrogradação, reciprocidade*: repelir, reagir, reverter, refluxo, réplica; *reforço*: rebramar, recolher, rebuscar, reluzir, rebrilhar.

Real - Quando designativo de moeda do antigo sistema monetário português e do antigo brasileiro tem por plural *réis*. Quando adjetivo, o plural é *reais*.

Reaver - É regra geral: Os verbos compostos conjugam-se de acordo com os verbos simples. Se *reler* é composto de *ter*, como este deverá ser ele conjugado: *re-tenho, re-téns, re-tém... re-tive, re-tiveste, re-tivei, re-tivemos, re-tivestes, re-tiveram* etc. Seguindo tal norma, o verbo *reaver* deveria flexionar-se em *re-hei, re-hás, re-há* etc., mas tal não se dá; pode ser conjugado apenas nas formas em que o primitivo *haver* tem *v*:

	<i>haver</i>	<i>reaver</i>
	hei
	hás
	há
	haVemos	reaVemos
	haVeis	reaVeis
	hão

Não há, conseqüentemente, as formas do subjuntivo presente nem as do imperativo singular; conjuga-se em todos os demais tempos, pois neles sempre existe *v*: *reaviva, reaverrei, reaveria, reouve, reouverts, reouvesse, reouvier*.

Recauchutagem - Forma já usada para aportuguesar a francesa.

Recear - Assim como não se deve confundir o infinitivo dos verbos terminados em *ear* com o dos terminados em *iar*, assim também certas normas gráficas se impõem no decurso da conjugação de tais verbos para que seja fielmente representada a exata pronúncia das desinências dessas duas classes de verbos.

Vejam os terminados em *ear*. Quem lê o título desta questão pronúncia muito naturalmente *re-ce-ár*. Se o título fosse representado não pelo infinitivo mas pela primeira pessoa do indicativo presente — *receio* — o leitor pronunciará, também naturalmente, *recê-i-o* (jamais *recê-o*), acrescentando um *i* epentético. Por quê? Porque o acento tônico do verbo recaiu sobre a vogal temática *e*. No infinitivo não se acrescenta o *i* porque o acento tônico cai na vogal da desinência *a*: *re-ce-ár*.

Não confundamos porém causa com ocasião. A eufonia, ou melhor, a eustomia, ou seja, a facilidade na pronúncia é que constitui verdadeiramente a causa desse fenômeno; por isso é que ao *i* epentético do caso se dá o nome de *i* eustômico, ou *i* eufônico; ele aparece no presente do indicativo e do subjuntivo (com exceção da 1ª e da 2ª pessoa do plural), e na 2ª pessoa singular do imperativo presente: *rece-i-o*, *rece-i-as*, *rece-i-a* (receamos, receais), *rece-i-am*; *rece-i-e*, *rece-i-es*, *rece-i-e* (receemos, receeis), *rece-i-em*; *rece-i-a* tu.

Não é demais repetir ser grande a confusão entre os verbos terminados em *ear* e os terminados em *iar*; se *passar* se conjuga *passaio*, *incendiar* deve conjugar-se *incendio*. Os verbos em *iar* não sofrem comportamento inverso; se os em *ear* se acrescem de um *i* quando o acento tônico é no *e*, os em *iar* não devem crescer-se de *e* quando o acento tônico é no *i*. A falta de atenção é que trouxe a confusão, que em alguns verbos será de difícil eliminação: *ansio*, *medio*, *premio*. Corrigidas já se ouvem as formas *obequio*, *odio*, *comercio*, *incendio* mas... a falta de escolas e principalmente a de professores dispostos a ensinar gramática é muito grande.

Não deve causar-nos surpresa serem 90 por cento de professores de português reprovados em prova de gramática e de redação em concurso de ingresso no magistério oficial. Por nós previsto em entrevista dada em novembro de 1952, isso é o resultado do sistema escolar oficial, que chegou nessa época a substituir aulas de gramática por aulas de desenho, desprante que ainda hoje nos aborrece quando ouvimos falar em introdução de aulas de turismo, de xadrez, de transito, de feiçaria de terreiro. É injusta a reprovação desses pobres professores, netos de geração aprovada por decreto; o justo é tirar de vez do currículo o ensino da desprezada gramática portuguesa. Em terra que repudia o idioma no currículo fundamental não há falar em seleção e aprimoramento de docência.

Recém... - Prefixo que exige hífen antes de qualquer letra: *recém-assinado*, *recém-casado*, *recém-emancipado*, *recém-morto*, *recém-vindo*.

É de pasmar encontrar quem pronuncie *recem* em vez de *recém*.

Recepcionista - Por influência do inglês e justificável à luz do próprio português, já não se confunde com *porteiro*; se este recebe alguém à porta, e à sua bagagem dá assistência ou destino, o recepcionista é algo mais do que isso, pois ele — ou ela — anota ou esclarece o que necessário for de um hóspede, de um cliente, de um freguês, de um visitante. *Recepção* passa dessa forma a indicar também o lugar de trabalho do recepcionista.

Parece-nos que São Pedro continua sendo porteiro — e respeitado — com autonomia de decisão mas sempre a portar um canhenho.

Recessão - É palavra não constante em nossos dicionários, mas — dado seu já largo uso, influenciado pela forma inglesa "recession" — devemos aceitá-la, mormente quando dela vemos apoio no latim *recessio*, *onis*, do verbo *recedo*. O que é condenável é importar palavras de sentido geral para fixá-las no vernáculo com sentido especial; *recessão* presta-se não só para indicar "queda nas atividades econômicas" mas em

outras atividades que possam recuar, encolher-se, diminuir, pois esse é em latim e em inglês seu sentido geral.

Rechear, Rechiar - V. *sentenciar*.

Recibado - Para evitar que lêssemos "contratar contratados" é que passaram a dizer "contratar recibados" (Diário de Notícias, 31-1-1923). É *recibado* antônimo de *concurso* (habilitado por concurso, por provas públicas): "Os ministérios estão dispensando recibados para contratar *concurso*dos".

Recife - Nomes de cidades são em português femininos e, quando desacompanhados de adjunto adnominal, empregam-se sem artigo: estive em Londres; Londres é tranqüila; vim de Paris; Paris é silenciosa; cheguei a Porto Alegre; Porto Alegre é dinâmica; São Paulo é barulhenta.

São exceções *Cairo*, *Porto*, *Rio de Janeiro*, nomes estes masculinos que sempre se acompanham do artigo: estive no Cairo; vinho do Porto; o Rio é maravilhoso. *Cairo* sempre se usou em árabe com o artigo; *Rio* e *Porto*, a princípio simples rio, simples porto, construíram casas a beira do rio, ao lado do porto sem destruir o artigo.

Já com *Recife*, a princípio o *recife*, deu-se o mesmo que com as minas gerais, com o mato grosso, com as alagoas, que hoje se denominam *Minas Gerais*, *Mato Grosso*, *Alagoas*, sem artigo. Mais ainda: se a cidade de Pernambuco nasceu num *recife*, o *recife* é precisamente essa parte inicial, e *Recife* é o nome desse bairro de Recife, conforme se vê em planta da cidade. Não estranhe o leitor que em Recife — digamos no hotel São Domingos — alguém lhe diga: "Preciso ir ao Recife pagar uma conta". Está ele a referir-se à parte antiga da cidade, ao bairro do Recife, onde se encontram as docas, importantes repartições de serviços públicos e grandes escritórios. Ainda mais: Quando em Recife diz alguém "dentro do Recife" ele está a especificar mais pormenorizadamente ainda o Recife, pois com essa expressão ele passa a referir-se à zona do meretrício do Recife.

Isso lá em Recife, onde a distinção ou distinções têm significado. Não sendo esse o caso, é querer fazer voltar o tempo atrás, é proceder como os baianos da Ortografia que repudiaram o *h* de *Christo* e fizeram ressuscitar o *h* de *Baía* por amor à... tradição; é agir como os mineiros de Campanha, que dizem: "Estive na Campanha" — mas, esquecendo-se do artigo, constroem: "Preciso voltar logo para Campanha".

Parecemos em São Paulo mais modestos: Campos do Jordão há muito deixou de ser "os campos do Jordão". *Campos do Jordão*, *Campinas*, *Ribeirão Preto* e outros nomes de cidades nossas perderam gênero e número próprios: são femininos e empregam-se sem artigo.

Em chamar hoje Recife "o Recife" não há tradição; a tradição é a por nós testemunhada quando pela primeira vez aí estivemos em 1945, mal terminada a segunda guerra mundial. Veja-se, para confirmação, a fotografia que se encontra na página 51 do "Guia prático, histórico e sentimental" de Recife de Gilberto Freire, em baixo da qual está escrito: "...ao pé de uma ponte que liga o bairro de Santo Antônio ao do Recife". Ai está: o Recife é bairro de Recife.

É de admirar, pois, que esse mesmo autor em outro livro declare: "Todo o bom recifense diz o Recife e não Recife".

Outro autor que se atrapalha com o gênero da palavra é Josué de Castro quando em "Ensaio de Geografia Humana" diz: "...de baía entulhada do Recife", com artigo, ao lado de "Recife, nos primeiros anos da ocupação holandesa...", sem artigo.

A verdade transparece clara: o Recife continua sendo o Recife, não porém a cidade. Por "o Recife" entende-se um único sítio se considerado nos primeiros anos de sua vida, de sua formação mental, de suas primeiras experiências literárias. Outro é o tempo em que vivemos, que não aceita como prova de patriotismo um *h* dentro de nome de um estado ou como prova de virilidade a volta ao gênero masculino de nome de uma cidade. Não há nesse proceder nem casticismo linguístico nem patriotismo brasileiro, nem prova de mas-

culinidade, senão mero capricho acobertado por dialética acadêmica.

Nada perde ela, Recife, de cultura, de vigor literário, nem de ternura, de fascínio, de apreço, de romantismo, nem de tradição com ser chamada, na sua totalidade acolhedora, simplesmente Recife. Recife é a cidade; o Recife é o bairro.

Quando em Recife, não deixe o leitor de ir ao Museu do Estado de Pernambuco, para ver aí uma gravura que mostra quanto Recife deixou de ser o "T Recife de Pernambuco".

"Recilar" - V. *reverter*.

Reclame - Por mais que dicionários e monografias tragam a forma *reclamo*, jamais a ouvimos para substituir a de influência francesa *reclame*. Na linguagem falada e na escrita *reclame* é que vive ao lado de *anúncio*.

Parece-nos que o antipático *controle* vai seguir o mesmo caminho; a perversão de forma poderá ir ainda mais longe, pois já se vêem em nossas ruas caixas de transmissão de comando de trânsito, fabricadas na Argentina, com a denominação "Control de Tráfego"; "control" poderá amanhã por sua vez competir com a forma anglo-francesa "contro-le" e com a legítima portuguesa *controlo* (ð).

Recobrir - V. *tosir*.

Recordar, recordar-se - V. *esquecer-se*; V. *lembrar-se*.

Recorde, Placar - O aportuguesamento do inglês "record" deve obedecer já à própria índole do nosso idioma, já à tendência prosódica que se verifica no uso popular. *Récor* não seria aconselhável por nenhum desses dois motivos: não temos palavras em *or átono* e não é a pronúncia generalizada. *Récorde*, proparoxítono, seria quase tão violento quanto exigir que se pronunciasse *vérmutle*. *Recorde*, paroxítono, parece a forma apropriada; corresponde, aqui no sul, à pronúncia mais ouvida e encontra apoio em aportuguesamentos similares.

A transliteração deste e do substantivo *placar* (oxítono: *placár*), embora não esteja sendo feita de maneira coerente, é, verificado seu uso generalizado, uma necessidade: *placar* perdeu o *d* final e *recorde* o conservou, seguido do necessário *e*. De origem francesa, existem também no inglês; a diferença de pronúncia entre esses idiomas e, com relação a *record*, dentro do próprio inglês (onde o substantivo tem um acento e o verbo outro) deve ter influído na diversidade de comportamento nosso.

Aceito o singular *placar*, o plural é *placares*.

Recrear, recriar - O primeiro verbo tem relação com *recreio*, o segundo com *criação*. Idêntica é a distinção entre *recreação* e *recriação*.

Recruta - Coletivo: *leva, magote*.

Recuperar, resgatar - "Os naufragos foram resgatados". Não; não houve pagamento nenhum; o que houve foi salvamento, socorro: Os naufragos foram salvos, foram socorridos.

Trata-se de anglicismo, ou melhor, de má tradução do inglês "rescue". Do antigo francês *rescourre*, hoje *recourre*, "rescue" é "to free from any confinement, violence, danger, or evil; to liberate from actual restraint; to save; deliver; as, to rescue a prisoner of war; to rescue the crew of a sinking ship". Na tradução, estes podem ser os nossos verbos: os prisioneiros foram *libertados*; a tripulação foi *salva*; os mortos no acidente foram *soltos* das ferragens do caminhão por bombeiros; as partes do corpo foram *desprendidas* dos destroços do tanque; conseguiram *deseamaranhar* do navio afundado a caixa procurada; todos os corpos foram *retirados* e identificados; os baldes foram *recapturados*.

Conforme o caso, outros verbos há: *cother, recother, reconquistar, retomar, reaver, recobrar, reaproveitar, desenlacar, desligar, desvoencilhar*... O fato é que se o tradutor não tem ao alcance um dicionário da língua original, faça-se cercar de um bom da sua onde verá o que realmente significa o que ele pensa poder empurrar aos fregueses como artigo legítimo. *Resgatar* é, mediante pagamento ou troca ou substituição, reaver, receber, tomar; resgata-se cheque, letra de câmbio, coisa penhorada, pessoa seqüestrada. Coisas perdidas ou extraviadas ou danificadas recuperam-se: recupera-se uma bola que

haja caído no rio, recupera-se um avião acidentado, um carro quebrado. Animal morto ou coisa de todo imprestável é que não se recupera nem se resgata; o verbo, conforme o caso, será um, ou sinônimo, dos retrocitados.

Redação - (Teatro José de Alencar — Fortaleza, CE — 27-5-1978) — Convidado para uma palestra sobre REDAÇÃO a três mil e cem quilômetros de nossa tenda de trabalho, transformamo-nos no marciano que chegou à Terra saiu do seu disco voador e perguntou a um guarda onde podia conseguir um carro com chofer que conhecesse bem o lugar.

Mãos amigas ajudaram-nos a aqui chegar, mas andar nestas paragens por mais de uma hora e cercado de gigantes é para atemorizar.

É para nós deveras emocionante encontrarmo-nos junto a pessoas tão gradas, em ambiente de tanta imponência e significado, na terra do autor de FATOS DA LINGUAGEM, HERÁCLITO GRAÇA; na terra do autor de MORFOLOGIA E SINTAXE DO SUBSTANTIVO, CLÓVIS MONTEIRO; do inconfundível autor d'O EXAME DE PORTUGUÊS, JULIO NOGUEIRA; de um JOSÉ ARRAIS DE ALENCAR, autor do VOCABULÁRIO LATINO POR FAMÍLIAS ETIMOLÓGICAS; do arguto historiador e lingüista CAPISTRANO DE ABREU; do autor de LÚZIA-HOMEM, DOMINGOS OLÍMPIO CAVALCANTI; do poeta e romancista ANTONIO SALES, o MOACIR JUREMA de várias obras poéticas e dramáticas; do contista e poeta popular JUVENAL GALENO; do romancista d'A NORMALISTA, ADOLFO CAMINHA; do historiador e geógrafo a quem muito deve o Ceará e o Brasil, GUILHERME STUDART; do defensor do primado do espírito, professor de direito, poeta e filósofo FÁRIAS BRITO; do grande mestre, sempre cultuado e estudado por todos os juristas, homem de gloriosa personalidade, CLÓVIS BEVILÁQUA; do inconfundível sonetista, Pe. ANTÔNIO TOMÁS DE SALES, com quem aprendemos que

... nós enxergamos claramente
Como a existência é rápida e falaz
E vemos que sucede exatamente
O contrário dos tempos de rapaz;
Os desenganos vão conosco à frente
E as esperanças vão ficando atrás;

do contista e poeta ANTÔNIO FURTADO; do historiador e novelista de fôlego, autor de TERRA DO SOL, GUSTAVO BARROSO; do ensaísta, professor de direito e autor, entre muitas obras, do DICIONÁRIO PSICO-PEDAGÓGICO, DJACIR MENEZES; do romancista e a um tempo crítico literário, observador dos costumes nortistas, iniciador e identificador da literatura do norte, FRANKLIN TAVORA; do contista, romancista e crítico literário, que tanto se impõe pela pureza e elegância de redação, ARARIPE JÚNIOR; do autor de REPASSE DA GRAMÁTICA PORTUGUESA, MARTINZ DE AGUIAR; de um JOAQUIM JORGE DE SOUZA FILHO que, como outros juriconsultos que o precederam, soube aliar ao direito as letras; oxalá muitos brasileiros lhe sigam a trilha, cheia de fé desde os primeiros passos, e tenham ao vernáculo o mesmo respeito e culto demonstrado em todas as linhas dos seus trabalhos; de tantos outros expoentes de nossas letras, como LEÃO DE VASCONCELOS, JOÃO CAPISTRANO BANDEIRA DE MELO, LEONARDO MOTA, TOMÁS LOPES, CARLOS DE VASCONCELOS; terra do professor de direito que, sobre juriconsulto, jornalista, orador e parlamentar, consagrou-se o aristocrata de nossas letras, o inconfundível estilista dos mais afamados romances brasileiros, JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR.

1. Em ambiente de passado tão imponente, de presente tão ilustre, fácil é concluir que desta juventude que aqui nos cerca estrelas de primeira grandeza iremos em próximos anos ter da cultura e das letras brasileiras.

Senhoras e Senhores, vamos tentar, com vossa assistência e beneplácito, atravessar este sítio em que nos encontramos; esperamos não desapontar-vos.

2. É freqüente vir a nossa procura quem logo após ligeiro cumprimento diz: Professor, quero aprender a redigir.

A um médico, a que se apresente um consultante que diga: "Doutor, estou sentindo dor aqui no lado direito" é fácil proceder a um exame; faz-lhe perguntas, apalpa-lhe partes diversas do corpo, tira-lhe a pressão arterial e diz-lhe após uns vinte minutos o de que necessita para se ver livre de sua deficiência orgânica.

O professor de português, que indagações, que exames fazer para descobrir a deficiência, a impossibilidade de redigir de quem o procura?

— Moco — é a pergunta que sempre fazemos — poderá dizer-me o que entende por redação?

— Redação é... é... é escrever.

— Muito bem; o senhor quer aprender a escrever; escrever o quê?

— Bom; o que digo é que não sei escrever, tenho medo de escrever até uma carta.

— Certo; e objeto direto, o senhor sabe o que é?

— Por favor, professor, não me faça perguntas da gramática; meu professor de português sempre diz que gramática é coisa do passado, é estudo superado, inadmissível na época atual de invenções inacreditáveis, de conhecimentos maravilhosos, de programas imponentes de televisão como Chacrinha, Trapalhões; diz ele que só mentes fossilizadas apóiam ingleses, franceses, italianos, russos e outros que exigem ensino de gramática nas escolas.

— Está bem, rapaz, deixemos de lado a gramática. Diga-me como deve um aluno declarar ao seu professor: "Professor, eu lhe vi ontem no cinema" ou "Professor, eu o vi ontem no cinema"?

— Eu digo "Eu lhe vi".

— Por quê?

— Porque **lhe** indica respeito...

3. Dê-se a definição que se queira de redação, repugna-nos a afirmativa, feita por um ex-ministro de educação: "Sou contrário à redação nos vestibulares".

Uma pergunta de pronto nos ocorre: Que importância vai o aluno e o próprio professor dar a disciplinas, a particularidades não constantes de vestibulares?

Nos últimos vestibulares — agora com outro ministro de educação — nitidamente se percebia o descabro da deficiência de redação. Um fiscal de uma das salas notou que quase vinte por cento dos examinandos começavam a prova — cujo tema era "Nenhum homem é uma ilha" — com as mesmas palavras: "Ilha é um pedaço de terra cercado de água por todos os lados". Por que essa coincidência? Porque vinte por cento dos examinandos vinham de um cursinho que, vendo-se prejudicado pela exigência de redação no vestibular, ensinara — e isto está numa das célebres postilas que se vendem a alunos de cursinhos — "Ao estruturar a redação, comece por definir os termos aos quais se refere".

"Sou contrário à redação nos vestibulares" — continuava o ex-ministro — "dada a dificuldade de corrigir provas. Para igualdade de procedimento, de justiça na correção seria necessário que o mesmo examinador ou grupo de examinadores verificasse as provas das dezenas de milhares ou das centenas de milhares de trabalhos apresentados".

A valer o argumento do ex-ministro, a simples promoção de ano para ano, de grau para grau não seria possível continuar a ser feita pelos diferentes professores das diferentes classes de um mesmo estabelecimento de ensino.

Ademais, quem corrige redação não persegue erros convertidos. O que solidamente podemos todos os professores afirmar é que são demasiadamente graves os erros de redação de grande parte dos que entram em faculdades.

É significativo o exemplo da Universidade Federal de Minas Gerais de criar no primeiro ciclo de ciências sociais um curso de redação, ministrado pela Faculdade de Letras, com o objetivo de dar ao universitário, por meio de instruções e exercícios, condições de elaborar textos de maneira adequada. Não menos significativo é ter o convênio para coordenação de promoções culturais mantido pelo Instituto Lu-

síadas de Fortaleza com a Secretaria de Cultura do Estado do Ceará estabelecido, antes de qualquer outra atividade, o "Ano da Redação".

Não era, há dois decênios, em faculdade de direito nem de engenharia nem de medicina que se ensinava o acadêmico a redigir, mas a verdade é que o Mobra, seguido do Supletivo, inundou as faculdades de semi-analfabetos. A prova de redação selecionava inteligências para as faculdades.

A prevalecer o império das cruzinhas e dos computadores devemos abandonar o Belo; antes de ser objeto de apreciação, o Belo é sentido pelo escritor, e a máquina eletrônica não mede o sentimento; ela não é educada nem programada para verificar a capacidade de um autor de externar o pensamento.

A prova de redação é imperativo de demonstração de conhecimento de um idioma, e essa demonstração deve ser feita com toda a naturalidade, sem provocação de palpites lóricos. Dê-se tempo e remuneração ao professor para corrigir: fatores materiais não podem prejudicar a formação de um povo.

Universidade não é refúgio de desocupados. Cruzinhas e alternativas não ensinam nem comprovam redação. Jamais estranhemos que nos exames de inglês da Columbia University pedissem redação e fizessem ditado nos exames, como jamais estranhemos que nosso professor de Direito Comercial, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, Waldemar Ferreira, levasse em grande consideração, tanto sob o aspecto ortográfico quanto sob o gramatical, a redação de nossas provas. Não é para ser vendeiro que se aprende Direito Comercial, como não é para ser marinheiro que se aprende a língua portuguesa. A preservação do patrimônio cultural de um povo exige respeito ao emprego e concatenação sintática de suas palavras. Cacografias e solecismos devem ser levados em conta por professor de toda e qualquer disciplina, e alunos devem exigir que professor de toda e qualquer disciplina respeite o seu idioma.

4. É pergunta que sempre ocorre a qualquer pai: Como evitar meu filho erros de redação, como evitar o palavrório empolado e confuso, como corrigir o engrandecimento se não faz na escola exercícios?

Mas que proveito trazem exercícios de redação — perguntamos — se o professor os não corrige, e que estímulo tem o professor para passá-los e corrigi-los se a redação foi prosa-crito do currículo escolar?

Tudo se aprova, e o mesmo analfabetismo. É a conclusão a que chegamos quando teste aparece por processo de examinar aluno por escrito, consistente em obrigá-lo a assinar, geralmente por cruz, a resposta certa de uma pergunta, colocada entre outras erradas. Antes da degradação do ensino, iniciada em 1931 com a indiscriminada e permanente oficialização de todos os colégios particulares, testar significava provar, examinar, ou melhor, experimentar, verificar o funcionamento ou efeito; testava-se um motor, submetia-se a teste um aparelho, um engenho, um remédio. "Test" importou-se depois para indicar em nosso sistema educacional o que todos sabemos.

Bem feitos, e com certa finalidade, os testes não podem ser desprezados; criticável, sofrível e vergonhoso é dar-lhes exclusividade em exames de certas disciplinas, principalmente do vernáculo. O conhecimento de um idioma não se prova nem por cruzes nem por luzes nem por sons, senão pela redação. O aluno deve mostrar erros sem saber que os está cometendo, e não alertado por insinuações. Cacografias, erros de flexão, comportamentos léxicos podem ser apontados por cruzes ou por flechas ou por grifos, não porém a riqueza de vocabulário, a capacidade de expressão, o ajuizamento, a concatenação de palavras, a subordinação das orações, a pontuação, os processos sintáticos. Como comprovar por testes o desconhecimento do idioma de um examinando que num período de catorze palavras comete seis erros? —

("Agradeço-o muito, pelos votos de Boas Festas e retribuo os mesmos, da aluna, F. F..")

Ao rever a primeira prova da composição tipográfica da vigésima edição de nossa Gramática Metódica da Língua Portuguesa demos, no falar em "rege acusativo", "rege dativo", com esta apreciação do revisor, feita a lápis no capítulo LIV: "O entendimento deste capítulo exige um conhecimento mínimo de latim por parte do aluno. Na atual estrutura de ensino do 1º e do 2º grau esta disciplina não existe".

A resposta foi dada a seguir: "Nos 'high schools' americanos e nas 'form classes' inglesas não há professor de inglês que não entenda a terminologia aqui empregada e já explicada na nota do § 180. Na União Cultural Brasil Estados Unidos professores que têm curso feito no exterior sabem o que é isso. O 1º e o 2º grau de ensino no Brasil não permitem que alunos aprendam nem ao menos a ordem alfabética."

No mesmo lote de provas, reforçava o revisor no § 777, na regência do verbo **atender** (onde se afirma "constrói-se, indiferentemente, com acusativo ou com dativo"): "Na atual estrutura de ensino do 1º e do 2º grau não existe estudo de latim. Como o aluno entenderá este parágrafo?"

Em vez de simplesmente remeter o revisor — muito bom revisor, precisamos confessar — à resposta dada à primeira observação sua, elucidamos: "Se o professor não sabe o que é isso, o aluno que tenha estudado até aqui esta gramática deve sabê-lo pelo que ficou na nota do § 180. Tratando-se de editor inteligente, esse rodapé deve ter ainda mais significado: o aluno deve subir ao professor, e não o professor descer ao aluno; ademais, qual a razão do dicionário?"

5. Afinal, que é escrever bem, que é redigir? Redigir é, em primeiro lugar, conhecer o idioma em que se escreve; em segundo, sentir, conhecer, dominar o assunto sobre que se escreve.

Esses são os dois pilares em que se assenta qualquer obra literária, seja qual for o gênero. Para a consecução do primeiro, a gramática e o vocabulário do idioma escolhido; para a consecução do segundo, a educação, ou seja, a formação, a experiência são os elementos necessários. Somente firmada nessas duas colunas é que existe redação.

Não é com receitas que se redige; não é com decorar cartas que se aprende a escrever uma carta comercial; por mais simples seja, tem cada uma assunto e forma diferentes; se o assunto é dominado pelo conhecimento da especialidade de atividade, a forma é dominada pelo conhecimento do idioma. Senhor do assunto de um lado, e da correção da forma de outro, qualquer carta, comercial ou não, pode o indivíduo redigir, qualquer tema desenvolver.

É a gramática munição para o combate; quanto maior seu conhecimento, tanto mais provido o combatente para a luta. Tanto mais apercebido de apetrechos, tanto maior o preparo para o embate das armas. É a gramática que provê o perfeito terçar pela vitória; é ela quem fixa em moldes uniformes a expressão; é o seu conhecimento que dá lugar à elevação de estilo; jamais a gramática tolheu ao gênio a liberdade estética da linguagem. Enquanto o estilo é a maneira peculiar, individual de expressar cada escritor o seu pensamento, a gramática é o esqueleto, é o andaime em que ele se apóia.

O que não podemos é confundir gramática com literatura. Pode literatura indicar enumeração de escritores e de obras de um ou mais países, classificando-os de acordo com a época de sua vida, de acordo com as tendências da sua produção. Isso acaso é estudo lingüístico? Não é com estudar literatura portuguesa ou brasileira ou angolense que um indivíduo aprende a língua portuguesa; não é com saber onde nem com quem viveram os escritores de um país, nem que obras escreveram que se aprende a gramática do idioma desse país.

Tampouco é com estudar o conceito, as definições, a divisão, a classificação das composições literárias, a crítica e a análise dos gêneros literários, as figuras, a malícia, o desen-

volvimento da redação, que o estudante se assenhoreia dos segredos de um idioma.

A aluno de curso secundário perguntamos: "Que está ensinando seu professor de português?"

— "Está ensinando Castro Alves".

— "Antes disso que ensinou?"

— "Ensinou José de Alencar".

Ensinar literatura nunca foi ensinar idioma. Pode esse mesmo aluno saber muito bem quem foi Dostoiewski, quem foi Shakespeare, quais suas obras, quais as personagens, sem nunca ter aprendido uma palavra de russo ou de inglês. O estudo de literatura é histórico.

É ensinar o idioma dizer ao aluno de qual dos olhos Camões era cego? É ensinar português dizer que Machado de Assis iniciou a vida como tipógrafo, quais os seus amigos, onde nasceu, onde morreu?

Uma é gramática, outra é literatura. Diversas são as disciplinas e diversas devem ser as aulas, como diversos devem ser os textos e diversos os próprios professores. Um único indivíduo a lecionar gramática e literatura em faculdades é confessar que ele ou não é completo professor de literatura ou não é completo professor de gramática. Em aulas de gramática não cabem datas nem nomes de especificações históricas; nas de literatura não cabem regras de sintaxe nem normas de flexão. Nem ainda é aprender gramática estudar a bibliografia, ou seja, o conjunto de livros, a coleção de obras sobre um assunto qualquer, no sentido em que vemos em expressões como "literatura médica", "literatura policial", "literatura jurídica".

6. Para o verdadeiro professor de português, ou seja, para quem zela pelo idioma de sua terra é um escárnio constituir-se um exame vestibular de apenas dez por cento de assuntos realmente pertencentes ao idioma e versar o restante sobre história de sua formação, de figuras de retórica, assuntos estes que podem ser estudados em qualquer língua. Perguntas ocorrem em tais exames que jamais objetivam verificar a integridade de conhecimento do vernáculo.

Redige o poeta, redige o prosador. Quer épico, quer lírico, quer dramático, quer didático, quer histórico, quer oratório o escrito, está ele redigido num idioma, num idioma que tem suas normas por ser de um povo educado, num idioma que é ensinado por ser falado por gente de formação cívica, num idioma que é respeitado também quando meio de comunicação para crianças que desejamos ver amanhã cidadãos.

Quando se fala em Belo como expressão artística não se tem em mente o antônimo de Feio, senão a clara, harmônica e íntegra objetivação do que se pretende manifestar, pois também o Feio, o Feíssimo pode ser objeto de manifestação. Na redação concorrem para o cumprimento desses fatores do Belo as frases curtas, o emprego de palavras apropriadas, a simplicidade, ou seja, a fuga ao preciosismo; o emprego de palavras elevadas, ou melhor, fuga à trivialidade, pois há vocábulos e expressões que, embora tolerados na conversa, destoam num trabalho escrito; por fim, a evitação dos mesmos termos, dos mesmo torneios, para procurar, ao invés, o uso variado das figuras sintáticas, fatores todos esses sempre cercados das normas do idioma. De alimento para a nossa atividade literária deve servir-nos a literatura de escritores respeitadores de nossa gramática.

7. A explosiva multiplicação de subcultos e de intrusos de diferente cultura numa sociedade traz obviamente multiplicação de transformação e de decadência de linguagem. A título de exemplo, tome-se um jornal de hoje e compare-se com outro de algumas dezenas de anos atrás; é gritante a diferença de cuidado lingüístico nas notícias, nos comentários, nos anúncios.

Com a proliferação da subcultura, a queda de nível do ensino esboroa-se. "A universidade se populariza" significa "a qualidade cede lugar à quantidade".

De cambulhada, jornalistas, escritores, locutores e até professores do vernáculo desmoronam formas acuradas de

estilo, destroem construções, inventam palavras novas para substituir as esquecidas, agarram-se a barbarismos, elogiam o desprezo à correção da frase e à precisão de emprego dos vocábulos. Jornais e editoras transformam-se em bolsões de escritores. Intelectuais, artistas e consequentemente escritores e também professores cômicos da obrigação de velar pelo idioma passam pela ciranda do grupo empresarial; quem batalha pelo aprimoramento é considerado nocivo para o ambiente. O estilo deixa de ser individual para tornar-se obrigatoriamente grupal; deixa de ser livre para subordinar-se a chavões. O próprio vocabulário passa a ser medido em aparelhos eletrônicos de composição.

É sobejo dizer que a chave da preservação do vernáculo está na criança, que o jovem estudante merece o maior respeito de comunicação do adulto. "Deixó ver" — diz o menino. Que custa — perguntamos — a um pai ou a um amigo ensinar: "Deixe-me ver"?

"Mandei ele ir" — É obrigação de um mestre atalhar: "Mandei-o ir" é que se deve dizer. 'I told him to go' — não é assim que o seu professor de inglês ensinou a dizer? Se num idioma estrangeiro você constrói exatamente como o latim, donde também veio a nossa construção, por que você diz 'mandei ele ir'?"

É descoroçoador ver impressas em livro estas palavras de um professor do D. Pedro II do Rio: "A preposição 'em' com verbos de movimento concorda com o dinamismo da nossa época. O avião a jato acabou com as distâncias. Quem chega já se julga no lugar" — diz ele, como se regência dependesse de crença, de julgamento, como se argumentar a favor de erro lingüístico fosse defender politicamente malversação de correligionário. Nesse mesmo prefácio diz: "Ter por haver tem a consagração de um dos nossos maiores poetas" — e lá vem o nome de um derrotista da nossa gramática. Mais à frente, esta outra afirmação: "A concordância com o sujeito coletivo é uma silepse de caráter individual".

Para nós esse proceder revela preguiça de ensinar mais do que incompreensão do que seja língua culta. A professor que não entende o sentido de "Quem faz a língua é o povo", a professor que em aula declara: "O que importa é ser compreendido" — não deve causar estranheza a construção "Já te disse que você está errado", como estranheza já não lhe causam frases inteiramente falhas de tradição vocabular ou destituídas de possibilidade de análise, como "Não existe qualquer recurso" — "Temos que morrer" — "Devíamos desde já pensarmos". A esse professor de português deve ser correta a justificação do cantor sobre uma passagem de certa composição sua: "Eu lhe vi" é chamativo, 'eu o vi' não tem graça".

É a linguagem do desleixo cívico a impor-se livremente pelas ondas hertzianas, a ser propagada por falsos professores do vernáculo e sem nenhuma fiscalização nem de berço, nem de escola, nem de governo.

Não é de admirar essa confissão de inutilidade do seu magistério, da sua profissão, quando esse mesmo professor, que chegou a candidatar-se para uma cadeira da Academia Brasileira de Letras, havia já declarado: "Não sou professor de português mas de espanhol; se leciono português no Pedro II é por não ter sido posta em concurso a cátedra vacante; do português me sirvo só para conseguir dinheiro para ver as Pirâmides do Egito".

"Quem faz a língua é o povo" significa: A língua é feita por soldados que invadem territórios sem escolas.

Em países de escolas como a Inglaterra, a Alemanha, a França, a Itália e outros, cuida-se de conservar, não de deteriorar o vernáculo. Quem apregoa a inutilidade da gramática, baseado em "Quem faz a língua é o povo" é cooperador da barbarização massificante de nossa gente. "Uma raça cujo espírito não defende o seu idioma entrega a alma ao estrangeiro, antes de ser por ele absorvida" — é afirmação hoje tão desacreditada por certos professores quanto para eles é desacreditado o seu autor, Rui Barbosa.

8. Caros colegas, precisamos levar aos nossos discípulos a compreensão da crise de estudo da nossa gramática, para que eles possam ajudar-nos a discernir o precário do essencial.

Professor de vernáculo não é distribuidor de diplomas a Deus e a ventura. Oicamos Machado de Assis: "O escritor não está obrigado a receber e a dar curso a tudo o que o abuso, o capricho ou a moda inventam e fazem correr. Pelo contrário, ele exerce também uma grande influência a este respeito, depurando a linguagem do povo e aperfeiçoando-lhe a razão".

O desprezo da gramática já se verificava nos últimos anos do antigo curso ginásial, ou seja, do atual primeiro grau; agravou-se agora no segundo grau, transformando-se em norma no superior, cujos exames de ingresso eliminaram a demonstração de seu conhecimento com a abolição da prova de capacidade de redigir. Enquanto básico em todos os países de alto nível cultural, o vernáculo em nossa terra chega a perder o nome; já não se fala em "língua portuguesa", em "português"; até em documentos oficiais se encontra para designá-la a expressão "língua nacional", como se língua nacional não existisse em todos os países. Quem sempre prezou o título de "professor de português", deverá agora abandoná-lo e procurar novo diploma que o declare professor de "Comunicação e Expressão", ou professor de — esta designação passou a constar este ano de diários de classe de um colégio centenário de São Paulo — "Técnica e Metodologia de Redação". Num terceiro estabelecimento, o português é ensinado sob o pseudônimo de "Redação e Edição". O professor de inglês continua ensinando inglês, e ensina vocabulário e gramática; o de francês continua ensinando francês, e ensina vocabulário e gramática; o de português está proibido de assim especificar o idioma que leciona, e não lhe é permitido ensinar palavras novas nem gramática. Repugna a derrotistas de nosso civismo falar em "tradução portuguesa", e passam a dizer "versão brasileira", como se "tradução" fosse antônimo de "versão", como se "português" fosse negação de "brasilidade".

O desconhecimento do sentido de palavras técnicas de gramática é escandalosamente demonstrado no próprio decreto que há uns poucos anos alterou o uso de nossos diacriticos; aí encontramos: "...das palavras homógrafas de outras". Belo! Que entende o pseudo-reformador por palavra homógrafa? Existem palavras homógrafas de si mesmas? Nesse decretozinho de meia dúzia de linhas não está também a construção francesa "exceção feita"?

9. Ireis dispensar-nos de aqui discriminar gêneros de redação, de dar a diferença entre descrição, dissertação e narração, entre romance e novela, entre teatro e poesia. Permitti-nos ficar nos elementos fundamentais da redação.

Juntamente com a gramática, faz parte da contextura do primeiro pilar para redigir, o dicionário.

Infelizmente nossos estudantes, em maioria absoluta, nunca viram um Aulete, nem seu nome jamais ouviram; nunca folhearam um Laudelino Freire. Por completas, são obras caras, ao alcance de poucas bolsas; numa casa de ensino, porém, não podem faltar, e é obrigação do professor de português ordenar pesquisas de regência, de significado de preposições, de prefixos, de sufixos, de emprego de conjunções.

Não se limite o jovem a ir ao Aulete somente quando mandado pelo professor. Leia-o em horas vagas e observe o quanto sua redação irá melhorar. Por experiência, leia o que o Aulete apresenta da preposição DE e verifique o que aprendeu não só de expressões em que ela ocorre, mas de idéias, de conceitos, de formas de beleza, de pesquisa, de profundidade de observação. Ponha-se o jovem a escrever logo após uma hora de leitura do Aulete e note o quanto sua redação adquiriu de maior facilidade e de maior atração que a costumeira. O bom dicionário, que traz regência e a exemplifica com passagens de autores de alto coturno, impulsiona o escritor.

Tão falho de recurso de palavras é o nosso estudante de hoje que se chegou a pensar num vocabulário básico, num vocabulário de Mobaral para o segundo grau. Ex-diretor do Ensino, em São Paulo, autor de livros de português para o curso primário, teve-os impedidos de adoção no Rio Grande do Sul porque — dizia a crítica — trazia palavras que os alunos não conheciam.

Uma pergunta indiscreta nos ocorre: Conhecem todos os nossos alunos a ordem alfabética? Não será por não saber consultar nem sequer uma lista telefônica que um estudante se aborrece de ter de procurar palavras no dicionário? Uma trinta fichas, desordenadas, de nomes personativos completos, podem ser-lhe dadas para que as alfabeto, e o professor notará a necessidade de algo importante para ensinar-lhe.

O aluno é esforçado, é prendado para as letras? Não se esqueça o professor de recomendar-lhe também um dicionário analógico. Quem um dia for ao Rio de Janeiro deve chegar à Casa de Rui, hoje museu, e pedir que lhe mostrem as "Folhas Analógicas" do Conselheiro. Não havia ao seu tempo um Carlos Spitzer, precursor dos dicionários analógicos, não existia um Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, autor este que executou sozinho um dicionário que era obra de equipe. Rui, de toda a leitura que fazia, colhia vocábulos que agrupava em folhas de acordo com o assunto, como ESCRAVIDÃO, tema freqüente de seus escritos. Anotava-os a princípio em colunas, esprenha-os depois entre elas, enfiados às vezes, mais tarde nas margens; isso para que tivesse numa só página toda a riqueza de vocabulário do objeto da conferência, da crítica, da tese.

Outra vantagem do dicionário analógico está em apresentar os vocábulos em duas colunas por página; numa os substantivos, os adjetivos, os verbos, as locuções, os provérbios de sentido positivo concernentes à idéia; noutra, paralelamente, as mesmas classes de palavras de sentido negativo, antônimas, e o contraste é um dos segredos de redação.

Se a idéia exige palavras, expressões, provérbios, alusões mitológicas ou históricas para a completa exposição, esse mesmo conjunto de vocábulos presta-se para inspirar idéias. É o dicionário analógico fonte de inspiração, grande auxiliar de redação, de desenvolvimento de um tema, e o intelectual aproveita-se do que lê para ainda mais enriquecer o exemplar de sua biblioteca.

Lutam hoje nossos alunos com verdadeira hostilidade ao enriquecimento de vocabulário. Ao estudo de disciplinas não concernentes ao enriquecimento nem de idéias nem de educação de raciocínio acrescentou-se a eliminação do latim, que se prestava também para aumento de vocabulário. Um ministro de educação chegamos a ter que de tal forma estranhou encontrar o programa do curso ginasial com quatro aulas semanais de português na primeira série e três nas demais que cortou da primeira a aula que julgou excedente para substituí-la por aula de desenho.

São nossos alunos vítimas inocentes de determinações oficiais. Reformadores sem formação nem educacional nem didática alijam ou prejudicam disciplinas tradicionais para introduzir passatempos esportivos. Para descrédito da classe de professores de português, concursos se têm realizado em que as perguntas versam sobre tudo menos sobre gramática, e depois seus organizadores alardeiam que houve 99 por cento de reprováveis. A desonestidade de ensino vemos acrescentada a falsidade de seleção de professores do vernáculo.

Se uma das primeiras preocupações de Hitler ao tomar a Polônia foi impor aulas diárias de alemão com prejuízo das do vernáculo, em nossa terra vemos nossa gramática e nosso vocabulário desprezados não por ditador alienígena, mas por derrotistas indígenas.

A carência de vocábulos e a fuga do dicionário são os culpados de palavras da moda, como "inclusive", "conjuntura", "gabarito", "implantar", "inserido".

10. Quem não ouve não fala; quem não lê não escreve. Queremos redigir? Leiamos. Leiamos autores da altura que

desejamos galgar, já quanto ao gênero que pretendemos cultivar, já quanto à perfeição de forma, já quanto ao aprofundamento de idéias, já quanto à riqueza de argumentação, já quanto à abundância de descrições, já quanto à variedade de diálogos, já quanto à opulência de vocábulos.

É o autor pessoa de viagens e apraz-lhe descrever, mostrar ao leitor o que vê? Não poderá deixar de ler um Vitor Hugo, que nos Miseráveis tem um capítulo inteiro sobre os esgotos de Paris, um capítulo inteiro sobre uma carruagem. "Céus e Terras do Brasil", de Taunay, é outro trabalho; de muito poucas páginas, mas de veras valioso para quem deseja descobrir segredos de boa descrição, o caminho que percorrer para expor um fenômeno da natureza. "Lendas e Narrativas" de Alexandre Herculano é outro trabalho de leitura obrigatória para o gênero; de tal forma é completo esse romancista no descrever, que um pintor poderá de muitos dos capítulos dessa obra obter quadros completos no fundo e na moldura.

Uma consideração aqui se impõe. Quando o próprio amante da leitura tem seus momentos de cansaço e não se sente encorajado a apanhar um livro, que dizer dos que não recebem do professor nenhuma estimulação para a redação, para a crítica, para a formação do discurso, para a perfeição da oração, para a beleza do período? Muito provavelmente estimulação não incute o professor por falta de domínio do idioma. A autoridade do professor se manifesta e se impõe com a demonstração de conhecimento da matéria que leciona.

A didática, por outro lado, sugere a dosagem de aplicação ao estudo, a variação de temas, a alteração de realidades com ficções, com relatos, com conversas, com aneddotários, com passatempos. A perfeição de exposição do pensamento exige um entremeamento de assuntos pesados com leves. É a explicação de um Rui a ler novelas policiais antes de dormir, a de um professor de direito a ler a revista "Chácaras e Quintais" no intervalo das aulas — e chacareiro ele não era. Não devemos premir psicologicamente o aluno, mas devemos despertá-lo, sempre que possível, para a beleza da demonstração de conhecimento do vernáculo que um autor revela.

Que fim tiveram os florilégios? É prova por si bastante de impossibilidade de ensinar a redigir não adotar o professor nenhuma antologia, uma antologia de autores diversos no tempo e no espaço, no gênero e no estilo, e não de um restrito grupo de autores vivos que escrevem de encomenda para uma editora.

"Camões" — a afirmação é de uma participante de banca examinadora de concurso de ingresso ao magistério paulista — "não é autor que se dê para nossos alunos".

Não é difícil para essa professora votar igual desprezo a Rui, a Nabuco, a Euclides da Cunha, e é certo que ela o vota igual a um Alexandre Herculano, a um Castilho, a um Camilo. Multiplicam-se os subcultos na medida em que se multiplicam as faculdades, que perdem cada vez mais o caráterístico de formadoras de cidadãos, para adquirir o de fomentadoras de ilusões. O jovem deixa de preparar-se para a vida social e culturalmente bela, para capacitar-se exclusivamente a uma profissão de limites cada vez mais restritos.

Que é o vernáculo senão o reflexo da cultura de uma nação, de uma classe profissional, de uma categoria social? Com o esfrangalhamento dos cursos, esfrangalha-se o idioma de tal forma que a língua perde o interesse da generalidade estética para ser apenas compreendida, e tão somente, em qualquer nível profissional. Se antes se fazia distinção de conhecimento do vernáculo entre ginásio e faculdade, hoje essa distinção não se consegue entre portadores de diplomas de diferentes níveis de ensino.

A dissonância de conhecimentos do vernáculo entre um estudante inglês e um brasileiro não pode ser atribuída somente às distorções dos meios de informação; o estudante inglês tem tarefas diárias e diversas de que dar conta, e não é visto nas ruas; o nosso chega a ter vergonha de carregar

livros, não sabe manusear dicionário, e encontra na rua a principal escola.

Tem disso ele culpa? Carregar livros como, se o professor os não adota? Consultar dicionário de que forma, se ninguém o ensinou a manusear?

11. A televisão passou a substituir a leitura, e com essa substituição foi criado o fator máximo de dissonância linguística. A milhares de quilômetros de distância e a um só tempo, instantaneamente, o erro e a tolice propalam-se, introduzem-se nos lares e na própria imprensa. Com essa substituição, a obliteração do belo literário, o desprezo ao acuro de linguagem, a troca da tradição pelo vilipêndio, o esboroamento da educação. Com a televisão, nos moldes em que a vemos em nossa terra, a juventude passou a ser objeto de desconsideração, de desrespeito, e ela, ao ver que o comportamento social é desprezível e deve ceder ao econômico, jamais aceita que se deva prezar o comportamento gramatical do idioma da terra. Arte, estudo, leitura, educação, gramática são coisas de velhotes; o que deve prevalecer é a novidade, a aberração, a dissonância, a molecagem.

A excentricidade de programadores de televisão exerce-se no vestuário, não na introdução de anomalias idiomáticas, de desarranjos fraseológicos como — por exemplo — o de "neste domingo", em vez do sempre usado e totalmente claro "domingo", ou simplesmente "hoje", "amanhã". Exerça-se o personalismo por outros meios que não o de conspurcar o vernáculo. A linguagem se torna sarnenta quando a todo o instante castiga o ouvinte com a mesma invencionice.

Deixando de ler e de escrever, o estudante deixa de pensar, deixa de raciocinar, para ser tragado pelo visual, pelas imagens que o apassivam, que ele engole sem digerir.

Incomparavelmente mais do que a imprensa, atinge a comunicação televisonada a estrutura de uma nação, em profundidade e em velocidade. O comportamento de um indivíduo no vídeo, sua gesticulação, sua intonação de voz, seus modismos, suas frases calam no espectador. A sociedade toda, em todos os seus departamentos, é atingida brutalmente; e a linguagem, mais do que os gestos, atinge as vítimas desses obreiros da sociedade.

umas poucas dezenas de locutores, de dirigentes, de artistas de televisão poderiam expurgar o idioma de todas as mazelas e diminuir de muito o trabalho de corrigir do professor de português. Um centro nacional de orientação, de formação, de educação de tais obreiros torna-se cada vez mais necessário para a salvaguarda do idioma como instrumento eficaz de civilização de nossa gente, de nosso país. Para dirigir um automóvel exige-se carta de habilitação; para dirigir a sociedade nada é exigido. A aceleração com que o erro e o crime são hoje propagados seria a mesma da pureza e da beleza de expressão. Piadas, chistes, anexins, chocarrices, toda a manifestação de alegria e de inteligência cabe no idioma sem que ele seja deturpado, abalado no cerne de seus processos fundamentais de concordância, de regência, de flexão, de vocabulário. Homens e mulheres de conhecimento das normas fundamentais do vernáculo devem compor o quadro de manipuladores de microfones, homens e mulheres integrados na responsabilidade de não oferecer, de não destruir o elo que a todos nos une, em idade e em cultura: o vernáculo.

12. Julga o jovem estudante, a moça leitora, que o livro que tem à frente foi escrito de um fôlego, corrente calamo, corrente máquina? Engano, grave engano.

Vejam-se os rascunhos das teses de Rui Barbosa, de seus arrazoados, de seus discursos. Ele, que jamais escreveu a máquina um bilhete sequer, tem seus manuscritos amputados aqui, ampliados ali, corrigidos acolá. É da Arte Poética a advertência de Horácio, feita há dois mil anos: Quanto mais borrado um rascunho, tanto mais perfeita a obra.

De fato, a farinha, para dar bom pão, precisa dormir; dormir também deve o que escrevemos. Não se faz de um lançamento nem um capítulo de uma obra. O que redigimos me-

lhora debaixo do travesseiro; é preciso ser relido, e relido às vezes após repouso de dias, de meses; a natureza da obra, como a do confeito, é que determina o tempo de fermentação. Uma simples carta ganha em redação quando rascunhada e passada a limpo uma hora depois.

"Nosso idioma é difícil" — afirmam. Pergunto: Não será melhor dizer "Nosso idioma é desprezado"?

Qual o estágio, qual o curso mais importante para o seu aprendizado? A resposta, dada pela nossa experiência, é uma: o primário, ou seja, o de primeiro grau.

Nos países do hemisfério norte, a criança, desde os seis até os treze anos — não estamos considerando os anos de jardim de infância — chega à escola às 8 ou, conforme a estação, às 9 da manhã, para deixá-la às 3 ou às 4 da tarde. Sete horas por dia de prática do idioma durante oito anos.

O termos aqui na frente futuros educadores anima-nos a uma acusação de uma falsidade. Há coisa de uma década tivemos no estado de São Paulo um governador que alardeou, não muitos meses após a posse, que havia duplicado o número de vagas para o curso primário de todo o estado. A própria expressão "duplicar vagas" já não é muito clara; o que ele fez, mas não declarou, foi isto: reduziu de quatro para duas as horas de permanência de um aluno na escola primária.

Onde o tempo para ensinar nosso idioma, quando pelo menos 10 minutos dessas duas horas são perdidos com filas, chamadas, avisos, admoestações? Está nessa pobreza de horas de estudo do primário, nas "fichas de leitura", nos "combates" do secundário, na enganadora "linguística" do curso superior de letras a causa da falha didática da redação, como está na deficiência de remuneração do professor a causa das "cruzinhas", a origem das "alternativas".

13. Existe um pressuposto para a redação: experiência de vida.

Resume, engloba a expressão toda a gama de acontecimentos por que passa o indivíduo, o embate da variedade de fatos, favoráveis e desfavoráveis, que pode o escritor ter sofrido.

Se a própria leitura está resrita à idade, como dela libertar-se quem escreve? Se o Inferno de Dante não é obra para ser lida por jovem de vinte anos, como pretender escrever obra de igual vulto com essa idade? O poeta lírico já nasce poeta; está da idade quase liberto, e o lirismo é do moco, e mocos, muito mocos morreram grandes líricos; mas épico moco não pode existir por não saber interpretar nem relatar fatos que só experimentados adultos compreendem e sentem. Só de homem de muita experiência, e pois amadurecido de anos, podemos obter esta confissão:

No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!

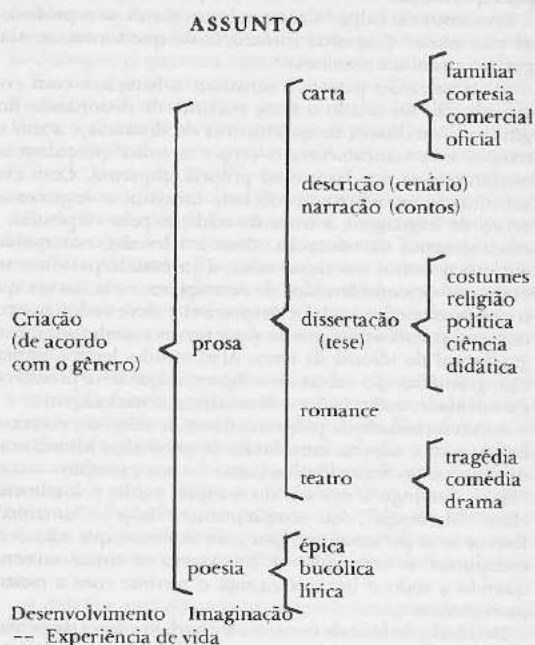
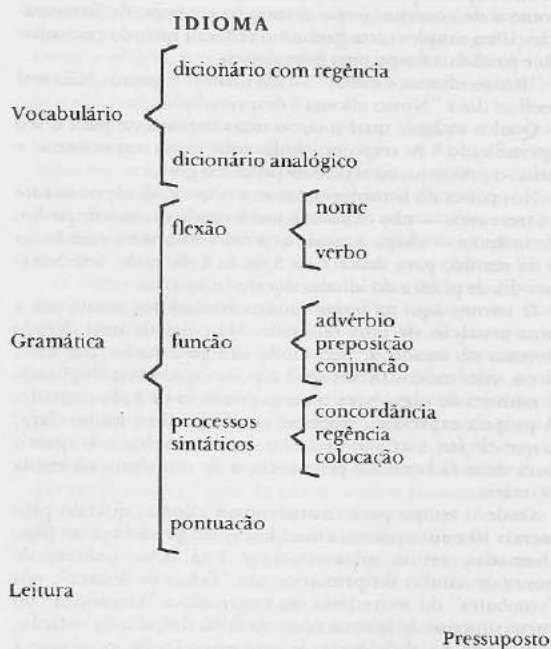
Tanto maior a experiência de vida, tanto maior a capacidade de integrar o tema escolhido; comparações, contrastes, símbolos, tudo à mente do escritor aflui, impulsionado, inspirado pela malícia que a vida lhe trouxe.

Anexa-se à experiência o ambiente de vida. "Não escrevo livro que fale de mar, maré, marisco; não tenho disso em meu estado" — disse-nos um amigo. Engloba sua confissão o quanto importa para o escritor o ambiente em que vive, considerado nos seus variados aspectos: geográfico, climático, moral, religioso, político, profissional.

14. Há diferença de trabalho entre o professor de idioma pátrio e o de desenho, de música, de matemática, de direito. Terminada a aula em classe, os professores destas e de quase todas as outras disciplinas saem da sala de aula sem mais preocupações.

Um pobre professor de português de decênios passados da escola saía sobraçando pilhas de cadernos de alunos de diversas classes; para ganhar o quê? Para ganhar um lugar num sanatório de tuberculosos indigentes de Campos do

REDAÇÃO



Jordão. Foi quando ele jurou, com apenas vinte e três anos de idade, nunca mais dar aulas de seu idioma em estabelecimento oficial ou oficializado de ensino. Fê-lo convencido da inutilidade de suas aulas sem a complementação de exercícios escritos, sem trabalhos de redação e, ao mesmo tempo, da impossibilidade de corrigi-los em horas noturnas e sem nenhuma paga. Foi quando esse professor preferiu recorrer, pela primeira vez no Brasil, ao sistema de aulas de português escritas, às quais os alunos deveriam obrigatoriamente demonstrar atenção também por escrito, lição por lição, mandando-lhe as respostas e os exercícios para a necessária correção e elucidação dos erros de sua redação.

O tema desta palestra exigiu essa pormenorização: não é possível desligar "redação" de "tempo de correção". Os professores de outras matérias devem concordar conosco, incluindo os de matemática. O professor de matemática diz em casa à esposa ou à filha: "Aqui estão as respostas dos problemas que preciso corrigir; ponha uma cruz nas respostas erradas e você mesma dê a nota de acordo com este total de respostas certas".

O professor de português terá ele mesmo de ver palavra por palavra, letra por letra, vírgula por vírgula, sem que esse trabalho lhe faculte ver sua mesa enriquecida de mais algum salgadinho ou de uma sobremesa. Resultado: Nenhum professor de português passa trabalho de redação.

Uma objeção, porém, pode surgir: Meu professor indica livros para ler e obriga-nos a fazer uma ficha de leitura.

Menino — respondemos — onde está a sua redação? Na ficha de leitura? Por mais sintetizada seja esta ficha de leitura, o seu professor não irá verificar seus erros de redação, corrigi-los, explicá-los.

Não há muito perguntamos a um pobre colega, recém-saído de seminário, que começara, havia dias, a dar aulas de português numa escola: Quanto lhe paga o colégio por aula?

— Vinte cruzeiros — foi a resposta.

— Tem você coragem de dar aula por vinte cruzeiros? Não é possível encontrar remuneração melhor?

E o colega respondeu: Qual! Você precisaria assistir a uma aula: não vale nem cinco.

15. Vivemos de empréstimos, e hoje tudo se empresta, tudo se aluga, e não só o dinheiro. Alugam-se vestidos de noiva, ternos, jóias; alugam-se bicicletas, carros, patins; alugam-se móveis, televisores, talheres. Os professores de português não formam exceção; também eles devem ser alugados, pois poucos, raros e pois caros são os que ensinam as normas do nosso falar. É mais compreensível um anúncio "Alugue um professor de Redação" do que aquele publicado no Wall Street Journal: "Rent a cow" ("Alugue uma vaca").

Cuidado tenha o professor em não subverter a importância de sua função com dar ênfase a particularidades vãs, com preocupar-se com cacófonos, com demonstrar especializações materiais como a de enfeitar as palavras com sinais diacríticos; professor de português não é insuflador de palavras nem revisor de provas tipográficas. Não é de pregador de botões que vamos atrás quando procuramos alfaiate.

O professor de vernáculo tem a obrigação de mostrar o acuro do passado e apontar o desprezo do presente com relação aos fundamentos do idioma. A gramática é estudo sério; só por quem ama o vernáculo pode ser ensinada. A obra literária é fruto de inteligência, de perspicácia, de força criadora, nunca manifestação de desprezo do idioma em que essa força é revelada. O leitor não deve ser um colecionador de fotografias descuidadas, mas um apreciador de fundos, de coloridos, de molduras, de contrastes, de formas que a gramática põe ao alcance do escritor. Por mais modesto ou útil ou mesmo tolo o assunto, mais atraente se torna quando exposto à luz de um estilo elevado e afinado com as cravilhas dos processos sintáticos.

Não pode o professor de vernáculo ser mero espectador da distorção da frase, da inconsciência, da necessidade de flexão. A força de ficção do autor expressa-se pela idéia exposta, nunca pela invenção de discordâncias, pela violação de colocações, pela aceitação passiva de barbarismos, pelo propositado desprezo de rudimentares normas do vernáculo. O estudante tem de ser convidado à perfeição, não relegado ao desmazelo.

Situações, personagens, diálogos, paisagens criam-se, não porém com desrespeito ao idioma. Os parágrafos da obra

literária são alicerçados por parágrafos da gramática da língua em que ela é criada; essa é a força construtiva do verdadeiro escritor, tanto de trabalho de ficção quanto de história, de ciência, de técnica, de indagação filosófica ou religiosa. A bons escritores deve o professor de português conduzir os alunos, não a transmissores de miasmas lingüísticos, de aberrações léxicas, de distorções sintáticas; desprezo deve ele inculcar nos alunos aos locutores, aos programadores, aos redatores criadores de expressões e de construções aberrativas da correta fala habitual.

História, ciência, técnica — toda a manifestação escrita da inteligência prende-se à forma, e a forma não pode revelar deficiência dessa mesma inteligência, nem muito menos desprezo ao instrumento com que é manifestada: o Vernáculo.

Em inculcar tal princípio, o desafio do verdadeiro professor de português. Ficção, criação não são sinônimos de deterioração. Política ou social, psicológica ou ética, realista ou imaginativa, religiosa ou materialista, a atividade literária não pode apresentar-se desconexa do burilamento da forma. A inexistência desta implica deficiência daquela.

Colegas, ensinemos nossos alunos a desprezar o que não é importante para a sua formação, inculcamos-lhes a simpatia ao que os distingue e dignifica, seja qual for a situação econômica do meio em que vivem, seja qual for o nível social da escola que frequentam. Evitemos que o nosso idioma se escoc pela mesma cloaca por que se esgotou o latim: o desleixo.

16. O tema desta palestra constringe-nos a uma apreciação sobre o procedimento da Academia Brasileira de Letras. Cenáculo de respeitáveis escritores, atribuiu-se, em 1943, a incumbência de instituir um processo ortográfico de nossas palavras. Para relator do formulário e do vocabulário aceitou-se o oferecimento de um professor desempregado que acabava de ser excluído da quarta escola em que lecionara português nos quatro últimos anos, duas de Curitiba, duas de São Paulo. Do trabalho pessoal, feito às escuras, sofreram consequências humilhantes, como sinais distintivos de homógrafos e sinais indicativos de acentuação secundária — abolidos somente vinte e oito anos depois — e outros com que até hoje carregamos.

Nova tempestade surge no horizonte. O que atemoriza não é a tempestade em si; é a sujeição a ela forçada por algum ato oficial. Então era a ortografia, depois a nomenclatura, agora é o ensino oficial, inspirado por uma triade de acadêmicos, da língua portuguesa, por ela chamada "língua nacional"; no dizer dessa triade, pretendem oficializar não a gramática, mas — para usar suas palavras — os diferentes registros do espaço, do tempo e dos estratos sociais — e fala em "associações morfológicas", "radicais", "afixais", "paronímicas", "homonímicas", "antonímicas", "polissemicas", "ortóepicas", "ortográficas", "ortofônicas".

Essa discriminação é desanimadora. Nada de flexão, nada de conjugação de verbos, nada de regência, nada de colocação; apenas fala a tróica em "grupos de questões sintáticas", expressão que nada diz em favor da gramática, e termina o documento comunicando a decisão de congregar estudiosos e de obter recursos para confiar a especialistas a tarefa de realizar, individual ou colegiadamente, tal objetivo. — A mesma patranha que precedeu a reforma ortográfica de 1943, a mesma falsidade que antecedeu a Nomenclatura Gramatical Brasileira, que ao ser publicada no Diário Oficial encontrou trabalho de um dos elementos que a sorrelha no-la impuseram já na terceira edição, com a descarada declaração de que já estava de acordo com a determinação oficial ainda por vir.

A conspurcação da nossa gramática não tarda, como conspurcado foi o tradicional Aulete com a apresentação de autoridades como Chacrinha para justificar um chulismo.

Querem acadêmicos conseguir recursos para realçar os fatos de nosso idioma? Querem livreiros propugnar pela cultura? Tentem recursos para a reedição de um Laudelino Freire, a mais meritória obra lexicográfica de autor brasilei-

ro, escoimada de jargões, de gírias de outras criações de vida efêmera.

Querem acadêmicos cooperar com o esforço dos que ensinam o idioma? Em vez de procurar verba para pagar a um deles ou a um grupete deles na elaboração de texto ou de dicionário, procurem conseguir meios de selecionar locutores e programadores de televisão, meios de evitar que um professor de Instrução Moral e Cívica diga no microfone "eu não me divórcio" — "enganjamento" — "emburacado", um processo de coar comunicados de grandes organizações ou de departamentos oficiais que distribuem cartazes aos milhares com redação acanhada como esta que vimos este ano espalhada aos quatro cantos do país pela Fazenda: "O imposto que a gente paga paga o progresso que a gente vê". É a oficialização da linguagem de rua.

17. Não é de admirar que nossas crianças cresçam hostis ao aprendizado da gramática; ainda que inconscientes, nossos estudantes alimentam hostilidade ao idioma bem falado; a gramática passa a fazer parte da poluição. O atrevimento chega a tal ponto que professor há que diz que o ensino da gramática traz separatismo de classe; é o nivelamento por baixo.

De um lado a Academia a prejudicar o ensino do vernáculo, de outro o oficialismo a não proteger seu ensino e a impedir que se aprendam línguas estrangeiras. É de pasmar a lógica do Conselho Federal de Educação: "Existe uma lei, de trinta anos, que proíbe o ensino de línguas estrangeiras nos quatro anos de curso primário; como, em virtude da decadência do nosso ensino, o curso primário passou a abarcar os quatro do ginásial, nós, que zelamos pelo progresso cultural do país, concluímos: nossos alunos só podem aprender língua estrangeira depois de quinze anos de idade".

A memória de nossos filhos — é a conclusão a que chegamos — deve, na idade mais propícia para aprender línguas, ser ocupada em decorar regras de jogos e nomes de jogadores.

18. E aqui resumimos, senhoras e senhores, o que entendemos por redação: **ESCREVER EM DETERMINADO IDIOMA SOBRE DETERMINADO ASSUNTO**. Enquanto a palavra **idioma** engloba vocabulário e gramática, a palavra **assunto** engloba criação e desenvolvimento. Ambos os pilares ligados por um pressuposto, **experiência de vida**, e alicerçados pela **leitura**.

19. Convençamo-nos, colegas: Privar hoje um menino de aprender a redigir é privar amanhã um cidadão de sua cultura. Não pactuemos com o Conselho Federal de Ensino no proibir aprender línguas estrangeiras, nem demos mãos a conselhos estaduais de ensino que não aprovam livros que apresentem vocábulos novos do vernáculo. Não nos mancomunemos com a falsidade de educação a alimentar a ignorância e o despeito de civilização.

Redarguir - V. *bulir*.

Redator-chefe - Assim se diz, e não "redator em chefe", construção esta francesa; erro equivalente seria dizer em nossa língua, já mesclada de tanta barbaridade, "capitão em mor".

Redimir - V. *remir*.

Reduzir - Reduz-se uma quantidade A outra menor: "As misérias, as doenças e a guerra reduzem a bem pequeno número essa multidão desordenada" — "Pretende-se reduzir A uma hora o percurso de São Paulo a Campinas".

Se a caminhada de duas horas foi reduzida a uma, DE quanto foi ela reduzida? "A caminhada foi reduzida DE uma hora" — assim é que se constrói, e jamais de forma equívoca e errada "foi reduzida em uma hora": "Além de reduzir DE 295 quilômetros o trajeto entre São Paulo e Cuiabá, a ponte popularizará ligação rodoviária mais curta entre as cidades paulistas e a região amazônica".

Não será demais dizer que com nenhum sentido o verbo *reduzir* se constrói com *em*.

Refêm - Sempre que precisar indicar a pessoa presa pelo inimigo como garantia das obrigações ou exigências deste, diga *refêm*, fazendo cair o acento na última sílaba. Por regra, o plural terá idêntico acento, *refêns*; Viterbo acusa no *Eticidário* outro plural, antiquado, *refenas*, com o acento também no segundo *e*.

A palavra em apreço nada tem que ver com *refe* — que se pronuncia *refê* — designativo de *espada*. Talvez pela semelhança de forma é que houve confusão no acento. *Refêm* tem origem e acento diferentes.

Referir - V. *aderir*.

Refletir - V. *aderir*.

Refolho - Quando substantivo, seu plural é *refolhos*, também com *o* fechado, tal qual se passa com o simples *folho*, cujo plural conserva fechado o *o*.

Refrega - É palavra paroxítona, isto é, tem acento na penúltima sílaba.

Regalo - No sentido de "prazer produzido pelo bom tratamento" tem por aumentativo *regalório*.

Regência verbal - Regência verbal é assunto de gramática que não comporta raciocínios; tais fatos são rígidos e exigem o estudo de verbo por verbo. A gramática oferece-lhe o problema, mostra-lhe o caminho, aponta-lhe as possíveis variantes e os necessários cuidados, mas em tese, sem nada concretizar; o bom dicionário é que irá mostrar-lhe a regência ou regências deste e daquele verbo, com este ou com aquele significado, nesta ou naquela situação.

Regência é ponto demasiadamente vasto de gramática, além de muito disperso e complexo. Regência existe de verbos, na parte elementar e fundamental (divisão dos verbos quanto à predicação), na parte específica (aqui o assunto comporta dicionário, o que já existe), de substantivos, de adjetivos, de preposições.

Quem não souber distinguir objeto direto de objeto indireto, a forma pronominal oblíqua "o" da forma "lhe", função acusativa de função dativa, jamais poderá redigir em português seguro nem estudar com real compreensão línguas estrangeiras, principalmente as sintéticas.

Em notícia de Washington publicada em jornal nosso encontramos esta redação: "Ronald Reagan declarou ontem que o novo acordo entre os Estados Unidos e a URSS para a limitação de experiências nucleares apresenta muitas omissões DE QUE os soviéticos poderão aproveitar-se DELAS".

Ainda que a construção portuguesa fosse do candidato do partido à indicação para a presidência da América não iríamos perdoar ao jornalista sua transcrição com o erro que aí se encontra. Regência, colocação e concordância são processos sintáticos que em qualquer língua são estudados à luz de uma gramática, e não em obras literárias nem em antologias. De escolas em que os alunos diariamente comparecem sem jamais consigo levar uma gramática não é de admirar saíam dessa forma despreparados para a vida jornalística. A menos que essa vida esteja desligada em sua terra da língua que aí se fala, deve um repórter criar brios e disciplinar-se da deficiência de educação da faculdade por que a sua escolha se diplomou.

Quem aprende a falar certo não precisa pensar para evitar dizer "já te falei que você não manjou o que ele falou". O secretário de jornal que afirma "Jornal não é tratado de português" deverá sentir-se bem quando daqui a não muito distantes dias ouvir de um filho "nóis falêmo". Corrigir o filho e indispor-se com a cozinheira para quê? Como as cozinheiras, filhos e redatores devem falar com... naturalidade.

Quem se aproveita aproveita-se "DE algo", mas o regime já ficou expresso no início da subordinada "DE QUE os soviéticos poderão aproveitar-se". Pretexto nenhum aí existe para a repetição do complemento verbal; o DELAS com que redator e revisor deixaram finalizar o período tem a mesma justificação do linguajar da cozinheira: mera infelicidade de ignorância. Se ignoti nulla cupido, a quem jamais aprendeu não ocorre a menor desconfiança de erro.

Lendo substancioso livro sobre os índios bororós ("Os

bororós orientais" — Padre Antônio Colbacchini), fica-se sabendo que na língua desses índios "os verbos que indicam movimento regem acusativo". Esta e muitas outras expressões desse livro, redigido por erudito missionário, são compreensíveis tão só por quem conhece regência no aspecto geral, fundamental. Após esse conhecimento geral é que o estudioso poderá palmilhar a gramática portuguesa e compreender as leis de idiomas estrangeiros.

Regicida, regicídio - V. *maritcada*.

Regime - V. *tentame*.

Regime comum - Duas ou mais palavras podem ter um mesmo complemento, com tal que essas palavras tenham a mesma regência: "A obediência e o amor à pátria" ("obediência" e "amor" têm a mesma regência; ambas exigem a preposição "a"; podem, pois, ter por complemento a mesma palavra). Não seria correto dizer: "O conhecimento e o amor à pátria" — porque "conhecimento" e "amor" exigem preposições diferentes (conhecimento *de* alguma coisa, amor *a* alguma coisa); o correto é: "O conhecimento *da* pátria e o amor *a* ela". Outros exemplos: "Conheço *este* livro e gosto *dele*" (e não: "Conheço e gosto *deste* livro") — "No espaço de meia hora comprei *um* livro e *dele* me desfiz (e não: "... comprei e me desfiz de um livro)".

Sabe já o leitor que não se deve dizer: "Conheço *este* livro e gosto *do mesmo*"; *mesmo* — ficou dito nesse verbete — não se presta para substituir *ele*.

Em corroboração do assunto vejamos este exemplo latino: "Praesidium in vestibulo relictum est ne quis adire curiam neve inde egredi posset". *Curiam*, objeto direto de *adire*, vem substituído por advérbio de lugar donde (*inde*) para completar o verbo *egredior*, que tem outra regência; a tradução será: "A guaranição foi deixada no vestibulo para que ninguém pudesse entrar no senado nem daí sair", e não "...para que ninguém pudesse entrar e sair do senado", uma vez que *entrar* tem uma regência (*entrar em*) e *sair* outra (*sair de*).

Estamos agora diante de uma construção de jornal jamais notada em nossos anos de vida profissional: "Vieram depois anos sáfaros, iguais ou até piores a estes".

Diz-se "igual a", mas não se diz "pior a". Há na redação erro evidente de regência, constituído em dar a uma palavra regime que a ela não corresponde, senão à palavra anteriormente citada; se o regime de um adjetivo se inicia por *a* (igual *a*) e o de outro por *de* (pior *de*), não podem as palavras *igual* e *pior* trazer dessa maneira fundidos seus respectivos complementos. Impõe-se redigir de maneira diferente: "iguais a estes ou até piores".

Regimental - *Al* é o nosso sufixo, que pode formar adjetivos que indiquem relação: *braçal, filial, legal, penal, normal, gramatical*.

Ar é o mesmo sufixo *al*, cujo *l* pode passar a *r* (fenômeno chamado *dissimilação*) quando acrescido a palavra que já tenha *l*: *angular, armilar, axilar, bacilar, capilar, circular, consular, elemental, escolar, globular, insular, jugular, lunar, medular, militar, popular, palmar, solar, vulgar*.

Existe *l* em *regimento*? Não. Por que então a forma *regimentar*? Por influência do verbo? Por influência de *regulamentar*? Mas aqui existe um *l*. Para criar distinções de significado? Não vemos nisso nem fundamento nem coerência. Considere-se, além do mais, que até em certos nomes em que existe *l* temos o sufixo *al* (*celestial, claustral, colateral, glacial, lingual, teologal*); por que, pois, não aceitarmos *regimental* para qualquer necessidade? V. *familiar*.

Registro, registrar - É mais comum - se não geral — no Brasil a grafia com *tr*. Palavras há, provenientes do latim por via popular, que perderam o *r* do grupo *tr* (*raio, vasto, madrastra*), mas entre nós perduram as formas *registro, registrar, registrável, registrador*.

Registros públicos e publicidade - É de 1973 (Diário do Congresso Nacional de 18 de outubro), de autoria do Sr. Alcyr Pimenta, o projeto de lei 1593, que dispõe a grafia das palavras nos registros públicos e na publicidade:

Art. 1 — Os escritórios dos registros públicos... e qualquer repartição pública federal, estadual, do Distrito Federal, de Territórios e dos Municípios não registrarão nem arquivarão nomes, documentos ou contratos que contenham palavras ou siglas, cuja grafia infrinja a Convenção Ortográfica entre o Brasil e Portugal, aprovada pelo Decreto Legislativo nº 9, de 1957 — que aprovou a Convenção Ortográfica de 29 de dezembro de 1943 — com as alterações constantes do parecer conjunto da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa (Lei 5765, de 18-12-1971).

Art. 2 — É vedada a propaganda, ou a publicidade, que utilize palavras com grafia diversa da referida no art. 1.

Art. 3 — Toda a propaganda comercial, falada ou escrita, em todo o território nacional, deverá ser examinada no tocante à gramática pelos órgãos de sua divulgação, a eles cabendo escrivá-la de qualquer imperfeição vernacular.

Art. 4 — A infração do disposto nesta lei será punida com multa de...

Parágrafo único — Nas mesmas penas incorrerão as pessoas jurídicas ou as naturais que violarem as determinações dos artigos anteriores.

Art. 5 — É concedido às pessoas jurídicas ou naturais que estiverem usando nomes, palavras ou siglas com grafia diversa da estabelecida pela Convenção Ortográfica entre o Brasil e Portugal, com as alterações constantes da Lei 5765 de 1971, o prazo de seis meses para a competente retificação.

Art. 6 — Esta lei entrará em vigor...

A seguir vem a Justificação do Projeto, a qual se baseia no art. 180 da Constituição Federal: "o amparo à cultura é dever do Estado". Mencionando os principais monumentos literários do mundo, desde as obras de Aristóteles e de Platão, lembra o autor do projeto as epopéias de projeção mundial, até o nosso Camões, para a seguir afirmar: Esses autores e essas obras, entre outros, abrigam a essência do pensamento humano e compõem o substrato sobre que se assentam, através dos séculos, as obras primas da literatura contemporânea, que nele foram buscar inspiração ou, pelo menos, sustentação verbal para a sua expressão.

E o Autor continua: Em verdade, o idioma espelha o padrão cultural do povo que, através dele, se expressa: seus costumes, suas aspirações, suas lutas, suas crenças, tudo enfim em que se baseia a sua própria existência.

Constituindo-se, portanto, em riquíssimo patrimônio que é mister preservar e enriquecer, cumpre defendê-lo e resguardá-lo, não lhe permitindo senão aquelas alterações que o ajustem às exigências do mundo hodierno, o que não significa devermos inserir-lhe, ou aceitar que se lhe introduzam, apêndices desnecessários, que mais satisfazem à ânsia insopitável de originalidade do que a real necessidade.

Quando um doente mental desferiu marteladas contra a Pietá de Michelangelo na Basílica de São Pedro em Roma, ofendeu esse gesto a sensibilidade artística de toda a humanidade. Crime contra a cultura universal, sua prática transcende os limites de um simples atentado, para figurar entre os que mais conspurcam e enodoam a nossa origem divina.

Se assim o é em relação à escultura, não menos válida se torna a assertiva no que tange ao idioma, cuja pureza e cuja estrutura fundamental temos o dever moral de proteger, garantindo a inviolabilidade das leis essenciais que regem a arte de bem falar ou escrever, sob pena de conestação com um delito contra o patrimônio cultural da Nação, a cuja dilapidação não podemos assistir sem revolta.

Seja por desconhecimento da língua, seja por amor à originalidade, o fato é que se está tornando cada vez mais freqüente o uso de grafias que contrariam frontalmente rígidos princípios gramaticais, quer na grafia de nomes próprios ou comuns, quer na formação de siglas e de nomes de casas comerciais ou instituições de qualquer natureza.

Uma página inteira do Diário do Congresso se segue, repleta de justificações de sua proposição, mas antes de enumerá-las o Autor assevera:

"Haja vista, por exemplo, o que acontece em plena Ca-

pital, onde já se tornou hábito nomear casas comerciais grafando-se os nomes de forma contrária ao que prescreve a forma gramatical, tal é o caso de Kazebre, Kareka, o que não se explica senão pelo mau vezo de atrair atenção do possível freguês ou cliente por meio de um expediente tão pouco educativo, que vai de encontro ao esforço indormido de milhares de professores para orientar proficientemente, na sala de aula ou por correspondência, o estudo do vernáculo, tornando-se, presentemente, quase inócuo esse laudável objetivo, tão deturpada anda por este país a língua em que o poeta cantou, com inexcusável mestria, a epopéia de Vasco da Gama."

A transcrição quase inteira da proposição do Sr. Alcyr Pimenta fizemo-la no intento de mostrar que ainda existe o brilo de querer ver o idioma reavivado em sua pureza.

Regular — Em português diz-se "regular por": regulou o relógio pelo rádio, regulam o desejo pelo juízo, regulamo-nos pelo procedimento de nossos pais.

Reinos, divisões, classes... — O assunto, conquanto fuja destas *Questões* no tocante à biologia, traz-lhes certo interesse diante da freqüência com que nos assaltam dúvidas sobre a distinção entre as palavras da taxonomia animal.

Reinos — Os seres distribuem-se em: animais, vegetais...

Divisões — Os animais distribuem-se em: vertebrados...

Classes — Os vertebrados distribuem-se em: mamíferos, aves...

Ordens — Os mamíferos distribuem-se em: quadrúpedes, cetáceos...

Famílias — Os cetáceos distribuem-se em: aquáticos, aéreos...

Gênero — Os aquáticos distribuem-se em: mistécetos, odontocetos...

Espécie — O golfinho, a beluga, a marsopa são espécies de odontocetos.

Reitor — Feminino: *reitora*. A forma de tratamento é *magnífico reitor* (sem.: *magnífica reitora*). V. *vereador*.

Reivindicar — É palavra composta que nem sempre se vê corretamente escrita; *rei*, genitivo latino da quinta declinação, tem *i* (*da coisa*) e não se faz seguir de *n*.

"Relações públicas", relacionista — A reincidência no erro desvirtua a verdade, abala a tradição, modifica usos e costumes. Esse desastroso efeito opera-se também com coisas materiais, com os nossos sentidos, que transformam a cacofonia em eufonia, o destom em harmonia, o feio em belo. Limitando-nos ao nosso assunto, podemos seguramente afirmar ser difícil corrigir certos acentos, certas discordâncias, certas flexões, certas inovações tal a velocidade com que o erro se espalha, tal a intensidade com que ele se introduz; os atuais meios de comunicação em frações de tempo tornam públicos comportamentos outrora privados ou inexistentes, e isso veio a acontecer com o "relações públicas", estranha designação do encarregado de promover o contato, de provocar a aproximação entre a empresa para a qual trabalha e os prováveis compradores do que ela fabrica, de acalantar interesse onde havia desprezo, de introduzir uma idéia onde havia desconhecimento.

O objetivo da empresa é com essa nova relação empregatícia alcançado, não porém o da língua pátria, que se vê violentada por insinuante idioma que encontra toda a facilidade e apassivamento para as suas incursões de conquista. E aqui temos entre nós o "relações públicas", muito bem apessoado na terra de que veio (Public Relations Officer: "The P.R.O. of that firm"), terra plena de encantos próprios, mas de fisionomia horrífica para nós que jamais vimos indivíduos assim chamados por nomes compostos de substantivos e adjetivos plurais: "No fim da semana, Joaquim de Oliveira, hoje *relações públicas* da Sociedade Amigos do Jardim Lajeado, foi até sua construção..." — "...esquecidos pelos *relações públicas* do DNER".

Não pertencente ao nosso meio, esse intrometido tem uma só fisionomia, quer homem, quer mulher, quer singular, quer plural: "Ele é o relações públicas da firma" — "Ela é a

relações públicas da empresa" — "Eles são *bons* relações públicas" — "Elas são *boas* relações públicas". Em "ele é um prega-pecas", "ela é uma diz-mentiras", "um carro papaléguas", "um bom guarda-livros" temos, formados de verbo e substantivo plural, compostos que nenhum de nós estranha desde o primeiro aparecimento, mas... que fazer com o "relações públicas", de forma estranha à daqueles?

Normalmente, um cognato do nome seria a forma mais adequada; se se trata de relações, *relacionista* seria o agente, a exemplo de *propagandista*, *relacionar* o verbo, *relacionamento* o ato. Acaso nossos dicionários não trazem *relacionar-se* com o sentido de "adquirir relações", "travar conhecimento", "conseguir amizade"? "A residência no paco da Ribeira facilitou ao moço da capela *relacionar-se* com fidalgos". Teríamos: "Do Sr. João Madeira, *relacionista* do Departamento de Polícia Federal, de Brasília, recebemos carta" — "...esquecidos pelos relacionistas do DNER" — "Precisa-se de moça *relacionista*" — "Ele é o melhor *relacionista* da firma" — "É a mais *relacionada* firma do gênero". — "Precisamos fomentar o *relacionamento* da firma".

E *relacionador* não seria igualmente aceito?

"Relações públicas" é que não deve continuar. À pergunta "Qual é a sua profissão?" responderia alguém: "Eu sou relações públicas". Quem não percebe que há algo errado nisso? E como nos arranjariamos em casos de especialização? Diríamos "ele é relações industriais", "ele é o relações aviatórias", "ele é um bom relações clericais"?

Temos ainda em nossos dicionários *contato* com a significação de "pessoa encarregada, nas agências de publicidade, de manter *contato* com os anunciantes, orientando-os, apresentando sugestões". A significação é restrita, é verdadeira, mas pode muito bem ser generalizada, principalmente se se considere o uso ainda limitado e consignado num único dicionário. Querem conservar a palavra com sentido especial? Passem a usar *contatador*, com feminino e plural normais, e o verbo será, sem violência nem novidade, *contatar*.

Uma seção, um livro poderia chamar-se "de relações públicas", com a preposição *de*: "Fui reprovado na cadeira de relações públicas" — "Pretendo ser chefe da seção de relações públicas". Dizemos "seção de artes plásticas", mas não incorremos num grotesco "ele é um bom artes plásticas". O que aberrava do idioma é chamar "relações públicas" o profissional. Num grande escritório de advocacia em que houvesse uma seção que cuidasse especialmente de *terras devolutas* encontraríamos uma seção de terras devolutas, como poderíamos encontrar numa grande casa comercial a seção de vendas avulsas, num escritório de contabilidade a parte encarregada de contas correntes, mas vai distância entre assim proceder e afirmar: "Falei com o vendas avulsas" — "Não paguei hoje ao meu contas correntes" — "De-sejo falar com o terras devolutas" — "Hoje não passou o verduras frescas" — "O bebidas alcoólicas deixou o emprego".

A ver filmes com tais ofensas ao vernáculo seria preferível a eles assistir na pureza, na beleza, na coerência do idioma original.

Relâmpago, Relampaguear - No fato mesmo de ser nosso idioma a última flor do Lácio está a explicação de apresentar seu vocabulário abundância de formas divergentes; quando não de deterioração, variedade é índice de vida, e os cruzamentos geram variedades. Se o próprio substantivo se apresenta de maneira diversa — *relâmpago, relâmpado* (forma usada por Camões — V, 16; VI, 84), *relampo* — que admiração poderá causar-nos ter o verbo diversas formas? Os dicionários aí estão a oferecer-nos *relampadejar, relampaguear, relampar, relampear, relampejar*, formas divergentes umas, cognatas outras, que podem indiferentemente ser usadas. Diga-se o mesmo quanto aos adjetivos *relampagueante, relampeante, relampejante*.

Relaxar - Isto nunca foi português: "Você tem trabalhado demais; procure relaxar". Isso é inglês, onde "relax" tem também o significado de *descansar*; o nosso *relaxar*, porém,

não se presta para essa significação, pois implica idéia de abandono, de afrouxamento, e não de simples descanso, de mero repouso. Não perderá tempo o escritor que ler num bom dicionário todos os sentidos de *relaxar*; o lucro será dele e dos que o lêem. Todos, eles e nós, continuaremos a ler: "Você tem trabalhado demais; procure *descansar*".

"Release" - Por que não adotarmos *liberado* para evitar mais um barbarismo? A palavra, como substantivo, encontra-se já em nosso Código de Processo Penal, com sentido restrito à penalística, mas *liberar* é empregável em outros casos, como neste de "ação de deixar livre para publicação, circulação ou realização, um discurso, um documento, uma representação". Se um dos sinônimos do verbo inglês "release" é "liberate", por que não sacudirmos dos ombros essa passiva e humilhante sujeição a formas bárbaras, sem nenhuma parecnça com o que temos? "A Assessoria de Imprensa do Governo divulgou, por meio de *liberados*, os decretos assinados no sábado pelo governador" — que de estranho, que de incompreensível, que de inaceitável há na palavra? Se "liberação" é "ação de liberar", por que não substantivarmos *liberado* para o que lhe constitui objeto? Se *comunicado* não se presta para distinguir o *liberado*, que se use este vocábulo, não o de que se servem outros idiomas, com grafia e prosódia inaceitáveis.

Religioso - *Coletivo* (quanto ao lugar de vida em comum): convento. Tratando-se de pessoas unidas por votos religiosos: comunidade, confraria, congregação, irmandade, ordem.

Relógio - *Barulho*: badalar, martelar, tic-tac, tiquetaquear (*horas*: dar, bater, soar).

"Remarcável" - Constitui afronta ao nosso idioma o uso desta palavra, correspondente ao francês "remarquable", ao inglês "remarkable"; com esse significado temos diversas outras, entre as quais *notável, singular, assinalado, eminente, conspícuo, estreado*.

Remediar - Conjugue-se *reme-di-o, reme-di-as, reme-di-a... reme-di-am*, com a mesma naturalidade com que se conjuga *repu-di-o, repu-di-as, repu-di-a... repu-di-am*. Se o substantivo é proparoxítono (*repúdio, prefácio, contágio, assédio, remédio...*), o verbo tem o acento deslocado para o *i*: *repúdio, prefácio, contágio, assédio, remédio*: "As reformas constitucionais ordinariamente nada *remediam*, nada produzem e a nada levam". § 461.

Remerrear - Verbo consignado em dicionário e usado por bons conhecedores do idioma como sinônimo de *retribuir mercê, agradecer*.

Remição, Remissão - Se em espanhol existe *redimir*, em italiano *redimere*, em francês *rédimere*, em inglês *redeem*, formas correspondentes ao latim *redimere*, em português existem duas formas, *redimir* e *remir*. Do supino *redemptum, redimir* deu-nos *redenção*, mediante o sufixo *ção*, a forma sincopada *remir* deu-nos o substantivo posverbal *remição*. Ambas as formas, *redenção* e *remição* (com *i*), prendem-se ao sentido de *resgate* em virtude da significação do verbo latino de que são originárias.

Mediante pagamento, resgata-se, liberta-se, ou seja, resganha-se um prisioneiro, um escravo; na redenção existe o resgate, ou seja, o preço, a soma dada para a libertação, para a alforria: *remição* dos cativos. Se com seu sangue Jesus resgatou, libertou o homem, ele operou a redenção, a REMIÇÃO da humanidade.

Outra é a palavra *remissão*, com dois *ss*, pois outro é o verbo latino de que se origina: *remittere*. Também este verbo nos deu duas formas: *remeter* e *remittir*, e ambos têm para a indicação de ato, o substantivo *remissão*. *Remissão*, de *remeter*, tem sentido de todos conhecido: um índice é remissivo quando contém *remissões* para outros verbetes, e *remissão* se faz de tudo o que pode ser transferido de lugar.

Remissão, de *remittir* — e aqui vem a delicadeza e importância da distinção — é o ato de considerar perdoada uma coisa, de dar-lhe perdão ("Desse crime, só o Congresso podia *remittir* ou comutar a pena"); *remissão* é agora sinônimo

de afrouxamento, e passaremos por isso a escrever com dois *ss*: *remissão* dos pecados. Enquanto uma falta, uma pena, um pecado é remiúdo (*remissão* da falta), o faltoso, o pecador é redimido (*remição* do pecador).

Redime-se, resgata-se uma pessoa, há redenção dela: Houve *remição* do filho do magnata. Remite-se uma falta, há dela *remissão*: Houve *remissão* do crime. Se o homem encontrou em Cristo *remição* para si, o homem em Cristo encontrou *remissão* para os pecados.

Decorrentes do sentido etimológico, outras acepções tem o verbo *remir* e, conseqüentemente, também *remição*, mas a dúvida mais freqüente pensamos ter eliminado, dúvida que os dicionários ou não dissipam ou nem sequer ocasionam, pois os há chamados "etimológicos" que ou não dão as duas palavras ou nem ao menos uma delas.

Em resumo: Com a *remissão* do pecado (ele remitiu o pecado), Cristo operou a *remição* do pecador (ele remiu, redimiu).

Mas o assunto não está terminado. Laudelino Freire, autor respeitável por muitos títulos, dá "carta de *remissão*"; Aulete, merecedor de igual respeito, dá "carta de *remição*". A definição de ambos é a mesma: "diploma de foros remiídos" — mas Aulete fá-la seguir da indicação, entre parênteses (*remir*).

Vasco Botelho de Amaral, outro reputado perquiridor do idioma, foge da palavra em seu "Grande Dicionário de Dificuldades e Subtilezas do Idioma Português". Também da dificuldade foge o Melhoramentos ao dar em *carta* as várias espécies dela existentes menos a que agora nos interessa.

Esperando ter sido claro na explicação acima oferecida, cremos que o leitor conosco concordará em declararmos que as duas formas têm sua justificação. Quando se trata de documento que acompanhava o resgate do escravo, a forma com *ç* se impõe; não se trata de documento que perdoa falta, senão de um que resgata indivíduo. Se no sacrifício cruento de Cristo o homem teve selada sua *remição*, a *remição* do escravo está selada na carta que a documenta. Mas se carta for expedida para conceder a um criminoso a diminuição ou perdão da pena, será "carta de *remissão*": O acusado obteve carta de *remissão* (não se trata agora de resgate, mas de perdão).

E se a carta for a que o juiz envia a outro com os autos ou para os pedir? Deve ser agora "carta *remissória*", expressão já consagrada e, dada a clara relação com *remeter*, em dicionários encontrável sem discrepância.

Prende-se ainda à grafia com dois *ss* a palavra da expressão "sem *remissão*" quando está aí por perdão, por afrouxamento de uma coisa: "Ou casa a meu gosto, ou freira sem *remissão* nem demora" (sem perdão nem demora) — "Fazer pagar sem *remissão*".

Quando equivaler a "sem resgate", "irremediavelmente", a expressão trará a palavra com *ç*, pois estará a referir-se a pessoa: "Crê somente nas ficções dos espíritos falazes e és meu sem *remição* (irremediavelmente).

Remir - Enquanto *redimir* é verbo regular, sua forma sincopada *remir* é defectiva; só se conjuga nas formas em cuja desinência existe *i*: *remimos*, *remis*; *remia*...; *remirei*...; *remisse*...; *remido*.

Remos - *Coletivo* (conjunto de mastros, vergas, croques, remos, ancorotes etc. de embarcação pequena): palatuenta.

Remotividade - *V. desutilidade*.

Rendibilidade - Assim como uma empresa ou um empreendimento pode ser lucrativo e, pois, ter sua lucratividade, o que produz renda é rendoso, é *rendível*, ou seja, tem sua *rendibilidade*, isto é, capacidade, possibilidade de produzir rendimento, lucro.

Não há justificativa etimológica para *t* em lugar de *d* no neologismo — a palavra *renda* não tem *t* nem no étimo — como justificativa não há para *a* na segunda sílaba: uma cultura pode ser altamente *rendosa* (e não *rendável* nem *rendável*). Por que desprezar o nosso *rendoso* para substituí-lo

por forma injustificável? "O esquema proposto é altamente *rendoso* dada a possibilidade de venda no exterior".

Temos ainda *lucratividade*: "...e com isto alcançar maior *lucratividade* pela mobilização total dos fatores de produção".

Temos *vendável* de *vender*, mas não há conhecedor do idioma que não saiba que essa palavra é mal derivada. *Ável* é sufixo para verbos em *ar* (*amável*, *louvável*...); para verbos em *er* e *ir* o sufixo é *ível*: de *sofrer*, *sofrível*; de *crer*, *crível*; de *comer*, *comível*; de *caber*, *cabível*; de *beber*, *bebível*; de *tanger*, *tangível*, e assim *aplaudível* de *aplaudir*, *medível*, de *medir*, *submergível* de *submergir*, *desprezível* (e não "desprezável") do arcaico *desprezer*. Vejamos exemplos mais próximos do nosso caso, de verbos terminados em *nder*: de *atender*, *atendível*; de *acender*, *acendível*; de *ofender*, *ofensível*; de *prender*, *prendível*.

De *RENDER*, portanto, só pode ser *RENDÍVEL*, como de *vender* deveria ter vindo *vendível* (e *vendibil* está nos *Lusíadas* — VIII, 92), forma registrada no Moraes: para permitir locações mais *rendíveis*.

Rendável existe, mas é do verbo *rendar*, e não do verbo *render*; *rendar* é o mesmo que *arrendar* (dar de renda ou tomar de renda uma porção de terra, um prédio).

Uma vez que desejamos criar a palavra — O Teschauer já a registra, com *d*, de uma publicação de 1913 — façamo-lo como se deve, de acordo com o normal procedimento do idioma: *RENDIBILIDADE*: "As caixas econômicas oferecem *rendibilidade* maior" — "Cinquenta empresários norte-americanos expressaram preocupação a propósito da *rendibilidade* dos investimentos no Brasil".

"**Renê**" - Nem *Renê* nem *René*; em português é *Renato*.

Renhir - *V. abolir*.

"**Renomado**" - Que necessidade tem o nosso idioma deste adjetivo? Não temos *famoso*, *celebre*, *afamado* e outros? Além do mais, já não temos o verbo *renomear* também com a significação de "dar renome"? É seu participio *renomeado*, com a precisa significação do galicismo.

Renovo (*ô*) - No plural o substantivo tem o "o" aberto e, além de gomos, vergõteas, rebentos, significa também produtos agrícolas e gados.

Renque - Os dois dicionários oficiais, o português e o brasileiro, dão a palavra com o emprego indiferente de gênero, procedimento que é seguido por todos os nossos bons dicionários e nada tem que ver com o significado; masculina ou feminina pode ser a palavra, quer no sentido de fila de coisas ou de pessoas (*renque* de árvores, *renque* de jogadores), quer no de série ou grupo de pessoas de uma classe social: Outros influentes homens podem ser encontrados nas *renques* do sacerdócio — Um escritor de primeira *renque* — Ele ingressou no *renque* dos generais.

A palavra é de origem germânica (*hring*) e a nós chegou por influência do francês (*ranc*) e do inglês (*rank*), razão por que justificamos a diferença — num tabuleiro de xadrez por exemplo — entre *coluna* e *renque*; *coluna*: fileira, fila de quadrados perpendicular aos jogadores; *renque*: linha de quadrados paralela aos jogadores: as torres dominavam as *colunas* do centro; com exceção de dois, os peões ocupavam o *renque* inicial; os soldados marchavam em *colunas* e em *renques* perfeitos.

"**Rentabilidade**" - *V. rendibilidade*.

"**Rentável**" - É tolice em português. *V. rendibilidade*.

Repelir - *V. aderir*.

Repetição da preposição "em" antes de "que" - *V. no tempo que*.

Repetição das Locuções Prepositivas - *a) Regimes ligados por "e"*: Na maioria das vezes, encontramos repetida somente a preposição que finaliza a locução: "Através do Dicionário e da Gramática" (M. Barreto) — "À vista das crônicas coevas e dos documentos" (Herc.) — "Em troca da proteção e do afeto" (M. de Assis) — "À frente dos soldados vasconços e de algumas tiufadias" (Herc.) — "Acerca da solidão noturna e do sono e das coisas" (M. de Assis) — "Por meio

da fé e do batismo" (Vieira) — "À vista desta distinção tão verdadeira, e deste desenganho tão certo" (Vieira) — "Abaixo de Deus e do estudo" (Castilho) — "Apesar da prima, do baronato, dos meninos, do dinheiro e da saúde" (Camilo) — "À frente dos exércitos e das povoações entusiásticas" (Castilho) — "A instâncias dos seus editores e de outras pessoas" (J. J. Nunes) — "Em direcção à Europa e ao sul do continente" (Carneiro Ribeiro) — "Por intermédio das folhas diárias e das subscrições públicas" (Silva Ramos).

Exemplos todavia não faltam de não repetição de nenhum dos elementos da locução: "A custa das concessões e promessas humilhantes" (Herc.) — "Por honra dos santos e dias de festa" (Bernardes) — "A par das crenças e civilização da mãe comum" (J. J. Nunes). Tais exemplos de não repetição são mais frequentes quando os regimes não vêm antecidos de nenhum determinativo: "Atrair por meio de sedução e recompensa" (Rebello da Silva) — "Da parte de néscios e ruins" (Castilho).

b) *Regimes ligados assindeticamente*: Quando, em vez de "e", há vírgula entre os regimes, repete-se o elemento final da locução ou, se for para efeito enfático, conforme veremos na letra e), a locução inteira: "Através da virtude, da verdade" (Jorge Ferreira) — "A par desses foros imortais, desta bem-aventurança interminável" (Mont'Alverne).

c) *Regimes falsamente duplos*: Citemos um exemplo: "Andam sempre através do uso e costume" (Jorge Ferreira). "Uso e costume" é expressão jurídica que, na prática, denota uma só e mesma coisa, e, no Direito, esses dois substantivos vêm sempre juntos.

Por analogia, no mesmo caso se enquadra este exemplo de Vieira: "E se ele se deixasse ver dentro da casa ou sepultura" (Se Vieira tivesse repetido o elemento final da locução, iria especificar coisas diferentes, dando sentido falso ao leitor: "casa" e "sepultura" são palavras que estão aí a indicar uma só coisa).

Caso o "ou" não trouxesse a indicação de uma coisa única, a preposição viria repetida: "Diante dos meus olhos ou dos meus ouvidos" (Silva Ramos).

d) *Regimes distanciados*: Quando de tal forma distanciados do primeiro, que esqueça ao leitor a locução de que ele depende, nada mais natural que vir o segundo regime com a locução repetida: "Não é quanto a ele, que vos lembro reformação, mas só quanto ao modo de..." (Castilho).

e) *Repetição enfática*: Por menos atento esteja, notará o leitor o efeito enfático que ao período traz a repetição da locução inteira antes de cada regime, sempre que a repetição seja ditada por essa conveniência: "Ele continua a culminar aí acima das letras, acima da política, acima da magistratura" (Rui).

f) *Exemplos que não devem ser seguidos*: Constitui galicismo ou castelhanismo pôr antes do segundo regime o artigo sem a preposição: "Acerca da Companhia de Jesus e a colonização brasileira" (deve ser: Acerca da Companhia de Jesus e da colonização brasileira) — "Acerca do extinto convento da Conceição desaproveitado e as ruínas da contígua igreja" (deve ser: Acerca do extinto convento... e das ruínas...).

Repetição das preposições - Sendo nosso idioma analítico, ao contrário do materno, sintético, o estudo das preposições toma a importância que nas ciências assumem os elementos distintivos, caracterizadores. No "Gênio da Língua Portuguesa", importante obra de Evaristo Leoni, publicada em 1854, encontram-se estas palavras sobre a preposição: "As propriedades que lhe são inerentes e, produzindo pasmosa variedade nas relações dos nomes e maravilhoso cambiante na aceção dos verbos, assinalam principalmente o gênio da língua, constituem, por certo, o grande característico que a distingue, e de que, com acurado estudo, nos devemos ocupar".

Continuando, assevera com acerto Leoni: "Não duvidamos de que a muitos de nossos leitores pareça enfadonho e, talvez, pouco importante este objeto. Foi, todavia, uma

das partes da presente obra que mais escrupulosamente elaboramos e de cuja utilidade mais estamos convencidos". E o mais importante de sua asserção está no final deste período: "Além de devermos às preposições todas as frases e elegâncias da língua, é, aliás, do ignorar o conveniente emprego delas que procede o vermos frequentemente errar a genuína linguagem, que, por tal causa, de dia em dia se vai deteriorando". (Estamos a lembrar-nos do escabroso "televisão a cores", que quase entrou na língua em vez da forma correta "televisão em cores").

A esse intróito de Leoni seguem-se quase cento e setenta páginas sobre as preposições, mas... completo é o silêncio no que respeita à repetição das preposições. É em verdade ingrato esse assunto particularizado, que aqui nos arrojam a ventilar. Distinguiremos os diversos casos por letras, constituindo o primeiro um esclarecimento preliminar e básico:

a) *Vários nomes, mas um só regime*: Suponhamos uma luta entre um indivíduo, João, e dois outros, Pedro e Paulo. Diremos: "João lutou contra Pedro e Paulo" ou: "João lutou contra Pedro e contra Paulo"?

A segunda construção tem significado diferente da primeira, pois denota duas lutas separadas: João lutou primeiro contra um, depois contra outro. Se a luta foi uma só, a preposição não se repete: "João lutou contra Pedro e Paulo".

Perigo de ambigüidade como esse poderá existir em outras frases semelhantes: "Aos poetas e pintores" (a pessoas a um tempo poetas e pintores), "Aos poetas e aos pintores" (aos que são poetas e aos que são pintores).

Não cabe, em tais casos, verificar se as palavras, regidas pela preposição, são ou não antônimas; importa, isto sim, observar se elas constituem um só regime, conjunto, contemporâneo, ou, ao contrário, regimes diferentes, isolados. Quando se diz "Viaja por terra e por mar", diz-se bem, e não seria possível de outra forma dizer. Os elementos não podem constituir complemento conjunto de "viajar"; A REPETIÇÃO DA PREPOSIÇÃO IMPÕE-SE. Quando — considerando-se o caso contrário — diz alguém: "Destruir a ferro e fogo", procede corretamente em não repetindo a preposição, uma vez que as palavras "ferro" e "fogo" indicam elementos contemporâneos de destruição.

"A fuita do Gordo e o Magro" — "Um grupo de cinco rapazes e duas moças" — constituem outros exemplos de regime comum, uno, da preposição. Outros exemplos em que a preposição rege vários nomes que constituem um só regime: "Durante o mês passado e parte do presente" — "Homem de cabelos brancos e bigode grisalho" — "Analogia de forma e significação" — "Campo juncado de mortos e feridos" — "Ante a violência do choque e a desordem das vanguardas" — "Casa de pau e barro" — "Comida com sal e pimenta" — "Secretaria de Educação e Saúde Pública" — "Instituto de Aposentadoria e Pensões" — "Tecido de algodão e lã" — "Flexão verbal de modo, tempo, pessoa e número" — "Viver a pão e água" — "As letras dividem-se em vogais e consoantes" — "Os metaplasmos podem processar-se por adição, subtração e substituição". Não há necessidade de repetir a preposição: o regime é um só. Mais este exemplo: "Dividem-se em interjeições propriamente ditas e locuções interjetivas".

Se as palavras que vêm após a preposição não constituem regime uno, contemporâneo, a repetição se impõe: "Nomes derivados de substantivos e de verbos" — "Vive na cidade e no campo" — "Ostenta seu poder no céu, no ar, no mar, na terra" — "Orgulho da ciência e da indústria" — "Honra para mim e para todos" — "Flexão subordinada às regras de Soares Barbosa e à de Frederico Diez".

b) Se os complementos são palavras que têm mais ou menos o mesmo sentido, não se deve repetir a preposição: "Viver na moleza e ociosidade" — "Encantou-nos com sua bondade e doçura" — "Deve a vida à clemência e magnanimidade do vencedor".

Razão ainda maior há para não se repetir a preposição quando o segundo elemento é explicativo ou equivalente do primeiro: "Corresponde ao duplo *l* ou *l* molhado" — "Compostos de duas ou mais palavras" — "Seguido de *e* ou *i*" — "Indica um conjunto de seres ou objetos" — "Conhecem-se pelo sufixo ou terminação". Em construções como essas, não há verdadeiramente dois regimentos, senão um só.

c) Regimes das preposições "a" e "por", seguidas de artigo definido: Deve-se repetir a preposição, quando repetido vem o artigo: "Opor-se aos projetos e aos designios de alguém" (jamais "aos projetos e os designios") — "Carateriza-se pelo talento e pelos relevantes méritos" (jamais "pelo talento e os relevantes méritos") — "Flagelado pela peste e pelos estragos" — "Sócrates distinguiu-se pela modéstia e pela sabedoria" — "Choravam pelo pai e pela mãe" — "Marasmado pelo álcool e pela nicotina" — "Morrer pela lei, pelo rei, pela pátria" — "Escarnecido pelo monarca e pelos ministros".

Se não se repetir o artigo, poder-se-á não repetir a preposição, tendo-se sempre em mente as normas a) e b): "Opor-se aos projetos e designios de alguém" — "Flagelado pela peste e estragos". O mesmo poderá ser dito com relação a outras preposições: "Nas formas rizotônicas e derivadas" — "Observações sobre a pronúncia e grafia de certos verbos" (ou: "sobre a pronúncia e sobre a grafia" — não: "sobre a pronúncia e a grafia").

É galicismo ou castelhanismo pôr antes do segundo nome o artigo sem a preposição: "Une patrie dévastée par la faim, la guerre ou la maladie", "Uma pátria devastada por el hambre, la guerra ó la peste"; em português: "Uma pátria assolada pela fome, pela guerra ou pela doença".

Não devemos imitar exemplos como estes: "O Dante é imortal, mas o seu poema é inspirado pelo misticismo e a vingança" — "Estas palavras quase severas do mancebo foram seguidas de um longo silêncio, apenas interrompido pelo tinir dos pratos e o rumor dos dentes" — "Mas as argolas do caixão foram seguras pelos cinco familiares e o Benjamin".

d) Regimes antecidos de possessivo: Mutatis mutandis, é este caso igual ao anterior, ou seja, repete-se a preposição quando repetido vem o possessivo: "Disponha de minha casa e de minha bolsa" — "Com meu pai e com minha mãe" — "Dê o resto ao meu empregado e ao meu guia" — "Com saudades do seu vinho e dos seus charutos".

Poder-se-á não repetir o possessivo — e então nem a preposição virá repetida — quando aplicáveis as letras a) e b): "Segundo suas lucubrações e queixumes".

e) Regime seguido de aposto: Quando não se faz necessária nem para ênfase nem para clareza, não se repete a preposição antes de aposto: "Nascido numa bela cidade, Campinas" — "Proveniente da mais bela das capitais, Rio de Janeiro" — "Chegaram ao extremo do que mais prezavam, as próprias vidas" — "A palavra teoria é originária de um único étimo, o grego *theoria*".

f) Regimes dispostos em grupos de dois ou mais elementos: Pode-se repetir a preposição antes de cada grupo: "Acompanhado de professores e advogados, de físicos e químicos, de médicos e dentistas" — "As letras classificam-se em maiúsculas e minúsculas, em vogais e consoantes".

g) Regime seguido de palavra ou locução explanatória: Repete-se a preposição: "No mês de janeiro, ou melhor, de fevereiro" — "A propriedade do advérbio, digo, do adjetivo" — "Refiro-me à filha, digo, à sobrinha do mordomo" — "Foi com o diretor, quero dizer com o reitor".

h) Enquadra-se no caso anterior este: "...causando prejuízos em diversas culturas, sobretudo no café", mas assim não estava no jornal, senão: "causando prejuízos em diversas culturas, sobretudo o café". É distração, é falta de pensar no que escreve não repetir aí a preposição em: "sobretudo prejuízos no café"; "café" é adjunto adnominal de *prejuízos*, que por desnecessidade não se repete: causou prejuízos

em diversas culturas, sobretudo no café, principalmente no café, especialmente no café.

i) V. no tempo que.

j) V. verbos continuados.

Repetição do artigo (após a preposição *entre*) — "Entre a aviação teuta e a inglesa": É imperiosa a repetição do artigo antes do segundo termo; determinado o primeiro, deve ser também determinado o segundo. "Entre o almoço e o jantar", "entre o estudo e o lazer", e não: "Entre o almoço e jantar", "entre o estudo e lazer".

"Entre pai e mãe" (correto), "entre o pai e a mãe" (também correto), mas não: "Entre o pai e mãe".

Repetir - V. *aderir*.

Reprise - Palavra francesa já arraigada entre nós sem modificação nenhuma. Funciona como substantivo (A *reprise* é melhor que o original), entra na locução *em reprise* (Vão levar a peça *em reprise*) e dela proveniente é o verbo *reprisesar*.

Reproche, Reprochar - Diz João Ribeiro no "Simões da Fonseca": "Reprochar e assim *reproche* são vocábulos usados pelos clássicos; são, pois, de bom uso". Não nos esqueçamos, porém, dos sinônimos e dos verbos correspondentes: *censura*, *censurar*, *exprobração*, *exprobrar*, *vitupério*, *vituperar*. Quanto a *exprobrar*, *exprobração*, não nos esqueçamos do segundo r.

Réptil, Répteis - Sempre com o acento tônico — e graficamente representado — na primeira sílaba. V. *verosímil*.

Reputar - V. *computar*.

Requiescat in pace - Locução latina que significa "descanse em paz". Encontra-se em lápides tumulares, às vezes abreviada R. I. P.

Rês-do-chão - É aberto o *e* de *rês*, palavra através do francês a nós provinda do latim *rasum*; não deve ser confundida com *rês*, de origem árabe, equivalente a "cabeça de gado".

Res ipsa loquitur - Expressão latina que significa "a coisa fala por si própria".

Res, non verba - Expressão latina que significa "ação, não palavras"; emprega-se para denotar o desejo de atos e não de promessas.

Res nullius - Locução latina que significa "coisa de ninguém": Nunca a terra é considerada *res nullius*.

Reseda - Palavra já existente no latim, deve ser lida "resêda". Designa planta originária do Egito, a qual tem idêntico nome em italiano, em espanhol, em francês; o acento do francês não deve prevalecer em português. Também o inglês tem a palavra, com pronúncia especial mas com igual grafia e com acentuação também na penúltima sílaba.

Resende - Com *s*, quer locativo, quer pessoal.

Resfolegar - Provém este verbo, que significa "tomar fôlego", do substantivo *fôlego*. Se o substantivo é proparoxítono, o verbo não pode ter esse acento nas formas rizotônicas (Gr. Met. § 439); daí a irregularidade do verbo, o qual perde o *e* da sílaba *le* nas formas rizotônicas: *resfolgo*, *resfolgas*, *resfolga* (resfolegamos, resfolegais), *resfolgam*; que eu *resfolgue*, *resfolgues*, *resfolgue* (resfoleguemos, resfolegueis), *resfolguem*, *resfolga tu*.

Residência - V. *domicílio*.

Resignar - Significações e regências — (renunciar, demitir-se voluntariamente): Resignou o bispo — Poderá ser que resigneis situações como eu as tenho resignado.

— (conformar-se) pronominal, e se constrói: a) com *a*: Só por amor me resigno aos labores de tão espinhosa missão; b) com *com*: Ele se resigna com a divina vontade.

Conjugação — Em verbos terminados em *gnar* nenhuma vogal se irá acrescentar entre o *g* e o *n*: *indigno*, *indignas* etc.

Resistir - *Resistir o*, *resistir ao* - indiferentemente: "Crês tu que já não foram levantados contra seu capitão, se os resistira?" (Camões) — "Porque não tínhamos força para lhes resistir" (Arte de Furtar).

Respeito a - V. *amor a*.

Resistir quem há de? - "Que jornal você escreve para?" — A primeira oração (Luís Guimarães, *Sonetos e Rimas*) e a segunda têm a mesma construção: colocação da preposição no

fim da pergunta, e não antes do regime que a inicia. Enquanto é procedimento corriqueiro no inglês (Luís Guimarães foi diplomata que viveu em vários países), encontrado em qualquer estudante (e de um estudante de português ouvimos numa cidade escocesa o segundo exemplo), em nosso idioma aparece como liberdade poética. Usou-a também Castilho: Há de invejar... Isso há de!

É de tal forma usado "haver de" na terceira pessoa do singular (*há de*), que é vulgar no sul de Portugal dizer "hader" em lugar de "hão de", como se existisse um verbo "hader".

No Brasil não existe essa incorreção, mas, por outro lado, não conseguimos até hoje tolerar a grafia "há-de", com hífen, como se anástrofe fosse figura de colocação que necessitasse de cordão umbilical para comunicação de sentido. Se amanhã outro Guimarães aparecesse que empregasse outra forma verbal iríamos tolerar *hei-de, hás-de, hão-de, havemos-de, haveis-de?* O procedimento seria ainda mais chistoso se o novo sonetista viesse a empregar "haver que", exatamente como hoje vemos a arrepiante construção "ter que", surrada em todas as colunas de jornal: "Resistir quem há-que?" — V. *ter de*.

Respeito a - V. *amor a*.

Respiração - *Barulho*: arquejar, gemer, ofegar, rressonar, rroncar, rronquejar.

Responder - O que se profere como resposta é que é objeto direto, não a coisa nem a pessoa a que se dá resposta; nas orações: "Ele respondeu *sim*", "Ele não respondeu *nada*" — *sim* e *nada* são objetos diretos, como ainda é objeto direto a subordinada do período: "Ele respondeu *que estava bem*".

Uma vez que se pretenda declarar a coisa ou a pessoa a que se dá resposta, esta deve vir preposicionada, isto é, esta é sempre objeto indireto, quer venha ou não expresso na oração o que se profere por resposta: "Respondo *lhe*", "Devemos responder *às cartas*".

Ressentir - V. *aderir*.

Ressequir - V. *abolir*.

Restar - A concordância se impõe com verbos que significam carência, falta, abastança, suficiência: *Restavam apenas quinze mil homens*. V. *faltar*.

Restringido, Restrito - Escapam da regra dos participios duplos vários verbos cujas formas participiais são usadas ou como adjetivos ou como substantivos ou como preposições. Enquanto *suspender* se inclui na regra (ele havia *suspensado*); ele estava *suspensado*), *restringido* pode ser usado na passiva: "Será *restringido* o uso de carros oficiais".

O que não se pode é, num cabecalho de notícia, escrever "*Restringido* conceito de industrialização". Não, porque a função agora é de mero adjetivo, e cabe à forma participial irregular essa função. Alguns exemplos de participios com igual função adjeiva: O examinador não permitia folhas *insertas* no dicionário (e não *inseridas*) — *Adstrito* ao executivo, o assunto não foi discutido (e não *adstringido*) — *Isentos* do serviço militar (e não *isentados*) — Pessoas *submissas* produzem mais (e não *submetidas*) — Quanto às *diretrizes impressas* neste instituto.

Esses e outros adjetivos não podem ser substituídos pelas correspondentes formas participiais regulares quando com função realmente adjeiva. É assunto que exige estudo de gramática, com listas de várias páginas de "verbos abundantes" (§ 494 e ss.).

Resultar - Sobre este verbo teremos duas considerações que fazer:

1 - Não se deve dar a *resultar* valor de verbo de ligação, isto é, não deve ele vir acompanhado de predicativo. "Esse panorama *resulta* deslumbrante" — "A festa *resultou* brilhante" — são construções espúrias. "Não podemos consentir semelhante barbarismo" — diz Botelho de Amaral. Epifânio Dias, na sua magistral "Síntaxe Histórica", 3, ensina que *resultar* com predicativo não é português. Em lugar de "o esforço *resultou* inútil", redija-se "foi inútil o esforço", "de nada serviu o esforço". Em vez de "a festa *resultou* brilhante", es-

creva-se "foi magnífica, pomposa, grandiosa".

Mário Barreto tem esta passagem: "Português não me parece que seja este emprego do verbo *resultar* com nome predicativo. Diga-se: "Um exército em que nem o último soldado queira ceder o passo é (e não *resulta*) invencível". Os espanhóis, na linguagem moderna, é que fazem excessivo gosto de semelhantes verbos. A cada passo o empregam, acompanhado de um substantivo ou adjetivo que indicam a *resultância*, isto é, aquilo que se originou, ou em que se veio a parar: "La procesión *resultó* brilhante; esta amenaza *resultaba* irrisoria; sus sospechas *resultaban* falsas..." — Em português recorremos a qualquer outro meio de expressão, menos ao verbo *resultar*. Usamos *ser, sair, vir a ser, parar em, vir a parar, fazer-se*.

Rematemos com Júlio Nogueira: "A nossa imprensa parece disposta a dar ao verbo *resultar* um emprego que ele só tem no castelhano: os esforços *resultaram* improficuos; a diligência *resultou* inútil. Em português cumpre dizer: Os esforços foram improficuos ou não deram resultado".

2 - Vejamos os verdadeiros empregos e significados de *resultar*:

a - *dimanar* (com a preposição *de*): "Deste dano lhe *resultou* deidade gloriosa" (Camões);

b - *provir* (com a prep. *de*): "Filhos que *resultaram* do primeiro matrimônio" (Aulete);

c - *redundar* (com a prep. *em*): "A conversação *resultou* em nada" (F. Elísio);

d - *trazer, acarretar* (transitivo direto): "Eugênia temia que a ira do pai *resultasse* desgosto à irmã" (Camilo, apud Stringari).

Resvê - Quando dúvidas existem quanto ao étimo, o *s* é sempre preferido ao *z*; a palavra é escrita sem hífen, quer com função adjeiva (*cerceço, rente, exato, justo*; pagamento *resvês*), quer como advérbio (*cerce, rente; à justa*; plantas cortadas *resvês* com a janelas).

Retenção, Retensão - *Retenção*: ato de reter; posse; delonga; detenção; o mais aparece a forma latina em que aparece *l* seguido de *i* mais vogal, do verbo *retíneo*. *Retensão*: intento, propósito; corresponde a forma latina que traz *s*, do verbo *retendo*.

Reter - Não nos esqueçamos: segue a regra geral dos verbos compostos, ou seja, conjuga-se como o simples *ter*: *retenho... retinha... retive, retiveste, reteve... retivera... retivesse... retivéssemos...*

Reticências - Assim mesmo, no plural, emprega-se a palavra para indicar interrupção ou suspensão do pensamento ou, ainda, hesitação ou desnecessidade de exprimi-lo: "Nestes pacos eu ficarei segura... Depois... Se tu soubesses... oh! nada... absolutamente nada... Sou eu que não sei o que digo..." — "Quem conta um conto..." — "Se ele é bom, ela..." — "Mas... vamos deixar o problema para amanhã?" — "Artigo cheio de reticências".

Reticências, no plural, ou *pontos de reticência* (agora *reticência* no singular) são designações sinônimas para o sinal que indica essa suspensão.

No singular a palavra *reticência* não indica o sinal de pontuação mas a própria omissão voluntária de uma coisa que se deveria dizer, o ato de suprimir, a própria coisa suprimida, donde "pontos de *reticência*": "O declarante fez uma *reticência* imperdoável" — donde o verbo *reticenciar*, que significa exprimir incompletamente, e os adjetivos *reticencioso, reticente* (que significam "que faz ou em que há *reticência*"); "Suas declarações, além de *reticentes*, estavam em contradição com os depoimentos".

Os pontos de *reticência* podem formar uma linha inteira de pontos para indicar a supressão de palavras ou de linhas omitidas na cópia ou tradução de uma obra. Neste caso, os pontos de *reticência* podem também chamar-se *pontinhos*: "Onde a crônica se cala e a tradição não fala, antes quero uma página inteira de *pontinhos* do que uma só linha de invenção do croniqueiro".

"**Retífica**", **Retificadora** - "*Retificadora* de motores" é o mais

acertado nome para substituir o extravagante italianismo "retífica de motores". Se *retificação* é o processo de retificar as válvulas de um cilindro para que se ajustem perfeitamente ao orifício de admissão e ao de escapamento, nada mais natural que chamar "retificadora de motores" a empresa, a oficina que dela se ocupa.

Retornelo - Aportuguesamento do italiano "ritornello", que também escreve "retornello". A palavra, que se prende ao nosso verbo *retornar*, é expressiva e de largo uso para designar certa modalidade de composição musical cantada em que após cada estrofe se *retorna* ao princípio fundamental do pensamento da composição.

Retorquir - V. *abolir*.

Retrasado - V. *atrasado*.

Retrato - *Coletivo* (quando em exposição e representam personagens ou assuntos históricos, comuns ou da vida real): galeria.

Retreta (ê) - Se em Portugal significa também "privada", outros são entre nós os significados que não esse. Quem for a Portugal não deverá esquecer-se disso, pois com essa significação (tem a variante pouco usada *retrete*, sempre com e fechado) é de largo e generalizado uso.

Retributivo - É a forma congruente. O supino latino em "utum" é que nos dá o radical para semelhantes adjetivos, correspondentes a verbos nossos em "uir" e a latinos em "uere": *atributivo, constitutivo, construtivo, destrutivo, diminutivo, distributivo, institutivo, obstrutivo, substitutivo*, sem *i* antes do segundo *t*. O próprio verbo *contribuir* tem a forma erudita *contributivo* ao lado da usual *contributivo*.

Se essa é a norma, a preferência à forma *retributivo* está inteiramente justificada.

Retro - Advérbio latino, que significa *atrás*. É empregado com igual função em português (Vide *retro* — Veja o lado de trás), como interjeição (*Retró!* — Para trás!, Para longe!) e como prefixo, que se une ao nome sem hífen: *retrogrado, retroativo, retrossifonano*.

Réu - Feminino: *ré*.

"Revanche", Desforra - Nem *revanche* nem *revancha*; temos a nossa significativa e até hoje usada palavra *desforra*. A palavra francesa não é necessária.

"Réveillon", Consoada - Antes de mais nada é necessário dizer que, na língua a que pertence, "réveillon" não significa, especificadamente, "festa com baile e ceia na véspera do Ano Bom"; a palavra, entre outras coisas que não vêm ao caso, designa em francês "comida à meia noite", seja a noite qual for. Ora, se é para indicar essa refeição, quer na noite de trinta e um de dezembro, quer em qualquer outra, temos a legítima palavra nossa *consoada*. Um banquete de família celebrado na noite de um aniversário, na noite de Natal, na noite do último dia do ano, na noite de qualquer dia, é uma *consoada*, e o verbo é *consoar*, e não a francesia "fazer réveillon": "Na véspera de Natal vem sempre a Ponte *consoar* com a sua gente" (Camilo, *Brilhantes de Brasil*) — "Veio o uso, e fez *consoar*; e pôde tanto que ficou por bom uso" (Francisco Manuel de Melo, *Carta de Guia de Casados*). É tão nosso o vocábulo que Domingos Vieira chega a aventar-lhe "cear" (cear junto) como étimo.

Nem o uso internacional pode ser aduzido para o emprego do francesismo, pois também em inglês "a festive supper during the night" é que é a significação geral da palavra.

E-nos estranho *consoada*? Nem por estranho deixa de ser correto, e todos nós sabemos que em nossos dias nada é estranho quando usado uns poucos dias pelos homens que trabalham com microfone; estejamos sempre em boa paz com eles, pois escritor nenhum existiu nem existe que possa como eles divulgar ampla e firmemente o que é correto no idioma, e em boa companhia se encontrarão no presente caso, tanto de escritores quanto de filólogos como Carolina Michaelis de Vasconcelos, Gonçalves Viana, Vasco Botelho de Amaral.

Revelir - V. *abolir*.

Revendo... - "Quería justificativas suas da seguinte concordân-

cia, encontrada no "O Bobo" de A. Herculano, na página 90: "...essa reputação, dizemos, mais ainda que a força das suas ponderações, fizeram pouco a pouco asserenar a temperada".

— Nunca viu o amigo um original corrigido pelo próprio autor? Erros taludos que no escrever escapam são na primeira revisão corrigidos; diversas imperfeições e mais erros encontram-se na segunda; na terceira sempre há o que emendar; o tipógrafo se encarrega de encontrar mais alguns, e finalmente o leitor vai encontrar os últimos.

Vivo se fora, nenhuma hesitação teria Herculano em corrigir para o singular o verbo *fazer*; as dúvidas se dissipariam e com isso lucraria o português.

Rever - *Rever* pode significar *ver outra vez* e *verter, transudar*; neste segundo sentido, comumente se ouve: "O barril *réve*" — e é realmente justificável atribuir agora ao verbo outro étimo, e não considerá-lo composto de *ver*. Quatro argumentos levam a esta conclusão; um, o da natural pronúncia dos nossos caboclos ("Este barril *réve*"); outro, o da existência do verbo latino *répere*, que, entre outros significados, tem o de *afluir, correr* (*Aqua répit*) e, ainda, figuradamente, o de *introduzir-se, insinuar-se* (veja-se o Saraiva); outro, o do exemplo de Filinto Elisio, consignado no Laudelino Freire ("E porque o caso não *revesse* fora, mandou fechar as portas"); outro, ainda, o de Cândido de Figueiredo, que implicitamente não aceita a composição de *ver* como étimo, uma vez que dá *revir* como "melhor forma de *rever*, brasileirismo que significa *ressumar, transpirar*".

Na verdade, é difícil relacionar a significação de *verter, coar-se, transudar* com a de *tornar a ver*; não só a significação, mas ainda a regência faz-nos pensar no étimo latino *répere*: "Quis dizer umas palavras que, abafadas pelos gemidos, pareciam *rever*-lhe nos olhos em lágrimas copiosas" (Camilo).

Um quinto argumento podia ter sido aduzido, o de João Ribeiro ter afirmado, no dicionário de Simões da Fonseca, que, no sentido de *mostrar-se, transpirar*, "é antigo verbo regular nos seus tempos e por isso se há de dizer *réve* (no presente) e não *revê*".

Deve-se tão somente notar que, com a significação de *verter*, o verbo *rever* só é conjugado nas terceiras pessoas: *réve, révem; reveu, reveram; réva, révam; revesse, revessem* etc., formas regulares como as do paradigma *vender*.

Reverbero, Reverbero - Proparoxitono quando substantivo (a exemplo de *adultero*), paroxitono quando verbo (a exemplo de *adulteró*): § 439.

Reverenciar - É verbo regular: *reverencio, reverencias...* § 461.

"Reveria" - Galicismo. Em português diz-se *arroubo, enlevo, devaneio, extasiamento*. Como gênero de música, traduz-se por *fantasia*.

Reverter, Reversão - Não sabemos se por impossibilidade de recorrer a dicionário, se por desprezo à língua de nossa terra, se por candura e ingenuidade lingüísticas, um redator assim escreveu: "Sob o título "Reciclando o general Haig" o New York Times publicou o seguinte editorial..."

Sem que tenha visto o texto original, qualquer pessoa pode afiançar que o jornal novaiorquino não trazia *reciclando* mas "recycling"; o "reciclando" é do nosso jornalista, que não sabe que o verbo inglês assim não se traduz em português, pois nunca o tivemos em nosso chutado, espancado, apedrejado idioma, nem o verbo *reciclar* nem o substantivo *reciclo*.

O que em português temos para o caso do general americano que voltou a ostentar as estrelas do exército americano e a agir como se o interlúdio profissional não tivesse nenhum significado é *reverter* como verbo, *reversão* como substantivo. Consulte-se dicionários: *Reverter* — reingressar no serviço público, dada a insubsistência da aposentadoria concedida. *Reverter* para indicar a ação, *reversão* para indicar o ato ou o efeito.

Prova de que o redator não conhece a língua original vê-se logo a seguir; afirma ele que o general, "comandante supre-

mo das forças aliadas na Europa *assim como* comandante das forças dos Estados Unidos na Europa..." — Fechando os olhos para a repetição do "comandante na Europa", esse *assim como* é puro inglês, é tradução de "as well as", que na língua em que estamos escrevendo pode ser simplesmente e ou e também: "comandante na Europa das forças aliadas e das dos Estados Unidos".

A admitir o extravagante *recidar* em vez de usar o nosso *reverter*, vemo-nos obrigados a aceitar também *ciclar*, como tradução do "cycle" que o inglês usa para... não, não; não vamos aqui sugerir outra extravagância: o erro sempre encontra sítio complacente.

Revês - Grafa-se com *s* (*Gr. Met.* § 78).

Revestir - *V. aderir.*

Revidendo - É forma correta, erudita, com força do gerundivo latino — "que deve ser revisto": processos *revidendos*. O gerundivo tem o tema do presente; de *vídeo* é *videndus*, como de *dóleo* é *delendus* (*Delenda Carthago*), de *réfero*, *referendus*. *V. processos revidendos*.

"Revindicação" - É cacografia que se comete até por portadores de anel de grau. A palavra é *revindicação*, e com *i* na primeira sílaba é também o verbo *revindicar*.

Revisar - Pode ser empregado com o sentido de *corrigir, emendar*. *Revisar* é a ação de inspecionar bilhetes de entrada, de verificar passagens de trem, de ônibus, e — proveniente de *revisão* — a de verificar erros em provas tipográficas, em fichas, em serviços.

Revista - *Coletivo*: hemeroteca.

"Rhône" - É forma estrangeira, que às vezes aparece em jornal, do assaz conhecido *Ródano*.

Ribeirão Preto - *Adjetivo pátrio*: é usual a forma *riberopretano*, com acento secundário na primeira sílaba — *riberopretano*.

Pelo vocabulário oficial, *riberopretano* escreve-se sem hífen e *ribeiro-pinhalense* com hífen. Por quê? O porquê é o mesmo de *bem-te-vi* com hífen, e *malnequer* sem; de *benedito* sem, de *bem-vindo* com, e de *Benvindo* outra vez sem; de *bem-feito* com, e de *benedito* sem; o mesmo de *bem-querer* com, e de *benedizer* sem — mas somente o homem do bar da esquina sabe o real motivo.

Não é sem fundamento que estrangeiros desistem de estudar nossa ortografia. Só estrangeiros?

Rico - *Aumentativo*: ricaco.

Ricochete - Onde *ricochetar* ou *ricochetear*, nada tem que ver com *colchete*. *V. colchete*.

Ridicularizar - É forma que não devemos estranhar, por mais correta que a já arraigada *ridicularizar*; de *ridículo* mais *izar* só poderíamos ter obtido *ridiculizar*: "O exercício público dos deveres do culto não desdoura ou *ridiculiza* os homens mais eminentes" (Rui).

"Ring", Tablado - Já arraigada e constante de dicionários, *ringue* é a adaptação do inglês "ring", uma das várias palavras que, de muitos sentidos na língua a que pertencem, são a nós empurradas com um único, restrito. Se *anel* (de dedo, de tronco de árvore, de chifre) é *ring*, se *aro* (de roda) é *ring*, se *camada* (de casca de árvore) é *ring*, se *arranjo em forma circular* (de cadeiras, de pessoas) é *ring*, se *círculo* (de pessoas na sociedade) é *ring*, se *arena, picadeiro* (de circo e de outros divertimentos) é *ring*, se *roda* (folgado de crianças) é *ring*, se *casa de apostas* (de um hipódromo) é *ring*, se *ondas circulares* (provocadas por pedra caída em água, por emissão de som) são *rings*, se outras mais palavras nossas são em inglês traduzidas por *ring*, por que fomos apanhar a inglesa com o sentido exclusivo de "an enclosed space in which boxers or pugilists contest"? Que indica esse proceder senão desleixo, ou melhor, preguiça de ir ao dicionário para ver que palavra nossa mais se adapta ao caso? A quem iremos convencer que nossa língua é rica de vocábulos se não encontramos qual possa ou direta ou figuradamente traduzir um de língua que demonstra carência de sinônimos para aplicações diversas?

Se é sempre de tábuas o lugar que o "ring" envolve lutadores e pretendemos empregar palavra mais específica para o caso, deixando de lado *anel, aro, arena...*, não consti-

tuirá nenhuma violência léxica que o chamemos *tablado*, a semelhança de "tablado de teatro": as cordas do *tablado* — cair no *tablado* — campeão do *tablado* — no canto oposto do *tablado*.

Rinke - Aportuguesamento de "rink", palavra inglesa que significa *pátio, campo* para certos brinquedos ou jogos e também "recinto em que existe gelo, quase sempre artificial e fechado, para patinação"; por extensão, também para patinação de patins de rodas.

Rio de Janeiro (estado brasileiro) - Sigla oficial: *RJ*, sem nenhum ponto.

Rio Grande do Norte (estado brasileiro) - Sigla oficial: *RN*, sem nenhum ponto.

Rio Grande do Sul (estado brasileiro) - Sigla oficial: *RS*, sem nenhum ponto.

Ripa - *Coletivo* (quando em conjunto e bem unidas): bastida.

Rir, Rir-se - Em nada se baseia quem afirma a diferença de sentido entre *rir* e *rir-se*, ambas as formas têm a mesma significação; não se diga indicar *rir* constrangimento e *rir-se* espontaneidade. O que há é o seguinte: Certos verbos intransitivos podem ser empregados pronominalmente com a mesma significação: "Ansiavam pela hora da escola e *entristeciam* ao terminar o turno das aulas" — "O conde *entristeceu-se* com estas pinturas" — "A velha *sorria* com aquele sorriso satisfeito que exprime os tranqüilos gozos de alma" — "Morreu *sorrindo-se* para o mundo que lhe fora um algoz" — "Abrindo a provisão, leu-a a meia voz, *corando* a cada linha" — "...protestou o Costinha, *corando-se* por sua vez".

Em todos esses conservam os verbos pronominais o mesmo sentido dos correspondentes intransitivos; e assim "Replicou a dama, *rindo* às gargalhadas" — "E depois de *rir*, tornou a falar sério" — "Vamos, *ria-se* e esteja contente" — "E como se estão *rindo* os campos ledos!"

Risada - *Barulho*: estrondear, explodir, cascatear.

Risco de - Se dizemos "correr o risco de morrer", "correr o perigo de morrer", acertado é também que digamos "correr o risco de morte", "correr o perigo de morte", "com risco de morte", "em perigo de morte".

"A risco de", "com risco de" são locuções sinônimas: "A risco de professor uma tese paradoxal".

"Robe de chambre" - Francesismo inútil, que já caiu em desuso; a palavra nossa é *roupão*. Pode seguir-se de especificativo: *roupão de banho*.

Roda - *Barulho*: chilar, chorar, gemer, guinchar, ranger, rinchar.

Rodes - *Adjetivo pátrio*: ródio.

Rodrigues - Diversos sobrenomes terminados em *es* designavam, antigamente, filiação: *Rodrigues* (filho de *Rodrigo*), *Lopes* (filho de *Lopo* ou *Lobo*), *Nunes* (filho de *Nuno*), *Álvares* (filho de *Álvaro*), *Mendes* (filho de *Mem* ou *Mendo*), *Sanches* (filho de *Saneho*). Tais substantivos se denominam *patronímicos*.

Outros idiomas há que também possuem sufixo para indicar filiação; haja vista o russo, com as terminações *vitch*, para indicar *filho*, e *vna*, para designar *filha*: *Ivanovitch* (filho de Ivã), *Ivanovna* (filha de Ivã).

Rogo (ô) - No plural o "o" é aberto.

Rojão - *Barulho*: rechiar, estourar, pipocar.

Rola (ô) - *Voz*: arrolar, arrular, arrullhar, gemer, suspirar, turriturar.

Roma locuta, causa finita - Expressão latina que significa: Roma falou, a causa está finda.

Romagem - Sinônimo de *romaria*. Ambos os vocábulos têm outros significados além de "peregrinação devota a ermida, igreja ou a algum lugar santo": multidão, grande magote de pessoas em passeio ou jornada; reunião de pessoas que se divertem e se banqueteam no lugar a que foram em peregrinação; arraial; viagem feita para recreio ou instrução.

Romana - *V. romaneio*.

Romance, Romango - A primeira forma é a mais usada, mas a segunda também existe para designar a língua portuguesa antiga, ou melhor, a mistura, o pastel ainda existente quan-

do a um tempo o latim se deteriorava e, de acordo com fatores diversos, novas línguas se formavam do século XII ao XIV. Não só como substantivos, mas também como adjetivos as duas formas estão registradas em bons dicionários: línguas *romances* (línguas românicas, línguas neolatinas): romeno (ou valáquio), dalmato, provençal, francês, sardo, rético (romanche), italiano, espanhol, galego, português.

Romaneio - É palavra técnica de comércio, provinda do árabe *romana* (nome de uma balança) através do derivado espanhol *romaneo*, que indica, na lista que acompanha mercadoria vendida ou embarcada, as especificações de qualidade, quantidade, peso. É o ato ou efeito de *romanejar*, de pesar como faz a *romana*, de distribuir a mercadoria num navio, em qualquer meio de transporte, de acordo com o peso.

Romaria - V. *romagem*; V. *genútilos*.

Romênia, Romeno, Romenho - Dentre outras partes do mundo o Império Romano abrangia o Império do Oriente, a Grécia e os principados danubianos da Valáquia e da Morávia; a forma *Rumânia*, por influência do francês *Roumanie*, intrometeu-se para designar estas colônias militares romanas. Prova é de que é errada ou exótica a designação para o último caso o fato de às vezes falarem em *Rumânia* para referir-se ao estado e em *rumenos* para indicar seus habitantes; há até quem pela influência francesa pronuncie *Rumânia*. É natural a pergunta: "Se o país se chama *Rumânia* por que não se dizem *rumanos* os habitantes?" ou: "Se dizemos *rumenos* os habitantes, por que não chamamos *Rumênia* o país?"

Concordamos em que traria confusão denominar *România* o lugar e *romanos* os habitantes, mas não podemos admitir a disparidade de formas que acima notamos; chamemos *Romênia* o país, *romenos* os habitantes, *romeno* o idioma, *romênio* o que com o país se relaciona, formas cognatas e encontradas nos melhores dicionaristas.

Teremos, assim, os vocábulos:

1. *Romênia*, forma de predileção de Adolfo Coelho e de Gonçalves Viana, para ser usada em lugar de *Rumânia*;
2. *romeno*, habitante da Romênia;
3. *romeno*, idioma dos romenos, língua neolatina falada na Romênia;
4. *romênio* (adjetivo), relativo à Romênia: assuntos *romênios*, guerra húngaro-romênia;
5. *romenho*, designação do dialeto cigano ou português aciganado;
6. *romaico*, língua grega atual.

Rondó - Correto aporuguesamento do francês *rondeau*.

Rondônia (território brasileiro) - Sigla oficial: *RO*, sem nenhum ponto.

Roraima (território brasileiro) - Sigla oficial: *RR*, sem nenhum ponto.

Rosa-claro - V. *raios ultra violeta*.

Rosicler - É palavra proveniente do francês *rose-clair*; indica a cor de rosa, de matiz mais aclarado; é essa a cor da pérola legítima, e a que acompanha o nascer do sol.

Rossio, Rocio - Com dois *s* deve ser escrito o nome do subúrbio paranaguense e pronunciado com o acento tônico no *i*; é a grafia e a pronúncia da palavra quando indica a praça, logradouro, lugar espaço: "Nossa Senhora do *Rossio*"; pois está a designar o lugar (praça, terreiro, logradouro) em que foi encontrada a imagem. O mesmo procedimento devemos ter com o nome de célebre largo de Lisboa.

Rocio, de igual tonicidade mas escrito com *c*, é outra coisa, é o orvalho da manhã.

Roterdã - A semelhança de *Amsterdã*, é *Roterdã* no Brasil o aporuguesamento mais consentâneo com a generalizada pronúncia do nome da cidade de Erasmo.

Roubar - Cuidado em não furtar nenhuma letra deste verbo ao conjuga-lo: diga *rôubo*, *rôubas*, *rôuba*... - V. *afrouxar*.

"Rouen" - Em português *Ruão*.

"Round" - A palavra *assalto* foi aceita e hoje está generalizada para substituir a inglesa.

Roupa - *Coletivos* - de homem: terno (paletó, calça e colete), aparelho (calça e paletó); de noiva, de colegial, de criança

recém-nascida: exxoval; em geral, de vestir exteriormente: vestuário, fato; em geral, de vestir internamente: roupa branca. - V. *fato*.

Barulho: *farfarhar*, *rufilar*.

Rouxinol - Voz: cantar, tmir, gemer.

Rua da Consolação - Tem-se discutido muito sobre como será melhor escrever: *Rua Luís de Camões* ou *Rua de Luís de Camões*. A prática da supressão do conectivo *de* está muito divulgada, sobretudo quando o substantivo determinante é nome de rua, praça, largo, livraria, colégio, liceu, teatro, hotel, café etc. Vejamos se é contrária à índole da língua, começando pela observação do latim. Neste idioma construções há que de algum modo parecem atenuar a incorreção atribuída aos que redigem "rua tal" por "rua de tal". Consultando, por exemplo, a Gramática Latina de Ragon, depara-se nos "Urbs Roma" - a palavra aposta vai para o caso da palavra a que se refere: "flumen Rhodanus", o rio Ródano. Madvig também registra *urbs Roma, amnis Rhenus, terra Italia*, conquanto na poesia se leia às vezes *promontorium Pachyni* etc. Se em latim existe a construção em que nomes de cidades, rios, províncias são empregados como apostos (e não como genitivos), não será impróprio do português o uso apositivo de nomes de ruas, escolas etc.; sem a partícula *de*, que viria corresponder ao genitivo, e não ao nominativo.

Júlio Moreira, ao estudar no segundo volume dos "Estudos da Língua Portuguesa" o toponímico *Mafomedes*, escreve: "Teríamos assim *vila Mahomedis*, donde viria *vila Mafomedis*, e depois simplesmente *Mafomedes*, permanecendo apenas a palavra que representa o nome do proprietário e desaparecendo a que designava a propriedade. Na toponímia encontram-se nomes que provêm de genitivos latinos com aquele valor possessivo". Cita, em seguida, vários casos e acrescenta:

"Encontram-se por vezes, ao lado de formas que resultaram do genitivo possessivo, outras que representam o nominativo da mesma palavra, como *Romariz* e *Romarigo*, de "Romarici" e "Romaricus". Na página 324, depois de explicar a formação de *Valpedre*, de *vallis Petri*, afirma: "... conheço propriedades rurais com designações como *Vale de D. Maria*, *Casal Dasco* (resultante de *Casal de Vasco*), *Casal Dronho* (que deve provir de *Casal de Ordonho*)".

Epifânio Dias na sua Gramática Portuguesa elementar ensina: *Campo de Sá da Bandeira*. Logo a seguir, porém, redige: "A preposição *de*, empregada em sentido definitivo, tem as vezes de aposição, e da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em uns casos de definitivo, em outros a aposição. Diz-se, por exemplo, "o nome de Augusto", mas: "a palavra Antônio"; "a cidade de Lisboa", mas: "o rio Tejo".

Outro tanto afirma Ribeiro de Vasconcelos na Gramática Portuguesa: "Em *rua da Calçada* o complemento com a preposição *de* faz as vezes de aposto", dando portanto a significação que em gramática o adjunto adnominal com a preposição *de* pode equivaler ao aposto. Ora, se é a arbitrariedade que decide o emprego do definitivo ou da aposição, temos que se pode escrever "rua de tal" (com adjunto adnominal correspondente ao genitivo latino) ou "rua tal" (com aposição) se o uso assim determinar.

Se campeões do idioma nos oferecem exemplos da aposição direta e se normalmente se diz *vila Helena*, *rio Amazonas*, por que a relutância em aceitar *rua Consolação*?

Rubrica - Esta palavra, que entre outras significações tem hoje a de "firma abreviada", "assinatura do nome em breve", tem em latim e sempre teve em português o acento tônico no *i*: *ru-bri-ca*.

Rufião - *Aumentativo*: rufianaz.

Ruge - Aportuguesamento do francês *rouge*. *Carmim*, outrora muito usado, está quase esquecido.

"Rugby", Rágbe - Quase condizente com a pronúncia inglesa, *rágbe* é adaptação que pode ser aceita para designar certo jogo de bola.

"Ruhr" - Em português, sem *h* se escreve o nome do afluente do Reno: *Rur*.

Ruído - *Ruído* tem acento tônico no *i*, e porque na pronúncia esta vogal não se junta à anterior deve trazer o sinal diacrítico, um acento agudo (Formulário Ortográfico, 43, 4^a): *ru-í-do*. V. *fonômetro*.

Ruim - Pronuncia-se *ru-ím*, com o acento tônico no *i* mas sem nenhum sinal diacrítico: é o que preceitua a primeira observação da quarta regra de acentuação gráfica do Formulário.

Ruir - V. *abolir*.

"Rumânia" - V. *Roménia*.

Rumorejar - Com exceção de invejar, todo o verbo terminado em *ejar* tem o *e* fechado nas formas rizotônicas: *alvêja*, *viçêja*, *andêja*, *sobêja*, *varêja*, *voêja*, *pelêja*... *rumorêja*, *bocêja*, *cacarêja*. (Gr. Met. §446, b).

Rúpia, Rúpia - Existem três homógrafos, um com acento no *i*, dois com acento no *u*:

1. *rupia* (ru-pí-a) - nome, de origem sânscrita (*rupiyah*), da principal moeda indiana de prata, nome depois dado também à moeda colonial portuguesa equivalente à indiana;

2. *rúpia* - nome, de origem grega (*rhypos*, imundo, sujo), de uma doença da pele, que geralmente aparece na sífilis terciária sob a forma de vesículas purulentas;

3. *rúpia* - nome, proveniente de Henrique Bernard *Ruppius*, botânico alemão, de uma planta marinha submersa ou de sua flor.

"Rush", Ruma - De há muito existe em nosso idioma uma palavra que significa "porção de coisas que se acumulam": *ruma*. Verdade é que "rush" significa *investida*, *pressa*, *afobação*, mas é também empregado em inglês coloquial com o sentido de *acúmulo*, *sobrecarga*, *grande procura*. De fato, em cidades em que a vida é mais vivida, no acúmulo mais do que na pressa de pessoas caracteriza-se a hora de entrada ou saída de serviço. Proveniente do árabe, e com o luxo de ter uma variante também antiga (*rima*), *ruma* vai muito bem numa passagem como esta: "Durante esse período, a 23 de Maio passou por um dos seus mais difíceis horários de *ruma* dos últimos tempos".

Russo, Ruço - Com dois *s* sabemos todos o que significa; com

ç tem a palavra, que ora é substantivo ora adjetivo, mais de uma origem e, pois, diversos sentidos:

1. de cor tirante a pardo: *mula ruça*: *água-ruça*;

2. grisalho, de cabelos brancos e pretos a mistura: "... moço e já de cabelo *ruço*";

3. de cabelo castanho muito claro: "Ele tem cabelo escuro; o irmão, *ruço*";

4. neveiro espesso.

"Rústica" - Estamos diante de um dolo, lingüístico e trabalhista. A palavra, que se encontra em contrato de direitos autorais de uma editora, não existe em português com função substantiva como aí está: "Remunerar o autor na base de dez por cento sobre o preço de capa em *rústica* de cada exemplar efetivamente vendido". Isso diz e impõe a editora que, se não é de origem espanhola, sofreu influência do castelhano no minutar o contrato que, nos moldes de contrato de adesão, de todos os autores exige.

A expressão "em *rústica*", além de fora do devido lugar — deveria vir após "exemplar" — constitui barbarismo; existente no espanhol, a palavra *rústica* traduz-se por *brochura*. Em catálogos redigidos nesse idioma lê-se: Preço: enc. 1.000, rúst. 700. — Não porém no idioma falado nesta parte da América do Sul; "em *rústica*" é "em brochura"; *brochado* é que em português se diz do "livro que, não estando encadernado, tem as folhas cosidas e capa de papel", e não "rústico" nem, arditosamente num contrato, "em *rústica*".

Os aludidos contratos impõem dessa forma uma redação tão incompreensível quanto injusto o ganho; acaso conseguem editores vender o continente sem o conteúdo? Se o livro, se a composição musical, se o disco são de tal valor que merecem capa dura, envoltório de maior resistência e beleza, por que tirar do autor a participação do ganho? Escudada por lei, existe uma Associação Brasileira de Escritores; por que não se impõe junto às casas editoras e ao vernáculo?

Rute - Já não se escreve *Judith*, senão *Judite*; por que não se procede de igual forma com *Rute*, *Elisabete*, *Margarete*?

S

S - Sempre que o étimo de uma palavra nossa acusar *s*, esta consoante deverá ser conservada em português; por isso é que não se justificam certas grafias como *portuguez*, *inglez*, *pêzames*, *apezar*, *paráizo*; dado o étimo, com *s* devem ser essas palavras escritas. Temos muitas outras: *asa* (do latim *ansam*); *mês* (do latim *mensem*); *país* (do francês *pays*); *gás* (fluido), e não *gar* (do flamengo *gees*); *atrás*, *atrasar* (do lat. *trans*); *quis*, *quiseste*... (do lat. *quaesivi*...); *pus*, *puseste*, *pôs*, *pusemos*... (do lat. *posui*...); *através* (de *a-transverse*); *revés* (lat. *reverse*); *ao invés* (lat. *inversus*; vez escreve-se com *z*, mas nada de comum tem com estas três últimas palavras).

Algumas vezes o *s* provém de *x*: *ensaio* (lat. *exagium*); outras vezes é resultado da assimilação da primeira letra de um grupo consonantal: *gesso* (de *gypsum*), *isso* (de *ipsum*); pode ainda resultar da alteração do *l* latino: *presa*, de *praedam*.

Dois sons tem o *s*: *sibilante forte* e *sibilante brando*. Tem som sibilante forte, que é o seu som literal, ou seja, correspondente ao que tem no alfabeto:

1. quando inicia a palavra: *sal*, *sapato*, *salto*.
2. nas palavras compostas, quando a parte começada com *s* é usada isoladamente, e então a palavra se escreve com dois *s*: *ressoar* (re-soar), *ressecar* (re-secar);
3. quando, no meio de palavras, vem precedido ou seguido de consoante: *rapsódia*, *consolação*, *denso*.

Tem som *sibilante brando*, conseguintemente som accidental, correspondente ao do *z*, quando se acha entre vogais: *asa*, *presumir*, *reservar*.

Tratando-se de prefixo terminado em *s*, este terá o som de *z* quando se lhe seguir vogal, mas valerá dois *ss*, isto é, terá som forte quando o elemento posposto ao prefixo tiver um *s* inicial etimológico. Em *transação* soa *z* porque o segundo elemento começa com vogal; em *transubstanciação* soa de maneira forte porque dois *ss* existem etimologicamente, ou seja, porque o segundo elemento tem um *s* etimológico, *s* este que desapareceu diante do já existente no prefixo (*trans-substanciação*). Outros exemplos do primeiro caso: *transigir*, *transatlântico*; do segundo: *transudar*, *transumir*.

Afora esses casos, outros há em que seu som varia; em *obsequio*, tem som accidental de *z*, mas em *subsistência* tem som forte de *c*. O uso é que nos deve em tais casos guiar; assim é que o *s* da palavra *casino*, não obstante vir entre vogais, tem o som sibilante forte. Quando explicações não houvesse dessa exceção (a pronúncia *casino* explica-se pelo espanhol que, tendo-a recebido do italiano, serviu-nos de intermediário da palavra), seria motivo bastante para justificá-la o seu uso generalizado; *casino*, assim mesmo, com dois *ss*, devem grafar os que seguem o sistema ortográfico oficial.

S, X - Por que *espontâneo* tem *es* inicial, quando *expoente* começa por *ex*?

Existe em latim o prefixo *ex*, que ora indica exclusão, ora reforço, aumento. Se há em latim *ponere*, com a significação de *pôr*, *colocar*, há também *expōnere*, para indicar *pôr para fora*, *afastar*. Se em latim existe *spoliare*, que significa *despojar*, existe também *exspoliare*, com o prefixo reforcativo *ex*, para

indicar *despojar completamente*, *tirar tudo*, *roubar*.

Quando o vocábulo indicar ou exclusão ou reforço, o português deverá grafá-lo com *ex*, mas... confessemos sem pejo, nem sempre é coerente, e desta infelicidade já fizemos referência em vários verbetes (*esplêndido*, *expectativa*, *expirar*, *expirar*, *estender*, *extensão*); em "esperto, experto" aludimos ao proceder de Carlos Góis que dá *es* como variante do prefixo *ex*.

Para os que conhecem italiano diminui a dificuldade; nesse idioma existem palavras começadas por *s* *impuro*, isto é, por *s* seguido de consoante, sem apoio imediato em nenhuma vogal: *spontaneo*, *sperare*, *splendido*, *splendore*, *sponsale*, *spremere*... Pois bem, quando isso se dá, o português tão somente acrescenta um *e* protético, isto é, antepõe um *e* ao *s* impuro: *espontâneo*, *esperar*, *esplêndido*, *esplendor*, *esponsais*, *espremer*.

Apesar da incongruência, tentemos esta forma prática: Existe acaso em português, em italiano ou em latim o vocábulo *plêndido*? Não; conseguintemente a palavra em causa deverá ser escrita com *s*: *esplêndido*. Reciprocamente, existe em português, em italiano ou em latim a palavra *poente*? Sim; logo, *expoente* deverá ser grafado com *x*: *expoente*.

"Sa" - V. "seu".

Saara - Em que pesem as formas consignadas por Cândido de Figueiredo e por Rebelo Gonçalves, uma terceira — *Saara* — encontra-se entre nós generalizada para designar o deserto africano. São seus adjetivos pátrios: *saariano*, *saári-co*.

"Saarbrücken" - Em português, *Sarburgo* é que se chama a capital e o território do centro industrial do Sarre.

Sabiam havia tempos - Não sabemos por que escola de jornalismo se diplomou o redator que nos atirou aos olhos esta estudeiosidade: "... confirmam o que os Estados Unidos já sabiam a tempos". Não, meu rapaz; não é aí lugar para a preposição *a*, mas para o verbo *haver*, que entra em expressões de tempo com a mesma função de *fazer*. Ainda mais: as gramáticas explicam que em períodos de verbo principal no pretérito, também no pretérito deve vir o da expressão temporal: "... os Estados Unidos já sabiam *havia* (*fazia*) tempos". (407, n. 3).

Não será demais lembrar-lhe que tanto *haver* quanto *fazer* são impessoais em tais expressões de tempo, ou seja, não se pluralizam.

Sábio - Superlativo sintético: *sapientíssimo*.

Sábio, Douto, Culto, Erudito - Em grande número de vezes empregadas indiferentemente, apresentam todavia essas palavras certa diferença de significação: não constituem sinônimos perfeitos.

O *sábio* tem iniciativa, aprofunda-se, descobre e tira conclusões; Einstein foi um *sábio*, como *sábio* foi um Aristóteles, um Laplace.

O *douto* aprofunda-se na sua especialidade; nela é inteiramente instruído e versado. Santo Tomás de Aquino foi um dos mais doutos da ortodoxia católica.

O *culto* tem conhecimento a um tempo diversificado e

satisfatório. Em geral os expoentes das letras são cultos... ainda que não conheçam a contento o vernáculo.

Erudito é o lido, o ilustrado; sem ser sábio, nem douto, nem culto, um revisor de redação pode ser erudito.

Saca, Saco - Vazio, é sempre *saco*; cheio, *saco* ou *saca*, notando-se que, de dimensões pequenas, é sempre *saco*, quer cheio quer vazio.

A forma feminina *saca* é usada no comércio quando serve também de medida: Três *sacas* de arroz; duas *sacas* de açúcar; duzentas *sacas* de café.

Caso semelhante temos em *tacho*, *tacha*: no feminino indica o tacho grande, usado nos engenhos de açúcar.

Saca-rolhas - Lembramo-nos de quando, nos bancos de curso primário, advertiu-nos o professor sobre o gênero de *saca-rolhas*: "É masculina essa palavra; não se esqueçam: digam um *saca-rolhas*, o *saca-rolhas*."

Estranhável se foi naqueles tempos a correção, estranhável é ouvir ainda hoje o composto com o gênero errado.

Sacaridío - V. *ídio*.

Sacristão - Tem plural duplo: *sacristãos*, *sacristães* (Gr. Met. § 216).

Sacro - Superlativo sintético: *sacratíssimo*.

Sacudir - V. *bulir*.

Sadio - V. *saudável*.

Sadismo - *Sadismo*, palavra que por extensão indica a satisfação que o indivíduo sente com o sofrimento alheio, proveio de *Sade*, nome de certo desequilibrado marquês francês do século 18, autor de obras monstruosamente obscenas, das quais chegou a dedicar uma a Bonaparte, o que lhe valeu ser enviado a uma prisão e daí para o hospício, onde morreu.

Safári - Por influência do francês, várias palavras árabes, sânscritas, indianas, terminadas em *i* são oxítonas em português: *agi*, *alcali* (ao lado de *álcali*), *arabi*, *borni*, *híndi*, *devanagari*, *maravedi*, *justi*. Não havendo nenhum mal em de igual maneira procedermos com *safari*, de origem árabe, mas o inglês é que realmente a trouxe até nós para indicar "caravana ou excursão de caça com carregadores, animais e veículos", e a pronúncia inglesa está hoje prevalecendo (*sa-fá-ri*) e já uma segunda significação, deturpação da primeira, estão a dar-lhe: parque de animais selvagens. Se viermos a adotar a tonicidade do inglês deveremos ou acrescentar à palavra um acento agudo no *fa* ou escrevê-la com *e* final.

Sagrado - Superlativo sintético: *sacratíssimo*.

Sagüi - Com trema no *u*, mas sem sinal diacrítico no *i* tônico.

São coisas da nossa ortografia. Vejamos o que se passa com o verbo *arguir*: ele *argüi* (indic. presente), eu *argüi* (pret. perfeito). *Argüi*, em virtude da quinta regra do Formulário Ortográfico: Assinala-se com o acento agudo o *u* tônico precedido de *g* ou *q* e seguido de *e* ou *i*: *argüi*, *argüis*, *averigüe*, *averigües*, *obliquê*, *obliquês*. *Argüi* (pretérito), com um só enfeite (trema no *u*), a força de duas regras; uma, a décima segunda (Emprega-se o trema no *u* que se pronuncia depois de *g* ou *q* e seguido de *e* ou *i*: *agüentar*, *argüição*, *eloqüente*, *tranqüilo*), outra... estoura é por exclusão, pois a primeira regra diz: "Assinalam-se com o acento agudo os vocábulos oxítonos que terminam em *a*, *e*, *o* abertos" — com exclusão, portanto, dos oxítonos terminados em *i*, *u*.

É constrangedor a quem ensina ter de dar satisfação do emaranhado das regras de acentuação do formulário ortográfico oficial, constrangedor e humilhante. Pobres dos estrangeiros e dos nossos pirralhos que se vêem forçados a enfeitar palavras nossas; deles somente? Se a quarta regra precéitua: "Põe-se o acento agudo no *i* e no *u* tônico que não formam ditongo com a vogal anterior", e exemplifica com *ai*, se, além disso, no Pequeno Vocabulário Ortográfico encontramos acentuados *contribuí*, *constituí*, *destruí*, *posuí*... se, com um exemplo ainda mais próximo, *jacuí* tem o sinal correspondente à tonicidade, por que *sagüi*, *argüi* o não trazem? Por ser *gu* dígrafo? E dígrafo não é em *argüi*? Aqui deixamos a algum colega ou leitor amigo o nosso pedido de explanação do assunto.

Saia - *Barulho*: ruge-ruge, farfalhar, farfalho.

Saimão - V. *sino-saimão*.

Salamanca - Adjetivos pátrios: *salmantino*, *salamanquino*.

Salaz - Superlativo sintético: *salacíssimo*.

Salobro (ô) - É como se escreve o adjetivo que significa "que sabe um pouco a sal": *água salobra*. O étimo é o mesmo de *salubre*, com alteração do sentido.

Salonica - Com o acento tônico no *i* é o nome da cidade grega, forma aferética de *Tessalonica*, com *i* longo.

Salsicha - É palavra freqüentemente vista de forma deturpada; a sílaba medial é *si*: *sal-si-cha*. Provinda do italiano *salsiccia*, tem a nossa palavra a forma aumentativa *salsichão*, que se vê sem a deturpação gráfica da primitiva.

Salsugem - V. *lambugem*.

Salubre - Superlativo sintético: *salubérrimo*.

Salus pópuli suprema lex esto - Locução latina que significa "que o bem-estar do povo seja a lei suprema". Máxima de direito da antiga Roma.

Salvador - De Salvador, capital da Baía, são adjetivos pátrios: *salvadorense*, *soteropolitano*. De São Salvador, capital da república da América Central, os pátrios são: *salvatoriano*, *salvadorenho*. V. *cidade de Salvador*.

Salvante - V. *tirante*.

Salvo o caso - Erraremos se construirmos "salvo no caso", pois *salvo* é aí preposição, e com essa função morfológica vem seguida imediatamente do regime, sem interposição de outra partícula conetiva. Não vale, para justificar a construção *salvo em*, compará-la com *menos em*; coisa que não se dá com *menos*, *salvo* é particípio irregular (de *salvar*); conservasse ainda tal função, teríamos a palavra flexionada, a concordar com o substantivo, como se em lugar de *salvo* tivéssemos *salvado*: *salvas honrosas exceções* (salvadas honrosas exceções). Uma vez passada a palavra para a classe das preposições, conserva-se inflexível, com o mesmo significado e função de *exceto*, outro particípio irregular (de *excetuar*) que passou para a classe das preposições.

Tampouco se deve aduzir como justificativa de *exceto com* — e indiretamente de *salvo em* — a construção de frei Luís de Sousa: "Não falou nunca com pessoa de fora, *exceto com* o seu confessor"; esse proceder é hoje falho, pois vem permitir *exceto por*, *exceto para*, *exceto ante*, como facultaria estourar: *salvo a*, *salvo de...* *salvo em*. Não nos impressionemos com o exemplo de Luís de Sousa e, principalmente, não nos esqueçamos de que *salvo* não é nada mais, nada menos, que o adjetivo *salvado*, com a diferença de não flexionar-se no caso em apreço: "Va por todos os caminhos, *salvo o* que beira o rio" (e não "salvo pelo"). Nenhum acréscimo, portanto, de preposição entre *salvo* e o substantivo: "Salvo o caso de doença, as faltas serão descontadas".

Salvo-conduto - Por que *salvaguarda*, *salvateleta* sem hífen e *salvo-conduto* com enfeite? Da variedade gráfica a dificuldade de flexão; enquanto ninguém titubeia em escrever *salvaguardas*, *salvateletas*, o plural de *salvo-conduto* traz embarço; não se escrevesse com hífen, a palavra não ofereceria dúvida no plural: *salvocondutos*. § 227, exceção *t*.

"Salzburg" - Em português é *Salisburgo*.

Samaria - Adjetivo pátrio: *samaritano*.

Samatra - Em todos os prosadores e poetas antigos só aparece a escrita correta *Samatra*. Abrindo ao acaso as páginas desses escritores — são palavras de Vasco Botelho de Amaral — nunca topamos a grafia com *u* a referir, no dizer de Camões, "a nobre ilha *Samatra*".

A modificação gráfica da sílaba inicial para *su* deve-se ao inglês, que assim escrevia para que a sua pronúncia correspondesse à portuguesa, do sânscrito *samundra*. Também o espanhol, o italiano e o francês se deixaram levar pela influência inglesa.

Sancionado - *Sancão* tem mais de um sentido; se *sancão* é a parte da lei que estabelece pena aos infratores, a cláusula que pune a violação, *sancionado* não se prende a esse sentido de *sancão* mas ao de "ato pelo qual num regime constitucional o soberano ou chefe aprova e confirma uma lei"; uma lei

é sancionada, como sancionado — agora no sentido lato de aprovado, confirmado, endossado, homologado — pode ser um costume, um sistema, ou uma coisa que se introduz no uso: "Este termo ainda não recebeu a *sancão* do uso".

Sanctum Sanctorum - Expressão latina que significa "santo dos santos", ou seja, o santuário, o lugar mais secreto do templo entre os hebreus.

Sanduíche - Isto de dar-lhe o gênero feminino é procedimento de Portugal; entre nós, pelo menos até agora, o gênero é o masculino: *dois sanduíches, um com molho, outro sem*.

Sangradouro - V. *coradouro*.

Sangue frio - Como no francês (*sang froid*), a expressão em português é também *sangue frio*, para denotar "estado da alma, quando serena e senhora de si; intrepidez": "Conserve todo o fleuma da prudência, todo o *sangue frio* da convicção".

A *sangue frio* é locução adverbial que significa "serenamente"; "sem trepidar"; "com premeditação"; "sem haver provocação flagrante": Matou a *sangue frio*.

Sanguíneo - V. *calorze*.

Sant'Ana - V. *Sant'Iago*.

Sant'Iago - Ou assim se escreve — e é a maneira que corresponde à pronúncia usual — ou *Santo Iago*. O que não pode ser é "San Tiago" nem "São Tiago". O santo é *Iago*, do hebraico *Iakov, Jacó*. Tal qual se dá com *Sant'Ana*, também *Sant'Iago* se escreve numa só palavra quando se pretende nomear uma cidade, um bairro: *Santana, Santiago*.

Santa Catarina (estado brasileiro) - Sigla oficial: SC, sem nenhum ponto.

Santarém - Adjetivo pátrio: *santareno, santarense*, quer se refira à cidade do Pará, quer à de Portugal.

Santo Antônio de Lisboa - V. *São Vicente de Paulo*.

Santo Cristo - V. *a cidade do Salvador*.

Santo Deus - V. *a cidade do Salvador*.

Santuário - V. *lugares de culto*.

São, Santo - A forma apocopada "são" emprega-se antes de nomes começados por consoante: *São Francisco, São José*.

"Santo" precede nome começado por vogal ou *h*: *Santo Antônio, Santo Henrique*.

São exceções, talvez por influência do espanhol, *Santo Tomás, Santo Tirso, Santo Cristo*. *Santo* é ainda a forma que se usa quando antes de outro título (*Santo Frei Gil*) ou referente a patriarcas do Velho Testamento: *Santo Jeremias, Santo Jó*.

Com nomes próprios femininos usa-se somente a forma *santa*, *Santa Cecília, Santa Inês*.

"O Santo Padre" ou "O Padre Santo" é o papa; "os Santos Padres" ou simplesmente "Padres" são os antigos doutores da Igreja, os mestres e mais autorizados expositores da doutrina católica.

Como nome comum, outros sentidos tem no Novo Testamento a palavra *santo* (Epístola aos Romanos, I, 7), mas com tal emprego não precede nomes próprios e, pois, não oferece duplicidade de forma.

São (que tem saúde) - Superlativo sintético: *saníssimo*.

São Bom Jesus - V. *a cidade do Salvador*.

São Francisco de Paula - V. *São Vicente de Paulo*.

São Paulo (cidade) - "A grande São Paulo" devemos dizer: não somente os nomes de cidade senão também os das ilhas se consideram em português femininos; como se diz "a *populosa* Londres", "a *bela* Paris", "Campos do Jordão é *procurada* para descanso", diz-se igualmente "Marajó é *linda*", "Lesbos era *cultivada*".

Que saibamos, *Cairo, Porto e Rio de Janeiro* são as únicas exceções, explicadas por dois motivos: 1. provieram de nomes comuns; 2. sempre, desde que o *cairo*, o *porto* e o *rio* ainda não se haviam constituído cidades, esses nomes foram usados com o artigo devido. Não cabe, ao que nos parece, pensar em *município* nem para modificar a concordância de "a Grande São Paulo" nem para justificar as três exceções; além do mais não há nessas exceções um município, mas um aglomerado de municípios.

Andam por aí, de certo tempo para cá, a dizer "o Recife" para indicar a capital de Pernambuco; não; como fizemos ver nestas *Questões Vernáculas*, o Recife é parte, é bairro de Recife; para indicar toda a cidade, o certo — como sempre fizemos — é "Recife é festiva": o nome comum perdeu o artigo, uma vez esquecida a significação.

Por outro lado, não tem cabida dar ao nome um gênero quando seguido de predicativo, outro quando antecedido de adjunto; se o correto é "São Paulo é *populosa*", correto só poderia ser "a Grande São Paulo".

Tampouco devemos pensar em "ir à origem do nome da cidade para qualificar a megalópole"; vejamos *Rio Grande*: "O Rio Grande é bonito" — está aí o artigo, o gênero masculino se impõe quando referente o nome ao estado; "Rio Grande é bonita": sem artigo, é feminino o nome quando referente à longínqua cidade gaúcha.

São Paulo (estado brasileiro) - Sigla oficial: SP, sem nenhum ponto. Adjetivo pátrio: *paulista*, que não deve ser confundido com *paulistano*, pátrio da capital. V. *paulista, paulistano*.

São Redentor - V. *a cidade de Salvador*.

"**São Salvador**" - O *São de Salvador* é popular, e a esta origem se deve sua forte vida; melhor agiremos dizendo, referindo-nos à cidade de Rui: *o Salvador, a cidade do Salvador*, ou, sem o artigo, *Salvador, a cidade de Salvador*, sempre sem o popular e inútil *São*, que até oficialmente já foi abolido.

A própria designação oficial de um país da América Central — *El Salvador* — não tem esse popular "são", não obstante o tenha o nome de sua capital, *San Salvador*. V. *a cidade do Salvador*.

De Salvador, capital da Baía, são adjetivos pátrios: *salvadorense, soteropolitano*. De São Salvador, capital da república da América Central, os pátrios são: *salvatoriano, salvadorenho*.

São Vicente de Paulo - S. *Vicente de PAULO*, com o. Nasceu em Pouy, França; seu pai, também francês, tinha idêntico cognome, "de Paul", designativo da família de origem, como se diz "Santo Inácio DE LOIOLA".

Outro nome, que com esse às vezes se confunde, é S. *Francisco de PAULA*, com a, por ter nascido em *Paola*, cidade italiana da Calábria, como dizemos "Santo Antônio DE LIS BOA", designando a terra natal.

Em francês este segundo nome é escrito "de Paule", com e final, a diferença do primeiro, que o não tem.

Cremos suficientes esses dados para mostrar a diferença desses nomes. Para retê-la na memória lembre-nos de que São *Francisco* tem a no nome, e de que o não tem São *Vicente*.

Sapato - *Aumentativos pejorativos*: *sapatola, sapatorro* (ô), *sapatorta* (ô), *sapatranca, chianca*.

Barulho: *chiar, ranger, rinchar, ringir*.

Sapo - *Aumentativo*: *saparrão*.

Feminino: *sapa*.

Voz: *coachar, gargarejar, engrolar, gasnir, grasnar, malhar, rouquejar*.

Sar - Oriundas de idiomas de fonemas estranhos aos nossos, certas palavras são escritas no vernáculo com letras subsidiárias que não condizem com a nossa vocalização. É o que acontece com *czar* ou *tzar*, apelativo dos soberanos russos, definitivamente adotado a começar de Ivã IV, 1547, apelativo que para idêntico fim existia havia muito entre os eslavos, búlgaros, sérvios, e fora pelos próprios russos adorado com Vladimiro Monômaco (1113-1125). Segundo o historiador Karamzine, dele se serviram os orientais, que o colocavam no fim de seus nomes para indicar o poder supremo: *NevukhadlinesSAR* (*Nabucodonosor*), *NabonasSAR*, *AbihbaaSAR*.

A dar crédito às afirmações desse grande historiador russo, vê-se que, embora o seja quanto à significação, quanto à etimologia essa palavra não se filia ao latim *Caesar*. Em *Voltaire, Histoire de Charles XII*, livro II, pág. 48 (apud *Nascientes*), vemos a confirmação dessa abalizada opinião: "Le mot *czar* ou *tzar* voulait dire *roi* chez les anciens Scythes, dont tous ces peuples sont inconnus et ne vient pas des *Césars* de Rome, si longtempis inconnus à ces barbares".

A palavra em russo pronuncia-se *tzar*; a grafia *czar* é fran-

cesa, mas nenhuma das vocalizações *tz* e *cz* existe entre nós. O aconselhável seria grafá-la com *s* inicial: *sar*. Assim faz o catalão e, no português, a conclusões poderemos dizer idênticas, se escrevermos *s* em vez do inexistente *c* cedilhado inicial, chega Gonçalves Viana (Apostilas II, 506-8): "A forma *tsar* seria a que mais se aproximaria da pronúncia que esse *c*, bem como o *cz* e o *tz* representam. Eu prefiro, porém, escrever e pronunciar em português *car*, a não se querer o melhor de tudo, que seria dizer *imperador*. A imperatriz tem o título de (*t*) *car* (*t*) *ca*, e não o que se lhe forjou no resto da Europa, *czarina*; o príncipe herdeiro o de (*t*) *çarévi* (*t*) *ch*, e a princesa o de (*t*) *çarévna*, todos os três com acento tônico na penúltima sílaba".

Saracura - *Voz*: apitar, quebrei-o-pote.

Saraiva, Granizo - "Para as condições nacionais, a forma de precipitação atmosférica no estado sólido de maior importância é a chuva de pedra, que em função do diâmetro pode ser chamada de *granizo* ou de *saraiva*. O *granizo* é uma precipitação de pedras de gelo, transparentes ou translúcidas, esféricas ou irregulares, raramente cônicas, com diâmetro geralmente menor de cinco milímetros; quando o diâmetro é maior, trata-se de *saraiva*".

É o que nos diz o meteorologista Dirceu Brasil Vieira. Literariamente, *saraiva* é que se presta para a linguagem figurada, para indicar abundância de coisas que caem, de coisas que se sucedem rapidamente: "Eu sempre a defendê-la; e a mais sempre a *saraiva* de chufas" — "*saraiva* de pelouros".

Saraivar - *V. arraigar*.

Sarcântemo - *V. crisântemo*.

Sardenha - Adjetivos pátrios: *sardo*, *sardento*.

Sardinha - *Coletivo*, quando em cardume no mar: corcho (ô), corso.

Sardônico - Existente já no grego, passou para o latim e chegou até nós o adjetivo *sardônico*, de *Sardenha*, ilha do Mediterrâneo, pertencente à Itália. Pouco salubre e mediocrementemente fértil, tem ela entre as ervas que aí nascem a *sardônia*, venenosa.

A seguir vários historiadores, quem come dessa erva morre em convulsões horríveis, deixando transparecer durante elas um sorriso constrangido, forçado, resultante de involuntárias contrações de músculos do rosto. Daí o significar "riso *sardônico*" o riso forçado, o riso estilizado, o riso falso.

Sargento, Sargenta - O étimo da palavra permite-nos o feminino *sargenta*. Se *tenente* conservou o forma primitiva e presta-se como adjetivo uniforme para os dois gêneros, a forma participial latina *seroiente* deu-nos pelo francês *sargent* a palavra terminada em *o*, o que nos obriga a flexão *sargenta* para o feminino.

É o mesmo caso de *soldado*, também de forma participial latina, cujo feminino é *soldada*.

Não será o fato de não existirem exércitos de mulheres que irá impedir-nos de aceitar, conhecer, flexionar palavras inteiramente de acordo com as normas do idioma, mas o Exército da Salvação aí está com *soldadas*, *sargentas*, *generalas*.

Redijamos sem medo: "Duas outras *sargentas* da Polícia Feminina acompanhavam os acontecimentos à paisana como simples visitantes".

Satisfazer - No sentido de:

a) *contentar*, *agradar*, tanto se diz "satisfazer o desejo" quanto "satisfazer ao desejo";

b) *convencer*, *persuadir*, tem também as duas regências: "Este chora porque não acha bem que o satisfaça" — "e quando lhe satisfazia com divinas respostas";

c) *contentar-se*: "Satisfaz-se com a exposição";

d) *indenizar-se*, *vingar-se*, *fartar-se*: "Satisfazer-se da perda" (indenizar-se) — "Se o difamador não se satisfaz das injúrias a quem o injuriou" (vingar-se) — "... de como se satisfazia delas" (fartar-se).

Saudade, Saudades - Não nos parece interessar ao leitor a explicação da proveniência latina do vocábulo, mas pensamos não macá-lo esta prova de que é infundado afirmar ser ele intraduzível para outros idiomas. Não é realmente aceitá-

vel que outros idiomas não tenham equivalência já de expressões, como "fiquei com a pulga atrás da orelha"; "rir a bandeiras despregadas", já de simples palavras, como a que estamos apreciando: a capacidade de receber impressões é uma só na humanidade; não existe rigidez filológica capaz de obumbrar o sentimento de uma nação. Cremos ser procedimento psicofilológico correto este de aceitar em outros idiomas, ainda que não se conheçam, a existência de equivalências a palavra e a expressão nossas; que orgulho é este de achar que outros povos não vivem?

É *saudade* exemplo do desacerto da afirmação de que somos os únicos a possuir a palavra que expressa "desejo de um bem do qual se está privado; pesar, mágoa causada pela ausência do objeto querido; lembrança suave e ao mesmo tempo triste de pessoa que se nos tornara simpática". O árabe, aduzido pelo professor Taufik Kurban, aqui está para prová-lo. Não uma, mas duas palavras existem nesse idioma — e igual informação dá-nos o professor Helmi Nasr — para expressar o sentimento de mágoa pela ausência do bem amado.

É a primeira delas *hanim*, oxitona, de uso literário; é palavra onomatopaica, que reproduz a voz da camela que ao chegar ao destino de uma viagem volta a cabeça na direção do lugar em que deixou o filho e expressa com um *hanim*, alto, longo e sentido, o pesar do afastamento.

Mais popular, por todos usada, é a palavra *chauque* (*xáu-que*), empregada quase sempre no plural.

Talvez a inexistência da palavra no espanhol tenha levado mestres do vernáculo a apontá-la como idiotismo. Nem é idiotismo, nem de estranhar é o usar o árabe a forma popular no plural, como estranhou em português certo consulente que nos escreveu: "Um meu amigo não se conforma com a flexão do vocábulo *saudade*; diz ele ser *saudade* uma só coisa e, portanto, não poder numericamente variar. Devo estender-lhe a mão?"

Não faz o estudo da flexão parte da sintaxe senão da morfologia; naquela admitem-se e justificam-se raciocínios; nesta só excepcionalmente há ocasiões de aplicá-los. Por compreender tradições de séculos, ou ainda, transformações justificadas por todo um povo, são as regras da morfologia rígidas; antes que meditá-las importa decorá-las.

Para a pergunta abrimos uma gramática e vemos mais ou menos isto: Os substantivos que exprimem nocões abstratas, vícios e virtudes empregam-se no singular: a *prudência*, a *preguiça*, a *caridade*, a *ociosidade*, a *fortaleza*.

Essa simples regra parece dar vitória ao contendor do misivista, e exemplos não faltam que a confirmem, como este de Alexandre Herculano: "Quem observasse as montanhas azuladas ao longe, os campos virentes ao perto e, no meio, o rio adormecido, não poderia deixar de sentir esta incerta *saudade* que parece não ter objeto e que não é mais do que a *saudade* de Deus". A seguir, porém, as páginas da gramática, encontramos: Tratando-se de virtudes, vícios, de certas disposições, sentimentos e paixões, muito é para notado que, em alguns casos, a mesma palavra, empregada no singular ou plural, não designa de todo o ponto a mesma noção, mas dois aspectos diferentes por ela indicados nos dois números, como tão ao claro no-lo dão a ver os modelos do bom falar: "Deixando as armas e as armaduras, a *liberdade* e as *liberdades* da vida, se vestiu de um hábito religioso" (Vieira).

Outras frases semelhantes se encontram do mesmo autor, que patenteiam a diferenciação de idéia com a diferenciação de número em palavras como: *caridade* e *caridades*, *zele* e *zelos*, *amor* e *amores*, *baixeza* e *baixezas*, *franqueza* e *franquezas*.

A esta parte da leitura da gramática concluímos que por não implicar mudança de sentido a mudança de número, é indiferente o plural *saudades*, na sua geral acepção, para indicar o complexo de sentimentos que a *saudade* encerra. É disso confirmação o fato de outras palavras, designativas de disposições e sentimentos de espírito, quando nenhuma diferença de sentido implica sua flexão numérica, serem a

pouco e pouco substituídas pelo plural. Tal se deu com *parabém*, com *pêsame*, com *felicitação*, nomes que, dantes empregados no singular ("Vossa senhoria me dá o *pêsame* dos azares com que vivo, e juntamente o *parabém* da enfermidade com que hei de morrer" — Vieira), são hoje usados no plural.

Saudade vai sofrendo idêntica adaptação; já não dizemos que um dia só o plural se venha usar, mas por ora nada há que opor ao emprego da flexão numérica.

Coletivo — *arrequeada*: uma *arrequeada* de saudades. V. *nostalgia*.

Saudável, sadio - Uma casa é *saudável*, como *saudável* é um ambiente; em casos como esses podemos quase sempre empregar também o adjetivo *sadio*: alimentação *sadia*.

O que não podemos é dizer que um indivíduo possuidor de saúde é *saudável*; agora é *sadio* que se diz. O que dá saúde é *saudável* ou *sadio*; o que tem saúde, o que revela boa disposição é *sadio*.

É o que uma voz dizem os dicionários.

Saudoso - É palavra bifronte: tanto é *saudoso* o mestre de que nos lembramos, quanto *saudosos* somos nós que nos lembramos dele.

Saúva - A saúva macha é chamada *bitu*, *vitu*, *sabitu*, *savitu* (nomes estes masculinos) e *escumana* (feminino); a fêmea é chamada *icá* e *tanajura*; enquanto *tanajura* é feminino, *icá* é empregado com os dois gêneros.

sc. - Abreviação do latim *scilicet*, de uso internacional, que significa "a saber", "isto é", "quer dizer", "ou seja".

"Score", resultado - A nossa melhor tradução de "score" é *resultado*. Também *contagem*, *marcação* substituem bem, em muitos casos, a palavra inglesa, quando empregada em assuntos de esporte, de competição, de jogo.

O procedimento do vocabulário oficial brasileiro de consignar o aportuguesamento "escore" não é seguido pelo oficial português nem pela língua espanhola, que tem palavra própria (*tanteo*) para o caso.

Scribitur ad narrandum, non ad probandum - "É escrita para narrar, não para provar"; é a diferença, estabelecida por Quintiliano (Inst. Orat. X, 1, 31), entre história e eloquência.

"Script", texto - A palavra nossa, legítima, perfeita para traduzir a inglesa é *texto*. Manuscrito ou datilografado, o *texto* é a peça (de teatro ou do que quer que seja) ou qualquer passagem, notícia que se deva ler em meios de comunicação oral. Tratando-se de ópera, é já tradicional o emprego de *libreto* (é), aportuguesamento do italiano *libretto*.

"Scutari", Escútari - Como em italiano, este nome, designativo de uma cidade da Albânia, é proparoxítono, mas deve trazer o necessário e protético do aportuguesamento: *Escútari*. Essa não é a acentuação do dicionário português de 40, mas jamais nos foi dado ouvir a palavra de forma que não fosse a proparoxítona. Os que aí nasceram que o digam.

Se - Palavrinha realmente escabrosa é esta, em que tropeçam com muita frequência os descurados da língua portuguesa. Tentemos ver os variados aspectos léxicos e sintáticos com que ela pode apresentar-se numa oração.

1. REFLEXIBILIDADE PRONUNCIADA — É primeira função do *se* indicar reflexibilidade de ação, fazendo com que o sujeito se torne, ao mesmo tempo, agente e recipiente da ação verbal; é a ação do espelho, que devolve a luz à fonte que a emitiu: Ele se feriu. Ele, causador da ação de *ferir*, recebe-a de volta. O *se* tem essa força em português, força herdada do latim, força *acusativa*, isto é, de objeto direto. Com tal função, o *se* é empregado com verbos transitivos diretos, e tanto o verbo quanto o *se* se dizem *reflexivos*. A reflexibilidade é com tais verbos chamada *pronunciada*, porque a ação verbal tem necessariamente de atingir um objeto, que no caso é o próprio sujeito.

Com tal que sejam da mesma pessoa do sujeito, também os pronomes *me*, *te*, *nos* e *vos* exercem função reflexiva: eu me firo, tu te ferest, nós nos ferimos, vós vos feris.

VARIANTE — O *se* tem valor reflexivo também em construções como esta: "Ele se arroga o direito" — função sin-

tática diferente da do caso anterior: o objeto direto é "o direito" e o *se* exerce agora função *dativa*, isto é, de *objeto indireto*; a oração equivale a: "Ele arroga o direito a si", onde "arroga" é verbo transitivo com dois objetos: "o direito", objeto direto, e "a si", objeto indireto, equivalente a "para si".

A ação verbal tem caráter reflexo nítido, mas um cuidado se impõe: Não podemos dizer: "Ele se comprou uma casa" — "Ele se abriu uma conta no banco" — "Eu me construí um prédio" — "Nós nos arranjamos um lugar" — "Vós deveis reservar-vos uma cadeira no teatro" — "Tu te traçaste boas normas de vida". Não são portuguesas tais construções.

A possibilidade de emprego do *se* dativo (bem como de *me*, *te*, *nos*, *vos*, com igual função), acompanhado de outro nome como objeto direto, fica limitada a certos verbos e, ainda assim, a certos casos já usuais e consagrados: *reservar-se o direito*, *dar-se pressa*, *dar-se importância*, *propor-se fazer*, *propor-se esclarecer*, *impor-se o dever*. Fora esses poucos casos ou outros semelhantes, são rebarbativas construções como: "Por que você se fritou só um ovo?" — As construções usuais são: "Ele traçou *para si* normas de vida" — "Ele reservou *para si* uma cadeira" — "Ele abriu *para si* uma conta" — "Nós arranjamos um lugar *para nós*" — "Deveis reservar *para vós* o melhor lugar" — "Tu traçaste boas normas *para ti*".

2. REFLEXIBILIDADE ATENUADA — Quem estudou gramática sabe haver dois tipos de verbos pronominais: *essenciais* e *acidentais*. Essencial é o que invariavelmente vem com pronomes oblíquos (*queixar-se*, *arrepender-se*...); acidental é o que foi visto no número 1, ou seja, aquele cuja ação pode voltar-se ao sujeito, como *ferir* (ele se feriu) ou passar para outro objeto (ele feriu o *companheiro*).

Com os pronominais acidentais a reflexibilidade é pronunciada, é evidente, é positiva; com os essenciais, que são poucos, o *se* (ou outro oblíquo acusativo) perde o real valor de objeto direto; esta função passa a ser por ele exercida aparentemente, ficticiamente. Em "ele se arrependeu" o *se* não indica propriamente revolução da ação verbal sobre o sujeito, mas uma ação que obrigatoriamente tem de ficar no sujeito, sem poder passar para um objeto (tal qual se dá com os verbos intransitivos). O *se*, em tal caso, indica reflexão em virtude do próprio verbo — que não pode dispensar o oblíquo — e não em virtude do sujeito.

VARIANTE — Os verbos pronominais essenciais muito se aproximam dos verbos intransitivos, uma vez que exprimem ação que não pode passar para um objeto; daí a razão de poderem certos verbos intransitivos vir acompanhados do reflexivo *se*, que virá então indicar (tal qual se dá com os pronominais essenciais) *reflexibilidade atenuada* de ação, mostrando, de certo modo, *espontaneidade* de ação por parte do sujeito.

Na verdade, há diferença entre "ele morre de tristeza" e "ele se morre de tristeza". Na segunda oração o *se* vem indicar que o sujeito de certo modo morre de tristeza por causa própria, ao passo que o primeiro exemplo indica contrariedade por parte do sujeito.

Outros exemplos: "Ele se foi" — "Ele se estava descansando". Idêntica função podem exercer os pronomes *me*, *te*, *nos* e *vos*: "Fomo-nos antes que nos mandassem sair".

A presente variante era comumente empregada pelos nossos antigos escritores; podiam e isso faziam dado o conhecimento que tinham da língua; hoje, só escritores muito bons sabem lancar mão dessa variante. Veja-se o sabor de vernaculidade que à pergunta "Como vai isso?" dá a resposta "Isto já não vai, vai-se".

Quando complemento comum, o oblíquo vem anteposto ao primeiro verbo: "Ele se rasgava e desfazia em elogios" — "...por entenderem que as almas dos defuntos se propiciavam e consolavam com sangue humano" — "A medicina tanto se aprofundou e expandiu" — "...projetos que se movimentam e acomodam".

3. RECIPROCIDADE — O sentido de uma oração de su-

jeito composto, como "Áspide e víbora se emprestam peco-nha" — "Eles trocaram-se cumprimentos" — denota que o se indica reciprocidade de ação; nesse caso, o verbo e o pronome se dizem *recíprocos*, e o se é objeto direto ou indireto, conforme o verbo, ou regime de preposição.

4. PASSIVIDADE — a) A voz passiva pode em português ser indicada também com o pronome se, que então se diz pronome apassivador; este caso dá-se ou quando o sujeito é ente inanimado, consequentemente incapaz de praticar a ação verbal, ou quando o sentido da oração mostra que o sujeito é paciente da ação verbal.

Na oração "alugam-se casas" — *casas* não pratica a ação de *alugar*, e, sim, recebe, sofre tal ação, o que equivale a dizer que *casas* não é o agente mas o paciente da ação verbal. O verbo é passivo, e essa passividade é indicada pelo pronome se. A oração "alugam-se casas" é idêntica à oração "casas são alugadas"; em ambas o sujeito é *casas*, que, pelo fato de estar no plural, deverá levar também para o plural o verbo; dizer "aluga-se casas" é erro igual a dizer "casas é alugada".

Constituem erros inomináveis construções como *vende-se livros usados*, *conserta-se relógios*, *reforma-se chapéus*.

Não será difícil ao leitor corrigir construções como estas: "Denomina-se de geminadas às consoantes dobradas" — em vez de: "Denominam-se geminadas as consoantes dobradas". "Consoantes dobradas" é o sujeito, sujeito passivo; se é sujeito, não pode ser craseado o *as*; além disso, é sujeito plural, pelo que o verbo deve ir para o plural: *as consoantes dobradas são denominadas geminadas*. Outro exemplo de construção errada: "Alfabeto diz-se do conjunto sistematizado de letras". O certo é: "Alfabeto diz-se o conjunto...".

Observe que têm força passiva os verbos ativos quando, no infinitivo, funcionam como complementos de certos nomes; assim, "osso duro de roer" é o mesmo que "osso duro de ser roído"; "estrada difícil de passar" equivale a "estrada difícil de ser passada" (nessas frases, *de roer* funciona como complemento nominal do adjetivo *duro*, e *de passar* é complemento nominal do adjetivo *difícil*).

Igual força passiva têm os verbos transitivos quando, em certas locuções verbais, vêm anteceditos de *para*, *por*, *a*: "Esse caso é para imitar" — "Não é para estranhar que ele assim proceda" — "A composição está ainda por corrigir" — "...um livro há muito começado a ler".

A força passiva já existente nesses casos é que não permite um se junto aos infinitivos; é errôneo dizer "estrada difícil de passar-se", "atraso em imprimir-se o livro".

Construamos: *osso duro de roer*, *estrada difícil de passar*, *há muitas coisas para vender*, *esse exemplo não é para imitar*, *obra começada a imprimir*, *há outros problemas por resolver*.

b) Nas orações em que, além do verbo principal, há mais um infinitivo, essa função apassivante do se e consequente concordância verbal requerem cuidado. Suponhamos as construções "devem-se transformar as leis" e "deve-se transformar as leis". Há quem diga estarem ambas certas, afirmando que na primeira o sujeito é *leis* (as leis devem ser transformadas) e que na segunda o sujeito é o infinitivo, como se esta fosse a sentença: *transformar as leis é necessário*.

A primeira construção parece evidenciar clareza maior que a outra e maior segurança gramatical, pois a segunda pode levar-nos a interpretar o se como sujeito, tal qual se passa com o *on* francês.

Há casos, porém, em que se nota, evidentemente, que o infinitivo é que é o sujeito: "Procura-se anular as nomeações — onde nomeações é objeto de *anular*, *anular* é sujeito do verbo passivo *procura-se*."

Nota-se esta diferença e, ao mesmo tempo, norma prática para a devida análise e concordância dessas construções. No caso anterior (*devem-se transformar as leis*) podemos com toda a clareza resolver a construção em "as leis devem ser transformadas"; o segundo exemplo (*procura-se anular as nomeações*) já não pode ser assim desdobrado, porquanto não se pode admitir que "nomeações *procurarem* ser anuladas",

uma vez que as nomeações não podem praticar a ação de *procurar*.

Com os verbos que indicam intenção, declaração de vontade, geralmente o sujeito é o infinitivo: "Intenta-se fazer grandes coisas" — "Pretende-se reerguer as colunas" — "Proíbe-se afixar cartazes" — "Quer-se demolir esses muros" — "Não se conseguiu obter informações".

Com os verbos *ver* e *ouvir*, ou estes ou o infinitivo concordam com o sujeito: "Viram-se relampaguear as armas" ou "Vi-se relampaguearem as armas". Outros exemplos: "Ouvem-se os sinos tocar a rebate" — "Via-se ao longe resplandecerem as cumiadas das montanhas".

c) Em construções como: "Sabe-se que ele é falso", o se continua a exercer função apassivante, como se este fosse o período: "Que ele é falso (sujeito oracional) é sabido" (verbo passivo).

d) Quando o sujeito é constituído de ente capaz de ação, como em: "Essas pessoas se vendem caro" — perde a construção o valor passivo, assumindo o pronome força reflexiva, tal qual se passa na primeira função do se (reflexibilidade pronunciada). Da ambigüidade que tais construções podem trazer daremos explicação posteriormente (V. se *ambíguo*).

e) As formas oblíquas *me*, *te*, *nos* e *vos*, embora raramente, exercem também função apassivante: "Eu me batizei" (fui batizado) — "Tu te chamas Antônio (és chamado) — "Nós nos batizamos" — "Vós vos chamais Antônio".

f) Em orações passivas pode aparecer um objeto indireto: "Come a pena se me comute na graça de..." (Que a pena seja comutada *para mim* na graça de...).

g) Quando apassivante, o se pode ficar entre o infinitivo e o verbo de que o infinitivo depende: "Deve-se repartir a herança" — "Promete-se acabar com as injustiças" — "Pode-se ver o que fez ele" — "Peixes podem-se pescar..."

5. IMPESSOALIDADE — A) Empregava o latim a voz passiva com os verbos intransitivos e com os verbos transitivos indiretos para indicar *impessoalidade*, isto é, para indeterminar o sujeito do verbo, ficando o verbo sempre no singular.

É passagem muito conhecida esta de Virgílio: "Sic itur ad astra" — que forçosamente se traduz por: "Assim se vai aos céus", com o auxílio do pronome se, indeterminante do sujeito; é construção *passiva impessoal*; nela existe um verbo passivo sem sujeito determinado.

Outros exemplos em que entram verbos *intransitivos* e verbos *transitivos indiretos*, empregados com o se para indicar indeterminação do sujeito:

Verbos *intransitivos*: "No Rio de Janeiro *passa-se* muito" — "Quanto mais se *sobe*, mais se *desce*".

Verbos *transitivos indiretos*: "Precisa-se de *costureiras*" — "Trata-se de caso *incurável*".

Dizer: "Precisam-se de *costureiras*", "Tratam-se de *casos omissos*" — é dizer *tolice* em português, pois *costureiras* e *casos omissos* não constituem sujeitos dos verbos; o sujeito, como vimos, é indeterminado; o verbo deve ficar no singular.

Existem, todavia, certos verbos transitivos indiretos que também se constroem com objeto direto; o verbo *precisar* é um deles; tanto é certo dizer: "... sem precisar de doutor nem de *feiticaria*", quanto é certo construir, como fez Castilho: "... sem precisar doutor nem *feiticaria*". Uma vez transitivo direto, pode perfeitamente apassivar-se o verbo *precisar*: "Precisam-se operários" — "Precisa-se um *datilógrafo*". Estranhável e errada é a construção: "Precisam-se de operários". Ou se diz: "Precisam-se operários", apassivando-se pessoalmente o verbo, ou: "Precisa-se de operários", impessoalizando-se a construção.

B) VARIANTE — O se pode indicar impessoalidade de ação com os próprios verbos transitivos diretos, em frases como estas: "Louva-se aos juizes" — "Previne-se às pessoas presentes".

Nessas construções, *juizes* e *pessoas presentes* são objetos indiretos; se essas palavras viessem sem a preposição (ligação dos objetos indiretos), elas forçosamente passariam a

funcionar como sujeitos, tornando-se imperiosa a concordância do verbo: "Louvam-se os juizes" — "Previnem-se as pessoas presentes" — mas o sentido dessas expressões ficaria mudado, passando a ter força ou reflexiva ou passiva.

A impessoalidade com os verbos transitivos diretos requer estas condições:

1. que a expressão tenha sentido próprio, diferente da construção passiva;

2. que o objeto indireto seja constituído de pessoa.

A razão da primeira condição justifica-se por si mesma. A segunda condição justifica-se porque, tratando-se de coisas, não há perigo de ambigüidade e a construção pessoal então se impõe. Orações como: "É muito justo que se respeite aos dotes" *devem ser construídas pessoalmente*: "É muito justo que se respeitem os dotes". E, assim: "Já se imaginaram os resultados de tal reforma?"

Note-se que se substituírmos na oração "Louva-se aos juizes" o objeto pelo correspondente pronome oblíquo, fica "louva-se-lhes" e nunca "louva-se-os".

C) Os próprios verbos *ser* e *estar* aparecem em bons escritores impessoalizados com o *se*: "Muito se lucra quando se é honrado" (Camilo) — "Só há tesouro público onde se não é obrigado a arrecadar para ele sangue, lágrimas e maldições" (Castilho) — "Para as confundir é necessário *ser-se* mais que medianamente estúpido" (M. Barreto) — "Assim se estava muitos séculos antes" (Bernardes) — "Aqui, senhor Pancrácio, está-se oitivamente" (Castilho).

De maneira engraçada, há quem ensine que as orações em que ocorre *se* a indicar impessoalidade e outras impessoais são "orações de sujeito inexistente".

6. FUNÇÃO FRANCESA - O *se*, em português, não exerce função de sujeito; a combinação pronominal *se o* e a não concordância verbal nas construções passivas pessoais dão ao *se* função de sujeito, como se em lugar do *se* estivesse escrito *alguém, a gente, certa pessoa*. Quem redige "Sempre se o vê" está a empregar o verbo *ver* como transitivo direto e a dar-lhe o *se* como sujeito e o *o* como objeto direto; de igual forma, quem redige "Louva-se os juizes" está a empregar *se* como sujeito do verbo e *os juizes* como seu objeto direto.

Essas construções (e, conseqüentemente, essas análises) vão, antes de tudo, de encontro à tradição da língua, e, em segundo lugar, o próprio étimo latino do nosso *se* não as justifica, por não haver em latim a forma reta (caso nominativo, índice da função subjetiva) desse pronome.

Essas construções constituem puros francesismos; nelas o *se* está exercendo a função do *on* francês (palavra que nessa língua exerce função de sujeito: *Toujours on le voit — On aime les fleurs*), em desobediência à tradição do português e ao étimo do nosso *se*.

Jamais devemos construir: "Os livros sairão a contento imprimindo-se-os em formato pequeno" (o certo é: "... imprimindo-se em formato pequeno" — sem o *os*; *imprimindo-se* equivale a *sendo impressos*; o *se* indica passividade).

As combinações *se o*, *se a*, *se os*, *se as* são estranhas e injustificáveis no nosso idioma; nenhum clássico delas se serviu, e o fato de as encontrarmos aqui e ali, em um ou outro articulista, só se explica pela influência do francês, onde tal uso é comum e de acordo com os seus princípios gramaticais. Se aí se justifica, em português não o podemos fazer, pois muito outra é a função do *on* francês da do nosso *se*.

Sobre esse ponto julgamos satisfazer o leitor com transcrever aqui uma passagem de Mário Barreto: Em vez de *diz-se-o, faz-se-o, vê-se-o, não se o sabe, dir-se-á*, segundo os casos: *diz-me, dizem-no, vê-se, ninguém o sabe* etc. Frases francesas como: *On la porte sur son lit, on le reconduisit chez lui, on l'appella pour diner, on la traitait avec bonté, on ne le trouva pas, on ne les voit pas comme ils sont*, traduzem-se assim: *levam-na para a cama, levaram-no para casa, chamaram-na para jantar, tratavam-na com bondade, não o encontraram, não se vêem como eles são*.

Muitos traduzem *on le por se o*; mas esta locução está longe

de merecer aprovação, e o leitor fará muito em a evitar.

7. SE, SUJEITO — Em "Alberto deixou-se ficar" o *se* é sujeito, mas sujeito acusativo, ou seja, sujeito de um infinitivo, função etimologicamente certa — nesta seção já explicada — e inconfundível com a função francesa ou com qualquer outra.

8. SE, AMBÍGUO - A) Examinemos a oração: "Pedro e Paulo feriram-se". Três diferentes sentidos pode ela ter. Em primeiro lugar, o verbo poderá ser passivo, equivalendo a oração a: "Pedro e Paulo foram feridos". Em segundo, o verbo poderá ser reflexivo, e a oração significará que "Pedro e Paulo se feriram a si próprios". Em terceiro poderemos interpretar o pronome como índice de reciprocidade de ação, significando a sentença que Pedro feriu a Paulo e Paulo feriu a Pedro, isto é: "Pedro e Paulo feriram-se reciprocamente".

Vemos daí a falta de compreensão a que pode expor-se quem desconhece as funções do pronome *se*. Para evitar ambigüidade costuma-se em tais casos empregar expressões como *reciprocamente, um ao outro, uns aos outros* nas orações em que o *se* indica reciprocidade, empregar *a si próprios* nos casos de reflexibilidade de ação, e deixar a oração sem nenhum especificativo quando de sentido passivo claro.

B) Duas objeções encontramos para o emprego da partícula *se* na construção "Quando se começou a conhecer os homens". 1 — Se tomarmos o *se* como apassivante de *começou*, qual o sujeito? Nem *homens*, nem *conhecer* poderá ser; não o primeiro, porque é plural; não o segundo, porque é preposicionado. 2 — Se corrigirmos para "Quando se começaram a conhecer os homens", teremos um *se* de interpretação ambígua; poderá indicar passividade (Quando os homens começaram a ser conhecidos), poderá ser reflexivo (*se* = a si próprios), poderá expressar reciprocidade (*se* = um ao outro).

Fosse o sujeito constituído de nome de coisa ou de *ser* incapaz da ação de *conhecer*, não caberia nenhuma objeção. "Quando se começaram a fazer esses prédios" equivale a "Quando esses prédios começaram a ser feitos"; é construção correta: o sujeito passivo *prédios*, incapaz de praticar a ação de *fazer*, só poderá ser passivo, e o *se* terá aí, clara e inconfundível, função apassivante.

Nasce a impossibilidade da construção (com o verbo *começar* no plural) de um fato especial: Alguns verbos, conquanto transitivos diretos, vêm com preposição quando o objeto é um infinitivo: *começar a dormir, principiar a ver, aprender a escrever, ensinar a ler* — § 683, 4.

Nem mudando a ordem ("Quando começaram a conhecer-se os homens") conseguiremos justificar a pluralização do verbo principal, dada a ambigüidade citada. Deixar o verbo no singular tampouco será possível. "Quando se começou a conhecer os homens" é construção em que o *se* exerceria função subjetiva, o que não se deve aceitar em português. Pronome impessoalizador não é, uma vez não se enquadrar a construção nos casos em que é possível ao *se* exercer essa função. Que fazer, então? Se passividade deve expressar a oração, fugir do *se* e recorrer ao verbo *ser*: "Quando os homens começaram a ser conhecidos".

9. SE, INÚTIL, ERRADO - Extravagância encontrada em jornais é a do emprego do *se* sem função nenhuma, verborrômica; diariamente, quando não várias vezes por dia ou num mesmo artigo, vemos construções como estas:

a. "É preciso pensar-se nisso". Nem a título de indeterminação do sujeito deve aí aparecer o *se*; o infinitivo *pensar* constitui, com o complemento de argumento *nisso*, sujeito bastante de "é preciso".

b. "O saber-se se o empregado quis a despedida...". A presença do artigo devia de per si mostrar a substantivação do infinitivo *saber*. O *se* está aí de mais; nem impessoaliza o verbo nem o apassiva, pois de nada disso há necessidade nem possibilidade.

c. "O sonhar-se de dia...". Diferencia-se do caso anterior por termos agora um verbo intransitivo; o *se* continua de mais, completamente sem função. As funções do *se* não fo-

ram inventadas (a gramática nada inventa) para justificar-lhe o emprego em toda e qualquer construção; são funções marcadas, vivas; não verificada nenhuma delas, o *se* estará errada.

d. "Não é preciso cogitar-se desse caso". Mutatis mutandis, é reprodução do caso b.

e. "Era de ver-se a algararra". A presença do *se* destrói uma das muitas particularidades de nossa sintaxe. A expressão já é passiva; que faz aí o intrometido *se*?

f. "Analisar logicamente uma palavra é considerar-se a palavra quanto à função...". Tire-se o *se*. Substituindo "palavra" pelo oblíquo correspondente, teríamos: "Analisar... é considerá-la..." — Onde caberia o *se*?

g. "No momento de estourar-se a bomba...". Bomba é sujeito de *estourar*; ao *se* nenhuma função está cabendo.

h. "No juntar-se as folhas, notou o escrivão a falta de uma". O sujeito de *juntar* é *escrivão*; folhas é objeto direto; e o *se*? Tire-se, e com ele a vírgula. Ainda que, sem indicação do agente, *folhas* fosse sujeito passivo, a construção seria "no juntarem-se", com o verbo no plural, equivalente a "no serem juntadas as folhas" (por quem?), dada a pluralidade do sujeito passivo.

i. "Não é possível duvidar-se da autenticidade da carta". "Duvidar da autenticidade não é possível" — e não: "Ser duvidado da autenticidade não é possível". Que faz aí o *se*? Pobre gramática! Com tanto professor de "estruturalismo linguístico" teu fim será o esquecimento.

j. "Era uma delícia ver-se o menino falar". Compare-se com o caso f: "Era uma delícia vê-lo falar". Onde intrometer o *se*?

E dizer que há quem afirme que é suficiente ler para aprender português! Ler quem? Os que isso declaram?

Sistemas políticos, remédios, ritmos musicais, estilos, erros de português, todos têm sua época, mas os últimos nem sempre caem da moda; como doenças, propalam-se; se não desarraigados de pronto, adquirem vigor e até defensores.

Enganadoramente elegante, atrevidamente imponente, intrometidamente insinuante anda o *se* a acompanhar toda a sorte de infinitivos; entre as vítimas, o erro conta leigos e profissionais, oradores e escritores, alunos e professores: É necessário estudar-se o caso — Dada a necessidade de distribuir-se os alimentos — Devemos, para fazer-se frente às necessidades... — Encontramos dificuldade em obter-se a cura — O hábito de beber-se álcool — É uma ilusão supor-se que... — Não houve o cuidado prévio de eliminar-se a uréia — Sem que ele conseguisse prolongar-se o tratamento — Era preciso levar-se Eduardo ao médico — O hábito de limpar-se a língua — Preste atenção no preparar-se uma receita — Nas ruas é comum ver-se grupos de pessoas paradas... — e por aí andam às dúzias os exemplos.

As variadas funções do chamado "pronomes *se*" perturbam a mente de muitos redatores de boa vontade; traços de passividade, indícios de impessoalidade poderá ele indicar junto deste ou daquele infinitivo, mas não devemos confundir: o infinitivo, ainda que acompanhado de complemento (quando transitivo direto o verbo), exerce no período função nominal, como qualquer outro substantivo. Quando dizemos "É necessária a obediência aos pais", não nos passa pela mente o praticante da obediência; se substituirmos o substantivo *obediência* pela forma infinitiva *obedecer*, esta constituirá, com seu complemento *aos pais*, o sujeito de *é necessário*: "É necessário obedecer aos pais" — sem o intrometido e enganador *se*.

Se nesse exemplo, em que o verbo é transitivo indireto, substituirmos *obedecer* por verbo transitivo direto, a desnecessidade do *se* terá a mesma justificação ou, por outras palavras, a inconveniência do *se* terá idêntico fundamento: o infinitivo é apenas um substantivo virtual, acompanhado de seu complemento: "É necessário limpar a língua", como quem diz: "É necessária a limpeza da língua", sem que nos interesse dizer por parte de quem é necessária essa limpeza.

Mas — pode-se objetar — dizer "É necessário limpar-se a

língua" equivale a "É necessário que a língua seja limpa". E com isso? perguntamos. Que língua será essa que fica limpa tão só porque é necessário que limpa ela fique? Para que limpa ela *se* torne, é preciso LIMPÁ-LA, e é justamente esta necessidade de LIMPÁ-LA que deseja o autor indicar, e não a necessidade de LIMPÁR-SE. Construir "É necessário limpar-se a língua" é pensar em alhos e escrever bugalhos.

Confirmando ignorar as funções do *se*, comete o mesmo redator, com a maior naturalidade, este solecismo: "Houve dificuldade em *se* obter entradas". Ainda que *se* admitisse função apassivadora para o *se* da subordinada substantiva, o certo seria "...em *se* obterem", porque no plural está o substantivo *entradas*; nada disso, porém, ocorre; *obter entradas* é complemento nominal de *dificuldade*: "obter entradas" foi a coisa em que houve dificuldade. "Há dificuldade em caminhar" — "Houve dificuldade no atravessar a rua" — "Não haverá dificuldade para fugir, para passar de ano, para viver, em permanecer no ar, para escrever cartas" (e não: em caminhar-se, no atravessar-se a rua, para fugir-se, para passar-se de ano, para viver-se, em permanecer-se no ar, para escrever-se — nem "para escreverem-se" — cartas) — "Não foi possível calcular os danos" (e não "calcular-se" nem "calcularem-se") — "Outro vez é atribuir ao paciente o papel de..." (e não: "atribuir-se").

Outros exemplos, nos quais o infinitivo aparece já limpo do excremento *se*:

Isso é uma forma de FORTALECER a Arena.

Para VENDER armamentos aos países do Oriente Médio é preciso RECORRER ao suborno.

Já que *se* fala de métodos de MATAR alguém...

O sistema de não ESCLARECER o freguês acerca dos 10% do serviço.

Talvez a melhor maneira de DESCREVER os sepultamentos seja...

Maior participação não induz a ESPERAR maior autonomia.

Estes editoriais são dignos de CONSTAR nos anais.

... tanto mais difíceis de TRADUZIR.

Constitui o estudo do chamado pronome *se* um dos mais interessantes da gramática portuguesa, mas seu ensino é esquecido de muitos professores e, esta é a verdade, os exemplos aí estão, diários e em abundância, de seu emprego errado.

Facilmente poderá verificar o leitor a inutilidade do *se* em construções como estas: "Convém notar-se que ele errou" — "É impossível descrever-se a alegria" — "É erro colocar-se acento" — "Não era lícito esperar-se outra coisa" — "Era de ver-se a anarquia" — "Não convém avançar-se muito" — "Não é bom passar-se o dia sem ler" — "É difícil ver-se a floresta" — "O processo de separar-se as sílabas" — "Para conseguir-se todas estas riquezas" — "Vi imprimir-se os livros".

Será o temor de errar que leva o escritor a empregar tanto *se*? Confusão, descuido, falta de estudo é a resposta. Nesses exemplos os infinitivos são ou sujeitos ou complementos, sem nenhuma necessidade do *se*; vejamos o primeiro: Que é que convém? — *Notar*. O sujeito de *convém* é *notar*. Perguntamos agora: *Notar* o quê? — "... que ele errou" é a resposta. Que função está exercendo o *se* da construção do redator descuidado? Nenhuma. Digamos, simplesmente e com acerto: "Convém notar que ele errou", sem o intruso *se*.

Vejamos estoutro exemplo, tal qual foi encontrado num artigo de jornal: "É impossível descrever-se a alegria". Que é impossível? — *Descrever*. Descrever o quê? — *A alegria*.

— E o *se*? Jogue-se fora ou deixe-se dentro da esferográfica. Vejamos agora este exemplo: "Deve-se repartir a herança". O *se* aí está certo? Sim, porque exerce função apassivadora: "Que *se* deve repartir" ou: "Que deve ser repartido?" — *A herança*: "A herança deve ser repartida" — "Deve-se repartir a herança".

Não devemos empregar o pronome *se* quando não lhe conhecemos a função; redatores apressados e escritores

descuidados demonstram desconhecimento das funções desse monossílabo quando redigem frases como esta: "É muito engraçado ouvir-se falar em política". Ora! Que pretende com isso dizer o redator? O *se* está sobejando, sem nenhuma função portuguesa; nem passiva nem impessoaliza o sujeito. O sujeito é "ouvir falar em política", sem o intruso *se*. Quem assim redige, com igual extravagância deve dizer: Tomar-se remédio nem sempre é bom — Saber-se discorrer sobre filosofia é edificante — Poder-se falar sobre o caso é necessário.

Deixemos explicações e raciocínios de lado e vejamos estas construções: *é necessário estudá-lo — dada a necessidade de distribuí-los — para fazê-la — dificuldades em obtê-la — o hábito de bebê-lo — é uma ilusão supô-lo — cuidado prévio de eliminá-la — sem que conseguisse prolongá-lo — era preciso levá-lo — o hábito de limpá-la — atenção em prepará-la — é comum vê-los.*

São acaso passivos esses infinitivos? A forma *lo* aí está para dissipar toda a dúvida; coloquemos em lugar do pronome-objeto a palavra apropriada e teremos essas mesmas orações sem a falaz partícula *se*.

10. **CONJUNÇÃO CONDICIONAL** - O *se* é conjunção típica condicional, ou seja, liga duas orações pondo a subordinada em relação de condição, de hipótese, de suposição para com a principal: "Feliz seria o gênero humano *se* os homens fossem tais como geralmente se inculcam".

A subordinada condicional pode vir antes ou depois da principal: "Irei se ele mandar" — "Se queres saber quem é o vilão, mete-lhe a vara na mão".

Pode, antecedido de *salvo, exceto, menos*, formar locução conjuntiva condicional: "Voltarei domingo, salvo se aparecerem outros negócios".

Na hipótese possível e na irreal, podemos elegantemente omitir a conjunção condicional quando a subordinada expressa uma eventualidade no passado de consequência certa expressa na principal: "Tivesse eu estudado, teria passado". — Essa justaposição de orações exige a posposição do sujeito ou a sua eliminação: "Visse-a Juno, talvez se abrandaria" — "Fosse filho meu que tão cruelmente te houvesse ofendido..." — "Fosse comigo, a coisa teria sido outra" — "Pudesse falar, não estaria escrevendo".

No verbete *Período Hipotético* foi tratada esta função do *se*; limitemo-nos agora a chamar a atenção para o futuro do subjuntivo de certos verbos: "Se o possível acordo entre Israel e Egito PREVER o envio de civis norte-americanos...".

11. **CONJUNÇÃO EXPLETIVA**: "Você quer ir? — *Se* quero!"

Em respostas ou em conclusões a conjunção *se* pode implicar uma exclamação retórica que reforce a afirmação: "Ele vai padecer com a situação. *Se* vai!"

Pode vir seguido de um *não* também com efeito reforçativo da afirmação: "E ele veio outra vez? *Se não* veio!"

12. **CONJUNÇÃO INTEGRANTE** — Quando a iniciar oração subordinada substantiva, o *se* é conjunção que se denomina integrante: "Veremos *se* agrada" — "Não sei de qual primeiro me lamente, *se* de muito vadio, *se* de muito ocupado".

Com tal função tem o *se* o sentido de "se porventura", "se por acaso": "Não sei *se* me verei a braços com os protetores e parentes dele na corte" — "Se ele passa de ano não se sabe".

"A controvérsia *se* o governo deve ser parlamentar ou presidencial" é legítima construção nossa, sem necessidade de um *sobre* antes do *se*. Em "Perguntei *se* ele quer ir ou não" o *se* é integrante, e integrante continua a ser *se* vier em forma apositiva: "A pergunta *se* ele perdoaria ou não respondeu de maneira evasiva".

É procedimento idêntico ao do *que* integrante: "Opino *que* ele é incapaz" — "Minha opinião *que* ele é incapaz foi aceita por todos".

Idêntica função à desse *se* é a do *utrum* latino: Quæro *utrum* lugeas an rideas (Pergunto *se* choras ou ris). Em forma

apositiva: Quæstio *utrum* ideae sint (A pergunta *se* as idéias existem).

Nenhuma preposição antes do *utrum* latino, nenhuma antes do vernáculo *se*.

13. **PREFIXO** — Por fim, vemos o *se* preso a compostos latinos, como prefixo: *a.* com a idéia de apartamento, separação: *seduzir* (conduzir fora, extraviar), *seleção, segregar*; *b.* com função acusativa do correspondente pronome latino: *semovente, semoto, semostrar, semostrador*.

Se = a gente - É enfadonho o "a gente" na conversação de certas pessoas. De mistura com "inclusive", com "vi ele", com "deixe eu ver", muitos patricios, esquecidos do nosso *se* e de outros pronomes, põem-se a substituí-los por "a gente", locução às vezes usada sem nenhuma necessidade: "A gente precisa prestar atenção" (Precisa-se prestar atenção) — "A gente pesca esse peixe com rede" (Pesca-se esse peixe...) — "A gente se arrepende quando a gente vai a esse restaurante" (Arrependo-me quando vou, você se arrepende quando vai, você se arrependerá se for, arrepende-se quem vai) — "Não adianta a gente se queixar" (Não adianta queixar-se) — "A gente se defende" (Defende-se, defendo-me, você se defende) — "A gente enxerga melhor daqui" (Enxerga-se melhor daqui) — "A gente sabia que ele era falso" (Sabia-se que ele era falso) — "Convém a gente ir" (Convém ir) — "A gente tem dificuldade de entrar" (Há dificuldade de entrar).

Um pouco de exercício far-nos-á evitar o abusivo emprego dessa locução pronominal.

Se non è vero à bene trovato - Expressão italiana que significa "se não é verdadeiro é bem inventado". Emprega-se quando se duvida da veracidade de um caso curioso.

Se se... - Não devemos confundir *se* conjunção com *se* pronome. Em "Se se pretender isso..." o primeiro *se* é conjunção condicional, o segundo pronome apassivador.

Se sponte - Expressão latina que tem a mesma significação de *sponte sua*, por sua própria vontade, de própria iniciativa: De um dia para o outro passou *se sponte* a estudar.

Seção, Secção, Sessão, Cessão - As bases de certo acordo ortográfico estabeleceram que se escrevam os dois *cc* quando soarem as consoantes distintamente, e um dos exemplos dados foi *seção*. É no entanto de todos sabido que no Brasil não é adotada a pronúncia dos dois *cc* nessa palavra quando empregada na acepção de mera divisão ou na indicação de partes. Por outro lado, sempre se pronunciam no Brasil os dois *cc* dessa palavra quando empregada para indicar amputação, corte operatório, ato de serrar, de cortar. Outra não nos resta, à vista disso, senão dizer: "Quando significar amputação, será escrita com dois *cc*, e, por isso, *seCCional, seCCionar, interseCCão, interseCCional, vivisseCCão*; quando significar distribuição, divisão, parte, será escrita com um único *c*, pois é essa, no Brasil, a pronúncia: "chefe de *seção*".

Aos que estão afeitos ao idioma, aos que apreciam e expõem seus fatos sem laivos pessoais isso não deve causar admiração nem revolta, porquanto os fatos linguísticos se impõem. Quem serenamente estudar o caso chegará até a concluir que a simplificação dos *cc* em ambas as palavras seria mais acertada do que a duplicação. Vejamos a palavra *fração*. É tendência pronunciar esse vocábulo sem duplicar o *c*, quando, no entanto, há ainda os que fazem ouvir os dois *cc* quando empregada na acepção de ato de quebrar, de romper; teremos, portanto, *fração*, sempre com um *c*, e, de igual forma, *fracionar*.

As considerações que fazemos sobre ortografia são meramente "considerações", mas no caso presente devemos comunicar ao leitor que o próprio professor encarregado de coligar os vocábulos de nosso idioma para a Academia Brasileira de Letras registra *seção* com um único *c* em qualquer sentido, e, também com um só *c*, *seccional, seccionar*.

Esse professor, que sempre lamentou não se falar espanhol no Brasil e declarou-nos pessoalmente ser professor de português acidentalmente ("Sou catedrático de espanhol; do português me aproveito apenas para conseguir dinheiro para ver as Pirâmides"), esqueceu-se de que a Real Academia

Espanhola procede de maneira contrária em seu dicionário: *sección*, com dois *cc*, tanto para *cortadura* quanto para "cada uma de las partes en que se divide o considera dividido un todo continuo o un conjunto de cosas".

O mesmo se dá em espanhol com *fracção*, com dois *cc* em qualquer acepção.

No Brasil procedemos com a distinção acima apontada. Lembrando-nos de outras palavras, distingamos *seção* (mera divisão) de *seção* (corte), de *sessão* (reunião), de *cessão* (ato de ceder).

Secretária - Se notícia: "A secretária do Bem-Estar Social da Prefeitura pretende..." — por que o mesmo jornal não age coerentemente noticiando: "A ministra conseguiu as simpatias de todo o país"? Se mulher ocupa o cargo, feminina deve ser a palavra: o rei, a rainha; o secretário, a secretária; o ministro, a ministra.

Secário - Coletivo: facção.

Secundário, Primário - Estranha quem se põe a estudar uma língua estrangeira a existência de palavras que se empregam antonimicamente, sem que jamais haja antes notado na própria língua a ocorrência de fato igual. Prestam-se primário e secundário para exemplos. Enquanto em "formação primária", "espírito primário" o adjetivo significa *fraco, acanhado, medíocre, limitado*, em "a prova é elemento primário de ação judicial", "o fim primário" significa *importante, fundamental, principal*; em latim "virī primarij" indica os homens *principais* da república.

Igual se dá com *secundário*; se por "curso secundário" entende-se curso mais importante, por caso secundário entende-se caso de menor importância.

Não há estranhar e muito menos desprezar tal antonímia em línguas estrangeiras, como não há julgar belezas de estrangeiras inexistentes na nossa.

Secundo - Advérbio latino, empregado em português; significa "em segundo lugar", "segundamente": "Por dois motivos o fiz: *primo*, porque...; *secundo*, porque..." (não iremos imitar o orador de comício que disse: *Votemos no coronel Prudêncio primo loco* porque...; *secundo primo loco* porque...).

Se em boca de soap-box orator isso faz rir, é de lamentar erro semelhante em microfone de rádio: "E assim, a grosso modo, podemos concluir que..." — "Chegamos, a contrario sensu, a deduzir que..." — "Posso afirmar a lato sensu que o mesmo acontece entre nós".

Se existe em "a priori", "a posteriori" (locuções que andam a dizer sem saber que sentido lhes cabe), não deve aparecer *a* antes de "lato sensu" (em sentido lato), "contrario sensu" (ao contrário), "stricto sensu" (em sentido restrito), "tacito sensu" (por sentimento secreto), "grosso modo" (por alto, resumidamente). Por favor, senhor locutor, esqueça-se desse *a* a iniciar tais locuções latinas; constituem-se elas de ablativo de modo, sem nenhuma preposição a anteceder-las. Limite-se a falar mal o português, que é língua sem gramática.

Sedear - Possuímos o verbo assediado, com a terminação *iar*, mas isso se deve ao étimo *assēdio*, terminado em *io*, como de *silêncio*, *contrário* tivemos *silenciar*, *contrariar*. *Sedear*, quer se relacione com *seda*, para indicar o ato de limpar com escova de seda objetos de ouro ou de prata ou pedras preciosas, quer se relacione com *sede* (é) — brasileirismo neste caso — para indicar o estágio de tropas em determinado lugar, deve terminar em *ear*, desinência de verbos provenientes de nomes terminados em *e* átono: *aparte*, *apartear*; *pente*, *pentear*; *sorte*, *sortear*; *xarque*, *xarquear*... *sede*, *sedear*.

"Sedico", Cediço - Encontra-se o adjetivo *cedico* frequentemente grafado com *s* inicial. Assim não escreve o vocabulário oficial português nem o brasileiro, senão com *c*, apoiados em Gonçalves Viana, que diz: Epifânio Dias atribuiu a este adjetivo, muito comum no sentido de "em começo de putrefação, incapaz de consumo, ou fora de uso", o adjetivo latino *seditiuus*, alterado em *sedetiuius* (*sedere*, posar). Não advertiu porém o douto latinista em que à forma *sedico*, que é já a que dá Bluteau, deve corresponder outra mais antiga em

português, *ce(e)diço*, análoga à castelhana *cedizo*, como em *carne cediza*, "carne que já tem (mau) cheiro".

O étimo, pois, deve de ser *ceditiuus* (de *cedere*, passar, estar gasto), como o aponta o Dicionário da Academia espanhola, e consequentemente há de escrever com *c*, e não com *s* inicial, em português.

Sedimento - Com *s* inicial tem a palavra a significação de "depósito produzido pela precipitação de matérias dissolvidas ou suspensas num líquido", "borras", "fezes" e outras indicativas de camada deixada no fundo dum líquido. Para indicar o ato de *ceder* é que a palavra é escrita com *c*.

Sédula - Com *s* inicial é feminino do adjetivo *sédulo*, que significa *cuidadoso*; não confundir com *cédula*, documento, nota, título, bilhete, apólice.

Segar - Significa ceifar, cortar; não confundir com *cegar*, privar da vista.

Seguir - Quando tem a significação de "suceder a" é transitivo direto: A punição devia seguir de perto o crime. Quando significa "apresentar-se após", "vir enumerado a seguir", "vir citado depois", "vir colocado depois" é pronominal: Conforme discriminação que se segue — *Seguiam-se* dois mil cavalos — *Seguiam-se* as costumadas instâncias para alcançar o favor de um novo prazo — *Seguiam-se* os aposentos — *Seguiu-se* ajoelharem todos — *Seguiram-se* alguns instantes de silêncio.

Seis - Tratando-se de meses, o coletivo é *semestre*; de vozes ou instrumentos: *sexteto*, *séxtuor*.

Sela (arreio) - Não confundir com *cela* (cubículo).

Selo - Coletivo, quando ordenados em livro: *álbum*. V. *estampilha*. V. *estadia*.

Selvagem - Coletivo: *tribo*, *cabilda*.

Selvageria - "Selvageria" tenta-se em Portugal; no Brasil nem tentar é possível a mudança para *aria* do sufixo de certos derivados: *bilheteria*, *leiteria*.

"Selvícola", Silvícola - Se o segundo elemento é latino, latino deve ser também o primeiro: *silvícola*. Não escrevemos *silvicultor*, *silvicultura*?

Silvícola consigna o vocabulário oficial brasileiro, no que é seguido pelo Melhoramentos. Aulete dá as duas formas, e nesse procedimento é seguido pelo vocabulário oficial de Portugal.

Sem... (prefixo) - Muito apreciariamos a gentileza de algum leitor que nos explicasse por que nosso vocabulário oficial (Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa — 1943) consigna com hífen *sem-pudor*, *sem-vergonha*... e, contrariando a regra 46, 5, h do Formulário, *sensabor*, *sem hífen*.

Sem bulha nem matizada - Locução que significa "silenciosamente", "sem alarde": *Sem bulha nem matizada* construiu uma bela casa.

Sem chus nem bus (ou *sem tus nem bus*) - Locução que significa "absolutamente nada": Sentou-se num tamborete sem dizer *chus nem bus* — Saiu sem fazer *tus nem bus* (sem fazer bulha, sem dizer palavra).

Sem conto - V. *sem número*.

Sem cruz nem cunho - Locução que significa "sem eira nem beira", "na penúria": Morreu *sem cruz nem cunho* — Ele não tem *cruz nem cunho* para essa empresa — Uma decisão tomada *sem cruz nem cunho*. "Não ter cruzes nem cunhos" diz-se de pessoa disparatada, que em casos idênticos procede ora de um, ora de outro modo. "Cruzes ou cunhos" é outro nome do jogo "cara ou coroa", em que se atira uma moeda ao ar e ganha o jogador que adivinha qual dos lados ficará para cima.

Sem nenhum resultado - A língua que falamos no Brasil é ainda a portuguesa; construir "sem qualquer resultado" é proceder à inglesa. A construção lídima portuguesa é: Ele não fará esse negócio de NENHUMA maneira porque sabe não lhe trará NENHUM proveito — Depois de realizar diversas concorrências sem NENHUM resultado, a concessionária encaminhou um ofício à Prefeitura.

"Sem nenhum resultado", "sem resultado nenhum", "sem resultado algum": três maneiras diferentes temos, le-

gítimas, de dizer. Por que não governar-nos com a prata da casa?

Sem número - É legítima locução nossa, que pode ser substantiva ("Leu um *sem-número* de livros") e adjetiva: "Tenho passado por sofrimentos *sem número*". Corresponde à locução *sem conto*: "Dos *sem conto* que há passado maléficis portentos".

A ortografia oficial exige hífen na locução substantiva.

Sem rei nem roque - Locução que significa "sem governo", "desorientadamente": "Naqueles dias as coisas andavam *sem rei nem roque*".

Sem sobressalto - Locução que significa "fleumaticamente", "a sangue frio": Respondeu *sem sobressalto*.

Semanciro - Se temos *jornaleiro* como sinônimo de *diarista* para indicar o que ganha por dia, não é violentar o idioma chamar *semanciro* o que ganha por semana. A palavra já existe, embora com a limitada significação de "o que tem por obrigação tocar os sinos em cada semana", mas nada impede estender-lhe o significado, a menos queiramos estender o significado de outra palavra, também já existente, *semanário*, que entre outras coisas indica o camarista que está semanalmente de serviço do imperador.

Semântica - Se alterações sofrem as palavras no que diz respeito à fonética, à prosódia e à ortografia, alterações também sofrem no que diz respeito ao sentido. Se quanto à forma elas se transformam, transformam-se igualmente quanto à idéia. Ao estudo de tais transformações de sentido é que se dá o nome *semântica*, palavra por Breal trazida do grego *semánticós*, do verbo *semainó*, que significa "designar".

As palavras vivem, e é da própria natureza da vida a transformação. Muitas palavras existem que do sentido etimológico já nenhum vestígio possuem atualmente. O verbo *chegar*, do latim *placare*, etimologicamente significa *dobrar*; os navios, uma vez no porto, *dobravam* as velas; à transformação gráfica do *placare* latino, mediante abrandamento do grupo *pl* em *ch* (como de *pluviam* tivemos *chuva*, de *plorare*, *chorar*) e do *c* em *g*, seguiu-se, com o andar dos anos, a "transformação semiológica", ou, como atualmente se diz, a "transformação semântica".

A regência igualmente mudou-se; se os navios antes *chegavam* (*dobravam* as velas) "num" porto, hoje eles *chegam* "a" um porto. Atualmente, não são apenas os navios que *chegam*, mas os trens, os automóveis e todos os semoventes.

Muitas palavras há nas condições de *chegar*, e esse estudo é o objeto da semântica, estudo que nos faz ver o risco que correm os que a ferro e fogo querem tratar os nossos vocábulos. *Suicidar-se* constitui exemplo de transformação semântica; sua significação etimológica obliterou-se; perdeu o elemento *sui* o valor reflexivo, e hoje nada mais podemos dizer senão que *suicidar* não é português e sim *suicidar-se*, já não havendo pleonasmismo nem, menos, erro no emprego reflexivo do verbo.

Se as palavras numa só língua sofrem tais transformações, mais ainda se modificam no sentido as tomadas de empréstimo de outros idiomas. O estudo do significado dos vocábulos, quer no momento atual, quer através do tempo e também do espaço, constitui o objeto da semântica ou *semantologia* (gr. *sema*, atos, significado) ou, ainda, *semasiologia*; dá isto assunto não para um capítulo de gramática, mas para um livro, e esse livro seria incompleto. Apenas a título de ilustração, vejamos este ligeiro resumo (da "Introdução ao estudo da semântica", do prof. Fernando V. Peixoto da Fonseca):

A semântica pode dividir-se em *estática* e *histórica*; a primeira diz respeito a determinada fase de uma língua (os dicionários são trabalhos de semântica estática, pois dão o significado das palavras de uma língua num dado momento); a segunda — e esta é a que constitui propriamente a semântica — procura ver a evolução do significado das palavras, as suas transformações de sentido. Assim, há palavras que hoje se empregam quase sempre em acepção benéfica, como *fortuna*, que a rigor significa, meramente, *acaso*, *sorte* e pode por

isso receber epítetos opostos: *fortuna próspera*, *fortuna adversa*. Também a passagem de adjetivos, como *forte*, *velho*, *rico*, *moço* e de outros à classe de substantivos é uma transformação semântica: deixaram de exprimir uma qualidade inerente a um ser, para exprimir o próprio ser.

A semântica pode ainda ser *etiológica*, quando estuda as causas dos fenômenos semânticos, como pode ainda ser *geral* ou *particular*, conforme abranja várias línguas, geralmente aparentadas, ou uma só.

Há vários casos em que o domínio das palavras se restringe e alarga alternadamente; o termo *demoiselle*, que em francês designava a mulher nobre, passou depois a referir-se a todas as condições, mas só para as solteiras; o termo, primitivamente indiferente, desenvolveu-se num só sentido. A *ênfase* é um dos fenômenos gerais que levam à restrição do sentido, e, por outro lado, a extensão de sentido se dá em virtude das *figuras de pensamento* (figuras de retórica) chamadas *sinédoque*, *metonímia*, *metáfora*, *eufemismo*, *hipérbole*, *prosopopéia*, *perífrase*.

a) A *sinédoque* (gr. *synedochê*, compreensão) consiste no emprego de uma palavra em lugar de outra na qual está compreendida, com a qual tem íntima conexão: *pão*, por alimento; *vela*, por navio; *ferro*, por espada ou âncora; *lar* (ou *foção*), por casa.

b) A *metonímia* é simples variante da sinédoque; são denominações essas de distinção tão sutil que autores há que dão como exemplo de metonímia aquilo mesmo que outros subordinam à sinédoque, e tratadistas há que mal mencionam essas denominações de *tropos* semânticos (*tropo* — pronuncie *trôpo* — é o emprego de uma palavra em sentido figurado; lat. *tropum*, volta, e este do gr. *tropêo*, girar). Se na sinédoque se emprega o nome de uma coisa em lugar de nome de outra nela compreendida, na metonímia a palavra é empregada em lugar de outra que a sugere, ou seja, em vez de uma palavra emprega-se outra com a qual tenha qualquer relação por dependência de idéia: *damasco*, tecido de seda com flores ou espécie de abrunho, ambos provenientes de *Damasco* (o nome de um lugar acaba por designar os seus produtos industriais ou naturais): *louro*, por glória, prêmio; *cãs*, por velhice; *fulano* é um bom *garfo*; *perna*, que era só a de porco, é hoje de todos os mamíferos e até de aves e insetos; *rosto*, que primitivamente indicava bico de ave, passou a designar o remate da proa e, posteriormente, sob a forma *rosto*, a face humana; *insultar* perdeu o sentido material de *saltar sobre*; *desprezar* significava em latim clássico "olhar de cima para baixo".

c) *Metáfora* é o fenômeno pelo qual uma palavra é empregada por semelhança real ou imaginária: *dentes* do pente; *pé* de mesa; *fumo* da glória; *serra*, que no latim clássico era só o instrumento do carpinteiro, passou no latim vulgar a indicar *cadeia de montanhas*, dada a semelhança das cristas com os dentes da ferramenta.

Se na metáfora o sentido real da palavra é modificado por comparação e a palavra nova contém analogia com a primitiva, na *catarse* — outro fenômeno lingüístico (*catá*, contra; *chrestái*, usar) — o sentido real da palavra é modificado por esquecimento, e a palavra nova contém idéia absurda se comparada com o sentido etimológico da primitiva: *quarentena* de dois dias (*quarentena*, quarenta), três *gêmeos* (*gêmeo*, duplo), *caligrafia* ruim (*calós*, belo), *cavalgar* um boi, *chumbar* um tacho na parede.

A metáfora pode ser criada no momento pelo escritor, a catarse é formada com os anos dentro do idioma.

d) *Eufemismo* é a adociação de termos; em vez do termo próprio, que podia repugnar por qualquer razão, emprega-se outro mais brando: *passamento* em vez de *morte*. *Falsos eufemismos* são os provenientes mais de uma afetação, que tem prazer em achar indecência em toda a parte sob a máscara do pudor, do que de um cuidado de correção de linguagem; dizem respeito especialmente a algumas partes do corpo, a determinadas peças de vestuário, a certos animais e a pretendidas sílabas sujas.

e) *Hipérbole* — Consiste no emprego de palavra ou frase com sentido exagerado para dar maior força, maior impressão, para mais ou para menos: Ele se lançou com a velocidade de uma flecha.

f) *Prosopopéia* — É a figura que dá vida, ação, movimento e voz a coisas inanimadas ou a pessoas mortas ou ausentes: Os altos promontórios o choraram.

g) *Perífrase* — Consiste no emprego de muitas palavras para expressar uma idéia, para representar uma coisa; é o circunlóquio, é o rodeio de palavras, é o emprego de locuções em vez das formas simples correspondentes: Se lá no assento etéreo onde subsiste (céu) — ... de quantos bebem a água do Parnaso (dos poetas).

Constitui ainda fenômeno semântico a *etimologia popular*, ou seja, a tendência geral para admitir uma ligação etimológica entre expressões que se parecem; é o caso, por exemplo, de *Sant'Inácio*, que deu *São Tiago* por se julgar que o *t* pertencia ao nome, visto empregar-se quase sempre *são* antes de consoante. São as conformidades fonéticas que dão causa a tais *assimilações semânticas* da etimologia popular.

Outros exemplos curiosos de evolução semântica: *caderno* (do lat. *quaternum*) perdeu a noção originária de folha de papel dobrada em *quatro*; *volume*, que originariamente é o que envolve (do lat. *volvere*), passou a indicar a pele em que se escrevia e, depois, a própria obra, porque as peles eram guardadas enroladas (envolvidas) nas bibliotecas; *cálculos* eram as pedrinhas com que se faziam contas; passou a palavra a significar a própria conta e, ainda, as pedrinhas que se criam no fígado; *pergamino*, de *Pérgamo*, nome de cidade da Ásia Menor onde se preparavam peles para escrever; *pêssego*, de *pérsicum* (*malum pérsicum*, maçã da Pérsia), dada a origem da fruta; *torre do tombo*, porque primitivamente os *tomos* ou *tomos* (documentos, registros, inventários etc.) eram guardados numa torre (daí ainda a expressão hodierna *Tombo do Estado*, para significar *Arquivo do Estado*); *secretário*, etimologicamente *confidente*, depositário de segredos; *pânico*, em virtude do susto (*pánicus timor*) que causava o deus Pã quando aparecia entre os mortais; *pedagogo*, a princípio o escravo que conduzia as crianças à escola; *perfeito*, que significa bom, correto, vem do latim *perfectum*, que significa apenas "completamente terminado", "inteiramente feito".

Uma observação final: *Semantema* é o elemento lingüístico enquanto exprime uma idéia definida; é a raiz, é o radical da palavra. *Morfema* é o elemento lingüístico que mostra as relações entre as idéias; é o prefixo, o sufixo, a desinência, a preposição, a conjunção, o verbo auxiliar, a intonação, a acentuação, a ordem dos termos etc.

Semelhante - *Similimo* é o superlativo sintético erudito, ao lado do popular *semelhantíssimo*.

Semi... - Em compostos este prefixo latino, cujo *i* final é breve, traz o acento secundário da palavra para a primeira sílaba e não para a segunda: *semibárbaro* (e não *semibárbaro*), *semifinal* (e não *semifinal*), *semifinalista*, como em *semibreve*, *semivivo*, *semítom*. A pronúncia correta é *semilunár*, como correto é dizer *páraestátal*, não obstante serem oxítonos em grego esses prefixos.

A ortografia oficial (Formulário, 46, 5, a) obriga-nos ao hífen antes de vogal (*semi-internato*), *h* (*semi-homem*), *r* (*semi-rei*), *s* (*semi-selvagem*).

Semicúpio - *V. derivados franceses.*

Seminima - Juntando e fundindo os dizeres de dois consulentes temos esta pergunta que, por instrutiva, aqui reproduzimos quase toda: "Quinhentos e quarenta anos antes de Cristo, Pitágoras marcava a escala musical (do) com 5 graus: *do, ré, mi, fá, sol*. Tolomeu juntou-lhes mais dois graus: *lá, si*, devendo-se notar que não eram esses os nomes dos sons; são nomes que passaram ao uso por sugestão do monge Guido de Arezzo (provincia italiana de Áquila), que, escrevendo um hino em louvor de S. João, percebeu, sem querer, que as sílabas iniciais de cada verso podiam servir para a denominação da escala musical.

Foi ainda Guido de Arezzo quem, achando a figura "bre-

ve" (8 quartos) demasiado comprida para as músicas ligeiras, deu início à divisão musical, introduzindo a "semibreve", que quer dizer "metade" de "breve", figura esta que, até prova em contrário, é ainda hoje a "chave-base" da divisão musical, que hoje tem quatro figuras: breve, mínima, colcheia e fusa, constituindo as demais subdivisões dessas. Para indicar tais subdivisões, adotou-se, com acerto, o elemento latino *semi*, que significa *metade*, e tivemos então: *semibreve* (metade da breve), *semicolcheia* (metade da colcheia), *semifusa* (metade da fusa) e... vem agora a pergunta: Por que não *semi-mínima*? Acaso tem aí o primeiro elemento outra origem?"

— Não pretendendo julgar a doutrina da "chave-base", nem ampliar o histórico dos nomes dos sons da escala musical (já exposto no verbete *do, ré, mi*), vejamos logo o assunto principal, motivo das duas muito delicadas cartas de dois mestres de música.

O primeiro elemento do composto *semínima* é constituído do mesmo *semi* que antecede o nome da subdivisão das demais figuras musicais. Poderia ser *semínima*? Sem dúvida. Para evitar cacofonia é que o não é? Não. O que houve foi uma haplogogia, nome este que indica o fenômeno resultante da simplificação, da contração, da redução de elementos similares de um vocábulo, fenômeno popular, arbitrário e até contraditório, mas real, caracterizante do idioma. Temos em português, por exemplo, *mononeuro* ao lado de *monômio*, quando o segundo composto deveria ser *mononômio*; lá, íntegros os elementos; aqui, truncado o primeiro, por terminar por sílaba similar (no caso presente igual) à inicial do segundo. Por quê? É a lei do menor esforço, tão característica da formação popular da última flor do Lácio.

Outros exemplos de haplogogia encontramos em *bondoso*, em *caridoso*, palavras que ninguém tentará reconstituir em suas legítimas formas etimológicas *bondadoso* (de *bondade* mais *oso*), *caridadoso* (de *caridade* mais *oso*). O fenômeno é tão natural e tão imperceptivelmente se produz (*umidade* por *umididade*) que só nos resta aceitá-lo. Mais um exemplo, agora latino, em que figura o mesmo prefixo: *semestris*, de *semi-mestris* (de meio mês, de quinze dias); *semestris luna*, lua cheia. O estropiamento, por ser de nascença, torna-nos a palavra de todo legítima e íntegra, efitue-se ele na composição latina ou na vernácula.

Senáculo, Cenáculo - Com *s*, prende-se o vocábulo ao latim *senex*, *senis* (velho), e designa o lugar em que o senado romano celebrava as suas sessões; com *c* inicial, refere-se ao latim *coena*, *coenae*, e indica, etimologicamente, a sala em que se comia a ceia ou o jantar. Figuradamente, *cenáculo* passou a designar "ajuntamento de indivíduos que professam as mesmas idéias ou miram o mesmo fim".

Senador - Coletivo, quando em reunião oficial: *senado*. Feminino: *senadora*.

Senão, Se não - Numa só palavra quando significa:

1. "de outro modo", "do contrário"; Confessa, *senão* morres" — Não insista, *senão* apanha — Vá depressa, *senão* você perde o trem.

2. "mas", "mas sim": Se tal disse não foi com intuito de ofendê-lo, *senão* para adverti-lo — Não é homem de escutar calado, *senão* de reagir.

3. "a não ser", "mais do que": Não vieram *senão* três passageiros — Ele não se corrigirá *senão* apanhando — Não havia *senão* mulheres na sala — Não se encontra em nenhum livro *senão* neste.

4. "mas também" (o *também* pode não vir expresso), em correlação com "não só": Eram *não só* justos, *senão* caridosos — Eram *não só* rigorosos, *senão* também cruéis.

Quando intercalado entre o verbo e o sujeito, o verbo de preferência concorda com o sujeito: Não *restavam* sobre a terra *senão* os *homens* — Por eles ainda não *vieram* *senão* *tributos* ao povo — Nas cidades e praças de guerra não *se ouviam* *senão* as *aclamações*.

Quando esses não forem os sentidos, duas serão as palavras, das quais o *não* conservará todo o seu valor de advérbio

de negação, e o *se*, unicamente o *se*, exercerá a função de conjunção, que poderá ser substituída por outra conjunção sinônima: *Se não* queres não irei — o que equivale a dizer: Caso não queres, não irei — ou ainda: Não querendo, não irei.

Senão quando - É expressão que equivale a "quando de repente"; Caminhávamos, *senão quando* se apresenta um cavaleiro.

Senão que - Locução conjuntiva que significa "mas ao contrário"; Nunca esteja ocioso, *senão que* empregue bem o tempo.

Mais freqüentemente vem em correlação com *não só*, com o significado de *mas também*: Em tratando de mouros ou infiéis não só usa por sua conta, *senão que* atribui ao Apóstolo expressões violentas contra esses mesquinhos.

Senatoria - Quer com o significado de "cargo ou funções de senador", quer com o de "duração desse cargo", novidade e surpresa constitui-nos a acentuação proparoxitona "senatória"; nem em vocabulários, nem na formação da palavra pudemos encontrar explicação para essa acentuação. Gonçalves Viana não consigna a palavra, e os que a oferecem dão-na como brasileirismo. Cândido de Figueiredo dá ainda a variante *senadória*, tirada de um jornal de 1916.

Se existe *pretória*, proparoxitono, justifica o acento o existir a palavra desde o latim; é este substantivo, ademais, concreto, e só como brasileirismo é abstrato, quando empregado para designar a jurisdição do pretor brasileiro. Outras palavras que se procurem, abstratas e designativas de cargo, função ou qualidade, de radical em *o* ou em *d*, terão o acento no *i* da terminação: *auditoria*, *tutoria*, *auloria*, *ouvidoria*, *beneficentia*, *andadoria*, *diretoria*. São, como a que estamos vendo, palavras formadas em português, e longa é por isso a terminação: *senatoria*.

Se correção pudesse ser feita, seria aconselhável *senadória*, com *d*, como *sabedoria* (de *sabedor*), *pagadoria* (de *pagador*). O espanhol é *senaduría*.

Senatriz - Quer se trate de mulher de imperador, quer da própria mulher que exerce o império, tem nosso idioma uma só palavra para designá-la: *imperatriz*.

Quer se trate de mulher de embaixador, quer da que desempenha funções iguais ou semelhantes às do embaixador, também uma única palavra temos: *embaixatriz*.

Nós, que temos de igual forma *senatriz* para "mulher de senador" e para "mulher que exerce funções senatoriais" (V. Aulete), podíamos muito bem ter adotado essa forma em vez de *senadora*, agora que temos mulher no senado. Não é de crer que estejam os senadores reservando *senatriz* somente para as suas mulheres.

Sendo que - É locução conjuntiva causal, equivalente a "uma vez que", "desde que", "visto que", "porquanto" etc.: "*Sendo que* você não está bom, desisto da viagem". Sem essa indicação de causa, a expressão não passa de mais um caso de abuso do gerúndio, como neste exemplo: As frutas estão geralmente caras, *sendo que* as estrangeiras nem se podem comprar.

O remédio é simples; por não encerrar idéia circunstancial nenhuma — nem de causa, nem de concessão, nem de nada — substitua-se o insofrito "sendo que" por "e" ou por ponto e vírgula ou por outra construção: As frutas estão geralmente caras e as estrangeiras nem se podem comprar — Encontrei-me com um grupo de advogados, *dos quais* três eram já meus conhecidos (e não: sendo que três...) — Conuento-me com este dicionário, *mas* o outro seria melhor (e não: sendo que o outro...).

Senho, Cenho - Com *s*, tem o significado de sinal, e é o mesmo que *senha* quando indicativo deste vocábulo de aceno, gesto, palavra, marca peculiar de reconhecimento; é de origem latina.

Embora de étimo controvertido, a palavra *cenho* é encontrada nos vocabulários oficiais com *c* quando significa "rosto carrancudo", "aspecto severo", "rosto de sobranceiras carregadas". Tem com *c* mais o significado de "doença entre o pelo e o casco da besta", mas com o primeiro é que mais se encontra, e muitas vezes erradamente grafada.

Cenho já por si significa aspecto carrancudo, sobranceira carregada, mas com freqüência vem acompanhado de adjetivo reforçativo da idéia: No outro se enxergava um *cenho aborrecido* - *Vem com espantoso cenho*. Até pleonasticamente às vezes se vê: "cenho cerrado".

De *senho*, o cognato *senha*. De *cenho*, os derivados *cenhoso*, *sobrecenho*.

"Senhor ouvinte" - O pito não é para brasileiros mas para portugueses; tampouco é nosso; é de Botelho de Amaral, que escreve: "Há um hábito deplorável na rádio portuguesa. Este de dizer "senhor ouvinte". Creio que o preciosismo é único no mundo. Para que o tratamento por "senhor" diante desse nome comum "ouvinte"? Dou um doce a quem ouvir, nos microfones estrangeiros, por exemplo "monsieur l'auditeur" e "Mr. Listener". Repare-se na admirável sobriedade inglesa: "good night, listeners". "Listeners", sem mais nada. Ou, então, aprecie-se o carinho da locutora de Andorra: "queridos clientes". Eu não digo que se copie o estrangeiro. Copie-se a naturalidade com que se estabelecem jeitos de locução. É esse "espírito" de naturalidade que por cá não há."

Senhora, Mulher, Esposa - B. H., Itapetininga — Na acepção geral, *senhora* é simples feminino de *senhor*, termo de cortesia quando dirigido a alguém superior, igual ou inferior, e *mulher* simples feminino de *homem*: "A *senhora* infante eu vi, *mulher* muito discreta e de bom parecer".

Mulher e *senhora* empregam-se também por *esposa*; na língua portuguesa, *mulher* é por *esposa* empregado entre amigos, entre pessoas do mesmo nível social, e *senhora* entre pessoas não íntimas. *Esposa* é de emprego ora cerimonioso, ora simplesmente denotativo de mulher ou senhora casada, ora discriminativo de outras senhoras: "Manuel de Sousa de Sepulveda, vendo sua amada *esposa* naquele estado, se chegou à *mulher*, e tomando-a entre seus braços, lhe disse...".

Em linguagem mística: A *esposa* de Jesus Cristo, a Igreja — A *esposa* divina (a virgem Maria) — As *esposas* de Jesus Cristo (as religiosas).

Esses e outros exemplos encontram-se em Domingos Vieira, em quem se basearam dicionaristas posteriores.

Senhora, Senhorita, Senhorinha - Quer solteira, quer não, era a mulher tratada por *senhora*. Com distinção de estado civil, nem *senhorinha* nem *senhorita* se encontram em dicionários antigos, e Aulete tacha de brasileirismo o sentido que entre nós se empresta à palavra *senhorita*. Leiaemos Domingos Vieira, que só traz *senhorita*: "Filha de senhoras ou grandes; por cortesia diz-se em Espanha da filha de qualquer outro sujeito de representação, e, em Portugal, senhora".

Tinha ainda *senhorita* o sentido de "senhora de classe média com pretensões a dama; mulher de classe baixa que se dá ares de senhora. Mulher de baixa estatura. Senhoraca".

Como os fatos em história natural, em linguagem os regionalismos não aceitam doutrinações.

Quanto a *senhora* isto diz Mário Barreto: No Brasil é pedantesca a pronúncia *senhóra*. Deve-se dizer *senhora* por ser essa a pronúncia de todos.

Senhorial, Senhoril - Também o espanhol tem os dois adjetivos, e também aí os significados podem confundir-se, o que facilmente se comprova da leitura de dicionários de ambos os idiomas. Para indicar, porém, o que é pertencente ou relativo ao senhorio, ao senhor, ambos os idiomas empregam *senhorial*: "Em redor daqueles pacos *senhoriais* pesava um silêncio triste e torvo". Com a significação de "próprio de senhor", "próprio de pessoa nobre", "majestoso", "distinto", vemos a forma *senhoril*: "Pois esse olhar tão nobre, e a *senhoril* presença" — Os dois exemplos encontram-se no Aulete, e são ambos do mesmo autor, Camilo.

Parece-nos que *senhoril* é que se presta para indicar atitude, procedimento: E o garbo *senhoril* e altivo. Tratando-se de coisa, *senhorial* será a forma: Vende-se apartamento *senhorial*. As formas adverbiais correspondentes devem seguir a mesma distinção: carta *senhorialmente* redigida (redigida à maneira de senhor, com autoridade; a carta é *senhorial*) — carta *senho-*

ritmente redigida (redigida delicadamente, distintamente; a carta é *senhoril*).

Sênior, Seniores - Se um dia viermos a ter em nosso idioma *sênior* e *júnior* como substantivos que indiquem à americana estágios de estudo, ou, nos dias atuais, precisarmos pluralizar essas palavras já respectivamente usadas com o sentido de "experimentado" e de "novato" em certo esporte, não nos esqueçamos de que seus plurais são, em português, *seniores*, *juniores*, ambos com o acento tônico no "o".

"Sensível" - "Deixaram de seguir uma *sensível* advertência". — Que é isso? "Sensible" significa "having or containing sense or reason; characterized by good or common sense; intelligent; reasonable", ou melhor, corresponde em nossa língua a *sensato*: "Deixaram de seguir uma *sensata* advertência". Será o desconhecimento da ordem alfabética que impede a um "foca" a consulta ao dicionário?

Sequer - É sabido de todos os que lêem bons autores e consultam bons dicionários que *sequer* entra em orações negativas; não será o exemplo de algum poeta, necessitado de metulificar um verso, ou de algum desavisado noticiarista que virá justificar-nos seu emprego em proposições positivas; a seguiu preferimos acompanhar Aulete e Laudelino Freire e Domingos Vieira e Melhoramentos, que corroboram o reforço negativo de *sequer* com exemplos de autores que se impõem.

Sequer significa *ao menos*, *pelo menos*, mas não significa "ao menos não", "pelo menos não"; por outras palavras, *sequer* não tem por si sentido negativo; deve ser empregado em orações em que já existe negação.

Assim como seus sinônimos "ao menos", "pelo menos", "ainda" não emprestam por si só sentido negativo à oração, *sequer* tampouco tem essa força.

Vejamos o correto emprego de *sequer* nesta passagem de Camilo (Bispo do Grão Pará, Memórias, pág. 37): "...a quem o governo, sequer, não concedia defender-se". Fôssemos imitar a estropiada redação que de quando em quando vemos em jornais, teríamos de condenar Camilo por ter posto um "não" após "sequer".

Não é português redigir "Meu filho saiu para o colégio e sequer pude despedir-me dele"; corrija-se para "... e não pude sequer..." ou, à Camilo, "e sequer não pude...".

Outros exemplos do correto emprego de *sequer*: Os exércitos, ainda em via de organização, não estavam sequer prestes para combate — O mais desgraçado dos homens é o que não tem sequer por si o olhar compadecido dum cão — *Nem* um só jornal, político ou literário, faz a mais simples menção deste acuradíssimo trabalho, ou anunciou sequer a sua publicação.

Sem sentido — e geralmente acompanhado de outros erros que atestam a fraqueza gramatical do redator — aparece *sequer* em passagens como estas: "Na verdade, sequer as provas podem ser consideradas difíceis" — "Os índios sequer foram avisados" — "Eles sequer receberam esclarecimentos" — "Ele sequer falava comigo".

Que ânimo nos leva a continuar a leitura de notícia como esta: "Como esperar a prometida "abertura" democrática, da qual em alguns círculos esperançosamente se fala, se o povo, ou sequer o eleitorado, é ouvido ou cheirado nessas ocasiões"? Em vez de "...se nem o povo nem sequer o eleitorado..." o que vemos hoje em certas notícias é o linguajar de "Trapalhões", de "Chacrinhas", de "Chicos" e de outros filósofos brasileiros que nos levam a concluir que não será possível sequer considerar que venhamos a ter algum tipo de política que proteja nossos filhos, como protegidos são os filhos de ingleses, de toda a sorte de estropiamento do vernáculo.

Muito bem procede o escritor que redige: "Nenhum dos vocabulários oficiais traz um composto *sequer*..." — "A notícia de que o conselheiro *nem sequer* havia entrado em contato com os presos" — "...classificou um candidato que *não* havia sequer comparcido às provas".

Resumindo: *Sequer* é advérbio de intensidade, que entra

em orações negativas. Seu emprego em orações positivas constitui erro idêntico ao de *absolutamente* com sentido negativo.

Ser (com verbo intransitivo) - Pelo fato de não poderem passar para a voz passiva, os verbos intransitivos só costumam vir acompanhados dos auxiliares *ter* e *haver*; todavia, com alguns de tais verbos o verbo *ser* substitui elegantemente esses auxiliares na formação dos tempos compostos: *ser* *chegado*, *ser* *nascido* (ou *nado*), *ser* *vindo*, *ser* *entrado*: Porém já cinco sóis eram passados — Aqui *foi nado* e criado — ...imaginado *ser nascida* de inveja de o ver tão grande — ...por o imperador dom Carlos, seu Pai, *ser faleado* — Por *ser* já *entrado* o inverno... — A destruir o povo serraceno muitos com tencão santa eram partidos — ...também o arcebispo *era* *chegado* de pouco.

Ser (substituído por vírgula) - Pode a vírgula ser empregada, enfaticamente, em lugar do verbo *ser* em orações de fácil compreensão: "Estes, os maiores perigos" — "Eles, os homens que indico".

Ser para - Pelo menos dois significados pode ter o nosso verbo *ser* quando seguido de *para*: 1. dever: Eu *era para* ter mudado de carreira — Ele *era para* ser padre; 2. sentir inclinação *para*, *ser* *destinado* a: Eu *não sou para* esse trabalho.

Serafim, Querubim - A título de curiosidade saibamos que essas formas são originariamente plurais, que mais uma vez se pluralizam em português em *serafins*, *querubins*. Provenientes do hebraico, foram pelo inglês importados na real forma singular os nomes dessas ordens da hierarquia celestial, *seraph* (anjo do amor), *cherub* (anjo da luz), segundo Dionísio, o Areopagita, as mais próximas de Deus.

Serão o mais pequenas possível - Essa deve ser a construção, e não "serão as menores possíveis". No verbete "o mais possível" e no verbete "possível" — tentamos alertar redatores quanto ao engano em que freqüentemente incorrem no emprego da palavra *possível* quando a colocam junto de adjetivo. É difícil a quem deseja compreender o que lê atinar com o sentido desta passagem ou, por outra, com o que se passou pela cabeça do comentarista ao redigi-la: "...mas as conseqüências serão as menores possíveis". Não, meu caro; o que você quer realmente dizer é que elas, as conseqüências, serão o mais possível pequenas, o mais possível fracas, o mais possível apagadas, e não "as mais possíveis pequenas", "as mais possíveis fracas", "as mais possíveis apagadas"; elas serão possivelmente as menores, possivelmente as mais fracas, possivelmente as mais apagadas. O que não é possível é embaralhar as idéias, julgando que o "mais" da locução adverbial "o mais possível" pertença ao adjetivo que entra em expressões que tais, e com ela possa sintetizar-se em "menor", "melhor", "maior", "pior". Redija sempre: "As máquinas serão o mais possível pequenas" — "Faca-os o mais possível maiores do que o modelo" — "Fizeram uma cabina o mais possível grande para que tudo e todos nela coubessem com folga".

"Quero frutas o mais possível grandes, o mais possível maduras, o mais possível limpas" ou "Quero frutas o mais possível grandes, maduras e limpas", e não esta tolice de construção "Quero frutas as maiores, maduras e limpas possíveis".

O *mais* deve af modificar o *possível*, e não o adjunto expressor de qualidade. "O mais possível" — repetimos o que ficou dito nos verbetes citados — é locução adverbial; como tal não pode variar, dê-se aos termos da oração a ordem que se desejar; e é locução adverbial porque está modificando o adjetivo, o adjunto do nome.

Frases simples e corretas e claras são estas: Faça-as grandes o mais possível (Faça-as o mais possível grandes — Faça-as o mais grandes possível) — Pronuncie as letras bem o mais possível (Pronuncie as letras o mais possível bem — Pronuncie as letras o mais bem possível) — Tirei notas más o mais possível (Tirei notas o mais possível más — Tirei notas o mais más possível).

O ouvido, por desacostumado, poderá estranhar a última

forma desses três exemplos, mas o erro jamais foi justificativa de eufonia.

Sergipe (estado brasileiro) - Sigla oficial: SE. Adjetivos pátrios: *sergipano, sergipense*.

Seriema - *Voz*: cacarejar, aflautar.

Serigrafia - Do adjetivo grego *seriós*, que significa "de seda", é que se formou *serigrafia* para indicar "gravura em seda". Como em *sericultura*, por *seriicultura*, o radical foi reduzido por haplogogia (eliminação de elementos similares de um vocábulo).

Sério - O superlativo sintético é *seríssimo*, com dois *is* após o *r*.

Serpente - *Voz*: Assobiar, chocalhar (quando tem chocalho), sibilar, silvar.

Serra - *Barulho*: rascar, sinir, zunir.

Serrar, cerrar - Com *s* inicial significa cortar com serra; com *c*, fechar, unir, apertar.

Sertãozinho - *Adjetivo pátrio*: sertanezino.

"Serzir" - Assim não se escreve, senão *cerzir*. Conjuga-se como *aderir*: *cerzo, cerzes...* que eu *cerza, cerzas...*

Sesqui... - Este elemento latino, resultante de síncope de *semis* (que *et semis*, e metade), tem entre outros o significado de "e metade"; modifica o substantivo como se fosse adjetivo a ele posposto: *sesquicentenário* (centenário e meio), *sesquipedal* (que tem pé e meio de comprimento; diz-se de verso e de palavra de muitas sílabas e, por extensão, de coisa inutilmente complicada); *sesquiúncia* (forma latina abreviada de *sesqui uncia*), peso de onça e meia.

Sessão, Sessamento - É o ato de *sessar* (separar por meio de peneira: "sessar o feijão"), para retirar o cisco. Não confundir com *cessação*, ato de *cessar* (parar).

Seta - *Barulho*: rechinar, silvar.

Sete - *Coletivo de dias*: semana; *de vozes ou instrumentos*: septeto, setímio, séptuor.

Sete Lagoas - *Adjetivo pátrio*: setelagoano.

Setentas - "Já nos anos 70" — é o que vemos em jornais. Se apenas nos primeiros anos da década ocorreu o fato reportado, escrevo "já nos primeiros anos 70"? Como devo ler, senhor redator: "nos primeiros anos setenta" ou "nos primeiros anos setentas"? Que figura de retórica justifica ler "nos anos setenta", sem pluralizar o numeral, e que cartilha me obriga a ler "nos anos setentas" se não vejo *s* em seu jornal após a expressão numérica quando abreviadamente escrita com algarismos?

Por que não substantivar desde logo o numeral — o que não é novidade nem em português nem em outras línguas? Se temos substantivadas até formas aumentativas, como *quarentão*, e, a confirmar a substantivação, o plural *quarentões*, por que não substantivarmos o normal *quarenta*? Não dizemos "os setes do baralho"?

Podemos perfeitamente dizer — e com mais nexos — "Os setentas deste século vêm-se caracterizando pela instabilidade econômica" — "Dentre as últimas décadas, os trintas e os quarentas não foram favoráveis a São Paulo".

Representada a expressão numérica por algarismo, não há estranhar um *s* após ele: "Liberais e conservadores se reuniram, já nos 40s (já nos quarentas), em torno de princípios do velho caudilho" — "O mundo não aguarda com tranquilidade os primeiros 80s" (os primeiros oitentas). O que é de estranhar é o circunlóquio "na década dos anos dos setenta" em vez do simples e claro "nos setentas"; lá seis palavras, e uma concordância duvidosa; aqui somente duas, e um plural justificável.

Veja-se a simplicidade, a naturalidade da expressão: Os negócios aumentaram sempre nos 1950s (nos mil novecentos e cinqüentas) e nos primeiros 1960s (e nos primeiros mil novecentos e sessentas).

O próprio inglês, que usa o plural muito menos que nós, tem-no para o caso, e não estranham a construção nem os que o aprendem como segunda língua: Why the enormous difference between the fat sixties and the souring seventies? (Por que a enorme diferença entre os gordos sessentas e os magros setentas?)

Não só quando referente a anos civis, mas também a anos de vida de um indivíduo compreendidos numa faixa etária de dez: Ele viveu os setentas com a mesma oposidiosa literária dos quarentas.

Necessária a abreviação, ela deverá processar-se a exemplo do que já vem ocorrendo na imprensa, "os INPs", "os PMs" — com o acréscimo do *s*: Dos 30s aos 60s sua preocupação foi uma só: dar o máximo de orientação aos filhos.

Dizemos — e sem dúvida está certo — "Sofri muito dos vinte aos vinte e cinco", mas agora temos verdadeiros numerais, apenas desacompanhados do substantivo; não estão empregados substantivamente como em Vivi os trintas (vivi os 30s) de maneira mais afluiva do que os vintes (do que os 20s) — onde só confusão de sentido traria a intromissão da palavra anos.

"Seu" - Nem tudo o que se diz se escreve, nem, muito menos, registra-se num dicionário, a menos queira o autor indicar maneiras peculiares de uma gente ou região. Diariamente ouvimos ou dizemos "Não tem ninguém na sala" — "Todo o mundo sabe disso" (em vez de: Não há ninguém na sala — Todas sabem disso), sem que jamais tenhamos ânimo de assim escrever.

Seu por senhor é forma popular, como igualmente populares são *nhô, nhá, nhor, nhora, sinhô, sinhá, sá: nhô* João, *nhor* Antônio, *nhá* Maria, *sá* Barbina.

"Seu dele" - Ao tratar uma pessoa por *vós* e construir "Deveis socorrer o menino e seu pai", nenhum erro se comete, pois o *seu* se refere a *menino* e não à pessoa a que se dirige. Há quem em caso como esse empregue juntamente com o possessivo *seu*: *sua, seus, suas* a variação pronominal correspondente *dele, dela, deles, delas*, dizendo: *seu pai dela, seus pais deles. sa mãe dele, suas mães deles*. Tal modo de dizer, ainda que aforado em textos de bom cunho, deve evitar-se, dando-se outra feição ao fraseado: "Deveis socorrer o menino e o pai dele".

Sevilha - *Adjetivos pátrios*: hispalense, hispálico (*Hispalis* era o nome antigo de Sevilha), sevilhano (fem. sevilhana), sevilhão (fem. sevilhoa).

Sevar, Cevar - Com *s* é brasileirismo; significa "meter as raízes de mandioca no caititu ou sevador para as reduzir à massa de que se faz farinha". Com *c* significa *engordar* (do latim *abare*).

"Sheriff" - Aportuguesa-se em *xerife*.

Sh - X - É o dígrafo inglês *sh* uma das origens do nosso *x*: *xampu* (shampoo), *Xangai* (Shanghai), *xerardizar* (sherardize), *xerife* (sheriff), *xou* (show).

"Shah" - Assim não se escreve, senão *xá*, para indicar o soberano persa.

"Shampoo" - Aportuguesa-se em *xampu*.

"Shopping center" - É confortante encontrar num jornal: "O sensor binaral faz com que pessoas cegas não encontrem obstáculo nem mesmo em áreas supermovimentadas como lojas, mercados e centros de compras". Perfeitamente, *centro de compras*, à portuguesa, sem temor de traduzir a forma inglesa.

"Show" - Aportuguesa-se em *xou*.

Si, consigo - *Si* e *consigo* são variantes reflexivas da terceira pessoa gramatical, o que equivale a dizer que só podem aparecer quando se referem a um sujeito da terceira pessoa, como nestas orações: Pedro (sujeito) fala *consigo* (pronomine reflexivo); refere-se ao sujeito) — Pedro e Paulo (sujeito composto) discutiram o caso entre *si* (pronomine reflexivo; refere-se ao sujeito).

É errada a construção destes dois outros exemplos, frequentemente encontrada em pessoas de preparo gramatical falho: "Vejo em *si* uma ótima pessoa" — "Onde poderei encontrar-me *consigo*?"

As formas *si* e *consigo* referem-se nessas duas últimas orações à pessoa com que se fala e não ao sujeito, procedimento que não condiz com a natureza desses reflexivos, que sempre devem referir-se ao sujeito do verbo. Em casos como esses deve-se dizer: "Vejo no senhor (ou em você, em V. Exa. etc.)

uma ótima pessoa" — "Onde poderei encontrar-me com o senhor?" (com você, com V. Exa. etc.) — V. *consgo*.

Si vis me flere, dolendum est primum ipsi tibi - Locução latina que significa: Se queres que eu chore, é mister que comeces por chorar tu próprio. Se queres que eu me comova, como-ve-te primeiro a ti mesmo.

Si vis pacem, para bellum - Locução latina que significa: Se queres a paz, prepara a guerra. Se alguém não quer ser atacado, deve impor-se como defensor.

Si vis, potes - Locução latina que significa: Se queres, podes. Corresponde ao nosso provérbio: "Querer é poder".

Siameses - *Siamsês* é adjetivo pátrio; denota "nascido no Sião", "relativo ao Sião". No plural, quando acompanha o substantivo *irmãos* ou *gêmeos*, indica a monstruosidade consistente no nascimento de dois seres humanos ligados e inseparáveis, por alusão aos irmãos Chang e Eng, nascidos em 1811 no Sião e falecidos em Nova York; eram ligados pela cartilagem do xifóide, mas "irmãos siameses" designa hoje por extensão os gêmeos ligados por qualquer parte do corpo humano, ou de animais, quando a união não é incompatível com a vida, e os membros do par são capazes de atividade.

Note-se a existência da palavra técnica, erudita, para designar o que sofre da anomalia: *xifópago* (com *f* na segunda sílaba e *p* na terceira; do grego *xiphos*, espada, e *pagis*, unido) São *xifópagos* dois indivíduos que nascem unidos desde o apêndice xifóide até o umbigo; em sentido figurado diz-se de pessoas estreitamente ligadas por inclinação ou temperamento.

Sião - É a forma vernácula de *Sion*. A forma francesa aparece nos derivados: *sionismo*, *sionista*, *sionística*, *sionita*.

Siões são os habitantes do reino de Sião (Tailândia).

Sic - Palavra latina que significa *assim*. Emprega-se entre parênteses, antes ou depois de uma citação, para indicar que o original vai ser ou foi reproduzido fielmente, com as mesmas palavras, como foram proferidas ou escritas.

Sic itur ad astra - De um verso de Virgílio (Eneida, IX, 641); significa "assim se vai aos céus", é assim que alguém se torna imortal.

Sic transit gloria mundi - Frase da *Imitação de Cristo*; significa "assim passa a glória do mundo"; aplica-se aos que caem no olvido ou vêm a falecer.

Siar, Ciar - Com *s*, significa "fechar as asas", procedimento das aves para descida mais rápida. Com *c*, significa "remar em sentido contrário, para recuar ou para voltar a embarcação"; "ter ciúmes de".

Sicut et in quantum - Expressão latina que significa "assim e no quanto". É fórmula que se emprega para indicar que uma situação indefinida deve continuar por mais tempo sem alteração nem de forma nem de conteúdo: A prefeitura pediu a sustação do processo *sicut et in quantum*.

Siglas pluralizadas - Não vemos mal em escrever "os INPs". Se a sigla passou a ter força de vocábulo, não é de estranhar um *s* para indicar-lhe o plural. Um cuidado apenas requer esse procedimento — que o *s* indicativo da pluralização seja minúsculo: "os *PMs*", abreviatura que ninguém deve confundir com "os *MPs*" (membros do parlamento).

"Sikok" - A fórmula vernácula da ilha japonesa é *Xicoco* (ó).

Silepse - "No Bandeirantes só se cuidou de sintonia", e não: "Nos Bandeirantes...". Não se trata de homens bandeirantes mas de palácio, do palácio do governo paulista, chamado "Palácio dos Bandeirantes".

Esse erro foi visto em título de notícia, e na notícia se via repetido; não era, pois, erro de revisão.

Trata-se de *silepse*, ou seja, de processo sintático de concordância irregular, também chamada *concordância figurada*, no qual ela se opera não com o termo expresso mas com outro termo latente, isto é, oculto, mentalmente subentendido, razão por que tem ela ainda outros nomes: *semiótica*, *lógica*, *latente*, *anormal*, *mental*, nomes todos que denotam operar-se a concordância não com a letra, mas com o espírito, com a idéia da palavra.

Desse tipo é a concordância operada em "livro editado pela Melhoramentos" (editora), "passageiros embarcados no Europa" (navio), "cheque do União" (banco), "pescaria feita no Adriana" (barco).

Da próxima vez, senhor redator, redija com firmeza: "O secretário chegou atrasado ao Bandeirantes", pois aí existe *silepse*, provindo do grego *syn* (com), mais *lépsis* (do verbo *lambáno*, tomar, prender), tem o composto o significado de *compreensão*.

Silha, cilha - Não haja confusão. *Silha* é cadeira, assento: "O papa, transportado em sua *silha*...". Daí *silhão* (*silha* grande em que montam mulheres), *silhar* (pedra lavrada e em quadrado que serve para assentar em paredes de silharia), *silharia* (obra feita de silhares). Indica também a pedra em que repousa o cortico ou uma série de corticos de abelhas, que de maneira melhor é chamada *silhal*.

Cilha é a cinta que aperta a sela ou a carga da cavalgadura. Daí *cilhar* (apertar com cilha), *enathar* (arrear, preparar a besta para viagem). É sinônimo de *cincha*.

Simil, simile - *Simil*, cujo plural é *símeis*, é forma poética do adjetivo *semelhante*; o superlativo sintético é *similimo*. *Simile* é substantivação da forma neutra latina para indicar analogia, semelhança entre duas coisas; quando dizemos "coração de pedra" estamos recorrendo a um *simile*.

Simildão, similidão - São formas antigas, hoje geralmente substituídas por *semelhança*, *pareceça*.

Similia similibus curantur - Expressão latina que significa "as coisas curam-se com coisas semelhantes". É a base da doutrina homopática, da cura de doenças com agentes que provocam no organismo efeitos semelhantes aos verificados no doente.

Simonia - De *Simão* - nome do mago que quis comprar dos Apóstolos os dons do Espírito Santo — a palavra *simonia*, por formada dentro de nosso idioma, tem o acento tônico no *i*; emprega-se para indicar traficância de coisas santas.

Simpático - O superlativo sintético costuma ser *simpatíssimo*. V. *módico*.

Simpatizar - É erro perpetrado no Brasil usar este verbo pronominalmente; o certo é "Eu simpatizo com ele", "Eles não simpatizam com o chefe", sem um intruso reflexivo.

Simple - O radical latino do adjetivo formado de *sine plica*, sem dobra, termina em *e*, *simple*, donde a forma *simplicíssimo* para o superlativo sintético, ao lado da forma haplológica *simplicíssimo*. O próprio plural teve a forma latinada *simplices* usada; se cedeu lugar ao plural uniforme *simples*, conserva-se na forma latina, no plural e também no singular (*simplice*, *simplices*), quando empregada a palavra substantivamente para designar "ingredientes de fórmula ou de tinta", "plantas medicinais empregadas no estado natural".

Em outras formas paralelas o uso pode introduzir certa distinção de significado; é o caso de *simplicismo*, que indica "ingenuidade", ao lado de *simplicismo*, "simplificação exagerada", "tendência ou prática de se concentrar num só aspecto de uma questão com exclusão de todos os fatores embaraçantes", *simplicista* (que advoga o simplicismo), *simplicista* (que cura por meio de simplices).

Têm ainda relação com o caso as formas aumentativas *simplichão*, *simplicheirão*, *simplicheirão*, sinônimas de *simpório*.

Simpósio - Este o verdadeiro significado de *simpósio*: banquete, festim; por extensão, *simpósio* é o próprio salão de banquetes. *Simposiarca* é o presidente do simpósio; *simposiasta*, o participante, o conviva do festim.

Modernamente vemos a palavra empregada por "reunião de conhecedores de um assunto", quando temos para o caso *colóquio* ("Colóquio Internacional de Direito Romano e Literatura Latina" — "O colóquio reunirá especialistas de vários países"), além da conhecida palavra *congresso*, objetivamente definida no Aulete: reunião ou assembleia solene de pessoas competentes para discutir alguma matéria: *congresso* estatístico, *congresso* oftalmológico, celebração de *congressos* cosmopolitas.

Sinais diacríticos - Em *planeta* o "e" é fechado, em *atleta* o

"e" é aberto. Há quem disso discorde? Há quem pronuncie de forma diferente? Onde pois a necessidade de sinal diacrítico que nos distinga a proclação dessa mesma vogal, em idêntica posição tônica, em igual terminação? O contínuo emprego de uma palavra dispensa-nos enfeitá-la; quando de pouco uso, a consulta a um dicionário prosódico evita-nos estropiá-la; a frequência à escola ensina-nos a distingui-la prosodicamente; a gramática explana-nos o porquê da diferença prosódica entre o "o" de *somem*, do verbo *somar*, e o "o" de *somem*, do verbo *sumir*. Para que o circunflexo em tais situações de homografia?

Quem lamenta aí a ausência de sinal diacrítico? Estrangeiros? Quem não sabe ler? Quem não sabe consultar dicionário? Quem jamais estudou gramática?

Síndrome - Fora de qualquer dúvida, é palavra proparoxitona; por ser breve o "o" da penúltima sílaba, representado em grego pelo *ômicron*, o acento do composto deve recuar, em latim e em português, para a sílaba anterior; caso em grego tal "o" fosse escrito com ômega é que deveríamos nele fazer cair o acento tônico.

Quanto à terminação e quanto ao gênero consideremos que um vocábulo é importado para o nosso idioma mediante duas correntes: a *popular* e a *erudita*. A primeira atende à lei do menor esforço, a comparações, a semelhanças com termos já existentes, à indole, à região do povo e a outros fatores que só a filosofia das massas pode explicar. A segunda procede o mais fielmente possível de acordo com as regras exaradas já quanto à forma, já quanto à prosódia, já quanto ao gênero da palavra.

Vejamos como procede uma e outra corrente com a palavra grega *syndromé*. A popular não raciocina, age: *suntoma* termina em *oma*, é paroxitono, é masculino... por que duvidar? O *sindrôma*... e não menos de três erros se cometem: gênero, acento e terminação contra as leis de derivação.

Uns, que compreendem as regras de acentuação, corrigem para "o síndrome", acentuando o "i"; outros vão mais além: estudando na fonte o gênero, dizem "a síndrome"; mas os médicos — classe erudita — não devem nem podem ficar em tais raciocínios; deverão considerar técnica a palavra e, conseqüentemente, atender à derivação erudita e ser coerentes também na terminação: a *síndrome*.

Entre outros, vejam-se os vernáculos *sinédoque* e *perístole*, palavras gregas da mesma terminação e gênero de *síndrome* e com acento correto; como palavras técnicas e usadas tão só por eruditos, conservam-se sempre e em tudo fiéis à etimologia: Conhecem-se estas febres *pela síndrome* de seus perigosos sintomas — O hábito dos muitos erros de gramática é a mais evidente *síndrome* de decadência do magistério.

Sine die - Locução latina que literalmente se traduz por "sem dia"; emprega-se com o significado de "sem prazo certo", "por tempo indeterminado": A assembléia adiou suas sessões *sine die*.

Sine qua non - Subentendendo-se *conditio*, a expressão latina, que se emprega no singular, traduz-se por "(condição) sem a qual, não", para indicar que a condição é essencial, indispensável, imprescindível: O dinheiro é condição *sine qua non* de bem-estar — A existência da preposição *a* e do artigo ou pronome *a* é condição *sine qua non* para haver frase.

Sinema - O primeiro elemento - *sin* - é grego; corresponde ao nosso *com*; indica a palavra "conjunto de estames", e não se irá confundir com *cinema*, sala de projeção de filmes.

"Singapura" - Rebelo Gonçalves, Botelho de Amaral, Nascetes, Laudelino Freire dão *Cingapura* como "melhor grãfia".

Singular, e não plural - Este é um procedimento sintático latino seguido pelo inglês, não porém pelo português: Eles machucaram *as cabeças* — Eles têm *os corações* dilacerados. Se, ao falar da força dos belgas, diz César que "minimeque ad eos mercatores saepe comineant, atque ea, quae ad effeminandos *ánimos* pèrinent, important", o tradutor deverá pôr no singular "para enfraquecer o *espírito*".

Em latim, no plural a coisa possuída quando cada um tem

a sua: *Ornamus còrpora*, *ornemus etiam ánimos*. Em português, partes do corpo (a menos que sejam várias, como *olhos*, *orelhas*...), propriedades da alma ficam no singular ainda que referentes a vários indivíduos. "Sursum *corda*", diz o papa ao rezar missa em latim; "*coração* ao alto", deve dizer o padre brasileiro ao rezá-la em português. Mais do que estranheza, causaria dó ver "per *capita*" traduzido por "por *cabeças*".

Proceder de maneira contrária é introduzir norma latina ou inglesa até hoje não aceita em português por quem o escreve à luz do vernáculo: *persons of different sexes* (pessoas de *sexo* diferente), *our ancestors must have good digestions* (nossos antepassados deviam ter *digestão* boa), *their hearts leaped to their mouths* (o *coração* deles saltou pela *boca*), *they ware both counting their pulses* (estavam ambos verificando a *pulsação*).

E assim: Temos *a mente* livre de preconceitos — ficamos com o *rosto* tostado do sol.

Singular, ou plural - Quando constituído da preposição *de* e um substantivo concreto, o adjunto adnominal ora fica no singular ora vai para o plural: "fábrica de *sabão*", "fábrica de *chapéus*".

Se o substantivo do adjunto expressa matéria contínua fica ele no singular: marcas de *sal* (de cozinha), bastões de *fósforo* (corpo químico), espécies de *solo*, tipos de *gente*, fábrica de *papel*.

Se passa a indicar variedades, unidades, indivíduos, aparece o substantivo no plural: tipos de *sais* (minerais), grupo de *salas*, fábrica de *meias*, caixa de *fósforos*, em tipografia várias são as espécies de *tipos*, catálogo de *selos*, mostra de *plantas*, fábrica de *envelopes*.

Ao lado de "fábrica de *calçado*" dizemos, porque agora passamos a indicar indivíduos, "fábrica de *sapatos*".

Singular pelo plural - O singular pode ter força de plural: "Brasileiro, ouve tua consciência" — sem necessidade de dizer: "Brasileiros..." — "Condutor atento não conversa em serviço". V. *material de construção*.

Sínico - Adjetivo que indica o que é relativo à China ou aos chineses. Não confundir com *ânico*, impudente.

Sínite párvulos venire ad me - Passagem bíblica que significa "deixai vir a mim os pequeninos".

Presta-se a sentença para explicar o *sujeito acusativo*. *Párvulos*, conquanto acusativo, não é aí objeto direto do verbo *sínite*, mas sujeito do infinitivo *venire*. Substituindo *párvulos* pelo correspondente pronome pessoal, o latim dirá: "sínite *eos*...", ou seja, "deixai-os vir a mim", construção que nos dá estas duas lições:

1. É errado construir: Deixai *eles* vir — Mandei *eles* estudar — Mandaram *nós* sair — Deixe *eu* ver.

2. O infinitivo não se flexiona: Deixai-os *vir*; mandei-os *estudar*; não nos deixeis *cair*; fizeram-nos *voltar*; vi-os *passar*; ouvi-as *chorar*; senti-os *passar*.

Sino-japonês - *Sino*, do neologismo latino *Sina*, designativo de China, deve-se ao fato de em latim não existir som *ch*iante: conflito *sino-russo*.

Sinonímia - Com o acento tônico no último *i* (*si-no-ni-mia*), é melhor do que *sinonímia*. V. *imperatória*.

Sino-saimão - Forma popular, preferida por Gonçalves Viana (Apostilas, I, 90; II, 423), de indicar o "signo de Salomão", emblema dos judeus, constituído de dois triângulos entrelaçados em forma de estrela.

Sins e não - Uma palavra, pertencente a qualquer classe, flexiona-se normalmente quando substantivada: Sem *senões* nem *talvezes* — Ouvimos os *prós* e os *contras* — Quero saber os *porquês* do seu procedimento — *Sins* e *nãos* foram ouvidos a um só tempo — *Ais* lancinantes se ouviam — Os *setes* e os *noves* do baralho estão marcados — É preciso dar seqüência aos *sins* — Um referendo e poucos *sins* — Com dois lacônicos *nãos*.

Dois, três, seis e dez são uniformes: os *dez* do baralho

Sint ut sunt, aut non sint - Assim respondeu o Pe. Ricci, geral dos jesuítas, quando alguém lhe propôs modificar a consti-

tução da Companhia: "Fiquem como estão (as regras), ou então deixem de existir".

Sintra - É a correta grafia, desde o século XII, do nome da cidade portuguesa. O adjetivo pátrio é *sintrão* (fem. *sintrã*).

Sinusite - Do latim *sinus*, com *u* deve ser escrita a palavra.

"Sirene" - Não percamos tempo com a palavra francesa; temos a nossa legítima *serena* para indicar certa espécie de buzina.

Siringa - Por ocasião da enchente de Tubarão, SC, ouvia-se de um locutor de rádio o apelo para que aos flagelados fossem enviados remédios e "xeringas" de injeção. Onde foi ele buscar o som de *x* (igual ao que temos em *xequê*, *xarope*) para o *s*? Há realmente, pela derivação popular, casos em que o *s* latino deu *x* em português (*bexiga*, de *vesicam*; *enxertar*, de *insertare*; *enxofre*, de *sulphur*; *enxabido*, de *insipidum*; *puxar*, de *pulsare*), mas o mais certo é dizer que ele não sabia qual a primeira letra da palavra.

Outra dificuldade, esta mais delicada que a prosódica, está na grafia da sílaba inicial: com *e*, como procede o vocabulário oficial brasileiro? Note-se que o de Portugal traz dois vocábulos: um como foi copiado pelo brasileiro, outro com *i*, que o brasileiro pulou. O Melhoramentos dá-lhe por étimo um latim que não conseguimos encontrar; Gaffiot dá, como outros dicionaristas e etimólogos, o latim *syringa*, e, francês como é, traduz por *seringue*, e aqui está a chave do engano: a grafia com *e* é cópia do francês, procedimento que encontramos em outros erros de ortografia. Os radicais franceses devem substituir-se pelos equipolentes portugueses: *aluminação* (lat. *alumen*, *aluminis*), e não "alunação" (do fr. *alun*); *aluminífero*, e não "alúcnico"; *amniótico* (do gr. *amnion*) e não "amniótico" (do fr. *amniotique*); *antipleurítico* (do port. *pleurite*) e não "antipleurético" (do fr. *antipleurétique*); *glucínio* (por influência do gr.) e não "glucínio" (por influência do francês); *mamilo* (de *mamilo*) e não "mamelão" (do francês *mamelon*); e assim SIRINGA (do gr. *syrinx*, pelo latim *syringa*), e não "seringa", cópia do francês *seringue*. O mesmo se diga dos compostos: siringóide, siringoscopia, siringomielia, siringotomia et al.

Sirte - O gênero é feminino; quanto à forma veja-se *diabete*.

Sisa - Designativa de "imposto de transmissão cobrado sobre compras e vendas de bens imóveis". Essa palavra já existia, segundo Fernão de Oliveira (Gram. Port., 2ª ed., pág. 66), no tempo de D. João I. Coexistia ela no espanhol — razão por que podemos dar-lhe por étimo o próprio espanhol — onde sempre se grafou *sisa*, com *s* inicial, para determinar o imposto que se cobrava sobre gêneros, fazendo-se diminuir as medidas, ou seja, tirando-se do comestível a parte correspondente ao tributo exigido pelo estado.

Não deve ser confundido com *cisa* (corte), de onde temos *cisão*.

Sismo - Substantivo que, pode muito bem ser usado *sozinho*, para indicar "abalo sísmico". O que não se pode é usar *sísmico* como substantivo em lugar do verdadeiro substantivo *sismo* ou em lugar da expressão "abalo sísmico". *Sísmico* é adjetivo, e não substantivo. V. *abalo sísmico*.

Sit tibi terra levis - Locução latina que se encontra com certa frequência em túmulos; significa: "Que a terra te seja leve".

Sítio - Aumentativo, de emprego no norte do Brasil, *sitarão*.

Sito, Situado - São formas participiais de *situar*; empregam-se uma pela outra; só excepcionalmente se encontram, em algum escritor, com preposição diferente da usual, *em*. Vejamos estes exemplos, colhidos de Domingos Vieira: "... do insigne Convento de Poblet da nossa Ordem, situado no Principado da Catalunha" — "... chegou a nossa vila pequena situada na costa do mar" — "... ao qual chamam Aliga, onde está situada a fortaleza Sintacora" (e não *aonde*) — "... outra terra firme, em que ora está situada Malaca" (e não *a que*) — "Na parte mais elevada se situa a sua nobilíssima fortaleza".

Cabem para o caso as mesmas considerações deixadas no verbete *morar*: Morava ele no largo, das Perdizes e sua casa se situava numa esquina.

"Situções conjunturais" - A expressão é tirada de jornal; não é o mesmo que escrever "disposições posturais"? *Postura* é sinônimo de *disposição*, como *conjuntura* é sinônimo de *situação*. Ou se diz "no estado da doença" ou "na condição da doença"; dizer "no estado condicional da doença" é demonstrar desconhecimento da sinonímia ou faltar ao rigor de significação das palavras.

De igual maneira, ou se diz "nessa conjuntura não tive remédio senão ceder" ou "nessa situação não tive remédio senão ceder". O que não afina é "nessa conjuntura situacional" nem "nessa situação conjuntural". Já que hoje não se dá importância nem a dicionário nem a gramática, isso deve ser processo de "comunicação transmissional" ou de "lingüística idiomática".

"Sketch" - *Sainete* (ê) é a palavra do nosso idioma para indicar "comédia curta e de poucos atores".

"Slide" - A "lanterna mágica" aperfeiçoou-se em "lanterna de projeção"; vamos agora fazer o *diapositivo* retroceder para *slide*? Para acompanhar o "imbroglio" de dicionários nossos, escrito e pronunciado à estrangeira?

Enquanto *diáfilme* significa "série de fotografias positivas em filme para projeção", o *diapositivo* individualiza a fotografia. Ou criamos vergonha dizendo *diapositivo* — como traduz Michaelis — ou disfarçamos sua falta aporuguesando o barbarismo: *estaide*.

"Slogan" - O grito de guerra dos antigos escoceses, combinação de duas palavras gaélicas, *sluagh-gairm* (hoste-grito), alterou-se em *sluggorne*, *slughorm*, *slogrurn*, *slogen*, para dar o atual *slogan*.

Como o "slogan" para indicar o vigoroso grito de guerra dos escoceses, o *lema* sempre existiu entre nós em todas as porções da sociedade; políticos, profissionais, terroristas, toda a agremiação humana tem seu *lema*, palavra legítima esta que, além da palavra *mote*, deve ocupar o lugar do significativo mas intruso "slogan". Que o barbarismo, afinal das contas, seja aporuguesado em *eslogão*, com o plural *eslogãos*.

"Smoking", esmouque - Não há fugir da palavra inglesa; tal o uso, que só nos resta dar-lhe roupa nossa. Parece vestir-se bem o vernáculo com *esmouque*. Não temos *estilingue* de "sling"? O trabalho de alfaiataria é ainda menor.

"Snob", "snobismo" - V. *esnobe*.

Só, sós - "Sós, os diplomas não forjam profissionais" — Assim não estava no título de notícia de jornal, senão, erradamente: "Só os diplomas não forjam profissionais" — sem *s* e sem vírgula após *só*.

É elementar a distinção entre *só* advérbio e *só* adjetivo. Quando equivalente a *sozinho*, é adjetivo e a flexão numérica se impõe exatamente como a do sinônimo: *sozinhos*, *sós*. Eles estão *sós* — Nós, *sós*, fizemos o que a turma toda não conseguiu — *Sós*, os diplomas não forjam profissionais.

Observe-se a influência da vírgula nos dois últimos exemplos para indicar a função adjetiva.

Quando equivalente a *somente* é que não varia, pois é então advérbio: *Só* fiz o que você pediu — Não estudamos *só* essa lição, mas as duas seguintes para amanhã.

Locuções existem:

1. *a* mais o adjetivo *só*, com a mesma significação e concordância de *sozinho*: Em horas de desalento, *a só* no seu retiro, escrevia cartas ao marquês de Gouveia — Ó vós que no silêncio e no recolhimento do campo conversais *a só*s quando anoitece, cuidado!

2. *só por só*, com a significação de "um por um": O gigante não se atreveu em entrar em certame senão com um homem *só por só*.

3. *sós a só*s, *sós por só*s, sem companhia, sem outros: Eu é que hei de castigar em pessoa, e *sós a só*s, D. Antônio — Não tivemos a boba pretensão de levar a cabo este vocabulário, *sós por só*s, ajudados apenas das próprias forças.

Não confundamos, pois: Ficamos *a só*s (sozinhos) — Ficamos *a só* pão e água (somente: ficamos a somente pão e água).

Soar (horas) - V. *dar horas*.

Sob... - Prefixo que exige hífen antes de *r* (Formulário Ortográfico, XIV, 46, 5ª, e), o que ocorre com dois compostos: *sob-roda*, *sob-rojar*.

Sob color de - Significa "sob aparência de". A palavra *color* é nossa desde D. Diniz, mas com acento tônico na última sílaba e não com a prosódia hoje estropeada por um locutor que parece empenhado em barbarizar o vernáculo: um lápis *bicolor*, dois lápis *bicolores*, clube *tricolor*, sempre com o acento tônico no *o* que vem após o *l*, quer em compostos quer não.

Em "sob color de" tem sentido figurado de *aparência* ("Sob color de virtude"), *pretexto* ("Sob color de conservar vestígios da origem da palavra, escrevem alguns letras já desusadas").

Sob, sobre - Por que dizer que "sob medida" é erro? Está incriminada a expressão em Vasco Botelho de Amaral, que afirma dever-se dizer *por medida* "como diz toda a gente com naturalidade no falar". Laudelino Freire copiou-o no dicionário, mas onde a razão do erro e onde a verdade da asserção "como diz toda a gente com naturalidade no falar"? — Só se for em Portugal.

"Por medida" é certo, ninguém o vai negar, mas há distância entre afirmar isso e dizer que "sob medida" é errado. É clássico o emprego da preposição *por* em expressões que denotam circunstância, condição, estado (viajar *por* mau tempo, andar *por* tempestade), mas é assim que se diz hoje? Pelo menos no Brasil, anda-se *sob* chuva, *sob* tempestade. Em avisos nas nossas estradas — o Trânsito prima em extravagâncias de consuação — encontra-se até "sob neblina", equivalente a "com neblina", embora não caiba aqui o sentido do *sob* de "sob chuva", "sob sol", "sob tempestade".

Se é errado *sob medida*, errado é *sob juramento*, *sob condição*; se é errado *sob penhores*, errado é *sob palavra*, *sob fiança*. Pelo menos no Brasil, esta é que é a construção por toda a gente empregada com naturalidade no falar, e, se a naturalidade faz lei em Portugal, por que o não faz no Brasil? Já não poderemos falar "sob juramento"? Abra-se um dicionário latino; procurem-se aí os variados empregos da preposição *sub*, que desaparecerão todas as dúvidas e relutâncias. Em francês tanto se diz "*sur* prétexte" quanto "*sous* prétexte"; "être *sur* les armes" como "*sous* les armes", e, ainda que geralmente se use "*sous* peine de mort", isso não impediu que Voltaire escrevesse "*sur* peine de la vie". Os exemplos são de Bescherelle, que os elucida: "*sur* prétexte" dá idéia de *pretexto* como apoio para alguma coisa, e "*sous* prétexte" de "pretexto" como disfarce, ou simulada cobertura de um ato; "*sur* les armes" envolve o conceito das armas como guarda ou amparo de alguém, e "*sous* les armes", o das armas como peso ou vexame.

Domingos de Azevedo usa "emprestar *sobre* penhores" do mesmo modo que o francês "prêter *sur* gages". Contudo, traduz o francês "*sur parole*" por "*sob* palavra", e "prisonnier *sur parole*" como "prisioneiro *sob* palavra". Seguir-se-á então que *sobre* palavra deixe de ser vernáculo? De forma alguma, pois Bluteau o cita em um trecho velho da "Monarquia Lusitana" e Domingos Vieira o sanciona. Mas Domingos Vieira e Bluteau são dois frades que nem sempre concordam: e, enquanto aquele registra "livrar-se *sob* fiança", arquia o segundo, como patrimônio da língua, o "livrar-se *sobre* fiança".

Semelhantes vacilações, quer do francês, quer do português, provieram da língua mãe, onde se identificavam, por vezes, *sub* e *super*, não passando esta, na origem, de forma comparativa daquela. Porque, antes de se haver fixado na aceção estática, para denotar posição inferior, teve *sub* sentido dinâmico, exprimindo qualquer movimento de baixo para cima. Assim no-lo ensina Bréal; e só assim podemos compreender como, por exemplo, *summus* (em vez de *submus*), superlativo de *sub*, se tornasse sinônimo de *supremus*, superlativo de *super*. Também só assim nos podemos dar conta de vocábulos portugueses como *sublevar*, *surgir* (*surgere*, *sub-rigere*), e, ainda, *subir* (*subire*), que não significa "ir para

baixo", senão "ir de baixo para cima".

Da idéia estática de inferioridade deduziu-se, em latim e nas línguas neolatinas, a idéia de *sujeição*. Dai o "*sub* conditione", e o "*sub* poena mortis". Essa idéia de sujeição é que explica "*sob* palavra", "*sob* o fundamento de".

De regresso, assim, ao domínio do português, notaremos que, por um lado, o povo desconhece a preposição *sob*, e, por outro lado, o predomínio de *sobre* tem crescido sempre, como efeito da corruptora influência francesa.

Sobejido - A exemplo de *servidão*, *escravidão*, *retidão*, *gratidão*, *solidão*, *escuridão*, é substantivo proveniente de *sobejo* acrescido do sufixo *idão*, da terminação latina *itūdinem*, denotativa de estado, qualidade; *sobejido* significa "superfluidade", "abundância que toca os limites do excesso". O apito na boca do guarda de trânsito é *sobejido*, é demonstração ostensiva de estupidez, de desrespeito a leis de sossego.

Soberbo - Formas superlativas sintéticas: *superbíssimo*, *soberbíssimo*. Gr. Met. § 274.

Sobrar - V. *faltar*.

Sobre... - A seguir o Formulário Ortográfico (45, 5ª, b), exige esse prefixo hífen antes de *h*, *r*, *s*: *sobre-humano*, *sobre-roda*, *sobre-saia*.

Furta-se o relator de justificar no Vocabulário o substantivo *sobressalto*, sem hífen, ao lado de *sobre-saia*, com hífen; o verbo *sobressair*, sem hífen, ao lado de *sobre-venear* com hífen, como se esquivava de justificar *desumano*, sem o penduricalho do hífen, ao lado de um enfeitado *sobre-humano*.

Com tal que se conserve o *h* em *baía* quando o nome se refira à primeira grande baía em que aportaram os portugueses, todas as mazelas e incongruências ortográficas são desprezíveis para os baianos da ortografia de 1943.

Sobre - Baseadas na indicação geral de posição superior, acepções diversas tem a preposição *sobre*; sempre que encerrar idéia de "em cima de", "por cima de", "acima de" e, em virtude ainda do étimo latino, de "além de" e "a respeito de", a preposição *sobre* tem seu emprego justificado: Assentar-se *sobre* uma serpente — *Sobre* cuja cabeça pende uma espada — *Sobre* obscena, a palavra estava mal escrita — Nada foi dito *sobre* ele.

O desconhecimento dessa preposição motiva uma série de erros, entre os quais estes:

1. "Cidade *sobre* o rio Arno" — "Bairro *sobre* a margem direita do Tietê".

Sobre o Arno, sobre o Tietê só pode haver pontes, como "Il Ponte Vecchio", a "Ponte das Bandeiras". O certo é "Florença fica no rio Arno" — "Santana fica na margem, é bairro da margem direita do Tietê".

2. "Edificado *sobre* os planos de tal engenheiro", "Quadro feito *sobre* o original de fulano", "Planta *sobre* a qual foi construída a fábrica". — O certo é: *segundo*, *conforme*, *de acordo com*, *por*.

3. "Recuar *sobre* a cidade", "Marchar *sobre* o palácio" — Diga-se *para*.

4. "Ação *sobre* Berlim" (não se trata de aviação). A preposição deve ser *contra*.

5. "Progrediram *sobre* os subúrbios". O certo é *em direção aos*, *para os*.

6. "Regular-se *sobre* alguém" — Diga-se "por alguém".

7. "Sobre mil combatentes escaparam doze" — Diga-se "de mil combatentes".

8. "Ir *sobre* a cola de alguém". A expressão sempre foi "ir na cola de alguém": Na sua cola vinham os Turcos. — Não se diz "correr *sobre* os calcanhares de um ladrão", mas "nos calcanhares".

Em outras vezes a sintaxe francesa de tal forma se enraizou que só nos resta evitar o abuso: "A ausência foi descontada *sobre* os vencimentos de outubro" (dos vencimentos) — "Sentença inscrita *sobre* o mármore" (no mármore) — "Causou efeito *sobre* todos" (em todos) — "O efeito que isso causou *sobre* mim" (que me causou).

Emprego correto mas um tanto esquecido é aquele com a significação de "além de" em expressões como estas: "Sobre

escassos, os desastres não tiveram consequência aviltante" — "Sobre honesto, é ele caridoso" — "... e que sobre mirrados, sobre afogados, sobre comidos, ainda se vejam pisados e perseguidos dos homens" — "E sobre ser Deus amável, é ele justo" — "Sobre queda, coice" — "Sobre incapazes, são corruptos" — "Mormente quando aqueles reis não sofriam sujeição de posses sobre não haver entre eles tão travadas amizades".

— V. curso de.

Sobrenome - Entre povos diferentes, diferentemente podem aparecer designadas as partes do nome próprio antroponímico completo. É embaracante a quem viaja o preenchimento do cartão de embarque em diferentes países; o que é a última parte do *sobrenome* para nós, é *nom* para os franceses, é *family name* para os ingleses, é *apelido* para os de língua espanhola (nesta a última parte provém do *sobrenome* materno).

O que é para nós *nome*, ou seja, a primeira parte do substantivo próprio de pessoa, é para o francês *prénom* (todo o nome menos o *nom*), para o inglês *forenames* (todo o nome menos o *family name*), para o espanhol *nombres de pila* (todo o nome menos o *apelido*).

Embora não saibamos se nesses idiomas essas partes não são desdoriamente tratadas como em português, sabemos que "for official use" essas costumam ser as designações das partes do nome dos que entram em países estrangeiros, quer tenham ou não pago o imposto de saída do Brasil.

Sobressair - Parecerá estranho, mas este verbo não se constrói pronominalmente; não se dirá: "Ele se sobressai" — mas: "Ele sobressai" — "Esta serra mal sobressai entre aquelas lombadas" — "...cuja voz estrondosa sobressaía a todas as outras" — "Entre estes impostos sobressaía o das sisas" — "Sobressaiam na cruz umas nódoas de sangue".

Sobressalente - *Sobressalente*, com a na antepenúltima sílaba, é forma que devemos preferir à corruptela *sobresselente* sempre que desejarmos indicar, substantiva ou adjetivamente, o que sobressai ou sobrexcede ou é aproveitado para suprir uma falta. Prende-se a palavra ao verbo *sobressair*, em espanhol *sobresalire*, sempre com a.

Sobrevivente - Em engano anda quem julga ser *sobrevivente* somente o que sobrevive a desastre; emprega-se com a mesma força de *sobrevivo*. É *sobrevivente* ou *sobrevivo* o que vive após outro, e somente por extensão se aplica *sobrevivente* ao que escapa da morte ou ruína: As três árvores quedavam ali como três *sobreviventes* duma tremenda batalha ferida no descampado.

Sobreviver - Quando transitivo, rege-se indiretamente com a: A Igreja sobrevive às crises mais violentas (resistir) — A criança sobreviveu ao desastre (viveu depois da ruína do avião) — Se o outro dos pais *lhe* não sobreviver (viver depois da morte).

Sócio - Coletivo: *associação*; em reunião: *assembléa*. Compõe-se sem hífen: *sociologia*, *socioeconómico*, mas em *sócio-gerente*, com hífen, *sócio* é substantivo e o plural é *sócios-gerentes*.

Sócio por ser readmitido - A construção "sócio a ser readmitido" não é portuguesa. Conquanto de certa dificuldade de correção, por muito usada, o certo é "sócio por ser readmitido" (ou "por readmitir-se"): "Se o sócio por readmitir-se vier a cometer a mesma falta...". V. a (*emprego galicista*).

Socorrer - É verbo que hoje leva para o acusativo a pessoa: "Socorrer os pobres" — "Vamos socorrê-lo".

Pronominalmente é empregado para significar "valer-se da proteção de alguém, tirar proveito de alguma coisa": Socorreu-se das jóias para pagar as suas dívidas — Tive de me socorrer da competência e obsequiosidade de muitos dos nossos mais notáveis homens da ciência.

Socorro - No plural o "o" é aberto.

Soer - Só possui estas formas: *Ind. pres.* sói, sóis, soemos, soeis, soem. *Imperf.* soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam. *Part. soído*.

A pronúncia do imperfeito é *so-ía, so-f-as, so-i-a* etc.; no particípio é *so-i-do*.

Soer significa *costumar, ter por hábito*; geralmente vem segui-

do de infinitivo: Pedro *sói levantar-se* às 6 horas — Eles *soem desobedecer* a prescrições novas — Assim como *soemos fazer* aos cavalos.

Sofisticar - The Soviets have tried to sell MIG 21's and other *sophisticated* weapons system to Chile and Peru.

Longe de nós discutir o emprego da palavra no texto inglês, mas em português podemos afirmar que estes são os significados de *sofisticado*: 1. o que é artificial, falso, falsificado, enganador, adulterado; 2. o que encerra sutileza sofisticada.

O vernáculo para o caso é *requintado*. É requintado o que é aprimorado: "O mais fantástico sonho e o mais *requintado* ideal da poesia" (Garrett, apud Aulete).

A aceitar *sofisticado* no sentido que estamos verberando somos obrigados a aceitar *insofisticado* como tradução de *unsophisticated*. Ora! *Unsophisticated* é, para coisas: simples, natural, não adulterado; para pessoas: não afetado, ingênuo, inocente. O nosso *caipira*, que em inglês se pode traduzir por *hick*, é, em inglês, "an *unsophisticated* person". Ou deitamos às urtigas nossos vocábulos ou passamos a falar uma língua de "durex".

Soi-disant - Conforme o caso várias palavras traduzem este galicismo: *suposto, inculcado, pseudo, falso, gabolas, pretense, auto-intitulado*.

Soirée - Esta palavra francesa já teve seus dias de liberdade em português; hoje está desaparecida; tomaram-lhe as vezes palavras ou expressões nossas como *baile, concerto, serão musical, sarau* (reunião dancante).

Sol lucet omnibus - Expressão latina que significa "o sol brilha para todos". Emprega-se para indicar que todos temos os mesmos direitos perante a lei.

Soldado - Coletivo: *pelotão, companhia, batalhão, regimento, brigada, divisão, exército*; em ordem de marcha: *hoste, partida*; quando guarnecem um lugar: *guarnição*; outros coletivos: *coluna, destacamento, patrulha, piquete, esquadrão, grupo, troço (ô), falange, tropa*.

Solicitar - Com a significação de "pedir com instância", "rogar com grande empenho" pode ser construído "solicitar algo a alguém" ou "solicitar algo de alguém": O ministro solicitou ao Conselho que... — Encarregaram-me de solicitar de V. Exa. providências para o caso.

Solução de continuidade - *Solução* é palavra aí empregada com o significado de *interrupção*. Um talho no dedo interrompe a continuidade dos tecidos atingidos pelo instrumento cortante; a faca pode causar *solução de continuidade* da pele.

Em sentido figurado: O governador resolveu manter à frente das diversas secretarias de estado os funcionários, para que a vida administrativa não sofresse *solução de continuidade*.

Solvável - É galicismo. *Solvável* é que em português se escreve o adjetivo que indica "que pode pagar o que deve", "que se pode pagar": dívida *solvável*.

Solvibilidade - De *solver* só podemos ter *solvável*; de *solvável*, *solvibilidade*, *insolvibilidade*. V. *rendibilidade*.

Som - Coletivo: *orquestra*.

Somente - Não é português, senão francês, o emprego de *somente* por *mas*; não devemos construir: "Você pode ir, *somente* quero que volte cedo". Troque-se esse advérbio por *mas* ou, conforme o caso, por outra legítima conjunção adversativa.

Somos em - É errado introduzir a preposição *em* em expressões como "éramos seis", "somos seis". O assunto encontra-se longamente exposto no verbete *em-5*.

Soporativo, supurativo - Não confundir; de *sopor* (sono profundo; estado de quem está em coma), *soporativo* emprega-se como substantivo (substância que faz dormir; coisa fastidiosa) e como adjetivo (que causa *sopor*; enfadonho, fastidioso). *Supurativo* provém de *supurar*.

Soprano - É preciso não se confundam nomes *epicenos* com nomes *comuns de dois*. É *epiceno* o substantivo que, de um só gênero gramatical, presta-se para os dois sexos: a *onça*, a *cobra*, o *jacaré*, o *corvo*; a discriminação de sexo se faz mediante acréscimo dos adjetivos *macho* e *fêmea*.

Outro grupo de palavras constituem os *comuns de dois*, assim denominados os substantivos que não possuem gênero gramatical; prestam-se, como os epicenos, para os dois sexos, mas o artigo se flexiona de acordo com o sexo que se quer indicar.

Gramaticalmente *pianista* é substantivo sem gênero; será masculino ou feminino se a homem ou a mulher se referir, e o artigo obedece ao sexo da pessoa: *o* (homem) *pianista*, *a* (mulher) *pianista*.

O gênero gramatical dos epicenos independe do sexo: não varia o artigo que os acompanha; o gênero dos comuns de dois obedece ao sexo: o artigo terá de flexionar-se de acordo com ele.

Soprano não possui gênero gramatical; é comum de dois; específica determinada voz — a mais alta na consonância musical — que poderá existir já em homem já em mulher (é errôneo dizer que não há homens sopranos; não é natural tal voz no adulto, mas é própria do menino). *Soprano* — “cantor ou cantora que tem voz de tiple” é como nos definem Aulete e C. Figueiredo a palavra.

É esse substantivo comum de dois; deve o artigo que o acompanha flexionar-se genericamente conforme a homem ou a mulher se refira: *Os sopranos* da catedral de Regensburg — *A soprano* Bidu Sayão — *A soprano soviética* Renata Badak pediu asilo político — *Outra soprano soviética* asila-se na Itália — *Julietta King, soprano dramática*.

Contralto (voz média entre tiple e tenor, a mais grave das vozes de mulher, existente também em meninos) é outro substantivo que obedece às normas de *soprano*.

Sorbona - Com *a* final e um só *n* transcreve-se *Sorbone*, nome de centro universitário de Paris. *Sorbona* é a forma consignada no vocabulário oficial de Portugal. O Melhoramentos traz: “*Sorbonista*, adj. Diz-se da pessoa que frequenta cursos da *Sorbona*”.

Nesse e em outros dicionários nossos vemos: *Sorbônico* — pertencente ou relativo à *Sorbona*.

Sorite — No verbete *diabete* ficou exposto o porquê do masculino e da forma com *e* final para tais palavras: *o diabete*, *o caoete*; se comportarem plural é que terminam em *s*: *os halteres*.

Para designar o silogismo em cadeia, quer verdadeira ou falsa a conclusão, digamos sem receio de erro: *o sorite*.

Creemos não molestar o leitor com este exemplo de *sorite aristotélico* (ou *progressivo*): o bisbilhoteiro é um intrigante; um intrigante é um semeador de discórdia; um semeador de discórdia é um promotor de desordem; um promotor de desordem é um sabotador do progresso; um sabotador do progresso é um inimigo do povo; um inimigo do povo é um antipatriota; logo, o bisbilhoteiro é um antipatriota — nem com este de *sorite galeciano* (ou *regressivo*): o animal é um irracional; o mamífero é um animal; o primata é um mamífero; o homem é um primata; logo, o homem é um irracional.

Sórór - O plural, seguramente fundamentado no latim, é *sóróres*. É popular a forma *sórór*, que chegou a existir na sincopada *sór*; ambas cederam lugar à erudita *sórór*, que deve ortograficamente trazer o sinal diacrítico na sílaba inicial (Formulário Ortográfico, 43,8^o).

Soroterapia - Terá a classe médica força ou encontrará ela motivo para mudar a forma híbrida (português — grego) para *ortoterapia*? Acaso não é da índole da nossa e de outras línguas formar compostos híbridos quando um dos elementos já se introduziu independentemente no vernáculo? O híbrido deixa de ser real para ser aparente.

Sorrir - Se a conjugação é a mesma de *rir*, o mesmo não é o sentido. Sorri quem ri levemente, sem rumor, com ligeira contração dos músculos faciais. Figuradamente, emprega-se por “ser favorável” (Ao corajoso *sorri* a fortuna), “dar esperança”, “atrair”, “apetecer” (*Sorria*-lhe a viagem a lugares desconhecidos — Ao rapaz, pouco inclinado ao trabalho, *sorria* uma sinecura).

Sorteio, sortear - Tanto *sorteio* quanto *sortear* provêm de um termo comum, *sorte*. O *i* de *sorteio* não é etimológico, senão meramente eufônico. A razão da sua existência em *sorte-i-o*,

sorte-i-as, *sorte-i-a*, bem como da sua ausência em *sorteamos*, *sorteais*, *sortear* e em outras flexões dos verbos terminados em *ear*, explica-se pelo acento tônico. Sempre que este recair sobre a vogal temática “e”, acrescenta-se um *i* epentético para facilitar a prosódia: *sorte-i-o*, *rece-i-o*, *passa-i-o*. Uma vez se desloque o acento para as desinências verbais, nenhuma razão assiste à conservação desse *i*: *sortear*, *cerceamos*, *barbeado*, *penteado*.

Os cognatos seguem a mesma orientação: *areia*, *areável*; *sorteio*, *sorteável*.

Sortir, surtir - Com *o*, significa *abastecer(se)*, *prover(se)*: *sortir* a despensa, *surtir-se* de paciência - *variar*: Só um gênero de leitura não é recomendável; convém *sorti-la* um pouco. O “o” muda-se em *u* nas formas rizotônicas.

Com *u*, o verbo passa a significar “ter resultado” (O plano *surtiu* efeito — *Surtiu* mal a conspirata), *sair* (Das águas mansas do rio *surtiu* a cabeça de um jacaré — A lava *surtiu*), e não sofre modificação no radical.

O adjetivo *surto* não é forma participial de nenhum desses verbos; provém do latim *surctum*, do verbo *surrigere*; significa *fundeador*: Três naus, que lá no porto estavam *surtias*.

Sorvete - É seu étimo o francês *sorbet*, palavra talvez vinda do italiano *sorbetto*, trazida, segundo frei João de Sousa, do árabe *sarbeta*, que significa “bebida indeterminável”. Para a forma portuguesa contribuiu a relação aparente com o verbo *sorver*.

Sossego - Escreve-se com dois *ss*. *Sossego* é a palavra derivada, no próprio português, do verbo *sossegar*, ou seja, é substantivo formado no seio da nossa língua, sem correspondente etimológico direto na língua de que derivou o verbo. É, portanto, destituído de razão fazer derivar o substantivo de *solus secum*. Sobre o verbo é que devem ser feitas as hipóteses etimológicas.

A maioria dos mestres — tratando-se agora do verbo *sossegar* — dá-lhe por étimo o baixo latim *sessicare*; há divergência apenas no explicar a mudança do *e* da primeira sílaba.

Neste particular, oicamos João Ribeiro: “A razão está perfeitamente de acordo com a forma histórica do vocábulo. De fato, os quinhentistas escreviam *sossegar* e a palavra derivava do latim *sessicare*. Mas, se essa era a escrita, a prosódia era diferente: em vez de *sessegar*, dizia-se *suegar* pelos motivos já alegados ... de que o *e* átono soa como *u*. E, na ignorância da etimologia, passou-se a escrever *suegar* (*suegar*), conforme a prosódia de *umana por semana*”.

Sota... - Traz o vocabulário oficial brasileiro *sota-vento*, com hífen, *sotaventar* e *sotaventear* sem. A letra *h* do número 5 da regra 46 obriga o hífen: “Deve-se empregar o hífen nos vocábulos formados pelos prefixos *sem*, *sota*, *soto...*” Em *sotaventar* acaso *sota* deixa de ser prefixo? Que artifício nos obriga a grafia enfeitada *soto-posição* ao lado da singela *sotoposto*?

Sem piloto, que rumo tomar a nau *Ortografia 43* com um “soto-piloto” que sempre se revelou incapaz de sotopilotar em todos os colégios — da Baía, do Paraná e de São Paulo — em que tentou navegar?

Sôtão - Com o acento tônico da primeira sílaba é como se pronuncia a palavra que designa o compartimento que fica entre o último andar de uma casa e o telhado.

Soteropolitano - Com acento secundário na sílaba *te*, é sinônimo de *salvadorense*, designativo do nascido na capital baiana.

Sousa - Quando não feitos a revelia, são os nomes próprios de pessoas não raro escritos e pronunciados discricionariamente. Há *Souzas* que se não querem confundir com *Sousas* (forma esta preferível), *Helóias* que não se deixam passar por *Helóias* (este o verdadeiro acento e grafia), *Nettos* (duplicação injustificável) que não querem ser *Nellos*. *Dários* (acento correto) que se fazem chamar *Dários*. O caso ainda mais se agrava quando vemos *Juracis*, *Darcis*, *Lilis* e outros a disputar o sexo.

A solução de tais casos, gráfica, prosódica e genérica, muitas vezes só o próprio portador do nome nos pode dar. Quando de difícil comprovação o étimo, é norma ortográfica simplificar: troca do *y* por *i* (Silvio), eliminação de letras e

sinais inúteis (*Sara*, e não *Sarah*), troca do *z* por *s* (*Sousa*). *Sousa*, com *s*, é realmente a grafia mais justificável.

"**Souvenir**" - Nossa palavra é *lembrança*: Quero comprar umas lembranças para mim e para amigos — Vou levar umas lembranças para os meus.

Spiritus promptus est, caro autem infirma - "O espírito está disposto, mas a carne é fraca" — palavras de Cristo aos discípulos no Monte das Oliveiras.

Sponte sua - Locução latina que significa "por sua própria vontade"; "espontaneamente": Ele agiu *sponte sua*.

"**Spray**", **Esprei** - De fácil pronúncia e com a grande vantagem sobre o polissilábico comprimento das nossas — *pulverizador, nebulizador* — a palavra inglesa "spray", de nós desconhecida até poucos anos, anda agora na boca de qualquer cozinheira ou de qualquer criança brasileira. Nada mais nos resta senão dar-lhe vestimenta nossa e dela tirar os necessários derivados.

Esprei, a rimar com *grei*, *el-rei* ou com formas verbais como *lerei*, *direi*, está a merecer e a impor-nos acolhida entre outros vocábulos de igual procedência. É *esprei* o agente medicinal ou desodorizante (Lançou no mercado um *esprei* fungicida), a vasilha que o contém (Compre um *esprei* grande), o jato líquido disperso (um *esprei* abundante), como é *espreação* o ato e *esprear* a ação: É preciso *esprear* o quarto — Uma *espreação* cuidada.

Não significa esse procedimento renegar *nebulizar*, *pulverizar* e derivados, mas praticidade em casos mais corriqueiros e diários, com o respeito de outras palavras nossas ou expressões para traduzir passos mais literários como este de João Grant em que descreve o urso a saltar arcaicamente: "... in a great shower of *spray* (num grande chuva de borrifos) from its bedraggled fur", e outros como: "Ministério vê hoje eficiência da *nebulização*" — "Avião construído para a *pulverização* agrícola" — "Produtos químicos utilizados na *nebulização* da ferrugem" — "Lançou no mercado um *nebulizador* de fungicida nocivo à lavoura".

SS - Uma das origens do dígrafo *ss* é a justaposição de um nome grego terminado em vogal a outro de mesma origem começado por *s*, o que se dá na composição operada dentro do nosso idioma sempre que precisamos juntar dois elementos para a denominação completa do que pretendemos designar.

Se não temos palavra que indique a "substituição de expressões por siglas", ou seja, a redução de vocábulos às letras iniciais (*V.* por *você*) ou às consoantes capitais das sílabas, como *INPS* por *Instituto Nacional de Previdência Social*, vamos ao manacial grego buscar dois elementos fundamentais: *acro*, terminado em vogal, com a significação de *ponta; sema*, iniciado por *s*, com a significação de *sinai*; acrescidos do sufixo *ia* eles nos dão *acro-sem-ia*, mas o som fricativo-alveolar forte do *s* de *sem* não pode abrandar-se para *z* ao ficar entre vogais; daí a necessidade de mais um *s* para emprestar-lhe o devido som forte original: *acrossemia*.

Esse o motivo dos dois *ss* de *crossosomo, ginossomo, dinossau-ro, megalossauro, autossauro, parassifilis, oligossialia, gneccossafia, ginossindesmia, esquistossomose*...

SS, Ç - Já em 1926 anotara João Ribeiro na edição por ele melhorada do dicionário de Simões da Fonseca: "Em todas estas formas como outras do tupi em que ocorrem *s*, *ss* é preferível a transcrição com *c: puçá*".

Não expõe o mestre o porquê da preferência nem exemplifica o caso de um único *s* que se deva trocar por *ç*.

A verdade, porém, é que não há fundamento etimológico para a fixação da grafia dessa e de outras ocorrências sônicas, como *qu* por *c*, *j* por *g*. O próprio padre Anchieta não tinha grafia fixa nem sequer para uma mesma palavra, como não têm até hoje grafia idêntica para esses sons os paraguaios.

O vocabulário oficial brasileiro chuçou o vespeiro, e o enxu continua escabreado.

"**Staff**" - Por que prender-nos ao barbarismo quando os próprios ingleses não têm a palavra com um único sentido? *Staff* tem correspondente em português; lá como aqui, a palavra

é acompanhada da necessária especificação quando o contexto ou alguma expressão já não indique de que elementos o coletivo se constitui: "teaching staff", corpo docente, congregação; "editorial staff", corpo de redatores, redação; "General Staff", estado-maior. *Corpo, quadro, pessoal, assessoria, assessoria, estado* são palavras nossas que traduzem a inglesa de acordo com a passagem.

"**Stand**" - *Banca* parece ser a melhor palavra para traduzir "stand" com a significação de recinto reservado a participante de exposição, como natural e comum é essa tradução no composto "newsstand", "banca de jornais". *Tenda, barraca, pavilhão* podem não corresponder à realidade.

Em automobilismo traduz-se por *box*, para indicar o lugar de parada, de descanso, de refúgio do carro numa pista de corrida.

"**Standard**" - Vem cada vez mais cedendo lugar ao nosso legítimo *padrão*: *padrão* de vida. Também com função adjetiva, *padrão* traduz o anglicismo: "tipo *padrão*". De *padrão* os derivados *padronizar, padronização*.

...*stão* - *V. Afeganistão*.

Statu quo - Expressão latina, usada substantivamente no ablativo para indicar o estado anterior a uma situação ou, por justificável extensão, a situação presente: Os vencedores manutiveram o *statu quo* na parte monetária.

A expressão cristalizou-se na forma ablativa, que é assim usada substantivamente com qualquer função sintática; são infundados raciocínios para justificar *status quo, status in quo*: A situação voltou ao *statu quo* — Não se alterou o *statu quo* — A diretoria manteve o *statu quo* — O *statu quo* deve ser mantido.

O culpado da intromissão em nosso idioma da forma "status quo" é o inglês, onde existe *status* como forma comum (plural: *statuses*), de várias acepções, e pode aparecer em conjunção com outras palavras: The strategic *status quo* in the North Sea — Continuation of the *status quo* — Reverting to the *status quo* before Teddy Roosevelt — We cannot have a material stake in the *status quo* — *status emphaticus, status epilepticus, status lymphaticus, status thymicus*.

Status, posição - Já social, já legal, a *posição* pode variar; tem o indivíduo uma *condição*, um *cargo*, um *estado*, tem ele em suma uma **POSIÇÃO**, mas *status* (*stēitas*), à inglesa, ou *status* à latina) é que ele não pode ter. Que necessidade há de prender-nos ao inglês quando ele diz "the necessity should provide you with opportunities to earn more money or to improve your status"? — Nem *money* nem *status* são peculiaridades do inglês, que não necessita de grifo para empregá-los; dinheiro temos pouco, mas *posição* não há quem a não tenha.

"**Sterling**" - O dinheiro representado em libra — moeda de ouro inglesa — é em nosso idioma *esterlino*, ou *libra esterlina*. A transliteração é perfeita, não merecedora de repulsa, e sem nenhuma ofensa à designação "easterling" dos comerciantes orientais ou hanseáticos.

"**Streaking**", **cotidiano** - Desprezado o francês da formação social brasileira, passou o inglês a figurar em crônicas, sueltos e editoriais, não como elemento indispensável para nomear seres novos ainda sem nome no vernáculo, mas por simples diletantismo literário ou porque a forma estrangeira viesse ou a substituir o grifo de um vocábulo nosso ou a dar ao autor a certeza de que o seu pensamento não escaparia do leitor erudito.

Não vemos outra explicação para a fuga do vernáculo para abrigar nas linhas de um comentário um "streaking". Não é o familiar americanismo *streaking* o que é *cotidiano*, e não tem *cotidiano* força para expressar o que o cronista pensa? "não só da política econômico-financeira senão também do elemento *cotidiano* eram as informações censuradas" é construção que pode figurar em qualquer jornal.

"**Stress**", **estresse** - Por que não nacionalizar o anglicismo? Nenhuma violência vemos em transliterá-lo em *estresse*, com um *e* protético e outro paragógico, quando nos ocorre à memória *estilingue* com dois *ee* igualmente acrescentados à forma original inglesa. Poucos brasileiros dentre os muitos que

hoje dominam o inglês fazem ligação entre o *sling* do inglês e o nosso *estilingue*, que mostra cicatrizes mais profundas da operação por que passou até que chegasse a nós. As perturbações orgânicas e psíquicas do paciente de *estresse* são inferiores às da transliteração do anglicismo *stress* para o vernáculo *estresse* (com e tônico aberto). Pelo menos aos que conhecemos as transformações por que passam os estrangeirismos até que cheguem a nós, nenhum trauma, nenhum choque cirúrgico, nem estafa, nem emoção causa *estresse*.

Stricto sensu - Expressão latina que significa "em sentido restrito": A expressão antônima é *lato sensu*.

Stultorum infinitus est numerus - Afirmação latina do Eclesiastes, I, 15; significa: O número dos tolos é incomensurável.

Stupete, gentes - Expressão latina usada por ironia ante fato extraordinário ou ridículo: Pasmai, povos.

Suas saudades, saudades suas - Com certos substantivos abstratos os possessivos trazem significação diferente à expressão conforme vierem colocados antes ou depois. A sentença "Queremos notícias tuas" indica o mesmo que "Queremos notícias sobre ti"; se disséssemos: "Queremos tuas notícias", expressariamos vontade de que a pessoa a que nos dirigimos nos envie notícias sobre quaisquer coisas. Outros exemplos: Tenho *piedade sua* (piedade de você). *Sua piedade* deve ser recompensada (piedade que você tem). *Ódio vosso* (ódio que nutrem a vossa pessoa), *vosso ódio* (ódio que essa pessoa nutre a outrem). *Suas saudades* (saudades que você nutre), *saudades suas* (saudades que alguém tem de você).

Sujeito acusativo - V. *oração infinitivo-latina*.

Sulfur - Com acento tônico (na escrita também com sinal diacrítico) na primeira sílaba é como se pronuncia o nome da solução homopática.

Sumir - *Sumir* e *consumir* têm o *u* alterado para o aberto na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª do plural do pres. do indic. e na 2ª do sing. do imperativo presente.

Assumir, reassumir, resumir e *presumir* não sofrem alteração; são regulares (Gr. Met. § 468).

Summum jus, summa injuria - Rico é o foro de aforismos, e esse já por Cícero foi citado, colhido de uma passagem do *Heautontimorumenos* de Terêncio, que viveu cinquenta anos antes dele: *Jus summum saepe summa est malitia*. A injustiça é muito grande quando muito grande é o direito; a aplicação rigorosa de lei de suma importância pode implicar descomedida malignidade.

Suor - Com "o" aberto é a pronúncia hodierna. Confronte-se Aulete, Melhoramentos, Cândido de Figueiredo. "Suor por expressão" é expressão médica; indica o suor resultante de extrema debilidade do organismo e particularmente o que aparece na pele do agonizante.

Super - Prefixo que exige hífen "quando seguido de palavra principiada por *h* ou *r*": *super-homem, super-requintado*.

A exigência desse hífen é praticada pelo Vocabulário Ortográfico de 1943 em decorrência do que o relator estabeleceu na letra *d* do caso 5 da regra do Formulário.

Não conseguimos até hoje compreender o motivo de exigir o hífen em *super-humano* quando em *desumano* o Formulário repudiou o hífen e a consoante inicial do mesmo elemento *humano*; nem em *super-requintado*, quando em *perrotina* — etimologicamente formado de *per* mais *rotina* — os dois *r* aparecem sem nenhuma estranheza, nem gráfica nem prosódica.

Considere-se ademais que a regra do Formulário dá como exemplo as duas únicas palavras pertinentes ao caso. V. *inter*.

Superavit - A pronúncia "superávid", encontrada no Vocabulário de 1943, teria fundamento se a palavra fosse popular, como popular é o nosso "etc." Essa palavra e *deficit* são proparoxítonas e eruditamente se pronunciam à latina, com *t* final: *superávit, déficit*; o plural de ambas forma-se com sim-

ples acréscimo de *s*.

Supra - Advérbio latino, em português usado como prefixo, significa *acima, em lugar superior: supramundano*. Exige hífen antes de vogal, *h, r, s*: *supra-espinal, supra-homen, supra-renal, supra-sumo*.

Em *supracitado* o prefixo tem hoje o sentido de *antes*, como sinônimo de *precitado*, porque em outros tempos o escrito era em rolos, que se abriam verticalmente, e não em folhas de caderno, que se abrem horizontalmente.

Suprimento - "... o advogado espera que o emérito julgador, com os seus doutos *suprimentos*, faça justiça". — A palavra *suprimento* está aí muito bem empregada; o advogado pede ao juiz que *supra* qualquer deficiência de sua defesa, de sua exposição, de sua justificação. De *suprir*, o substantivo *suprimento*.

Sura - Grafia uniforme de palavras diferentes, todas femininas. Uma, que significa "barriga da perna", "panturrilha" (por extensão, "perna"), é de procedência latina; outra, que indica o "sucos extraído da bainha do cacho da palmeira", é originária de Goa; outra, que designa cada um dos 114 capítulos do alcorão (e também "oração dos muçulmanos"), é árabe; ainda outra existe para especificar certa região da Rússia; por fim, não nos esqueçamos de que *sura* é ainda o feminino de *suro* (que não tem rabo): o nambu é ave *sura*.

Surdo-mudo - Por exceção da regra de flexão dos adjetivos compostos, *surdo-mudo* faz *surda-muda, surdos-mudos, surdas-mudas*.

Surmontar - Só o desprezo ao idioma explica certos estrangeirismos como este e o seu cognato "insurmontável"; em português temos *superar, vencer, sobrepujar, subjugar, ultrapassar, exceder*.

Sursum corda - Expressão latina da antiga liturgia católica que significa "corações para o alto". Em latim "corda", no plural (pl. de *cor, cordis*); em português "coração", no singular: Tenhamos o coração, a mente, o espírito voltado para o alto. Quando vários são os possuidores, para o plural vai em latim a coisa possuída; essa regra latina existe em mais línguas, não porém em português. V. *plural distributivo*.

"**Surtir**" - V. *sortir*.

Surto, surgido - *Surto* emprega-se como predicativo ou em função atributiva; *surgido* emprega-se na voz ativa. São formas participiais de *surgir*, verbo de participio duplo que se enquadra na regra geral (§ 494). V. *inserto*.

Susana - De origem hebraica, com *s* se escreve essa forma primitiva, e também a derivada masculina *Susano*.

Sutache - Do francês *soutache*, denota uma espécie de fita ou cadarço de ornamento, feito de seda, lã, algodão ou ouropel em variadas larguras. É palavra conhecida de qualquer costureira.

Sutiã - Se nenhuma dificuldade há para o aporuguesamento, por que pretender, para fugir da grafia francesa "soutien", criar um inútil *porta-seios*? *Sutiã* todos dizem, *sutiã* todas as damas adotam, *sutiã* todos os cavalheiros aceitam. Não é com mostrar *seios* que o composto irá conseguir maior realce e aceitação.

Sutil - Tem o acento tônico na sílaba final quando adjetivo sinônimo de *tênué*, e o plural é igualmente oxitono, a semelhança de *barris, cantis, funis*. O acento recua para a primeira sílaba — *sútil* — quando adjetivo sinônimo de *costurado, cosido*, e quando substantivo designativo de cabana feita de couro, em que habitavam os citas, e ainda coroa de flores, cosidas umas às outras, usada pelos romanos. De *sútil* o antônimo *inconsútil* (não costurado, inteirico): túnica *inconsútil*.

Suxar - O *x* tem som chiente, como em *xarope*; significa *afrouxar, desapertar*: *Suxando* a corda que estava atada — *Suxar* as rédeas.

"**Sweater**" - Forma aporuguesada: *suêter*; plural: *suêteres*.

T

T (pronúncia em derivados do grego) - V. *hematia*.

Tabagista - É forma correta tanto como substantivo, para indicar o indivíduo que abusa do tabaco, fumando-o ou mascarando, quanto como adjetivo, para denotar "relativo ao tabagismo".

Tabago é o nome da ilha em que era nativa a planta cujas virtudes medicinais o embaixador Jean Nicot introduziu na França em 1560, sem de longe pensar que ainda sem pretexto médico o uso, ou melhor, o vício de fumar empolgaria o mundo.

Tabaréu - É palavra de uso freqüente no norte do Brasil para denunciar o *caipira*, denominação esta preferida e de todos conhecida no sul; primitiva e etimologicamente — de *tabardo*, capote com capuz e mangas — denotava o "soldado de ordenança mal exercitado, que não largava o capote quando entrava no exército". Feminino: *tabaroea*.

Tabelião - Plural: *tabeliães*. Feminino: *tabelíoa*.

Tablete - Conquanto inexistente nos dicionários, a palavra é de uso corrente entre nós, sem que ninguém pense em sua origem francesa. *Barrinha* (barrinha de chocolate) poderá ser empregado se não como substitutivo pelo menos como sinônimo. Até hoje é costumeiro dizer "tábuas de rapadura"; de "tábua de rapadura" para "tabuinha de chocolate" não há violência léxica nenhuma.

Tabu - Como todas as religiões têm sacramentos, objetos sagrados, pessoas intangíveis, certa religião, seguida na Oceânia, na Guiné e em todas as ilhas da Polinésia, tem igualmente seus "tabus", isto é, coisas ou pessoas sagradas, interditas ao contato da mão humana. Essa interdição, ou seja, esse *tabu* é proclamado por chefes da religião, e severas são as penas, não se excluindo a de morte, para os que tocam e até para os que olham tais objetos ou pessoas, mas o *tabu* vai sendo aos poucos abolido dessas regiões à medida que a civilização aí penetra.

Por justa trasladação de significado, passou a palavra a indicar coisas próprias, já de um idioma, já dos costumes deste ou daquele país, coisas essas enquistadas e de impossível modificação.

Tábua, tabuada - Com *u* devemos grafar *tábua* e *tabuada*. São de Gonçalves Viana (Apostilas) estas linhas: "Do latim *tabula* procedeu em português *távua*, que só depois se reformou em *tábua*, de onde se deriva *tabuado*. A forma *tablado*, com o sentido restrito do italianismo "palco cênico", é de proveniência castelhana, pois nesta língua o latim *tabulam* deu *tabla*, de que se formou *tablado*, mediante o sufixo *ado*."

A palavra *tabuada*, que antigamente se pronunciava e escrevia *tavuada*, é um derivado feminino, correspondente àquele masculino *tabuado*, mas empregado em sentido figurado, na mesma acepção que o latinismo *tabella*, diminutivo de *tabula*. — V. *Manuel*; V. *mágoa*.

Tacha, taxa - com *ch*, a idéia é de "prego de cabeça chata", e de "mancha", "defeito": tábua cheia de *tachas*; pessoa sem *tacha*; *tacharam-no* de falante. Indica também o tacho grande, usado nos engenhos de açúcar.

Com *x*, é do verbo *taxar*, do latim *taxare*; significa avaliar um tributo, determinar o que se paga por um serviço público o que se deve pagar, por força de lei, para completar o valor de um salário: *taxa* água, *taxa* postal, carta *taxada*, *taxa* judicial, *taxaram-no* em dois mil cruzeiros; *taxa* adicional de periculosidade, V. "*taxa de serviço*".

Tacômetro - Com "o" a ligar os dois elementos gregos, é forma melhor do que *taquímetro*.

Taful - Feminino: *tafula*. Plural: *tafuls*. Aqui podem entrar os *tafuls*, que jogam com dados falsos e cartas marcadas. Aumentativo: *tafulão*, *tafulona*. Derivados: *tafular* (fazer vida de *taful*), *tafularia*, *tafulice*.

Tal qual - "Aconteceu-me escrever uns versos que dizem: "Eles runilam tal qual as esmeraldas" — e recebi uma carta em que fui exprobrado pelo 'tal qual' como locução adverbial, quando dicionaristas e gramáticos não o registram com essa função. O meu exprobrador é — até certo ponto, creio eu — desculpável, porque não teve a mão o pequenino livro do padre Antônio da Cruz, que em seu 'Prontuário de Análise Gramatical' o registra, nem o livro de Carlos Góis, 'Sintaxe de Concordância', igualmente portador da locução adverbial. Na resposta ao meu colega citei a autoridade desses dois professores e arrolei ainda o latim, que possui *taliter qualiter*".

Ao ilustre missivista, que modestamente nos pede a opinião, só agradecimentos devemos acrescentar, pois suas citações trazem mais uma vez confirmação de uma forma de redigir que sempre empregamos sem receio: "... escrevendo as palavras *tal qual* se pronunciam".

Às vezes cada um dos elementos conserva sua própria função adjetiva; "Praticou ações *tais quais* nunca foram praticadas" — "Os filhos são *tais qual* o pai". Confronte-se com o latim: *Amici erga te tales erunt qualis erga amicos tuos fueris*.

Não se deve confundir a simples concorrência das palavras "tal" e "qual" seguidas no período, cada uma com sua função sintática discriminada, com a locução "tal qual", que funciona ora como advérbio, ora como conjunção comparativa: "Fizeram *tal qual*" — "Fizeram *tal qual* mandei".

Acrescente às suas citações o significativo registro do Vocabulário de Portugal de "tal-qualmente" como advérbio e — note bem — "conjunção comparativa". Tire esse "mente", que a verdade mais uma vez aparece a seu, ou melhor, a nosso favor; é desnecessário esse sufixo para que a função adverbial se indique.

Dicionários não podem trazer todas as funções possíveis de uma palavra ou locução; gramáticas tampouco, as quais nem por isso são incompletas, porque da análise sintática as gramáticas ensinam os fundamentos e não toda a trama de variedades e possíveis funções de uma palavra.

Outra locução existe, corrente no linguajar do povo, empregada por escritores da estofa de Camilo, Filinto, Garrett, Castilho, Mário Barreto: *tal e qual*. "Coordenadas copulativamente as duas palavras, nenhuma dúvida se viu em as

coordenar também disjuntivamente por meio da conjunção *ou* — são palavras de Botelho de Amaral — e daí resultou a frase *tal ou qual*. A diferença entre uma e outra locução está em *tal e qual* ter idéia de exatidão, de rigor, e *tal ou qual* designar simplesmente aproximação.

Talão - A quem consulte dicionários antigos a palavra *talão* já apresenta significações diversas; é empregada em sapataria, em alveitaria, em náutica, em agricultura, mas sempre a indicar individualmente um objeto singular, isolado. O progresso deu-lhe aplicação para inventos novos, e passamos a vê-la empregada, por metáfora, em arquitetura, em automobilismo, em música, em anatomia, em contabilidade, até que, pelo mesmo processo de extensão de significado, a palavra passou a ter também significação coletiva. A definição que se encontra no Aulete (Parte de recibo ou de documento que o reproduz abreviadamente e que de ordinário se corta ou separa ficando com ele a pessoa que recebe e com o recibo a que paga.) passou a ser copiada em dicionários novos e até em livros técnicos de economia e finanças. Mais ainda: Passou a indicar "bloco", ou seja, revestiu-se também de significação coletiva. Se "talão de rifa" indica um papel, uma folha, "talão de cheques" expressa hoje "conjunto de folhas". O Melhoramentos — único que o faz — chega a usar a palavra "bloco" na quinta definição de *talão*: "Bloco constituído por folhas picotadas ao meio e com dizeres iguais nos dois lados, um dos quais fica arquivado, e o outro se entrega como prova, geralmente de quitação de dívida ou recebimento de dinheiro".

Chamar hoje "talão" um bloco de cheques deixou de ser teimosia; o histórico, a vida da palavra não nos permite a assim considerar esse procedimento. Deixemos o "paco de papéis velhos" para os vigaristas, o "pacote de inovações" para os políticos, e aceitemos o "talão de cheques" para os correntistas de banco.

Talher - Coletivo: *baixela*.

Talvegue - Aportuguesamento, já encontrado em todo o dicionário, do alemão *thalweg*; indica a linha mais profunda de um curso de água, de um vale: a fronteira segue o *talvegue* do rio.

Talvez - Exige o subjuntivo quando precede o verbo: *Talvez haja conveniência*. Deixa o verbo no indicativo quando posto: *Há talvez conveniência*. São raros os exemplos de construções com o verbo no indicativo quando *talvez* o antecede.

Talvez que - É locução que se encontra em vários mestres: *Talvez que* inglorios, mas doirados, aqui me aguardem — *Talvez que* não tarde a grata aurora.

Tamanduá - Voz: *bujar, roncar*.

Também, tão bem - Numa só palavra é conjunção (Ele soube, *também* seria reprovado se não soubesse) ou advérbio (*Também* ali).

Não devemos confundir com a expressão *tão bem*: Isto está *tão bem* feito que merece ser publicado (de tal forma bem feito que...).

Tambor - Barulho: *rufar*.

Tâmisa - Nome existente desde o tempo dos romanos — que tinham as formas *Tamesis* e *Tamesa*, sempre com acento tônico na primeira sílaba — já vigora hoje com a pronúncia certa entre nós para indicar o "Father Thames".

Tamoio - Segundo nos adianta Teodoro Sampaio, é *tamoio* corruptela de *tamua*, que em tupi-guarani quer dizer *avô*.

Tal era a designação de "numerosa nação de índios belicosos — segundo o Dicionário Geográfico do Brasil — que dominavam a costa do Brasil desde Cabo Frio até aquém de Ubatuba e durante o século XVI invadiram por várias vezes as vilas de Santos e de São Vicente". Os tamoios foram sempre aliados dos franceses quando estes estiveram por algum tempo de posse do Rio de Janeiro, tendo sido vencidos por Mem de Sá e Estácio de Sá em 1567. A palavra *tamoio*, segundo o erudito Warnhagen, significa *avô, ascendente, antepassado*.

Mais esclarecimentos ainda encontramos em Gonçalves Dias, n'O Brasil e Oceânia, onde se lê: Todas as tribos desta

família eram designadas por vocábulos tirados da mesma língua, o que tende a estabelecer certa identidade de origem entre elas; ou, o que é mais notável, essas designações indicam de modo incontestável o parentesco que as unia a todas. *Tupi*, formado da palavra *tupá*, era a tribo *mãe*; *tamua* ou *tamoio*, *avô*; *tupinimós*, *netos*; *tabajaras*, *cunhados*, e alguns outros mais.

Tampão - O fato de existir em francês *tampon* e a possibilidade (V. Nascentes, Dic. Etimológico) de ter sido essa a origem da nossa palavra autorizam-nos o plural *tampões*.

Tampouco - Tem por si valor negativo, e põe-se a sentenças de sentido negativo; não se vá acrescentar um *não* ou um *nem*, como às vezes se vê; o correto é: "Não concordei com o projeto; *tampouco* aceitei as novas sugestões".

Não confundir *tampouco* com a expressão *tão pouco*: "Em *tão pouco* tempo" — "Nunca fiz tanto por *tão pouco*".

Tânagra - Quer próprio (cidade grega em que se faziam estátuas que também levavam seu nome), quer comum (gênero de passaros a que pertence o tangará), o nome é proparoxítono.

Tânger - Proveniente dessa forma, o adjetivo pátrio é *tangerino*, mas do nome antigo do país, *Tingis*, temos também *tingitano*; *Tingis* e *Tingitânia* são formas já existentes no latim.

"Tantíssimo" - Só os adjetivos — é regra geral — são suscetíveis de grau superlativo, pois só eles encerram idéia de qualidade, a qual pode ser elevada em sua significação. Daí a razão de não serem aceitos na linguagem literária superlativos como *multíssimo*, *tantíssimo*. O pronomo adjetivo não comporta variação gradual. Pelo mesmo motivo, condenada é a expressão "*coisíssima* nenhuma", tolerada apenas em linguagem caseira; substantivos não têm superlativo.

Tanto como - É locução conjuntiva aditiva: As numerosas viagens que se executaram *tanto* pelos cristãos *como* pelos árabes — *Tanto* ele *como* você podem ser eleitos.

Tanto (tão) quanto — *Quanto* pode ser empregado como correlativo de *tanto* e também de *tão*: Este livro *tanto* mais irá sendo apreciado *quanto* mais for sendo lido — *Mostravam-se tão* orgulhosos e insolentes *quanto* até então foram abjetos e tímidos.

Nem sempre o *tanto* é expresso: Há mulheres que, *quanto* mais sofrem dos maridos, mais os amam.

Tanto que - É locução conjuntiva que significa "logo que", "apenas": *Tanto* que os homens virem que o castigo não tarda, nem se dilata, logo todos obedecerão prontamente e servirão a Deus — *Tanto* que soube que a rainha abalava... — *Tanto* que desperto pela manhã, renovarei o tal propósito.

Tão como, tão quanto, tão quão - São locuções características dos comparativos de igualdade: Afirmou-se-lhe que desta mulher nasceria uma descendência *tão* numerosa *como* as estrelas do céu — Ele é *tão* enérgico *quanto* o irmão — É *tão* inteligente *quão* estudioso — Era *tão* formosa *quanto* boa e esmolera.

Tão logo - Em: "*Tão logo* não sairei" — *logo* é advérbio que vem modificado por outro advérbio, *tão*. Em: "*Tão logo* termine o trabalho sairei" — *tão logo* é locução conjuntiva equivalente a "logo que", "assim que".

O Vocabulário Oficial brasileiro, que tanto enfeitou nossas palavras com acentos circunflexos e com hifens, prende com hífen "tão-só", "tão-somentemente", mas foge de dar "tão logo" talvez para não incorrer na mesma extravagância da hifenização. Hifen a ligar locuções adverbiais? É extravagância e erro, pois o próprio Formulário reza (observação 4 da regra 46, 1): Como as locuções não têm unidade de sentido, os seus elementos não devem ser unidos por hífen, seja qual for a categoria gramatical a que elas pertencem.

Claro está que não devemos enfeitar a locução "nada menos" da passagem de Bernardes: "E ele, nada menos confiado, respondeu". Nem nós, nem o relator do Vocabulário; nem em "nada menos", nem em "tão logo", nem em "tão só", "tão somente", nem em "unicamente só". As vinte e três regras de hifenização do Formulário Oficial foram insuficientes para enfeitar nossas palavras e locuções com esse

balangandã (palavra esta tão importante e tão querida do seu relator que ele, como bom baiano, dela apresenta três variantes: *barangandã*, *berengüendê*, *bregüendê*).

Tapa - Na acepção de bofetada, golpe, cabe ao uso fixar o gênero desta palavra de étimo incerto; por mais que muitos dicionários lhe atribuam o gênero feminino, o uso, entre nós brasileiros pelo menos, dá-lhes o masculino.

É de elogiar o procedimento de Domingos Vieira, que discrimina os significados dessa palavra conforme o gênero; dá-lhe o feminino quando termo de alveitaria e de artilharia — e dúvida aqui não existe — mas, ao dar à palavra o significado de bofetada, de golpe, coloca: "s. m. ou f."

Se lexicógrafos a ele posteriores esconderam o problema, este perdura e pendente para uma solução diferente da por eles pretendida; o gênero masculino, repetimos, é o predominante entre nós: Foi *um tapa* com luva de pelica.

Tapar, tampar - Nada de confusões: *tampar* é "pôr a tampa", ou seja, colocar a peça com que se cobre um vaso, uma caixa, um estojo etc.: *tampar* o bule, *tampar* o estojo — e daí *destampar*, tirar a tampa.

Tapar é simplesmente obturar, eliminar um vazamento, impedir um escoamento. Falando de garrafa, de panela, podemos *tampá*-las como podemos *tapá*-las, mas o que é fechado, obturado, impedido de deixar verter, de rever, *tapa*-se: *tapar* a boca, *tapar* o galinheiro, *tapar* os olhos, *tapar* o cano, *tapar* a cárie, *tapar* buracos — e daqui *destapar*, deixar livre a saída, o fluxo: *destapar* a torneira, *destapar* a válvula, *destapar* o coração em beneficências.

Em resumo: Quando cabe o verbo *tampar*, pode caber igualmente o verbo *tapar*; o erro está no empregar *tampar* quando só cabe o verbo *tapar*, ou seja, quando não se cogita de tampa: *Taparam*-lhe os olhos com esparadrapo.

Tape, teipe - Portuguesa ou inglesa a palavra *tape*? É adjetivo nosso (relativo aos tapes, antiga tribo guarani do Rio Grande do Sul), e é inglesa, que se pronuncia "teip" (fita). Tal a divulgação da segunda, que já é hora de apontarmos-a em casos em que já não cabe o vernáculo *fita*, como em *videotape*. Da notícia: "A Coordenadoria de Assistência Técnica Integral estará apresentando programas de televisão coloridos, destinados a agricultores" — deduz-se claramente que é necessário ai o estrangeirismo; a CATI está produzindo uma *fita*. E assim: tocador de *fita*, gravador de *fita*, *fita* virgem, a TV apresentará fitas especiais para agricultores.

Tapir (anta) - Voz: *assobiar*.

Tapiz - É português legítimo, proveniente do grego, esse sinônimo de tapete; encontramos-lo em Vieira: O aposento de sua alteza pelo inverno tinha de mais os *tapizes*.

Tapizar - De *tapiz*, forma em outros tempos usada por *tapete*, temos ainda hoje *tapizar*: "Folha morta que *tapiza* as campas" — "As ruas de Matão ficam *tapizadas* na Páscoa".

Taquara - Coletivo, quando em conjunto e bem unidas: *bastida*, *ripado*. Barulho: *estalar*, *estourar*.

Taralhão - Voz: *pistar*.

Taranta, tarântula, tarantela - *Taranta* é a forma encontrada em Moraes para designar a *tarântula* ou *tarântula* (designação esta crúida, da *Lycosa tarântula*, nome científico de certa aranha abundante na região de Taranto). Do nome, o verbo *atarantar-se*, que significa ficar nervosamente exaltado, consequência da picada desse aracnídeo, e o cognato *tarantela* (paroxítono), proveniente do italiano, por comparação da dança com os saltos que dá a vítima dessa aranha, ou porque, do dizer de outros, com essa dança se combatia a letargia das pessoas por ela mordidas.

Tardar - Seguido de infinitivo, a este se prende classicamente com a preposição *em*, hodiernamente com *a*: Ele não costuma *tardar em* responder — Por que *tardais em* implorar a misericórdia do nosso Deus? — Pouco *tardaria em* deixar pelo oceano as praias européias — Torpor que não *tardava em* ser outra vez interrompido.

Tarde venientibus ossa - Expressão latina que significa "aos que chegam tarde, os ossos". Os retardatários que sofram as consequências.

Tartaruga - Masculino (regionalismo amazônico): *capitari*.

Tato - Ou *tacto*; o Vocabulário Ortográfico consigna ambas as formas, pois ambas as pronúncias existem. Não deixemos de notar que para o verbo a forma usada é *tatear*, e somente esta o VO nos apresenta, o que indica a predominância da forma *tato* para o substantivo.

Tatu - Voz: *choramingar*.

Taxa, tacha - Com *x* a palavra denota "preço fixado oficialmente para a venda de certos produtos ou para a execução de certos serviços públicos: *taxa* d'água. Entra nas expressões "taxa de juros" (percentualidade do juro ou prêmio do dinheiro), "taxa de câmbio" (relação de moedas de dois países), e, por extensão, "taxa de matrícula", "taxa de inscrição".

Impropriedade — que até nos orçamentos brasileiros era admitida — é confundir *taxa* com *imposto*, contribuição esta obrigatória ao estado para ocorrer a despesas gerais, como se dá com a contribuição do imposto de renda, do imposto predial, do imposto de consumo.

Outra é a palavra, e de compreensão facilitada e geral, se escrita com *ch*: *prego*, *brocha*, *mancha*, *tacho* grande. Também com a significação de *dentadura* vemos em Camilo: Com a *tacha* arreganhada para quem lhe diz gracolas.

"Taxa de serviço" - Duplamente inaceitável a expressão que vemos em contas de hospedarias e de restaurantes, já por não implicar idéia de tributo ou de acréscimo de valor previsto em lei, já por não corresponder a serviço. Para abrir uma garrafa de refrigerante cobram-se trinta centavos; para abrir uma de uísque — serviço muito mais fácil que o anterior — cobram-se sessenta cruzeiros. O valor cobrado deixa de ser "de serviço" para ser "de pilhagem" ou de coisa parecida — e dela participam outros que não efetuam serviço algum — mas o internacionalismo hoteleiro e o patronato empresarial não permitem a substituição do adjunto.

Taxonomia - *Taxeonomia*, *fraseologia*, *lexeologia* são palavras que se escrevem com "e", pois o genitivo do primeiro elemento é em grego "eo"; é tão enganoso "taxinomia" como enganosas e arrepiantes são as formas "lexilogia", "frasilogia" (nos próprios dicionários gregos a forma consignada é *fraseologia*). Não há fugir para invenções como "taxonomia", "lexicologia".

"Táxi" - *Taxe*, para indicar o automóvel de aluguel, seria melhor grafia, a exemplo de *jure*, *incontinente*, que em outros tempos vigoravam com "i" final. Palavra internacional como é, não aceita facilmente modificação, mas deve pelo menos adaptar-se às regras vigentes de acentuação - *táxi* - com acento agudo no "a".

"Tchecoslováquia" - Forma não correspondente às regras de prosódia portuguesa. Com *ch* deve iniciar-se o nome. V. *Checoslováquia*.

Tecelão - Feminino: *teceloa* (ô). É a única forma registrada no vocabulário oficial do Brasil e no de Portugal.

Tecer - É uma das palavras que obedecem ao capricho do erro, consagrado por gerações inteiras. *Tecer* jamais se justificará etimologicamente: o *x* do latim *texere* deveria ter dado ou *x*, como de "saxum" *seixo*, ou, com igual acerto, dois *ss* — *lessar* — a semelhança do francês *lisser* e do italiano *lessere*. Mas tantos são os nossos verbos terminados em *ecer* que a forma *tecer* se consagrou gráfica e prosodicamente, como (segundo nos adianta Mário Barreto) revela a pronúncia de Trás os Montes.

Em derivados de formação erudita dever-se-ia desprezar a forma com *c* e empregar a com dois *ss* (ou a com *x* quando o radical fosse latino). Assim é que a *tecidual* (neologismo médico) seria preferível, consoante fazem os italianos, *lessitura*, ou seja, mais aproximadamente ainda do étimo latino, *textural* — organização *textural* das fibras — ao lado de *textual*, de idêntica origem mas de significação já consagrada e distinta.

Tecnicolor - Pode sem dúvida ser usado, mas como o acento correto — *técnicolor* — a exemplo de *tricolor*, *auricolor*. Não nos esqueçamos de que temos a forma participial: filme *tec-*

nicolorido. V. bicolor.

Tedéum - A expressão latina "Te Deum" encontra-se aporuguesada no vocabulário oficial de Portugal com a forma *tedéu*, mas somente Laudelino Freire a consigna, e diz ser forma popular; prefere ele, como outros, *tedéum*. Sem hífen é realmente a melhor forma, com o plural *tedéums*. *V. memorandum.*

Tele... - Prefixo que se junta sem hífen: *telémetro*, *teleósteo*, *telessismógrafo*. O "e" da primeira sílaba tem em estados do sul pronúncia fechada; como não dizemos *telegrama* nem *telefone* nem *telescópio*, não devemos dizer *televisão*, *telecomunicação*. Se dizemos *telefonia*, a pronúncia correta é *telescopia*.

Telefonema - Conquanto a última edição do Aulete atribua a esse substantivo "gênero masculino e feminino" (as edições anteriores davam-lhe só o feminino) devemos considerá-lo masculino. O composto conserva eruditamente o gênero do primitivo; se *fonema* é masculino (e masculinos são muitos outros nomes de origem grega terminados em *ma*: *poema*, *teorema*, *epigrama*, *eczema*...), igual gênero tem o composto: *o telefonema*, *dois telefonemas*. *V. grama.*

Televisonar - É a forma preferível: A partida vai ser *televisionada*. Se o radical de *visão* é *vision* e temos *visionar*, não devemos fugir de *televisonar*; é forma que comporta com facilidade e naturalidade derivados: *televisonamento* ou *televisonização*, para indicar o processo ou o ato de televisonar (o canal X tem um *televisonamento* melhor — *televisonamento* em cores — a *televisonização* do jogo); *televisonário* (para indicar o que assiste pela televisão).

Telex - O uso impõe a adoção do vocábulo. O plural, a seguir a regra de pluralização de palavras terminadas em *x*, é invariável: dois *telex*.

Telócito - Por ser breve o *y* (i na ortografia oficial) do elemento *cyto*, os compostos que por ele terminam são proparoxítonos.

Telófase - *V. anáfase.*

Tem, têm - A terceira pessoa do indicativo presente é *tem*, sem acento quando singular: ele *tem*; é *têm*, com acento circunflexo, quando plural: eles *têm*. Os compostos de *ter* trazem acento agudo no singular (ele *mantém*, ele *obtém*, ele *relém*...) e o mesmo circunflexo do plural: eles *mantêm*, eles *obtêm*, eles *relém*...

Por que essa distinção e preferência de acento circunflexo a dois *ee*? O *n* intervocálico das palavras latinas, quando vindas ao português por derivação popular, geralmente cai. Foi o que aconteceu — a exemplo de *coenam*, *ceia*; *catenam*, *cadeia*; *arenam*, *areia*, palavras em que o *i* aparece apenas para efeito eufônico — com a terceira pessoa do plural do verbo latino *téneo*: *tenent*.

À queda do *t* final seguiu a do *n*, dando a forma analítica *tem*, mas esta como no caso do *a* craseado (*ã*), antigamente grafado *aa* — contraiu-se, recebendo o *e* não o acento agudo, como no exemplo citado, mas o circunflexo, o qual indicará não a nasalização, já indicada pelo *m* final, mas a quantidade; "não a nasalização" — dizemos — porque há quem afirme ser mais lógica a forma *têem*, com *til*, como se o *m* de nada valesse em português. E assim, quando plural for o sujeito da oração, *têm* é como se deverá escrever.

Temeroso - *V. palavras bifrontes.*

Templo - *V. lugares de culto.*

Tempo do onça - É expressão familiar, carioca. "O Onça" dizia-se como alcunha de Luís Monteiro, governador do Rio de Janeiro de 1725 a 1732. Indivíduo de inatacável integridade, era porém atrabiliário, violento e áspero, donde o apelido que lhe deram seus governados.

Tempo material - O simples fato de dizer uma pessoa: "Não tenho *tempo material*" — não implica ser a nossa vida também tomada por outro tipo de durabilidade, imaterial. Dizendo-lhe um amigo: "Humanamente não posso fazer isso" — não lhe irá pedir o senhor: "Faça-o então divinamente". São contraposições essas que não nos passam pelo espírito. Ademais, a vernaculidade de uma expressão não se justifica pela possibilidade filosófica da expressão oposta. Frases como

"esta vida", "nesta terra" são redundâncias que se explicam pela força de expressão; têm na índole da linguagem ou na vida do idioma a origem; não encerram conceitos filosóficos nem confessam princípios religiosos por parte de quem as profere. "Não tenho tempo material" equivale a: "O tempo de que poderia dispor está todo tomado" — e nada mais.

Temporãos - Sua consulta, que prima pela delicadeza, revela a um tempo capacidade de por si tirar a conclusão do que se passa com o plural de *temporão*. Na citada observação do § 216 da Gramática Metódica da Língua Portuguesa só nos faltou ser mais explícito, ou melhor, dizer que o uso pode tornar quase obrigatório um plural que discorde do acusativo plural latino.

Quando há escolas e professores que desejam ensinar, formas flexionais mantêm-se firmes, quer de nomes, quer de verbos; quando o contrário ocorre, as fugas adquirem vida paralela à das formas corretas; não é o que se passa com *vulções* ao lado do plural à latina *vulções*? *Doi-nos ouvir cidações*, *corrímões*, mas o que mais nos entristece é a comprovação de que essas e outras flexões nos trazem da falta de ensino do nosso idioma.

A fixação do plural de acordo com o latim dá-se com nomes terminados no acusativo plural em *anos*, *anes*, *ones*. *Temporaneum*, *i*, forma substantiva consignada também no Gaffiot, tem porém terminação diferente dessas, o que dificulta enquadrar o plural português na citada orientação.

Demonstração de erudição é o fecho de sua consulta: "Somente a forma *temporãos* é correta? A forma *temporões* é pelo menos aceitável, ou deve ser proscrita?"

Não chegaríamos a dizer que somente a forma *temporãos* é correta. Se pensar assim é errado, veja-se o que se passa com o Aulete. Quando Domingos Vieira (1872) consigna o plural *ãos* — no que é seguido por Gonçalves Viana (1911), por Rebelo Gonçalves no vocabulário oficial de Portugal (1940) — nosso incomparável Caldas Aulete consigna: "*Ser dos TEMPORÕES, ser dos que fazem as coisas cedo, dos primeiros a chegar*".

Pois bem; esse exemplo é o mesmo de Domingos Vieira, mas — é de admirar — Domingos Vieira traz *TEMPO-RÃOS*. Quem alterou o plural na reprodução do exemplo? Poderia ter sido o tipógrafo, o revisor?

Se de *castelão*, que em latim é adjetivo da primeira classe (*anus*, *ana*, *anum*), temos o feminino *castelã* e o plural *castelões*, por que admirar-nos da modificada transliteração do exemplo de Domingos Vieira?

O uso, se é que os dicionários citados a ele correspondem, pode obrigar-nos ao plural *temporãos* e, além do uso entre nós, o castelhano *tempranos*, mas *temporões* tem o apoio do Aulete e da analogia com *porões* e da tendência da pluralização em *ões* da maioria dos nomes em *ão*.

Tenaz - Superlativo sintético: *tenacíssimo*.

Tença, tensa - *Tença*, com *e* cedilhado, é palavra que indica: 1. a pensão vitalícia que os reis davam aos cavaleiros por serviços prestados; daí a significação de "ação de sustentar", "direito de ter a coisa como própria". "Estar às tenças de alguém" significa "viver à sua custa". É seu sinônimo *pensão*. 2. lugar em que a âncora prende bem: surgidouro de firme *tença*. *V. tenença*.

Tensa, com *s*, indica o carro sagrado em que em certas solenidades eram transportadas estátuas de deuses, e, em carpintaria, a fasquia que se tira de uma peça de madeira para estreitá-la. *Tensa* é também a forma feminina do adjetivo *tenso*.

Tenção, tensão - Do latim *tentionem*, *tenção* tem (e o mesmo se dá com *intenção*, *retenção*, *contenção*) correspondência com mente, espírito, vontade; indica designio, propósito; assunto; divergência, malquerença.

Com *s*, essa e as palavras correlatas prendem-se à forma participial latina *tensus*, do verbo *tendere*. Indica *tensão* o estado do que é tenso; daí, músculos *tensores*, hipertensão, *tensão* nervosa. Enquanto *tentionem* se prende ao supino, *tensus*

prende-se ao participio passado. No verbete *contenção* ficou explicado o porquê da diferença de grafia.

Tendência a - V. *amor a*.

Tender - O verbo *tender* não pertence ao grupo de verbos que seguem a regra dos participios duplos; somente a forma irregular — *tenso* — continua com função participial; a regular — *tendido* — é adjetivo: bandeiras *tendidas* (desfraldadas); ver a olhos *tendidos* (esforçar a vista, à maneira dos miopes, para ver objetos longínquos).

Tender, paroxítono, é substantivo que designa a viatura auxiliar da locomotiva; é aporuguesamento já consagrado do inglês "tender".

Tenença, tenência - Prendem-se ao verbo latino *teneo*; se em espanhol é *tenencia*, em português a forma se popularizou em *tenença* e, ainda mais, em *tenica*, e depois *tença*, para indicar "posse de fato", "ocupação de terra" ("Nen sobrelas *teenças* que ora eu tenho" — *Leges*, pág. 230-A. 1275 — Apud Nascentes).

Esquecidos da forma *tenença*, nossos dicionários passaram a consignar somente a forma espanhola *tenência*. *Ança* e *ença* são variações sufixais de *ância* e *ência* (*tirança* ao lado de *condância*; *benquerença* ao lado de *beneficência*), as quais ficaram explicadas no verbete *pareença*. A variação popular *tença* é desde Moraes encontrada nos dicionários com as significações do ressuscitado *tenência*. V. *tenca*.

Tenho medo que, tenho medo de que - "Tenho medo (temo) que ele sucumba" — "Tenho esperança (espero) que ele seja aprovado" — "Tenho certeza (asseguro) que ele vem" — são formas de dizer comuns do nosso idioma, nas quais se vê que a locução, conquanto não conversível em verbo de igual radical do nome como no último exemplo, tem força transitiva direta equivalente a verbo transitivo direto. Muito freqüentemente aparece nessas construções, principalmente quando o nome é precedido de artigo, a preposição *de* antes da conjunção *que*, transformando as substantivas objetivas diretas em substantivas completivas nominais: Tenho medo *de* que ele sucumba — Estou com esperança *de* que ele seja aprovado — Tenho a certeza *de* que ele vem.

Sem a preposição, a subordinada poderá ser considerada substantiva apositiva do nome que a antecede. V. *que* (*integrante, sem preposição antes*).

Tentame - Tratando-se de palavras cruidas, o som do *n* final aproxima-se do som alfabético: *colón, hífen, dólmen*. Quando, porém, tais palavras passam a ser de uso generalizado, geralmente perdem o *n* final: *cacófato, léxico, germe, espécime, exame, abdome, certame, regime, dólma, tentame*. A própria palavra *colón* parece estar cedendo a *colo*.

Teoria - Muito erra quem ao tratar de palavras de mesmo étimo defende, ou melhor, inconscientemente apregoa a diferenciação de acento só por diferentes serem as significações. Quer signifique doutrina, sistema, princípio, opinião, quer signifique "grupo de pessoas em procissão", uma única pronúncia tem a palavra *teoria*, pois é originária de um único étimo, o grego *theoria*.

Ter - (não significa *existir*) — Todo o possível devemos *fazer* para evitar o emprego de *ter* com a significação de *existir*. Não devemos permitir frases como estas: "Não *tem* nada na gaveta" (em vez de: "Não *há* nada na gaveta"), "Não *tem* de quê" (em vez de: "Não *há* de quê"), "Não *tem* lugar" (em vez de: "Não *há* lugar").

A correção continuada elimina o erro; acaso não dizem todos com a maior naturalidade, alfabetizados ou não: "Não *há* vaga"? Assim está na porta da fábrica, assim o desempregado relata a falta de sorte. Não dizemos todos: "Não *há* tempo para isso"?

Venha amanhã um locutor a dizer "não tem vaga", "não tem tempo para isso" que o caldo passa a tresandar vernácula grossaria. V. *não há vaga*.

Ter de - O erro atrai o ignorante como o crime fascina o apoucado de compreensão; ignorantes e apoucados de compreensão não só, mas destituídos de lógica, de poder de ilação são certos professores de português que se atrevem em

cátedras e até em livros a ensinar e a doutrinar ao arripio dos mais conceituados e dos mais altos representantes das nossas letras; escritores podem incorrer em distrações — das quais nem Homero se livrou — mas quem, em vez de apenas empregar uma expressão, uma regência, uma concordância sob o cochilo do cansaço, faz da expressão errada ou do incompreendido comportamento sintático tema de ensino infundado, deixa de ter simples cochilo para cometer levianidade de magistério.

Desde quando e onde descobriram certos professores que a palavra *que* é preposição? Jamais pensaram eles em que há diferença de sentido entre "nada *tenho de* escrever para você" e "nada *tenho que* escrever para você"? Jamais descobriram que uma é declarar "tenho *de* cultivar um campo", outra "tenho ainda um campo *que* cultivar"? Quem estudou um pouco de latim conhece a diferença entre "multae litterae mihi scribendae sunt" e "non habeo quod ad te scribam". Nesses exemplos, a primeira forma (*ter de* nos portugueses, gerundivo como dativo de pessoa no latino) denota obrigatoriedade, "estar na obrigação de"; a segunda (*ter que* nos portugueses, *habere quod* ou *habere quid* no latino) apenas relata a existência de coisa por fazer, de coisa que ainda não foi feita. Em "tenho dois livros que traduzir", "dois livros" é objeto direto de *tenho* e antecedente do relativo *que*, objeto de *traduzir*.

Esta passagem é de Rui: "Pela nossa parte, *nada* temos que objetar". Tão certo e tão comum é o *que* quando pronome relativo antes de *fazer* ("Tenho muito *que* fazer") que o "que fazer" assumiu força substantiva e passou a ter o plural *que fazeres*, mas, repetimos, *que* tem aí um antecedente e, abrindo oração adjetiva, é objeto direto de *fazer*.

Em alguma biblioteca procure esse professor que diz ser *que* preposição o Torrinhia, e encontrará em "ter": "tenho ainda que dizer (= posso ainda dizer): habeo etiam dicere, Cic. — nada tenho que te escrever: nihil habeo quod ad te scribam, Cic. — não tenho o que escrever: non habeo quid scribam, Cic." — A seguir esclarece o dicionarista: "Traduzir pelo gerundivo acompanhado da forma apropriada do verbo *sum* quando *ter* tem a significação de 'estar na obrigação de', como: multae litterae mihi scribendae sunt — Tenho DE escrever muitas cartas".

Frases como: Tenho o *que* fazer (tenho *algo que* fazer) — Nada tinha *que* escrever — são em latim traduzidas: Habeo quid faciam — Nihil habebam quod scriberem. Aí pode ver o aluno o relativo *quid* na primeira oração, o relativo *quod* na segunda.

Outras: Tenho (necessidade) *de* fazer isto — Tenho (necessidade) *de* correr — Todos temos (necessidade) *de* morrer — já assim não se traduzem em latim, senão de modo muito diverso: *Mihi currendum est* — *Omnibus moriendum est*, com o gerundivo em *dum* seguido de *est*, indo o sujeito português para o dativo e, quando o verbo for de predicção incompleta, o objeto irá para o caso por ele exigido: *Mihi hoc faciendum est* — tenho de fazer isto. *Mihi studendum est grammaticae* — tenho de estudar gramática.

Quando o segundo verbo for intransitivo ou, ainda, quando não houver antecedente, nem expresso nem oculto, devemos empregar *de*, porquanto a idéia é sempre de obrigatoriedade: Todos temos *de* morrer — Temos *de* lamentar o incidente.

Observemos a correção de Vieira: "... para se conhecerem os amigos, haviam os homens *de* morrer primeiro e daí a algum tempo ressuscitar". Como o segundo verbo é intransitivo, emprega Vieira com a precisão de quem sabe o que escreve, a preposição *de* em vez do pronome *que*, ao qual nenhuma função caberia.

Se não teve a sorte de ter estudado latim — e não sabe, pois, distinguir "habeo quod faciam" de "mihi est faciendum" — ou não tiver o Torrinhia ao alcance, deverá o professor ter facilidade de encontrar um colega de corpo docente que lhe explique a diferença entre "I have to write a letter" e "I have a letter to write". Pergunte-lhe como traduzir para

o inglês "tenho de acrescentar fatos" e "tenho fatos que acrescentar". Lá a obrigação, aqui a informação, a enumeração.

"Não discuto a construção inglesa nem a latina" — pode retrucar o professor enganado e enganador, "o que digo é que em "ter que" o *que* pode significar *de e*, portanto, o *que* é *ai* preposição". — Como? perguntamos; desde quando sinonímia acarretou equipolência de função? Desde quando obstinação foi justificativa de erro? Que procedimento é esse de inventar função léxica para uma palavra que está empregada por outra, ou seja, de julgar que o tabelião ao inventar sobrenome para uma criança justifica-lhe a procedência espúria? Passou esta a ser agora a função do professor de português, justificar erros, alardear como regras distrações, dar aos cochilos foros de acerto, inventar funções como se tivesse descoberto verdades?

Estudemos um pouco mais o assunto e notaremos que não devemos realmente empastelar nem sentido nem função nas frases "nada tenho de fazer por ele" e "nada tenho que fazer por ele". A quem faltar latim, inglês ou outra língua em que as construções são respeitadas e devidamente ensinadas faz bem a leitura de Botelho de Amaral: "A forma *ter que* usa-se quando antes do *que* podemos subentender *algo, coisa, coisas*. Isto é, o *que* é um complemento direto e, portanto, pronome relativo: Tenho hoje muito *que* fazer — isto é, tenho muitas coisas *que* fazer. *Ter de* — continua o autor citado — emprega-se corretamente quando se subentendem palavras como *necessidade, precisão, desejo, obrigação* antes da partícula *de*. "Tenho de partir agora mesmo", isto é, *tenho necessidade de* partir. "Tenho de trabalhar para ti", quer dizer, *tenho obrigação de* trabalhar para ti".

Quando lemos em Camilo (O Santo da Montanha): "O senhor de Ansiães teve de ir à sala receber o adeus" — verificamos a correta sintaxe portuguesa. Quando, porém, encontramos aqui ou ali em algum clássico a construção "ter que fazer" em vez de "ter de fazer", não nos sentimos de forma nenhuma encorajados a reproduzi-la porque nossa sintaxe a repele. Seguido de *de*, o verbo *ter* é auxiliar para indicar obrigatoriedade, como auxiliar é para o caso *haver*: Você *havia de* ver a meiguice de minha neta (= você devia ver, você precisava ver).

Aqui, para concluir, um punhado de exemplos, todos a indicar obrigatoriedade: O sistema *tem de* abranger todos os que arrecadam — O caminho que *ele terá de* tomar — Voltou da Escócia convencido de que *temos de* caminhar para a regionalização da assistência médica — Muitas vezes *tiveram de* chorar os filhos — O Brasil *tem de* ser uma casa de gente unida — A palestra *teve de* ser adiada — O trabalho *tem de* ser interrompido — Qualquer governo *teria de* fazer isso — Os bombeiros *tiveram de* trabalhar várias horas — O índio *terá de* trabalhar a vida inteira — Os alunos *tiveram de* voltar às aulas — A prefeitura *tem de* indenizar — Indústria *terá de* poluir menos — Essas empresas *terão de* ser sociedades anônimas — Se você *tem de* ir, eu não — *Teremos de* aceitar essa proposta? — Nunca *tive de* levantar-me de noite — *Tive de* abrir o caminho.

A frequência de incidência não justifica o erro, e alevantar suspeição de erro impõe-se a quem do ensino faz profissão.

"Ter lugar" - "A reunião terá lugar em Genebra" — Nem em Genebra nem em Lisboa permite a pureza do idioma que se diga "ter lugar" com essa acepção. O galicismo "ter lugar" deve ser substituído por *ser, dar-se, realizar-se, efetuar-se, celebrar-se, verificar-se, ocorrer, suceder*: E se isto *sucedeu* no paraíso, cá fora que *será* senão o mesmo? — *Deu-se* comigo este fato — O mais, quando chegar a hora, quando Deus determinar, há de *realizar-se* de um modo ou de outro — Era o tempo de *efetuar-se* o casamento — *Sucedem-se* então revoluções — Semelhante desgraça pode voltar a *ocorrer*.

Tanta riqueza de sinónimos ao lado de um acapado "ter lugar". Existe "ter lugar" em português, e legítimo, quando significa "ter cabimento", "ser oportuno", "vir a propósi-

to", "caber", "vir a tempo": O seu pedido *não tem lugar* (não tem cabimento; é inoportuno).

Ter que fazer — É francesa a construção: "Nada tenho a fazer", "Há muitos pontos a esclarecer". Três formas temos para corrigir o barbarismo sintático: "Nada tenho por fazer", "Nada tenho para fazer", "Nada tenho que fazer". (§ 546, n. 1, b.)

Terçol - A grafia espanhola, assim como a italiana, e a provável etimologia latina obrigam-nos a escrever com *c* cedilhado.

Teresa, Teresinha, Teresina, Teresópolis - O étimo grego e as próprias transformações por que passou o nome obrigam-nos a escrever *Teresa* com *s*. Também com *s* os derivados.

Terminação graficamente igual, prosodicamente diferente - V. *amamos*; V. *já falamos*.

Terminação "oa" - V. *mágoa*.

Terminologia gramatical - V. *nomenclatura gramatical*.

Termo... - Elemento que se junta sem hífen: *termotrapismo, termoesista, termorresistente, termossifão*.

Sabemos que os elementos morfológicos de compostos provindos do grego muito frequentemente apresentam um "o" de ligação entre eles, quer seja esse "o" temático quer não: *corografia* (de *cora*), *geologia* (de *ge*), *hemeródromo* (de *hemé- ra*). Um ou outro elemento inicial mantém — nalguns casos no próprio grego — a terminação *a* ou *e*: *agorafobia, genealogia, canéfora*.

O que causa estranheza é terem tirado ou procurado tirar esse "o" epentético de compostos que sempre o tiveram: *termoelétrico* sempre se escreveu até o dia em que Rebelo Gonçalves, professor de muitos méritos mas de certas extravagâncias (pós no vocabulário de 40 *tejolo*, por *tijolo*, por provir de *Tejo*) e incongruências (o icto prosódico de um composto ou derivado deve basear-se na forma desinencial e não no étimo), desfigurou compostos de elementos gregos no vocabulário oficial português (*eletriman* em vez de *eletrímã, gastrenterite* por *gastroenterite*), baseado na existência de *filantropo, demagogo, nonandria*, em que não aparece o "o" de ligação. Ora! Se *termo*, com *o*, figura em quarenta e sete compostos nossos, por que virem revisores de jornal turvar a grafia de dois deles? *Termoeletricidade* e *termoelétrico* devemos escrever.

Pondere-se ademais que certos elementos gregos são de tal forma usados na composição de palavras novas que perdem a identidade original; é o caso de *demo*, de *foto*, de *eleto* e de outros mais. Acresce-se que as exceções em que o ilustre professor se baseou para desfigurar palavras de forma já consagrada constituem-se de compostos já assim provindos do grego, onde foram criados e tinham às vezes sentido que não chegou até nós. Quem se lembra de que *demagogo* não tem em grego o sentido pejorativo que lhe damos em português? "Moisés foi um grande demagogo" é afirmação etimologicamente correta, sem nenhuma nota depreciativa, pois muito demonstra saber governar o povo quem mantém num deserto e por quarenta anos uma nação que teve em suas licões e experiência os princípios de uma unidade eterna.

Perdoe-nos o leitor a digressão, mas aceite o motivo: se nem o significado da palavra é mantido, por que servir-nos de sua forma nativa para modificar compostos criados dentro do nosso léxico? Não é estranhável a coexistência de *TermElétrico* com *termOscópio, termOstático* e outros quarenta e tantos compostos que não se enquadram no pretexto da exceção?

Ter-se-ia o professor Rebelo apoiado em *hemautógrafo* para tirar a perturbadora conclusão ortográfica? Como *haima* termina em vogal, e pela mesma vogal começa o segundo elemento, temos — deve ter pensado ele — de craseá-las, ou seja, de fundir os dois *aa* num só. Se *therme* termina em *e*, e por *e* começa *elétrico*, a resultante é um *e* craseado. Por que então, perguntamos agora, não consignou a forma *radisótipo* por *radioisótipo*?

Seja como for, esta ponderação se impõe: Se o próprio causador da inovação registra no vocabulário oficial de que

foi relator a forma *termoelétrico*, que explicação dar à adoção de um estropiado *termelétrico* se não a de comportamento novidadeiro?

Termo - (ê) — Com "e" aberto, é o aporuguesamento do inglês "thermos", designação de uma garrafa destinada a manter a temperatura do conteúdo. A palavra é grega, mas em inglês é que foi aplicada e registrada (trade-mark) para essa finalidade; como marca, é considerada em inglês nome próprio (*Thermos bottle*), mas é empregada com letra minúscula na sua generalização, e em português é nome comum e, por influência do gênero de *garrafa*, feminino. Dão-lhe os dicionários o gênero masculino, mas o povo, que diz "uma vogal" (por influência de *letra*), "uma diagonal" por influência de *linha* — e mais adjetivos substantivados há que se enquadram nesse procedimento — é coerente quando diz "quebrei a termos", "preciso comprar outra termos".

Termoelétrico - V. *termo*...

Terno, parelho - O brasileiro *terno* perdeu a significação primitiva de roupa de homem constituída de três partes (paletó, colete e calças), palavra que se empregava para diferenciar de *parelho*, regionalismo paulista que indica roupa masculina de só duas peças (calças e paletó). "Você quer terno ou *pareio*?" — perguntava o alfaiate de uma vila às margens do Paranapanema.

Terno lembra-nos *terneiro*, outro regionalismo do sudoeste de São Paulo, introduzido por influência de população vizinha de língua espanhola: "terceiro" é o *terceiro* (vaca e boi são os dois primeiros).

Terra - A) No sentido de globo terrestre, com minúscula. Nosso vocabulário oficial mais do que silencia, foge da dificuldade, pois ao dar exemplos de uma regra que engloba gente, bicho, religião, política, mitologia, astros et alia (cap. XVI, art. 49, 2º), limita-se a dar um único exemplo de planeta ao citar "entidades astronômicas": *Vênus*. Talvez por ter sido *Vênus* mais familiar desprezou a terra, o sol e a lua, mas não temos receio de afirmar:

Enquanto os demais planetas são todos escritos com inicial maiúscula, este em que habitamos, bem como seu satélite e o próprio corpo celestial de que recebemos luz e calor, são escritos com minúscula. Suas designações aceitam e exigem maiúscula somente quando são esses corpos enumerados, relacionados, arrolados com outros nomes astronômicos. Fora desse caso, nem a Bíblia, nem dicionário nenhum escreve *terra*, *lua*, *sol* com inicial maiúscula: Do senhor é a terra e sua plenitude — Ele estava no mundo da lua — Tomei um banho de sol.

B) Na acepção de chão firme, empregada para contrastar com o elemento movediço do mar, a palavra *terra* não admite artigo: Já com nossas malas em terra — Viajei por terra.

O não vir antecedido de artigo mostra-nos a impossibilidade de vir precedido de *a* craseado: Levamo-lo a terra — Chegaremos ainda hoje a terra.

Terra do Fogo - Adjetivo pátrio: *sueguino*.

"Terraça", "terrace", "terrace" - As três formas são vistas em fachadas de prédios de São Paulo. A nacionalidade, a manifestação da empresa caracteriza-se pela especificação, pelo atributo, pelo adjunto, não pelo afrontoso emprego de forma estrangeira do nome comum. Se nem na Itália, nem na França, nem em países de língua inglesa existem *terrace*s, por que proceder de maneira inversa no Brasil?

Terracota - Não sabemos em que se fundamenta a pronúncia "terracôta"; na italiana não, porque há divergência nessa e numa infinidade de palavras se proferidas por habitantes do sul ou do norte da Itália, donde nos veio a palavra. Aulete dá a pronúncia aberta, *terracôta*, a rimar com *poliglota*, no que condiz o vocabulário oficial de Portugal; o do Brasil, que na página seguinte dá a pronúncia do "o" de *testador*, nada diz do "o" de *terracota*. Desse zombeteiro procedimento não devemos admirar-nos.

Terraplano, terraplanagem - São formas usadas, mas não devemos esquecer-nos de que as paralelas são baseadas no latim, com "e": *terrapleno, terraplenar, terraplenagem*; a corrup-

tela deve-se talvez ao relacionamento com "aplanar" (*aplanar*).

Terrífico - Superlativo sintético: *terríficentíssimo*.

Terso - É aberto o "e" deste adjetivo, que significa limpo, puro, escorreito; metal *terso*, estilo *terso*.

O derivado *tersura* é que tem o "e" fechado, por ser agora vogal átona. V. *besteiro*.

Tersol, terçol - Com *s* é sinônimo de *manutégio* (toalha em que o sacerdote limpa as mãos quando se reveste para dizer a missa). Com *e* cedilhado é "humor na pálpebra".

"Tesaurização" - Galicismo; nosso substantivo é *entesouramento*, do verbo *entesourar*.

Tesouro, tesoiro - V. *ouço*.

Tessitural - V. *tecer*.

Testa - Aumentativo: *testaca, testona*.

"Testa de ponte" - Ponte em português tem cabeça, e cabeça deve também o tradutor ter para não ver *armada* em *armée*, nem *jambo* em *jambe*, nem *testa* em *tête*. Corrija-se para "cabeça de ponte".

Testamentaria, testamentária - A primeira forma, com acento tônico no *i*, é substantivo; designa "função, cargo de testamenteiro"; "administração dos bens do testador". A segunda, proparoxítota, é adjetivo: "disposição *testamentária*" (prescrição, determinação testamental); "agente *testamentário*" (o que o testador nomeia para executar o testamento).

Teste - É o ato de provar, de examinar, de experimentar, de verificar o funcionamento, o comportamento, o resultado, o efeito; testa-se um motor, um aparelho, um engenho, um remédio, o aproveitamento de um ensino, o grau, a capacidade de inteligência, de aptidão. Veio-nos a palavra do inglês.

Testemunho, testemunha - Quando o substantivo está por demonstração, a forma em *o*: "Foram selecionados 19 portadores de afecção coronária como *testemunhos* do mecanismo da ação do frio sobre a angina do peito". Com a significação de "assistente ou conhecedor de um fato", a forma em *a*: "E além dos que nomeei, será boa *testemunha* Luís de Sousa, que nos viu neste auto".

Teto, texto - Ambas as palavras têm o *e* fechado, mas com *s* é *tampa* (de barro ou de ferro, de vasilha de igual material), camada endurecida de fuligem, formada na parte externa da panela, casco de cabeça de boi. Com *x* é tratado, livro, passagem de livro, parte de periódico.

Teatrô, Teatraneto - Deixando de justificar o castelhano e o galego, que procedem de maneira diferente ("tataranieto" é o filho do "bisneto"; "tatarabuelo" é o "tercer abuelo"), lançamos mão do elemento de composição *tetra* para exprimir a idéia de *quatro* nas palavras *teatrô*, *teatraneto*. É *teatrô* o pai de *trisavô* (este é o pai do *bisavô*), é *teatraneto* o filho do *trisneto* (filho este do *bisneto*). Se todos aceitamos *tetracampeão*, por que teimar nas corruptelas *tartaravô, tataravô, tartararaneto, tataraneto*? Com *tetra* registra essas palavras o vocabulário oficial de Portugal e o do Brasil, forma seguida pelos bons dicionários.

Tetro - Este adjetivo, que se filia a *tétrico* (lat. *teter*), tem por superlativo sintético *teterrimo*.

Teve, Ty - São formas de abreviar *televisão*: TV em cores — *Teve* em dois sentidos. Para designar o aparelho receptor, já está entrando em campo *televisor*.

Textil (ê ou é?) - Comum era ouvir em outros tempos este adjetivo com o acento tônico errado. Quando terminada em *il* que corresponda à terminação *ilis, iie*, a palavra nossa é paroxítota: *projétil* (lat. *projectilis*), pl. *projéteis; réptil* (lat. *reptilis*), pl. *répteis; verosímil* (corruptela do lat. *verisimilis*), pl. *verosímeis*.

O acento tônico é na primeira sílaba, e a pronúncia do *e*, pelo que vemos no Aulete (edições anteriores à última, impressa no Brasil), em João Ribeiro e em Vasco Botelho de Amaral, é aberta. Cândido de Figueiredo, no que foi seguido por Rebelo Gonçalves e pelo Pequeno Vocabulário da L. Portuguesa, dá a pronúncia fechada. O circunflexo

dessa palavra equivale ao de *Antônio, quilômetro*: é para inglês ver.

That is the question - Expressão inglesa (significa "essa é a questão") empregada por Shakespeare no primeiro verso do monólogo de Hamlet: "Ser ou não ser: *essa é a questão*."

The right man in the right place - Expressão inglesa que significa "o homem certo no lugar certo"; é empregada para declarar que uma pessoa é aproveitada para lugar apropriado às suas tendências, faculdades, talento; que a ela se dá função ou cargo em que sua capacidade possa ser totalmente aproveitada.

Tico-tico - Voz: *tinir*.

Tietê - Das partes que constituem esse nome o *i* é a principal; presta-se ele em tupi-guarani para indicar *elemento líquido* em geral; quando na língua dos nossos aborígenes se quer indicar *leite*, diz-se *cambi* (de *cã*, *peito*, mais *i*), ou seja, líquido do *peito*.

O *t* inicial é um especificativo da palavra. Assim, de *ecã*, que na sua expressão mais lata significa *olho*, diz-se *teçã* para determinar o *olho*; *reçã*, *meu olho*; *hecã*, *olho dele*; *gucã*, *olho dele próprio*.

Temos finalmente a terminação *eté* (com o *e* final fechado); essa partícula agrega-se à palavra quando se lhe quer dar idéia de *grande*, no sentido de *valeroso*, *eminente*, *ilustre*, *útil*, e não no sentido de *volumoso*, *extenso*, caso em que se emprega *acu*: *guacu* (caca grande); se queremos dizer *homem grande*, escrevemos *abaguacu*; *abaeté* empregaremos para indicar *grande homem*.

Daí a razão por que no planalto de Piratininga *Tietê* especificava o *rio útil*, o *rio por excelência*, o *rio mais importante*.

Muito erra quem pronuncia *tietê*, não só por não ser essa a verdadeira prosódia, mas porque o sentido da palavra muda inteiramente; *eté* traz à palavra idéia de *desprezível*, *execrável*, *feio*.

Tigre - Voz: *bramar*, *bramir*, *fremir*, *rugir*, *urrar*.

Tijolo - No plural o "o" é aberto.

Til (em subtônica) - O decreto 5765 de 18-12-1971 não eliminou o til da subtônica. Embora se graficasse *comumente* e se pronuncie *comi-mente* (o *u* nasal não pertence à sílaba que vem depois dele), *comigo* e se pronuncie *cô-migo* (o *m* não pertence ao "o" nasal), deve-se escrever *irmãmente*, *chãmente*, *cristãmente*. Considerações sobre a incongruência ortográfica ficaram nos verbetes *bem* e *jundiãense*.

Tilbure - Grafia preferível à *tilburi*. — V. *bere-bere*.

Time is money - Expressão inglesa para indicar que é perda de dinheiro a demora de execução de um serviço.

Timeo dánaos et dona ferentes - Devemos desconfiar do inimigo mesmo que demonstre generosidade. A expressão é de Virgílio, referente aos gregos. (Tenho medo dos gregos mesmo quando dão presentes.)

Timeo hóminem unius libri - Afirmção de Santo Tomás de Aquino (Temo o homem de um só livro) para indicar que é de recear a pessoa que leu um único livro e do assunto tornou-se profundo conhecedor. As muitas citações podem revelar erudição, fichário, não porém cultura, inteligência.

Timorato, Intemerato - A primeira palavra diz respeito a *temor*; é *timorato* o tímido, o medroso, o que tem temor, o que, receando agir mal, é escrupuloso, hesitante: Doze homens simples e *timoratos* estavam encarregados de anunciar a paz que o Messias obtivera com a sua morte. O antônimo é *intimorato*.

Intemerato, com *e* na segunda sílaba, prende-se diretamente ao latim, onde é formado de *in* (não) e *temoralus*, do verbo *têmero*, que significa *profanar*, *corromper*, *violar*, *poluir*: Virgem *intemerata*. Este adjetivo não cabe a soldado, a general nenhum, ainda que pertença ao Pentágono.

Tingui - O *u* não é pronunciado; a sílaba *gui* tem aí a mesma pronúncia que em *Guilherme*. É masculina a palavra; o mesmo gênero de outros nomes designativos de arbustos e terminados em *i* tônico. V. *rami*.

Tipi - V. *rami*.

Tique - Recebemos do inglês *ticket* com a significação de "si-

nal em forma de "V" feito ao lado de palavra ou de número para indicar sua conferência". O sinal pode ser feito graficamente e, em bilhetes, por corte produzido mecanicamente. É importação legítima, mas legítima não é a palavra se empregada em lugar de *bilhete*, de *passagem* (*bilhete de entrada*, *passagem de primeira classe*), de *etiqueta* (*etiqueta de preço*; *etiquetar* os artigos expostos na vitrina).

Recebemos do francês *tic* quando usada com a significação de "contração convulsiva de certos músculos, repetida fora de propósito, como o piscar, o sacudir a cabeça, o ajeitar o colarinho", donde a significação de *coquete*, *trejeito*, *sestro*. Com essa significação, a palavra tem o derivado *tiquear* (ter, fazer tiques): *Tiqueou-me um olho* para indicar a falsidade da afirmação.

Entra a forma gráfica *tique* na expressão onomatopaica *tique-taque*, indicativa de ruído proveniente de movimento regular e cadenciado, como o de relógio. Tem a variante *tique-tique*, que rima com *zique-zique*, voz do ganhoto.

Tirada - É condenada a palavra, por francesismo, quando empregada por *passo*, *trecho*, *passagem de discurso*; portuguesa é com o sentido de "ação de tirar", "longo espaço de tempo", "grande extensão de caminho". Entra na expressão "de uma tirada" (de uma só vez; sem descansar).

Tirante - *Tirante*, *durante*, *salvante* são formas nominais de verbos; ora conservam a força verbal — e então variam — ora exercem função meramente prepositiva, função que se torna invariáveis.

Exemplos em que tais palavras variam, por conservarem o valor participial: "Cores *tirantes* a vermelho" (cores que se aproximam do vermelho) — "E se o Padre morresse, *durante* o filho sob seu poderio..." (enquanto durasse, enquanto tivesse) — "Testemunha *salvante*" (aquela cujo depoimento salva alguém; o plural é *testemunhas salvantes*).

Exemplos em que exercem função de preposição: "*Tirante* as mulheres, todos se levantaram" (exceto as mulheres) — "Durante as festas" — "Salvante os menores" (exceto os menores). Flexionar hoje, com esta função, essas palavras é incorrer em arcaísmo. Sirva-nos, para comparação, a palavra *exceto*; conquanto forma participial (participio do verbo *excetuar*), imobilizou-se entre as preposições, jamais se flexionando: *exceto* as mulheres.

Tireóide - Já há muito foi corrigida a palavra. Por provir do grego *thyreoidés* (semelhante a escudo, de *thyreós*, escudo, mais *eidos*, forma) o vocábulo indicativo da "cartilagem situada na parte ântero-superior da laringe" é *tireóide*.

Quem escreve "tiroideano" erra duas vezes: uma no radical, outra na desinência, puramente francesa no caso. O adjetivo vernáculo é *tireóide*.

Derivados: *tireóidite*, *tireoidismo*, *tireoidectomia*.

Tisanópode - V. *ápode*.

Título de eleitor - Assim está no alto do documento que declara o direito de votar em eleições oficiais, mas isso não nos desobriga da concordância se nos dirigirmos a uma senhora: "A senhora tem título de *eleitora*?" — "A senhora não trouxe o título de *eleitora*, mas seu nome aqui está e pode votar com prova de identidade".

"Ela tem diploma de *médica*" — não é assim que dizemos?

Título de jornais, Livros... - O correto é escrever *n'O ESTADO DE S. PAULO - d'O ESTADO DE S. PAULO - pel'O ESTADO DE S. PAULO*.

Poderá alguém estranhar que se escreva *pel'O ESTADO*, mas temos o direito de muito mais estranhar que se escreva *per O* e se leia *peLO*. Que espécie de sinaléfi é essa que se opera na leitura e é vetada na escrita? A notícia foi dada *pel'A Manhã* mas desmentida *pel' O Globo*.

Nos casos de limitação do emprego do apóstrofo o Formulário Ortográfico não cita esse, mas quem pode incluir o que estamos apreciando entre os da observação do artigo 44? Leiam-na os senhores revisores e vejam a quantas andamos em matéria ortográfica.

Em que língua se escreve o que não se diz ou se lê o que não

está escrito?

To be or not to be - Expressão do começo do monólogo do Hamlet de Shakespeare. *To be or not to be, that is the question* (Ser ou não ser: eis a questão). A existência está em jogo.

Toalete - Embora de largo uso no idioma, não nos esqueçamos das várias palavras nossas que podem substituir o francesismo: *vestido* ("Você precisava ver com que vestido ela foi ao baile"), *penteadeira*, *toucador* ("Ela deixou as chaves em cima da penteadeira" — "O toucador fica melhor no centro da parede"), *pintura*, *pintar-se* ("Ainda não me pinte!"), *arranjo* ("Note todos os particulares do seu arranjo"), *banheiro* ("Ela deve estar no banheiro").

Por que não nos valem da riqueza do nosso vocabulário? Enquanto o francês tem somente "toilette" para todas essas acepções, empreguemos nós os vários vocábulo nossos de acordo com o momento. E assim, em vez de "fazer a toalete" digamos *arranjar-se*, *vestir-se*, *arrumar-se*, *adornar-se*; em vez de "furtar a toalete" ("plier la toilette"), *furtar vestidos e jóias*.

Quanto ao aportuguesamento, demos à palavra uma *toalete* que combine com a pronúncia e ela ficará de acordo com a *boate* (fr. *boîte*) que conhecemos.

Todo o, Todos os - Escritores clássicos ora punham o artigo, ora não, após *todo* tanto quando coletivo universal quanto quando adjetivo a significar *inteiro*: *todo homem, todo o homem, todas Espanhas, todas as partes*. É de uso, e não de gramática ou de lógica, nem menos de eufonia, o fazer a palavra seguida de "o", e desde já podemos afirmar que se no plural todos dizemos "*todos os alunos*" não cabe justificação nenhuma para a exclusão do artigo da expressão singular, que sempre teve o mesmo sentido da forma plural: Nem *todo o* aluno veio preparado para o exame.

Há quem ensine que *todo* tem a significação de *cada* ou, ainda, de *todos*, quando no singular vem desacompanhado do artigo; acompanhado do artigo, dizem, esse indefinido passa a significar *inteiro*; fazem, assim, distinção entre "*todo o homem*" (cada homem, todos os homens) e "*todo o homem*" (o homem inteiro).

Cabe-nos dizer que essa distinção é gratuita e infundada. *Todo* tem de fato a significação especial de *inteiro* quando vem depois do substantivo (e nesse caso é adjetivo): "Eu trabalho *todo o dia* (*cada dia, todos os dias*) e o dia *todo* (o dia *inteiro*); vindo antes do substantivo, *todo* pode ou não significar *inteiro*, mas deve vir seguido do artigo; se o plural *todos* hoje sempre vem acompanhado do artigo (*todos os homens, todas as partes*), nada mais simples que proceder igualmente com o singular, sem necessidade de inventar diferenciações de sentido.

Corroboração dessa nossa afirmação encontramos em Agostinho de Campos (*Antologia Portuguesa*, volume referente a Barros, pág. 149): "Ao contrário do que se tem dito, não é só no sentido de *qualquer* que o adjetivo *todo, toda, todos, todas* aparece em Barros sem ser seguido do artigo."

Na página 145 dessa *Antologia* vê-se "*toda Etiópia*". Na pág. 149 "em *todo conselho*". Na mesma *Antologia*, no volume consagrado a Lucena, o mesmo afirma por outras palavras Agostinho de Campos: *Todo*, não seguido de artigo definido, tem por vezes nos clássicos a significação de *qualquer*... mas também aparece sem artigo no sentido de *totalidade*: Os ministros faziam despesas com *toda* liberalidade — Deveis, Senhores, esperar em Deus que vos há de dar *toda* África na vossa mão — Quando Roma a *todas* velas conquistava *toda* a terra.

Acrescentemos esta declaração de Vasco Botelho de Amaral: Pode-se afirmar que a tendência geral é para a posposição do artigo, norma hoje incontestavelmente predominante. Em Camilo, como notou Cláudio Basto, ocorre *todo* com artigo e sem ele, mas em emprego indiferente. Por nossa parte, também notamos emprego indiferente em Castilho, em Vieira e outros: "*toda* minha leitura" (A Primavera) — "Se olharmos para *toda* Europa" (Sermões).

Conclusão: Vindo antes de substantivo, *todo* deve vir se-

guido de artigo. Se é arcaica a omissão do artigo depois do plural, pode-se dizer também arcaica essa omissão depois do singular. Digamos: *toda a* correspondência, com *todo o* gosto, *toda a* cantora, em *toda a* parte, em *todo o* caso, para *todo o* sempre.

Todo um - *Todo* pode vir seguido de *um*: De mui leves causas depende às vezes o destino de *toda uma* vida — *Toda uma* noite de dezembro.

Diz-se em português *todos os três, todos os quatro*... mas não se diz *todos os dois*. Temos a palavra *ambos*, que deve aparecer em lugar do galicismo fraseológico:

Ambos partiram — Teve de amputar *ambas* as pernas.

Todos somos - Não se estranhe a construção "*Todos* somos filhos de Adão", como estranhar não devemos as afirmações "Ali *ficamos* alguns amigos" — "Os outros *saltamos* para testemunhar a catástrofe". Trata-se de *slepsé de pessoa*, ou seja, a concordância do verbo opera-se não com a pessoa do aposto claro, mas com a pessoa do fundamental, no caso *nós*: Dizem que os paulistanos *somos* apressados.

Toicinho, Toucinha - V. *coisa*.

Tojo - No plural o "o" é aberto.

Tolice - Coletivo: *acervo*.

Tolo - Aumentativo: *tolaz, toleirão*.

Tom - Não deve entrar em "bom tom" na acepção de "bom gosto", "boa educação", "bom trato", "bom aspeto", expressões estas que devem substituir aquela, galicista.

Tomada, Tomadia - V. *estadia*.

Tomar - É verbo que pode ocasionar estes galicismos fraseológicos: "tomar a palavra" (em vez de *usar da palavra, ter a palavra*), "tomar armas" (em vez de *pegar em armas*), "tomar luto" (em vez de *estar, ficar de luto*), "tomar alguém pela mão" (em vez de *segurar alguém pela mão*), "tomar o hábito", "tomar o véu" (em vez de *fazer-se frade, fazer-se freira*), "tomada de hábito" (em vez de *vestidura, cerimônia* em que se recebe o hábito religioso para começar o noviciado depois de já ter exibido provas num convento).

Tomara - Nas orações optativas o sujeito é o nome ou pronome que se segue ao verbo, e com ele deve o verbo concordar: *Tomaram* eles poder vê-la na força — *Vivam* os Ataídes, *vivam* os Vilhenas, *vivam* os portugueses leais — *Tomáramos* nós que todos os vigários de nosso tempo... — *Morraram* os traidores.

Em "tomara que pudéssemos" o sujeito é a subordinada substantiva.

Do emprego de *tomar* com significação optativa temos estes dois exemplos de Vieira, com a regular concordância: *Tomáreis* ser Júlio César? Deus vos livre disso — Tomara que este aí chegara às quatro partes do mundo!

Tomás, Tomásia - O grego e o latim só autorizam a grafia com *s*.

Tombo, Tombar - É a palavra *tombo* um dos curiosos exemplos de evolução semântica: "Torre do Tombo".

Tomos ou *tombos* eram primitivamente os documentos, registros, inventários, escrituras, contratos, tratados, leis, guardados geralmente numa torre; hoje, a expressão "Tombo do Estado" significa simplesmente "Arquivo do Estado".

De *tombo* o verbo *tombar*, que além da significação de *arquivar, lançar em tombo, assentar* tem a de "considerar como monumento nacional": O Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional *tombou* o prédio da antiga embaixada da Itália e o da Argentina.

Tomba-se um prédio, ou seja, *faz-se dele tombo*, quando é ele registrado como reliquia histórica, de modificação proibida ao possuidor. Uma cidade inteira pode ser *tombada*, como acontece com Ouro Preto.

O antônimo é *destombamento, destombar*: As autoridades e as entidades de serviço de Jundiá reativam um movimento para o *destombamento* do Solar do Barão.

Tomou-me por seu advogado - O predicativo do objeto e o do sujeito podem vir antecidos de certas preposições ou de *como*: "Aceitamos Augusto *como* chefe" — "Aceitamos

Augusto *para chefe* — "Ele foi eleito *como* deputado" — "Ele foi eleito *para* deputado" — "Eles são tidos *como* homens de bem" — "Eles são tidos *por* homens de bem".

Se no último exemplo o verbo fosse *reconhecer* em lugar de *ter*, a construção "Eles são reconhecidos por homens de bem" poderia oferecer ambigüidade, pois não saberíamos se o "por" homens de bem" faria parte do predicativo ou constituiria agente da passiva. A ambigüidade decorre do verbo da oração e não da preposição empregada; qualquer delas (*por*, *para* ou *como*) presta-se para preceder predicativo, mas o verbo da oração é que determinará qual delas é preferível ou se podem indiferentemente ser empregadas.

"Tonelada métrica" - Que será isso? "A produção do ano passado passou de 25 milhões de toneladas" — e nada mais, sem nenhum quebrado de "quilos métricos".

O adjunto "métricas" estaria aí sobrando, pois a tonelada métrica nada mais é que a simples tonelada de mil quilos, a tonelada do sistema métrico, que é o por nós usado. Para nós alguma especificação será necessária quando a tonelada deixar de ser a de mil quilos para corresponder à "ton" dos ingleses, que é de 2.240 libras (1.016,06 kg), chamada "long ton", "gross ton", "shipper's ton", "shipping ton". Por terem sua maneira de expressar o peso — pelo menos por enquanto — é que os ingleses se vêem obrigados a distinguir "metric ton" da "ton" própria (December sales of paté de foi gras might reach a stupefying 14 metric tons). Da necessidade de tanto patê e do adjunto que especifique o sistema de peso estamos, porém, libertos; o tradutor apenas confirma ingenuidade, falta de malícia ou de conhecimento quando obriga o assinante do jornal a ler "tonelada métrica" quatro vezes num trechinho de vinte centímetros de coluna. Mande vir do arquivo do jornal um dicionário e verá a explicação de "short ton", "long ton" e "metric ton".

Em português a tonelada é sempre métrica, como sempre físico é o espaço, sempre material o tempo.

"Tonelagem" - Constitui desafio para o comum dos leitores de jornal o emprego de expressões técnicas internacionais, geralmente em inglês, e de suas abreviações, que, não obstante de vida em todo o mundo, não são do domínio público mas apenas dos entendidos do ramo; porque seu emprego se verifica somente em livros, em artigos, em comunicados, em secções especializadas de jornal, abreviações como *cif* (*cost, insurance and freight*), *job* (*free on board*) e outras são lidas e sempre entendidas por quem tem interesse no assunto em que elas se encontram.

Um reparo aqui nos ocorre: Por que o emprego de *tonelagem* na expressão "tonelagem de 51.000 TDW" em de *capacidade*? No dar o comprimento do navio, o comunicado traz: *comprimento* de 206 metros; no dar a independência de abastecimento de combustível traz: *autonomia* de 18 mil milhas; se nem *metragem* nem *nulhagem* empregou o redator nas outras especificações, por que agora *tonelagem*? Acaso o *T* que inicia a abreviação *TDW* já não significa *tonelada*? A expressão conveniente para indicar o possível carregamento é: *capacidade* de 51.000 TDW.

Tônica - Por ser indicativa de "primeira nota de uma escala", "nota fundamental de um acorde", é a palavra metafóricamente empregada para significar o que é principal num discurso. Por que, porém, sempre "discurso cuja tônica", "artigo cuja tônica", "conferência cuja tônica", "carta cuja tônica"...? Variemos um pouco: discurso cujo *extrato*, discurso cuja *essência*, discurso cujo *tema*, discurso cujo *tópico*, discurso cuja *tese*, discurso cujo *caraterístico*, discurso cuja *proposição*, discurso cuja *dominante*.

Um refrigerante ajudará o redator a tornar mais digerível o contexto, mais leve e agradável o encadeamento do editorial: "O restabelecimento das garantias da magistratura foi o *extrato* das opiniões das pessoas consultadas" — "De toda essa troca de correspondência entre os dois chefes de estado, o *caraterístico* foi a absoluta reserva de ambos" — "...não havendo razão para mudar a *essência* de nossa

política econômica".

Tonsila - Não obstante termos "nervos *tonsilares*", "artéria *tonsilar*", a literatura médica não precisa extirpar as *tonsilas* nem substituí-las por *tonsilhas*; *tonsila* é a nossa *amígdala*.

"Topera" - Esta palavra não existe; nem "topeira". O que temos é *toupeira*, com dois ditongos.

Torácico - Uma vez que o radical termina em *c*, com *c* devem ser escritos os derivados: *torácico*, *toracometria*, *toracosopia*.

Tórax - O *x* tem som de *ks*; é invariável no plural: *os tórax*.

Tordo - Voz: *truclar*.

Tornessol - É de todos conhecido o papel usado em química para reconhecimento dos ácidos, e seu nome a ninguém causa estranheza; vinda do francês, tem em português forma que lembra a de origem: *tornessol*. Conquanto "papel de *tornessol*" pudesse ceder lugar a "papel *reagente*", a palavra gaulesa é de uso inegavelmente arraigado a ponto de a vermos no vocabulário oficial de Portugal, que a dá como variante de *tornassol*, com "a" na segunda sílaba, forma esta que jamais vimos nem ouvimos. Erro ainda maior é o de empregar a forma francesa "tourmesol".

Torno - No plural o "o" é aberto.

Torto - Não nos esqueçamos de que na locução "a torto e a direito" a palavra *torto* está por "não de acordo com a correção, com a lei"; é substantivo. Não se trata de caminho, de linha torta; *direito* está aí por *correção*, e *torto* é o antônimo. Ao todo, a expressão significa primeiro "irrefletidamente", "por bem e por mal", para depois por extensão significar "às cegas".

Torvar, Turvar - São formas paralelas; perduram porque cada uma tende a ter seu significado. Enquanto *turvar* quase exclusivamente significa *toldar*, *escurrecer*, *embaciar* (*turvar* a água), *torvar* passou a ser o mais das vezes empregado no sentido translativo de *perturbar* (*torvar* a mente — o mascarado *torvou*-a de susto), de *ficar carrancudo*, *encolerizar-se* (Seu semblante *torvou* — Neurastênico ele é, sempre pronto a *torvar-se*).

A mesma é a diferença entre *turvo* (toldado, nublado; tempo *turvo*; água *turva*) e *torvo* (que infunde terror, iracundo, pavoroso, carrancudo; aspeto *torvo*).

Tossir - É modelo dos verbos em que o "o" da penúltima sílaba se transforma em "u" na 1ª pess. do sing. do indicativo presente e em todas as do subjuntivo presente: *tusso* (tosses, tosse...); *tossia*, *tossias*...; *tossi*, *tossiste*...; *tossira*, *tossiras*...; *tossirei*, *tossirás*...; *tossiria*, *tossirias*...; *tosse*, *tossi*; *tussa*, *tussas*, *tussa*, *tussamos*, *tussais*, *tussam*; *tossisse*, *tossisses*...; *tossindo*, *tossido*.

Seguem a conjugação de *tossir* os verbos *cobrir* (e compostos *descobrir*, *encobrir*, *recobrir*), *dormir* e *engolir*.

O "u" do verbo latino *tussire* não deve enganar-nos; o nosso verbo é derivado do substantivo vernáculo *tosse*, como *gostar* provém de *gosto* e não de *gustare*.

"Tournesol" - V. *tornessol*.

"Tournée" - Por que isso, se temos *excursão*?

Touro - Voz: *berrar*, *bramir*, *bufar*, *gaitear*, *mugir*, *urrar*. V. *ouço*.

Tráfego, Tráfico - Ambas as palavras se encontram em bons autores empregadas por *transporte*, *comércio*, *trato mercantil*, *movimento de veículos*, mas quando esse comércio, esse transporte, esse trato, esse movimento é ilícito, *tráfico* é que é a palavra: *tráfico* de escravos, *tráfico* de drogas.

Tão generalizado é o emprego de *tráfico* com tal significação, que a forma popular *tráfego* parece estar ficando para generalizar o comércio legal, o trânsito normal, o transporte, o trato mercantil comuns. *Tráficiência* e *tráfegagem* não se ouvem nem que encerrem idéia de fraudulência.

Tóxico, Intoxicar - Talvez por influência de pronúncia popular de Portugal, onde não deixa de ser combatida, ouve-se por vezes no Brasil a pronúncia "tóchico", "intochicar", mas não devemos segui-la. A palavra é de origem grega, e tanto no grego como no latim e também no vernáculo o "X" tem aí som de *ks*, como em *léxico*.

Trabalhadeira, Trabalhadora - V. *flexão genérica*.

Trabalho - Nem sempre significa ocupação, atividade, fun-

cionamento. Clássico é o emprego de *trabalho* — geralmente no plural — por *aflicção*, *infortúnio*, *tormento*, *falta de bom êxito* ("Depois de muitos trabalhos e perigos que padeci" — "Sofrem imensos trabalhos os nobres corações" — "Grande consolação é ter companhia nos trabalhos" — "...como aos homens com aflições, trabalhos e doenças" — "...com eficaz motivo para teres paciência com os trabalhos" — "Os trabalhos do parto"), *empresa perigosa*: os trabalhos de Hércules.

Tradições e crenças populares orais ou escritas - Coletivo: *folclore*.

"**Trading**" - Por que não adotarmos *comercializadora* para traduzir "trading company"? Parece-nos de clara inteligência e de fidelidade ao intento declarar: "A *comercializadora* deverá promover o intercâmbio entre os dois países" — "A *Volkswagenwerk* vai instalar uma grande *comercializadora* mundial com sede no Brasil, e aqui criar cinco novas fábricas de produção" — "A Vale do Rio Doce vai constituir ainda este ano uma *comercializadora* para atuar principalmente no Oriente Médio e na África" — "Um modelo brasileiro de *comercializadora* foi exposto ontem a empresários, autoridades governamentais e jornalistas" — "...portaria de concessão de registro especial e de benefícios fiscais das *comercializadoras*".

Se passivamente adotamos com sentido específico uma palavra que na língua a que pertence tem sentido geral, por que não adotamos com sentido específico uma palavra nosa? Por que obrigar-nos a um barbarismo de fácil tradução, forçar-nos a flexioná-lo como se inglês já fosse nossa língua oficial ("as *trading companies*"), compelir-nos a pisotear a um tempo vernáculo e inglês com dizer "a fiscalização das *trading*"? Não satisfeitos com barbarizar o vernáculo, passamos a mutilar desde já a língua importada.

Traduttore, Traditore - Incluimo-nos entre os que dizem ser impossível conhecer com igual domínio dois idiomas, o nativo e o estrangeiro; seja ou não pacífica a afirmação, o certo é que de braços dados com o verosímil anda a levandade, a precipitação, quando não a falta de inteligência, de bom senso.

Temos disso comprovação quando, ao lado de disparates fraseológicos e sintáticos, lemos "focinho" por "rosto" ("o *focinho* da imagem do santo"); "em cima de" por "sobre" ("conferência pronunciada em cima do café"); "sarau" por "reunião", "grupo" ("um *sarau* de vogais") et alia.

Merece propagação um despautério, não há muito publicado, que nos enviou um antigo colecionador de "erros de revisão de jornais". Num artigo, traduzido de notícia londrina intitulada "Exercício afasta a trombose", está esta maravilha: "Os exercícios postoperatórios podem não ser o bastante; o Departamento de Engenharia Biomédica da Escola Médica do King's College Hospital de Londres produziu um dispositivo motorizado para mover os pés com a finalidade de produzir flexões nos músculos de bezeros e que pode ser utilizado durante as operações".

Não pense o leitor que o hospital é veterinário; os "músculos de bezerro" são de gente; não seus nem nossos, mas do tradutor. Ele viu no texto original o plural "caves", e empurrou aos leitores o que sempre pensou ser o único significado da palavra "calf".

Não se dando conta do estontamento causado pela língua estrangeira, poucas linhas depois insiste o graduado em jornalismo: "É possível demonstrar que o fluxo sanguíneo pode ter seu ritmo normal duplicado, estimulando com esse aparelho os músculos do bezerro".

Se o tradutor nunca ouviu falar em *jarrete*, deve pelo menos saber onde fica a vizinha "barriga da perna". Tradutores, redatores e revisores, tende piedade de nós.

Trafaria - V. *Etiópia*.

"**Trailer**", **Atrelado** - É a forma participial uma das fontes de vocábulos: os *salvados* (restos, fragmentos, destroços que escapam duma catástrofe, especialmente de incêndio e de naufrágio), o *assento* (substantivo de muitos significados, constituído do participio irregular de *assentar*).

Não vemos violência nenhuma em adotar *atrelado* em lugar do barbarismo *trailer* quando empregado para designar *carro atrelado*, *casa atrelada*. Quando empregada para indicar passagens de filme, a palavra inglesa será traduzida por *amostra*.

A facilidade da substituição do estrangeirismo leva-nos no primeiro caso a evitar agravar a levandade com a criação de *tralismo*, que ninguém sabe como ler. *Atrelamento* não viria mal, ou o que já temos, *atrelagem*, que além de "maneira de atrelar animais" indica também "dispositivo para atrelar a locomotiva aos vagões, e estes, uns aos outros". Teremos, dessa forma: "Dentro do *atrelado* viajava a família com todo o conforto" — "Desenvolvimento do *atrelamento* cria roteiros que podem ser percorridos em todos os continentes".

Trama - Fazem do consulente juguete os dicionários. O vocabulário oficial de Portugal diz ser a palavra substantivo feminino e masculino na acepção de fio e na de intriga; diz ser feminino na acepção de doença. O Melhoramentos diz ser substantivo feminino com a significação de fio, masculino e feminino com a de intriga, masculino com a de doença. Abrimos o *Aulete* e discrepância encontramos dos dois.

Não se surpreenda agora o leitor quando afirmamos que *trama* é masculino somente quando aporuguesamento de "tramway" (aporuguesamento que só é visto em dicionários; *trâmuei* — plural *trâmueis* — é roupa que assenta bem ao vocábulo estrangeiro). Nos demais sentidos não constituirá ofensa a nenhum clássico nem a nenhum etimologista dizer que podemos dar-lhe o gênero feminino: "Nestas *negras tramas* tenho-te servido lealmente" (Herculano) — "No urdume a *trama* às cegas se entretece" (Castilho).

Tramontana, Tramontar, Trasmontar, Transmontar - *Tramontana* tem em italiano, donde nos veio a palavra, relação com *norte* (vento do norte, estrela polar), donde a significação de "perder a *tramontana*" (*perdere la tramontana*) de "perder o rumo", "perder a cabeça".

Tramontar, também provindo do italiano e igualmente existente entre nós, emprega-se como verbo e como substantivo para indicar ação ou ato de pôr-se (o sol) além dos montes.

Paralelamente ao verbo *tramontar* temos as formas *trasmontar* e *transmontar*, que ora têm a mesma significação da forma sem s ("Na direção do sol quando *trasmonta*"), ora a translata de "passar por cima" ("Trasmontou as muralhas da fortaleza"), "exceder", "ser superior a" ("Este tipo *trasmonta* o anterior").

Trampolineiro - De *trampa*, palavra que por ter adquirido acepção pejorativa foi substituída por *chicana*, *rabulice*, temos hoje *trampolinagem* (ação, proceder de velhaco), *trampolnice*, *trampolinar*, *trampolineiro*, *trampolinista*.

Trâmuei - A palavra originária tem certas distinções de significação, mas entre nós em outros tempos se fixou, em virtude de companhias inglesas, com o sentido ora de *trem*, ora de *bonde*, ora de *via férrea*. Ainda que transliterada em *trâmuei*, é hoje de desuso quase completo.

Trancafiar, Trincafiar - De *travanca*, a contração *tranca*; de *tranca*, por influência de *trincafiar*, o verbo *trancafiar*. Só popularmente *trincafiar* é usado por *trancafiar*. *Trancafiar* é, com acerto, "prender com *trincafi*" (linha de sapateiro; cabo delgado para amarrar; manha, astúcia; estopa que se enrola nas roscas de parafuso para apertar bem as respectivas porcas). *Trancafiar* é que é o nosso *encarcerar*: *Trancafiaram* o gatuno.

Trans... - Prefixo que se junta sem hífen: *transamazônico*, *transreceptor*.

Essa forma, fiel à do prefixo latino, que indica posteridade local, perdura e entra em muitos compostos, mas aparece por processo popular modificada em *tras*, *tra*, *tres*: *trasladar* (ao lado de *transladar*), *trasanteontem* (pop. *tresanteonte*), *traduzir* (passar de uma língua para outra; é infundado diferenciar *traduzir* de *verter*), *travessa* (é a rua *transversa*, que corta), *tresmalhar*, *trespasse*, *tresnoite*: Por falta de en-

no, nossa língua se *transforma*; por falta de estudo, ela *trêsanda*.

Quanto à pronúncia do *s* veja o verbete seguinte.

Transação, Transubstanciação - Não há incongruência nenhuma no fato de o *s*, não obstante vir antecedido de consoante em ambas as palavras, ter o som de *z* em *transação* e o som forte, de dois *ss*, em *transubstanciação*. Os casos são diferentes.

Tratando-se de prefixo terminado em *s*, este terá som de *z* quando se lhe seguir vogal, mas valerá dois *ss*, isto é, terá som forte, quando o elemento posposto ao prefixo tiver um *s* inicial etimológico. Em *transação* soa *z* porque o segundo elemento começa por vogal (*ação*); em *transubstanciação* soa de maneira forte porque dois *ss* existem etimologicamente (*trans-substanciação*), ou seja, porque o segundo tem um *s* inicial, *s* este que desapareceu diante do já existente no prefixo.

Outros exemplos do primeiro caso: *transigir*, *transatlântico*, *transumar* (lat. *trans-humare*), *transe* (de *transir*). Do segundo: *transudar*, *transumir*.

Transgredir - Segue a conjugação de *prevenir* (§ 466, 3º grupo, nota).

Transistor - Com o acento tônico no *tor*: tran-ziz-tór. Tempos atrás tivemos uma companhia de transporte aéreo chamada *Condor*; por ter tido proveniência estrangeira, estivemos simiescamente a pronunciar *côndor*, com desprezo, com esquecimento completo do nosso *condór*.

Não vamos diminuir o maravilhoso invento (televisões existem que num dispositivo de seis polegadas quadradas têm trinta e seis mil componentes eletrônicos entre *transistôres*, *capacitôres* e *resistôres*) com a aceitação da prosódia que nos é estranha. A velocidade e a extensão dos meios de informação não deram tempo para *transistentes*, *capacitantes*, *resistentes*. Fiquemos com a forma original dessas maravilhas, mas demo-lhes o nosso acento tônico (o gráfico aí pusemos para evidenciar a tonicidade), no singular e no plural *transistôres*, *capacitôres*, *resistôres*; *computadores*, *transmissores*, *receptores*, *interruptores* sentir-se-ão bem acompanhados.

Transmontar - V. *trasmontar*.

Transval - Aportuguesamento, já consignado em vocabulários, do nome da provincia africana. *Transvaliano* é o adjetivo pátrio correspondente.

Transvestir - V. *aderir*.

Traqueotomia - Sem *s* antes de *lomia*. Em *traqueostenose*, *traqueoscopia*, *traqueosquise* existe *s* após *traqueo* porque o segundo elemento começa em grego com *s*, o que não se dá em *traqueotomia*, onde o "o" que inicia a terceira sílaba é mera vogal de ligação, muito freqüente em compostos de origem grega.

Traquínice de regência - Uma solicitação da Telesp assim termina: "Permanecemos à disposição para eventuais dúvidas em nossas lojas na Avenida Cidade Jardim, 125 ou à Rua Sete de Abril, 309".

Nossa língua torna-se maravilha cada vez mais fascinante: A regência depende do complemento e não da palavra regente; se em avenida a loja, a Telesp atende "na"; se em rua, ela atende "a". Que outras preposições irá a subsidiária da Telebrás empregar para escritórios em largos, em praças? Não sabemos se ao hábito do erto ou à teimosia cabe a explicação dessa incongruente regência. Sem nenhum raciocínio infundado, usemos a preposição em, seja o escritório, a loja, a casa em avenida, em largo, em praça, em beco, em viaduto, em ladeira... em rua.

Trás, Traz - Com *s* é preposição ou advérbio; com *z* é verbo. Em compostos e derivados, entra a forma com *s* (*trasvasar*, *traseiro*), que pode ainda ser usada como interjeição, por ser então voz onomatopaica, indicativa de choque ou pancada: "Trás! deu-lhe com a porta na cara". *Zás-trás* é forma onomatopaica composta.

Trasantontem - É o dia "além de anteontem", ou seja, o dia anterior ao de anteontem. É palavra legitimamente formada, encontrada em qualquer dicionário; é de menos uso a variante *tresantontem*.

Trasmontar - V. *trasmontar*.

Traste - Formas aumentativas: *trastalhão*, *trastejão*. Ambas têm o sentido extensivo de *grande malandro*, *grande velhaco*.

Tratamento - A falta cada vez maior de sinceridade entre os homens torna cada vez mais complicadas as fórmulas de tratamento; tal é o hodierno artificialismo de nosso trato recíproco que precisamos de uma lista que nos discrimine os muitos tipos de gente, lista bem avantajada em português. O *tu* dos latinos, que se prestava para o imperador e para o mesmo Deus, tanto se transformou que de sua real função quase já nos esquecemos; o próprio "vossa excelência" parece estar-se transformando, pelo menos nas câmaras legislativas, em tratamento de xingação. O dignificante "senhor" com que tratávamos nossos imperadores e tão do agrado do inglês está em português sendo alijado até do trato evangélico de Cristo; Jesus passa na Igreja a ser avacalhadamente "você", e "vocês" são os fiéis, isso até o dia em que fiéis e Senhor sejam tratados por... "cavalheiros".

Indício de ternura o *voce*? Pode ser, e o mais das vezes é; mas somente disso? Não está ao *voce* ligada a familiaridade? Podia prestar-se para toda e qualquer circunstância, como todo o inglês é "you", todo o francês é "vous", todo o espanhol é "usted", todo o italiano é "lei", todo o alemão é "sie", mas em português — a menos que algum decreto estabeleça diferentemente, como em outros idiomas aconteceu — nem toda a criatura é "tu", nem toda é "voce", nem toda é "senhor". Este último tratamento muitas mulheres até existem hoje que o não toleram quando solteiras, esquecidas da "Senhora Mãe de Deus".

Máscaras ou não, algumas fórmulas de tratamento aqui estão, das quais não temos ainda força para fugir. O cargo, ou posição, que a pessoa desfruta vem seguido da correspondente fórmula de tratamento e, após um travessão, da invocação (maneira de encabeçar a correspondência ou de sobrescritar o envoltório).

Abade: Paternidade — Revmo. Dom (Padre).

Abadessa: Caridade — Revma. Madre.

Almirante: Excelência — Exmo. Almirante.

Arcebispo: Excelência Reverendíssima — Exmo. e Revmo. Dom.

Arquiduque: Alteza — A Sua Alteza Arquiduque.

Bispo: Excelência Reverendíssima — Exmo. e Revmo. Dom.

Brigadeiro: Excelência — Exmo. Sr. Brigadeiro.

Cardeal: Eminência Reverendíssima (Eminência — Exmo. e Revmo. Cardeal Dom.

Cônego: Reverendíssima — Revmo. Sr. Côn.

Cônsul: Senhoria — Ilmo. Sr. Cônsul.

Coronel: Senhoria — Ilmo. Sr. Cel.

Deputado: Excelência — Exmo. Sr. Deputado.

Duque: Alteza (Sereníssimo Senhor) — A Sua Alteza Duque.

Embaixador: Excelência — Exmo. Sr.

Frade: Reverendíssima — Revmo. Sr. Fr. (V. verbete *frade*).

Freira: Reverendíssima — Revma. Ir.

General: Excelência — Exmo. Sr. General.

Governador de estado: Excelência — Exmo. Sr. Governador.

Imperador: Majestade (Senhor) — A Sua Majestade Imperador.

Irma: (Madre, Sórora): Reverendíssima — Revma. Ir. (Madre, Sórora).

Juiz: Excelência (Meritíssimo Juiz) — Exmo. Sr. Dr.

Major: Senhoria — Ilmo. Sr. Major.

Marechal: Excelência — Exmo. Sr. Marechal.

Ministro: Excelência — Exmo. Sr. Ministro.

Monsenhor: Reverendíssima — Revmo. Sr. Mons.

Padre: Reverendíssima — Revmo. Sr. Padre.

Papa: Santidade (Santíssimo Padre). Beatitude — A Sua Santidade Papa.

Patriarca: Excelência Reverendíssima. Beatitude — Exmo. e Revmo. Dom (Ao Beatíssimo Padre).

Prefeito: Excelência — Exmo. Sr. Prefeito.

Presidente de estado: Excelência — Exmo. Sr. Presidente.

Príncipe, princesa: Alteza (Sereníssimo Senhor, Sereníssima Senhora) — A Sua Alteza Príncipe (Princesa).

Prior — V. abade.

Rei, rainha: Majestade (Senhor, Senhora) — A Sua Majestade Rei (Rainha).

Reitor (de universidade): Magnificência (Magnífico Reitor) — Exmo. Sr.

Reitor (de seminário): Reverendíssimo — Revmo. Sr. Pe.

Secretário de estado: Excelência — Exmo. Sr.

Senador: Excelência — Exmo. Sr.

Superior religioso — V. abade.

Tenente-coronel: Senhoria — Ilmo. Sr. Ten.-cel.

Vereador: Excelência — Exmo. Sr. Vereador.

Visitador de ordem religiosa — V. abade.

Demais autoridades, oficiais e particulares: Senhoria — Ilmo. Sr.

Observemos o seguinte: 1. As fórmulas de tratamento funcionam como pronomes de tratamento quando antecedidas de *sua* ou *vossa*:

Sua emprega-se quando nos referimos à pessoa: "Vi *sua* santidade o Papa Paulo VI quando estive em Roma";

Vossa emprega-se quando nos dirigimos à pessoa: "Acabo de receber o diploma que *vossa* Santidade se dignou enviar-me".

Em ambos os casos a fórmula é sempre da terceira pessoa: verbos e pronomes a ela referentes devem na terceira pessoa ser flexionados.

2. É de regra, em discurso, em cartas ou em escritos de qualquer natureza, a *uniformidade de tratamento*, isto é, do pronome escolhido para a pessoa a que nos dirigimos. Se tratamos o interlocutor por *vós*, os pronomes oblíquos são os que correspondem a essa pessoa, e o mesmo se deve dizer dos pronomes possessivos. Se o tratarmos por *tu*, usaremos os oblíquos *te, ti, contigo* e os possessivos *teu, tua, teus, tuas* (jamais *seu, sua*). Se o tratarmos por *vossa senhoria, senhor, você*, diremos *o, lhe, seu, sua, seus, suas*, não nos deixando iludir pelo *vosso* que aparece em "*vossa senhoria*", "*vossa excelência*"; estes tratamentos, como ainda *vossa majestade, vossa alteza*, são todos da terceira pessoa gramatical.

3. Como fórmula de tratamento, *senhor* é da terceira pessoa: *O senhor é bondoso* — *A senhora está cansada*. Como vocativo, pode ser usado com outras pessoas: *Se queres, Senhor, podes curar-me* — *Apiedai-vos, Senhor, de nossa fraqueza* — Não posso, caros senhores, dizer-vos...

4. Não confundamos *invocação* com *tratamento*. Se no cabeçalho de uma correspondência pusermos *Ilustríssimo Senhor Professor, ou Senhor Diretor*, ou simplesmente *Senhor*, podemos no corpo do escrito tratá-lo por *vós*; o que não se pode é no próprio corpo de uma correspondência redigir, por exemplo, *vossa senhoria* e tratar o destinatário por *vós*.

5. Tratando-se de cargos transitórios e de algumas dignidades hierárquicas pode-se no envelope, debaixo do nome do ocupante do cargo, pôr *DD.*, abreviatura de *digníssimo*: *DD. Reitor da Universidade* — *DD. Embaixador Brasileiro* — *DD. Juiz de Direito*.

6. No envelope, a última parte da invocação pode vir na segunda linha, antes do nome do destinatário. Por conveniência de alfabetização ou por necessidade mecânica, essa última parte (Dr., Pe., Ir. ...) pode ou vir terminando a primeira linha ou na segunda linha após o nome.

7. Os pronomes são suscetíveis de plural: *vossas majestades, vossas senhorias*. Observe-se que o plural *voçês* (este tratamento não tem o mesmo uso em Portugal) costumam no Brasil pronunciar *voçês*, antepondo um *i* ao *s*, procedimento que devemos evitar e condenar.

8. Como pronome, deve-se escrever *a gente* com os elementos separados: "*A gente não faz isso por gosto*". Com os elementos ligados, o sentido torna-se outro — *operante, comissário, emissário: agente químico, agente policial, agente diplomático*.

9. É gramaticalmente infundado o procedimento dos que obrigam a que se diga sempre "de V. Revma.", "a V. Revma.", repetindo-se enfadonhamente o "V. Revma.". Esse e todos os demais tratamentos de cortesia podem aparecer na forma oblíqua. Em português muito bom e menos monótono podemos, sem temor de erro, dizer: "Formulamos-*lhe*", "pedimos-*lhe*", "vemos na *sua* pessoa", em vez de: "formulamos a V. Revma.", "pedimos a V. Revma.", "na pessoa de V. Revma."

10. Na correspondência pública costuma-se usar *V. Sa.* para pessoa de categoria igual ou inferior, e *V. Exa.* para pessoa de categoria superior. Na comum, porém, *V. Sa.* emprega-se para pessoa de relações não íntimas, mormente se meramente comerciais, e *V. Exa.* para pessoa de posição política elevada, tratamento este regimentalmente usado no Brasil, também na linguagem falada, entre pares de uma câmara.

11. Nenhuma necessidade existe nem de ponto nem de vírgula nem de dois pontos após a invocação.

Tratante - Aumentativo: *tratlantório*.

Tratar - Constitui a regência dos verbos processo sintático que obedece mais ao uso do que a comportamento fixo e inflexível. Dantes transitivos diretos, muitos verbos há que hoje só se empregam com regime indireto: "Não pude deixar de *a* obedecer" (Vieira) — "Mais os agradava a inocência" (Lucrecia) — "Outros que *o* sucederam" (Barros) — "Boa vontade tinha de *a* comprazer" (Leão, apud C. Ribeiro) — regências essas por ninguém usadas hoje.

Outros tantos verbos existem sempre transitivos diretos, que em épocas remotas traziam objeto indireto: "Matam em eles mui sem piedade" (Azurara) — "Para ter em que morde" (Vieira).

Dos transitivos indiretos, há por sua vez os que eram pelos clássicos usados com preposição inusitada hoje por nós: "E não tratava nos negócios da outra gente" (Frei Tomé, Trabalhos, I, 362). A preposição que hoje se usa com o verbo *tratar* é de: *Tratarei disso* mais tarde — Este livro trata do Brasil — mas, ainda com a significação de "discorrer acerca de" — é também transitivo direto: "Este objeto é imenso; e, se a tratá-lo dou todas as largas que sua vastidão está pedindo, nem tempo nem espaço me sobrá para tantos outros que o estão reclamando" (Garrett).

"**Travesti**", **travestido**, **travestimento** - "Travesti" é forma participial de verbo francês que se traduz por *disfarçar, dissimular, mascarar*; corresponde em português a *travestido*. Não vemos nos dicionários nossos o verbo *travestir*, mas isso não nos impede o uso de *travestido* para indicar o homem que usa traje de pessoa de outro sexo ou de outra situação. *Travestido* facilita-nos feminino e plural nossos: *travestida, travestidos, travestidas*. Se necessitarmos do nome para indicar "disfarçar" ou "ato de travestir-se", *travestimento* é forma correta: Nem o policial percebeu o *travestimento* do malandro — O *travestimento* era perfeito.

Tais formas é que devem figurar num dicionário, e não as francesas *travesti, travestie, travestissement*.

Traz, trás - Com *z*, é do verbo *trazer*; com *s*, é preposição: *uns trás* outros — e entra em locuções e em compostos: *por trás, detrás, atrás*.

Quando verbo, pode ser forma do indicativo presente (ele *traz*) ou variante de 2ª pess. do imperativo, pois os verbos terminados em *zer* ou *zir*, com vogal antes do *z*, podem perder o *e* final dessa forma verbal: *dir, faz, reduz, conduz, traz*.

Dessa duplicidade de formas para a 2ª pess. do sing. do imperativo positivo decorre este procedimento: Se pospusermos o oblíquo *o* às formas com *e* final teremos: *dize-o, faze-o, conduze-o, traze-o*; se o pospusermos às segundas formas — que imitam o latim — teremos: *di-lo, fá-lo, condu-lo, trá-lo*. O mesmo se dará com os compostos.

Cuidado exige o verbo *trazer* quando se coloca um oblíquo no meio do futuro do presente ou do pretérito; se a forma é *trarei*, a mesóclise oferece-nos *trar-lhe-ei*, e nunca *trazer-lhe-ei*, erro que escapa às vezes até de pessoas de anel

de grau. E assim: *trá-lo-á, trav-me-ia, trar-vos-emos.*

Trecentésimo - O *s* deve ser lido como *z*. V. *tricentésimo*.

Trecho literário - Coletivo: *analeto, antologia, cataleto* (quando de autores antigos, principalmente dos clássicos gregos e latinos; antologia clássica), *compilação, florilégio, seleta, silva*.

"Três" - É tolice que anda de mãos dadas com *hum mil* e com *déis*. Querem que se evitem alterações no preenchimento de cheques? Ensinem os bancários o cliente a preenchê-los sem deixar entre as palavras impressas "quantia de" e o numeral que expressa a quantia de cruzeiros espaço que comporte acréscimo de letra, e não, ao arrepio a um tempo da lei dos cheques e das do idioma, a introduzir palavra ou letras inteiramente dispensáveis quando não ridículas. Talvez decorra do próprio comportamento ou comece em casa o hábito de desconfiar dos outros.

Trem - Enquanto entre nós é mais usada com o sentido de comboio de via férrea e, depois, com o de bateria de cozinha, em Portugal a palavra *trem* é carruagem, bagagem e comitiva que acompanha alguém em viagem. Lá e cá outros sentidos tem ainda a palavra (móvel, vestuário) e regionalmente é usada no Brasil (em Minas e em parte de São Paulo) com o de objetos, coisas, e na Amazônia com o de comboio de embarcações atreladas e puxadas por bote. Entra na expressão *trem de aterragem* e não deve entrar no galicismo *trem de vida*, para indicar *padrão de vida*, modo de alguém ou de uma família viver, sobretudo em relação com o nível econômico.

Trema - Prevalece ainda o trema no "u" sempre que pronunciado depois de *g* ou *q* seguido de "e" ou "i": *agüentar, argüição, eloqüente, tranqüilo, cinqüenta*... — É o que está na 12ª regra de "Acentuação Gráfica" do Formulário Ortográfico de 1943. Traz essa regra duas observações: uma, também em vigor ainda, que diz: "Não se põe acento agudo na sílaba tônica das formas verbais terminadas em *que, quem: apropinqüie, delinqüem*...; outra, que perdeu vigência durante a sobremesa de um repasto acadêmico no dia 18 de dezembro de 1971; convivas lusitanos e brasileiros concordaram em aliviar-nos da licitude de tremar uma vogal "para indicar que seu encontro com outra não formasse ditongo, mas hiato: *saudade, vaidade*." Essas duas palavras — dadas oficialmente como exemplos no FO de 1943 — já não se apresentavam enfeitadas no Brasil; foi uma concessão dada de barato pelos portugueses para que se pudesse falar em realização de um "acordo", e não de um simples banquete em nossa nova capital.

Somente esse trema — que não possuíamos no Brasil, repletos — foi abolido pelo decretinho de 1971, que traz: "Fica abolido o trema nos hiatos átonos"; exclusivamente nesse caso opcional foi o trema abolido; sua presença continua imperativa quando enquadrado no caput da 12ª regra ou na 1ª observação: *cinqüenta, quêrlico, delinqüem, agüentar, averigüei*. Observe-se que em palavras como *argüição* não existe hiato átono, mas digrafo seguido de vogal.

Averigüemos as leis e agüentemos as conseqüências.

Resumindo:

A — USA-SE o trema:

1. sobre o *u* quando, pronunciado, é antecedido de *g* ou *q* e seguido de *e* ou *i*: *agüentar, argüição, eloqüente, tranqüilo, averigüei, averigüemos, averigüês* (Formulário Ortográfico, 43, 12);
2. no *u* das formas verbais terminadas em *que: apropinqüie, delinqüem* (FO, 43, 12ª obs. 1).

B — NÃO SE USA o trema:

1. no *u* tônico das formas verbais terminadas em *que*; usa-se, em tal caso, o acento agudo: *averigüe, averigüês, averigüe, averigüem* (43, 5ª);

2. em encontros de vogais que não formam ditongo: *sau-de, vaidade, cobrir, destruição, reunir* (decreto 5765 de 18/12/1971).

C - ARTIMANHA: O Formulário Ortográfico tem dois dispositivos de fazer queimar as pestanas:

5ª regra: Assinala-se com o acento agudo o *u* tônico precedido de *g* ou *q* e seguido de *e* ou *i*:... *obliquê, obliquês*;

1ª obs. da 12ª regra: Não se põe acento agudo na sílaba tônica das formas verbais terminadas em *que: apropinqüie, delinqüem*.

Regras diferentes para a mesma terminação e tonicidade? Note o leitor que a quinta regra fala em "u tônico", e a observação da 12ª em "sílabas tônicas"; aí está o busilis; o relator sugere que um verbo terminado em *que* pode ser conjugado com acento no *u* (que ele chama "u tônico" e exemplifica: *obliquê*) ou com acento noutra vogal anterior (e ele então chama "sílabas tônicas" e exemplifica: *apropinqüê*).

Isto de os verbos em *que* (*averiguar, minguar, apaziguar, desaguar*), em *que* (*obliquar, apropinqüar*), em *que* (*redarguir*) e *que* (*delinqüir*) serem conjugados acentuando-se tonicamente o *u*, ou não se acentuando, é assunto de gramática, e não de ortografia, e do relator do vocabulário oficial o que sabemos de gramático é o ter sido excluído, quatro anos consecutivos, de estabelecimentos de ensino — dois de Curitiba, dois de S. Paulo — por incapacidade didática.

Tremoço - No plural o "o" é aberto.

Trento - Além de *tridentino*, existe *trentino* como adjetivo pátrio.

Treplicar (refutar com tréplica) — Não confundir com *triplicar* (tornar três vezes maior).

Três (coletivos) — Das três peças (garfo, colher e faca) de que cada pessoa se serve quando come: *talher*; de dias: *tríduo*; de meses: *trimestre, quartel* (do ano); de anos: *triênio*, de versos: *terceto*; de vozes: *tercelo, trio*.

Tres- - A) Prefixo que tem as variantes *tre, tris* e *tri*, e pode indicar:

1. reforço de significação: *tresloucado, tresjurar* (que tem a variante *trejurar*: "... repetindo e *trejurando* que era português de lei);

2. triplicação: *trissavô, trifólio, trecentenário* (ou *tricentenário*).

B) Surge por *tras* e por *trans* em várias palavras: *tresbordar, trespassar*.

Três corações - Adjetivo pátrio: *tricordiano*.

Três gêmeos - *Gêmeo* significa "nascido do mesmo parto", e o nome se aplica tanto a dois quanto a mais indivíduos nascidos do mesmo parto. Ao vocábulo *gêmeo* não está limitada a significação de *par*, de *dois*, de *duplo*. São justificáveis, à luz do português e do latim: *trigêmeo, quadrigêmeo, quintigêmeo, sextigêmeo*: "Ele é irmão *trigêmeo*" — "Ela teve *quadrigêmeos*" — "Até o momento só uma *quintigêmea* sobreviveu".

Tresantem - Embora de menos uso que *trasantem*, é forma justificável pela apresentação variada do prefixo *tres*, como *trespassar* por *traspasar* ou *transpassar*.

Tresmalhar - O prefixo latino *trans* vem para o português sob essa forma erudita e ainda sob as variantes *tras, tra, tres: transrever, trasladar, traduzir, trespassar*.

Como seixos que rolam em correteza, perdem a forma original, e inútil será querer modificá-la; *tresmalhar* é a forma a que chegou o derivado: "Tresmalhar-se os touros" — "Tresmalhando-se os soldados" — "O pastor tresmalhou o gado".

Triade - V. *mónade*.

Triagem - É francesismo inútil; em português é *seleção, escolha, distribuição, separação* dos remédios, a *distribuição* das cartas, a *separação* dos alunos, o pátio de *manobras*, centro de *separação*.

E assim, em vez de "fazer a triagem", *selecionar, escolher, distribuir, separar, marcar, determinar, lotar* (dividir em lotes de acordo com o tamanho, peso): "Está na hora de *separar* os pintos" — "Devemos *selecionar* as plantas" — "Precisamos *marcar* as árvores para o corte".

Por que castigar o leitor com esse sovado "fazer a triagem" ou ainda com "triar" quando nem ao menos a idéia de *três* cabe ao caso?

Tribunal de Justiça - V. *artigo*.

Tribuna - *Tribuna* é o feminino desse substantivo: "Além de grande médica, ela é brilhante *tribuna* que pugna pelas regalias da classe".

Tricentésimo - É forma paralela de *trecentésimo*, justificável (V. *tres*) e consignada no Laudelino e no Cândido de Figueiredo.

Tricô, tricotar (tricotear), tricotagem - São palavras já do nosso vocabulário. A existência da variante em *ear* não constitui caso esporádico: *folhar, folhear; chicotar, chicotear; sonetar, sonetear*.

Triemimere - Quando substantivo é feminino; quanto à forma veja-se *diabete*.

Triere - O gênero é feminino; quanto à forma veja-se *diabete*.

Trigamia - Diz-se trigamia, para indicar casamento, a um tempo, com três mulheres, e não "bigamia com três mulheres". *Bigamia* tem o sentido restrito de "casamento com duas mulheres", e não, simplesmente, de *casamento*; o elemento grego *gamo* é que significa casamento: *bigamo, trigamo, unigamo, poligamo*, palavras que, acrescidas de *ia*, dão-nos os derivados *bigamia, trigamia, unigamia, poligamia*.

Trigêmeo - V. *três gêmeos*.

Trigo - Coletivo: *meda (è), feixe*.

Trimensal, trimestral - V. *mensal*.

Trimestralidade - "A sócio com a *trimestralidade* em dia e maior de vinte e um anos será facultado..." — É vocábulo já registrado nos dicionários; significa "prestação trimestral", além de "qualidade de trimestral".

Trineto, trisneto - No verbete *tres* ficaram indicadas as variantes desse prefixo: *tre, tris, tri*. O terceiro neto, ou seja, o filho do bisneto ou da bisneta é *trineto*; com igual acerto diz-se *trisneto*, como *trisavô* se diz o terceiro avô, isto é, o pai do bisavô ou da bisavó.

Triolé - Forma aporuguesada de *triolet*, nome que os franceses dão à oitava constituída de três versos iguais (1º, 4º e 7º) — donde o nome da composição — e de mais outros dois também iguais (2º e 8º); o 5º e o 6º não aparecem repetidos, e os dois primeiros versos finalizam a estrofe, constituída assim de três partes: a primeira de três versos entre si diferentes, a segunda de outros três diferentes entre si (o primeiro é o mesmo primeiro da primeira parte), a terceira da repetição dos dois primeiros. O nome francês foi tirado da forma italiana *trio*, com "o" antes da terminação por influência do "o" de *duo*.

As rimas têm o esquema *abaabab*:

Eu conheço a mais bela flor,
És tu, rosa da mocidade,
Nascida, aberta para o amor.
Eu conheço a mais bela flor:
Tem do céu a serena cor,
E o perfume da virgindade.
Eu conheço a mais bela flor,
És tu, rosa da mocidade.

(Machado de Assis)

Ao contrário de cansaco, a repetição dos versos traz encanto desde que a idéia neles contida seja agradável e os estímulos não se apresentem forçados.

Tripanossoma - A terminação *a* do composto tem sua justificação; se de *prótos* mais *plasma* o latim fez *protoplasma* — e assim dizemos em português — por que de *trípanon* mais *soma* não podemos ter *trípanossoma*? O composto resultante é substantivo em ambos os casos, e o primeiro elemento de ambos é adjetivo, que se faz acompanhar de substantivo. A terminação "o" teria explicação se o composto resultante fosse adjetivo, ou adjetivo substantivado, como *polícromo, ancilóstomo, monotremo*.

Com dois *ss* deve a palavra ser escrita, conforme explicação deixada no verbete *ss*.

Tripode - V. *ápode*.

Tripulante - Coletivo (de navio): *tripulação, equipagem, marinha-gem, maruja*. De avião: *tripulação*.

Trólebus - Acha-se já consagrada pelo uso e consignada em dicionários (incluindo-se o *Aulete*, em várias edições) a forma *trólebus* para designar o ônibus elétrico, proveniente do inglês, que acrescentou a última sílaba de *omnibus* ao nome *trolley*, pois o carro elétrico, de transporte coletivo, que roda sobre pneus, tem o desvio limitado pelo comprimento das duas alavancas que tocam os condutores elétricos por intermédio de *trolley*, ou seja, de roldana. A própria palavra

inglesa *trolley* já nos deu *trole*: Os bondes alfacinhas, com o *trole* a charriscar lume no cabo de alta tensão.

Trombeta - Barulho: *atroar, clangor, clangorar, clangorejar, estrugir, trombetaear*.

Tropo (ô) - Do latim *tropum* (volta), e este do grego *tropèō* (gitar), é o emprego de palavra em sentido diferente daquele que propriamente lhe corresponde, mas tem com este qualquer relação de semelhança, de compreensão, de contrariedade ou de conexão. Os tropos são, pois, semânticos e se distinguem por certas causas ou processos de modificação de sentido; entre eles — já vistos no verbete *semântica* (QVs-351) — temos a *sinédoque*, a *metonímia*, a *metáfora*, o *eufemismo*, a *hipérbole*, a *prosopopéia*, a *perífrase*.

Trovão - Barulho: *atronar, estouro, estourar, estrugir, ronco, rancrar, troar, trovejar*.

Trovejar - Lembremo-nos de que os verbos terminados em *ejar*, com a única exceção de *invejar*, têm o "e" fechado nas formas rizotônicas; em português limpo do contato da ignorância diz-se "vicéja", "alvéja"; e assim: "Em vão *trovéja* horripsona tormenta" — "Fuzila a espada e *trovéja* a vitória" — "E contra os que assim não são pouco nos magoa que a filosofia *trovéje*".

"**Trupe**" - Galicismo já extirpado no Brasil; são seus substitutos: *companhia*, quando referente a teatro; *grupo, conjunto, elenco*, quando a artistas; *bando*, quando em outras acepções.

"**Tsar**" - V. *sar*.

Tu quoque, brute, fili mi! Exclamação de César (Tu, também Bruto, meu filho!) ao ver no grupo dos seus assassinos Bruto, que era considerado filho seu.

Tubulão - É forma aumentativa de tubo. Adquiriu significação própria (como *portão, florão, cascão, caixão*), mas os dicionários ainda não consignam a palavra: tubo de grande diâmetro usado em construção ou em encanamento de porte.

Tucano - Voz: *chalar*.

Tudo - Em orações como: "As apostasias dos judeus, as blasfêmias dos pagãos, as orgias romanas, *tudo* se levantou contra ele" — considera-se sujeito da oração o indefinido *tudo*, que em si resume o sujeito ou sujeitos do verbo; é pronome neutro, singular e invariável.

Não somete com esse pronome indefinido se opera semelhante concordância verbal. Quando a enumeração dos diversos sujeitos da oração culmina por *nada, cada um, ninguém, nenhum, cada qual*, o verbo passa a concordar com esses indefinidos, todos eles de número singular: "Diversões, livros, mulheres, *nada* fazia vacilar sua vocação" — "Soldados, amigos, parentes e vizinhos, *ninguém* conseguiu impedir a horripilante cena".

Tudo o mais - "Tudo o mais", e não "todo o mais". A palavra *mais* é aí do gênero neutro; também neutra deve ser a forma do indefinido.

Tudo o que - A incúria que de um lado vemos do estudo dos fatos do idioma é de outro agravada pela leviandade de doutrina sobre certos assuntos de nossa gramática. Já não nos lembra o livro em que vimos taxativamente expresso: Não se deve dizer *tudo o que*, mas *tudo que*, por ser impossível o emprego conjunto de dois pronomes.

Além de nada explanar do caso particular, essa regra é gratuita e, para condenar a expressão, inteiramente destituída de aplicação. Ao contrário de fazer gracolas em matéria gramatical, deveriam esses chocarreiros estudar um pouco mais de gramática, em suprimento do acanhado poder de raciocínio.

Tudo possui a forma neutra *tudo*, a qual funciona ou como pronome substantivo (*Quero tudo* — *Vi tudo*), ou como pronome adjetivo, quando modifica outra forma neutra: *tudo* isso, *tudo* aquilo (*Farei tudo* isto — *Vi tudo* aquilo — *Quero tudo* isso).

Assentemos então, desde logo, que nas orações *quero tudo* isso, *vi tudo* aquilo, *farei tudo* isto — a palavra *tudo* tem função adjetiva. O erro parte de não saberem esses truões — no plural porque mais de um existe — nem ao menos analisar

morfologicamente os termos de uma oração. Nessas orações, *isso*, *aquilo*, *isto* são pronomes demonstrativos, e *tudo*, em todas elas, é indefinido, com função adjetiva, a concordar em gênero (neutro) com os demonstrativos.

Acrescentando a essas orações uma subordinada adjetiva, teremos, para dar um só exemplo: *Vi tudo aquilo que você fez*. Sabemos, no entanto, que a forma *articular o* funciona também como demonstrativo neutro; exemplos: Não sei *o* que queres (= não sei aquilo que queres), Não *o* fiz por gosto (= não fiz *isso* por gosto). Troquemos, no exemplo mais acima dado, *aquilo* por *o*, e teremos destruída a afirmação de invencioneiros de regras: *Vi tudo o que você fez*. Nesse período, *o* é pronome demonstrativo neutro, objeto direto de *vi*; *tudo* é pronome adjetivo neutro, que modifica *o*, *que* é pronome relativo, objeto direto de *fez*, e tem por antecedente *o* da oração anterior.

Tui - Adjetivos pátrios: *tudense*, *tudino*.

Tumultuoso - V. *insultuoso*.

Tunes - Adjetivo pátrio: *tunesino*. (*Tunis* e *tunisino* cederam lugar às formas com *e*.)

Tupá - V. *tamoio*.

Tupi, **tupinimó** - V. *tamoio*.

Tupicolor - V. *bicolor*.

Turbojumbo - Plural: *turbojumbos*, como *turborreatores*, *turbo-máquinas*, numa só palavra.

Turfe - Sempre que possível, impõe-se o aporuguesamento de palavras estrangeiras: *turfe*, *clube*, *surfe*.

Turista - Coletivo: *caravana*.

Tussifugo - *Tussifugo*, *tussígeno*, *tussiparo*, *tussícula* são formas eruditas cujo primeiro elemento conserva o *u* latino.

Tutear - De *tu*, forma nominativa, mais *te*, forma acusativa, tem o verbo *tutear* a significação de "tratar por tu" e se constrói: 1. com objeto direto — O latim *tuteia* o próprio Deus — Os portugueses *tuteiam-se*. 2. pronominalmente com a preposição *com* — O par *tuteava-se* com o rei.

Derivados: *tuteamento* (ou *tuteio*), ação de *tutear*; *tuteador*, que trata por tu.

Tutti quanti - Empregada muitas vezes com sentido irônico, a expressão italiana segue-se a uma enumeração para indicar "todos os mais", "todos os outros": Foram presos os frequentadores da casa, os proprietários e *tutti quanti*.

U

U, O - V. Manuel; V. *tábua*; V. *tossir*.

U rejeitado - Parece-nos não haver, nem da oficial nem da imprensa privada, nenhum esforço para acabar com a estranha grafia de *q* isolado, sem o seu companheiro de sempre, o *u*.

Para corresponder ao *koppa* dórico (que por sua vez correspondia ao *koph* fenício), o latim introduziu no alfabeto o *q*, mas sempre o fez acompanhar de *u*.

De uns tempos para cá, com as lutas do Oriente Médio e com as desavenças do mercado petrolífero, nomes e mais nomes, quase sempre próprios, têm-nos vindo pelas colunas dos jornais, com um descarado *q*, sem nenhum disfarce da origem asiática ou africana.

Por que *Qatar*? Há aí um dente de coelho. A pronúncia correta, de acordo com o local, é *gatar*. Isto nos adianta Sougeil Khauly, funcionário do escritório comercial do país em Nova Iorque: "Pensamos em corrigir a recepcionista, mas isso iria trazer complicações. Se ela viesse a pronunciar a palavra corretamente, iriam todos pensar que ela o estava fazendo de forma errada, e ela teria de perder tempo em explicar o porquê da sua pronúncia errada".

Ora. Se a consoante de tais nomes próprios tem som de *g*, como o de *gato*, por que não escrevermos todos *Gatar*? Por outro lado, se incorremos em erro pronunciando *catár*, por que não fugir de pelo menos mais um erro, o gráfico? A menos que queiramos bater os pés como bebezinhos teimosos, não há fugir: ou compramos *Gatar*, ou vendemos *Catar*. A Enciclopédia Britânica dá-nos umas cem palavras em que ocorre essa discrepância gráfica e a um tempo prosódica. O caso merece, pois, atenção.

U, V - V. Java; V. Manuel.

Úbere - Superlativo sintético: *ubérrimo*.

Ubi bene, ibi patria - "Pátria é o lugar em que vivemos bem, seja ele qual for", já dizia o poeta e filósofo romano Pacúvio: *Pátria est ubicunq̄ue est bene*.

Uirá, uirara - V. *araponga*.

Ulmo - V. *Olmo*.

Ulterior - É sinónimo de *posterior*; indica o que vem depois: para evitar *ulteriores* explicações — ... mas na Índia *ulterior*, depois que Afonso de Albuquerque saiu de Malaca.

Últimato - O aportuguesamento de *ultimatum* já se encontra em dicionários e em outros trabalhos.

Ultra... - Prefixo que exige hífen antes de *vogal, h, r, s*: *ultra-honesto, ultra-rápido, ultra-som, ultra-oceânico*.

Ultravioleta - É adjetivo invariável; deve-se dizer "raios *ultravioleta*", e não "raios *ultravioletas*". Diz-se "raios *infravermelhos*", mas agora *vermelhos*, ainda que usado como substantivo (para indicar a zona de radiações invisíveis situada aquém das radiações vermelhas do espectro solar), tem sempre a forma pluralizada.

Um - "É castica a construção — São Paulo é *uma* cidade limpa?"

— Onomatopaicamente, *um* é a voz do habitante da cidade; sendo em latim *suinum* adjetivo que significa *relativo*

ao porco, a sumização da língua é o ato de em nosso idioma a todo o momento intercalarem, quem por ignorância, quem por influência do francês ou do inglês, o indefinido um.

Nem por viajados, nem por ilustrados em línguas e conhecimentos diversos, podemos sacrificar a nossa língua. Constitui erro em português o abusivo emprego do indefinido *um*, como faz o francês, como faz o inglês; vejamos alguns casos e exemplos oferecidos por Mário Barreto: "Soava na igreja rumor alegre" (e não: "Soava na igreja *um* rumor alegre") — "Falou com tom peremptório" (e não: "Falou com *um* tom peremptório") — "Respondeu com voz lenta e solene" (e não: "Respondeu com *uma* voz lenta e solene").

Sem dúvida, "São Paulo é *uma* cidade limpa" não é frase castica; o *uma* está de mais.

Entre outros casos em que sobeja em português o artigo indefinido, podemos citar os seguintes:

a) Sempre antes do adjetivo *outro* e do advérbio *tão*: "Dobramos outra fila de montanhas" (e não: "Dobramos *uma* outra fila...") — "Estava em *tão* mau estado" (e não: "Estava em *um* *tão* mau estado").

b) Ordinariamente antes dos adjetivos *certo, semelhante, tal*: "Disseram-me certa coisa" (e não "Disseram-me *uma* certa coisa") — "Com certa serenidade" (e não: "Com *uma* certa serenidade") — "É digno de capitanear tal batalhão" (e não: "É digno de capitanear *um* tal batalhão") — "Semelhante trabalho é longo" (e não: "*Um* semelhante trabalho é longo").

c) Com elegância, antes do nome predicativo do verbo *ser*, se tal supressão convém à harmonia: "João é homem de mérito" (e não: "João é *um* homem de mérito") — "Tu és mulher de duas caras" (e não: "Tu és *uma* mulher de duas caras").

Este último é o caso que nos manda dizer: "São Paulo é cidade limpa". (Mesmo sem o *uma* a afirmação do funcionário da prefeitura parece continuar errada.)

Outros exemplos, tirados — e corrigidos — de jornais, isentos da influência suinizante: Cascavel não dispõe de serviço de comunicações — O Presidente nomeia novo ministro — Antes de encarar-las como praga... — Repassadas de certo e justificado ouimismo — Ragone, médico de 55 anos... — Você está dizendo bobagem — Sadat causa polémica nos EUA — O Governo enfrenta grave crise — Capitalismo e democracia sofrem mútua coação — ... a psiquiatria como instrumento político — Turismo estadual ganha novo Conselho — O Ensino inicia nova fase — Lutamos por nova política de industrialização — Empresas de ônibus pedem novo aumento — E o povo tem medo de nova tragédia — ... mas o Brasil não assumiu nova posição — Essas usinas oferecem nova oportunidade aos terroristas — Vai ser estudado novo sistema de policiamento — Qual Midas às avesas — Qual Encélado.

Um dos que - "É um dos melhores contos que se TEM ou TÊM escrito na língua portuguesa?"

Com "um dos que" o verbo vai para o plural ou fica no singular conforme a ação verbal se refere a todos os indivíduos ou a um só: "Osório foi um dos generais brasileiros que mais se distinguiram na guerra do Paraguai" — isto é, Osório foi um general dentre os generais brasileiros que mais se distinguiram.

Neste segundo exemplo a ação verbal atribui-se a um, e não a *guerreiros*: "Napoleão foi um dos guerreiros de fama universal que morreu na ilha de Santa Helena".

Outros exemplos: "O Sena é um dos rios europeus que atravessa Paris" — "O Tietê é um dos rios brasileiros que passa pela cidade de São Paulo" — "Era este Catual um dos que estavam corrompidos pela maometana gente" — "Quem sabe se o meu nome não é um dos que *envergonham* moralmente esta terra?" — "Sou um dos que maior abalo *soferam* com a notícia de tua angústia" — "Foi uma das tuas tragédias que se *representou* ontem" — "Foi um dos meus filhos que *jantou* em vossa casa" — "Foi uma das peças de Plauto que *tiroeram* maior êxito".

Vê-se dos exemplos a existência de casos em que o verbo fica obrigatoriamente no singular, porque o verbo só se refere a um indivíduo ("O rio Tietê é um dos rios da capital paulista que *desagua* no Paraná" — dos rios da capital paulista o Tietê é o único que desagua no Paraná), e a existência de outros casos em que o verbo vai obrigatoriamente para o plural, porque o verbo se refere a todos os indivíduos: "Ele foi um dos que falaram".

Esse é o motivo por que o verbo vai obrigatoriamente para o plural quando ocorre qualquer das palavras *estes, esses, aqueles* antes de nome plural, porque é nítida a participação de todos os indivíduos na ação verbal: "Courtin é um desses homens que não *dormem*" — "Pedro é um daqueles que não *recetam* jamais o perigo".

Dai a resposta da pergunta que iniciou o verbete; julga-se intenção do autor querer dizer que o conto a que ele se refere é um dentre os contos que se escreveram. O antecedente de *que* é, pois, *contos*, plural; para o plural deverá, por conseguinte, ir o verbo: *têm*.

Um e meio litro - Dizemos "dois litros e meio" ou, por hipérbato, "dois e meio litros"; o plural é imposto pelo *dois*. Tratando-se da expressão "um litro e meio" que também pode ser "um e meio litro", o substantivo não pode ir para o plural, porque há aí, como no caso anterior, simples hipérbato.

Outro exemplo: "Um milhão e meio de cruzeiros" — "Um e meio milhão de cruzeiros". Alterando-se a ordem não se vai alterar a concordância.

Se a quantidade for expressa numericamente — 1/2 ou 1,5 — a norma continuará inalterada: 1 1/2 quilômetro, 1,5 quilômetro (= um quilômetro e quinhentos metros), 1 1/2 milhão de cruzeiros, 1,5 milhão de cruzeiros (= um milhão e quinhentos mil cruzeiros) — 2 1/2 quilômetros, 2,5 quilômetros (= dois quilômetros e quinhentos metros), 2 1/2 milhões de cruzeiros, 2,5 milhões de cruzeiros (= dois milhões e quinhentos mil cruzeiros). A expressão decimal é a preferida, pelo menos pela imprensa.

E assim: Foram emitidos 1,9 bilhão de cruzeiros — Deficit de 10,6 bilhões de dólares — expressões numéricas que exigem cuidado de leitura: um bilhão e novecentos milhões de cruzeiros, dez bilhões e seiscentos milhões de dólares.

Um e outro caso - Fica no singular o substantivo que vem após "um e outro": Um e outro *homem* são bons — Um e outro *caso* devem ser considerados.

Se depois do substantivo vier um adjetivo, este irá para o plural: Um e outro caso *paralelos* — Uma e outra coisa *justas*.

"Um" mil - A aceitação do princípio de que "todo o brasileiro é ladrão até prova em contrário" é a única explicação para a exigência de certos bancários de que se preencha com "um mil" ou — com prurido de mandismo ainda maior — com "hum mil" o valor por extenso de cheques de mil a mil novecentos e noventa e nove cruzeiros, exigência mais uma vez

humilhante por obrigar que se escreva o que não existe em nosso idioma.

Além de o cardinal *mil* não vir em português antecedido de *um*, não cabe introdução de nenhum numeral entre o que está impresso no cheque (*Pague por este cheque a quantia de*) e o *mil* (com minúscula ou com maiúscula) que o correntista venha a escrever por extenso para expressar o valor do cheque.

Em vez dessa duplamente descabida imposição, exija-se então que a palavra "mil" venha logo após a citada expressão para que não se facultem acréscimos.

Falamos português no Brasil (nossa terra não foi descoberta no ano "um" mil e quinhentos) e não vemos por que devamos sujeitar-nos a capricho deprimente já para quem emite já para quem recebe o cheque. (A Lei do Cheque — Lei nº 2591 de 7/8/1972 — não traz essa exigência.)

Iremos voltar à tolice do "três" e do "deiz"?

V. *cheque*.

Um milhão e quatrocentos mil (1,4 milhão) - A dúvida não é somente sua e de seus companheiros de redação; o assunto é, porém, mais pertinente à matemática que ao vernáculo. É meter-nos em seara alheia dizer que a expressão quantitativa *1,4 milhão* é decimal; o "milhão está aí a referir-se ao cardinal "1" e não ao "4"; este indica os décimos. A notícia "Banco perde 1,4 milhão" obriga-nos a ler "Banco perde um milhão e quatrocentos mil". Publicada em jornal brasileiro e referente ao Brasil, deve a comunicação dizer respeito a cruzeiros; esta especificação, quando expressa, vem em português posposta: O banco perdeu 1,4 milhão de cruzeiros.

Essa modalidade de expressão quantitativa, modernamente introduzida na imprensa por economia de espaço, é inglesa, não obstante a posição do especificativo e a pontuação serem nessa língua outras.

"Um outro" - V. *um*.

Um pouco água - "O carioca já não dispõe de *uma pouca água*" — Não é mais correto dizer: "O carioca já não dispõe de *um pouco água*"?

— Não já ao português pertence essa questão; temo-la porque a herdamos do latim.

É da índole dessa língua empregar depois dos advérbios e dos adjetivos neutros substantivados *satis, multum, plurimum, parum, minus* e outros o genitivo partitivo, que especifica a parte do todo. Nessas condições, expressões como *parum cruoris, multum diei, plurimum hominum, satis noctium* são literalmente traduzidas por *pouco de sangue, muito de dia, muitíssimo de homens, bastante de noites*, ficando invariável o elemento que antecede o complemento partitivo, construção essa herdada pelo francês: *peu d'argent, pouco de dinheiro; beaucoup de personnes, muito de pessoas*.

Ao lado dessa construção, outra havia em que a concordância se efetuava integralmente — *multi homines, paucae bestias* — obedecendo o adjetivo ao gênero, número e caso do substantivo, sendo esta a sintaxe que o português recebeu — *muitos homens, poucos animais* — variando os elementos que antecederem os substantivos segundo o gênero e o número destes.

De tais construções resultou, no próprio latim, o cruzamento sintático: a coisa que se queria especificar continuava no genitivo, mas a palavra que indicava a parte concordava em gênero e número com o substantivo. Dai, construções como *paucae bestiarum, multae arborum*, que ao pé da letra dão em português: *poucos de animais, muitas de árvores*.

A construção cruzada — *poucos de animais, muitas de noites, muitíssimos de homens* — perdeu terreno para as outras duas; vemo-la, mas raramente, e a título de recordação do passado, e, assim mesmo, só com *pouco*.

O que podemos seguramente afirmar é que construções análogas como *muitos de homens, muitas de noites* coerentemente se imporiam se aceitássemos a construção cruzada "uma pouca de água".

Que os caprichos dos redatores não superem os da língua.

Digamos todos: *um pouco água*.

Um sem número - V. *sem número*.

"Um semelhante" - V. *um*.

"Um tão" - V. *um*.

Uma - V. *essa é boa*.

Uma e meia vez - Podemos dizer "dois quilos e meio" ou "dois e meio quilos"; o plural do substantivo explica-se, em qualquer das duas construções, pelo *dois* ("dois quilos e meio": com hipérbato: "dois e meio quilos"). Se em lugar de *dois* o cardinal fosse *um*, a construção poderia, unicamente, ser: *um quilo e meio*; admitido o hipérbato, *um e meio quilo* — jamais "um e meio quilos". De igual forma: *uma vez e meia* ou *uma e meia vez*.

Umbilical - Com *i* na segunda sílaba; nada que ver tem com o latim *umbela*.

Referem-se a *umbela* (= guarda-sol; diminutivo de *umbra*, sombra) os nomes *umbelado*, *umbelíferas*, *umbelula*, *umbelulária*.

Prendem-se ao latim *umbilicus* os vocábulos *umbigo* (e não *embigo*), *umbigada*, *umbicado*, *umbilical*.

Ume - V. *pedraume*.

Úmero, Ombro, Ombrear, Hombridade - Não facemos confusão; *úmero* e *ombro* sem *h* por não existir a letra no étimo latino, e de *ombro* tivemos *ombrear*, *ombreira*; *hombridade* com *h* por ter-nos vindo do castelhano *hombr* (*homem*).

Una voce - Expressão latina que significa "a uma só voz"; sem discrepância, em uníssono, à uma.

Undecumano - V. *decumano*.

"Underwriting" - "Underwriting" é *subscrição*, é *compromisso ou garantia de subscrição*; "fazer underwritings" é *subscrever*.

Se o verbo — e consequentemente a forma nominal em *ing* — tem vários sentidos em inglês, por que simiescamente trazê-lo para nós como se tivesse um único emprego na língua a que pertence? A corretora compromete-se a comprar as apólices não vendíveis ao público *subscvendo-as* (e não "by underwriting-as" — é o que falta aparecer na seção de Economia dos jornais).

Único - É adjetivo que admite normalmente o plural: Os dois trapezistas são *únicos* no gênero. V. *dois únicos*.

Unicolor - Até agora os estropiadores do idioma têm respeitando a tonicidade *unicolôr*, como igual respeito vêm demonstrando a *bicolor*, *tricolor*. Oxalá estendam o respeito a *tecnicolor*, *afacolor*, *tupicolor*.

Unicórnio, Unicórneo - O latim obriga-nos a declarar válidas as duas grafias; com *io* quando substantivo (terminação idêntica é a de *capricórnio*, *olcórneo*), com *eo* quando adjetivo, por existir em latim o adjetivo *cornuus*, que vemos ainda nos adjetivos *bicórneo*, *tricórneo*.

Unimano - V. *quadrimano*.

Universiada - Palavra formada por analogia com *olimpíada*, *macabiada*.

Unum et idem - Expressão horaciana, que significa "uma só e mesma coisa"; Saber mal e não saber é *unum et idem*.

...uo - V. *ícuo*.

...uoso - V. *ícuo*.

Uraí - V. *araponga*.

Urais - Adjetivos pátrios: *uraliano*, *urálio*, *urálico*.

Urbi et orbi - Expressão latina que significa "à Cidade e ao universo".

Urbs significa cidade, mas quando escrita a palavra latina com inicial maiúscula especifica Roma. A expressão é de uso católico romano, geralmente empregada para referir-se à bênção que o papa dá em solenidades públicas especiais, mas é também usada figuradamente, fora de ambiente religioso, e então o *u* inicial se escreve com minúscula: A notícia espalhou-se *urbi et orbi* (espalhou-se por toda a parte).

Urca - Como nome comum, é denominação de uma embarcação grande, muito ampla no centro, empregada no transporte de cereais e de outros gêneros. É palavra neerlandesa, que nos veio por intermédio do italiano.

Popularmente, dada a sua significação de coisa larga, bojudá, é ela aplicada para designar a mulher muito gorda. É também esse o motivo da denominação de grande rocha

do Rio de Janeiro.

Urdir - É verbo regular. V. *curlir*.

Uréter - A palavra é grega, mas o latim obriga-nos a dizer *uréter* no singular, *uréteres* no plural.

Urgir - V. *abolir*.

Urópode - V. *ápode*.

Urso - Voz: *bramar*, *bramir*, *fremir*, *rugir*, *urrar*.

Uru - Voz: *arpejar*.

Urubu - Voz: *corvejar*, *crás-crás*, *croctar*, *grasnar*, *chem-chem*, *oragnar*. V. *araponga*.

Urutau - Voz: *gargalhar*, *gemer*, *lastimar*, *regougar*.

Usina - Teschauer dá-nos a palavra como derivado do francês, que a foi buscar no latim *ustrina*, e documenta o seu emprego citando esta passagem da "A hulha branca" de Nelson de Sena, trabalho publicado em 1914: "... construções que contêm essas máquinas, assim como os escritórios para direção do serviço e cômodo de alojamento do pessoal da usina geradora".

Percebe-se que no sentido de conjunto de máquinas que fornecem energia elétrica é que está o vocábulo empregado, e nessa acepção é ele entre nós usado. No norte do país passam-se as coisas de outro modo: *usina* é aí a fábrica de açúcar, é o engenho, como *usineiro* é o proprietário de engenho central ou fábrica de açúcar.

Usucapião - Se temos em nosso vocabulário o substantivo *fruição*, feminino, fácil é dizer que *usufruição* é composto também feminino — a fruição do uso, a usufruição — e com *u* na segunda sílaba por ser *usu* a forma do genitivo latino, e por igual motivo se torna fácil dizer que *usufruto* é masculino e traz *u* na segunda sílaba.

Por não existir em nosso vocabulário o nome comum *capião*, distraíram-se nossos codificadores, incluindo Rui Barbosa, no atribuir ao composto o gênero. Se não existe em português, existe em latim a palavra *capio*, *capionis*, que significa "ação de tomar posse ou meter-se de posse" e também "direito de propriedade adquirido por prescrição". Qual seu gênero em latim? *Feminino*.

Feminino é em latim *capio*, feminino é em latim também o composto *usucapio*, termo jurídico usado por Cícero, por Tito Lívio, por Ulpiano, conforme nos assevera Saraiva. A aquisição, a tomada do bem real pela posse prolongada é "a usucapião", feminino.

Já não faltam hoje dicionários que deem para a palavra os dois gêneros, e de admirar não será vermos amanhã algum que lhe dê só o feminino: de uso erudito a palavra, *usucapião* passará a andar sem travestimento, mostrando a todos os colegas o gênero que já Clóvis Beviláqua havia identificado no Projeto e Coelho Rodrigues reconhecido.

Usufruto, Usufrutuário - V. *nu-proprietário*.

Ut - V. *do, ré, mi*.

Ut possidetis - Locução latina — significa "como possuis" — empregada em linguagem diplomática para referir-se a possessões territoriais de beligerantes: Tratado baseado no *ut possidetis* (manda conservar os territórios ou posições conquistadas até o momento em que cessaram as hostilidades).

Ut supra - Expressão latina; significa "como acima" e é empregada em referência a texto, a afirmação expressa anteriormente.

Utensílio - Coletivo, quando de cozinha: *bateria*; de lavoura: *apeiragem*; de mesa [pratos, copos, talheres, cálices...]: *baixela*; quando destinados ao mesmo fim: *trem* (*trem* de cozinha, *trem* de lavoura...).

Utí, non abutí - Conselho latino de moderação, que parece aplicável a todas as coisas: *usar, não abusar*.

Útil dulci - Provérbio formado das palavras finais de um verso da Arte Poética de Horácio: *Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci* (Obtém geral aprovação quem une o útil ao agradável).

Utilizar linguagem? - Tem o verbo *utilizar* a significação de "tornar proveitoso", "tornar útil", "aproveitar", e, usado também como reflexivo, a de "aproveitar-se". Pode um indivíduo utilizar sua robustez, sua atividade, seu tempo em

algo, como pode utilizar para um serviço pessoas disponíveis, como pode ainda nada utilizar com uma coisa ("Nada utilizei com isso" — Aulete). Em nenhum dicionário, nem português nem espanhol, é encontrado o verbo *utilizar* com a significação de *usar*, de *empregar*.

Não conseguimos justificar a expressão "utilizar uma linguagem". Em nenhuma das variantes de aceção se enquadra essa frase e nenhum dos exemplos encontrados pode tê-la por companheira. A linguagem é simplesmente *usada*, é simplesmente *empregada*; esses são os verbos que devem aparecer nessa e em outras sentenças, como deduzimos destes exemplos: Os hereses *usaram* a prudência — Sempre *usando* cortesia — Era preciso *usar* cortesia com ela — Sei que tens juízo mas não *usas* dele sempre — Mão não haveis de *usar* de vossa autoridade — O rico é avarento e não sabe *usar* da riqueza, o sábio é imprudente e não sabe *usar* da sabedoria — Rio-me desses advérbios que eu e tu *usamos* nestes casos — Recorrendo aos meliluos circunlóquios que ninguém *empregava* com mais habilidade — A irmã de D. Martim opunha às palavras de paz a linguagem veemente e o sofisma, que o crime nunca deixa de *empregar* — Será esta a linguagem que *empregarei* com a Sra. D. Margarida — As lor-

mas que *empregavam* nas poesias.

Sem dúvida, a formação do verbo — cujo sufixo significa pela origem grega *fazer, tornar* — dá-nos claramente o sentido de "tornar útil". Útil já é a linguagem; o de que precisamos é *empregar*, é *usar* essa utilidade, como quem emprega o tempo, emprega a vida, emprega a força, emprega cuidados, emprega estudo, emprega um termo, emprega uma frase: "As, que é força, que a Musa *empregue*, toscas// Palavras, quanto (oh! quanto!) nos iludem!"

Em vez de "utilizar-se de", andam a empregar "utilizar alguma coisa" na aceção de *usar, empregar*, regência essa inventada por quem não quer consultar dicionário. (Dicionário, no bom sentido, é o que traz a regência dos verbos.) Com a significação de *servir-se, auferir proveito, tirar vantagem*, o verbo é *utilizar-se*, pronominal, e constrói-se com *de*: "*Utilizou-se dos meus serviços*" — "... *utilizar-se da ignorância alheia*".

"Utrecht" - Esta cidade holandesa é em português *Utreque*.

Uvaia - Vocabulários oficiais e dicionários são unânimes em dar a palavra com *u* inicial; daí, *uvatal*.

Uxoricida, Uxoricídio - V. *maritocida*.

V

V.G. - Com letras minúsculas, *v. g.* (às vezes *v. gr.*) é abreviação muito usada em línguas neolatinas e também em outras de origem diversa; ela é por "verbi gratia" (lê-se *verbi grácia*), construção de frase causal latina, onde *gratia*, que está no ablativo, traduz-se por "por motivo de", "a título de", e *verbi*, que está no genitivo, traduz-se por "de exemplo": *a título de exemplo* (ou, simplesmente, *por exemplo*) — "Várias descobertas marcaram as últimas décadas, *v. g.* a penicilina".

Vaca - Coletivo: *armento, armento* (rebanho de gado *vacum*).

Vacância - Aceitável e etimologicamente justificável é a palavra *vacância*, em vez do galicismo "chômage", para indicar falta de trabalho ou de emprego por motivos independentes da vontade do operário.

Vade retro, Sátana - Expressão latina, tirada do evangelho ("Retira-te, Satanás"), para expressar repulsa.

Vadeação, Vadiação - Com *é*, a palavra significa ato de *vadear* (atravessar a vau, atravessar a pé enxuto); com *i*, ato de *vadiar* (andar ociosamente).

Vademécum - Por que não juntar os dois elementos da expressão latina "vade mecum" (caminha comigo) se ela denota uma só coisa? Que faz aí o hífen, introduzido pelo vocabulário oficial de Portugal? Se vemos aí *tedéu* por "Te Deum" (o brasileiro foge desta palavra), que dúvida mais para o caso presente? O plural é *vademécums*. Isso, se não quisermos aporuguesar de vez a palavra para *vademeco*, a semelhança de *ultimato, memorando*.

Vadio - Coletivo: *cambada, malta, manada, súcia*. *V. pessoas más.*

Vae soli! - Exclamação latina (Ai de quem está só), tirada do Eclesiastes, para deplorar a situação de quem vive solitariamente, "porque" — continua o texto bíblico — "quando cair, não terá quem o levante" [quia, cum ceciderit, non habebit sublevantem se].

Vae victis! Com essa exclamação latina (Ai dos vencidos), Tito Lívio relata o comportamento de Breno, chefe dos gauleses, quando, irritado com a reclamação dos romanos que acusavam fraude no peso do ouro exigido para soltá-los do Capitólio, atirou na balança a espada e o cinturão e proferiu essas palavras.

Vaga - Aumentativo: *vagalhão*.

Vagabundo - Esta palavra já significa, desde o latim, o que pretende indicar a criação de mau gosto *vagamundo*. Quem não vê com bons olhos o *vagabundo* não despreze o *andarilho* ou o *errante*.

Vagão - Coletivo: *comboio*. Provinda do inglês, onde tem outros significados, a palavra *vagão* fixou-se entre nós para indicar "carruagem empregada em trens de estrada de ferro". É maçacado de desmemoriado usá-la também com outros significados do inglês, perfeitamente traduzíveis no vernáculo (*carroção, carroca, caminhão, carrinho de brinquedo*).

Vagir - *V. abolir*.

Vagoneta (Ê) - Aportuguesamento já generalizado. É palavra feminina; não tem valimento alegar que a grafia afrancesada *vagonete* ainda existe por ser feminina; despreze-se a forma francesa com gênero e tudo.

Vai haver mais casos - É de importância saber que qualquer verbo que na oração venha acompanhando verbo impessoal, para a formação quer de tempo composto, quer de locução verbal, deve também impessoalizar-se. Não podemos dizer "devem haver homens na sala". Se *haver* com o sentido de existir é impessoal, o verbo *dever*, que no caso concorre para a formação de uma locução verbal, também se impessoaliza: "Deve haver homens na sala". E assim: "Se embargo de exceções que possa ter havido" — "Mais casos *podia* ter havido da doença" — "Vai haver ainda muitos outros casos". § 484, 2.

Igualmente: "Vai fazer cinco anos que ele morreu", e não: "Vão fazer..." — pois *fazer* é nesse sentido impessoal ("Faz cinco anos..."). § 484, 2.

Vai indo, vem vindo - Locuções verbais lingüisticamente certas: "Ora, pois, primo Baltasar, parece-me que são horas de vir vindo o jantar." (Camilo).

Vai por dois anos - *V. faz dois anos*.

Vala - Aumentativo: *valada* (vala muito extensa).

Vale de los caídos - Que mal há em que assim digamos? Acaso andamos mal em continuar a escrever *Buenos Aires* e a pronunciar à portuguesa *buénozátres*? Acaso agem mal os de língua inglesa quando escrevem *Rio de Janeiro, São Paulo*, e pronunciam *riou di chanérou, são páulou*? Os que julgam devemos escrever "Vale dos Caídos" ou pronunciar *buenoscaires* devem julgar errados os de língua inglesa em não dizer *River of January, Saint Paul*, ou, em escrevendo nossos nomes, em não pronunciá-los à nossa, à carioca ou à nordestina.

Temos nomes como *Londres, Estocolmo, Basileia*, por *London, Stockholm, Bale*, mas as formas portuguesas são quase tão antigas quanto as originais estrangeiras; o que não nos parece certo é modificar formas tradicionais ou mudar nosso procedimento. Para imitar *Nova Iorque* vamos escrever *Bons Ares*?

As transformações já arraigadas deixem-se ficar, mas não devemos hoje desfigurar a cidade, o país, o acidente geográfico a que sempre nos temos referido na forma original; seria deveras extravagante que num discurso que fizéssemos em Londres disséssemos "Saint Rit of the Passing Four". Não vamos cair quando falamos inglês na comicidade mais do que extravagância de quando falamos nossa língua: uma pitada de bom senso não faz mal a ninguém.

Valentão, Valentona - *V. poltrão*.

Valer - Só é irregular na primeira pessoa do sing. do ind. presente — *valho* — e no subj. presente, porque deriva dessa pessoa: *valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham*.

O mesmo se diga dos compostos *desvaler e equivaler*.

Na expressão "Valha-me Deus", o verbo tem a legítima significação de *proteger*.

Valeroso - Por influência de *valer* operou-se a dissimilação em *valeroso*, como, por influência de *temer*, temos *temeroso*. De *valeroso*, o advérbio *valerosamente*, formas que perderam vigência.

Valhadoli - *V. Madri*.

Valido, Válido - Com acento tônico no *i*, é forma participial, e significa *estimado, protegido* (As bandeiras dessas aves de Júpiter *validas*); com acento na primeira sílaba, é forma adjetiva, e significa *vigoroso, são, profícuo* (Uma figura se nos mostra no ar robusta e *válida*). V. *provido*.

Comportamento prosódico idêntico opera-se com *provido*, *próvido*; *florido*, *flórido*; *fluído*, *flúido*; *servido*, *férvido* — palavras aqui já cuidadas.

Valorizar - Tanto com a significação de "dar valor a", quanto com a de "aumentar o valor de", a forma portuguesa é *valorizar*. Reservemos "valorar" para quando escrevermos em espanhol.

Da nossa legítima forma, os derivados *valorização*, *valorizar*.

Valpaços - Com *e* cedilhado deve ser escrito o nome dessa aldeia de Portugal, proveniente da junção de *val*, forma apocopada de *vale* (como em *Valdemadeiros*, *Valongo*), com o plural de *paco*, cognato de palácio, do latim *palatium*.

Vamor (ó) - O "o" tem pronúncia aberta — *mór* — que aí está por *maior* (Vale *maior*); é a mesma forma sincopada que entra em *Montemor*, e idêntica é a pronúncia quando antropônimos.

Vãitas vanitatum et omnia vānitas - Sentença do Eclesiastes (vaidade das vaidades, em tudo vaidade) sobre a futilidade, sobre a frivolidade, sobre a ilusão do procedimento humano.

Vão (adj.) - Superlativo: *vaníssimo*.

Vão ao encontro um do outro - É de uma revista religiosa esta informação: "Mostrando a Bíblia Sagrada aos fiéis, João Paulo II disse: Assim como o Antigo e o Novo Testamento vão de encontro um do outro, desejo hoje, como bispo de Roma, iniciar o meu ministério ao encontro do Povo de Deus desta cidade e desta Diocese".

Quem assim disse foi o tradutor, não o papa; o Antigo e o Novo Testamento não podem chocar-se, não andam a dar trancos, não caminham aos encontros, não se contradizem, um não vai de encontro ao outro.

Tradutor e revisor cochilaram nesse passo e acordaram no seguinte: "...iniciar o meu ministério ao encontro do Povo de Deus" — agora, sim, a expressão corresponde ao desejo do papa: "ao encontro de", isto é, de acordo com a vontade de", "em correspondência a". A primeira passagem deveria ser: "Assim como o Antigo e o Novo Testamento vão ao encontro um do outro..."

Vão melhor - Decora-se nas escolas que "advérbio é palavra invariável que modifica adjetivo, verbo e o próprio advérbio"; se não há quem isso não saiba, muitos há que o não conseguem aplicar na frase, pois revelam não saber que o advérbio se distingue do adjetivo. É o que se deduz da leitura de traduções, de redação de artigos, de notícias, ante a evidente e lamentável confusão que profissionais da pena fazem entre *melhor*, adjetivo, e *melhor*, advérbio.

"Já agora os negócios vão *melhores* em Berlim" é construção que, vista em jornal, patenteia essa confusão. *Melhor*, para que se flexione, deverá ser adjetivo, ou seja, deverá vir modificando substantivo, ou como adjunto ou como predicativo. Adjunto será quando junto de substantivo; predicativo, quando completa verbo de ligação.

Verbo intransitivo não é completado na sua significação, porque esta já é inteira; o que se lhe acrescentar será adjunto adverbial: ele vive *bem*, eles vivem *bem* (*bem* é advérbio, pois está modificando o verbo *viver*, intransitivo); ele vive *melhor*, eles vivem *melhor* (*melhor*, invariável, porque é advérbio); e, assim: ele vai *bem* (e não: vai *bom*), eles vão *bem* (e não: vão *bons*), ele vai *melhor* (advérbio), eles vão *melhor* (por ser advérbio, invariável). Para correta, a construção da frase deverá ser: "Já agora os negócios vão *melhor* em Berlim".

Vão-se indo - Diante do completo silêncio do Formulário Ortográfico com respeito ao hífen a ligar oblíquos em locução verbal (conjugação perifrástica), importa-nos observar, antes de cuidar do caso, que: 1. o particípio não aceita a posição do oblíquo; não se diz "eu tinha dito-lhe", "haviám dado-me"; 2. tampouco aceitam a posição as formas

verbais oxítonas do futuro; não se diz "verá-me", "salvarão-nos", "ensinarei-lhe", "buscarei-te", "será-nos", "terei-o", "estarão se defrontando" (por "estarão defrontando-se" ou "estar-se-ão defrontando"); 3. o gerúndio não aceita a posição quando antecedido de *em* (diz-se "em me vendo chegar").

Feitas essas ressalvas e respeitadas as regras de colocação dos pronomes oblíquos, o hífen aparece a ligar o oblíquo após o primeiro verbo da locução verbal: *tinham-se passado*, *está-se sentindo*, *estou-lhe dizendo*, *vou-me deixando ficar*, *estamos entendendo*, *estou-me queixando*, *estava-se inventando*, *é-nos mostrado*, *vem-se aproximando*, *tinham-lhe dito*, *fui-me desviando*, *foi-se acabando*, *tinhamo-nos escapado*, *haviám-me pedido*, *venho-me queixando*, *vem-se repetindo*, *vão-se indo*.

Vapor - Acionado por vapor, o navio passou a ser designado pela simples palavra *vapor*: embarquei num *vapor*. A expressão completa, indicativa do navio dessa forma propulsional, é que encerra erro irremediável; sempre dissemos em português "moinho de vento", "lâmpião de querosene" até o dia em que surgiram os grandes escritores do romantismo; conhecedores todos eles de francês, não se cuidaram de traduzir, ou melhor, de sintaticamente adaptar expressões francesas ao nosso falar; um desses descuidos foi motivado pelo esquecimento da nossa preposição *de* como expressiva de agente ou de instrumento.

De natureza sintática eram em boa parte os erros desses grandes escritores; se introduziam galicismos fraseológicos, cuidavam de traduzir as palavras ou de adaptá-las à fisionomia das nossas, ao contrário do que hoje vemos com os anglicismos. O falho estudo do inglês encontra o desmazelo do próprio vocabulário, e aí vemos nosso idioma conspurcado, dia a dia mais, não por escritores de grandes obras, mas por castigadores de ouvintes sem armas de defesa, castigadores que engolem erros sem o necessário cuidado de mastigar, para defecá-los instantes depois na própria imprensa. E ninguém cuida da desinfecção. Em toda a poluição há desmazelo, mas se a poluição do ar, da água, do meio físico é decorrência do progresso, e pois da ciência, a poluição do idioma decorre da ignorância.

Vara - Coletivo: *bracada*, *bracado*, *molho*, *feixe*.

Varão, Varoa, Virago - *Varoa* e *virago* são formas femininas de *varão*, mas *virago* costuma, em virtude do latim, onde sempre tem este sentido, implicar idéia de mulher forte, destemida, de maneiras varonis: "Foi a Maria da Fonte a personificação fantástica de uma coletividade de amazonas de tamancos, ou realmente existiu, em corpo e foice rocadoura, uma *virago* revolucionária com aquele nome e apelido?"

Varoa já não se emprega com esse sentido; é feminino de formação popular (*leitão*, *leitoa*; *ermitão*, *ermitoa* (ao lado de *ermitã*); *hortelão*, *horteloa*; *patrão*, *patroa*; *tabelião*, *tabelioa*; *varrião*, *varroa*) mas legítima, consignada em Domingos Vieira, Gonçalves Viana, Laudelino, Aulete com a simples indicação de "feminino de *varão*". Não é pelo fato de serem facilmente encontrados que outros dicionários devam ser levados a sério.

Variação de grafia e de significado - V. *hissopo*.

Varicocele - Embora ainda vejamos dicionários que lhe atribuam gênero diferente, a palavra é feminina dada a procedência grega: a *varicocele*.

Varja, Vargem, Várzea - São formas paralelas; a preferência depende da região. Aumentativo: *vargado*, *varjão*.

Vate - Legítimo aportuguesamento de *watt*, unidade de potência, definida por James Watt. A forma aportuguesada possibilita-nos derivados como *vatinetro*, *megavate*.

Vazar, Vazão, Extravasas - *Vazar* com *z*, por prender-se a *vazio* (derivados: *vazadouro*, *vazadura*, *vazamento*, *esvaziar*, *vazabarris* e outros); *extravasas* com *s*, por prender-se a *vaso*.

Vazão também com *z* se escreve, pois se relaciona com *vazio*. (*Vasão* só poderá ser forma aumentativa de *vaso*.)

Vaza, vasa — Com *z*, prende-se a *vazar* (de *vazio*): lance de jogo de cartas. Com *s*, prende-se ao germânico *vase*: sedimento orgânico; argila; limo; camada degradada da socie-

dade; reservatório de marinhas de sal.

Veado - Voz: *bramar, berrar, gemer, rebramar*.

Vedeta (ê) - É a forma portuguesa de grafar, igual à italiana. Uma só a palavra, com qualquer das suas significações, e também em compostos: *posto-vedeta, barco-vedeta*.

Como acontece com outros substantivos (o *pianista, a pianista*), diz-se "o vedeta" quando referente a homem.

Vegetal - Coletivo, em geral: *mão, mão-cheia, massa, maciço* ("A esquerda do vale está um *maciço* de verdura do mais belo vico"), *molho, pavia*. V. *árvore*.

Vela (de embarcação) - Barulho: *trapejar*.

"Vela romana" - "Roman candle" diz-se em inglês; *pistolão* (espécie de fogo de artifício) diz-se em português. "Vela romana" é uma variedade de "tradução ao pé da letra", que poderia chamar-se "tradução a quatro pés".

Velhaco - Formas aumentativas (além de *velhaco*): *velhacaco, velhacaz, velhacório*.

Velho - Aumentativo pejorativo: *velhacas*.

Velódromo - V. *autódromo*.

Vem, Vêm, Vêm - Ele *vem* (do verbo *vir*), eles *vêm* (do mesmo verbo), eles *vêm* (plural de *ver*). Na composição, a primeira forma traz acento agudo: ele *provém* (de *provir*), eles *provêm* (de *provir*), eles *provêm* (de *prover*). (§ 463, 14, obs. 4.)

Vendável, Vendível - Proveniente de *venda, vendável* é o que tem venda certa, o que facilmente encontra comprador. Proveniente do latim *vendibilis, vendível* é o que se pode vender, o que está a venda. Nem tudo o que é vendível é vendável; por outro lado, uma coisa vendável pode não ser vendível.

Veneração a - V. *amor a*.

Veni, Vidi, Vici - Epifonema de César (Vim, vi, venci!), com que anunciou sua vitória na guerra do Ponto; é expressão usada para comunicar pronto triunfo.

Vento - Barulho: *assobiar, bramar, cicar, esfuzuar, gemer, lufar, ringir, silvar, soprar, sussurrar, ziziar, zumbir, zunir*. Aumentativo: *ventarrio*.

Ver, se eu vir - Na classe medianamente culta jamais nos é dado ouvir corretamente conjugado o verbo *ver* no futuro do subjuntivo; freqüentemente, até por portadores de pergaminho, somos esbordoados com sentenças como estas: Sempre que eu *ver* você fumando — Quando você me *ver* apressado.

Erro, e erro dos graúdos esse. Sempre que eu *vir* você fumando — Quando você me *vir* apressado — Você verá se mamãe a *vir*... — é como se deve dizer.

Quem teve a sorte de ser obrigado a conjugar nossos verbos no curso secundário deve ter aprendido que o futuro do subjuntivo provém da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito, com exclusão do "am" final: eles VIR (am) — se eu VIR (§ 459).

Igual cuidado devemos ter com os compostos *antever, entrever, prever, rever*: Se eu *prever*, quando eu *revir*. (*Prover*, precisamente por afastar-se do primitivo no pretérito — *provi, proveste, proveu*... PROVERAM — é que se conjuga "se eu *prover*".)

Verba volant, scripta manent - Afirmção latina (as palavras voam, os escritos ficam) para denotar ser imprudente deixar provas escritas sobre certos fatos, como também ser louvável deixar escrito o que é ajustado.

Verbi gratia - Expressão latina correspondente à nossa locução "por exemplo"; abrevia-se *v. g.*

Verbo transitivo direto seguido de "a" quando o objeto é um infinitivo - V. *infinitivo com sujeito acusativo*.

Verbo vicário - Como em outras línguas, emprega-se o verbo *fazer* para substituir verbos quando haja conveniência em não os repetir: "Os ídolos antigos adorava, como inda agora faz (adora) a gente inca" — "Quis o marquês de Pombal nobilita-lo, como fizera (nobilitara) a outros comerciantes".

O verbo *fazer* é por essa razão chamado "verbo vicário" (que faz as vezes de outro) ou "verbo sinónimo" (designação esta não muito apropriada). Mais raramente, também o verbo *ser* substitui verbo anteriormente empregado no período:

"A solenidade realizou-se, mas não foi (não se realizou) como se esperava".

Verbos, concordância temporal - *Concordância, correlação, correspondência, interdependência*, prestam-se todos esses nomes para indicar que deve existir harmonia, "consecutio", entre o tempo do verbo da oração principal e o tempo do verbo da subordinada. Não tem nosso idioma para o caso o rigor da língua latina, nem o cuidado do inglês (Eu não disse que você se chamava João — Não me lembrei de dizer que vocês eram pequenos — Por que você não jurou que era meu irmão?), mas umas tantas considerações, ou melhor, conclusões do que existe em nosso idioma podemos apresentar.

A — Temos três espécies de *pretéritos*:

1. Quando uma pessoa nos diz: "Ele *saiu* quando eu entrei" — emprega, para o verbo *sair*, o *pretérito mais-que-perfeito*, o que significa o seguinte: A ação expressa pelo verbo *sair* é passada em referência ao ato da palavra (estou falando agora, mas a ação de *sair* já se passou) e, além disso, é ainda passada com relação ao tempo indicado no período (no nosso caso *entrei*), o que equivale a dizer: "Quando eu entrei, ele já tinha saído".

2. Quando uma pessoa diz: "Ele *saiu* quando eu entrei" — continua empregando o verbo *sair* no pretérito imperfeito, uma vez que a ação expressa por esse verbo é anterior ao ato da palavra (como antes, o interlocutor está falando neste momento, mas o que ele nos está dizendo já se passou), mas a ação de *sair* foi praticada no mesmo tempo em que se deu o fato passado de eu *entrar*.

Vê-se a diferença entre este e o caso anterior; aqui a ação é ao mesmo tempo *passada* (com relação ao ato da palavra) e *presente* (com relação ao ato de *entrar*). Por essa razão é que se diz que *saiu* está no *pretérito imperfeito*.

3. Dizendo-nos, porém, uma pessoa: "Ele *saiu*" — denota que a ação de *sair* foi completamente realizada, sem necessidade de referência a nenhuma outra ação, nem anterior nem contemporânea. *Saiu* é o *pretérito perfeito*.

Em resumo:

a) *Pretérito "mais-que-perfeito"*: "Ele *saiu* quando eu entrei" — O ato de *sair* é anterior ao de ter entrado.

Outros exemplos: *fizera, quisera, julgara, escrevera, mentira, estudara, viera*.

b) *Pretérito "imperfeito"*: "Ele *saiu* quando eu entrei" — O ato de *sair* e o de *entrar* são contemporâneos.

Outros exemplos: *fazia, queria, partia, mentia, julgava, amava, estudava, vinha*.

c) *Pretérito "perfeito"*: "Ele *saiu*" — O ato de *sair* já se realizou completa, pura e simplesmente.

Outros exemplos: *fiz, quis, parti, menti, julguei, amei, estudei, vim, vi, venci*.

B — Emprega-se o *presente do subjuntivo* na subordinada em correlação com o presente ou com o futuro da principal: *peço que vá - pedirei que vá*.

C — Emprega-se o *imperfeito do subjuntivo* na subordinada em correlação com um tempo passado da principal: *pedi que fosse - pedia que fosse - pedira que fosse, pediria que fosse*.

D — Enquanto existe um futuro com relação ao presente (digo que *farei*, digo que *irei*), tem o português uma forma para indicar o futuro com relação ao passado: disse que *faria*, disse que *iria*.

Essa forma verbal (*faria, iria*), chamada *condicional* em vários idiomas, passou no Brasil em 1959 a ser chamada *futuro do pretérito*; ele aparece:

1. no período hipotético, quando a hipótese é possível (§ 585. 4): Se eu quisesse, eu *faria*;

2. no período hipotético, quando a hipótese é irreal (§ 585. 5): Se Júpiter existisse, Roma *teria vencido*;

3. na subordinada a verbo que esteja no passado e implique declaração (*verba declarandi*: dizer, negar, responder, afirmar, declarar, jurar, confessar etc.): Disse que *viria* — Respondeu que *iria*;

4. para indicar aproximação, imprecisão: Eu *teria* a sua idade quando comeci a lecionar;

5. para evidenciar uma suposição: Eu não *faria* o que você está fazendo.

6. para suavizar a manifestação de um desejo: *Gostaria* que você viesse mais cedo amanhã;

7. para suavizar uma pergunta, um pedido de informação: *Poderia* dar-me o seu endereço? — *Seria* possível dizer-me onde fica a bilheteria?

O emprego do futuro do pretérito em tal caso não deve ser exagerado; há um momento em que ele se torna impraticável, sem sentido, como nesta pergunta: "Qual seria o seu nome?" — "Qual seria" indica dúvida, mas essa pergunta implica um assunto certo, que exige o indicativo presente: "Qual é o seu nome, por favor?"

Não existente no latim, onde o subjuntivo é que possuía essa força, o futuro do pretérito foi criado pelas línguas românicas mediante aglutinação do imperfeito do indicativo do verbo *haber* (*havia*) com o infinitivo dos outros verbos: *louvar-havia*: *louvaria*. Pelo fato de ter nascido do imperfeito, o futuro do pretérito é com frequência substituído por outras formas do pretérito: Não *ousara* entrar, se não fosses bom — *Quem vos havia* de enganar? — *Tivera* isso eu feito, se ele merecesse — *Escrevi* esperando que você *acesse* — *Eu bem que desejava* que ele estivesse aqui — Se houvesse de andar semelhante corteição pelos ostentadores de engenho, muitos tribunais *eram* necessários.

E — *Futuro do subjuntivo*: Inexistente até no latim, o futuro do subjuntivo em português é tempo derivado da 3ª pess. do pl. do pret. perfeito (*disseram, fizeram*), mediante supressão do *am* final (se eu *disser*, quando eu *fizer*) e se usa em certas subordinadas que implicam idéia de futuridade. Enquanto em outros idiomas se diz "se eu *direi*", "quando eu *farei*", em português a forma é "se eu *disser*", "quando eu *fizer*". Exemplos:

Condicionais com *se*, quando a hipótese é possível: Irei se *puder* — Farei salvo se você *quiser*.

Temporais com *quando*, *enquanto*, *logo que*, *depois que*, *assim que*, *sempre que*: Irei quando nada *houver* que fazer — Enquanto me *quiserem* aqui, aqui ficarei — Sairei assim que me *virem* — Sempre que eu *disser* sim, digam não.

Relativas: Haja o que *houver*, irei — Diga o que *quiser*, estará mentindo — *Quem for* inocente atire a primeira pedra.

Proporcionais: Quanto mais *quiserem*, tanto mais terão.

Comparativas: Farei tal qual *mandarem* — Dirão tanto quanto *puderem*.

Conformativas: Agirei conforme ele *disser* — Farei da mesma maneira que ele *fizer*.

F — É a eventualidade uma das idéias caracterizadas pelo subjuntivo: Não falta quem *pense* assim — Há quem *queira* ir — Vou encontrar quem *compre* — Não digo que você *seja* o que dizem — mas quando a subordinada expressa fato que não se realiza no passado com relação ao fato expresso na principal (suposição que implica o contrário), emprega-se o imperfeito do subjuntivo: Imaginava que *fossem* eles (mas não eram) — Achei que você *possuísse* recursos para isso (mas não possuía) — Não era crível que *fizesse* tanto mal (mas fez).

Em tal caso de suposição que implica o contrário (os verbos estão no passado), em lugar do subjuntivo pode aparecer na subordinada o futuro do pretérito: Cuidava que *passariam* de ano.

Fácil é corrigir os dois últimos verbos (*visar, marcar*) deste período: "Ficou acertado que o diretor comercial *faria* viagem ao exterior, para manter os primeiros contatos que *visem* à expansão ou *marquem* o início das exportações." — Com os tempos a concordar, o período deve ser redigido: "Ficou acertado que... *faria* viagem... para manter os primeiros contatos que *visassem* à expansão ou *marcassem*..." — Se no futuro estivesse o verbo *fazer*, a concordância temporal seria: "... *fará* viagem... para manter contatos que *visem*... ou *marquem*..."

E assim, continue ou não a doença, o certo é: "Eu *disse* que você *estava* doente". V. *estava havia* dias; V. *há, havia*.

Verbos continuados - Diz Rui, na Réplica: "Tratando-se de

verbos continuados, basta que a preposição se exprima antes do primeiro: O mártir foi condenado a *padecer* *tratos*, sofrer mutilações, perder a fortuna e morrer *queimado*. Quatro verbos — continua Rui — regidos da preposição "a", uma vez só expressa. Repeti-la antes de cada uma das orações sucessivas era tirar ao período fluência, elegância e força."

Entendamos bem Rui: Fluência, elegância e força não são esteios para regras de gramática: quando mais fluente, mais elegante, mais incisiva julgar um autor a não repetição no caso em apreço, muito bem; quando, porém, julgar um autor que a repetição é que virá trazer esse efeito, procederá bem em repetir a preposição: "Estamos sentindo em torno de nós a prodigalidade a palpitar, a revolver-se, a rescender, a cantar por toda a superfície da terra" (Castilho).

Verbos de expressões de tempo - É negável e cada vez maior a influência que o inglês vem sobre nós exercendo com a introdução em nosso idioma já de palavras desnecessárias, já de arranjos sintáticos estranhos ou causadores de dúvidas.

É construção inglesa sempre e muito usada esta: "Quanto tempo irá levar-nos para chegar?" Nosso idioma não permite que dessa forma se traduza a expressão inglesa (How long will it take us to reach there?), mas a verdade é que temos outros verbos com construção semelhante em expressões de tempo, dos quais uns são usados também de outra maneira, ou seja, com atribuição da ação subjetiva à pessoa e não à coisa. Esta lista não é completa, mas demonstra as variadas formas de construção, com exemplos tirados de dicionários e de autores.

Consumir: *Consumi* horas e horas em ponderar a situação — A situação *consumiu-me* horas e horas de ponderação — Os autores em cuja lição *tenho consumido* a maior parte da minha idade.

Custar: *Custar-lhe-á* muito fazer isso — *Custou* muito à criada atender. (Não encontramos exemplo que justificasse a construção "a criada *custou* muito para atender".)

Demorar: O Paraíba *demorava* para secar — *Demorei* para aprontar o serviço — O conde *demorou* em satisfazê-la — Não se *demoraram* a decifrar o enigma.

Gastar — *Gastei* dois anos no trabalho — O trabalho *gastou-me* dois anos para ficar pronto — O tempo que em prazer *gastavam* — *Gastara-se* no concerto muito mais tempo que em as fazer de novo.

Levar: Os trabalhos *levaram-me* a noite toda — *Levei* dois lustros nessa inútil diligência — *Levei* dias e dias a rondar os pantanais — Negócios há que *levam* muito tempo a concluir, a realizar — Mais de dez anos *levei* para aprontar o livro — Escrever um livro como esse *leva* muito tempo — Quanto tempo *leva* o bicho para se encasular? — Quanto tempo se *leva* para chegar a esse lugar?

Tardar: A casa *tardou* para ficar pronta — *Tardei* para aprontar a casa — Deus *tarda* o castigo — Ele não costuma *tardar* em responder — Horas de noite folgada não *tardam*, não têm vagar — Vem, não *tardes*, que os copos já retinim — Que novas traz? Sabê-lo-eis muito presto, que não *tarda* convosco (empregado por Garrett com a significação de "chegar prestes à presença de alguém").

Tomar: Aquele trabalho *toma-lhe* muito tempo.

Verbos terminados em "ear" e em "iar" - 1. Grafa-se um verbo com *ear* quando derivado de nome terminado em: a) *é*: *pé, apear, despear* (gastear os cascos de uma cavalgada); b) *ajem, agem, argem, pajem, pajear, homenagem, homenagear; margem, margear*; c) *eio: meio, mear; recheio, recheiar; esteio, estear; tiroiteio, tiroitear*; d) *eu: breu, brear; areu, arear* (pop. *ficar pateta*); excetua-se *judiar* (de *judew*), por influência de *judia*; e) *eia: areia, arear; cadeia, encadear*; f) *ejo: manejo, manear* (síncope de *manejar*); *ornejo, ornear* (síncope de *ornejar*); g) *éia: idéia, idear; estréia, estrear*; h) *a, e e o* átonos: *carta, cartear; estaca, estaquear; relance, relancear; aparte, apartear; pescoco, pescocar; toxo, toxear*; i) *oz, uz: voz, vozear; arcabuz, arcabuzear*; j) *ão:*

capitão, capitanear (lat. *capitanum*); *canhão, canhonear* (cast. *cañon*); *são, sanear* (lat. *sanum*); *arção, arpear; patrão, patronear* (lat. *patronum*).

2. Grafa-se um verbo com *iar* quando derivado de nome terminado em: a) *ia, io: arrelia, arreliar; maquia, maquiar* (medir com maquia); *avaria, avanar; estria, estriar; fastio, enfastiar; rodopio, rodopiar; estio, estiar*; b) *ia, io* átonos: *minúcia, minúciar; silêncio, silenciar; ansia, ansiar; estância; estanciar; contrário, contrariar; favônio, favoniar* (favorecer); c) *ença: presença, presenciar* (lat. *praesentiam*); *diferença, diferenciar* (lat. *differentiam*); *licença, licenciár* (lat. *licentiam*); *sentença, sentenciar* (lat. *sententiam*).

Não se confundam verbos como estes: *afear e afiar*; o primeiro (de *feito*) significa *tornar feio*; o segundo (de *fiar*) quer dizer *amolar*. O mesmo se observe com os verbos *cear, comer a ceia, e ciar* (de *ció*), ter cúmes; *estrear* (de *estréia*), iniciar, e *estriar, fazer estrias; mear, dividir pelo meio, e miar, dar mios; recheat, fazer recheio, e rechiar, chiar muito* (de *chio*).

Vereador da Câmara - Não há justificativa para a construção "os vereadores do MDB à câmara municipal de São Paulo"; seja qual for o partido a que pertencem, os vereadores são *desta ou daquela* câmara, e não "a esta" ou "aquela" câmara; a palavra não implica idéia de movimento, de direção, de tendência, de destino; "da câmara" é mero adjunto adnominal restritivo, é um genitivo puro e simples; não tenhamos medo de repetir a preposição *de*: Eles foram vereadores do MDB da câmara municipal das últimas legislaturas.

A própria palavra *deputado*, quando substantivamente empregada para designar *membros*, vem seguida de *de*: Os deputados das Assembleias estaduais têm mais contato com o povo que os da federal. (Teria muita graça afirmar: "Os deputados às assembleias estaduais têm mais contato com o povo que os à federal").

Coletivos, quando oficialmente reunidos: *câmara*.

Vereadora - V. *deputada*.

Veredictum - V. *memorandum*; V. *mícrons*.

Vergas, Mastros e Remos - Coletivo: *palamenta*.

Vergonha! - Um aluno de nossa universidade diz ter visto a seguinte legenda no pedestal de um busto oferecido a personalidade de São Paulo: "Os professores, diplomados e alunos da Universidade de São Paulo à Fulano de Tal".

Onde a luz que deve partir de centros de cultura? Terão os professores de português de colocar na sacola a violinha em que dedilham as regras da gramática e deixar ao acaso não somente a sintaxe mas a própria morfologia portuguesa?

É com pesar que vemos com certa freqüência nos postigos das repartições públicas avisos corrigidos pelos próprios populares: num é uma vírgula que falta, noutro é uma vírgula que sobeja, neste é um substantivo composto erradamente flexionado, naquele é um solecismo de ericar pelos e cabelos.

Se em tabuletas, avisos, circulares, comunicados oficiais e até em decretos nosso idioma se apresenta esfarrapado, como exigir do povo seu estudo? Não constituímos uma colônia onde os dominadores desconhecem a língua dos nativos; qual então a razão desses disparates? E não se diga que são erros de imprensa; erros de palmatória é que são.

Vérmina - A palavra, usada por *verminose*, e em linguagem figurada por "tudo o que rói e destrói progressivamente", é latina, forma pluralizada neutra de *vermis, vermis*. Veio-nos pelo francês, mas não iremos por isso pronunciá-la à francesa. Acertadamente os vocábulos oficiais a consideram proparoxítona: "... de mostrar o Brasil capaz de resistir à *vermina* que dele se alimenta".

É palavra que deve aparecer traduzida; por ser o plural neutro latino usual em inglês (*quanta, data, prolegomena, media...*) vamos apassivar-nos ao seu comportamento?

Tratando-se de doença, a palavra nossa é *verminose*; tratando-se do plural de *verme*, o plural nosso é *vermes*, ainda que empregada a palavra em linguagem figurada. O radical latino pode aparecer em derivados (*verminação, verminal,*

verminose...), não porém no plural do substantivo, que é simplesmente *vermes*.

Vernaculização - V. *forjê*.

Vernáculo - Os delinquentes da língua portuguesa fazem do princípio histórico "Quem faz a língua é o povo" verdadeiro moto para justificar o desprezo de seu estudo, de sua gramática, de seu vocabulário, esquecidos de que a falta de escola é que ocasiona a transformação, a deterioração, o apodrecimento de uma língua. Cozinheiras, babás, engraxates, trombadinhas, vagabundos, criminosos é que devem figurar, segundo esses derrotistas, como verdadeiros mestres de nossa sintaxe e legítimos conhecedores de nosso vocabulário.

"A transformação é sinal de vida", dizem os defensores da rédea solta à comunicação, do arbitrarismo léxico e sintático da informação, os que jamais se dispuseram a verificar programas de vernáculo de países ciosos de cultura e de brio cívico.

Não há muito — em 5 de janeiro de 1975 — oferecia o ESTADO na seção Atualidade Científica uma apreciação de C. L. Boltz sobre a publicação médica mais conceituada do mundo todo, a revista semanal THE LANCET. Para orgulho dos britânicos, o ESTADO reproduziu a primeira página do prefácio da revista, a qual tem sido publicada ininterruptamente até hoje, desde 5 de outubro de 1823; verifique-se o inglês que aí se encontra: é o mesmo de hoje, com a mesma colocação dos termos da oração, com a mesma disposição dos adjuntos adverbiais, com as mesmas conjunções, com a mesma pontuação e com a mesma ortografia. É o fruto da educação de um povo que impõe aos membros da comunidade sete horas diárias de escola durante toda a sua formação primária. Ao contrário de corrigir a ignorância do adulto cuidam de evitá-la, preferem fundar escolas a instituir moabrais.

O mingüado número de horas diárias de curso elementar, agravado pelo processo de seleção para ingresso nas faculdades, dá-nos oportunidade de encontrar no curso superior quem escreva "o hormônio vai haji", "cuidados da maen", "ele não exitou", "e não tem excessões". Ainda que classificatório, o exame não constituiria porteira dessa forma aberta se se exigisse prova de redação dos irreverentes e desmazelados do idioma, dos futuros defensores do "quem faz a língua é o povo". Hoje não lêem nem redigem, e amanhã, explícita ou implicitamente, doutrinarão na televisão, no momento a maior culpada da erosão do vernáculo.

Com uma assistência constituída na maioria de incultos, a televisão, que em nossa terra vive de anúncios, não sai do baixo nível em que se encontra. Programas de nível elevado não têm assistência, e portanto não rendem, mas, ainda que não seja de nível elevado, um programa pode ser apresentado em linguagem de gente civilizada. A educação, a elevação cultural, deve começar pelo zelo da linguagem, pelo respeito ao idioma. Agir de outra forma é incorrer num círculo vicioso que só a oficialização das estações de televisão poderá cortar. A patuscada da televisão tem sua base na falta de cultura do público, e cultura de povo nenhum existe que não esteja alicerçada ao apreço ao vernáculo. Assim foi em todos os tempos, em todas as civilizações; assim é nos nossos dias de hoje nos países da vanguarda do progresso.

Quarenta anos atrás, sob a presidência de Washington Luís, tivemos a proibição oficial de emprego de estrangeirismos em razões comerciais, em placas, em anúncios; não se alegue que os tempos mudaram, pois vemos no TIME de 19 de janeiro de 1976 a informação de que, na França, um novo esforço de eliminar os exemplos mais evidentes de degradação do vernáculo determinou — Lei nº 751349 — a proibição do emprego de palavras estrangeiras em anúncios, em contratos comerciais, nos programas de televisão e de rádio e em outros veículos de propaganda.

Não vai em leis dessa natureza o desprezo a línguas estrangeiras: palavras alheias devem ser evitadas quando re-

velam desprezo das vernáculos: *sexy, blue-jeans, bowling, gadget, checkup, check-out, jet, baby sitter, nonstop, dead weight, hot dog, hijack, racket, call girl, marketing, merchandising, lessing...*

Deve o patriótico que tem por ofício informar compenetrar-se da necessidade de não se deixar dominar por um filoneísmo lingüístico, da obrigação de, pelo menos, ir ao dicionário, certo de que a consciência da ignorância é um grande passo para o conhecimento.

Emissoras e público passarão a ter um comportamento recíproco de exigência de elevação de programas somente quando se compenetrarem de que a boa linguagem não dá vazão à levandade. A graça, a piada, a anedota, o cômico, a festança, todas as modalidades de folganca encontram guarida e público quando isentas de relaxamento lingüístico. Onde não há cultura do vernáculo não há possibilidade de exigência de elevação de programas. E cultura do vernáculo não é produto de portarias vazias de força coercitiva. A validade operacional de uma portaria que há poucos anos tivemos, a qual objetivava cuidado com o idioma nos centros de informação, é a mesma de um ministério de saúde que determinasse dever o brasileiro comer pão, ovos, leite, frutas e carne todos os dias... desde a data da publicação. O processo de fazer portarias e decretos produzir efeito precisa ser estudado e posto em prática; caso contrário, dará ainda mais força à "dinâmica de uma língua viva", pretexto apresentado pelo número cada vez maior de ignorantes do nosso léxico e da nossa gramática. A cultura e o conhecimento do idioma dos que labutam na informação são produto do ensino, e não consequência imediata de uma demonstração de boa vontade, principalmente quando partida de um ministério que não exige redação para passar pelas portas de faculdades de comunicação, faculdades estas que passaram de cinco para cinquenta (O ESTADO DE S. PAULO — 19/5/1974 — artigo do Prof. Ethevaldo Siqueira): onde buscar professores de gramática para toda essa gente, viciada com fichas de leitura, com postilas, com artificios de testes e com outros enganos?

Que feito traz e que crédito merece uma portaria que resolve "determinar que as empresas de radiodifusão e de televisão, em seus programas, noticiários e publicidade, não empreguem nem permitam que seus locutores e animadores o façam, expressões destoantes do vernáculo e da linguagem correta", se dias, meses e anos depois em aula de instrução secundária ouvimos e vemos uma professora de televisão educativa dizer "já te disse que você...?"

Portarias não têm alcance na área das boas intenções nem vigência na do relaxamento.

Não sabemos como fazer concordar este comentário, feito por um professor de matemática: "A maior dificuldade que meus alunos enfrentam ao estudar a matéria é não conhecerem português" — com esta deslavada confissão, feita por pretenso professor de português em aula de escola superior: "A língua é o que o povo fala; a gramática é o uso popular".

Saber ler, saber ortografar, obedecer aos processos sintáticos, saber consultar dicionário, conhecer a ordem alfabética, nada disso importa ao professor saranga; para ele, essas são exigências de outros idiomas, não do que o brasileiro fala. "Não dou gramática" — disse outro "colega" — "eu só adoto livros de textos, e, assim mesmo, não aceito livro que fale em mar, maré, marisco; isso meus alunos nunca viram nem irão ver".

É do dia 13 de fevereiro de 1979 uma entrevista à BBC de Londres do escritor russo Alexandre Solzhenitsyn na comemoração do quinto aniversário de sua saída da União Soviética, entrevista dirigida em ondas curtas ao povo russo, da qual consta essa passagem: "O que é preciso é desenvolver um sentimento por nossa língua nativa, por nosso solo nativo, por nossa história".

Ai está, em primeiro lugar, como objeto de cuidado, o vernáculo, sentimento tão expressivo quanto o de Rui: "Uma raça cujo espírito não defende o seu solo e o seu idio-

ma entrega a alma ao estrangeiro, antes de ser por ele absorvida".

E a esse pensar faz eco o que se encontra na abertura de uma gramática: "A língua é a mais viva expressão de nacionalidade. Saber escrever a própria língua faz parte dos deveres cívicos".

O abandono da gramática é consequência natural, força da, de professor que não se dá conta da inutilidade da profissão, ou melhor, da sua própria inutilidade. Claro está que para esse professor não importa escrever com apuro gramatical: para ele, é uma apostasia lingüística o axioma, repisado por Leão XIII a um cardeal: "Expor as coisas em estilo elegante é o melhor convite ao escutar e ao ler", palavras que constituem corolário do que se encontra no Direito Canônico (1364, 2º): *In inferioribus seminarii scholis linguas praesertim latinam et patriam alumni accurate addiscant.*

Nem medicina, nem engenharia, nem ciências sociais, nem história, nem geografia, nem pedagogia, nem economia, nem administração, nem comunicação, nenhuma das faculdades que essas disciplinas ensinam exige do estudante conhecimento do idioma. Quando do vestibular consta "português", a prova é uma farsa; de cinquenta perguntas, vinte e cinco são sobre literatura, o que equivale a dizer que não versam sobre o estudo do idioma, dos processos estruturais da língua. Não é com saber dizer quem foi o autor das "Cartas Chilenas", qual o de "Marília e Dirceu", de que romance de Machado de Assis são os personagens Bentinho e Capitu que um indivíduo demonstra que conhece português, como conhecer português não é saber de que olho era Camões cego, de que Olavo Bilac morreu.

Das outras vinte e cinco perguntas, quinze pretendem verificar se determinada passagem, se certo período de um ilustre desconhecido encerra ou elegância, ou coerência, ou conexão de idéias.

Não pense o leitor que as dez restantes perguntas têm por finalidade verificar conhecimento de gramática: duas são sobre etimologia, e uma sobre figuras, assuntos que pertencem já à história, já à retórica.

Sete, somente sete dos cinquenta testes dão certa atenção à gramática; acaso é demonstração de conhecimento de português saber o que é "analogia classemática", "unidade melódica", "consoante bilateral"? Isso — se de interesse é inquirir de um estudante — não é peculiar, não é assunto privativo da malfadada língua de nossa terra.

Que valor encerra para tais professores a prova de redação? Se inglês fosse a disciplina, composições, dissertações, cartas, a par de "patterns", de "kies", de "structures", ou seja, a par de gramática teriam de ensinar e exigir dos alunos; mas é português que nesta terra se fala, língua de giria, língua sem peias sintáticas, língua de flexão arbitrária, língua do "dêixó vê", do "mandi ele", do "já te disse que você", do "não lhe conheço", do "fiz ele estudar", do "vi os meninos saírem".

Bem redige quem sabe desenvolver o assunto, real ou fictício, sobre que vai escrever, e, em segundo lugar, quem conhece o idioma em que vai expô-lo. Nesses dois pilares se assenta a redação, nome que não comporta especificações como "livro de redação comercial", "manual de redação oficial", amontoados de chavões, o mais das vezes prenhes de erros de gramática.

Diga um professor de português que ninguém paga as horas necessárias para corrigir os trabalhos de redação dos seus alunos; diga não serem aulas de português iguais a aulas de desenho; o que não deve é revelar sua própria inutilidade com dizer em classe de "faculdade" — isto soubemos de mais de um — "gramática já era". Esse é o ponto a que vemos chegado nosso idioma: confissão de incapacidade profissional, demonstração de falta de brio cívico, mouquice de autoridade de ensino.

Informação enganosa, de humilhante repercussão para a classe, é a que vem sendo veiculada por ocasião de con-

curso de ingresso no magistério de português: "Noventa e nove por cento de professores de português reprovados".

Não existe gramática histórica na programação do vernáculo nos dois graus de ensino atualmente existentes neste país. Tampouco existe retórica. Que procedimento é esse de verificar para o ensino de arte culinária se o candidato ao seu magistério conhece a fórmula do cloreto de sódio? Para demonstrar capacidade de lecionar gramática numa *senior school* necessita o examinando mostrar que sabe distinguir os vários sentidos de *syntagma*, qual é o étimo de *knee*, qual a leviandade que determinado autor modernista escreveu?

Não importa saber quem redigiu as oitenta questões — cada uma com quatro "alternativas" — apresentadas no último concurso, se um professor ou comissão de professores, se uma editora, se algum membro de clube artístico, se algum psiquiatra, se algum sintagmarca. Escolhearam ontem o latim para exigir hoje inutilidades para o ensino da nossa gramática?

A gramática, no que diz respeito à função da palavra, é internacional. O que é sujeito em português é sujeito em chinês; o que é objeto direto em nosso idioma é objeto direto em qualquer outro, e o mesmo se diga de todas as funções sintáticas e de todas as classes de palavras.

Que vemos hoje em nossas escolas? O professor de inglês é que tem de ensinar ao pobre do brasileiro o que é verbo transitivo, o que é regência, o que é preposição, o que é advérbio. Como professor de nenhuma língua precisa ensinar o que é crase, saem nossos filhos das escolas sem saber nem ao menos as duas regras práticas para fundir dois *aa*.

Não só a função, mas a própria grafia de nossas palavras professores de outros idiomas ou de outras disciplinas têm de ensinar, porque os colegas de português não o fazem.

Houvesse o brasileiro refutado ensino bilingüe em todos os oito anos do primeiro grau, os garotos do segundo saberiam mais português, na grafia e na função de suas palavras. Pelo menos — e isto é de fácil comprovação — estrangeiros de formação secundária aprendem nosso idioma com mais critério que nossos patrícios, e distinguem desde logo o português colonial do literário. Sabem que idiomas se aprendem com leitura, gramática e dicionário.

É inegável a deficiência do professorado; professores e professoras chega a haver que galgam cátedras de maneira um tanto estranha, como aquela que apresentou em uma festa ao diretor do ginásio estadual um bolo que tinha de grande o que tinha de gostoso; como no currículo não havia — pelo menos naquela época — "arte culinária", o diretor deu à celebrada confeitaria a cadeira de português. Foi a informação que nos prestou brilhante professor quando lhe comunicamos nossa estranheza à ignorância de gramática que em conversa nos tinha revelado a prendada cate-drática que não sabia, nem de longe, explicar por que devemos dizer "mandei eles assinar o requerimento", e não "mandei eles assinar...".

A falta de mestres do vernáculo não é acusação nossa; vemo-la apontada por colegas que não receiam melindres nem represálias. "É totalmente inviável a introdução de português em todos os cursos da Universidade Federal do Paraná; temos apenas dezoito professores para 13 mil alunos" (O ESTADO DE S. PAULO, 28-4-76). A confissão é do Prof. Miguel Wouk, coordenador do curso de línguas da UFP; para ele, "a universidade não tem corpo docente preparado para atender um único curso da matéria; o nosso estabelecimento não pode baixar mais seu nível... não podemos culpar só o vestibular unificado pelo mal; tem ele grande parcela de responsabilidade, mas a culpa deve ser dividida também com a deficiência do corpo docente... o professor não sabe ensinar o que os alunos deveriam ter aprendido durante a infância... no próprio curso de línguas a disciplina encontra a total falta de conhecimentos dos alunos."

Os exames — podemos aduzir ao pronunciamento do colega paranaense — revelam o apoucamento do magistério

e do sistema escolar; não só, mas a falsidade dos vestibulares, a qual pode ser verificada por esta peça de coleção de "o impossível acontece". Para pleitear emprego numa grande organização de São Paulo, um acadêmico de Direito e também de Economia da Universidade de São Paulo teve de redigir uma "reflexão pessoal sobre o engajamento, colocando fatos ou situações concretas". Vale a pena ler os seis parágrafos da "reflexão", redigidos em 1975, e aqui fielmente reproduzidos:

Para iniciar esta, nada melhor que definir-mos (sic) engajamento como sendo uma conseqüência da liberdade, onde a pessoa tem que, junto com as outras, assumir uma posição pessoal."

"Essa mesma pessoa, a que nos referimos acima, tem que se aderir um processo histórico, processo este, que passa de sujeito para sujeito."

"Ao assumir o papel de meu trabalho, foram impostas algumas condições, as quais eu tive que optar se ficaria, ou não, aceitando as estas condições. Dentro destas condições eu reitifiquei algumas, ratifiquei outras, enfim, adaptei da melhor forma possível. Não há liberdade que não seja em condições."

"Dentro deste emprego, após optar por uma outra opção, horário é um exemplo razoavelmente bom, eu tive ainda, dentro das condições que me foram impostas, outras condições, mas estas pessoais (fazer ou não fazer tais coisas)."

"Para me realizar por aquilo que me propus, tive que passar por uma série de barreiras, tive que escolher um modo de viver, que, até acho, poderia ser, olhando por outro aspecto, uma causa imperfeita."

"Mas eu continuarei lutando para conseguir, repete-se, junto aos outros, a liberdade completa. Tentarei aperfeiçoar-me, paralelamente aos seus companheiros, para conseguir realizar-me sentindo-me assim útil (sempre dentro deste processo histórico) à mim, e, principalmente, à sociedade na qual eu vivo."

Por essa "redação", que deveria figurar em alguma exposição do Anhembi, percebemos, de um lado, professores que não se dão conta do esvaziamento, por eles mesmos provocado, da profissão que dizem exercer, esvaziamento reforçado pelo esterilizante processo de testes de cruzinhas; de outro, a demagogia política, inconsistente, leviana, que diminui a mão-de-obra em troca da formação acadêmica falha, incapaz de melhorá-la, demagogia que julga ser uma portaria panacéia para os erros de gramática.

Se em geral o ensino está em crise, o da gramática do nosso idioma está em concordata. "Cultura humanística" é expressão que entre nós está deixando de ter sentido não por falta de tempo de ensino, senão por carência de zelo; fraqueza do aluno universitário decorrente da mediocridade do professor não a deixa sobreviver. Enquanto não souber falar com perfeição a língua pátria, professor de matéria nenhuma se impõe.

Dissemos mal: impõe-se a crianças que, embora capazes de distinguir o ridículo do sério, o cômico do triste, são incapazes de distinguir linguagem gramatical de linguagem de cozinheira. A confusão é completa, e às vezes chegamos a quase acreditar no que nos foi relatado de um professor que afirmou: "Preciso reprovar esse aluno; imaginem que ele na prova escreveu "pacivo", com "c", e esqueceu-se da cedilha".

O desenvolvimento de um tema, uma carta, uma narração, um trabalho — seja qual for — de redação é que irá mostrar o grau de conhecimento do idioma — seja também este qual for — na sua ortografia, em suas flexões, quanto aos processos sintáticos e, ainda mais, a lógica, a racionalidade, a força criadora do aluno. A estrutura do período e de suas partes de um lado, a exposição de idéias de outro jamais podem ser avaliadas pelo engano e desprezoivo processo de sinalização de alternativas; cruzinhas, quando não acompanhadas de redação, são prenúncio fiel do falecimento do idioma. Que o semi-analfabetismo seja instituído

e oficialmente bafejado em outros países, não no nosso. Que defensores de "já te disse que você...", "mandei ele comprar", "estávamos na hora de partirmos", "vi os meninos saírem" e outras "estórias" sejam contratados pelo menos fora do perímetro urbano.

Fazer o idioma para a gramática é desfigurar a linguagem; nem tem isso cabida para quem sabe o que é gramática, mas por idioma não se pode entender a voz da ignorância, a predominância do desleixo, a autoridade do iletrado, a imposição do semi-alfabetizado. A inteireza do idioma de um país é diretamente proporcional ao número de escolas e de horas diárias de ensino, à formação cívica e cultural dos seus cidadãos.

Enriquece-se um idioma com palavras novas, brotadas de descobertas materiais, de atividade cultural e também de intercâmbio lingüístico, mas o comportamento léxico não pode ser desfigurado nem o procedimento sintático inquinado. A ferrugem que mancha, contamina e corrói é sempre produto de desmazelo, é demonstração de ausência de dono, é prova de irresponsabilidade, de esvaziamento de autenticidade, é comprovação de indiferença quando não de desrespeito.

Desde nossas primeiras aulas em estabelecimentos de ensino fugimos de obrigar alunos a decorar classes de palavras e procedimentos sintáticos, porque sempre vimos no aprendizado decorado da gramática falta de compreensão da própria gramática, ou seja, da estrutura do idioma; fugir desse procedimento é provocar o que estamos vendo: desprezo não só das normas senão do próprio manual que as engloba. É o horror à palavra "gramática"; é a falsificação, é o contrabando como reação de uma obrigação errada. A imposição de regras em lugar de sua explanação trouxe sua abolição, e a gíria substituiu o vocabulário, o erro perverte o comportamento lexicológico, a incompreensão tomou lugar da sintaxe.

Outro ponderado fator de ensino é o do livro por adotar em classe. Aqui devemos considerar professor, autor, editora.

Para certos professores e diretores o lucro pecuniário ou de relacionamento sobrepõe-se ao didático. O professor, ora porque o diretor da escola em que leciona tem alguém da família a representar a editora, ora porque ele mesmo tem parentesco ou amizade com o intermediário comercial, não se dá ao trabalho de verificar autores de outras editoras.

"Não adoto autor; autores existem muitos e qualquer um serve; eu adoto editora" — é afirmação, feita há quase vinte anos, que nos calou para a vida inteira, colhida numa visita a estabelecimento oficial de ensino. Método, didática, inteireza de assunto, índice analítico de toda a matéria não pesam no critério de adoção do texto de aula: para esse filodoxo a editora sobrepõe-se à educação.

Neste mesmo ano de 1979, no primeiro dia de aula, demos com esta deprimente demonstração de desprezo de nossa juventude: Um corredor inteiro de prateleiras de uma escola de primeiro grau estava repleto de livros de uma mesma editora para todos os alunos dos oito anos do curso. "Mas as senhoras — perguntamos — escolheram esses livros para as suas aulas?" — "Não, senhor, nunca vimos esses livros" — foi a resposta. "Os alunos — prosseguimos — levam o livro para casa para estudo, para consulta, para indagação do significado de palavras, para recordação?" Desencorajou-nos a nova negativa para outras perguntas. A evidência do artifício da editora, em convivência com o desprezo oficial da educação de nossos filhos, não alentava novas indagações.

Liberdade de cátedra em nossa terra é a de pregar religião e sistema político, não a de ensinar a disciplina em que se formou o professor que ao perceber que o livro imposto é dos tais que apassivam a pobre criança, impingem-lhe idéias, transmitem falsidade, quase sempre partidas dos mesmos doutrinadores, agentes ideológicos de editoras sem tradição nem preocupação de patriotismo, e impedido de

adotar outro, limita-se a dar apontamentos, a fazer ditados que não são corrigidos ou se perdem. Ainda que tais livros sejam levados para casa, não será de espantar que os pais os vejam no fim do ano limpos, sem o menor sinal de uso, mas o objetivo "educacional" da editora terá sido alcançado.

Fatos lingüísticos, geográficos, históricos, literários deixaram de ser expostos por livros e passaram a ser empurrados por postilas e apurados por cruzinhas. Em vez de redação que comprovasse ter o aluno digerido, assimilado tudo o que fora dado através da gramática e da leitura, passamos a ter testes sobre denguices lingüísticas quando não tolices didáticas.

"Precisamos — diz o Prof. Antônio d'Ávila — reabilitar o estudo da gramática como código do bem falar e do bem escrever. Por onde — continua — aprenderá o estudante a sua língua? Dizem que lendo os bons escritores. Mas quando lê o estudante bons escritores se a música popular e o esporte absorvem seu tempo e sua alma? Ainda que vá a uma antologia — continua o professor — como pode ele verificar serem bons os trechos e por que, sem a terapêutica do erro, a gramática? Sempre li gramáticas e sempre procurei inteirar-me do correto."

Como dizia a nobre escritora Júlia Lopes de Almeida, "o primeiro dever do cidadão é falar bem a língua materna, e não pregar-lhe remédios".

Nosso idioma — é conclusão triste mas forçada — vem perdendo sua fina textura e substituído dia a dia por um emaranhado de esparadrapos.

Se seu filho está cursando a faculdade — seguimos aqui o raciocínio do NEWSWEEK — é provável que ao se formar seja incapaz de escrever com algum grau de estrutura e lucidez; se está cursando o segundo ciclo e pretende ir para a faculdade, sua capacidade de escrever no nível mínimo aceitável num curso superior é inferior a cinquenta por cento; se não pretende fazer o curso superior, sua capacidade de escrever poderá ser insuficiente até para qualificá-lo para trabalho administrativo de rotina; se, finalmente, ele ainda cursa o primário, quase certamente não está recebendo adequado material de leitura nem, muito menos, orientação que lhe faculte e permita escrever de forma inteligível. Sem querer, nosso sistema educacional está criando uma geração de semi-alfabetizados.

Não precisamos dar-nos ao trabalho de muita pesquisa para verificar que os alunos saem do curso secundário sem que nunca tivessem feito um exercício de redação.

A "criatividade" da televisão cria a incapacidade de expor com clareza o pensamento, e professor não falta que julgue ser o desprezo da gramática e da leitura fator gerador de espontaneidade. Não se consegue resultado criativo de alunos que não sabem utilizar a linguagem como ferramenta.

O estudante a que é negado o domínio da sua própria língua por recusa dos professores de ensinar-lhe gramática perde oportunidade de obter melhores empregos, para os quais o conhecimento da língua é necessário. O importante, diz a professora McPerson — que se classifica a si mesma de idealista — é que as pessoas se encontrem em sua própria língua.

"Aprender a escrever é a coisa mais difícil e importante que uma criança pode fazer" — diz o dr. Carlos Baker, autor da famosa biografia de Ernesto Hemingway e chefe do departamento de inglês da Universidade de Princeton. "Aprender a escrever é aprender a pensar".

Sem dúvida, pôr o pensamento em forma escrita força o aluno a examinar o verdadeiro significado das palavras e o obriga igualmente à lógica ao passar de uma afirmação a outra.

Para discutir algo com profundidade é preciso ser capaz de colocá-lo em palavras escritas. Não foi por outro motivo que o professor Jaime Knapton, supervisor de inglês de Berkeley, abandonou a universidade, desanimado, quando a direção deixou de exigir redação no exame vestibular;

foi lecionar inglês numa "high school" de San Francisco e, oito anos depois, antes de morrer, disse: "Estou realmente preocupado com a inculta massa de estudantes que anda por aí; ninguém mais se preocupa com Shakespeare, com a construção da frase, e a criança fica por aí discutindo entre si sem saber ao menos expressar um sentimento de forma coerente."

Mas o primeiro passo — afirmava o professor Knapton — deve ser ensinar os próprios professores a escrever. Após resultado de recente pesquisa que deixou horrorizados os diretores da escola de Maryland porque cinquenta por cento dos professores malograram no exame de gramática, pontuação e ortografia, decidiu a Junta Educacional de Stanford, Connecticut, que todos os professores se submetessem a um exame de inglês falado e escrito e fizessem cursos complementares.

Mais este exemplo do comportamento americano para os derrotistas do ensino da gramática em nossa terra. Na Academia Phillips, de Andover, Massachusetts, passaram a exigir, para todos os cursos, competência de leitura e de redação; todo o aluno, independentemente de seu nível, é obrigado a fazer esse curso, denominado simplesmente de "Competência", até ser considerado bom; a ênfase está na construção de períodos, de orações, e em elementos de estilo; enquanto demonstrar que é incompetente em leitura e redação, um jovem não passa para estudos mais avançados.

Não sejamos, entretanto, pessimistas; embora muita gente haja a pretender ser dona da linguagem e pouca a desejar ser sua servidora, tenhamos esperança em termos encontrados um ministro de Educação que leva a sério a inteireza e a preservação do elo que ainda une todos os milhões de habitantes de nosso enorme território.

O trabalho não será pequeno, principalmente se considerarmos que qualquer esforço para melhorar o ensino básico em estabelecimentos quer oficiais quer particulares prejudicará o esforço de expandir o ensino superior, em que em nossa terra tem assento somente 1,1 por cento da população, percentagem que nos coloca em penúltimo lugar entre todos os países do mundo, dado esse constante do relatório de trezentas páginas elaborado pelo Prof. Edson Machado de Sousa no Departamento de Assuntos Universitários do Ministério de Educação e Cultura.

A verdade é esta: Não há aulas de gramática nas escolas porque a gramática é desprezada pelos próprios professores e pelos programadores de ensino. Ambos confundem, talvez de maneira propositada, gramática com literatura, que é estudo meramente histórico, pois dar autores em aulas é ensinar a ler, e não ensinar a língua, como dar "fichas de leitura" é perambular no terreno literário, não no gramatical.

A "Portaria do Vernáculo" abriu caminho para a luta; seja esta realmente travada até a final derrota dos que pública quando não acintosamente nos diminuem perante os que falam outros idiomas — são os votos deste lutador pela sobrevivência em nossa terra da língua portuguesa. V. *ensino do vernáculo*.

Versão - A inquietude da ignorância é fator criador de arbitrariedades. Desde quando versão significou "tradução de língua estrangeira para o vernáculo"? Esta é engraçada: Se estou no Brasil, uma passagem francesa é "vertida"; se na França, a mesma passagem é "traduzida". É ou não é produto de inquietude mental esse procedimento?

Assim como *verter* é sinônimo de traduzir de uma língua para outra (Encareceu a mestria com que ouvira Vicente Fabricio *verter* em latim os trechos mais difíceis — Rebelo da Silva), o substantivo *versão* é mero sinônimo de *tradução*.

Porque à tradução do Velho Testamento, feita (a pedido de Tolomeu, pelos setenta sábios de Jerusalém) do hebraico para o grego, foi dado o nome "Versão dos Setenta", vamos deduzir que já não podemos "traduzir" nem o grego nem o latim? Outra é, e não essa, a causa de não podermos traduzir línguas estrangeiras para a nossa.

É tudo *traduzir* (*tradução*): "Obras traduzidas não mostram o estilo do autor". *Verter* (*versão*) é simples sinônimo, como simples sinônimo é *trasladar* (*trasladação*): "Castilho *trasladou* as Geórgicas para português" (Aulete).

Vestiúra - É a forma certa de designar a cerimônia em que se recebe o hábito religioso. Uma das funções do sufixo *ura* é, acrescido a tema verbal latino ou vernáculo, indicar ação ou resultado de ação: *captura, censura, costura, fervura, formatura, fritura, leitura, pintura, ruptura, tremura, veladura*. V. *tomar*.

Vexo - Vamos pôr o circunflexo para clareza: *vêxo, fêcho, desfêcho, enfrêcho, esmêcho, refêcho* — Os verbos da primeira conjugação com esse som chiente têm o *e* fechado nas formas rizotônicas. *Gr. Met.* § 446, b.

Vez — Em expressão de multiplicação o gênero é obedecido. Da mesma forma com que se expressa "uma vez um" deve-se dizer "duas vezes dois", "catorze é duas vezes sete", "vinte é duas vezes dez".

O resultado da multiplicação "duas vezes dois" traz o verbo no plural: "duas vezes dois são quatro", "duas vezes dois fazem quatro", procedimento que se observa também na soma: dois e dois são quatro, dois e dois fazem quatro.

Devemos todavia verificar o comportamento do português em outras expressões consagradas: Quanto é duas vezes dois? — Quanto é dois mais dois? — Quanto faz um quinto mais três meios? — Cinco mais sete quanto faz? Faz doze — Quanto é quinze vezes nove? — Quanto é mil e um menos cento e um? (O vulgo diz *cantê* — Domingos Vieira.)

Vê-se dos exemplos que o singular é influenciado por *quanto*, como se estivesse por "que quantidade é?": Duas vezes dois que quantidade é? — Mil e oito com três que quantidade dá?

É curioso observar que tais expressões são também fixas em outros idiomas e, ao mesmo tempo, nem sempre iguais às nossas; enquanto dizemos "dez nonos mais um terço são treze nonos", o italiano traduz o "são" por "é igual a". Outras vezes tem as mesmas variações nossas: Cinque piú sette quanto fa? Fa dodici — Quanto fa un quinto piú tre metà?

Já o inglês deixa usualmente no singular o verbo: Four times four is sixteen (Webster) — Four times five makes twenty (Otto Jespersen).

O espanhol é mais rígido: Dos por dos son quatro — Quanto son dos por dos? Tres veces tres hacen nueve (David Ortega Caverio).

Vi aí - Não devemos esquecer-nos de que *aquí* corresponde ao demonstrativo *este, aí a esse, e ali* ou *lá a aquele*. A diferença entre tais demonstrativos deve indicar-nos a distinção entre *aquí, aí e ali*. Se, referindo-nos a ser já indicado, já citado, dizemos *esse*, e não *aquele*, não poderemos dizer: "Estive em Paris e vi *lá* muitas coisas"; o certo será: "... Paris e vi *aí*", porquanto o advérbio não se relaciona com a distância geográfica da cidade, mas com uma palavra já referida: Vi *nesse* lugar (e não: Vi *naquele* lugar). Vi *aí* (e não: Vi *lá*).

Outro cuidado no emprego de *aí*: Quando a preposição rege um infinitivo ela não se combina nem com o sujeito, nem com o objeto anteposto, nem com os advérbios *aí, aquí, ali* ou outro começado por vogal: "É tempo de *aí* ter chegado". A preposição está regendo o infinitivo *ter chegado*, razão por que não se combina com as palavras postas entre a preposição e o seu verdadeiro régime. *Gr. Met.* § 776, 1, n.

Via crucis - Expressão latina (caminho da cruz) que se emprega por *via dolorosa* para indicar sofrimento prolongado.

Via trita, via tuta - Expressão latina que significa: "Caminho trilhado, caminho seguro".

Viação, Veação - Com *i*, conjunto de estradas ou caminhos; com *e*, caca ou iguaria de animal bravo dos montes. Se *viador* é o transeunte, o passageiro, *veador* é o monteiro, o caçador.

Viagem, Viajem - Nos verbos terminados em *jar* conserva-se o *j* em todas as formas da conjugação: *viajei, viajaste, viajou, viaje, viajes, viaje, viajemos, viajais, viajem*.

Escrevem muitos a terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo também com *g*, o que é erro; só o substantivo traz *g*, que veio de um *t* latino (*viaticum*), como o *g* de *selvagem* (*silvaticum*).

Viajante - Coletivo: *V. pessoas quando viajam*.

Viana - Adjetivo pátrio: *vianense, vianês*.

Vice - Prefixo que exige hífen: *vice-província, vice-provincial*.

Viceja - Com *e* fechado. *V. moureja*.

Video meliora probóque, deteriora séquor - Sentença com que Ovídio nos lembra a fragilidade humana: Vejo o bem, aprovo-o, mas faço o mal.

Video, Videoteipe - Formas de aportuguesamento já consagradas. Escrever *tape*, nome comum, e ler *teipe* é que não tem fundamento.

Vidro - Barulho: *craque, estalo, estalar*.

Viemos, Vimos - Fácil é identificar a forma verbal *viemos*, e ninguém erra no seu emprego, mas o presente de *vir* causa tropeço a muita gente boa: *Vimos* todos os dias de ônibus para o trabalho.

Viger - É verbo regular (estar em vigor, ter vigor, vigorar), mas defectivo; não se emprega na primeira pessoa do sing. do indic. presente nem, portanto, nas do presente do subjuntivo: Essa lei já não *vige* — Ao tempo em que *vigia* a ditadura — Lei *vigente* (e não *viginte*) — Lei que está *vigendo* (e não *vigindo*).

Vilão - Tem plural duplo: *vilões, vilões*. O feminino é *vilã*.

Vindo - Nenhuma das funções possíveis ao gerúndio desempenha *vido* na sua oração; não junta ao verbo principal nenhuma circunstância, nem se lhe deve confundir a função com a exercida em cláusulas gerundiais. Quando dizemos "Vindo a São Paulo, hospede-se no hotel Tal", indicamos uma circunstância de tempo (quando vier, ao vir); não varia o *vido* ainda que se refira a nome feminino, e podemos fazer preceder o gerúndio da preposição *em* (*em vindo* a São Paulo).

Tal não se dá no seu caso, porque *vido* é aí participio, e não gerúndio, e quando vem sem auxiliar o participio varia como se viesse acompanhado do verbo *ser* (outras vezes do verbo *estar*). É errado dizer: "Passado três dias, partimos" — porque o participio se tornou adjetivo e como tal deve concordar com a palavra a que se refere, que nessa oração é *dias*. Embora possamos entender o auxiliar *ter* (*tendo* passado três dias), a construção deve ser: "Passado três dias, partimos" — Chegadas ao Rio, elas não se puderam conter" — "Vindos a minha casa, considerem-se donos dela".

Vindo na sua sentença equivale a *chegado, que veio, proveniente, procedente*; dúvida nenhuma deve o senhor ter em gerúndio *vinda*, com a final. Para que não confundam com o gerúndio, compare ainda com *recurvindo*, palavra esta inexistente como forma verbal: Todas elas, *recurvandas* ao colégio, senturam-se isoladas.

Vinte - Coletivo (grupo ou total composto de vinte elementos): *vinetena*.

Vinte e cinco anos - Coletivo: *quartel de século* ("No último quartel do século 20"). A palavra quartel indica também a quarta parte do ano (*trimestre*).

Vinte e uma mil ações - Assim se diz em português, sem que nos seja permitido discutir a confluência de um nome feminino plural (*ações*) com outro masculino, invariável de número (*mil*) e com mais outro feminino singular (*uma*).

O cardinal *um* concorda em gênero com o substantivo *ações*, mas não se flexiona numericamente. Discute alguém "vinte e uma laranjas", onde *uma* é singular e *laranjas* plural? Se em vez de "vinte e uma laranjas" forem "vinte e uma mil", "vinte e uma" continuará sendo.

A única diferença entre a nossa construção e a latina está na colocação: a) o substantivo vai para o plural; b) *viginti* (vinte) é invariável; c) o *unus, una, unum* concordará só em gênero com o substantivo, mas não se põe junto dele, colocação que tem por fim evitar o encontro contrastante de "um homens", "uma rosas": "*homines viginti unus*" ou

"*unus et viginti homines*" (masc.) — "*una et viginti rosae*" (fem.) — "*una et viginti bella*" (neutro). Gr. Latina, § 171, 18, b.

Acrescida de *mil*, nossa expressão irá apresentar na tradução latina diferença, mas de outra natureza, pois agora o cardinal latino corresponde ao nosso *milheiro* (um milheiro de homens, vinte e um milheiros de rosas, vinte e dois milheiros de guerras) e a posição do nome irá influir na sua flexão de caso, não mais porém na de gênero.

Digamos sem receio "vinte e uma mil ações", sem pensar em discordância nem entre *uma* e *mil*, nem entre *uma* e *ações*. Ainda que por tola exigência sejamos obrigados a expressar por extenso numa cautela de mil ações este total, façamo-lo também aqui sem pensar em discordância: *Uma mil ações*. O que não podemos é aconselhar que se comprem mais outras mil ações para fugir da dificuldade, a semelhança daquele que, não sabendo como ler o nome de uma rua, carregou às costas um burro morto para outra de nome simples, curto e comum, que facilitasse comunicar à prefeitura o achado.

Vintes - Por que não pluralizamos os cardinais quando referentes a anos de idade? "Lembrando seus maravilhosos *vintes*, o artista narrou..." não é construção para ser rejeitada; pelo menos causa-nos estranheza menor que o acréscimo de "anos" à expressão: "Lembrando os maravilhosos anos 20". A expressão por algarismos terá por fim deixar ao leitor o encargo de ler como achar melhor?

Se — por falta de hábito — vemos certa estranheza, não vemos falta de justificação para o plural do cardinal substantivado: "nos meus últimos *cinquentas*". Tanto para indicar anos etáticos quanto para anos civis essa substantivação viria evitar-nos circunlóquios de expressão: "Quanto à idade os saltadores se enquadram dos dezesseis aos quase últimos *setentas*" — "Os primeiros *setentas* foram difíceis para a Revolução".

Mais longe pode ainda ir a substantivação; pode incluir também os anos indicativos do século: "Todos os *mil novecentos e trintas* foram difíceis para São Paulo" — afirmação que, expressa em algarismos, ficaria: "Todos os 1930s".

Viquim - A pronúncia do sueco, de outros idiomas escandinavos e ainda do inglês leva ao aportuguesamento com *im* final, átono. Proveio do escandinavo *vikingr*, aparentado com o antigo francês *wiking, walsing*, ao anglo-saxão *wicang*, provavelmente relacionado com *wic*, campo, do latim *vicus*, aldeia, bairro, povoação. É o que nos informa o Webster.

Vir - Difícilmente, ainda de pessoas de certa cultura, ouvimos este verbo corretamente conjugado na primeira pessoa do plural do indicativo presente: se perguntarmos: "Como costumam vocês *vir*?" — encontramos quem erroneamente nos responda: "Nós sempre *viemos* de ônibus" — em vez de "Nós sempre *vimos* de ônibus".

Cuidado precisamos também ter no conjugar a forma participial de compostos de *vir*, se de *vir* é *vido*, de *intervir* é *intervido*: "Se tivéssemos *intervindo* prontamente, teríamos evitado sua morte".

Desavir é outro composto de conjugação perigosa; se de *vir* o mais-que-perfeito é *vieram*, de *desavir* é *desavieram*; eles se *desavieram*.

Vir a - Seguido de *a* e um infinitivo, o verbo *vir* forma locução verbal e assume o sentido de *acontecer, suceder, chegar*: *Veio a saber* — Terras que *venha* ele a encontrar — O que *vem a* dar na mesma — O Farão *veio* também a morrer.

Vir de - Galicismo na acepção de *acabar de*: "Vem de aparecer o último livro da série" em vez de: "Acaba de aparecer..." — "Vem de estrear a Companhia Nacional" em vez de: "Acaba de estrear..."

Lidimo vernáculo na acepção de *vir* (movimento), *chegar, voltar*: "Donde vens, padre? *Venho de* dizer missa" — "Quando chega àquele porto Luís Falcão, que *vinha de* governar Orms".

Virar - Em orações como: "O homem *virou* bicho", "O anjo *virou* demônio", "A larva *virou* inseto", "A crisálida *virou*

borboleta" — o verbo *virar*, que aí significa *transformar-se em, tornar-se, converter-se em*, tem a mesma função dos verbos *ser, estar, permanecer, ficar, continuar*, ou seja, é verbo de ligação, e o nome a ele posposto é predicativo.

Virgílio - Felizmente já ninguém pensa no Brasil em escrever esse nome com *e*, como nunca se pensou no Brasil em escrever com *e* a palavra *tijolo* por provir de *Tejo* (confronte-se o vocabulário oficial de Portugal).

Não se compreende que para a grafia de certas palavras como essas se alegue que só o *e* é certo; é procedimento normal na derivação por via popular a mudança do *e* para *i*: *igreja, igual* (lat. *ecclesia, aequalis*).

Os derivados também com *i*: *virgiliano, virgilista*.

Com *i* foi *Virgílio* escrito desde muito tempo e com alegria verificamos que esse é o procedimento de notáveis mestres estrangeiros. O professor Andrew F. West, deão de Princeton (U.S.A.), escreve no "New York Times": No último século ficou provado plenamente que *Vergilius* era a forma do antigo latim, mas os povos de estirpe latina, todos, transformaram uniformemente o *e* da primeira sílaba em *i*. A tradição da linguagem é contrária a restituições em tão mal aplicados intentos.

Quando Portugal (século XII) e o Brasil (século XVI) nasceram já encontraram a grafia *Virgílio*, adotada desde o século quinto. Provado que a grafia com *i* é a tradicional em português, provado que ela é a de todos os povos cultos, com ela devemos ficar.

Virgula - 1. *Norma geral* - Segundo a ótima definição de Júlio Ribeiro, *pontuação* é a arte de dividir, por meio de sinais gráficos, as partes do discurso que não têm entre si ligação íntima, e de mostrar do modo mais claro as relações que existem entre essas partes.

Notemos bem: dividir partes que não têm entre si ligação íntima; ora, têm ligação íntima entre si os termos da oração: o sujeito com o verbo, o verbo com o seu complemento; entre o sujeito e o verbo, como entre o verbo e o complemento, não pode, pois, haver vírgula.

2. *Virgula e pausa* - É comum vermos esta doutrina: "A vírgula indica pequena pausa". — De fato, essa indicação tem a vírgula, mas não devemos aceitar como certa a recíproca: "Havendo pausa, há vírgula". Essa recíproca induz a erros e erros; pausas existem que na leitura se fazem meramente por ênfase; vezes há — e isso facilmente poderemos comprovar — em que separamos, na leitura ou em um discurso, o sujeito do verbo; outras, em que separamos o verbo do seu complemento, mas erro cometeremos se graficamente representarmos tais pausas por vírgula, porque *não se pode pôr vírgula entre o sujeito e o verbo nem entre o verbo e o seu complemento*, ou seja, não se concebe que se separem termos que mantêm entre si íntima relação sintática. O que podemos seguramente afirmar é: ONDE NÃO HÁ PAUSA NÃO HÁ VÍRGULA.

Vejamos estes quatro exemplos:

Linguagem é a propriedade que temos de, por meio de palavras, expressar o pensamento ("por meio de palavras" pode ser lido entre duas pausas ou sem pausa nenhuma: ou duas vírgulas ou nenhuma).

As letras classificam-se, quanto à forma, em... ("quanto à forma" pode ser lido entre duas pausas ou sem nenhuma pausa: ou duas vírgulas ou nenhuma).

...é a gramática que abrange simultaneamente diversas línguas ("simultaneamente" ou vem entre vírgulas — duas pausas — ou sem nenhuma vírgula: nenhuma pausa. Somente quando necessárias para ênfase é que vírgulas são colocadas a abraçar advérbio).

Ferro no sentido de massa não tem plural (ou: Ferro, no sentido de massa, não tem plural).

Mais três exemplos: Linguagem é a propriedade que temos de comunicar-nos por meio de palavras (não pode haver pausa: não pode haver vírgula).

...porque os substantivos que designam massa só se empregam no singular (não há pausa: não há vírgula).

A gramática expositiva (que se chama também descritiva ou prática) estuda os fatos atuais da língua (não é possível vírgula nenhuma, pois os parênteses já estão funcionando como vírgulas).

3. *Virgulas comparadas a parênteses* - Em grande número de casos, as vírgulas exercem papel de parênteses; aberto o parêntese, claro é que o devemos depois fechar: "Pedro (de acordo com as ordens recebidas) partiu". Se por vírgulas substituirmos os parênteses que entram nesse período, teremos: "Pedro, de acordo com as ordens recebidas, partiu".

A supressão de uma das vírgulas constituirá erro, pois virá quebrar a concatenação da oração, por separar o sujeito *Pedro* do verbo *partiu*: OU AMBAS AS VÍRGULAS SE COLCAM, OU AS DUAS SE TIRAM.

Essa simples norma engloba várias regrinhas comentadas oferecidas em gramáticas. Sem que a pessoa saiba o que venha a ser *oração interferente, subordinada adjetiva explicativa, aposto, vocativo*, saberá colocar com precisão as vírgulas. Exemplos aqui são dados em que, para mostrar a seqüência do período, os parênteses aparecem em lugar das vírgulas: "Damão (condenado à morte) *impetrou* ir primeiro à sua casa" — "Vem (tu que duvidas da honra) *observar* o proceder deste pobre" — "Francisco (com o dinheiro ganho no negócio) *comprou* uma linda chácara" — "Diógenes (filósofo cínico) *morava* dentro de uma cuba" — "Os reinos e as terras (segundo a sentença do Eclesiástico) *passam* de umas a outras gentes" — "Nem mesmo *agora* (disse deles o chefe) *devemos retroceder*" — "O homem (que é mortal) *é* apenas forasteiro na terra".

Uma vez, em todos esses exemplos, excluída a locução que ficou entre parênteses, aparecerão ligados os termos essenciais da oração ou os que tenham entre si íntima relação sintática: Damão *impetrou* — Vem *observar* — Francisco *comprou* — Diógenes *morava* — Os reinos e as terras *passam* — Agora *devemos* — O homem *é*.

4. *Virgula, conjunção e advérbio pospositivo* - Não se pense que é obrigatória a vírgula depois de *mas, todavia, logo* etc., quando tais conjunções iniciam uma coordenada. É ela colocada somente quando exigida para dar ênfase a alguma expressão que se segue a essas conjunções; em tal caso aparecem duas vírgulas: uma antes da expressão, outra depois. No período: "Acho isso impossível, pois, estive ontem com ele" — não só não é obrigatória, mas errada, por não ter nenhuma função, a vírgula que está após o *pois*, neste caso conjunção causal, e não conclusiva.

Certas conjunções, tais como *porém, contudo, pois* (conclusivo), *todavia*, vêm entre vírgulas quando emprestam ênfase à expressão: "Vens, *pois*, anunciar-me uma desventura?" — "Naquele dia, *porém*, as lanças...".

Quando a leitura se processa sem nenhuma acento enfático e, pois, sem nenhuma pausa, as vírgulas se dispensam: "...ideias *porém* sólidas" — "Desempenham *todavia* funções...".

O mesmo se diga de certos advérbios e locuções adverbiais: é erro colocá-los sistematicamente entre vírgulas; só devem elas aparecer quando necessárias para obrigar o leitor a notar a força do advérbio ou da locução.

5. *Virgula, conjunção e advérbio prepositivos* - O advérbio e a conjunção exigem vírgula quando iniciam oração e na fala são separados por pausa: "Sim, fui eu" — "Não, não houve nada" — "Ora, não faça isso" — "Então, iremos hoje?" — "Assim, espero por você".

6. *Virgula e a palavra SO* - Em "Eu só fiz o que você pediu" — *só* significa *somente*: é advérbio; modifica o verbo e dele não pode vir separado por vírgula. Em: "Eu, só, fiz o que você pediu" — *só* passa em virtude das vírgulas a significar *sozinho*: é adjetivo.

É palavra perigosa; note-se a ambigüidade desta redação, encontrada em documento emitido por um juizado de menores: "Viaja só com permissão do pai". O pai já deu permissão, e o garoto pode viajar *sozinho*, ou o garoto precisa mostrar o papel em que se encontra a permissão do

pai porque *somente* com esse papel pode viajar?

7. *Vírgula e locuções explanatórias* - Locuções explanatórias como isto é, ou seja, por exemplo, *verbi gratia*, por assim dizer, a meu ver, por outra, além disso, a saber separam-se por vírgulas: "Porei todavia aqui mais um exemplo, isto é, acrescentarei mais uma prova".

8. *Vírgula e a subordinada adjetiva* - Sempre que dermos com o pronome relativo *que*, precisaremos verificar se a oração que ele abre *explica* o significado do nome a que se refere, ou *restringe* a sua significação. Exemplifiquemos.

Suponhamos que num período seja necessário acrescentar que um presidente é SEMPRE eleito por seis anos; essa declaração é *explicativa*, isto é, não acrescenta nenhuma novidade, nenhuma particularidade especial ou excepcional; é tão explicativa quanto a declaração de que "a neve é branca": "O presidente, *que foi eleito para um período de seis anos, nada fez que merecesse sua reeleição*". Essa oração adjetiva (é adjetiva por referir-se a um substantivo, *presidente*) vem entre vírgulas, uma antes do relativo *que*, outra após a subordinada; são as duas vírgulas necessárias por aí estarem como parênteses que encerram uma explicação; o "que" é conversível em "o qual", "e ele".

Vejamos estouta afirmação: "O presidente que é eleito para um período curto de governo tem de mostrar muita eficiência para ser reeleito". Não estamos agora acrescentando declaração de fato que se dá sempre; não estamos expondo uma qualidade inerente; passamos a especificar, a dar uma idéia necessária, a particularizar, a *restringir*: somente quando o presidente é eleito por pouco tempo deve ele mostrar muita eficiência. Comparemos a afirmação com: "As laranjas que comprei ontem estavam muito verdes". Não cabe aí vírgula nenhuma; o relativo "que" está a abrir uma subordinada adjetiva *restritiva*.

Outros exemplos: "A moça, que você contratou com tanta esperança, foi-se". A vírgula antes do "que" mostra uma interrupção da idéia que o relator estava a expressar, a idéia de que ela se havia ido: A moça (a qual você contratou com tanta esperança) foi-se; a relativa é *explicativa*. "O homem, que é mortal, passa rápido sobre a terra".

"A moça que você contratou com tanta esperança foi-se" — Não há agora interrupção de idéia; a subordinada está realmente modificando o substantivo *moça* como simples adjetivo, está a emprestar-lhe uma especificação necessária, e não uma explicação de qualidade inerente. Outras moças foram contratadas, mas a contratada com tanta esperança foi-se; a subordinada relativa identifica certa moça, particulariza, restringe; não pode ser tirada sem prejudicar o sentido do período; é *restritiva*. "O homem que é justo deixa na terra memória abençoada".

De parecer ao leitor sobeja ou longa a explicação, nossa não é a culpa; muita gente boa há que confunde idéia explicativa com idéia restritiva; lembremo-nos da "neve branca": *branca explica, não restringe*.

Resumindo: Usa-se vírgula antes de "que" que abre oração explicativa; não se usa vírgula antes de "que" que abre oração restritiva.

Quando constituída de dizeres muito longos, a restritiva pode trazer no fim uma vírgula para marcar a pausa: "As famílias que se estabeleceram naquelas encostas meridionais das longas serranias chamadas pelos antigos Montes Marianos, conservaram por mais tempo os hábitos".

9. *Vírgula e as orações pleonásticas* - Em certos casos de repetição pleonástica do objeto direto, a vírgula é necessária para clareza: "Semelhantes cortejos, de continuo os oferece a cidade" — "O estímulo da honra, tê-lo-ia o jovem pernambucano".

10. *Vírgula e as orações independentes* - Em vez de virem ligadas por conjunção coordenativa, duas orações independentes podem vir ligadas por vírgula, e dizem-se então *assindéticas* (sem união, sem ligação): "Faca boa viagem, volte logo".

11. *Vírgula e a sínquise* - Sínquise é a figura de colocação

que consiste na transposição violenta de termos, produzindo certa confusão artística das palavras: "Enquanto mandada as ninfas amorosas, grinaldas nas cabeças pôr de rosas" (...pôr grinaldas de rosas nas cabeças) — "A grita se levanta ao céu, da gente" (A grita da gente se levanta ao céu).

Nesses dois exemplos é importante e necessária a vírgula (depois de *amorosas*, no primeiro exemplo, e depois de *céu*, no segundo), sem a qual se tornaria impossível distinguir o sentido das orações.

Outro exemplo: "Pagou-se com o dinheiro do amigo, de tanto sacrifício e de tantas importunações que sofreu" — Sem a vírgula, *de tanto sacrifício* pareceria complemento de *amigo*, quando o é de *pagou-se*.

A mesma função explanatória da vírgula aparece no seguinte trecho de Frei Luis de Sousa: "E ficou murada, a uso daqueles tempos, de boa cantaria" — e neste de Coelho Neto: "...movimento que intima aos que a escutam, o entusiasmo e a persuasão".

12. *Vírgula e o zeugma* - Quando não traz perigo de confusão, a vírgula é usualmente empregada para indicar o zeugma do verbo (Gram. Metódica, § 783): "Tu foste meu soldado, e eu, teu capitão" — "Os valorosos levam as feridas, e os venturosos, os prêmios".

Quando outras vírgulas já houver em partes de um período que encerrerm zeugma, coloca-se ponto e vírgula entre essas partes, para maior clareza: "Seu rosto era sem rugas; a cúria, alva e delicada; as faces, roseadas; os olhos castanho-escuros, vivos, expressivos de placidez e bondade; a fronte, alta e vasta; a fisionomia, aberta, desanuviada, serena, reveladora de respeitosa afabilidade".

Quando, ao contrário, curtas e já separadas por vírgula forem as partes de um período nas quais há zeugma, desnecessário se tornará esse ponto e vírgula, e também desnecessária a vírgula indicativa do zeugma: "Seus movimentos eram rápidos, o olhar perscrutador, o ouvido atilado".

Ainda que não se trate de zeugma, pode a vírgula ser empregada, enfaticamente, em lugar do verbo *ser* em orações de fácil compreensão: "Estes, os maiores perigos" — "Eles, os homens que indico".

13. *Vírgula e as orações reduzidas* - Orações reduzidas de particípio e de gerúndio, quando correspondentes ao ablativo absoluto latino (Gram. Metódica, § 943, 5, obs.), separam-se por vírgula: "Tudo quanto há na capital do Pará, tirando as terras, não vale dez mil cruzados" — "Remando Tarquínio, veio Pitágoras para a Itália" — "Acabada a festa, os músicos partiram" — "Insertas essas notas, o trabalho pode ser publicado".

14. *Vírgula e orações interferentes* - Com os verbos *dizer, responder, exclaimar, prosseguir* e outros semelhantes, formam-se orações chamadas *interferentes*, ou *incidentes*, por virem de ordinário entre os membros de outra oração; vêm elas entre vírgulas: "Os cachorrinhos, respondeu a mulher, comem as migalhas da mesa de seus senhores".

15. *Vírgula e o endereço* - Não se põe vírgula antes do número que discrimina a caixa postal, pois o numeral está aí modificando o substantivo, é atributo que não pode vir separado por vírgula do substantivo por ele modificado: "Caixa Postal 44 (é o mesmo que dizer "caixa postal quadragésima quarta").

Antes do número que discrimina a casa de uma rua a vírgula se justifica, pois o numeral está agora a modificar não o nome que o antecede, mas o substantivo *casa*, que aparece claro quando também a rua é discriminada por número: "Rua 23, casa 4".

16. *Vírgula e clareza* - Correspondente à pausa feita na fala, a vírgula denota não referir-se uma palavra a outra imediatamente vizinha: "De parecer ao leitor sobeja ou longa a explicação, nossa não é a culpa".

17. *Vírgula e parêntese* - Introduzindo-se num período um parêntese em lugar onde já haja vírgula, esta se coloca depois de fechado o parêntese, uma vez que este sempre esclarece o que ficou antes da vírgula e não o que vem depois

dela: "Estava Mário em sua casa (nenhum prazer sentia fora dela), quando ouviu baterem..."

18. *Vírgula e vocativo* (Gram. Metódica, § 701) - Quando inicia oração, o vocativo exige vírgula depois ("Alunos, recordem as correções"); quando no meio, põe-se entre vírgulas ("Recordem, alunos, as correções"); quando no fim, uma antes ("Recordem as correções, alunos").

19. *Vírgula e aposto* (Gram. Metódica, § 699) - Quando vem depois do fundamental, o aposto separa-se por vírgula, e é colocado entre vírgulas quando no meio da oração: "João, meu aluno, ficou doente".

20. *Vírgula e acusativo de relação* (Gram. Metódica, § 699, n.) - O acusativo de relação é seguido de vírgula: "Tez morena, apresentou-se a mim um rapaz".

21. *Vírgula antes de "e"* - Em "Pedro deu, e o caso exigia, violenta tunda no irmão" a conjunção *e* não está ligando o verbo *deu* ao substantivo *caso*; abre ela uma locução parentética (razão por que aparece outra vírgula depois) que, excluída do período, nenhum prejuízo trará à sua integridade.

"Disse ele muitas coisas, e mais coisas teria dito não fosse a carência de tempo" — constitui outro exemplo de vírgula antes do *e*, vírgula necessária para separar complementos de verbos diferentes.

"...maduram laranjas, e esbeltos coqueiros baloucam as suas graciosas umbelas" é exemplo de necessidade de vírgula antes de *e*, pois esta conjunção não está ligando *laranjas* a *coqueiros*; cada palavra pertence a verbos de orações diferentes.

Outros exemplos: "...sentença de morte para Tiradentes, e para os outros a pena de desterro" — "A infância sabe só que vive, e ri".

22. *Vírgula e "etc."* - Assim como antes da conjunção *e* só em raros casos se emprega vírgula, da mesma maneira só raras vezes se emprega vírgula antes do *etc.*, pois essa locução encerra a conjunção *e*. Em enumerações não se irá escrever "comprei selos, papel, lápis, e outras coisas" — colocando-se a vírgula antes da conjunção; nada mais justo que condenar tal pontuação antes das letras que abreviam dita locução latina.

23. *Vírgula e as subordinadas adverbiais* (Gram. Metódica, § 901 e ss.) - Quando iniciam período, certas subordinadas adverbiais (causais, concessivas, condicionais, conformativas, finais, proporcionais, temporais) trazem vírgula a separá-las: "Porque gosto de representações dramáticas, vou ao teatro" — "Amada que enterrem a verdade, a virtude não se sepulta" — "Se os homens fossem tais, feliz seria o gênero humano" — "Como me tangerem, assim bailarei" — "Para que ele entre, eu sairei" — "A proporção que o inverno entrava, os pássaros desapareciam" — "Enquanto temos tempo, façamos o bem a todos".

24. *Vírgula e provérbios* - É a vírgula empregada para separar os elementos paralelos de uma expressão proverbial: "Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso" — "A pai muito ganhador, filho muito gastador".

25. *Vírgula e "nem", "ou"* - Não existe obrigatoriedade de vírgula antes de *ou* e de *nem*, a não ser que ela se enquadre num dos casos vistos (parenteses, clareza etc.): "Nem o pai nem o filho será eleito presidente" — "A Jugurta nem o dia nem a noite eram tranqüilos" — "O pai ou o filho será eleito presidente" — ou a repetição se opere mais vezes: "Nem os pobres, nem os ricos, nem os grandes, nem os pequenos deixaram de morrer".

26. *Vírgula e as alternativas* (Gram. Metódica, § 578) - Já, ora, quer, quando, agora, seja são conjunções alternativas que vêm repetidas no período e exigem vírgula a separá-las: "A criança já chora, já ri" — "Quer você queira, quer não queira..." — "Ora diz sim, ora diz não" — "Quando age deste modo, quando age daquele" (umas vezes... outras vezes).

27. *Vírgula e repetição* - Separam-se por vírgulas palavras repetidas ou membros oracionais de idêntica função: "Paz, paz: eis o de que precisamos" — "A riqueza, a saúde, o prazer

são coisas transitórias" (vários sujeitos) — "Comprei livros, cadernos, lápis, compasso" (vários objetos) — "Encontrava-se roto, imundo, sem dinheiro" (vários predicativos).

28. *Vírgula e data* - Quando mencionado antes da data, o nome do lugar em que a coisa foi feita ou sucedeu vem seguido de vírgula: São Paulo, 1º de maio de 1980.

Virtuoso - Não se deve empregar a forma francesa "virtuoso". Também com a significação de "artista de alto grau de técnica" o nosso *virtuoso* já é antigo; considere-se ainda que o próprio francês foi tirado do italiano "virtuoso"; é além do mais a forma de outros idiomas como o espanhol e o próprio inglês.

A forma feminina é *virtuosa*, igual à italiana e à espanhola. **Vis-à-vis** - Expressão francesa (frente a frente), empregada quando alguém se encontra em frente de outrem.

Visar - No sentido de "propor-se", *visar* sempre exigiu a preposição *a*, quer fosse o objeto constituído de substantivo quer de infinitivo: "A cura, almejado escopo a que visam as supremas aspirações do médico" — "É fábula a meu ver que visa a realçar o destino" — "Os conspiradores presos visavam a estabelecer a internacional socialista".

Em outros sentidos, incluindo-se o de mirar, ou seja, o de apontar uma arma para, dirigir o olhar para, é transitivo direto, ainda que empregado em sentido translativo: visar o alvo; visar popularidade; as notas visavam mais o professorado que os alunos.

Dada a possibilidade de quase sempre se admitir o sentido translativo — e não é em gramática aceitável que um verbo mude de regência só por ter sentido figurado — a regência transitiva direta vem sendo empregada: "Tudo aquilo não visava outro interesse" — "A associação não visa fins lucrativos".

O que não é aceitável é redigir o verbo com dois complementos regidos de forma diferente, como nesta passagem de jornal: "Visa a propiciar iguais oportunidades aos que desejam contratar com o Poder Público, dentro dos padrões previamente estabelecidos pela Administração, e atuar com fator de eficiência e moralidade..." — Redator e revisor cochilaram; se "visa a propiciar", visa também a atuar.

Visão - É palavra que especifica à francesa um animalzinho do grupo das martas; as martas propriamente ditas compreendem várias espécies, conforme nos adianta o Dictionnaire Universel des Sciences, des Lettres et des Arts de Bouillet; delas a principal é a marta comum, cujo pelo luzidio é muito apreciado.

O que nos resta é apertuguesar a palavra em *visão*, o que não constitui novidade, pois do próprio francês temos apertuguesamento muito seguido: o boi selvagem *bison* deu-nos *visão*. Note-se que a palavra *vison* é em francês masculina: o *visão*, e dele há variedades; existe no Canadá, onde há dois tipos, na Sibéria, na Europa. Talvez por ter-se originado na Índia é o *visão* também chamado "marta das Índias".

Visor, Retrovisor - Para indicar "espelho de carro" são neologismos já aceitos; existem já consignados em dicionários de língua espanhola.

Visto que - Assim se diz, e não "visto como", pelo mesmo motivo por que se diz "suposto que", "dado que", e não "suposto como", "dado como"; o verbo da subordinada pode vir expresso na forma infinitiva: "Visto estar (que estava) a armada descoberta...".

Quando seguido de substantivo, o particípio concorda normalmente com ele: "vistos os defeitos", "vista a circunstância", "vistas as dificuldades".

Vitória - Além da preposição *de* ("Combati, heroicamente, sessenta reis e deles tive a vitória e triunfo" — Afrânio Peixoto. "...e queira Deus que seja também com vitória dos navios de Sigismundo" — Vieira), mais as preposições *contra* e *sobre* podem iniciar o complemento de *vitória*. O padre Antônio da Cruz (Regimes de substantivos e adjetivos) e Francisco Fernandes (Dicionário de Regimes de Substantivos e Adjetivos) oferecem-nos estes exemplos:

contra — "...no esboçar-se da vitória dos povos *contra* os déspotas" (Rui) — "A vitória que os fiéis houveram *contra* os espíritos dos abismos" (Camilo).

sobre — "...contava ela com a vitória *sobre* o fastio do amante" (Camilo) — "Suprema vitória da razão do vencido *sobre* a força brutal do vencedor" (Ramalho Ortigão).

"Vitraux" - A palavra portuguesa é *vitral*, ou melhor, *vitrais*, porque é geralmente usada no plural: Os *vitrais* da catedral de Remos.

Além de galicismo, "um vitraux" é etimologicamente solecismo.

Vitrina - *Vitrina*, *cabina*, com "a" final se escrevem; esse o apor-tuguesamento correto de substantivos femininos franceses terminados em *e*.

Viva voce - Expressão latina usada em vários idiomas; significa "de viva voz", "oralmente": "Essa afirmação foi feita *viva voce*."

Vivam as férias - Quem declara certo "viva as férias", argumentando ser *viva* interjeição semelhante a *salve* ("salve, guerreiros"), esquece-se de que *salve* é interjeição em português pelo fato de ter perdido o caráter verbal que tem na língua a que pertence, o latim, onde nunca fica no singular sempre que se trate de mais de uma pessoa ou coisa. Como *ave* e *vale*, *salve* flexiona-se em latim (*salvete*) sempre que a mais de uma pessoa se refere. Claro é que se torna impossível em português tal flexão verbal, o que motiva a classificação de *salve* na classe das interjeições, permanecendo como tal invariável.

Com *viva* não podemos usar do mesmo argumento. A exemplo de *morra* — "Morram os traidores" — é *viva* verbo totalmente português, e como tal deverá seguir a regra geral de concordância verbal: O número e a pessoa do sujeito determinam o número e a pessoa do verbo: *Vivam* os guerreiros! — *Vivam* as férias! — *Vivamos* nós.

Viveres - Este derivado francês, que muito se emprega por *mantimentos*, *vitualhas*, é proparoxítono em português.

Vívido, vívido - Proparoxítona, a palavra prende-se ao adjetivo latino *vividus* (animado, expressivo, forte: *vividum ingenium*, caráter firme); paroxítona, é a forma participial do vernáculo *viver* (dias *vividos* da esperança): "... trouxe à mente a lembrança da mocidade de modo mais *vívido* do que as experiências *vividas* na velhice".

Igual diferença opera-se entre *flórido* e *florido*, *válido* e *valido*, *flúido* e *fluído*, *férvido* e *servido*, *próvido* e *provído*: a primeira forma prende-se a adjetivo latino, a segunda é participial vernácula.

Vocalização - Em todos os países, por menores que sejam, são encontrados regionalismos de pronúncia; comparado com Portugal, o Brasil tem poucos, mas um dos mais caracterizantes é o da pronúncia nordestina do *e* e do *o* átonos: *manêquam*, *mênuno*, *Réafe*, *Pêrnambuco*, *Jêsuais*, *prôfessor*, *pórtuguês*, *córrupção*, *sóciologia*, *têlevisão*, *têlêfone*, *vócalização*.

Já no Pará é habitual a troca do *ô* e do *ou* por *u* e vice-versa; se para o paraense a pronúncia popular de *boi* é *bui*, a de *muro* é *môro*; se para ele *pôpa* é *pupa*, *Juca* é *Jôuca*.

"Voile" - Aportuguesemos para *voal*. Se temos *restaurante* aportuguesado com a pronúncia errada, por que não aportuguesarmos uma palavra que é pronunciada corretamente e de fácil aportuguesamento, a exemplo de *esquimó*, *chofer*, *ateliê* e tantos outros?

Não surte efeito apresentar traduções para substituí-la; ademais, sua significação não é de *vêu* nem de *cortina*, senão de um tecido especial, de seda, de algodão ou de lã, parecido com a etamina. A verdade é que a palavra é muito usada e, por outro lado, é estranho que sempre à francesa se escreva.

Volenti non fit injuria - Axioma jurídico segundo o qual a vítima não deve queixar-se em juízo de ofensa por ela consentida.

Volímetro - Forma já consagrada e similar à de outros idiomas. Não confundir com o aparelho de Volta, o *voltâmetro*,

destinado a mostrar a decomposição da água por uma corrente elétrica.

Vão "Charter" - Diga-se "vão *fretado*", "avião *fretado*", "ônibus *fretado*". O verbo é *fretar* (alugar, contratar, reservar), e o "charter-party" é o "contrato de fretamento".

Vossa Excelência, vossa senhoria - Tratamentos iniciados por *vossa* são da terceira pessoa; a concordância verbal é esta: "Fulano vem requerer a V. Ex^a se digne..." — Os possessivos e os obliquos devem ser dessa pessoa: *seu, sua, o, lhe, se* (e não *vosso, vossa, vos*).

Na correspondência pública, costuma-se usar V. S^a para pessoa de categoria igual ou inferior, e V. Ex^a para pessoa de categoria superior.

Na correspondência comum, porém, V. S^a emprega-se para pessoa de relações não íntimas, mormente se meramente comerciais, e V. Ex^a para pessoa de posição política elevada, tratamento este regimentalmente usado no Brasil, também na linguagem falada, entre pares de uma câmara.

É de 5 de janeiro de 1978 o decreto 11.074 do Estado de São Paulo que "Aprova as Normas do Cerimonial Público do Estado de São Paulo". No "Anexo Único" encontram-se as "Fórmulas de Cortesia em Correspondência Oficial". No verbete *tratamento* apresentamos boa lista de cargos seguidos da correspondente "fórmula de tratamento"; o citado decreto obriga-nos a uma correção; o tratamento de *consul*, quer brasileiro quer estrangeiro, é *Vossa Senhoria*.

"Vosso pai" - Se decretos valessem a extinção do analfabetismo, se portarias trouxessem o conhecimento do idioma, deixaríamos de ver e de ouvir extravagâncias de meter dó. Uma destas, reveladora sem dúvida do sentimento de respeito de que está impregnado ainda o mais humilde caboclo da roca, mas denunciante da ignorância do idioma em que nossa gente se encontra, é a consistente em, sempre que aos progenitores do interlocutor se refere, dizer um patricio: "vosso pai", "vossa mãe", julgando ser indelicada a expressão *seu pai, sua mãe*. E não faltam, dentre os que assim procedem, os de curso secundário completo.

Não a leviandade de quem assim procede devemos atribuir o grosseiro erro, senão à superficialidade dos responsáveis pela educação e instrução de nosso país, de nosso estado, de cada um de nossos municípios. Se o que remédio não tem remediado está, não terá senão o caos por futuro a terra em que o repúdio ao remédio é sistemático e quase planejado. Reformas ortográficas para os que aprendem a escrever, e descaço para os que escrever não sabem é tão só o que ver nos é dado.

Se o de enxada na mão diz "vosso pai" a quem trata por *voçê*, o diplomado redige "vossas qualidades" a quem trata por *vossa excelência*. E assim são os homens endeusados, e assim é a pátria cultuada.

Votos - Tratando-se de *estima*, ela é protestada: "Com *protestos* de *estima*" — e não "com votos de *estima*". É *protestar* "afirmar categoricamente", "professar", "testemunhar".

Deixemos *votos* para expressar "desejo": "Com votos de saúde".

Vou amanhã - Engana-se o professor que exige de seus alunos redação como esta: "Amanhã *haverá* aula" — "Irei depois".

O presente substitui aí o futuro: "Quando é que você *parte*?" — "Sigo amanhã cedo" — "Há aula amanhã?" — "Vou depois" — são construções legitimamente portuguesas. O professor deve mostrar-se inteligente e fértil em terreno difícil, e não em chão firme e plano; com lógica tão acanhada, como irá explicar, então, o *presente histórico*?

Vox clamantis in deserto - Palavras de São João Batista (Voz de quem clama no deserto), que se encontram no evangelho de São João (1, 23), alusivas às prédicas que fazia às multidões do deserto. Fora do sentido primitivo, são hoje empregadas para significar "pregação inútil".

Vox populi, vox Dei - Adágio muito antigo (na forma atual já era conhecido no século VIII), que declara serem da inspiração divina as manifestações concordantes do sentimento humano. Da mesma forma que a definição de "homem"

não inclui o defeituoso, a de "povo" não inclui o boateiro ou ignorante.

Voz - Aumentativo: *vozeiro, vozeirão*.

Vulcão - Tem plural triplo: *vulcões, vulcães, vulcões*.

Vulnerant omnes, última nequit - Sentença latina alusiva às horas: Ferem todas, a derradeira mata.

Vultoso, vultuoso - A leitura de certas notícias obriga-nos a julgar que ou o português está ainda em formação ou o latim persiste em sua cambulhada.

Obrigado a não acreditar na existência de quem proposadamente deforme, desgrenhe, mutila, infuniquie nosso idioma, preferimos atribuir à distração o emprego de formas inteiramente erradas como esta: "*vultuoso* donativo".

Tenha paciência, senhor redator; *vultoso* é que foi o donativo, jamais *vultuoso*. É *vultuoso* quem está atacado de *vultuosidade*, doença que se manifesta por vermelhidão excessiva, inchaco da face e dos lábios e saliência dos olhos. Donativo *vultuoso* é monstruosidade vocabular.

W

W - Não pertence ao nosso alfabeto; de origem teutônica, aparece em palavras provenientes do inglês e do alemão; nas do alemão, soa como o nosso *v*: *Wagner* (vagner); nas do inglês, tem o som de *u*: *Washington* (uóxinton). Uma vez aportuguesada a palavra, o *w* cede lugar a uma dessas duas letras: *vagão* (*wagon*), *trâmuoi* (*tramway*), *uisque* (*Whisky*).

uóvão (*warrant*), *vate* (*watt*), *quilovate* (*quillowatt*), *Vestfália* (*Westphalen*), *vagneriano* (relativo a *Wagner*), *uesteiano* (relativo a *Weslay*), *valsa* (do al. *walzer*, pelo fr. *valse*), *voleibol*.

"Wolfram" - Os dicionários já trazem *wolfrâmio*, e derivados: *wolfrâmico*, *wolframato*, *wolframizar*.

X

X, Ch, Sh ou Sch? - Enquanto, para palavras providas do árabe e do chinês, o som chiante é em inglês transcrito por *sh*, em francês por *ch*, em alemão por *sch*, nosso idioma tradicionalmente o faz por *x*. Se o soberano da Pérsia é *shah* em inglês, *chah* em francês, *schah* em alemão, em português a palavra é escrita com *x*: *xá*.

Também o nome da planta que nos dá a infusão que rivaliza com o café provém do chinês, mas a grafia fixou-se com *ch* desde o tempo de Frei Gaspar da Cruz (morreu em 1570), autor do Tratado das Coisas da China e do Reino de Ormuz; e outras exceções existem de longa data, mas com *x* escrevemos hoje: *paxá*, *xequé* (chefe de tribo árabe, governador, soberano árabe, *xequé* (incidente do jogo de xadrez), *xerife*, *xácara* (narrativa popular em verso), *xalé* (peça de vestuário feminino), *Xangai*, *Caxemira* (antigo estado da Índia), *Hiroxima*, *gueixa*, *xintoísmo*, *xampu*, *Xiraz*.

Xá - Grafia correta do nome indicativo do soberano persa. V. *x*.

Xácara - Com *x* se escreve quando se tem em mente expressar "narrativa popular em verso". O som chiante da primeira sílaba da palavra árabe transliterou-se em *x*, como em *xerife*, *xintoísmo*, *xerardizar*, *xampu*. Não confundir com *chácara*, pequena propriedade agrícola.

Xadrez - A palavra fundamental é a do jogo. Daí é que proveio a designação do tecido que imita a disposição das pintas do tabuleiro em que é jogado o xadrez; não só do tecido, mas da cadeia (prisão), em virtude da forma generalizada das grades.

Tanto o vernáculo *xadrez* quanto o espanhol *ajedrez* vieram do árabe, que tirou o vocábulo do sânscrito, onde a palavra indica o que tem quatro membros. O xadrez antigo da Índia constituía-se de quatro espécies de peças — carros, cavaleiros, peões e elefantes — uma vez que o jogo se baseava no exército índio.

Xangai - É a transliteração portuguesa. V. *x*.

Xecado - V. *xequé*; V. *x*.

Xequé - Não confundir com *cheque*, termo bancário. Com *x*, é termo do jogo de xadrez; em linguagem figurada significa perigo, situação de evidência; pôr um assunto em *xequé*, estar um indivíduo em *xequé*; também indica "chefe de tribo árabe", donde o substantivo *xecado*, para indicar esse cargo, a sua duração ou a área de jurisdição de um *xequé*.

Xerez - V. *gentílicos*.

Xerife - É o correto aportuguesamento. V. *x*.

Xérox - Talvez por influência de *telex*, *pirex*, *durex*, ouve-se pronunciar popularmente *cherócs*, mas a pronúncia com acento tônico na primeira sílaba tem apoio mais firme; será o mesmo de *tórax*, *látex*, *sílex*, *córtex*, *fórfix*, palavras do nosso vocabulário, e não simples nomes registrados de inventos patenteados. Uma vez paroxitona a palavra e terminada em *x*, o acento agudo na primeira sílaba é obrigatório (*Formulário Ortográfico*, 43, 8): *xérox*.

O elemento grego que aí vemos para designar o novo e revolucionário processo de cópia significa *seco*, e é de antigo emprego em palavras nossas. *Xerodermia* é nome de doença que se caracteriza por aspereza, secura e descamação da pele; *xerofagia* significa "regime de alimentos secos", abstinência quaresmal dos primitivos cristãos durante a qual consumiam pão, sal, legumes crus e água; planta *xerófila* é a própria de ambiente seco.

Do adjetivo grego *xérox* o composto *xerografia*, palavra já existente para indicar o processo fotográfico de cópias cujo negativo é obtido por meio de pó que adere aos lugares eletricamente carregados, e daí *xerografar*, *xerográfico*.

A xerocópia, ou seja, a cópia xerográfica tem a abreviada e popularizada designação *xérox*. O primeiro *x* de todas as palavras em que entra o elemento grego *xérox* tem o mesmo som que em *Xenofonte*, o segundo o que tem em *sílex*, *tórax*, *látex*. Como esses exemplos, *xérox* não tem flexão numérica.

Como ninguém diz "tirei um *termofax*", mas "tirei uma *termocópia*", também a expressão "tirei uma *xerocópia*" tem a sua justificação e preferência a "tirei um *xérox*" ou, por influência do gênero de *cópia*, "tirei uma *xérox*".

Xícara - O dicionário da Real Academia Espanhola dá o mexicano como origem da palavra *xicara*. O vocabulário da Academia das Ciências de Lisboa traz a palavra com *x*, no que foi seguido pelos acordos acadêmicos de 43 e de 45.

Xicoco - Com acento tônico na sílaba medial (*có*), é o aportuguesamento do nome chinês da ilha asiática "Sikok".

Xiraz - Esta cidade iraniana tem o nome começado por *x*. V. *x*.

Xou, e não "show" - Já está na hora de despir a palavra da roupa com que imigrou para o nosso vocabulário. "*Shangai*" "*shampoo*", "*shunt*", "*short*" já não podem continuar a figurar em dicionários nossos como se portuguesas fossem. *Xangai*, *xampu*, *xante*, *xorte*... *xou* podem apresentar-se de braços com suas irmãs *xerife*, *xintoísmo*, *xerardizar*, *xácara* (narrativa popular em verso) e com outras palavras de origem oriental em que aparece *x* em lugar do estranho *sh*.

Y

Y - *Hipsilão* é forma que não podemos desprezar para designar a letra grega que se representou como o nosso *u*. O nome grego dessa *ε* de mais três letras expressa-se em grego por locução, e daí a dificuldade da acentuação portuguesa: se em grego a letra se chama "u psilón", como iremos pronunciar a locução expressa numa só palavra?

Para a letra do verbete, a pronúncia que mais harmonia revela com os fatos é *hipsilo*, com o acento tônico no segundo *i*, palavra que não deve ser confundida com *epsílo*, com igual

acentu prosódico, nome de outra letra grega.

Y (breve) - V. *biótipo*.

Y (final, designativo de líquido) - V. *Anhembi*.

"Yacht" - Já está aportuguesado em *iate*.

"Yankee" - V. *ianque*.

"Yucatan" - A grafia portuguesa é *Yucatão*, com o cuidado de considerar crescente o grupo vocálico inicial. A terminação é a mesma que deve entrar em *Irão*, *Islão*, *Afeganistão*.

Z

Z - "Por que *presa* com *s* e *prezado* com *z*, se o som é o mesmo?" — é pergunta freqüente. É grande a confusão existente entre essas letras; se o *s* quase sempre corresponde a um *s* originário, o *z*, além de equivaler a um *z* etimológico (*zelador* de *zelatorem*, *zodiaco* de *zodiacum*), pode ter mais quatro origens:

1. um *c* intervocálico: *voz* de *vocem*, *paz* de *pacem*, *dez* de *decem*, *dizer* de *dicere*, *vizinho* de *vicinum*, *juízo* de *judicium*, *vez* de *vicem*;

2. a combinação *qu*: *cozer* de *coquere*, *cozinha* de *coquinam*;

3. o grupo *ti*, seguido de vogal: *prezar* (de onde vem *prezado*) de *pretiare*, *razão* de *rationem*;

4. o grupo *ph*: *gonzo* de *gompium* (cavilha, prego).

Z traicoeiro - Nomes existem terminados em *za*, *esa*, *isa*, *osa*, *usa* ao lado de outros em *aza*, *eza*, *iza*, *oza*, *uza*. Idêntico é o som, mas diferente a grafia por diversos serem os étimos. Fácil é memorizar *gaza* e *brasa*, *dureza* e *mesa*, mas... aqui estão algumas palavras que demandam atenção, traicoeiras para muitos.

Com *s* devemos escrever: *Adalgisa*, *baronesa*, *brasão*, *cortês*, *diacônisa*, *duquesa*, *eletrolisar*, *endeusar*, *extravasar*, *freguês*, *fusível*, *invés*, *Luis*, *Luisa*, *marquês*, *marquesa*, *Meneses*, *montês*, *paralisia*, *pesquisa*, *pitonisa*, *poetisa*, *princesa*, *prionesa*, *profetisa*, *Queirós*, *represa*, *sacerdotisa*, *Sousa*, *surpresa*.

— Com *z*: *abalizar*, *alteza*, *baliza*, *cozinha*, *esvaziar*, *fuzil*, *ojeriza*, *prazo*, *prezado*, *regozijo*, *soez*, *vazio*. V. *esa*, *eza*; V. *economizar*.

Zângão - Esta palavra, que tem em português a forma paralela *zângano*, de várias significações, provém do castelhano, onde tem o acento tônico também na sílaba inicial. O Aulete sempre trouxe, em todas as edições, essa prosódia, que foi seguida por Laudelino. Cândido de Figueiredo, que redigiu seu dicionário no tempo em que ainda se escrevia *orpham*, chega a dar a variante *zangam* ao lado de *zângão*.

Zaratustra - É o mesmo que *Zoroastro*. Esta segunda maneira de grafar o nome do fundador do masdeísmo é a mais empregada em grego e em latim (*Zoroastres*); a primeira é a empregada em zenda, língua iraniana, filiada ao antigo persa.

Zaratustra (ou Zoroastro), personagem para alguns completamente mística, e para outros, como Platão e Aristóteles, histórica, recebeu de Ormuzd (assim se denominava o princípio ou deus bom da primitiva religião do Irão, nome que é a acomodação européia da forma iraniana *Ahura-Mazda*, donde masdeísmo) o texto do Avesta, livro sagrado do masdeísmo escrito em zenda.

Zênite - Hoje já ninguém deixa de acentuar corretamente esta palavra proparoxítona. Resta ainda uma diferença: Em Portugal o *e* da primeira sílaba é aberto, prosódia impossível entre nós.

Zelotes do vernáculo - Se professores deixou de haver que chamavam um aluno à lição armados de ponteiro e de palmatória, passamos hoje a ver professores que além de jamais chamar alunos à lição, de martelo se armam para nas aulas reduzir a frangalhos a lexeologia e a farrapos a sintaxe do nosso idioma.

A palavra tem uma história, a palavra tem uma alma, a palavra tem uma vida, mas apareceram agora alguns derrotistas do magistério a agir como fez no Vaticano o martelador da Pietà de Miguel Angelo Buonaroti: ante a incapacidade de reproduzi-la ou de a ela se adaptar, põem-se esses truões do magistério a destruir a obra inimitável.

Não podem tais defensores da ignorância, tais acalentadores do analfabetismo, continuar a chamar-se professores, desconhecedores que são da seriedade de um curso elementar inglês, alemão ou francês, de oito anos de duração, com sete horas diárias de aula.

Num trabalho pedido na lição 47 de nosso curso de português por correspondência sob o título "O Idioma Pátrio", escreve em princípios de agosto deste ano uma aluna de Petrópolis:

"Ontem li no jornal O Globo um artigo que me deixou verdadeiramente estarecida; uma senhora, que se diz escritora, declarou: 'Para mim, escrever *dir-the-ei* não faz sentido; se ninguém fala assim, qual o sentido desse escrever empolado? Não será um jeito de criar uma barreira inútil entre os jovens e o livro? Por isso eu digo, como modesta escriba que sou: Se tivesse que (sic) sair à rua para reivindicar alguma coisa para a minha profissão, minha bandeira seria: liberdade para o pronome oblíquo! Morte ao mais que perfeito, e viva a mistura tão vilipendiada do *tu* com *você*! Aliás — continua a "escritora" — essa mistura encontra-se na própria essência da palavra *vossa mercê*'.

Para essa "escritora" como para aqueles "professores", nada tem no idioma vida, nem alma, nem história; às urtigas os oblíquos, às urtigas a uniformidade de tratamento, às urtigas os homófonos (*dese*, *dese*; *cesta*, *sesta*), às urtigas os prefixos e os sufixos (*desinquieta*, *exornar*, *mudança*, *analisar*, *realizar*).

Estamos a assistir às conseqüências das aprovações por decreto da era getuliana. Por mais que tivesse procurado colaboradores, um general, Bertoldo Klinger, não encontrou campo para reproduzir as bactérias do sistema fonético; hoje, porém, com a decadência da docência do idioma, com a eliminação do latim, com o humilhante português da dublagem dos filmes, com a comicidade de artistas fundamentada na erronia do vernáculo, o campo está aberto para os defensores da nescidade.

"Cabe às autoridades do Ensino, com o Ministro da Educação na frente — diz o Major Simões de Carvalho, Diretor da Academia Paulista de Imprensa, do Colégio Rio Branco, do Circulo Militar — tomar o máximo cuidado com suspeitosíssimos movimentos de simplificação ortográfica que nos levará a escrever: Para alfabetizar mais, precisamos eskrita sérta".

Outra dose de desânimo educacional é ministrada pela declaração, feita em Brasília (O Estado de S. Paulo, 13& 1980), do presidente do Cinterplan — novo organismo da OEA, responsável pela integração dos programas educacio-

nais da América Latina: "É preciso pensar em outras soluções que não sejam mais apenas escolas e professores, já existentes em altíssimas quantidades, procurando o intercâmbio de idéias inovadoras através de cooperação entre os países latino-americanos".

É desalentadora semelhante afirmação, que nos leva a esta conclusão: A existência nos países da América Latina de cerca de quarenta e oito milhões de crianças em idade escolar que não estão matriculadas na escola deve-se ao fato de haver escolas e professores em "altíssimas quantidades".

É a mesma lógica que verificamos nos soldados do general Klinger: Tivemos e vimos tendo reformas ortográficas, pois vamos a uma que satisfaca os analfabetos; tivemos e vimos tendo gramáticas, pois vamos a uma que dispense o professor de ensinar normas léxicas e sintáticas.

É a mesma lógica de quem aconselha amputar as falanges para evitar o trabalho de aparar as unhas. Enquanto o parlamento britânico despreza em 1951 o testamento de Jorge Bernardo Shaw, que havia deixado sua fortuna para uma reforma ortográfica do inglês, enquanto a última inovação ortográfica do francês foi feita sob a influência de Voltaire no século XVIII, enquanto nem Domergue, com sua "La prononciation française déterminée par des signes invariables", nem Marle, nem Didot com suas "observations sur l'orthographe française", nem alguns outros, entre eles Gréard, Bréal, Haver, Clédart, conseguiram, até o fim do século XIX, introduzir novidades radicais de ortografia, enquanto todos eles malograram na tentativa de destruir a tradição, o respeito à etimologia, ainda quando ridículo, estamos vendo em nossa terra e em nossos dias quem deseje destruir não mais os acentos das palavras mas os assentos das escolas.

O inglês tem hoje uma ortografia resultante de períodos de séculos, produzida por uma variedade de causas históricas, sociais e geográficas, desde o Old English Period (450-1150) até 1475, quando Willian Caxton introduziu a imprensa na Inglaterra, e com ela adveio, sem portarias nem decretos, a generalização de grafia dos sons fundamentais do idioma a afetar centenas de milhares de palavras. A Bíblia foi então impressa e, não obstante tentativas posteriores de simplificação (em 1883 pela Philological Society of England e American Philological Association, em 1906 pelo Simplified Spelling Board of America e Simplified Spelling Society of England — alguma mudança se operou, mas muito ligeira e nem internacionalmente seguida e sem influência nenhuma oficial) o sentimento de conservantismo continua e podemos dizer que a ortografia inglesa de hoje é a de Caxton, que ainda hoje se escreve o inglês como Shakespeare (1564-1616) começou a escrever, que a ortografia do inglês é quase tão antiga quanto o Brasil.

Webster, que na primeira edição de sua monumental obra tentou modificações ortográficas, desfez-se na segunda (1840) da pretensão da primeira, limitando-se a pôr lado a lado palavras com duplicidade de terminações como *or, our; ize, ise; er, re; ant, ent; able, ible; il, ill*, e não nos esqueçamos de que o afastamento de ortografia da primeira edição tinha por fim restabelecer formas ainda mais antigas que tiveram antes emprego realmente geral; nada de imposições acadêmicas nem personalismos; os próprios compostos, como *to-day, today*, trazem ou não hífen de acordo com os milhares de citações que se encontram no arquivo do "Dictionary" (nele colaboram mais de duzentos professores e cientistas de alto nível), e não de acordo com o critério pessoal e exclusivo de um relator.

Conquanto tivéssemos consultado vários colegas, não conseguimos descobrir a base de movimento de destruição ortográfica. Na falta de serviço? Na falta de assunto? Na impossibilidade de exercer a profissão? Na mania de novidades?

É curioso que para poder participar do "conclave" (assim está numa folha de propagação da idéia) não é necessário ser cardeal, mas pagar uma "taxa de inscrição".

Um aspecto precisa ainda ser considerado, o econômico.

Todos os livros, especialmente os didáticos, seja qual for a disciplina, vão ser postos de lado, talvez vendidos a quilô pelas editoras, pois nem os alfarrabistas irão comprá-los; até o charadismo vai sofrer com a leviandade, com a confissão de incapacidade de magistério, de impossibilidade de corrigir trabalhos escritos, impossibilidade que continuará a existir por mais que venha ser a inovação de acordo com a ignorância.

Temos uma ortografia com uns tantos defeitos, mas não se pode negar-lhe fundo racional. A que agora se pretende nada tem de educativa; é pura e simples confirmação de desprezo ao nosso idioma, de falta de brio cívico, de ausência de vergonha profissional, de desprezo da geração já afeita ao sistema de 43; é o cobro de degradação cultural; são zelotes do vernáculo os que a propugnam.

Zero hora — "Na hora zero", "no quilômetro zero", "no grau zero"; zero está aí a indicar "ponto de partida", "ponto inicial" de uma graduação, de uma escala: A coluna de assalto irrompeu à hora zero.

"No quilômetro zero" dizemos quando *quilômetro* é substantivo e zero um especificativo: "Encontrava-se o carro ainda no *quilômetro zero* quando o motor parou". Quando, porém, dizemos: "Comprei um carro *zero quilômetro*" — zero está por *nenhum*, e a locução *zero quilômetro* é adjetiva, a qualificar o substantivo *carro*.

Duas outras observações devemos fazer.

1. *Quilômetro, hora, dia* ou qualquer outro substantivo discriminativo de unidade de medida fica no singular. É contra-senso admitir zero como nome plural; zero não encerra pluralidade nem na forma nem na significação.

2. A unidade que especifica a medida é bem colocada depois da palavra zero na locução adjetiva; o substantivo indicativo da unidade vem posposto ao numeral quando dizemos "planta *três folhas*", "uvas *três novidades*", "trabalhador *quatro paus*", "trigo *sete semanas*".

Nessas locuções, o substantivo está no plural, pois evidentemente mais de uma unidade é especificada, mas em "zero quilômetro" como aceitar o plural? Zero significa "nenhum", e não "mais de um". Se o francês diz "zero heure", o inglês "zero hour" quando expressam a hora em que tem início um movimento, que argumentos empregaremos para concluir que esses e outros idiomas estão errados?

Digamos sem receio: Partirei à *zero hora* — Comprei um carro *zero quilômetro* — O computador gera uma fita de saída *zero erro*.

Zero um — "Ele é o zero um da classe" — "Hoje é zero um de abril" — "No artigo zero nove" — "No dia zero sete de setembro de 1822" — "Um ovo por zero três cruzeiros": é a máquina a dominar o homem, é o homem a transformar-se em peça de máquina; deixa ele de ser autor para tornar-se programa de computador. Subserviência ridícula é esta que não permite distinguir número de cheque de número de data de carta; número de série de carimbo de número feito a mão liberta de roldanas; por que esse zero a anteceder dias do calendário em cartas, a preceder graus de temperatura, a anunciar número de artigo, de capítulo, de lição, de alínea, de parágrafo, de página se o papel não vai ser submetido a nenhum aparelho de computação eletrônica? O ano deixa de ter o dia 1º de janeiro, o dia 1º de abril, o 1º de maio, para ter o 01 de maio, o 01 de abril, o 01 de janeiro?

As folhas do calendário, os mostradores dos relógios vão passar por fitas magnéticas? Os olhos humanos tornaram-se incapazes de ler unidades? Se o 1 não tem valor décuplo, e é 1 mesmo e nada mais que 1, por que escrever 01?

O zero à esquerda passa a ter valor para o homem que perdeu o seu, passa a ter finalidade para provar que o critério do robô conseguiu ascendência sobre o fabricante e sobre o consumidor.

Zeugma — "O zeugma": é masculina a palavra. Especifica caso especial de elipse, consistente na supressão de um vocábulo — geralmente o verbo — por já se encontrar expresso no

período; tem por fim evitar enfadonha ou desnecessária repetição: "Pedro comprou um lápis; Maria, uma caneta" — suprimiu-se o verbo da segunda oração por ser o mesmo da primeira.

O zeugma requer cuidado na pontuação; muitas vezes a vírgula substitui o verbo aludido, mas vezes há, que não são poucas, em que a vírgula, se colocada, traz ambigüidade ou dificuldades de compreensão; não se pense, portanto, ser obrigatória a vírgula para substituir o vocábulo subentendido.

Note-se ainda o seguinte: O nome, anteriormente citado, pode ser subentendido com modificações em seus acidentes de gênero, de pessoa ou de número: "Foi vencido o inimigo, e (foram — plural) soltos os prisioneiros" — "Tu *queres* (2ª pessoa) passear, e eu (*quero* — 1ª pessoa) ficar" — "A um *é dada* (fem.) a palavra de sabedoria, a outro (*é dado* — masc.) o dom de curar moléstias" — "Nem ele nos *entende*, nem nós (*entendemos*) a ele".

No período "Desanimados, desesperados, *recorrem* esses homens ao muito conhecido expediente, *qual naufrago à tábua de salvação*" — nenhuma necessidade há de no plural ser colocado o substantivo *naufrago*, por tratar-se de construção contrata, elítica, na qual se subentende o verbo da subordinada; o zeugma é evidente: "qual naufrago *recorre*". Outro exemplo: "... para se conseguirem tantos títulos *quantos for possível*" — está igualmente certo; nele se subentende o infinitivo *conseguir*, que figura como sujeito da locução "for possível", exercendo o *quantos* função acusativa,

isto é, função do objeto direto desse infinitivo.

O zeugma pode compreender uma palavra ou um conjunto de palavras: "Nem as lágrimas me são estranhas, nem (*me é estranho*) o longo e allito orar".

O zeugma pode ainda ser antecipado, isto é, a palavra é omitida na primeira frase, para ser expressa na que vem a seguir: "Não fosse esta (*coisa*), muitas outras *coisas* teria feito".

...**Zinho** - Dois cuidados requer este sufixo, um referente à grafia, outro ao plural do nome a que é acrescentado.

1. Sempre que o sufixo for *zinho*, o diminutivo se grafará com *z*: *ave-zinha*, *pastel-zinho*, *flor-zinha*, *colônia-zinha*.

Se o sufixo for simplesmente *inho*, dependerá da forma normal a grafia: *aviso* escreve-se com *s*, porque *aviso* se escreve com essa letra; *narizinho* escreve-se com *z*, porque é com *z* que se escreve *nariz*. E assim: *rasinho* (de *raso* mais *inho*), *raizinha* (de *raiz* mais *inha*).

2. O plural dos diminutivos em *zinho* e *zito* opera-se acrescentando-se *zinhos* e *zitos* ao plural do substantivo primitivo, tirando-se o *s* do plural do normal: *pãozinho*, *pães(s)zinhos*; *carretelzito*, *carretel(s)zitos*, *coraçõezinho*, *coraçõe(s)zinhos*; *florzinha*, *flore(s)zinhas*. Essa devia ser a regra. O uso, porém, mostra que, enquanto se diz *coraçõezinhos* (e não "coraçõzinhos"), diz-se *rapazinhos*, *mulherzinhas*, *colherzinhas* (em vez de "rapazezinhos", "mulherezinhas", "colherezinhas").

Zunzum - Pluraliza-se somente o último elemento de substantivos compostos de palavras repetidas: *lengagengas*, *lufalufas*, *zunzuns*.